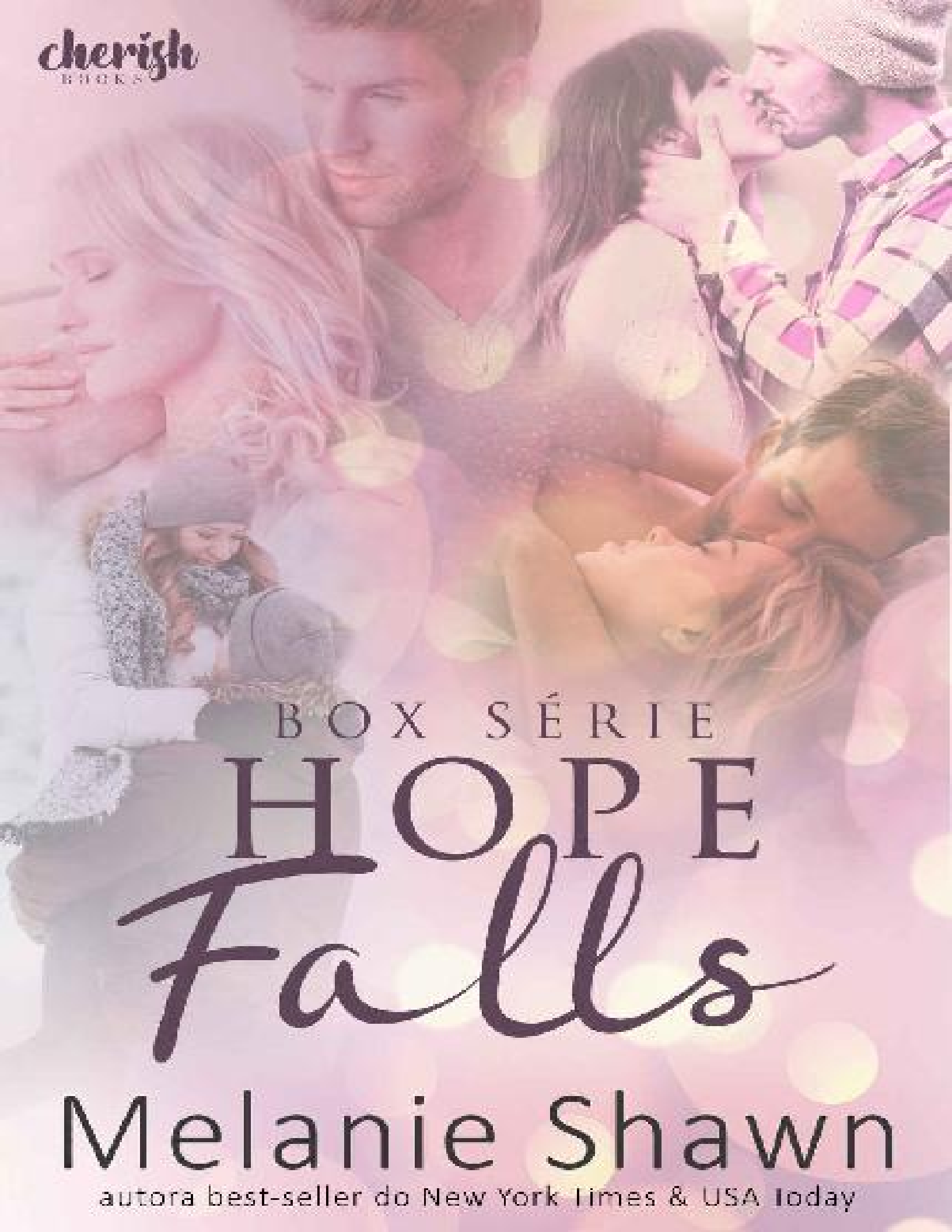




cherish  
BOOKS

BOX SÉRIE

# HOPE *Falls*

Melanie Shawn

autora best-seller do New York Times & USA Today



cherish  
BOOKS

BOX SÉRIE  
HOPE  
*Falls*

Melanie Shawn

autora best-seller do New York Times & USA Today

UM ROMANCE EM  
HOPE FALLS

01

cherish  
BOOKS

DOCE  
*Reencontro*

autora best-seller do New York Times & USA Today

Melanie Shawn

autora best-seller do New York Times & USA Today  
**Melanie Shawn**

DOCE  
*Reencontro*

UM ROMANCE EM HOPE FALLS 01

*cherish*  
BOOKS

Título original: Sweet Reunion

Copyright © 2017 por Melanie Shawn

Copyright da tradução © 2019 por Cherish Books

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: AJ Ventura

Revisão: Evelyn Santana

Diagramação: AJ Ventura

Capa: Letícia Kartalian

Shawn, Melanie

Doce Reencontro / Melanie Shawn; tradução de AJ Ventura. Rio de Janeiro: Cherish Books, 2019.

# SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Sobre a Autora

Notas

# Capítulo

## 1

*E*le não vai voltar. Nunca mais.

Lágrimas mais uma vez saltaram dos olhos de Amanda quando ela enfrentou a esmagadora realidade de que seu pai, o indomável Parker Jacobs, havia realmente partido. Morto. Ainda era tão difícil para a sua mente aceitar aquela verdade insondável.

Dez dias.

Esse era o tempo que havia se passado desde que ela ouvira sua risada, vira o seu sorriso contagiante, sentira o conforto único que só os seus famosos abraços de urso podiam dar. As horas vazias sem ele tinham passado em uma névoa. Ela só estava vagamente ciente do fluxo aparentemente constante de visitantes que tentavam oferecer palavras e sentimentos reconfortantes.

— Ele está em um lugar melhor.

— Você vai superar isso.

— Você vai ficar bem.

— Não se preocupe, querida. Vai ficar mais fácil com o tempo.

Não. Eles podiam ter boas intenções, mas estavam todos errados. Para a consciência aflita e de luto de Amanda, não parecia possível que qualquer quantidade de tempo decorrido pudesse alterar a dor absurda que a perda do seu pai trouxera. Ela não acreditava que fosse diferente dez *anos* depois do fato do que parecia agora, dez *dias* depois. Ela não estava bem. Ela não podia imaginar como iria passar por isso. E ela não queria que ele estivesse em um “lugar melhor”. Ela o queria ali. *Com ela*.



Agora, sentada no chão de madeira fria do quarto de seu pai, suas mãos tremiam enquanto seus dedos apertavam, agarrando o algodão macio da camisa de flanela xadrez vermelha e preta de mangas compridas, à qual ela se agarrava como uma tábua de salvação. O lábio inferior de Amanda estremeceu quando lágrimas rolaram por suas bochechas. Fechando os olhos, ela respirou instável enquanto trazia o tecido gasto para o rosto. Inalando profundamente, concentrando-se no aroma doce e picante de canela, no aroma reconfortante de baunilha e cedro e no toque fresco de limão. A combinação apimentada de especiarias com cheiro de madeira e frutas cítricas era a coisa mais próxima que ela tinha de uma memória tangível de seu pai.

Até onde ela podia se lembrar, seu pai usava *Old Spice*. O cheiro sempre lhe dava uma sensação de paz, segurança e conforto. De alguma forma, ainda assim, ela nunca tinha se sentido mais assustada, incerta e sozinha.

*Nada* seria o mesmo sem Parker Jacobs neste mundo.

Amanda sabia que havia muitas coisas pelas quais seu pai seria lembrado.

Amado prefeito de sua pequena cidade, Hope Falls. Proprietário do Mountain Ridge Outdoor Adventures. Amigo de confiança. Sábio confidente. Pai amoroso. Mas esse cheiro... Esse cheiro parecia mais real, mais substancial do que qualquer uma dessas coisas. Seu perfume, que ainda trazia paz de espírito a Amanda, era real naquele momento em que ela se sentia tão triste. Tão perdida. Tão vazia. Tão só. Ela não tinha certeza de como sobreviveria a isso.

Ao lado dela, Teddy se mexeu, suas unhas arranhando o chão de madeira enquanto ele esticava as pernas dianteiras e traseiras antes de rolar e cair de lado. Abaixando-se, Amanda passou os dedos pelo pelo macio e preto dele.

— Somos só você e eu, garoto — ela fungou, sua voz vacilante.

Olhando para seu labrador de onze anos, Amanda se lembrou do dia em que pegara Teddy em seu décimo sexto aniversário. Foi como um momento saído de um filme; seu pai carregando o filhote de cachorro exuberante para ela em uma cesta, o arco de seda vermelho-brilhante amarrado em volta do pescoço, um contraste gritante e amável com o seu pelo negro igualmente sedoso. Amanda pegou o embrulho e o segurou

perto de seu peito enquanto ele lambia cada centímetro de seu rosto risonho, e eles tinham sido inseparáveis desde então.

Agora, onze anos depois, seu pelo não era tão sedoso nem tão escuro quanto o preto brilhante de quando chegara. Na verdade, estava absolutamente cinza em torno do focinho. A exuberância juvenil que ele exibira naquele primeiro dia também tinha desaparecido ao longo dos anos, muito parecido com o matiz de seu pelo. Nos dias de hoje, sua atividade favorita não era mexer exuberante em seus braços, mas, sim, dormir contente aos seus pés.

Mas ele ainda estava ali. Ela ainda tinha seu ursinho.

A campainha soou, interrompendo suas reflexões melancólicas. Amanda saltou, assustada. Embora não fosse uma campainha particularmente alta, os sinos soaram positivamente penetrantes no silêncio cavernoso da casa solitária.

Se dependesse de Amanda, ela teria ignorado. Ignoraria o mundo inteiro. Mas Teddy tinha outras ideias. Ele já estava na metade da porta do quarto, latindo para quem quer que tivesse parado para compartilhar suas condolências e, muito provavelmente, comida.

Relutantemente, Amanda se levantou, colocando a flanela de volta na pilha de roupas que ela estava separando para doação. Seu corpo doía em protesto por ficar sentado na mesma posição por tanto tempo, fazendo com que ela se sentisse muito mais velha que seus vinte e sete anos.

Através da lente de seus olhos turvos, ela examinou o cômodo, avaliando seu progresso. Seus ombros caíram quando ela soltou um suspiro de derrota e exaustão. Tudo era exatamente o mesmo de quando ela entrou no quarto do pai, horas antes. Duas calças jeans estavam no encosto da cadeira ao lado da janela. Vários romances ocidentais de Louis L'Amour estavam empilhados em seu criado-mudo ao lado de um pequeno despertador digital preto em formato de bota de cowboy, que tinha sido um presente do melhor amigo do pai e padrinho de Amanda, Henry. Havia duas fotografias emolduradas ao lado de uma grande garrafa de água de colônia, branca com escrita vermelha, na cômoda. Uma das fotos era do dia do casamento de seus pais. A outra foi tirada na formatura de Amanda. Ela usava o capelo e o vestido, os braços ao redor do pai. Sua estatura de um metro e cinquenta e sete parecia tão pequena ao lado da figura de quase dois metros e meio.

Deixando cair a cabeça enquanto seus olhos se encheram mais uma vez com a umidade, ela sentiu seu coração apertar como se estivesse sendo esmagado quando ela roçou os dedos sobre a colcha de retalhos que cobria a cama *queen size* do pai dela. A colcha que ela costurou cuidadosamente durante seu último ano do ensino médio na aula de serviços domésticos. Ela tinha visto dias melhores, mas ainda conseguia distinguir um pequeno quadrado de seu vestido de bolinhas brancas e amarelas favorito do jardim de infância, um pedaço de renda do véu de noiva de sua falecida mãe, uma condecoração que seu pai recebeu no Exército e um fragmento rasgado e esfarrapado de seu cobertor de bebê.

O toque da campainha soou novamente e Amanda fez o melhor para se livrar da nuvem de tristeza que a envolvia. Endireitando os ombros, enxugou as lágrimas do rosto enquanto saía do quarto do pai. Com a cabeça erguida, ela respirou fundo e se forçou a colocar um pé na frente do outro, esforçando-se para parecer valente ao encarar a pessoa que dedicara parte do seu tempo para passar ali e ver como ela estava.

Por mais de uma semana, ela foi inundada de visitantes trazendo condolências e, é claro, as caçarolas onipresentes. Sua geladeira estava atualmente cheia até a borda com pratos de vidro retangulares, cada um contendo combinações de alimentos saudáveis que simplesmente precisavam ser assados a 200 graus por quarenta minutos, ou quaisquer variações daquelas instruções, que estavam nas notas de post-it coloridas presas ao plástico filme que as cobria.

Infelizmente, Amanda receava que todos fossem estragar, já que ela não tinha apetite e não via uma mudança tão cedo. Teddy, no entanto, parecia ter ido para o outro lado e estava compensando seus sentimentos com comida e definitivamente ganhara alguns quilos.

Descendo as escadas, ela encontrou seu labrador preto abanando o rabo, choramingando enquanto alegremente cheirava a pequena rachadura sob a porta. Amanda sabia que ele estava mais animado com a comida, que ele agora esperava, do outro lado da porta da frente, do que com a pessoa que a trazia.

Teddy amava três pessoas em todo o mundo. O pai dela, que tinha ido embora. Amanda, que estava ali. E... Justin... que nunca voltaria.

*Justin.*

Ela teria pensado que não havia como seu coração partir em mais pedaços do que já se partira, mas apenas o pensamento do nome de Justin fez os pedaços quebrados se partirem ainda mais, causando uma dor em seu peito tão forte que ela respirou assustada.

A campainha soou novamente e ela sabia que tinha que empurrar todas as memórias dele de volta para as profundezas escuras de seu subconsciente, se tivesse alguma esperança de se recompor. Ela descobriu, na semana anterior, que havia uma correlação direta entre o tempo que cada visitante ficava e o quão chateada ela parecia.

Ela ergueu os braços pesados, passou os dedos pelos cabelos longos, loiros e ondulados, tentando alisar os fios soltos e enxugar os olhos novamente, enquanto olhava para o reflexo no espelho retangular que ficava acima dos ganchos dos casacos... A garota olhando para ela era uma causa perdida. O azul de sua íris parecia brilhante em contraste com o vermelho de seus olhos, e havia círculos escuros sob as pálpebras inchadas.

Ela parecia... terrível.

Ah, bem. Nada que ela pudesse fazer sobre isso. Sua única esperança era continuar a história que ela estava seguindo e reivindicar exaustão, o que não era mentira, e esperar que o visitante entendesse a dica e mantivesse a visita curta.

Com uma respiração profunda, ela instruiu a si mesma enquanto se preparava para saudar gentil e graciosamente o visitante que estivesse parado ali. Alcançando a porta, sorrindo no lugar, ela começou sua saudação de praxe, onde explicava que estava descansando, para que quem estivesse passando por lá não ficasse muito tempo.

— Oi, eu estava só deitada... — foi tudo o que saiu antes que ela fosse incapaz de falar ou processar a informação que seus olhos estavam enviando para seu cérebro. Era totalmente impossível.

Os olhos de Amanda se arregalaram, sua boca congelada no meio da palavra enquanto ela ficava paralisada na porta.

*Estou sonhando?*

*Estou alucinando?*

*Estou tendo um colapso nervoso?*

— Eu disse que deveríamos ligar — brincou Lauren sabiamente. Karina calmamente respondeu:

— Apenas... dê-lhe um minuto.

Ouvir as vozes de suas amigas cortando a névoa de ilusão que se instalou sobre sua consciência aflita foi como um tapa na cara.

Ela não estava sonhando.

Ela não estava alucinando.

Ela não estava tendo um colapso nervoso.

*Ainda.*

O queixo de Amanda caiu quando a percepção do que estava vendo chegou lentamente.

Na varanda estavam três das amigas de infância mais próximas de Amanda. Karina, Samantha e Lauren. As quatro tinham sido inseparáveis na infância, mas Amanda não as tinha visto todas juntas desde o verão após a formatura do ensino médio. Todas mantiveram contato por telefone e em mídias sociais, e até mesmo se encontraram individualmente algumas vezes, em diferentes locais, ao longo dos anos. Mas elas não estavam todas juntas há uma década.

A percepção de que as garotas que eram a coisa mais próxima que ela já tivera de irmãs estavam realmente de pé na frente dela fez com que as lágrimas caíssem pelo seu rosto enquanto uma enorme sensação de choque tomou conta dela.

— Vocês estão realmente aqui. E a conferência, o concerto e a competição?

Ela falou com cada uma delas na semana anterior. Lauren, uma agente imobiliária de alta potência em Manhattan, estava programada para palestrar em uma conferência na Suécia. Karina, uma artista contratada por gravadora, também deveria estar no exterior nas duas últimas datas de sua turnê na Ásia. E Samantha, uma snowboarder olímpica, estava programada para estar na Alemanha em uma competição.

— Cancelada, cancelada e cancelada — declarou Lauren de forma eficiente. — Uma vez que ouvi que Kar e Sam não poderiam vir devido a problemas de agendamento, cancelei minha conferência. E no verdadeiro estilo Quarteto Fabuloso, Karina e Sam fizeram a mesma coisa sem que nenhuma de nós soubesse. E *voilà*, aqui estamos nós.

*O Quarteto Fabuloso.* Ouvir o nome que elas inventaram para si imediatamente inundou Amanda com um senso absoluto de confiança e segurança que ela sempre sentia com essas garotas. Elas costumavam ser

destemidas, as quatro. Elas até criaram um lema que costumavam gritar juntas quando queriam comemorar ou elevar seu nível de confiança coletiva.

*“Quarteto Fabuloso. Nada está fora do nosso alcance!”*

Seus olhos saltaram como uma bolinha branca sobre a letra de um karaokê, alternando-se entre cada uma delas em total descrença.

Lauren não mudou nada. Seu cabelo loiro platinado estava varrido de seu rosto — sem um fio fora de lugar — e seus olhos verde-esmeralda brilhavam com uma translucidez hipnotizante. Com um metro e setenta e oito, ela permaneceu alta — a mais alta das quatro — e elegante, como uma linda e enigmática estátua da deusa grega depois de ganhar vida. Ela sempre foi a mais pragmática das quatro amigas. Sempre se portava com uma sofisticação majestosa que era evidente em seu apoio de costas retas e na maneira confiante de segurar os ombros para trás quando estava de pé, mesmo na mais casual das situações. Na adolescência, Amanda costumava sonhar que Lauren era realmente uma princesa, nascida da nobreza, que de alguma forma acabou na pequena comunidade da montanha.

Ao lado de Lauren estava Samantha, ou Sam, como a chamavam. A primeira coisa que Amanda notou foi que o cabelo de Sam havia escurecido consideravelmente. Na escola, o cabelo dela era mais claro, mais para um louro escuro. Agora a cor aprofundava-se em um tom mais escuro e rico de ruivo, Sam parecia mais adulta. Madura. Mas ela ainda era baixa e fofa como um botão com o mais fraco borrifo de sardas pontilhadas em seu nariz e bochechas. Mesmo parecendo forte o suficiente, Amanda ainda podia ver a mesma fada adorável que Sam tinha sido quando as meninas se tornaram amigas na escola, mas agora era apenas uma camada da mulher capaz e atlética em que ela se transformara.

Por último, havia a esbelta e incrivelmente impressionante Karina. Ela era a única beleza negra entre o grupo. Seu cabelo comprido e lustroso pendia das costas em ondas, caindo quase até a cintura, e seus olhos de ônix brilhavam à luz do sol, destacando os tons dourados em sua pele morena. Karina sempre possuiu uma graça inata que era aparente em todas as suas posturas e movimentos. Ela sempre teve uma formação de dançarina natural e não surpreendeu Amanda tudo o que sua amiga tinha ganhado em fama e fortuna quando explodiu na cena musical e se tornou a “princesa pop” queridinha da América. O que surpreendeu Amanda foi o

título com o qual o público coroou sua amiga. Havia muitas palavras incríveis que Amanda usaria para descrever Karina, mas “queridinha” nunca seria uma delas. Leal, sim. Honesta, com certeza. Direta, claro. Sarcástica, absolutamente. Queridinha... nem tanto.

— Entãooooo? — Os lábios de Karina se levantaram em um pequeno meio sorriso que sugeria diversão afetuosa. — Você vai nos convidar para entrar ou o plano é ficar aí boquiaberta para que possamos admirar suas obturações?

Amanda nem notou que sua boca estava aberta em estado de choque. Ela tentou fechá-la quando começou a rir em voz alta.

— Sim, entrem. Desculpe. Eu simplesmente não posso acreditar que vocês estão realmente aqui. Quando abri a porta, achei que estava ficando louca.

Por alguma razão, essa admissão fez as lágrimas começarem a fluir por suas bochechas novamente. Com a visão de suas lágrimas, suas três amigas a cercaram e a empurraram para o sofá.

— Você provavelmente está — Karina entoou de forma seca, sua marca registrada. — Mas olhe pelo lado bom. Pelo menos estamos aqui para ajudá-la a encontrar a sanidade.

Amanda riu enquanto se deixava absorver a sensação de estar cercada por suas amigas ao longo da vida.

— Bom argumento. — Então, sem qualquer instigação, o sistema hidráulico retornou com força total, lágrimas escorrendo pelo rosto. Enxugando os olhos, ela fungou enquanto se desculpava. — Eu sinto muito. Eu estive assim a semana toda. Parece que as lágrimas nunca secam. Estou surpresa por não estar desidratada agora.

— Não se desculpe. Eu não posso nem imaginar o que você deve estar passando — Lauren, sempre a mais séria, acrescentou. — Chorar é natural. É o jeito do seu corpo lidar com o trauma. É exatamente o que você deveria estar fazendo.

Amanda sacudiu a cabeça, surpresa.

— Eu não posso acreditar que vocês estão realmente aqui.

Outra rodada de abraços se seguiu. Amanda notou que não era a única emotiva. Cada uma de suas amigas estava com os olhos enevoados.

— Bem — Sam disse entusiasmada quando as meninas finalmente se separaram. — Eu acho que isso resolve tudo. Se o fato de não haver um

olho seco no grupo é uma indicação do quanto sentimos falta uma da outra, não podemos deixar passar dez anos antes de nos reunirmos novamente.

— Talvez seja uma indicação de que precisamos de um pouco de vinho — acrescentou Karina, e as outras três garotas concordaram com entusiasmo.

Amanda assentiu com a cabeça, sentindo-se tão sobrecarregada que ficou paralisada quando se dirigiu para a cozinha.

— Mand. — Lauren a parou. — Você se senta e relaxa. Eu posso não ter estado em sua casa desde que tinha menos de 21 anos, mas você acha que isso significa que eu não me lembro onde o álcool é guardado?

Sentindo a nuvem escura de peso sombrio que pairava sobre ela começar a se dissipar graças aos raios de amor que suas amigas traziam consigo, Amanda meio sentada desabou no sofá. Ela respirou profundamente pela primeira vez em dez dias enquanto seus pulmões se encheram de ar, e seu corpo, de alívio.

Ela não estava sozinha.

Suas amigas estavam aqui. Elas ajudariam. Tudo ficaria bem. O Quarteto Fabuloso. Nada estava fora do seu alcance. Nada.

Ver as meninas ali, em sua casa, trouxe de volta tantas memórias adolescentes.

Aqueles realmente foram os melhores anos de sua vida. Ela tinha seu pai. Tinha suas melhores amigas. E ela tinha... Seus pensamentos se arrastaram em silêncio.

Amanda suspirou. Todos esses anos depois, ainda era doloroso pensar no nome dele.

Ela precisava reconhecê-lo, para diminuir seu poder. O poder dele.

Ela fechou os olhos e respirou fundo.

*Justin*, ela pensou para si mesma. Ela tinha Justin.



Justin Barnes baixou a aba do boné enquanto se recostava no banco, as longas pernas esticadas diante dele estavam cruzadas nos tornozelos. Ele estava tentado a fechar as pálpebras pesadas, só por um minuto, mas o



medo de que adormecesse e perdesse o ônibus mantinha os olhos abertos. Em vez disso, ele tirou o iPhone e colocou seus fones de ouvido. Depois de percorrer as playlists, ele selecionou exatamente o que precisava ouvir. Motown.

Olhando pela janela de vidro da estação de ônibus da Greyhound para a noite escura, enquanto as melodias suaves dos clássicos tocavam em seu ouvido, ele observou os pingos de chuva caindo no chão. O dia com o qual, durante uma década, ele sonhara e temia em partes iguais, finalmente chegou e ele não sentia nada a respeito. Justin não tinha certeza se era porque estava cansado de uma total falta de sono nas últimas setenta e duas horas, ou se era porque ele tinha reprimido seus sentimentos por tanto tempo que eles realmente se dissiparam completamente. Ou se a realidade da situação não tivesse acabado de acontecer. Seja qual fosse o motivo, permanecia o fato de que tudo o que ele sentia era entorpecimento.

### *Hope Falls.*

Droga. Fazia muito tempo desde que ele se atreveu a pronunciar essas palavras, mesmo em sua própria mente. Pensando na pitoresca fachada da Rua Principal, a aparência caseira de sua cidade natal era exatamente isso, uma *fachada*. Uma cobertura para a dor e o sofrimento que lá viviam. Bem, pelo menos foi o que ele experimentou enquanto crescia por lá. Sem esperança alguma.

Havia apenas uma coisa boa que lhe acontecera ali e o nome dela era Amanda Jacobs. Seu primeiro amor. Seu único amor, na verdade. Claro, ele sentiu luxúria por outras mulheres. Afeição até. Mas nada como o que ele sentia por Amanda; a garota que era sua melhor amiga quando criança e o objeto de sua paixão ardente quando jovem.

Ela tinha um metro e cinquenta e sete centímetros de malícia loira. Cabelo que parecia seda sob seus dedos e olhos azuis mais hipnóticos do que os de um encantador de cobra. Combine isso com quadris curvilíneos, uma pequena cintura fina e seios fartos e macios e caramba... Ela parecia ter sido feita para pegar e pressionar contra uma parede enquanto era beijada apaixonadamente. Um cenário com o qual, entre muitos outros, ele fantasiou repetidamente ao longo dos anos.

Ele amava aquela garota.

Mas, assim como todos os outros aspectos de sua vida, o curso de seu amor verdadeiro não tinha corrido bem.

Um grande ônibus estacionou em frente à estação, e o decalque no para-brisa dianteiro dizia “South Lake Tahoe”. Abaixando-se, Justin pegou a alça de sua mochila e pendurou-a no ombro. Ele seguiu várias pessoas pelas portas duplas. No segundo em que pisou na calçada, a chuva pesada assaltou-o, encharcando-o em segundos.

O clima de Seattle não era brincadeira. Não que ele se importasse. Ele não conseguia sentir nada. Era como se estivesse completamente separado de seu corpo. Enquanto permanecia na curta fila que se formou ao lado do ônibus e esperou sua vez de embarcar, sua mente permaneceu na loira de olhos azuis e na beleza que o assombrava até hoje.

Ela tinha quinze anos e ele tinha vinte quando “o momento” aconteceu. O mesmo instante no tempo em que ele deixou de olhar para Amanda como uma criança fofa que era sua constante sombra desde que tinha cinco anos e passou a vê-la como uma garota linda de morrer pela qual ele estava completamente apaixonado.

Sua memória do “momento” que mudou sua vida em um piscar de olhos era tão clara como se tivesse acontecido ontem. Não foi uma ocasião especial. Foi exatamente a mesma de milhares de outros momentos que eles passaram juntos.

Apenas uma manhã comum. Pouco depois do nascer do sol, antes que Justin começasse a tarefa diária de verificar o perímetro da propriedade de Mountain Ridge para garantir que nenhuma cerca havia caído, ele entrou na cozinha da casa principal e viu Amanda sentada à mesa, tomando o café da manhã.

Por alguma razão que ele nunca seria capaz de identificar, ele realmente a viu naquele dia como se fosse a primeira vez que colocava os olhos nela. Algo sobre a forma como o cabelo dela brilhava ao sol da manhã que entrava através da janela quase lançava um halo ao redor dela enquanto angelicalmente se inclinava sobre seu cereal. A maneira graciosa que sua mão movia a colher da tigela para a boca e a curva quase sensual de seus dedos enquanto ela a segurava. A maneira como seus ombros se inclinavam. A forma de seu pescoço longo e sexy. O brilho em seus olhos azuis quando ela olhou para cima e o viu. A forma flexível de seus lábios quando eles se curvaram em um largo sorriso ao vê-lo.

Todas essas coisas que ele tinha visto todos os dias centenas e centenas de vezes, mas que nunca havia notado antes, conspiraram como uma só para criar uma imagem de Amanda que ele nunca havia se dado conta. Uma foto que não era da ajudante fofa, mas de uma jovem mulher de tirar o fôlego.

O mais louco é que era muito parecido com um daqueles quebra-cabeças 3D, onde seus olhos têm que ler uma palavra no meio do que, a princípio, parece uma massa sem sentido de rabiscos. Uma vez vista, é impossível ficar invisível em meio aos rabiscos que a cercam.

Justin sabia que isso era verdade porque ele tentou e não conseguiu fazer isso muitas vezes. A última coisa que ele queria era se apaixonar por Amanda. Ele estava perfeitamente satisfeito com seu relacionamento platônico anterior; a provocação, as brincadeiras, ser capaz de falar um com o outro sobre qualquer coisa, sempre tendo um ao outro de volta. Tudo isso tinha sido perfeito. Mas num piscar de olhos estava arruinado. Arruinado pela beleza dela ou possivelmente arruinado por sua incapacidade de controlar sua reação à tal beleza. De qualquer maneira, arruinado.

Claro, ele não fez nada a respeito. Isso seria indesculpável. Não só teria sido um crime, teria sido uma traição. O que, na cabeça de Justin, era um crime em si. Havia uma coisa que Justin sabia, mesmo naquela tenra idade. Ele preferia morrer do que trair as duas únicas pessoas no mundo que acreditavam nele, que lhe haviam dado uma chance, que viam bem nele quando outras pessoas só viam suas circunstâncias de merda. Amanda e Parker Jacobs.

Então, todos os dias, ele manteve suas emoções bloqueadas. Ele monitorou meticulosamente todas as expressões faciais. Cada palavra. Cada tom. Cada gesto. Ele fez tudo isso para mascarar seus verdadeiros sentimentos. *Nem uma vez*, quando ele morava em Mountain Ridge ele se permitiu fantasiar sobre a época em que ambos seriam adultos. Adultos legalmente consentidos.

Seria desrespeitoso e... perigoso.

Você não pode manter o controle de ferro sobre um desejo tão feroz em intensidade quanto o de Justin quando deixa sua dedicação à tarefa escorregar por um milésimo de segundo. A única maneira de Justin sobreviver dia após dia de intensa exigência emocional e física na

presença de Amanda era fazer-se acreditar, com todo o seu coração, alma e mente, que eles nunca poderiam estar juntos.

Levou apenas um segundo para Justin se apaixonar por Amanda. Isso foi uma dúzia de anos atrás, e ele sabia agora mais do que nunca, com absoluta certeza, que nada mudaria aquilo. Não havia como voltar atrás.

Só que agora ele estava fazendo isso.

Justin Barnes estava indo para casa.





# Capítulo

## 2

Amanda olhou ao redor da sala quando Lauren assumiu os deveres de anfitriã e serviu a cada uma das meninas uma taça de vinho.

— Onde estão as suas malas?

Não olhando para cima, de sua tarefa, Lauren respondeu:

— Ainda no carro. Nós não as deixamos na Sue Ann ainda, queríamos vir direto para cá e ver você primeiro.

— Boa! Fico feliz que tenham feito isso, porque vocês não vão ficar na Sue Ann. Vão ficar aqui.

A última coisa no mundo que Amanda queria era que suas amigas estivessem do outro lado da cidade, até mesmo uma cidade tão pequena quanto Hope Falls.

— Você tem certeza disso? Você está em condições de ter convidados em casa, Mand? — Lauren levantou uma sobrancelha perfeitamente cuidada.

— Ummm... — Amanda olhou para o teto como se estivesse em séria contemplação antes de responder definitivamente. — Sim! Eu tenho estado tão na minha cabeça, vagando por aqui sozinha nesta casa. Vocês não têm ideia. Vocês salvariam minha sanidade, sério.

— Perfeito. Está resolvido — disse Karina decisivamente. — Nós vamos ficar aqui. Pegaremos nossas coisas depois desse copo de vinho ou garrafa, dependendo de aonde o humor nos levar.

— Parece bom — Sam disse entusiasmadamente antes de Amanda sentir os olhos de sua amiga de cabelos ruivos se moverem para ela enquanto se

enchiam de preocupação. — Então, como você está, Amanda? De verdade?

Respirando fundo, ela lutou contra o ataque de mágoa angustiante quando as memórias de seu pai a inundaram. Não adiantava, sua tentativa era tão fútil quanto colocar um único saco de areia no jardim da frente para proteger sua casa do rompimento de uma represa. Essa semana inteira tinha sido assim. Ela pensava que estava bem por um segundo e então se lembrava do seu pai e se afogava em pesar. Era inescapável. Seu mundo inteiro foi construído e centrado na única âncora e segurança que ela já teve. Era como se ela estivesse vivendo em uma balança equilibrada e, em um instante, perder seu pai a levou ao chão. Ela perdeu completamente o equilíbrio.

Seu pai tinha sido uma figura maior que a vida. Sua presença enchia uma sala. Na verdade, enchia toda a casa. Sem ele, a vida era... vazia.

— Eu nem mesmo... eu não posso nem...

Amanda tentou empurrar para baixo a onda aparentemente interminável de tristeza que parecia que ia subir e sufocá-la. Sabendo que não havia nenhuma maneira de explicar as profundidades do que estava sentindo, ela decidiu que o que queria era não pensar em sua vida por um tempo.

— Na verdade, sabem o que seria bom? Distração. Falem sobre vocês. É estranho estar em casa depois de todo esse tempo?

— Sim. É meio bizarro. — Sam assentiu com a cabeça, a preocupação ainda evidente em seus olhos, mas Amanda podia dizer que sua amiga estava tentando fazer o que ela pediu. — Principalmente porque não mudou nada. Nem um pouquinho. Eu meio que senti como se tivesse entrado em um episódio de Twilight Zone.

— Não é? É incrível! — A mão de Karina voou no ar. — Não é como se eu esperasse voltar para casa e encontrar subdivisões cheias de casas de aluguel ou um McDonald's em cada esquina, mas eu também nunca imaginei que voltaria e seria exatamente o mesmo. Quero dizer, literalmente a mesma coisa.

— Eu meio que sinto que é o *Brigadoon*<sup>1</sup> de Serra Nevada. — Lauren assentiu em concordância antes de levar a taça aos lábios e beber o rico líquido vermelho contido nela.

Karina reagiu com sua própria versão do que estar de volta à cidade a fazia lembrar, que era uma música. Claro.

O exemplo de Sam tinha sido da TV. Lauren era da variedade literária. E Karina era a musical. Elas podiam estar todas mais velhas, mas nada parecia ter mudado na sua dinâmica.

Amanda sentiu o canto de seus lábios se elevar enquanto um zumbido de felicidade vibrava através dela. Ela sabia que a sensação não significava que a dor fora deixada para trás, apenas que a alegria estava começando a brotar das sementes do amor que suas amigas tinham plantado ao aparecerem ali e trazerem a luz do sol para seus dias mais sombrios.

Enquanto ouvia o debate acalorado de suas três amigas mais próximas sobre qual analogia mais representava a realidade, outra memória de seu pai emergiu das águas profundas de sua alma.

Sempre que as garotas faziam uma festa do pijama ali, o que acontecia com frequência até o ensino médio, seu pai costumava dizer que as quatro tinham a sua própria língua. Ele as provocava sobre “falar tanto que um dia todas perderiam a voz”. Ela e as garotas apenas riam e diziam que elas encaravam isso como um desafio. Então ele fazia um grande show ao retirar o que disse, como se isso significasse que elas iriam manter o silêncio.

Lágrimas encheram suas pálpebras quando ela observou discretamente suas três BFFs e pensou em quanto seu pai adoraria ver todas elas ali. Juntas. A dor líquida que tinha se acumulado agora escorregou em sua bochecha, ao perceber que se ele ainda estivesse ali, então as três garotas sentadas ao redor dela não estariam.

Ela duplicou seus esforços para se concentrar na conversa animada entre as garotas enquanto elas descreviam sua cidade natal sob as novas lentes de serem cidadãs do mundo, mas até isso a fez pensar em seu pai.

Parker Jacobs amava a pitoresca aldeia montanhesa de cinco mil habitantes que ele chamara de lar durante toda a sua vida, e ele transmitiu esse amor para Amanda. Hope Falls era um lugar idílico, exuberante, com pinheiros verde-escuro e pontilhada de álamos coloridos em tons de amarelo brilhante e vermelho chocante. O coração da cidade era o centro, na Rua Principal, um trecho de cinco quarteirões de pequenas lojas de

frente para a rua, ladeadas por calçadas de madeira que lembravam o piso das varandas.

A rua principal do centro da cidade era o lugar onde muitos dos lugares favoritos de Amanda ficavam. O café da Sue Ann estava lá e era o principal restaurante da cidade, de propriedade de Sue Ann Perkins, que se sentia como uma tia ou avó, não só para Amanda, mas para toda a cidade.

Ela esteve perto de Sue Ann a vida toda, mas o relacionamento delas se solidificou com o status de “família” quando ela se hospedou lá durante a faculdade.

Depois havia o Leia Entre as Linhas, o sebo, onde ela passava longas tardes folheando os livros e simplesmente apreciando o cheiro das páginas e a sensação do papel sob seus dedos.

Havia também o Hope Falls Twin Cinemas, o pequeno cinema de dois teatros, o Pista do pinheiro solitário, a pista de boliche, o Golf e etc, um campo de minigolfe e o Duas Bolas, que era uma sorveteria antiquada.

Quando pensava em Hope Falls, sempre pensava no centro da cidade, a parte que fazia os cartões postais. Mas a verdade era que era a parte da cidade que se espalhava além do centro que era a verdadeira Hope Falls. A parte que continha a Prefeitura, a biblioteca, as escolas, as igrejas, os parques, o centro comunitário e, acima de tudo, os bairros cheios de casas que continham o verdadeiro coração de Hope Falls, seu povo.

Eles eram a verdadeira razão pela qual seu pai tinha sido tão apaixonado por liderar a cidade como seu prefeito e mais do que apenas prefeito, na verdade. Ele tinha sido o conselheiro não oficial da cidade, conhecido em toda ela por sua sabedoria e compaixão. Seu apelido era o rei Salomão de Hope Falls.

Um telefone tocou, tirando Amanda de suas reflexões internas. Lauren e Karina pegaram seus telefones enquanto Sam e Amanda apenas assistiam.

— É o meu — anunciou Karina ao tirar o dispositivo da bolsa e olhar para a tela.

— Você vai atender? — perguntaram Sam e Amanda em uníssono.

— Não. — Karina balançou a cabeça e colocou o aparelho de volta em sua grande bolsa preta. — É apenas minha gravadora tentando fazer com que eu concorde em voar para Los Angeles para fazer alguma publicidade.



— Ah, sim. — Samantha limpou a garganta e endireitou-se, anunciando em voz alta: — Senhoras, esqueci-me de que estamos na presença de Karina Black, extraordinária sensação de sucesso no topo das paradas. Deveríamos ter pedido o seu autógrafo? Qual é o protocolo?

— Bem — Lauren ofereceu —, eu acho que os autógrafos realmente acontecem após o meet and greet. Isso está correto? Isto é oficialmente o meet and greet?

Karina franziu os lábios e sorriu, um leve rubor subindo em sua tonalidade dourada de pele.

— Whoa. — Amanda tomou uma respiração instável, feliz pela distração de suas amigas. Ela fungou, mas esperou que as meninas não notassem quando brincou: — Olhe para essas bochechas. Isso é...? Poderia ser? Karina está corando? Não é possível! Ou pelo menos eu nunca vi isso.

— Sim, sim. Riam. — Karina sacudiu a cabeça e revirou os olhos. — Vocês sabem que eu odeio todo o *hype* da “princesa pop”. Tudo que eu quero fazer é estar no palco, só eu e meu violão ou piano, com uma pequena multidão de pessoas que estão realmente ali por causa da música. Ser o centro do palco de uma produção gigante com luzes e dançarinas de vídeo e backup e faixas eletrônicas envelhece. Rápido.

Sam sorriu com simpatia, mas, fiel à sua forma de garota que sempre vê o copo meio cheio, apontou:

— Mas você é famosa. Todo mundo conhece você. Isso é o que você sempre quis. É tudo o que você costumava falar.

Karina suspirou e seus ombros se abriram um pouco.

— Eu sei. Eu pensei que era o que eu queria. Mas agora percebo que o que eu realmente queria era que o mundo conhecesse minha música. Eu queria que estranhos cantassem junto com minhas músicas. Mas as versões atenuadas das minhas músicas que a gravadora lança são dificilmente reconhecíveis como minhas. Sem mencionar o fato de que a maioria das pessoas está mais interessada em saber quem eu estou namorando ou o que estou usando. E quando eu assino o meu nome em um poster de vinte por vinte e cinco que é tão falso e retocado que mal se parece comigo, não é o meu nome que estou assinando.

— Sim, eu achei que isso foi estranho. Por que eles fizeram você mudar seu nome? — perguntou Lauren. — Eu acho que Karina Blackstone

é um nome bonito.

Era óbvio para Amanda que Lauren tinha atingido um ponto dolorido enquanto observava a mandíbula de Karina se apertar antes de explicar a imitação da voz grave de um executivo, “soa muito nativo americano.” Suas mãos voaram e sua voz voltou ao normal.

— Quero dizer, esqueça o fato de eu ser nativa americana. Eles não queriam que houvesse algo sobre mim que não fosse genérico, do meu nome ao meu rosto, à minha música. E é exatamente isso que eles têm. Mas chega de mim. Até eu estou cansada de me ouvir reclamando de ser uma estrela pop de sucesso — Karina terminou com tristeza. — Fiel à minha herança, vou passar o bastão da fala. O que está acontecendo com sua carreira de snowboard, Sam?

Um sorriso triste se espalhou no rosto de Sam.

— Bem, querer transformá-la em algo que você não é deve ser uma doença que está por aí, com as únicas pessoas suscetíveis a ela serem executivos de gravadoras e agentes esportivos.

Amanda ficou imediatamente preocupada. Ela já sabia que Karina não estava feliz com a direção que sua carreira estava tomando, mas pensou que Sam estava no topo do mundo em sua profissão.

— No que eles querem transformar você, Sammi?

— Oh, eles querem que eu seja a snowboarding Anna Kournikova. Eles querem usar meu sex appeal, o que eu não tenho. Sou esportiva, não sexy. Eles querem que eu pose para capas de revistas em um biquíni ao lado do meu snowboard. Essa não sou eu. Quando eu pego uma prancha de snowboard, é para chutar alguns traseiros, não para mostrar o meu.

Os olhos de Lauren se estreitaram de forma protetora quando ela perguntou:

— Como você está lidando com isso?

— Bem, por enquanto, eu estou me concentrando o máximo que posso em meu treinamento e abafando o zumbido deles com o melhor da minha capacidade. Eles estão aumentando a pressão de forma lenta, mas constante, e eu estou quase com medo que eles me desgastem. Aviso justo: não se surpreendam se me virem competindo de biquíni até o ano que vem, meninas. Mas eu estou com a Karina. Chega de mim. Laur, você é a próxima. Como o mundo dos imóveis de luxo na glamourosa ilha de Manhattan tem te tratado?

— Oh, você sabe como é o setor imobiliário — Lauren respondeu. — Altos e baixos. Você é tão bom quanto seu último negócio. Tudo é cíclico.

O radar estimulante de Amanda foi colocado em alerta máximo pela não-resposta de Lauren, mas antes que ela pudesse se aprofundar e descobrir o que realmente estava acontecendo com sua amiga, a porta da frente se abriu.

— Estou atrasado? — Uma voz profunda soou no corredor da frente.

— Trent. — Amanda olhou para ver seu namorado há um ano, de cabeça baixa, digitando algo em seu telefone. Depois de ficar de pé e se mover para o lado dele, ela apresentou a todos. — Trent, olha quem está aqui. Essas são as garotas sobre as quais eu tenho falado, minhas melhores amigas desde a escola primária. Lauren Harrison, Karina Blackstone e Samantha Holt. Garotas, este é Trent Preston.

Amanda vinha contando às garotas sobre Trent desde o ano passado que ela e Trent estavam se encontrando, nunca achando que elas realmente o conheceriam. Agora que isso estava acontecendo, por algum motivo, Amanda se sentia... estranha.

Lauren se levantou.

— Prazer em conhecê-lo.

— Oi — disse Sam brilhantemente.

— Ei. — Karina acenou com a mão.

Amanda olhou ao seu lado para ver que Trent ainda estava digitando, parecendo não ter consciência da apresentação que acabara de fazer.

— Trent. — Amanda cutucou seu braço.

— O quê? — Ele olhou, seus olhos parecendo mais do que um pouco tensos.

— Minhas amigas. — Amanda fez um gesto em direção às suas três amigas, que ficaram olhando para os dois.

— Oh, certo. Desculpa. — Trent balançou a cabeça e adiantou-se antes de apertar cada uma das mãos das garotas, sorrindo amplamente enquanto o fazia. — Desculpem. Estou bem no meio de uma crise em uma nova fusão que estou administrando.

Cada garota assentiu em compreensão, mas Amanda podia sentir a tensão na sala. Ela olhou para ele, tentando vê-lo através de novos olhos. Ele era alto e magro e tinha um bronzado dourado e saudável. Suas feições eram uniformes e bonitas, como um garoto rico da Costa Leste por

excelência. Seu cabelo loiro caía perfeitamente no lugar, como se ele fosse capaz de manter um controle firme de cada fio individual como fazia com seu porte e emoções. Observando por baixo daquele cabelo de estilo perfeito havia um par de grandes olhos castanhos que, apesar de toda a sua perfeição física objetiva, às vezes deixavam Amanda nervosa porque não conseguia ler muito sobre o que estava acontecendo por trás deles.

Trent não morava em Hope Falls. Na verdade, ele nem gostava de Hope Falls. Ele morava na costa leste. Amanda o via uma ou duas vezes por mês quando ele voava para Lake Tahoe ou Sacramento para negócios. Ambas as cidades estavam a cerca de uma hora de distância. Ela sempre fazia a viagem para onde ele estava para vê-lo. Na verdade, era uma experiência um pouco estranha para ela vê-lo aqui em Hope Falls, onde ele passava um bom tempo desde a morte de seu pai para ajudá-la a organizar seus negócios. Ele não estava hospedado na cidade, mas dirigia por horas todos os dias.

— Então, vocês estão todas aqui para a leitura do testamento? — perguntou Trent.

— Oh, não! — As mãos de Amanda voaram para sua cabeça quando ela se virou para Trent. — Eu esqueci de te contar. Tio Henry teve que adiar até amanhã de manhã. Ele ligou mais cedo, mas eu estava apenas... Eu estava limpando o quarto do meu pai e meio que me perdi em...

— A que horas amanhã de manhã? — Trent interrompeu bruscamente.

— Uhm... dez — disse Amanda quando, de repente, ela percebeu que nunca, nos últimos dez dias, ele perguntara como ela estava ou se queria ou precisava conversar. Ela realmente não notou porque quase parecia que estava vivendo em um pesadelo. Ver as meninas a tinha acordado.

Ela balançou a cabeça, rapidamente descartando o comportamento dele enquanto olhava para ele digitando em seu iPhone. Trent estava realmente distraído com o trabalho. Ainda assim, um pouco de voz mesquinha dentro dela se pronunciou:

“Eu gostaria de ter tido alguém para conversar.”

Talvez ela tivesse sido mimada pela preocupação constante de seu pai por ela. Não havia nada tão importante que Parker Jacobs não tivesse descartado a qualquer momento se visse sua única filha chorando. Ela dependera de seu pai toda a sua vida e o relacionamento se solidificou depois que eles perderam a mãe de Amanda para o câncer, quando ela

tinha oito anos. Seu pai tornou-se tudo o que ela tinha, a única figura estável em sua vida. Quando ela chorava, não tinha mais ninguém a quem recorrer e não precisava de mais ninguém.

Ele a pegava em seus braços e pronunciava a frase que tinha sido eficaz desde que ela tinha dois anos.

— Conte-me o que aconteceu, baby — ele diria.

E ela faria. Não havia nada que ela pudesse esconder de seu pai.

Isso foi provavelmente a causa. Ela tinha sido mimada. Outros homens simplesmente não eram como o pai dela, tão carinhosos, puros de coração e tão preocupados com ela. Afinal, ela nunca conheceu outro homem como ele. Nenhum outro homem que ela conheceu a fazia se sentir tão segura, tão amada, tão completamente compreendida quanto seu pai.

Exceto, claro... Justin. Não. Amanda se conteve. Ela não ia nessa direção. Havia o suficiente em seu prato sem adicioná-lo na mistura. Sem mencionar que ela era uma adolescente, então. Amor de criança. Paixão. Irreal.

Isso era real, Trent era real e o amor adulto não era como contos de fadas. O Príncipe Encantado não ia aparecer, embrulhá-la nos braços e dizer:

— Conte-me o que aconteceu, querida.

Não. Ele aparentemente digitaria em seu telefone o horário das obrigações que teria de comparecer como namorado dela, mas tudo bem. Talvez um choque de realidade fosse exatamente o que ela precisava agora.

— Ok. — Ele se inclinou e deu-lhe o mais breve dos beijos. — Eu te vejo lá, então. — Você não quer ficar e... — Amanda fez um gesto para suas amigas.

— Oh, não, eu não quero me intrometer no seu tempo com as meninas. Foi bom conhecer todas vocês. Amanda me contou muito sobre todas. — Ele acenou ao sair.

Trent já estava a meio caminho da porta quando todas as garotas se despediram.

Amanda voltou para seu assento no sofá e afundou no tecido gasto. Agarrando uma almofada ao lado dela, ela embalou-a, sentindo-se mais do que um pouco envergonhada. Sabendo que estava dando desculpas para um homem que nem perguntava como ela estava, ela ainda se viu dizendo:

— Tenho certeza que ele queria ficar. Ele está muito ocupado com o trabalho.

Todas elas a olhavam silenciosamente, incrédulas.

Ela sabia que Trent tinha sido um pouco rude, mas não achava que isso justificasse a falta de palavras. O foco de autoconsciência estava em chamas enquanto todas as suas três amigas olhavam para ela. Amanda perguntou hesitante:

— Que foi?

Quando ninguém disse nada por vários momentos, a expressão de Karina mudou de descrença para “você só pode estar brincando comigo”. Seus olhos se arregalaram quando ela falou:

— Eu acho que eu não estava preparada para conhecer Zack Morris<sup>2</sup> hoje.

— Não é!? — Sam exclamou, dando a Karina um high-five quando Lauren declarou:

— Exatamente o meu pensamento.

— O quê? — Amanda sabia que ela estava um pouco fora disso, mas ela não tinha ideia do que suas amigas estavam falando. Sua testa franziu quando ela balançou a cabeça de um lado para o outro.

— Qual é — disse Karina exageradamente quando se jogou ao lado de Amanda no sofá. — Você nunca notou que seu namorado é a cópia perfeita de Zack Morris?

— Mais como um clone — Lauren interveio.

Amanda nunca tinha pensado sobre isso, mas agora que o fez, ela discordou.

— Ele não se parece com Mark-Paul Gosselaar.

— Você está certa — Karina assentiu. — Ele não se parece com Mark-Paul Gosselaar, o ator. Ele parece muito com o Zack Morris, o personagem de *Saved by the Bell*, como um homem adulto.

Amanda estreitou os olhos ao pensar nisso, ainda não convencida.

— Ah, vamos. Seu quarto era, de parede a parede, pôsteres do cara. Você disse que ia se casar com ele e seria mãe de seus filhos.

Sam bateu palmas animadamente.

— Verdade. Ela tinha mesmo. — Então, virando o sofá para Amanda, ela disse: — Eu lembro que você sempre dizia que havia apenas uma

pessoa neste mundo que você amaria tanto quanto Zack Morris. Justi...

Karina e Lauren cortaram Sam com um olhar. Amanda apreciou que elas estivessem pisando em ovos, mas realmente não era necessário.

— Não, pessoal. Está tudo bem. — Amanda então admitiu algo que só podia dizer às suas melhores amigas. — Eu realmente estive pensando muito sobre ele e o que aconteceu. Eu amava Justin. Ele partiu meu coração. Foi há dez anos. Hora de seguir em frente.

Amanda observou os olhos escuros de Karina cortarem as três garotas antes de dizer rapidamente:

— Isso significa que você finalmente nos dirá o que aconteceu? Quer dizer, vamos lá. Você está apaixonada por Justin Barnes, residente de Hope Falls, desde a escola primária. Quando ele tem dezesseis anos, ele realmente vem morar aqui no barracão e vai de apenas trabalhar em Mountain Ridge para ser o braço direito do seu pai. Seu amor por ele continua a crescer e o maior romance que Serra Nevada já conheceu parece estar escrito nas estrelas. Então, boom! Logo após o seu décimo sétimo aniversário... whooosh. Ele desaparece. Nunca se ouve falar dele de novo. E você fica como? Com o coração partido demais para falar sobre isso? Ok, eu totalmente mordi minha língua porque eu estava... — Karina acenou com a mão para Lauren e Sam — ... todas nós estávamos... tão preocupadas com você, mas eu morro de curiosidade há dez anos inteiros.

Amanda riu tristemente.

— Bem, Kar, você basicamente contou a história. Exceto por um detalhe pequeno, minúsculo, gigantesco, significativo e humilhante: no meu décimo sétimo aniversário, eu me ofereci a ele.

As outras três olhavam para ela espantadas, e se Amanda ainda conhecia suas amigas tão bem quanto antes, descrentes.

— Sério. Ele tinha vinte e dois anos. Eu tinha dezessete anos. Aos meus olhos, eu era uma mulher. Eu pensei que ele finalmente me veria assim. Eu fui ao barracão. Eu derramei meu coração. Eu disse a ele que o amava, que sempre o amara e que achava que ele se sentia da mesma maneira. Então eu o beijei. De verdade. Ele agarrou meus braços e me empurrou para longe. Ele disse que não, que eu era muito jovem. — Amanda suspirou e olhou para o chão. — Então vem a parte humilhante.

— Essa não foi a parte humilhante? — Karina deixou escapar, e Sam e Lauren bateram nela com as almofadas do sofá.

Amanda soltou uma risada forçada.

— Não, embora você ache que isso se qualifica. Não, o que fiz em seguida foi muito pior. Quer dizer, você se lembra de como eu era romântica? Todos aqueles romances que eu leio? O fluxo constante de novelas e comédias românticas que assisti? Eu realmente acreditei que com um vislumbre do meu corpo ele encontraria a razão. Ele deixaria de pensar em como isso é errado e seria dominado pelo desejo. Então tirei minha camisa e, em seguida, usando apenas meu sutiã, acreditem, pulei em seus braços, envolvi minhas pernas ao redor de sua cintura e comecei a beijá-lo. Novamente.

— Tem certeza de que você não estava assistindo pornografia? — Karina perguntou, enquanto ela novamente foi agredida com almofadas. — Que foi? Estou apenas dizendo. Isso soa mais como pornografia do que como comédia romântica.

Amanda sacudiu a cabeça enquanto ria.

— Bem, aqui é onde a história começa a divergir de ambas as... hum... formas de arte. Em vez de ser conquistado pela minha amabilidade, ele agiu como se estivesse sendo envolvido por uma cobra venenosa. Ele não conseguia me tirar dele rápido o suficiente. Ele agarrou meus braços, me empurrou para longe e gritou. Gritou para mim com todas as suas forças. Quer dizer, eu tenho certeza que eu o tinha incomodado ao segui-lo o tempo todo, mas ele nunca tinha levantado a voz para mim antes.

— O que ele gritou? — perguntou Sam, fascinada.

— Que eu era muito jovem e que isso nunca aconteceria. *Nunca*. Eu estava tão humilhada. Eu agarrei minha camisa, a segurei contra o peito e comecei a chorar. Eu corri todo o caminho de volta para casa assim, chorando e segurando minha camisa.

— O que aconteceu depois? — Lauren perguntou gentilmente.

— Bem, na manhã seguinte, eu recuperei meus sentidos. Eu percebi que Justin era o único garoto que eu amava. Na minha mente ingênua, ele parecia o único garoto que eu amaria. Percebi que, se pudéssemos ser apenas os melhores amigos, isso seria suficiente. Eu não podia perdê-lo. — Amanda sentiu que ia começar a chorar, mas continuou. — Eu fui até o



barracão para me desculpar. Para dizer a ele que eu era uma idiota e implorar para ele esquecer que a noite anterior havia acontecido.

Amanda ficou sentada em silêncio, olhando para Teddy, que dormia a seus pés. Ela se perdeu na memória daquele dia quando ouviu três amigas perguntando:

— E? O que aconteceu?

— Nada. — Deixando escapar uma expiração audível, ela respondeu uniformemente: — Nada aconteceu, porque ele se foi. Todas as suas coisas foram embora. O barracão estava limpo, como se ninguém tivesse estado lá. Exceto por um pequeno quadrado de papel no meio da cama, no qual ele escreveu: “Amanda. Esqueça de mim. Justin.” E foi a última vez que eu ouvi falar dele.

— Uau — Sam respirou.

— Talvez ele esteja no Facebook — disse Karina, razoavelmente, e desta vez seus braços já estavam prontos para bloquear os travesseiros voadores. — Estou apenas dizendo. Você já tentou procurar por ele lá? Quer dizer, minha avó está lá.

— Renata está no Facebook? — Sam perguntou em choque.

Karina encolheu os ombros.

— Sim. Ela diz que é a maneira mais fácil de me acompanhar, já que eu estou em uma cidade diferente quase todos os dias.

— Então, você tentou? — Lauren perguntou, direcionando a conversa de volta para Amanda.

— Não — suspirou Amanda com tristeza, enquanto as lágrimas começavam a brilhar em seus olhos. — Eu nunca procurei por ele. Mas eu penso nele o tempo todo. — Suas lágrimas se derramaram. — É irônico, sabe? Nós éramos amigos desde que eu tinha cinco anos de idade, e desde o primeiro instante em que nos conhecemos eu teria feito qualquer coisa por ele. Ele poderia ter me dito para andar através do fogo e eu teria feito isso sem questionar. Ele devia saber disso. E nunca se aproveitou. Ele nunca me pediu para fazer nada por ele, nada em todos os anos em que nos conhecemos. Exceto por aquela coisa simples. Eu tentei respeitar seus desejos.

Como todas as suas amigas tentaram mudar rapidamente de assunto, as palavras que Justin havia escrito encheram sua mente.

“Amanda. Esqueça de mim.”

A única coisa que ele já havia pedido a ela era a única coisa que ela nunca foi capaz de fazer.



Justin foi acordado pelo pneu do ônibus batendo em um buraco. Quando ele se firmou e tentou se orientar, olhou ao redor e observou, distraído, que o homem ao lado dele devia ter um bom sono, porque estava roncando alto.

Estendendo a mão para esfregar o rosto enquanto bocejava, percebeu que ainda segurava o equivalente adulto a um cobertor de segurança. Ele devia ter adormecido olhando para ele, assim como fazia quase todas as noites.

Quando ele tirou sua passagem ao embarcar no ônibus, a única foto que ele guardava na carteira tinha saído com ela. Justin segurou em sua mão quando encontrou seu lugar e, ao sentar-se, e ele olhou para a imagem até que seus olhos se fecharam de pura exaustão.

Seu polegar roçou as bordas enrugadas da fotografia. A foto era dele e Amanda sentados em frente à árvore de Natal durante seu último inverno em Hope Falls. Ele tinha acabado de dar a Amanda o presente dela, uma tornozeleira de prata pela qual ela tinha se apaixonado quando eles foram para o Lago Tahoe pegar suprimentos para Mountain Ridge, na semana antes do Natal. Justin voltou para Tahoe no dia seguinte, durante uma tempestade de neve para comprar para ela.

Parker havia tirado a foto no momento perfeito para pegar a reação de Amanda. Ela estava segurando a corrente delicada em suas mãos e olhava para Justin como se ele fosse seu herói. Adoração de herói pura e inalterada brilhava através dos grandes olhos azuis de Amanda. A expressão do próprio Justin era reservada, como sempre foi, mas ele ainda se lembrava do sentimento de orgulho que ele tinha quando as lágrimas se acumularam nos olhos de safira dela, superados pela emoção de seu presente. Ele queria estufar o peito e bater nele. Toda a sua vida, ele tinha dito que nunca fazia nada certo, mas naquele momento Justin sentiu como se tivesse feito.

Virando a cabeça para observar o cenário escuro passar enquanto o ônibus descia a estrada, ele viu seu próprio reflexo olhando de volta para ele na janela. Ele não era mais aquele garoto. Ele era um homem. Justin lembrou-se de se sentir tão velho, tão adulto quando aquela foto foi tirada. Mas olhando para trás agora, ele percebeu que ele era apenas uma criança na época.

Ele tinha preenchido o saco esquelético de ossos que havia sido, e não era só que ele tinha uma cara cheia de barba por fazer em vez de tufo de cabelo que mais pareciam manchas. A diferença real entre ele e o garoto na foto vinha da profundidade da maturidade em seus olhos castanho-escuros.

Outra lembrança brilhou em sua mente. Estar em um ônibus não diferente deste quando ele deixou Hope Falls todos aqueles anos atrás. Vinte e dois anos de idade. Ele pensou que sabia tudo, tinha visto tudo. Dizer que sua infância não fora fácil era como dizer que Michael Jordan era um bom jogador de basquete.

Ainda assim, mesmo crescendo do jeito que tinha crescido — antes de Parker tê-lo levado — não o preparou para a feiura que esse mundo era capaz de mostrar. As pessoas eram cruéis. Sem coração. Pior do que qualquer coisa a que ele tivesse sido exposto na casa de seu pai.

O que provavelmente era parte da razão pela qual ele mantinha tão firme a memória de Amanda. Ela era leve. Ela era pura. Ela era amor.

No entanto, Justin não tinha ilusões de que isso seria uma alegre reunião de amigos de infância. Não. Ela provavelmente o odiava. Ela deveria odiá-lo.

Se ele fosse um homem de apostas, apostaria que ela não tinha ficado muito feliz quando Henry lhe disse que ele estava indo para o testamento de seu pai. Não que ele a culpasse. Ele mereceu.

Ela era tão jovem, mal tinha dezessete anos, quando, sem fôlego, confessou sua paixão adolescente por ele. O que ele deveria ter feito era explicar calmamente que sua diferença de idade e situação de vida tornavam isso impossível, que ela era incrível e não tinha nada a ver com ela, e ele poderia tê-la mandado embora com sua dignidade intacta. Basicamente, ele deveria ter lidado com a situação com alguma maturidade.

Mas ele tinha feito isso? Não. De modo nenhum. Claro que era por causa de seus próprios sentimentos poderosos por ela que ele não tinha conseguido, mas isso não era desculpa para como a tratara. Ele gritou com ela. Gritou. Gritou a plenos pulmões. Com Amanda. A única pessoa que ele nunca gostaria de machucar. Ele a fez fugir dele em lágrimas. Não lágrimas de felicidade como ela tinha derramado ao receber a tornozeleira que ele tinha lhe dado apenas alguns meses antes. Não, as lágrimas caindo em seu rosto naquele dia foram lágrimas de devastação.

Sentado no ônibus, Justin tentou imaginar o que faria quando se encontrassem cara a cara. Desde que descobriu sobre Parker, tudo o que Justin queria fazer era puxar Amanda em seus braços e segurá-la. Ele queria dizer a ela que tudo ficaria bem. Parker era o mundo inteiro de Amanda e Justin não podia ver essa mudança, não importando quanto tempo tivesse passado. Mas, por mais que ele quisesse estar lá para ela no que tinha que ser o pior momento da sua vida, ele tinha certeza de que ela não iria querer o conforto dele. Se ele tentasse dar, ele não tinha ideia de qual seria a resposta.

Ela o afastaria? Ela endureceria ao toque dele? Ele poderia lidar com ela ignorando-o. Ele não iria culpá-la. Ela gritaria? Expulsaria-o de casa? Diria a ele que nunca queria vê-lo novamente? Ele não estava ansioso para qualquer um desses cenários, mas sentiu que seria totalmente justificado se isso acontecesse.

Mas a coisa que Justin mais temia, a coisa com a qual ele não tinha certeza de que poderia lidar era se, quando ele olhasse em seus olhos azuis safira pela primeira vez depois de todos esses anos, ele visse a pior verdade imaginável — que ele era apenas uma memória esquecida há muito tempo. Alguém de quem ela foi próxima uma vez, mas com quem agora não tinha conexão emocional alguma. E se, quando tudo estivesse terminado, realmente não importasse para ela se ele estava de volta ou não? E se, quando chegasse a hora, ela não se importasse? Como diabos ele lidaria com isso?



# Capítulo

## 3

A manhã do testamento de seu pai chegou muito mais brilhante do que Amanda considerava apropriada para uma ocasião tão sóbria, que alteraria sua vida. Se dependesse dela, o sol nunca mais iria brilhar da mesma maneira.

Sentada à mesa da cozinha, bebendo sua primeira caneca de café quente, Amanda observou o sol que lentamente começou a se destacar no horizonte. Essa sempre foi a sua hora favorita do dia, testemunhar o mundo acordar. As árvores, as plantas, os pássaros, os animais. Sempre lhe pareceu que o desdobramento da manhã, em seu pequeno canto do paraíso das montanhas, era ainda mais majestoso do que em outras partes do mundo.

Enquanto ouvia os pássaros cantando suas canções matinais e observava a claridade branca e cristalina começar a espiar através dos galhos arrepiados dos pinheiros do lado de fora de sua janela, ela ficou maravilhada com a forma como a bela dança do nascer do sol da natureza ainda estava se desenrolando da mesma maneira que acontecia antes de seu pai ter morrido.

Era tão incrível para ela como o resto do mundo continuava girando como se nada tivesse acontecido. Eles não sabiam? Eles não conseguiam sentir isso? Não podiam sentir a mudança tectônica que ocorrera no minuto em que uma das maiores almas que já enfeitaram a Terra a deixara?

Amanda suspirou para si mesma. Ela sabia que estava sendo auto-indulgente. Ela não se importava. Afinal de contas, essa parte não era auto-indulgente? Não se pode desfrutar de uma comiseração própria e sentir-se culpada por isso ao mesmo tempo. Isso era apenas um desperdício de uma boa festa de autopiedade.

Isso soa como algo que Karina diria, pensou Amanda, com um sorriso no rosto.

Como se magicamente convocada pelos pensamentos afetuosos de Amanda sobre ela, Karina entrou na cozinha como um gato de rua elegante e flexível. Ela esticou os braços sobre a cabeça e bocejou com graça felina antes de se dobrar na cadeira em frente a Amanda e afastar o cabelo macio e escuro do rosto sonolento.

— Você acordou cedo — comentou Amanda. — Eu não esperava ver nenhuma de vocês três por várias horas ainda.

— Acredite em mim, isso é incomum — resmungou Karina, pegando a caneca de Amanda e tomando um generoso gole. — Normalmente, se eu vejo o nascer do sol, é porque eu não fui para a cama ainda.

Sorrindo, Amanda observou Karina reabastecer a caneca, em seguida, deslizou-a para o meio da mesa para que pudessem compartilhar. Puxando o joelho para cima na cadeira de madeira, Amanda abraçou-o e respirou fundo.

— Esta é a minha hora favorita do dia. Está quieto e brilhante, e o ar parece limpo. Toda manhã eu sento aqui e o absorvo. Pronta para começar o dia. Mas esta manhã... — Os lábios de Amanda se retorceram quando ela sacudiu a cabeça e a umidade transbordou em suas pálpebras — Não sei se estou pronta para hoje.

Karina fechou os dedos longos e graciosos sobre a mão pequena e delicada de Amanda e deu-lhe um aperto reconfortante.

— Estamos aqui para você, querida. Qualquer coisa que você precisar. Nós somos o Quarteto Fabuloso novamente. Nada está fora do nosso alcance. E isso inclui segurar você quando não puder fazer isso sozinha.

As palavras confortaram Amanda de uma forma que a beleza da manhã não conseguira.

— No seu mundo, acho que eles se referem a esse tipo de coisa como “reunir a banda”, certo?

Karina riu.

— Eu não acho que alguém realmente diga isso fora dos filmes extravagantes dos anos 80, mas, sim, eu acho que é exatamente esse o sentimento que eu estava buscando.

Amanda assentiu, com a mesma sensação de paz e conforto dentro de si que seu pai sempre supria para ela e para os outros. Recostando-se à cadeira da cozinha, ela fechou os olhos e lembrou-se de quantas noites em sua infância acordara ao som de sua voz e subira na ponta dos pés até o topo da escada. Ela sempre encontrava seu pai sentado nessa mesma mesa, conversando com alguém daquele jeito baixo e até razoável que ele tinha. Às vezes era uma mãe chorando com uma criança no colo.

Às vezes era um fazendeiro, com o rosto pálido, o chapéu no colo.

Quem quer que fosse, todos eles tinham uma coisa em comum — o estresse de qualquer situação que os trouxesse aqui estava claramente evidente em seus rostos. Mas Amanda se lembrava de ver algo mais lá também. A mesma coisa que via em todos que vieram ao seu pai em busca de conselhos — alívio. Segurança. Clareza.

A viagem de Amanda pela estrada da memória foi interrompida pelo som da porta da frente se abrindo. Karina e Amanda trocaram olhares assustados. Assim que Amanda estava empurrando a cadeira para ver quem estava lá, Sam, suada e sem fôlego, entrou na cozinha, o corpo envolto em uma malha elástica e as bochechas cheias de um brilho saudável.

— Bom dia — ela disse enquanto abria a geladeira e tirava uma garrafa de água.

— Eu pensei que era a única acordada tão cedo — disse Amanda.

— Por favor — brincou Sam, acenando com a mão com desdém. — Eu já fiz dez quilômetros. Estou em treinamento. Vocês duas são pesos leves.

— Bem, então — Karina retornou no mesmo tom de provocação. — Eu acho que Lauren é a única dorminhoca.

— Quem é a única o quê? — Lauren perguntou quando entrou na cozinha do corredor do escritório, digitando furiosamente em seu telefone.

Ela estava completamente vestida; sua maquiagem, impecavelmente aplicada; e seu cabelo, preso.

Amanda e Karina olharam as aparências uma da outra, Amanda em sua calça de pijama de flanela e camiseta de grandes dimensões e Karina na bermuda de regata masculina, e começaram a rir.

Amanda conseguiu soltar sem fôlego:

— Você. Você é a dorminhoca.

Lauren olhou para cima distraidamente e logo começou a bater seus polegares contra a tela de seu dispositivo móvel.

— Não, eu estou acordada há horas. O início dos negócios na Costa Leste é às cinco da manhã aqui... — Ela parou quando sua atenção voltou a ser completamente consumida pelo que estava digitando.

Amanda suspirou satisfeita. Claro, talvez agora, depois de perder seu pai, ela nunca seria capaz de desfrutar de sua antiga rotina matinal solitária da mesma maneira. Talvez aquele ritual em particular fosse para sempre tingido de melancolia. Mas essa reunião maluca e improvisada do Nascer do Sol do Quarteto Fabuloso mostrou a ela que, enquanto algumas coisas podem nunca mais ser as mesmas, elas poderiam ser substituídas por coisas que eram incríveis... de sua própria maneira.

Pela primeira vez, Amanda se abriu para a possibilidade de que, mesmo que tudo tivesse mudado, um dia ela voltaria a ser completa.



Descendo dos degraus de aço do ônibus para as calçadas de madeira da Rua Principal, Justin sentiu que, em vez de viajar do Alasca, ele viajou de volta no tempo vinte anos para sua infância. Enquanto seus olhos examinavam o ambiente com cautela, ele não pôde deixar de sentir que estava na representação de realidade virtual da cidade onírica de Hope Falls; um universo alternativo. Era surreal.

Tudo parecia ter sido hermeticamente fechado em uma cápsula do tempo para preservação. Na esquina, ele viu o Café da Sue Ann. O brilhante e alegre toldo amarelo que ficava acima da porta ainda parecia tão acolhedor quanto antes. Do outro lado da rua, havia a livraria que ele teve que pintar como um castigo quando foi pego vandalizando o tijolo lateral exterior quando tinha dez anos. Justin fora apenas o vigia, mas ele tinha sido o único que Reed, o proprietário, pegara pelo colarinho e arrastara para sua loja para dar um exemplo.

Esse dia estava permanentemente impresso em sua memória. Não por causa do pânico que tomou Justin quando ele sentiu o algodão de sua



camisa apertar em torno de seu pescoço, sufocando-o enquanto tentava escapar. Ele não tinha medo do que o Sr. Reed faria com ele. Mesmo que ele decidisse chamar a polícia, isso não perturbara Justin nem um pouco. Seu medo se originou do que seu pai faria com ele quando descobrisse. Que, como se viu, era um medo totalmente racional; Justin teve que faltar a escola por três dias, alegando doença, depois da surra que recebeu do pai por aquele incidente.

Mas nada disso era a razão pela qual Justin sempre se lembraria daquele dia. Não. A razão pela qual ele nunca esqueceria aquele dia ensolarado em maio foi porque esse foi o dia em que ele conheceu uma menina de cinco anos, Amanda Jacobs. Ela estava sentada na livraria, lendo em silêncio no canto, quando o Sr. Reed arrastou Justin para a pequena loja pela camisa.

Ele ainda podia ver seus grandes olhos azuis cristalinos olhando para ele com tanta inocência, tanta confiança. Justin lembrou-se de pensar no momento que ele nunca havia sentido o que ele viu irradiando de seus olhos. Mesmo aos dez anos, Justin nunca tinha experimentado esse tipo de fé ingênua em alguém ou em qualquer coisa.

Saindo do meio-fio, ele atravessou a rua tranquila. Quando fez a curta caminhada, ele respirou profundamente, sentindo o ar fresco e limpo da manhã. Justin tinha estado em todo o mundo, incluindo áreas que eram tão densamente arborizadas quanto a sua cidade natal, mas nenhum outro lugar a que ele viajou tinha esse aroma único de pinho. Apenas Hope Falls.

Justin moveu-se para a janela da Leia entre as linhas e levantou a mão na testa, bloqueando os raios fortes do sol da manhã para que ele pudesse olhar através da vitrine de vidro. Assim como o resto da cidade, parecia a mesma. Apenas menor.

O balcão onde ele ficou de pé e esperou enquanto Reed chamava a polícia parecia grande e intimidante na época, mas agora parecia pequeno e inexpressivo. O Sr. Reed nunca acabou de fazer essa ligação. Parker Jacobs, que estava sentado com a filha, lendo no canto, levantou-se e perguntou o que estava acontecendo.

Quando Justin era menino, Parker era o homem mais importante da cidade. Ele o via na maioria de seus jogos de beisebol e vários festivais da cidade. Nos dez anos anteriores a esse dia, Justin nunca havia falado com ele. Ele tinha ouvido a voz dele, claro — você não deixaria de ouvir se

estivesse a uma milha do homem — e ele estava em grupos de crianças que Parker havia abordado. Mas o seu timbre de tom integral nunca foi dirigido exclusivamente a ele.

O coração de Justin bateu forte quando Parker falou baixinho com o irado Sr. Reed. Ele não podia ouvir o que eles estavam dizendo, mas tentou desesperadamente. Finalmente, o lojista ergueu as mãos frustrado e disse:

— Tudo bem. Nós faremos do seu jeito. Mas você é responsável pelo encenqueiro.

Parker acenou com a cabeça e caminhou até o balcão onde Justin estava parado como uma estátua. Ele pediu a Justin para dizer o que ele tinha feito. Justin assumiu a responsabilidade por suas ações, explicando que ele era um vigia. Então ele perguntou a Justin quem eram os outros garotos. Justin permaneceu em silêncio. Ele pode ter sido um encenqueiro, mas não era um dedo-duro.

O silêncio dele enfureceu o Sr. Reed, mas Parker acalmou o homem mais velho mais uma vez, explicando que tudo o que Justin queria dizer era que ele não teria companhia quando colocasse uma nova camada de tinta, não apenas no exterior do prédio, mas no interior também. O Sr. Reed cruzou os braços e bufou, mas concordou com a sentença de Justin. Então foi assim que Justin passou o verão antes do ensino médio. Pintura. Só que Parker estava errado sobre uma coisa, ele não estava sozinho. Ele tinha uma sombra na forma de uma fada loira de olhos azuis. Amanda vinha à livraria todos os dias. Todos os dias ela perguntava se podia ajudar. Ele lhe dava uma pequena tarefa como “guardar” latas de tinta ou certificar-se de que nenhum inseto rastejou para o meio do pano de chão.

Eles passavam seus dias rindo e conversando. Ela sempre trazia o suficiente de seu almoço para poder compartilhar com Justin, o que ele apreciava porque, enquanto ele estava crescendo, a geladeira em sua casa estava cheia de latas altas e não muito mais. Os verões eram os piores, porque pelo menos quando estava na escola, ele geralmente conseguia arranjar um sanduíche ou dois de crianças que torciam o nariz para atum ou salada de ovos. Nos bons dias, ele até conseguia um de geleia e pasta de amendoim.

No final do verão, Parker inspecionou seu trabalho e disse que ele o havia feito muito bem. Algo que ninguém nunca dissera a Justin, a menos que fosse relacionado a esportes. O próximo choque foi que Parker lhe

ofereceu um emprego em Mountain Ridge Outdoor Adventures, o resort que ele possuía e onde morava.

Daquele dia em diante, Justin passou cada minuto que podia em Mountain Ridge. Se ele não estava na escola ou no treino para qualquer esporte na temporada, ele estava trabalhando na terra com Parker — com sua sombra seguindo de perto. Isso durou seis anos até que ele se mudou para o barracão em tempo integral, onde passou mais seis anos.

Um nó se formou na garganta de Justin quando começou a tentar aceitar a verdade de que Parker havia partido. Ele sabia há dias e pensava que havia processado. Mas estar de volta ali, àquela cidade, sem o homem a quem ele devia tanto de sua vida, parecia inconcebível. Justin não sabia como Hope Falls poderia ser Hope Falls sem Parker Jacobs.

— Eles não abrem até as onze — uma voz autoritária soou atrás de Justin.

Justin puxou a mochila para cima de seu ombro e se virou para encontrar um policial a cerca de um metro de distância, com os pés na largura dos ombros, usando óculos escuros de avião com uma expressão severa no rosto.

Espere um minuto. Essa expressão parecia familiar.

— Maguire? — Justin deu um passo mais perto. — Eric Maguire?

Depois que ele tirou os óculos, um grande sorriso apareceu no rosto do velho amigo.

— Droga, você é Barnes?

Os dois amigos apertaram as mãos enquanto se abraçavam.

— Uau, cara. Eu não posso acreditar que você está de volta. — Eric pareceu tão surpreso pelo reaparecimento quanto Justin estava.

— Eu também não — admitiu Justin.

— Você ouviu falar sobre Parker? — Eric perguntou, tristeza tingindo sua voz.

Justin assentiu com a cabeça quando o nó se formou mais uma vez em sua garganta. — Sim. É por isso que eu estou aqui.

Eric levantou as mãos, impotente.

— Foi tão repentino. Ele estava andando na linha da propriedade e um dos caras o viu agarrar o braço e cair. Quando os paramédicos chegaram lá, ele se foi.

Justin balançou a cabeça, ainda tendo dificuldade em acreditar que Parker não estava mais com eles.

— Jake foi o primeiro a chegar. Ele está muito abalado com isso — explicou Eric sombriamente.

Jake, o irmão mais novo de Eric, era o único que rivalizava com Justin no beisebol e no basquete. Eles sempre tinham uma dose bastante saudável de rivalidade competitiva, mas isso só acontecia quando eles estavam em campo ou nos tribunais.

— Jake é um paramédico? — Justin perguntou.

Eric sorriu, obviamente orgulhoso de seu irmãozinho.

— Bombeiro paramédico, sim.

— E como estão Nikki e Amy? Elas ainda estão na cidade também? — Justin perguntou, referindo-se às duas irmãs mais novas de Eric.

— Amy está bem. Sim, ela é professora na escola. E Nikki ainda mora aqui, mas ela é comissária de bordo, então está sempre em uma cidade, estado ou país diferente.

Nada disso surpreendeu Justin. Amy sempre foi quieta e reservada com a cabeça em um livro, e Nikki sempre foi exatamente o oposto. Pelo que Justin podia lembrar, aquela garota escreveu o livro sobre a criança selvagem.

— E você é policial. — Justin acenou com a cabeça, afirmando o óbvio.

— Sim, eu sou policial. — Eric apontou para seu uniforme. — E você? Onde você esteve nos últimos dez anos?

Onde ele não esteve era uma pergunta melhor.

Antes que Justin tivesse a chance de responder ao amigo, o rádio tocou o ombro de Eric. Primeiro, houve estática, e, em seguida, uma voz chamou, falando em números codificados e frases que Justin não entendeu. Eric empurrou o polegar e o indicador contra os lados do pequeno dispositivo preto, falando nele enquanto o fazia.

Ele já estava voltando para sua viatura enquanto dizia a Justin:

— Desculpe, cara. Eu tenho que ir. Mas vamos tomar uma cerveja enquanto você está aqui. Eu sei que Jake adoraria ver sua carranca feia.

Justin levantou a mão.

— Beleza, cara. Se cuida.

Enquanto a poeira voava sob os pneus da polícia, à medida que descia pela Rua Principal, Justin olhou para o relógio no pulso esquerdo. Ele só tinha quinze minutos. Era a hora de ir.





# Capítulo

## 4

— *U*rsinha? — Veio uma voz profunda e retumbante da porta da frente da casa de Amanda. — Você está aqui?

— Na sala de estar, tio Henry — gritou Amanda.

Enquanto Henry entrava na porta usando sua indumentária completa de vaqueiro — chapéu, botas e tudo mais — Trent se inclinou e sussurrou zombeteiramente no ouvido de Amanda:

— Olha, é hora de Howdy Doody no curral OK. — Antes de se levantar e ir até Henry, balançando a mão em uma saudação calorosa.

Amanda de repente teve uma sensação desconfortável na boca do estômago. Quando conheceu Trent há um ano, em uma conferência de pequenas empresas, em São Francisco, onde ele foi apresentador, ela gostou das piadas internas que ele contou a ela. Olhando para trás, ela percebeu que elas tinham sido feitas à custa de outras pessoas, mas na época não parecia assim.

Tinha soado inclusivo, como se fossem apenas os dois e depois todos os outros. Como se eles estivessem em uma bolha construída para dois, flutuando pelo resto do mundo. Agora que suas “observações espirituosas” foram dirigidas a pessoas que ela amava, Amanda viu o que era. Era cruel.

Henry apertou a mão de Trent, dizendo olá, mas quando Henry viu Karina, Lauren e Sam, seu rosto inteiro se iluminou. O coração de Amanda se inchou com a reação do padrinho.

— Bem, aí estão minhas garotas! — ele trovejou. — Eu não vi todas vocês há algum tempo. É tão bom ver todas vocês juntas de novo, do jeito

que tem que ser. Do que vocês costumavam se chamar? O Quarteto Fantástico?

Sam riu.

— Eu não posso acreditar que você se lembra disso. Mas é Quarteto Fabuloso. O Quarteto Fantástico é de super-heróis.

— Bem — Henry disse —, parece-me que qualquer um que possa fazer minha doce ursinha sorrir com tudo o que ela está passando se qualifica como um super-herói. Eu, por exemplo, acho que todas vocês são super-heroínas.

Trent ocupou-se digitando em seu telefone. Sem olhar para cima, ele perguntou:

— Ótimo, todo mundo está aqui. Então, estamos prontos para começar?

Henry fingiu não o ouvir.

— Ooh rapaz, tenho certeza que estou com sede depois que sair de casa. Será que uma de vocês, senhoras amáveis, acha que poderia me trazer um pouco daquele bom e velho chá gelado de “Mountain Ridge”?

Amanda se levantou e entrou na cozinha antes que Henry terminasse a frase ou as outras meninas tivessem uma chance de responder. Ela precisava de um momento para si mesma antes da leitura. A cerimônia não estava marcada para mais dois dias, e Amanda sabia que isso seria quando ela realmente teria que dizer adeus ao pai.

A leitura do testamento, no entanto, trouxe consigo algo quase tão assustador quanto perder seu pai. Hoje marcaria o dia que Amanda temia desde que ela era uma menininha... o dia em que ela seria completamente responsável por Mountain Ridge.

Agora cabia a ela continuar. Ela tinha que colocar um rosto corajoso, mesmo que a verdade fosse que todos, incluindo ela mesma — especialmente ela mesma —, sabiam que ninguém seria capaz de calçar os sapatos do pai. Alguém realmente precisava preencher suas responsabilidades. Isso era um fato frio e difícil. Alguém tinha que dirigir a Mountain Ridge Outdoor Adventures, e como era e sempre fora uma empresa familiar e ela era a única sobrevivente da família, essa responsabilidade recaía sobre seus ombros.

Era um empreendimento tão grande. Havia tantas atividades acontecendo no resort em qualquer dia. Caminhadas, passeios a cavalo,

tiroleza, rafting, caiaque — a lista continuava e continuava. E essas eram apenas as atividades que ofereciam na temporada de verão, o que, graças a Deus, estava chegando ao fim desde o final de setembro.

Respire, ela disse a si mesma enquanto colocava o chá em copos e colocava os copos em uma bandeja. Amanda lembrou-se de que ela teria quase seis semanas para conseguir organizar tudo antes de voltar a abrir para a temporada de inverno. Ela só precisava elaborar um plano e se familiarizar com as responsabilidades do dia a dia de administrar o local.

Realmente administrá-lo.

Não era que ela não quisesse fazer isso. Era só que ela não tinha certeza se podia.

Amanda sempre foi uma sonhadora. Ela poderia se perder por horas em um livro ou mesmo apenas olhando para o céu. Quando ela era pequena, antes de ir para a escola e fazer amizades duradouras, ela teve um mundo de fantasia em que viveu. Incluía cavaleiros com armaduras brilhantes, dragões, bruxas más, duendes amistosos e, é claro, princesas — das quais ela era uma.

Sua mente não foi projetada para administrar um grande negócio como o Mountain Ridge. Nos últimos anos, ela tentou fazer cursos on-line e participar de seminários, como aquele em que conheceu Trent, mas Amanda ainda não se sentia preparada para toda essa responsabilidade. E a última coisa que ela queria fazer era estragar tudo e arruinar o legado de seu pai. Ela nunca se perdoaria.

Colocando as mãos sobre o estômago, que agora parecia ter dois de seus cavaleiros justos de mentirinha, Amanda respirou fundo. Ela poderia fazer isso. Olhando com sua camiseta de algodão azul-claro e jeans, ela ficou feliz ao notar que estavam limpos e que, pela primeira vez em dez dias, tomara banho naquela manhã.

Roupas limpas e um chuveiro podem até não fazer a lista de realizações orgulhosas da maioria das pessoas durante o dia, mas ela estava contando-as como vitórias para si mesma. Passos de bebê. Foi nisso que ela decidiu que precisava se concentrar se tivesse alguma esperança de sobreviver a essa perda trágica.

Endireitando os ombros, Amanda voltou para a sala carregando uma bandeja contendo várias canecas de vidro cheias de chá gelado dourado,



cubos de gelo e raminhos de hortelã descansando perto dos canudos coloridos que saíam de cima.

Trent, que estava encostado na parede ao lado da porta, inclinou-se e perguntou baixinho:

— Estamos em Mayberry?<sup>1</sup>

— Eles são decorativos — Karina defendeu ferozmente, acrescentando baixinho: — babaca.

Amanda queria morrer de vergonha.

Trent, por outro lado, não parecia nem um pouco incomodado. Encolhendo os ombros, ele se empurrou da parede.

— Tanto faz. Então podemos começar agora?

Henry deu a Trent um tapa exasperado no ombro.

— Filho — Henry entoou. — Eu não sei por que você está tão ansioso para começar, já que você nem sequer tem um cavalo nesta corrida, mas a verdade é que nós precisamos esperar que todos estejam aqui. Ainda falta uma pessoa.

Trent parecia tão confuso com aquela afirmação quanto Amanda se sentia. Tomando a liderança, Lauren perguntou:

— E quem seria?

— Eu acho que seria eu — uma voz rouca soou do arco que levava à sala de estar.

Amanda olhou para cima e congelou. Ela não podia acreditar no que ou quem ela viu. Estava imaginando isso? Será que a tristeza tornara seu cérebro tão confuso que ela sofria de alucinações? Ela estava finalmente tendo o colapso nervoso que vinha ameaçando na última semana e meia?

Seus olhos examinaram a grande figura parada na frente dela, tentando absorver o máximo possível antes que a miragem desaparecesse como um copo de água no deserto que um lobo de desenho animado agarrava apenas para cair de cara no chão.

Com um metro e noventa, ele se elevava sobre ela por mais de trinta centímetros. Seu cabelo espesso e castanho-escuro estava arrepiado e despenteado pelo vento, e sua pele e mãos pareciam enrugadas pelo trabalho. Ambas as coisas só adicionaram à sua beleza robusta, que era solidificada por seus ombros largos e braços musculosos. O homem à sua

frente claramente não se esquivava do trabalho duro e físico e parecia fazer bem para ele.

Ele sorriu e acendeu todas as sinapses em seu corpo. Não. Isso não era possível. Ela estava em choque. Descrença total. Pelo menos esse era o estado em que sua mente estava; seu corpo, no entanto, estava em um estado totalmente diferente, enquanto uma sensação de formigamento explodia de seu núcleo e inundava seu corpo como um rio furioso.

— Oi, Amanda.

Ela mal registrou as palavras suavemente faladas. Tudo em que ela podia se concentrar era no fato de que ela estava olhando para os olhos castanho-escuros incrivelmente sexy, os quais ela nunca pensou que veria novamente. Olhos com os quais ela sonhava todas as noites (e dias!). Olhos que, com uma mirada, fizeram com que ela sentisse algo que acreditava honestamente ser impossível... completa.

Em um instante, ela sabia que era verdade. Ele estava realmente ali. Ela sentiu como um raio antes de seu corpo inteiro ficar completamente entorpecido. A bandeja de potes de chá gelado escorregou de seus dedos e caiu no chão. Em algum canto remoto de sua mente, ela sentiu que ficava repentinamente desajeitada, ouviu o barulho quando caíram no chão e sentiu o líquido gelado espirrar em suas panturrilhas. Mas tudo parecia longe o suficiente para estar acontecendo em um filme ou em um sonho. Sua realidade encolheu para o par de olhos magnéticos que pareciam chegar à alma dela.

Em uma voz minúscula e trêmula que era tudo o que ela conseguia reunir, Amanda respondeu:

— Oi, Justin.



Justin tinha pensado estar preparado para como se sentiria naquele momento. Agora que ele o estava experimentando, sabia que estava delirando ao pensar que poderia estar pronto para isso. Uma coisa era certa. Ele não estava mais dormente. Seu corpo inteiro vibrava com consciência intensificada. Enquanto olhava fixamente para as majestosas

piscinas azuis dos olhos de Amanda, ele sentiu a realidade elétrica de sua intensa conexão chiar através de cada célula de seu ser.

Sua consciência não acabava aí, no entanto. Ele também estava muito consciente de que a sala inteira tinha ficado tão silenciosa que você podia ouvir um alfinete cair. Era como se a presença dele tivesse sugado todo o som do espaço. O único som que Justin podia ouvir era o do coração batendo forte contra as costelas. Tão poderosamente, de fato, que parecia que os ossos eram a única coisa impedindo esse órgão que batia tão rapidamente de sair do seu corpo.

Embora ele estivesse ciente das outras pessoas na sala, a única que podia ver era Amanda. Ninguém mais existia além do anjo de cabelos loiros e olhos azuis parado na frente dele. Justin teve que se lembrar de respirar enquanto olhava para sua beleza etérea.

Ao crescer, ele perdeu o fôlego mais vezes do que poderia contar, fosse por brigar com seus amigos, por praticar esportes, ou nas mãos de seu pai. Mas ele nunca experimentou aquela sensação tão familiar e única quando adulto. E ele com certeza nunca sentiu isso sem qualquer contato físico.

Mas, enquanto ele estava na frente da garota que roubou seu coração há mais de uma década e nunca o devolveu, foi exatamente como ele se sentiu. Sem fôlego.

Nos últimos dias desde que ele soube que veria Amanda novamente, uma parte pequena, cínica ou talvez autoconservadora de Justin tinha raciocinado que ele poderia tê-la feito algo que ela não era. Que a perfeição, a beleza e a inocência de que ele se lembrava eram, na verdade, mais uma fantasia construída a cada segundo, a cada minuto, a cada hora, a cada dia, a cada ano que se separaram até chegar às proporções do Monte Everest.

Agora, enquanto ele mergulhava em seus grandes olhos de safira emoldurados por cílios grossos e escuros, a pele macia e cremosa de suas bochechas fazia suas mãos coçarem para alcançar e tocá-la, e seus lábios — seus lábios rosados e cheios que faziam o corpo de Justin doer com uma necessidade palpitante — ele sabia que não exagerara em seu sedutor e inocente fascínio ou em sua reação a ele.

A única coisa maior do que a reação física de Justin — que era mais forte do que um trem de carga descontrolado — era sua resposta emocional crua. Todos os sentimentos que ele reprimiu, empurrou e

esmagou entraram em erupção dentro dele como um vulcão de emoções quentes no momento em que seus olhos encontraram os dela. Ele sentia tanto sua falta que sua alma doía.

Seu corpo parecia estar entrando em choque. Amanda dominou seus pensamentos por tanto tempo que ele não sabia como era uma existência sem sentir sua falta. Sim, Justin tinha criado uma vida para si mesmo. Ele tinha amigos, um emprego e até relacionamentos. Mas ela estava sempre em sua mente, em seu coração, em sua alma. Ela era tão parte dele quanto seu DNA.

Tanto que Justin sinceramente não sabia como tinha vivido tanto tempo sem vê-la. Olhando nos olhos dela agora, ele sentiu como se precisasse dela mais do que precisava de sua próxima respiração. Ela era mais vital para ele do que oxigênio, comida ou água. Ele não podia entender como havia sobrevivido sem ela. Então o atingiu. Nos últimos dez anos, foi exatamente isso que ele fez. Ele sobreviveu. Não viveu.

Olhando nos olhos de Amanda, Justin estava vivo.



# Capítulo

## 5

Amanda percebeu seus sentidos voltando para ela. Não devagar ou pouco a pouco, mas, sim, em uma onda de pelos frenética voando por ela. Ela sentiu um volume quente e peludo bater em suas pernas quando uma forma escura e distintamente canina passou por ela para dentro do cômodo, quase derrubando-lhe. Ela deu uma segunda olhada.

*Era... Isso poderia ser... Teddy?*

Seu labrador preto não se movia de uma maneira que poderia ser descrita como mais rápida do que “passear” em provavelmente dois anos. Este poderia ser o mesmo cachorro? A pergunta sobre o que poderia ter inspirado essa súbita explosão de energia frenética não foi difícil para Amanda responder. Justin. Claro, Justin.

Se havia alguém no mundo que amava Justin tanto quanto Amanda, seria seu doce menino, Teddy. Durante todo o primeiro ano de sua vida de filhote, ele seguiu Justin o dia todo, como um patinho atrás de sua mãe. Enquanto Justin cuidava de suas tarefas diárias, executando tarefas que o levavam a todos os cantos da imensa propriedade, Teddy nunca estaria a mais do que alguns metros de distância. Amanda costumava brincar que ele era mais cachorro de Justin do que dela. Mas ela não se importava. Parecia apenas mais um fio no laço que os unia.

Mas Amanda nunca teria adivinhado que a devoção do filhote, ou mesmo sua memória, se estenderia ao longo de uma década. No entanto, ali estava ele, o focinho grisalho e tudo, pulando pelas pernas de Justin

como se ele fosse um filhote novamente. Amanda não se lembrava da última vez em que tinha visto tanta alegria nos olhos de seu filho idoso.

No show canino que Teddy exibira ao se comportar como um filhote, ela se viu rindo com as meninas e Henry, e, assim, a tensão foi magicamente quebrada.

Henry se aproximou de Justin, deu-lhe um caloroso aperto de mão e disse:

— Bem-vindo ao lar, filho. Já faz muito tempo. Você não é um homem fácil de rastrear. E estou feliz em vê-lo, embora talvez não tão feliz quanto algumas pessoas na sala. — Ele se abaixou e coçou a cabeça de Teddy enquanto dava o último salto, mas a piscada clandestina que ele deu, que apenas Amanda pôde ver, a deixou alerta. Ela sabia que suas palavras não estavam se referindo só a Teddy.

Amanda, corando, inclinou-se e começou a pegar as canecas, agora vazias de chá gelado, antes de colocá-las de volta na bandeja. No segundo que ela o fez, Lauren, Karina e Sam entraram e pegaram trapos, a bandeja e as outras xícaras, dizendo que cuidariam de tudo e que ela não se preocupasse com aquilo.

Amanda ficou de pé, segurando uma xícara solitária na mão, enquanto tentava recuperar o equilíbrio, física e emocionalmente.

Perder seu pai havia virado seu mundo de cabeça para baixo. Justin retornando tinha virado do avesso. Ela não sabia o que fazer. O que dizer. Para onde olhar.

Totalmente perdida, ela se virou, voltando para a cozinha, usando a rápida viagem para colocar o copo na pia como uma oportunidade de recuperar o controle — tão sob controle quanto ela poderia estar, pelo menos. Ela jurou para si mesma que, mesmo que ela fosse uma bagunça abalada por dentro, seu rosto, voz e gestos não a trairiam. Ela precisava ser forte para que, pelo que Justin ou qualquer outra pessoa na sala fosse capaz de dizer, o retorno de sua alma gêmea de infância não fosse nada além de um pontinho em seu radar.

*Ela poderia fazer isso... certo?*

Depois de algumas respirações profundas e limpas, ela sabia que não podia evitar o inevitável e, quando voltou para a sala de estar, sorriu para todos os rostos felizes que viu e vozes risonhas que enchiam o ar. Karina, em particular, parecia especialmente animada ao ver Justin. Amanda

lembrou que Karina e Justin sempre se deram bem. Eles sempre apreciaram o senso de humor um do outro e desfrutaram de uma rivalidade lúdica. Amanda esperava que essa dinâmica entre eles, ainda obviamente em pleno vigor, servisse como um amortecedor para suas próprias interações com Justin até que ela pudesse controlar melhor a turbulência interna que estava tendo um desfile pela rua principal de seu coração e mente.

Trent, parecendo totalmente indiferente ao fato de que Amanda tivesse alguma reação à chegada de Justin, levantou a mão e apontou para os sofás, dizendo, em vez de perguntar:

— Tenho certeza de que todos temos lugares para estar. Devemos todos nos sentar e começar isso?

Henry balançou a cabeça e riu com tristeza.

— Sim, meu filho, por qualquer que seja o motivo do seu desespero, ficará feliz em saber que agora podemos colocar esse show na estrada.

Enquanto se encaminhavam para os sofás, Trent passou o braço pela cintura de Amanda e se inclinou, sussurrando em seu ouvido do modo como, até uma hora atrás, fazia com que ela se sentisse especial:

— Você parece abalada. Mas não se preocupe. Depois de ouvirmos os termos do testamento e falarmos sobre os valores concretos da propriedade e do negócio, teremos uma ideia muito mais clara do que precisamos fazer.

Amanda notou que Karina, Sam e Lauren trocaram um olhar desconfiado quando se sentaram.

— Nós? — Karina murmurou para Lauren, incrédula, e Lauren deu de ombros.

Há alguns minutos, Amanda ficaria constrangida com a reação de suas amigas. Ela se sentiria responsável por Trent e não queria que eles pensassem mal dele. Mas isso foi antes do retorno de Justin. Agora, cada célula do corpo dela estava muito ocupada por estar em sobrecarga mental, emocional e física para deixar qualquer espaço para o constrangimento se infiltrar. Neste momento, tudo o que ela estava tentando fazer era lembrar de respirar.

Quando Justin se acomodou na poltrona reclinável em frente ao sofá, Teddy pulou no seu colo e se enrolou em uma bola. Ele bufou satisfeito enquanto colocava o queixo no braço da cadeira como se nem notasse que

sua forma enrolada tinha quase o dobro do tamanho do colo de Justin. Amanda sentiu o coração se expandir com a visão.

Samantha sorriu.

— É como se ele achasse que é um chihuahua.

Amanda sorriu tristemente.

— Eu acho que ele pensa que é um filhote de cachorro novamente. — Ela olhou para cima, e seu olhar se fixou nas poças de chocolate de Justin em que ela poderia facilmente se afogar.

Suas mãos tremiam no colo. Na verdade, parecia que todo o seu corpo tremia como uma folha ao vento. Amanda ainda não conseguia acreditar que Justin estava ali. Na sala dela. Ela ainda estava com medo de que ele desaparecesse se ela piscasse como o copo de água no deserto. Justin continuou a coçar a cabeça de Teddy enquanto eles olhavam nos olhos um do outro, e um sorriso melancólico percorreu seu rosto até combinar com o que Amanda estava usando.

Henry pigarreou e abriu a pasta.

— Tudo certo. Que tal começarmos, então?

Quase como uma entidade, cada cabeça na sala girou para enfrentar Trent. Amanda olhou ao seu lado para ver que ele não parecia afetado pela nova atenção. Ele parecia ansioso para ouvir o que Henry tinha a dizer.

Henry pegou um punhado de papéis da pasta maltratada e colocou-os na mesinha de centro à sua frente. Ele passou por eles e tirou um pacote grosso, parecendo oficial. Ele olhou em volta para os rostos esperançosos na sala, e Amanda podia jurar que realmente viu um brilho em seus olhos.

— Bem, ursinha, vamos direto ao ponto. Existem basicamente dois ativos principais que seu pai deixou para você. Um delas é esta casa e a propriedade em que se encontra, e uma delas é a Mountain Ridge Outdoor Adventures. A casa é direta. Ele deixou diretamente para você. O parque de aventura é um pouco mais... interessante.

— Interessante? — Trent estava definitivamente prestando atenção agora. Ele não olhou para o celular uma vez desde que Henry começou o processo.

— Eu acho que é interessante — disse Henry com um pequeno sorriso. — Veja, seu pai deixou para você oitenta por cento do parque e vinte por cento para o Justin aqui.



— O quê?! — Essa exclamação de surpresa surgiu dos lábios de ambos Justin e Trent simultaneamente, embora com diferentes tons. Amanda notou que, enquanto Trent e Justin pareciam realmente chocados e surpresos, havia uma irritação definitiva subjacente à exclamação de Trent.

— Eu não entendo. — A voz de Justin parecia tensa. — Henry, quando você me disse que Parker deixou algo para mim, eu estava esperando uma... lembrança, um sinal. Algo pequeno, mas significativo.

— Bem, filho. — Henry sorriu, claramente divertido. — Você estava meio certo. Você estava esperando algo pequeno e significativo, e o que você conseguiu foi algo grande e significativo. Eu diria que é melhor, no fim das contas.

— Me desculpe. Quem é você? — perguntou Trent em um tom falsamente amigável.

— Justin morava aqui — interpôs Amanda imediatamente, sem dar a Justin a chance de responder. Seu tom protetor surpreendeu até a si mesma. — Ele foi o braço direito do meu pai por muitos anos. Ele era como um filho para ele.

Um arrepio desceu pela espinha de Amanda quando seus olhos se voltaram para Justin e viram o olhar de pedra fria que gritava macho alfa sendo direcionado para Trent. O poder de seu apelo sexual acima do normal acelerou as batidas do coração já agitado de Amanda para o triplo da velocidade.

O olhar duro de Justin nunca deixou Trent quando ele perguntou com um tom baixo e autoritário

— E quem é *você*?

— Sou o namorado de Amanda — disse Trent territorialmente, passando o braço pelo ombro dela.

O toque de Trent enviou um tipo totalmente diferente de frio pelas costas dela. Era da variedade desconfortável. Os dois homens se encararam por um momento, claramente avaliando um ao outro. A atmosfera na sala parecia que era uma panela de pressão prestes a implodir. Amanda queria mais do que qualquer outra coisa se afastar do abraço de Trent. Ela odiava confronto de qualquer forma.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Karina fez o que fazia melhor.

— Ok, pessoal. Olha, se vocês realmente vão fazer isso, por que não pular a conversa e podemos resolver isso de uma vez por todas? Coloquem pra fora e podemos ver quem tem o maior pa...

— Karina! — Amanda interrompeu.

— O quê? — Sua amiga de cabelos escuros encolheu-se sem pedir desculpas. — Estou falando sério. Se este é um concurso de mijo, então vamos. Caso contrário, vamos apenas continuar com a leitura, não é? Amanda não precisa dessa porcaria. Ela já passou o suficiente.

Amanda sempre apreciara o fato de que sua amiga era ousada, e alguns até diriam que ela era uma espertinha, mas ela nunca quis beijá-la como queria agora.



Este era um concurso de mijo, e de jeito nenhum Justin iria recuar e desviar o olhar primeiro. A última coisa no mundo que ele queria fazer era perturbar Amanda, mas ele estava a cerca de dois segundos de nocautear o aspirante a “Saved by the bell” que tinha o braço ao redor dela.

— Tudo bem — Justin concordou, mas seu olhar não vacilou.

Trent, no entanto, não se dirigiu a Justin, em vez disso, dirigiu sua pergunta a Henry.

— Eu não entendo como essa pessoa de quem eu nunca ouvi falar antes poderia receber vinte por cento dos negócios de Amanda, quando ele não fez nada para isso.

— Trent, pare. Eu não tenho problema com isso. Na verdade, acho que é exatamente assim que deve ser. — Amanda olhou para o namorado enquanto se afastava dele. No segundo que o idiota não a estava mais tocando, Justin sentiu como se o bloco de cimento que havia sido encaixado em torno de seu peito quebrasse e ele pudesse respirar novamente.

Justin sabia que não tinha o direito de se sentir assim. Que ele não tinha o direito de sentir algo sobre Amanda. Ele não tinha o direito de se sentir tão feliz quando parecia que havia problemas no paraíso entre esses dois, mas isso não mudava o fato de que ele estava feliz.

— Bem, é uma coisa boa você se sentir assim, ursinha. Porque tem mais uma condição — continuou Henry, erguendo as sobrancelhas espessas e olhando entre Justin e Amanda.

— Que condição? — perguntou Amanda.

Foi a pergunta que Justin não conseguiu formar em seu cérebro em estado de choque.

— Simplesmente isto: embora você, Manda, possua oitenta por cento e Justin apenas vinte por cento, ambos precisam concordar com grandes decisões sobre a propriedade. Por exemplo, vendê-la. Vocês dois precisariam assinar. Em segundo lugar, nenhuma decisão sobre o futuro do parque pode ser tomada até que você e Justin tenham trabalhado juntos por pelo menos um mês inteiro. Depois desse tempo, se ambos concordarem em vender, vocês podem seguir esse caminho. Mas vocês vão ter que administrá-la juntos por um mês inteiro antes disso.

Justin não podia acreditar no que estava ouvindo. Isso tinha que ser um erro. Depois da maneira como as coisas terminaram entre ele e Parker, não havia como ele lhe dar uma porcentagem do negócio.

— Quando isso foi elaborado? — Justin perguntou, certo de que deveria ter sido há pelo menos dez anos.

— Cinco anos atrás. — Henry olhou Justin bem nos olhos enquanto falava.

*Cinco anos?*

— Cinco anos — Henry repetiu como se estivesse lendo a mente de Justin. — Logo depois que ele desistiu de tentar encontrar você. Aquele homem esgotou todas as possibilidades de procurar por você, filho. Por anos.

*Parker estava procurando por mim?*

Trent olhou entre Henry, Amanda e Justin.

— Eu não me importo quando o testamento foi elaborado. Isso nunca vai se sustentar no tribunal. Henry, acho que beira a negligência que você mesmo tenha elaborado esse documento.

Henry olhou para Trent.

— Bem, filho, seu conhecimento legal à parte, o fato é que, para ver se o testamento se sustentaria no tribunal, você realmente teria que contestá-lo no tribunal.

Trent parecia não se incomodar.

— Não temos nenhum problema com isso.

Henry olhou para Amanda, que parecia tão chocada quanto Justin.

— Ursinha, é isso que você realmente quer? Esqueça por um momento se isso está em terreno legal que é tão instável quanto areia movediça ou sólido como granito. O que sabemos com certeza é que este documento representa os desejos do seu pai de como ele queria ver as coisas acontecerem. Você realmente quer ir ao tribunal e pedir ajuda para deixar seus desejos de lado, como se eles nem importassem?

Amanda piscou, parecendo que alguém acabara de lhe dar um tapa no rosto.

— O quê? Não. Oh, meu Deus. Trent, eu nunca levaria isso ao tribunal. Eu acho ótimo que o Justin possua vinte por cento. Papai amava Justin. Eu não me importaria se ele tivesse metade.

Trent se aproximou de Amanda com um olhar “preocupado” em seus olhos e escovou um fio de cabelo que havia caído sobre a testa dela atrás da orelha. Pode ter parecido um gesto doce para todos os outros, mas para Justin parecia condescendente demais. Justin teve que fechar as mãos ao seu lado para evitar arrancar com um soco o olhar presunçoso do rosto do menino bonito.

O maxilar de Justin ficou tenso quando Trent pousou a mão na coxa de Amanda e falou com um tom tranquilizador:

— Amanda, acho que você não entende. Se você não contestar esse testamento, isso atrasa nossa capacidade de vender esse lugar e tirar você daqui, pra longe de todo esse estresse, por um mês.

— O quê? — Amanda franziu a testa enquanto levantava as mãos e balançava a cabeça enfaticamente. — Trent, não sei de onde você tirou a ideia de que eu queria vender o Mountain Ridge. É a minha casa. É onde eu cresci. É o legado do papai. Eu não quero vendê-lo. Eu nunca quis vender. Eu não vou a lugar nenhum.

— E se Justin partir antes do mês acabar? — Lauren perguntou rigidamente.

— Lauren! — Amanda virou a cabeça para a amiga, os olhos arregalados.

— O quê? — Lauren disparou de volta. — É uma pergunta justa se ele mantiver o histórico.

— Eu mereço isso — Justin concordou, porque era verdade. Ele também queria tentar difundir essa situação antes que Amanda ficasse mais chateada.

— Você merece mais do que isso. — Lauren olhou para ele com um brilho não tão agradável em seus olhos.

— Lauren, pare com isso. — O tom de Amanda estava soando mais e mais irritado.

Henry levantou as mãos.

— Ok, pessoal. Vamos resolver isso. Os ânimos estão exaltados agora. Foi um dia cheio de emoções. Por que não fazemos uma parada por enquanto? Amanda tem o serviço memorial para se preparar, e todos esses detalhes podem esperar até a próxima semana. Eu vou até o prédio principal da administração e então Manda, Justin e eu podemos ter uma reunião. Vamos esclarecer todos os detalhes.

Henry olhou para Trent quando deixou claro quem seriam os participantes daquela reunião.

Amanda assentiu com a cabeça.

— OK. Isso soa bem. Isso soa muito bem. Eu acho que preciso me deitar.

O coração de Justin se partiu quando ele viu como ela parecia abalada. Ele queria confortá-la. Abraçá-la. Como ele não podia fazer nenhuma dessas coisas, simplesmente ficou de pé, torcendo para que todos os outros seguissem sua liderança.

— Tudo certo. Bem, vou sair do seu caminho para que você possa descansar.

— Onde você está hospedado, Justin? — Amanda olhou para ele, sua voz soando insegura.

— Eu vim direto pra cá depois que desci do ônibus e deixei minha bolsa no corredor da frente. Eu imaginei que eu andaria pela cidade e veria se Sue Ann ainda aluga o quarto em cima do café — Justin respondeu.

— Ah... tudo bem. — A voz de Amanda tremeu um pouco quando ela assentiu. Justin notou que suas mãos também estavam tremendo quando ela as torceu na frente dela. — Bem, se você não quiser voltar para a cidade, pode ficar no seu... ou, um... no alojamento dos fundos. Está vazio.

Os olhos de Justin olhavam para ela como eram desde crianças e ele queria ver se ela estava mentindo sobre quanto chiclete ela havia deixado ou se ela estava bem (ela não estava!) Quando caiu da bicicleta. Se ela o queria aqui, então este era o lugar onde ele iria ficar; mas, se ela estava apenas tentando ser hospitaleira ou se se sentia obrigada, então não havia como aceitar a oferta.

— Você tem certeza?

Amanda assentiu, e ele viu lá nos olhos dela — ela não queria que ele partisse, assim como ele não queria ir.

— Ok — Justin concordou.

Foi quando ele foi recompensado com a única coisa que sempre corrigiu seu mundo louco, doloroso e confuso — o sorriso de Amanda Jacobs.





# Capítulo

## 6

Lençóis e cobertores torcidos estavam embrulhados desajeitadamente em torno dos membros de Amanda das horas gastas se virando em sua cama. Ela tinha certeza de que estava tendo um pesadelo, exceto pelo fato de ainda estar acordada. Calor percorreu seu corpo, alternando com flashes congelantes, até que ela honestamente tinha certeza de que estava ficando louca. Ela se perguntou vagamente se tinha sido acometida por alguma doença física debilitante, se estava sofrendo de algum tipo de gripe rara, talvez, ou da peste bubônica. Nada estava fora de questão. Todas as suas articulações doíam e seu estômago parecia enjoado. Ela não conseguia recuperar o fôlego e, quando colocou a mão na testa, poderia jurar que se sentia febril.

Ainda assim, a grande diferença entre o que ela estava sentindo e uma verdadeira doença física que ela não podia deixar de notar era que, alternando com os sentimentos instáveis e doentios, havia sensações de satisfação e pura alegria. Suas articulações e músculos trocaram a dor pelo formigamento.

Não, se fosse sincera, teria que admitir para si mesma que se tratava de uma doença do amor antiquada. Toda sensação percorrendo seu corpo aquela noite, tanto positiva quanto negativa, poderia ser atribuída ao retorno de um certo Sr. Justin Barnes.

Porra, Justin.

Foi só recentemente que ela o superou, e então ele tinha que voltar para valer para sua vida, parecendo mais sexy do que qualquer ser humano

tinha o direito de conseguir.

Bem, ok, talvez a parte “finalmente o superou” tenha sido um pouco exagerada. Mas pelo menos agora havia alguns dias em que ela podia passar uma hora inteira sem pensar nele a cada minuto. E Deus sabe que nem sempre foi o caso. Ela estava em um espaço mental muito melhor agora, no que se referia a ele, do que costumava estar e tinha trabalhado muito duro para chegar lá.

No entanto, em uma fração de segundo — sim, um minúsculo segundo foi o suficiente para destruir completamente anos de trabalho duro para tentar fazer o que ele havia pedido: esquecê-lo. Naquele instante, quando passou pela porta, ele quebrou toda aquela paz de espírito em pedaços.

Agora ela tinha que admitir para si mesma que não o havia superado. Se ela tentasse negar isso, seu estômago enjoado e a dor nas articulações lhe diriam outra coisa.

Amanda se afastou do colchão, desembaraçando-se quando se sentou e suspirou. Ficou claro que o sono não estava na agenda naquela noite. Ela estava tentando há horas e não tinha conseguido nada perto de se aproximar do estado relaxado e lânguido que permitiria que ela dormisse. Não, se alguma coisa, ela estava em tal estado de espírito sobrecarregado que sentia como se seus nervos tivessem fios vivos ligados a eles. Ela pulou com cada pequeno barulho. Nesse ritmo, não sabia se voltaria a dormir.

Sim, estava sendo dramática. Não, ela não se importava. O maldito Justin Barnes estava de volta em sua vida. Ser dramática era lidar bem com as coisas, na opinião dela.

Amanda se perguntou se vê-la novamente estava afetando Justin da mesma forma que vê-lo novamente a afetara. Decidindo fazer um pequeno trabalho de detetive para responder a essa pergunta, ela foi até a janela do quarto — a que tinha uma visão clara da varanda da frente do barracão.

Uma sensação de *déjà vu* correu através dela. Isso estava longe de ser a primeira noite sem dormir que ela passara, seus olhos fixos na varanda da frente do alojamento, sua mente, corpo e alma completamente consumidos com a consciência alternadamente feliz e torturante de que Justin estava por perto.

Mas como os anos se passaram na ausência de Justin, ela se convenceu de que era uma afetação adolescente. No entanto, ali estava ela, uma



mulher adulta, ainda se revirando e lançando olhares furtivos para a pequena cabana onde Justin dormia. Ela estava tão afetada por sua presença, agora, quanto tinha ficado quando era uma adolescente boba.

Ela seriamente precisava se controlar.

Enquanto Amanda tentava de tudo em seu poder para retardar sua respiração, acalmar sua frequência cardíaca, tornar-se novamente a adulta racional que lutara tanto para ser, o pensamento persistente do qual ela não conseguia se livrar era:

*Será que Justin está passando pelas mesmas coisas que eu agora? A agonia e o êxtase? Ele está sendo atormentado, como eu estou, com flashes alternados de dor e felicidade?*

Depois do fracasso que foi a leitura do testamento, Justin perguntou a Amanda se ela precisava de alguma coisa. Perguntou se ela estava comendo. E depois que ela o convenceu de que não precisava de nada e que estava se alimentando, ele foi direto para o barracão e Amanda não o viu novamente. Ela pensou que, talvez, depois que Trent e Henry saíssem, ele voltaria para a casa principal, verificaria, ou talvez, oh, você sabe... apenas ver como ela tinha passado *os últimos dez anos*.

Mas ele não tinha feito isso.

Mudando o peso de um pé para o outro, Amanda mordeu o lábio. Não importava o quanto tentasse, ela não conseguia parar de imaginar o que ele poderia estar passando ali. Então, a inspiração a atingiu como um caminhão. Ela poderia simplesmente descer e verificar. Em vez de ficar obcecada com o que poderia ou não estar ocorrendo por trás daquelas quatro paredes de madeira, ela podia ver por si mesma.

Ela era uma adulta, não uma adolescente se esgueirando para espionar seu amor não correspondido. Era hora de falar e andar de cabeça erguida. Literalmente. Ela só iria vestir a calcinha de moça adulta. Metaforicamente. E depois colocar um suéter, calçar seus tênis, descer até o barracão e bater na porta. Literalmente.

Qual era o pior que poderia acontecer?

*Ele foi embora*, a resposta a atingiu como um golpe de caratê em seu peito.

Bem, se isso fosse o pior que poderia acontecer, então não havia razão para não tentar. Ela já tinha tropeçado nessa pedra, caído e tinha a cicatriz para provar.

Suavemente ela girou a maçaneta dourada da sua porta, entrou no corredor e fechou-a atrás dela com um toque suave e silencioso. Seu ritmo cardíaco acelerou a cada passo enquanto ela andava pelo corredor e pelas escadas o mais leve possível, para não acordar as meninas. Ela não queria companhia nessa viagem, e olhos curiosos também não eram bem-vindos.

Ela se sentiu como um ninja quando saiu para a missão da meia-noite.

Quando chegou à porta dos fundos, ela novamente fez todos os esforços para ser tão furtiva quanto um gatuno ao abrir e fechar a porta externa. Este encontro noturno era entre Amanda e Justin, ninguém mais.

No momento em que seus pés deixaram o último degrau da varanda coberta dos fundos, o ar fresco foi como agulha contra a sua pele, fazendo-a sentir-se ainda mais alerta enquanto descia a trilha desgastada do caminho para o barracão. Embora, na última década, ela tenha feito tudo o que estava ao seu alcance para evitar ter que percorrer este caminho, passando por ele agora, ela não podia negar que ainda se sentia incrivelmente familiar. Cada passo era um amigo velho e conhecido, e o formigamento de antecipação que ela sentia toda vez que passava por esse caminho, no passado, retornou com força total. Ele levava a um lugar e a um lugar apenas... o barracão. Se ela estava nele, estava a caminho de Justin. Esse era seu único propósito, e esse conhecimento sempre foi — *sempre* — delicioso em algum aspecto, não importando quanta trepidação também colorisse essa excitação.

Quando ela se aproximou da varanda da frente do barracão, ouviu um som que a cortou até o núcleo.

Ronco.

*Sério?*

Aproximando-se, ela colocou as mãos em volta dos olhos e os pressionou contra a janela, esforçando-se para enxergar.

O luar brilhando através da janela desafogada iluminando a visão de Justin, totalmente vestido, esparramado na cama de solteiro no canto do pequeno espaço, espertamente usando sua mochila como travesseiro.

*Incrível!*

Não só ele era capaz de dormir, ele estava tão ansioso para conseguir dormir que nem se dera ao trabalho de se despir. Pelo que Amanda podia ver, parecia que ele estava em um sono tranquilo, não um sono intermitente. Não houve febres e movimentos noturnos, vulneráveis a

serem despertados pela menor perturbação. Não. Ele estava frio, imóvel e roncando sonoramente sem preocupação alguma.

Então lá estava. Ali estava a prova. Ele podia estar de volta, mas esta era uma prova irrefutável de como vê-la novamente o afetava. De modo nenhum.

*Bem, isso é ótimo*, ela pensou enquanto girou sobre os calcanhares e se preparou para voltar no mesmo pé que tinha vindo, sentindo-se como uma idiota por pensar que ele estaria passando por algum conflito ou atormentado por este reencontro agri-doce.

*Pelo menos eu sei o que esperar.*



# Capítulo

## 7

— Ouça, Amanda. Meu ponto é que, quando éramos crianças, não era só que Justin falasse sobre sair de Hope Falls; é que ele falava *muito* sobre isso. Honestamente, fiquei chocada por ele não ter pegado um ônibus em seu décimo oitavo aniversário. No entanto, isso não é o que me incomoda. Quero dizer, todas nós saímos também. A diferença é que deixamos a cidade, não as pessoas. Justin deixou os dois. Proteja seu coração — Lauren advertiu sabiamente enquanto guiava o carrinho de compras pelo corredor. — Tudo o que eu estou dizendo é... apenas... proteja seu coração.

O quarteto fabuloso havia feito uma viagem especial ao Lago Tahoe pela manhã. A primeira parada foi o café da manhã na Heidi's na Highway 50 — porque era tradição e todos que já viram *Flores de Aço* sabem que não se brinca com tradição — e agora eles estavam enchendo seus carrinhos no Grocery Outlet Bargain Market com suprimentos para a recepção que seria na casa de Amanda após o serviço memorial.

— Eu tenho que discordar de você, minha querida Lauren. Justin era jovem quando partiu. Ele tinha menos de 25 anos na época. — Karina pegou uma uva da bolsa que segurava na mão e a colocou na boca.

As sobrancelhas de Lauren se franziram quando ela olhou para Karina como se ela tivesse alguns parafusos soltos.

— E o que exatamente ter menos de vinte e cinco anos tem a ver com isso?

— Você sabe. — Karina dobrou a esquina, pegou algumas batatas fritas e jogou-as na pilha que estava se acumulando no carrinho. — Ele tinha a doença de menos de vinte e cinco.

Lauren sorriu.

— Doença de menos de vinte e cinco? Enquanto suspeito que a Associação Médica Americana ainda precise definir isso como um distúrbio legítimo, por favor, compartilhe conosco os sintomas, Dra. Blackstone.

Um largo sorriso apareceu no rosto de Karina.

— Com prazer. Os sintomas mais comuns da doença de menos de vinte e cinco anos são: você acredita em seu namorado quando ele diz que estava “apenas conversando” com sua ex até as três da manhã. Você dá a ele os últimos dois mil dólares em sua conta bancária “até a próxima quinta-feira”. Você o deixa dormir no seu sofá por dois dias que se transformam em dois meses, et cetera, et cetera, et cetera.

— E não se limita apenas ao que você permite que seu parceiro faça sem punição. É uma condição que se espalha para relacionamentos não-românticos, por exemplo: você vai ao cinema sozinha e depois mente onde estava só para ver se ele sabe quando você está mentindo. Você honestamente acha que o flerte sexy que está acontecendo com o seu colega de trabalho é totalmente inofensivo, e sim, é quando você foge das coisas quando elas ficam muito intensas, em vez de correr em direção a elas. Você aprende com todas essas coisas terríveis e cresce. Geralmente por volta dos vinte e cinco anos, descobri. Por isso, o nome da doença.

Samantha não parecia convencida.

— Eu conheço pessoas que já passaram dos vinte e cinco anos e ainda estão fazendo todas essas coisas, talvez até coisas mais idiotas.

— Bom argumento. — Lauren acenou para Samantha.

Karina acenou como se isso como insignificante.

— Bem, sim, obviamente. É uma doença. Nem todo mundo vai se recuperar dela. Mas meu ponto é: acho que você deve a Justin pelo menos o benefício da dúvida. Veja se ele a tem. Eu acho que, os últimos dez anos à parte, ele é um cara legal.

Amanda sorriu, lembrando-se de inúmeras vezes em que os dois a fizeram rir tanto que ela ficava com medo de fazer xixi nas calças. Eles eram uma dupla bastante cômica.

— Vocês sempre se deram bem.

— Sim, nós nos demos — afirmou Karina. — Porque eu tenho bom gosto, e ele também, obviamente. Ele gosta de mim, ele ama você. É praticamente oficial. Gosto impecável.

Uma gargalhada explodiu de Amanda pelo absoluto absurdo da declaração de Karina.

— Ele não me ama, Kar. Isso é ridículo.

Karina sacudiu a cabeça.

— Isso não é o que seu olhar ardente estava me dizendo ontem.

— O quê? — Amanda sentiu um pequeno lampejo de esperança acender em seu peito. É claro que ela pensou que ela e Justin estavam trocando algumas vibrações bem significativas no dia anterior, mas depois de sua pequena expedição no estilo ninja na noite passada, ela atribuiu sua avaliação inicial ao pensamento positivo, como ela obviamente fizera quando adolescente. Ainda assim, conseguir uma segunda opinião nunca faria mal a ninguém.

— O que você quer dizer?

Karina subiu e desceu as sobrancelhas sugestivamente.

— Eu quero dizer que Justin estava enviando sinais sérios mais ou menos como: “Amanda, eu quero você. Amanda, eu quero te ter, agora mesmo, no meio da leitura do testamento.”

Lauren olhou para Karina com algo perto de pena.

— Quanta classe, Karina. Classuda de verdade.

Sam concordou:

— Ele definitivamente estava emanando essas vibrações. Eu não sabia o que você estava sentindo, Mand. Você parecia estar em estado de choque. Como se tivesse visto um fantasma. — Ao se aproximar, Sam passou o braço por Amanda como elas faziam quando eram jovens e tinham feito a abertura de Laverne e Shirley com Schlemiel-Schlimazel-Hasenpfeffer-Incorporated. — Então, como se sente agora que ele está de volta? Você acha que vocês dois finalmente...?

Todas as três mulheres olharam para Amanda com expectativa. Nada como ser pressionada no corredor de alimentos congelados do supermercado.

Por razões que Amanda não conseguia explicar, seu coração disparou em seu peito.

— Honestamente, não sei o que sentir. Estou chocada. Quando o vi, foi como ver um fantasma. Eu acho que eu realmente acreditava que Justin tinha ido embora. Para sempre. — Suspirando profundamente, os dedos de Amanda se abriram e fecharam enquanto seus ombros caíam. — Tanta coisa aconteceu nas últimas duas semanas que eu sinto que estou tendo uma crise nervosa.

Não querendo ceder à onda de tristeza que estava caindo sobre ela, Amanda se levantou e desejou que as lágrimas que ameaçavam se afastassem.

— De qualquer forma, essa conversa nem deveria estar acontecendo. Eu tenho um namorado.

Karina e Lauren trocaram um olhar com “O” maiúsculo.

Ao lado dela, Sam inclinou a cabeça, perguntando com sinceridade:

— Você ama Trent?

— Sim. — A resposta caiu de sua boca coberta em um tom defensivo. Mesmo depois do comportamento dele nos últimos dias, ela não tinha tanta certeza.

— Sério? — Todas as três meninas questionaram em uníssono.

Os olhos de Amanda se arregalaram com a resposta imediata e em coro de suas amigas. Franzindo os lábios, ela respirou profundamente pelo nariz enquanto o calor subia por suas bochechas, envergonhada pela surpresa sincronizada de suas amigas. Limpando a garganta, ela tentou explicar:

— Bem, quero dizer, estamos juntos há um ano e...

Antes que ela pudesse terminar seu sentimento, o dedo de Karina voou para o rosto dela.

— Isso não é uma resposta.

Amanda deu um passo atrás, sentindo-se oprimida e emocionalmente encurralada. Ela sabia que suas amigas estavam apenas tentando chegar ao cerne da questão, que, neste caso, era literalmente o coração dela. Ela tinha muito a processar, mas não tinha certeza se poderia respondê-las. Mas ela tentou.

— Eu não sei. Se vocês tivessem me perguntado há duas semanas se eu amo Trent, eu teria sinceramente dito sim. Quero dizer, ele é tão diferente de qualquer pessoa que eu já conheci. Ele é encantador, bonito e eu me sentia diferente, especial, quando estava com ele. Mas essa coisa toda me

fez ver um lado totalmente diferente dele que eu nunca tinha visto antes. É quase como se ele tivesse capacidade zero para emoção ou empatia. Acho que nunca percebi isso antes, porque todo o nosso relacionamento consistiu em jantares sofisticados, suítes de hotéis de luxo e presentes caros. Eu sinceramente acho que passei todo o nosso relacionamento sendo mimada. Como num conto de fadas.

— Agora que a realidade caiu em nossas vidas, estou vendo por trás do conto de fadas. Eu não sei, parece tão desleal estar dizendo isso sobre ele, mas eu não gosto do que vejo.

— Isso faz sentido. — Os olhos de Karina brilharam quando ela se afastou. — E Justin?

Ao som do nome de Justin, alívio e conforto tomaram conta dela como uma brisa fresca em um dia quente. Seu corpo inteiro relaxou, pensando na pessoa que a conhecia melhor do que qualquer outro ser humano no planeta.

— Quero dizer, é Justin. Você está perguntando se eu amo Justin? Sim. Eu amo. Sempre amei. Sempre amarei. Posso responder isso em um nanossegundo sem qualquer hesitação, porque sei que nunca parei de amá-lo. Ele tem meu coração desde que eu tinha cinco anos de idade, e não importa o que aconteça, se ele for embora, se ele ficar, não importa... ele ainda é o dono. Eu vou amá-lo para sempre. Mas ele não sente o mesmo. E mesmo se ele sentisse... — Ela parou quando lágrimas encheram seus olhos.

— Mesmo que ele a ame, no fundo da sua mente, você estará sempre esperando que ele vá embora no meio da noite. Desapareça da sua vida em um flash — Lauren terminou por ela.

— Sim — Amanda confirmou miseravelmente. — Isso.



Justin rolou a cabeça de um lado para o outro para tentar esticar o pescoço duro enquanto olhava ao redor do barracão. Ele teve que admitir que estava feliz com o progresso que tinha feito.



Ontem, quando ele entrou e viu as camadas de poeira, as teias de aranha e o colchão nu sem roupa de cama, ele estava exausto demais para se preocupar com isso. Ele tinha se virado com acomodações mais primitivas do que isso no passado. Ele sabia que não o mataria passar uma noite empoeirada com as aranhas. Então ele jogou sua mochila no colchão, usou-a como um travesseiro improvisado e desmaiou. Ele caiu em um sono profundo que durou 14 horas e resultou em uma imitação de Frankenstein muito convincente quando se sentou em sua cama improvisada com as costas e o pescoço duros.

Ele realmente não deveria ter ficado surpreso com a rapidez com que apagou. Desde que recebera o chamado de Henry, o sono era esporádico e mínimo. Entre as notícias devastadoras de que Parker havia falecido e depois que ele tinha sido incluído em seu testamento, combinado com a ansiedade de saber que ele veria Amanda novamente, Justin não tinha realmente um momento de paz.

Até que ele viu Amanda sorrir. No segundo que os lábios da garota apareceram nas bordas, tudo no mundo de Justin voltou para o lugar. O sorriso dela não trouxe apenas paz a ele, lhe deu esperança. Não sobre nada em particular. Só que ainda havia boa luz neste mundo sombrio. Henry não lhe contara o que Parker lhe deixara, mas não era a promessa de uma herança monetária que atraía Justin às montanhas do norte da Califórnia. Foi a promessa de Amanda, de uma chance de consertar as coisas.

O fato de que ele não tinha ouvido absolutamente nenhuma palavra dela depois do contato de Henry estava deixando-o louco. Sua imaginação inventara um milhão de diferentes cenários possíveis sobre o que aquele silêncio significava. Era uma retaliação por seus anos de ausência? Ela ainda estava com raiva dele e sem vontade ou incapaz de falar com ele? Era simplesmente indiferença?

A única possibilidade que nunca lhe passou pela cabeça foi que Henry não dissera a ela que ele voltaria. O que acabou sendo exatamente o que aconteceu. No segundo em que seus olhos se encontraram, todo o sangue pareceu drenar de seu rosto. Era como se ela tivesse visto um fantasma. Então a maneira como ela agiu durante o resto da reunião — nervosa e instável, como se o chão sob seus pés não fosse sólido. Seus olhos azul-celeste continuaram a encontrá-lo enquanto ela olhava incrédula para ele.

Era como se ela precisasse de confirmação visual de que ele estava realmente ali, ao vivo e real.

Ela não estava agindo como quem estava se adaptando à ideia de ver alguém que sabia que encontraria há dias. Ela estava agindo como alguém que foi completamente pega de surpresa.

Pensando nisso agora, Justin se perguntou por que Henry teria mantido algo tão significativo quanto Amanda perder vinte por cento de sua herança em segredo dela até a leitura oficial do testamento.

Essa informação não pareceu incomodá-la nem um pouco. Ela mal olhou para o arranjo financeiro. Estar vendo seu rosto era o que parecia ter sacudido seu núcleo.

A reação dela consumira a mente de Justin enquanto ele varria o alojamento, desempacotava o pouco que tinha em seu nome, pegava os lençóis limpos do armário da despensa e os colocava no catre. Basicamente, enquanto ele arrumava o barracão.

Esse não era o seu plano inicial para o dia. No segundo que ele acordou, ele foi ver Amanda, para ter certeza de que ela estava bem, mesmo sob as circunstâncias atuais. Justin esperava que pudesse ficar alguns momentos a sós com ela para conversar. Ele ficou desapontado ao encontrar uma casa vazia, mas se sentiu melhor sabendo que provavelmente ela estava com Karina, Lauren e Sam. Ele sabia que aquelas garotas amavam Amanda e elas se certificariam de que ela estivesse bem.

Ao contrário do idiota que ela estava namorando. Justin podia admitir que parte de sua intensa antipatia, que beirava o ódio pelo babaca, poderia ter algo a ver com ciúmes. Mas o monstro de olhos verdes não era o único culpado. Era óbvio para Justin que o aspirante de *Saved by the Bell* não tinha o melhor interesse de Amanda no coração.

Depois de sair em busca de Amanda, Justin andou na linha da propriedade pelos velhos tempos. Enquanto fazia isso, mais memórias do que ele conseguia lidar jorraram de volta para ele. Ele cresceu em Mountain Ridge. Os anos ali foram os melhores anos de sua vida. E agora ele era proprietário de parte dele. Justin ainda não podia acreditar que Parker o nomeara em seu testamento. A última vez que eles falaram foi...

Justin não queria nem pensar nisso.

Sacudindo a memória, ele ficou no meio da sala enquanto o sol da tarde passava pela janela e examinava os resultados do trabalho do dia. Não era ruim. Ele não conseguia entender como esse espaço parecia exatamente igual ao dia em que o deixou. Quase como se ninguém mais tivesse passado por ele em uma década.

Seu estômago roncou enquanto deliciosos cheiros chegavam ao barracão vindo da casa principal. Só então se deu conta de que ele se esquecera de comer o dia todo.

Ele começou a pegar sua carteira para ir para a cidade para um jantar rápido no Café da Sue Ann, mas depois reconsiderou. Amanda estava obviamente em casa agora. Ele precisava vê-la. E se o idiota do Trent estivesse lá, ele poderia justificar uma parada porque precisava descobrir os detalhes do serviço memorial de amanhã. Irritava Justin que ele tivesse que inventar razões para ver Amanda, mas muita coisa mudou na década em que ele esteve fora.

Exceto por uma coisa, seu coração ainda pertencia à garota de olhos azuis que o roubara numa manhã qualquer, todos aqueles anos atrás na mesma casa, exatamente no mesmo cômodo para o qual ele estava indo.



# Capítulo

## 8

Quando Amanda moveu os pedaços de frango e os legumes picados ao redor da frigideira à sua frente, sua cabeça nadou com emoções conflitantes. Sempre seria assim? Se Justin decidisse ficar e administrar Mountain Ridge com ela, sua consciência iria existir para sempre em tal estado de desequilíbrio?

Depois que voltaram da viagem para Lake Tahoe, Karina, Sam e Lauren foram visitar a avó de Karina, embora com relutância. Eles não queriam deixar Amanda sozinha, mas ela insistira, chegando perto de fisicamente empurrá-las porta afora.

— Eu preciso entender direito — ela dissera a elas. — A única maneira de eu conseguir isso é com uma séria busca de alma e contemplação. E, para isso, preciso de uma pequena reunião no estilo “aceite Jesus” comigo mesma. Confiem em mim. Uma hora sozinha me fará incrivelmente bem. Eu vou fazer o jantar e serei uma mulher totalmente nova quando vocês voltarem.

Então o resto do Quarteto Fabuloso partiu em meio a expressões céticas e admoestações para ligar se ela precisasse de alguma coisa.

Agora, Amanda estava sozinha, cozinhando e contemplando, e não parecia estar seguindo em frente. Ela começou sua auto-imposta reflexão solo, sentindo-se confusa e vulnerável, e isso era exatamente onde ela ainda se encontrava. Não ajudava que ela tivesse zero horas de sono na noite anterior. Talvez fosse hora de tentar a reunião “Aceite Jesus”.

Uma batida na porta dos fundos que levava à cozinha interrompeu o turbilhão de agitação interna que a atravessava. Virando-se, ela viu a própria fonte de sua confusão e o angustiante furacão em pé na varanda, seu belo rosto emoldurado na vidraça da porta externa como um retrato finamente forjado.

Um tremor percorreu-a do alto da cabeça às pontas dos dedos dos pés. Ela fez o melhor que pôde para disfarçar sua reação, porque a última coisa que Amanda queria fazer era mostrar ao Sr. Rip Van Winkle<sup>1</sup> sexy as suas fraquezas. Hoje ela estava ostentando círculos escuros sob os olhos, como resultado de sua noite sem dormir. Justin, por outro lado, parecia muito bem descansado. Seus olhos percorreram o material macio de algodão que estava esticado em seu bíceps e sua boca se encheu de água.

Justin parecia bem descansado e extremamente sexy. Mas esse não era o ponto. Ela não podia deixá-lo ver que ela estava desmoronando por dentro.

Não, a única coisa que ele ia ver era uma fachada completamente forte e composta. Ela rapidamente colocou um sorriso no rosto, buscando a expressão mais natural possível, mas, na verdade, nem mesmo se importando se fosse um pouco artificial. Contanto que o rosto dela não traísse as emoções agitadas logo abaixo da superfície, poderia parecer tão plástico quanto um manequim que ela não se importava.

Em três passos ela foi até a porta dos fundos, abriu-a e ficou de lado, silenciosamente convidando-o a entrar.

— É um momento ruim? — ele perguntou.

— Nem um pouco — ela assegurou, esperando que ele não notasse a pegada em sua voz. — As meninas desceram para ver a avó de Karina e eu só estou cozinhando o jantar.

— Como está Renata? — Justin perguntou.

— Ah, você conhece Renata; tão infatigável como sempre. Eu acho que ela vai sobreviver a todos nós e trabalhar em doze projetos comunitários diferentes, como ela faz.

— Ela é uma rocha — Justin concordou. Quando ele entrou na cozinha, seu antebraço roçou o dela. — Karina tem sorte de tê-la.

— Verdade. Todos em Hope Falls têm sorte de tê-la, quando você pensa sobre isso.

Afastando-se rapidamente do perigo de contatos acidentais, a porta de tela se fechou com uma batida que fez Amanda pular. Ela engoliu em seco enquanto tentava firmar a respiração. De alguma forma, nos últimos trinta segundos, a cozinha diminuiu consideravelmente de tamanho. Justin preencheu o espaço completamente.

Tentando não parecesse afetada, Amanda balançou-se sobre os calcanhares quando casualmente perguntou:

— Então, o que você fez hoje?

— Eu andei na propriedade e passei a maior parte do dia limpando o barracão. Trouxe de volta muitas lembranças.

— Eu acredito — Amanda concordou sem fôlego, seu olhar encontrando o dele.

*Grande erro.*

Ela tentou afastar os olhos das profundezas escuras de seu olhar cor de café, mas ela estava impotente para fazê-lo. Era como se estivesse em transe. Havia tanta emoção furiosa logo abaixo da superfície daquelas poças de chocolate escuro, que ela sentia como se fosse uma corrente forte que a estava puxando para baixo. Entre eles, tornando o ar elétrico, estava a memória não dita da última vez em que eles estiveram juntos no barracão. A última vez que eles tinham se visto, antes do dia anterior. Pelo menos era assim que ela interpretava a situação.

Sentindo que iria entrar em combustão espontânea se continuasse sob o olhar quente de Justin, Amanda piscou, quebrando o feitiço, e rapidamente voltou para o fogão e focou sua atenção no frango chiando na panela.

Suas orelhas estavam zumbindo e suas mãos estavam formigando quando ela pegou a colher para mexer a panela. Ela sentiu, mais do que ouviu, Justin se movendo atrás dela. Para perto. Tão perto que ela podia sentir sua respiração irregular em seu pescoço e em seu cabelo que estava puxado para cima, em um rabo de cavalo bagunçado. A proximidade dele a paralisou. Sua visão nublou e seu corpo parecia estar em chamas. E ele nem sequer a tocava.

— Amanda... — ele disse, sua voz rouca de emoção, com arrependimento, com... desejo? Isso era apenas um desejo da parte dela? Ela estava projetando? Ela não conseguia pensar diretamente com ele estando tão perto dela.

— Amanda... — ele começou de novo, e então sua voz sumiu.

Lentamente, tão lentamente que ela quase não podia dizer se estava mesmo fazendo isso ou se era apenas sua imaginação, ela virou o rosto para ele. Quando seus olhos encontraram os dela, ela parou de respirar. Suas bocas estavam a menos de uma polegada de distância, e seus olhos estavam trancados um no outro. Ela sentiu como se pudesse derreter no local.

— Sim — ela sussurrou.

Com o pequeno fragmento de consciência que tinha sobrado, ela percebeu que começara a respirar de novo, mas suas respirações eram irregulares e curtas.

— Eu... — ele começou, depois respirou fundo e tentou recomeçar. — Eu só...

— Justin. — Seu nome caiu de seus lábios em um apelo.

Antes que ele pudesse responder, sons de risos e conversas de repente invadiram seu espaço, enquanto a voz alta de Karina chamou da porta da frente:

— Yoo-hoo! Estamos em casa!

Amanda prendeu a respiração bruscamente quando Justin recuou pela cozinha e passou as mãos pelos cabelos castanhos e grossos. Eles se encararam. Amanda sabia que o *momento* que eles haviam partilhado tinha passado. O que ela não sabia era se estava aliviada ou desapontada.

A voz de Karina encheu a sala novamente quando ela desceu o corredor.

— Me ouviu? Lucy, eu estou em casa! — ela gritou em sua melhor imitação de Desi Arnaz.

Amanda olhou para cima quando Karina entrou na cozinha e sacudiu a cabeça para limpá-la. Ela tentou desacelerar seu coração acelerado e acalmar seus hormônios em fúria. No mínimo, ela queria conseguir uma expressão facial neutra e misteriosa. Amanda rapidamente percebeu que ela não devia ter feito um ótimo trabalho quando viu um sorriso malicioso no rosto de Karina enquanto olhava entre Amanda e Justin.

— Lucy, você tem algum *explicación* para dar? — sua amiga sorriu, continuando com a imitação.

— O quê? — Amanda fez o melhor que pôde para manter uma expressão inocente quando Lauren e Samantha entraram na cozinha, atrás de Karina.

Assim que Lauren pôs os olhos no rosto de Amanda, ela rápida e eficientemente atravessou a sala, pegou a colher de pau de sua mão e seguiu com o trabalho de refogar o frango e os vegetais.

— Eu sabia que não devíamos ter deixado você preparar o jantar para todos nós agora. Sério, vá pegar uma água, sente-se e relaxe. Seu rosto inteiro está corado. Você está ficando superaquecida.

Karina continuou a sorrir maliciosamente, acrescentando uma sobrelance para enfatizar.

— Oh, sim, está muito quente aqui, não é? Muito muito quente. Em uma nota completamente diferente, como você está hoje, Justin?

A cabeça de Lauren levantou e Amanda a observou seguir o olhar de Karina para o lado oposto da cozinha, onde Justin estava encostado no balcão.

— Olá — ela entendeu sem rodeios. — Eu não vi você aí. — Com aquela saudação não tão calorosa, ela voltou sua atenção para o movimento de mexer a comida ao redor da panela, com um grau claramente visível de agressividade.

— Ooooookay — disse Samantha alegremente, levando a colher para longe de Lauren. — Talvez eu devesse fazer isso. Na verdade, acho que está pronto — anunciou ela, abrindo um dos pedaços de frango e examinando o interior. — E o cheiro é delicioso.

— Obrigada — respondeu Amanda, depois fazendo o que sempre fazia quando estava nervosa, divagava. — Na verdade, existem três partes. Eu não sabia quais são as restrições alimentícias de todos, vegetariano, baixo teor de carboidratos etc. Então sintam-se à vontade para misturar e combinar qualquer um ou todos. Macarrão de trigo integral na panela, frango e legumes na frigideira e molho a base de vodka na outra panela — ela terminou, apontando para cada um deles.

— E vodka no congelador — acrescentou Karina, puxando a garrafa com um floreio. — Justin, você vai se juntar a nós para o jantar?

— Sim! Você tem que ficar — disse Sam entusiasmada, seu olhar oscilando entre Amanda e Justin. — Você realmente deveria. Vai ser divertido, como nos velhos tempos.

Karina e Samantha então olharam para Lauren até que ela finalmente deu de ombros e disse:

— É um país livre.



Amanda estava observando as trocas visuais de suas amigas, mas a consciência se eriçou quando os pêlos na sua nuca se ergueram. Justin, ao que parecia, tinha olhos para apenas uma pessoa na sala. Amanda sentiu seu olhar aquecido antes mesmo de fixar o olhar dela no dele. O olhar em seus olhos de chocolate ao leite deixou claro que o convite ou aprovação de outra pessoa não significavam nada para ele.

Ele inclinou a cabeça para o lado, levantando as sobrancelhas em questão. Ela sabia que ele estava perguntando se ela queria que ele ficasse. Não houve confusão, nenhuma hesitação em qualquer lugar dela enquanto ela balançava a cabeça com firmeza.



Justin se encontrou no centro das atenções na mesa cheia do Quarteto Fabuloso. Ele gostava de conversar com todo mundo, mas a única coisa que ele realmente queria fazer era pegar Amanda sozinha de novo e continuar o que diabos havia acontecido antes que as outras meninas voltassem para casa.

Antes de ver Amanda, ele sabia exatamente o que queria dizer a ela — começando primeiro por ter certeza de que ela estava bem, oferecer suas condolências e, é claro, um pedido de desculpas. Mas no momento em que ele entrou na cozinha, ela olhou para ele — da mesma forma que fizera quando tinha cinco anos, sentada no canto de leitura de Leia Entre as Linhas, como se ele fosse seu herói, como se tivesse total e completa fé nele. Somente com esse olhar teria sido difícil manter sua linha de pensamento. Mas acrescente a isso o fato de que ele também viu suas pupilas se dilatarem e seus lábios se separarem quando sua respiração ficou agitada, e ele se perdeu completamente. A única coisa que ele conseguiu processar foi seu desejo, sua necessidade de tocar seus lábios nos dela.

— Então, onde você está morando? — Samantha perguntou, puxando-o para fora de seus próprios pensamentos.

— Bem — Justin começou —, em todo o lugar, no início, mas acabei por finalmente me estabelecer no Alasca. Se você pode chamar assim.

— Bem, eu sempre ouvi que se chama Alasca — observou Karina secamente.

— Se você pode chamar de *estabelecer*, espertinha — Justin retribuiu bem-humorado. — Eu originalmente fui até lá pra liderar uma operação de trabalho em equipe de oleodutos, mas depois eu simplesmente não saí mais. As pessoas estavam sempre indo e vindo e eu meio que gostava disso. A mudança constante foi um ritmo ao qual me acostumei. Era confiável.

— Quando você aceita que não há nada com que você possa contar, pelo menos você pode, ironicamente, contar com isso — Sam disse solícita.

— Exatamente — Justin concordou.

— Então você subiu para um trabalho no pipeline, é isso que você ainda está fazendo? — Sam seguiu em frente.

— Bem. — Justin sentou-se em sua cadeira. — Acontece que as habilidades que aprendi aqui em Mountain Ridge me serviram bem. Consegui vários empregos diferentes trabalhando com turistas; levando-os em excursões, levando-os em pequenas expedições. E eu tive um período bastante longo, pelo menos para mim, trabalhando em um lugar semelhante ao Mountain Ridge. Embora nunca tenha tido o mesmo apelo ou sentimento que esse lugar tem.

Seus olhos caíram automaticamente sobre Amanda. Quando isso aconteceu, ele notou um rubor nas suas bochechas claras.

Com o canto do olho, ele viu um sorriso no rosto de Karina e sabia que as coisas estavam prestes a ficar interessantes.

— Chega de toda essa conversa chata sobre sua vida profissional, Justin. Vamos todos parar de fingir que nos importamos, não é? Passando para o que realmente queremos saber. Como anda sua vida amorosa? Alguém especial?

— Não. — Justin balançou a cabeça. — Não no Alasca.

Seu olhar nunca deixou Amanda enquanto ele observava suas bochechas corarem um tom mais profundo de vermelho. Justin não sabia por que ele fez essa admissão ou o que ele estava fazendo. Era como se seu subconsciente estivesse tentando ignorar seu cérebro, que estava dizendo a Justin para ter certeza de que Amanda estava bem e depois dar o fora de Hope Falls. Entre quase beijá-la no fogão e fazer declarações não tão sutis

sobre o que ela significava para ele, Justin se sentia como se seus hormônios e seu coração o conduzissem por uma via expressa; e ele não tinha certeza se sua mente era forte o suficiente para pisar no freio antes que ele capotasse e explodisse.

Sim, ele amava Amanda. Sim, ele sempre a amaria. Mas esta era a vida dela. Hope Falls era sua vida. Não de Justin. Mas essa não foi a única razão pela qual ele não podia agir de acordo com o que sentia. Ele devia sua vida a Parker Jacobs, e Parker deixara claro como se sentia sobre Justin e Amanda. Que tipo de homem seria Justin se contasse a Amanda como ele se sentia e algo acontecesse entre eles quando Justin estivesse ali para o funeral de Parker?

Isso faria dele o tipo de homem que seu pai sempre o acusara de ser. Um perdedor e um fracassado sem valor.

Os olhos azuis de Amanda ainda estavam travados nele quando ela perguntou com dificuldade:

— Por quanto tempo você conseguiu se afastar do trabalho, Justin?

A incerteza nervosa em seu tom, rosto e linguagem corporal fez com que todos os instintos de proteção em Justin ganhassem vida. Ele se impediu de puxar Amanda para os braços, dizendo que a amava, que tudo ficaria bem e que ele nunca a deixaria. Ele costumava ser muito melhor em controlar seus impulsos quando estava perto dela, mas desde que havia voltado parecia estar seriamente fora de prática. Sua voz estava cheia de emoção reprimida quando ele prometeu:

— Eu estarei aqui enquanto você precisar que eu esteja aqui.

Se não fosse pelo olhar de morte que Lauren lhe dirigia e o olhar de “eu te disse” que Karina e Samantha estavam lançando de uma para a outra, ele poderia ter esquecido que elas estavam na sala.

Ele não se importava com o que as amigas de Amanda pensavam sobre sua resposta. Era a verdade. Enquanto Amanda precisasse dele ali, aquele seria o lugar onde ele estaria. Ele só tinha que descobrir como recuperar um pouco do controle que tinha quando era mais jovem. Porque se ele não tivesse, não tinha certeza de quanto tempo mais demoraria antes que o fino fio de força de vontade com o qual ele estava trabalhando atualmente se partisse em dois.



# Capítulo

## 9

As mãos de Justin se fecharam ao seu lado enquanto ele respirava fundo pelo nariz. Ele vinha segurando a língua pela última meia hora enquanto esperavam o serviço memorial de Parker começar e estava prestes a se descontrolar. Trent estava ignorando Amanda desde que chegara. Ele mal olhou para cima de seu telefone desde que deslizou para o banco da frente ao lado dela. Justin estava sentado diretamente atrás deles e o matava vê-la parecer tão frágil e pequena e estar impossibilitado de envolver seu braço ao redor dela, dizer-lhe que poderia se apoiar nele e que ele estava lá por ela. Especialmente desde que seu namorado idiota com certeza não estava.

Forçando as mãos, Justin revirou os ombros enquanto tentava manter a calma, mas quando viu Trent ignorar o pedido de Amanda por um lenço de papel para enxugar os olhos, acabou deixando de se importar se estava ou não passando por cima de uma linha invisível. Essa foi a última gota.

Ele e Trent iriam sair e conversar um pouco.

Antes de Justin ter a chance de arrebatá-la *Saved by the Bell* pelo colarinho e arrastá-lo para fora da igreja, o pastor correu para o lado de Amanda. Em todos os anos passados sentado nesses bancos, Justin nunca tinha visto o homem parecer nem perto de estar abalado, mas agora ele olhava para baixo, em pânico.

— Pastor Harrison, o que há de errado? — Ele ouviu a voz doce de Amanda perguntar com preocupação quando se aproximou dela.

— Bem, Amanda, é realmente... Bem, venha comigo. Acho que é melhor que veja com seus próprios olhos.

O pastor Harrison pegou-a pelo braço e começou a guiá-la pelo corredor lateral da igreja lotada.

Justin deu um pulo e rapidamente os seguiu.

O pastor conduziu Amanda apressadamente pelas portas do santuário, pelo vestíbulo e pelos degraus. Justin estava bem atrás deles.

— Oh, meu Deus. — Ele ouviu Amanda ofegar.

— Puta merda. — As palavras saíram da boca de Justin antes que ele pudesse bloqueá-las quando parou logo atrás da moldura de cinco metros de altura de Amanda. Diante do olhar que o pastor Harrison deu a ele, ele emendou sua declaração. — Ou... hum... quero dizer, meu Deus... uau.

Diante deles havia mais pessoas do que Justin já havia visto em um lugar em Hope Falls. A multidão estava densamente sobre o gramado da igreja e continuava pela rua, que estava lotada até onde Justin podia ver em ambas as direções.

Amanda levantou a cabeça para o pastor.

— Quantas pessoas o senhor acha que estão aqui?

O pastor Harrison sacudiu a cabeça.

— O melhor que posso fazer é arriscar um palpite. Possivelmente alguns milhares. Pode ser mais. Eu não posso ver as bordas da multidão. O que sei é que nosso santuário abriga 150 pessoas, e há muito mais que isso aqui. Eu não quero afastar todas essas pessoas que vieram para honrar seu pai, mas certamente não podemos acomodá-las aqui. Não sei como proceder.

— Justin. — Os olhos de Amanda voaram para os dele, procurando por respostas que ele não tinha certeza se tinha. — O que nós fazemos?

Não passou despercebido para Justin que, mesmo com toda a desconfiança que Amanda pudesse sentir em relação a ele, seu primeiro instinto foi olhar para ele quando teve um problema. Assim como quando eram crianças. Ela sempre olhou para ele para consertar as coisas, para fazer as coisas darem certo. Agora tudo o que ele precisava fazer era não estragar tudo. Seu cérebro estava girando, tentando chegar a uma solução quando seus olhos varreram a multidão e ele avistou seu antigo diretor de escola, o que o inspirou.

— Sr. Jenkins! — ele gritou, acenando para o homem agora calvo.

O Sr. Jenkins abriu caminho pelo mar de pessoas e subiu as escadas para ficar ao lado deles.

— Sr. Jenkins, acho que pode ver qual é o nosso problema aqui — Justin começou.

O Sr. Jenkins assentiu solenemente:

— Amanda, seu pai era tão amado por essa comunidade, e todos nós estamos sentindo a perda dele, embora eu saiba que não deve ser nada comparado ao que você está passando. Mas eu espero que todas essas pessoas tenham a chance de se despedir de Parker, para conseguir alguma sensação de encerramento, mesmo que todas elas não possam caber dentro da igreja.

Justin continuou:

— É onde eu espero que possa nos ajudar, Sr. Jenkins. Poderíamos usar o ginásio para realizar o serviço memorial?

Trent soltou uma risada forçada.

— Um ginásio para um serviço memorial? Sério?

As mãos de Justin mais uma vez se fecharam ao lado do corpo, coçando para nocautear o idiota ao seu lado. Aquela não era a hora nem o lugar, mas Justin decidiu então que, se Trent ainda estivesse por perto quando Justin deixasse Hope Falls, eles conversariam sobre exatamente como Amanda merecia ser tratada. E ele tinha certeza de que seus punhos fariam a maior parte do discurso.

O Sr. Jenkins sacudiu a cabeça, com pesar gravado em seu rosto.

— Bem, Justin, eu não acho que isso vá funcionar. Eu não acho que nem o ginásio seria grande o suficiente para receber todas essas pessoas.

*Okay*, isso não iria funcionar. Ele precisava criar um Plano B e precisava fazê-lo rapidamente.

*Pense.*

A mente de Justin começou a disparar rapidamente, da mesma maneira de quando ele era o quarterback do time de futebol e tinha que decidir a jogada. Mais uma vez ele examinou a multidão da mesma forma que fazia no campo, e como um raio a inspiração chegou.

— E o campo de futebol? Está um lindo dia. O tempo não seria um problema. E as arquibancadas do campo de futebol foram construídas para receber praticamente toda a cidade, além do lado do visitante.

Sr. Jenkins começou vigorosamente acenando com a cabeça:

— Sim, perfeito — disse ele. — Vou abrir os portões e ligar o sistema de som. Vou reunir alguns alunos para puxar a plataforma portátil que usamos para a formatura e montá-la no meio do campo. Justin, você e o pastor Harrison cuidam de levar a multidão para o campo. Nos dê uma vantagem de dez minutos. O bom é que a escola fica a apenas três quarteirões de distância.

Justin parou o diretor quando viu lágrimas escorrendo pelo rosto de Amanda.

— Amanda, não precisamos fazer isso. Se você quiser ter o memorial aqui, nós fazemos aqui. Nós faremos o que você quiser.

Os lábios de Amanda se separaram e apareceram enquanto ela sorria através das lágrimas.

— Não. Não, não é nada disso. É perfeito. — Ela acenou com as mãos na frente do rosto. — Isso é porque... é tão perfeito. — Ela fungou. — Há duas coisas nesta vida que meu pai realmente amava, e eram essas montanhas e as pessoas que vivem nelas. Então, ter um memorial ao ar livre, cheio de praticamente todos na cidade, você não poderia criar um cenário mais perfeito.

Justin queria tanto estender a mão e envolver os braços em Amanda. Abraçá-la e deixá-la chorar em seu ombro. Antes que ele pudesse fazer isso, Trent deu um passo ao lado dela e sussurrou algo em seu ouvido. Justin não podia ouvir o que ele disse, mas pela expressão infeliz no rosto bonito de Amanda, ele poderia dizer que não era bom.

Ah, sim, ele e Trent definitivamente iriam ter uma conversinha.



A transição da igreja para o campo de futebol foi mais rápida e suave do que Amanda jamais poderia ter imaginado. Às onze da manhã, apenas uma hora após o horário marcado para o início da cerimônia, o pastor Harrison subiu os degraus até a plataforma portátil que ficava no meio do campo de futebol e pegou o microfone de seu estande para dar início ao serviço. Amanda olhou em volta e não acreditou no que via. O estádio estava cheio. Isso significa que quase toda a cidade de cinco mil habitantes havia saído para se despedir de Parker Jacobs. Ela ficou surpresa.



Claro, ela sabia que as pessoas da cidade o amavam. Ele foi eleito prefeito toda vez que se candidatou e por uma grande maioria também. Era impossível sair para uma refeição em qualquer restaurante em Hope Falls sem que as pessoas constantemente parassem na mesa para agradecer-lhe por alguma coisa, compartilhar algumas notícias ou mostrar fotos de um novo neto. Sim, ela sabia que a cidade o amava. Ela simplesmente não sabia o quanto.

Quando o pastor Harrison abriu o culto memorial com uma oração, ela ouviu sua voz engatando. Ela sabia que este dia devia ser muito difícil para ele também. Ele e o pai dela tinham sido muito próximos. Ela se perguntou se havia uma pessoa na cidade que a bondade, a generosidade e a sabedoria de seu pai não houvessem tocado.

Depois que o pastor Harrison encerrou a bela oração, ele disse:

— Parker amava essa cidade e todos os que nela moravam. Havia alguns, porém, de quem ele era especialmente próximo. Um desses indivíduos foi seu melhor amigo por mais de quarenta anos, e ele está aqui para falar sobre isso. Henry?

Amanda sorriu encorajadoramente para seu amado tio e padrinho adotivo quando ele se aproximou e pegou o microfone. Debaixo da fachada caseira de Henry, ele era um homem poderosamente inteligente. No entanto, havia uma coisa que o assustava, e isso era falar em público. Até falar em sua posição oficial como conselheiro legal de Hope Falls nas reuniões da Câmara Municipal era um desafio para ele, e essas reuniões raramente atraíam mais do que trinta ou quarenta pessoas. No entanto, aqui estava ele, prestes a falar sobre um assunto emocional na frente de uma multidão que chegava a quase cinco mil pessoas.

Ele deve estar apavorado, ela pensou consigo mesma.

Enquanto Henry permanecia segurando o microfone, ela pôde ver o tremor em sua mão. Ainda assim, ele respirou fundo e começou a falar. Amanda nunca esteve mais orgulhosa dele em sua vida.

— Parker Jacobs e eu, como a maioria das crianças que crescem em Hope Falls, nos conhecemos a vida inteira. Mas eu conheci Parker Jacobs, realmente o conheci, no colégio — ele começou. — Eu não era o que você chamaria de uma das crianças populares. Eu era estudioso. Eu adorava aprender e sempre tinha meu nariz enterrado em um livro. Eu lia até enquanto estava andando.

Ele fez uma pausa para deixar as risadas no meio da multidão morrerem.

— Agora, eu não posso culpar meu amor por livros. Em parte, tinha a ver com o medo das pessoas. Eu não sabia como falar com as pessoas ou até mesmo como olhá-las nos olhos. Isso era o que os livros me davam. Uma fuga das pessoas; algo para ficar entre mim e eles.

“Bem, um dia eu estava andando pelo corredor, o nariz enterrado em um livro, e eu bati direto em uma parede de tijolos. Pelo menos foi o que pareceu. No fim das contas, era nosso quarterback. Ele era chamado, apropriadamente, Brick<sup>1</sup>.

“Bem, deixe-me dizer-lhe uma coisa. O velho Brick, ele era tão mau e mal-humorado quanto grande e forte. Desculpe, Brick, se você estiver na multidão hoje. Eu sei que você amadureceu consideravelmente desde então.”

— Está tudo bem! — veio um grito de longe nas arquibancadas.

Henry fez outra pausa para deixar o riso morrer.

— Bem, eu te digo. Brick me agarrou pela frente da minha camisa e me jogou direto do chão. Eu não sabia o que estava reservado para mim, mas sabia que não era nada bom. Comecei a gaguejar, tentando pedir desculpas, mas era como eu disse, eu não era bom em falar com as pessoas. E isso em circunstâncias normais. Pessoal, eu estava apavorado.

“Brick me perguntou se eu estava... Como você disse mesmo, Brick?”

— Cutucando a onça com vara curta! — Brick gritou.

— Isso mesmo, está certo. Bem, eu vou te dizer, tenho certeza que não estava. Mas eu não sabia como explicar. Foi quando Parker apareceu. Você vê, Parker era, o que costumávamos chamar naqueles dias, o grande homem no campus. Ele era popular com as outras crianças. Ele era bom com seus estudos e bom no atletismo. Todos os professores o amavam e ele era muito apreciado pelas garotas.

Uma risada se levantou novamente da multidão.

— Então ele veio até mim, e Brick ainda me erguia no ar pela frente da minha camisa, lembre-se, e colocou o braço por cima do meu ombro tão casual quanto possível. E disse: “Ei, Henry, como você está?” Como se fôssemos apenas bons amigos encontrando o outro no corredor, fazendo planos para ir ao cinema ou comer um hambúrguer mais tarde.

“Então ele olha para Brick e ele diz: ‘Brick, qual é o problema que você tem com meu bom amigo Henry aqui?’ E assim, Brick me pôs no chão. Eu consegui me desculpar por ter esbarrado nele, e a coisa toda terminou mais rápido do que tinha começado.

“Bem, eu não tenho que te dizer que esse é o tipo de homem que Parker era. Ele nunca encontrou um estranho. Cada pessoa no mundo, para ele, era apenas um amigo que ele ainda não conhecia. Ele sempre viu o bem nas pessoas. Às vezes, isso era tudo o que ele via, mesmo que ninguém mais pudesse ver.

“Ele amava sua família mais do que qualquer homem que eu já conheci. Sua linda esposa, Claire, a quem ele agora está se juntando no céu, e sua linda filha, Amanda, minha ursinha. Parker viveu por suas garotas.

“E ele sempre soube exatamente a coisa certa a dizer em uma situação embaraçosa. Esse era apenas o jeito de Parker. Ele trazia o melhor das pessoas e ajudou a conectá-las. Mesmo em sua morte, ele está reunindo as pessoas.”

Lágrimas escorriam pelo rosto de Amanda quando Henry piscou para ela do pódio.

— Eu tive a sorte de conhecer Parker Jacobs, e é algo que todas as pessoas neste estádio têm em comum. Estamos todos juntos hoje para prestar nossos respeitos a um grande homem, um homem que nos uniu e acho que é o melhor tributo que podemos prestar a ele.

Henry recuou e recolocou o microfone no suporte, enxugando os olhos com a bandana vermelha que ele sempre carregava consigo.

O pastor Harrison voltou ao pódio e apresentou o próximo orador, um membro do conselho da cidade que trabalhou com o pai de Amanda por anos. As próximas pessoas que apareceram e prestaram homenagens foram mais do mesmo grupo, parceiros e associados políticos de Parker e de pessoas que Amanda conhecia, embora não muito bem.

Então, em um movimento que foi uma surpresa total para Amanda, o pastor Harrison disse:

— E agora temos uma homenagem muito especial de uma das histórias de sucesso da cidade. Aqui, para compartilhar uma música especial, está Karina Black, que todos nós conhecemos como a nossa Karina Blackstone, de Hope Falls.

Karina se levantou e foi até a plataforma, apertando o ombro de Amanda quando passou por ela. Ela então caminhou até o centro do palco, e o pastor Harrison lhe deu um violão. Amanda não tinha ideia de que isso fora planejado, mas seu coração se encheu de amor por sua amiga pensar em fazer isso.

Andando até o microfone, Karina levantou a alça do violão sobre a cabeça e colocou-a sobre o ombro. Ela ajustou o suporte e falou no microfone, fazendo contato visual com a multidão. Ficou claro que, sem sequer tentar, ela estava absolutamente confortável em um palco com um microfone, na frente de milhares de pessoas. Ela não estava se esforçando, nem um pouco. Era apenas o habitat natural dela. Era o lugar ao qual ela pertencia.

— Pensei muito nos últimos dias sobre qual música eu deveria tocar hoje. Eu sabia que queria que fosse especial e que refletisse com precisão Parker e como me sentia a respeito dele. Eu sabia, por causa disso, que não deveria ser a típica balada emocional de memorial, como *Tears in Heaven* ou *Candle in the Wind*. Mas o que deveria ser, então? Eu pensei em escrever uma música para Parker, mas, honestamente, ainda parece um pouco difícil de colocar em palavras.

“Mas então a música perfeita me ocorreu. Quando eu era criança, passei muito tempo em Mountain Ridge e Parker costumava tocar essa música em casa o tempo todo, e Amanda e eu cantávamos e dançávamos juntas. Talvez tenham sido essas experiências que influenciaram minha vontade de ser uma artista, no fim das contas — Karina olhou para o céu. — Isto é para você, Parker.”

Com isso, ela fechou os olhos e começou a solenemente dedilhar uma melodia familiar em seu violão. Aproximando-se do microfone, ela começou a cantar *The Joker*, de The Steve Miller Band.

Karina recuou enquanto toda a multidão imitava o som eletrônico de alta frequência, gritando algo parecido com “fiu fiu”. Então ela retornou ao microfone e continuou cantando.

Quando alcançou o refrão, ela gesticulou grandemente com as duas mãos para a multidão, encorajando-os a cantar a música com ela.

Pareceu a Amanda que toda a multidão de cinco mil pessoas cantou em voz alta, em uníssono, e a captou novamente, toda vez que o refrão se aproximava. Amanda estava rindo e chorando e cantando ao mesmo

tempo, e ela sabia que Karina não poderia ter escolhido uma música mais perfeita.

Enquanto Karina passava por ela no caminho de volta para seu assento, Amanda se levantou e lhe deu um longo abraço, que durou muito depois que o pastor Harrison começou a falar novamente.

No final dos oradores marcados, o pastor Harrison retornou ao pódio.

— Antes que o programa termine, a filha de Parker, Amanda, vai compartilhar algumas palavras. Mas antes disso, eu gostaria de abrir a palavra para qualquer um que tenha algo que gostaria de compartilhar sobre Parker, como uma história ou uma homenagem.

Para surpresa de Amanda, Justin saltou de seu assento e caminhou proposadamente para o pódio. Como ele estava sentado nas cadeiras dobráveis em frente às arquibancadas com Amanda, Trent, as garotas e o resto dos amigos próximos de Parker, ele chegou lá antes de qualquer outra pessoa e pegou o microfone sem hesitação.

A menos que muita coisa tivesse mudado em dez anos, Justin era outra pessoa que não era muito bom em falar na frente de multidões ou falar sobre seus sentimentos, de qualquer forma. No entanto, ali estava ele, voluntariamente, não só fazendo as duas coisas, mas correndo ansiosamente para fazê-las, resoluto e corajoso. Orgulho e amor cresceram nela por ele.

Justin levou o microfone até a boca e a abriu para falar. No entanto, em um movimento que era muito característico dele, ele ficou muito irritado para continuar e teve que limpar os olhos e ter suas emoções sob controle antes de iniciar seu discurso. O coração de Amanda apertou seu peito.

Depois de limpar a garganta, ele respirou fundo e começou.

— Todos aqui na cidade conhecem meu pai. Eu não tenho que lhes dizer como foi crescer com ele.

Ao contrário das risadas da multidão que pontuaram o discurso de Henry, as palavras de Justin foram recebidas com um silêncio tenso e desconfortável.

— Certa noite, quando eu tinha dezesseis anos, recebi um telefonema do garçom do JT's Roadhouse para ir buscar meu pai porque ele estava bêbado demais e estava fazendo uma cena. Acredite, estava longe de ser o primeiro telefonema que recebi.

“Eu dirigi até lá para buscá-lo, o medo revirando meu estômago, apenas rezando para que ele tivesse desmaiado quando eu chegasse lá. Era muito mais fácil colocá-lo no caminhão quando ele estava desmaiado. Se ele ainda estivesse em condições de andar, ele geralmente lutava contra mim nesses momentos, e às vezes era complicado. Copos quebrados, mesas viradas. As pessoas sempre me encaravam, olhavam para mim com desgosto e gritavam comigo como se fosse eu que estava fazendo aquilo. Eu era apenas uma criança.

“Pelo menos, aos dezesseis anos, eu tinha uma caminhonete para enfiá-lo e levá-lo para casa. Antes disso, eu tive que levá-lo por mais de um quilômetro de volta para nossa casa a pé. Imagine fazer isso aos dez anos de idade, aos oito anos de idade ou aos seis anos de idade.

“E o lance era que ninguém nunca se ofereceu para me ajudar. Ninguém nunca me deu um olhar simpático, mesmo. Toda vez que alguém me via com o meu pai enquanto ele estava em um de seus momentos ruins, eles me tratavam como se eu tivesse algum tipo de doença contagiosa. Como se eu fosse um leproso.

“Mas Parker não era assim. Naquela noite, quando eu tinha dezesseis anos, foi a última noite em que recebi um telefonema sobre meu pai. Parker estava no quarto dos fundos do JT's Roadhouse, discutindo alguns negócios da cidade ou algo parecido com JT. Ele deve ter ouvido a comoção que meu pai estava fazendo quando eu tentei levá-lo para fora comigo. Ele estava gritando comigo, me empurrando e tropeçando nas próprias pernas enquanto eu tentava tirá-lo do bar. Quando eu o agarrei pelo braço para ajudá-lo a se erguer, ele usou seu punho oposto para me socar bem no queixo.

“Foi quando Parker interveio. Ele agarrou meu pai no chão, em seguida, puxou-o pela frente de sua camisa, sentou-o em um banquinho e disse-lhe que era melhor que ele não movesse um músculo. Ele pediu a JT que chamasse o xerife para ir buscá-lo por agressão.”

Limpando sua garganta novamente, Justin inalou pelo nariz antes de continuar

— E então ele se inclinou perto dele e em uma voz baixa e ameaçadora que eu nunca ouvi Parker usar antes ou depois disso, ele ameaçou meu pai. Ele disse que se ele pensasse em colocar a mão em mim novamente, ele o mataria. Parker não era um homem violento, mas naquele momento eu

acreditei nele. Eu também sabia que meu pai sabia, e que ele se lembraria disso. Eu podia ver em seus olhos que o medo o tinha deixado sóbrio.

“Naquela noite, depois que o xerife partiu com o meu pai algemado na traseira do carro, Parker colocou o braço em volta do meu ombro e disse: ‘Filho, você vem para casa comigo.’ E eu fui. Eu já trabalhava em Mountain Ridge desde que tinha dez anos, mas daquela noite em diante eu também morava lá, no barracão.

“Meu pai nunca colocou a mão em mim novamente. Na verdade, nunca mais o vi novamente. Isso não é fácil em uma cidade tão pequena. Mas acho que ele estava me evitando porque estava com muito medo de cruzar com Parker.

“Eu nunca vou poder agradecer a Parker Jacobs por me salvar ou colocar em palavras o quanto isso significou para mim. Ele foi um pai para mim, dez vezes mais do que meu pai foi. Vou sentir falta dele para sempre.”

Justin abriu a boca como se ele tivesse algo mais a dizer, mas depois pensou melhor. Ele entregou o microfone e desceu os degraus, as lágrimas rolando pelo rosto, a cabeça erguida.

Amanda ficou sem fala enquanto o observava, empatia e compaixão lutando com o choque pelo espaço em seu coração. Ela nunca ouvira essa história, nunca soube que essa era a razão pela qual Justin tinha vindo morar e trabalhar em Mountain Ridge Outdoor Adventures.

É claro que ela sabia que seu pai alcoólatra podia ser hostil e abusivo. Mas ela nunca soube que seu próprio pai tinha entrado em uma briga física com o homem, e até mesmo o ameaçara. Era tão diferente do pai dela que era difícil conciliar aquela cena com o homem que ela mesma conhecera.

Mas é verdade que ele tinha um fraco por Justin, e ele tinha um ódio esmagador por valentões, então ela supôs que fazia sentido. Ainda assim, era difícil para ela imaginar.

Ela só podia imaginar que o fato de que nem seu pai nem Justin haviam mencionado isso para ela era um indicador significativo de quão profundo e sagrado esse evento era para os dois. Aconteceu, e nenhum deles sentiu a necessidade de contar a alguém ou discuti-lo. Era o suficiente que tudo tivesse acontecido.







# Capítulo

## 10

A medida que a tarde avançava, começou a ficar claro que a cerimônia duraria muito mais horas se o fluxo constante de pessoas que desejavam compartilhar uma lembrança final de Parker continuasse sem ser interrompido.

Quando o pastor Harrison se ajoelhou ao lado da cadeira de Amanda durante uma das homenagens, sua opinião foi — e Amanda concordou — que o desejo de Parker teria sido dar a qualquer um que tivesse algo a dizer a oportunidade de falar e deixar o evento naturalmente se desenhar até o fim, quando as pessoas se cansassem.

Trent, que estava sentado ao lado dela, ouviu toda a conversa e se inclinou para Amanda e sussurrou:

— Vou perder meu voo se não sair agora.

Amanda olhou para ele, sentindo-se entorpecida.

— Então vá.

— Eu ainda quero falar com você sobre os números que meu contador enviou sobre a propriedade.

Amanda não podia acreditar que ele estava falando sobre isso no funeral do pai dela. Ela não tinha ideia do que a expressão em seu rosto era, mas funcionou. Trent pareceu entender a mensagem.

Balançando a cabeça em aborrecimento, ele cortou:

— Eu te ligo hoje à noite de Boston.

E com isso, ele se levantou e caminhou a passos largos para fora do estádio, sem olhar para trás ou fazer contato visual com Amanda.

Justin, que estava sentado na fileira imediatamente atrás de Amanda, foi testemunha de toda a cena. Antes mesmo que Trent saísse pela porta do estádio, Justin saiu de seu assento e se enfiou no outro ao lado de Amanda, pegando sua mão e apertando-a. No segundo em que se sentou, Amanda respirou fundo, pela primeira vez durante todo o dia.

Ela tentou não pensar muito sobre isso ou sobre o fato de que ele disse que ficaria enquanto ela precisasse dele. Esse era o Justin que ela conhecia desde os cinco anos de idade. Mas ela tentou lembrar que o mesmo Justin desapareceu da face da Terra e ficou fora por uma década.

Quantas noites Amanda chorou até dormir com saudade de Justin? Quantas noites ela tinha se virado, inquieta, em sua cama, sua mente em turbilhão com a possibilidade de que nunca veria seus gentis olhos castanhos, ouvir sua voz forte e profunda, ou ver uma de suas centenas de sorrisos — ela os havia catalogado pessoalmente — que faziam seu coração explodir de amor?

Incontáveis noites. Essa era a quantidade. Ainda assim, foi bom ter sua grande mão protetora envolvendo a dela. Foi bom ter sua força sólida ao lado dela enquanto ouvia inúmeras histórias sobre seu pai. Foi bom ter Justin de volta ao seu lado. Estar perto dele apenas parecia... bom. Muito bom.

O processo de deixar as pessoas fazerem homenagens voluntárias a Parker levou, como se viu, perto de cinco horas. Amanda ficou maravilhada com as pessoas sentadas sem comida, sem água e sem sombra. Foi uma homenagem incrível e amorosa de toda uma comunidade a um homem altruísta e generoso.

Quando o céu estava começando a girar em tons brilhantes de laranja e roxo e a última pessoa finalmente falou, o pastor Harrison chamou Amanda para fechar o culto. Justin, que ainda estava segurando a mão dela, apertou-a e deu-lhe uma piscadela encorajadora. Respirando fundo, ela se levantou e caminhou até o pódio, seus joelhos tremendo.

O coração de Amanda acelerou e se partiu ao mesmo tempo em que ela pegou o microfone na mão.

— Oi, pessoal. Muito obrigada por terem vindo. Obrigada às pessoas que viam meu pai todos os dias, morando aqui na cidade, e obrigada àqueles que não viam meu pai há anos e viajaram grandes distâncias para se despedir dele. Eu sei que ele levou cada um de vocês em seu coração.

“Muito foi dito aqui hoje sobre o quão grande meu pai era, o quanto ele me amava e também a minha mãe, o quanto ele amava essa cidade e o quanto ele dava a ela. Eu acho que meramente o fato de que muitos de vocês tenham coisas maravilhosas a dizer sobre ele, e que muitos de vocês esperaram pacientemente pelas muitas horas que foram necessárias para que todas essas coisas fossem ditas, é a melhor ilustração de quão grande ele era.

“Mas quando se trata de mim, eu era filha dele. Ouvindo as coisas ditas aqui hoje, você pensaria que ele era perfeito, e estou feliz que, para muitos de vocês, ele era. Mas para mim, bem, eu cresci com ele. Como adulta, eu o via todos os dias porque trabalhava no negócio da família. Eu provavelmente o conhecia melhor do que qualquer outra pessoa, com suas falhas e tudo mais.”

Ela sorriu.

— E sim, ele tinha falhas. Por exemplo, ele era teimoso. Meu Deus, ele era teimoso. — Ela parou por um momento quando uma risada leve atravessou a multidão. — Mas no final, é assim que eu realmente sei que ele foi ótimo. Eu o vi em seus melhores momentos e seus piores momentos. Eu vi seus pontos fortes e vi suas fraquezas. E estou aqui para lhes dizer que, aos meus olhos, ele foi a maior pessoa que já viveu.

Amanda parou, enxugou os olhos e suspirou.

— Nunca haverá um dia que passe, a partir de agora até o dia da minha morte, que eu não sinta falta dele. Mas ficar chorosa e ser piegas sobre ele não seria o que ele queria. Na verdade, a próxima parte seria a favorita dele. A parte em que vamos comer e rir.

“Eu tinha planejado fazer uma recepção em minha casa imediatamente após o funeral, mas agora está bem claro para mim que, não só na minha casa não caberia todos vocês, mas eu nem sequer chego perto de ter salada de batata suficiente.”

Isso provocou uma risada da multidão.

— Mas em vez de esquecer o que, como eu disse, teria sido a parte favorita do meu pai no dia de hoje, meus amigos maravilhosos e eu bolamos um plano. Vou carregar toda a comida da minha casa e vou trazê-la para a Área de Recreação de Riverside. É iluminado e é o único espaço público grande o suficiente para realizar um encontro deste tamanho.

“Vocês também podem trazer o que quiserem, e vamos fazer disso um memorial de junta prato. Um festival da cidade. Eu acho que meu pai teria gostado disso. Acho que ele gostaria muito disso.”

Enquanto a multidão aplaudia, Amanda exibiu um rosto corajoso, mas seus ombros caíram. Ela estava exausta e sentiu o peso das últimas duas semanas arrastando-a para baixo. Hoje foi uma maratona e ela só queria cruzar a linha de chegada.



Amanda estava colocando as chaves na porta da caminhonete quando sentiu que elas eram arrancadas de sua mão.

— Ei! O que...

Amanda olhou para cima e viu Justin ao lado dela. Ela estendeu a mão para tentar recuperá-la.

No caos de deixar o estádio, ela foi afastada por tantas pessoas que queriam oferecer suas condolências que perdeu as amigas de vista. Seu plano era alcançá-las no rio, porque ela precisava sair de lá e recuperar o fôlego.

Justin balançou a cabeça e segurou-a fora de seu alcance.

— De jeito nenhum, senhorita. De forma alguma eu vou deixar você dirigir. Você vem de um esgotamento emocional de horas e horas. Tenho certeza de que precisou usar todas as suas forças só para suportar estar ali. Eu vou dirigir.

Amanda suspirou, com os ombros caídos.

— Justin, estou bem. Mesmo. Eu posso dirigir.

Dando um passo à frente, Justin levantou a mão, tirando um fio de cabelo do rosto dela e colocando-o atrás da orelha. As pontas ásperas de seus dedos, enquanto roçavam sua bochecha, enviaram um arrepio que percorreu sua espinha. Erguendo a cabeça, ela viu seus olhos quentes e castanhos olhando para ela e suas defesas foram quebradas quando ela se derreteu em seu olhar.

Um pequeno sorriso inclinou seus lábios enquanto ele falava.

— Eu sei que você pode dirigir. Mas só porque você é capaz de algo não significa que deva fazê-lo. Você sempre cuida de todos. Deixe-me

cuidar de você para variar.

Amanda respirou fundo e sentiu toda a tensão do dia se infiltrar em seus músculos. Alguém para cuidar dela. Aí sim. Isso soava muito bem. Alguém para se preocupar com os detalhes para que ela não precisasse. Alguém para manter constantemente o controle de seu bem-estar físico e mental da mesma forma que ela mantinha em mente o bem-estar dos outros. Alguém que perguntaria como ela estava, alguém com quem pudesse conversar, alguém que assegurasse que tudo ficaria bem. Sim. Ela definitivamente poderia relaxar ante a ideia de que alguém cuidaria dela. Ela podia deleitar-se com isso. Era tão tentador.

Mas era Justin. Ela precisava ter cuidado. Afinal, quando você está de pé por muitas horas, a tentação de se apoiar em algo que parece forte e sólido pode ser esmagadora. Mas o que acontece quando você transfere seu peso, mesmo parcialmente, dos seus próprios pés para a coisa aparentemente estável em que você está se apoiando e a coisa de repente desaparece? Isso mesmo. Você cai de bunda.

Então, sim. Embora possa ser cansativo ficar de pé sozinha, era mais seguro. Havia uma chance muito menor de encontrar-se repentina e inesperadamente caindo de bunda, possivelmente descendo uma colina, indo em direção a uma pedra ou a uma árvore.

Amanda se sacudiu. Ela poderia mentalmente esticar essa analogia em qualquer número de conclusões letais, mas de que servia?

A coisa mais importante que ela tinha que lembrar em todos os momentos era que, sob nenhuma circunstância, ela poderia começar a acreditar que Justin estaria em seu futuro como alguém que cuidaria de suas necessidades, fossem físicas ou emocionais, não importava o que ele dissesse. Lauren estava certa. Tudo o que Justin tinha falado enquanto crescia era sobre ir embora de Hope Falls.

Ele iria embora de novo. Amanda tinha tanta certeza disso quanto do sol nascendo no leste e se pondo no oeste. Quando o inevitável acontecesse, ela teria que passar pela dor insuportável de perdê-lo novamente.

Mantê-lo a uma distância segura era a única chance que ela tinha de compensar a dor que sabia que estava chegando.

Mas do lado prático das coisas, não havia realmente nenhuma razão para não aceitar uma carona dele. Ela estava exausta — totalmente

drenada, na verdade — e seria divino sentar e relaxar enquanto ele se sentava no banco do motorista, literal e metaforicamente. Isso não poderia causar nenhum dano. Poderia?



Justin ficou muito aliviado por Amanda ter cedido e deixado que ele a levasse. Ela podia ser incrivelmente teimosa quando estava cansada ou se sentindo sobrecarregada, e ele sabia que ela deveria estar as duas coisas. Parker uma vez disse a ele que a primeira palavra de Amanda era “eu” e que, quando ela estava aprendendo a amarrar seus sapatos, ela se sentava por horas e trabalhava meticulosamente nos cadarços, não deixando ninguém mais ajudá-la. Ela não gostava de pedir ou receber ajuda.

Felizmente, ela deixou isso de lado hoje. Quando voltaram para casa, Amanda e Justin trabalharam juntos, fazendo uma viagem após a outra entre a cozinha e a caminhonete, carregando pratos bem fechados contendo aperitivos, ensopados e sobremesas.

Agora, quando pararam do lado de fora da Riverside Recreation Area e viram uma multidão agitada circulando e conversando, Amanda soltou um longo suspiro antes de se virar para Justin.

— Eu meio que esperava que as pessoas não tivessem me ouvido. Eu tive uma fantasia onde nós iríamos até o estacionamento totalmente vazio e eu poderia simplesmente deixar essa comida na cozinha e ir para casa e subir para um banho quente de espuma. Estou sendo egoísta?

Justin abriu a boca para responder, mas só conseguiu abanar a cabeça. Ele ficou sem palavras pela imagem de seu corpo nu escorregando lentamente na água quente, cercado por bolhas transparentes.

Amanda olhou para ele estranhamente.

— Você está bem? — ela perguntou, o olhar em seu rosto lhe dizendo que ela achava que ele poderia estar perdendo um pouco do controle.

Justin fez o seu melhor para rir, embora a risada soasse rouca e fina, mesmo para seus próprios ouvidos.

— Eu estou bem. Foi apenas um longo dia. E não. Não há um osso egoísta em seu corpo. Claro que você gostaria de poder relaxar. Eu queria que você também pudesse. Tudo bem, que tal isso? Vamos ter um sinal.

Podemos ir com o clássico toque na orelha. Se eu vir você puxar a orelha, a qualquer momento, mesmo que tenhamos ficado aqui por apenas dez minutos, eu vou dar uma desculpa e tirá-la daqui. Combinado?

Amanda assentiu com gratidão e, pela primeira vez naquele dia, Justin notou os círculos escuros sob seus olhos azuis cristalinos enquanto eles brilhavam com facilidade.

— Sim. Combinado. Isso parece incrível.

Foi isso. Era o que ele precisava. Aquele olhar em seus olhos, o jeito que seu rosto se iluminou, o jeito que ela relaxou quando concordou com seus planos, tudo em seu mundo estava certo naquele momento. Parecia certo ser quem cuidava de Amanda, certificando-se de que ela estava bem. Justin sabia que não deveria, não poderia se acostumar com esse sentimento, mas ele estava com medo de ser tão viciante quanto crack.



# Capítulo

## 11

O coração de Amanda pulou quando Justin deu-lhe um meio sorriso arrogante que ela reconheceu como seu sorriso característico # 321, o sorriso de eu-posso-conquistar-o-mundo-se-eu-me-concentrar-nisso. E assim ela sentiu sua própria confiança crescer. Por mais que ela estivesse tentando evitar se apoiar em Justin emocionalmente, ela podia sentir-se mais forte só por estar perto dele. Estava acontecendo sem a permissão dela, mas ela honestamente não tinha forças para lutar contra isso. Que se danassem as consequências, ela ia se sentar e se divertir.

Ei, ela raciocinou, já que parecia que seus melhores esforços não seriam suficientes para controlá-lo de qualquer maneira, ela poderia muito bem se deleitar com o fato de que a força da presença de Justin a ajudava a passar por um dos dias mais difíceis da sua vida.

Seus lábios se voltaram para cima em um pequeno sorriso indiferente que quase espelhava o dele.

— Vamos fazer isso — ela respondeu quando os dois saíram da caminhonete juntos e começaram a descarregar a comida.

Mesmo estando esgotada emocional e fisicamente, era bom ter uma tarefa para ocupar as mãos, algo concreto e sem sentido, algo que parecia quase automático. Fazer viagens de um lado para outro entre a caminhonete e as mesas, desembulhar a comida, se encaixava perfeitamente em sua natureza de cuidar das pessoas, alimentá-las.

Para a surpresa de Amanda, depois de estar lá por algum tempo, ela realmente se viu começando a gostar do evento ao testemunhar o quão



importante seu pai tinha sido para essas pessoas. Dar-lhes um lugar onde pudessem falar um com o outro sobre ele, onde poderiam conversar com ela, contar suas histórias, começar a se curar, parecia significativo. Parecia real. E ter Justin ao lado dela durante tudo isso? Bem, isso parecia... certo. Não havia outra palavra para isso. Parecia perfeito, natural e exatamente como deveria ser.

Depois de algumas horas de evento, Amanda se viu com um raro momento sozinha. Deixando a cabeça cair para trás, ela olhou para o cobertor de estrelas e suspirou. O dia não tinha saído do jeito que ela planejou, mas foi exatamente como deveria.

Abaixando a cabeça, viu Sue Ann Perkins, dona do Café da Sue Ann, caminhando em sua direção. Sue Ann estava vestida com a mesma roupa básica que usara todos os dias da vida de Amanda — uma saia longa e floral com uma camisa de botão e cardigã combinando. O conjunto de hoje estava em tons suaves de preto e cinza. Sue Ann deu-lhe um abraço e depois começou a recolher pratos e copos vazios.

Sue Ann olhou para Amanda com simpatia.

— Como você está se sentindo, docinho?

Amanda sorriu enquanto seguia o exemplo de Sue Ann e começava a limpar também.

— Oh, tão bem quanto pode ser esperado, eu acho. É difícil. Mas todo mundo na cidade tem sido tão incrível.

— Quero que você saiba que estou aqui, se precisar de alguma coisa. Qualquer coisa mesmo. Eu estou a apenas um telefonema de distância — Sue Ann falou com óbvia sinceridade.

Sentindo-se mais uma vez sendo sufocada pela emoção, Amanda assentiu.

— Obrigada.

Sue Ann pareceu preocupada, e Amanda a viu examinando a multidão, talvez procurando algo para distrair Amanda da exibição iminente de lágrimas. Quando seus olhos se encontraram com Justin, que estava em pé na praça conversando com Eric e Jake Maguire, Sue Ann inclinou a cabeça em direção a ele.

— Olha, com certeza é ótimo ver Justin de volta à cidade. E que homem bonito ele se tornou. Você não acha?

Amanda teve que rir da tentativa de Sue Ann de sutileza e distração.

— Sim, é verdade.

Sue Ann dirigiu sua atenção diretamente para Amanda.

— Muitas pessoas estão comentando sobre a volta dele para cá.

— Sério? — Amanda tinha certeza de que a cidade também estava falando sobre Karina, Lauren e Sam voltando também, mas ela tinha que admitir que estava um pouco curiosa sobre o que se falava sobre Justin.

— Sim — começou Sue Ann. — Das pessoas que estiveram no café, o resumo básico é esse. Algumas pessoas estão dizendo que Justin só veio para a leitura do testamento para descobrir se Parker deixou algum dinheiro para ele e que, antes que você perceba, ele vai se levantar e ir embora de novo.

— Essa não é uma previsão sem precedentes — disse Amanda com pesar.

— Bem, essa é a opinião da minoria, para dizer a verdade — continuou Sue Ann com firmeza. — Se ouvir a maioria das pessoas, elas acham que Justin ficará por um bom tempo. Elas acham que ele voltou para casa, onde deveria estar.

Ela colocou o braço em volta do ombro de Amanda e disse em voz baixa, como se quisesse manter a observação somente entre as duas:

— E tenho certeza de que as convicções deles foram mais do que fortalecidas depois de observar o modo como ele olhou para você todo o dia. Céus, estou certamente convencida de que ele vai ficar para sempre depois de vê-lo passar o dia babando por você.

Amanda riu ligeiramente.

— De seus lábios aos ouvidos de Deus, Sue Ann.

— Querida, eu posso rezar para que Justin fique com você o dia todo se você quiser, mas escreva o que estou dizendo: essas seriam ações desnecessárias. Ele está fora de si por você e isso não vai mudar. Aquele garoto te ama.

Amanda não pôde deixar de sorrir para si mesma. Talvez Sue Ann estivesse certa. E, ei, talvez Sue Ann estivesse errada. Mas havia uma coisa que ela sabia com certeza — as palavras “aquele garoto te ama” soavam muito doces para seus ouvidos.



Justin estava cuidando de sua própria vida em uma mesa de piquenique carregando um prato com uma enorme pilha de comida quando Karina apareceu de repente ao seu lado, como um gênio pronto para conceder-lhe três desejos. De alguma forma, ele não achava que era por isso que ela havia aparecido.

Aparentemente, ele não escondeu sua surpresa ao vê-la, porque sorriu de modo aberto quando disse:

— Eu não queria te assustar, eu ia bater no seu ombro, mas estava com medo de que se eu empurrasse seu braço até mesmo um pouquinho, o rosbife suficiente para alimentar uma pequena nação cairia em cascata do seu prato.

Justin concordou.

— Eu sei. Eu culparia o ar da montanha, mas moro nas montanhas, então seria mentira. Estou prestes a comer rosbife suficiente para alimentar uma pequena nação e a única razão é porque não como o rosbife de Sue Ann há muito tempo e estou recuperando o tempo perdido.

Karina riu enquanto pegava um prato e começava a enchê-lo.

— Boa transição e você nem sabia disso.

Justin franziu a testa em uma expressão confusa.

— Transição?

— Sim. — Karina sorriu. — Eu queria falar com você sobre algo, e isso tem a ver com o seu acima mencionado “recuperar o tempo perdido”, embora em um sentido diferente do que você acabou de dizer.

— Deixe-me adivinhar. É o discurso “não machuque a Amanda”?

Karina apontou para ele com a colher que estava usando para pegar salada de batata.

— Pois sim. É ele mesmo. Você sempre foi rápido, Justin.

— É preciso ser para reconhecer.

— É verdade. E com esse espírito, tenho certeza de que essa conversa será rápida e indolor. — Karina olhou para ele bruscamente. — Olha, eu sei que nós dois nos orgulhamos de não levar nada muito a sério, mas vou falar sério sobre isso. Amanda é uma das minhas melhores amigas. Eu a amo até a morte. Eu não estou brincando agora.

Justin devolveu o olhar de Karina solenemente, sabendo que ela estava apenas fazendo o que ele vinha tentando fazer desde que chegara — cuidar de Amanda.

— Tudo certo. Vamos conversar.

Eles se sentaram no banco mais próximo, colocando os pratos no colo. O dia todo Justin foi bombardeado com ameaças veladas, e ele tentou não levar isso para o lado pessoal, mas honestamente não conseguia entender por que estava sendo tratado como se fosse um predador para machucar Amanda.

— Ouça, Kar, eu sei que você está falando sério sobre proteger Amanda. Eu quero protegê-la também. Eu levo isso a sério. E nós não somos os únicos. Eu não posso te dizer quantas pessoas sutilmente e não tão sutilmente me alertaram sobre a mesma coisa esta noite. “Não machuque a Amanda” tem sido um tema recorrente.

— Bom. Eu apoio esse tema cem por cento — afirmou Karina.

— Acredite em mim. Eu não quero machucá-la. Essa é a última coisa que quero. Eu não entendo por que todo mundo...

Quando teve dificuldade em terminar seu pensamento, Karina perguntou:

— Por que todo mundo o quê?

Na esperança de obter algumas respostas, Justin explicou:

— Quero dizer, eu sei que a cidade ama Amanda. Assim como dizem que fulano é “o queridinho da América”, Amanda é a queridinha de Hope Falls. Então eles são protetores dela. Entendi. Eu também entendo que com o falecimento tão recente de Parker todo mundo sabe que ela está se sentindo vulnerável, então eles estariam mais ansiosos para protegê-la e me avisar se achassem que eu poderia machucá-la. Mais uma vez, eu entendo isso.

Pousando o garfo, Justin balançou a cabeça.

— A coisa que eu não entendo é que eu não fiz nada para Amanda. Eu estou longe daqui há dez anos. E em todos esses anos, a primeira pessoa de quem ouvi falar foi Henry. Quando ele me contou o que aconteceu, larguei tudo e peguei o primeiro ônibus para cá. Então por que eu sou o cara mau?

A sobrancelha de Karina se levantou e ela inclinou a cabeça para o lado.

— Bem, não é como se eles achassem que você é o cara mau, por si só. Não é nada pessoal. Mas você partiu o coração dela e isso não faz de você um cara legal.

Justin não podia acreditar no que estava ouvindo.

— Quando éramos crianças? Sério? Ela tinha uma queda por mim. Quando ela me contou, eu sabia que a chateava que nada pudesse acontecer. Eu acho que ela pode ter ficado envergonhada. Mas um coração partido? Quer dizer... ela tinha apenas dezessete anos. Foi um amor infantil.

Os olhos de Karina se arregalaram de espanto.

— Uau. Macho realmente é ignorante. — Balançando a cabeça para trás e para frente, ela soltou um longo suspiro. — Você não tem ideia do quanto essa garota te ama, não é?

O cérebro de Justin tentou racionalizar a afirmação que Karina acabara de fazer. Ele sabia que Karina não era uma mentirosa, especialmente quando se tratava de uma de suas melhores amigas. Mas em todos os anos que Justin tinha pensado em Amanda, nunca tinha passado pela sua cabeça que ele pudesse ser mais do que apenas um amigo por quem ela desenvolveu uma paixão colegial. Ela era tudo de bom e certo neste mundo, e ele não era. Como alguém assim poderia realmente amá-lo?

Os olhos de Karina se encheram de pena quando ela disse:

— Olha, se eu não acreditasse realmente que você é um cara legal, eu nunca diria isso a você. Essa informação, nas mãos erradas, poderia ser usada para realmente machucá-la, mas eu sei que não tenho que me preocupar com isso em relação a você. Quando você partiu dez anos atrás, ela não ficou apenas chateada ou envergonhada. Ela ficou arrasada. Destruída. Obliterada. Ela chorou por dias. Semanas. Ela não conseguia, ou talvez não pudesse, comer ou beber. Ela ficou tão doente que Parker quase teve que levá-la ao hospital. Ela estava tão traumatizada que nem sequer contou a mim ou a Sam ou a Lauren o que tinha acontecido com você. Doía demais até mesmo falar sobre isso.

Justin sentiu todo o sangue saindo de seu rosto enquanto Karina continuava.

— Levou quase um ano para ela sair do sofrimento causado pela sua falta, e sei que ela ainda sente, mesmo depois de todos esses anos. Honestamente, se você partir o coração dela agora, não sei se ela sobreviveria a uma segunda rodada. Ela é uma garota forte, mas tem um ponto fraco em seu coração por você, sem mencionar que acabou de perder Parker. Não, repito, não a engane. Senão você terá que lidar comigo,

Lauren e provavelmente até com Sam. Estamos mais velhas agora, com mais recursos. Vamos caçar você, se necessário.

Justin balançou a cabeça lentamente, seu peito estava tão apertado que ele mal conseguia respirar. Ele tentou processar as informações que Karina estava lhe passando, mas foi como se tivesse entrado em curto-circuito com sua mente. Não as ameaças. Ele sabia que ela estava falando sério, mas ele não estava preocupado com isso.

Não, ele estava tentando entrar em acordo com o fato de que, durante todos esses anos, ele causou dor a Amanda em sua ausência. Ele pensou que estava fazendo a coisa certa ficando longe dela. Ele queria o melhor para ela e sabia que não era o melhor.

Karina colocou a mão no ombro dele e disse gentilmente:

— Eu só disse a você porque queria que soubesse com o que está lidando, não para se convencer disso. Não há nada que você possa fazer sobre o passado, mas o presente e o futuro são o que você pode mudar. Se você quiser. E, no caso de eu não estar sendo clara, eu estou torcendo para que vocês finalmente fiquem juntos. Eu acredito que vocês pertencem um ao outro.

— Tomar as chaves dela e fazê-la deixar você dirigir foi um bom começo. Lauren e eu estávamos a caminho dela, mas você chegou primeiro. Eu acho que até Lauren ficou um pouco impressionada. Nós todos sabemos que você a ama, que você quer cuidar dela. Tudo que estou dizendo é: leve a sério. Não brinque com ela.

Justin assentiu novamente.

— Eu não vou brincar — ele prometeu. — Obrigado. Obrigado por me contar tudo isso. É só... é muito para processar.



Quando Justin chegou à casa de Amanda naquela noite, ele desligou o motor e olhou para o rosto angelical, os olhos fechados, dormindo no banco do passageiro.

Quando ele notou que ela tinha apagado antes mesmo de entrar na Rua Principal, seu plano era levá-la até a casa sem acordá-la. Ela teve um dia tão longo, merecia cada minuto de descanso pacífico que pudesse ter.

Mais cedo naquela noite, Amanda disse a Justin que estava preocupada com o fato de que o resto do seu Quarteto Fabuloso estivesse ficando cansado, então ele as mandou para casa. Não foi fácil convencê-las de que ele não sairia do lado de Amanda até que ela estivesse pronta para sair, mas elas finalmente cederam. Amanda estava determinada a permanecer no parque até que pudesse falar com todas as pessoas que quisessem falar com ela para oferecer suas condolências, ou apenas compartilhar memórias preciosas de seu pai. E Justin ficou ao seu lado em cada piada que foi contada e a cada lágrima que foi derramada.

A consequência de suas ações de cuidado, no entanto, era que agora ela estava totalmente exausta. Ele puxou as chaves para fora da ignição e silenciosamente saiu antes de subir os degraus da frente da varanda para destrancar a porta da frente. Então ele voltou para a caminhonete, abriu a porta do passageiro e levantou Amanda em seus braços, tão gentilmente quanto possível, fechando a porta, silenciosamente, atrás dele.

Quando ele entrou na casa, Teddy caminhou sonolento de onde estava enrolado em sua cama quente na cozinha e caminhou até Justin, esfregando a cabeça contra a perna dele para que o topo de sua cabeça também esfregasse contra as costas de Amanda.

Justin sorriu para o lindo e feliz cachorro.

— Vamos levar a nossa menina para a cama sem acordá-la, ok, garoto?  
— ele sussurrou, e Teddy balançou o rabo de um lado para o outro.

Justin olhou para as escadas e decidiu que seria mais uma oportunidade para ela acordar. Então, em vez disso, ele a deitou no sofá, apoiando as almofadas do sofá debaixo sua cabeça tão suavemente quanto foi capaz, tentando com cada pequeno movimento abalá-la o mínimo possível.

Ele se moveu em silêncio para pegar a manta que lembrava ser uma das favoritas de Amanda do armário, ele estava feliz em encontrá-la ainda guardada no mesmo lugar. Amanda disse a ele que sua mãe a tinha feito antes de ela nascer. Justin levou o cobertor de malha quente para uma Amanda adormecida e o espalhou sobre ela, sentando-se ao seu lado no sofá enquanto o fazia.

Em um movimento que parecia quase fora de seu controle, ele estendeu a mão e tirou uma mecha dourada de cabelo da testa dela, acariciando as pontas dos dedos através dos fios sedosos. Seus olhos se

abriram um pouco, e ela inclinou a cabeça ligeiramente para olhar para ele. Ele congelou. Toda a preocupação que ele tinha tido para que não a acordar, e agora isso.

— Oh... Olá. É você — ela disse sonolenta, bocejando, e estava claro para Justin pelo seu tom que ela não estava realmente consciente, apenas falando em um estado meio acordada, meio adormecida. — Você deveria ficar dessa vez. Senti sua falta... — ela sussurrou, e sua cabeça caiu de volta no travesseiro quando seus olhos se fecharam novamente.

Ele olhou para ela, congelado, por mais alguns instantes.

De repente, ele ouviu a voz sussurrada de Karina vindo das escadas. Ele estava tão completamente encantado com a forma adormecida de Amanda e suas palavras inconscientemente murmuradas que ele não tinha ouvido os passos suaves de Karina descendo as escadas.

— Então, se ela é Joey, isso faz você Pacey ou Dawson? — ela sussurrou. Ele se virou e deu a ela um olhar perplexo, não certo de que a ouvira corretamente.

— Dawsons Creek? Da Warner? Show de longa duração? Lançou as carreiras de Joshua Jackson, Katie Holmes e James Van Der Beek? Sério, pessoas que não têm referências culturais são impossíveis de lidar. — Ela sorriu.

Ele balançou a cabeça. Talvez ele estivesse apenas cansado, mas ele não tinha ideia do que ela estava falando.

— Bem, você é a alma gêmea dela ou é a pessoa com quem ela deve acabar? — Karina perguntou. Depois de dar um momento a ele, ela encolheu os ombros e, com um meio sorriso travesso, subiu as escadas, acrescentando: — Pense sobre isso.

Justin olhou de volta para Amanda, adormecida, e afastou os cabelos dourados de sua testa. A decisão de ficar e lutar por Amanda, não importava o quão forte fosse seu instinto interior de correr e não importava quais obstáculos externos bloqueassem seu caminho, solidificou-se dentro dele, e ele sussurrou decisivamente:

— Por que não posso ser os dois?







# Capítulo

## 12

Justin estava na cozinha de Amanda, preparando-se para fazer café recém-moído. Ele estava contente que aquele era um novo dia, que esperançosamente não seria preenchido com a montanha-russa emocional à qual ele tinha sido amarrado desde o momento em que chegou a Hope Falls.

Não. Este era um novo dia. A manhã parecia clara e brilhante.

Justin estava determinado que este dia seria livre de drama e incidentes.

Justin adorava o ato cotidiano e rotineiro de fazer café porque simbolizava qual era sua intenção para o dia — um dia completamente calmo e normal, como qualquer outro. Bem, não como os que estavam acontecendo ultimamente, mas como a maioria dos dias que passara em Mountain Ridge quando jovem; sem intercorrências, rotineiro, mas reconfortante em sua previsibilidade.

Na verdade, Justin provavelmente diria que um bom dia de trabalho antiquado em Mountain Ridge Outdoor Adventures foi a coisa mais próxima que ele já sentiu de algo que poderia ser chamado de lar.

Enquanto levava a sacola de grãos de café para o moedor, todos os pensamentos de normalidade se despedaçaram quando ele ouviu um grito aterrorizado vindo do andar de cima. Não apenas um pequeno guincho, mas um grito no estilo de filme de terror, de estourar os tímpanos dado a plenos pulmões.

Ele deixou cair a sacola que estava segurando; grãos de café se espalharam pelo chão limpo da cozinha, como se fossem bolas de gude saindo da sacola. Ele subiu as escadas correndo.

Enquanto ele corria para a escada, tentou imaginar o que poderia ter feito Amanda gritar como se sua vida estivesse prestes a terminar. Ela estava ferida? Alguém a tinha machucado? Ela estava presa em algum lugar? Algo tinha caído sobre ela?

Quando Justin chegou à porta do banheiro, ele pegou a maçaneta freneticamente, girou e empurrou, mas a porta não cedia.

— Amanda! — ele chamou urgentemente. — Destranque a porta!

— Eu não consigo — ela gemeu de dentro do banheiro, sua voz aterrorizada enviou o limiar de terror de Justin para a zona vermelha. — Me ajuda, por favor.

Agindo puramente na adrenalina, ele empurrou seu ombro com força contra a pesada porta de madeira de novo e de novo até que ela cedeu. Invadindo o cômodo, ele não sabia o que esperava encontrar, mas definitivamente não era o que estava diante dele.

Sua beleza de olhos azuis, aparentemente sem ferimentos, estava colada ao canto mais distante do chuveiro. Ela estava olhando para baixo, aterrorizada, do outro lado do chuveiro em direção ao ralo, mas essa parte foi momentaneamente perdida por Justin.

Ele ficou mudo e temporariamente paralisado pela visão de Amanda nua. E ela estava nua. Muito nua. Gloriosa e descaradamente nua. Seu corpo luxurioso era rosa do vapor do chuveiro e brilhava úmido pela água.

Mesmo que os riachos de água que abriram caminho pela porta de vidro do box que separava os dois distorcesse levemente a imagem do corpo de Amanda, não havia como negar que a visão de Amanda Jacobs nua era a coisa mais incrível que ele já tinha visto. Perfeita. Seu corpo era seu mais selvagem sonho personificado.

— Justin! — ela gritou enquanto mexeu os pés e pressionou ainda mais contra a parede de azulejos.

— Eu estou aqui. — Justin começou a sair de sua névoa de luxúria.

— Entre. Aqui. Agora — Amanda disse cada palavra com ênfase.

*Ookay.*

Justin não tinha certeza do que estava acontecendo, mas ele sabia de uma coisa; Amanda o queria no chuveiro. Então ele ia entrar no chuveiro.

Ele não precisava que ela pedisse duas vezes.

Enquanto começou a desabotoar a camisa, ele avançou e sorriu.

— Sim, senhora.

Sem nem mesmo olhar para cima e reconhecer seu avanço brincalhão, Amanda apontou um dedo trêmulo para o ralo e guinchou:

— Aranha.

Justin começou a rir enquanto andava o resto do caminho em direção a ela e tirou a camisa completamente.

— Uma aranha. Você tem alguma ideia do que aquele grito me fez imaginar enquanto subia as escadas? E era apenas uma aranha? Você viveu aqui a vida toda. Você se considera uma garota da montanha e basta uma pequena aranha para fazer você gritar como se estivesse em um filme de... PUTA MERDA!

Este último palavrão explodiu dos lábios de Justin quando ele puxou a porta do box de vidro, enfiou a cabeça para dentro e pôs os olhos na maior e mais peluda aranha que ele já tinha visto.

Ele nunca viu nada assim. Era quase do tamanho de uma bola de beisebol, em tons de marrom e preto. Seu corpo do tamanho de uma bola de golfe pendia pesadamente no centro de oito pernas grossas, semelhantes a tentáculos, cobertas por centenas de minúsculos pelos, de modo que quase dava a impressão de que a aranha estava coberta por uma camada de pelo.

No momento, estava sendo mantida sob controle pelo fluxo constante de água quente deslizando em direção a ela, que parecia querer escapar. No entanto, toda vez que sentia movimento no outro extremo do recinto, tentava enfrentar a corrente para investigar. Justin agora sabia por que Amanda estava encolhida no canto, tremendo e assustada demais para sequer pensar nisso. Ela estava presa.

Justin respirava pesadamente, e não apenas pela sua proximidade com a desagradável fera que era a aranha. Não, ele estava agora ao alcance de uma criatura que poderia ser tão perigosa, na verdade mais, para ele — Amanda nua. Ele precisava se controlar para poder lidar com a situação e tirá-la dali. Ele teve que esquecer, momentaneamente, que podia ver cada centímetro do corpo com o qual ele sonhou por mais de uma década, ou o fato de que excedia todas as fantasias que ele já teve.

Sim, isso deve ser bem fácil.

Usando-se como um bloqueio, Justin passou por ela para encostar a mão contra a parede molhada do chuveiro e, em seguida, entrou cuidadosamente no box, jeans, botas de trabalho e tudo. Ele se posicionou na frente dela, efetivamente protegendo-a do alcance da aranha. Para chegar a Amanda, o horrível aracnídeo teria que passar por Justin primeiro.

— Ok, Amanda — Justin disse suavemente, com uma voz muito mais calma do que ele pensaria ser capaz de reunir. — Eu preciso que você saia devagar do box. Fique atrás de mim o tempo todo. Nada de movimentos bruscos. Eu não sei se esse cara é um saltador, e eu não quero descobrir. Você pode fazer isso?

Ele sentiu a cabeça dela acenar contra a parte por trás do seu ombro, e seu corpo quente e molhado começou a passar por ele. Seus dedos deslizaram contra o lado de seu pescoço enquanto ela segurava seus ombros em busca de apoio. Ele sentiu seus seios pesados pressionados contra suas costas enquanto ela roçava nele para se proteger. E ele sentiu a barriga dela através de seu jeans, a pele firme enquanto se movia lentamente colada à sua bunda.

A única coisa que o impediu de brotar uma ereção enorme e embaraçosa ali era a presença da aranha super-grande se contorcendo, que continuava a tentar fazer seu caminho se movendo em direção a eles. A visão repugnante das pernas cabeludas e apalpadas do aracnídeo, em constante movimento de busca, tendia a matar um bom zumbido de excitação, mesmo quando a fonte daquela excitação era tão potente quanto a carne nua, macia e flexível de Amanda Jacobs.

Depois que ele ouviu os pés molhados de Amanda cravarem-se no chão de ladrilhos do banheiro e teve certeza de que ela estava do outro lado do pequeno espaço, Justin lentamente retirou-se do box, com os olhos travados na aranha mamute. Ele então firmemente deslizou a porta de vidro, prendendo a aranha dentro dele.

— Eventualmente, vamos precisar de uma solução mais permanente do que isso, mas é um começo — disse ele, virando-se para enfrentar Amanda. Para sua enorme decepção, ele viu que ela tinha enrolado uma toalha em volta de si mesma. Vendo o olhar ainda em pânico em seu rosto, Justin imaginou que deveria aliviar o clima. Ele puxou as bordas da toalha quando se aproximou dela e perguntou:

— Eu também vou me secar?

Amanda recuou decisivamente e apontou para o chuveiro.

— Mate a aranha, Casanova, e depois conversaremos.

Justin se aproximou do chuveiro e estudou o monstro através da porta de vidro.

— Eu sinto que faz sentido desligar a água, mas não tenho certeza se esse é o movimento — ele admitiu.

— Mesmo? Você não sabe como matar uma aranha? E você se considera um garoto da montanha? Chocante — Amanda brincou, seu tom leve.

Olhando por cima do ombro, ele atirou de volta com um sorriso:

— Ei, sua bunda bonitinha está sã e salva graças a este menino da montanha.

Amanda riu, e soou como o som mais doce do mundo. Então, ela estalou os dedos e tirou algo do armário embaixo da pia.

— Tente isso — disse ela.

Justin estreitou seu olhar quando ele pegou a lata vermelha e preta de Raid.

— Eu não acho que isso vá fazer muito. Ela é muito maior que uma formiga ou uma barata.

— Bem, use muito mais — sugeriu Amanda pragmaticamente. — E, além disso, deve pelo menos atordoá-la para que você possa desligar a água e bater nela.

Justin assentiu. Não totalmente convencido, mas como ele não conseguia pensar em algo melhor, abriu a porta do chuveiro apenas o suficiente para encaixar o bocal, mirou e explodiu a criatura horrível, que começou a se contorcer. Com a outra mão, ele desligou o fluxo de água quente.

Como os movimentos da aranha diminuíram e ela parecia estar enfraquecendo, Justin abriu a porta do chuveiro e mirou com o pé.

— Sim! Pegue ela. Esmague com sua bota!

Amanda o aplaudiu.

Justin trouxe o calcanhar de sua grossa bota para caminhar diretamente sobre o corpo da aranha com um baque satisfatório. Ele então ergueu o pé cerca de um centímetro do piso e desceu novamente com força três ou quatro vezes por segurança.

Ao sair do chuveiro, ele abriu a tampa do vaso sanitário e colocou a bota de lado no assento para que ele e Amanda pudessem se assegurar de que a temida criatura estava completa e verdadeiramente morta. Justin desenrolou várias folhas de papel higiênico e raspou o que restou no banheiro. Amanda então deu descarga, e eles observaram os pedaços de seu inimigo serem arrastados em um redemoinho satisfatório.

Colocando o pé de volta no chão, Justin virou seu corpo para enfrentar Amanda, que ainda estava bem perto dele. Agindo puramente no instinto primitivo, Justin passou o braço por trás da cintura e puxou-a para perto dele.

— Então... — Ele respirou roucamente, mas com um sorriso sexy e brincalhão que não representava seus hormônios em fúria ou coração batendo descontroladamente. — A fera está morta e eu acredito que nós falávamos sobre eu me secar.

Amanda sorriu e abriu a boca para responder, no que Justin tinha certeza de que seria uma de suas observações atrevidas, mas nada saiu. Seus olhos percorreram seu rosto e pescoço, ambos corados. Seus olhos azuis o encaravam através de uma cama grossa de cílios escuros e ele viu como sua língua percorria seus lábios e as curvas suaves de seu corpo derretiam contra ele. Sentiu-se inclinando-se para ela até sentir os tufos quentes de ar de seu hálito aquecido, os lábios a meros milímetros de se tocarem.

— Porra, eu quero beijar você agora — ele sussurrou suavemente.

Amanda soltou um suspiro de necessidade assim que Sam, com os fones de ouvido do iPod firmemente no lugar, saltou para o banheiro, completamente inconsciente de que Amanda e Justin estavam de pé do lado de dentro da porta. Seu impulso, quando ela esbarrou neles, fez todos os três caírem; Justin mal conseguiu pegar as duas garotas e aparar suas quedas.

Quando se deitaram no chão, um mero instante depois de terem caído ali, a cabeça de Karina bateu na porta do banheiro, olhando para eles com consternação.

— Ei — ela protestou —, vocês estão fazendo um ménage e ninguém pensou em me convidar?





# Capítulo

## 13

Amanda e Justin sentaram-se no escritório administrativo principal da Mountain Ridge Outdoor Adventures mais tarde naquela manhã, olhando desconfortavelmente um para o outro por cima da mesa. Bem, ela estava desconfortável, Justin parecia perfeitamente bem. Amanda não tinha certeza se eles deveriam falar sobre o quase beijo ou apenas varrê-lo para debaixo do tapete. Ela estava meio que esperando que Justin mencionasse isso, mas ele parecia imune ao assunto.

Então Amanda quebrou o silêncio.

— Ok, eu acho que é bom para a equipe retornar a um senso de normalidade o mais rápido possível. Eu acho que é realmente o que todos nós precisamos, e eu agradeço que você esteja a bordo com isso.

— Absolutamente — Justin disse suavemente. — Tudo o que você precisar, eu estou aqui.

Ela sabia que ele provavelmente pretendia que essa declaração fosse favorável, mas estava meio irritada por ele estar agindo como se não a tivesse puxado contra ele e dito que queria beijá-la. Então, em vez de confortá-la, sua declaração a irritou.

— Não é sobre o que eu preciso. É sobre o que é melhor para o negócio. Nosso negócio. Aquele que nós dois administramos. Juntos.

Justin não parecia minimamente perturbado por sua atitude. Ele simplesmente a tranquilizou dizendo:

— Eu sei. Mas eu quero que você saiba que não importa o que qualquer papel diga, esse é o bebê do seu pai. É o legado dele e você é

quem esteve aqui o tempo todo. Então você tomará as decisões. Estou completamente preparado para seguir sua liderança em todas as decisões. É tudo o que eu quis dizer com “o que você precisar de mim”. Honestamente.

Amanda respirou fundo e assentiu. Ele estava tentando, pelo menos.

— Tudo bem — ela disse. — Você está certo. Desculpe se fui agressiva. Ainda devo estar um pouco no limite de ontem.

*Sem mencionar*, ela acrescentou silenciosamente para si mesma, *a tensão de não voltar a amar você novamente, já que sei que você pode desaparecer a qualquer momento. Isso também tem sido um pouco estressante.*

Amanda abriu o planner e colocou-o entre os dois, para que cada um pudesse ler de seu próprio ângulo.

— Temos menos de seis semanas até que o Mountain Ridge seja aberto para a temporada de inverno — começou ela. — É crucial abrirmos a tempo para manter nossa linha de fundo saudável. Todos os dias que adiamos a abertura, em um dia em que deveríamos ter receita, mas não temos, não é um dia neutro em termos de receita. Estamos pagando a equipe. Assim, todo dia não só nos custa em perda de receita, mas em despesas reais.

— Um golpe duplo — Justin disse sombriamente.

— Precisamente — concordou Amanda.

— Bem, é melhor descobrirmos como abrir dentro do prazo, então — Justin declarou com confiança. — Eu sei que seis semanas parecem muito tempo, especialmente para alguém que não está acostumado a ficar em um lugar por um longo período, mas, na verdade, quando você olha para tudo que precisa ser feito, mal dá tempo.

Justin assentiu agradavelmente, mas Amanda não perdeu o lampejo de dor que cruzou seus olhos. Ela não quis que fosse uma alfinetada. Ela realmente estava apenas afirmando um fato, mas viu como o comentário o afetou.

— Tudo bem — disse ele. — Por que não começamos fazendo uma lista de todas as coisas que precisam ser feitas e aproximadamente quanto tempo cada tarefa vai levar em termos de horas de trabalho? Então, podemos descobrir como alocar o tempo da equipe com mais eficiência. Quando e se tivermos essa informação, também podemos fazer uma

programação mestre que expõe tudo ao longo do período de seis semanas, para que possamos saber cada passo do caminho, se estamos mantendo as metas ou não.

Amanda assentiu com gratidão, feliz com a perspectiva de se envolver em uma tarefa quantificável, algo em que poderia se concentrar. Algo que tinha um começo e um fim definidos.

— Parece bom — disse ela, retirando a brochura de inverno do ano anterior para que pudessem passar por todas as atividades oferecidas pelo resort e debater todas as tarefas que precisariam ser concluídas para tornar cada oferta pronta para o inverno. Ela também desdobrou um mapa da propriedade para que eles pudessem examinar as tarefas do ponto de vista geográfico, examinando cada centímetro da propriedade do resort e listando todas as manutenções e reparos que precisariam ser realizados no próximo mês e meio. Mais tarde, eles passaram por todas as tarefas administrativas necessárias e se certificaram de que estavam bem à mão, mas, no momento, a prioridade ainda era abrir a tempo para a temporada de inverno.

Enquanto Amanda e Justin tramavam e planejavam, cabeças debruçadas sobre documentos, conversando, adicionando listas, fazendo sugestões, discutindo, analisando, chegando a conclusões e desenvolvendo um ritmo e relacionamento cada vez mais amigáveis, Amanda realmente relaxou por um momento e baixou sua guarda.

Ela estava tão envolvida na tarefa e tão focada no planejamento que perdeu seu foco em manter a inquebrável vontade de ferro necessária para manter Justin à distância emocionalmente.

Depois de várias horas, eles finalmente tinham o que parecia ser uma solução viável para deixar o parque pronto em tempo suficiente para abrir o cronograma para a temporada de inverno.

Honestamente, Amanda não estava inteiramente certa de que o momento iria dar certo, para tê-lo diante dela em preto e branco, um documento que, se seguido, garantiria a abertura oportuna e, portanto, a lucratividade futura da empresa do pai dela — agora dela. Parecia uma tábua de salvação. Parecia simbólico também — o primeiro grande obstáculo que Amanda precisava superar como dona. Era uma grande sensação.

Ela olhou para Justin. Ela podia sentir o calor de suas bochechas, que estavam coradas com a emoção da realização.

— Eu acho que nós realmente fizemos isso — disse ela, um toque incrédulo.

Justin sorriu de volta igualmente satisfeito.

— Concordo. Eu acho que é um plano forte e viável.

— Parece que é hora de reunir as tropas — Amanda disse, feliz que, quando ela se dirigisse ao pessoal, teria Justin ao seu lado. Por enquanto, pelo menos.



Amanda e Justin ficaram na frente do pequeno grupo — os cinco funcionários que a Mountain Ridge Outdoor Adventures tinha atualmente na equipe. Eles eram um bando desorganizado, Amanda refletiu, mas eles eram a família de Mountain Ridge Outdoor Adventures, e ela não os trocaria por nada no mundo.

Havia Bertha Hodge, uma mulher gorda de sessenta e poucos anos que supervisionava toda a cozinha, limpeza e manutenção dos alojamentos e do prédio administrativo. Em seguida, havia Jane Gonzales, uma mulher mimada que cuidava do trabalho administrativo no escritório, além de agendar todas as reservas. Em seguida, estava Meredith “A planejadora” Beene, a contadora de meio período que estava em todo lugar, o tempo todo. Por último, os “Garotos Bartollo”, Mikey e Jack, dois irmãos que — da maneira curiosa como as pequenas cidades às vezes operam — ainda eram amplamente chamados de “garotos”, embora estivessem na casa dos cinquenta e ninguém parecia pensar que era estranho. Os Bartollos lidavam com manutenções diversas em torno da propriedade.

É claro que à medida que cada estação começava e os convidados chegavam, havia trabalhadores contratados trazidos — guias especializados nas várias atividades oferecidas no resort. Mas esses cinco eram o núcleo, os únicos empregados assalariados durante todo o ano. Em suma, a família.

— Olá, todo mundo — Amanda começou com um leve tremor em sua voz. O tremor estava vindo da percepção de que o pai dela não estava aqui.

Ele não ia liderar esta reunião.

Ela havia tentado novamente limpar o quarto dele esta manhã depois do quase beijo no chuveiro, mas não foi muito além do que no dia em que as meninas apareceram. Amanda sabia que isso precisava ser feito e todas as amigas se ofereceram para ajudá-la, mas era algo que ela tinha que fazer sozinha. Em tempo.

Limpando a garganta, ela começou de novo:

— Então, eu queria aproveitar esta oportunidade para deixar todo mundo saber que, vocês sabem... que tudo está dentro do cronograma para a temporada de inverno... — Ela parou quando um nó se formou em sua garganta. Esta era a primeira temporada sem o pai dela.

Tentando livrar sua mente desse pensamento, ela disse:

— Ok, deixe-me começar de novo. Eu sei que tem havido alguma conversa sobre as pessoas estarem inseguras sobre o que o futuro reserva para o Mountain Ridge.

Bertha pareceu intrigada.

— Que conversa? — ela perguntou incerta.

Amanda engoliu em seco audivelmente:

— Oh... isso, você sabe... de que algo está errado, ou que podemos estar fechando, ou...

— Podemos estar fechando? — perguntou um dos Garotos Bartollo em tom chocado.

— Não... não, não estamos. Esse é o meu ponto — disse Amanda, tentando reunir seus pensamentos e voltar ao rumo.

— Mas as pessoas estão falando sobre isso, é? — Bertha tentou esclarecer, com cautela: — Quero dizer, é isso que você está tentando nos dizer? Você não teria levantado isso se não fosse uma possibilidade, certo?

— Não — disse Amanda, tentando combater as lágrimas que enchiam seus olhos. — É disso que quero falar — ela tentou novamente. Isso tudo estava saindo de seu controle mais rapidamente do que ela poderia imaginar.

Ela estava fazendo tudo errado. Ela queria reunir todo mundo e informá-los sobre tudo o que ela e Justin tinham planejado, e agora eles estavam com medo de que não tivessem empregos e ela não conseguia falar sobre o enorme nó do tamanho de uma bola de beisebol em sua garganta para garantir a todos que não era esse o caso.

Justin se adiantou suavemente.

— O fechamento está completamente descartado — disse ele, com convicção em sua voz que Amanda só podia sonhar em alcançar. — Ninguém falou sobre isso. Ninguém considera isso.

— Nós chamamos vocês para dizer que Amanda e eu passamos a manhã com um cronograma detalhado de trabalho e tarefas que precisam ser concluídas antes da abertura do inverno. No que depender de nós, o Mountain Ridge Outdoor Adventures vai abrir para a temporada de inverno no horário. É para onde estamos indo, é onde nosso foco está, e é aí que queremos que o foco de todos esteja.

Ele se virou e deu um pequeno sorriso para Amanda.

— É o que Amanda estava tentando dizer. Eu sou apenas melhor em falar do que ela.

Amanda riu e deu-lhe uma pancada no braço. Só assim, a tensão na sala foi quebrada. Os cinco funcionários também riram e, de repente, como mágica, a sala inteira estava na mesma página.

Justin continuou:

— Estamos planejando abrir a tempo neste inverno, e esperamos que essa abertura seja a primeira de muitas aberturas de inverno que estão por vir. Mas, para conseguir isso, precisamos da sua ajuda.

Amanda sentiu a atmosfera na sala mudar novamente. O interesse dos funcionários foi despertado e o ar estava tingido de algo parecido com excitação. Os sete estavam começando a se unir como um time.

Justin continuou a dirigir-se aos funcionários, apontando como era a oportunidade de todos honrarem a memória de Parker, abordando o trabalho que precisava ser feito do jeito que ele queria que fosse feito, do jeito que ele próprio faria.

No final do discurso de Justin, cada um dos trabalhadores estava pronto, se não ansioso, para aceitar suas atribuições individuais e apressar-se para começar a usá-las. Amanda abriu seu planner e distribuiu as listas de tarefas que ela imprimiu para cada um dos funcionários, incluindo uma lista para ela e outra para Justin.

Depois que todos saíram, Amanda se virou para Justin e disse:

— Isso foi incrível. Sério. Crédito onde o crédito é devido. Eu estava caindo de cara no chão e você me salvou completamente.

— Bem, nós somos uma grande equipe — disse Justin.

— Sim — ela concordou com um pequeno sorriso. — Nós realmente somos.



# Capítulo

## 14

*N*a tarde seguinte, depois de mais uma noite sem dormir torturada pelo fato de Justin estar dormindo a poucos metros dela, Amanda bocejou enquanto dirigia até a beira da propriedade, onde Justin caminhava pela cerca e reparava lugares onde o tempo ou animais haviam deixado sua marca. Sua mente estava divagando sobre o quanto havia mudado em apenas alguns dias. Realmente parecia com os velhos tempos de muitas maneiras. Eles tinham seu antigo ritmo de volta, sua antiga comunicação silenciosa, em sincronia, cada um pegando onde o outro ficou aquém.

Suas forças e fraquezas individuais se encaixavam perfeitamente, o que era uma das coisas que Amanda sempre tomara como prova de seu encaixe perfeito um com o outro.

A cabeça de Amanda girou em confusão. Seria tão fácil — tão fácil — para os sentimentos dela por ele começarem a ressurgir de uma maneira agressiva se ela permitisse que isso acontecesse. Para ela se acalmar acreditando que poderia depender de sua presença constante. Como ela desejava poder relaxar e deixar isso acontecer.

Mas era tão perigoso.

A otimista yin para aquele yang deprimente estava levando em conta o fato de que, enquanto intencionalmente mantinha sua distância emocional, ela poderia estar realmente deixando passar algo que poderia ser a maior coisa que já aconteceu com ela — a direção que a sua vida estava, de fato, querendo tomar.



Ela desejou ter um sinal, qualquer tipo de sinal, que lhe dissesse a coisa certa a fazer em relação a Justin. Algo que a deixaria saber se seu retorno estava destinado a ser temporário ou se o destino decidira que aquele era o lugar ao qual ele realmente pertencia.

Sua caminhonete bateu e desceu pelo caminho de terra esburacado, e ela estendeu a mão para firmar a garrafa de limonada gelada que estava trazendo para Justin. Ela determinou que, tanto quanto ela era o tipo de pessoa que gostava de uma vida tranquila e previsível — uma em que ela poderia se envolver facilmente — ela teria que resignar-se com o fato de que ela precisava permanecer aberta a qualquer coisa que o destino trouxesse nesse caso, e não analisar demais ou tentar controlar como tudo acabaria.

Afinal, foi assim que ela estragou as coisas com Justin antes, tentando fazer as coisas acontecerem no seu tempo. Aquela ação de sua parte, aquele gesto apressado entre eles, tinha sido o ímpeto para a separação de dez anos, uma separação que quase a matou.

*Ainda assim, ela pensou, seria ótimo ter algum tipo de sinal.*

Enquanto a caminhonete de Amanda contornava a curva final e Justin aparecia, ela teve o que achou que poderia ser o sinal que procurava. Lá estava ele, ao longe, sem camisa, exibindo de forma proeminente a magnífica musculatura de seu peito, que brilhava de suor. Seus ombros ondulavam com o esforço quando ele baixou a marreta sobre o poste em que estava trabalhando, prendendo a fiação que estava anexando a ele.

Sua respiração ficou presa na garganta quando o viu. Era uma visão que era tão familiar. Ela voltou às centenas de vezes no passado quando lhe trouxe limonada enquanto ele trabalhava nesses mesmos tipos de tarefas de manutenção em torno da propriedade e, de repente, parecia certo. Parecia absolutamente cem por cento *certo*.

Além disso, cimentando sua crença nessa percepção, havia Teddy. Sim, Teddy, que claramente seguia Justin por toda a manhã como ela costumava fazer. Ele estava agora enrolado e deitado contente aos pés de Justin enquanto ele trabalhava. Realmente era como nos velhos tempos.

Amanda respirou fundo enquanto se aproximava lentamente dele no caminho. Ela estacionou e desceu, segurando a garrafa térmica gelada em sua mão quando saltou para o chão. Justin a olhou e cumprimentou-a com

um enorme sorriso, puxando uma bandana do bolso de trás e enxugando o suor do rosto.

— Ah, meu anjo da limonada — ele gritou alegremente enquanto ela fechava o espaço restante entre eles.

— Como você sabe que é limonada? — ela respondeu divertidamente, segurando a garrafa térmica.

Justin sorriu, seu sorriso #164 Lindo-Demais-Para-Seu-Próprio-Bem, e olhou-a de cima a baixo.

— Com limonada ou não, a parte do anjo está certa — brincou ele, e Teddy bateu a cauda animadamente.

Amanda tentou não deixar que o efeito das palavras de Justin aparecesse em seu rosto enquanto ela puxava a cabeça de Teddy em direção a ela e coçava suas orelhas carinhosamente antes de entregar a Justin sua garrafa térmica de limonada.

— Então, vejo que sua sombra não esqueceu a velha rotina nos últimos dez anos — disse ela amigavelmente.

— Oh, sim. Teddy é meu braço direito. Não é, amigo? — ele perguntou ao cachorro, estendendo a palma da mão, com a face para cima. — Cadê meu cumprimento?

Teddy obedientemente bateu na palma de Justin com a pata, deitando-se de volta em seguida.

— Bom menino. Esse é o meu garoto — Justin elogiou enquanto coçava sua cabeça. A cauda de Teddy rapidamente balançou para frente e para trás enquanto ele lambia a mão que o acariciava.

A cena parecia tão normal e, por causa da própria normalidade, era tão insuportavelmente comovente que Amanda, tomada pela emoção, não podia mais ficar lá. Tentando cobrir seus sentimentos intensos, ela virou-se rapidamente e começou a voltar para o caminho.

— Bem, tenho que voltar ao trabalho — disse ela, tentando manter o tom o mais neutro possível através da repentina sensação de aperto em suas cordas vocais.

— Amanda — disse Justin, surpreso —, por que você não fica por alguns minutos? Pelo menos espere eu terminar a limonada. Você pode levar a garrafa térmica de volta com você.

— Fique com ela — ela disse, levantando levemente a mão para acenar com os dedos para trás em um gesto amistoso, mas sem se virar. Ela não

queria que Justin visse as lágrimas que estavam começando a se formar em seus olhos. Ela não queria que ele visse como estava afetada pela percepção de que essa cena doméstica e preciosa representava o que poderia ter sido uma ocorrência diária em suas vidas se ele tivesse ficado e tivessem terminado juntos.

Esta poderia ter sido a vida deles — uma vida que ela queria tão desesperadamente que às vezes a paralisava. Essa pequena troca representava para ela o que poderia ter sido e, ainda mais torturantemente, o que poderia ser. Ela queria tanto, mas ela não tinha absolutamente nenhum controle se realmente iria ou não acontecer.

Deus, como ela ia fazer isso? Ela não sabia se poderia suportar.



Quando Amanda se preparou para sair para jantar com Karina, Lauren e Sam naquela noite, ela se esforçou para se concentrar nas roupas que estava colocando sobre seu corpo, enquanto o som muito distinto do chuveiro atravessando o corredor fazia o possível para distraí-la.

Normalmente, o som simples de um chuveiro ligado não a deixava alerta, ou tinha algum efeito nela. Era apenas um ruído genérico. Mas neste caso, a parte atraente era o ocupante do referido chuveiro. Justin. Era Justin no chuveiro.

Quando Justin e Amanda entraram na casa mais cedo naquela noite, após um longo dia de trabalho, as três amigas de Amanda estavam sentadas no sofá, esperando por eles.

— Finalmente — Karina explodiu de forma alegre. — Nós estamos esperando há horas.

— Cerca de vinte minutos — Lauren emendou.

— Seja como for — disse Karina com um aceno de mão. — Nós estamos entediadas. Nós estivemos sentadas nesta casa durante todo o dia. Queremos sair para jantar. Vão se preparar.

Amanda prontamente concordou, mas Justin recusou. Ele disse:

— Obrigado pelo convite, mas eu já tenho planos. Vou me encontrar com Eric, Jake e alguns caras da equipe. Na verdade — ele continuou, olhando para o relógio —, eu já estou atrasado.

Com isso, ele subiu as escadas, pulando dois degraus de cada vez. Amanda ouviu a porta do banheiro bater e o chuveiro ligar. Ela subiu as escadas até o quarto, dando os passos em um ritmo mais calmo, e começou a se vestir para o jantar.

No entanto, ela não conseguia se concentrar na tarefa por mais de dois segundos seguidos. Imagens mentais de Justin em pé no chuveiro, nu, água fluindo sobre seu corpo, ensaboando-se, inclinando a cabeça para trás no fluxo pulsante ocupavam sua mente. Ela suspirou. Era insuportável. Ela sentiu como se seus nervos estivessem em chamas. Cada pequeno barulho em qualquer lugar da casa a fazia pular.

Esta, é claro, tinha sido a mesma rotina que ela passou quando adolescente toda vez que Justin estava no chuveiro. Ela em seu quarto, ouvindo a água bater no piso do box, imaginando o que ele deveria estar fazendo lá em qualquer momento, e como ele estaria ao fazê-lo, enquanto o corpo dela ficava corado pelo calor que seus pensamentos geravam.

Mas isso foi quando ela era uma adolescente crivada de hormônios. Ela era uma mulher adulta agora. Aparentemente, a parte crivada de hormônios não mudou muito, no entanto. Ela não podia acreditar que estava se comportando assim.

Ela ouviu o chuveiro desligar assim que terminou de se vestir e abanou o rosto corado.

*É uma pena que eu não tenha uma pia no meu quarto,* ela pensou ironicamente.

*Eu definitivamente poderia usar alguns respingos de água gelada agora mesmo.*

Amanda endireitou as roupas e abriu a porta do quarto, com a intenção de descer as escadas e encontrar as meninas. Naquele exato instante, Justin saiu do banheiro, seu peito brilhando com vapor e uma toalha enrolada na cintura.

*Que pena essa toalha,* ela pensou com tristeza antes de ser capaz de se conter e ter seus pensamentos maliciosos em xeque.

A voz profunda de Justin penetrou seus pensamentos.

— Se você continuar olhando para mim assim, vamos ter um problema.

Amanda tentou respirar fundo, mas conseguiu apenas inspirações rápidas. Rápidas e cheias de seu cheiro masculino limpo que não estava

fazendo nada para acalmar os hormônios em seu interior.

— Eu não sei do que você está falando — disse ela sem fôlego.

Justin se aproximou com um brilho predatório em seus olhos cor de café. Os pés de Amanda recuaram até que ela acabou em seu quarto novamente. Ela só parou quando se encontrou plana contra a porta do armário. Justin continuou seguindo em frente até que menos de uma polegada separasse seus corpos. Seus dedos roçaram a mão dela antes que ele a erguesse e gentilmente guiasse as pontas dos dedos dela ao longo da borda de sua toalha na junção onde se dobrava em si mesma em sua cintura, como se ele fosse um mestre de marionetes sedutor, e ela, sua marionete impertinente.

— Eu acho que você sabe do que estou falando — disse ele em um tom baixo e rouco —, mas se você quiser, eu posso te mostrar.

*Sim!*

Seu cérebro gritou.

*Por favor, me mostre. Por favor, com açúcar por cima.*

— Amanda. — A voz profunda e grave de Justin transmitiu uma intensidade sensual crua. Amanda inclinou a cabeça para cima, olhando diretamente nos olhos dele. Ele abaixou a cabeça até que seus lábios mal tocaram sua orelha, e então sussurrou com voz rouca: — Você quer que eu mostre a você?

O coração de Amanda estava tão acelerado que ela não tinha certeza se algum dia voltaria a uma velocidade normal. Arrepios estalaram por todo o seu corpo quando ela estremeceu com arrepios que se espalharam do topo de sua cabeça até as pontas dos dedos dos pés. Seus dedos se arrastaram ao longo do contorno da toalha sem a ajuda dele quando uma batida aguda veio da porta aberta.

— Toc, toc — Karina falou em voz alta enquanto dava a volta no canto do quarto de Amanda.

Tanto Justin quanto Amanda se viraram para ela.

Seus olhos dançaram com diversão quando ela olhou entre Amanda e Justin.

— Estou interrompendo?

— Não. Estou pronta para ir — Amanda respondeu sua amiga, sua voz soando estranhamente alta enquanto ela se movia em torno de Justin e um arrepio de consciência percorria seu corpo.

— Leve todo o tempo que você precisar. — Karina riu, dando um sorriso travesso a Justin antes de descer as escadas.

— Nós não terminamos aqui — Justin disse com um sorriso sexy quando Amanda saiu do quarto seguindo diretamente atrás de sua amiga.

Amanda não tinha certeza se suas palavras eram uma ameaça ou uma promessa, mas, de qualquer forma, o corpo dela concordava muito com essa afirmação. Agora ela só tinha que continuar tentando convencer sua mente e seu coração.



# Capítulo

## 15

*K*arina, Lauren, Sam e Amanda sentaram-se alegremente na última mesa vaga do Café da Sue Ann, observando com interesse o resto do movimentado salão. Amanda tentou ver através dos olhos de suas amigas. O restaurante parecia exatamente o mesmo de sempre. Uma dúzia de mesas ficava em ângulos confortáveis ao redor do chão polido, cada uma coberta de toalhas de mesa ecleticamente descombinadas.

Prateleiras cobriam a parede dos fundos, exibindo artesanato local e lembranças pessoais de Sue Ann. Fotos pontilhavam o resto das paredes, retratando acontecimentos, locais importantes e residentes que eram especiais para Sue Ann ou Hope Falls. Amanda viu uma foto de si mesma com os pais de quando tinha cerca de seis anos de idade. A poucos metros à esquerda dela, ela viu uma foto de Karina e sua avó, Renata, muito mais jovens.

Muito parecido com tantos lugares em Hope Falls, o Café da Sue Ann irradiava uma vibração forte e acolhedora de lar. Naquela noite, todas as mesas estavam cheias de grupos barulhentos de pessoas felizes e tagarelas, aumentando ainda mais a atmosfera convidativa.

— Uau — observou Karina. — Além de JT's Roadhouse, esta é a coisa mais próxima da vida noturna que Hope Falls tem a oferecer. É uma festa normalmente aqui.

Lauren sorriu.

— Honestamente, é bom estar de volta a Sue Ann. Realmente parece que estou em casa.

— Bem, estou muito animada por ter tomado a decisão de ignorar o fato de que estou treinando e, para esta noite, vou aproveitar um pouco da deliciosa comida caseira da Sue Ann — disse Sam entusiasmada.

Amanda entrou na conversa.

— Bem, se todas nós estamos listando as coisas pelas quais estamos felizes, deixe-me colocar que é fantástico estar aproveitando uma noite com minhas melhores amigas.

Todos eles ecoaram esse sentimento e começaram a estudar o cardápio.

— Oh, rosbife — Sam entouou vigorosamente. — Ou chili, com queijo e cebola.

Karina entregou-lhe um guardanapo, e Sam devolveu um olhar interrogativo.

— Para a baba — esclareceu Karina.

Todas riram, incluindo Sam, que respondeu:

— Ei, tente quase nunca comer nada além de verduras e peixe grelhado por dez anos e ver qual é a sua reação ao pensamento de um grande e suculento cheeseburger e um shake de chocolate.

Antes que Karina respondesse de forma espirituosa, Kelly King foi até a mesa delas, carregando um bloco de pedidos e usando uma camiseta elástica que se moldava à cada curva e uma calça jeans que parecia ter sido pintada em sua pele. Seu cabelo loiro e descolorido destacava-se em forte contraste com o falso bronzeado que rivalizava apenas com o blush e a sombra que pareciam ter sido aplicados com brochas em vez de pincéis cosméticos.

— Posso anotar seus pedidos? — ela perguntou indiferente.

— Onde está o seu chiclete? — Karina perguntou em um inocente tom de voz. Kelly deu a ela um olhar desdenhoso.

— O quê?

Karina encolheu os ombros.

— Eu não sei. Você apenas parece que deveria estar mascando chiclete. De alguma forma, parece completar a imagem.

Amanda se encolheu ao ver a Kelly, que estava dois anos à sua frente na Hope Falls High. Amanda nunca se importou com ela por várias razões, exceto pelo fato de que Justin a tinha namorado de vez em quando. Claro,



não era como se ela fizesse parte de um clube exclusivo. Justin tinha saído com a metade da Hope Falls High — e a metade restante era do sexo masculino.

Mas Kelly tinha sido diferente das outras garotas. Enquanto a maioria das conquistas de Justin tentava agradar a Amanda como uma forma de solidificar ainda mais seu vínculo com Justin, Kelly adotou uma abordagem diferente.

Quando Justin estava no ambiente, com certeza, ela era toda sorrisos e doçura. Mas no instante em que Justin saía, mesmo que fosse para pegar um refrigerante, ela tratava Amanda como se fosse um inseto asqueroso para ser esmagado. E então havia o hábito muito irritante de gritar quando via Justin, um som fino e agudo com uma cadência distinta.

— Oooooo, Justin! — Isso fazia a pele de Amanda se arrepiar.

Kelly não se importava com Amanda e o sentimento era tão mútuo agora quanto no ensino médio.

— Vocês vão fazer seus pedidos ou o quê? — Kelly suspirou dramaticamente e bateu o lápis impacientemente contra o bloco.

Karina ficou pensativa.

— Hmmm. Bem, eu sei com certeza que Sam vai querer o brócolis cozido no vapor e o prato de salmão grelhado. Quanto a mim...

— Salmão é o cacete! — Sam riu.

Kelly não pareceu divertida, dizendo categoricamente:

— Não temos isso.

Karina encolheu os ombros.

— Tudo bem.

— Olha, eu tenho outros clientes. — Kelly começou a bater o pé com impaciência. — Vocês vão pedir ou o quê?

— Whoa, de onde vem essa hostilidade? — Karina comentou com falsa inocência antes de cantarolar: — Eu sinto um cheiro de 5 por cento de gorjetaaaa...

Amanda correu para acalmar as coisas.

— Desculpe, Kelly, estamos prontas. Vou comer o frango assado com purê de batatas e um chá gelado.

Kelly revirou os olhos para Amanda, sem nenhuma razão em particular, e Amanda sentiu seu aborrecimento começar a aumentar. Sem anotar o pedido de Amanda, ela se virou para Lauren.

— E para você?

Lauren sorriu do jeito que ela sempre sorria para seus inimigos. Alegremente, mas com uma navalha de gelo por baixo.

— O mesmo — ela disse docemente. — Você não gostaria de anotar?

Kelly sorriu e fez um grande show escrevendo devagar enquanto dizia:

— Claro. Aqui vamos nós. O M-E-S-M-O. Eu acho que é assim que se soletra.

— Que pena que você não tem certeza — Lauren respondeu com falsa simpatia.

Kelly revirou os olhos, carrancuda, tomou os pedidos de Karina e Sam, então se virou e saiu sem dizer outra palavra.

— Uau — disse Karina. — Essa é realmente a coisa de que eu mais sinto falta de casa se eu tivesse que escolher uma coisa. Forçada a analisar, eu tenho que dizer que nossa popularidade é a parte mais charmosa de estar em casa em Hope Falls. Fãs adoradores não conseguem igualar esse tipo de amor.

— Oh, ela ainda está com ciúmes de Amanda — afirmou Lauren.

— Ciúmes? — Amanda zombou. — Eu não acho que ela tenha ciúmes de mim. Ela só me odeia.

— Certo. Porque ela está com ciúmes — Lauren insistiu placidamente. — O que mais poderia haver por trás de uma resposta antagônica tão imediata e intensa? E especialmente quando um homem está envolvido? Isso é ciúme, minha amiga.

Amanda olhou para onde Kelly estava ajudando um cliente com um pedido para viagem no balcão.

— Talvez ela só me ache irritante.

Sam fez uma careta, olhando para a porta.

— Ah, não. Por falar em aborrecimento, acho que estamos prestes a receber o refrão de seu slogan favorito.

Amanda se virou para Sam.

— O que você...

E o mistério foi resolvido quando um grito alto soou:

— Ooooooo, Justin!

Amanda girou a cabeça bem a tempo de ver Kelly se lançar alegremente sobre Justin, envolvendo os braços em volta do pescoço e as

pernas ao redor da cintura dele, plantando um grande e suculento beijo direto em sua boca.

A náusea tomou conta dela com a força das ondas de maré alta enquanto ela girava de volta em seu assento. Inspirando pelo nariz e expirando pela boca, Amanda fez o melhor que pôde para acalmar a sensação de enjoo que passava por ela. Ela sabia que não estava fazendo um ótimo trabalho em esconder sua reação. Seu rosto estava apertado, sua boca estava pressionada em uma linha fina e sua respiração soava como se estivesse sendo filtrada através de uma máscara de mergulho.

Esticando a mão, Lauren cobriu o braço de Amanda.

— Você quer ir?

Amanda engoliu em seco, com um nó na garganta, ainda sentindo-se enjoada.

— Não, eu estou bem.

Os olhos de Lauren cortaram os ombros de Amanda em direção a Kelly e Justin.

— Uau. Parece que ele está tentando se livrar de um macaco-aranha.

Não sendo capaz de resistir, Amanda virou a cabeça ligeiramente, olhando por cima do ombro. Para seu imenso alívio, realmente parecia que Justin estava fazendo tudo o que podia para se livrar de Kelly, mas ela estava segurando-o como se sua vida dependesse disso.

Lauren balançou a cabeça enquanto olhava como se estivesse testemunhando um acidente de carro que ela não conseguia parar de observar.

— Ela está presa a ele como superbonder. Ele poderia esticar os braços para o lado e tentar voar para longe como um pássaro. Aquela garota não vai a lugar algum.

Amanda voltou sua atenção para sua mesa de amigas, não querendo testemunhar a exibição carinhosa de Kelly.

Ela conseguiu se concentrar parcialmente na conversa fiada das suas amigas, mas toda a sua inteligência estava focada em não prestar atenção à reunião acontecendo atrás dela. A próxima coisa que ela sabia, Kelly estava de volta à mesa delas, dizendo em um tom doce e enjoativo:

— Você não parece que está se sentindo muito bem, Amanda. Você está branca como um fantasma e parece... suar frio. Eu posso colocar sua comida pra viagem e você pode ir embora.

Lauren olhou para ela, incrédula.

— Você está brincando comigo, Kelly?

— Não. Olhe para ela. — Kelly acenou com a mão para Amanda. — Estou tentando ajudar sua amiga.

— Não faça joguinhos, King. Nós sabemos que você quer que Amanda vá embora porque Justin está aqui — Lauren entooou secamente.

Karina disse, fingindo um tom prestativo:

— Mas, Kelly, quanto à sua preocupação com a nossa amiga... Não se preocupe. Justin está ficando na casa de Amanda e ele está cuidando muito bem dela.

Isso era obviamente uma novidade para Kelly, porque ela deixou seu disfarce de menina malvada escorregar por um momento. Suas verdadeiras emoções se manifestaram enquanto ela visivelmente empalideceu, e a dor apareceu em seus olhos. Este lapso momentâneo foi de curta duração, no entanto, e ela devolveu para Karina.

— Eu odiei o seu último álbum. — Então Kelly voltou para Justin e sua equipe.

Karina balançou a cabeça, fazendo com que sua longa juba negra e lustrosa brilhasse. — É só o amor, sabe? Comovente.

Exatamente nesse momento, as pessoas na mesa ao lado do Quarteto Fabuloso se levantaram e saíram, e o coração de Amanda pulou quando ela ouviu Justin e os caras indo em sua direção.

Kelly correu na frente deles e bloqueou o caminho, dizendo:

— Ah, não, vocês não querem essa mesa. Uma melhor estará vaga em breve.

Justin correu em volta dela, sentando-se na cadeira que ficava mais próxima de Amanda, piscando para ela. Então ele se virou para Kelly e disse alegremente:

— Kelly, esta mesa está bem. Nós vamos ficar ótimos aqui. Não se preocupe.

Kelly começou a se afastar com raiva, mas Karina pegou seu braço.

— Oh, Kelly, querida — ela disse docemente. — Apenas um lembrete. Eu tenho uma visão perfeitamente clara do balcão onde os pratos são colocados para fora e todo o caminho que você vai tomar ao trazê-los para a nossa mesa. Nada de gracinhas. E só por precaução, que tal você ficar na

minha linha de visão o tempo todo até que nossa comida chegue à nossa mesa? Nada de pequenas viagens de volta para a cozinha.

Kelly franziu o cenho para ela sombriamente.

— Você não pode me dizer o que fazer.

Karina encontrou sua carranca com um sorriso brilhante.

— Verdade. Mas eu posso ter uma boa e longa conversa com Sue Ann sobre a maneira como fomos tratadas aqui esta noite e sobre a maneira que você tinha sua língua no meio da garganta de Justin, à vista das outras mesas, que, muito provavelmente, preferiam que você gastasse seu tempo enchendo seus copos de água, em vez de jogar hockey de amígdalas em público.

O rosto de Kelly se contorceu quando ela revirou os olhos. Sam disse:

— Cuidado. Você faz isso demais. Pode acabar ficando assim.

De repente, o comportamento sombrio de Kelly teve um efeito estimulante. Ela disse:

— Você quer que eu fique onde você possa me ver? Tudo bem.

Então ela se virou para a mesa de Justin e se inclinou na frente dele, jogando a cabeça para trás de um jeito despreocupado, que pressionou seus seios na direção do rosto de Justin, quase ao nível dos olhos, enquanto gritava com o quanto estava feliz por ele estar de volta à cidade.

— Deus, esse som é como unhas no quadro-negro. — Os ombros de Karina tremeram.

— Nós podemos ir — Lauren ofereceu novamente.

Por mais que Kelly estivesse lhe dando nos nervos, e a proximidade de Justin a estivesse colocando em sobrecarga sensorial, Amanda sabia o que tinha que fazer. Ela ia ficar e comer. Depois iria embora.

— Não, está bem.

Virando a cadeira um pouco para que Justin e Kelly não estivessem em sua linha de visão, Amanda tentou se concentrar em aproveitar a noite com suas amigas.

Em pouco tempo, Kelly estava de volta à sua mesa.

— Aqui está a sua comida — disse ela hostilmente para Karina. — Isso está de acordo com seus padrões, Alteza?

Karina não mordeu a isca.

— Finalmente, o respeito que mereço. Da próxima vez, lembre-se de se curvar diante da realeza.

A mandíbula de Kelly apertou e sua cabeça parecia prestes a explodir antes que ela girasse em seu calcanhar, resmungando palavrões em voz baixa.

Amanda começou a comer antes que as outras três tivessem desembrulhado os talheres de seus guardanapos.

— Muita fome? — Lauren brincou.

Sam acrescentou com uma risada:

— Uau, e eu pensei que estava desesperada por uma refeição caseira.

Amanda deu de ombros.

— Eu não tenho comido muito.

Era a verdade, mas não era a razão pela qual ela estava enchendo sua boca tão rápido que parecia que estava em uma competição alimentícia.

Karina, Sam e Lauren trocaram olhares e, então, sem dizer uma palavra, todas começaram a enfiar comida na boca o mais rápido que podiam. A angústia de Amanda em relação à atitude de Kelly foi temperada por sua gratidão por ter grandes amigas. Elas sempre a apoiavam, como evidenciado pelo fato de estarem ingerindo suas refeições como lenhadores que não comiam há uma semana. E quando suas barrigas estavam cheias, elas a empurraram para fora de lá como se o lugar estivesse em chamas, deixando para Kelly apenas uma moeda presa dentro de um copo de cabeça para baixo, com um pouco de água dentro como gorjeta.

Ela ouviu Justin chamando seu nome quando saiu pela porta, mas fingiu não ouvir. Ele estava revendo seus amigos e ela não queria que ele interrompesse sua noite por causa dela. Ele não fez nada de errado. Não era sua culpa que ver Kelly o adulando a deixasse enjoada.

Isso era problema dela. Assim como era problema dela que, se Karina não os tivesse interrompido no quarto de Amanda, ela tinha certeza que estaria na cama com Justin agora. E ela ainda tinha *namorado*. Um com quem ela não conversava desde que ele deixara o serviço memorial do seu pai mais cedo, mas ainda assim...



# Capítulo

## 16

Na manhã seguinte, Amanda olhou para o teto, sabendo que era hora de encarar o dia. Como de costume, ela se mexeu e se virou a noite toda, incapaz de alcançar um momento de paz. Toda vez que ela começava a adormecer, o guincho de “*Oooooo, Justin!*” bombardeava sua consciência, repetindo uma e outra vez.

Para ser completamente justa, não foi apenas Kelly que a manteve acordada. Amanda também estava se sentindo culpada pelo fato de que ela e Trent ainda estavam tecnicamente juntos e ainda assim ela esteve a segundos de tirar a toalha de Justin. Ela sabia que precisava romper com Trent, mais cedo ou mais tarde. Então, ela pensou em estar solteira. A próxima coisa que aconteceu foi a imagem de Justin aparecendo de volta em sua cabeça. O que, por sua vez, fez com que ela começasse a se preocupar com o quão apegada estava ficando a Justin, apesar de seus melhores esforços. E isso a levou de volta a ouvir Kelly guinchando.

Era um círculo vicioso.

Esta manhã, ela se viu com os olhos turvos, mal-humorada e ressentida. Mas mais do que tudo, sentia falta do pai. Quando ela se sentou na cama e seus pés bateram no chão de madeira, ela estremeceu enquanto puxava o moletom, que tinha subido sobre suas panturrilhas. Quando seus dedos roçaram o tornozelo, outra onda de perda e tristeza se espalhou. Anos atrás, ela havia perdido um dos pertences mais preciosos que possuía, uma tornozeleira de prata que Justin lhe dera no último Natal em Hope Falls. Ela ainda sentia falta da sensação dela contra sua pele.

Lágrimas se acumularam em seus olhos enquanto ela se levantava e se arrastava miseravelmente pelas escadas, desesperada por uma xícara de café. Ela tentou se livrar da tristeza esmagadora que sentia; era apenas uma peça de joalheria.

Quando ela entrou na cozinha, viu que era a última da casa a encontrar o caminho até lá naquela manhã — um testemunho de sua noite sem dormir. Tropeçou até a cafeteira e se serviu de uma xícara da bebida fresca e fumegante. Ela tomou um longo e glorioso gole do elixir mágico enquanto se arrastava até a mesa da cozinha, colocando-a sobre a mesa, desabando com força na cadeira em frente a ela e colocando a cabeça entre os braços cruzados sobre o tampo.

— Noite difícil? — Justin perguntou, parecendo preocupado.

— Tudo bem — ela murmurou.

— Você tem certeza? Você não parece tão bem.

Amanda levantou a cabeça para olhá-lo enquanto afastava o cabelo do rosto.

— Obrigada.

— Eu não quis dizer... eu só quis dizer... — Justin tropeçou em suas palavras.

Karina levantou a mão, indicando para Justin que ela iria lidar com isso antes de alcançá-la e dar um tapinha no braço de Amanda.

— Eu acho que o que Justin quer dizer é que você parece um figurante de *The Walking Dead*.

Amanda sorriu com a descrição de Karina enquanto se levantava na cadeira da cozinha, tentando projetar uma aura de dignidade tão refinada quanto possível, usando calças de moletom, pantufas de coelhinho e uma camiseta do tipo “Eu <3 Nerds”.

— Eu só não dormi muito. Isso é tudo.

Justin se inclinou para frente com preocupação em seu olhar de chocolate.

— Eu tentei conferir como você estava quando voltei ontem à noite, mas sua porta estava trancada.

Amanda estava tendo dificuldade em se concentrar em uma coisa boba como palavras com o cheiro que era exclusivamente de Justin flutuando no ar. Era um aroma fresco e leve que sempre fez Amanda derreter. Forçando-se a se concentrar, ela deixou o que ele disse ser absorvido.



Ela deve ter perdido o som de sua batida quando tentava abafar o som agudo da voz de Kelly tocando música nos fones de ouvido. O que ajudou, mas não muito.

— Conferir. — Karina sorriu. — É assim que as crianças estão chamando hoje em dia? — No canto do olho de Amanda, ela viu Lauren golpear Karina com uma luva de forno.

Os lábios de Amanda se ergueram em um sorriso completo, já se sentindo melhor do que estivera alguns minutos atrás. Justin sorriu de volta para ela. Era o # 243, o sorriso dele, eu-estou-tão-feliz-de-ver-você-sorrir. Aquele sempre acertou Amanda no peito.

— Oh, bom. Você está recuperando um pouco de cor — Sam disse com alívio enquanto estudava o rosto de Amanda. — Você estava me assustando por um minuto. Eu não vi você tão pálida desde que tentamos esqui no Pico do Suicídio.

— Oh, meu Deus! — Os olhos de Amanda se arregalaram de horror. — Eu não posso acreditar que me esqueci disso. Eu quase quebrei meu pescoço tentando esqui no Pico do Suicídio.

Sam gemeu.

— Eu sei. Pensei que tinha te matado.

Karina acenou com a cabeça enquanto respirava pelos dentes.

— E você parecia branca como uma folha. Eu não achei que fosse possível que sua pele realmente ficasse mais pálida do que é, mas quando eu corri para o quarto do hospital e vi você deitada na cama, você estava praticamente transparente.

Lauren esfregou as pontas dos dedos contra a testa como se estivesse evitando uma dor de cabeça.

— Ai, cara. Acho que nunca estive tão assustada quanto naquele dia em que Kar e eu recebemos a ligação do seu pai.

Karina acrescentou:

— Sim, Amanda, você tem oficialmente a distinção de ser a primeira e única membro do Quarteto Fabuloso a mandar uma equipe de busca e resgate atrás dela.

Amanda ficou em silêncio.

— O que você quer dizer? Eu estava com Sam quando caí e desmaiei. Eles não chamaram uma ambulância?

Sam deixou cair o rosto nas mãos e sacudiu a cabeça.

— Nós estávamos todos tão felizes quando você acordou que acho que não entramos nos detalhes de como tiramos você da montanha. Sim, A Busca e salvamento foi chamada.

Isso tudo era novidade para Amanda.

— O que aconteceu?

Sam sentou-se e suspirou como se só pensar nisso fosse muito para absorver.

— Ok, então, depois que tomamos a decisão incrivelmente imprudente de esquiar no Pico do Suicídio, como seu pai nos proibiu especificamente de fazer, cheguei ao fundo, sentindo-me incrivelmente orgulhosa de mim mesma. Eu me virei para você, e você estava longe de ser vista. Sério. Em lugar algum.

— Eu observei o horizonte. Gritei seu nome. Eu estava completamente louca. Esquiei no Snack Shack o mais rápido que pude, mas lembro que o pânico estava deixando meus movimentos desajeitados, e eu senti como se estivesse tentando correr debaixo d'água.

— Quando finalmente cheguei lá, eles enviaram a equipe de busca e salvamento e ligaram para Parker. Deus, eu estava com tanto medo do que seu pai ia dizer, como ele iria olhar para mim. Eu pensei que ele gritaria comigo por dias e depois nunca me deixaria ver você de novo. Se eles te encontrassem.

— Bem, ele chegou lá quando estavam puxando você da montanha e te colocando em uma ambulância. Você teve sua queda interrompida por uma árvore e sua perna foi quebrada. Honestamente, é um milagre você ter caído do jeito que caiu contra aquela árvore, porque você poderia ter quebrado o pescoço.

Amanda sacudiu a cabeça, maravilhada.

— Uau, eu sinceramente não me lembro de nada disso. É tudo tão nebuloso.

Sam assentiu.

— Sim, no momento em que você acordou, eles já começaram a te encher de analgésicos. Acredite em mim, teria sido uma experiência muito menos agradavelmente nebulosa se isso não tivesse acontecido. De qualquer forma, quando seu pai correu, eu comecei a chorar, e eu estava tentando me desculpar e explicar tudo ao mesmo tempo, mas eu estava apenas chorando e gaguejando. Em suma, eu estava um caco. Então, bem

no meio da minha grande e complicada explicação de confissão-barradesculpa, ele me parou com um abraço e disse: “Não se preocupe, Sammi. Minha garota é muito mais dura do que você imagina”. Eu fiquei tão aliviada. Ele até fez sinal para eu ir na ambulância com vocês, o que era incrivelmente generoso. Ele era tão bom.

Amanda assentiu com tristeza.

— Eu nem estava consciente o bastante na ambulância para lembrar que ele estava lá.

Justin sorriu e falou com calma e seriedade:

— Bem, os analgésicos estavam tomando conta de você. Parker estava mais concentrado em consolar a mim e a Sam.

— Você...? — Amanda ficou chocada. — Você estava lá?

O olhar de dor nos olhos de Justin fez o coração de Amanda vibrar.

— Sim. A ligação veio enquanto estávamos limpando as trilhas. Eu ouvi o som do rádio ao mesmo tempo que Parker. Naquele momento, eles nem tinham te encontrado ainda. A única informação que tivemos foi de que houve algum tipo de acidente no Pico do Suicídio, que você estava desaparecida e que eles estavam enviando busca e salvamento. E... eu não aceitei bem. Eu me inclinei e vomitei o almoço inteiro que eu acabara de comer. Você ainda me deve um sanduíche de carne assada e batatas fritas, a propósito.

Amanda sorriu enquanto se agarrava a cada palavra dele, oscilando entre a descrença e o desmaio.

— Quando me levantei, percebi que Parker iria embora, correndo de volta pela trilha em direção à caminhonete. Eu fiquei tão chocado ao vê-lo parado ali, ele não saiu. Ele olhou para mim por uma fração de segundo e então acenou com a cabeça, apenas uma vez, rapidamente, como se tivesse tomado uma decisão, e disse: “Sim. Vamos. Vamos pegar a nossa garota.” Aquela viagem de caminhonete até o final do Pico do Suicídio foi a mais longa da minha vida. Nós não sabíamos se você estava bem. Nós não sabíamos se você estava viva. Eu estava apenas... entorpecido. Não acho que sequer comecei a respirar novamente até que paramos e vimos você sendo carregada naquela ambulância.

“Toda a cena foi surreal. Você estava drogada, Sam estava chorando, e eu estava apenas parecendo um zumbi. De todo o trajeto até o hospital, lembro-me apenas de ter segurado o seu pé bom, o da perna que não estava

machucada. Era como se eu não pudesse acreditar que você estava bem a menos que eu estivesse tocando você e pudesse sentir você, sólida e real sob minha mão. Então eu apenas segurei seu pé e agradei a Deus que você estivesse usando suas meias de sorte do Garfield.”

Os olhos de Amanda se arregalaram ainda mais.

— Você se lembra das meias que eu estava usando? — ela perguntou, lutando para manter a voz natural, embora pudesse sentir sua garganta sufocando com lágrimas.

Justin sorriu, e desta vez não era seu sorriso patenteado #207, o sorriso não-me-odeie-porque-sou-irresistível. Não era #421, o eu-sou-tão-sexy-você-não-pode-resistir-aos-meus-feitiços. Não era nem mesmo um dos seus favoritos pessoais, o #67, o eu-sei-que-o-que-eu-acabei-de-dizer-foi-impertinente-mas-o-que-posso-fazer-eu-sou-um-malandro.

Não. Esse sorriso era seu favorito. Era o seu melhor sorriso. Era o #1, o sorriso sem-segundas-intenções-apenas-irradiando-pura-felicidade.

Seus olhos castanhos se encontraram com os dela quando ele disse:

— Eu me lembro de tudo.

Amanda não conseguia falar. Ela não conseguia nem pensar. Tudo o que ela podia fazer era sentir as emoções que estavam batendo nela com a força de um caminhão.

Depois de vários momentos de silêncio, Karina falou:

— Uau. Essa foi a história mais estranhamente romântica que eu já ouvi.

Lauren sorriu e Sam e Amanda riram.

— Estou falando sério — disse Karina com sinceridade. — Se eu fosse uma cantora country, meu próximo single seria *“Agradeço a Deus que você estava usando suas meias do Garfield”*.

Todos riram, e a conversa voltou-se para o que o resto da letra poderia ser e se Karina poderia ou não lançá-la nas paradas do país. Enquanto Amanda sorvia seu café, sua mente continuava ouvindo a voz de Justin em sua cabeça.

“Lembro-me de tudo.”

Isso tinha que significar alguma coisa. Certo?



# Capítulo

## 17

Justin vagueou sem rumo pela rua principal, observando o ambiente e fazendo o melhor para colocar a cabeça em linha reta.

Quando ele saiu de Mountain Ridge uma hora atrás, ele não tinha nenhum destino específico em mente, mas então percebeu que, sem a intenção consciente, ele estava indo em direção aos campos de atletismo juvenil no extremo norte da cidade.

Fazia perfeito sentido. Toda essa volta ao lar foi para enfrentar seu passado — o bom, o ruim e o feio. Ele veio aqui, obviamente, para homenagear Parker, e isso estava solidamente na coluna do “bom”. Ele enfrentou o mal e o feio quando fez seu discurso no serviço memorial na semana passada e isso estava longe de ser fácil. Mas ele fez o que precisava fazer. Ver Amanda era uma sensação mista. Definitivamente havia algo entre eles, mas ela estava se segurando. Ele também estava.

Amanda anunciou depois do café da manhã que ia passar o dia arrumando o quarto de Parker. Todos, incluindo ele próprio, se ofereceram para ajudá-la ou até mesmo para fazer companhia, mas ela recusou educadamente. Justin tinha reconhecido o olhar que vira em seus olhos azuis marinhos. Era algo que ela precisava fazer sozinha. Ele definitivamente conhecia esse sentimento.

Depois de passar as primeiras horas do dia checando a equipe em Mountain Ridge para se certificar de que estavam dentro do cronograma, Justin tinha descoberto que eles estavam milagrosamente adiantados em quase uma semana. Toda a equipe parecia estar trabalhando em dobro,

possivelmente em homenagem à memória de Parker ou em apoio a Amanda. De qualquer maneira, Justin ficou com muito pouco por fazer.

Então, sua mente enchera o tempo pensando em Amanda e o que deveria ser a coisa certa a fazer naquela situação. Depois de várias listas de prós e contras, ele começou a enlouquecer e decidiu que precisava sair dali por um tempo.

Foi assim que ele acabou indo em direção aos campos.

Quando ele era um garoto no ensino fundamental e médio, disciplina e ordem não eram coisas altamente valorizadas em sua casa. Em vez disso, o caos reinava. Todos os dias que Justin tinha acordado era um giro da roleta sobre como sua vida seria naquele dia. Seu pai ficaria sóbrio e se comportaria de forma relativamente normal? Haveria comida na cozinha para comer? As luzes estariam funcionando quando ele ligasse o interruptor? A água viria saindo da torneira quando ele girasse o registro? Quando ele entrava na sala de estar, estaria vazia ou lotada de pessoas que seu pai trouxera para casa depois de se encontrar no bar na noite anterior, que agora estariam dormindo com os efeitos da festa que trouxeram para casa? Mais assustador de tudo, o dia iria trazer algum outro evento fora de controle que ele não tinha absolutamente nenhuma maneira de prever?

Todas as manhãs, todas essas perguntas e mais haviam atormentado a mente jovem de Justin. Foi assim que ele começou o dia. Havia coisas que ele não tinha como saber, coisas sobre as quais ele não tinha nenhum controle. Controle e ordem. Aquilo era o que Justin tinha desejado mais que tudo. Mais que comida, mais que água, às vezes até mais que ar. Ele ansiava por previsibilidade e estrutura.

A mãe de Justin havia partido quando ele ainda era um bebê. E Justin havia aprendido, desde muito cedo, que esperar que o pai fosse capaz de prover era perda de tempo.

O próprio Rick Barnes encorajara essa filosofia. Desde o momento em que Justin tinha cerca de três anos de idade, o suficiente para derramar cereal em uma tigela, Rick tinha deixado que ele se virasse sozinho. Ele tinha orgulho disso. Mesmo. Quando um dos frequentadores assíduos de uma noitada do seu pai tentava preparar o café da manhã para Justin, tagarelando sobre ele e fazendo alarde — provavelmente porque pensaram erroneamente que conseguiria pontos com Rick — seu pai sempre lhes dizia:

— Deixe o menino se virar. Ele sabe como se defender sozinho.

Justin poderia jurar que ouvia uma nota de orgulho sempre que essas palavras deixavam a boca de seu pai. Era como se na própria avaliação de Rick, sua brilhante realização parental tivesse criado uma criança que não precisava dele. Considerando a aptidão de seu pai para a paternidade e sua preferência pelo álcool, pode ter sido apenas uma autoconsciência aguda.

Qualquer que fosse o caso, Justin aprendeu cedo que não era prudente depender de ninguém além de si mesmo. Ele descobriu que precisava aprender a ser disciplinado e auto-suficiente se quisesse viver uma vida de calma e ordem.

Isso tudo era bom na teoria, não tanto na prática. Algumas crianças de seis anos de idade podem se tornar completamente motivadas com coisas como cronograma, higiene, lição de casa e saúde, mas Justin estaria disposto a apostar que a maioria delas não era. A autodisciplina era algo que precisava ser ensinado. Pelo menos foi no caso de Justin. E ele obviamente não recebeu essas lições do pai.

Onde ele encontrou essas ferramentas foi no atletismo juvenil. Todo esporte que eles ofereciam, ele jogava. Ele não percebeu, até que ficou mais velho, que esportes organizados para crianças eram realmente caros, porque ele nunca tinha sido convidado a pagar. O departamento de Parques e Recreação lhe dera um passe livre para equipe após equipe.

Como adulto, ele veio a encarar o fato de que isso deveria ter sido um pequeno gesto por parte da cidade. Provavelmente foi uma maneira de difundir a culpa e o desconforto que devem ter sentido por deixá-lo em uma situação doméstica que todo mundo sabia que era horrível, sem tomar medidas para melhorá-la. Era a maneira de Hope Falls ficar de olho nele.

Mas, gesto culpado ou não, foi a única coisa que deu a Justin as ferramentas críticas para a sobrevivência com as quais ele contava até hoje. A disciplina para manter um regime de treino, o autorrespeito de manter seu equipamento limpo e em boa ordem, o respeito adequado pela autoridade na forma de seus treinadores e, por último, a responsabilidade de fazer parte de uma equipe e a responsabilidade inerente àquilo.

Foi também o único lugar em que ele se destacou. Não importa que esporte fosse, Justin sempre dominava. Ninguém, nem mesmo seu pai, conseguira tirar isso dele.



Quando ele contornou a última curva antes dos campos de atletismo aparecerem, já podia ouvir o barulho da multidão e os assobios, as palmas e as vozes excitadas que sempre associava aos jogos. Claro, ele nunca teve um pai na arquibancada para assisti-lo ou ter orgulho dele, mas mesmo assim os aplausos e entusiasmo dos amigos e familiares dos outros jogadores ressoaram nele, e ele nunca deixou de sentir antecipação quando os ouviu. Como uma resposta pavloviana, ele podia sentir a felicidade crescendo nele, mesmo agora, enquanto ouvia os aplausos.

Ele andou até o fundo da multidão e encostou-se no tronco de uma árvore alta. Ao contrário do campo de futebol do ensino médio, não havia arquibancadas permanentes no parque de atletismo juvenil. Em vez disso, os pais se reuniram nas bordas do campo com cobertores ou cadeiras portáteis. Para os menos preparados na multidão, que hoje incluíam Justin, isso significava um longo período, fosse de pé ou sentado diretamente na grama e na terra. Justin não se importava em ficar de pé.

Enquanto observava os meninos manobrando para cima e para baixo no campo, ele foi atingido por algo estranho. Um dos atletas, um garoto que era mais alto do que o resto dos jogadores no campo (todos pareciam ter cerca de seis anos), tinha o nome Barnes em sua camisa.

Claro, não é como se Barnes fosse um sobrenome raro — nem um pouco. Mas na pequena cidade de Hope Falls, era um pouco de coincidência. Ele apostaria que o menino provavelmente era confundido com um parente de Justin e Rick Barnes regularmente e fez uma careta de simpatia pelo jovem garoto. Afinal, ele cresceu com o estigma de estar relacionado com Rick Barnes. Ele sabia em primeira mão como isso doía. Não era algo que ele desejaria a uma criança pobre e inocente. Se Justin fosse um dos pais do garoto, ele provavelmente consideraria mudar-se para o mundo anônimo, onde o nome Barnes era comum e não trazia nenhuma mancha.

Quando o jogo terminou, Justin fez o seu caminho em direção ao campo. Desde que ele estava aqui, imaginou que devia parar e dizer olá ao seu antigo treinador.

Quando estava se aproximando do campo e os jogadores estavam juntando suas coisas, notou que o garoto vestindo a camisa Barnes estava olhando para ele com uma expressão estranha. Antes que tivesse tempo de tirar qualquer conclusão do motivo pelo qual o garoto estava olhando para

ele tão estranhamente, a expressão do menino mudou. Como um interruptor ligado em um holofote interno; seu rosto de repente se iluminou.

O garoto abriu a boca e, para surpresa de Justin, gritou a plenos pulmões:

— Meu irmão está aqui! Treinador! Meu irmão está aqui! Meu irmão veio me ver!

Justin pensou que era estranho que o garoto parecia estar olhando em sua direção quando disse isso. Virando-se, ele verificou por cima do ombro para dar uma olhada em quem recebia a atenção exagerada do garoto. Não havia ninguém lá. A multidão havia diminuído consideravelmente.

Quando Justin voltou a olhar para frente novamente, viu que o menino Barnes estava se movendo em direção a ele e que tinha ambas as mãos pequenas em torno de uma das grandes do treinador, arrastando-o junto também. Ele ainda estava falando animadamente sobre seu irmão.

*Caramba, pensou Justin. Esse irmão deve ser um cara e tanto.*

Justin não queria se intrometer na reunião de família, então parou e casualmente encostou-se a outra árvore. Ele imaginou que apenas esperaria alguns minutos enquanto o treinador encontrava o irmão do seu jogador e depois diria um rápido oi. Quando o garoto puxou o treinador para ficar bem na frente de Justin e depois parou lá, Justin congelou.

*Ok, isso é estranho, pensou Justin, enquanto tentava fazer a quantidade adequada de contato visual para a situação, para não parecer estranho. Então, novamente, qual é a quantidade apropriada de contato visual aqui? Demais parece intrusivo. Muito pouco parece artificial.* Justin percebeu que talvez não houvesse uma etiqueta social apropriada para essa situação específica.

— Viu? — O garoto se entusiasmou com o treinador Neal, vibrando de excitação. — Eu te disse que meu irmão estava aqui. Esse é meu irmão!

O treinador riu e deu um tapinha no ombro de Justin. Olhando para o garoto empolgado, o treinador disse:

— Noah, eu conheço seu irmão muito bem. Eu costumava ser treinador dele também. Não é verdade, Justin?

Os olhos de Justin se estreitaram em confusão quando ele olhou para seu ex-treinador. Sentia-se como às vezes acontece em sonhos, como se o mundo e todas as pessoas nele estivessem operando por meio de um

conjunto de regras misteriosas que todos sabiam, exceto por ele. Inferno, ele sempre se sentiu assim quando estava acordado também, mas nunca nesse grau.

— De quem é o irmão? — perguntou ele ao treinador.

O treinador Neal hesitou por um momento, parecendo inseguro, como se não conseguisse descobrir se Justin estava brincando ou não. Mas depois dessa pausa inicial, ele avançou, embora não de maneira tão confiante.

— Noah é... ele é seu irmão, Justin. — Ele olhou para a criança que, naquele momento, confundiu Justin ainda mais, jogando os braços em volta de sua cintura.

Os braços de Justin voaram no ar como em rendição.

— O que...? — ele começou, mas então o garoto foi distraído novamente por um carro que estava parando no estacionamento e o homem que estava saindo dele.

— Papai! — ele gritou, correndo naquela direção. — Justin está aqui! Ele veio me ver. Por que você não me disse que meu irmão estava vindo me ver?

E com isso, Justin se virou e viu o menino — Noah, de acordo com o treinador Neal — lançar-se nos braços de alguém que Justin não tinha visto em mais de quinze anos e nunca planejou ver novamente nesta vida. Rick Barnes. Seu pai.

Justin ouviu as pessoas falando sobre experiências fora do corpo, mas essa foi a primeira vez que ele teve uma.

Justin esperava sentir raiva, até ódio, crescendo dentro dele enquanto observava a aproximação de seu pai, mas a situação surreal que se desenrolava ao redor dele parecia tê-lo entorpecido completamente. Claro, nos anos desde que ele viu seu pai, ele imaginou vários cenários para o que poderia acontecer se seus caminhos se cruzassem em algum momento. Basta dizer que o atual nunca esteve entre as opções.

Ele se virou para o treinador.

— O que diabos está acontecendo? Meu pai teve outro filho? Quem achou que seria uma boa ideia?

O treinador Neal parecia mais desconfortável do que uma freira em um bordel. Mas para seu crédito, ele conseguiu manter uma sensação de calma que era praticamente a única coisa que mantinha Justin ancorado à

realidade naquele momento. Ele rapidamente trouxe Justin até a velocidade sobre os fatos relevantes antes de Rick e Noah chegarem até eles.

— Não muito tempo depois que você partiu, seu pai conheceu e se casou com a mãe de Noah. Ela não era como as mulheres de sempre. Ela era realmente uma boa moça. Ela morreu dando à luz Noah seis anos atrás, e seu pai, sabendo que ele era a única pessoa ali para cuidar de Noah, ficou sóbrio. Ele realmente mudou de vida. Não acredito que ninguém tenha lhe avisado sobre isso.

Justin deu de ombros, tentando parecer que não se incomodava.

— Eu não estou surpreso com isso. Eu não fiquei em contato com ninguém aqui. Estou chocado pra caramba com fato de que ele poderia passar dois dias sóbrio.

— Cinco anos e meio, na verdade. — A voz de Rick Barnes fez todos os músculos do corpo de Justin ficarem tensos.

— Bom para você. — Justin ouviu a tensão em seu próprio tom e se sentiu como um idiota. Ele podia não ter absolutamente nenhum respeito por seu pai, mas o garoto não merecia sua atitude.

Justin olhou para cima, na esperança de obter uma assistência com esta conversa estranha do treinador, mas ele viu que o homem tinha sumido assim que Rick chegou.

Ótimo. Rick parecia tão desajeitado e inseguro sobre o que dizer em seguida, como Justin se sentia.

— Então, suponho que você esteja na cidade para o funeral de Parker Jacobs — afirmou com naturalidade.

— Engraçado, eu não vi você lá — retrucou Justin. Então, olhando para o garoto, ele respirou fundo. — Foi um bom serviço.

Rick assentiu.

— Eu soube.

Os dois homens ficaram ali, no silêncio constrangedor, até que finalmente Rick disse: — Bem, foi bom vê-lo. — E se virou para ir embora, a mão de Noah na dele.

Noah tirou a mão do aperto de Rick, incrédulo.

— Espere. Nós não podemos ir ainda. — Ele se virou para Justin. — Quando você vem visitar? — O ímpeto do garoto cresceu enquanto ele

continuava falando a uma milha por minuto. — Sim. Venha. E você pode ver meu quarto.

Justin e Rick estavam ambos sacudindo suas respectivas cabeças contra essa ideia antes que Noah tivesse tirado a frase inteira, mas Rick foi o primeiro a falar.

— Tenho certeza de que seu irmão tem muito a fazer — disse ele com cuidado, observando o rosto de Justin.

Justin estava desmoronando. Ele com certeza não queria ir até a casa de Rick Barnes. Inferno, ele nem sabia onde Rick morava hoje em dia. Uma casa nova? A mesma casa em que ele cresceu? Isso seria ainda pior.

Ver aquele lugar, ter que processar todas aquelas memórias antigas e fazer isso na frente de uma criança? Justin sabia, sem sombra de dúvida, que ele não estava à altura disso. Não agora, depois desta bomba. Se isso acontecesse, ele precisaria de tempo para se preparar primeiro, para acalmar seus nervos.

Mas, ao mesmo tempo, ele se viu olhando para o rosto animado e expectante do garoto, e por uma razão que ele não conseguia explicar, ele não queria desapontá-lo. Foi estranho. Dez minutos atrás, o menino era apenas um em uma multidão de crianças anônimas para ele sem nenhum significado emocional. Agora, só porque Justin descobrira que aquele pequeno estranho era seu irmão, ele se viu na estranha posição de não querer causar ao garoto qualquer desapontamento ou dor. Laços emocionais eram animais misteriosos, e Justin estava descobrindo que você poderia correr deles, mas nunca poderia deixá-los para trás.

— Deixa eu te falar — ele concedeu a Noah. — Eu não tenho tempo agora. Mas e se você e eu sairmos no sábado? Apenas nós dois — concluiu ele, olhando diretamente para Rick.

Noah olhou esperançoso para Rick, e Rick sorriu para ele. Justin ficou surpreso ao ver no rosto de Rick a mesma coisa que Justin estava sentindo — apego e um desejo de não desapontar Noah. Justin nunca poderia se lembrar de uma vez em sua própria infância que vira aquele olhar no rosto de Rick voltado para ele.

— Acho que seria ótimo — disse Rick a Noah.

Noah deu um soco no ar e gritou de alegria. Ele correu para Justin e jogou os braços em volta da sua cintura novamente. Quando ele desajeitadamente deu um tapinha nas costas do garoto, Justin se perguntou

o que tinha feito. O que ele ia fazer o dia todo com esse garoto? Sobre o que falariam? O que as crianças comem hoje em dia?

Seu mundo parecia ter girado em seu eixo.

— Vamos vê-lo por volta das dez no sábado, então? — Rick perguntou a ele. Justin assentiu. — Mesmo lugar?

Rick assentiu.

— Sim. Mesmo lugar. Você se lembra do caminho de casa?

Justin soltou uma risada triste.

— Eu me lembro do caminho para a sua casa. Vamos apenas deixar assim. — Ele voltou sua atenção para Noah e suavizou-se imediatamente. — Tudo bem, Noah. Vejo você no sábado.

Justin ficou no campo e observou os dois voltarem para o carro, um contraste nas atitudes — seu pai sombriamente caminhando e seu irmão animadamente pulando ao seu lado. Seu pai e seu irmão. Droga!



Quando Justin retornou a Mountain Ridge, ele se viu feliz por não ter um carro ali. O passeio, combinado com o ar fresco da montanha, estava fazendo um bom trabalho de limpar sua cabeça. Na verdade, ele estava ansioso para uma longa noite sozinho no barracão, onde seus planos eram fazer nada mais complicado do que se deitar em seu catre e olhar para o teto. Nenhuma leitura, nenhuma música — nada para distrair do silêncio absoluto enquanto ele se esforçava para relaxar completamente e apagar todos os pensamentos de sua mente. Talvez então ele finalmente tivesse alguma clareza.

Se ele realmente conseguisse, é claro. Esse era o grande “se”. Mas, qualquer que fosse o caso, ele planejou passar a noite inteira tentando.

Infelizmente, esses planos estavam destinados a falhar. Enquanto caminhava até o barracão, viu o improvável par de Lauren e Henry esperando por ele. Os olhares nos rostos deles disseram que, qualquer que fosse a razão pela qual estavam ali, era sério.

Era estranho ter Henry, um dos maiores fãs de Justin, de pé na frente dele com Lauren, que poderia facilmente ser a presidente do Clube do

Ódio a Justin Barnes. Ele se perguntou o que no mundo traria os dois juntos ali.

Sem dizer nada, Justin passou por eles até a porta, destrancou-a e gesticulou para o seu pequeno domínio.

Ele os seguiu para dentro, puxou a cadeira solitária no quarto debaixo de uma mesa improvisada, virou-a para ficar de frente para o catre e sentou-se nela. Ele moveu o braço para indicar que eles deviam se sentar no catre, o único outro assento disponível ali.

Henry se sentou sem hesitar. Lauren se abaixou delicadamente, empoleirada na beira do colchão, parecendo extremamente desconfortável.

Justin suspirou.

— Bem, eu suponho que isso não seja apenas uma visita de boas-vindas.

Lauren e Henry se entreolharam, tensos. Lauren disse com relutância:

— Justin, a questão é... Nós, hum, precisamos da sua ajuda.

Ela correu pela segunda metade da frase, incapaz de encontrar seus olhos enquanto falava.

Justin inclinou a cabeça, ele sabia que estava um pouco fora do ar depois de conhecer seu irmão, mas ele pensou que Lauren acabara de dizer que precisava de sua ajuda.

— Precisa da minha ajuda? Para quê?

Lauren olhou em volta pelas paredes vazias da sala, que continha apenas a cama e a mesa de cartas.

— Conselhos de decoração — ela entouou sarcasticamente.

Justin sorriu. Ele sempre gostou das amigas de Amanda, incluindo Lauren. Ele não podia culpá-la por sua opinião menos que estelar de seu caráter. Ele mesmo não tinha uma visão tão favorável dele.

— É sobre Amanda — Henry falou e a mandíbula de Lauren apertou.

— Olha, Lauren. — Justin respirou fundo. — Eu entendo que você não gosta de mim. Entendi. Mas eu prometo a você, eu faria qualquer coisa por Amanda e sei que você também faria. Então apenas me diga como posso ajudar.

Lauren assentiu e visivelmente relaxou.

— Você está certo — disse ela. — Isso não é sobre mim ou você. É sobre Amanda.

Henry bateu no ombro de Lauren encorajadoramente.

— Diga ao garoto o que você veio dizer, Lauren.

— Bem, para começar, quero esclarecer o que sinto por você, Justin. Eu não confio em você, essa parte é verdadeira, mas eu sei que você se importa com Amanda. Não acredito, por um segundo, que você tenha alguma coisa além das melhores intenções em relação a ela. Agora, se você tem forças para seguir com essas intenções... É aí que a minha crença em você desmorona.

Justin assentiu. Ela tocou nos medos exatos sobre si mesmo contra os quais ele lutava todos os momentos do dia. Ela não estava dizendo a ele nada que ele já não soubesse.

— Obrigado — ele disse sinceramente.

Henry riu.

— Bem, olhe lá. Vocês dois já estão se dando bem.

— Eu não iria tão longe — Lauren disse alegremente para Henry antes de se voltar para Justin. — Agora, sobre o que precisamos de sua ajuda, Justin. Preciso da sua permissão para, com Henry, fazer uma revisão completa dos livros do Mountain Ridge. Todos os registros financeiros, cada pedaço de papel e linha em uma planilha contida naquele escritório ou nesses computadores. Eu acho que algo não está certo.

— O quê? — Justin perguntou. — O que pode estar errado? Parker nunca deixaria Amanda em algum tipo de confusão.

Henry interveio:

— Não, não. Parker nunca teria feito isso intencionalmente. É verdade. Mas todo homem tem uma deficiência ou duas, especialmente quando se trata de negócios. Uma das deficiências de Parker era que ele era um pensador grande demais. Ele tinha a visão para o lugar. Ele contratava pessoas para cuidar dos detalhes. O que me leva à sua segunda deficiência: ele confiava demais nas pessoas em geral, mas especialmente nas pessoas que trabalhavam para ele. Ele permitia que eles tivessem liberdade para fazer o trabalho deles e nunca foi muito específico para administrá-los. Se um deles quisesse passar a mão pelos olhos de Parker, ele ou ela não teria que se esforçar muito para conseguir fazer isso.

— Então há esse pequeno detalhe — Lauren terminou, seus olhos endurecendo. — Eu não gosto nem confio em Trent.

Justin não poderia concordar mais.

Lauren fez uma careta.



— Eu não tenho nenhuma confiança de que ele tenha os melhores interesses de Amanda no coração. Na verdade, suspeito exatamente do oposto. Acabei de saber que seis meses atrás, seguindo o conselho de Trent, Henry contratou o contador de Trent para ler os livros de Mountain Ridge. Suspeito muito do interesse de Trent pela propriedade, pela vontade e por pressionar Amanda a vender o quanto antes. Ele está tramando alguma coisa.

— Concordo — Henry colocou. — Eu não confio nem um pouco nessa raposa.

— Sim, eu concordo — interveio Justin —, mas o que eu não entendo é por que vocês vieram a mim. É o negócio da Amanda. Não tenho nada a ver com isso.

Henry olhou para ele estranhamente.

— Bem, filho, isso não é estritamente verdade — disse ele lentamente. — Você é proprietário de parte, lembra?

Justin passou os dedos pelos cabelos e balançou a cabeça para trás e para frente, tentando limpar as teias de aranha.

— Certo. Eu sei disso. Isso parece tão estranho. É estranho, mas ainda parece que eu trabalho para Parker. Não parece real.

Henry assentiu.

— Eu sei, filho. Você não está acostumado a possuir algo, a ter raízes. Mas é hora de se acostumar com a ideia. Manda precisa de você.

— Sim — acrescentou Lauren. — Não queremos falar com ela até que tenhamos algo definitivo. Afinal de contas, ela acabou de perder Parker, então você apareceu de volta. Seu mundo foi virado de cabeça para baixo o suficiente sem ter que lidar com isso. Além disso, pode acabar por ser nada.

A cabeça de Justin estava girando.

— Sim, claro. Vocês têm minha permissão. Qualquer coisa que precisem. Procurem por qualquer coisa. Vasculhem tudo. Não quero ninguém se aproveitando de Amanda.

Henry sorriu largamente.

— E se pudermos nos livrar de Trent enquanto estamos nisso, filho, bem, isso será apenas um bônus adicional.

Justin sorriu de volta para o velho.

— Olhe para você, Henry. — Ele riu. — Mexendo o caldeirão.

Henry riu de volta.

— Filho, você não sabe? Se você não mexer a panela, a sopa vai queimar. Você tem que mexer o caldeirão ou tudo acaba em uma grande bagunça.



# Capítulo

## 18

Amanda desceu o caminho desgastado até o barracão enquanto o sol se punha, sua intenção clara na mente. Amanhã era o dia que ela planejava espalhar as cinzas do pai, e era muito natural que Justin fizesse parte disso. Mas ainda sentia alguma apreensão por perguntar a ele. Espalhar as cinzas de seu pai era uma coisa tão crua, pessoal e dolorosa de se fazer. Ela se sentia muito vulnerável pedindo a Justin para ir com ela.

*Quero dizer, e se ele disser não?*

Amanda sacudiu a cabeça. *Não seja idiota*, ela disse a si mesma.

*Não é como se você estivesse pedindo a ele para ir ao baile da escola secundária. Apenas seja clara e direta.*

Apesar de tudo, as palmas das mãos estavam suadas.

Subindo para a pequena varanda do barracão, ela bateu na porta.

Nada. Sem resposta.

*Respire fundo, mantenha a calma e bata de novo.*

Ainda sem resposta. Ela sentiu o primeiro tremor de pânico em sua barriga.

*Isso não significa nada. Não significa que ele realmente foi embora.*

Apesar de tudo que sua mente consciente estava dizendo a ela, seu subconsciente estava gritando um refrão que seu corpo estava respondendo:

*Ele se foi. Ele foi embora para sempre desta vez.*

Ela sentiu que começava a respirar com mais força e começou a andar atrás da pequena cabana para mergulhar os pés na corrente fria. Ela pensou

que o choque sensorial poderia levá-la de volta à realidade.

Quando ela contornou a lateral do barracão, ouviu a voz de Justin murmurando. O primeiro pensamento que a atingiu foi que ela precisava seriamente se controlar. O segundo pensamento que a atingiu foi:

*E se ele estiver com uma garota? E se ele estiver com Kelly?*

Ela não podia contar o número de vezes que o pegou saindo com garotas no riacho atrás do barracão antes mesmo de ele morar lá.

Espreitando ao redor do lado do edifício, ela se chocou ao ficar fraca de alívio.

Não era para uma garota que ele estava murmurando palavras doces. Era para Teddy.

Os dois sentavam-se no grande e plano topo da rocha que ficava atrás do barracão, observando o riacho passar. Justin estava acariciando a cabeça do cachorro e falando com ele em voz baixa.

—... um menino tão bom. Está certo. Alguém já te disse que você é o melhor cachorrinho do mundo? É verdade.

Teddy olhava para Justin com adoração e Amanda sentiu um nó na garganta. Ela foi superada com um profundo sentimento de pertencimento, de proteção, de afeição. A frase que estava correndo em um *loop* através de seu cérebro, por sua própria vontade, foi:

*Meus garotos.*

Oprimida com uma súbita vontade de quebrar o feitiço que estava sob controle e se sentindo muito vulnerável para falar com Justin naquele momento, ela tentou rastejar de volta para o lado do prédio com o máximo de discrição possível.

Infelizmente, não foi furtiva o suficiente para escapar do aviso de Teddy, que ou sentiu seu cheiro ou a ouviu. Emocionado com a idéia de ter as suas duas pessoas favoritas juntas, Teddy se levantou de um salto sobre o pedregulho e começou a latir no alto de seus consideráveis pulmões, abanando freneticamente o rabo.

Justin se virou e chamou:

— Amanda? Está tudo bem?

Envergonhada, Amanda continuou andando para trás enquanto murmurava:

— Hum... eu só... Você sabe... — Ela não sentiu a raiz sob o seu calcanhar até que tropeçou e sentiu-se cair para trás, o moinho de vento

em seus braços, e aterrissando diretamente sua bunda com um som abafado.

Justin e Teddy desceram da pedra e foram correndo em sua direção.

— Você está bem? — Justin perguntou com preocupação genuína, apenas uma sugestão de riso tingindo sua voz.

Teddy correu para cima dela com toda a força de um motor a vapor canino peludo, derrubando-a o resto do caminho, deixando-a deitada de costas na terra, seu rosto sendo lambido com entusiasmo pelo cão excitado.

Com relação aos aspectos de feminilidade sutil, ela admitiu para si mesma, não era seu melhor momento.

Ela lutou para voltar para uma posição sentada contra um alegre Teddy o caminho inteiro.

Justin tinha abandonado toda a pretensão de não achar a situação engraçada e estava sentado no chão ao lado dela, rindo com vontade.

Ele puxou Teddy em direção a ele para lhe dar algum espaço e colocou a palma da mão contra as costas dela para ajudar a alavancá-la para uma posição sentada. A essa altura, ela estava se esforçando tanto que era difícil fazer isso mesmo com a ajuda de Justin.

Quando o riso diminuiu, Justin balançou a cabeça.

— Bem, seja lá o que você veio fazer aqui, eu certamente espero que valha a pena o cóccix dolorido que você vai ter amanhã.

Amanda tentou parecer casual enquanto afastava o cabelo da testa com os dedos empoeirados, esforçando-se para parecer indiferente ao dizer:

— Valeu. Eu queria saber se você estava livre para espalhar as cinzas do meu pai amanhã. Sem pressão.



A madeira rangente da cadeira de balanço era um dueto harmônico para os pássaros cantando no começo da manhã enquanto Amanda se balançava. Ela segurava a caixa de madeira esculpida que continha as cinzas do pai enquanto esperava Justin emergir do barracão, pouco visível entre as árvores mais para dentro da propriedade. Mais uma vez, ela se viu olhando

para a porta do alojamento, apenas se divertindo com o conhecimento de que dentro dele estava Justin — seu Justin.

Ela suspirou.

*Algumas coisas nunca mudam.*

No dia anterior Amanda se fechou no quarto do pai e terminou de arrumar suas coisas. Ela deu a maioria de suas roupas para a caridade, que era o que ele queria. Guardou seu par favorito de botas, seu jeans da sorte e duas camisas de flanela que ela simplesmente não conseguia abandonar. Ela também decidiu manter as fotos, bem como a colcha. Mas seus artigos de higiene foram todos embalados. Exceto pelo pente que ele comprou na loja de noventa e nove centavos quando tinha dez anos de idade. Aquele pente ficara em seu bolso por mais de cinquenta anos. Agora estava na mesa de cabeceira da Amanda.

Hoje, ela e Justin iriam caminhar até o local favorito de seu pai, a base da majestosa cachoeira à qual Hope Falls devia seu nome, para espalhar suas cinzas. Este era o último passo a ser realizado no ritual em torno da morte de seu pai. Depois de hoje, teria acabado mesmo. Tudo exceto pela longa e árdua tarefa de viver sem ele pelo resto de sua vida. Hoje era um dos piores dias de sua vida, mas ela teve que admitir que diminuía a dor saber que Justin era quem estaria com ela. Parecia certo.

Ela viu a porta do alojamento aberta antes de Justin sair, parecendo impossivelmente bonito. O ar deixou seus pulmões de uma vez. Como era possível que, toda vez que ela o via, fosse completamente atropelada por sua pura perfeição física como se nunca o tivesse visto antes? Ela o vira milhares de vezes em sua vida — milhares de vezes em que ele entrava em uma sala em que ela estava, ela entrava em uma sala onde ele estava ou eles se encontravam inesperadamente. E todas as vezes era exatamente a mesma coisa. Ele tirava o fôlego dela.

Sacudindo a cabeça para limpá-la, ela se levantou para se dar alguns segundos para firmar os joelhos trêmulos antes que ele chegasse em sua varanda de trás.

Enquanto subia os degraus, ele lhe deu um sorriso deslumbrante, um daqueles malditos sorrisos brilhantes que ele gostava de exhibir, que sempre deixavam seu coração batendo rápido e a transformavam em gelatina. Esse aqui era #615, o sorriso estou-aqui-para-você.

— Pronto para ir? — ela perguntou, rezando para que ele não pudesse ouvir o tremor em sua voz. Ou, se pudesse, considerasse isso como sendo emocional sobre a tarefa que eles estavam prestes a realizar.

Ele assentiu, parecendo solene.

— Estou muito honrado por ter me pedido para fazer isso com você, Amanda.

Ela sorriu tristemente.

— Pareceu certo, sabe? Com o testamento do meu pai e tudo mais. Eu sei que ele gostaria que você fizesse parte disso.

Justin sorriu e apertou a mão dela. *Respire*, ela disse a si mesma. Ele precisava seriamente parar tudo isso de ficar sorrindo, apertando sua mão e... sendo apenas lindo... ou ela nunca iria sobreviver até o fim do dia.

Enquanto caminhavam compassivamente pelas partes planas do caminho para Hope Falls e subiam nas partes mais desafiadoras, Amanda estava bem ciente da proximidade de Justin com ela, e suas mãos em várias partes de seu corpo enquanto ele a ajudava sobre pedregulhos e subidas íngremes. Ela tinha que se lembrar continuamente para se concentrar ou estaria em perigo real de cair de um penhasco.

Outra coisa além da libido de Amanda estava se desenvolvendo enquanto eles caminhavam, ela percebeu. Ela estava testemunhando a solidificação de seu antigo relacionamento, sua antiga camaradagem, seu antigo jeito fácil de ser um com o outro. Eles estavam definitivamente de volta em sincronia um com o outro, terminando as frases um do outro, compartilhando os mesmos silêncios confortáveis, rindo das mesmas piadas bobas.

Antes de Justin retornar, fazia tanto tempo desde que ela sentira esse tipo de unidade com alguém. Na verdade, se ela desse uma boa olhada em todos os seus relacionamentos, ela perceberia que nunca sentira essa sintonia com outro ser humano — incluindo suas amigas mais próximas, Karina, Lauren, Sam ou até mesmo seu pai. Sua conexão com Justin era um laço tão grande que parecia quase tangível.

Ela sabia que ele também sentia isso do jeito que os olhos dele olhavam nos dela, diretamente em sua alma. Ele lia seus pensamentos tão facilmente. Invariavelmente, as próximas palavras que saíam de sua boca depois de um daqueles olhares revelavam seus pensamentos precisos. Ela não mantinha segredos dele. Com relação a Justin Barnes, Amanda Jacobs

era um livro aberto. Ela deveria ter se sentido assustada com isso, por quão vulnerável isso a tornava, mas, em vez disso, se sentia especial, valiosa. Ela sabia que Justin nunca usaria as verdades que lia em seus olhos para prejudicá-la. Não. Justin a machucara por sua ausência, não por suas ações.

— Então me conte mais sobre o Alasca — disse Amanda, curiosa. Agora que ela estava sentindo a força total de sua antiga conexão, de repente pareceu nada menos do que estranho que houvesse uma grande parte de sua vida sobre a qual ela não sabia quase nada.

— Alasca — Justin respondeu pensativamente. — Vamos ver. É fácil se perder lá em cima. Ninguém faz muitas perguntas.

— Por que você estava tentando evitar perguntas? — Amanda perguntou. — Não é como se você estivesse fugindo da lei.

Justin respirou fundo, fazendo com que o material em seu moletom gasto puxasse o peito musculoso e a garganta de Amanda secasse com a visão.

— Isso pode ter sido mais fácil. Mais claro. Motivo da fuga: infringiu a lei. Objetivo: ficar livre. Do jeito que as coisas aconteceram, eu não tinha respostas fáceis sobre o motivo de estar lá, então era melhor não fazer as perguntas, em primeiro lugar. Além disso, não ter que encontrar uma resposta para outra pessoa significava que eu nunca tive que pensar demais em responder a essas perguntas também. Não sei se isso foi bom ou ruim.

Amanda continuou em silêncio por um tempo, absorvendo isso. Foi a primeira vez que ela considerou que Justin poderia estar sofrendo também em seus anos separados. De alguma forma, ela sempre o imaginou despreocupado, vivendo bem sua vida sem ela, possivelmente esquecendo por completo que eles tinham se conhecido. Essa era uma maneira masoquista de multiplicar sua própria dor, e ela se entregou descaradamente.

Mas agora, diante de evidências diretas que contradiziam a fantasia muitas vezes repetida de todos os bons momentos que Justin deve ter tido sem ela, ela descobriu que não gostava de sua tristeza. Não. Isso a deixava triste. Ela preferia que ele tivesse passado dez anos felizes, do que dez anos confusos e miseráveis, mesmo que aqueles anos tivessem se passado sem ela.



Pelo resto do caminho, nenhum deles falou. Ela não tinha ideia de por que o gato tinha comido a língua de Justin, mas Amanda estava quieta porque sua energia estava sendo usada para fazer uma redefinição de suas concepções do estado de espírito de Justin, tanto no passado quanto no presente. Talvez ele estivesse fazendo o mesmo. Ou talvez não. Era incrível para ela como duas pessoas podiam ser tão conectadas, ainda que em alguns assuntos não tivessem absolutamente nenhuma ideia do que estava passando pela mente da outra pessoa.

Ela ainda estava um pouco em estado de fluxo mental quando eles contornaram a última curva e a visão impressionante de Hope Falls se abriu diante deles. Amanda estivera ali muitas vezes, mas nunca deixou de se impressionar com a beleza das cataratas. Cordas entrelaçadas de água corriam ao redor de pedras e desciam ao lado de uma encosta verdejante, se juntando finalmente em uma única corrente vertical que descia direto para o canto mais distante de Hope Pond.

Amanda não podia contar o número de vezes que ela e o pai tinham feito piqueniques ali.

Algumas de suas melhores conversas tinham sido ali.

Especialmente nas dolorosas semanas e meses depois de perder sua mãe, aquele lugar tinha sido um bálsamo de cura para ela. Amanda não era o tipo de pessoa que se abria facilmente sobre seus sentimentos quando criança, até mesmo para seu pai. Ela ainda achava que conversar sobre emoções dolorosas era desconfortável, mas, quando criança, essa qualidade era ainda mais pronunciada. Quando ela se sentia magoada ou ameaçada, ela se retirava para dentro de si como uma tartaruga protegida por sua casca dura.

No entanto, seu pai, em toda a sua sabedoria, devia saber o quão perigoso seria deixá-la manter sua dor engarrafada por dentro, como ela seria venenosa se continuasse a internalizá-la. Então ele gentilmente cutucou, manteve a campanha por meses, nunca pressionando-a, mas continuando a cutucar a porta que ela mantinha firmemente fechada em suas emoções, pouco a pouco, encorajando-a a abrir.

As caminhadas para Hope Falls foram uma ferramenta importante em suas tentativas de fazer com que a pequena Amanda falasse com ele sobre o que ela estava passando. Devido ao fato de que era mais do que uma caminhada de duas horas em cada sentido, mais o tempo que levaram para

preparar o piquenique com todas as coisas favoritas de Amanda, isso lhes dava bastante tempo ininterrupto para conversar. Foi o que finalmente a levou a baixar a guarda o suficiente para se abrir para ele e, na verdade, foi o começo do que se tornou uma das marcas de seu relacionamento — o fato de que ela poderia dizer qualquer coisa para ele e nunca se sentir julgada, apenas apoiada.

Agora, como adulta, quando Amanda fez essa caminhada na esteira da morte de seu pai, ela foi atingida por algo que nunca lhe ocorrera antes. Seu pai deve ter sofrido terrivelmente por sua mãe naqueles primeiros dias após sua morte, mas seu foco estava em Amanda, em seus sentimentos. A julgar pela dificuldade da última semana e meia para ela, ela não achava que poderia ter sido tão forte quanto ele, dadas as mesmas circunstâncias.

Justin e Amanda entraram na beira da lagoa, na margem oposta, de onde as cachoeiras desaguavam na água serena. Ela segurou a caixa de madeira esculpida à sua frente, ela e Justin a olharam, e depois um para o outro. Eles pareciam compreender instintivamente que não havia nada que pudesse ser dito que aumentasse a gravidade ou o significado da ocasião. Este era um momento destinado a ser sentido, não falado.

Amanda abriu a caixa e estendeu-a ao vento. As cinzas de Parker se espalharam pelo lago, algumas delas sendo dobradas pelas quedas do outro lado da água, algumas flutuando no céu e sendo levadas pela brisa. De repente, Amanda sentiu um grito de lágrimas na garganta. A dor a apunhalou de forma tão intensa que ela involuntariamente se dobrou, soluços acumulando em seu corpo. Em uma parte de sua mente, ela entendeu que os gritos e choros que ouvia vinham dela, mas sentia que estava acontecendo inteiramente fora de si, fora de seu controle.

Ela sentiu a mão de Justin esfregando suas costas e o ouviu dizer:

— Sinto muito, Amanda. Eu sinto muito.

Isso a trouxe de volta à realidade, e ela se virou para ele e o afastou com raiva. Ela não tinha ideia de onde o sentimento estava vindo.

— Você sente muito? — ela chorou.

Agarrando os braços para firmá-la, ele repetiu:

— Sim. Eu sinto muito.

— Sério? — Amanda tentou se afastar, mas as mãos de Justin se apertaram em torno de seus braços. Sentindo-se completamente fora de controle, com raiva, as mãos de Amanda se fecharam e ela começou a

bater no peito de Justin enquanto soluçava. — Você realmente sente muito? Como você pode sentir? Você foi embora, minha mãe foi embora, Lauren, Karina e Sam foram embora, e agora ele foi embora! Todos partem. Como você pôde me abandonar assim? Como pôde? Como você pôde me deixar?

Justin continuou a segurá-la quando ela o socou de novo e de novo até que finalmente sua raiva cedeu, deixando apenas lágrimas amargas que ela continuou a derramar. Quando toda a energia foi drenada, ele a envolveu em seus braços, apoiando o queixo no topo de sua cabeça.

Quando ele a puxou para perto, os braços envolvendo-a com força, Amanda percebeu que se encaixava perfeitamente ali, como se lembrava; seus corpos como duas peças de quebra-cabeça sem falhas. Em puro instinto, ela aninhou sua testa no lugar no pescoço de Justin, o lugar que ela amava, onde seu pescoço, seu peito e seu ombro se encontravam, formando o nicho perfeito. Incontáveis vezes, ela olhara para aquele lugar e sonhara em se aconchegar em seu abraço e encaixar sua cabeça nele. Toda vez que ele lhe dava um abraço platônico, ela fantasiava sobre isso se transformar em um abraço apaixonado, beijando aquele ponto.

E agora, ele estava segurando-a como ela sempre sonhou, ela não sentiu êxtase, nem alegria, nem amor, mas, sim, raiva e traição. Estas emoções, enterradas por tanto tempo, precipitaram-se para a superfície quando a finalidade do falecimento de seu pai penetrou sua consciência.

— Eu te amei tanto. — Ela engasgou com as lágrimas. — Como você pôde simplesmente partir? Sem me dizer adeus? Como você pôde me abandonar assim? Você não se importava comigo?

Justin soltou uma risada, sua voz rouca.

— Me preocupar com você? Você está brincando comigo? Você era, você é a única pessoa importante no mundo para mim. Você e Parker eram tudo para mim. Vocês eram literalmente as únicas duas pessoas no mundo com quem eu me importava ou que se importavam comigo. Eu pensei em você todos os dias desde que parti. Eu senti tanto a sua falta que às vezes pensei que ficaria louco.

Amanda respirou fundo quando recuou, surpresa.

— Bem, por que você foi embora? Se eu era tão importante para você, como você poderia fazer isso comigo?

Justin olhou diretamente em seus olhos, sua mandíbula se encolheu.

— Parker me mandou ir.

Amanda olhou para Justin em um silêncio atordoado, incompreensível por algumas batidas.

Ela ouviu as palavras que ele falou, sim. Foi o significado por trás delas que ela estava tendo dificuldade em entender. Seu pai havia dito a Justin para ir embora? Seu pai tinha sido a causa de um dos eventos mais dolorosos em sua vida? Seu amado pai causou essa agonia? Impensável.

— O que você quer dizer com meu pai mandou? — perguntou Amanda, desconfiada. Talvez ela tenha entendido mal.

Agora era a vez de Justin parecer confuso.

— Ele nunca disse a você?

Onde a dor e a agonia tinham acabado de preencher seus membros, agora ela se sentia entorpecida, quase como se sua cabeça fosse flutuar para longe de seu corpo. Puxando para fora de seu aperto, ela balançou a cabeça em frustração.

— Eu não tenho ideia do que você está falando.

Justin disse devagar:

— Bem, cerca de dez minutos depois de você sair do barracão naquela noite, Parker entrou. Ele não me olhou nos olhos. Tirou minha mochila do gancho da parede e jogou na cama. Olhou para ela por alguns segundos e depois se virou para sair. Ao sair, ele disse: “Filho, arrume suas coisas. Vá embora de manhã. Eu não quero ver você nesta propriedade novamente.” Essas foram as últimas palavras que ele falou comigo.

Amanda ouviu a voz dele ficar rouca de emoção quando ele proferiu a última frase.

Chocada, ela respondeu:

— E você simplesmente obedeceu? Você não perguntou por quê?

Justin sacudiu a cabeça.

— Eu tive uma boa idéia do porquê.

— Você ainda poderia ter dito adeus para mim.

Justin olhou-a no rosto quando ele disse devagar e com grande consideração:

— Eu pensei que você tinha pedido a ele para vir me dizer para ir embora.

Essa afirmação atingiu Amanda como um soco no estômago. A ideia de que Justin poderia estar sob a impressão, não importa o que tivesse

acontecido entre eles, que ela iria querê-lo fora de sua vida era impensável.

— Eu nunca... eu não poderia... Por que você achou isso?

— O que mais eu deveria pensar? Como ele saberia que algo havia acontecido entre nós? Se você não disse a ele e disse que queria que eu fosse embora, por que ele me pediu para ir?

Amanda pensou, ela se lembrava dos detalhes daquela noite como se fosse ontem.

— Eu nem falei com ele naquela noite. Eu corri direto para o meu quarto. Não contei nada sobre isso até o dia seguinte, e então você já tinha partido.

De repente, tudo ficou claro e Amanda viu exatamente como deveria ter acontecido. Todo o cenário se desenrolou em sua mente como se estivesse vendo em uma tela grande no cinema.

— Ah, não. Não, Justin. Eu sei o que aconteceu. — Ela respirou. — Eu corri para fora do alojamento de sutiã, segurando minha camisa e chorando. Ele deve ter me visto.

— Ele viu você... e pensou que eu... — Justin continuou, pegando o fio, seu rosto perdendo a cor. Ele colocou uma mão sobre o estômago. — Ele deve ter pensado que eu tentei... Que eu... tentei me forçar em você. Oh, foda-se, ele realmente achou que eu...

— Justin, não. Não. Mesmo se ele pensasse isso, foi apenas até a manhã seguinte. Eu contei a ele toda a história. Todos os detalhes sórdidos e humilhantes. Você sabe que eu nunca conseguia esconder nada do meu pai. Ele sabia que era tudo da minha parte, que você não tinha feito nada, que até os sentimentos eram todos unilaterais.

O resto das peças do quebra-cabeça se encaixou, revelando o quadro geral.

— Esse deve ter sido seu raciocínio por trás de mudar seu testamento, como uma maneira de nos unir de novi. Você se lembra que Henry disse que meu pai estava procurando por você há anos? Quando ele descobriu a história verdadeira, descobriu como estava errado, ele tentou consertar tudo.

A testa de Justin franziu:

— Você acha que sim?

— Sim. Tinha que ser. Ele não deve ter me dito porque não queria que eu tivesse falsas esperanças. Porque ele sabia... ele sabia o quanto eu te amava.

Justin olhou para ela, seus olhos perfurando sua alma.

— Você sabe, Manda — ele disse suavemente, dando um passo para frente e olhando para ela intensamente —, você não era a única que estava apaixonada.

De repente, todas as células do corpo de Amanda estavam formigando. Sua respiração era superficial, suas bochechas estavam quentes e seus pensamentos estavam confusos. Ninguém além de Justin jamais conseguira colocá-la nesse estado, muito menos do jeito que Justin conseguia — imediatamente, e com apenas uma palavra ou um olhar.

A próxima coisa que ela percebeu foi que o momento que ela esperou por toda a sua vida — ou pelo menos desde que tinha cinco anos — estava acontecendo. Seus lábios estavam nos dela. Urgentes. Desesperados. Seus braços estavam ao seu redor, e ela sentiu seus próprios braços em volta de seu pescoço enquanto sua boca encontrava sua necessidade com seu próprio desejo igualmente desesperado. Ela sentiu a língua dele entrar em sua boca com eletricidade que sacudiu seu núcleo.

Ele a reivindicou com o beijo dele. Quebrou-a com o poder de sua intensidade. Enquanto sua língua explorava avidamente os recessos de sua boca, ela o encontrou lambida a lambida. Suas mãos apertaram em punhos enquanto ela agarrava o moletom dele. O beijo enviou uma espiral de êxtase por todo o corpo dela.

Amanda ouviu um gemido necessitado rasgar de dentro dela quando Justin começou a beijar seu pescoço, sua língua arrastando pequenos círculos sobre sua clavícula. Ela sentiu o calor da excitação de uma forma que nunca experimentara. Os dedos de Justin deslizaram por baixo da blusa dela, acariciando sua cintura e arrastando seu caminho tentador pelas costas, deixando caminhos chamuscados de calor em sua esteira. Amanda nunca teve um prazer carnal tão puro a partir de um beijo. Apenas ter as mãos de Justin em seu corpo, sua boca em sua pele, era melhor do que qualquer sexo que ela já teve, mesmo com Trent.

*Trent!*

O pensamento do nome de Trent a trouxe de volta à realidade, e sua mente vagou com confusão. O que havia no tópico ou na presença de

Justin que a fazia esquecer completamente a existência de Trent?

— Eu não posso fazer isso. — Ela respirou quando se afastou de seus lábios intoxicantes. Os profundos olhos castanhos de Justin procuraram os dela.

— O quê? Por quê?

— Trent — ela protestou fracamente. — Eu não posso.

— Você está falando sério? — Justin levantou a cabeça e olhou para ela como se ela devesse estar em um hospício.

Amanda assentiu; sua respiração ainda agitada. Ela sabia que parte do motivo pelo qual estava parando era Trent. Mas outro motivo era a autopreservação. Ela tinha passado por tanta coisa nas últimas semanas, e se o beijo que acabaram de compartilhar era qualquer indicação do que levar as coisas mais adiante com Justin seria, Amanda estava absolutamente certa de que ela nunca se recuperaria se ele fosse embora novamente.

Ela só precisava de espaço. Para colocar a cabeça em linha reta. Para tentar processar... tudo.

Depois de vários momentos, Justin assentiu e lentamente tirou as mãos de baixo da blusa dela. Ela também o soltou e começou a duvidar de sua decisão de pisar no freio.

— Você está pronta? — ele perguntou, subindo para a primeira pedra para voltar para o topo da montanha.

— Sim — Amanda assentiu e seguiu-o.

Enquanto seguia atrás de Justin, olhando para suas costas poderosas e longas e seguras passadas, seu corpo estremeceu em uma excitação sem resposta. Ela devia ter cometido o maior erro ou tomado a decisão mais inteligente de sua vida.

Enquanto Justin segurava um galho baixo para deixá-la passar, seus bíceps protuberantes estavam delineados no material fino de algodão que os cobria e a boca de Amanda começou a se encher de água. Com a resposta de seu corpo, as escalas em sua mente estavam se inclinando para acreditar que tinha cometido o maior erro. Quando ela passou por ele, seu cheiro almiscarado de terra subiu por suas narinas e causou uma profunda puxada em seu núcleo.

Sim. Maior. Erro. Da. História.







# Capítulo

## 19

— Eu, por meio deste, chamo a ordem para a primeira reunião do Clube do Livro do Quarteto Fabuloso, do qual cada um dos indivíduos atualmente presentes é um membro fundador — entouou Karina solenemente.

Depois de um dia emocional, isso era exatamente algo que o médico receitaria. As quatro meninas estavam sentadas na sala de estar de Amanda, bebendo vinho e rindo, e Karina teve a ideia de começar um clube de livros como uma forma de manter todas em contato. Mesmo em cidades diferentes, eles podiam usar a tecnologia para se conectarem e conversar em tempo real, e era uma maneira de saber que as quatro iriam estar juntas, pelo menos virtualmente, uma vez por mês.

— Como a ideia deste clube do livro foi proposta apenas há quinze minutos, podemos deixar de ter um livro sobre o qual discutir essa vez — disse Lauren severamente —, mas no futuro, realmente precisamos ter um livro. Nós não queremos que isso se transforme em um daqueles “vinhos e lágrimas”, “coquetel e reclamação”, “bebida e lamento”.

— A gente entendeu — interrompeu Karina.

Lauren continuou:

— Os encontros que outras mulheres têm sob o disfarce mais fino de chamá-lo de clube do livro. Somos melhores que isso.

— Oh, sim. — Sarcasmo atou o tom de Karina quando ela tomou um grande gole de vinho de seu copo. — Somos muito melhores do que isso.

— Bem, nós somos — continuou Lauren, implacável —, e vamos provar isso todos os meses quando exercitarmos nosso intelecto lendo um livro e depois discutindo-o como adultas civilizadas. — Ela fez uma pausa antes de sorrir perversamente. — Depois disso, claro, vamos beber e fofocar até desmaiarmos. Mas não antes de falarmos sobre a obra literária que é a base sobre a qual nosso encontro social foi construído.

— Porque somos melhores que isso — Karina entou com uma voz falsa e séria.

— Sim. Nós somos. — Lauren tomou um gole de seu vinho sem pedir desculpas.

— Bem, este mês, não temos um livro — disse Sam com uma antecipação transparente, tomando o menor gole de seu vinho. — E eu estou treinando, então eu não posso nem mesmo entornar o vinho na mesma velocidade que as senhoras. Então isso significa que eu tenho que ficar bêbada de fofoca. — Ela esfregou as mãos juntas em alegria. — Quem é a primeira? Quem tem alguma sujeira suculenta?

— Tenho uma ideia melhor — disse Karina maliciosamente. — Que tal um bom e velho jogo de Verdade ou Desafio?

— Oh, sim! — Amanda exclamou imediatamente.

— Eu topo! — Sam e Lauren responderam em uníssono.

— Eu vou primeiro. — Amanda levantou a mão como se estivesse na escola. — Eu tenho um para Karina. Mas primeiro algumas regras básicas. Nada do que é dito aqui sai da sala.

— O que acontece no clube do livro fica no clube do livro — concordou Sam.

— Concordo — Lauren entrou na conversa.

— Você sabem que eu estou de acordo. Não quero minhas histórias nos tabloides — Karina terminou.

— Ok, então estamos todas dentro. — Amanda levantou a taça de vinho.

Deixando o vinho no chão, Amanda esfregou as mãos conspiratoriamente.

— Tudo bem então, Srta. Karina. Aqui está a minha pergunta para você. Quem é a pessoa mais famosa com quem você já se envolveu?

O rosto de Karina parou por um momento, parecendo um cervo diante de faróis com uma expressão totalmente vazia.

— Ninguém. Caras da indústria não são pra mim. Eu gosto de ser a mais vaidosa em meus relacionamentos, muito obrigada.

O queixo de Sam caiu.

— Então você quer dizer que você literalmente esteve no status de estrela pop todo esse tempo e nunca tirou proveito desse fato para ter um encontro com algum gostoso do Top 10?

Karina balançou a cabeça com o que, na opinião de Amanda, era uma expressão quase inocente demais. Amanda estava prestes a continuar, e talvez até apontasse um dedo acusatório na direção de sua amiga, mas Karina falou rapidamente:

— Ninguém digno de nota. E você, Sam? Você é famosa. Você também anda constantemente com a elite.

Sam bufou.

— Oh, por favor. Eu sou bem conhecida na minha área. Não é a mesma coisa que você. Você está constantemente em capas de revistas, com fotos tiradas por tabloides.

Karina gemeu.

— Que parte disso soa atraente?

Sam encolheu os ombros.

— Bem, você é rica. Isso é algo que muitas pessoas adorariam ser.

— Há muitas maneiras de ganhar dinheiro. — Karina sacudiu a cabeça solenemente. — A fama não é tudo que parece ser.

— Bem, então — Amanda emendou sua pergunta. — Quem você diria que foi o amor da sua vida? Famoso ou não?

Karina soltou uma baforada de ar enquanto se recostava nas almofadas macias do sofá cinza e colocava os pés sobre ele.

— Sério, eu nem sei. Isso não é triste? Quero dizer, eu namorei caras. Eu até amei alguns deles. Eu namorei meu primeiro agente por dois anos. Eu definitivamente o amei enquanto estávamos envolvidos. Mas o amor da minha vida? Essa frase parece épica. Nenhum dos meus relacionamentos teve aquele épico “eu não posso viver sem você”.

No entanto, Amanda levantou o dedo indicador com otimismo.

Karina riu.

— Ah, sim, minha querida otimista. Esqueci de acrescentar “ainda” ao final dessa frase.

— Ainda há tempo. Você é jovem — continuou Amanda, amando o tempo que passava com suas três melhores amigas no mundo.

Karina encolheu os ombros.

— Eu não sei. Eu acho que talvez eu não esteja conectada dessa maneira. Eu nunca ameí um cara tanto quanto amo música. Eu acho que talvez seja o meu destino. Talvez a música seja meu grande amor.

— Bem, então, eu tenho uma alternativa — disse Lauren com um sorriso malicioso. — Se você não teve um grande amor, quem foi seu melhor sexo?

— Wooo! — Amanda gritou. — Olhe para Lauren, trazendo a safadeza.

Karina riu.

— Vocês estão brincando, pessoal? Foi meu primeiro agente. Por que mais vocês acham que durou dois anos? Embora eu ache que isso prova o meu ponto, porque quando eu tive a chance de deixá-lo por um agente melhor, eu fiz isso sem pestanejar. Música primeiro.

Amanda virou a mesa, girando a garrafa metafórica na direção de Lauren.

— Bem, eu coloco essa pergunta de volta para você, Lauren. Melhor sexo. Da vida.

Os olhos de Lauren se levantaram em direção ao teto, parecendo procurar em sua memória. Ela riu ironicamente.

— Uau, eu acho que não poderia ter sido tão impressionante se eu preciso pensar muito sobre isso. Mas eu tenho que dizer, se preciso pegar, trocadilho intencional, apenas uma pessoa, então eu acho que teria que ser meu namorado de faculdade, Tad.

— Tad? Sério? — Karina perguntou.

— Sim, e ele era exatamente o que você poderia esperar que alguém chamado Tad fosse. Família de dinheiro velho, enorme apartamento em Manhattan, casa nos Hamptons. Quando eu estava com ele, senti que fazia parte desse mundo. Eu senti como se eu pertencesse ao meio. Me senti poderosa. Linda. Rica. — Lauren sorriu maliciosamente. — Vamos apenas dizer que ele traduziu o sentimento para o quarto.

Karina sorriu maliciosamente.

— Quem sabia que Lauren era uma garota de alta manutenção?

Lauren jogou a cabeça para trás e riu.

— Não é? Eu nem vou negar isso. Eu gosto das coisas boas. Eu sempre soube disso sobre mim mesma. Só que foi apenas na faculdade que descobri que o dinheiro era na verdade afrodisíaco.

— Sam, é a sua vez — disse Amanda. — Quem foi o seu melhor? O sexo mais inacreditável de todos os tempos?

— Bem... — Sam começou devagar e depois baixou a voz. — É meio difícil de dizer.

— Hmmm... — disse Karina, inclinando a cabeça para um lado como um cachorrinho curioso. — Isso porque todo o seu sexo tem sido igualmente medíocre ou porque todo o seu sexo tem sido igualmente alucinante?

— Bem. — Sam enterrou o rosto no travesseiro que ela segurava no colo e suas palavras foram murmuradas enquanto ela admitia. — Isso seria porque todo o meu sexo tem sido igualmente inexistente, na verdade.

Karina, Amanda e Lauren se olharam com expressões de confusão.

— Espera. Você está dizendo o que eu acho que você dizendo? — perguntou Lauren.

Sam suspirou e soltou o travesseiro do rosto dela.

— É um pouco... muito embaraçoso, na minha idade. Mas é que com meu treinamento e tudo, meu treinador é tão rigoroso e exigente que eu nunca tive a chance de desenvolver um relacionamento.

— Ok, só para esclarecer, você nunca teve um namorado? — Karina perguntou em uma tentativa de esclarecer.

— Não — afirmou Sam. — Nunca tive tempo. Nunca tive a liberdade.

— Entãooooo — Karina alongou a sílaba e deixou Sam com muito espaço para interromper. Quando ela não o fez, Karina terminou. — Você *nunca* fez saliência?

Sam sacudiu a cabeça tristemente.

— Whoa! — Karina exclamou, batendo palmas. — Isso é uma dedicação séria ao seu esporte, pessoal.

Sam soltou um sopro de ar forçado.

— Acredite em mim, não é isso. Quero dizer, acho que foi assim que começou. Mas não é como se eu tivesse decidido intencionalmente fazer assim. Não é como se o esporte fosse um sacerdócio ou algo assim. Você não tem que fazer um voto de castidade. Na verdade, vocês deviam ver a Vila Olímpica. Central do amasso.

— Bem, tudo bem, então — interveio Karina. — Não é como se você não tivesse tido a oportunidade.

— Não! — Sam exclamou. — Eu não estou querendo perder minha virgindade em uma bebedeira pós balada. Eu quero me apaixonar. Não deveria ser esse o requisito mínimo?

Lauren e Karina riram com ceticismo, mas Amanda saiu em defesa de Sam.

— Claro que deveria ser. Ignore essas duas.

Lauren deu de ombros.

— Não é que eu não entenda o que você está dizendo, Sammi. Só estou preocupada com o fato de que, neste momento, você pode estar colocando muita pressão e expectativa numa experiência que provavelmente não vai corresponder às expectativas.

Sam assentiu enfaticamente.

— Sim. Eu sei. Eu estou bem ciente disso. Mas acredite, minhas expectativas nem são tão altas. Neste momento, gostaria de estar com alguém com quem me importe. E que se importe comigo.

— E deveria ser assim mesmo — Amanda concordou.

— Concordo — disse Karina. — Se eu pudesse, provavelmente retomaria parte do sexo que tive com pessoas com as quais eu realmente não me importava. — Um sorriso perverso se espalhou por seu rosto. — Mas apenas algumas delas...

— Ok, Amanda, agora você — Lauren interrompeu — Quem foi o maior e mais alucinante sexo de toda a sua vida?

Amanda sentiu seu rosto esquentar como se tivesse engolido uma pimenta enquanto se inclinava para mais perto, fazendo com que as outras meninas se inclinassem também.

— Eu posso te dizer quem quase foi. Justin. Esta tarde.

Os maxilares de todas as três caíram.

— O que aconteceu? Conta! — Karina deixou escapar.

Amanda sacudiu a cabeça, mas não para dizer que não ia contar. Em vez disso, foi para limpar a nebulosidade e trazê-la de volta à terra.

— Ainda estou em estado de choque, honestamente. Justin e eu subimos para Hope Falls esta tarde...

— Oooh la la — interpôs Karina.

— Para espalhar as cinzas do meu pai — terminou Amanda.

— Ok, talvez eu tenha sido prematura com os efeitos sonoros — disse Karina timidamente.

— De qualquer forma, as coisas ficaram muito quentes e emocionais. Nós dois acabamos admitindo o que sentíamos um pelo outro e, então, de repente, ele estava me beijando.

— Isso! — disse Karina, dando um soco para a frente e puxando o cotovelo para a cintura em um gesto de vitória. — Que tipo de beijo? De língua?

Amanda assentiu enfaticamente.

— Oh, sim, houve língua. E mãos bobas, e migração pelo pescoço, e todas as coisas que os melhores beijos têm.

— Então, o que parou vocês?

— O que você quer dizer?

Karina bufou.

— Bem, esse não é o tipo de beijo que acaba quando ambas as pessoas se afastam, apertam as mãos e dizem: “Oh, sim, obrigada por esse beijo perfeitamente útil”. Esse é o tipo de beijo que está levando a algum lugar a menos que algo pare. Então, o que parou?

Amanda pareceu melancólica.

— Eu parei — ela admitiu —, quando me lembrei que tenho namorado.

— Sério? Por causa de Trent? — Karina fingiu náusea exagerada. — Por que você não pode ter acabado de me dizer que foi porque vocês de repente vomitaram na boca um do outro? Isso teria sido menos repulsivo.

A boca de Amanda caiu em choque e seu rosto fez uma careta de desgosto.

— Ok, em primeiro lugar, isso é nojento. E em segundo lugar, ele é meu namorado. Eu pareço continuar esquecendo esse fato, mas é, você sabe, um fato — ela terminou sem jeito.

Revirando os olhos dramaticamente, Karina descartou o argumento de Amanda.

— Deixando de lado a questão da nomenclatura, talvez seja necessário considerar a conveniência de ele continuar nesse papel se, como você mesma admite, vive esquecendo-se dele. Quero dizer, pense nisso por um momento. Você realmente passa por longos períodos em que o próprio fato

de sua existência é completamente ignorado. Não é você, Amanda. Você é uma das pessoas mais leais, se não a mais leal, que conheço.

Sua amiga estava certa, mas isso não significava que Amanda gostasse de ter um espelho colocado na frente dela.

— Eu sei. E nunca pensei em mim mesma como o tipo de pessoa que deixa seu companheiro por outra pessoa.

Lauren respondeu com uniformidade e razão:

— Ok, então não pense nisso como deixar Trent por Justin. Tire Justin da equação inteiramente. Se ainda assim você estiver ambivalente em relação a Trent, em qualquer circunstância, precisa pensar em abandoná-lo.

— Bem... — Amanda considerou o conselho de sua amiga. — Esse é um argumento bastante decente.

— Eu costumo fazer isso às vezes — Lauren brincou.

— Você sabia que eu guardei o bilhete? — Amanda perguntou. Agora que ela abriu a lata-de-Justin com suas amigas, ela achou difícil colocar a tampa de volta.

— Que bilhete? A nota que ele deixou no seu beliche? — Sam exclamou incrédula. — Por que você se tortura assim?

Amanda levantou o ombro esquerdo.

— Foi a última coisa que ele me deu.

— Awwwnn — Karina e Sam entoaram em voz alta.

— Oh, não — Lauren cortou-as secamente. — Não vamos encorajar esse comportamento insalubre com “awwwnn”. Amanda, suba as escadas e pegue o bilhete. Esse pedaço de papel teve muito poder sobre você. Esta noite é a noite em que você se liberta. Você vai queimá-lo.

Os olhos de Amanda se arregalaram e seu coração parecia bater contra suas costelas. — Eu não posso.

— Claro que você pode — Lauren disse confiante. — É simples. Você apenas dá um passo de cada vez. O primeiro passo é: vá e pegue o bilhete. Mais tarde, daremos o próximo passo. Agora, tudo que você precisa fazer é conseguir. Você pode fazer isso, certo?

Amanda ficou sentada, imóvel. Agora ela realmente queria fechar a tampa naquela admissão.

Karina aproveitou a oportunidade para dizer:



— Isso está ficando pesado. Obviamente, o que precisamos é de mais bebida. — Quando ela encheu os copos de novo, comentou: — Eu diria que essa rodada de Verdade ou Desafio com vinho é um bom começo. É o seguinte, meninas. Nas tantas vezes em que brincamos disso quando éramos adolescentes, vocês nunca notaram que nunca chegamos à parte do “desafio”? Eu acho que essa é a resposta para o problema de Amanda.

Amanda franziu a testa, intrigada, mas Lauren pegou a ideia de Karina imediatamente.

— Ah, bom ponto — disse ela em triunfo. — Amanda Jacobs, eu te desafio. Eu desafio duplamente você a ir lá para cima e pegar aquele bilhete.

Amanda suspirou, se sobressaltou e subiu as escadas.

Ela trouxe de volta o bilhete e o desdobrou para as outras três verem.

Estava amassado e bem gasto. Obviamente, tinha sido aberto muitas centenas, se não milhares, de vezes ao longo dos anos.

Lauren olhou para o bilhete com suspeita.

— Com que frequência você o abre e olha pra ele?

Amanda disse:

— Às vezes.

Lauren ergueu as sobrancelhas e olhou para baixo.

Amanda suspirou.

— Bem. Então, eu acho que meio que... um... durmo com ele debaixo do meu travesseiro?

— Isso é uma pergunta? — A sobrancelha de Lauren se levantou.

Amanda sacudiu a cabeça em derrota.

— Não. Eu durmo com ele debaixo do travesseiro, ok? O que você quer de mim?

Lauren suspirou.

— Uau. Eu posso ver que temos algumas conversas para ter primeiro.

E elas conversaram — todas elas, sobre qualquer coisa e tudo, até as primeiras horas da manhã. Até que caíram incontrolavelmente em um sono profundo, encharcado de fofocas e vinho, e nunca chegaram a queimar o bilhete.





# Capítulo

## 20

A manhã de sábado amanheceu clara e alegre, e Justin sentiu instintivamente que era um bom dia para novos começos. Hoje era o dia em que ele iria sair com Noah. E esta manhã ele ia ver como Amanda estava indo depois do que parecia ser uma noite muito divertida ou realmente difícil.

Antes do amanhecer, quando Justin tinha ido pegar um copo de água por volta das quatro da manhã, ele encontrou Amanda, Lauren, Karina e Sam esparramadas em vários lugares no chão e sofás da sala, um fogo quase apagado e o cômodo esfriando.

Enquanto atravessava para o armário de roupas de cama para pegar cobertores para cobri-las, viu um pedaço de papel na mão de Amanda e dirigiu-se a ela para investigar. Ele puxou-o da mão dela, segurando-o até a escassa luz do fogo agonizante.

Seus olhos se arregalaram. Era o bilhete que ele escreveu para ela na noite em que ele havia partido dez anos atrás.

*Amanda. Esqueça de mim. Justin.*

Ele não podia acreditar no que estava lendo. Não se lembrava de seu eu de vinte e dois anos ser tão idiota. Ele devia estar sofrendo muito, para ser tão duro na mensagem. A idade o amadurecera e amaciara e, de repente, ele não suportava olhar para o papel por mais um minuto. Ele também não queria Amanda olhando para ele. Não queria pensar no fato de que alguma vez ele havia existido. Pensou em queimá-lo no fogo minguante, mas por alguma razão não conseguiu.

Em vez disso, ele o amassou e enfiou no bolso antes de pegar alguns cobertores, cobrir todo mundo e sair em silêncio.

Folhas de pinheiro em forma de agulha rangiam sob suas botas enquanto ele fazia a curta caminhada da porta da frente do alojamento para a varanda dos fundos de Amanda. Justin teve que admitir que estava se sentindo um pouco desequilibrado. Quando ele pensou naquele beijo — aquele beijo incrível e perfeito —, parte dele sabia que ele e Amanda pertenciam um ao outro.

Ele sabia agora que Amanda não tinha sido a responsável por mandá-lo embora. Embora Parker tivesse sido duro, quando Justin olhou para trás, as ações de Parker mostraram o quanto ele realmente amava Justin. Se tivesse pensado que qualquer outro homem havia machucado Amanda, Justin sabia que Parker o mataria. Pela primeira vez, Justin sentiu uma pequena faísca de esperança de que ele e Amanda pudessem ficar juntos.

Era quase assustador demais pensar, como se ele estivesse na beira de um penhasco que ele realmente queria pular, então ele não permitiu que os pensamentos se prolongassem em sua cabeça. Ele não queria correr o risco de se apegar à ideia de que algo poderia acontecer entre eles apenas para ficar arrasado se ela decidisse ficar com Trent.

Da maneira que Justin via, Trent era um idiota descartável. Mas Amanda os impediu de ir mais longe ontem por causa daquele idiota descartável. Além disso, Trent tinha outro detalhe que o incomodava. Ele se parecia exatamente com o cara que Amanda havia colocado nas paredes quando adolescente.

Mas ele não a via do jeito que Justin a via. Ele não a amava do jeito que Justin a amava. Eles não tinham a conexão que Amanda e Justin tinham.

A única coisa que Justin não queria fazer era forçar Amanda. Ela passou por tanta coisa no último mês que a última coisa no mundo que ele queria era fazê-la se sentir ainda mais sobrecarregada. Ele esperou mais de uma década para estar com ela. Poderia esperar um pouco mais. Até que ela estivesse pronta.

Ao subir na varanda dos fundos, ele inspirou profundamente enquanto os aromas celestiais de massa de pão e bacon fritavam através da madeira e do vidro. A cortina que cobria a janela da porta dos fundos foi aberta e, através da pequena fresta, ele viu Amanda. Ela parecia um anjo.

Justin não tinha certeza se iria ficar imune à sua reação visceral cada vez que a visse; a nuvem despenteada de cabelos sedosos e dourados cercando sua cabeça como um halo, sua pele perfeita e leitosa, seus surpreendentemente grandes e claros olhos de safira, e o toque pálido de rosácea que coloria suas bochechas e lábios. Toda vez que ele via o rosto dela, ele tentava estender a mão e roçar as pontas dos dedos ao longo do queixo dela, porque ele simplesmente não conseguia se convencer de que ela era real.

Amanda olhou para cima e abriu a porta, gesticulando para ele entrar.

— Bom dia, flor do dia. — Ele usou a mesma saudação que tinha usado inúmeras vezes quando eles estavam crescendo.

Ela sorriu, um brilho de reconhecimento iluminando seus olhos azuis.

— Está um dia maravilhoso — disse Amanda enquanto continuava a mexer o bacon. — O que está aprontando? Talvez vá levar outra donzela jovem e desavisada para uma caminhada para depois provar sua língua?

— Você é a única donzela jovem e inocente na minha mira — ele respondeu no mesmo tom de provocação, terminando com uma piscadela.

Amanda riu, mas ele ficou feliz em ver um rubor se erguer em suas bochechas.

— Sério, quais são seus planos para hoje? Estamos adiantados, o que é incrível, mas isso deixa tempo livre.

Com tudo o mais acontecendo Justin não tinha sido capaz de dizer a Amanda sobre Noah, e ele realmente queria que ela soubesse.

— Na verdade, vou fazer algo hoje que nunca pensei que faria.

O lado direito dos lábios de Amanda se inclinou da maneira que fazia quando ela estava intrigada.

— O que você vai fazer?

— Quando eu estava na cidade há alguns dias, parei para dizer olá ao treinador Neal e fui apresentado a outra pessoa que estava muito ansiosa para me ver. Meu irmão.

— Você não conhecia Noah? — A curiosidade de Amanda se transformou em surpresa. — Por quê não?

— Eu nem sabia que ele existia.

Com isso, Amanda largou o garfo que estava usando para virar o bacon enquanto engasgava.

— Como isso é possível? Quer dizer, eu sei que você esteve fora de contato comigo, mas acho que apenas presumi que seu pai teria lhe dito que você tinha um irmão. Isso é uma grande notícia.

— Ele não sabia como entrar em contato comigo. Eu não queria que ele soubesse.

Amanda colocou a mão sobre o peito enquanto balançava a cabeça de um lado para o outro em câmera lenta.

— Uau. Isso é tão estranho. Deve ter sido tão estranho descobrir isso.

— Foi — Justin concordou. — E agora eu devo passar o dia com ele hoje. Com Noah. Eu nem sei por onde começar. O que as crianças gostam de fazer?

— Bem. — Amanda inclinou a cabeça, e o movimento fez Justin querer beijar o declive de seu pescoço nu com tanta força que sua boca ficou molhada. — Eu realmente não conheço Noah, mas ele parece ser um garoto muito fácil. Por que você não pergunta a ele o que ele quer fazer quando pegá-lo? Talvez ele goste de ir a Tahoe. Há muito mais a fazer lá. É um seleção muito mais ampla de atividades do que ficar aqui e fazer caminhadas ou comer na Sue Ann.

Justin riu.

— Bem, essas podem ser nossas únicas escolhas, porque é uma longa caminhada até Tahoe daqui.

Amanda acenou com isso.

— Não seja ridículo. Apenas pegue a caminhonete.

— Você tem certeza? — Justin não queria abusar de Amanda, mas seria muito mais fácil manter a criança entretida se ele realmente tivesse um transporte.

— Absolutamente! — exclamou ela. — Você não pode deixar que o primeiro dia que passa com seu irmão seja andar por Hope Falls a pé. Você quer impressionar seu irmão mais novo.

Justin inalou profundamente pelo nariz.

— Sim, eu não acho que tenha nada disso.

Amanda sorriu.

— Eu estava na idade de Noah quando conheci você. Eu me lembro do que pensei quando te vi. Eu te adorei. Você vai ficar bem.

Suspirando apreensivamente, Justin assinalou:

— Mas eu era uma criança também. E se houver algum tipo de aperto de mão secreto que você esquece quando é adulto? Ele poderia pensar que eu sou um nerd.

Amanda riu.

— Justin, sério, o que me fez adorar você não teve nada a ver com algum mundo de garotos mágicos que nós dois habitávamos para que você conhecesse o segredo. Foi porque você era você. Apenas seja você e não há como ele não te adorar.

Eles ficaram em silêncio enquanto Justin absorvia isso.

— Talvez não use a palavra “nerd” — terminou Amanda, e os dois riram. Apenas ouvir o doce som da risada de Amanda fez Justin se sentir melhor imediatamente.

A tensão foi quebrada. Ele estava pronto para enfrentar qualquer desafio, incluindo se aproximar de seu irmãozinho. Amanda sempre teve esse efeito sobre ele. Apenas estar perto dela fazia Justin se sentir invencível, como se ele pudesse enfrentar o mundo.

Saindo da sala, Amanda chamou por cima do ombro:

— Eu vou pegar as chaves para você.

Quando Amanda saiu, Teddy perdeu o interesse em seu projeto anterior, que era implorar pela comida que ele cheirava enquanto ela cozinhava. Ele andou animadamente até Justin para cumprimentá-lo. Enquanto Justin coçava a cabeça e desgrenhava as orelhas, Teddy ficava cada vez mais excitado e brincalhão.

— Oh, você quer brincar, não é, garoto? — Justin riu, empurrando a cabeça do cachorro para frente e para trás levemente enquanto Teddy brincava mordiscando suas mãos e se empenhava ao redor de suas pernas. Justin forçou uma investida para a frente, fazendo Teddy pular para trás, estocando e latindo alegremente para Justin, abanando o rabo.

Teddy então galopou em direção a Justin, de pé em suas patas traseiras quando ele chegou a ele, as patas dianteiras pousando no ombro de Justin. Justin o agarrou em um abraço de urso e os dois rapidamente acabaram no chão, brigando alegremente.

Amanda voltou correndo para a cozinha, sem fôlego.

— O que há de errado? O que está acontecendo? — ela perguntou ansiosamente.

— Nada — Justin disse, enquanto ele e Teddy continuavam a brincar.  
— Apenas um pouco de esporte de combate. É uma coisa de homem. Você não entenderia. — Teddy latiu alto e Justin riu. — Viu? Ele concorda comigo.

Alarme soou na voz de Amanda.

— Não, Justin, não brinque com ele assim. Sério, ele é velho demais para brincar assim. Ele vai se machucar.

Justin olhou para Teddy, chocado.

— Você ouviu o que ela disse, garoto? Muito velho? — Teddy latiu em afirmação que, sim, ele ouviu o insulto. — Nós vamos aceitar isso, garoto? Vamos deixá-la te chamar de velho? — Teddy latiu sua desaprovação da ideia. — Vamos mostrar a ela o velho. Vamos pegá-la! — Justin chamou, e ele e Teddy correram em direção a Amanda.

Amanda gritou quando olhou para a direita, depois saiu para uma rota de fuga quando Justin e Teddy a atacaram.

Logo, os três estavam correndo pela cozinha em círculos, rindo, empurrando, lutando, até que ele acabou encurralando Amanda contra o balcão. Ambas as mãos dele descansaram em ambos os lados dela, prendendo-a no lugar.

Seus olhos azuis brilhavam para ele quando ela riu e se contorceu em seus braços. Justin moveu as mãos para a parte inferior das costas e puxou-a contra ele. No momento em que ele o fez, a energia lúdica entre eles mudou. Suas curvas suaves se encaixaram perfeitamente contra seu corpo duro, que estava ficando mais duro a cada segundo.

O coração de Justin bateu no peito quando os dedos dele se espalharam pelas costas de Amanda. Seus delicados dedos se esticaram e se agarraram a seus ombros enquanto ele descansava sua testa contra a dela. O calor doce de suas respirações rasas abanou seu rosto enquanto ele murmurava:

— Droga, você se encaixa tão bem em meus braços.

— Justin — ela sussurrou como um apelo, inclinando a cabeça para trás e fechando a lacuna entre os lábios pouco antes da fenda da porta da frente bater, explodindo a bolha íntima em que estavam.

— Ursinha! É de pão de canela assando que eu sinto o cheiro? — a voz estrondosa de Henry chamou da entrada.

Justin recuou, recuperando o fôlego e tentando reunir seus pensamentos; ele viu Amanda tentando fazer o mesmo.



— É melhor eu sair daqui antes que Henry veja... isso — Justin disse, apontando para sua ereção lutando agressivamente contra seu zíper.

— Santo Deus. — Os olhos de Amanda se arregalaram no que parecia ser uma apreciação enquanto ela olhava abaixo do seu cinto.

Sua inspeção visual só fez as calças dele ficarem mais apertadas, então Justin rapidamente pegou as chaves que ela jogou no balcão e sorriu para ela quando saiu pela porta dos fundos.

Enquanto caminhava até a caminhonete, seu peito se apertou com o pensamento de que, se eles estivessem juntos, se esta fosse a casa deles, essa aconchegante e matutina rotina poderia ser sua toda manhã. Sua vida poderia ser assim.

Parecia quase incrível demais se atrever a pensar.





# Capítulo

## 21

Amanda andou pela sala de estar de Renata Blackstone, admirando todas as lindas cestas, tapetes e peças de arte expostas em prateleiras e paredes.

Já fazia uma década desde que ela estivera na casa da avó de Karina e esquecera o talento da artista Renata Blackstone. Na verdade, como adolescente, ela possivelmente não tinha sido capaz de apreciar a profundidade da habilidade da mulher e a verdadeira arte que entrava em cada peça que adornava sua casa.

Renata entrou na sala e as quatro garotas a cumprimentaram. A avó de Karina era uma mulher alta e formidável. Ela tinha brilhantes olhos negros como ônix e longos cabelos negros que usava na mesma trança desde antes de Amanda nascer. Amanda notou pela primeira vez que sua trança agora estava com uma quantidade significativa de fios cinza. Ela se perguntou se Karina notara a mesma coisa ou se estava particularmente sensível agora à ideia da fragilidade de seus idosos por causa da morte de seu pai.

Depois de trocar saudações, Renata apontou para o sofá e as quatro meninas sentaram-se. Renata relaxou em um sofá, claramente se preparando para uma agradável e longa visita.

Amanda sempre se sentira à vontade e se sentia em casa ali, onde Karina crescera. Embora Renata fosse uma mulher formal e não fosse dada a demonstrações emocionais, ela também tinha uma maneira calorosa e não era de julgar.

— Amanda, eu não tive a chance de falar com você no velório do seu pai — ela começou — e eu queria dizer-lhe pessoalmente o grande homem que ele era, o quanto ele fez por essa comunidade.

— Muito obrigada — respondeu Amanda sinceramente. — Papai amava Hope Falls com todo o seu coração, e eu sei que ele respeitava tremendamente o seu trabalho na comunidade. Ele teria ficado honrado em ouvi-la dizer isso.

Dando um leve e elegante aceno de reconhecimento, Renata perguntou:  
— Como você está levando?

Uma onda de melancolia tomou conta de Amanda, fazendo com que um sorriso triste se fixasse em seu rosto.

— Bem, a primeira semana foi tortura. Eu não sabia honestamente como eu iria passar por isso, muito menos como reunir o suficiente para dar continuidade à minha vida e administrar o negócio.

Ela parou, precisando de um momento para recolher seus pensamentos. A gratidão encheu seu coração quando ela olhou para Karina, Lauren e Sam.

— Mas então sua neta apareceu com Sam e Lauren, e eu me sinto muito mais no controle desde então. Eu tenho começado a sentir que as coisas vão ficar bem.

— Além disso, Justin está de volta — Karina disse com naturalidade.

Amanda corou. Ela realmente não queria entrar em uma discussão sobre sua vida amorosa com a avó de Karina.

Renata se endireitou ainda mais, o que foi uma façanha impressionante, e cruzou as mãos no colo.

— Sim, eu ouvi que o jovem estava de volta. Eu posso ver pelo seu rosto que ele ainda é importante para você.

— Ele é — admitiu Amanda. — E agora posso dizer sem sombra de dúvida que ele sempre foi e sempre será. Tê-lo por perto foi uma experiência muito reveladora.

— Se não fosse por uma toalha, seria ainda mais reveladora — Karina riu.

O queixo de Amanda caiu e suas bochechas arderam.

— Karina!

— O quê? — Karina riu, acenando com a mão em desdém. — Ela é minha avó. Você acha que ela não sabe como eu sou?

Renata deu um pequeno meio sorriso.

— Você acha que é com Justin que você deveria estar? Ele é seu destino?

Amanda afastou o cabelo da testa e riu baixinho.

— Hum... eu não sei. Quer dizer, se dependesse de mim, eu diria sim. Já li livros suficientes e vi filmes suficientes para conseguir identificar o final a um quilômetro de distância: ele é o escolhido. Mas esta é a vida real, e há muitos fatores a considerar. Eu não tenho certeza se ele está planejando ficar por muito tempo. Então essa é uma grande consideração.

— Você deveria simplesmente perguntar e não parar até que ele lhe dê uma resposta direta.

— É o que eu continuo dizendo! — Sam exclamou.

Amanda sacudiu a cabeça.

— Não. Não dar a ele espaço suficiente foi como essa bagunça começou em primeiro lugar. Estou determinada a deixar o rio seguir seu curso desta vez. Além disso, Sam, ao contrário do que você pode pensar, nem toda interação tem que ser uma competição.

Sam sorriu.

— Ah, mas como você vai saber quem é o vencedor?

— Minha única definição de vencer aqui é que eu preserve minha sanidade e, se possível, minha dignidade. Qualquer outro aspecto está fora do meu controle.

Aprovação irradiava do rosto expressivo de Renata.

— Sim, é isso mesmo. É uma boa atitude para ter. O amor é como os espíritos poderosos que habitam Cave Rock, os bebês da água. Muito poderoso, mas esse poder pode ser usado para curar ou destruir. Qual curso será tomado depende do respeito e da deferência mostrada. Se você demonstrar respeito ao amor como você faria com os Bebês da Água, então ele poderá fazer com que sua vida floresça e lhe traga grande abundância. Mas se você tentar capturar o amor e usar seu poder para seus próprios fins, então também pode ser a causa da sua ruína. Sim, Amanda, é melhor deixar o seu amor seguir seu curso, seja qual for.

Amanda sabia que Renata estava certa. Pena que era mais fácil dizer do que fazer.



# Capítulo

## 22

Justin parou na frente de sua casa de infância e esperou um momento antes de desligar o motor. Ele encarou a fachada da casa sem acreditar por um momento. Olhando para cima e para baixo da rua, ele se certificou de que estava no lugar certo. Ele até voltou a verificar o número da casa. Sim. Aquela era definitivamente a casa em que ele cresceu, embora não se parecesse em nada com o lixo caindo aos pedaços para o qual ele voltava todos os dias.

Esta estrutura tinha a mesma forma geral e contorno, mas estava coberta de tapume novo e ostentava uma nova camada de tinta brilhante. O telhado, que caía e vazava na época de Justin, agora era forte, reto e coberto de novas telhas.

O jardim da frente estava cuidadosamente arrumado e havia até um pequeno canteiro de flores debaixo da janela da frente, ao lado da pequena varanda.

Era uma casa que Justin teria se orgulhado de admitir que era sua, quando criança, em contraste com o que a realidade tinha sido, que era nunca permitir que uma carona o deixasse em qualquer lugar dentro do raio de um quarteirão do local por vergonha e para evitar a humilhação.

Bem, ele raciocinou enquanto desligava o motor e saía da caminhonete, Rick Barnes era um mestre de obras de profissão. Claro, ele nunca trabalhou como um quando Justin estava crescendo. Ele vivia de pequenos e estranhos trabalhos. Mas Justin imaginou, se ele estivesse realmente sóbrio como dizia estar, ele poderia estar mantendo um trabalho

de construção estável, assim como ter feito a maior parte deste trabalho sozinho. Justin odiava admitir, mas parecia muito impressionante.

A cada passo que tomava para o caminho da frente, ele sentia medo em sua intuição sobre a ideia de ver seu pai, mesmo pelos poucos segundos que levaria para pegar Noah e seguir seu caminho. Por alguma razão inexplicável, ele estava mais nervoso andando até a porta da frente do que quando pegou Kelly King para o baile de formatura, e sua mãe era uma advogada intimidadora que não simpatizava com Justin. Ele já estava planejando sua ação se Rick tentasse convidá-lo quando a porta se abrisse antes que ele fizesse a metade da caminhada.

Noah foi correndo em direção a ele como se tivesse mola nos pés. Rick Barnes seguiu Noah mais devagar. Ele sorriu para Justin, parecendo igualmente inseguro sobre como proceder, e gesticulou para o quintal e frente da casa.

— Parece bem diferente, hein? — perguntou, e Justin pôde detectar uma leve nota de orgulho em sua voz.

Justin olhou ao redor do quintal friamente.

— Parece o mesmo para mim.

Por alguma razão, Justin não conseguia dar a seu pai a satisfação de seu reconhecimento.

Ele pensou que sentiria uma pequena pontada de triunfo no olhar ferido que penetrou os olhos de seu pai, mas em vez disso tudo o que ele sentia era vazio, beirando a culpa.

*Não. Que se dane ele!*

Justin se repreendeu.

Ele tinha o direito de dar a Rick Barnes muito mais do que aquela pequena alfinetada.

De qualquer maneira, ele achou que era melhor simplesmente sair de lá. *Se uma coisa não havia mudado*, ele pensou consigo mesmo e fez uma careta quando subiu de volta na caminhonete com Noah, *é que meu pai traz o pior em mim. Sempre foi assim, sempre será.*

Justin se virou para Noah, que estava sentado ao lado dele no banco do passageiro, e quis se livrar dos efeitos de seu encontro com o pai. Ele colocou um largo sorriso no rosto e rezou para que Noah não o reconhecesse pela falsa e forçada alegria que era.

Ele não tinha nada com que se preocupar, no entanto, já que Noah estava zumbindo como uma abelha com tanta excitação e entusiasmo que ele provavelmente não teria notado se Justin estivesse chorando no banco do motorista. Ele parecia estar consumido em seu próprio mundo de felicidade, e Justin tinha que admitir, era meio contagiante.

— Então, eu estava pensando — Justin começou — que, a menos que você tenha alguma outra coisa em mente que gostaria de fazer, poderíamos ir até Tahoe. Isso soa bem?

— Tudo bem! — Noah exclamou, bombeando o punho no ar. — Fiquei tão animado ontem à noite que não consegui dormir. Eu apenas continuei observando a janela para que a luz viesse — Noah disse a ele.

— Eu também — Justin mentiu.

Bem, era uma meia verdade. Na verdade, Justin tinha sido incapaz de dormir na noite anterior, mas as lembranças do doce sabor dos lábios de Amanda, a sensação suave de sua pele sob as mãos e os sons que fazia quando se derreteu contra ele foram o que lhe roubou seu sono.

— Este vai ser o melhor dia de todos os tempos. — Noah entusiasmado, balançando em seu assento com emoção, olhava pela janela para as árvores que passavam.

Justin estava começando a perceber que Amanda estava certa — ele realmente não tinha nada com que se preocupar. Esse garoto não iria julgar seus esforços para se conectar. Ele estava simplesmente tão feliz de estar com ele, que havia um brilho suavemente perdoador sobre quaisquer erros que Justin pudesse cometer. Com admiração, Justin percebeu que o brilho era amor. Esse garoto, que ele mal conhecia, o amava.

Para alguém como Justin, alguém que vivera uma existência emocionalmente isolada por quase uma década — inferno, mais tempo do que esse garoto tinha de vida — era uma sensação estranha ser o objeto de uma devoção tão ofuscante e pura. Mas Justin percebeu como última de sua série de revelações cada vez mais chocantes, que gostava. Ele gostava muito disso.





— Eu ganhei — Noah disse alegremente, correndo para recuperar sua bola de golfe colorida debaixo do moinho de madeira onde tinha ido para o buraco.

— Com certeza ganhou — Justin riu. — Eu sou péssimo nisso. Como você ficou tão bom?

— Sou muito habilidoso — disse Noah solenemente.

Justin, lutando para manter a cara séria, assentiu para Noah com igual solenidade.

— Concordo — ele entoou.

— E também... — Noah sorriu maliciosamente. — ... eu posso dizer que você está me deixando ganhar. Mas eu não me importo, porque ainda é divertido.

Justin riu.

— Você é um cara muito esperto. Mas falando sério. Você é muito bom nisso. Como ficou tão bom?

— Papai me leva — disse Noah. — Ele me leva quando eu recebo boas notas ou quando é meu aniversário.

— Oh — disse Justin —, isso é ótimo.

Claro que Rick o levava, Justin se repreendeu. Ele estava tendo dificuldade em reconciliar o retrato que Noah estivera sem querer pintando de Rick durante todo o dia por meio de comentários improvisados — um Rick atencioso, carinhoso, confiável, financeiramente estável, dono de um carro e, acima de tudo, sóbrio. O Rick que Noah conhecia e a imagem que Justin ainda tinha dele eram dois indivíduos completamente diferentes.

— Às vezes, quando é realmente especial, papai me leva para a Sala da Floresta e nós pegamos comida do bufê e perguntamos à garçonete se podemos sentar onde você pode olhar para o lago. Às vezes o sol está se pondo e o céu está roxo e laranja.

— Isso soa ótimo — Justin tentou parecer feliz, embora o pensamento de levar seu irmão para algum lugar que traria mais histórias de “papai e eu” soasse tão atraente para Justin quanto um tratamento de canal.

De repente, a inspiração aconteceu. Ele sabia que as chances de que seu pai levasse Noah para Reno eram menores do que ali em Tahoe, porque Reno costumava ser o principal lugar para o qual ele desapareceria para se

entregar à bebedeira. Se ele levasse a sério sua recuperação, provavelmente não seria uma boa ideia ir até lá apenas por diversão.

Justin olhou para o relógio; tempo de sobra para dirigir mais uma hora e meia e ainda estar de volta em Hope Falls ao cair da noite.

— Ei — disse Justin. — Em vez de jantar aqui, você quer dirigir um pouco mais e ir ao Circus Circus?

— Sim! — Noah respondeu, bombeando seu punho no ar.

Quando eles voltaram com seus mini-tacos de golfe, Justin não conseguiu superar o quanto Noah se parecia com ele aos seis anos de idade. Justin sempre foi o garoto mais alto de sua classe, e depois de ver Noah no campo, ele presumiu que seu irmão também tinha esse título. Mas não era apenas a altura dele. Também eram os olhos, o sorriso e até os maneirismos do garoto que Justin reconheceu como semelhantes.

Justin não podia acreditar no poder do vínculo com Noah que ele sentia fortalecendo em sua alma e na velocidade com que ele sentia isso se formando. Não havia outra palavra para isso, exceto amor. Isso era possível? Ele já poderia amar esse garoto depois de passar um dia com ele? Essa era a magia da genética?

Justin sorriu. Ele não se importava como ou por que ele já sentia um amor fraternal, quase protetor e paternal por essa criança. Ele só sabia que sentia — e gostava disso.

— Então Circus Circus é o destino — Justin disse, sorrindo carinhosamente para Noah e bagunçando seus cabelos enquanto se dirigiam para a caminhonete.



# Capítulo

## 23

Amanda estava rapidamente perdendo qualquer gota de paciência que tinha deixado enquanto tentava falar com Trent. Ela não era o tipo de pessoa que perde a paciência com frequência, mas estava definitivamente se desgastando agora.

Ela organizou um bom jantar para Trent, que largou tudo e voou para a cidade depois que ela tentou terminar com ele pelo telefone. Ele implorou a ela para ouvi-lo, e talvez fosse culpa, mas ela decidiu dar a ele uma chance de se defender.

O beijo que ela compartilhou com Justin estava pesando em sua consciência, o que não era bom. Sua consciência, não o beijo. O beijo foi incrível e seu único arrependimento foi que ele aconteceu enquanto ela ainda tinha um namorado.

Amanda era uma boa garota de coração. Ela não era selvagem, mesmo quando adolescente. Ela era uma pessoa caseira. Cuidava das pessoas, como seu pai. Cuidava dos negócios. Isso fazia parte do apelo de Trent. Ele não precisava ser cuidado — ele cuidava das coisas.

Ela agora estava começando a perceber, no entanto, que as maneiras pelas quais ele a mimava — os generosos presentes, as espetaculares escapadelas de fim de semana — não eram as maneiras pelas quais ela realmente precisava ser cuidada lá no fundo. Eles eram divertidos e emocionantes. E ela deixou-se acreditar que todo um relacionamento poderia ser baseado apenas nessas coisas.

Ainda assim, ela se agarrava à imagem de si mesma como alguém que nunca — nunca — beijaria outro homem enquanto estivesse em um relacionamento. Apesar de todas as evidências em contrário, ela ouviu a voz de Karina entoando secamente e sorriu.

Amanda sinceramente entrara nesse jantar com a mente aberta. Ela decidiu que iria ouvir Trent e ver o que ele tinha a dizer. Mas agora, tudo o que ele estava falando era o valor que ela estava perdendo por não vender Mountain Ridge. Sobre a rapidez com que poderia estar conectada com os investidores que ele já havia alinhado. Ele estava falando sobre como, se ela simplesmente vendesse, eles poderiam ficar juntos, finalmente porque Amanda estaria livre para viajar com ele.

Tudo o que ele estava falando era dinheiro, Mountain Ridge e viagens. Ele não estava dizendo nada sobre ela ou eles.

— Escute, Trent — ela interrompeu em frustração, jogando o guardanapo sobre a mesa. — Eu sinceramente não sei quantas maneiras existem para dizer isso ou como eu posso ser mais clara. Eu não vou vender Mountain Ridge. Nunca. Por que você não entende isso?

Trent virou a cabeça de um lado para o outro, aliviando a tensão no pescoço. Ele respirou profundamente quando disse:

— Por que você está sendo tão difícil?

*Eu? Difícil? Já chega!*

Ela estava decidida.

— Trent, acho que é hora de você ir. — Amanda não podia acreditar no jeito que ele estava agindo. Ela nunca deveria ter concordado em jantar com ele.

Trent falou em um tom condescendente, como se estivesse assegurando um animal encurralado, quando estendeu a mão para segurar a mão de Amanda.

— Amanda, acalme-se.

De pé, ela afastou a mão dele.

— Eu estou calma. Este jantar acabou. Nós terminamos. Você queria falar comigo. Nós conversamos. Adeus, Trent.

Amanda viu um momento de pânico nos olhos de Trent antes de ele se levantar e envolver a mão no pulso dela enquanto sua voz se elevava.

— Apenas me escute, baby!

— Saia! — Amanda tentou puxar o braço para fora de seu alcance, mas seus dedos se apertaram ao redor dela.

Seu coração estava batendo quando o medo correu por suas veias. Ela tentou se afastar novamente, mas seus dedos apertaram ainda mais quando o olhar em seus olhos se tornou ainda mais desesperado.

— Solte. Ela. Agora — a voz profunda de Justin veio da porta atrás de Amanda.

Trent olhou por cima do ombro de Amanda e depois de volta para ela, com um olhar maníaco nos olhos.

— Só me deixe explicar. Por favor.

A seu pedido, os dedos grandes de Trent se contorceram ao redor do pulso magro de Amanda. Ela assobiou com a dor que disparou em seu braço quando ele a puxou para mais perto dele.

A próxima coisa que ela percebeu foi uma lufada de ar passando por seu rosto quando um estalo alto ecoou pelo pequeno espaço da sala de jantar. Amanda olhava como se estivesse em câmera lenta quando o punho de Justin fez contato com o rosto de Trent. Parecia um daqueles desenhos animados onde a pele do personagem se transforma em massa.

Com o golpe, Trent soltou seu aperto de ferro e Amanda recuou, tropeçando na cadeira. Ela ficou tensa enquanto se preparava para o iminente impacto de seu traseiro batendo no chão de madeira, mas antes de isso acontecer, ela sentiu-se sendo embalada em um braço forte. Em puro instinto, ela se virou para a força e segurou.

Em um piscar de olhos, Justin tinha Amanda posicionada atrás dele, seu braço segurando-a no lugar, enquanto Trent lentamente se levantava do chão, usando a mesa para alavancar.

— Amanda. — A voz de Trent estava tensa e sua mandíbula parecia um pouco torta.

Amanda sentiu a mão de Justin estremecer ao som de Trent falando seu nome. Ela podia sentir a tensão irradiando dele enquanto ele a segurava firmemente contra ele.

A voz de Justin soou mortalmente calma quando ele instruiu:

— Dê o fora daqui. Se você se aproximar de Amanda novamente, não vai se levantar tão fácil.

A respiração de Amanda estava alterada e as pernas tremiam enquanto ela se agarrava a Justin e observava os olhos de Trent divididos entre os

dela e os de Justin. Ela ainda podia ver o pânico ali, o desespero. Ela pensou que ele poderia tentar mais uma vez defender seu caso, mas Justin deu um passo em direção a ele e Trent se virou, tropeçando nos próprios pés antes de correr, sem caminhar, pela porta da frente.

Quando o som da porta se fechando ecoou pelo espaço, Justin se virou e levantou o braço de Amanda, embalando-o em sua grande mão.

— Você está bem? — ele perguntou enquanto gentilmente virava o braço de um lado para o outro, estudando-o.

— Sim — respondeu Amanda honestamente.

Ela nunca pensou que Trent fosse capaz de machucá-la. Antes daquela noite, se alguém lhe perguntasse se ele faria algo assim, ela não teria dito nada. Ela ainda não tinha certeza de onde esse comportamento tinha vindo.

Amanda não conseguia nem colocar em palavras o quanto estava feliz por Justin voltar para casa quando o fez. Quando a realidade do que tinha acabado de acontecer começou a ser assimilada, ela não tinha certeza de quão longe isso iria chegar se Justin não estivesse lá.

— Obrigada.

— Vou ligar para o Eric — Justin cortou enquanto pegava o telefone.

— Por quê? — Amanda perguntou, confusão em sua cabeça. Por que Justin queria ligar para o amigo agora?

— Precisamos informar isso e quero que ele tire fotos do seu pulso. Dessa forma, se aquele idiota decidir mostrar o rosto novamente, esta noite estará registrada — Justin explicou enquanto colocava o telefone no ouvido.

Ah, isso fazia mais sentido do que uma ligação social em um momento como esse.

Enquanto Justin explicava a situação para Eric pelo telefone, Amanda se sentou na cadeira em que quase havia tropeçado. Ela honestamente não queria que ninguém fizesse barulho por isso. Trent se fora, e ela só queria esquecer a coisa toda. Mas se arquivar um relatório era o que Justin achava que ela deveria fazer, ela faria. Porque ela confiava em Justin. Completamente.



— Você está com sono?

Justin perguntou ao voltar para dentro depois de levar Eric até a viatura. Eric havia recebido as declarações e fotografado o pulso inchado de Amanda. Justin ainda tinha adrenalina correndo por seu sistema, mas Amanda parecia exausta.

— Você pode ir para a cama. Eu vou ficar no sofá hoje à noite.

Não havia nenhuma maneira de Justin deixar Amanda sozinha ali. Ele não sabia onde estava o resto do Quarteto Fabuloso, mas mesmo quando elas voltassem para casa, ele ainda planejava ficar.

— Hmmm. — Amanda suspirou, seus olhos olhando para cima como se estivesse profundamente em contemplação. — Eu me sinto meio sonolenta, mas você sabe o que realmente soa muito melhor do que dormir agora?

Justin sorriu. Mais vezes do que ele podia contar, os dois possuíam uma habilidade estranha de adivinhar o que o outro estava pensando, e aquela não era exceção. A cena surgiu em sua cabeça completamente formada — os dois no sofá no escuro, cobertos de mantas e a luz azul piscante da TV.

— Noite de filme?

— Sim. — Amanda sorriu, e assim mesmo, toda a raiva e estresse reprimidos que estavam se revirando em Justin se dissiparam. Ela sempre teve esse efeito sobre ele.

Ele e Amanda estavam em sincronia de várias maneiras, mas uma coisa que eles nunca tiveram foi um gosto totalmente idêntico para filmes. Ainda assim, havia alguns que eles poderiam sempre concordar. Ele colocou um deles em sua mente e decidiu testar sua conexão mental para ver se ainda acontecia nos dois sentidos.

— Você sabe em que filme eu estou pensando? — ele perguntou.

— Goonies — disse ela com toda a convicção.

*Interessante... Então eles ainda tinham isso.*

Ele estava feliz.

— Sim. Vou começar e pegar os cobertores — disse ele.

— Vou colocar o moletom primeiro — disse Amanda enquanto subia apressadamente os degraus.

Justin não poderia começar a estimar quantas noites este cenário exato aconteceu depois que ele se mudou para Mountain Ridge. Parker sempre

se recolheu antes das nove já que começava seus dias antes do amanhecer. Embora Amanda e Justin fossem madrugadores, ambos compartilhavam a combinação única de serem também corujas da noite. O que significava que havia muitas noites de filmes, *Scrabble*, *Monopólio*, *Uno* e *Trivial Pursuit*.

Essas eram algumas de suas lembranças favoritas de todas. Apenas ele e Amanda conversando, rindo, ficando excessivamente competitivos. As doces lembranças daquelas noites o sustentaram através de alguns tempos muito sombrios e solitários ao longo dos anos.

Amanda desceu as escadas quando ele empurrou o DVD para o aparelho. Eles se acomodaram no sofá a cerca de quinze centímetros de distância. Justin apertou o play no controle remoto e as familiares cenas de abertura do filme começaram. Aparentemente sem pensar, Amanda suspirou satisfeita e encostou a cabeça no ombro de Justin, como nos velhos tempos. Enquanto o filme avançava, ela se aconchegou ainda mais perto.

No momento em que as crianças na tela estavam bem dentro da caverna em busca de tesouros — e o filme se instalara em uma sensação de intimidade mal-iluminada por causa daquele ambiente fechado e escuro — essa mesma sensação aconchegante estava permeando a toca onde Justin e Amanda sentavam-se juntos e assistiam à história se desenrolar.

De repente, tornou-se um pouco intenso demais para Justin tolerar. Mesmo que ele tivesse decidido que não iria forçar Amanda, seu corpo tinha outras ideias. Suas calças estavam ficando mais apertadas a cada segundo. Seu corpo inteiro parecia estar em chamas, aquecido pela excitação.

Justin deu um pulo abruptamente, e pelo olhar no rosto de Amanda ela não estava esperando por isso.

— Eu preciso de uma bebida. Quer alguma coisa da cozinha? — ele perguntou rápido demais.

Os olhos azuis de Amanda o encararam com uma expressão estranha no rosto, aparentemente surpresa com o movimento súbito dele.

— Hum.. sim. Uma água, eu acho.

Quando Justin fez a curta caminhada até a cozinha, ele estava realmente desejando que, em vez de pegar uma água, pudesse tomar um



banho frio. Ele precisava se refrescar antes de voltar para lá. Então, a inspiração aconteceu.

Alguns minutos depois, Justin entrou novamente no covil com uma tigela grande cheia de sorvete coberto com calda de chocolate, nozes com chantilly. De fora dos lados opostos da tigela havia duas colheres.

— O que seria a noite do cinema sem sorvete? — ele brincou.

Os olhos de Amanda se iluminaram e ela bateu as mãos na frente dela com um entusiasmo infantil. Justin pensou que era possivelmente a reação mais adorável ao sorvete que ele já tinha visto.

Voltando a sentar-se no sofá, ele entregou a Amanda a água que segurava na mão esquerda. Quando ele abaixou a tigela entre eles, viu um brilho de decepção em seus olhos.

— Sem cerejas? — ela perguntou, um pouco desanimada.

Justin teve que rir.

— Você acha que precisa me lembrar de como você é com sorvete? Você não é apenas a única pessoa que eu conheço que anseia por sorvete mesmo quando está muito frio, mas você é obcecada por cerejas *maraschino*.

E com isso ele usou a colher para afastar a borda externa do chantilly e revelar que o interior da tigela inteira estava cercado por cerejas vermelhas e cristalizadas, provavelmente vinte e cinco ou trinta ao todo. Amanda riu deliciada, inclinou-se e deu um leve beijo nos lábios de Justin.

Ela recuou rapidamente, seus grandes olhos azuis olhando para ele enquanto respirava fundo. Os lábios de Justin queimaram com o calor do contato deles com os lábios de Amanda, por mais fugaz e casual que pudesse ter sido. E tão rápido seu corpo estava vivo novamente, a eletricidade disparando em suas terminações nervosas, seu batimento cardíaco e respiração acelerando, e seu desejo por Amanda se agitando em cada célula de seu corpo.

Ele olhou nos olhos dela e viu, pelo rubor subindo pelo seu pescoço e pelo aumento da velocidade e superficialidade com que sua respiração estava chegando, que ela sentiu a carga na atmosfera também. Com aquele milissegundo de contato, sua fachada de camaradagem casual caiu como a cortina de uma jogada ruim. De repente, suas emoções e sua conexão estavam em exibição nua e crua.

Como sendo puxados por uma força magnética, eles fecharam a pequena distância entre eles, os lábios puxando um para o outro, lentamente; a tensão crepitante no ar ficou mais espessa, quanto mais para perto se moviam.

Justin fechou os olhos, antecipando a sensação dos lábios quentes de Amanda nos dele, tão tentadoramente próximos que ele quase podia sentir o gosto. Ele achou que estava preparado para a sensação do beijo deles, mas estava errado. No momento em que seus lábios macios tocaram os dele, um violento choque de excitação percorreu-o.

Depois que Justin colocou a tigela de sorvete na mesa de centro, suas mãos se estenderam, emoldurando o rosto de Amanda. Seus polegares roçaram a pele macia de suas bochechas enquanto sua boca cobria a dela avidamente. Seus lábios se separaram e sua língua pressionou para dentro enquanto ele a explorava com posse de fogo.

As mãos magras de Amanda encontraram o caminho sob a camisa dele. Sua pele aquecida saltou sob seu toque frio. Ela alisou os arrepios que se formaram enquanto esfregava seu corpo com um desespero tentador.

Enquanto ele se alimentava da doçura de sua boca em um beijo apaixonado e drogado, os gemidos suaves de Amanda ficaram mais altos. Suas mãos se moveram para tirar a camisa de Justin, e usando cada grama de força de vontade que possuía, ele interrompeu o beijo e olhou em seus olhos. Ele queria estar com ela mais do que já quis qualquer coisa em sua vida, mas ele não queria apressá-la. A vida de Amanda estava em um estado quase constante de agitação, esta noite não sendo exceção. A única coisa que era pior para Justin do que não estar com Amanda noite era estar com ela apenas para que ela se arrependesse.

— Não precisamos fazer nada esta noite — Justin disse enquanto seus polegares roçavam o queixo dela. — Eu amo beijar você. Nós podemos apenas nos beijar. — Sua voz estava crua de necessidade. — A noite toda.

Amanda assentiu e se inclinou para fora do toque dele. Embora Justin soubesse que tinha feito a coisa certa, a decepção ainda o inundou. Até que viu Amanda levantar a camiseta cinza macia acima da cabeça, revelando seios perfeitos e nus. A respiração de Justin ficou presa na garganta quando ela caiu no chão.

— Eu não quero apenas beijar. — A voz de Amanda tremeu e se era por nervosismo ou necessidade, ele não tinha ideia. — Eu te amo. Eu quero estar com você, Justin. Eu preciso de você.

Essas três últimas palavras selaram o acordo para Justin. Ela precisava dele. Não precisava mais pisar em ovos a respeito de seus sentimentos ou desejos pela garota sentada na frente dele, lhe mostrando sua alma.

— Quanto tempo nós temos até que as garotas voltem? — Justin se sentiu tremendo, vibrando com o desejo enquanto tentava manter a cabeça nivelada.

Um pequeno sorriso se inclinou nos lábios carnudos e rosados de Amanda.

— Algumas horas.

Justin se levantou, reunindo Amanda em seus braços, abraçando-a confortavelmente. Quando ele subiu as escadas de dois em dois degraus, ela riu e enterrou o rosto contra os músculos do peito dele.

— Aonde você vai? Eu disse que tínhamos horas antes de eles chegarem em casa.

— Vou precisar de mais do que algumas horas.

Este momento era aquele com o qual Justin tinha sonhado, esperado, torturado com antecipação sem a certeza de que algum dia ocorreria. Ele não ia passar a primeira vez juntos distraído, esperando a porta da frente abrir. Isso também era precioso. Ela precisava, merecia e exigia toda a sua atenção. E era exatamente isso que ele planejava dar a ela.

Entrando no quarto dela, ele chutou a porta de madeira para fechá-la atrás dele quando atravessou a pequena sala em dois passos. Abaixando seu corpo, ele deitou Amanda em seu edredom azul, seu cabelo loiro se espalhando ao redor dela.

Justin se endireitou, olhando para o objeto de anos de desejos e fantasias reprimidas. O luar brilhava através da janela de Amanda e lançava um brilho etéreo em sua pele clara. Seu coração disparou enquanto ele observava seus seios cheios e cremosos subindo e descendo enquanto sua respiração crescia mais rápido e mais superficial. Ele não deixou de perceber que um tom de rosa subiu para sua pele de porcelana sob seu olhar faminto. Seus olhos voaram para os dela. A última coisa que Justin queria era que Amanda se sentisse embaraçada ou autoconsciente diante dele.

Ele ficou aliviado ao ver o olhar pesado de luxúria que o encarava de volta. Aquele rubor tinha sido causado por excitação, não por constrangimento.

*Graças a Deus.*

Justin se abaixou e passou os dedos pelo cós do moletom de Amanda. Lentamente, ele o moveu pelo corpo dela, as costas de seus dedos deslizando ao longo de sua pele macia quando ele o fez.

Antes que sua calça tivesse chegado a seus pés, ele ouviu a voz de Amanda.

— Eu quero ver você também.

Um sorriso puxou a boca de Justin em sua ânsia quando ele rapidamente tirou suas botas, calças e camisa. Ele pegou um preservativo de sua carteira antes de deixá-la cair no chão. Quando ele olhou de volta para Amanda, nua diante dele, seu olhar estava trancado na área — que estava lutando por atenção — localizada abaixo da sua cintura. Ele viu os olhos dela se dilatarem e a língua rosada aparecer entre os lábios, molhando a boca em descarada aprovação do que via. Em seu sugestivo gesto, seu pênis se contraiu e ficou ainda mais pesado, pulsando de necessidade.

Tudo dentro dele estava gritando para ele afastar as pernas dela e entrar no calor úmido de seu corpo. Mas Justin sabia que se fizesse isso tudo acabaria antes de começar. Então, em vez disso, ele colocou as mãos em torno dos quadris de Amanda, puxando-a enquanto se ajoelhava ao lado da cama, de modo que ele estava posicionado entre as pernas abertas dela, seu sexo inchado e brilhante apenas a uma pequena distância.

Quando ele inalou seu perfume feminino, Justin ficou tonto de desejo. Estendendo a mão, ele passou os dedos suavemente pelos lábios úmidos dela. Seu toque provocou um arrepio no corpo de Amanda e ela arqueou as costas enquanto seus dedos seguravam o edredom.

Mesmo que ele tenha ignorado suas próprias necessidades e ainda não tivesse recebido nem mesmo uma carícia erótica de suas mãos, este já era, de longe, o encontro sexual mais profundamente satisfatório que ele já tivera.

Inclinando-se para frente, ele arrastou beijos suaves sobre cada osso ilíaco. Seus olhos se fixaram nos dela quando ele pressionou os lábios em sua barriga trêmula enquanto seus dedos massageavam eroticamente as

dobras escorregadias de seu centro. As mãos dela se abaixaram e passaram pelos cabelos dele.

— Por favor — ela choramingou, apertando os dedos contra o couro cabeludo enquanto levantava os quadris ansiosamente, encorajando-o a mover a atenção da sua boca para o sul.

Justin ficou quieto, seus dedos ainda pressionando firmemente contra seu núcleo pulsante, mas não se movendo mais.

— Por favor, o quê? — ele perguntou enquanto suavemente roçava a barba em seu queixo na parte inferior da sua barriga.

— Beije-me — disse ela, soando um pouco frustrada enquanto seu corpo se contorcia sob o seu toque.

— Beijá-la onde? — Justin perguntou com seu coração batendo irregularmente contra suas costelas, excitação correndo violentamente em suas veias.

Amanda mordeu o lábio inferior enquanto suas pernas se abriam em mais um convite.

— Aqui — ela choramingou. — Eu quero que você me beije aqui.

Justin respirou assobiando e sua mandíbula apertou com desejo em sua exibição provocativa. Mantendo seus olhos treinados nos dela, ele tirou a mão e substituiu-a com a boca. Selando seus lábios sobre sua carne macia e orvalhada, Justin acariciou descaradamente a língua contra o capuz de seu sexo. Com cada passo tentador de seus beijos sugadores, os encorajamentos de Amanda ficaram mais altos.

Precisava se revoltar através dele enquanto ele concentrava sua atenção em seu cerne distendido. Seu corpo começou a tremer quando ele aumentou a pressão de seu turbilhão. Ele moveu o dedo para a fenda escorregadia de seus lábios, correndo-o com firmeza para cima e para baixo em sua abertura. Justin continuou essa massagem erótica enquanto seus beijos de boca aberta envolviam seu calor.

Quando ele sentiu seus quadris contra a boca, Justin deslizou o dedo em sua bainha apertada e úmida e chupou o botão sensibilizado entre os dentes, achatando a língua em insistentes lambidas. Seu corpo se contorceu ao redor de seu dedo enquanto espasmos após espasmos balançaram através do corpo de Amanda. Justin ficou com ela até o último tremor percorrer seu corpo.

Sentado em seus calcanhares, Justin observou, cativado, enquanto ele puxava o dedo, brilhando com os sucos de Amanda, lentamente de seu corpo. A visão erótica enviou ondas de choque de felicidade flamejante explodindo por todo seu corpo.

Depois de rasgar o preservativo, Justin rapidamente rolou e ficou de pé ao lado da cama. Olhando para o corpo lindamente nu de Amanda, Justin levou um momento para beber a visão dela. Ao fazê-lo, sua boca se encheu de água e ele ainda podia saborear sua doçura salgada em seus lábios.

Ele imaginou esse momento inúmeras vezes em sua cabeça, mas nenhuma de suas imaginações nada se aproximara dessa realidade.



Amanda sentiu-se flutuando de volta da nuvem de felicidade. Aquela foi a mais devastadora liberação de sua vida. Ela sempre soube que estar com Justin seria incrível, mas o que ela tinha acabado de experimentar fazia o termo “experiência incrível” soar como brincadeira de criança.

O prazer entorpecedor que acabara de consumir os sentidos de Amanda ainda persistia quando ela abriu os olhos. Quando os olhos focaram, ela viu Justin, gloriosamente nu, na beira da cama. Antes que ela tivesse a chance de se sentar e tocá-lo, ele estava se movendo. Em um movimento rápido, ele a levou para o topo da cama e estava pairando sobre ela. As paredes internas de Amanda pulsavam quando ela sentiu a cabeça ingurgitada posicionada em seu núcleo.

Ela respirou fundo quando Justin se inclinou sobre os cotovelos, emoldurando seu rosto. Erguendo a mão, passou as mãos pelos lados das costelas e do abdômen e, em seguida, moveu-se para acariciar os planos duros de suas costas enquanto afastava mais as coxas, abrindo-se completamente para ele.

Olhando para as piscinas marrom-escuras de seus olhos, Amanda se sentiu dominada pela emoção que refletia nela.

— Eu te amo — Justin sussurrou quando lentamente empurrou para dentro dela.

Amanda esperara tanto tempo para ouvir aquelas palavras.

— Diga isso de novo — ela sussurrou sem fôlego.

— Eu te amo, Amanda — ele repetiu, sua voz profunda com paixão. — Eu nunca vou parar de te amar.

Prazer sacudiu através dela na invasão sensual. Seus olhos se fecharam enquanto seus dedos seguravam Justin apertado. Seus músculos ondulados se apertaram sob o toque dela. Ondas de êxtase pulsavam através dela quando o recebeu em seu corpo. Seu comprimento duro e grosso a esticou, preenchendo-a completamente.

O peso de seu corpo sobre o dela, a sensação dele enterrado profundamente dentro dela, e o amor fluindo livremente entre eles fez com que chamas de paixão surgissem nela como um incêndio descontrolado nublando seu cérebro. Amanda tentou se livrar disso. Ela queria clarear sua mente para que cada segundo fosse marcado em sua memória. Mas quando Justin começou a mover lentamente os quadris contra os dela, sua mente ficou ainda mais enevoada de luxúria.

Querendo lutar contra isso, ela abriu os olhos. Quando o fez, a boca de Justin desceu sobre a dela, reivindicando-a em um beijo cru e possessivo. O calor quente e úmido de sua boca devorando a dela. A turbulência de sua paixão encheu seu corpo, e ela se abandonou ao redemoinho de sensações em espiral através dela.

Não tentando lutar mais, ela se entregou completamente para apenas sentir, enquanto Justin a elevava a alturas que Amanda nem sabia que existiam. Seu corpo inteiro parecia estar em sobrecarga sensorial. As pontas de seus mamilos formigaram quando roçaram o peito de Justin. Uma emoção subiu por seus braços enquanto suas mãos vagavam pelas linhas de seu corpo, pelos contornos ondulados de suas costas e ao longo de seus quadris, apertando-o com força quando ele deslizou para dentro e fora dela em prazer quente e doce.

Amanda se deliciava com o calor aveludado de seu exigente beijo — sua boca e língua imitando o ato sexual. Ela combinou com sua urgência quando empurrou seus quadris para cima, buscando mais dele, tudo dele. Juntos, eles encontraram o ritmo perfeito, seus corpos em requintada harmonia um com o outro.

Amanda nunca sentira esse tipo de sincronia com ninguém antes. O sexo vinha sendo bom, ela gostava. Mas não era nada comparado à conexão profunda de ligação de alma que ela estava experimentando com Justin.

Quando suas unhas cravaram na carne firme de seus quadris, ela sentiu sua ereção inchar ainda mais dentro dela. Ele gemeu em sua boca enquanto sua língua molhada roçava contra a dela. Abrindo os joelhos ainda mais, ela se moveu contra ele, tentando chegar ainda mais perto.

Ela se sentiu à beira do orgasmo quando Justin a penetrou mais rápido, mais forte. Uma pulsação profunda começou a vibrar de seu centro enquanto ele mergulhava em seu calor de novo e de novo. Os beijos de Justin ficaram mais implacáveis e febris enquanto eles engoliam seus gritos de intensa gratificação.

Amanda segurou Justin enquanto seguia onda após onda pulsante de puro êxtase. Um frenesi de explosões simultâneas atravessou-a em uma liberação cegante e convulsiva. Ela estremeceu, ofegando na conclusão do prazer quase intolerável que a consumia.

Ainda tremendo com os resquícios do próprio prazer, Amanda sentiu Justin endurecer no clímax. Sua boca deixou a dela quando ele enterrou o rosto em seu pescoço e puxou-a para perto dele. Seus braços se envolveram ao redor dele, seus dedos se movendo ao longo dos músculos duros como rocha de suas costas lisas e fortes, enquanto ele desmoronava em exaustão em cima dela.

O efeito vertiginoso de seu brilho ainda não havia se dissipado quando Justin começou a se afastar dela. Aumentando seu aperto, ela disse simplesmente:

— Não.

Ele se inclinou sobre um cotovelo, seus olhos marrom chocolate ao leite procurando os dela enquanto ele falava com respirações agitadas.

— Eu estou esmagando você.

— Não. — Amanda conseguiu sacudir a cabeça ligeiramente. — Eu só quero sentir você.

Inclinando-se, Justin beijou suavemente a testa de Amanda quando mudou seu peso ligeiramente. Puxando-a para perto dele, ele descansou a testa contra a dela.

Fechando os olhos, ela sentiu um sorriso de satisfação inclinar os lábios.

— Eu só quero ficar assim. Só por um pouco mais de tempo.

— Eu só quero ficar assim para sempre.



As palavras que a voz grave de Justin falou enviaram um arrepio percorrendo sua espinha e seu coração.

Isso era tudo que Amanda queria. Estar com Justin. Para sempre.



# Capítulo

## 24

Na manhã seguinte à melhor noite de sua vida, Amanda sentou-se à mesa do café da manhã, tomando café e trocando fofocas com o Quarteto Fabuloso. Ela as atualizou sobre os eventos proibidos para menores da noite anterior.

Elas estavam tão impressionadas, quanto ela, pelo soco de Justin e continuavam pedindo mais e mais detalhes. Lauren, Karina e Sam estavam atualmente em um debate acalorado sobre quem, entre as três, teria derrubado Trent se elas estivessem lá e não Justin.

Claro, Amanda estava apenas compartilhando os detalhes da briga, e não do ato sexual da noite anterior. Ela poderia beijar e contar, mas havia mais do que beijos para reportar. Havia também o fato de que ela ainda não podia acreditar que a noite passada não tinha sido apenas um sonho; uma invenção da sua imaginação. A única coisa que estava ajudando a fundamentá-la na realidade dos eventos era o fato de que ela estava dolorida em lugares que não tinha a mínima ideia que poderiam doer.

Ela e Justin fizeram amor quatro vezes nas últimas doze horas. Mais uma vez, antes de adormecerem na noite anterior, uma vez quando ele a acordou com beijos suaves nos seios no meio da noite, e uma vez no chuveiro, onde a salvara da horrível aranha. O mesmo banho que Amanda tinha fantasiado toda vez que o ouvira. Depois desta manhã, ela sabia que suas fantasias de um Justin gloriosamente nu, pingando de tão encharcado, não tinham sido nada perto da realidade.

Só pensar nisso causava um tremor em sua barriga e uma pulsação em seu núcleo.

De repente, Karina endireitou-se.

— Pessoal! — exclamou ela. — Eu sei exatamente do que precisamos.

As outras três olharam para ela com expectativa.

— Dia das garotas! — declarou triunfante.

A expectativa nas três faces transformou-se em perplexidade.

— Oh, vamos lá — reclamou Karina. — Esta será uma maneira perfeita de fazer algumas atividades maravilhosas, autossuficientes, empoderadoras e que aliviem o estresse. Além disso, mais tempo juntas para nós.

— Nós vamos fazer coisas de menina? — Samantha perguntou, não parecendo muito emocionada com essa possibilidade.

— Estou feliz que você tenha perguntado — Karina continuou com um floreio. — Podemos ir até Sacramento. Eu conheço um incrível spa de saúde onde podemos fazer uma aula de Zumba e depois fazer nossos cabelos, manicure e pedicure. Nós podemos receber massagens. Podemos parar para um sanduíche, então nos tornamos oficialmente senhoras que almoçam. Podemos ir às compras e dar a essa aqui... — Ela apontou diretamente para Amanda. — ... um guarda-roupas novinho em folha e condizente com adultos.

Lauren olhou para Amanda de cima a baixo.

— Eu estou dentro — ela concordou.

— Ei — protestou Amanda. — O que há de errado com minhas roupas?

Karina sorriu.

— Oh, minha cara e doce Amanda, nada para quando você está trabalhando no resort. Quando você está escalando coisas ou consertando coisas, ou, você sabe, o que quer que funcione lá que aparentemente exige que você use jeans e *All Stars* todos os dias. Mas esta é oficialmente uma nova era. Você não está apenas passando seus dias guiando turistas a cavalo.

— Na verdade, nunca fiz isso — interpôs Amanda.

— Não é importante. — Karina acenou para ela. — Meu ponto é, você não está simplesmente trabalhando no Mountain Ridge, querida. Você é a

dona. Você precisa parecer a dona. E agora que você está livre do aspirante a “Saved-by-the-Bell”, alguém pode dizer Renovação pós-término?

— Renovação pós-término! — Sam aplaudiu.

— Eu odeio admitir isso, mas Karina está certa — Lauren concordou, embora menos entusiasticamente que Sam.

— Por que você odeia admitir isso? — As sobrancelhas de Karina se levantaram.

Lauren a ignorou.

— Você possui um negócio de sucesso agora. Outras pessoas, como empresas com as quais você pode querer se relacionar, levarão você tão a sério quanto você mesma. Quando você se veste todos os dias de jeans e camiseta vintage, sem maquiagem e com o cabelo preso em um rabo de cavalo, o que isso diz ao mundo é: ainda me considero uma adolescente, e você deveria me tratar dessa maneira. A imagem que você quer retratar é: Sim, eu sou casual porque eu trabalho em um negócio ao ar livre, mas eu ainda mando aqui e projeto um ar de autoridade.

— Whoa — disse Amanda, balançando a cabeça para limpá-la. — Se um nova calça pode dizer tudo isso, então eu digo: “Sacramento, aqui vou eu”.

Ela sentiria falta de Justin, mas também estava com medo de que, se suas amigas os vissem juntos, tudo o que aconteceu na noite anterior ficasse escrito em neon em seu rosto.

— Sim — comemorou Karina. — Você não vai se decepcionar. Minhas habilidades de estilo só perdem para minha arte musical.



Quando Karina se aproximou do balcão do *Capital Day Spa and Fitness Center*, em Sacramento, Amanda notou toda uma nova presença. Não foi apenas no caminho que ela andou com mais confiança, com os ombros para trás e seu passo forte e intencional. Era uma aura que ela exalava, um comando da sala que era diferente de tudo que Amanda tinha visto a amiga projetar no passado.

De repente, ela não era mais Karina Blackstone, a amiga de infância de Amanda. Bem diante dos olhos de Amanda, ela se transformou na

sensação pop Karina Black, superstar.

Enquanto Amanda a observava atravessar o saguão lotado, viu cabeças se virarem em resposta à energia de Karina antes que alguém reconhecesse quem ela era. Amanda ficou impressionada. Era isso que eles queriam dizer com a expressão “poder estelar”? Amanda não ficaria surpresa. Assim que Karina virou essa chave, Amanda sentiu uma carga elétrica passar pelo ambiente.

Karina empurrou os óculos de sol para trás e sorriu.

— Eu liguei mais cedo — disse ela em um tom que era gracioso e comandante ao mesmo tempo. — Tenho uma reserva para quatro. A turma do grupo X pela manhã e depois meio-dia de tratamentos de spa.

A jovem olhou para cima do computador, sorrindo com um sorriso discreto de atendimento ao cliente, que congelou no rosto ao ver Karina. Então, como se não pudesse confiar nos olhos, disse quase trêmula:

— Posso perguntar em que nome está, madame?

Enquanto Karina deslizava seu American Express pelo balcão, ela respondeu em um tom suave que mostrava que ela estava claramente acostumada a esse tipo de comportamento chocado.

— Karina Black.

De repente, parecia que a mulher havia perdido o controle de suas faculdades. Seus dedos tremiam no teclado, ela não conseguia encontrar a tecla certa, e, quando falou, ela estava atrapalhada e nervosa.

Amanda ficou completamente surpresa. Ela nunca viu ninguém reagir dessa maneira a Karina, e era estranho ver alguém tão confuso ao conhecer uma pessoa que ela conhecia desde a escola primária.

Sim, claro, intelectualmente, ela sempre soube que Karina era uma grande estrela. Mas isso nunca tinha sido percebido emocionalmente até que ela viu essa jovem, tão competente e friamente eficiente apenas momentos antes, completamente desfeita, se transformar em alguém que mal conseguia funcionar devido a todo o nervosismo assim que pusera os olhos em Karina.

Agora, Amanda começou a entender o preço que devia ter sobre sua amiga no dia a dia, estar cercada por pessoas que não a tratavam como ser humano, mas mais como um objeto de curiosidade. Nunca ser capaz de relaxar verdadeiramente como ela podia fazer em torno de pessoas que ela sabia que se importavam com ela pelo que era. Amanda percebeu que esse

reencontro do Quarteto Fabuloso devia ter sido um alívio tão gigantesco para ela, ser capaz de baixar a guarda por estar com pessoas que realmente a conheciam e a amavam, não importava o que acontecesse.

Ser capaz de dizer qualquer coisa, fazer qualquer coisa, ser completa e totalmente ela mesma. Pela primeira vez, ocorreu a Amanda que isso poderia ser um luxo que Karina raramente recebia.

— Por aqui, por favor. — A mulher veio de trás do balcão e as acompanhou para uma grande sala.

Quando as quatro mulheres entraram no estúdio de exercícios em grupo com piso de madeira e forrado de espelhos, Amanda ficou surpresa com o nervosismo que sentia.

— Vamos só ficar aqui atrás, ok? Eu não quero parecer uma idiota. Karina, você é a única de nós que já fez isso antes. Como é?

— O quê? Zumba? — Karina perguntou. — Eu nunca fiz isso antes. Minha amiga Melissa ensina no Crunch on Sunset em Hollywood, e todo mundo fica entusiasmado com o quão divertido é e como é um grande alívio para o estresse. Eu vi o sinal para ele aqui da última vez que eu estava em turnê e vim para receber uma massagem, então eu pensei que seria divertido nós fazermos isso juntas.

Sam sorriu presunçosamente.

— Estou feliz, porque depois de toda aquela conversa na outra noite sobre a minha experiência romântica, ou falta dela, agora estamos prestes a fazer uma atividade que eu domino e vocês terão que me alcançar.

Lauren olhou para ela.

— Então você já fez isso antes?

Sam sacudiu a cabeça.

— Bem, não, não é exatamente isso. Mas eu sou uma atleta e isso é algo físico. Eu já venci todas vocês antes mesmo de tentar.

Karina riu.

— Nem tudo é uma competição, pequena senhorita olímpica.

Sam encolheu os ombros.

— A maioria das coisas que valem a pena fazer são.

— Acho que podemos estar nos aproximando da atitude que tornou a sua vida romântica difícil — retrucou Karina, recebendo uma careta de língua de fora como resposta.

Só então uma deslumbrante beleza latina entrou na sala, e um ar de excitação entrou no espaço com ela. Ela estava vestida com leggings pretas e um top rosa brilhante, com um casaco de flanela amarrado na cintura. Completando o conjunto havia um par de tênis rosa choque.

De repente, Amanda sentiu como se estivesse no primeiro ano e a garota mais legal da escola acabara de chegar. Felizmente, a noite passada lhe dera uma dose extra de autoconfiança. Na verdade, ela estava se sentindo como se não houvesse nada com que ela não pudesse lidar, que não pudesse encarar. Bem, exceto perder Justin... Amanda não tinha ideia de como iria enfrentar isso.

As mulheres na sala, que antes andavam por ali, conversando em pequenos grupos, ou indo para o lado, se apressaram para os lugares que tinham guardado com toalhas ou garrafas de água, e fileiras discerníveis tomaram forma da frente para a parte de trás da sala.

Amanda notou que havia algumas pequenas discussões sobre qual era o espaço de quem, que foram rapidamente resolvidas, mas fizeram com que Sam se inclinasse e sussurrasse para as outras três:

— Viram? Eu disse que era uma competição.

A instrutora, depois de ligar o iPhone ao sistema de som, colocar um microfone no fone de ouvido e amarrar uma bandana no alto de seus longos cachos negros e esvoaçantes, correu para a frente da sala.

— Oi, pessoal. Eu sou Lily, e vou ser sua instrutora esta manhã. Esta é a primeira vez de alguém aqui? — Amanda ficou aliviada ao ver as mãos subindo pela sala, não apenas as dela e suas amigas. Havia pelo menos outras dez pessoas, na sala cheia de sessenta mulheres, e até mesmo alguns homens, que iriam tropeçar na coreografia pela primeira vez.

— Legal — Lily disse entusiasmada. — A principal coisa a lembrar é que ninguém pega tudo na primeira vez, ou mesmo na décima vez. Portanto, não se sinta mal por não conseguir acertar todos os passos. Apenas faça o seu melhor, continue andando e, acima de tudo, divirtam-se! Além disso, tente lembrar que, mesmo que seja da natureza humana sentir como se todos os olhos estivessem em você, a verdade é que todo mundo na sala está tão focado em seu próprio treino que ninguém está prestando atenção em você. Essa é a grande coisa de vir para a aula. É a única vez na sua semana que é tudo sobre você. Sem filhos, sem patrão, sem cônjuge. Ninguém quer nada de você agora. Esta é a sua hora de

perder suas inibições, sentir a música e apenas dançar. Então estamos prontos?

A sala respondeu afirmativamente, mas Lily não ficou satisfeita.

Pulando para cima e para baixo e acenando com as mãos no ar, ela chamou animadamente:

— Estamos. Prontos?

A sala explodiu em gritos e berros, e até Amanda, que normalmente não era de grandes exposições públicas ou de se juntar a grupos, sentiu-se arrebatada pelo entusiasmo.

A música começou em uma explosão de batidas sincopadas, com guitarras, bateria e buzinas se misturando para formar uma melodia barulhenta que fez Amanda começar a saltar inconscientemente nas pontas dos pés antes mesmo de a coreografia começar.

Lily se colocou na frente da sala e começou a balançar os quadris com o ritmo da música. À medida que a hora avançava e as músicas mudavam tanto no ritmo quanto no estilo, Amanda ficou surpresa com a forma como Lily quase transformou seus movimentos magicamente para combinar com a sensação da música aparentemente sem esforço.

Amanda observou os graciosos quadris e os pés de Lily se movendo e balançando, observando-a balançando a cabeça em arcos largos e graciosos que fizeram seus sedosos e pretos cachos voarem pelo ar como uma extensão de seu corpo, observando seus braços balançarem e flutuarem como se não pesassem nada, observava seus dedos enquanto eles pintavam belas imagens no ar como se para ilustrar a música — e ela estava sinceramente surpresa que ela mesma fosse capaz de comandar seu próprio corpo para fazer qualquer coisa que se aproximasse da poesia em movimento que era o de Lily. Corpo em movimento.

Mas, observando de perto os pés e as mãos de Lily, e tentando imitar apenas a colocação deles no chão e no ar — imaginando que os movimentos poderiam vir depois — Amanda estava orgulhosa em admitir que estava conseguindo uma aproximação decente dos passos de dança. Sem mencionar que ela estava tendo uma explosão. Ela não conseguia se lembrar da última vez que se soltou e dançou. Era tão bom simplesmente deixar seu corpo se mover com a música.

Lauren também parecia estar se divertindo, e ela estava se dando conta das danças, julgou Amanda, mais ou menos na mesma velocidade que ela.



Samantha, apesar de toda a sua grande conversa, era a única entre as quatro que mais parecia estar lutando. Seu corpo atlético lutava contra o fluxo gracioso dos movimentos, e ela estava constantemente a cerca de meio segundo atrasada. Ela nunca pareceu relaxar no ritmo da música ou abraçar a delicadeza dos movimentos. Seus passos eram mais como pisões, e quanto mais frustrada ela ficava com seu desempenho, mais problemas ela tinha.

No entanto, no extremo oposto do espectro, Karina era a única dentre as quatro que parecia ter verdadeiramente ritmo e talento natural. Todos aqueles anos ensaiando números de dança para apresentações ao vivo, Amanda raciocinou, devem ter lhe dado muita experiência de dança.

A turma continuou assim até cerca de três quartos do caminho, quando os acordes iniciais de uma canção soavam um pouco familiares. Amanda, junto ao resto da turma, começou a acompanhar entusiasticamente a coreografia de Lily até que notou que Karina estava parada ao lado dela. Amanda tocou seu ombro para ver se havia algo errado, o que parecia tirar Karina de seu curto transe e começou a dançar de novo.

Quando as letras começaram, Amanda sentiu vontade de bater a palma da mão na testa. Era a voz de Karina. É por isso que a parte de introdução da música soou familiar. Este era o último single de Karina, aquele que as estações de rádio apelidaram de “a canção do verão”. Estivera em todo o verão passado. Rádio, televisão... Até inspirou paródias e memes no YouTube. Era digitar na busca “Baby, You're the One” e provavelmente uma versão faria uma aparição lá.

*“Baby, você é o único.  
Vamos nos divertir.  
Tenho você em minha mente.  
Penso em você o tempo todo.  
É amor enviado por Deus.  
Baby, você é o único.”*

Amanda, Lauren e Sam reconheceram a música como de Karina ao mesmo tempo e se voltaram para ela com rostos excitados.

Enquanto suas amigas se concentravam em sua atenção, Karina balançou a cabeça sutilmente, mas com firmeza, deixando-as saber inequivocamente que ela não queria mais nada delas naquele momento do que a aparência de frieza. No entanto, apesar de todas as três terem concordado imediatamente com os desejos de Karina, o dano havia sido causado.

Algumas pessoas na fileira à frente delas notaram a troca e se viraram para olhar. Embora ninguém tenha reconhecido Karina antes, a combinação da música e de suas amigas apontando-a através de suas respostas excitadas fez com que algumas das mulheres mais jovens na sala arregalassem os olhos, maravilhadas. Em pouco tempo, a notícia se espalhou. Por toda a sala, as pessoas se inclinavam para os que estavam ao lado deles — fazendo tentativas ruins de sutileza — enquanto olhavam para Karina e conversavam, cabeças inclinadas juntas.

Durante todo o resto da aula, as quatro puderam sentir a atenção, com foco na área onde estavam. Embora a turma fizesse o possível para escondê-lo, uma celebridade aparecer no meio deles não era uma ocorrência cotidiana, e seus olhares sorrateiros ao longo das últimas canções eram frequentes demais para não serem notados.

Enquanto as notas finais do desaquecimento e alongamento estavam desaparecendo, Karina disse:

— Assim que essa música terminar, eu vou correr e falar com a instrutora rapidinho. Se não, parecerá rude. Vocês, garotas, vêm comigo, ou eu vou ficar atolada com pessoas tentando falar comigo antes de eu chegar até ela.

Depois que a música terminou, foi um curto passeio até o sistema de som, que era onde Lily também tinha ido para tirar o fone de ouvido e pegar o iPhone. Karina se aproximou dela com um largo sorriso no rosto.

— Oi, Lily. Sou Karina — começou ela. — Eu só queria te agradecer pela ótima aula.

Lily se virou e quando seus olhos pousaram no rosto famoso de Karina, eles se arregalaram significativamente.

— Oh, meu Deus — disse ela, corando. — Oh, meu Deus. Uau. É tão bom conhecer você. — Ela riu nervosamente. — Oh, nossa. Isso deve ser o que as pessoas estavam falando no fim da aula. Eu não percebi. — Ela empalideceu perceptivelmente quando o próximo pensamento lhe ocorreu.

— Eu sinto muito, se eu soubesse de alguma forma que você estaria aqui, eu nunca teria usado sua música.

Amanda se surpreendeu mais uma vez que até mesmo essa mulher, tão confiante e no controle de toda a classe momentos antes, de repente ficasse aturdida na presença de Karina.

— Não, não, eu adorei — Karina assegurou a Lily. — Obviamente, não havia como você saber e, além disso, achei incrivelmente lisonjeiro. E a coreografia foi muito divertida.

Lily olhou para cima e, embora os vestígios da timidez gerada por celebridades ainda se agarrassem às margens de seu porte, orgulho em seu trabalho e o calor e a abertura de Karina conspirou para fazê-la quase inteiramente confortável na conversa.

— Obrigada. Isso significa muito vindo de você. Eu faço a maior parte da minha coreografia.

— Bem, você é realmente talentosa — Karina assegurou —, e eu definitivamente farei questão de passar na aula toda vez que fizer uma turnê por Sacramento a partir de agora.

Lily corou com orgulho óbvio, e Karina deu-lhe um abraço e acenou um adeus amigável quando saíram da sala.

Os deveres de embaixadora de Karina estavam longe de terminar, no entanto. Logo do lado de fora da entrada do estúdio, um grupo bastante grande de mulheres reuniu-se para conversar com Karina, pegar seu autógrafo e tirar selfies com ela. O sorriso caloroso de Karina, que você definitivamente teria que conhecê-la muito bem para poder contar, era cem por cento falso, estava em plena força durante todo o encontro.

Conforme o tempo passava e ficou claro que as mulheres estavam muito encantadas com Karina para fazer qualquer movimento para sair — e que Karina achava que seria rude interromper o encontro — Lauren decidiu resolver as coisas por conta própria e foi falar com a recepção. Como de costume, a estratégia de Lauren foi vencedora, porque quando o funcionário do spa se aproximou, disse calorosamente, mas com firmeza:

— Desculpem, senhoras. Eu preciso roubar a Srta. Black e seu grupo agora. Ela está atrasada.

Isso permitiu a Karina a graciosa saída de parecer tão desapontada com o rumo dos acontecimentos quanto elas.

*Uau, Amanda pensou consigo mesma, como ela aguenta?*

Claro, alguém que gostava de estar no centro das atenções ou até gostava de pessoas prosperaria nesse tipo de vida. Mas Karina não era assim. Karina gostava de ficar para trás e observar, fazendo comentários hilários que iam direto ao ponto de uma situação. Ela não era a anfitriã calorosa. Ela era a *wallflower* sarcástica. E era isso que suas amigas amavam nela.

Mas essas pessoas, todos esses estranhos que se achavam amigos porque conheciam Karina através de sua música açucarada não teriam tido a paciência ou a profundidade ou o contexto para entender e apreciar a verdadeira Karina. Portanto, a fim de agradar o público, Karina teve que colocar essa máscara graciosa e usá-la praticamente toda vez que estava perto de qualquer um que não fosse uma de suas amigas mais queridas. Quão exaustivo.



— Eu gosto disso — disse Karina, segurando uma blusa esvoaçante sob o queixo de Amanda. — Ela definitivamente iria chamar a atenção total do Sr. Justin Barnes — continuou com uma piscadela, cobrindo a parte de cima do braço, adicionando-a à crescente coleção de itens de vestuário que Karina havia coletado para Amanda experimentar.

— Diminua a velocidade — Amanda advertiu. — Temos apenas algumas horas, não dias, semanas ou meses. Eu nunca vou terminar de experimentar aquela pilha inteira.

— Oh, você vai terminar sim — disse Karina com confiança. — Você só acha que não vai porque só tem comprado por conta própria. E, sem ofensa, mas você é uma amadora. Agora você está comprando comigo, e eu sou uma extraordinária artista de deusa de compras e mudança rápida. Você vai se sair bem. — E com isso ela deu um sorriso e empilhou em mais duas blusas.

Amanda suspirou enquanto voltava a folhear a seleção.

— O que eu vou fazer quando vocês forem embora, meninas? — ela pensou tristemente em voz alta. — Vocês só estão aqui há algumas semanas, mas parece que estiveram aqui para sempre. Eu vou sentir muito a sua falta quando partirem.

Lauren, Sam e Karina trocaram sorrisos pequenos.

— O quê? — Amanda perguntou com uma risada. — O que está acontecendo?

— Bem — Sam disse alegremente —, é o seguinte. Você não vai sentir falta de nós.

Amanda não tinha ideia do que eles estavam falando. Lauren esclareceu:

— Decidimos ficar. Cada uma de nós tem nossas razões por que voltar para casa agora parece uma boa ideia...

— Espere! O quê?! Vocês vão voltar para casa? Todas vocês? — Amanda interrompeu, ela não podia acreditar no que Lauren acabara de dizer e precisava de esclarecimento.

Karina bufou.

— Bem, não é como se todas nós fôssemos comprar uma casa juntas. Isso não é uma comédia maluca. Não vai ter clima de república.

Lauren deu a Karina sua marca registrada, o meio sorriso.

— Não tenha tanta certeza.

— Touché. — Karina sorriu.

Sam continuou a história.

— Estávamos conversando ontem à noite com Sue Ann...

— Enquanto Justin estava nocauteando Trent — interveio Karina.

— E todas nós percebemos que estamos em pontos em nossas vidas em que precisávamos de um *reboot* — Sam terminou suavemente, como se ela não tivesse sido interrompida.

— Sim — explicou Karina —, não estou feliz com a trajetória da minha carreira. Eu tenho que fazer uma séria busca de alma e descobrir o que fazer sobre isso. Não só não posso fazer isso na estrada, cercada por todos os meus manipuladores, eu realmente não sinto que posso fazer isso em Los Angeles também. Essa cidade não sou eu. Eu me diverti lá, e tenho bons amigos lá, mas agora que estou em casa, entendo que é onde eu preciso estar se vou tentar retornar a um eu autêntico. Este é o lugar que me fez. É aqui que me sinto mais como eu.

— Estamos indo para Los Angeles na próxima semana — Lauren continuou. — Eu vou ajudá-la a entrevistar corretores de imóveis para vender a casa dela lá. Então Karina está voltando para cá e eu continuo em

Nova York para colocar meu apartamento no mercado e endireitar alguns negócios por lá.

— Uau. Eu me sinto como uma perdedora. — Sam riu. — Eu arrumei todas as minhas roupas antes de sair da casa do meu treinador. Eu sempre vivi com uma mala, basicamente. Eu acho que, para todos os efeitos, eu já me mudei de volta.

— Espere um minuto. Você realmente mora com seu treinador? — Karina perguntou, incrédula. — Como eu não percebi isso? Quer dizer, eu sei que você morava quando estávamos no ensino médio. Mas eu não sabia que isso ainda estava acontecendo.

— Sim. Não é a norma, mas também não é totalmente novo — explicou Sam. — Quando um atleta está longe de casa, ele pode ser vítima de solidão e depressão, o que pode interferir em seu foco e treinamento. Viver com uma família parece mais uma verdadeira casa, e isso alivia um pouco desse risco. Essa é a história oficial. E, para ser justa, acho que é uma pequena parte disso. A história real, porém, é que permite que seus treinadores fiquem de olho em você vinte e quatro horas por dia.

— Tudo para controlar você, minha querida — riu Karina, imitando o Grande Lobo Mau fingindo ser a avó da Chapeuzinho Vermelho.

— Oh, que olhos grandes você tem, vovó — devolveu Sam com uma voz de garotinha, voltando ao personagem de Karina como Chapeuzinho Vermelho.

Karina riu.

— Ah, cara. Alguns dias perto de mim e você está se tornando uma verdadeira espertinha. — Ela enxugou lágrimas falsas e fungou. — Estou tão orgulhosa.

— Bem, você pode estar brincando, mas a verdade da afirmação não pode ser negada. Estou cansada de viver a vida deles. Tenho vinte e sete anos e nunca vivi sozinha. Eu nunca escolhi minha própria mobília. Eu nunca fui ao supermercado e escolhi qualquer coisa que não estivesse na minha dieta específica. Eu nunca escolhi ao que queria assistir na TV. Acho que nem sequer tive um quarto de hotel para mim na estrada. Eu estava tentando lembrar e tenho certeza de que sempre fui colocada com outra atleta.

“De qualquer forma, estou farta disso. Eu quero meu próprio lugar. Eu quero minha própria vida. É assustador, mas eu acho que o melhor lugar

para fazer algo que é realmente assustador e que eu possa precisar de muito apoio é em um lugar que eu me sinto segura, cercada pelas pessoas que mais me amam.”

— Bem, essas definitivamente somos nós. — Amanda chorou quando deu um abraço de apoio em sua amiga.

Então ela se virou para Lauren.

— E você, Lauren? Eu pensei que as coisas estavam indo muito bem em seu negócio imobiliário em Manhattan...

— Sim, bem — Lauren disse com uma careta —, as coisas podem passar de grandes para terríveis muito rapidamente quando o seu caso com o chefe termina.

Amanda ofegou.

— Lauren, você não fez isso!

— Oh, ela fez! — Karina exclamou com alegria maliciosa. — Nossa Lauren de camisa reta e franzida tem um lado de mulher selvagem. Ela tem uma menina má dentro dela.

— Não foi tão tórrido assim. — Lauren corou. — Na verdade, provavelmente é uma descaracterização até mesmo se referir a isso como um “caso”. Foi um relacionamento. Foi um relacionamento maduro de um ano entre dois adultos que consentiram. Nós moramos juntos. Realmente, o fato de que ele era meu chefe nunca entrou em foco enquanto estávamos juntos. Nós éramos apenas duas pessoas em um relacionamento.

“Mas então eu terminei. Éramos felizes, mas faltavam coisas. Eu olhei cinquenta anos para o futuro e sabia que a minha vida não estava com ele, sabe? Então, imaginei que era melhor seguir caminhos separados antes de dedicar ainda mais tempo e esforço e ficar ainda mais inextricavelmente entrelaçados na vida um do outro.

“Bem, basta dizer que ele não viu as coisas da mesma maneira que eu. Ele é um homem poderoso. Está acostumado a conseguir o que quer. Normalmente, ele estala os dedos e tem vinte pessoas correndo para fazer o que ele quer. Dinheiro e poder tendem a isolá-lo de pessoas que dirão não para ele.

“Sem mencionar que, sendo bonito e rico, ele não estava acostumado a mulheres terminando as coisas com ele. Foi uma experiência inteiramente nova, com a qual ele estava malpreparado para lidar.

“No começo, ele simplesmente se contentou em insistir, pressionar e implorar para eu voltar. Todas essas manipulações haviam funcionado com outras mulheres no passado, quando ele queria alguma coisa. Ele não tinha motivos para acreditar que não funcionariam comigo. Mas quando não o fizeram, ele perdeu a esportiva. Ele me ameaçou.”

— Ele colocou as mãos em você? — Karina perguntou, aço em sua voz.

— Não, não. Nada disso. Ele consideraria isso abaixo dele. Mas ele tornou a vida extremamente difícil para mim profissionalmente. E quando tentei me mudar para outra empresa, qualquer outra empresa, descobri que ele havia me extorquido. Se eu quisesse trabalhar no setor imobiliário em qualquer lugar de Manhattan, teria que trabalhar para ele, e ele estava tornando isso impossível.

— O que você está descrevendo é assédio sexual. — Amanda ficou indignada. — Você poderia processá-lo.

Lauren assentiu.

— Oh, eu sei, eu sei. É o clássico assédio. E a verdade é que eu pensava em processá-lo, não por mim mesma, mas para impedi-lo de fazer o mesmo com outras mulheres. Mas a dura realidade é que é tão difícil de provar, e você fica preso no tribunal por anos.

“Quando penso em voltar a Nova York e tentar batalhar com ele, essa perspectiva é quase esmagadora. Quando penso em começar aqui em Hope Falls, é como se eu pudesse respirar de novo. Tenho certeza de que Gloria Steinem ficaria muito desapontada comigo. Mas eu simplesmente não tenho isso em mim de ser a garota-propaganda da luta contra o assédio sexual.”

— Lauren, não é seu trabalho lutar a batalha de todas as mulheres — Amanda a consolou. — Ele está tentando controlá-la, tentando mantê-la em Nova York e tentando mantê-la conectada a ele e à sua vida. Se você sente o dever de trazer um processo judicial contra ele, então isso realmente cumpre todos os seus objetivos. Você fez algo que não queria porque ele controlou suas ações. Eu acho que você precisa fazer o que é certo para você.

Lauren sorriu.

— Concorde. Além disso, percebi que em um ano de convivência com ele, descobri onde alguns dos esqueletos estão guardados. Ele é um grande



fã de, digamos, contabilidade criativa. Eu tenho alguns arquivos que acho que serão de interesse da Receita Federal. Só porque ele não vai parar no tribunal por minha causa não significa que ele não vá parar no tribunal.

— Essa é a minha menina — Karina cantou. — Lauren, eu juro. Estou feliz que esteja do meu lado na vida. Você seria assustadora de ter como um inimiga.

— Exatamente. — Lauren sorriu, satisfeita com a avaliação. — Agora, senhoras, vamos levar Amanda para experimentar essas roupas. Ainda temos o salão de beleza e manicure depois disso, sem mencionar a maquiagem. Temos um dia muito cheio pela frente.



A rectangular piece of light-colored, textured paper with irregular, torn edges. It is centered on the page. The word "Capítulo" is written in a large, black, serif font at the top, and the number "25" is written in a smaller, black, serif font below it.

# Capítulo

## 25

Justin vagueou desconfortavelmente de cômodo em cômodo em sua casa de infância, tocando móveis, tentando fazer com que parecesse real para ele. A partir de agora, parecia um sonho.

É claro que, embora a forma e o layout dos cômodos fossem os mesmos, tudo o mais era completamente diferente. Quando Justin era criança, estes cômodos consistiam em paredes nuas e móveis de segunda mão incompatíveis. Agora, havia novos móveis de aparência sólida e atraentes. Havia estantes com livros e Justin até reconheceu alguns de seus antigos troféus esportivos. As fotos da escola de Noah estavam penduradas nas paredes, e Justin ficou chocado ao ver artigos de jornal emoldurados sobre si mesmo pendurados ao lado deles, artigos sobre várias conquistas esportivas e acadêmicas do ensino médio. Em uma cidade pequena como Hope Falls, não era difícil conseguir seu nome ou foto no jornal. No entanto, ele nunca teria sonhado que seu pai penduraria essas lembranças.

Ele entrou na cozinha, que, ele teve que admitir, cheirava de modo fantástico ao seu estômago roncando. O aroma de carne grelhada misturava-se com um rico perfume de melaço que Justin não conseguia identificar.

Noah pulou para ele, vestindo um avental de tamanho adulto que ia até seus pés.

— Você não pode olhar. Você não pode ver o que é antes da hora. É uma surpresa.

Justin riu. Ele não pôde evitar. Esse garoto era uma viagem.

— Ok, eu prometo que não vou olhar. Tem um cheiro delicioso, seja o que for.

— É linguiça e feijão — Noah deixou escapar, incapaz de manter o segredo por mais tempo. — É o seu favorito. Nós fizemos o seu favorito.

Rick sorriu sem jeito.

— É uma versão adulta atualizada de linguiça e feijão usando kielbasa e linguiça italiana e uma receita de feijão assado que peguei da Food Network. Eu pensei que você poderia gostar.

Justin olhou para o pai com uma expressão vazia.

— Quem te disse que era meu favorito? Onde arranhou essa ideia?

— Eu lembro que você costumava comer isso o tempo todo — disse Rick, debatendo-se. — Quase todo dia.

— Era o que eu sabia fazer — Justin respondeu categoricamente.

— Oh — foi tudo que Rick respondeu, parecendo derrotado. Ele se virou e continuou a empurrar os pedaços de linguiça ao redor da frigideira grande e plana.

— Então é por isso que era o seu favorito! — Noah exclamou como se tivesse resolvido o mistério, enquanto ele se equilibrava em um banquinho e mexia a panela de feijão no fogão, alheio à tensão entre os dois adultos.

Justin respirou fundo e tentou controlar seu humor. Ele concordou em ir jantar naquela noite porque Noah tinha convidado, uma decisão da qual ele poderia se arrepender agora, mas era o que era. Ele estava ali e precisava fazer o melhor possível.

Ser argumentativo com seu pai não era fazer o melhor possível. Quando Justin estava crescendo, Rick era um idiota alcoólatra, o que fez dele um pai horrível. Mas ele parecia estar fazendo um trabalho decente com Noah. A casa parecia boa. Noah parecia feliz e bem cuidado. Acima de tudo, Rick estava sóbrio — até onde Justin sabia. Noah parecia adorar o pai, e a opinião de Justin parecia importar para ele. A última coisa que ele precisava era ver os dois adultos importantes em sua vida, os dois homens que ele olhava como modelos, agindo estranho em torno um do outro. Justin podia ter acabado de descobrir que ele tinha um irmão mais novo, mas ele já faria qualquer coisa para protegê-lo.

— Já que vocês dois estão cozinhando, por que não coloco a mesa? — Justin ofereceu quando abriu um armário e tirou três tigelas.

Rick deu-lhe um sorriso agradecido, e Justin se recusou a encontrar seus olhos. Só porque ele não ia começar uma discussão na frente de Noah não significava que ele tinha que ser amigo de Rick. Ele simplesmente o manteria a uma distância segura para que eles pudessem manter uma trégua desconfortável.

Como a refeição progrediu, acabou por ser muito mais fácil do que Justin previu que seria. Noah parecia feliz em preencher todo o silêncio com conversas alegres, e Justin estava igualmente feliz em ouvi-lo. Ele ouviu tudo sobre as aulas de Noah na escola, seus amigos, seu time de futebol, os jogos que ele gostava de jogar e os enredos — na íntegra — de todos os seus filmes favoritos.

Justin ficou surpreso, uma e outra vez durante todo o jantar, que cada detalhe da vida de seu irmão, o que teria sido entediante para a mente dele, se ele viesse da boca de uma criança com quem Justin não tinha nenhum relacionamento, era realmente divertido para ele. porque era sobre Noah.

Justin adorava ouvi-lo falar. Ele queria saber tudo sobre ele, com quem ele passava tempo, como sua mente funcionava, o que achava engraçado e o que o deixava triste. Justin tinha interesse.

Depois que as linguiças e feijões foram consumidos e seguidos por colheres de sorvete de baunilha, Noah implorou a Justin para ir até seu quarto para ver sua coleção de caminhões antes de dormir, e Justin alegremente obedeceu.

Quando eles entraram no quarto de Noah juntos, Justin disse:

— Tudo bem, onde estão esses caminhões?

Noah correu para o banheiro ao lado e gritou quando ele deu um pulo e bateu no batente da porta acima dela:

— Primeiro, eu tenho que colocar meu pijama, lavar o rosto e escovar os dentes. Então mostrarei seu livro e os caminhões.

Justin teve que sorrir. Quando criança, ele costumava fazer a mesma coisa quando ia ao banheiro. Ele pulava e batia na armação, fingindo que estava enterrando como Michael Jordan. Ele notou tantas semelhanças naquela noite, pequenas e grandes, que fortaleceram seu vínculo como irmãos.

Noah saiu correndo do banheiro, recém-lavado e em pijamas de algodão azul-marinho com bolas de beisebol e morcegos estampados neles. Ele correu até a prateleira e pegou um grande livro. Ele então correu

e entregou a Justin onde ele estava na beira da cama antes de pular ao lado dele.

Justin passou o dedo pela capa de couro envelhecido do livro e pela encadernação em ruínas. Intrigado, ele abriu e começou a folhear as páginas.

Para surpresa de Justin, o livro era como um santuário para ele. Ele tinha fotos de Justin, mudando cronologicamente desde a infância até o ensino médio. Intercaladas com as fotografias que estavam nos documentos escolares que ele havia escrito e retirado desde o jardim de infância, artesanato como desenhos de perus de Ação de Graças, boletins, a fita azul que ele havia ganhado no concurso de soletração de quarta série.

À medida que o álbum de recortes avançava no tempo, e chegava ao ensino médio de Justin, recortes de jornal e fotos começaram a aparecer, principalmente centrados em suas proezas atléticas. Até mesmo artigos que mal mencionavam Justin foram incluídos, com o nome de Justin sublinhado em tinta esferográfica azul, como se a pessoa que traçara a linha estivesse fazendo uma forte declaração sobre qual parte daquele artigo era realmente importante.

Justin ficou hipnotizado pelo livro. Folheou as páginas como se estivesse em transe e, quando chegou ao fim, recomeçou a partir da primeira página. No final de sua segunda viagem pelo livro, ele olhou e percebeu que Noah estava observando-o com cuidado e provavelmente estava observando todos os seus movimentos e expressões faciais enquanto olhava para cada página.

— O que é isso? — Justin perguntou, tentando deixar seu tom neutro para manter a intensidade do efeito surreal, vendo que isso estava acontecendo com ele. Ele não queria assustar Noah ou fazê-lo pensar que ele tinha feito algo errado mostrando o livro a ele.

Como se viu, Justin não tinha nada para se preocupar. Noah estava quase explodindo para compartilhar todos os detalhes com ele.

— É o seu livro — explicou ele, em puro deleite.

— Oh — Justin respondeu em um tom leve, se esforçando para deixar Noah definir o clima da conversa. — Você sabe quem fez este livro, Noah?

— Papai que fez. Ele guardou todas as coisas especiais sobre você.

Justin assentiu lentamente, ainda incapaz de processar o que diabos aquilo significava.

— Obrigado por me mostrar isso, Noah. Eu realmente gostei. Mas eu já conheço todas essas coisas sobre mim. Você sabe o que eu realmente gostaria de ver? Eu gostaria de ver seus caminhões ou seu livro.

Noah olhou tristemente para baixo.

— Não há nenhum livro meu — ele disse, não encontrando os olhos de Justin.

— Por que não?

Noah encolheu os ombros, ainda sem olhar para ele.

— Porque é só para você, porque é para coisas especiais que você fez. Eu nunca fiz nada bom o suficiente para conseguir um livro meu.

— Eu sei que não é verdade — protestou Justin.

Noah concordou, tentando o seu melhor para ser verdade, embora Justin pudesse ver a dor.

— Eu acho que você tem que ser incrível para obter um livro inteiro sobre si mesmo. — Ele deu de ombros. — Eu sou apenas regular.

Os olhos de Justin se arregalaram.

— O quê? Você é a criança mais incrível que eu conheço.

Noah balançou a cabeça, deu o assunto por terminado, e pulou da cama para a estante de livros.

— Você quer ler um livro normal pra mim? — ele perguntou esperançoso.

— Claro — Justin concordou.

Noah voltou com uma cópia de *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*, e Justin leu para ele até que seus olhos se fecharam e sua respiração ficou profunda e uniforme. Quando Justin teve certeza de que Noah estava dormindo, ele pegou o livro de recortes e desceu as escadas com ele.

Noah talvez não quisesse mais discutir o livro de recortes, mas seu pai ia, gostando ou não.



— Que diabos é isso? — Justin exigiu, jogando o álbum de recortes em Rick, que parecia inseguro sobre o que dizer em seguida. Era óbvio que ele

poderia dizer que Justin estava prestes a perder a calma, mas ele não tinha ideia do porquê.

— É um álbum de recortes que eu fiz para que Noah te conhecesse — Rick disse cuidadosamente, julgando a reação de Justin. — Eu queria que ele soubesse quem era seu irmão.

— Oh, ele me conhece, tudo bem — disse Justin, sua garganta estava tão apertada que parecia que alguém estava sufocando-o. Mas não era alguém, era algo... o passado. — Ele me conhece como um ideal inatingível, um deus perfeito que ele não pode esperar alcançar.

— Do que você está falando? — Rick perguntou, franzindo a testa em confusão.

— Droga. Eu acho que tudo que você sabe fazer é foder seus filhos — Justin cuspiu sardonicamente. — É realmente tudo o que você é capaz de fazer.

O pai de Justin balançou a cabeça lentamente para trás e para frente, tristeza e fadiga pesando sobre seus ombros enquanto falava.

— Eu sei que você não acredita nisso. Você não tem razão para acreditar em mim. Mas eu fiz o melhor que pude com Noah...

— Pare — Justin o interrompeu com raiva. — O triste é que, comigo, eu quase entendo. Você fez um trabalho de merda porque você nem estava tentando. Você era um bêbado e fez o tipo de trabalho que alguém que pensa dez vezes mais sobre de onde vem a próxima bebida do que sobre o filho faria.

“Mas então você tem Noah. E é aí que fica muito bom. — A voz de Justin gotejou sarcasmo. — Você realmente tentou ser um bom pai para ele. Você realmente se esforça. Que nova experiência deve ter sido. E o que você fez? Você acabou de estragar tudo de uma maneira totalmente nova. Você conseguiu fazer aquela criança, aquela criança incrivelmente doce, amorosa, confiante, brilhante e de grande coração, sentir que nunca se compararia a alguém que nunca conheceu, que nunca seria tão bom quanto um fantasma.”

Justin fez uma pausa por um momento. Olhando para a postura derrotada de seu pai, ele quase considerou parar. Continuar com esse tiroteio cruel era quase como chutar um cachorrinho, e Justin nunca tinha sido um homem que gostava de chutar alguém quando estava caído. Mas a pressão que crescia dentro dele tomou um impulso que, de algum modo,

parecia impossível de ser detida. Ele tinha que deixar sair o sentimento final que estava queimando por dentro.

— Esse é o legado que você deixou para ambos os seus filhos, pai. — A voz de Justin agora estava calma, uniforme e incomensuravelmente triste. — A certeza de que nós, cada um a seu modo, nunca será tão importante para você como algum objeto inanimado. Algum conceito abstrato. Comigo foi bebida alcoólica. Com Noah sou eu. Você nos ensinou que não importa o quanto tentássemos, nós nunca seremos dignos do amor que você livremente doa para coisas que nem são reais. E se isso é realmente o melhor que você conseguiu fazer, é ainda mais triste. Parabéns! Você deveria ser indicado como o Pai de merda do Ano.

Justin olhou para cima de seu pai em pé na frente dele quando um movimento chamou sua atenção. Ele olhou para o topo da escada e viu o rosto pequeno e assustado de Noah espiando pelo canto.

*Merda.*

A coisa que ele mais odiava em sua infância caótica, mais do que a bebida em si, eram todas as violentas explosões de seu pai que o álcool havia estimulado e todos os confrontos violentos de que ele tinha feito parte. E Noah havia sido poupado — até que Justin entrou em cena. Ele tinha, em um momento de raiva, trazido hostilidade e medo para o mundo de seu irmãozinho, e isso não poderia ser desfeito agora. Seu pai não tinha feito isso. Ele tinha.

Vergonha tomou conta dele. Ele sabia que deveria subir as escadas, conversar com Noah e fazer o certo. Mas ele não tinha experiência em ficar por perto e lidar com as consequências das coisas. Ele não sabia como explicar suas ações, assumir responsabilidade.

Então ele fez a única coisa com a qual ele tinha alguma experiência. Ele se virou e saiu pela porta da frente.





# Capítulo

## 26

Justin lentamente retornou a Mountain Ridge na extremidade da cidade, tentando deixar o ar noturno limpar seus pensamentos confusos e fazê-lo parar de se sentir como um monstro. Ele balançou a cabeça e decidiu que poderia ter ultrapassado um pouco suas expectativas em relação aos poderes mágicos do ar fresco da montanha.

Nenhuma das coisas que ele costumava fazer para redefinir seu cérebro, ou sair de um estado estranho quando tinha um problema para resolver, estava funcionando. Ele tentou andar — não estava funcionando. Ele tentou dar uma volta pela natureza — não. Ele tentou fazer uma lista mental de possíveis soluções — não ajudou em nada.

A única solução que parecia meio atraente era seu velho hábito. Sair. Desaparecer. Não dizer uma palavra a ninguém — apenas ir.

*O problema não vai te seguir para um novo lugar.*

Mas sua tática, a ação que o serviu bem nos últimos dez anos, estava perdendo feio para a coisa que ele realmente queria fazer — que ele realmente precisava fazer, na verdade.

O que ele precisava fazer era ver Amanda. Apenas o pensamento de ver o rosto dela o fez respirar mais fácil. Seu corpo inteiro começou a relaxar. O pensamento de segurá-la, dizer-lhe o que aconteceu, fez com que seu mundo mudasse de eixo e se endireitasse novamente. Não porque ele pensasse que ela saberia o que ele deveria fazer, mas porque só por ela saber, só de ouvi-lo o fazia sentir como se não estivesse sozinho neste mundo. Não mais.

Justin contornou os fundos da casa, subiu os degraus da varanda de trás de Amanda e caminhou até a porta da cozinha. Era assim que ele sempre entrava em casa quando era adolescente e esse ainda era o caminho que parecia mais natural para ele.

Através dos recortes de vidro na porta, ele viu uma cena que o parou imediatamente. Amanda estava de pé à mesa da cozinha, servindo vinho e conversando com Lauren, Karina e Sam, mas ela parecia tão diferente.

Ela usava um vestido preto simples que se agarrava a cada curva de seu corpo e parava no meio da coxa. Quando os olhos de Justin viajaram pelas suas pernas nuas, ele viu que ela estava usando saltos vermelhos brilhantes. O pacote inteiro era um forte contraste com os jeans e camisetas de algodão com os quais ele mais frequentemente a via. Justin também gostava muito delas. Na verdade, ele não achava que já tivesse visto uma bunda em uma calça jeans mais sexy do que a de Amanda — era como uma obra de arte. Mas vê-la assim era algo... especial. Ela parecia tão sofisticada. Ela era o epítome de uma mulher poderosa que estava totalmente no controle. Estava mais sexy do que nunca.

Seu cabelo, que ele só vira caindo naturalmente em ondas em volta do rosto ou puxado para cima em um rabo de cavalo bagunçado, ou em duas tranças sob um boné de beisebol agora estava liso, solto pelas costas, emoldurando o rosto como uma folha de pura seda loira.

E o rosto dela, que em seu estado recém-lavado padrão era facilmente a coisa mais adorável que Justin já tinha visto, estava ainda mais marcante com a maquiagem que ela usava. As manchas de água em seus olhos de safira cintilaram, e seus lábios já exuberantes pareciam mais gordos, mais deliciosos com o batom que ela estava usando. Ela tirou o fôlego dele. Ela parecia sensual.

Ele estava tão completamente sob o feitiço de sua beleza que não pegou nenhuma de suas palavras até que o som de seu próprio nome o trouxe de volta à realidade. Ele só podia ouvir trechos, mas o que ele conseguiu ouvir partiu seu coração.

— ... não sei. Às vezes, Justin... eu... me sinto mal... eu só queria... Justin não tivesse voltado.

Agora sua respiração se foi por uma razão completamente diferente da nova aparência de Amanda. O ar saiu de seus pulmões rapidamente quando sentiu aquelas palavras atingirem seu estômago como um golpe físico.

No piloto automático, ele se virou e desceu silenciosamente os degraus da varanda. Ele se sentia entorpecido, e seu cérebro estava tendo dificuldade em processar o que acabara de ouvir, mas sabia o que tinha que fazer. Amanda não o queria ali. Ele já tinha feito uma bagunça no mundo de seu irmão no curto tempo que passara com ele. Ele não ia cometer o mesmo erro com Amanda.

Era hora de ir. Deixar Mountain Ridge, mas não Hope Falls. Ele não desistiria de Amanda, especialmente depois da noite passada. Ela era dele, quer ela percebesse ou não. Ele iria ficar na Sue Ann até conseguir que ela visse que eles pertenciam um ao outro.

Ela havia passado por muita coisa nas últimas semanas, e se precisasse de espaço, então ele poderia dar isso a ela.



Amanda foi até o balcão para se servir de mais vinho. Conversando com as amigas sobre Justin, sobre o quanto ela o amava, e sobre o quão estúpido era pensar que ela poderia ter parado de amá-lo — sim, essa era uma conversa que exigia fortificação de uma variedade de uva fermentada, com certeza.

Enquanto servia o vinho, ela olhou pela janela e encarou uma visão que a fez congelar.

— O que...? Não. De jeito nenhum. — Ela respirou quando o copo e a garrafa de vinho escorregaram de seus dedos e caíram no chão.

— Ei, esses são sapatos caros — Lauren apontou suavemente.

— O que há de errado? — Sam perguntou.

— Isso só pode ser sobre Justin — Karina fundamentou. — Se copos e líquidos estão indo para o chão em torno de Amanda, então deve ter a ver com Justin.

Amanda estava tão concentrada no que via pela janela traseira que pisou na garrafa de vinho e correu pela porta dos fundos, mal registrando os comentários de suas amigas. O que ela viu foi Justin, mochila pendurada no ombro, se preparando para desaparecer de novo, e ela não ia deixar isso acontecer. Ele não ia simplesmente sumir de novo.

Amanda correu, o mais rápido que pôde em saltos vacilantes, pelo caminho até o barracão, tentando acalmar seu coração acelerado. Ela podia sentir suas bochechas queimando quando Justin se virou para vê-la correndo em direção a ele.

Sem dizer-lhe uma palavra para, ela colocou todo o seu poder para empurrá-lo de volta para o barracão.

— Não. Você não vai simplesmente fazer as malas e partir sem dizer uma única palavra novamente. Isso não vai acontecer. Você não vai desaparecer de novo.

Justin olhou para ela como se ela fosse louca... Ela precisava admitir que não estava se comportando como a pessoa mais sadia do mundo. Mas esse era Justin. Ele a deixava louca. Louca de luxúria, louca de desejo, louca de amor. Então, sim, no que dizia respeito a ele, ela podia ser diagnosticada como louca.

Balançando a cabeça, seu tom era reconfortante como se estivesse falando com um animal preso:

— Eu não vou desaparecer. Eu estava indo dizer adeus.

As palavras atingiram Amanda como um tiro no plexo solar. Ela cambaleou para trás enquanto suas mãos agarravam seu estômago.

— Por quê? — Ela conseguiu sufocar a dor quente que cresceu em sua garganta.

Ele olhou para ela por vários segundos antes de explicar:

— Eu ouvi você falando com as garotas. Ouvi dizer que você desejou que eu não tivesse voltado.

Justin ficou de queixo tenso enquanto lhe contava a pequena parte da conversa que ela acabara de ter com as garotas.

Amanda sacudiu a cabeça. Ela não podia acreditar que isso estava prestes a acontecer novamente devido a outro mal-entendido.

— Não. Isso não foi o que eu quis dizer; você só ouviu uma pequena parte da conversa. Eu disse que queria que você não tivesse voltado nessas circunstâncias. Eu estava conversando com as garotas sobre como eu me sentia culpada por estar tão feliz por você estar aqui. Isso tem me feito sentir tão... mal. Eu não sinto que deveria ser feliz, não tão feliz, não agora. Não quando você só voltou porque papai se foi.

As lágrimas encheram os olhos de Amanda.

Justin deixou cair sua bolsa no chão. Ele se aproximou e puxou-a em seus braços. Ela se derreteu nele, afundando em seu abraço abrangente. As mãos de Justin percorriam as costas dela. Amanda se aconchegou mais perto dele, o topo de sua cabeça encaixando-se perfeitamente na cavidade entre o pescoço e o ombro dele enquanto os braços dela envolveram firmemente sua cintura.

— Sinto muito que esta seja a razão pela qual eu voltei. Eu gostaria de voltar anos atrás. Se eu soubesse que você não queria que eu fosse embora, eu nunca teria partido. Eu te amo.

Quando Amanda levantou a cabeça, ela pôde sentir os olhos cheios de lágrimas, sua voz estremeceu enquanto falava. Seu coração estava partido quando ela admitiu que sabia que provavelmente lhe custaria a pessoa mais importante de seu mundo. Mas ela tinha que dizer isso.

— Eu não posso fazer isso. Não posso estar com alguém em quem não posso confiar para ficar por perto durante os tempos difíceis, muito menos por causa de um mal-entendido. Não acho que você entende o que fez comigo quando foi embora da última vez. Eu chorei sem parar por semanas. Não consegui dormir. Não conseguia comer. Pensei que ia morrer. Eu não posso passar por isso novamente. Não posso fazer isso.

Justin parecia que tinha tido a alma esmagada por suas palavras. Ele pegou o rosto dela com as mãos, os polegares roçando o queixo.

— Amanda — ele murmurou. — Eu sinto muito por ter machucado você desse jeito. Você não pode começar a entender como eu sinto muito. E você está certa, cem por cento. Mas eu não ia deixar Hope Falls. Eu ia ficar na Sue Ann até convencê-la a me aceitar de volta.

Seu coração pulou de esperança.

— Sério? — ela perguntou enquanto lágrimas caíam por suas bochechas.

É claro que ela sabia que Justin nunca mentiria para ela, mas precisava de uma segunda confirmação de qualquer maneira. Justin acenou com a cabeça quando ele passou um fio de cabelo que estava grudando na bochecha dela.

— Quando eu estava crescendo, antes de morar aqui, a única maneira que eu conhecia para sobreviver era depender de mim mesmo e de ninguém mais, nunca me apegar a nada. Eu só passei por aqueles dias sombrios dizendo a mim mesmo, acreditando, sabendo que eu iria dar o

fora daqui assim que pudesse, legalmente. Mas eu não o fiz. Eu não deixei Hope Falls no meu aniversário de dezoito anos. Fiquei aqui com você. Por sua causa; você me mudou. Seu amor e aceitação me mudaram. Só fui embora porque pensei que era isso que você queria. Agora que eu sei que não, não vou a lugar algum. Eu estou aqui para ficar. Você é tudo para mim. Você é minha casa, Amanda.

Ouvir as palavras com as quais ela fantasiara ouvir mil vezes saírem dos lábios de Justin fez uma represa de emoção explodir dentro dela. Não havia como descrever o que ela estava sentindo, então, em vez de contar a Justin o quanto ele significava para ela, ela decidiu mostrar-lhe. Levantando-se nas pontas dos pés, Amanda pressionou os lábios nos de Justin e infundiu seu beijo com a última gota de paixão, amor, aceitação, alegria, luxúria e êxtase que ricocheteou através dela com a força de um tsunami. Ela gemeu na boca de Justin enquanto suas mãos deslizavam de seu rosto para traçar as linhas de seu corpo, fazendo-a estremecer com o desejo reprimido.

Neste mesmo cômodo, dez anos atrás, ela fizera praticamente a mesma coisa e foi o começo de sua queda. Agora esse beijo, hoje, era o começo deles para sempre.



Justin precisava sentir Amanda. Pele na pele. Sem barreiras. Enterrar-se profundamente dentro dela. Ele queria apagar qualquer dor, qualquer sofrimento que causara a ela. Ele precisava desesperadamente curar o sofrimento que ela suportara por causa dele.

Agarrando o material macio de seu vestido, Justin puxou-o para cima e sobre a cabeça. Quando ele o fez, Amanda tirou os sapatos e ficou diante dele apenas de sutiã e calcinha. Seu coração bateu em seu peito e suas mãos formigaram antecipando como seria tocá-la.

— Porra, você é tão bonita. — Seus olhos percorreram cada centímetro dela em um olhar faminto.

Seus cabelos sedosos e dourados caíram em cascata, passando por seus ombros até onde os montes de seus seios se eriçaram da renda dos bojos do seu sutiã; sua boca se encheu de água ao ver os botões dos mamilos

cutucando o delicado tecido transparente. Seus olhos percorreram ainda mais a extensão cremosa de sua barriga trêmula, que se fundiu no cós escalopado de sua calcinha rendada.

Um gemido primal arrancou do peito de Justin quando ele agarrou sua cintura e a puxou contra ele. Um suspiro escapou quando ele a apoiou contra a parede e começou a beijar a pele macia e flexível de sua garganta nua. Enquanto a boca dele viajou ao longo da linha lisa do pescoço dela, um fogo de excitação rugiu com urgência por ele, que mal registrou os dedos de Amanda mexendo nos botões de sua camisa xadrez e puxando-a com força. Uma vez livre de sua camisa, ele registrou o toque erótico dos dedos dela enquanto se moviam sobre seu peito forte. Quando ela colocou os lábios contra o pescoço dele e começou a sugar a pele sensível ali, ele assobiou através dos dentes enquanto sua ereção pulsava dolorosamente.

A sensação da boca molhada na base de seu pescoço acendeu o calor correndo em suas veias a níveis abrasadores. Justin dobrou seus esforços enquanto sua boca trabalhava até o colo de Amanda. Quando seus lábios alcançaram o topo de seus seios, ele colocou um rastro de pequenos beijos doces ao longo da borda, onde a pele encontrou o tecido e ele foi recompensado com o som de um suspiro suave escapando de seus lábios.

Levando as mãos para cima, ele segurou seus montículos cobertos de renda em sua palma quente. Quando seus seios endurecidos se esfregaram contra sua mão, implorando por atenção, ele começou a beliscar o mamilo com o polegar e o indicador. Com seu toque insistente, as costas de Amanda arquearam e ela enfiou os dedos pelo cabelo dele, segurando-o exatamente onde o queria, como se implorasse para que ele a tomasse... com força.

Ver seu pedido provocador fez com que cada célula em seu corpo exigisse que ele pulasse parte das preliminares, a despisse e dirigisse para dentro de seu calor úmido. Por mais tentador que isso soasse, Justin resistiu ao desejo irresistível. Nem mesmo o doce e sexy pedido de Amanda poderia forçá-lo a apressar isso.

Alcançando atrás dela, ele desabotoou sem esforço seu sutiã, deslizando-o por cima dos braços dela e lançando-o longe. Olhando para baixo, Justin bebeu a visão de seus seios nus. Estudando cada centímetro de sua pele pálida e translúcida, sua auréola rosa-clara e os botões rosados

e escuros de seus mamilos erguendo-se, duros, dos centros daqueles lindos círculos.

A respiração de Amanda se aprofundou sob o calor de seu olhar, e ele viu a pele de seu peito e ombros começar a se encher com excitação ainda mais profunda. Suavemente, seus dedos delinearam o círculo de seus seios antes de suas grandes mãos começarem a apertá-los. Ele sentiu seus picos agitados pressionando suas palmas com uma necessidade urgente quando se inclinou para beijá-la enquanto os massageava, divertindo-se em sentir seu gemido e se contorcer de prazer.

Excitação disparou através dele quando ele baixou a cabeça para os seios e puxou seus mamilos duros e rosados em sua boca. Ela gemeu e se contorceu quando os lábios dele e também a língua fizeram seu trabalho. Ele segurou seus seios firmemente, um em cada palma. Enquanto prestava atenção em cada um, apertava um dos mamilos, tornando-o ainda mais sensível, sacudindo-o com a ponta dura da língua e, finalmente, levou-o à boca para sugar e morder. Ele se moveu entre eles, girando para frente e para trás até que ela estivesse gemendo, se contorcendo e implorando para que ele mudasse as coisas.

Quando ele não o fez, sentiu o leve toque de Amanda em sua cintura, trabalhando no primeiro botão de sua calça. Quando seus dedos soltaram sua ereção, botão por botão, seu corpo se apertou com necessidade ao pensar em sentir-se sendo tomado por suas mãos e sua boca.

Ele sentiu a mão dela deslizar dentro de seu jeans agora desabotoado e libertar seu membro extremamente rígido. Prazer bateu nele enquanto seus dedos se fechavam gentilmente, mas com firmeza, ao redor de seu membro latejante. Colocando as mãos em ambos os lados do corpo de Amanda, ele se firmou contra a parede.

O olhar de Amanda estava em sua mão segurando-o com firmeza, mas sem se mover, respirando rapidamente no ritmo da respiração de Justin. Então, espiando por baixo de um manto de cílios grossos, ela olhou para ele enquanto baixava até os joelhos. Com os olhos intensamente trancados, Amanda começou a deslizar a mão lenta e suavemente para cima e para baixo em sua ereção latejante, deixando-o louco de tormento sensual.

Uma imprecação saiu de seus lábios quando ela se inclinou para frente e apertou os lábios contra sua cabeça inchada em um beijo suave. Justin não tinha certeza de quanto mais ele poderia lidar quando ela os separou e



puxou-o para a sucção molhada de sua boca. Sua língua lambeu sedutoramente sua carne ingurgitada e seus lábios selaram firmemente ao redor dele enquanto movia sua boca para cima e para baixo em sua ereção latejante, aprofundando a pressão a cada movimento.

Finalmente, ele não aguentou mais. Ele a levantou e suas mãos deslizaram por sua cintura e agarraram o cócs da calcinha, puxando-a para baixo em um movimento suave. Ela se juntou ao sutiã, ficando jogados no canto, esquecidos e desnecessários.

Justin tirou os sapatos no mesmo momento em que Amanda conseguiu puxar o jeans, e ele deslizou sua calça e cueca juntos. Depois de rapidamente cuidar de levantá-la facilmente, de forma protetora, ele deu dois passos e a colocou na cama. Ela separou as pernas quando agarrou seu comprimento duro como pedra para guiá-lo em direção à sua abertura.

— Você está pronta? — ele perguntou sem fôlego.

— Estou mais do que pronta — ela gemeu. — Eu preciso de você dentro de mim. Agora.

Ele sorriu maliciosamente.

— Bem, isso é muito ruim — ele brincou. — Você só vai ter que esperar um pouco mais.

Ele queria saboreá-la novamente. A noite passada não tinha sido perto do suficiente. Justin sabia que nunca se cansaria de Amanda.

Ele começou a beijar languidamente e lambeu o estômago dela. Sua língua arrastou círculos quentes e redemoinhos enquanto ele trabalhava para baixo, tomando seu tempo. Ele escovou levemente as pontas dos dedos para cima e para baixo de seus lados enquanto beijava sua barriga, sentindo seus músculos vibrarem sob seu toque sussurrante. Ele também os deixou serpentear através de seus seios, passando pequenos arabescos em sua carne tenra que espelhava aqueles que ele estava fazendo com a língua enquanto se movia mais abaixo em seu torso.

Ele ergueu a cabeça e gentilmente afastou os joelhos dela, expondo sua carne mais tenra, que latejava e brilhava com a excitação. Ele levou um momento para beber com os olhos e apreciar como seu olhar a fez se contorcer com prazer ainda mais intenso.

Abaixando a cabeça para a parte interna da coxa, ele plantou pequenos e gentis beijos lá, levando-a até o centro dela, mas nunca chegando. Quando ele fez isso, voltou a tocar seus dedos levemente sobre a

superfície de seus seios, que estavam arfando com ela de forma profunda e rápida. Seu polegar inadvertidamente roçou um de seus mamilos sensibilizados, e um grito saiu de sua garganta.

Ela desesperadamente apertou as mãos sobre as dele e as moveu para os seios, pressionando com força. Os quadris dela empurraram contra a sua boca, e ele decidiu que a torturara por tempo suficiente. Sua boca desceu sobre ela, cobrindo-a completamente. Ele começou a sugar e lambeu seu botão sensível, fazendo-a gemer. Ao estimulá-la com a língua, sentiu os mamilos endurecerem ainda mais sob as palmas das mãos.

Para prolongar o êxtase, Justin fez pequenas pausas de sua atenção para seu clitóris, movendo a língua para baixo para lançar-se para dentro e para fora de sua abertura lisa.

Amanda gemeu quando apertou os quadris contra sua boca. Sua mão cavou no colchão, apertando-o com força.

Então, quando seus braços e pernas caíram fracos, satisfeitos com a conclusão, Justin olhou para o corpo dela, passando pela magnífica paisagem de seus seios, com mamilos duros, diretamente para seu rosto corado e seus olhos.

— Eu quero você. Agora — Amanda falou sem a urgência desesperada que havia preenchido sua voz antes, mas seu comando não era menos forte.

Ele levantou-se de volta acima dela para que seus corpos se encaixassem perfeitamente. Inclinando-se, ele a beijou enquanto empurrava para dentro, sua língua penetrando sua boca no mesmo instante em que ele penetrou seu corpo.

Ela moveu as pernas de seda ao redor de sua cintura e começou a girar seus quadris no ritmo dele, um ritmo que começava devagar. Ele passou os braços ao redor dela, puxando seu corpo apertado para o comprimento do seu enquanto se movia dentro dela, sentindo a intensidade de sua conexão por todo o caminho até sua alma.



A cabeça de Amanda se moveu quando ela sentiu as investidas duras de Justin crescerem mais rápido e mais insistentes, sentindo o ritmo se

aproximando de um poderoso clímax. Ela desenredou as pernas ao redor de sua cintura e colocou os calcanhares no colchão, angulando os quadris para que ele pudesse penetrá-la ainda mais.

Ela sentiu as mãos fortes dele agarrarem sua cintura quando fez isso, seus dedos cavando na deliciosa carne de sua bunda, puxando-o para ela ainda mais forte a cada vez que ele mergulhava nela.

Amanda observou o rosto e o corpo dele enquanto ele se dirigia para dentro dela novamente e quando ela podia dizer que ele estava a meros segundos de perder o controle, ela mudou o ângulo de seus quadris para que, a cada golpe, a ponta de seu pênis fosse estimulada. Seu centro de prazer interno.

Com meia dúzia de golpes nessa posição, sentiu-se começar o orgasmo. Seu corpo se contraiu ao redor dele, apertando-o ainda mais, e ela chamou seu nome em êxtase.

Ela sentiu o corpo dele apertar quando encontrou sua liberação.

Por longos momentos depois do clímax simultâneo e estremecido de Justin e Amanda, eles simplesmente se deitaram juntos, braços e pernas entrelaçados, pele brilhante exposta ao ar e secando lentamente.

Justin rolou de costas, puxando Amanda por cima dele enquanto gentilmente acariciava seus cabelos sedosos ao passo que eles respiravam juntos; seus batimentos cardíacos diminuíram e a névoa induzida pela paixão se dissipou, ao mesmo tempo em que suas mentes gradualmente voltavam à terra.

Ele moveu seus lábios contra o ouvido dela.

— Eu te amo — ele murmurou. — Eu te amo tanto que às vezes sinto que mal posso respirar.

Amanda virou o rosto radiante para o dele.

— Eu te amo tanto — ela respondeu sem fôlego. — Eu te amo tanto que às vezes é tudo que posso fazer para não apenas deixar escapar quando estamos juntos. Parece uma parte de mim, tanto quanto respirar. Houve momentos em que eu realmente tive que morder a língua, e não deixar as palavras “eu te amo” escaparem. Tipo, oh, adivinha? O céu é azul. A chuva é molhada. Eu te amo. Apenas... tipo... listando fatos que eu sei sobre o jeito que as coisas são.

Justin riu e beijou sua testa.

— Você é tão fofa. Você pode deixar escapar a qualquer momento.

Amanda sorriu e deitou a cabeça no peito dele.

— Eu te amo, Justin — ela sussurrou enquanto traçava padrões com as pontas dos dedos sobre o peito dele.

Foi quando ela viu um pedaço de papel — um pedaço de papel muito familiar — pousado no chão no meio do barracão.

Era o velho bilhete, o que tinha vivido debaixo do travesseiro dela por dez anos, aquele que Justin deixou para ela na noite em que saiu de sua vida. Aquele que dizia: “Amanda. Esqueça de mim. Justin.” Ela presumiu que Lauren o tivesse queimado depois que ela desmaiou naquela noite bêbada e inebriante do jogo de Verdade ou Desafio.

Ela se sentou na cama e se inclinou para pegá-lo. Sim, definitivamente era o seu antigo bilhete. Com uma diferença significativa; em maiúsculas grandes e pesadas, imediatamente antes das palavras “Esqueça de mim”, Justin rabiscou a palavra “NUNCA”.

— Onde você... — Amanda olhou para cima, as sobrancelhas franzidas.

Quando ele se sentou, suas pernas longas e musculosas se debruçaram sobre o lado da cama e ele abriu a gaveta do criado-mudo.

— Encontrei isso na sua mão depois da reunião do seu clube do livro. Eu nunca quis que você lesse aquelas palavras novamente.

Amanda sentiu lágrimas, mais uma vez, formando-se em seus olhos.

— Eu planejei devolvê-lo quando eu também devolvesse isso.

Justin estendeu a mão e Amanda não acreditou no que viu. Colocada no meio de sua grande palma estava uma delicada corrente de prata que parecia exatamente com a tornozeleira que ele tinha dado a ela como presente de Natal durante o último feriado que passara em Hope Falls. A tornozeleira que ela tragicamente perdeu e da qual sempre sentiu falta.

Seus dedos tremiam quando ela chegou e puxou-a da mão dele. Enquanto ela estudava, ela não podia acreditar como era semelhante ao original.

— Parece exatamente com a que você me deu...

— É a que eu te dei — interrompeu Justin.

— O quê? — Amanda achou que ela deveria ter ouvido mal ou talvez estivesse sofrendo de delírios pós-sexo.

— Eu encontrei no caminho na noite em que parti. Deve ter quebrado e caído do seu tornozelo quando você saiu correndo daqui. Como eu pensei

que era você que queria que eu fosse embora, eu não achei que iria querer nenhum lembrete de mim. Então, eu peguei.

Amanda jogou os braços ao redor do pescoço de Justin e segurou-o com força. Seus braços a envolveram e Amanda soube que todos os avisos que as pessoas haviam lhe dado ao longo dos anos, sobre idealizar Justin como um homem perfeito inatingível que ele nunca poderia ser, estavam certos... ele era ainda melhor.



# Capítulo

## 27

Quando o amanhecer surgiu no horizonte, Justin ouviu uma batida na porta da cabine do alojamento. Levantando-se da cama de maneira grogue, ele esfregou os olhos imaginando quem apareceria em sua porta tão cedo. Apenas uma possibilidade surgiu em sua mente. Amanda. Ela voltou para a casa para tomar banho e se preparar uma hora atrás, e ele deveria encontrá-la lá no café da manhã. Ela devia ter outros planos. Ele sorriu largamente.

— De volta para mais? — ele brincou enquanto abria a porta com expectativa.

— Mais o quê? — perguntou Lauren secamente.

Na varanda do alojamento estavam Lauren e Henry. O sorriso desapareceu do rosto dele. Ele sabia que eles só poderiam estar ali, especialmente àquela hora, porque tinham notícias sobre a auditoria — não oficial — dos registros financeiros da Mountain Ridge Outdoor Adventures.

Justin abriu a porta para que eles pudessem entrar, olhando para a casa principal. Ele não queria que Amanda descobrisse sobre essa possível situação antes que tivessem alguma evidência sólida.

Os três sentaram-se nos mesmos espaços que tinham usado alguns dias atrás, quando Henry e Lauren foram até Justin para compartilhar suas preocupações e obter permissão para ler os livros.

Recostado na cadeira, Justin passou os dedos pelos cabelos.

— O que vocês acharam?

Lauren sacudiu a cabeça.

— Nada a relatar — ela respondeu, soando mais do que um pouco decepcionada. — Tanto quanto eu posso dizer, os livros estão limpos. Henry concorda. Se você ou Manda se depararem com algo diferente em uma data posterior, podemos contratar um contador forense que passe por tudo isso com um pente fino em um nível muito mais detalhado do que Henry ou eu estamos obviamente qualificados para fazer. Mas a partir de agora, tanto quanto posso determinar, não há nada fora do lugar.

Henry assentiu concordando.

— Eu acho que é uma coisa boa, certo? — Justin não tinha certeza do porquê, mas não parecia uma coisa boa.

Henry assentiu novamente.

— Ah, claro, claro. É ótimo.

Lauren franziu o cenho.

— Eu sei que há algo acontecendo com Trent. Eu posso sentir isso em meus ossos, e eu simplesmente não consigo descobrir o que é.

Justin sabia exatamente como Lauren se sentia, mas tentou olhar pelo lado positivo. — Bem, isso importa neste momento? Ele se foi. Amanda não quer nada com ele.

— Oh, isso importa — Lauren disse animadamente. — Ninguém tira proveito de uma das minhas melhores amigas e sai impune.

Lauren se levantou para sair e olhou com expectativa para Henry. Henry se levantou e deu um tapinha no ombro dela.

— Querida, por que você não vai na frente? Eu tenho outra coisa que preciso falar com o Justin.

Lauren parecia desconfiada, mas concordou hesitante.

— Certo. Eu te vejo em casa. — E saiu pela porta.

Henry sentou-se novamente em frente a Justin e olhou para ele com dificuldade por alguns momentos.

— Filho, eu vou trazer algo aqui que definitivamente não é da minha conta. Mas quando se chega à minha idade, você começa a perceber que muitos problemas no mundo, especialmente em comunidades e famílias, podem acontecer porque as pessoas têm medo de dizer coisas que não são da sua conta. Então eu vou falar.

Justin não tinha certeza se ele gostava de onde isso estava indo.

— Ok... então eu estou supondo que isso não é sobre o negócio ou Trent.

Henry sacudiu a cabeça.

— Não, filho. Isso é sobre o seu pai.

O rosto de Justin endureceu e ele começou a ficar de pé. Este não era um assunto que estava aberto para discussão.

Henry colocou as mãos na frente dele em um gesto de rendição.

— Espere. Como eu disse, sei que não é da minha conta, e não espero que você necessariamente ouça o que tenho a dizer com uma mente e coração completamente abertos. Tudo que eu peço é que você tome o que eu digo no espírito que é intencional, que é amor e compreensão, e não o exclua completamente antes mesmo de ouvir o que eu quero lhe dizer. Você pode fazer isso?

O queixo de Justin ficou tenso, mas ele sabia que Henry era um bom homem que só queria o que era melhor para as pessoas. Ele sempre esteve lá para Parker e Amanda, e embora o primeiro instinto de Justin fosse mostrar a ele a porta, ele voltou a se sentar.

Quando o fez, Henry assentiu e soltou um suspiro aliviado. Então, inclinando-se para frente, ele perguntou sinceramente:

— Filho, o quanto você sabe sobre o seu avô?

A pergunta pegou Justin desprevenido. De todas as coisas que ele poderia ter previsto saírem da boca de Henry em seguida, isso certamente nunca teria feito parte da lista de Justin.

Justin sacudiu a cabeça.

— Nada — disse ele. — Eu nem sabia que tinha um. Quero dizer, claro que, biologicamente, sabia que tive um ou dois, eu acho. Mas eu nunca ouvi nada sobre nenhum deles.

Henry balançou a cabeça e bufou com desprezo.

— Bem, isso não me surpreende. Tom Barnes era o pior filho da puta em trezentos quilômetros. Parker e eu éramos crianças na mesma época em que seu pai era, você sabe. E morríamos de medo de Tom Barnes. A maioria das pessoas morria, e não apenas crianças. Ele era mau como uma cobra e sua mordida era tão venenosa. Ele era um bêbado e ele era um bêbado terrível e cruel.

Justin sentiu o peito apertar.

— Por que meu pai nunca mencionou isso para mim?



Henry sacudiu a cabeça.

— Eu não posso responder por ele, filho. Mas imagino que ele tenha se envergonhado. Além disso, pode ter sido um pouco difícil para ele falar. Seu pai estava bebendo a maior parte da sua infância, e eu sei que você foi praticamente negligenciado, e às vezes pior. Eu não quero menosprezar o que você passou, Justin. Acredite em mim. Mas, por favor, me ouça quando digo que seu pai não era nada no departamento de “pais terríveis” comparado ao seu avô.

“Um dia, quando eu estava no mercado com minha mãe, vimos a esquina em torno de um beco e vimos Tom gritando com Ricky na frente da loja. Então Tom estendeu a mão para dar um tapa nele, e a mão de Ricky naturalmente se levantou para proteger seu rosto. Bem, isso foi tudo o que precisou para detonar o velho Tom. Ele ficou instantaneamente enfurecido.

“Ele gritou: ‘Rapaz, eu já falei sobre colocar sua mão para cima quando eu estou disciplinando você!’ E então ele agarrou seu pai pela parte de trás da cabeça e apenas enfiou a testa dele na parede. Foi difícil também. Minha mãe e eu podíamos ouvir o crack. Então, quando Ricky começou a chorar, ele fez de novo, e seu pai simplesmente caiu no chão. Foi quando Tom viu que Rick se molhou. Se foi por dor ou medo ou uma combinação de ambos, não sei.

“Então Tom o pegou pelo colarinho e o jogou na neve. Era o fim do inverno, dezembro ou janeiro. Ele o chamou de maricas e o fez voltar para casa, três quilômetros, na neve, com as calças sujas.”

Justin sentiu as lágrimas pinicando seus olhos. Lágrimas pelo pai dele? Ele achava que não tinha compaixão por Rick Barnes, não havia bondade em seu coração para o homem que tornara sua infância tão infeliz.

Henry suspirou com a lembrança antiga.

— Eu olhei para minha mãe e comecei a dizer alguma coisa, mas ela simplesmente me cortou. “É assunto deles, Henry. Não é nosso.” Ela nos apressou a sair dali. Aqueles eram tempos diferentes, você sabe. Você não se envolvia com assuntos familiares de outras pessoas.

“Mas vou dizer a você, Justin, que dificilmente houve um dia em que Ricky Barnes não fosse à escola com uma nova contusão ou um lábio ensanguentado, e mais do que alguns ossos quebrados. Todo mundo sabia o que estava acontecendo naquela casa, e ninguém impediu.

“Por que você acha que Parker perdeu a calma quando viu seu pai bater em você no JT naquela época? Ele estava com medo de que o ciclo estivesse se perpetuando.”

*Estava*, Justin pensou consigo mesmo. Embora até ele pudesse ver que o abuso que sofrera nas mãos de seu pai não chegava nem perto do horror que Henry estava descrevendo.

Balançando a cabeça, Henry se levantou.

— Eu não o estou defendendo, Justin. A maneira como você foi criado não era como qualquer criança deveria crescer. Não estou tentando dizer que seu pai fez o certo com você. Longe disso. E eu sei que ele colocou as mãos em você quando não deveria. Só estou dizendo que talvez — apenas talvez — você poderia considerar a possibilidade de que ele fez o melhor que sabia e como agora, com Noah, ele está fazendo o melhor que sabe de novo. Não é perfeito. Nunca vai ser. Mas pense em até que ponto ele agiu com você do jeito que ele foi tratado enquanto crescia e o quão longe ele está agora com Noah do que ele foi capaz de fazer com você.

“Eu sei uma coisa. Pessoas que foram criadas como seu pai foi... Esse tipo de progresso não é fácil. É difícil de vencer. Para fazer o tipo de melhorias que ele fez, ele teve que lutar por todas as vitórias, com unhas e dentes. — Henry suspirou. — Eu não sei, filho. Talvez você nunca seja capaz de perdoá-lo. Talvez suas feridas sejam profundas demais. Só você pode dizer isso com certeza. Mas eu apenas pensei que essa era uma informação que você deveria ter.”

E com isso, ele se levantou, deu um tapinha no ombro de Justin e saiu pela porta da frente do alojamento e subiu em direção à casa principal. Enquanto o observava se afastar pelo caminho, ele fez algo que o surpreendeu mesmo quando se sentiu fazendo isso. Ele pegou o celular e discou o número que memorizara há mais de vinte anos no primeiro dia de aula, esperando que ainda fosse o número de sua casa de infância.

Quando ele ouviu a voz de seu pai atender o telefone, ele disse:

— Pai? É o Justin. Precisamos conversar. — E ele percebeu, quando ouviu a gratidão que tingiu a voz de seu pai quando ele concordou em se encontrar, que essa era a primeira troca que ele teve com seu pai desde que voltou para a cidade que não era colorida por raiva.

Ele não se sentia mais zangado. Ele ainda sentia tristeza, ainda sentia decepção e sabia que havia um longo caminho a percorrer antes que ele e

seu pai pudessem ter quaisquer interações que Justin classificaria como positivas. Mas a raiva? Isso tinha ido embora.

Não era tudo, mas era um passo na direção certa.



A rectangular piece of light-colored, textured paper with irregular, torn edges. It is centered on a white background. The word "Capítulo" is written in a large, black, serif font, and the number "28" is written below it in a smaller, black, serif font.

# Capítulo

## 28

Amanda olhou em volta da sala de estar e se deparou com uma visão que aqueceu seu coração: todos que ela amava reuniam-se em um cômodo. Henry estava ali, Justin estava ali e, claro, o resto do Quarteto Fabuloso — Karina, Lauren e Sam — estava ali.

Eles estavam todos juntos, em uma mudança impressionante de ritmo em comparação com eventos recentes, para celebrar uma ocasião alegre desta vez — o aniversário de Amanda.

Ela mal podia acreditar o quanto sua vida havia mudado no último mês. Sim, ela ficava maravilhada, tinha sido apenas um mês, quase no mesmo dia, desde a leitura do testamento de seu pai. O dia em que Justin voltou para sua vida.

Na semana que se passou desde que Justin havia mudado suas coisas para a casa de Amanda, oficialmente tornando-se sua casa, sua vida já tinha começado a se estabelecer em uma rotina feliz que parecia estar em vigor há anos.

Justin era um madrugador, como ela, e então ele começou a se juntar a ela em sua rotina matinal anteriormente solitária, aquela em que ela achava que nunca seria capaz de encontrar alegria novamente. Agora, eles passavam a madrugada tomando café no balanço da varanda, aconchegando-se nos braços um do outro e enrolados na manta de sua mãe, enquanto observavam o mundo se animar todos os dias. Desta forma, assim como de tantas outras, Justin estava trazendo alegria de volta para partes de sua vida que ela achava que tinham ido embora para sempre.

E, ela pensou com um leve rubor aquecendo seu rosto, esta não era a única nova “rotina matinal” que eles estabeleceram. Justin era um madrugador em mais de uma maneira.

Seus dias estavam cheios de trabalho frenético no Mountain Ridge Outdoor Adventures enquanto eles e a equipe trabalhavam em conjunto para preparar o parque para o primeiro dia da temporada de inverno, a apenas duas semanas de distância. Eles estavam adiantados, e Amanda estava começando a sentir como se tudo estivesse bem. Ela sabia que, todos os dias pelo resto da vida, sentiria falta do pai, da voz, dos abraços e do riso. Mas ela finalmente se sentia confiante de que ela e Justin poderiam manter seu legado em Mountain Ridge.

A campainha tocou, assustando-a de seu devaneio.

— Quem é? Quem mais está vindo? — ela perguntou a Justin.

— Convidei meu pai e Noah. — Ele sorriu.

Ela sorriu de volta. Ela adorava vê-lo se iluminar do jeito que fazia quando falava sobre Noah, e agora ela teria uma oportunidade, sua primeira oportunidade, de vê-los na companhia um do outro. Ela não podia esperar.

Justin abriu a porta da frente e conduziu seu pai e um Noah muito animado.

Justin se ajoelhou na frente do garoto, sorrindo largamente.

— Ei, amigo — disse ele, dando um grande abraço em Noah e um high-five, em seguida, levantando-se e apontando para Amanda. — Venha até aqui, eu quero que você conheça uma amiga minha — disse Justin enquanto se voltava para Amanda. — Noah, esta é Amanda, Amanda, este é Noah.

— Eu a conheço! — Noah exclamou animadamente, olhando para Justin. — Ela veio na minha escola. Ela falou sobre dicas de segurança para caminhadas.

Amanda sorriu.

— Isso mesmo, eu falei. Uau. Isso foi no ano passado. Você deve ser muito inteligente para se lembrar disso. Estou impressionada.

Noah parecia orgulhoso, e Rick e Justin sorriram para ele, embora Amanda notasse que eles não se olhavam.

Amanda sorriu para Noah.

— Ei, Noah, você quer entrar na cozinha comigo e pegar um refrigerante? Acho que temos cinco ou seis tipos.

— Sim! — Noah respondeu, lançando seu punho no ar enquanto se dirigiam para a cozinha.



Justin não pôde deixar de sorrir enquanto observava seu irmão lançar seu punho no ar enquanto caminhava ao lado de Amanda.

Ele sentiu o pai se virar para ele. Justin olhou e viu que ele estava lutando para fazer contato visual.

— Obrigado por me convidar — disse Rick hesitante. — Você poderia ter me pedido para deixar o Noah. Eu realmente gostei disso.

— Eu quero você aqui, pai. — Justin disse sinceramente. — Eu quero que nos conheçamos.

Rick olhou para Justin no rosto, aliviado e esperançoso.

— Eu gostaria disso, Justin. Eu realmente gostaria disso.

Justin assentiu.

— Eu não posso prometer um começo do zero. Eu ainda estou tentando lidar com as coisas. Mas eu quero você na minha vida. Esse é o meu objetivo. Justo?

Rick Barnes assentiu, mas não respondeu. Justin ficou surpreso ao ver que era porque ele estava muito sufocado para falar. O pai que Justin conhecia quando criança não era o tipo de cara que se emocionava. Talvez ele realmente estivesse mudando.

Justin colocou o braço em volta dos ombros do pai.

—Vamos nos juntar à festa — ele disse e levou o pai até a sala de estar, enquanto Amanda e Noah, de refrigerante na mão, se juntavam a eles na cozinha.

— Puta merda! — Lauren exclamou enquanto olhava para o celular. Então, timidamente olhando para Noah, ela acrescentou: — Desculpe, Noah. Eu não vi você entrar.

Noah olhou para ela e sorriu.

— Está bem. Você é adulta. Você pode dizer isso e nem precisa colocar dinheiro no pote que vai pagar pela minha faculdade

Justin olhou para Rick, que deu de ombros.

— Eu comecei um jarro de palavrão em casa, vai para a sua faculdade. “Merda” e “cacete” me custam um dólar. “Porra” me custa cinco.

Antes que Justin pudesse processar que o homem que o criou tinha uma jarra de palavrão e estava planejando o futuro de seu filho, a atenção de Lauren voltou ao seu telefone e sua mão voou sobre sua boca.

— O que há de errado? — Amanda perguntou, indo para o lado de sua amiga.

Virando-se para Amanda, Lauren começou:

— Ok, olhe. Eu não acho que seja um segredo que eu não tenha gostado de Trent desde o momento em que o conheci. Ele estava tão obcecado com a venda do Ridge Mountain. Não fazia sentido. Como Henry disse, ele nem sequer tinha um cavalo naquela corrida. Nunca deveria ter importado muito para ele.

“Então Henry e eu vasculhamos os livros do Mountain Ridge, mas não conseguimos encontrar nada de errado. E a princípio, depois de chegar de mãos vazias, fiquei desapontada. Um pouco deprimida, mesmo. Mas eu sabia que não podia deixar passar.

— Foi a minha própria situação, curiosamente, que me deu a ideia de como proceder. Consegui acertar o placar com meu garoto propaganda de assédio sexual, porque estava perto o suficiente dele para saber alguns segredos. Eu conhecia seus pontos fracos. Eu sabia onde ele se deixou vulnerável. Então comecei a pensar: Quem conhece Trent bem o suficiente para saber em que tipo de negócios obscuros ele está envolvido? Quem pode expor seu ventre obscuro?

“Então pedi ao meu advogado que fizesse uma verificação dele, verificação de antecedentes, finanças, a coisa toda. E ele encontrou alguém que saberia onde os corpos estão enterrados, por assim dizer. O nome dela é Helen. — Lauren fez uma pausa dramática. — A esposa dele.”

Houve um suspiro audível na sala.

— Oh, sim — Lauren continuou com os olhos arregalados. — Ele está casado há quase dez anos. Ele tem dois meninos na escola particular em Boston. O que ele também descobriu é uma pequena operação de esquema de pirâmide que está prestes a desmoronar.

“Acontece que ela conhecia alguns segredos. Claro, a única coisa sobre a qual ela não sabia nada era o relacionamento dele com você. Ela ficou

muito zangada quando expliquei essa parte.

“O que nós juntamos foi que ele viu a morte de Parker como o evento mais fortuito que poderia ter acontecido com ele. Ele sabia que Parker não tinha dívidas no resort. Uma venda renderia milhões de dólares em lucro puro. Seu plano era convencê-la a vender e depois, de alguma forma, roubar o dinheiro de você, apoiando assim seu esquema Ponzi e ajudando-o a evitar a detecção por pelo menos mais um tempo.”

— Oh... meu... Deus — Amanda respirou.

Justin deu um passo ao lado dela e colocou o braço em volta da cintura dela, puxando-a contra o seu lado.

— O resultado disso é que ele acaba de ser preso. — Lauren virou o telefone, que exibia uma foto de Trent, e mostrou para o cômodo como um todo.

— Por policiais reais? — Veio a pequena voz de Noah do meio da sala.

— Sim — confirmou Lauren.

— Uau, isso é tão legal — Noah disse, admiração em sua voz.

— Eu estou com você, garoto — disse Karina quando ela estendeu a mão e deu ao irmão de Justin um high-five. — Essa foi praticamente a coisa mais legal de todas.

Amanda olhou para Justin, seus olhos azuis brilhando para ele em descrença.

— Isso é muito bizarro — disse ela. — Eu não consigo entender nada disso. Ele é casado. Ele tem filhos. Eu era uma amante. Olhe para mim. Eu pareço com o tipo de pessoa que seria uma amante?

Justin beijou o topo de sua cabeça.

— Você não era. Você não tinha ideia no que estava se metendo. Você era apenas mais uma das vítimas dele.

Ela riu trêmula.

— Okay. Acho que você está certo.

Noah correu e caiu no sofá ao lado de Justin.

— Esta é a melhor festa em que eu já estive! — Ele se entusiasmou. — Vai ter bolo?





# Capítulo

## 29

O ar estava fresco e silencioso cerca de uma hora depois, quando Justin e Noah deram uma volta pela floresta. Na verdade, para Justin, parecia ainda mais silencioso que o normal. Nenhum chilrear dos pássaros. Nenhum vento sussurrando. Apenas o grito de seus próprios pensamentos em sua cabeça.

Ele disse a Noah que queria passear com ele para que pudessem conversar sobre o que Noah havia testemunhado em sua casa na outra noite, mas agora que eles estavam aqui, Justin não conseguia encontrar as palavras.

Ele sabia que tinha que começar a conversa.

*Eu posso fazer isso, Justin disse a si mesmo, se eu puder descobrir o caminho certo para começar. As primeiras palavras perfeitas. Uma piada, talvez, para quebrar o gelo. Ou alguma conversa sobre o tempo. Esse é sempre um bom território neutro. Crianças de seis anos respondem a conversa de elevador?*

— Então, sim, este é um bom tempo que estamos tendo, hein? Quente para esta época do ano — Justin tentou.

Noah olhou para ele perplexo.

*Ok, Justin pensou, então isso é um não sobre a conversa sobre o clima, então. Hora de começar a pensar em uma piada.*

Mas seu dilema foi interrompido quando Noah agarrou sua mão desesperadamente e parou de andar.

— Sinto muito — Noah fungou, e quando Justin olhou para ele, ele ficou chocado ao ver as lágrimas escorrendo pelo rosto de Noah.

— Você sente muito? — Justin conseguiu perguntar através de seu choque.

— Você ficou bravo com papai porque eu te deixei bravo — Noah continuou com as lágrimas. — Eu sinto muito por ter te deixado zangado.

— Não, você não me deixou com raiva. Aqui. Vamos nos sentar. — Justin gesticulou para um tronco caído, e os dois se acomodaram nele. — É o seguinte — Justin sinceramente disse ao seu irmão mais novo. — Às vezes os adultos ficam bravos uns com os outros. As crianças também, certo? Você briga com seus amigos às vezes?

Noah assentiu pensativamente e continuou a ouvir.

— Bem, é o mesmo com adultos. Eu estava brigando com seu pai, quero dizer, nosso pai... — Justin respirou fundo. — Eu estava brigando com o papai por causa de coisas que aconteceram há muito tempo, antes mesmo de você nascer. Não foi por sua causa. Você não me deixou com raiva. Você nunca poderia me deixar com raiva.

Noah olhou para o chão.

— Mas eu ouvi você gritando com ele sobre mim.

Justin suspirou.

— Isso é verdade. Parte do motivo de eu estar com raiva do papai tinha a ver com você, mas não porque você me deixou com raiva. Foi porque eu senti que papai não estava sendo justo com você falando de mim o tempo todo. Eu senti que ele estava machucando seus sentimentos ou fazendo você se sentir como se não fosse tão importante para ele quanto eu. E isso não está certo, então isso me deixou louco, e eu gritei com ele. Mas isso não era a coisa certa a fazer. Eu deveria ter falado sobre isso com calma. E eu certamente nunca quis que você ouvisse.

“Você é um ótimo garoto, Noah. E eu te amo. Você é meu irmão. Então, se eu sinto que alguém está te machucando, mesmo que seja papai, isso me deixa realmente muito bravo.”

O rosto de Noah registrou espanto.

— Mas você é o melhor. Você é como um super-herói. Você é o melhor em tudo. É por isso que papai fala de você. Eu sou apenas uma criança normal. Eu sou bom em esportes e coisas assim, mas não como você.

Justin sacudiu a cabeça.

— Isso não é verdade. Você é o garoto mais legal de todos os tempos. Você é tão bom quanto eu, e de muitas maneiras, você é muito melhor.

Noah pareceu incrédulo.

Justin assentiu.

— É sério. Na verdade, só hoje você me ensinou como fazer algo que eu tenho lutado para ser bom em toda a minha vida.

A expressão de Noah passou de incrédula a incrédula.

— Estou falando sério — insistiu Justin. — Eu estava andando aqui com você, tentando descobrir como começar a falar com você, como explicar o que eu estava sentindo e, acima de tudo, como lhe dizer que lamento pela outra noite. Mas eu não conseguia dizer as palavras. Não consegui descobrir o jeito certo de começar. Então você me mostrou como fazer isso.

O rosto de Noah se iluminou.

— Minha professora, a Sra. Rossmore, diz que, se você quiser se desculpar por alguma coisa, você deve apenas dizer à pessoa, porque ela provavelmente sente muito, mas está com vergonha de dizer. Ela disse que você deveria dar uma fruta madura para ela, mas eu acho que você deveria fazer isso mesmo que não tenha uma fruta.

Justin sorriu.

— Ela disse que você deveria ser uma pessoa madura?

Noah assentiu.

— Sim. Isso foi o que ela disse.

O sorriso de Justin cresceu mais.

— Isso não tem a ver com frutas. Isso significa que, por dentro, você é o mais ajuizado. O mais adulto. E, garoto, quando se trata de você e de mim, eu posso ser o irmão mais velho, mas você é definitivamente o mais maduro.

Noah ainda não parecia convencido.

Justin se inclinou.

— Na verdade, eu preciso da sua ajuda com uma coisa. Você acha que consegue me ajudar?

A cabeça de Noah balançou para cima e para baixo quando ele saltou animadamente e, é claro, deu um soco no ar.

— Sim! — ele gritou.



A noite estava terminando. Todos estavam sentados ao redor da sala em grupos de dois ou três, conversando e rindo. Amanda saboreou a sensação tranquila e satisfeita que acompanhava essa parte da noite. Eles jantaram, Amanda abriu os presentes e o bolo foi cortado. Ela sorriu quando a realidade agri-doce foi absorvida, seria perfeito se seu pai pudesse estar ali, mas ela podia senti-lo presente. Sentir seu amor.

Enquanto inspecionava a área, ela viu Justin e Noah do outro lado da sala, olhando para ela e sussurrando conspiratoriamente. Ela vagou com um sorriso.

— O que vocês dois estão planejando sem mim? — Ela sorriu para eles.

— Bem — Justin começou antes de olhar em volta. Ele levantou a voz um pouco. — Se eu pudesse ter a atenção de todos... — Ele chamou, surpreendendo Amanda, que olhou em volta, confusa. Quando o resto da sala ficou quieto e olhando na direção deles, Justin sorriu. — Noah tem algo que gostaria de perguntar a Amanda.

Ela olhou para Noah, agradavelmente esperando, mas ainda um pouco intrigada.

— Sim, amiguinho? — ela perguntou.

Noah respirou fundo e disse em voz forte:

— Você seria minha cunhada?

Amanda sentiu o choque passar por ela quando compreendeu as palavras e se virou para olhar para Justin. Quando ela girou para encará-lo, ela o encontrou de joelhos, segurando um anel para ela. Lágrimas inundaram seus olhos e suas mãos voaram para sua boca para cobrir seu suspiro.

— Amanda — Justin declarou sinceramente. — Eu te amei praticamente por todo o tempo em que te conheço. Você é a mulher mais incrível que eu já conheci. Eu poderia falar sobre o quão bonita você é, mas é algo que qualquer um pode ver apenas te olhando. O que eu quero dizer é como sinto sua falta quando estamos separados por dois minutos. Quando você entra na outra sala, eu começo a contar os segundos até você voltar. Eu quero te dizer como, toda vez que você abre a boca, eu não

posso esperar para ouvir o que você vai dizer em seguida. Quero contar a você como sempre que algo acontece comigo, bom, ruim ou indiferente, a primeira coisa em que penso é que quero, preciso contar para você. As maiores coisas da vida são sem sentido sem você, Amanda. Mas as menores coisas da vida têm um significado infinito com você. Eu te amo, amor. Eu quero estar com você a cada minuto de cada dia pelo resto de nossas vidas. Exatamente dez anos atrás, você foi corajosa o suficiente para se tornar vulnerável a mim, declarando seu amor. Agora, quero fazer o mesmo por você. Amanda Jacobs, você vai me dar a incrível honra de ser minha esposa?



Justin se ajoelhou com a respiração suspensa, esperando por sua resposta. Sua mão tremia quando ela segurou em direção a ele para aceitar o anel, e alívio e alegria inundaram através dele. Quando ele colocou o anel em seu dedo perfeito, ela respondeu:

— Sim. Sim. Oh, meu Deus, sim!

Ele riu como pura alegria inundando através dele. Levantando-se, tomou-a nos braços e eles se beijaram enquanto o resto da sala vibrava e aplaudia. Então ele puxou a cabeça para trás, puxou-a para si e segurou-a o mais apertado que conseguia se lembrar de segurar alguém ou qualquer coisa.

Justin riu de novo e sentiu um brilho quente e pacífico crescendo dentro dele enquanto segurava Amanda e via o brilho alegre nos olhos de seu irmãozinho. Ok, ele pensou consigo mesmo, agora eu entendo. É sobre isso que falam. É por isso que as pessoas trabalham nisso. É isso que faz valer a pena. É isso que está do outro lado.

Era melhor do que ele jamais poderia imaginar.

**Fim**



# Sobre a Autora

Melanie Shawn é a equipe de escritoras da dupla de irmãs Melanie e Shawna. Originalmente do norte da Califórnia, ambas migraram para o sul e agora chamam o Sul da Califórnia de casa.

Ao crescer, Melanie sempre teve a cabeça em um livro e estava sempre trabalhando em contos, manuscritos, peças de teatro e poesia. Depois de se formar magna cum laude pela Pepperdine University, ela passou a dar aulas para crianças de 2 a 8 anos por cinco anos. Ela agora passa seus dias escrevendo e cuidando de seu bebê peludo, um Lhasa Apso chamado Hércules. Em seu tempo livre, sua atividade favorita é se enroscar no sofá com aquela teimosa e engraçada série de TV a cabo em DVD (de preferência pelo menos oito temporadas de duração — uma garota precisa ter seus padrões!). Shawna sempre amou romance em qualquer forma — filme, música ou literatura. Se for uma história de amor com um final feliz, Shawna tem interesse! Ela orgulhosamente reconhece que é uma *romanceaholic*. Seus dias são repletos de escrita, sendo uma esposa, mãe também árbitro de dois adolescentes, e entregando-se à sua segunda paixão (dança!) como instrutora de Zumba. No pouco tempo livre que tem, ela se junta a Melanie em DVDs e assistem a maratonas de seus programas de TV favoritos.

Elas uniram forças para criar um mundo onde Amor verdadeiro e Felizes para sempre têm sempre um toque sexy!

Você pode acompanhar todas as últimas notícias de Melanie Shawn, incluindo novos lançamentos e concursos, em:

<http://melanieshawn.com>





## NOTAS

## Capítulo 2

- 1 Cidade fictícia do livro e filme homônimo em que uma cidade aparece no mundo real uma vez por ano e tem sempre a mesma aparência.
- 2 Personagem certinho do seriado “Saved by the bell”

## Capítulo 4

- 1 Cidade fictícia de um programa de TV sem elementos de cidade grande e maioria branca.

## Capítulo 8

1 Personagem do conto homônimo de Washington Irving que entra em uma floresta, adormece e acorda vinte anos depois, quando retorna para a cidade.

## Capítulo 9

### 1 Tijolo em inglês

## Capítulo 19

1 Uma dessas coisas (Não é igual às outras), música da Vila Sésamo que ressalta, dentro de cada grupo o elemento que não pertence a ele.

UM ROMANCE EM  
HOPE FALLS

02

cherish  
BOOKS

DOCE  
*Harmonia*

autora best-seller do New York Times & USA Today

Melanie Shawn

autora best-seller do New York Times & USA Today  
**Melanie Shawn**

DOCE  
*Harmonia*

UM ROMANCE EM HOPE FALLS 02

*cherish*  
BOOKS



Título Original: Sweet Harmonies  
Copyright © 2013 by Melanie Shawn  
Copyright © 2020 by Cherish Books  
Copyright da tradução © 2020 por Cherish Books Ltda  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob  
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.  
Publicado mediante acordo com a autora.  
Tradução: A.J. Ventura  
Revisão: Evelyn Santana  
Diagramação: AJ Ventura  
Capa: L.K. Design

Shawn, Melanie.

Doce Harmonia / Melanie Shawn; tradução de A.J. Ventura. Rio de Janeiro: Cherish Books,  
2020.

Tradução de: Sweet Harmonies

1. Ficção americana I. Ventura, A.J. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Cherish Books

# SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)  
[Capítulo 2](#)  
[Capítulo 3](#)  
[Capítulo 4](#)  
[Capítulo 5](#)  
[Capítulo 6](#)  
[Capítulo 7](#)  
[Capítulo 8](#)  
[Capítulo 9](#)  
[Capítulo 10](#)  
[Capítulo 11](#)  
[Capítulo 12](#)  
[Capítulo 13](#)  
[Capítulo 14](#)  
[Capítulo 15](#)  
[Capítulo 16](#)  
[Capítulo 17](#)  
[Capítulo 18](#)  
[Capítulo 19](#)  
[Capítulo 20](#)  
[Capítulo 21](#)  
[Capítulo 22](#)  
[Capítulo 23](#)  
[Capítulo 24](#)  
[Capítulo 25](#)  
[Capítulo 26](#)  
[Capítulo 27](#)  
[Capítulo 28](#)  
[Capítulo 29](#)

[Notas](#)

## CAPÍTULO 1



*É* isso — *minha encruzilhada.*

Karina Blackstone sempre viveu sua vida com base em instintos, e agora eles estavam gritando para que ela tomasse a decisão certa. Sua vida poderia seguir um de dois caminhos e, instintivamente, ela sabia que tudo dependia *dessa* conversa. Ela tinha uma chance de felicidade, mas ela poderia significar mandar pelo ralo a carreira que havia trabalhado tanto para construir. Ou ela poderia proteger sua carreira e acabar infeliz.

Depois de soltar o cabelo longo e escuro do rabo de cavalo no alto da cabeça, ela passou as mãos por ele, frustrada. Respirando fundo, deixou que ele caísse sobre seus ombros nus. Inquietude nem começava a descrever o que ela sentia quando se virou para olhar pela grande janela do Sue Ann's Café, em sua pequena cidade natal, Hope Falls, que ficava a cerca de uma hora do Lago Tahoe.

*Respira fundo.*

Esfregando a parte de trás do pescoço, tentou se concentrar na cena pitoresca do outro lado do vidro, absorvendo o que ela transmitia e permitindo que fizesse o que sempre fazia: acalmar seus nervos.

Do lado de fora da janela ficava a Main Street, no Centro. Uma seção pitoresca da cidade caracterizada por calçadas de madeira parecendo um deque e pequenas lojas gerenciadas por famílias locais. Por trás dessa visão imediata, erguiam-se as *Sierra Nevadas*, a majestosa cordilheira que circunda Hope Falls. Pinheiros verdes e pontos de álamos vermelhos e

alaranjados enchiam sua visão, acrescentando vivacidade à paisagem arborizada.

Era a visão favorita de Karina em todo o mundo, e ela tinha como saber. Havia viajado pela maioria dos pontos do globo. Sua carreira como cantora de grande sucesso — ou, mais precisamente, estrela pop — a levava a todos os cantos do mundo. Ela viu o Taj Mahal, a Torre Inclinada de Pisa, Stonehenge, o Grand Canyon, o Coliseu, a Grande Pirâmide de Gizé e tudo isso era de tirar o fôlego. Ela não conseguia contar o número de cidades espetaculares que visitou como Veneza, Roma, Paris, Milão, Tóquio, Amsterdã e Rio de Janeiro. Em todas elas, ela tinha meios de se instalar e se tornar moradora, se quisesse. Mas tudo que as viagens fizeram foi solidificar que, bem ali, naquele pequeno canto do mundo que nutria sua alma quando criança e adolescente, era o lugar que ainda nutria sua alma quando adulta.

Decisão tomada. Não importava o que custasse, Karina sabia que tinha que fazer a coisa certa, o que significava... que ela ia voltar para casa. Ela já tinha dado o primeiro passo e comprado uma casa ali, cujas chaves havia pegado naquela tarde. Este era o segundo passo: convencer seu agente de que ela não tinha enlouquecido.

Logicamente, essa transição parecia bastante direta. Ela queria — não, *precisava* — voltar às raízes de quem era como artista, cavar fundo e produzir músicas que realmente expressassem sua alma.

Para fazer isso, ela precisava voltar ao lugar em que poderia entrar em contato consigo mesma, com a pessoa que era antes de toda a loucura da fama começar. Precisava voltar às *Sierra Nevadas* para se reconectar com a vida simples que a inspirava, apagar todas as luzes brilhantes da cidade e se deleitar com o brilho suave das estrelas nas montanhas. Ela precisava passar um tempo com pessoas que a conheciam como Karina Blackstone, seu nome legítimo, não Karina Black, seu nome artístico caiado de branco, que havia sido designado a ela para sua carreira como uma princesa pop palatável ao rádio. O nome que convenientemente retocava sua identidade como nativa americana. Ela precisava estar com pessoas que a conheciam e a amavam como a amiga inteligente e ultra-leal que era, não com aquelas que a adoravam de longe. Ela precisava voltar para casa.

*Isso é totalmente razoável, ela pensou.*

No entanto, havia uma pessoa que absolutamente, inequivocamente, *não* concordava com ela. Seu agente, Bernie Kaplan, que estava sentado à sua frente na mesa do restaurante de Sue Ann. Karina continuou olhando pela janela, evitando seu olhar.

Não era que ele *parecesse* intimidador. Com quase um metro e oitenta e cinco, ele era muito magro, com mechas de cabelos brancos brotando loucamente em um anel em volta do topo da cabeça careca. Seus olhos redondos e esbugalhados eram ampliados por trás das lentes grandes dos seus óculos de armação grossa. Não, não era a aparência dele que a deixava incomodada, era o fato de Bernie, aos setenta anos de idade, poder se intrometer em seu caminho, e era daí que seu nervosismo se originava.

Bernie tinha sido seu agente nos últimos oito anos, e eles sempre tiveram um ótimo relacionamento de trabalho — até agora. Ela parecia não estar chegando a lugar algum em sua conversa com ele, e uma resolução parecia mais fora de alcance do que um Tiranossauro Rex tentando amarrar seus próprios sapatos.

Afastando o olhar da vista pitoresca, Karina tentou manter o tom uniforme e profissional.

— Acho que expressei isso de todas as maneiras que sei. Eu apenas sinto que preciso fazer isso para voltar ao tipo de música que me representa. Algo mais despojado. Apenas instrumentos, minha voz e músicas que eu escreverei.

— Você já escreve suas músicas! — Bernie protestou, interrompendo-a.

— Bernie... — Ela soltou uma risada frustrada. — Eu não sei se discordo da precisão da palavra “escreve” ou “músicas” nessa frase. Quer dizer, fala sério! Eu invento pequenas frases rimadas e as envolvo com melodias cativantes, mas não é o que eu consideraria uma composição real.

Karina colocou uma das muitas expressões alegres e falsas que aperfeiçoou ao longo dos anos na roda de hamster da mídia, enquanto estalava os dedos e balançava a cabeça, cantando com ênfase extra em cada linha para ilustrar melhor seu argumento.

*“Eu penso com ardor*

*Em você como meu amor*

*O sentimento está certo*

*Quero ter você por perto  
Com um beijo, você poderia me salvar...*”

Bernie parecia confuso.

— Eu não reconheço essa. É sua?

A frustração a inundou, substituindo seu nervosismo.

— Bernie! Acabei de inventar essa porcaria agora. Você tá brincando comigo?

Um sorriso largo cobriu o rosto de Bernie quando ele estendeu as mãos para a frente dele, as palmas para cima.

— O que eu te disse, querida? Você tem um dom! — Ele pegou o iPhone e apertou o botão de gravação. — Cante de novo. Sinto o cheiro de um *single* para entrar nas dez melhores.

Karina tentou não deixar explodir o aborrecimento que estava fervendo dentro dela enquanto dizia categoricamente:

— O fato de você não saber a diferença entre essa idiotice sem sentido e uma das minhas músicas *reais* ilustra perfeitamente o meu argumento.

Agora foi a vez de Bernie olhar pela janela, os ombros caídos em derrota. Karina percebeu que ele estava tão irritado quanto ela, e seu coração se partiu. O relacionamento deles era muito mais do que apenas agente e artista. Bernie era como um pai para Karina. Não que ela soubesse como era realmente, pois nunca conheceu seu próprio pai, e até seu avô faleceu antes de ela nascer.

Mas Bernie cuidava dela. Ele a protegia. Ele a protegia de muitas maneiras da dura realidade daquele negócio. O que em sua mente era o que um “pai” faria. Seu apoio significava muito mais para ela em um nível pessoal do que no profissional.

No primeiro ano em que ela se tornou sua cliente, ele a levou de uma virtual desconhecida a uma megaestrela. E em um feito que foi realmente muito mais impressionante no mundo inconstante da música pop, ele a manteve no topo, passando por todas as tendências da indústria da música. Quando muitos artistas estavam sumindo, se perdendo ou jogando a toalha, Bernie mantinha a carreira de Karina constantemente crescendo e prosperando.

E ela era grata — *realmente* grata —, mas tinha que ser fiel a si mesma agora.

Bernie suspirou profundamente e desviou o olhar para a mesa.

— O que você está falando é a destruição completa da marca que passamos anos construindo, polindo e protegendo. Depois de tudo o que passamos... eu já te guiei errado?

Inclinando-se para o outro lado da mesa, Karina cobriu a mão dele e apertou. Com lágrimas nos olhos, deu o seu melhor para explicar de uma maneira que ele realmente ouviria e esperançosamente entenderia.

— Bernie, veja, isso é uma coisa minha, não tem a ver com você. Você é a razão de eu estar onde estou hoje. Tanto seu intelecto quanto seus instintos são brilhantes, quase de forma assustadora. Não se trata de eu não confiar em você. Tem a ver com eu chegar a um ponto em que não tenho escolha, a não ser seguir meu coração. A persona que você construiu para mim não é ruim. Caberia a muitas pessoas. Mas é tão longe de quem eu realmente sou que me sinto uma versão diluída de mim mesma. Foi isso que minha vida se tornou. Se eu estou com outra pessoa, qualquer outra pessoa, estou ligada. Estou constantemente na personagem Karina Black.

Depois de um suspiro, continuou:

— Se eu continuar nesse caminho de fingir, de ser falsa, literalmente, o tempo *todo*, correrei o risco de perder quem realmente sou. — Fungando quando uma lágrima escorreu por seu rosto, Karina deu de ombros. — Estou com muito medo de que, se não parar agora, posso nunca mais encontrar o caminho de volta para mim. A verdadeira *eu*. Você consegue entender isso?

Bernie balançou a cabeça, sua postura ainda rígida, mas seus olhos estavam amolecendo.

— Não. Para ser sincero, não consigo. Minha especialidade são os negócios. Minhas ferramentas são os números. As emoções nunca foram algo com que consegui lidar. Mas eu te conheço, Bubeleh. E se isso é algo que você precisa fazer, então... eu respeito sua decisão.

Suspirando, trêmula de alívio, Karina sorriu.

— Obrigada, Bernie. Eu realmente preciso fazer isso. Estar aqui agora. Eu preciso estar com minha avó. Eu preciso estar com a tribo. Eu preciso estar com meus amigos. Eu preciso me encontrar novamente.

Bernie assentiu uma vez.

— Bem, então é isso. Eu estou bem. Mas não cometa o erro de pensar que a gravadora vai entender tão gentilmente a sua transformação. Você

está falando de um esforço de reposicionamento de marca completo, total e de cima para baixo...

Interrompendo em um tom encantadoramente brilhante, ela apontou:

— Viu? Você diz reposicionamento de marca, mas eu gosto de pensar nisso como ausência de marca. Quero apenas tirar todos os adornos, e o que restar comigo sou eu.

Sua correção fez Bernie soltar uma risada cínica.

— Pode chamar como quiser, querida. Mas a gravadora investiu milhões de dólares em marketing na criação e manutenção da marca Karina Black, e eles não vão gostar que você queira jogá-la fora como o lixo de ontem.

Karina sentiu seu estômago se contorcer quando ela ajustou os ombros, tentando transmitir mais confiança do que realmente sentia.

— Resumindo, Bernie. O que vai acontecer? Eles não vão lançar os álbuns?

Bernie deu de ombros e respondeu:

— Você terá sorte se eles não te processarem.

O coração de Karina bateu em seu peito quando ela se recostou na cadeira.

— Essa é uma possibilidade séria?

Bernie parou por um momento enquanto pensava em considerar a pergunta.

— Não. Eu não acho que seja. Isso os enquadraria como o grande inimigo mortal, na mente dos seus fãs, o que prejudicaria as vendas do seu catálogo antigo.

Alívio tomou conta dela.

— Ok, bom...

— Não tão rápido, docinho. Não cometa o erro de pensar que eles facilitarão para você também.

— Então você acha que eles vão parar de apoiar meus álbuns? Sem mais turnês, sem mais imprensa?

— Acho que eles engavetarão seus álbuns e se recusarão a lançá-los até que você lhes dê algo de que eles gostem. E quando os custos de produção não forem recuperados pelas vendas do álbum, porque eles demoraram demais a lançar, eles cobrarão de você, o que eles têm o direito de fazer.



— Eles não fariam isso — Karina protestou, incrédula.

— Hum... Se você os irritar o suficiente, eles o farão. Se isso tivesse feito isso seis meses atrás, talvez tivéssemos uma chance de resolver tudo, mas você acabou de assinar seu novo contrato. E acho que, se você seguir em frente e levar adiante essa ideia de não ter marca para os próximos cinco álbuns pelos quais está contratada, é uma boa maneira de queimar sua fortuna. É o que eu penso.

Karina soltou um suspiro de ar, em derrota, enquanto passava os dedos pelos cabelos.

Bernie continuou delicadamente.

— Eu também acho que, se você não estiver sendo paga, então eu não estarei sendo pago. E qual é o sentido disso? Se eu quisesse passar todo o meu tempo com alguém que não quisesse ouvir meus conselhos e estivesse me custando dinheiro, voltaria a morar com minha ex-esposa.

Os olhos de Karina se ergueram.

— Espere. Você está falando...? Você está me largando, Bernie? A primeira vez em oito anos que eu me defendo e você vai esquecer isso?

Bernie começou a juntar os papéis espalhados à sua frente e se levantou, enfiando-os na velha pasta de couro velha e desgastada.

— Bernie? — O pânico aumentou na garganta de Karina. Ela sabia que sua gravadora talvez não apoiasse sua escolha, mas ela nunca pensou que Bernie não a ajudaria.

— Ah, não tire as calças pela cabeça ainda — ele disse, rispidamente.

— Deixe-me falar com a gravadora e obter a opinião deles. Quem sabe? Talvez eles estejam esperando ansiosamente o próximo Joni Mitchell entrar pelas portas deles e você seja a resposta para suas orações. Ligo para você na próxima semana.

Karina sabia que isso era o máximo que ela podia esperar. Ela se levantou e abraçou o agente com força.

— Você é o melhor. Sabe disso, né, Bernie?

— Ha! Se eu fosse o melhor, seria capaz de convencê-la a não cometer suicídio profissional. Acho que não sou o melhor. Mas eu tentarei.

Bernie saiu do restaurante de Sue Ann olhando para baixo enquanto passava pela mesa da avó de Karina, Renata, e uma de suas melhores amigas, Amanda, sentadas por perto para dar apoio moral. Se sua postura

fosse alguma indicação, Bernie era quem estava precisando de um pouco de apoio moral.

Erguendo a mão, ela disse ao seu agente derrotado com uma voz alegre.

— Tchau, Bernie. Falo com você em breve.

Sua única resposta foi um aceno de costas, sem virar a cabeça para olhar para ela.

— Ele me ama. Sou a cliente favorita dele — disse ela em tom de alegria para a avó e Amanda, enquanto as duas se levantavam e faziam uma curta caminhada até ela, onde se sentaram.

Karina olhou do outro lado da mesa para suas *pessoas*. Seu sistema de apoio. Amanda olhava para ela com olhos azuis amplos e inocentes, seus cabelos loiros caindo frouxamente em volta dos ombros. Sua avó estava sentada alta, com sua longa trança de cabelos grisalhos, com uma expressão séria, que Karina sabia que não tinha nada a ver com a reunião que acabara de ter. Sua avó sempre tinha uma expressão severa. Apenas a visão das duas mulheres a fez se sentir mais centralizada e segura.

— Isso não soou muito bem — disse Amanda com simpatia.

Karina deu de ombros.

— Não foi o ideal, mas era muito melhor do que poderia ter sido, porque é o Bernie. Se tivesse sido meu primeiro agente, digamos que palavrões teriam sido ditos e ameaças teriam sido feitas, e sangue poderia ter sido derramado. — Karina também manteve um relacionamento com seu primeiro agente, que terminou mal quando decidiu trabalhar com Bernie, o que Amanda sabia, mas sua avó não precisava tomar conhecimento.

Respirando fundo, Karina explicou:

— Bernie pode não entender por que estou fazendo o que estou fazendo, mas ele ainda me apoia, à sua maneira.

Os lábios de Renata se apertaram.

— Ele precisa saber o quão importante sua comunidade é para você. Está na hora, Karina. Hora de você estar em *casa* e se estabelecer com um bom garoto da tribo.

— Uau. Rebobine — disse Karina, girando rapidamente os dedos em sua direção para ilustrar o conceito. — Eu disse que queria voltar para

minhas raízes, sim. Mas acho que a parte do “bom garoto” foi uma edição criativa da sua parte.

— Vamos ver — respondeu Renata, imperturbável.

— Preciso me concentrar na minha música agora, vó — disse Karina pragmaticamente. — Eu não tenho espaço no meu coração, ou na minha agenda, para qualquer tipo de envolvimento romântico.

— Eu acho que é bom que a reunião tenha terminado com um tom positivo! — Amanda interveio.

Karina sabia que devia ter sido uma tentativa de recolocar a conversa no caminho certo, antes que esse tópico frequentemente discutido entre avó e neta pudesse se transformar em uma longa e desgastada discussão sobre Karina se estabelecer.

— Eu também acho — Karina concordou. — Ele vai tentar convencer a gravadora. O quão bem-sucedido será é um mistério. Mas, como Bernie apontou corretamente, ele não ganha dinheiro a menos que eu ganhe dinheiro. Então eu sei que ele tentará.

— Café fresco chegando! — Sue Ann Perkins, gerente e proprietária do Sue Ann's Café, apressou-se até a mesa com uma jarra de café, enchendo suas canecas.

Sue Ann era uma personagem de longa data em Hope Falls. Era uma mulher alegre, com cabelos grisalhos e óculos delicados, que usava em uma corrente em volta do pescoço. Desde que Karina se lembrava, ela sempre usava uma variação de uma saia floral / camisa de botão / conjunto de cardigã combinando. E ela nunca deixava de cumprimentar os clientes de seu restaurante como se fossem amigos há muito perdidos, mesmo que tivessem ido lá momentos antes. Ela era uma das muitas, muitas coisas que faziam Karina sentir que Hope Falls não era apenas sua cidade natal. Era sua casa.

Todas se cumprimentaram e, depois de colocar açúcar no café que acabara de ser servido, Renata perguntou:

— Ouvi dizer que seu neto está na cidade para uma visita para lhe dar uma ajuda muito merecida. Fico feliz em ouvir isso. Você trabalha demais.

Sue Ann sorriu.

— Sim, ele está! Ele chegou ontem. Deixe-me chamá-lo aqui. Eu adoraria apresentar vocês. — Virando-se para a cozinha, ela berrou: —

Ryan, querido, você pode vir aqui um minuto? Há algumas mulheres que eu gostaria que você conhecesse.

Era exatamente sobre isso que Karina estava falando. Vida em cidade pequena. Netos aparecendo para ajudar suas avós no verão.

— É ótimo que seu neto tenha vindo ajudá-la — Karina lembrou quando soube que o filho de Sue Ann havia se mudado para Montana para trabalhar na fazenda da família de sua esposa. Na semana passada, ela a ouviu contar para algumas crianças do ensino fundamental, que estavam no balcão, que seu neto trabalhava em uma fazenda, com o rosto todo iluminado quando falou sobre ele. — Será que os pais dele o deixaram voar sozinho?

— Ryan, aqui! — Sue Ann acenou alegremente.

Ela ergueu os olhos para ver o *garoto* e ficou sem fôlego ao olhar para o belo espécime masculino que acabara de sair da cozinha pelas portas duplas.

A câmera lenta fora algo que Karina via no cinema e na televisão como um efeito especial, mas nunca pensou que pudesse acontecer na vida real. Ela estava errada.

Ele se aproximou delas com um ar de confiança casual. Ele era alto e bronzeado, com cabelos loiros dourados e olhos macios, profundos e castanhos. Seus ombros eram largos e seus braços estavam esculpidos com músculos que fizeram o coração de Karina pular tantas batidas que ela ficou preocupada que pudesse sofrer uma parada cardíaca. Enquanto seus olhos continuavam avaliando, ela engoliu um grande nó na garganta. O ajuste do jeans dele indicava que seus braços não eram as únicas coisas nele que eram bem proporcionadas e perfeitamente modeladas.

Este homem parecia um deus grego em botas de caubói.

*Oh, meu Deus...* Aparentemente, ver um deus grego em botas de caubói fazia surgir a debutante sulista interior de Karina. Era tudo o que ela podia fazer para não se abanar de modo expansivo ou acabar desmaiando.

O que poderia ter acontecido, se não fosse a sensação de respiração que cobriu sua orelha quando Amanda sussurrou:

— Ei, Kar, você devia levantar sua mandíbula do chão antes que ele chegue aqui.

Os ouvidos de Karina estavam zumbindo quase tanto quanto o resto do corpo, então ela mal registrou as palavras da amiga.

— Minha mandíbula? — Karina levou a mão ao rosto, confusa. Quando ela a tocou, as nuvens de luxúria que estavam embaçando seu cérebro se dissiparam e ela percebeu a que Amanda estava se referindo.

Ela não tinha certeza do que estava acontecendo ali. Estava doente? Teve um derrame? Luxúria podia causar derrames?

Antes que pudesse responder a qualquer uma das muitas perguntas que voavam em seu cérebro como pássaros em um filme de Alfred Hitchcock, o deus grego em botas de caubói, que parecia um modelo de cuecas Calvin Klein, chegou à mesa.

Sue Ann irradiava orgulho.

— Gostaria de apresentar a vocês Ryan Perkins, o filho de Grant, meu filho. Ele ficará por aqui por um tempo. Ele veio de Montana para me ajudar, e eu não poderia estar mais agradecida por isso.

A boca de Ryan se levantou e revelou os dentes mais retos e brancos que Karina já tinha visto. Ele passou o braço em volta de sua avó, dando-lhe um pequeno aperto.

— Estou feliz por estar aqui, vovó.

Outra onda de tontura atingiu Karina quando seus lábios se ergueram em um sorriso que parecia pertencer a um comercial de creme dental e a covinha mais adorável surgiu em sua bochecha direita. Na verdade, ela teve que conscientemente impedir que o braço se levantasse por vontade própria, para poder passar os dedos sobre ela.

Sue Ann continuou, com orgulho:

— Ryan, esta é a Sra. Blackstone e sua neta, Karina. E essa é Amanda Jacobs.

Cada uma das mulheres, por sua vez, apertou a mão de Ryan. Quando a vez de Karina se aproximou e ela antecipou a sensação do toque de Ryan, seu coração bateu mais rápido e suas bochechas coraram.

Sua mão tremia um pouco quando ela a estendeu.

Quando a pele da palma da mão de Ryan entrou em contato com a sua, ela sentiu a forte pressão dos dedos dele no pulso, o que enviou um choque elétrico ao seu braço. O choque físico fez com que ela o olhasse surpresa, e percebeu que ele parecia tão surpreso quanto ela.

Honestamente, parecia que ela estava vivendo uma cena em uma comédia romântica.

Seus olhos se encontraram, e seu sorriso provocou a aparição da covinha com força total. Era um sorriso tão grande, brilhante e sexy que ela teve um sobressalto. Desta vez, porém, estava em um lugar que não era nem de longe tão inocente quanto seu braço.

Ryan lentamente puxou a mão para trás, arrastando os dedos ao longo do interior de seu pulso e palma, nunca diminuindo a potência em seu sorriso ou desfazendo o contato visual. Ao sentir os dedos dele se movendo sobre sua pele, ela respirou fundo. Ela não pretendia, mas não conseguiu evitar.

— Ryan — perguntou Amanda —, você visitou sua avó em Hope Falls em um verão tipo... uau, sei lá quinze anos atrás?

Em um canto distante de seu cérebro, ela ouvia Amanda falando, mas não tinha ideia do que sua amiga estava dizendo.

Ryan piscou e balançou a cabeça um pouco antes de voltar sua atenção para Amanda. Parecia um dos momentos em que Karina e suas amigas prendiam a respiração debaixo d'água e depois finalmente respiravam. Colocando a mão no peito, Karina olhou para a mesa e inspirou profundamente, tentando acalmar o coração acelerado.

— Sim, eu visitei. Nossa. Ótima memória.

Amanda bateu na mesa.

— Sim, eu sabia! Eu sabia que você parecia familiar. Karina, Ryan esteve aqui naquele verão que você foi para o acampamento de música. Eu acho que vocês nunca se conheceram.

— Não nos conhecemos — disse Ryan, com uma certeza que provocou um arrepio na espinha de Karina.

Sentindo o calor de seu olhar, Karina olhou para ele. Mesmo sabendo que ele estava olhando para ela, isso não fez nada para diluir o poder do momento.

Sua voz ficou mais profunda quando ele disse:

— Confie em mim. Eu teria lembrado disso.

Renata pigarreou.

— Bem, não teria importado. Minha neta levava a música tão a sério na época, quanto leva agora. Não havia tempo para jovens rapazes.

As palavras de sua avó foram como água fria sendo salpicada em seu rosto. Elas a tiraram do feitiço induzido pela luxúria em que ela havia caído. Seus olhos dispararam para os da avó com seu olhar mais incógnito de eu-não-acredito-no-que-você-acabou-de-dizer.

— Você não estava expressando esse sentimento momentos atrás? — Renata respondeu placidamente.

*Sério?!*

Karina estava se lembrando de que sua avó era mais velha e tentando encontrar uma maneira respeitosa de calá-la. No entanto, antes que ela pudesse falar, ouviu o tom estridente de Amanda e sabia que sua amiga estava intervindo sem sequer ouvir as palavras que dizia.

— Ryan, você está ocupado amanhã? Meu noivo, Justin, eu e nossos amigos Sam e Lauren vamos ajudar Kar a se mudar para a nova casa. Adoráramos ter um par de mãos extra. Pizza e cerveja por nossa conta.

Ryan sorriu largamente, nunca tirando os olhos de Karina. Embora ela não tenha apreciado a imitação de Cupido de Amanda, ela se viu prendendo a respiração enquanto esperava ouvir a resposta dele.

— Certo. Eu adoraria — ele disse com um tom inconfundivelmente sexy em sua voz.

Bem ... pelo menos ela pensava que era inconfundivelmente sexy.

— Ótimo! Vamos buscá-lo às sete da manhã — disse Amanda com um pouco de entusiasmo demais para o gosto de Karina.

Sue Ann, no entanto, parecia estar entendendo tudo. Ela estava radiante, claramente feliz com essa reviravolta antes de seu rosto se iluminar ainda mais quando puxou o braço de Ryan, excitada, logo depois que a campainha sobre a porta do café tocou.

— Olha, elas estão aqui.

Todos se viraram e Karina viu a Sra. Maguire, a Sra. Kavanagh e a Sra. Lindon indo na direção deles.

Sue Ann apresentou as mulheres a Ryan antes de explicar:

— Essas são as mulheres que eu lhe contei do meu clube de bridge, Ryan. Lembre-se, você *prometeu* que tocaria para elas.

— Prazer em conhecê-las. — Ryan sorriu para cada uma delas.

— Então, por que você não pega seu violão? — Sue Ann solicitou, seu tom uma mistura perfeita de comando e alegria. E embora tenha sido

formulado como uma pergunta, na verdade era mais uma ordem que uma solicitação.

— Agora?

Karina viu os ombros de Ryan ficarem tensos e seus olhos se arregalarem um pouco.

— Não, amanhã, quando elas voltarem para casa. Sim, agora! Você prometeu. — A alegria agora se inclinava muito mais para o lado da pressão.

— Pensei que quisesse dizer quando fosse jogar cartas... ou algo assim... não aqui... não agora.

Embora o tom de Ryan fosse completamente respeitoso, ficou claro que ele não estava entusiasmado com essa mudança de rumo.

Talvez Karina devesse se sentir mal por ele estar sendo obviamente colocado sob os holofotes, mas honestamente ela estava animada demais para ouvi-lo tocar. Também (bônus!) era bom vê-lo meio desequilibrado, pois vê-lo a deixava tão desequilibrada quanto um elefante e um gatinho em uma gangorra.

Sue Ann ignorou o flagrante desconforto de Ryan ou simplesmente não se importou, porque ela estava entusiasmada com suas parceiras de bridge e também com Karina, Amanda e Renata.

— Ele toca violão e escreve as músicas mais lindas. E a voz dele, ah, vocês têm que ouvir. Ele tem uma voz de anjo.

— Ah, acho que é uma ótima ideia. — A empolgação de Amanda transbordou quando ela se virou para Karina. — Adoraria ouvir você tocar e tenho certeza de que Karina também adoraria.

Ela podia sentir os olhos de Ryan fixos nela e, por algum motivo — ela não tinha certeza de como explicar —, sabia que sua resposta significava algo para ele. E isso a fazia sentir-se em exibição. Exposta. Vulnerável.

Karina respirou fundo, na tentativa de se acalmar e se distrair de seu poderoso desejo de que o mundo se abrisse e a engolisse. Todos esses eram novos sentimentos para ela. Ela estava acostumada a estar completamente no controle de situações como essa. Na sua experiência, as pessoas ficavam perturbadas quando a conheciam, e não o contrário.

Era uma inversão desconfortável.

Em uma tentativa de enfrentar as coisas de frente, que era como ela normalmente lidava com as coisas em sua vida, tanto profissional quanto



pessoalmente, e sair dessa roda gigante em que tinha tudo girando para fora do seu controle, ela ergueu os olhos para os de Ryan, literalmente. Olhou de frente para ele.

Grande. Erro. No segundo em que seus olhos se encontraram, formigamentos espalharam-se do topo da cabeça até a ponta dos dedos dos pés, e sua respiração começou a sair em espasmos.

Karina abriu a boca para tentar formar algum tipo de resposta inteligente. Algo que mostraria a esse homem lindo que mulher inteligente e espirituosa ela era. Para aliviar a tensão na sala e fazer todo mundo rir.

— Hum... sim... — foi tudo o que ela conseguiu dizer.

Para sua surpresa, parecia ter funcionado. Aparentemente, o fato de ela ter tentado mergulhar graciosamente nas águas lisas do oceano de emoções frias e, em vez disso, ter dado uma barrigada lamentável, não incomodou nem um pouco Ryan. Um sorriso lento se espalhou por seu rosto e enviou um arrepio pelo corpo dela.

— Ok — sua voz profunda retumbou antes que ele se virasse e seguisse em direção ao corredor dos fundos.

Karina não parava de encarar seu corpo e como se movia ao se retirar.

Amanda se inclinou, a diversão em sua voz claramente evidente.

— Você odeia vê-lo partir, mas adora vê-lo partir.

Quando ele desapareceu ao virar da esquina, Karina tornou-se consciente de seu entorno imediatamente. Perguntas giraram em sua cabeça como um tornado.

Puxando o braço de Amanda em sua direção, em uma tentativa desesperada de uma tábua de salvação na confusão em que estava se afogando, ela sussurrou intensamente:

— Que diabos foi isso? Eu não posso... eu não... eu nunca... quem sou eu? Os alienígenas acabaram de invadir e eu fui arrebatada? Amanda, o que está acontecendo comigo?

Os olhos de Amanda dançaram divertidos enquanto ela tentava reprimir uma risadinha, antes de responder em uma risada sussurrada:

— Ah, seu corpo foi arrebatado, sim. Por um pequeno alienígena chamado paixão. Isso acontece com todos nós. *Ótimo*.

A declaração de sua amiga não era exatamente o salva-vidas que Karina estava procurando.

Ela praticamente podia ouvir o *glug, glug, glug* enquanto tentava respirar.

Recostando-se na cadeira, ela notou a avó dando às meninas uma expressão que já recebera mais vezes do que Karina poderia contar enquanto crescia. Uma careta de desaprovação.

No passado, Karina nunca acreditou ter merecido aquela expressão específica, mas hoje sentia que sua avó estava mais do que certa na avaliação de seu comportamento. Karina não poderia estar menos entusiasmada com o modo como ela mesma estava agindo.

Respirando fundo, colocou as mãos na superfície plana da mesa. A cada segundo que passava, se sentia mais como ela mesma. Balançando a cabeça lentamente, falou baixinho, para que apenas Amanda pudesse ouvir:

— Eu acho que foi uma loucura temporária. Veja. Estou bem. Eu posso falar, até terminar uma frase. Eu estou bem. Eu estou no controle. Estou bem.

O sorriso permanente que Amanda estava usando se espalhou ainda mais no rosto quando ela respondeu:

— Claro que sim.

No momento em que Karina estava prestes a fazer um comentário sarcástico sobre a dúvida de Amanda sobre seu estado mental, Ryan entrou pelas portas da cozinha, carregando seu violão. Ele foi até o banquinho que Sue Ann havia preparado para ele e todos os pensamentos sobre convencer sua amiga de que estava *bem* evaporaram como gelo seco em uma sauna.

Todo o oxigênio na sala parecia ter sumido e foi substituído pelo ar denso e eletricidade, e o mundo inteiro de Karina se resumiu a uma coisa. Ryan Perkins no palco. Em um movimento rápido, ele colocou a correia no pescoço e equilibrou o corpo do violão no joelho. Então ele respirou fundo e fechou os olhos quando começou a dedilhar e mexer nas cordas.

Karina reconheceu instantaneamente o olhar em seu rosto. Ela frequentemente usava essa mesma expressão. Era o olhar de alguém se deixando levar pela música.

Ele abriu a boca e começou a cantar. Sua voz era linda, rica e texturizada, e ele a usava com habilidade, explorando todas as camadas e nuances à sua disposição. Sedosa em um minuto, grave no seguinte, subindo em um falsete que levou Karina para outro mundo.

Sue Ann estava certa. Ryan cantava como um anjo. Um anjo que inspirava todos os tipos de pensamentos pecaminosos em Karina.

A sala ao seu redor desapareceu. Ela fechou os olhos quando a voz dele a inundou, quente, aveludada, poderosa, como se uma substância física a estivesse cercando e permeando sua alma.

Karina sentiu gotas quentes espirrando em seu antebraço. Até aquele momento, ela não estava ciente de que duas grandes lágrimas rolaram por suas bochechas. Ela sentiu Amanda estender a mão e apertar a sua em apoio.

Abrindo os olhos, ela admitiu para a amiga com relutância.

— Talvez eu não esteja assim tão bem.



## CAPÍTULO 2



Karina vagou pelos cômodos da sua nova casa, tentando digerir os eventos do dia. Talvez devesse estar na cama, mas não conseguia dormir. Ela se sentiu virada de cabeça para baixo. Pessoalmente, profissionalmente, enfim. Todos os aspectos de sua vida que poderiam ter sido virados de cabeça para baixo foram movidos exatamente dessa forma, naquele dia.

Ela não tinha voltado para Hope Falls para simplificar sua vida? Esse não era o plano? O objetivo dela não era remover as distrações da vida em LA e na estrada?

No entanto, no primeiro dia, não apenas entrou em uma batalha profissional, mas também conheceu um homem. E não apenas qualquer homem. Um homem que a fazia questionar sua própria sanidade.

Karina nunca tinha sentido isso antes. Ela sentiu desejo por homens antes. Ela sentiu carinho. Talvez até amor...?

Sim, ela decidiu. Ela *amara* dois homens da maneira que era capaz de amar, da melhor maneira que sabia. Não era sobre o que ela escrevia músicas, ou as pessoas escreviam sonetos e faziam filmes bregas, mas era sua melhor versão do amor.

Mas ela nunca — *nunca* — se sentiu fora de controle da maneira como se sentira no Sue Ann's Café antes. A cabeça dela girava como se ela tivesse ingerido algum alucinógeno. Seu coração batia como se estivesse prestes a sair do peito. Sua respiração se acelerou incontrolavelmente. E a

pior parte, a parte que ela absolutamente não conseguia entender, por mais que tentasse, era que ela havia ficado sem palavras.

Ela.

Sem palavras.

Balançou a cabeça em uma tentativa vã de limpá-la, de tentar entender tudo isso enquanto caminhava sem rumo pela casa recém-adquirida.

Claro, ela tinha enfrentado sua parcela de problemas ao longo da vida quando se tratava de conversar, mas cada um deles resultou em não ser capaz de manter a boca fechada quando deveria ficar em silêncio — *nunca* por ser incapaz de se fazer falar.

Esta tarde foi a primeira vez que ela lembrou, a primeira vez em todos os dias em que habitara este planeta, que ela realmente queria, precisava, dizer algo, mas as palavras simplesmente não saíam.

E a coisa frustrante sobre essa anomalia foi que ela aconteceu na frente do único homem que ela realmente teve o desejo de impressionar.

*Pense numa ironia!*

Desde que ela conseguia se lembrar, os homens haviam tropeçado em seus pés, tentando impressioná-la, e não o contrário. E apesar de gostar da atenção, ela poderia facilmente viver sem ela. Felizmente. Ela nunca foi dessas garotas que precisam de afirmação ou mesmo carinho de um homem para se sentirem inteiras.

Tudo o que ela precisava para se sentir completa era um violão nos braços ou teclas de marfim sob as pontas dos dedos. Ela estava tão concentrada em sua música e em sua carreira, que seus relacionamentos pessoais eram uma coisa paralela, um divertimento, e ela nunca havia dedicado muita paixão ou pensamento a eles.

Mas no restaurante? Com Ryan? Aquela tinha sido uma situação totalmente diferente.

Naquela tarde, os papéis estavam invertidos. E ela não gostou nem um pouco.

Ou... talvez ela tivesse amado. Ela não conseguia decidir.

Ela arrastou as pontas dos dedos pelas paredes, desejando que a sensação tátil a trouxesse de volta à Terra.

Entrando na sala, ela respirou fundo, se recompondo. Os tetos abobadados estavam bem acima dela, dando ao espaço uma sensação

cavernosa, semelhante a um anfiteatro. Ela atravessou lentamente a grande sala e foi até a extensão de vidro que compunha a parede externa.

A vista deste refúgio no topo da montanha era de tirar o fôlego. Dali de cima, ela podia ver todas as luzes de Hope Falls no vale abaixo. A cidade parecia em miniatura, mas ela conseguia distinguir facilmente o centro da cidade, incluindo o café de Sue Ann, o centro de recreação e o colégio onde estudara no ensino médio. Ela desejou ter a capacidade de mapear sua paisagem interna de maneira tão precisa quanto fazia com o lado de fora da janela pela qual estava olhando agora.

Seu único consolo era que ela tinha um tempo sozinha para entender isso. Isso era o que ela nunca conseguia quando vivia a agitação de sua vida de pop-star. As pessoas pensavam que era tão fascinante, que ela estava constantemente cercada por lacaios pulando para obedecer suas ordens. Não muito. Ela tinha uma comitiva? Sim. Mas, na maioria das vezes, Karina sentia que — entre suas relações públicas, seu agente e até seu estilista — ela trabalhava para *elas* mais do que o contrário.

Ela estava acordada às quatro ou cinco da manhã para fazer entrevistas por satélite ou telefone e, em seguida, era um dia sem parar de fazer o que lhe era dito até pelo menos meia-noite. Nesse ponto, ela dormia por quatro ou cinco horas antes que tudo recomeçasse. A assistente dela lhe diria para onde ir. Seu agente lhe diria o que fazer. Seu representante de RP lhe diria o que dizer. O nutricionista lhe diria o que comer. Sua gravadora lhe diria o que cantar. Ela tinha certeza de que, em breve, haveria alguém na equipe para lhe dizer o que pensar.

Foi por isso que ela precisou pular fora da esteira da fama.

Claro, ela tinha dinheiro, fãs e sucesso profissional. A única coisa que ela nunca foi capaz de obter foi um tempo longo e ininterrupto sozinha para ser feliz. Pelo menos agora ela tinha alguma solidão, para lidar com o caos pessoal acontecendo dentro dela.

Assim que esse pensamento passou por sua mente, Karina se assustou com uma batida forte na porta, sua ressonância ecoando pelo espaço vazio.

Quando ela correu para a porta da frente, seu primeiro pensamento foi que deveria haver algum tipo de emergência para alguém aparecer sem aviso prévio e depois bater na porta com tanta força, a essa hora da noite, ou ela imaginava que já fosse manhã. Ela olhou pelo olho mágico e viu

Sam, uma das melhores amigas dela e de Amanda, e seu coração se apoderou.

*Ah, não!* Será que aconteceu alguma coisa com Amanda ou Lauren?

Karina abriu a porta em pânico, temendo o pior.

No entanto, Sam virou o rosto brilhante para Karina e gritou:

— Ei! — Antes de passar por ela e se dirigir à sala de estar.

Karina a seguiu, perplexa, seu coração ainda batendo acelerado em ansiedade.

— O que está acontecendo? O que há de errado? — ela respirou.

Sam ainda estava andando para a frente, admirando o ambiente ao redor.

— Oooh, parece tão estranho e assustador no escuro com apenas as velas. Você liga a energia amanhã?

Karina balançou a cabeça e esfregou a testa, tentando entender o que estava acontecendo.

— Hum... sim, eu acho. Amanhã ou hoje mais tarde. Lauren está cuidando disso. Sammy, o que você está fazendo aqui? Algo está errado?

Sam balançou a cabeça, seus olhos brilhando.

— Não. Só que ouvi de Amanda que você conheceu um cara hoje e você estava completamente... diferente. Eu tive que saber os detalhes por mim mesma. Quem é esse homem de aço que pode destruir as estrelas celestes?

A mão de Karina voou para o peito quando ela soltou um suspiro de alívio.

— Ah, isso. Ok. Eu pensei que algo terrível tinha acontecido. Sei que sua etiqueta social pode estar enferrujada, já que você esteve submersa na Terra do Nunca do treinamento olímpico todos esses anos, mas para referência futura, aparecer na casa de alguém sem aviso é o equivalente a uma chamada telefônica às três horas. Geralmente significa desastre, acidente de carro, morte ou alguém no hospital.

Sam acenou, deixando isso de lado.

— Ah, por favor. Não é como se eu não tivesse vivido no mundo. Eu sei disso. Mas eu acabei de falar com Amanda e mal podia esperar até de manhã para conseguir a informação. E como você é péssima com seu telefone celular, combinado com o fato de eu morar do outro lado da rua e saber que você é a própria Rainha Noturna, pensei... Por que não arriscar?

— Ótimo — Karina disse categoricamente.

Sam colocou as mãos nos quadris.

— Ah, vamos lá, você sabe que quer falar sobre tudo o que aconteceu esta tarde.

O rosto de Karina se suavizou, um ombro amigo não seria tão ruim.

— Ah, tudo bem. Pedi comida chinesa, que provavelmente já está fria, mas você é bem-vinda. Eu também tenho vinho. — Ela afundou graciosamente no chão, sentada de pernas cruzadas na frente das caixas de comida chinesa, abrindo-as uma a uma.

Sam sentou-se na frente dela, dizendo:

— Não, nada de macarrão para mim, estou treinando, mas vou tomar um pouco de vinho.

Levantando uma sobrancelha, Karina esclareceu:

— Macarrão é uma porcaria para o seu treinamento, mas você pode ficar bêbada?

Sam deu de ombros.

— O vinho não é exatamente um shake de proteína, mas você deve se perguntar:

como vale mais a pena roubar no treinamento? *Foo yung frio*? Não muito. Taça de vinho? Sim, por favor!

Karina serviu vinho na taça de Sam primeiro e depois na sua. Ela tomou um gole e se deleitou com o calor que se espalhava por seus ombros e costas. Pegou a caixa de frango xadrez e colocou um dos pedaços doces e crocantes em sua boca. Mesmo frio, não era tão ruim.

Um sorriso surgiu em seus lábios. Sentada em sua própria casa em Hope Falls, bebendo vinho, comendo o que gostava, cercada por velas e amizade, ela se sentia mais em casa do que em qualquer outro lugar em anos. Convencia-a, mais do que qualquer outra coisa, que sua decisão de deixar a vida que vivera nos últimos dez anos e voltar para casa era a decisão certa.

Depois havia Ryan Perkins... Ele estaria na lista dos prós ou dos contras de voltar para lá?

Karina respirou fundo.

— Ok, então eu conheci esse cara hoje.

— Eu sei! — Sam explodiu. Então começou a contar as coisas com os dedos. — O nome dele é Ryan. Ele é neto de Sue Ann. Ele está aqui



ajudando-a com o café. Ele é alto. Loiro. Sexy. Canta e toca violão como um sonho. Eeeeeee, aparentemente, ele reduziu você a uma pilha chorosa de mingau com apenas um aperto de mão.

Karina riu.

— Eu preciso estar aqui para esta conversa?

Sam franziu o rosto da maneira mais adorável, como costumava fazer quando eram crianças.

— Desculpe. Acho que me empolguei um pouco. Estou tão animada por você. Conte-me tudo. Eu não vou interromper. Prometo.

Deitando-se de costas, Karina olhou para o teto enquanto suspirava.

— Ok, eu admito que foi um pouco emocionante sentir aquela... aquela coisa avassaladora que eles falam nos filmes. Eu não vou tão longe a ponto de dizer que realmente gostei de me sentir fora de controle, mas é como se houvesse essa pequena parte de mim que realmente gostaria de se sentir fora de controle. Isso faz sentido?

Sam combinou o suspiro de Karina com o seu, embora o dela estivesse cheio de tristeza.

— Não, não faz sentido. Estou morrendo de vontade de conhecer alguém que me faça perder o controle dos meus sentidos.

Karina riu com vontade.

— Ah, certo, Miss Competitiva. Você diz isso agora, mas vamos ver qual é a história dez minutos depois de conhecer alguém que faz você esquecer quem é. Tenho a sensação de que não será uma imagem bonita.

— Verdade. É possível que eu esteja romantizando — Sam admitiu. — Talvez o sentimento real seja mais assustador do que eu imagino. Mas, para ser justa, provavelmente é mais emocionante do que eu imagino que seja também.

Karina ficou quieta por um momento antes de finalmente responder baixinho:

— *Sim. Definitivamente é.*



## CAPÍTULO 3



*A*s manhãs e Ryan Perkins não se davam bem.

Tendo crescido em uma fazenda, Ryan precisou acordar e fazer as tarefas antes do amanhecer desde que podia se lembrar. Ser uma coruja noturna por dentro significava que todas as manhãs eram uma luta colossal para conseguir acordar e sair da cama. Todos os dias, quando o despertador tocava antes do amanhecer, ele se arrastava da cama e entrava no banheiro, sentindo como se blocos de cimento estivessem amarrados aos seus membros.

Naquela manhã, ele não teve esse problema. Na verdade, ele saiu da cama quinze minutos antes que o alarme disparasse. Sem olhos turvos. Sem membros pesados. Ele se sentia como o coelho do comercial de pilhas quando foi tomar banho. O fato de que podia roubar mais quinze minutos preciosos de sono? Nem ocorreu a ele.

Sentindo-se bem acordado, Ryan girou o registro do chuveiro até que a temperatura estivesse bem alta. Algumas pessoas usavam água fria para acordar. Ryan era o oposto. Chuveiros quentes eram sua única salvação pela manhã. O calor pulsante da forte corrente de água batendo em seus músculos, respirar o vapor o fazia se sentir vivo.

Naquela manhã, o calor e o vapor derreteram com seus pensamentos sobre Karina. Isso quase o deixou tonto.

Droga. Ele não conseguia parar de pensar nela. Aquele cabelo preto comprido e brilhante. Aquele pele macia de caramelo. Aqueles olhos brilhantes e escuros. Ele não achava que alguma vez tivesse posto os olhos

em uma mulher tão deslumbrante quanto ela. Não na vida real. Nem mesmo no cinema.

Durante toda a noite, ele se virou de um lado para o outro com imagens dela se revezando em sua cabeça. Havia algo tão especial nela. Uma confiança. Ou talvez fosse a postura. Mesmo depois de quase doze horas, Ryan não conseguia identificar o que era.

Inclinando a cabeça para trás para enxaguar o xampu, lembrou-se de que eles mal haviam dito duas palavras um para o outro. Ele estava dizendo isso a si mesmo desde que saiu da lanchonete, mas isso não o impedia de sentir que eles tinham uma conexão. E não apenas física, mesmo que, se ele fechasse os olhos, ainda pudesse sentir a pele macia e sedosa sob seu toque. Mas era mais do que isso. Quando os olhos deles se encontraram, ele sentiu que não apenas ela podia ver sua alma, mas ele também via a dela.

Depois que terminou o banho, se secou e, por algum motivo, uma filosofia que seu avô sempre pregou para ele lhe ocorreu.

*“Quem já fez uma caminhada cansativa por uma encosta íngreme dirá que certamente não é um passeio no parque, mas quando você chega ao topo dessa montanha e aproveita a vista deslumbrante que ganhou, percebe que as pessoas míopes que seguiram o caminho fácil não sabem o que estão perdendo e nunca conseguirão experimentar esse momento no topo da montanha.”*

Desde a primeira vez que ouviu isso, Ryan queria que sua vida fosse preenchida com momentos no topo das montanhas. Ele não se contentaria com nada menos. Não se importava com o quanto tivesse que trabalhar. Qualquer coisa espetacular na vida teria que ser conquistada.

Era estranho, ele sabia, mas Karina o lembrava dessa história. Ela era definitivamente uma mulher que representava o topo de uma montanha. Era especial. Não havia dúvida de que muito trabalho seria necessário para conhecê-la, para ver se a conexão que ele sentia era algo real, se valeria a pena.

Depois de se vestir, Ryan trancou a porta do apartamento e desceu as escadas para o café, onde encontrou sua avó andando pela cozinha, servindo café em xícaras e montando caixas de café da manhã.

— Vovó, deixe-me ajudar com isso — disse ele, com preocupação na voz.

— Ah, bobagem. — Ela o afastou. — Você precisa economizar sua energia para todo o trabalho pesado que fará hoje.

— Tenho certeza de que vou ficar bem. — Ele sorriu enquanto se movia ao lado dela, formando uma linha de montagem dupla, entrando rapidamente em sincronia. — Mas falando em trabalho pesado — ele começou. — Você tem certeza de que posso te deixar aqui hoje sozinha? Eu vim aqui para ajudar a administrar o restaurante. E agora, vou sair e te deixar sozinha no sábado, um dos dias mais movimentados da semana. Não tenho tanta certeza de que seja uma boa ideia.

— Não seja bobo — garantiu Sue Ann. — Você terá tempo de sobra para me ajudar, além de eu ter três ajudantes hoje. E depois, eu realmente preciso da sua ajuda com a papelada e os sistemas, não preciso de você atendendo mesas ou recebendo pedidos.

— Tudo bem, mas prometa que me ligará se as coisas ficarem muito agitadas.

— Absolutamente — respondeu Sue Ann com convicção. — Mas não se preocupe comigo. Vá e divirta-se.

Ele riu.

— Bem, vou mover móveis e caixas. Eu não sei quão divertido isso vai ser.

Ela o olhou maliciosamente.

— Ah, acho que existem pessoas que consideram um dia de trabalho ao lado da muito atraente Miss Karina mais divertido do que o que geralmente fazem por diversão.

Ele balançou a cabeça com um pequeno sorriso.

— Acho que você está vendo o que deseja ver.

— Ah, seja sincero, Ryan. Podemos não nos ver muito desde que você era criança, mas isso não significa que eu ainda te ache uma criança. E eu não sou cega. Vi como estava andando ontem, orgulhoso como um pavão toda vez que os olhos dela estavam em você. Não ache que eu não percebi esse entusiasmo em seu rosto quando ela disse que queria te ouvir tocar. — Ela terminou com uma risada.

— Não sei do que você está falando. — Ele amava sua avó, mas ela tinha uma tendência de transformar as coisas em mais do que eram. Não era isso que ele queria que acontecesse com Karina.

— Não seria fácil encontrar alguém melhor — ela argumentou. — Ela é uma garota bonita, e vocês têm a música em comum.

— Bem, considerando o fato de ela ter imitado o papa-léguas direitinho ao sair daqui depois que eu toquei ontem, acho que ela pode não ser uma fã.

Não que Ryan realmente se importasse se ela gostava da música dele ou não. Era algo que ele sempre fazia para si mesmo. Se as pessoas gostassem, ótimo. Se não, nada de mais.

— Oh, querido, vamos lá — protestou Sue Ann. — Suas músicas são tão bonitas. Tenho certeza de que ela as amou.

Ryan riu.

— Você é minha avó. Você tem que dizer isso.

— Não sou obrigada, não. Confie em mim. Se fossem uma porcaria, eu diria a verdade.

— Sim — ele concordou, balançando a cabeça. — Bom argumento. Você diria.

— E sinto que ela também — continuou Sue Ann, confiante. — Ela é uma garota direta. Então, eu não me incomodaria muito com o fato de que ela saiu logo após suas músicas. Se ela não gostasse, não iria simplesmente se esquivar. Renata sempre fala sobre como a neta está ocupada. Ela provavelmente tinha um lugar para estar. Isso é tudo. Ela não é o tipo de pessoa que teria medo de lhe dar uma opinião honesta.

— Sempre gostei de saber onde estou com as pessoas.

Sue Ann riu.

— Você saberá onde está com Karina. Não se preocupe!

Ryan gostava quando as pessoas eram honestas e francas, mas estava começando a parecer que era mais do que isso.

— Então, o que há de errado? Ela é má ou algo assim?

Ela balançou a cabeça, fazendo com que seus cachos cinza e ondulados saltassem.

— Oh, não, definitivamente não. Ela não é má. Ela apenas dirá exatamente o que pensa.

*Bom. Ryan sorriu para si mesmo. Porque eu adoraria saber exatamente o que ela pensa.*



## CAPÍTULO 4



*K*arina e Sam pararam em frente à casa de Amanda e saíram do Range Rover de Karina antes de caminharem em direção à porta da frente.

— Isso é tão emocionante! — Sam disse cantando. — Não acredito que vamos te ajudar a mudar para sua nova casa hoje, e você está se mudando para o outro lado da rua, e eu vou encontrar Ryan hoje. Melhor. Dia. Da. História.

Karina não compartilhou o entusiasmo de sua amiga.

— Ainda não entendo por que tivemos que ir até a casa da Amanda apenas para voltarmos juntos para minha casa. E é cedo demais para estar tão alegre — ela resmungou.

— Amanda queria que todos fôssemos juntos na van. Além disso, é muito mais divertido assim. E eu amo essa hora da manhã — Sam borbulhou. — Você acorda cedo todos os dias também. Imaginei que gostasse tanto quanto eu!

Karina bufou.

— Levanto cedo por necessidade, não porque gosto. Eu acho que não é natural gostar de acordar tão cedo.

Elas alcançaram a porta de Amanda, tocaram a campainha e esperaram que alguém atendesse — o que era uma mudança de seu hábito bem estabelecido de bater e entrar —, desde que Justin havia se mudado, elas tinham visto mais do que pretendiam. Mais de uma vez.

— Não é natural. Se você é um... vampiro — disse Sam e olhou para Karina com expectativa.

Sam havia recentemente tentado aprimorar seu manejo social, tentando fazer piadas regularmente nas conversas com as amigas. Ela sentia que seu senso de humor havia sido reprimido ao passar cada segundo de cada dia concentrada em seu treinamento.

— É muito cedo para a aula de comédia — declarou Karina, sem rodeios.

— Bem. Então você recebe a minha resposta chata e simples, que é: se não é natural gostar de acordar tão cedo, acho que não sou natural, porque adoro — disse Sam, sem diminuir sua alegria em nada.

— Ah, não — Karina gemeu. — Por favor, diga-me que não será assim o dia todo.

Naquele momento, Amanda abriu a porta e gritou:

— Vocês estão aqui! Excelente. Entrem. Estão todas de olhos brilhantes e cabelos escovados nesta linda manhã de dia de mudança? Ou devo dizer “Dia de Ryan”?

— Oh, meu Deus — disse Karina, continuando seu gemido. — Vai ser mesmo *assim* o dia todo.

Karina ficou aliviada quando a menos efusiva das Quatro Fabulosas — um apelido que eles tinham desde a escola primária —, Lauren, entrou na sala com naturalidade.

— Assim como? — ela perguntou secamente. Então ela acrescentou: — Estamos prontas para seguir em frente?

— Eu já te disse ultimamente o quanto eu te amo, Lauren? — Karina brincou. Ela sabia que, se pudesse contar com alguém para ser sensata, seria Lauren, que era completamente prática.

— Ah, por favor, ela quer conhecê-lo tanto quanto nós. — Amanda apontou acusadoramente para Lauren.

— Quem? Ryan? — Lauren esclareceu. — Mal posso esperar para conhecer esse cara. No entanto, os caminhões estarão em sua casa em menos de uma hora, por isso devemos nos apressar. Assim que eles começarem a descarregar... — Ela olhou diretamente nos olhos de Karina, sorrindo como quem guarda um segredo. — ... definitivamente haverá um quiz sobre o Ryan. Acredite.



O noivo de Amanda, Justin, estava descendo as escadas quando Lauren terminou esta última observação e começou a rir.

— Uau. Elas começaram a te pressionar mais cedo do que eu esperava.

Os olhos de Karina se voltaram para Amanda, que obviamente havia dito a Justin sobre o que havia acontecido no almoço ontem.

— Realmente, ninguém tem mais nada sobre o que falar em suas vidas?

— Não — responderam os outros em uníssono.

Karina balançou a cabeça e suspirou.

— Vocês estão fazendo disso um assunto muito maior do que realmente é.

Amanda zombou.

— Umm... não, nós não somos assim. Você, Karina Blackstone, que nunca perdeu a cabeça por causa de um cara, nem mesmo uma vez, estava completa e totalmente apaixonada desde o primeiro instante em que Ryan Perkins saiu da cozinha ontem na Sue Ann. Foi diferente de tudo que eu já vi antes.

Karina se resignou com o fato de que essa história seria contada, porque Lauren e Sam estavam claramente focadas em cada palavra que saía da boca de Amanda.

Melhor apenas se render agora.

— Tudo bem — ela suspirou. — Conte a história. Mas você pode pelo menos contar no carro, por favor? Porque Lauren está certa. Nós temos muito o que fazer.

Amanda a ignorou completamente quando começou sua história com uma voz dramática.

— Então lá estávamos nós, sentadas à nossa mesa, cuidando de nossas próprias vidas. De repente, Sue Ann chama seu neto para vir nos encontrar. Ele saiu por trás e foi como... se o céu tivesse se aberto. Como se raios de luz celestial estivessem brilhando sobre sua cabeça dourada.

— Ah, por favor — disse Karina, mas Sam e Lauren a calaram.

Amanda continuou.

— Karina ofegou.

— Ok. Eu não ofeguei. Agora você está inventando coisas.

— Ah, você ofegou — Amanda assegurou. — Quero dizer, não era como se Freddy Krueger estivesse prestes a nos matar ou algo assim, mas

houve uma ingestão curta e definitiva de ar. Agora fique quieta. Esta é a *minha* história.

— Como é a *sua* história? É sobre mim! — Karina protestou incrédula.

— Exatamente. Você é o assunto da *minha* história. — O tom de Amanda implicava que ela estava dizendo o óbvio.

As mãos de Karina voaram no ar.

— Ah, qual é!

Lauren estendeu a mão e, sem sequer um olhar em sua direção, colocou a mão sobre a boca de Karina.

— Então, de qualquer maneira — Amanda continuou, destemida —, Ryan sai, Karina está ofegando, eu praticamente posso ouvir seu coração batendo no peito, e todo o sangue foi drenado de seu rosto. Ele vem até nós, aperta a mão de Renata e aperta a minha. Então ele se vira para Karina e, eu juro, é como se algum tipo de holofote estivesse brilhando em seu rosto. Eu nunca soube o que a frase “seu rosto se iluminou” significava até que eu vi isso. Era como uma luz literal e física brilhando do rosto dele para Karina. E Karina, ela estende a mão para apertar a dele, e está tremendo como uma folha. Juro por Deus, apenas pairando no ar, tremendo. Então ele pega a mão dela com muita delicadeza, como se fosse levá-la à boca e beijá-la. E Karina, a Rainha Empoderada das Respostas Espirituosas, não consegue dizer nada! Ficou apenas aquele silêncio longo e pesado enquanto eles se entreolharam. Foi estranho até que finalmente comecei a falar para preenchê-lo.

Amanda respirou, algo que ela não tinha feito em um longo período, e continuou.

— E então, esta é a melhor parte, pessoal, quando ele cantou... — Ela fez uma pausa para um efeito dramático e juntou as mãos na frente do coração para mostrar o quão emocionante fora o momento que ela estava prestes a relatar. — Karina chorou.

As mandíbulas de Lauren e Sam caíram.

— Karina chorou ?! — Sam exclamou. — Você não me contou essa parte. Nossa Karina realmente derramou lágrimas?

— E seu coração cresceu três tamanhos naquele dia<sup>1</sup> — Lauren entoou secamente.

O resto do grupo riu.

— Devo admitir que isso muda as coisas — acrescentou Lauren.

Com isso, Karina tirou a mão de Lauren da boca.

— Isso não muda nada. A música dele foi... — Ela tentou colocar em palavras, mas não conseguiu, então afirmou o óbvio. — Eu sou um ser humano. Eu tenho sentimentos.

— Suspeitamos disso o tempo todo — disse Lauren. — Agora, acabamos de ver evidências reais do fato.

— Bem — disse Sam, empolgada —, acho que a única coisa que resta a fazer é conhecer esse cara incrível que de alguma forma foi capaz de revelar o lado mole e sensível de Karina.



— Eles chegaram! — Sue Ann exclamou, pulando alegremente. Ela entregou-lhe a caixa contendo as caixas de sanduíches do café da manhã e colocou os suportes de papelão com as xícaras de café por cima.

Ryan levantou-se da mesa onde estava esperando e olhou pela grande vitrine da frente do café no momento em que uma van branca de passageiros apareceu. No lado, havia um logotipo verde-escuro composto por uma figura oval circundando um pinheiro e as palavras *Mountain Ridge Outdoor Adventures* inscritas no topo.

— Tudo bem, Ryan — ela disse antes de beijá-lo na bochecha. — Tem creme e açúcar no fundo da caixa. Eu acho que é isso. Divirta-se com seus amigos — ela terminou, dando um tapinha nas costas dele e mandando-o porta afora.

Ryan sentiu-se nitidamente como uma criança sendo enviada para o acampamento de verão, e esse sentimento não foi atenuado quando as portas laterais da van de passageiros se abriram e ele teve que subir desajeitadamente no banco de trás, como uma criança subindo em um ônibus escolar cheio de coisas. O sentimento foi ainda mais solidificado

quando ele olhou pela janela enquanto a van se afastava e viu sua avó parada na calçada, acenando para o veículo que estava recuando.

*Obrigado, vovó.*

Depois de dizer um *oi* coletivo, ele se acomodou no assento vazio e solitário da van, que, por acaso, ficava atrás, bem ao lado de Karina.

*Ótimo.*

Ryan sorriu quando se virou para ela. Olhar nos olhos dela novamente causou a mesma sensação que ele sentiu no dia anterior, quando se conheceram. Conexão. Seu sorriso se espalhou ainda mais e seu tom ficou baixo e íntimo quando ele disse:

— Bom dia, Karina.

Seus lábios se separaram, mas nada saiu. Ela rapidamente fechou a boca. Um rubor começou a subir por suas bochechas, e ela abriu a boca mais uma vez, mas, novamente, nenhum som escapou.

Ele estava prestes a perguntar se ela estava bem quando ouviu seu nome.

— Ei, Ryan — Amanda, que estava sentada no banco do passageiro da frente chamou, preencheu o silêncio. — Estamos tão felizes que você pôde nos ajudar com a mudança de Karina hoje.

— Sem problemas. Fico feliz em ajudar — Ryan respondeu honestamente.

— Fantástico! Deixe-me apresentá-lo a todos. — Seu rosto se iluminou quando ela olhou para o homem de cabelos castanhos ao lado dela, dirigindo a van. — Este é meu noivo, Justin.

Justin olhou no espelho retrovisor para Ryan e deu um pequeno aceno de cabeça.

— E aí, cara? Prazer em conhecê-lo — ele disse.

Outra mulher loira, alta e muito séria, especialmente a esta hora e para esta tarefa, virou-se para Ryan.

— Eu sou Lauren — ela disse, estendendo a mão graciosamente sobre o assento para apertar a dele.

— Prazer em conhecê-la — disse ele, devolvendo a saudação.

— E eu sou Sam — disse uma mulher fofa, parecendo uma fada, de cabelos ruivos sentada no banco do meio com Lauren. — Então você conhece todo mundo!

— Oi, Sam. — Ryan sorriu para a garota amigável. — Ei, se alguém estiver com fome, minha avó mandou alguns sanduíches e café.

Amanda se virou.

— Pensei ter sentido o cheiro de algo delicioso. Passe eles pra cá.

Nos próximos momentos, eles distribuíram a comida e o café e começaram a comer.

— Senhor! — Sam gemeu. — Ela me fez um saudável sanduíche de proteína para o café da manhã. Por favor, agradeça a ela por isso. Foi tão gentil da parte dela.

— E foi tão gentil da parte dela não fazer isso para o resto de nós — Justin interrompeu. — Definitivamente, agradeça a ela por *isso*.

— Ryan, se você quiser passar a caixa pra cá, podemos usá-la como lixeira — instruiu Lauren.

— Lauren é a organizadora, apenas para que você saiba — disse Sam a Ryan. — Ela e a prancheta estão determinando o horário hoje.

— É bom saber — disse Ryan. Enquanto a van subia mais e mais alto nas montanhas acima de Hope Falls, ele olhou maravilhado para a paisagem. — Eu nem percebi que havia casas tão longe.

Lauren voltou-se para ele.

— Na verdade, estou no setor imobiliário e ajudei Karina a encontrar esta casa. Apenas recentemente voltei para a área também, por isso fiz muita pesquisa no MLS. Fiquei surpresa ao descobrir que existem algumas casas incríveis aqui nas colinas e montanhas que cercam a cidade. A maioria delas são casas de férias, no entanto, e não pertencem a moradores locais. É provavelmente por isso que as pessoas que vivem em Hope Falls naturalmente não as consideram parte da cidade.

Sam disse:

— Conte a ele sobre sua casa, Karina.

Ryan percebeu que Karina ficou tensa ao lado dele. Quando ele olhou, ela estava olhando para a amiga por uma fração de segundo antes de se virar para ele e respirar fundo.

— Lauren encontrou a melhor casa pra mim. Tem uma vista incrível, mas o que realmente me conquistou foi esse incrível estúdio de última geração. Era de propriedade de um produtor de música country que pensava que faria de Hope Falls uma Nashville, na costa oeste. O que infelizmente não aconteceu, mas funcionou bem para mim.

Ryan observou o rosto dela se transformar enquanto ela falava sobre o estúdio, e era como se todo mundo na van — todo mundo no mundo — tivesse desaparecido e fossem apenas os dois em uma pequena bolha, com um mundo completamente para si.

— Mal posso esperar para conferir — disse ele, enquanto seu coração batia forte no peito.

Os lábios carnudos de Karina se abriram em um sorriso, e uma poderosa onda de desejo o inundou.

— Ok, crianças. Deem um tempo. Chegamos — anunciou Amanda quando a van entrou na entrada de uma espetacular estrutura de pau-brasil e vidro.

Quando o motor desligou e todos soltaram os cintos de segurança, Justin disse a Amanda:

— Nada disso, senhorita. Você espera aí mesmo. — E rápido como um flash, ele tirou o próprio cinto de segurança, saiu da van, correu para o outro lado e abriu a porta de Amanda, estendendo a mão para ajudá-la a descer.

Amanda riu.

— Meu herói. — Ela fingiu desmaiar, apertando as mãos na frente dela.

— O Cavalheirismo não está morto.

Quando ela colocou a mão na de Justin, ele a surpreendeu agarrando-a pela cintura, puxando-a para fora do assento e girando-a nos braços. Amanda gritou e riu até que Justin a colocou no chão e a puxou para um beijo que poderia facilmente rivalizar com Leo e Rose na proa do Titanic.

— Bem... — Ryan riu, virando-se para Karina. — Se esse é o prêmio por ser cavalheiro por aqui, acho melhor ajudá-lo.

Karina piscou.

— Ei, jogue suas cartas direito... — ela provocou.

Agarrando a porta, saiu à frente das três damas e ajudou cada uma a sair da van. Karina foi a última, e quando ela desceu, ele sacudiu as sobancelhas para ela, o que teve o efeito desejado de fazê-la rir. Não era como se ele nunca tivesse ouvido uma garota rir antes. Mas havia algo diferente na risada de Karina. Era melódico, como o tilintar de teclas de piano, como pássaros cantando à luz da manhã. Ryan tinha a sensação de que o resto de sua vida seria medido não em semanas, meses ou anos, mas

nos intervalos entre os momentos em que ouviria aquela risada intoxicante.

— Ok! — chamou Lauren, olhando para os papéis presos à sua prancheta. — Vamos nos reunir, pessoal. Temos muito o que revisar e estamos atrasados.

— Pronto, capitão. — Karina levantou a mão e saudou a amiga.

Lauren ignorou o gesto de provocação.

— Primeiro, aqui estão os mapas do interior da casa. Cada cômodo está marcado pela cor. Cada caixa e peça de mobiliário deve ter uma cor correspondente. Quando entrarmos, também colocarei placas em todas as salas que correspondem ao sistema codificado por cores, para que fique claro. A equipe de mudança estará lidando com os móveis, obviamente. Eu vou dirigir esse processo. Todos vocês podem começar pelas caixas, que estão no segundo caminhão. As mais leves devem estar no topo. Eu devo terminar de direcionar a equipe quando chegarmos às caixas pesadas, o que pode exigir mais de um par de mãos por caixa. Isto é tudo. Alguma pergunta?

Ryan se inclinou para Karina e falou baixinho:

— Uau. Ela é realmente organizada.

Karina sorriu.

— Não é? Monica de *Friends* é bagunceira perto dela. Lauren é a pessoa mais organizada e no controle das coisas que eu já conheci.

Sam, levantando a mão,, perguntou com inocência falsa:

— Então, basicamente, nós trazemos as caixas e as colocamos onde elas precisam estar?

A expressão de Lauren não mudou enquanto ela respondia:

— Praticamente.

Sam franziu o rosto e acenou com a cabeça.

— Acho que podemos lidar com isso.

Lauren pressionou.

— Bom. Vamos seguir em frente para que todos vocês possam começar a se familiarizar com a planta.

Ryan seguiu o grupo quando eles entraram na casa. Quando passou da entrada, ele parou. Ela se abria para um grande vestíbulo, de um lado havia uma sala de estar cavernosa, com tetos abobadados e uma parede de vidro com três andares de altura. Enquanto se moviam pelo espaço, a vista

panorâmica das montanhas ondulantes de pinheiros verdes, com bosques de álamos amarelo e vermelho-alaranjado aqui e ali, chamou sua atenção. Toda a cidade de Hope Falls era visível no vale abaixo, parecendo um curioso modelo de trem em miniatura, montado a partir desta altura e distância. Completando a cena de tirar o fôlego, estavam os brilhantes pontos azuis de rios, riachos e lagoas que pontilhavam a paisagem.

Ryan ficou momentaneamente sem palavras pelo puro poder da beleza que estavam testemunhando. Era o tipo de visão com a qual você nunca poderia realmente se acostumar. Você podia vê-la cem vezes por dia durante cinquenta anos, mas toda vez que entrava na sala, uma pequena parte de você fica tão emocionada com a visão quanto estava quando a viu pela primeira vez.

Quando todos começaram a se dispersar, olhando seus mapas e checando a casa, ele e Karina foram deixados sozinhos.

— Esta casa é incrível! — ele disse, com admiração na voz.

Karina parecia envergonhada.

— Sim, acho que não sou mais uma artista morta de fome.

— Ah, você é artista?

Ela inclinou a cabeça para o lado, um olhar confuso cruzando seu rosto. Era como se ela estivesse tentando descobrir se ele estava brincando ou não. Ele realmente não seguia o mundo da arte; por tudo o que sabia, ela poderia ser aclamada como o próximo Picasso.

Finalmente, ela falou devagar.

— Hum... sim, eu sou...

A conversa foi interrompida pelo estrondo de duas grandes vans em movimento parando do lado de fora, um som que atraiu o resto da multidão de volta para a entrada.

Depois disso, as coisas mudaram rapidamente. Ryan teve que admitir que, quando imaginou esse dia em sua mente enquanto tentava e não conseguia dormir na noite anterior, certamente não previra viagens intermináveis, com suor e quentura, através da enorme metragem quadrada da casa de Karina, carregando caixas contendo o que pareciam ser incontáveis posses.

Não, suas visões foram semelhantes às de montagens de filmes de comédia romântica. Fazendo viagens entre um caminhão e uma pequena cabana de estilo bangalô, rindo, flertando e brincando com Karina.



*Doce. Simples. Sutil.*

A realidade era drasticamente diferente do que ele havia imaginado. De fato, agora que ele viu a mansão deslumbrante para a qual Karina estava se mudando, ele estava começando a vê-la sob uma luz diferente e mais refinada. Pequenas coisas, como a graciosa curva de seu pescoço de cisne, sua graça natural, sua postura. Tudo isso indicava alguém com sofisticação.

Ao puxar mais uma caixa de uma das três grandes vans móveis com controle climático, Ryan percebeu que, quando se mudou para a Califórnia, ele empacotou todos os seus pertences em duas malas. E tudo consistia principalmente de roupas. O que eles poderiam ter em comum? Talvez ele estivesse louco por pensar que poderia haver algo entre eles.

Enquanto ele descia a rampa de aço para levar uma caixa marcada como laranja para a sala laranja, Karina saiu pelas portas duplas da frente e o sol atingiu seus brilhantes cabelos negros. Quando o olhar dela pousou nele, um choque de consciência o atingiu como um raio.

Mesmo a alguns metros de distância, ele podia ver um rubor subir pelas bochechas cor de mel, e Ryan sabia que ela também sentia isso.

Então havia isso. Eles tinham *isso* em comum.



## CAPÍTULO 5



*K*arina não sentia que esse dia emocionante estava sendo tudo que ela esperava que fosse.

Claro, suas coisas estavam sendo transferidas para a sua casa. Isso era importante? Sim. Alguns podem até dizer que era o objetivo de uma mudança. Ela estava plenamente consciente de que estava sendo petulante.

Mas no fundo de sua mente, ela esperava, *realmente* esperava, que o “dia de mudança” acabasse com ela e Ryan entrando furtivamente nos cantos da casa, roubando momentos, provocando e flertando e... Ela deixou sua mente vagar a partir daí.

O dia certamente começou com promessas. Ela estava recebendo vibrações específicas de Ryan na van. Elas a deixaram momentaneamente sem palavras? Sim. Mas esse não era o ponto. O ponto era que ela começara a sentir suas esperanças e desejos quanto ao dia se tornarem mais fortes e mais reais à medida que a viagem até a casa progredia.

Mas desde que chegaram em casa, ele deixou de enviar as vibrações de flerte explícito. Era mais como se eles estivessem em um time. Um pequeno grupo de dois trabalhando juntos. Ela havia flertado o suficiente para saber que esse era um dos níveis de bom flerte, no entanto. O estilo “sexy e sedutor” de flertar envelhece se for a única arma. Os melhores flertadores variam seu jogo com muitas formas diferentes de aproximação. Das poucas experiências que ela tivera com Ryan, ficou claro que ele era versado em muitas abordagens, e ela estava ansiosa por provar todas elas.

Infelizmente, desde que começaram a mudança, trazendo caixas para a casa, houve muito poucas tentativas de aproximação. Ele não fez nada além de trazer caixas para a dentro todo esse tempo.

Claro, quando eles passavam um pelo outro nos corredores ou fora do caminhão, ele dava um sorriso de derreter calcinha ou um olhar igualmente chocante. Algumas vezes, ela podia jurar que ele até flexionava seus músculos consideráveis — e perfeitamente formados — apenas para seu benefício. Ou pelo menos era o que ela estava dizendo a si mesma.

Mas, no geral, ele estava apenas pegando caixas e as carregando para dentro de casa.

Por mais que ela apreciasse o trabalho duro dele, o que era verdade, ela decidiu que talvez precisasse influenciar negativamente na ética de trabalho insana dele e ver se poderia distraí-lo. Só um pouco.

Ela sorriu enquanto ideias para tentá-lo esvoaçavam em sua mente enquanto se inclinava e olhava os cabelos no espelho lateral da van em movimento. Não estava tão ruim. Ela nunca fora de falsa modéstia, concluiu mentalmente.

*Mesmo suada e empoeirada, eu ainda estou bem.*

Então, encostada no caminhão, tentando parecer natural, esperou até Ryan voltar.

Certificando-se de que seu sorriso continha um brilho extra, ela inclinou a cabeça.

— Ei, Ryan. Você poderia me ajudar com uma coisa?

Ele sorriu de volta brilhantemente, e ela teve o desejo mais insano de olhar de soslaio contra o brilho de mil watts de seu sorriso perfeito, o que obviamente foi acompanhado por seu parceiro sexy — a covinha deliciosa.

— Claro — ele respondeu. — O que você precisar.

Nossa. Ela definitivamente podia pensar em algumas coisas de que precisava vindas dele.

— Ótimo! Eu queria montar meu estúdio o mais rápido possível, e é um trabalho para duas pessoas. Importa-se de me ajudar com isso?

O rosto dele se iluminou.

— Não, eu não me importo! Eu adoraria dar uma olhada no seu equipamento.

Houve um silêncio constrangedor, e então os dois começaram a rir.

Balançando a cabeça, Ryan disse:

— Eu realmente não quis dizer isso do jeito que soou.

— Não se preocupe — ela brincou. — Você pode conferir meu equipamento a qualquer momento.

O deslize, fosse freudiano ou não, parecia ser apenas o quebra-gelo que Karina estava esperando, e ela se viu um pouco menos paralisada pela tensão que sentia em sua presença. Ela ainda sentia um frio na barriga enquanto o guiava pela casa em direção ao estúdio, mas ela estava começando a gostar do sentimento que não experimentava desde criança e ela, Amanda, Lauren e Sam iam até o Pico do Homem Morto e olhavam para baixo.

Andando pelo corredor, Ryan balançou a cabeça levemente.

— Eu sempre quis ter meu próprio estúdio. Nunca conheci alguém que tivesse um. Tenho que admitir que nunca pensei que, quando isso acontecesse, seria em Hope Falls.

— Oh, eu sei. — Karina sorriu. — Acho que nunca conheci mais ninguém em Hope Falls que teria se importado. Mas, sem querer que isso soe arrogante, acredito que sua avó não lhe disse que eu morava aqui, certo?

Um meio sorriso puxou seus lábios.

— Ela mencionou que havia uma garota muito bonita que amava música, mas eu não levei a sério. Para minha avó, alguém que ouve rádio “ama música”.

Ela deu um sorriso sedutor.

— Parece que ela me subestimou.

Quando o meio sorriso dele se abriu, a força de sua sensualidade quase a derrubou.

— Você está certa. Chamar você de “muito bonita” não lhe faz justiça.

Suas pernas tremiam quando dobraram a última esquina e entraram no estúdio. Seu coração batia tão forte no peito que ela pensou que poderia realmente ter asas e corria o risco de voar para longe. Ela estava acostumada a ouvir elogios, mas o jeito que Ryan acabara de dizer essas palavras a fazia sentir diferente.

Respirando trêmula, ela estendeu os braços como as dançarinas da TV apresentando produtos:

— Bem, aqui está. Obviamente, está uma bagunça agora. Na verdade, tudo ainda está em caixas. Mas é isso.

— É incrível — Ryan disse enquanto examinava a mesa de som e o vidro que dividia a pequena área de gravação. Então, virando-se para ela, ele perguntou: — Por onde você quer começar?

*Umm... com seus lábios nos meus.*

Sacudindo essa imagem, os olhos de Karina vasculharam a pilha intimidadora de caixas e ela deu de ombros.

— Eu acho... escolha uma caixa.

— Parece bom. — Ele sorriu quando se abaixou para abrir a caixa imediatamente à sua esquerda.

Ele começou a tirar fotografias grandes e emolduradas de Karina e encostá-las na parede. Havia várias fotos de suas inúmeras turnês e aparições em premiações. Na que ele atualmente segurava em suas mãos, de uma aparição no VMA há alguns anos, ela estava vestida da cabeça aos pés em couro preto justo, até suas botas de cano alto. Ela amava essa porque não sabia exatamente onde terminavam suas madeixas negras e o couro escuro começava.

Ela se sentiu um pouco nostálgica quando ele continuou tirando fotos emolduradas da caixa. Em outro visual icônico, este de sua turnê futurista há três anos, ela estava revestida com um tecido elástico, luminescente e prateado. Seu cabelo estava preso em um penteado complicado, entrelaçado com fios prateados, e seu rosto estava coberto de maquiagem em todos os tons metálicos imagináveis.

Em mais uma foto, essa de uma performance no Hollywood Bowl, ela usava um vestido incrustado de joias com um decote em coração e uma saia que ia até o chão, cada centímetro coberto de diamantes de verdade. Ela lembrou que havia sido assegurado em mais de dez milhões de dólares. Ela também lembrou que o vestido elaborado era pesado pra cacete.

A foto estava nitidamente focada nela em primeiro plano, o fundo ligeiramente embaçado e desbotado, embora ainda se pudesse ver a seção de cordas da orquestra que a acompanhava no palco.

Ela adorava aquela foto em particular porque a capturou no topo de uma nota muito alta. Seu rosto estava virado para cima, os braços estendidos para os lados e o rosto era a coisa mais próxima que ela já vira

de uma expressão arrebatadora. Em sua mente, ela intitulou a foto “*This is Music*”.

Entre as lembranças estavam alguns pôsteres emoldurados de turnês ou aparições especiais que ela havia feito e fotos dela com alguns de seus ídolos.

Quando Ryan desempacotou cerca de vinte pôsteres e fotos, ele riu.

— Uau. Você tem uma coleção completa!

Karina riu também, envergonhada.

— Ah, eu sei — ela disse, acenando com a mão para desviar a atenção.

— É absolutamente ridículo. Eu preciso me livrar de muitas dessas coisas. Pensei em leiloá-las para caridade, mas você sabe. É como... o que você guarda, do que se livra? Era demais para pensar. Eu não sei.

— Para caridade? Sério? — ele disse, parecendo impressionado.

— Bem — ela disse, sentindo uma pontada de defesa —, quero dizer, eu provavelmente teria que autografar muito disso ou algo assim...

Antes, ele perguntou se ela era uma artista, e agora, isso? Ela não queria ser paranoica, mas as duas reações pareciam estranhas. Talvez fosse apenas o senso de humor dele.

— Olha — ela falou mais alto enquanto a adrenalina corria através dela. — Eu vou te dar o benefício da dúvida e supor que você está brincando, e eu sou a primeira a admitir que a música que eu lancei até agora pode não ser brilhante. Pode não ser profunda ou impregnada de significado artístico. Mas eu realmente tenho uma base de fãs. Uma base de fãs incrivelmente leal. Eles pagariam por lembranças, especialmente se fosse para caridade.

Ryan apenas olhou para ela. Ele não disse uma palavra. Ele ficou parado, imóvel, olhando para ela, a boca aberta, os olhos arregalados, parecendo estupefato. Ela franziu a testa.

Certo, ela sabia que não tinha sido agressiva o suficiente para causar tanto choque.

Ryan apertou os olhos, olhando para ela... firme. Ele estava rapidamente examinando o rosto dela como se estivesse fazendo um inventário facial. Sob o calor de seu intenso escrutínio, seu rosto ficou vermelho.

— O que foi? — ela perguntou, tocando seus cabelos, nariz, boca. — Eu tenho sujeira no rosto todo ou algo assim?

— Puta merda — Ryan respirou. — Você é Karina Black.

— Eu... sei — ela disse, sem muita certeza de aonde ele estava indo.

— Quer dizer... você é Karina Black de *verdade* — ele continuou como se isso esclarecesse as coisas.

— Eu sei — Karina concordou cautelosamente, sem ter ideia de aonde ele estava indo com isso.

— Eu não... — Ele balançou a cabeça, seu rosto bonito envolto em descrença. — Eu não sabia. Eu não percebi. Ninguém me disse.

Ela inclinou a cabeça para o lado, intrigada.

— Como assim, ninguém te disse? Eu te conheci ontem. Você esteve na minha casa, fazendo a mudança o dia todo.

Ele assentiu devagar, os olhos ainda arregalados.

Continuando, ela levantou as mãos, palmas para cima.

— Quer dizer, não é como se eu usasse um disfarce. Não como Lady Gaga. Eu não estava fazendo a Hannah Montana. Sou só eu.

— Eu sei! — A voz de Ryan subiu e ecoou no pequeno espaço, e seu peito estava subindo e descendo à medida que suas respirações se tornavam mais rasas. Karina não pôde deixar de notar como o tecido macio de sua camiseta de algodão se esticava contra seu peito esculpido. — Isso tudo parece muito óbvio agora.

Então ele olhou para as fotos enquanto continuava, falando mais consigo mesmo do que com ela enquanto soltava uma risada dolorida.

— O nome deveria ter me avisado. Karina não é um nome comum. Em minha defesa, a partir do segundo em que pus os olhos em você, tudo o que eu conseguia pensar era... você é tão bonita... tudo o que eu pensava era... — Sua voz sumiu. — Ah... merda... — ele disse em um tom calmo, a cor sendo levemente drenada de sua face. Estendendo a mão, ele passou os dedos pelos cabelos. — Não acredito que toquei na sua frente. Você deve ter pensado que eu fui muito corajoso por tocar na sua frente como se não fosse grande coisa. O fato é que, para mim, não era grande coisa. Eu não sabia quem você era. Ok, bem — ele suspirou audivelmente —, faz mais sentido por que você saiu de lá como se o lugar estivesse pegando fogo.

Karina ainda estava tentando processar todo o lance de Ryan não saber quem ela era, mas ouvi-lo dizer que se arrependia que ela tivesse ouvido sua música cortou qualquer outro ruído da sua cabeça.

— Não, não foi assim — protestou ela, dando um passo à frente e pegando as mãos dele nas dela, apertando suavemente.

A vulnerabilidade em seus olhos, seu rosto, sua postura, eram a única coisa que Karina não conseguia entender desde o primeiro segundo em que o viu. Toda a energia nervosa e confusa que a tomara se dissolveu, e tudo o que ela sentiu foi um desejo calmo e intencional de garantir que ela realmente se conectasse com ele e transmitisse a mensagem que precisava que ele recebesse.

Estendendo a mão, ela gentilmente a colocou na lateral da bochecha dele, virando o rosto para que ele estivesse olhando diretamente nos olhos dela. Então ela moveu a mão para descansar em seu peito, imediatamente sobre seu coração acelerado.

— Ryan — ela disse de forma sincera e intensa —, acredite em mim quando digo que amei sua música. Foi comovente e real. Adorei a letra. Eu amei sua voz. Você me fez chorar. Foi com essa profundidade que sua música me tocou. Pareceu muito direta, muito real. Normalmente, não sinto essas coisas, não assim, por isso fui embora.

A respiração de Karina estava ficando cada vez mais difícil quando ela olhou para Ryan, o momento ficou pesado com intensidade enquanto eles se encaravam. O ar do pequeno estúdio crepitava com eletricidade que queimava e formigava por toda a superfície de sua pele.

Antes que ela pudesse impedir-se de surfar na onda de eletricidade entre eles, ela ficou na ponta dos pés e tocou os lábios nos dele desesperadamente, com fome, como se os lábios dele fossem o elixir da vida e ela precisasse beber deles por muito tempo. Por sobrevivência.

Enrolando os braços em volta do pescoço dele, ela pressionou seu corpo firmemente contra o dele, gemendo enquanto o beijo progredia fervorosamente e suas línguas se entrelaçavam. Deslizando os dedos em seus cabelos loiros e sedosos, ela se deleitou com a sensação suave contra as pontas dos dedos.

As mãos fortes de Ryan envolveram sua cintura como se ela fosse tão pequena e delicada quanto seu pulso. Enquanto seus corpos se moldavam perfeitamente ao do outro, um gemido primitivo retumbou profundamente no peito dele, vibrando contra o dela. A sensação a percorreu, e ela sabia que, naquele momento, faria qualquer coisa para senti-la novamente.



Precisando de ar ou talvez sentindo que precisava retomar o controle, Karina interrompeu o beijo intenso, abaixando a cabeça e sugando uma respiração áspera. Mesmo sem a conexão de seu beijo, ela ainda se viu dominada pelas sensações conflitantes que a invadiam.

Quando uma das mãos de Ryan chegou à parte de trás de sua cabeça e, gentilmente, mas com bastante firmeza, guiou-a de volta até que sua boca encontrasse a dele, ela entrou de bom grado no beijo devorador. A força e segurança em seu toque e a sensação de seus lábios firmes, mas macios, fizeram seu corpo pegar fogo. Ela não conseguia se lembrar da última vez — se é que houve alguma vez — que ela se viu tão completamente consumida pelo desejo, tão alegremente fora de controle. Em vez de tentar combater isso, imaginou que devia relaxar e aproveitar o momento.

Depois que essa decisão foi tomada, a urgência rugiu através dela para levar esse interlúdio intenso e agradável para o próximo nível. Ela estava desesperada para sentir a pele áspera de seu peito musculoso contra seus seios nus. Quando Karina deslizou as mãos pela frente da camisa dele, notou que seus dedos estavam tremendo de excitação.

Logo quando ela se aproximou da linha de chegada, também conhecida como botão da calça jeans, Ryan recuou. Os olhos dela voaram para o rosto dele, e ela o encontrou olhando para ela como se não acreditasse que aquilo era real, como se pensasse que tudo isso poderia fazer parte de algum sonho que estava tendo.

Então suas mãos grandes cobriram ternamente as dela, parando sua exploração. Ele respirou fundo e depois repetiu o gesto. Seus lábios se transformaram em um sorriso que significava tanto arrependimento quanto determinação em partes iguais.

Com o sorriso docemente melancólico ainda em seus lábios, ele se inclinou e lhe deu um beijo doce, casto e lento na bochecha.

— O que você está fazendo? — ela perguntou. Parecia que ele não estava apenas pisando no freio. Ele havia estacionado o carro. — Você não quer...?

Quando ele tirou uma mecha de cabelo da testa dela, sua voz ficou ainda mais profunda:

— Eu quero. Acredite, eu definitivamente quero que isso aconteça. Mas não aqui e assim. Agora não. Com todos os seus amigos aqui.

Ela achou engraçado que ele estivesse tentando ser cavalheiresco. Mal sabia ele que não havia necessidade.

— Não se preocupe! Eles estão todos na frente da casa. — Fechando o espaço entre eles, ela olhou para ele e sussurrou: — Ninguém vai saber. Eu prometo.

Sem esperar pela resposta dele, ela ficou na ponta dos pés e começou a beijar a pele macia do pescoço dele. Depois de alguns momentos, os dedos dela voltaram ao progresso constante na frente da camisa dele. Ela queria fazer uma dança da vitória quando ele gemeu e respirou fundo contra os lábios dela. As mãos dele se moveram para seus quadris e os dedos flexionaram, cavando os lados dela. Ela tinha certeza de que era uma luz verde. Tinha funcionado.

— Karina... — Ryan respirou quando deu um passo para trás. Segurando-a no lugar, ele riu, trêmulo.

*Ok... então talvez não.*

— Olha, querida... — Sua voz vacilou enquanto ele falava. — O pequeno fio de controle que estou segurando se romperá se eu permanecer nesta sala com você, então voltarei ao trabalho.

E com um rápido beijo na testa, ele se foi.

Karina ficou onde estava. Totalmente pasma. Além de confusa. Ela nunca fora rejeitada por um homem antes. Ela queria ficar com raiva. Ela queria se ofender, mas não conseguia chegar lá. Em vez disso, enquanto ouvia os passos firmes das botas dele ecoando pelo corredor, o que ela não podia deixar de sentir era respeito.

Ela sorriu para si mesma. Respeito, sim. Mas tingido com um pouco de competitividade.

Ela não estava acima de assumir um desafio. De fato, ela gostou da oportunidade.

— Vamos lá, Ryan — ela sussurrou com um sorriso.



## CAPÍTULO 6



Ryan acenou quando a van se afastou e se virou para destrancar a porta do café. Ele sorriu quando a imagem de si mesmo como uma criança sendo levada para casa depois do acampamento veio à sua mente.

Essa imagem foi imediatamente substituída por Karina em pé na frente dele no estúdio, seus lábios perfeitos inchados por seus beijos, seus olhos pegando fogo com paixão olhando para ele com descrença.

Afastar-se dela foi uma das coisas mais difíceis que ele já fizera. Ele tinha que admitir que estava preocupado de ter realmente estragado as coisas entre eles. Mas não importava o quanto ele quisesse despir Karina, empurrá-la contra a parede e mostrar a ela o quanto ele queria fazer aquilo, não conseguiu. Ryan nunca teve uma relação casual e não planejava começar uma com alguém com quem pensava que poderia se importar.

A boa notícia foi que Karina não parecia muito perturbada com isso. Quando eles estavam se despedindo, ela ficou na ponta dos pés e o beijou na bochecha.

Se ela estava brava, não demonstrou.

O que seria bom, se não fosse a verdadeira virada do jogo: saber que ela era Karina Black. Por um lado, ele sentiu que tudo o que pensou saber sobre ela, sobre a conexão deles, tinha sido virado e revirado de cabeça para baixo e agora estava inclinado em seu eixo.

Ela era uma *superstar* real.

Mas, por outro lado, ele simplesmente não conseguia conciliar a garota bonita, doce e engraçada, a garota que ele conheceu no dia anterior, mas que parecia conhecer por toda a sua vida, com a mega celebridade que viu naqueles pôsteres.

Ele ainda não conseguia acreditar que não a reconheceu.

Por anos, ele passara todos os seus momentos recuperando o rancho da família e tornando-o lucrativo para que seus pais pudessem ter a aposentadoria que mereciam.

Não havia tempo em sua vida para acompanhar as tendências ou a cultura pop.

Ele ouviu o nome dela, com certeza. Mas nunca prestava muita atenção quando as pessoas falavam sobre ela.

Claro, ele viu fotos dela em capas de tabloides no supermercado. Mas a garota na capa das revistas não parecia a garota que ele conheceu ontem.

E, claro, ele ouviu as músicas dela no rádio. Mas não era como se ele a tivesse ouvido cantar pessoalmente. Não. Ele era o imbecil que havia puxado seu violão e se apresentado.

Havia o fato de que, quando ele a encarou, seu cérebro teve um curto-circuito. Ele mal conseguia se lembrar de seu próprio nome, então ligar os pontos entre Karina Blackstone, a mulher maravilhosa que estava no café de sua avó, e Karina Black, a estrela pop internacional, era impossível.

Droga.

Ela era realmente famosa.

Ele levaria algum tempo para se acostumar com isso.

Ele ainda não conseguia conciliar o fato de que, quando estava perto dela, ela parecia tão normal. Como isso era possível? Como ela conseguia isso?

Quando Ryan fechou a porta atrás de si, antes de trancá-la e acionar o alarme de segurança, ele ouviu uma voz soar na escuridão, assustando-o.

— Oi, querido. Como foi o seu dia? Você se divertiu com seus amigos?

Girando, Ryan sentiu como se seu coração estivesse batendo forte no peito.

— Vovó! O que...? O que você está fazendo?

— Como eu não queria que as pessoas pensassem que estávamos abertos, pensei: “Mais fácil desligar as luzes.” Mal podia esperar para ouvir tudo sobre o seu dia — explicou ela.

Ryan riu enquanto balançava a cabeça e se movia em direção à mesa em que Sue Ann estava “escondida”, os dois ainda envoltos em uma escuridão quase perfeita. A única luz na sala era o brilho prateado e escuro da lua, que brilhava através do painel da janela da frente.

Ele sabia que “falar” era inevitável, então ofereceu

— Então, vovó. Por que você não vem para cima? Vou fazer o meu famoso chocolate quente e te conto tudo.

— Pensei que você nunca convidaria — ela respondeu alegremente enquanto se levantava e passava o braço pelo dele.

Ryan e Sue Ann subiram as escadas juntos, e ele destrancou e abriu a porta do seu apartamento aconchegante. O apartamento que Sue Ann havia decorado e consertado especialmente para ele.

O espaço era pequeno, mas confortável. Era óbvio que havia sido feito um grande esforço para dar ao apartamento uma sensação masculina. Não havia nada naquele espaço que pudesse ser descrito remotamente como babados ou feminino, os tons dominantes sendo escuros, tons ousados de marrom-chocolate e azul-marinheiro.

Os móveis eram de couro e estofados demais, e havia uma pequena lareira no canto. Era o tipo de lugar que fazia você querer se acalmar, respirar fundo, tirar os sapatos e apreciar um bom livro.

Tinha até uma porta de correr na sala que dava para uma pequena varanda, onde ele podia tomar uma xícara de café pela manhã ou uma cerveja à noite enquanto observava a agitação da pequena área do centro.

Quando Ryan saiu de Montana, embora estivesse empolgado por conhecer um lugar diferente e conhecer outro canto do universo, ele se perguntou se algum outro lugar no mundo, além de seu amado *Big Sky Country*, passaria realmente aquela sensação de lar. Acontece que ele não tinha nada com que se preocupar, porque a avó havia criado um espaço perfeito para ele, onde ele se sentiu em casa no instante em que entrou nele.

Depois de se sentar na grande poltrona estofada no canto da sala perto da lareira, ela pegou o cobertor sobre o encosto e o colocou em volta das pernas.

Ryan foi à cozinha fazer o chocolate quente. Ele precisava de um tempo para descobrir como poderia abordar o fato de que sua avó havia falhado ao mencionar que Karina era a Karina Black sem revelar o fato de

que alguma coisa havia acontecido entre eles. Ele poderia não ter passado muito tempo com a avó desde que era adolescente, mas naquela época ela podia sentir o cheiro de uma fofoca como um cão farejador, a última coisa que ele queria era que ela sentisse um perfume que exalasse do caminho beijado por Ryan e Karina.

Antes que ele tivesse a chance de propor um plano de jogo, vovó gritou:

— Entãããã...? Como você e Karina ficaram?

O mais casual possível, Ryan respondeu de maneira neutra:

— Ela é ótima. Nós nos divertimos.

— Você gostou dela, então?

Ryan suspirou enquanto despejava a água nas canecas, percebendo que a batida havia terminado.

— Sim, o que há para não gostar? — Voltando para a pequena sala de estar, ele entregou a xícara fumegante de cacau à avó e sentou-se em frente a ela. — E eu não sou o único; o mundo inteiro gosta dela.

Sue Ann não percebeu sua abordagem sutil, o brilho da casamenteira em seus olhos estava ainda maior.

— Isso é bom.

— Sim, é — Ryan assentiu, sabendo que precisava ser muito mais direto. — Também seria bom se eu soubesse quem ela era logo de cara, em vez de ter entrado nessa às cegas.

A testa de sua avó franziu mais profundamente quando ela soprou o vapor crescente.

— O que você quer dizer?

*Ok, então ainda mais direto.*

— Por que não me disse quem era Karina?

— Eu disse. Ontem eu apresentei vocês — Sue Ann o corrigiu gentilmente antes que sua voz se enchesse de preocupação. — Ryan, querido, você está se sentindo bem? Você ficou ao sol o dia todo?

— Estou bem — Ryan assegurou a ela, um sorriso inclinando os cantos dos lábios ao concluir que ele tinha insolação. Se ele estava sofrendo de alguma coisa relacionada ao calor, era por causa do fogo que ele e Karina tinham acendido quando se beijaram, e nada a ver com estar ao ar livre. — E sim, você nos apresentou, mas não me disse que Karina era Karina Black.

O fator de preocupação na voz de sua avó aumentou alguns graus quando ela colocou o chocolate sobre a mesa lentamente.

— Por que eu te diria isso? Você viu quem ela era com seus próprios olhos. Você falou com ela.

Verdade. Ela tinha um argumento muito válido. A única pessoa com quem ele deveria estar frustrado por sua ignorância era ele mesmo.

— Bem, eu não sabia — ele admitiu. — Não até eu esvaziar caixas do estúdio dela.

— Você não sabia?! — O rosto da avó se enrugou em choque.

— Não — Ryan confirmou, se sentindo cada vez mais envergonhado por esse fato a cada segundo. — Eu não sabia.

Por um momento, sua avó ainda estava sentada, olhando para ele. O rosto dela ilegível. Então, sua cabeça caiu para trás e ela riu tanto que quase não havia som saindo. Quando ela levantou a cabeça, suas risadas se transformaram em uma risada profunda e Ryan viu que lágrimas estavam se formando em seus olhos.

Foram necessárias algumas tentativas para se recompor antes de ter sucesso. Uma vez que ela limpou a umidade dos olhos, disse:

— Oh, eu gostaria de ser uma mosca na parede para ver isso. Deve ter sido hilário. Como isso aconteceu? Karina sabe que você não sabia quem ela era?

— Ela sabe — Ryan respondeu sua última pergunta e ignorou a primeira.

— O que ela disse?

— Na verdade, nada, ela estava meio que em choque. Eu também.

Batendo palmas, ela correu para a beira do sofá.

— Essa não seria a melhor história para contar aos seus filhos e netos?

— Uau. Devagar aí. Eu acho que você está se adiantando um pouco. Não, muito. Olha, vovó, eu sei que você estava tentando ser a casamenteira, mas não quero que tenha muitas esperanças. Eu gosto da Karina, mas é só isso.

— Por quê? — ela retrucou.

— Porque... — Ryan tentou descobrir como explicar isso da maneira certa. — Ela é... quem ela é... e eu sou... quem eu sou.

Sue Ann olhou para ele bruscamente, um pouco surpresa.

— Você está tentando dizer que não se considera suficientemente bom para Karina Blackstone? — ela perguntou incrédula.

Ele balançou a cabeça.

— Não, eu não estou dizendo isso. Não se trata de... eu não sei... somos apenas diferentes.

— Sim, você é homem e ela é mulher. Essas podem ser boas diferenças, Ryan — Sue Ann forneceu, abanando as sobrancelhas acinzentadas.

— Eu sei. — Ryan tentou não sorrir, porque não queria incentivar essa linha de questionamento, mas sentiu seus lábios se levantarem. — Escute, é só que quanto mais isso se passa em minha mente, mais eu começo a duvidar de que poderíamos ter algo em comum. Olha, foi um dia longo e eu ainda estou tentando entender isso.

— Bem, adivinhe? — Sue Ann disse. — Ficaré muito mais fácil se você puxar sua cabeça para fora do seu traseiro.

Ryan olhou para cima, chocado.

— Vovó!

— Olha — ela continuou, destemida —, ela pode ser tão famosa quanto o papa. Mas não é quem ela é. É o trabalho dela. No fundo, onde conta, ela é apenas Karina Blackstone, a garota que conheço desde o dia em que nasceu. E ela é uma boa menina. E você pode ser um garoto de uma cidade pequena, mas não é apenas um garoto de uma cidade pequena. Você tem o melhor coração que eu já conheci. Karina Blackstone teria sorte em ter você. Se ela te conhecer, acho que ela perceberá isso. Eu suspeito que o jeito que ela começou a ficar boquiaberta como um peixe fora d'água quando você entrou ontem na cozinha não tinha a ver com o que ela faz da vida, e acho que ela pensou que vocês dois tinham algumas coisas em comum além da química. Se ela não pensou, então não merece você. E essa é a verdade.

— Obrigado, vovó — respondeu ele, sabendo que discutir com a avó era como tentar dizer ao sol para não nascer no Oeste e se pôr no Leste.

— De nada, Ryan — disse ela, sorrindo de satisfação ao pegar seu chocolate. — Mas tudo o que fiz foi falar a verdade.





Karina sentou-se na cama na manhã seguinte, o martelar na cabeça tão forte que na verdade estava causando um som alto e estrondoso. De fato, o som em sua cabeça era tão perturbador que realmente a acordou.

Ela ainda estava tentando se orientar quando as palmas das mãos voaram para as têmporas e seu cérebro explodiu em agonia, o que a fez estremecer de dor, enquanto outra rodada cacofônica de toques rasgava sua consciência.

Foi só então que ela percebeu que o barulho ensurdecedor não vinha de dentro de sua dolorosa cabeça de ressaca, mas de fora. Vinham de sua porta da frente. Ela procurou com raiva o despertador ao lado da cama, e sua indignação só aumentou quando viu as horas. Pouco antes das seis e meia da manhã.

— Sério? — ela murmurou enquanto jogava as pernas para o lado da cama e desajeitadamente calçava os chinelos. — Que tipo de pessoa pensaria que é bom tocar uma campainha a essa hora da manhã?

Ela desceu os degraus e limpou o sono dos olhos, a cabeça latejante a matando e a bile subindo do fundo de sua garganta. Ela sabia que estava pagando o preço pela noite de devassidão solo a que se entregara após seu encontro com Ryan. Ela normalmente não era de beber sozinha, mas estava tão... inquieta com a forma como as coisas tinham acontecido que imaginou que ficaria mais calma e se aliviaria com uma taça de vinho. De alguma forma, um copo se transformou em uma garrafa inteira.

E esta manhã? Ela estava lembrando por que geralmente não bebia sozinha.

Ela chegou à porta da frente e olhou pelo olho mágico.

*Ah, inferno, não.*

Abrindo a porta da frente, ela disse em um tom controlado, uniforme, de raiva logo abaixo da superfície:

— Sério?! É melhor alguém estar morto. Que diabos você está fazendo na minha porta às seis e meia da manhã?

Na porta de Karina, estava Samantha, vestida com macacão de exercício, pulando de pé em pé, sua pele orvalhada e rosada brilhando com a transpiração que ela gerara durante o treino.

— Ei — ela disse sem fôlego, mas ainda alegre, correndo para dentro da casa, passando por Karina. Em vez de parar na entrada, no entanto, ela correu direto para a cozinha sem esperar para ver se Karina iria segui-la.

Karina balançou a cabeça para limpar o nevoeiro que ainda estava agarrado a ela, antes de se arrastar atrás de Sam.

— Ah, sim, por favor. Apenas entre. Sinta-se livre para me visitar sem aviso prévio a qualquer momento — ela entoeu mal-humorada.

— Obrigada. Não se importe se eu fizer isso — Sam respondeu de volta, já dentro da cozinha ensolarada.

— Para sua informação, esse lance de “pessoa matinal” que você está fazendo pode se tornar um problema real, em algum momento, só avisando — Karina disse a ela enquanto se sentava em uma de suas cadeiras da cozinha.

— Melhor hora do dia — Sam retrucou.

Karina grunhiu em desacordo e depois acrescentou:

— Sam, o que, em nome de Madonna, fez você tocar minha campainha no início da madrugada?

— Oh, você estava dormindo? — Sam perguntou inocentemente.

— Claro que estava dormindo! — Karina revidou indignada. — Você perdeu a parte onde são seis e meia da manhã?

— Eu sinto muito. Prometo que não vou fazer disso um hábito — disse Sam sinceramente, abrindo a geladeira de Karina e removendo uma garrafa de água. — Eu mal podia esperar para vir e avaliar o dia inteiro com Ryan ontem. Amanda, Lauren e eu percebemos que houve um período bastante longo em que vocês dois estiveram ausentes juntos ontem. Então o que aconteceu?

— Nada — disse Karina, sem rodeios. — Um monte de *nada*. Foi isso que aconteceu.

— Coisa nenhuma? Nada? — Sam perguntou.

— Certamente nada que justifique uma visita matinal — concluiu Karina.

Os olhos de Sam se estreitaram quando ela inclinou a cabeça para o lado e cruzou os braços.

— Eu tenho muita dificuldade em acreditar nisso. Ontem houve mais fogos do que em quatro de julho. Quer dizer, vamos lá. Se você não quer me contar, basta dizer que não quer me contar.

— Eu não quero te contar — Karina brincou.

— Que pena. Desembucha — disse Sam, sentando-se na cadeira em frente a Karina e tomando um gole de água da garrafa.

Karina afastou o emaranhado de cabelos escuros do rosto e suspirou.

— Faça um café — ela cedeu —, e eu te conto toda a história não sórdida.

— Concordo — disse Sam alegremente, caminhando até o balcão de Karina. Ela abriu e tirou uma sacola de café. Ao abrir vários armários, por sua vez, ela murmurou,

— Filtros de café... filtros de café... hmmm... — Antes de finalmente se voltar para Karina e perguntar: — Onde você guarda seus filtros de café?

Karina balançou a cabeça, que estava, neste momento, descansando de bruços nos braços, que estavam dobrados na mesa da cozinha.

— Duvido que tenha comprado — disse ela, o som de sua voz abafado. — Ainda não comprei tudo o que preciso para a cozinha. Use papel toalha.

— Sim, senhora — Sam falou enquanto rasgava uma toalha de papel do rolo com um floreio, forrando a cesta da cafeteira.

Karina viu a amiga enchendo a panela com água e a esvaziando na máquina. Por fim, ela apertou o botão vitoriosamente, e o aroma delicioso e restaurador do café começou a encher a cozinha. Quando Sam voltou para a mesa, Karina notou um ar de satisfação ao seu redor como uma auréola.

Karina sentou-se, já se sentindo mais alerta.

— Você parece muito orgulhosa por saber usar uma cafeteira — observou ela.

— Bem, você não tem ideia de como é bom fazer as coisas por si mesma depois de ser controlada a vida inteira.

Karina assentiu.

— Sim, posso ver que você está realmente adotando a vida independente. Prova A: você está na minha casa para tomar café logo pela manhã.

Sam descartou isso.

— Não seja resmungona.

— Eu tenho muito poucas pessoas em quem desconfiar quando sou inesperadamente acordada antes das sete da manhã. Confie em mim, “resmungona” é o mais legal disponível.

Sam pareceu imperturbável quando se levantou e serviu uma caneca fumegante de bebida perfumada para cada um deles. Quando foi colocada na frente dela, Karina se inclinou sobre a caneca e respirou profundamente. Depois de vários goles, ela finalmente se sentiu pronta para começar a recontar os eventos de ontem.

— Bem, primeiro de tudo — ela começou —, ele não sabia quem eu era.

— O que você quer dizer? — Sam perguntou.

— Ele não sabia que eu, Karina Blackstone, de Hope Falls, na verdade sou Karina Black, a cantora.

Sam olhou para Karina por um momento, depois jogou a cabeça para trás e riu tanto que ela bufou.

— Fico feliz que você ache isso tão hilário — resmungou Karina.

— Confie em mim. É hilário. — Sam segurou seu estômago enquanto tentava parar de rir. — O que ele disse quando descobriu?

Karina olhou para cima, tentando identificar qual tinha sido sua reação exata.

— Ele apenas pareceu surpreso. Nós realmente não conversamos muito sobre isso porque começamos a nos beijar e depois ele saiu e...

— Espere aí! — Sam exclamou enquanto levantava a mão. — Volte. Rebobine. Que beijo? Como aconteceu o beijo? Ele te beijou?

— Não, ele não me beijou — Karina admitiu. — Eu o beijei. E honestamente, não tenho muita certeza de como isso aconteceu. Mas vou dizer uma coisa: de todas as maneiras que um beijo pode começar e terminar, eu começando o beijo e ele terminando não é a ideal.

— Bem, ele disse por que interrompeu o beijo?

Karina deu de ombros.

— Ele foi educado e cavalheiro e, eu não sei... respeitoso. Ele tava todo: “Cara dama, este aqui não é o momento ou o lugar certo para que este beijo aconteça...”

Sam não pareceu impressionada.

— Esse seria o seu sotaque do Sul?

— Tanto faz. Não é o ponto, ou seja, ele não achava que era a hora ou o lugar certo e que não seria capaz de se parar se ficasse no estúdio comigo, então saiu e voltou ao trabalho.

— Não sei, Kar — disse Sam, parecendo confusa. — Isso realmente soa bem. O que estou perdendo?

— Eu só... nunca me senti tão... confusa. Acho que sempre soube onde estava com os caras. Com Ryan, eu não sei. Ele, sem saber quem eu era, depois fazendo um ato de desaparecimento digno de ninja... Sei lá... Parece estranho.

Sam franziu o rosto e suspirou.

— Desculpe Kar. Mas se isso faz você se sentir melhor, eu estava vendo ele te encarar de olhos arregalados o dia todo ontem. O menino é um fofo. Tenho certeza de que não é a última vez que você verá Ryan Perkins.

Karina balançou a cabeça.

— Aí é que tá. Acho que não quero vê-lo. Ontem à noite, depois de um pouco de *vinhoterapia*, decidi que essa coisa com Ryan foi uma curta aberração de dois dias. Foi uma pequena aventura divertida. Mas agora vou guardar a experiência dentro de mim e retirá-la mais tarde para usar nas minhas composições. Eu acho que só preciso me concentrar na minha música e no motivo de ter voltado para Hope Falls, que era me encontrar novamente e crescer como artista.

“Isso não é fácil, você sabe. Depois de seguir de uma certa maneira por dez anos, mudar imediatamente... Vai levar tempo, dedicação, foco. E acima de tudo, vai precisar de toda a minha energia. Então é isso que eu vou fazer. Vou dedicar toda a minha energia a isso. É uma causa digna. Eu acho que seria bobagem da minha parte sequer considerar me distrair com Ryan, pra começar.”

— Não — Sam protestou. — Não é bobagem. Nem um pouco. Às vezes, você não pode evitar o que a vida deixa em seu colo a qualquer momento. Às vezes, a vida deixa problemas, mas às vezes a vida deixa cair o amor.

Karina riu.

— Isso é legal, mas, neste caso, acho que definitivamente foi um problema que a vida soltou, e o que preciso fazer é agradecer por ter desviado de uma bala. Essa é a minha história e eu vou ficar com ela. Ok,

você ouviu toda a história sórdida, agora saia para que eu possa voltar para a cama.

Sam levantou-se para sair e Karina a seguiu até a porta. Andando pelo caminho, Sam olhou por cima do ombro com um último tiro de despedida.

— Não tenho tanta certeza de que a bala tenha sido esquivada, mas se tiver, pelo menos você está se sentindo bem.

Enquanto Karina observava sua amiga seguir seu caminho, as palavras de Sam pairaram no ar.

Está certo. Ela estava bem com isso. Sim. *Super bem.*



## CAPÍTULO 7



— Então, quem vai estar aqui hoje à noite, vó? — Karina não conseguia decidir se queria encontrar Ryan ou não. Já fazia mais de uma semana desde que o vira pela última vez e, a cada dia, sentia sua sanidade mental diminuindo muito mais.

Num minuto, ela queria vê-lo. No próximo, ela não queria nada com ele. Sua mudança de ideia estava lhe dando chicotadas emocionais.

— É uma cidade pequena — argumentou a avó. — Você vai se deparar com ele mais cedo ou mais tarde.

— Quem? — Karina perguntou com inocência, de olhos arregalados. Ela não estava prestes a admitir que sabia exatamente de quem sua avó estava falando.

— Não se faça de boba, Karina. Não combina com você. Atriz, minha querida, é uma coisa que você não é.

— Touché. — Karina sorriu.

Sua avó sempre teve uma maneira de chegar ao cerne da questão, e ela não era de dourar a pílula, o que Karina sempre apreciou. Mas depois de ter passado tanto tempo na indústria do entretenimento, ela apreciava ainda mais.

O que a avó dissera fazia sentido no nível intelectual. Mas quando chegava ao coração dela? Não muito. Ela não conseguia nem impedir o coração de bater uma milha por minuto ao pensar em ver Ryan novamente.

Isso não era bom.

Tentando recuperar um pouco da compostura que normalmente possuía, decidiu fazer um inventário interno do que estava experimentando. Nervosismo? *Check*. Excitação? *Check*. Enjoo? Um retumbante *check*. O problema era que ela não conseguia identificar o que a agitação interna indicava.

Era frio na barriga? Ou náusea por medo? Intoxicação alimentar por moluscos? Outra possibilidade válida.

Karina sentia que, desde o momento em que Ryan entrou em sua vida, ela ficou incapaz de conter quaisquer pensamentos ou emoções e, de fato, vinha levando sua vida em um estado constante de confusão. Que ela odiava. Ou amava? Ela não sabia dizer.

Era um tema recorrente.

O que ela sabia era que o olhar sábio e onisciente de sua avó estava diretamente apontado para ela. Se a leitura da mente fosse realmente possível, Karina juraria que Renata tinha o dom. Era enervante.

Suspirando, sua avó se voltou totalmente para ela.

— No dia seguinte à sua mudança, falei com você. Você tinha a noção completamente sensata de que iria parar de pensar nesse garoto e deixá-lo de lado. "Concentrar-me na minha música", acredito que foram suas palavras exatas. Isso foi há uma semana e, todos os dias, isso não aconteceu. De fato, você parece falar sobre ele cada vez mais, embora, que eu saiba, ele não tenha tentado entrar em contato com você.

Karina não ia discutir com a avó. Ela ainda tinha algum senso em seu cérebro confuso.

— Aonde você quer chegar?

Os olhos de Renata se estreitaram.

— Se há uma coisa que aprendi sobre homens e mulheres em minha longa vida, é que, se um jovem deseja ver uma jovem, ele encontrará uma maneira de fazê-lo, independentemente dos obstáculos. Se ele não fizer isso, então... — Ela inclinou a cabeça para o lado como se tentasse persuadir algo da memória. — ... acredito que a frase é “ele simplesmente não está a fim de você”.

Karina começou a rir.

— Onde você ouviu isso?

— Não me lembro — respondeu Renata —, mas acho que o sentimento se aplica aqui.



A última coisa que Karina queria era que sua avó pensasse que ela era uma daquelas garotas que desejavam homens que não tinham interesse nelas, porque ela absolutamente não era.

Ela era? Não. Ela não era.

— Não é assim, vó.

— Karina, sinceramente — disse Renata, com a voz tensa —, eu me cansei de discutir esse assunto. É hora de seguir em frente e aproveitar esta oportunidade para se concentrar em sua música e na tribo. É por isso que estamos aqui hoje à noite.

— Ok, vó — Karina cedeu, sabendo quando escolher suas batalhas.

Ela concordou em ir à reunião de planejamento do Hope Falls Harvest Festival no centro comunitário naquela noite. Normalmente, esse não era o tipo de coisa que as pessoas com menos de cinquenta anos frequentavam, mas Renata havia convencido Karina a entrar porque estava preocupada com o declínio da representação cultural da tribo *Washoe* no festival. A tribo era uma parte importante da cidade e da área circundante, e ela queria que eles hospedassem a feira.

Renata havia trazido Karina porque, com a fama que tinha, ela era uma cidadã altamente respeitada em Hope Falls — nas palavras de sua avó, não as dela. Ela era a história de sucesso mais proeminente de Hope Falls e, se ela pressionasse por mais representação para sua tribo no festival da cidade que a amava, ela não via como eles poderiam negar isso a ela.

Karina se sentiu egoísta quando inicialmente resistiu aos desejos da avó. Ela geralmente estava completamente disposta a usar seu status de celebridade para promover qualquer boa causa que estivesse perto de seu coração, e ela oferecia seu tempo e sua voz (literal e metafórica) sem pensar duas vezes. Quando percebeu que estava apenas hesitando por causa de Ryan Perkins, ela imediatamente concordou em ir junto.

Nenhum homem ditaria para onde ela ia em sua cidade natal. Sua mente sabia disso. Agora, tudo o que ela precisava fazer era convencer as borboletas que estavam dando uma festa de dança em seu estômago e ela ficaria bem.



— Ryan, se apresse. Vamos nos atrasar! — Sue Ann chamou no café vazio e entrou no apartamento no andar de cima.

Ryan subiu os degraus dois de cada vez enquanto vestia o casaco. Depois de dobrar a esquina, ele rapidamente atravessou o café em direção a sua avó, que estava impacientemente pulando na ponta dos pés, querendo trancar a porta da frente para que pudessem fazer a curta viagem até o Centro Comunitário de Hope Falls.

— Vovó, você disse que é uma caminhada de dois minutos — disse Ryan —, e a reunião só começa em quinze minutos. Não vamos nos atrasar.

— Temos que chegar cedo — respondeu ela. — No ano passado, cheguei à reunião na hora certa. E adivinhe o que aconteceu?

Fechando os olhos, ele murmurou as palavras junto com ela enquanto ela dizia:

— Aquelas cobras traiçoeiras do “Duas Bolas” roubaram minha barraca!

Ryan respondeu pacientemente:

— Você ainda teve sua barraca, mas não exatamente no lugar que queria.

— Onde eu queria? — ela zombou. — Você quer dizer o lugar que eu tive nos últimos vinte e cinco anos? É tradição.

— Talvez eles não tenham percebido — pensou Ryan, embora, por experiência própria, soubesse que esse era um argumento perdedor.

— Rá! Eles sabiam muito bem — continuou Sue Ann. — E o que eles começaram a servir em sua loja? Nem um mês depois?

— Sanduíches — Ryan recitou relutantemente.

— Sanduíches — Sue Ann informou-o como se ele não tivesse dito nada.

— Para ser justo, vovó — disse Ryan lentamente, escolhendo cada palavra com cuidado —, eles não são a única sorveteria a se ramificar para

outros alimentos. Não acho que você deva levar para o lado pessoal.

— Para o lado pessoal? — Sue Ann rosnou, sua voz pingando desdém.  
— Acredite em mim, Ryan Jackson Perkins. Tudo nesta cidade é pessoal.

Ryan riu e colocou o braço em volta dos ombros da avó.

— Okay, vovó, vamos pegar sua barraca.

— Oh, Ryan, estou tão feliz por você estar aqui. — A avó estendeu a mão e cobriu a mão dele com a dela enquanto explicava: — Percebi que a chave do sucesso deles em roubar minha barraca de mim é o fato de que eles são dois. Tem o marido e a esposa. Assim, um deles pode se inscrever no estande enquanto o outro está em rede. E mais tarde, um deles pode estar presente na reunião enquanto o outro está... eu não sei... usando o banheiro — ela resmungou. — É por isso que também preciso de reforços. Você sabe, assim que eu entrar, eu vou estar cercada por pessoas que querem me passar para trás.

— Eu sei — ele concordou, com um pequeno meio sorriso nos lábios.

— Assim que batermos na porta, você vai direto para a folha de inscrição da barraca. Você escreve o nome do café nessa caixa, em grandes letras maiúsculas, claras como o dia. Fim da fila do meio, lado esquerdo. Esse é o meu lugar.

— Sim, senhora — ele concordou, dando uma pequena saudação. — Vou cuidar disso.

Ryan não via nenhum problema em ser o apoio de sua avó. Ele faria qualquer coisa por ela.

Ele teria ido feliz com ela, mesmo que não tivesse ouvido, quando a avó de Karina parou para almoçar naquela tarde, que Renata levaria Karina.

Ele não conseguiu tirar Karina da cabeça.

Durante toda a semana, ele queria vê-la. Na verdade, doía. Mas toda vez que ele decidia que sim, algo o detinha.

Ela era Karina Black e ele cometeu o erro colossal de pesquisá-la no Google, em um esforço para conhecê-la melhor. Sua busca saiu pela culatra. Era óbvio que ela viveu uma vida na qual ele sabia que, não importava a conexão que ele sentisse ou o quão incrível o beijo que eles haviam compartilhado tivesse sido, nunca se encaixaria.

Então, quando se convencesse de não vê-la novamente, pensaria em como ela era pessoalmente — e não na sua personalidade pública — e teve

que admitir que ela era, na verdade, uma das pessoas mais pé no chão que ele já conhecera.

Ryan sempre se considerou uma pessoa decidida. Ele sabia o que queria da vida e não se comprometia. Depois de tomar uma decisão, ele nunca olhava para trás. Nunca se enganava.

Aos dezoito anos, quando abriu mão de uma bolsa de música para a Universidade Columbia e disse aos pais que ficaria no rancho e trabalharia para que a aposentadoria deles fosse segura, ele não se arrependeu por um momento.

Alguns meses atrás, quando seus pais decidiram vender o rancho e ele teve a oportunidade de se mudar para Nova York com um amigo que era um músico de jazz de sucesso moderado, ele acabou não indo porque sua avó precisava de ajuda no café. Ele não hesitou ao trocar as passagens de avião.

Essas decisões foram fáceis. Elas eram preto e branco para ele, certo e errado.

Mas quando se tratava de Karina, havia mais tons de cinza do que aqueles livros e filmes dos quais todo mundo estava falando.

Durante toda a semana, ele tentou clarear a cabeça. Tentou descobrir se deveria ver se havia realmente alguma coisa lá ou deixar tudo de lado. Durante toda a semana, ele não encontrou respostas.

Ele esperava que ver Karina novamente tornasse as coisas mais claras.

Ou talvez a avó estivesse certa. Talvez ele só precisasse tirar a cabeça da bunda.

Se fosse esse o caso, hoje seria um momento tão bom quanto qualquer outro.



Quando Karina saiu da conversa que estava tendo e viu Sue Ann Perkins entrar no auditório principal do Centro Comunitário Hope Falls,

ela exalou alto. Se essa reação era de alívio ou decepção, ela não sabia, mas havia definitivamente uma diminuição significativa da ansiedade que ela sentira a noite toda.

Na verdade, ela estava tão distraída e nervosa que pessoa após pessoa fora conversar com ela e sua avó que, a certa altura, Renata se virou para ela e disse:

— Karina, você precisa se acalmar. Você está realmente me deixando nervosa.

Bem, se isso era suficiente para deixar sua avó nervosa, ela podia querer tomar um sedativo ou algo assim, porque os nervos de Karina acabaram de chegar ao ápice.

— Oi, querida — Sue Ann disse alegremente enquanto se movia para o lado de Karina, dando-lhe um grande abraço.

— Voando sozinha hoje à noite, hein? — Karina perguntou hesitante, tentando parecer o mais indiferente possível. Embora tenha percebido que Sue Ann e Renata deviam ter reconhecido imediatamente sua intenção verdadeira, ela ainda tinha algum orgulho. Não queria parecer óbvia demais.

— Ah, não! — Sue Ann exclamou alegremente, um brilho nos olhos. — Ryan está no saguão nos inscrevendo no nosso espaço no Harvest Festival.

Espere. O quê? A ansiedade inundou o sistema de Karina enquanto ela estampava o sorriso mais antinatural em seu rosto, um sorriso que sem dúvida poderia ter ganhado um lugar no Livro Guinness dos Recordes pelo maior sorriso falso. A avó dela estava certa; atriz era algo que ela não era.

Lembrando que Renata havia lhe contado sobre algum drama ocorrido no ano passado, Karina deu sua melhor resposta casual.

— Não quer que o “Duas Bolas” a pegue novamente, não é?

— Exatamente! — Sue Ann exclamou, parecendo ter se sentido apoiada.

— Sim — Renata interrompeu placidamente. — Eu sei que você não gostou de perder o espaço no ano passado.

— Isso é um eufemismo — a voz profunda de Ryan soou atrás de Karina.

*Respire.* Ela teve que lembrar a si mesma quando os arrepios surgiram por todo o corpo.

Tentando se preparar para o que estava prestes a enfrentar, Karina se virou lentamente para ele.

No segundo em que seus olhos se encontraram, o resto da sala, o mundo, desapareceu.

Ela se ouviu sussurrar fracamente:

— Oi.

— Oi, linda. — Ele sorriu largamente.

Fazia apenas uma semana desde que o vira, mas naquele momento, ela percebeu que tinha sentido sua falta. Não apenas porque ela estava loucamente — como se homens de casaco branco pudessem arrastá-la a qualquer momento — atraída por ele. Não, ela sentiu falta da voz dele, dos olhos, do sorriso. Da maneira como ela se sentia como se ninguém mais existisse quando ele olhava para ela.

Renata pigarreou alto. Karina podia sentir o olhar de desaprovação da avó, mas estava muito além de poder se cuidar.

— Como você tem estado? — Karina perguntou. Ela sabia que isso provavelmente parecia idiota, mas ela realmente queria saber.

— Eu vou bem. — Ryan deu de ombros e se inclinou para mais perto dela. — Na verdade, tenho pensado muito numa garota que conheci na semana passada.

Karina sentiu-se sorrir e corar. Ela não era de corar. Na verdade, ela normalmente tinha pena de quem fazia isso. Mas, assim como com a desaprovação de Renata, ela não conseguia se importar.

— Sério? — ela perguntou timidamente.

— Sim. Não consigo tirar ela da cabeça, na verdade. — A rouquidão no tom de Ryan enviou um arrepio pela espinha de Karina.

— Garota de sorte — ela disse sem fôlego, com um sorriso.

Por mais envolvida que estivesse em sua conversa com Ryan, ela não pôde deixar de notar que Sue Ann estava olhando enquanto os dois flertavam, aparentemente satisfeita, enquanto Renata, por outro lado, estava tendo uma reação completamente oposta.

— Exatamente as pessoas que eu queria ver — a voz de Henry Walker cresceu enquanto ele caminhava até os quatro.

Henry era o consultor jurídico oficial de Hope Falls e, ele era o prefeito em exercício desde a morte de Parker Jacobs, pai de Amanda. Henry conhecera Karina a vida toda.

Depois de cumprimentá-los jovialmente, dar um abraço em Karina e dar um tapinha no ombro de Ryan, ele olhou entre eles e perguntou:

— Vocês dois jovens gostariam de uma oportunidade de servir sua comunidade?

— Sim, com certeza! — Sue Ann concordou.

Ryan riu de bom humor.

— Acho que ele não estava perguntando a você, vovó.

— Do que você precisa, Henry? — Karina perguntou em seu tom de *media training*, sem compromisso, mas amigável.

— Bem, crianças, eis a questão — disse Henry. — Como vocês sabem, o show de talentos é a parte mais popular do Harvest Festival. Mas o processo de audição foi, digamos, disperso na melhor das hipóteses.

— No que diz respeito a isso, nós realmente não temos ninguém aqui na cidade com a habilidade de reconhecer talentos reais, sabem? Então acaba se resumindo a quem está dirigindo o show, seu instinto sobre o que eles gostam e, sejamos honestos, quem são seus amigos.

— Mas agora temos dois profissionais de entretenimento reais e honestos em nosso meio. Então, eu estava pensando, talvez vocês dois pudessem formar uma equipe e assumir a direção do show. Com certeza seria uma ajuda — concluiu ele.

— Isso parece ótimo — entusiasmou Sue Ann. — Ryan adoraria!

Ryan olhou para ela, divertido, e admitiu:

— Aparentemente, Ryan adoraria. O único problema é que não sou músico profissional.

Henry descartou essa preocupação, dizendo:

— Bem, eu não sei sobre isso. O que eu sei é que as pessoas ouviram você tocar suas músicas no café e ficaram impressionadas. Poderosamente impressionadas, de fato.

Sue Ann sorriu com orgulho.

— Bem, está resolvido, então. Ryan fará isso.

— Karina também fará — disse Renata com firmeza.

Karina virou-se para a avó.

— Karina tem uma opinião sobre isso?

Renata olhou para Karina severamente.

— Seu objetivo nesta tarefa será o mesmo de você estar aqui hoje à noite. É seu trabalho cuidar dos interesses da tribo neste festival e, agora,

do show de talentos. Nos dois casos, tenho toda a confiança de que você terá o melhor desempenho possível, trazendo honra e orgulho à sua família e à sua tribo.

Karina deu de ombros.

— E eu pensando que ia apenas realizar algumas audições no show de talentos. — Ela se virou para Henry. — Foi um longo caminho para dizer que não, Karina não tem voz nisso. Eu acho que estou dentro.

Ryan deu-lhe um sorriso desarmante em particular.

— Parece que temos muito trabalho a fazer. Eu provavelmente deveria pegar seu número. Você sabe, para fins de planejamento. — Karina sentiu como se estivesse bêbada, ainda que não tivesse tomado uma gota de álcool.

— Ah, sim.

*Para fins de planejamento. Claro.*





## CAPÍTULO 8



*K*arina havia circulado o quarteirão seis vezes. É claro que, como o referido quarteirão era o centro da cidade de Hope Falls e não, digamos, um movimentado quarteirão no centro de Manhattan, levou apenas dez minutos.

Ainda assim. Toda vez que ela tentava estacionar, sair do carro e entrar no café de Sue Ann para a reunião de planejamento que ela e Ryan haviam marcado para esta tarde, ela não conseguia fazê-lo. Ela olhava para o relógio do painel, via que ainda tinha mais alguns minutos antes de chegar tecnicamente atrasada e, impulsivamente, decidia dar a volta no quarteirão mais uma vez.

Agora, os números digitais no painel diziam que o tempo havia acabado. Ela teria que estacionar e entrar na Sue Ann ou realmente se atrasaria para a reunião.

*Droga.*

Ela nunca se sentira assim antes. Não no ensino médio, quando teve um crush em Eric Maguire, um garoto alguns anos à sua frente. Não na faculdade, quando teve uma queda por Chris Martell, o quarterback titular. Nem mesmo quando conheceu Leonardo DiCaprio, apesar de ser apaixonada por ele desde o seriado *Growing Pains*.

Enquanto ela estacionava e entrava na Sue Ann, sua irritação com seu comportamento ridículo e totalmente fora do normal fez com que suas bochechas se incendiassem com o calor, o que significava que mais uma

vez Karina, que nunca corava em sua vida, estaria rosada quando visse Ryan.

Perfeito, Karina pensou quando entrou na Sue Ann. Olhando em volta do pequeno, mas movimentado salão, não viu Ryan.

Os pensamentos começaram a zunir em sua cabeça. Talvez ela tenha entendido errado. Talvez ele estivesse atrasado. Talvez ele a estivesse evitando.

— Procurando por mim? — ela ouviu uma voz baixa e sexy por trás dela dizer.

Ela girou, assustada.

Talvez estivesse ficando completamente louca.

Ryan estava sentado em uma das pequenas mesas para duas pessoas perto da janela, bebendo uma xícara de café.

— Ei, linda — ele disse, seus olhos castanho-dourados brilhando de diversão. — Por que você não se senta? Vou pegar uma xícara de café para você.

— Tudo bem — ela disse enquanto se sentava na cadeira à sua frente.

*Recomponha-se.*

Nem era um encontro e Karina estava tão nervosa quanto uma noiva virgem na noite de núpcias. Não que ela soubesse algo sobre ser uma noiva virgem...

Um arrepio percorreu seu corpo quando Ryan voltou para a mesa, com uma xícara de café na mão. Quando ele se sentou à sua frente, ela notou que ele estava com uma barba sexy. Ela considerou sentar em suas mãos para impedir-se de estendê-las e tocá-lo. Com esse pensamento, sua mente começou a imaginar como seria essa barba arranhando-a contra enquanto ele a beijava — e não nos lugares em que ele já a beijara.

— Então, você teve problemas para encontrar uma vaga de estacionamento? — ele perguntou antes de levar a xícara à boca e tomar um gole.

A testa de Karina franziu. Ela estava tendo dificuldade em tirar o pensamento de como lidar com a queimadura de barba entre as coxas e concentrar no que ele estava falando.

Ele sorriu.

— Notei que você contornou o quarteirão seis ou sete vezes antes de escolher uma vaga. Eu pensei que talvez alguém tivesse estacionado no

seu espaço favorito.

O rosto dela ardia de vergonha.

— Eu... pensei que tinha esquecido alguma coisa — ela murmurou, ciente de que aquilo não fazia sentido, mas estava impotente para impedir que as palavras saíssem de sua boca.

Ryan, felizmente, teve a boa vontade de deixar o assunto passar, e ela queria beijá-lo por isso. Bem, ela queria beijá-lo por várias razões, e essa era apenas mais uma.

Depois de puxar um bloco do bolso de trás, Ryan abriu-o em uma página vazia e disse:

— Então, o show de talentos?

Um sorriso agradecido puxou seus lábios enquanto ela pegava seu próprio bloco e caneta da bolsa. Ela abriu uma página em branco e intitulou-a Show de Talentos.

— Tudo bem — ela começou, tentando reorientar seu cérebro para a tarefa em mãos e não para as mãos com as quais ela queria realizar todo tipo de tarefa. Depois de pigarrear, disse: — Acho que a primeira coisa em que precisamos pensar é se vamos ter um tema ou não. Embora possa ser extravagante, feito da maneira certa, também pode realmente trazer um senso de coesão a um grupo de pessoas que, de outra forma, não tem relação alguma.

Ela olhou para ele para ver qual era a sua resposta, mas tudo o que viu foi ele sorrindo como se ela fosse a coisa mais fofa que ele já viu.

— O quê? — ela perguntou. — Eu disse algo engraçado?

Ryan balançou a cabeça.

— Não, não. Desculpe. Você parece tão fofa debruçada sobre o seu bloco. Eu fiquei um pouco distraído. Eu diria que sinto muito, mas não sinto. Você me distrai muito. Mas vou tentar me concentrar. Então, você estava dizendo... Um tema?

Mas agora Karina era quem estava distraída. Empurrando o caderno de lado, ela tomou um gole de café. Quando pousou a xícara, sorriu para ele.

Como o homem à sua frente conseguia desequilibrá-la com um olhar, um sorriso, algumas palavras? Em um canto distante de seu cérebro, ela se perguntou se era realmente tão superficial que um simples elogio sobre sua aparência era suficiente para deixá-la à vontade tão rapidamente.

Ela encolheu os ombros mentalmente. E daí se fosse verdade? Havia coisas piores que poderia ser.

Decidindo parar de brigar e ignorar isso... não importava o que fosse, Karina adotou a abordagem mais direta e a abraçou.

— Na verdade, acho que falar sobre o tema e o resto pode demorar alguns minutos. Você sabe, como trabalharemos intensamente até a noite do show de talentos, acho que provavelmente deveríamos nos conhecer um pouco melhor.

Ryan sorriu, recostando-se na cadeira.

— Eu apoio essa ideia. Pergunte-me o que quiser. Manda brasa.

Karina ficou com água na boca quando a covinha sexy apareceu em sua bochecha. Não, ela não podia se deixar desviar novamente. Esta era a sua chance de descobrir o que excitava Ryan, já que obviamente não era o beijo deles.

— Tudo bem, primeiro o básico. Me fale sobre sua família. Mãe, pai, irmãos, irmãs?

Ryan assentiu.

— Acho que tive uma infância bastante chata e normal. Fui criado em uma fazenda em Montana com minha mãe e meu pai. Eles ainda estão juntos. Sem irmãos ou irmãs. Mas o que posso dizer? Foi o ideal. Quero dizer, acho que se pensar friamente, eu gostaria de ter mais crianças para brincar quando era mais jovem, então sim, acho que ter irmãos e irmãs teriam sido legal. Mas isso é uma pequena reclamação. No geral, eu diria que tive uma infância muito feliz.

— E amigos? Você não tinha amigos para brincar? — Karina perguntou, amando que ela estivesse tendo um vislumbre da vida de Ryan.

— Não. Não durante o ano letivo, pelo menos. Quero dizer, eu fui para a escola, mas era uma escola pequena, mesmo para os padrões rurais. E como todos éramos transportados de fazendas remotas, não era como se pudéssemos simplesmente aparecer nas casas uns dos outros para brincar depois da escola. Sem mencionar que todos nós tínhamos tarefas, de qualquer maneira. Eu tinha um primo com quem eu estava sempre durante o verão, quando não estava trabalhando.

Karina tentou parecer diplomática, mas não pôde deixar de comentar:

— Isso realmente parece meio... triste.

Ryan começou a rir.

— Sim, entendo que você pode pensar isso ao ouvir o que acabei de dizer. Mas, honestamente, não foi como parece. Quer dizer, a maneira como fui criado foi a mesma que as crianças foram criadas por centenas de anos antes de mim. Então é isso: fazer parte de uma tradição de pecuária e agricultura que remonta à fundação deste país. E você também precisa vivenciar algumas coisas para realmente apreciá-las, mas a terra, nossa terra é linda. Exuberante, maravilhosa. E desde que me lembro, como ajudei minha família a trabalhar naquela terra, sabia que era nossa. Nas minhas primeiras lembranças, eu tinha um senso de conexão e orgulho de propriedade com a terra em que estávamos trabalhando que algumas pessoas perseguem a vida inteira e nunca são capazes de alcançar. Você não pode substituir esse tipo de história por algumas rodadas de pique-pega depois da escola, sabe?

Karina se viu completamente encantada com a narrativa de Ryan.

— Uau. Você está certo. Agora, estou com inveja — ela riu.

— Ok, e você? Eu conheci sua avó. E o resto da sua família? — Ryan perguntou.

Karina assentiu.

— Bem, já que você conheceu minha avó, você praticamente conheceu todo o clã Blackstone que está por perto. Eu não tenho irmãos ou irmãs... bem, que eu saiba, de qualquer maneira...

Ryan pareceu intrigado.

— Que você saiba?

Karina fez uma pausa.

— Ok, deixe-me voltar. Renata é a mãe da minha mãe...

Ryan parecia ainda mais intrigado.

— Como você acabou com o mesmo sobrenome, então?

— Meu pai sumiu antes de eu nascer. Minha mãe morreu no parto. Acredito, pelo menos. Então eu não imagino que Renata estava ansiosa demais para me dar o sobrenome do meu pai sacana quando ele não podia nem se dar ao trabalho de ficar por aqui.

Ryan balançou a cabeça.

— Como assim, você não tem certeza de que sua mãe morreu no parto?

Karina fez uma careta.

— Sim, eu sei que parece loucura. Como pré-adolescente, eu fui bastante insistente com minha avó para que me contasse todos os detalhes, mas tudo o que ela dizia é que minha mãe se foi e ela estava lá, isso não era bom o suficiente? Quero dizer, você a viu. Você pode ver como ela é. Arrancar detalhes dela que ela não está disposta a compartilhar? É uma batalha perdida.

Ryan assentiu.

— Entendo o que você quer dizer.

Karina suspirou.

— Então acabei desistindo. Mas isso realmente não importa no grande esquema das coisas. Quer dizer, eu tinha minha avó, eu tinha a tribo, todos os meus amigos. Se minha mãe não estava por perto por providência ou por escolha, é tudo a mesma coisa, no final. Por que não focar apenas nas pessoas que estão aqui e não nas que não estão?

Ryan colocou a mão sobre a dela e apertou.

— Eu acho que é realmente uma ótima maneira de olhar para isso.

Ela olhou para os dedos entrelaçados na mesa e não pôde evitar. Sorriu maliciosamente ao perguntar:

— Então, eu sei que você mencionou não poder parar de pensar em uma garota que acabou de conhecer, mas você tem namorada? Em Montana?

Os olhos de Ryan brilharam com diversão e ele riu.

— Bem, já que a garota em quem eu não consigo parar de pensar é a pessoa que está fazendo a pergunta, acho que ela merece uma resposta. Não, eu não tenho namorada. E caso você esteja se perguntando, porque eu tenho uma ideia de que você pode estar, minha última namorada e eu terminamos há mais de um ano. Ela foi meu terceiro relacionamento sério e ficamos juntos por três anos. Eu tive uma namorada no colégio com quem fiquei por dois anos, uma namorada na faculdade com quem também estive por dois anos e depois minha namorada mais recente.

— Só isso? — Karina perguntou incrédula.

— Só isso — Ryan confirmou. — Eu não sei o que te dizer. Eu sou um cara de relacionamentos. Eu não começo a namorar alguém a menos que eu ache que isso pode ir a algum lugar. Eu não vejo motivo.

Karina ficou impressionada. Ela nunca tinha conhecido alguém como ele antes. No grupo com o qual andava, namoro casual era a norma. Ficar

sério era uma aberração que acontecia quando duas pessoas que estavam mantendo um relacionamento casual tinham sentimentos mais profundos um pelo outro ao mesmo tempo. Certamente nunca era o objetivo no início do relacionamento. A perspectiva de Ryan era uma maneira totalmente nova de ver as coisas para ela.

— Então, o que aconteceu com você e as três garotas? — ela perguntou. Surpreendeu-a que ela estivesse sinceramente curiosa para ter uma visão mais profunda de como ele via as coisas e como pensava. Ela quase se sentia como uma antropóloga, investigando os rituais peculiares de acasalamento de alguma cultura obscura.

Ryan deu de ombros.

— Bem, cada um é complicado à sua maneira, eu acho, como provavelmente a maioria dos relacionamentos. Não tive muito tempo, considerando que trabalhei de sol a sol no rancho, então não tinha muito como mudar as coisas. Mas no fim das contas, a razão pela qual as coisas não deram certo foi que a garota estava pronta para levar as coisas para o próximo nível, e eu simplesmente não estava lá.

— Casamento? — Karina perguntou, e Ryan assentiu. Ela deu um pequeno sorriso. — Pensei que você fosse um cara comprometido.

— Eu sou. — Os olhos castanhos de Ryan olhavam diretamente para ela, e sua sinceridade a inundou. — Se o relacionamento com qualquer uma delas estivesse certo, eu me dirigiria ao altar em um piscar de olhos. O problema era que nenhuma delas era a certa. Eu pude sentir isso. É claro que, como eu não conseguia apontar nenhum problema específico que tínhamos, era realmente difícil para elas entender por que eu não tentava resolver. Mas, honestamente, quando chegava ao ponto de decidir entre colocar um anel ou terminar, a decisão era fácil. Eu sabia que não era o certo. Eu não sei como eu sabia. Eu só... eu sabia que elas não eram o meu futuro.

Confusa, Karina se viu perdida por uma resposta enquanto olhava nos olhos de Ryan. Algo que ela não sabia o nome passou entre eles, mas parecia significativo.

Eles se olharam por um momento até Ryan finalmente quebrar o silêncio.

— E você, estrela? — ele disse levemente. — Conte-me sobre a trilha de corações partidos que você deixou no seu rastro.

Ela riu e balançou a cabeça.

— Oh, não, nada tão dramático. O único relacionamento real que tive, se você pode chamar assim, foi o meu primeiro agente. O que eu tive antes de Bernie. Ele durou um tempo. Anos, na verdade. Mas, olhando para trás, pode ter sido apenas uma relação de conveniência. Quer dizer, ele estava gerenciando minha turnê e também minha carreira. Aqueles foram anos magros — ela riu. — Então... nós de fato moramos juntos. Ele compartilhava grande parte do meu dia a dia e, na época, eu estava com apenas vinte, então eu tinha muito pouca perspectiva sobre a vida além do único namorado de verdade que eu já tive. Eu acho que pode ser por isso que ficamos juntos por tanto tempo.

Ryan assentiu.

— Ok, é por isso que vocês ficaram juntos. Por que você se separou?

— Oh, isso é mais fácil. Eu assinei com Bernie.

— Bernie?

— Meu agente. Quando assinei com ele, tive que demitir meu namorado, então...

— Ok, é por isso que você terminou o relacionamento profissional. Por que você terminou o relacionamento pessoal?

O peito de Karina tremia enquanto ela ria amargamente.

— Era tudo um grande relacionamento. Não havia diferença. De qualquer forma, ainda mantemos contato.

— Sério? — Ryan pareceu surpreso.

— No sentido de que ele posta online sobre como ele me descobriu e eu não seria nada sem ele e que o joguei fora como lixo assim que comecei a ter um pouco de sucesso. Então, você sabe, às vezes eu leio essas postagens, que é o que ele realmente quer, no fundo. É muito infantil.

— Isso parece horrível — Ryan disse com simpatia.

— Bem, pelo menos ele não tem fotos minhas nua, ou Deus não permita, um vídeo de sexo — Karina meio que brincou, mas estremeceu com o pensamento.

Ryan ficou chocado.

— Você acha que ele realmente postaria algo assim? Algo tão particular?

— Ah, sim — Karina respondeu alegremente. — Quer dizer, não, ele provavelmente não publicaria. Ele provavelmente venderia. Mesma coisa.



Uma expressão confusa cruzou o rosto bonito de Ryan.

— Você parece tão blasé sobre isto.

Karina balançou a cabeça.

— Quando você é famoso, você deve presumir que qualquer pequeno pedaço de informação, qualquer lembrança pessoal, qualquer pedacinho da sua vida que você ceder ao controle de outra pessoa, tem a possibilidade de ser vendido para os tabloides um dia. É uma realidade doentia do trabalho.

Karina ficou surpresa ao se ver chorando um pouco, o que era muito diferente dela.

— É por isso que Lauren, Amanda e Sam significam tanto para mim. Elas são as únicas três amigas que eu tenho que conheço, sem sombra de dúvida, eu não me importo com o quão zangadas elas estejam comigo ou com o desespero por dinheiro que possam estar, elas nunca me venderiam. Elas preferem morrer a vender algo pessoal sobre mim para os tabloides. Por causa disso, eu posso ser eu mesma perto delas. Não preciso me preocupar em estar esgotada. Não acho possível explicar o quão raro isso é para alguém na minha posição.

Ela conscientemente limpou a bochecha. Ela não ficava emocionada na frente das pessoas. Nunca. E agora, ela chorou duas vezes na frente de Ryan. Qual o sentido disso?

Ela ficou envergonhada. Quando ele abriu a boca para falar, ela estava com medo do que viria a seguir. Ela conhecia todas as respostas típicas a reclamações como as dela. Que é o preço que se paga por ser famosa ou que ela deveria parar de choramingar, de bancar a pobre menina rica. Ela estava com raiva de si mesma por ter exposto algo tão pessoal a Ryan e se deixado tão aberta ao julgamento. Não era a imagem que ela queria que ele tivesse dela. Mimada. Ingrata.

Mas quando Ryan falou, não era para isso que ela se preparara. Ele simplesmente puxou as duas mãos dela e muito gentilmente as levou aos lábios. Então ele deu um beijo suave e doce em seus dedos antes de baixá-los de volta para a mesa.

Olhando diretamente nos olhos dela, sem um indício de duplicidade, ele disse:

— Eu sei que não nos conhecemos há tanto tempo, mas eu nunca machucaria você, Karina. Não apenas por causa de como me sinto sobre

você, mas também porque esse não é o tipo de homem que sou. Se você quiser, pode adicionar mais uma pessoa à pequena lista de pessoas em quem pode confiar.

Karina balançou a cabeça quando mais uma lágrima escorregou de seus olhos.

— Você sabe o que é estranho? — ela perguntou, soltando uma risada trêmula. — Eu realmente acredito em você. Tantas pessoas me disseram que eu podia confiar nelas apenas para logo depois me vender... Eu nunca acredito em alguém que diga que é confiável... Então, por que eu acredito em você agora?

Ele sorriu docemente quando estendeu a mão e limpou a lágrima com o polegar.

— Eu acho — ele disse — que é porque, em algum lugar profundo dentro de você, você tem um instinto que a protege. Nesse lugar profundo, você reconhece a verdade quando a ouve, por mais raro que possa ser. Então, querida, a razão de você acreditar em mim quando digo que você pode confiar em mim é simplesmente... porque você pode.



## CAPÍTULO 9



Karina ficou no palco no auditório da *Hope Falls High School* e se dirigiu à multidão de residentes de Hope Falls que estavam reunidos para uma audição para o Show de Talentos.

— Muito obrigada pelo seu tempo e interesse em fazer uma audição para o show — ela começou. — Acreditem, se alguém sabe como é difícil se colocar na frente de uma plateia, sou eu. Eu sei que se apresentar é uma das coisas mais assustadoras que uma pessoa pode fazer. É como exhibir sua alma e pedir às pessoas que gostem. Se fazer uma performance é intimidador, a audição é ainda mais. Apenas aparecer é um ato de coragem. Por isso, aplaudo todos e cada um de vocês por terem força e coragem para vir aqui e tentar.

Karina respirou fundo e olhou para suas anotações.

— Muitos de vocês sabem quem eu sou. Eu sou Karina Blackstone. Cresci aqui em Hope Falls.

Com isso, a multidão aplaudiu estrondosamente.

— Oh, parem, parem — disse ela, rindo conscientemente. — Agora, gostaria de apresentá-los ao meu co-presidente do show de talentos, Ryan Perkins.

Com isso, para sua surpresa, o nível de decibéis e a intensidade de seus aplausos só aumentaram quando Ryan subiu ao palco para se juntar a ela.

Ela e Ryan sorriram um para o outro, e Karina ficou feliz que ninguém pudesse ver sua calcinha, considerando o fato de que ela estava derretendo.

Com um aceno, Ryan falou alto.

— Olá, pessoal. Estou animado para ver o que todos vocês prepararam. Antes de começarmos, quero agradecer à minha avó, Sue Ann, por isso. — Sue Ann levantou-se do banco na primeira fila e virou-se para acenar para a multidão, após a gentileza de fornecer café e bebidas.

Enquanto Sue Ann acenava, assobios e aplausos de apreciação encheram o auditório.

Karina olhou para Ryan e o olhar de orgulho e amor em seu rosto enquanto observava a avó fez seu coração seguir sua calcinha e derreter.

Não querendo transmitir seu desmaio interno, Karina pigarreou.

— Certo, então Amanda vai chamá-los, um número de cada vez. Publicaremos a lista de chamada final até segunda-feira, o mais tardar. O show é no próximo sábado às sete e meia. Todos os participantes escolhidos devem se reunir aqui às 14h com suas roupas para um ensaio geral. Alguma pergunta?

Karina e Ryan olhavam para a multidão. Quando ninguém falou, ele disse:

— Ok, então. Vamos lá.

Karina virou-se para Ryan.

— Você está pronto para isso?

Ele balançou a cabeça.

— Existe uma maneira de estar pronto para isso?

— Não tenho certeza — ela respondeu. — Vamos descobrir.

Enquanto eles se sentavam cerca de dez fileiras atrás, Ryan descansou a mão na parte inferior das costas de Karina. A mão dele era grande e se espalhava de um quadril para o outro, e o calor da palma da mão pesada estava deixando a calcinha derretida ainda mais quente. Era tão... bom. A tal ponto que Karina ficou tentada a voltar e seguir um caminho mais longo, apenas para aproveitar a sensação tentadora por mais alguns segundos.

Quando eles alcançaram seus assentos, a decepção floresceu dentro dela. Mas rapidamente murchou quando Karina descobriu, depois de se sentar nas pequenas poltronas do teatro, que Ryan era tão grande que seus braços e pernas estavam se tocando.

Seu estômago ainda estava se revirando no aconchego dos assentos quando Amanda entrou no palco; atrás dela estava o primeiro participante.

— Ah, claro que é Kelly — Karina murmurou enquanto revirava os olhos.

— Ela é legal — disse Ryan, parecendo surpreso com o tom dela.

Karina zombou.

— Sim, ela é legal com você, talvez. Mas esse é o último adjetivo que eu usaria para descrever a atitude dela comigo e com minhas amigas. Ela não gosta de nós. Quando criança, ela era basicamente Regina George usando esteroides.

— Regina... quem? — Ryan perguntou, sua testa franzida.

— De Meninas Malvadas — explicou Karina, esperando a lâmpada de reconhecimento iluminar os olhos castanho-dourados de Ryan. Quando não aconteceu, ela continuou: — O filme. Com Lindsay Lohan, Rachel McAdams, Tina Fey, Amy Poehler.

Ryan balançou a cabeça.

— Nunca vi.

Karina percebeu que ele também não tinha ouvido falar de nenhuma das atrizes que ela acabara de mencionar. Normalmente, ela não tinha nada em comum com pessoas que não compartilhavam sua paixão pela cultura pop. Mas o que ela estava encontrando com Ryan era refrescante. O homem não tinha nenhuma noção de que estava se tornando mais sexy do que ela esperava.

Kelly confiantemente se aproximou da frente do palco.

— Meu nome é Kelly King. — Ela então levantou o papel que tinha o seu número estampado e disse em um tom de paquera: — Eu sou a número um. — Aproveitando o tempo para apontar o dedo para Ryan de forma divertida. — E eu vou cantar *Orange Colored Sky*, de Natalie King Cole.

— Nat King Cole — Karina corrigiu antes que pudesse se conter.

Kelly fez uma careta para ela e retrucou:

— O quê?

— É Nat King Cole. Natalie era filha dele... Quer saber? Deixa pra lá. Estamos perdendo tempo.

— Sim, você está — respondeu Kelly num tom arrogante, revirando os olhos enquanto passava as mãos por um vestido formal que Karina tinha certeza de que ela devia ter desde o colegial.

Ryan inclinou-se até Karina. Sua respiração aquecida em seu pescoço quando ele sussurrou e fez com que seus braços se arrepiassem.

— Você está certa. Ela realmente não gosta de você.

— Sim — Karina sussurrou de volta sem fôlego, não porque estava tentando manter a voz baixa. Ela abriu a boca para falar normalmente e se transformou em Marilyn Monroe cantando parabéns ao presidente. — Com paixão.

— Paixão, é? — Movendo-se em sua cadeira, ele se inclinou para mais perto, de modo que seus ombros e coxas agora estavam se tocando, em vez de apenas seus braços e joelhos. — É mútuo?

Karina não tinha ideia se eles ainda estavam falando sobre Kelly ou se o assunto havia mudado para eles. Era demais para seu cérebro confuso de luxúria processar. Mas de qualquer maneira, a resposta foi a mesma.

— Absolutamente.

— Vai! — Kelly gritou.

O que se seguiu foi uma das performances mais torturantes de *Orange Colored Sky* que Karina já ouvira. Ela estava tão maluca que parecia um gato tentando dar à luz um elefante. A única coisa pior do que o canto de Kelly — e Karina estava usando esse termo vagamente — eram os movimentos de dança que ela estava apresentando desajeitadamente. Ela parecia um bebê girafa tentando se levantar no gelo.

Era tão cômico que Karina quase começou a sentir pena da garota. Isso foi até que ela terminou com um floreio e soprou um beijo em direção a Ryan enquanto piscava sedutoramente. Algo um pouco próximo de ciúme territorial surgiu em Karina. Kelly podia não ser capaz de cantar e dançar, mas ela era bastante habilidosa no que dizia respeito à combinação de piscadela e beijo.

Ryan começou a bater palmas lentamente enquanto Amanda rapidamente conduzia o pisca-pisca do palco.

— Sério? — Karina virou-se para Ryan, as sobrancelhas levantadas. — Aplausos?

Ele balançou a cabeça em reverência, ainda encarando o espaço que Kelly acabara de desocupar.

— Definitivamente não foi bom, mas você tem que admitir que foi... divertido.

Karina começou a rir. Ela parecia fazer muito isso com Ryan. Era uma contradição estranha estar tão à vontade e tão nervosa com alguém ao mesmo tempo.

— A única coisa divertida foi o vestido de baile no estilo dos anos 80. Não que eu tenha ido ao baile nos anos 80, ou em qualquer outra época, mas é assim que parece nos filmes.

— Você nunca foi ao baile? — Ryan perguntou.

— Não — disse Karina com naturalidade. — Minha avó nunca permitiria. Na vida da tribo, simplesmente não fazíamos coisas assim. Eu não sei como explicar. Quer dizer, não era expressamente proibido ou algo do tipo. Era só... eu não sei... esse tipo de coisa era parecido com uma tolice. Ou bobagem. Indigno. — Ela suspirou. — Eu não estou explicando muito bem.

— Não, acho que entendi. — Ele assentiu. — Não é como se minha família fosse exatamente a mesma, mas eu sei do que você está falando. Na minha família, toda a nossa vida era administrada pelo rancho. Não havia outro mundo além dele. Sem férias, sem sair com os amigos, sem tirar dia de folga. Nada além do rancho e do trabalho. Qualquer outra coisa era considerada frívola.

— Sim. — Ela ficou surpresa que alguém que havia sido criado de maneira tão diferente dela realmente pudesse entender. — Você entendeu.

Ela sorriu suavemente, e Ryan cobriu sua mão com a dele. Quando eles olharam nos olhos um do outro, ela sentiu o vínculo entre eles crescendo como uma coisa física e teve que desviar o olhar enquanto sentia o calor subindo de sua barriga e suas bochechas começando a corar.

Oh, não, ela não iria corar novamente.

— Próximo! — ela gritou.

O resto do dia foi longo, frenético e cheio de uma grande variedade de apresentações. Houve muitos números musicais esperados, com certeza, mas havia muitas pessoas exibindo talentos que Karina nunca teria imaginado.

Roland treinou seus três cães para fazer truques e rotinas em formação sincronizada. A Sra. Kasson girou pratos. Greg Monson andou em pernas de pau. E aos sessenta e dois anos de idade, Lorraine Tilden realizou uma bela apresentação de ginástica rítmica.

Por mais que estivesse gostando da diversidade nas audições, no final do dia da maratona, ela estava exausta e experimentando os primeiros sinais de enxaqueca. Até a novidade de estar tão perto de Ryan e seus toques de arrepiar a espinha não conseguiram impedir a cabeça dela de

latejar. Mesmo sem perceber, ela inconscientemente começou a esfregar as têmporas.

— Você está bem? — Ryan perguntou. — Tenho certeza de que só falta um.

Ela tentou se recuperar.

— Sim, eu estou bem.

Ryan sinalizou para Amanda, que estava parada no palco, com o polegar para cima.

Amanda subiu ao palco segurando a mão de Noah, de seis anos. Sua expressão era de nervosismo, mas também havia um ar de coragem em sua forma de se portar. Era óbvio que ele iria fazer essa audição, não importava o quão assustado ele se sentisse.

— Oi, Noah! — Karina exclamou. Ela se virou para Ryan e explicou: — Noah é irmão mais novo de Justin.

— Oh! — disse Ryan. — Ei, Noah. Prazer em conhecê-lo. Eu conheci seu irmão outro dia.

Noah se iluminou, todos os traços de nervosismo deixando seu rosto. Ele disse:

— Meu irmão é o *cara*!

Ryan riu.

— Sim, ele é. Então, o que você vai fazer por nós hoje, Noah?

— Vou recitar um poema que aprendi para a escola — ele disse. — Ele se chama *Sarah Cynthia Sylvia Stout* e é sobre uma garota que nunca tirava o lixo, e tem uma moral.

À medida que prosseguia no poema, sua voz cresceu em confiança e expressividade até que ele finalmente alcançou as frases finais, que imbuiu com uma seriedade grave.

Ryan e Karina começaram a bater palmas, assobiar e gritar.

— Bom trabalho! — Karina gritou.

Quando terminaram de bater palmas, Noah olhou para eles solenemente.

— A moral da história é que sempre precisamos tirar o lixo — ele informou.

Amanda caminhou até a frente do palco para se juntar a Noah, olhando para os bastidores, e disse:



— Bem, parece que Noah foi a última audição. Então, a menos que você precise de mim para mais alguma coisa, eu vou levar esse carinho para casa.

— Não, nós estamos bem — Karina disse enquanto ela e Ryan se juntavam a eles no palco. — Muito obrigada por toda a sua ajuda, Mand. Não poderíamos ter feito isso sem você. Sério. Não consigo imaginar como seria o dia sem você manter tudo organizado e dentro do cronograma.

— O prazer foi todo meu — respondeu Amanda enquanto bagunçava os cabelos de Noah. — Você está pronto para ir, amiguinho?

— Podemos parar e tomar sorvete? — Noah encarou Amanda com olhos de cachorrinho.

— Humm... absolutamente! — Amanda cumprimentou Noah com outro *high five*, e eles desceram do palco.

Ryan e Karina acenaram para Amanda e Noah quando eles saíram. Quando a porta da frente do auditório bateu, Karina subitamente percebeu que ela e Ryan estavam *muito sozinhos*.

Esse fato a fez suar frio. Não era, de maneira alguma, uma novidade para ela estar sozinha com um homem pelo qual se sentia atraída. Karina sempre achou sua sexualidade empoderadora, então era estranho se sentir tão... nervosa.

Ryan se inclinou perto do rosto de Karina.

— Você sabe o que sempre sinto vontade de fazer quando estou sozinho com uma mulher bonita em um auditório grande e vazio como esse? — ele sussurrou com voz rouca.

Karina balançou a cabeça, a voz desativada, a respiração suspensa, todos os nervos do corpo formigando, aguardando a resposta dele.

Ryan demorou-se, prolongando o momento e, se ela não estava enganada, provocando-a. Finalmente, ele sussurrou lentamente:

— Tocar meu violão.

Os dois começaram a rir, e Karina bateu de brincadeira no ombro dele. Então, em meio à risada, ela disse:

— Honestamente, eu também.

— Você trouxe o seu? — ele perguntou.

— Nunca vou a lugar nenhum sem ele — ela disse com firmeza.

— No seu carro?

— Sim — ela respondeu.

— Te encontro aqui em cinco minutos?

Ela sorriu, aumentando a aposta.

— Melhor em quatro.

A adrenalina correu através dela enquanto acelerava e caminhava até o carro. Ela adorava tocar e colaborar com outros músicos. Em sua experiência, quando dois músicos se reúnem, algo especial acontece. Adicione uma atração intensa na mistura e tudo vira uma receita para a magia.

Depois de pegar seu violão, Karina voltou correndo para o auditório.

Para sua surpresa, Ryan já estava reclinado em uma cadeira dobrável no palco, com o violão fora do estojo enquanto tocava trechos de melodia.

— Onde você esteve? — ele perguntou, inclinando a cabeça em direção à cadeira dobrável vazia que montara para ela ao seu lado.

— Como você pode ter chegado ao seu caminhão e retornado nesse período de tempo? — ela perguntou. — Onde você estacionou?

Ele riu.

— Tudo bem, eu admito. Meu violão estava aqui o tempo todo. Deixei nos bastidores quando cheguei.

— Entendi. — Ela riu junto com ele. — Boa jogada, senhor. Boa jogada.

Ela largou o estojo, o abriu e removeu o violão. Depois de deslizar a alça por cima do ombro, se acomodou na cadeira dobrável. Então começou a tocar, acompanhando-o, tocando uma harmonia complementar com a melodia dele e harmonizando sua voz com a dele quando começaram a cantar.

Ela não conseguia se lembrar da última vez que estivera tão feliz.

Não havia nenhum propósito em suas brincadeiras, nenhum objetivo final. Eles não estavam escrevendo uma música para seu próximo projeto, e ela não estava fazendo um teste para que ele tocasse em sua banda. Eles estavam usando seus instrumentos e suas vozes para fazer música, pura e simples, apenas pelo puro prazer que proporcionava.

Era quase doce demais para suportar.

Era exatamente do que ela sentia falta.

Ao crescer, a avó mantinha uma cópia de um livro chamado Canja de Galinha para a Alma na mesa de centro, repleta de histórias e contos

inspiradores. Bem, *isso*, tocar com Ryan, era canja de galinha para a alma de Karina.

O tempo parecia estar suspenso enquanto eles tocavam. A cada minuto, a cada segundo que passava, Karina sentia a conexão entre eles crescendo e se fortalecendo, como cordas tangíveis enrolando-se intrincadamente ao seu redor. Vinculando-os. Uma era a música. Uma era a crescente confiança um no outro. E a outra eram os olhares eletricamente carregados que eles trocavam continuamente enquanto a música enchia o auditório hora após hora.

Karina ainda estava um pouco assustada com a força de sua reação física e emocional a Ryan. Vulnerável era algo que Karina *nunca* foi. Mas quanto mais tempo ela passava com Ryan, mais ela se sentia mudando de assustada para intrigada com o desenvolvimento inesperado do que quer que estivesse acontecendo entre ela e o Sr. Ryan Perkins.



## CAPÍTULO 10



Na manhã seguinte, no que parecia ser o exemplo mais cruel possível de *déjà vu*, Karina foi arrancada de um sono profundo pelo toque alto da campainha.

Mais uma vez, ela se levantou. Mais uma vez, ela procurou o despertador. Novamente, não faltava muito para as seis horas. E, novamente, era uma Sam brilhante e vestida com elastano que estava em pé na porta da frente, pulando de um pé para o outro, para não deixar seu coração desacelerar.

— Nós realmente precisamos parar de nos encontrar assim — Karina resmungou quando Sam passou correndo por ela e se dirigiu para a cozinha.

— Eu queria descobrir como foram as audições — Sam esclareceu, puxando a garrafa de água habitual da geladeira de Karina.

— Você percebe que sua visita contínua à minha casa a essa hora todas as manhãs só vai me fazer parar de abastecer a água? — disse ela a Sam enquanto se sentava em uma cadeira da cozinha.

Sam deu de ombros com indiferença.

— Paus e pedras podem ser o fim do caminho, mas ameaçar reter água só me fará trazer minhas próprias águas de Março — ela cantou.

Karina riu.

Sam virou-se para Karina e comemorou:

— Sim! Eu fiz você rir!

— É cedo. Minhas defesas caíram — Karina protestou. — Embora isso tenha sido muito fofo. Eu vou admitir a melhoria.

— Então... conte-me sobre as audições — Sam pressionou.

— O que você quer saber? — Karina brincou.

— Como as coisas se desenvolveram com seu... — Sam baixou o timbre de sua voz em um esforço para canalizar Mae West. — ... co-presidente da comissão?

Karina riu de novo.

— Sammy, só você pode fazer com que o termo “co-presidente da comissão” pareça ousado.

— Acho que você está evitando a pergunta — disse Sam com naturalidade.

Karina suspirou e deixou a cabeça cair sobre a mesa.

— Estou confusa. E nunca estou confusa. Não sobre homens. Eles são as criaturas mais simples do mundo. É só alimentá-los, deixá-los jogar videogame e manipular seu joystick de vez em quando. Eles são felizes como amêijoas. Simples.

— *Talvez* Ryan seja uma classe melhor do que aquela com a qual você costuma lidar — sugeriu Sam.

Karina reconheceu o ponto.

— Ele teria que ser. Mas isso ainda não explica por que a presença dele me deixa completamente fora de controle. Respiro engraçado, meu coração dispara, minha pele fica vermelha e meu cérebro para de funcionar. Eu já fui atraída por pessoas antes. Eu sei como é. É um dos meus sentimentos favoritos no mundo. O que sinto por Ryan não é apenas atração.

— Só há uma explicação — concluiu Sam sem rodeios. — Você é alérgica a ele.

— Não pense que não considere isso, minha querida espertinha — Karina gemeu. — Eu só... não sei. Eu não gosto disso. Eu nunca fui uma maníaca por controle, mas sentir estar fora de controle é... perturbador.

Sam suspirou sonhadoramente.

— Aaaahhhhh, o amor...

— E a pior parte é que nada disso importa, porque estou realmente *ansiosa* pela oportunidade de me jogar naquele fogo novamente. Mal posso *esperar* para vê-lo. Sempre que estamos separados, começo a contar

os minutos até vê-lo novamente, mesmo sabendo o efeito que ele terá em mim. Porque eu *sei* o efeito que ele terá em mim. Eu sou louca?

Sam pegou a mão dela.

— Louca de amor.

Karina retirou a mão do aperto de Sam.

— Essa é a Beyoncé. Não eu.

Sam deu de ombros.

— É você agora. Além disso, não sei por que isso está te incomodando tanto. Me parece o que todo mundo no mundo quer que aconteça a si mesmo. Parece um conto de fadas.

Karina acenou com a mão com desdém, frustrada por sua amiga não poder ver a tristeza de sua situação. Mais do que um pouco de irritação tingiu sua voz quando ela explodiu:

— Não, não é. Você simplesmente não entende porque nunca teve um namorado. Depois de ter um pouco de experiência...

Mesmo quando as palavras escapavam de sua boca, ela ouviu seu próprio tom condescendente e viu a dor no comportamento de Sam quando de repente se sentou mais ereta.

Karina olhou para cima, encontrando o olhar ferido de Sam e disse:

— Oh, não, Sammy, eu não quis dizer isso. Sério. Eu não quis dizer nada disso.

— Não — disse Sam com uma voz levemente magoada —, você está certa. Eu não tenho nenhuma experiência. O que eu sei?

— Você sabe o bastante — Karina assegurou. — Por que você acha que eu continuo derramando meu coração para você manhã após manhã?

Sam sorriu.

— Porque ninguém mais vai ouvir o seu lamento?

— Não — Karina brincou —, é porque você aparece na minha porta quase de madrugada e me pressiona a fofocar antes que meus sentidos tenham a chance de acordar.

Sam deu de ombros.

— De qualquer jeito. Por que mexer com um time que está ganhando?

Karina sorriu e pegou as mãos de Sam nas dela, olhando em seus olhos sinceramente.

— Mas, falando sério, sinto muito. Isso foi uma coisa muito chata de se dizer. — Então ela se levantou e caminhou até o lado de Sam da mesa.

— Viu? Para mostrar a você o quanto realmente sinto muito, vou até abraçar você suada, expondo-me aos perigos do suor de segunda mão.

Sam riu.

— Bem, para fazer você pagar por isso, eu não vou negar essa oferta, que é o que eu sei que você esperava secretamente.

Ela abraçou Sam e eles compartilharam um abraço.

— Bom. Eu mereço isso — Karina respondeu com um sorriso torto. Ela caminhou até a cadeira e caiu de volta. — Eu não sei, Sam — ela suspirou. — Estou começando a pensar que talvez o que estou passando seja realmente apenas luxúria reprimida. Talvez seja apenas que nosso relacionamento ainda não esteja consumado. Talvez se eu fizesse sexo com ele, isso o tiraria da minha cabeça.

— Você acha? — Sam perguntou com um tom falsamente inocente enquanto inclinava a cabeça para o lado. — Porque, como você apontou, não tenho muita experiência no mundo real, mas, pelas minhas observações, é praticamente o oposto. Dormir com um cara geralmente a deixa um pouco *mais* envolvida com ele do que antes, e não menos.

Karina considerou as palavras de Sam.

— Hummm. Talvez. Para outras garotas. Mas não para mim. — Ela encolheu os ombros. — Eu nunca fui tão emocional com o sexo. Quero dizer, é o que é. Um desejo físico, um imperativo biológico. Acho que nunca me apeguei a alguém só porque dormi com ele. Eu não acho que sou assim.

Sam, por sua vez, considerou as palavras de Karina.

— Sim, mas acho que Ryan é diferente dos outros caras com quem você esteve.

Karina entendeu o argumento de Sam, mas ainda se viu balançando a cabeça.

— Ele pode ser, mas eu ainda acho que toda essa coisa de descombinação mente-corpo-alma que estou vendo acontecer aqui é inteiramente o resultado de um acúmulo doentio de hormônios sexuais no meu cérebro.

Sam parecia cética.

— Eu não sou médica, mas acho que não é assim que funciona.

Karina não seria dissuadida.

— Bem, como você disse, você não é médica.

— É verdade, mas tenho conhecimento médico suficiente para saber que “hormônios sexuais” não é uma designação científica válida. Acho que todo mundo tem conhecimento médico suficiente para saber disso. Eu acho que isso é sobre sentimentos. Sentimentos reais, não hormônios sexuais.

Karina balançou a cabeça. Por mais que ela gostasse que sua amiga estivesse conversando sobre isso com ela, ela absolutamente não concordava com a análise de Sam. Karina não se apegava ou experimentava amor de conto de fadas. Ela realmente não foi construída dessa maneira.

Limpando a garganta, ela tentou explicar.

— Olha, pense assim. É como a pressão se acumulando dentro de um balão. À medida que o balão se estica, ficando cada vez mais fino, mais ar é espremido dentro dele, criando uma situação impossível e insustentável. O que eu realmente preciso fazer é...

— Estourar o balão? — Sam interrompeu. — Metaforicamente falando, é claro.

— Exatamente! — Karina disse, apontando para ela. — O único problema é que, desde aquele beijo alucinante no estúdio, Ryan *infelizmente* foi o cavalheiro perfeito. Eu *sei* que ele sente a química picante como *jalapeño* entre nós. Então, por que ele não fez algo sobre isso?

— Talvez ele esteja nervoso — Sam ofereceu. — Você é *Karina Black*, afinal. Pode ser um pouco intimidador.

Karina sabia que não era esse o caso.

— Sim, para alguns caras, talvez. Mas não Ryan. Ryan é... — Uma emoção espalhou-se por ela enquanto pensava nas mãos ásperas do trabalho, nos bíceps grandes e abaulados que pressionavam o algodão fino de suas camisetas, sua voz profunda e sexy que a fazia girar por dentro como se estivesse no brinquedo de um parque de diversões. — Ryan é um homem. Um homem de *verdade*. Eu não acho que o fato de eu ser *Karina Black* o influencie.

Sam suspirou e assentiu. Então, como se algo tivesse surgido nela, sua testa franziu quando ela perguntou:

— Então, se seu cérebro é o balão da história, você percebe que, depois que ele for estourado, acabará se espalhando pela sala em pequenos



pedaços, certo?

Karina deu de ombros.

— Não é uma metáfora perfeita.

Sam respondeu:

— Não é uma situação perfeita.

Karina mostrou a Sam seu sorriso branco perolado e afirmou:

— Não, mas está prestes a ser amplamente melhorada.

Ela não sabia por que Ryan estava levando as coisas tão devagar, mas tinha certeza de que poderia encontrar uma maneira de acelerar tudo. E era exatamente isso que ela planejava fazer.

Sam não parecia convencida, mas admitiu.

— Ok. Você se conhece melhor que ninguém. Você tem um plano?

Um sorriso se espalhou por seu rosto quando ela acenou para Sam. Ryan pode estar levando as coisas devagar. Ele poderia estar fazendo-a sentir as coisas e agir de uma maneira que normalmente não agia. Mas ele ainda era um homem de sangue vermelho e ela ainda era uma mulher.

O “plano” dela era simples.



## CAPÍTULO 11



— Cortina em quarenta e cinco minutos! — disse Amanda para a lotada área dos bastidores, onde Karina e Ryan estavam tentando encurralar os competidores que haviam feito conseguido uma vaga e compunham a formação do Show de Talentos. — Vocês têm apenas 45 minutos para estar completamente vestidos, maquiados e prontos para subir ao palco!

Karina virou-se para Ryan, com os olhos brilhando.

— Não acredito como isso é emocionante. Eu admito que não estava totalmente a bordo no começo, mas estou realmente gostando agora.

— Sim, eu sei o que você quer dizer. Sei que não faz sentido, mas sinto orgulho. Como se o show fosse o nosso bebê.

Karina estendeu os braços expansivamente e vestiu uma voz falsa de locutor de TV

— Ryan e Karina, parabéns! Vocês são os pais orgulhosos de um show de talentos!

Ryan riu enquanto olhava nos olhos escuros e amendoados de Karina. Todo dia, todo minuto que ele passava com Karina o fazia sentir... mais. Mais do que ele jamais pensou que poderia sentir sobre alguém que ele conhecia há apenas algumas semanas.

— Não há ninguém que eu prefira ter como mãe do meu show de talentos do que você, Karina Blackstone.

Um rosa-claro tingia suas bochechas. De alguma forma, Karina conseguiu tornar o rubor uma das coisas mais sexy do mundo. Claro, ela

fazia a mesma coisa ao respirar. Ao falar. Ao ficar parada. E seu favorito absoluto, ao sorrir.

— A energia aqui atrás é palpável! — Sue Ann bateu palmas animadamente enquanto passava para ocupar seu lugar na fila.

Karina assentiu para ela.

— Oh, sim. Esta é uma das melhores partes de se apresentar. Algumas pessoas com quem trabalhei odeiam os momentos antes de entrar, mas eu sempre amei essa parte.

Ryan exalou alegremente.

— Parece que dá onda. Por que alguém usaria drogas quando se pode ter *isso*? Eu nunca pensei que seria assim. Mas faz sentido. Veja quantas pessoas estão lá fora. Devem ser milhares. A cidade inteira parece ter aparecido.

Os olhos de Karina se estreitaram e sua cabeça inclinou para o lado.

— É uma multidão maior do que aquela pra qual você costumava tocar?

Ryan assentiu.

— Sim. Quero dizer, era uma cafeteria. E eu acho que havia... hmmm... umas dez pessoas lá. No máximo.

Ela pareceu surpresa.

— Então você realmente nunca se apresentou antes?

Ele estava começando a se sentir desconfortável com o interrogatório dela.

— A não ser que conte com a cafeteria.

Seus lindos olhos se arregalaram e ela mordeu o lábio quando franziu a testa. Ela tocou o braço dele e falou devagar, com cuidado.

— Um... okaaayyy. Então aqui vai. Eu fiz uma coisa. Em retrospecto agora? Talvez tenha sido um pouco insensível. Talvez não seja a jogada mais inteligente. Mas depois de contar o que fiz, tente lembrar que meu coração estava no lugar certo.

Ele a olhou desconfiado, a sensação desconfortável não melhorando. Na verdade, estava piorando. Ficando muito pior.

— O que *exatamente* você fez?

Seus lábios se transformaram em um sorriso de megawatts de *superstar* enquanto ela ria um pouco desconfortável.

— Vamos olhar para trás e rir disso um dia.

— Karina. — Ele não quis dizer o nome dela com tanta severidade, mas queria que ela falasse logo.

Ela sorriu incerta.

— Bem... quando eu estava reunindo a ordem final absoluta dos números a serem enviados para a impressora, eu... uh... coloquei seu nome na lista.

Ele estava confuso.

— Na lista?

— Sim. De números. A lista de quem vai se apresentar hoje à noite.

Ele balançou a cabeça, sem compreender.

— Mas eu não vou tocar.

— Bem, é isso. Você vai, na verdade. — Ela riu, tentando entender o que tinha feito.

Parecia que um elefante de duas toneladas estava sentado sobre seu peito.

— O quê?!

Karina fracamente abriu os braços e deu um salto sem entusiasmo. Com uma voz alta e alegre demais, ela gritou:

— Surpresa!

Ryan riu, mas ouviu o leve pânico transparecendo.

— Então... hoje à noite... em pouco mais de uma hora... eu devo aparecer na frente de alguns milhares de pessoas e tocar. Sem ensaio. Basta ir lá e tocar.

Ela sorriu brilhantemente quando lhe deu dois polegares para cima.

— Sim! Basicamente isso.

Ryan sentiu que precisava de ar. Ele tinha *certeza* de que as paredes estavam se fechando.

— Não sei se posso fazer isso.

A determinação brilhou nos olhos de Karina quando ela parou na frente dele, colocando as mãos em seus ombros.

— Ryan — ela disse intensamente, olhando para ele —, você com certeza pode. Você tem um talento natural. Está preparado. Você consegue fazer isso. Mais do que isso, você vai arrebentar. Eu vi você. Eu sei o que você pode fazer. Conheço talento de *verdade* quando vejo. O mundo merece vê-lo também.

Ele assentiu, acostumando-se à ideia cada vez mais enquanto deixava as palavras dela penetrarem.

— Preciso pegar meu violão em casa — disse ele, procurando as chaves nos bolsos.

— Não, você não precisa. Sue Ann trouxe. Está tudo pronto — ela assegurou.

— Quando eu toco?

— Logo depois de Noah. Você vai fechar o show.

— Vai ser mais difícil ainda. — Ele riu, mais nervoso do que qualquer outra coisa, enquanto olhava para o jeans e as mangas térmicas. Uau. — Agora me sinto malvestido. Aquele garoto está vestindo um smoking.

Karina riu.

— Não sei que filme ou programa ele viu que o fez pensar que é isso que você tem que usar quando se apresenta no palco, mas é literalmente tudo o que ele consideraria usar. Não se preocupe com suas próprias roupas. Ninguém espera que um WG ao quadrado esteja vestido com nada além de jeans e camiseta vintage.

— WG ao quadrado? — Ele franziu a testa.

— É tipo John Mayer, Jason Mraz, Jack Johnson. Significa *White Guy With Guitar*<sup>L</sup>. — Suas mãos se moveram animadamente enquanto ela explicava.

— Isso é uma loucura. Não acredito que vou realmente fazer isso. Isso é loucura.

Ryan fechou os olhos e respirou fundo, na tentativa de se concentrar. Quando suas pálpebras se abriram, ele viu os olhos intuitivos de Karina penetrando sua alma com preocupação.

— Deus, você é linda.

O pequeno sorriso que surgiu nos lábios de Karina era gentil e doc, e mesmo depois de passar horas no Google pesquisando todas as imagens dela, ele nunca o viu em seu rosto, a menos que fosse direcionado a ele. Esse conhecimento fez com que a excitação o atingisse e o fizesse querer bater no peito, no estilo homem das cavernas.

Inclinando-se mais para perto dela, ele apoiou a mão nas costas de Karina enquanto sussurrava contra a orelha dela

— Obrigado por fazer isso. Não me surpreendo com frequência, mas você, Karina Blackstone, é cheia de surpresas. Quando estou com você, mal posso esperar para ver o que fará em seguida, ouvir o que você dirá, e com certeza mal posso esperar para ver seu próximo sorriso. Esse sorriso é perigoso. Porque eu sei que faria *qualquer coisa* para ser o homem que o coloca em seu rosto todos os dias.



### *Droga.*

As palavras que Ryan falou e o som vibrante de sua voz em combinação com os lábios macios roçando no ouvido de Karina fizeram sua cabeça girar com desejo, com luxúria, com... outras emoções que ela não queria descobrir.

Karina fora levada para jantar em lugares da moda. Recebera presentes caros. Escapadas românticas decididas no calor do momento para locais exóticos, mas nunca, nunca, um homem foi capaz de penetrar sua alma da maneira que Ryan fazia só com palavras. Apenas palavras simples.

Seu coração estava galopando em alta velocidade e sua respiração ficou tão rasa que parecia que ela estava se passando por uma operadora de sexo por telefone. Todas essas reações devido a algumas frases ditas em voz baixa contra seu ouvido.

Como compositora, ela estava bem ciente de quão poderosas as palavras poderiam ser. Elas podiam curar um coração partido. Dar esperança aos desesperados. Inspirar os desanimados. Dar direção aos errantes. Dar fé aos perdidos. Dar força aos fracos. Dar paz aos inquietos. Dar voz àqueles que foram silenciados. As palavras mudavam vidas. E de alguma maneira ela sabia que as palavras de Ryan tinham mudado algo dentro dela. Colocou uma peça no quebra-cabeça de sua alma no lugar.

Com as palavras de Ryan ainda pairando pesadamente no ar emocionalmente carregado entre eles, Karina ouviu uma voz atrás dela.

Uma voz que era familiar para milhões, mas que ela não ouvia pessoalmente há pelo menos seis meses.

— Karina, meu amor! Surpresa!

Karina congelou no lugar, seus olhos se arregalando.

— Oh. Meu. Deus — ela sussurrou em descrença.

*Ele não. Isso não pode estar acontecendo.*

Ryan, com os olhos cheios de preocupação colados aos dela, perguntou:

— Quem é ele? O que há de errado?

Ela balançou a cabeça, não querendo responder. Só querendo desaparecer. Ou melhor, que a pessoa ligada a essa voz desaparece.

Não, isso nunca iria acontecer.

Ryan olhou por cima do ombro para ver a quem pertencia a voz. Seus olhos ficaram tão grandes que Karina não tinha certeza de que eles ficariam alojados em sua cabeça quando ele disse:

— Puta. Merda.

— Sim — Karina confirmou. — Exatamente.

Ela decidiu que era melhor se virar e encarar seu destino. Ela girou lentamente na direção de seu visitante bem a tempo de ver Kelly King se apressar para a nova chegada e soltar um grito assustador antes de começar a falar sobre o quanto o amava e blá, blá, blá.

Kelly concordou em ajudar no gerenciamento de palco depois de não ter passado na etapa das audições, uma decisão que Karina suspeitava ter tudo a ver com manter uma proximidade de Ryan e pouco a ver com o espírito da cidade e fazer com que o show fosse um sucesso.

— Pelo menos ela está se tornando útil, distraindo-o com sua tagarelice estúpida — Karina murmurou para Ryan.

Ryan olhou para ela, confuso.

— Então você o conhece?

— Sim, pode-se dizer que sim. — Karina suspirou.

O “ele” em questão era Kyle Austen Reed. Terceira estrela masculina de cinema mais bem paga do mundo. Por duas vezes ele foi o homem mais sexy do ano da *People*. Três vezes indicado ao Oscar, duas vezes vencedor. Indiscutivelmente uma das poucas pessoas na terra mais famosas que Karina.

A última vez que Karina teve notícias, ele estava na Amazônia, filmando. No entanto, lá estava ele. De pé nos bastidores do auditório da *Hope Falls High School*.

Amanda veio correndo, prancheta na mão, e agarrou o braço de Karina.

— Eu ouvi um grito. O que aconteceu?

Karina fez um gesto irritado para onde Kelly ainda estava falando com Kyle sobre a grande fã que ela era. Amanda olhou e olhou de novo. Quando assimilou o que estava vendo, a prancheta escorregou de suas mãos e caiu no chão.

— Oh, meu Deus, aquele é...

— Kyle Reed — Ryan forneceu.

— O que ele está... o que... — ela gaguejou.

— Karina o conhece — respondeu Ryan.

A mandíbula de Amanda caiu e ela tirou o celular do bolso de trás e começou a digitar furiosamente.

— O que você está fazendo? — Karina perguntou.

— Estou mandando mensagens para Lauren e Sam virem aqui!

Em menos de vinte segundos, Lauren e Sam correram para o grupo, sem fôlego.

— Qual é a emergência? — Lauren perguntou com urgência.

Amanda apontou para onde Kyle Austen Reed estava parado no meio de uma multidão cada vez maior de artistas da noite e disse:

— Parece que um amigo de Karina decidiu aparecer.

— Uau! — Sam exclamou quando viu quem era.

Até Lauren, que geralmente não era de demonstrar emoções, soltou um suspiro audível.

Ryan balançou a cabeça como se tentasse limpá-la.

— Ok, senhoras. Por mais interessante que isso seja, e não me interpretem mal, isso é uma loucura séria, eu acabei de descobrir que vou tocar hoje à noite, então preciso encontrar meu violão, afiná-lo, aquecer...

— Ele deu um sorriso brilhante para Karina e piscou. — Até logo.

Ela se viu sorrindo como um filhote de cachorro doente de amor de volta para ele enquanto ele se afastava.

Sam virou-se para Karina e disse:

— Kyle Austen Reed está aqui para vê-la?

— Sim, provavelmente — Karina murmurou.



Amanda pulou.

— Como você o conhece?

Karina suspirou.

— Nós somos amigos?

Lauren estreitou os olhos, desconfiada.

— Isso foi uma pergunta ou uma afirmação?

Karina lançou os olhos para o céu e jogou os braços em sinal de rendição.

— Bem. Somos amigos com *benefícios*.

Lauren adotou um tom ligeiramente castigador enquanto brincava:

— Eu me lembro disso, quando estávamos brincando de verdade ou desafio na casa de Amanda há alguns meses, e surgiu a pergunta sobre se você já dormiu com alguém da lista-A de Hollywood e você disse que não. Estou me lembrando errado?

— Eu não quero falar sobre isso — Karina resmungou.

— Eu lembro disso! — Sam apontou acusadoramente para Karina. — Acredito que suas palavras exatas foram: “Eca, pessoal. Caras famosos são nojentos. Eu gosto de ser a mais vaidosa de um relacionamento.”

— Bem... eu menti. — Karina cruzou os braços. — Me processem.

Lauren e Sam pareciam estar gostando da nova munição para provocar Karina. Amanda, por outro lado, parecia um pouco magoada.

Ela virou os olhos de corça para Karina e disse:

— Kar, por que você sentiu que tinha que mentir para nós?

Karina acenou levemente.

— Eu não sei. Quer dizer, não somos públicos. Não que haja algo para ser público. Não é um relacionamento. É apenas... não é nada.

Naquele momento, Kyle Austen Reed se separou da multidão bajuladora ao seu redor e caminhou até onde as quatro meninas estavam de pé.

— Karina, *mi amore*! — ele exclamou. — Eu vim para resgatá-la desse ambiente humilde.

O estômago de Karina agitou-se de náusea enquanto ela sentia que ela e essa situação eram uma bola de neve descendo uma montanha, ganhando velocidade a caminho da base. Tentando evitar uma avalanche completa, ela agarrou Kyle pela manga da camisa e o arrastou para um canto escuro, onde esperava que ninguém pudesse ouvi-los. Não teve o efeito desejado,

no entanto, já que suas três amigas os seguiram como patinhos, apesar dos olhares de morte de Karina na direção delas.

— Kyle, o que você está fazendo aqui? — Seu tom era mortalmente calmo.

Kyle ignorou essa pergunta e se virou para Sam, Amanda e Lauren.

— Só um instante, minha beleza de cabelos negros — ele disse. — Quem são essas adoráveis senhoras que compõem sua comitiva?

— Ok, baixa um pouco a bola, diva. Elas não são minha comitiva. São minhas amigas — respondeu Karina.

Sua cabeça estava girando ainda mais rápido agora, mas não tinha nada a ver com luxúria. Ela não podia acreditar que isso estava acontecendo. Ela procurou por câmeras, pensando que devia estar em uma pegadinha. Claro, programas assim estavam fora do ar por anos, mas era a única possibilidade.

— Olá, eu sou Lauren. — Sua amiga aproveitou a ocasião em que viu que Karina estava sofrendo mesmo para fazer apresentações simples. — Estas são Sam e Amanda.

Kyle Austen Reed cumprimentou cada uma delas quando foram apresentados, pegando as mãos que elas ofereceram para um aperto enquanto as segurava com ambas as mãos grandes e fortes. Ele olhou atentamente para cada par de olhos enquanto repetia o nome e acrescentava:

— Sou Kyle Austen Reed. É um prazer conhecê-la.

Amanda e Sam pareciam muito impressionadas, mas Lauren conseguiu responder:

— Eu não posso acreditar que estamos realmente conhecendo Kyle Reed.

— Kyle *Austen* Reed — ele corrigiu rapidamente, em um tom amigável, mas firme.

— Ok, sim... Kyle Austen Reed — respondeu Lauren como se estivesse em transe.

Karina olhou para as amigas, o rosto pálido e a boca aberta, e acenou para elas. Elas estavam enraizadas onde estavam, e não parecia que tinham planos de deixar suas posições tão cedo.

Não tão sutilmente, Karina disse:

— Gente? Um pouco de privacidade?

Lauren se virou e examinou a área dos bastidores.

— Parece que as pessoas estão se preparando. Estamos praticamente sozinhos.

— Oh, Deus. — Karina começou a esfregar as têmporas, uma dor de cabeça gigantesca se formando atrás dos olhos. Ótimo... uma enxaqueca. Simplesmente perfeito. Onde estava o Doril quando ela precisava? Se havia um momento que ela podia usar para sumir junto com a dor... era esse.

Ela olhou para cima bem a tempo de ver Amanda, hipnotizada, cutucando, meio acariciando, o braço de Kyle como se estivesse tentando verificar se tudo era um sonho ou não.

Kyle desviou sua atenção para Amanda.

— O tecido não é requintado? Este blazer é feito de lã que foi tecida especificamente para mim por monges em um remoto mosteiro na montanha na Itália que quebraram seus votos de silêncio pela primeira vez em vinte anos para discutir o tecido e a coloração. — Ele colocou a mão sobre o coração para ilustrar o quanto o gesto significava para ele. — É uma das minhas posses favoritas.

Karina olhou para ele com incredulidade aberta.

— Sério? As pessoas realmente acreditam em você quando diz coisas assim?

Ele olhou de volta para ela, seu rosto se iluminando como se lembrasse de sua tarefa original.

Escovando a mão pela bochecha dela, ele murmurou:

— Karina, me perdoe, *bella ragazza*, por deixar minha atenção desviar de você. Garanto-lhe que isso não acontecerá novamente.

Karina se afastou dele, aborrecida.

— Eu não quero sua atenção.

Naquela declaração, ele a esmagou contra o peito em um abraço enorme.

— Tudo bem, meu amor. Você não precisa mais ser forte. Kyle Austen Reed está aqui.

— Repito: não preciso ou quero você aqui! — Karina tentou gritar, mas o resultado foi um murmúrio, na melhor das hipóteses, porque seu rosto estava esmagado contra o peito dele.

— Quando Bernie ligou e me contou sobre sua situação, eu me coloquei em um avião em cinco minutos. Nunca tema, meu amor. Estou aqui para salvá-la desta miséria rural em que se encontra.

— Ei! — Amanda disse defensivamente. A referência de Kyle à “miséria” como a cidade natal de Amanda parecia tê-la tirado de seu devaneio estrelado.

— Ok — Karina suspirou enquanto se afastava dos braços dele. — Tantos pensamentos concorrentes. Onde começar? Primeiro de tudo, Bernie ligou para você? Ele sabe sobre nós?

Kyle Austen Reed assentiu.

— Ah, sim. Bernie tem conhecimento há anos. Ele sempre me liga quando sente que você está se sentindo um pouco triste, um pouco solitária. Então Kyle Austen Reed chega para o resgate! — Ele estufou o peito como um pavão orgulhoso.

Karina empalideceu.

— Oh, bom Deus. Vamos deixar de lado, por enquanto, o fato de você estar voando pelo país há anos à disposição do meu agente, me fazendo visitas como um gigolô de alto preço...

Com isso, Kyle ficou um pouco mais alto e endireitou os ombros.

— Sim, agora que você mencionou, às vezes me lembrava minha performance ganhadora do Oscar em *Gentlemen of the Evening*.

— Não é um elogio, Kyle — Karina falou.

A expressão no rosto de Kyle comunicava claramente piedade. Ele começou a acariciar os cabelos de Karina com movimentos longos e ousados.

— Shhh, shhh, doce Karina. Você está claramente sob muito estresse. Que bom que Bernie me ligou. Eu posso ver isso agora. Apenas deixe tudo comigo, Kyle Austen Reed.

— Sim, entendemos. Nós sabemos quem você é — respondeu Karina, afastando a mão dele. — Sério, pare de me acariciar. Eu não sou um golden retriever, Kyle.

— *Kyle Austen Reed* — Lauren corrigiu.

Karina fez uma careta para ela.

— Você não está ajudando.

Lauren sorriu de volta para ela maliciosamente.

— Karina, *Kyle Austen Reed* veio resgatá-la do deserto. Você não parece agradecida.

A pressão sanguínea de Karina estava subindo a um ritmo perigoso, então ela respirou longa e lentamente para se acalmar.

*Respira fundo*, ela disse a si mesma enquanto inalava.

— Veja, Kyle...

— Austen Reed — Sam interrompeu.

Karina lançou um olhar para ela antes de respirar tranquilamente mais uma vez e recomeçar.

— Kyle — afirmou ela com firmeza —, esta é minha casa. Decidi ficar aqui. Eu não preciso ser resgatada. Então, muito obrigada por reservar um tempo da sua programação para vir aqui, mas...

O rosto de Kyle se iluminou como se de repente ele entendesse a situação.

— Espere um segundo. Não gosto do seu rosto — disse Karina.

— Não diga mais nada. Eu entendo completamente. — Kyle piscou para ela.

Karina não podia acreditar na diferença que sentia de uma piscadela de Ryan e de Kyle. Ela suspirou.

— De alguma forma, duvido disso.

— Você quer se estabelecer aqui, entre o terreno implacável e as pessoas humildes e camponesas...

— Vou simplesmente renovar meu “Ei!” indignado — interrompeu Amanda.

— Vamos nos juntar a uma tradição orgulhosa de casais poderosos de Hollywood que se retiraram para a simplicidade de um modo de vida mais terreno. Voltaremos à terra. Tudo o que precisamos fazer é encontrar a propagação perfeita para a câmera e contratar uma equipe de funcionários para o rancho. Ele deve estar desgastado, mas ainda bonito. Uma empregada doméstica, possivelmente que esteja na propriedade há gerações. Existem alguns detalhes adicionais a serem resolvidos, mas, no total, eu diria que estamos a apenas dois ou três meses de convidar Oprah para filmar aqui.

— Kyle — continuou Karina —, não somos um casal poderoso de Hollywood.

— Karina, *mon amour*, você se dá  *muito* pouco crédito.

— Não somos, nem nunca fomos, um *casal* de nenhum tipo — Karina falou devagar, para que Kyle não perdesse nenhuma palavra, a histeria fervendo logo abaixo da superfície.

Kyle abriu a boca para responder e Karina teve uma suspeita furtiva de que o que ele estava prestes a dizer não seria uma aceitação da realidade. No entanto, ela nunca saberia, porque naquele momento Henry caminhou até o grupo.

— Dia! — ele cumprimentou o pequeno grupo de pessoas que estavam ali.

— Dia *procê* também! — respondeu Kyle, atingindo Henry com toda a força do seu sorriso de estrela de cinema.

— Eu sou Henry Walker. Sou o prefeito de Hope Falls — disse Henry, apresentando-se e apertando a mão estendida de Kyle.

— Prazer em conhecê-lo. Sinto-me honrado por a cidade enviar emissário de tal honra para me cumprimentar, e tão rapidamente. Percebo que Karina fez uma excelente escolha para decidir onde construir nosso novo lar.

Karina enterrou o rosto nas mãos. Quando ela não ouviu a conversa continuar ao seu redor, levantou a cabeça e viu Henry olhando-a perplexo antes de voltar sua atenção para Kyle.

— Bem, filho, eu não sei nada disso, e eu estaria aqui de qualquer maneira, sendo este o show de talentos da cidade. E tenho que me desculpar, mas não sou muito observador de filmes, por isso nunca ouvi falar de você. No entanto, você certamente deixou todos aqui no teatro em polvorosa, devo dizer.

Kyle inclinou a cabeça em uma exibição exagerada de agradecimento. Karina revirou os olhos, mas ninguém estava prestando atenção nela nesse momento.

Henry continuou.

— Então, eu estava pensando, como reconhecimento por ter um convidado tão distinto em nosso meio, se você não se importaria de assumir as funções de apresentador esta noite.

Karina começou a protestar.

— Não. Essa é uma ideia horrível, horrível...

Mas ela foi interrompida pelo anúncio de Kyle Austen Reed de:

— Eu adoraria! Aponte-me na direção do microfone. Estou pronto para começar.

— Excelente — Henry se entusiasmou, apertando a mão de Kyle e depois entregando a ele uma prancheta. — Aqui está a lista de números anotados na ordem em que vão acontecer e alguns fatos que você pode incorporar em suas apresentações. Agora, você precisa de algum tempo para se preparar, filho? O programa aqui está definido para começar agora, mas se você precisar fazer um feitiço e estudar esta lista aqui, podemos atrasar a abertura da cortina.

— Bobagem, Sr. Prefeito! — Kyle exclamou, abrindo os braços. — Você chamou os serviços de Kyle Austen Reed, e Kyle Austen Reed não falhará com você! Estou pronto, senhor!

Henry parecia cético para dizer o mínimo.

Karina suspirou e relutantemente disse:

— Ele vai se sair bem, Henry. Se há uma coisa que ele pode fazer de maneira brilhante, sem falhas, é improvisar na frente de uma multidão.

Kyle apertou Karina contra o peito, numa pose afetada como se estivessem na capa de um romance. Bem, se as heroínas nas capas dos romances parecessem irritadas e tentassem golpear os rostos dos mocinhos, pelo menos.

— Eu posso fazer qualquer coisa... qualquer coisa... — Kyle entoou dramaticamente —, sabendo que tenho o apoio total do meu único e verdadeiro amor.

De onde seu rosto estava esmagado contra o lado do pescoço de Kyle, Karina conseguiu murmurar:

— Tenho a sensação de que será uma noite muito, muito longa.



Karina podia sentir a energia ansiosa irradiando de Ryan enquanto eles estavam nos bastidores, esperando Noah terminar de recitar seu poema de

*Shel Silverstein.* A primeira vez que ela se apresentou na frente de uma multidão desse tamanho, ela teve uma crise nervosa, mas conseguiu tocar na frente de pessoas durante toda a vida.

Ryan nunca havia tocado para mais de dez pessoas — e isso foi em um café aconchegante, não em uma situação como essa — um auditório repleto de luzes, um palco e uma audiência em assentos voltados para a frente, com a atenção concentrada em nenhum outro lugar além dele e de sua música.

Ela realmente o jogou no fundo do poço com essa pequena façanha. Ela só esperava que ele acabasse por perdoá-la se as coisas não corressem bem.

Colocando a mão no ombro dele, ela testou suas águas tensas perguntando timidamente.

— Como você está se sentindo?

Ele olhou para ela, excitação brilhando em seus olhos.

— Eu só quero chegar lá.

Um sorriso se espalhou lentamente em seu rosto quando ela percebeu que estava certa sobre ele. A apresentação estava dentro dele, no fundo de sua alma. As vibrações tensas que ela sentiu saindo dele não eram medo, mas antecipação. Ele nasceu para o palco. Ele simplesmente não sabia, porque nunca havia pisado em um antes daquela noite.

Finalmente, Noah terminou seu poema com um floreio, os braços estendidos dramaticamente, sob aplausos estrondosos. Ele marchou orgulhosamente para fora do palco e Karina deu-lhe um grande abraço.

— Você foi muito bem, Noah — disse ela entusiasmada.

Ele sorriu e respondeu:

— Eu sei!

Karina riu e Noah continuou:

— Vi meu pai e meu irmão tirando várias fotos minhas!

Ela sorriu e bagunçou os cabelos dele.

— Você foi magnífico!

Ele sorriu e agradeceu enquanto corria, informando que ia encontrar Amanda.

Ao lado dela, Ryan respirou fundo e ela agarrou a mão dele enquanto Kyle, com a prancheta na mão, entrava no palco pronto para anunciar o próximo número.



Seu estômago revirou em nervosismo. Não por si mesma, mas por Ryan. Ela perdeu momentaneamente o foco quando Kyle apareceu inesperadamente naquela noite. Mas agora toda a atenção dela estava onde deveria ser focada, em Ryan. Houve uma ligeira falha em seu foco, recuperado quando Kyle puxou Ryan para seus braços e declarou que sabia que os dois seriam os melhores amigos. Sim, isso a fez querer encontrar o buraco mais próximo, rastejar nele e se esconder. Felizmente, o momento passou rapidamente quando Kyle foi afastado por causa das tarefas de apresentador.

— Está pronto? — Karina sussurrou.

Ryan a surpreendeu inclinando-se e dando-lhe um rápido, mas apaixonado, beijo nos lábios antes de olhar para a frente para ouvir sua apresentação.

Santo Deus. Não apenas seus joelhos tremiam da excitação pura que acabara de atravessá-la, mas também havia um formigamento distinto em seus lábios. Ela se sentia marcada pelos lábios dele. E gostou. Muito.

Os aplausos estrondosos que haviam sido comuns durante todas as aparições de Kyle Austen Reed no palco do auditório naquela noite cessaram quando Kyle se aproximou do microfone.

— Obrigado, obrigado — ele disse sinceramente. — Mais uma vez, sou Kyle Austen Reed. E quero agradecer a vocês por serem o melhor público que já tive a honra de conhecer. Essa é a verdade. Eu não digo isso levianamente. Eu certamente não digo isso para todas as pessoas diante das quais me apresento.

Karina revirou os olhos. Ela o ouvira pessoalmente usar essa frase exata em mais de uma dúzia de ocasiões e não conseguia imaginar que a multidão levaria isso a sério. No entanto, eles provaram que ela estava errada ao explodir em uma onda de aplausos, gritos e assovios que envergonhavam todos os seus esforços anteriores da noite. Kyle encorajou-o afastando-se do microfone e abaixando a cabeça em uma demonstração de falsa modéstia. Ele então gesticulou dramaticamente de volta para a plateia como se confirmasse que, de fato, eram eles que mereciam todo o crédito.

E novamente, eles morderam a isca.

Quando os gritos estridentes finalmente se acalmaram, Kyle voltou ao microfone, consultando rápida e sutilmente as fichas que segurava. Ela

conhecia esse truque. Era uma técnica de atuação antiga, e ela viu Kyle usá-la em mais de uma ocasião. Na verdade, era uma habilidade impressionante, e ela dava-lhe crédito por isso.

Ele se treinou, como muitos atores, a olhar para um pedaço de papel e memorizar um pedaço do texto escrito nele, praticamente instantaneamente. Dessa forma, os atores podiam fazer leituras frias — fazendo testes com material que nunca haviam visto antes — enquanto atuavam para os diretores de elenco com apenas um breve olhar para o roteiro.

Isso também era útil em situações como a que Kyle agora se encontrava, porque ele podia apresentar os números sem parecer que estava lendo sobre eles em um papel. Ele poderia ter realmente aprendido sobre cada uma dessas pessoas.

Karina refletiu que, quando se trata de atuar, é como o sábio disse uma vez:

“É tudo uma questão de sinceridade. Depois que você aprende a fingir isso, o resto é fácil.”

— Agora, senhoras e senhores, tenho que ser sincero com vocês sobre este próximo número. Nós realmente guardamos o melhor para o final. Ryan Jackson Perkins não é apenas incrivelmente talentoso, mas também um amigo íntimo e pessoal.

Ryan lançou um olhar confuso para Karina e começou a fazer uma pergunta, mas Karina antecipou e respondeu com um aceno de cabeça antes que ele pudesse expressar as palavras.

— É o mundo de Kyle e todos nós apenas vivemos nele. Ele viu você uma vez. Na cabeça dele, isso faz de você um amigo íntimo.

— Tudo bem, mas como ele sabe meu nome do meio?

Karina deu de ombros.

— Eu não sei. Ele deve ter perguntado a Sue Ann. Mas vindo de Kyle Austen Reed, consideraria o fato de ele estar usando isso como um elogio.

A voz de Kyle ficou mais alta:

— Vocês o conhecem desde sua performance de estreia no Sue Ann's Café, e tenho o prazer de recebê-lo no show de Talentos de Hope Falls esta noite. Por favor, juntem suas mãos para uma verdadeira estrela em ascensão, Ryan Jackson Perkins!

Karina viu Ryan entrar confiante no palco, sob aplausos, surpresa ao se ver batendo palmas e gritando com o resto da multidão. Ela normalmente não era uma pessoa excessivamente demonstrativa, mas Ryan realmente fazia aflorar esse lado dela, e ela tinha que admitir que parecia natural e real. Ela gostou.

Quando ele alcançou o centro do palco e subiu para o microfone, Kyle ficou atrás dele e bateu nos dois ombros como se realmente fossem melhores amigos. Os aplausos naturalmente começaram de novo, e Ryan parecia que nunca se sentira mais feliz ou mais em casa do que na frente de uma plateia.

Sua voz profunda foi amplificada enquanto ele falava no microfone, e a multidão imediatamente se calou para não perder uma palavra.

— Muito obrigado a todos — ele disse sinceramente. — Eu não estaria aqui hoje à noite sem o apoio de uma boa amiga a quem gostaria de agradecer do fundo do meu coração. Ela desempenhou um grande papel na minha posição diante de vocês agora, e ela é muito especial para mim por causa disso e de muitas outras razões. Na verdade, ela é a única responsável por eu estar aqui esta noite.

Karina começou a ver para onde aquilo estava indo e ficou rígida. Mas, ao mesmo tempo, ela não pôde evitar o pequeno sorriso que brincava ao redor de seus lábios enquanto dizia a si mesma:

— Tudo bem, Ryan. Tudo bem. Toque.

— É por isso que acho que ela não se importará se a chamarmos aqui no palco para se apresentar comigo esta noite. Senhoras e senhores, por favor, juntem as mãos para a minha amiga e a sua, Karina Blackstone.

A respiração de Karina ficou presa na garganta. Ela nunca, nem uma vez na vida, fora anunciada ao palco com seu nome real. Foi um detalhe que afetava muito mais a experiência.

Ela sentiu o coração inchar ao sair para o palco, acenando para a multidão.

Não era uma pessoa que se deixasse levar facilmente, Karina teve que tentar reprimir a emoção que a inundava. Ela estava em sua cidade natal, se apresentando para uma plateia que a vira crescer, e atravessando o palco em direção ao homem por quem ela estava começando a pensar que só poderia estar se apaixonando. Naquele momento, ela não conseguia imaginar nada melhor. Era assim que a vida deveria ser.

O olhar e a atenção dela estavam tão presos a Ryan que ela nem percebeu quando Kyle tocou sua bochecha enquanto eles atravessavam o palco.

Tomando seu lugar à esquerda de Ryan, ela levantou o queixo em direção ao microfone e disse:

— Olá, Hope Falls!

Quando mais uma louca salva de palmas desapareceu, Ryan se inclinou e disse:

— Se vocês não se importam, eu gostaria de tocar algo em que Karina e eu trabalhamos na outra noite. É completamente inédita. Vocês serão as primeiras pessoas a ouvi-la, além de nós dois.

— Então sejam gentis! — Karina brincou, e a multidão riu.

Ela e Ryan se entreolharam, e ela sentiu faíscas tão intensas que na verdade a deixaram fora de foco.

Ryan deu aquele sorriso doce e enigmático e disse:

— Chama-se *O amor é a chave*, e esperamos que vocês gostem.

Com isso, ele começou a dedilhar a melodia familiar que eles criaram na noite dos testes. Ela observou o rosto dele, tão hipnotizada quanto os membros da plateia que nunca haviam ouvido a música antes, enquanto ele cantava o primeiro verso. Felizmente, Karina sempre foi capaz de lembrar melodias, teclas e letras como *Rain Man* lembrava números. Se ela não tivesse essa capacidade, estaria seriamente ferrada, porque estava completamente envolvida no momento. Perdida no som de sua voz e na melodia que ele tocava com suas mãos talentosas.

Ela entrou no refrão, misturando-se com Ryan, harmonizando, suas vozes subindo e descendo como uma só. Eles se fundiram perfeitamente, combinando-se para criar um som mais bonito pelas magnitudes do que qualquer um dos seus talentos individualmente.

Então, durante o segundo verso, quando ela estava cantando sozinha, percebeu que essa apresentação parecia diferente de qualquer outra que ela fez no passado por mais um motivo. Ela estava tocando uma música sobre se apaixonar, que havia escrito com alguém por quem estava se apaixonando, e estava cantando diretamente para essa pessoa.

Nunca em sua vida houve outra performance tão crua, tão real e verdadeira quanto essa música perfeita com Ryan.

Então, quase antes que ela percebesse, eles estavam cantando, em perfeita harmonia, a nota final da música. Ryan tocou o último acorde e, quando a música desapareceu, ela foi absorvida pela emoção da sala enquanto todo o auditório explodia em gritos e aplausos.

Em um canto distante de sua mente, ela percebeu que a plateia havia se levantado e assobiava, pisoteava e aplaudia com toda força. Ela mal estava ciente do que gritavam:

— Ryan! Karina! Ryan! Karina!

E apenas vagamente percebeu que Kyle havia pegado o microfone e estava encerrando o show.

Todas essas coisas, enquanto estavam registradas em algum canto distante de sua consciência, pareciam estar ocorrendo em um mundo distante, em um universo paralelo que só tinha o menor fio de conexão com o dela.

Ela, naquele momento, estava completa e totalmente envolvida em seu próprio mundo, um mundo que só tinha espaço para si e para outra pessoa.

Naquele momento, Karina Blackstone, que até então só tivera olhos para a plateia, só tinha olhos para Ryan Perkins.



## CAPÍTULO 12



A adrenalina bombeou nas veias de Ryan. Ele estava voando com excitação e energia, e não sentia como se algum dia fosse voltar ao normal. Apresentar-se com Karina naquela noite foi o ponto mais alto que ele já havia experimentado. Mente, corpo e alma. Ele se sentiu completamente envolvido nessa sensação nova e emocionante.

Ele também não conseguia parar de falar sobre isso. Durante toda a noite, primeiro nos bastidores, depois na festa posterior, Henry hospedou-se no centro comunitário e, mesmo agora, enquanto destrancava a porta do escritório nos fundos do café.

Não passou despercebido para ele que deveria soar como um disco quebrado, mas realmente não conseguia se conter. Ele estava tão empolgado que simplesmente não conseguia calar a boca. Felizmente, Karina não parecia cansada de ouvi-lo refazer a experiência. Na verdade, ela parecia quase tão animada quanto ele.

Finalmente, ele parou de falar e riu de si mesmo.

— Eu sei, para alguém como você, com a sua experiência, não foi grande coisa, mas para mim...

— Não! Foi muito importante para mim — ela o interrompeu, assegurando —, na verdade, foi muito forte.

Ele sabia que ela provavelmente estava apenas brincando com ele. Mas ele se importou. A noite tinha sido épica. Uma das melhores noites de sua vida. Ele se sentira mais vivo naquele palco do que em todos os seus vinte e oito anos. Ele girou o botão para abrir o cofre, decidindo que também

poderia precisar diminuir o entusiasmo. Respirando fundo, calmamente, abriu a porta e colocou a caixa de dinheiro do show dentro.

— Então, Kyle está planejando...

Quando ele se virou para encarar Karina e mudou o disco quebrado que estava tocando repetidamente, parou de repente. Apesar de falar sem parar por horas, ele não tinha certeza de que poderia formar uma sentença agora se sua vida dependesse disso.

Karina estava de pé na frente dele, apenas de sutiã, calcinha e salto alto. Uma mecha de seu cabelo lustroso e preto caía sobre o ombro esquerdo, roçando o monte curvado de seu seio volumoso.

Ryan nunca se considerou um homem apaixonado por seios, mas por algum motivo, sua visão travou lá. Embora a imagem inteira de uma Karina quase nua diante dele fosse a coisa mais sexy que ele já vira, ele não conseguia desviar o olhar do lugar onde aquele cacho macio e brilhante mal tocava o topo de seu seio redondo e firme.

Quando Ryan instantaneamente ficou duro, sua respiração ficou presa na garganta. Seu cérebro parecia estar em curto-circuito, e ele foi deixado à mercê de suas informações sensoriais. Sentindo-se atraído como metal por um ímã, ele afastou o pequeno cacho de seu delicado decote, que agora estava ofegante quando a respiração dela acelerou.

Quando as pontas dos dedos traçaram o lado daquele monte carnudo e lindo envolto apenas em rendas frágeis e vermelhas, ele a sentiu tremer sob seu leve toque. Ele gostava disso. Gostava de ter o poder de fazê-la tremer, tocá-la como se tocasse seu violão, fazer com que a carne do corpo dela respondesse ao menor toque da mesma maneira que as cordas do seu instrumento.

Quando as pontas dos dedos alcançaram a parte inferior do sutiã rendado, ele ergueu a palma da mão e segurou a parte de baixo do seio dela, pegando o mamilo entre o polegar e o indicador e manipulando-o até ficar firme.

Karina gemeu, e o som o trouxe de volta a si mesmo em um piscar de olhos.

Merda. Por mais que se sentissem conectados, dormir com Karina apenas algumas semanas depois de conhecê-la não era algo que ele queria fazer. Não era nada disso, ele queria... mas não queria. Não era assim que ele operava. Ryan não fazia sexo casual. Nunca.

Ele simplesmente não era assim.

Puxando de uma força interior que ele nem sabia que possuía, ele sussurrou:

— Não. Aqui não. Agora não. Assim não. — Então ele tentou passar por ela, fora do escritório, mas ela se moveu rapidamente para que seu corpo estivesse bloqueando o caminho.

— Sim — ela sussurrou sedutoramente, pressionando seu corpo contra o dele. — Bem aqui. Agora mesmo.

Com isso, ela alcançou atrás dela e desabotoou o sutiã, deixando-o escorregar de seus ombros, dando-lhe uma visão completa e deslumbrante de seus magníficos seios cheios. Eles eram lisos e de cor caramelo, assim como o resto de sua pele brilhante, e eram cobertos com mamilos duros marrom chocolate.

— Isso vai acontecer, Ryan — ela continuou suavemente.

E para mover as coisas nessa direção, ela pegou as mãos dele nas dela e as colocou em seus seios redondos e firmes, moldando os dedos para envolvê-los e arqueando as costas para pressionar os mamilos contra as mãos dele.

Um gemido primitivo rasgou seu peito enquanto seus dedos amassavam a carne macia. Sinceramente, ele não sabia como ainda estava de pé, pois cada grama de sangue em seu corpo corria para a virilha. Nunca antes ele esteve tão excitado. Ele nunca quis tanto alguém como Karina.

— E vai acontecer exatamente assim — ela concluiu com voz rouca. — Eu quero você. Você todo.

Com essa declaração final, as mãos dela deixaram as dele, e ele ouviu o zíper descendo antes de sentir seus dedos delgados mergulharem dentro de sua cueca. Com um aperto firme e confiante, ela segurou o membro dele e começou a acariciá-lo lentamente, no ritmo em que ele estava apertando os seios contra as palmas das mãos.

Todo o seu corpo explodiu com mais necessidade e desejo do que ele jamais sentira em sua vida. Ele passou do ponto sem volta. Ele esqueceu tudo. Certo. Errado. Tudo o que existia era Karina. Seu toque. Sua voz. Ela. Ela queria que ele fizesse amor com ela, e ele faria exatamente isso.

Karina havia falado, e seu corpo havia expressado sua concordância. A consciência de Ryan fora superada em dois a um. Então ele se entregou à



opinião da maioria e decidiu que, como isso iria acontecer, ele não iria se conter.

Ela o queria. Todo ele. Era exatamente o que ela iria ter.

Agarrando seus pulsos, ele puxou a mão dela para fora de suas calças. A decepção brilhou em seus olhos, e ele sabia que ela pensava que ele iria acabar com a coisa toda. Mal sabia ela, ele estava tão longe daquele ponto que mal se lembrava de considerar a possibilidade.

Em vez disso, ele levantou a mão dela, e olhando diretamente em seus olhos o tempo todo, deslizou os dedos dentro da boca, um por um, girando a língua em torno de cada um e chupando-os. Então ele lambeu a palma da mão, colocando muita umidade nela.

Nunca soltando o pulso dela, ele usou a outra mão para empurrar rapidamente seus jeans e boxer ao redor dos joelhos, momento em que tirou os sapatos, as calças e a cueca.

Sem quebrar o contato visual e sem soltar o aperto em seu pulso, ele moveu a mão de volta para sua ereção pulsante, envolvendo os dedos escorregadios em torno dele.

Ele inclinou a cabeça perto da dela, até que suas testas estavam se tocando e eles estivessem olhando nos olhos um do outro, apesar da mínima distância. Então, intensa e suavemente, disse apenas duas palavras, e ficou claro que era uma ordem.

— Mais rápido.



A respiração de Karina ficou completamente suspensa durante o ritual torturante de Ryan. Primeiro, ela pensou que ele iria parar de novo. Então, quando ele lambeu os dedos, ela quase queimou não apenas com a sensação da língua molhada em sua pele, mas também com o visual sensual. Mas o mais sexy de tudo foi quando ela ouviu seu comando

áspero. Um suspiro de prazer saiu dela quando um choque de felicidade explodiu entre suas pernas.

Enquanto ela o acariciava, Karina observou como ele deslizava a camiseta por cima da cabeça e depois puxava sua calcinha pelas pernas até os joelhos. Então ela seguiu o exemplo dele e a removeu. Ele se endireitou, e ela pôde ver pela expressão facial dele, bem como o suor na testa, que quaisquer reservas que ele tinha antes eram esquecidas agora.

Ryan pegou os mamilos entre os polegares e os indicadores, rolando-os para frente e para trás, provocando-os até o auge de seu potencial. Ela tinha certeza absoluta de que seus mamilos nunca haviam estado mais duros ou mais sensíveis do que estavam agora. Eles também nunca haviam experimentado tanto prazer quanto estavam experimentando agora sob o cuidado excitante dos dedos de Ryan.

Com a testa ainda pressionada, eles se entreolharam; dando prazer um ao outro. Karina achava que nunca havia sentido uma conexão tão primordial com um ser humano.

Ryan cobriu sua boca com a dele, sua língua deslizando por seus lábios e explorando sua boca como se ela fosse um tesouro precioso. Assim que a língua dele encontrou a dela, um desejo surgiu como ela nunca tinha conhecido antes. Karina queria mais. Mais beijos, mais excitação, mais Ryan.

Como se sentisse a urgência de Karina, Ryan deslizou uma das mãos firmemente pela barriga, persuadindo as coxas a se separarem quando alcançou o ápice das pernas dela. Enquanto ela afastava as pernas, começou a sair de seus calcanhares, mas Ryan quebrou o beijo e ordenou suavemente, mas com uma voz que não provocava discussão:

— Não. Deixe assim.

Karina colocou o pé de volta no sapato, e seu corpo inteiro ficou emocionado por ser controlado, ordenado, informado exatamente do que fazer.

Se tivesse vindo de alguém que não fosse Ryan — um homem que ela conhecia apenas há algumas semanas, mas confiava tão completamente — não havia como dizer como ela aceitaria. Esta era uma primeira vez para Karina; ela sempre esteve no controle completo de todos os seus encontros sexuais.

Mas vindo de Ryan? Isso a despertou mais do que ela conseguia se lembrar de ter sido despertada em sua vida.

Ryan deslizou as mãos entre as pernas dela, passando levemente os dedos para cima e para baixo nas dobras molhadas de seu núcleo.

— É aqui que você quer que eu te toque? — ele perguntou, com um sorriso malicioso no rosto.

Karina assentiu furiosamente, incapaz de falar.

— Diga-me — ele ordenou baixinho.

— Sim... eu... eu quero... — Karina conseguiu dizer.

Um grunhido vibrou através dele quando ele mergulhou o dedo dentro dela, e ela gritou de prazer, seu corpo contraído contra os dedos dele, os joelhos dobrados. Ela teve que enganchar rapidamente o braço livre em volta da nuca dele para não cair no chão.

Ela ofegou, apertando a garganta, incapaz de falar.

Usando a ponta do polegar áspero, ele esfregou o ponto sensível algumas vezes. Ondas de intenso prazer a atingiram e a deixaram tão tonta que ela perdeu o controle sobre o eixo dele e começou a derreter em direção ao chão.

Quando o braço grande dele envolveu sua cintura, firmando-a, ela mal notou quando ele limpou a mesa com um golpe rápido. A necessidade a inundou quando ela se sentiu sendo levantada e firmemente, ainda que com gentileza, colocada sobre a mesa. Sem fôlego, ela se recostou e descansou nos cotovelos.

— Preservativo... — ela conseguiu ofegar quando apontou. — Na minha bolsa.

Ryan congelou, parecendo um pouco surpreso.

Ela olhou para ele através de seus longos cílios pretos e sorriu, inclinando a cabeça enquanto levantava o ombro esquerdo.

— Eu tinha certeza de que isso iria acontecer hoje à noite.

Quando ela soltou um suspiro que ela nem percebeu que estava segurando, ele balançou a cabeça e riu.

— Droga, o que eu vou fazer com você?

— Eu tenho algumas ideias — ela disse timidamente.

Um sorriso pecaminoso cruzou seus lábios quando ele puxou uma camisinha da bolsa dela. Então ele a deslizou em um movimento rápido e eficiente.

Tremores vibraram através de Karina enquanto seus olhos vagavam pelas linhas e contornos do corpo musculoso de Ryan. Seu físico magnífico a lembrava de um animal poderoso.

Ele era tão masculino.

Colocando-se entre as pernas dela, Ryan afastou suas coxas. Seu corpo tremia quando ele passou as mãos dos joelhos até as coxas, enviando ondas de prazer que a sacudiam como eletricidade.

Sentir as mãos ásperas e gastas de Ryan contra a pele sensível das coxas era diferente de tudo que Karina já havia experimentado antes, e ela adorou. Suas pernas começaram a tremer e tremer com a sensação erótica de suas mãos e dedos acariciando-a. Ela nunca fora tão afetada por um toque.

Os olhos de Ryan vagavam famintos para cima e para baixo em seu corpo. Karina nunca se sentiu tão viva e vulnerável quanto deitada na mesa dele, com o corpo aberto para Ryan.

— Deus, você é linda — ele respirou enquanto continuava sua massagem sensual para cima e para baixo nas lindas coxas dela.

— Por favor, Ryan, eu preciso... preciso de você dentro de mim agora — ela implorou.

— Querida, tudo o que você precisava fazer era pedir — ele disse enquanto pegava sua ereção na mão e a guiava para cima e para baixo em sua costura molhada até que ela tremeu de antecipação.

Finalmente, ele cedeu ao que eles queriam — precisavam — e deslizou dentro dela, preenchendo-a completamente. Seu corpo se contraiu em torno dele, apertando-o com força enquanto ele empurrava lentamente para dentro e para fora dela.

Ryan segurou firmemente os quadris de Karina, guiando seu corpo enquanto encontravam um ritmo tão perfeito, tão natural que parecia que seus corpos haviam sido criados para isso: ser um do outro. Karina sentiu a pressão em seu corpo crescendo enquanto Ryan crescia ainda mais dentro dela; ela sabia que os dois estavam perto de passar do limite.

Ele se inclinou sobre ela, afastando os cabelos da orelha e pressionou os lábios contra ela, sussurrando, exigindo:

— Não goze. Ainda não.

Apenas o som dessas palavras firmes, tão fortes e imponentes, eram quase o suficiente para levá-la ao clímax naquele momento.

Ela choramingou

— Ryan... por favor... — Todo o seu corpo tremia com o prazer de desistir do controle.

— Ainda não — disse ele, diminuindo o ritmo enquanto a abaixava de volta para a mesa. Segurando a cabeça dela nas mãos dele, ele beijou a testa, as têmporas, a ponta do nariz, o queixo e depois passou os lábios pela boca.

As paredes que Karina nem sabia que tinha construído dentro de si mesma começaram a desmoronar a cada carícia, a cada beijo e a cada impulso de seus corpos se unindo. Ela sabia que deveria ter medo de ser tão exposta emocionalmente, mas estava tão sobrecarregada de prazer que não havia espaço para medo ou dúvida.

Suas mãos estavam percorrendo as costas de Ryan, saboreando a sensação dos músculos dele se contorcendo sob os dedos enquanto ela explorava o corpo dele. Ela se sentia tão segura, tão protegida com o corpo dele sobre o seu, ao seu redor e dentro dela.

Ela deslizou as mãos pelo corpo dele e agarrou seus quadris, puxando-o mais profundo, mais rápido para dentro dela. Sua respiração ficou mais rápida, o prazer aumentando a uma intensidade que Karina nunca havia experimentado.

— Ryan, meu Deus. Por favor, Ryan... — Karina ouviu o desespero em sua voz.

Rapidamente, ele se levantou, puxou as mãos de Karina das costas dele e as colocou acima da cabeça dela. Com uma das mãos, segurou os pulsos em cativeiro acima dela. Com a outra, alcançou entre seus corpos e brincou com seus mamilos duros enquanto a penetrava várias vezes, aumentando a intensidade estocada a estocada.

Quando ele a sentiu se aproximando, sussurrou em seu ouvido.

— Não. Goze.

Com um tremendo esforço, ela se recuperou do limiar do esquecimento. Mas, inevitavelmente, o intenso movimento de Ryan empurrando nela de novo e de novo combinado com a sensação inebriante de seus braços sendo firmemente mantidos acima da cabeça, bem como as coisas mágicas que seus dedos estavam fazendo com seus mamilos, a levaram de volta para o limite de felicidade em apenas alguns momentos.

Finalmente, quando Karina sentiu que não podia aguentar mais um minuto desse êxtase para que sua própria sanidade não escapasse dela, os lábios de Ryan roçaram seu ouvido enquanto ele sussurrava:

— Karina?

Virando a cabeça levemente na direção dele, ela ofegou.

— Sim?

Uma de suas mãos deixou seu peito e deslizou por sua barriga, seus dedos habilmente manipulando seu clitóris enquanto ele acariciava dentro e fora dela.

— Goze. Agora.

Esses foram os últimos detalhes concretos de que ela teve conhecimento por vários longos minutos enquanto sua mente e seu corpo estavam perdidos em uma explosão consumidora de orgasmo. Ela não sabia se Ryan ainda estava dentro dela, onde ele a estava tocando, se ela estava gritando ou se ele estava. Tudo de que ela estava ciente era da luz branca brilhante que envolvia tanto sua visão quanto sua consciência e das ondas e ondas e ondas de prazer trêmulo que ela trazia.

Quando finalmente voltou a si mesma, ela se levantou e correu em volta de Ryan, sentada de pernas cruzadas. Ryan sorriu para ela quando seu peito subiu e caiu em respirações difíceis.

Karina balançou a cabeça lentamente enquanto seus lábios se erguiam.

— Então, alguém escondeu suas reais características...

Ryan riu.

— Eu pensei que talvez você pudesse fazer uma pausa de ser a líder o tempo todo.

— Muito perspicaz. — Karina riu levemente, ainda sentindo como se estivesse flutuando em uma nuvem. Nunca antes ela se sentiu tão leve, tão relaxada, tão... feliz.

Quando ela percebeu que seu corpo físico não era a única coisa que continuava a ter tremores secundários, ela pulou da mesa e pegou o vestido no chão antes de deslizá-lo sobre a cabeça. Então começou a juntar o resto de seus pertences de vários lugares ao redor da sala e os guardando na bolsa. Sexo era uma coisa; emoções eram outra.

— Hora de ir.

Ryan estava confuso.

— Aonde você vai?

— Para casa — ela respondeu.

— Você não precisa ir, Karina. Nós poderíamos ir lá pra cima. Eu poderia fazer algumas bebidas ou até algo para comer, se você estiver com fome.

Karina balançou a cabeça.

— Não posso. Desculpe. Tenho que ir.

Quando Ryan olhou para ela, algo brilhou em seus olhos, mas foi rapidamente disfarçado. Seu rosto mascarado para ilegível, e seu tom neutro.

— Ok. Bem, eu te levo para casa, então.

Ela riu, inclinando-se e dando-lhe um beijo rápido.

— Não se preocupe com isso. Você já fez o suficiente essa noite. Meu carro está aqui.

E com isso, ela estava do lado de fora. Destacando-o de tudo o que ela estava sentindo sobre o que acabara de acontecer. O que era mais do que ela já havia sentido antes.

Seu motor ronronou quando seu Range Rover acelerou na noite e ela tentou processar o que acabara de acontecer entre ela e Ryan.

Definitivamente tinha sido mais do que apenas sexo alucinante. A questão era: o que ela ia fazer sobre isso?



## CAPÍTULO 13



Ryan liberou sua avó do trabalho no café mais cedo. Ela parecia cansada e, depois da noite anterior com Karina, ele gostaria de ter algum tempo sozinho para pensar. Ele sempre achou que fazer trabalho manual solitário era a melhor maneira de focar sua mente na tarefa de resolver um problema.

Quando ele estava prestes a fechar o café, Justin entrou, seguido por dois outros caras que Ryan ainda não havia conhecido.

— Hey — Ryan o cumprimentou com um aceno amigável. — Estamos fechados agora. Quer dizer, a chapa está desligada. Eu poderia fazer alguns sanduíches para vocês, se quiserem.

Justin foi até ele.

— Não, tudo bem. — Ele indicou os caras atrás dele. — Este é Eric e o irmão dele, Jake, alguns dos meus amigos do ensino médio. Na verdade, viemos para ver se você queria ir tomar uma cerveja.

— Sim, isso seria ótimo. Deixe-me terminar aqui — disse Ryan. — Se vocês quiserem se sentar, levarei cerca de cinco minutos.

Ryan percebeu que uma cerveja com os caras parecia ainda melhor do que o trabalho manual solitário. Entre as garçonetes ali no café, sua avó e agora Karina, parecia que ele estava cercado exclusivamente de mulheres o dia todo, todos os dias.

De fato, talvez a influência de todo o estrogênio com o qual ele estava se cercado tenha sido a razão pela qual ele se viu obcecado por seu relacionamento, ou falta dele, com Karina.



Sim. Definitivamente, é um bom momento para dar um tempo nas mulheres.

— Então eu nem percebi que havia um bar aqui na cidade — disse Ryan enquanto terminava de colocar o material de limpeza no armário.

— Fica bem nos limites da cidade — disse Justin. — Roadhouse do JT. Não é nada chique, mas é um bom lugar para relaxar um pouco e jogar sinuca.

— Parece bom — concordou Ryan.

Quinze minutos depois, enquanto passavam pela porta da frente do Roadhouse, o corpo de Ryan relaxou automaticamente. Ele se sentia em casa em um lugar como aquele. O bar era exatamente como os lugares que frequentava em Montana. Serragem no chão, música country, música ocidental na jukebox, cerveja gelada atrás do bar.

Era o tipo de lugar que poderia ser encontrado em milhares de cidades diferentes do Centro-Oeste e Sul. Passar a noite em um lugar como esse, apenas relaxando, era exatamente a mudança de ritmo que Ryan precisava para parar de ficar obcecado por Karina.

Quanto mais ele pensava sobre isso, menos tenso se sentia.

Todos os músculos do seu corpo começaram a relaxar quando ele, Jake e Justin se sentaram ao redor da única mesa disponível. Não durou muito, no entanto, porque assim que Eric voltou com a primeira rodada, Justin, que estava no telefone, olhou para Ryan com uma expressão estranha no rosto.

— Então... — ele começou, parecendo mais à vontade com cada sílaba gaguejante. — Você e Karina, hein?

— O quê? — Ryan não conhecia Justin tão bem, mas ele realmente não o considerava um adolescente fofoqueiro.

Justin se encolheu.

— Cara, eu sei. Sério, você acha que eu queria falar sobre isso com você?

Ele virou o telefone para Ryan, exibindo uma mensagem de Amanda, que dizia:

*O QUÊ? VOCÊ ESTÁ TOMANDO UMA CERVEJA COM RYAN ?!  
DESCUBRA O QUE ESTÁ ACONTECENDO COM ELE E KARINA!!!!!!  
QUAIS SÃO SUAS INTENÇÕES ??? APERTA ELE, JUSTIN! APERTA  
ELE!!!*

— É uma merda, cara. Eu tinha que pelo menos tentar. — Justin deu de ombros.

— Droga, J. O que aconteceu com o código do parceiro? — Jake disse, pressionando seu amigo.

Justin sorriu.

— Ele sai pela janela quando você coloca um anel no dedo dela.

Ryan riu e passou os dedos pelos cabelos enquanto suspirava.

— Desculpe não poder ajudar, mas não há realmente nada a dizer.

Outro texto apareceu e Justin leu em voz alta em um tom neutro:

— Diga a ele que se ele precisar de um amigo para conversar, você está aí. — Olhando para cima do telefone dele, Justin repetiu: — Se você precisar de um amigo para conversar, eu estou aqui.

Ryan riu. Jake deu um tapa no ombro de Justin.

— Droga, se o Justin Barnes do ensino médio pudesse vê-lo agora, ele se enforcaria de vergonha.

— Ah, sim — confirmou Eric. — É patético.

— Patético — Jake ecoou. — Realmente, muito triste.

Justin sorriu e acenou com a cabeça enquanto tomava um gole de cerveja.

— O Justin do ensino médio se ajoelharia e beijaria meus pés por ter conseguido ficar com a única garota que ele já amou.

— Ah... — Jake bateu os olhos dramaticamente. — Isso é tão lindo.

O telefone de Justin tocou novamente. Mais uma vez ele leu em um tom contido.

— Você acha que ele está falando sério ou ele está apenas brincando? Certifique-se de perguntar o que ele pensa sobre Karina.

— Oooh, tenha cuidado com isso, Ryan — Jake entrou com um aviso. — É de Karina que estamos falando.

Ryan sentiu-se ficando na defensiva.

— Karina é incrível.

— Ah, com certeza. — Jake se inclinou para frente, descansando os braços sobre a mesa, levantando as mãos em falsa rendição. — Não me interpretem mal. Conheço Karina desde que estávamos no ensino fundamental. Ela é a melhor. Eu só quis dizer que ela não é exatamente do tipo que pede para ser cortejada com elogios e que queira algo

permanente. Quero dizer, eu sei que “nada está acontecendo”, mas é apenas o conselho de um amigo.

Oh. Ryan não podia argumentar com isso, especialmente depois do desaparecimento dela noite passada.

— Vou ter que discordar de você, menino Jakey — Justin inclinou a cabeça —, talvez ela nunca tenha sido do tipo de querer algo permanente antes porque nunca conheceu um cara com quem realmente quisesse ficar. Quero dizer, eu também conheço Karina desde o ensino médio e você sabe, assim como eu, que ela nunca agiu da maneira que age perto dele.

Ryan gostou do som disso. Ele também gostou do fato de o texto de Amanda ter saído pela culatra e *ele* ser quem estava recebendo informações privilegiadas. Esperando que continuassem conversando, ele permaneceu quieto enquanto bebia um gole de cerveja.

— Verdade — Jake concordou. — Nossa pequena Karina parece ser um pouco menos sarcástica e muito mais melosa desde que o Cowboy Ryan entrou na cidade.

A conversa continuou quando Justin, Jake e Eric debateram se o San Diego Waves chegaria ou não à World Series novamente este ano. Ryan falou enquanto pensava no que os caras haviam dito.

Ele sabia que eles estavam apenas brincando, mas Ryan tinha que admitir que, pela primeira vez desde que Karina se retirou como se o prédio estivesse pegando fogo, depois de terem feito sexo na noite anterior, ele estava começando a pensar que talvez, apenas talvez, ele e Karina tivessem uma chance. Todos diziam que ela ficava diferente perto dele, e de alguma forma, instintivamente, ele já sabia disso. A química deles não era um problema. E ele quis dizer o que disse nos bastidores do show. Ele sabia que faria qualquer coisa para ser o homem que colocava aquele sorriso no rosto dela.

E esse era o problema.

Durante toda a sua vida, Ryan fora planejador. Quando ele estava no ensino médio, tinha um plano de dez anos, vinte e trinta anos para sua vida. Ele alcançou seu plano de dez anos ao ser aceito na faculdade de sua escolha. Ele não foi, mas foi aceito. Seu plano de vinte anos de se casar estava chegando. Ele tinha mais alguns anos. E seu plano de trinta anos era ter filhos e raízes. Uma família. Um lar. Uma comunidade.

Essa era a verdadeira razão pela qual ele estava tendo problemas para se reconciliar com como se sentia em relação a Karina. Ela não era o tipo de garota que se apegava. Até Jake havia apontado isso. Então, mesmo que ela quisesse algo mais sério com ele, havia um futuro lá? Seu coração e outras partes de seu corpo que a conheceram na noite passada votaram sim. Mas a cabeça dele... ele simplesmente não sabia o que pensar.

O telefone de Justin tocou novamente. E mais uma vez eles se divertiram com a leitura do robô.

— Pergunte a ele quando ele vai vê-la novamente. Diga a ele para convidá-la para sair. — Olhando para cima do telefone, Justin mudou seu tom de volta para conversação. — Quando você vai ver Karina de novo? Você deveria convidá-la para sair.

Ryan balançou a cabeça enquanto ria.

— Uau, ela realmente não vai me deixar passar.

— Não, ela não vai. Uma vez que minha garota coloca algo na cabeça, ela continua trabalhando para que isso aconteça. Então, boa sorte tentando evitar que ela fareje o que está acontecendo. Ela é um tubarão e sente cheiro de sangue. Acho que você é o sangue, nesse caso — Jake apontou.

Ryan tinha que admirar a tenacidade de Amanda.

— Acho que Amanda pode ter perdido a oportunidade de ser casamenteira.

Ryan tinha certeza de que Justin estava apenas brincando quando implorou:

— Escute, é óbvio que você gosta dela e ela gosta de você. Você pode me fazer um favor e convidá-la para que eu possa ter minha esposa de volta?

Por mais que ele fosse adorar fazer exatamente isso, Ryan ainda hesitou.

Quando Ryan permaneceu quieto, Justin continuou a defender seu caso.

— É o lance da fama? Porque sério, isso é apenas um pano de fundo para Karina. Não é onde a vida dela é focada. É o que ela suporta para poder fazer música. Confie em mim. Quando se trata disso, você nunca encontrará alguém que se importe menos com o que as outras pessoas pensam do que Karina Blackstone.

Ryan olhou para o tampo da mesa e bateu o polegar contra a superfície de madeira.

— Eu não sei, cara, Karina deixou claro que não se envolve em relacionamentos. Ela só mantém as coisas casuais. Pode ser um cenário de sonho para noventa e nove por cento dos caras por aí, mas eu não sou um desses caras.

Jake balançou a cabeça.

— Não, cara, você está pensando nisso tudo errado. Você está pensando no futuro, bem lá na frente. O que você precisa fazer é apenas se concentrar no momento. A chave é fazê-la querer *você* mais do que ela deseja manter as coisas casuais.

— Sim — Justin concordou ansiosamente. — Quer dizer, vamos lá. Você não pode esperar que ela desista de algo sem ver que está trocando por coisa melhor, certo?

Ryan assentiu.

— Bom ponto.

— Além disso, você deve se lembrar — disse Justin —, Karina tem defesas, mas elas estão lá por um bom motivo. Deve ser bem raro encontrar alguém que não quer algo dela, direta ou indiretamente, mesmo que seja apenas ser visto com ela. Então, ela mantém as pessoas à distância. Se não o fizesse, seria muito fácil para ela se machucar.

— Sim, isso faz sentido — Ryan continuou assentindo.

Justin assentiu, com um pequeno sorriso nos lábios.

— Isso significa que tenho boas notícias para relatar?

Soltando uma risada curta, Ryan disse sarcasticamente:

— Ei, pelo menos eu sei que você não tem segundas intenções nem nada.

Justin levantou sua cerveja em meio a aplausos enquanto seu sorriso indisfarçável aumentou.

— Ei, faço qualquer coisa para colocar um sorriso no rosto da minha garota.

*Sim. Eu conheço o sentimento.*

Talvez Jake estivesse certo, talvez ele estivesse fazendo tudo errado. A verdade é que ele queria passar mais tempo com Karina. É verdade que ele também queria que ela fosse dele. Queria protegê-la. Ser quem a faz sorrir.

Ser o único a fazê-la rir. Ser o *único* para ela. Mas esse era um quadro geral. Talvez ele precisasse dar um passo de cada vez.

Puxando o telefone, seus dedos voaram sobre o teclado. No momento em que seu dedo pressionou enviar a porta da frente de JT se abriu. Todos os quatro olharam de sua mesa para ver ninguém menos que Kyle Austen Reed entrar no ambiente como se fosse o rei de Hope Falls. Ele examinou o salão por um minuto. Então, quando os viu, caminhou diretamente na direção deles.

— Ryan Jackson Perkins, meu bom amigo! — ele disse entusiasmado, antes mesmo de chegar à mesa deles. — Como você está?

— Vou bem. E você? — Ryan respondeu.

Depois, ele levou um momento para apreciar a estranheza do fato de que ele havia acabado de mandar uma mensagem para Karina Black para sair com ele e Kyle Austen Reed sabia seu *nome*.

Ele sentiu como se estivesse vivendo em uma versão paralela de sua vida.

— Excelente, excelente — respondeu Kyle, puxando uma cadeira. — Apresente-me aos seus colegas.

Ryan ainda não sabia como lidar com o comportamento de Kyle. Ele queria descartá-lo como não sendo real, mas algo lhe dizia que era realmente assim que esse cara era.

Ryan fez apresentações.

— Estes são Justin, Eric e Jake.

Kyle apertou as mãos de cada um, repetindo:

— Kyle Austen Reed. Um prazer. — Para todos os três.

Justin, incapaz de esconder um pequeno sorriso, disse:

— Então deixe-me ver se entendi. Você é Kyle Austen Reed, então?

Kyle assentiu conscientemente.

— Sim. Sei que deve ser um choque me ver aparecendo no seu barzinho local. Vou lhe dar um minuto para processar. — Com isso, ele se recostou na cadeira e esperou silenciosamente que um dos outros falasse.

Ryan finalmente precisou escolher entre falar ou começar a rir da pura tolice dessa situação. Ele escolheu falar.

— Então, o que você vai fazer hoje à noite? Veio tomar uma cerveja?

Kyle parecia muito sério quando se inclinou.

— Normalmente não bebo quando estou pesquisando um papel.

— Qual papel você está pesquisando? — Ryan perguntou.

— O papel da minha vida — disse Kyle com a mesma gravidade que a maioria das pessoas reserva para notícias que mudam suas vidas. Como ter câncer ou quando acontece uma morte na família. Depois de uma longa pausa, que Ryan tinha certeza de que servia como efeito dramático, Kyle continuou. — Residente. De. Hope. Falls.

Os olhos de Ryan se voltaram para Justin, Eric e Jake, que tinham expressões no rosto que espelhavam o que Ryan estava sentindo. Que era: *como assim?*

— A razão de eu estar *aqui*, hoje à noite, é porque sou um aficionado por sinuca, e me disseram que este é praticamente o único lugar para se jogar localmente.

Justin assentiu.

— Sim, é. A menos que você jogue na mesa particular que alguém tenha na sala, na garagem ou algo assim, é o caso das mesas de sinuca em Hope Falls.

Kyle Austen Reed esfregou as mãos quase alegremente.

— Excelente! — ele exclamou. — Quem está preparado para uma rodada?

— Uma “rodada” de sinuca? — perguntou Jake antes de responder com confiança: — Estou dentro.

Os caras pegaram suas cervejas e foram para as mesas de sinuca. Ryan estava mais do que um pouco interessado em ver como seria a batalha entre um ator mundialmente famoso e um garoto local.

Seu dinheiro estava em Jake.

Felizmente, ele não havia apostado dinheiro de *verdade*, porque Kyle Austen Reed humilhou não apenas Jake, mas Eric, Justin e Ryan antes de abrir a mesa para outros clientes do bar que o desafiavam, até mesmo ganhando todos os jogos de uma série.

Depois que a décima vítima inocente de Kyle saiu da mesa, Justin perguntou, com reverência em sua voz:

— Caramba, cara. Onde você aprendeu a jogar assim?

Kyle deu de ombros.

— Eu interpretei um jogador de sinuca em *Behind the 8 Ball*. Eu passei a gostar do jogo desde então. Infelizmente, minhas habilidades caíram ao longo dos anos.

Ryan, Justin, Eric e Jake trocaram olhares antes de Jake dizer:

— Caramba. Se é tão habilidoso hoje, eu adoraria vê-lo quando estava no auge do treinamento.

Kyle pareceu gostar do elogio e começou a mostrar aos caras algumas dicas para melhorar seu próprio jogo. Então o telefone de Ryan tocou no bolso.

Seu coração acelerou quando ele enfiou a mão no bolso da calça jeans. Olhando para a tela, ele não pôde evitar o sorriso que se espalhou por seu rosto.



— Apenas me diga! — Sam implorou quando ela e Karina pararam em frente à casa de Amanda. — Juro que não vou contar a ninguém! Não precisamos conversar sobre isso hoje à noite.

Karina soltou uma risada curta e irônica.

— Sim, certo! Tenho a sensação de que minha vida amorosa será *tudo* o que qualquer uma vai falar lá hoje à noite.

Sam suspirou.

— Bem, eu gostaria de poder negar, mas você provavelmente está certa.

Enquanto Karina descia do SUV, ela disse:

— Você sabe, “clube do livro” é apenas um eufemismo para “clube do vinho e fofocas”, por mais que Lauren tente fingir o contrário. E que diabos poderia ser uma fofoca mais interessante do que a vida amorosa de Karina?

Embora Karina tivesse feito essa pergunta sarcasticamente, Sam parecia estar pensando seriamente nas opções.

— Sim — disse ela, pensativa, depois balançou a cabeça em falso arrependimento. — Não consigo pensar em uma única coisa que seja mais interessante, então parece que você vai precisar engolir essa, Karina.



Karina revirou os olhos quando abriu a porta de tela da sala de Amanda e gritou:

— Olá! Estamos aqui! Hora de parar rapidamente de falar sobre Karina e agir o mais indiferente possível!

Amanda estava digitando no telefone, e Lauren entrou na sala vindo da cozinha, sorrindo. Todas elas trocaram abraços. Enquanto abraçava Amanda, Karina notou uma menina pequena, de aparência tímida, de óculos encostada na porta da cozinha.

Demorou um momento até Karina a reconhecer.

— Amy Maguire? Uau! Que bom ver você! Como você tem estado? — Karina cumprimentou a garota que não via desde o ensino médio.

Amy levantou a mão, acenou timidamente, um sorriso educado brincava nos lábios e disse baixinho:

— Ei, Karina. Eu vou bem.

Sam olhou. Ela claramente também não havia notado Amy parada ali. Ela sorriu largamente e exclamou:

— Ei, Amy! É bom te ver!

Amy sorriu timidamente novamente e disse:

— Obrigada. É bom te ver também.

— Convidei Amy para se juntar a nós no clube do livro — explicou Amanda. — Os irmãos dela foram tomar uma cerveja com Justin, e eu pensei que, desde que os meninos iam sair, Amy podia querer sair com as meninas.

— Fantástico! — Sam disse entusiasmada.

Embora Amy fosse quieta e tímida e, portanto, um pouco difícil de conhecer no ensino médio — qualidades que ela ainda parecia possuir — Karina sempre gostara dela. Ela não falava muito, mas o que ela dizia demonstrava que ela era atenciosa e perspicaz. Karina também havia notado, em várias ocasiões, que ela se esforçava para ser gentil com as pessoas.

Amy deu um passo à frente, hesitante, para se separar menos do grupo.

— Sim, quando Amanda me convidou, pensei que poderia ser divertido. Foi em cima da hora, então fiquei feliz por já ter lido o livro que discutiremos hoje à noite.

Sam e Karina começaram a rir, e então Amanda se juntou a elas. Amy parecia confusa. Parecia que ela, sem saber, havia cometido alguma

transgressão social, mas não tinha ideia do que poderia ser. Lauren, no entanto, parecia singularmente indiferente.

— Não sei por que vocês três acham isso engraçado — disse ela com uma irritação falsa.

— Eu não entendo... — Amy olhou ao redor da sala, hesitante.

— Amy — Karina explicou —, na verdade não lemos o livro!

— Ah — respondeu Amy —, pensei que fosse um clube do livro.

— Obrigada! — Lauren exclamou. — É *isso* que estou dizendo.

— O que vocês fazem se não vamos discutir o livro? — perguntou Amy.

— Esta noite? — Sam especulou. — Muito provavelmente fofocas sobre a vida amorosa de Karina.

— É o seguinte — Amanda explicou a Amy com um sorriso. — Chamamos isso de “clube do livro”, mas a verdade é que é apenas uma chance de nos reunirmos, bebermos um pouco de vinho, comer alguma coisa, sair... e fofocar, geralmente.

Amy deu de ombros alegremente, empurrando os óculos no rosto.

— Isso parece divertido também.

— Sim — Amanda confirmou. Então ela se virou para o resto do grupo. — E no campo das fofocas, na verdade, temos um assunto suculento para discutir hoje à noite.

— Oooh... — disse Sam. — Diga-nos o que é.

— Bem... — Amanda sorriu misteriosamente. — Justin, Eric e Jake estão tomando um drinque com um Sr. Ryan Perkins no Roadhouse do JT. E eu posso ou não ter pedido a Justin para saber o que estava acontecendo no episódio desta semana de “As crônicas de Karina e Ryan”. Ah, e para dar uma apertada em Ryan.

Karina abriu a boca, mortificada.

— Amanda, você não fez isso.

Os olhos de Amanda brilharam de alegria.

— Ah, sim, com certeza.

— Por que você faria isso? — Karina queria dar à amiga o benefício da dúvida, mas até agora não parecia bom.

— Porque — disse Amanda defensivamente — quero ter certeza de que ele é bom o suficiente para minha melhor amiga. Não tenho vergonha disso. Eu faria de novo.

Karina balançou a cabeça.

— Isso é gentil, Mand, mas honestamente...

Lauren disse:

— Bem, na verdade, o assunto de Karina e Ryan não estava no topo da minha lista de coisas a discutir aqui hoje à noite.

Todas as cabeças giraram na direção de Lauren.

— Boa! — Karina queria dar um grande beijo molhado em Lauren por mudar de assunto. — Lauren tem a palavra.

— Ok — respondeu Lauren. O olhar em seus olhos verdes de repente fez Karina sentir que não iria gostar mais desse assunto. A boca de sua amiga se inclinou em um sorriso quando ela disse: — Vamos conversar sobre você e Kyle Reed.

O resto do grupo explodiu com exclamações de acordo.

Sam interveio:

— Kyle *Austen* Reed. Não se esqueça.

— Ah, sim. Isso mesmo — disse Lauren. — Ele fazia você usar os três nomes quando estava na cama com ele?

Amanda riu e afetou uma voz sexual ofegante e exagerada.

— Sim, Kyle Austen Reed! Aí mesmo, Kyle Austen Reed! Mais rápido, Kyle Austen Reed! Mais forte, Kyle Austen Reed!

Lauren riu.

— Sim, e eu posso ouvir como você deve ter soado no momento climático. “Kyle... Austen... ReeEEEEED.”

Karina estreitou os olhos para as amigas.

— Uau. Vocês já pensaram em ser comediantes? Você podem levar esse show para a estrada.

— Eu posso estar tirando sarro disso, mas não me entenda mal — disse Lauren seriamente. — Ele é um *peixeão*.

Muita coisa sobre essa declaração perturbou Karina.

— Oh, por favor, não fale assim. Eu não o pesquei, nem tenho desejo de pescá-lo de nenhuma maneira. Ele pode se sentir completamente livre para continuar nadando, e eu farei a mesma coisa.

— Como dois peixes nadando juntos no meio da noite — disse Sam. Isso ganhou uma risada de Amanda. — Legal — disse Sam, parecendo orgulhosa de si mesma. — Estou conseguindo mais risadas.

— O que quer dizer... nada — Karina brincou secamente.

Sam estendeu a língua para ela.

— Não entendi — disse Amanda. — Se você se opõe tão firmemente a ter um relacionamento com ele, então por que todas as ligações para sexo que se prolongaram por anos e anos? Qual o objetivo?

Karina suspirou e seus ombros caíram.

— Eu não sei. Sexo nunca foi sobre uma conexão emocional comigo. É um ato físico. Só isso. Meu coração e meus hormônios não precisam estar na mesma página. Se confio em alguém e sou atraída por ele, então me divirto e é isso — ela admitiu. — Vocês podem não entender, mas de verdade, é exatamente isso que acontece. Kyle é inofensivo, ele tem um coração enorme, eu confio nele e ele é tão... *bonito* que eu me entreguei. E... continuei me entregando.

O resto das mulheres riu e vibrou.

— Quer dizer, acho que ninguém poderia te culpar, Kar — disse Amanda. — Ele quase parece que não é real. Como se fosse um príncipe da Disney ou algo assim. Como se tivesse sido esculpido em mármore.

— Sim, é exatamente isso! — Karina exclamou. — Ele é como uma daquelas estátuas gregas lindas e lisas, mas é real. Ele é de carne e osso. O problema é que toda vez que eu ligava para ele, pensava: *Ok... é a última vez*. Assim, nem é como se ele fosse fenomenal na cama ou algo parecido. Mas então alguns meses se passavam, ele estava filmando em algum local distante, eu estava viajando ao mesmo tempo... e bam! Inevitavelmente, acontecia e novo.

“Eu acho que parte disso era por eu estar sozinha. Além disso, ele é uma das poucas pessoas que entende as pressões da vida pública como eu, então temos uma espécie de entendimento mútuo quando se trata de coisas da indústria. Você acrescenta o quão *inacreditavelmente* sexy ele é e isso nos leva a ser amigos com benefícios.”

Amanda perguntou:

— Entããããã, é amiga com benefícios de Ryan como é de Kyle?

— Austen Reed! — o resto do grupo gritou.

Karina riu.

— Eu não sei. Quer dizer, sim, quero manter as coisas casuais com Ryan. Eu simplesmente não tenho relacionamentos e compromisso e tudo isso.

— Mas? — Lauren perguntou.

— Mas... eu não sei. Parece que pode haver mais aí. Mas *não* estou pronta para me comprometer. Eu sei disso com certeza.

— Como você sabe disso com certeza? — Amanda perguntou pragmaticamente.

— Eu só sei — Karina retrucou.

— Oooh... defensivo, alguém? — Amanda respondeu com um sorriso. — Acho que estamos nos irritando, senhoras.

Lauren perguntou:

— Sam, você se lembra dele no verão que ele veio visitar? O verão em que tínhamos treze anos?

— Sim, sim — disse Sam. — Vocês lembram?

— Sim — respondeu Lauren. — Eu basicamente lembro que ele parecia quieto.

— Eu também — disse Sam. — Ele praticamente se manteve sozinho.

— Sim, eu concordo — disse Amanda. — Ele não se misturou muito com os habitantes da cidade.

— Eu pensei que ele parecia triste — Amy, que estava quieta até esse momento, interveio.

Naquele momento, o celular de Karina vibrou e tocou.

— Quem está me mandando uma mensagem? Noventa e cinco por cento das pessoas que têm esse número está nesta sala.

Ela pegou o telefone e apertou o botão para ver a mensagem de texto. Suas mãos formigaram enquanto ela lia a mensagem. Então leu novamente e não tinha ideia de como responder.

— Você vai compartilhar com o grupo? — Lauren perguntou.

Karina virou o telefone para que todos pudessem vê-lo.

— Ele quer sair para tomar sorvete. O que eu faço? — Ela olhou ao redor da sala e viu um grupo de expressões atordoadas.

Todas as meninas estavam olhando para ela como se ela tivesse duas cabeças.

Calma e pensativamente, Amy perguntou:

— Bem... o que você quer fazer?

Karina sinceramente não sabia. Ela queria ir tomar sorvete com Ryan? Sim. Ela sabia o que aquilo significava? Não. Aí estava o problema.

— Eu quero e não quero. Eu pareço louca?

Amanda sorriu.

— Você parece uma pessoa apaixonada.

Sam pulou.

— Ou sexualmente atraída! — Ela levantou a mão para várias pessoas ao redor da sala, tentando conseguir um *high five*, mas ninguém retornou o gesto, exceto Amy, que apenas bateu levemente na palma da mão de Sam com as pontas dos dedos para ser educada. — O quê? Isso foi engraçado, não foi? — ela perguntou, indignada.

— Se você tiver que fazer essa pergunta — disse Lauren pragmaticamente —, a resposta é “não”. Sempre “não”.

A sala se dissolveu em risos.

— Minha mãe sempre diz que você deve confiar em si mesma e seguir seus instintos — Amy disse calmamente. — Ela diz que os únicos arrependimentos que já teve na vida vieram de *não* seguir essas regras.

Todas as meninas comentaram o quanto amavam a mãe de Amy. Quando Sam falou sobre uma conversa que a Sra. Maguire havia tido com ela antes de seu primeiro julgamento olímpico, Karina se desligou. Toda a conversa estava barulhenta quando ela tentou fazer exatamente o que Amy disse: ouvir o que seus instintos estavam lhe dizendo para fazer. Não demorou muito para que ela tivesse uma resposta clara. Ela digitou de volta para ele em seu telefone:

*Sorvete parece ótimo. Te vejo amanhã às quatro.*



## CAPÍTULO 14



Karina jogou mais uma blusa na pilha crescente no canto do quarto.

Suspirando de frustração, ela levantou as mãos em derrota.

— Eu não tenho nada para vestir.

Sam olhou para ela como se ela fosse uma alienígena em quem tinha acabado de nascer uma segunda cabeça quando ela olhou para a cama de Karina, onde estava assistindo à exibição. Ela começou a colocar blusas e vestidos de volta em seus cabides. Então começou cuidadosamente a dobrar os vinte pares de jeans espalhados e a guardá-los também.

— Você tem tantas coisas para vestir, todas com uma aparência igualmente linda. Acho que você está apenas nervosa.

— Nervosa? — Karina balançou a cabeça, não gostando dos sentimentos que estava tendo, mas não querendo qualificá-los como *nervosismo*.

O telefone dela tocou e ela o pegou e olhou para a tela para ver quem estava ligando.

— É Amanda — ela disse, pressionando o botão para atender a ligação.

— Oh, eu quero falar com ela — disse Sam, pegando o telefone da mão de Karina e colocando-o no ouvido.

Karina mal percebeu as ações de Sam antes de voltar a se estudar no espelho, segurando desesperadamente blusa após blusa na frente do corpo, tentando decidir o que vestir.

— Ei, Mand — Sam tocou no telefone. — Você deveria estar aqui! Não, está uma loucura. Ela está enlouquecendo. Ela nem consegue decidir o que vestir. É diferente de tudo que você já viu.

Sem quebrar o ritmo de segurar blusas contra si mesma em frente ao espelho, Karina mostrou o dedo a Sam, que acenou alegremente com um gesto de desdém.

— Amanda? Eu te ligo mais tarde. Não, Karina está recebendo outra ligação. Ok. Falo com você em breve, querida. — Ela jogou o telefone para Karina, dizendo: — É Bernie. Ele é o seu agente, certo?

Karina pegou o telefone no ar e rapidamente e apertou o botão de atender enquanto o movia para o ouvido.

— Bernie? E aí? Você já ouviu notícias da gravadora?

— Sim, e tudo o que eles querem falar é sobre o vídeo do YouTube — respondeu sua voz rouca.

— Um vídeo do YouTube? Que estranho. — Karina não tinha ideia do que Bernie estava falando.

— Você viu?

— Acho que não... você me enviou o link por e-mail?

— Sim — Bernie disse, sua voz soando ansiosa ou excitada. Karina não sabia dizer qual das duas.

— Ok, eu vou ver mais tarde.

— Veja agora — ele disse com firmeza.

— Eu não posso. Tenho planos — Karina explicou.

Nesse momento, a campainha tocou. Karina ficou rígida, olhando para Sam, que estava mostrando-lhe dois polegares para cima. Karina talvez não soubesse o que qualificaria seu estado emocional um minuto atrás, mas agora poderia fazê-lo facilmente. Ela estava em estado de pânico.

As palavras de seu agente estavam a uma milha por minuto, mas Karina não estava prestando atenção.

— Bernie? Eu tenho que ir. Falo com você mais tarde! — Karina pressionou firmemente o botão para desligar o telefone e jogou-o na cama enquanto saía correndo do quarto.

— Karina! — Sam gritou atrás dela.

Karina colocou a cabeça de volta no quarto, de olhos arregalados e quase em pânico.

— Sam! Eu tenho que ir! Ele está *aqui*! — ela sussurrou.



Sam levantou uma linda blusa coral.

— Você pode querer vestir uma blusa — ela entoou.

Karina olhou para o torso, que usava apenas um sutiã sem alças, e olhou para Sam, os olhos arregalados. Então ela se arrastou até onde Sam estava e colocou a blusa o mais rápido possível, conseguindo apenas enredar os braços e a cabeça nas mangas e pescoço.

— Acalme-se. — Sam riu quando ela saiu da sala. — Eu vou atender a porta. Isso é melhor, de qualquer maneira. Você pode fazer uma grande entrada ao descer as escadas.

— Perfeito — Karina concordou, respirando fundo na tentativa de se acalmar.

— Tente não hiperventilar enquanto estou a caminho da porta. — Sam riu enquanto descia as escadas.

Karina ouviu os passos de Sam e depois sua voz.

— Ei, Ryan. Karina estará aqui em apenas um...

Antes que Sam pudesse terminar sua frase, Karina já estava no meio da escada. Sua assistente de guarda-roupa a apelidara “a artista das trocas rápidas” por causa de sua proficiência durante as trocas de figurino em seus shows.

— Oi. — A voz profunda de Ryan ecoou nos tetos altos do hall de entrada, e Karina sentiu um puxão no fundo da barriga.

— Acho que ela vai descer agora — disse Sam alegremente, se afastando.

Quando Karina alcançou a porta da frente, Ryan beijou-a na bochecha e disse:

— Você está maravilhosa. — A admiração que ele sentiu claramente transparecendo em sua voz.

Karina sorriu para ele. Ela ainda não entendia como Ryan poderia fazê-la se sentir a garota mais bonita do mundo, e nada, nem mesmo ser eleita uma das pessoas mais bonitas da *People* ou número três na lista sexy da *Maxim* já havia feito isso.

— Obrigada. — Ela ficou perfeitamente imóvel enquanto olhava para os olhos cor de mel de Ryan. Parecia que o resto do mundo desapareceu.

— Tudo bem — disse Sam, batendo palmas e depois avançando, conduzindo-as para fora. Antes de fechar a porta, ela gritou: — Vocês dois, se divirtam! Faça tudo e qualquer coisa que eu não faria!

Karina sorriu de volta para ela quando Ryan abriu a porta da caminhonete. Ele colocou a mão nas costas dela quando ela subiu no veículo. Sentir a pressão de seus dedos grandes trouxe de volta uma onda de sensação quando ela pensou em como eram aqueles dedos dentro dela. Um tremor a percorreu quando ela se sentou e se acomodou.

Ela se sentiu hiper consciente de todos os seus movimentos quando ele contornou a caminhonete e entrou. Ela observou as mãos grandes dele enquanto ele colocava a chave na ignição e sua boca encheu d'água. Ela amava as mãos dele. Não apenas por causa de como elas a faziam se sentir quando ele a tocava — ásperas pelo trabalho pesado —, mas também por causa da música que ele fazia com elas. Ver Ryan tocar violão era um afrodisíaco como nenhum outro.

Quando ela percebeu que ele não havia girado a chave, olhou para cima para encontrá-lo virado para ela, olhando-a de cima a baixo e balançando a cabeça.

— O quê? — ela perguntou, olhando para baixo para se certificar de que não havia esquecido outra peça de roupa.

— Você vai me dar todo tipo de problema — ele disse carinhosamente.

Seus lábios levantaram em um meio sorriso malicioso, seus olhos brilhando maliciosamente enquanto ela dizia inocentemente:

— Problemas podem ser divertidos.

— Sim, podem — ele riu quando saiu da garagem dela.

Enquanto eles desciam a montanha, ela estudou o forte perfil dele, e isso fez seu estômago dar cambalhotas, como costumava fazer na ginástica.

Lá estavam eles. Indo tomar sorvete. Num encontro. Um encontro real. Isso não era casual.



Ryan estacionou na frente do Duas Bolas e desligou o motor. Então ele se virou para Karina. Droga. Ela era tão bonita que ele achava difícil respirar perto dela.

— Está tudo bem? — ele perguntou. — Você mal disse uma palavra durante todo o percurso até aqui.

Karina riu, balançando a cabeça e depois os ombros como se tentasse se livrar de uma nuvem negra.

— Estou ótima — ela disse. — Eu só estou... Bem, eu não posso acreditar nisso, mas estou nervosa — ela disse, parecendo envergonhada. — Eu nunca estive realmente em um encontro antes. Não tenho certeza de como agir.

Porra, ele não achava que havia algo mais bonito do que ver a verdadeira Karina. Vulnerável e doce. Ele sabia que não havia muitas pessoas que eram privilegiadas com isso e se sentia honrado por ser uma delas.

Não sendo capaz de evitar, ele se inclinou para lhe dar um beijo rápido. No momento em que seus lábios se encontraram, um choque de felicidade se espalhou por ele. Ele relutantemente se afastou, sabendo que, se baixasse a guarda perto dela, começaria a deixar a cabeça errada tomar decisões. Apenas por seu breve contato, a respiração de Ryan já estava agitada.

Ele precisava tocá-la, mesmo que não fosse da maneira que realmente queria.

Colocando uma mecha de cabelo dela atrás da orelha, ele assegurou:

— Então não vamos chamar de encontro e não vamos agir como se estivéssemos em um. Somos apenas duas pessoas tomando sorvete. Você é você, e eu serei eu.

Ela sorriu de volta para ele, e parecia que as nuvens se separaram e o céu se abriu, brilhando sobre ele. Karina poderia iluminar o mundo inteiro com aquele sorriso.

Balançando a cabeça para cima e para baixo, ela disse com um suspiro:

— Eu gosto disso.

Mesmo sabendo que era ridículo, ele ainda não conseguia deixar de se emocionar toda vez colocava um sorriso no rosto de Karina. Com um renovado senso de propósito, Ryan pulou da caminhonete e deu a volta ao lado de Karina, abrindo a porta e ajudando-a a descer.

— Então — ela disse levemente enquanto passeavam de mãos dadas pela calçada, em direção à sorveteria —, como sua avó se sente com o fato de estarmos pela primeira vez em um não-chamemos-isso-de-encontro no Duas Bolas?

Ryan riu.

— Não tenho certeza, mas vou descobrir em breve.

Quando chegaram à porta da frente da sorveteria, Ryan manteve a porta aberta para Karina, fazendo um sino tocar quando eles entraram no pequeno estabelecimento.

Quando eles entraram na fila, Ryan se inclinou e sussurrou conspiratóriamente:

— Eu sei que minha avó me mataria por dizer isso, mas eu realmente gosto deste lugar. Ele me lembra o que eu sempre imaginei que seria uma sorveteria antiga.

Karina olhou em volta.

— Eu também.

Quando chegou a vez deles, Ryan puxou a carteira e fez o pedido

— Uma bola dupla de morango. — Ele descansou a mão nas costas de Karina, enquanto ela pedia.

— Vou tomar um duplo com uma bola de lascas de chocolate com menta e uma de *rocky road*, mas o *rocky road* deve estar no topo.

A funcionária leu o pedido, mas Ryan não a ouviu. Ele não ouviu nada.



Ryan virou lentamente a cabeça para Karina. Ele parecia atordoado enquanto a olhava com a boca levemente aberta.

O funcionário disse:

— Senhor? Senhor? Deu quatro e vinte e seis.

Ryan piscou, parecendo voltar à realidade. Depois tirou várias notas da carteira e pagou o sorvete.

Quando se afastaram para esperar que suas casquinhas fossem feitas, Karina não gostou da mudança de clima entre eles. Por alguma razão, no segundo em que ela fez seu pedido, algo havia mudado.

Ela não conseguia imaginar o que poderia ser. Por mais que ela buscasse em seu cérebro, não conseguia encontrar uma explicação viável que explicasse seu comportamento estranho.

Olhando de relance para ele, Karina notou que Ryan olhou para longe. Ele estava olhando para o local onde as casquinhas estariam quando estivessem prontas, mas a mundos de distância.

Depois do que pareceu uma eternidade, as duas casquinhas foram colocados nos suportes na bancada de vidro. Ryan pegou as duas antes que ela pudesse levantar o braço.

Quando ele entregou a Karina a dela, ela sorriu.

— Obrigada.

Ele assentiu, mas nenhum sorriso espelhado acompanhou seu reconhecimento. Enquanto caminhavam para uma pequena mesa na parte de trás da sorveteria, as borboletas no estômago de Karina estavam dando uma festa.

Eles se sentaram em uma pequena mesa perto de uma janela. No momento em que Karina estava prestes a dizer que eles poderiam fazer isso em outra hora, Ryan sorriu para ela e muito gentilmente colocou um cacho perdido para trás da orelha dela.

E assim, seu mundo, que havia caído no esquecimento segundos antes, se estabilizou. Toda vez que Ryan fazia isso, ela sentia tudo se concentrar no ponto onde suas coxas se encontravam. Era como se houvesse um caminho direto do ouvido externo para suas partes femininas. No segundo em que ele a tocava, seu corpo estava a todo vapor. Mas desta vez, ela não teve apenas uma reação física; era emocional também.

No momento em que as pontas dos dedos roçaram sua bochecha, ela relaxou. Seu eixo se endireitou.

E isso a assustou mais do que tudo.

Ela murmurou para si mesma:

— Eu vou ter que ter certeza de que eu colocarei isso de volta melhor da próxima vez.

Ryan sorriu mais largo, olhando diretamente em seus olhos, seu olhar intenso a fazendo derreter mais rápido do que a casquinha de sorvete que

ela estava segurando, enquanto ele suavemente disse:

— Não. Não. — A voz grave dele fazia a cabeça dela parecer mais leve que uma pena.

Os dois lamberam seus sorvetes em silêncio por um momento, e então Ryan disse:

— Quando eu era pequeno, minha prima Callie ficava conosco durante o verão e ela e eu costumávamos andar de bicicleta para a sorveteria todo sábado.

Karina levantou os olhos para olhá-lo enquanto ele falava, mas viu que o olhar de Ryan estava na mesa deles e o olhar distante havia retornado.

— Ela sempre pedia exatamente a mesma coisa que você acabou de pedir. Duplo, com lascas de chocolate e menta e *rocky road*, com *rocky road* no topo. Ela dizia que tinha que ser nessa ordem para que a...

Karina pulou e eles terminaram juntos, suas vozes em perfeito uníssono.

— a menta não poluísse o chocolate.

Ryan olhou para ela, uma expressão de admiração em seu rosto bonito.

— Exatamente.

Karina inclinou a cabeça.

— Ela parece o meu tipo de garota. Ela vai visitá-lo aqui em breve? Eu adoraria conhecer minha alma gêmea de sorvete.

A mandíbula de Ryan ficou tensa e, embora sua voz fosse um estudo de casualidade forçada, ela ouviu a emoção que apertou sua garganta enquanto ele falava.

— Eu adoraria isso — ele disse. — Quer dizer, eu adoraria... muito. Mas ela faleceu quando éramos crianças.

Karina estendeu a mão sobre a mesa e a colocou sobre a de Ryan.

— Ah, não. Sinto muito, Ryan — ela sussurrou.

Ele encolheu os ombros. Mais uma vez, Karina pensou que ele estava tentando parecer casual, mas, na realidade, ele estava transmitindo sua dor a cada pequeno movimento e gesto.

— Não, não é grande coisa — ele disse. — Foi há muito tempo. Ela morreu em um acidente de carro na primavera em que eu tinha catorze anos. Ela tinha doze. Naquele verão, vim e fiquei com Sue Ann. Meus pais não achavam saudável, para mim, estar sozinho na fazenda o verão inteiro,

quando nós dois sempre passávamos o verão juntos. Nós éramos inseparáveis. Eles pensaram que seria melhor para mim aqui.

— Foi mesmo? — Karina perguntou gentilmente.

Ryan deu de ombros novamente.

— Eu acho. Quer dizer, vovó fez o que pôde para manter minha mente longe das coisas. Ela nunca me pressionou a falar sobre isso, o que eu apreciei, e me manteve ocupado trabalhando no café. Então, sim, provavelmente foi melhor para mim. — Estendendo a mão, ele limpou os olhos com o dedo indicador e o polegar. — Cara, eu nunca conversei sobre isso com ninguém antes. Você tem algum tipo de poder mágico sobre mim, Karina Blackstone?

Ela sorriu tristemente e arrastou a cadeira para ficar ao lado dele. Sem saber o que dizer, apenas sabendo que queria estar o mais perto possível dele, ela instintivamente apoiou a cabeça em seu ombro. Quando o fez, ele passou os dedos por seus cabelos e beijou o topo de sua cabeça. Eles ficaram ali por um tempo, tomando seus sorvetes em silêncio. Karina descansando contra o ombro dele, enquanto os dedos dele corriam pelos cabelos dela.

Ela adorava o toque dos dedos calejados dele contra seu couro cabeludo. A cada golpe, ela sentia tantas camadas de emoções que estava tendo dificuldade em distinguir entre elas. Amada. Segura. Despertada. Necessária. Querida. Seu toque estava afetando-a em mais do que apenas um nível físico. Ela sentia isso em um nível profundo da alma. Eles podiam não estar falando, mas definitivamente estavam se comunicando. Ah, sim, a linguagem corporal era uma forma poderosa de comunicação.

Quando terminaram suas casquinhas, Ryan sussurrou contra a cabeça dela.

— Isso. Bem aqui. Eu estive esperando minha vida inteira por isso.

Não foi uma declaração de amor. Não era uma proposta de casamento. De alguma forma, parecia mais do que essas coisas. Parecia tudo.

Karina não tinha certeza de como se sentia sobre esse novo desenvolvimento. Ela definitivamente sabia que se sentia ainda mais ligada a Ryan. Mais conectada a ele do que já sentira com alguém. E ela sabia que se sentia exatamente da mesma maneira que Ryan. Ela estava esperando por isso, por ele, a vida toda. Só não tinha certeza de como se sentia sobre isso.





## CAPÍTULO 15



*K*arina mal conseguia conter a expectativa quando Ryan a ajudou a sair da caminhonete e a acompanhou até a porta da frente.

Seus longos passos eram poderosos. A maneira como ele se movia com confiança — seu comportamento totalmente responsável — estava fazendo-a ter todos os tipos de sensações. Seu corpo inteiro estava zumbindo de necessidade. Ela saiu da montanha-russa emocional para a qual o momento deles no Duas Bolas a havia enviado e agora estava oficialmente presa no foguete da luxúria, sendo lançada diretamente para o céu.

Desde a pequena aventura no escritório dele, ela não conseguia parar de pensar em repetir a experiência. Ela não podia acreditar em si mesma. Ela não era assim. Claro, ela não era uma puritana — longe disso. Mas ela sempre olhava para o sexo como se fosse uma boa comida — ela se divertia muito quando era colocada na frente dela e, depois que se permitia aproveitar, seguia em frente. Quando ela tinha um desejo, o satisfazia e depois ia embora.

Essa não tinha sido sua experiência com Ryan. Ela o desejava como louca desde o momento em que se tocaram em seu escritório. Ela foi devorada pelo desejo que tinha por ele. Sua mente se enchia aleatoriamente com a imagem da língua dele entrando em sua boca ou nas mãos dele consumindo seus seios, e de repente ela ficava vermelha e respirando com dificuldade, a pele formigando e o centro úmido e dolorido. Simples. Bem desse jeito. Num *flash*.

Esse era o poder que aquele homem tinha sobre ela.

Ela pode não ter ficado feliz com isso, mas acabou se preocupando.

Ela havia passado o tempo, de maneira alguma desperdiçado o tempo que eles se conheceram, intrigada com sua intensa atração por ele, mas agora percebeu que deveria estar aproveitando.

Então, de certa forma, ela estava certa quando disse a Sam que o que ela realmente precisava fazer era dormir com ele. Ela estava errada sobre o resultado dessa etapa, é claro. Ele estava muito longe de estar fora de sua mente. Ela não sabia se ele estaria fora de sua mente, e ela estava igualmente insegura sobre se o queria fora de sua mente.

Não. Ela estava em um cavalo em fuga, e a única coisa a fazer era pegar as rédeas e segurar o mais firme possível. Tentar controlá-lo e guiá-lo era uma boa maneira de assustá-lo e ser ejetada. Não. Ela precisava simplesmente se render, coração e alma, e ver aonde aquilo a levaria.

Havia uma chance de que ela pudesse ser derrubada e pisoteada? Sim. Ela não podia negar isso. Mas que tipo de artista ela poderia alegar ser se vivesse a vida em sua torre isolada de marfim, nunca se envolvendo demais, nunca deixando a vida ficar muito bagunçada e mantendo-se a salvo das emoções mais perigosas? Não era assim que se vivia uma vida de paixão. Não era assim que se vivia uma vida sobre a qual vale a pena escrever, sobre a qual vale a pena fazer arte.

Se ela tivesse o coração pisoteado, que assim fosse. Ela escreveria músicas sobre isso. Era isso que ela fazia.

Ela sorriu para si mesma. Não importava. A única coisa que ela sabia era que o possível pisoteio não viria essa noite.

Não. Esta noite seria exclusiva de diversão do tipo pele na pele que ela não conseguira tirar da cabeça por quarenta e oito horas.

Ela prendeu a respiração quando seu coração acelerou, e isso aconteceu no momento exato em que ela e Ryan se viraram para se encarar à sua porta.

Os olhos dele brilharam com preocupação.

— Você está bem?

Ela assentiu. Isso não aliviou a preocupação que ela ainda lia no rosto dele.

— Você tem certeza?

Ela nem se deu ao trabalho de responder. Na verdade, ela mal o ouviu. Em vez disso, ela passou os braços em volta do pescoço dele e ergueu os lábios até os dele, beijando-o gentil e suavemente, a princípio, mas cedeu rapidamente à crescente paixão que a consumia.

Ryan moveu suas mãos poderosas ao redor dela, deslizando-as sob a blusa, de modo que ele estava circundando sua cintura nua. As pontas dos dedos dele se encontraram nas costas, e ela adorou o jeito que suas mãos e corpo grandes e fortes a faziam sentir-se tão frágil e delicada ao seu alcance.

Karina sentiu a agora familiar expectativa aumentar; sua excitação estava atingindo um pico de febre. Com um pequeno salto, ela pulou e envolveu as pernas em volta da cintura dele, nunca quebrando a conexão do beijo apaixonado que estavam compartilhando.

As mãos dele desceram até a bunda dela para apoiá-la, e ela usou essa alavanca para começar a mover os quadris em ritmo contra ele. Ela sentiu as vibrações do gemido que rasgou sua garganta antes mesmo de ouvir o som, e essa foi a gota d'água para ela. Isso colocou seu desejo acima do limite.

Quando ela deslizou pelo corpo dele, colocando os pés de volta no chão, arrastou beijos pelo pescoço dele. Entre beijos, ela se ouviu implorando enquanto balançava contra seu membro rijo.

— Eu quero você, Ryan. Eu quero sentir você contra mim. Quero que você beije cada centímetro meu e preciso beijar cada centímetro seu.

O calor das respirações difíceis de Ryan envolveu seus sentidos. Ela podia sentir o pulso em seu pescoço latejando contra seus lábios e língua. Ele a segurou firmemente contra si, a deliciosa pressão de seus dedos agarrando seus quadris, causando uma perfeita tempestade de prazer dentro dela.

Ela se forçou a se afastar dele.

— Deixe-me abrir a porta. — Depois de se virar, ela se atrapalhou com a fechadura da porta da frente, as tonturas deixando seus dedos moles e desajeitados.

Ryan respirou fundo audivelmente atrás dela, e ela o sentiu dar um passo para trás.

Ela olhou por cima do ombro.

— Só vai demorar um segundo — ela assegurou.

Mas o que ela viu no rosto dele não foi impaciência. Nem era mais desejo. O que ela viu foi uma combinação muito desconcertante de arrependimento e determinação.

Ele suspirou.

— Karina, não posso entrar com você hoje à noite.

Pensando que ela devia tê-lo ouvido errado, ela se virou.

— Espere... o quê? Por quê? O que você quer dizer?

Ele passou os dedos pelos cabelos, o peito ainda subindo e descendo em respirações superficiais.

— Não posso até que nosso relacionamento esteja... em terreno mais sólido.

Ela deu um passo para trás, perplexa, juntando as sobrancelhas.

— Você não pode o quê? Fazer sexo? Nós já fizemos sexo.

Ele sorriu carinhosamente e colocou os cabelos atrás da orelha, enviando um zing, zang, zap direto para o seu núcleo.

*Ótimo. Exatamente o que eu preciso.*

A voz de Ryan era firme, mas gentil.

— E não me arrependo disso. Foi incrível, e estou feliz por termos tido aquela noite juntos. Mas não é quem eu sou. Eu quero mais do que isso, Karina. Eu já... tenho certeza de que estou me apaixonando por você.

Karina não viu como isso poderia ser uma razão para *não* fazer sexo com alguém. “Apaixonar-se” não devia estar firmemente na coluna dos prós?

O sulco entre as sobrancelhas se aprofundou quando ela perguntou:

— Então, por que nós não...

O sorriso dele aumentou.

— Porque, querida, para mim, isso é ainda mais um incentivo para ir devagar, para não se apressar. Para fazer as coisas da maneira certa.

Ela se sentiu prendendo a respiração quando ele se inclinou, pressionando um beijo lento e gentil em sua testa — uma expressão afetuosa e doce que, para Karina, era ainda mais erótica por suas intenções puras. E com isso, ele se virou e caminhou pela calçada.

— Se você acha que fazer sua bunda parecer particularmente fofa enquanto se afasta vai me torturar, você está errado! — ela gritou em tom de provocação nas costas dele.

Ele riu e levantou a mão em um aceno de despedida, mas não quebrou o passo nem se virou. Ele entrou na caminhonete e olhou para ela. Por tanto tempo, de fato, que finalmente se tornou estranho.

Finalmente, ele abriu a janela e chamou:

— Não vou embora até ver que sua linda bunda está em segurança dentro de casa, Karina!

Ela sorriu de brincadeira.

— Bem, talvez eu só fique aqui na minha varanda a noite toda.

Ele riu e balançou a cabeça, exasperado.

— O que vou fazer com você, mulher?

— Eu tenho algumas ideias — ela disse antes de se virar, destrancando a porta da frente e entrando, fechando-a atrás de si.

*Bem, este é um bom estado, ela pensou. Minhas pernas parecem gelatina, não consigo recuperar o fôlego e definitivamente não consigo me livrar desse latejar persistente lá embaixo. É possível morrer de tesão não resolvido?*

Recostando-se contra o interior da porta da frente, ela deslizou lentamente até o traseiro bater no chão. Então, com as pernas abertas na frente dela, começou a bater leve e metodicamente a cabeça contra a porta da frente. Parecia realmente uma metáfora para a situação dela.

Nesse momento, a porta balançou contra suas costas e ela ouviu um bater insistente.

Ela sorriu maliciosamente. Sim, ela pensou vitoriosa. *Ele não podia ficar longe.* Ela se levantou, se limpou e ajeitou os cabelos no lugar antes de abrir a porta.

— Sentiu minha falta? — ela gritou com um sorriso largo.

— Mais ou menos — respondeu Sam, seus olhos brilhando enquanto passava por Karina para dentro de casa com um pouco mais de entusiasmo. — Faz apenas algumas horas.

Os ombros de Karina caíram.

— Sim — disse ela, tentando não deixar que a decepção que sentia sangrasse em sua voz.

— Bem, não leve isso tão a sério. Eu disse *mais ou menos!* — Sam respondeu entusiasmada.

Karina suspirou.

— Não é isso. Mas e aí? Você estava tipo, observando minha porta da frente para correr para cá no minuto em que ele saísse?

— Afirmativo. — Levando a mão à testa, Sam saudou Karina imitando os militares. — Eu também vi bastante coisa. Seus movimentos eram quase acrobáticos.

Karina não pôde deixar de sorrir com a descrição da amiga.

— Treino de dança, minha amiga. Então, suponho que você veio aqui para saber como foi o encontro.

Sam balançou a cabeça.

— Não. Quero dizer, não me interprete mal. Eu quero saber tudo, apenas não agora. Eu vim aqui porque você não estava atendendo o telefone e estou ligando há horas.

— Eu estava em um encontro.

— Certo, bem, você não estava atendendo o telefone — Sam reiterou.

— Nós estabelecemos isso. Por que você estava ligando? Eu pensei que o único assunto digno por aqui era a minha vida amorosa, e como eu estava realmente em um encontro na hora...

Sam tirou o iPhone do bolso de trás da calça jeans e o enfiou no rosto de Karina.

— Você viu isso? — ela exigiu.

Os olhos de Karina se cruzaram, tentando se concentrar na tela, que Sam estava segurando a meros milímetros do seu nariz.

— Eu nem consigo ver agora — respondeu Karina, empurrando a mão de Sam e o telefone que carregava para uma distância razoável do seu rosto.

Então, quando a visão de Karina da telinha entrou em foco, Sam pegou a mão de volta.

— O que foi isso? Na verdade, eu não vi — disse Karina.

— É um vídeo no YouTube de você e Ryan cantando no Show de Talentos! — Sam disse excitada.

— Ah, certo — Karina disse com desdém, indo para a cozinha e apontando para Sam segui-la. — Bernie me enviou um link de algo mais cedo. Talvez seja isso. Eu ainda não assisti. Ficou bom? Mais importante, quer um pouco de vinho?

— Sim nos dois aspectos — respondeu Sam. — Mas o surpreendente do vídeo não é a qualidade. É a popularidade.

— Oh, as pessoas gostaram? Isso é ótimo.

Nesse momento, o telefone de Sam tocou e ela apertou o botão para atender, levando-o ao ouvido.

— Ei. Sim, ela está aqui. Ela está bem... ela estava em um encontro... não, ele não está aqui. Eu esperei até ele sair. Dê-me um pouco de crédito... como assim, um histórico? Quer saber? Isso não é importante agora... não, ainda estou tentando contar a ela sobre o vídeo... bem, eu não sei. Deixe-me perguntar a ela. — Sam tirou o telefone da boca e estendeu-o, sua voz soando como um repórter. — Karina, você está feliz com o vídeo?

Karina olhou para Sam, tentando decidir se sua amiga finalmente havia caído no fundo do poço ou se era apenas mais uma tentativa de humor enquanto respondia lentamente:

— Eu... acho que sim?

Sam balançou a cabeça e colocou o telefone de volta na boca.

— Não, ela não entendeu. Vou explicar... sim, ótimo, e pegue Amanda no caminho... Ok. Te amo. Vejo vocês em breve. — Então ela desligou a ligação e recolocou o telefone no bolso de trás enquanto aceitava o copo de vinho que Karina estava lhe entregando.

— Suponho que deveria deixar essa garrafa de fora se o resto do quarteto maravilhoso vai se juntar a nós — Karina argumentou, colocando a garrafa no balcão na frente dela. — Ah, e por falar nisso, sintase mais do que livre para convidar outras pessoas para minha casa a qualquer momento. *Mi casa es su casa* e tudo mais.

— Oh, por favor. Não são “pessoas”. São Amanda e Lauren — disse Sam, impaciente. — Onde está o seu laptop?

Karina foi até a mesa da cozinha, onde seu laptop estava entre seus cadernos líricos, contratos, agenda e outros itens aleatórios. Sam o pegou, colocou no balcão, abriu e entrou no YouTube. Na barra de pesquisa, ela digitou Karina Black Kyle Austen Reed Ryan Perkins e apertou enter.

Quando os resultados da pesquisa foram preenchidos, Karina viu uma pequena foto em miniatura dela no microfone no auditório da *Hope Falls High School* e Ryan em pé ao lado dela com seu violão, a boca aberta na música. Ao lado da miniatura estava o título Kyle Austen Reed apresenta Karina Black e Ryan Perkins — “O amor é a chave” (nova música).

Sam clicou na miniatura, exibindo o vídeo em tamanho real, que começou a ser reproduzido automaticamente. Como prometido, Kyle Austen Reed apresentou Ryan, que subiu ao palco no pequeno vídeo, como havia feito alguns dias atrás na vida real.

Karina assistiu, interessada, quando ela e Ryan começaram a cantar. É claro que não era uma experiência nova para ela assistir a cenas dela se apresentando, mas isso era um pouco novo. Obviamente, ela nunca viu nenhuma interação entre ela e Ryan do ponto de vista de alguém de fora, e teve que admitir que havia uma química palpável lá, discernível mesmo se você não fosse uma das partes envolvidas. Por estar tão envolvida na experiência de estar dentro da força e poder dessa atração, ela achou um tanto surreal vê-la de fora.

À medida que a música progredia, Karina encontrou seus olhos vagando pelo resto da página.

Eles chegaram ao número de visualizações que o vídeo recebeu.

— Espere um segundo — disse ela, surpresa e apontando para a figura.  
— Isso diz...?

— Sim — disse Sam, parecendo satisfeita que Karina estava começando a entender a situação. — Diz mesmo. Três milhões de visualizações. Também diz mais de cem mil curtidas e milhares e milhares de comentários. E entrou online esta tarde.

Karina parecia totalmente confusa.

— Como isso aconteceu?

— Acho que as pessoas podem perceber a química absurda que vocês têm e gostam! — Sam explicou.

Eles não eram os únicos.

— Sim, fazemos boa música juntos.

Sam revirou os olhos.

— Ah, qual é. Assista às faíscas voando para lá e para cá naquele palco e me diga que a única conexão que acontece lá é de natureza "musical".

Karina decidiu deixar isso de lado por um minuto.

— Ok, então, como as pessoas descobriram que o vídeo existia, em primeiro lugar?

— Oh, isso é fácil. Kyle Austen Reed twittou.

Karina gemeu.

— Sério?



— Oh, sim — Sam assentiu seriamente. — E então seus fãs realmente gostaram e viralizaram. Foi twittado dezenas de milhares de vezes. A hashtag #AmoreaChave está em alta no Twitter no momento.

Ótimo. Como se o relacionamento dela e de Ryan não fosse complicado o suficiente. Agora, havia isso. Por que as coisas não podiam ser simples, apenas uma vez?

Karina balançou a cabeça para limpá-la e ouviu um som. Ela suspirou.

— Essa é a porta da frente ou minha cabeça que está tocando?

Sam pulou, sim pulou, até a porta da frente e voltou com Amanda e Lauren.

— Como está nossa pequena deusa do vídeo que viralizou? — Lauren perguntou com um meio sorriso enquanto entrava.

— Vai se ferrar — Karina gemeu.

— Então, melhor do que o esperado então — Amanda concluiu, e as outras duas concordaram.

— Olhe — disse Lauren pragmaticamente. — Você odeia esse tipo de coisa por aí porque não gosta de seus negócios pessoais em público, e esse vídeo parece pessoal. Mas acho que a maneira de remediar isso é tentar pensar nesse vídeo como uma ferramenta profissional, em vez de um momento pessoal.

Esse era um bom argumento, mas não era com isso que Karina estava preocupada.

Lauren continuou.

— Este é exatamente o tipo de música que você queria fazer, e esse vídeo prova ao mundo e aos poderes que você pode ter sucesso e ser popular com esse estilo de música. Ele até expõe seu nome verdadeiro.

Karina assentiu, considerando.

— Por que você não parece convencida? — perguntou Amanda.

Karina deixou cair a cabeça nas mãos, sentindo-se infeliz.

— Eu não sei. O que vocês estão dizendo faz sentido. Simplesmente não parece verdadeiro, emocionalmente. Por dentro, isso parece tão... complicado... eu não sei.

Karina respirou fundo enquanto reunia seus pensamentos, finalmente pronta para uma análise mais profunda de seus verdadeiros sentimentos, por mais raro e doloroso que esse processo pudesse ser.

Suas amigas até se inclinaram para a frente, esperando ouvir o que ela diria a seguir.

Mas então a campainha tocou novamente, fazendo Karina gemer de frustração.

— Sério! Isso aqui está igual à Grand Central Station! — ela exclamou.

Sam correu para a porta da frente e voltou um momento depois, com um sorriso largo no rosto.

— Quem é? — Karina perguntou.

Sam abriu a boca para responder, mas, em vez disso, uma voz masculina gritou expansivamente:

— É Kyle Austen Reed!

A estrela de cinema passou por Sam, os braços estendidos para abranger toda a sala.

Karina cruzou os braços sobre a mesa à sua frente e deixou cair a cabeça sobre eles.

— Vá embora, Kyle! — ela gritou, sua voz abafada pelos braços.

— Austen Reed — suas três amigas completaram.

— Parece que o segredo foi revelado! — Kyle exclamou. Sua voz soou como se ele estivesse bastante orgulhoso de si mesmo.

Cansada, ela levantou a cabeça e o encarou sem entender.

— Estou quase com medo de perguntar.

Kyle caminhou até Karina e passou o braço em volta dos ombros rígidos e inflexíveis, puxando-a para o peito.

— Sei que não era assim que gostaríamos que acontecesse, mas você nunca deve ter medo quando estou por perto, *mi corazón*.

Soprando uma lufada de ar, Karina balançou a cabeça.

— Bem. Eu vou perguntar. Queria que o quê fosse descoberto?

Kyle abriu os braços novamente.

— Nosso amor.

— Nosso o quê?

Kyle abriu os braços ainda mais para dar ênfase adicional e repetiu com mais ênfase:

— Nosso amor!

— Senhor! — Karina repetiu silenciosamente em sua cabeça enquanto esfregava as têmporas.

Lauren, sempre a pragmática, falou devagar.

— Talvez se você começar do começo...

Karina protestou:

— Não, não! Não comece do começo. Limite-se a esse incidente e me diga exatamente o que você quer dizer com o segredo ter sido revelado em relação a “nosso amor”.

Lauren sorriu e assentiu, reconhecendo que tinha visto onde sua sugestão poderia dar errado.

— O nosso vídeo no YouTube tem mais de quatro milhões de acessos — ele disse com orgulho.

As quatro mulheres se entreolharam, intrigadas.

Karina, magoada, disse:

— Meu Deus, tem mais um?!

Calmamente, Lauren colocou a mão no ombro de Karina.

— Kyle, por que você não nos mostra o vídeo?

— Claro! — Kyle respondeu, puxando o iPad da bolsa flexível de couro. Ele abriu a capa e, com alguns movimentos de seus dedos, chamou o vídeo de “O amor é a chave”.

Karina olhou por um momento para tentar detectar diferenças, mas, não... era exatamente o mesmo vídeo.

— Esse é o vídeo de Karina e Ryan — Lauren apontou gentilmente.

— Não, olhe aqui — ele disse, arrastando o mouse sobre a linha vermelha na parte inferior do vídeo que rastreava seu progresso e arrastando o ponto final de volta ao início para começar o vídeo novamente.

Quando o vídeo começou de novo, Kyle apresentou Ryan. As quatro garotas abriram a boca para protestar, mas Kyle levantou um dedo para segurá-las.

— Esperem... — ele advertiu.

Nesse ponto do vídeo, Ryan havia terminado de chamar Karina para o palco e estava começando a sair. Quando ela e Kyle se cruzaram no palco, eles pararam, e Kyle lhe deu um beijo quase imperceptível na bochecha.

Kyle apertou uma pausa no vídeo para que a tela fosse preenchida com a imagem dele e Karina trocando esse beijo. Depois de virar a parte de trás da capa do iPad para formar um suporte triangular, ele o colocou no balcão de frente para todas elas, que encararam a imagem, quase hipnotizadas.

— Eu lhes apresento — ele disse dramaticamente — Kyline.

— Ah, não. — Uma repentina onda de náusea atingiu Karina.

— Os comentários no vídeo são bastante efusivos. Parece que eles não conseguem superar nossa química avassaladora, meu amor. Eles parecem bastante animados por isso, de fato.

— Kyle, eu odeio dizer isso a você — disse Sam gentilmente —, mas acho que a química a que se referem no vídeo é menos sobre Kyline e mais sobre KaRyan.

— Chega de nome de *shipper*! — Karina sentiu como se estivesse seriamente prestes a ir para o fundo do poço.

— Na verdade, o termo correto é *portmanteaus* — Lauren acrescentou. Mas quando ela viu o olhar que Karina estava dando a ela, acrescentou rapidamente: — Não que isso importe.

— De qualquer forma, os comentaristas, também conhecidos como a voz do povo, falaram — continuou Kyle. — Eles dizem esmagadoramente quanta química temos, quão sexy somos juntos. CaliGurl818 chegou a dizer que nos ver juntos a fazia corar. Então, como você ver, o segredo, como eu disse, está oficialmente exposto. Para esse fim, já entrei em contato com minha empresa de relações públicas e os instruí a fazer uma declaração dizendo que não tenho comentários sobre o status de nosso relacionamento no momento.

Lauren levantou as sobrancelhas e disse:

— Você não precisa receber uma pergunta antes de poder dizer que não tem nenhum comentário?

Kyle deu um tapinha no topo de sua cabeça, o que, por causa da altura de Lauren, não era uma tarefa fácil.

— Doce menina — ele disse como se estivesse falando com alguém cuja falta de conhecimento sobre o modo como o mundo funcionava fosse verdadeiramente lamentável. — No ramo do entretenimento é preciso estar um passo à frente do jogo o tempo todo, se quiser permanecer relevante.

Karina, com a voz estrangulada, disse:

— Jogar a carta “sem comentários” é tão bom quanto dizer que estamos em um relacionamento.

Kyle parecia satisfeito consigo mesmo, e Karina pegou uma almofada na parte de trás de um dos bancos da cozinha e gritou dentro dela.

Ele esfregou as costas dela e disse às outras três garotas:

— Essa é minha florzinha. Tanta paixão. Que fogo.

Karina levantou a cabeça do travesseiro e olhou para Kyle com um olhar assassino.

— Ok! — Amanda pulou rapidamente. — Acho melhor deixarmos Karina em paz antes que ela se lembre de que estamos sentados em uma cozinha com facas. Vamos?

Enquanto o grupo reunia seus pertences e serpenteava em direção à porta da frente, Amanda abraçou Karina e sussurrou em seu ouvido:

— Ligue-me se precisar de mim, querida.

Karina assentiu, e as duas ouviram a exclamação seca de Lauren pela porta da frente.

— Amanda, é melhor você se apressar. Kyle Austen Reed quer nos contar toda a história do relacionamento dele e de Karina, não deixando de fora nem um pequeno detalhe. Eu sei que você não quer perder o começo.

Karina sorriu largamente.

— Por qualquer coisa errada que você já tenha feito comigo, você será recompensada por várias horas entorpecedoras.

Amanda riu.

— Eu acho ele charmoso.

— Fale comigo de novo amanhã.

Quando Karina ouviu a porta da frente fechar atrás de seus visitantes e finalmente ficou sozinha, passou um momento saboreando o silêncio, mas rapidamente percebeu que não estava ajudando em nada a organizar seus pensamentos. Em vez disso, parecia realmente opressivo.

Não, ela nunca contemplava as coisas em silêncio ao tentar resolver um grande problema. Em vez disso, fazia o que havia feito toda vez em sua vida, quando precisava resolver uma situação ou processar algumas emoções. Ela pegou seu violão.



## CAPÍTULO 16



Ryan virou-se irritado em sua cama — a última virada em uma noite que foi preenchida com um monte de movimentos de um lado para o outro e muito pouco sono — e olhou para os números vermelhos brilhantes de seu despertador de cabeceira. Três e quatro da manhã.

Dez minutos após a última vez que ele checkou.

Os números vermelhos brilhantes o provocaram e o forçaram a pensar sobre o motivo pelo qual ele não conseguia dormir — ou seja, a ereção furiosa — que o atormentava desde que ele deixou Karina, horas antes.

Toda vez que ele conseguia se distrair, uma montagem de imagens começava a passar como um filme com classificação X na sua cabeça. Havia muitas, mas as mais frequentes eram os *flashes* de Karina tirando o sutiã e dando-lhe a primeira visão desobstruída de seus seios cor de caramelo, gloriosos, e com a pele coberta com os botões de chocolate de seus mamilos. Karina furiosamente erguendo a mão para cima e para baixo no membro dele enquanto se encaravam, os rostos tão próximos que as testas se tocavam e ele sentia suas doces exalações. De Karina nos braços dele, nua e tremendo como uma folha, seu corpo se contraindo ao redor dele enquanto ela gritava em liberação.

Centenas de vezes — não, mil vezes — naquela noite, ele teve que se impedir de pegar as chaves da mesa de cabeceira, pular na caminhonete e voltar para a casa de Karina. Levou toda a força de vontade que ele

possuía, e que ele nem sabia que tinha, manter-se em sua própria casa e, mais precisamente, em sua própria cama.

Ele tentara aliviar o assunto, tomando-o com suas próprias mãos, por assim dizer. E isso proporcionou algum alívio. Por um momento. Mas logo após sua libertação auto-manipulada, uma repentina lembrança da sensação do corpo dela pressionado contra o seu, a curva delgada da cintura dela na palma da mão e o toque suave dos lábios dela contra os dele inundariam sua mente, e assim, ele estava de volta à estaca zero.

### *Droga.*

Ele teve que parar o filme dos dois no escritório, nus e devorando-se avidamente, de passar repetidamente em sua cabeça. Se ele fosse dormir um pouco — não apenas naquela noite, mas novamente — ele precisava entender isso.

Logo depois, verificou o telefone para ver se ela havia ligado. Assim que seu plano brilhante surgiu em sua mente, a percepção de que ele desligara o telefone para o encontro deles e nunca o ligou novamente lhe ocorreu. E se Karina estivesse tentando falar com ele? Ela poderia ter ligado para ele, mandado uma mensagem...

Depois de pular da cama, ele pegou seu jeans no chão do quarto. Então tirou o celular do bolso e o ligou ansiosamente.

Suas sobrancelhas se uniram em um sulco confuso enquanto olhava para a tela de notificações. Trinta chamadas perdidas? Quarenta mensagens de texto?

### *O que...*

Antes que ele pudesse concluir esse pensamento, alguém tentou virar a maçaneta da frente. Então ele ouviu o arranhar da fechadura.

### *Que diabos?*

Rapidamente, Ryan vestiu o jeans que ainda estava em sua mão, pegou um taco de beisebol e, com uma furtividade ninja, se aproximou da porta da frente.

Seus nervos estavam no limite enquanto esperava a porta da frente abrir. Ele se perguntou se deveria ligar para a emergência, porque que bem faria um taco de beisebol se o intruso tivesse uma arma?

A porta começou a se mover lentamente para dentro. Ele levantou o bastão e assumiu a posição de combate.

Quando a porta se abriu ainda mais, a imagem do intruso se materializou na escuridão. Ryan exalou e seus músculos relaxaram quando reconheceu a forma de sua avó enquanto ela entrava no quarto, murmurando e atrapalhando-se com a chave na fechadura.

— Vovó! — Ryan exclamou, fazendo-a gritar e pular quase um metro de altura.

Sue Ann girou sobre ele e deu um soco no seu ombro com mais força do que ele teria pensado que ela era capaz.

— Você me assustou! — ela gritou.

— Eu assustei *você*? — Ryan atirou de volta. — Você é quem está entrando escondida na minha casa às três da manhã como um gatuno!

— Bem — ela disse razoavelmente —, eu não esperava encontrá-lo acordado e alerta. Eu esperava encontrar você desmaiado, de bruços no chão da sala, dormindo em um estupor bêbado!

Ryan estava estupefato.

— Isso é tão... específico — ele finalmente conseguiu dizer. — Por que você acha isso, vovó? Eu quase não bebo.

— Bem, por que mais você não atenderia o telefone? — ela respondeu como se essa fosse a resposta mais óbvia do mundo. — Estamos ligando e mandando mensagens para você há horas. De fato, sua caixa de correio de voz diz que está cheia.

Ryan sentiu seu estômago cair e suas pernas ficarem dormentes.

— O quê? — ele respirou. — Mamãe e papai? Eles estão bem? O que aconteceu?

Foi o mesmo pânico que ele experimentou no dia em que entrou em sua casa naquela tarde de primavera, quando tinha quatorze anos, e viu sua mãe chorando e seu pai dando tapinhas nas costas dela. O mesmo pânico que fechou sua garganta e ameaçou sua capacidade de respirar quando eles se voltaram para ele e muito gentilmente lhe disseram que tinham más notícias. Oh, Deus. Isso não poderia estar acontecendo novamente.

— Oh, eles estão bem! — Sue Ann o tranquilizou, sorrindo de orelha a orelha. — E nada aconteceu. Nada, a menos que você considere o filho deles e meu neto se tornando uma sensação do YouTube como alguma coisa! E eu considero muito!

— Vovó — disse Ryan, balançando a cabeça lentamente —, estamos no meio do que se transformou em uma noite muito longa. Posso não estar



cem por cento acordado, mas não estou acompanhando seu raciocínio. Do que está falando?

— Seu vídeo! — ela respondeu, batendo palmas na frente dele como uma criança animada da escola.

Ryan fechou os olhos contra a frustração e respirou fundo.

— Que vídeo?

— Ah, querido, você não viu? Eu acho que você deve ser a única pessoa na internet que não viu!

Ryan ainda estava balançando a cabeça, começando a se perguntar se isso poderia ser, de fato, algum tipo de sonho febril, quando o telefone tocou a mão dele, assustando-o um pouco. Ele olhou para a tela para ver quem ligaria para ele àquela hora, chocado ao ver o rosto de sua ex-namorada, Trista.

— Por que ela está...? — Ryan murmurou para si mesmo. Quando ele olhou para a avó e disse que provavelmente deveria atender, ficou surpreso ao vê-la sentada no computador, digitando.

Ela abriu uma página no YouTube e, quando o vídeo começou, Kyle Austen Reed começou a dar sua introdução na tela, ela se virou para Ryan, com o rosto brilhando.

— Veja por si mesmo!

Ryan se aproximou da tela e assistiu ao vídeo, encantado ao ver a cena se desenrolar diante dele, um momento em que ele não estava ciente de que estava sendo capturado, um momento em que ele estava muito envolvido para registrar realmente.

Ele viu a expressão astuta cruzar seu rosto enquanto chamava Karina para o palco, e seu coração bateu no peito quando ela entrou no quadro do vídeo. Ela era bonita.

Será que ele alguma vez a veria e não teria essa sensação de coração disparado?

Seus olhos se estreitaram quando viu Kyle Austen Reed beijar Karina na bochecha quando ela passou. Ele não havia percebido isso na época, provavelmente por causa dos nervos, e não gostou nem um pouco.

Mas a pontada de aborrecimento que ele sentiu foi varrida por completo enquanto observava Karina ocupar seu lugar ao lado dele e ouvia os dois conversando de um lado para o outro, seguido pelos acordes de abertura de “O amor é a chave”.

Na época, ele estava tão envolvido em tocar que perdeu a expressão extasiada no rosto de Karina quando ela olhou para ele e cantou, e o sorriso largo e impressionado que se espalhou pelo rosto dele enquanto olhava nos olhos dela. Mas estava tudo muito claro agora. Ele ficou impressionado com a intensidade da conexão deles e com o quão visível isso provavelmente era para o observador casual. Claro, ele sabia como era estar ligado a Karina. Ele ficou chocado que fosse tão claro.

Então lhe ocorreu como era bizarro que ele — o garoto do interior Ryan Perkins, de Montana — estivesse na internet, estrelando um vídeo no YouTube com a sensação pop Karina Black. Era estranho como ele simplesmente não a via assim, ele não a via desde então. Ele levou um tempo para entender o fato de que ela era uma estrela internacional, mas desde o primeiro momento em que ele a viu, acabara de ver... Karina.

Agora, quando ele olhou para ela no vídeo do YouTube, viu... *sua* Karina.

— Você acredita nisso? — A voz excitada de Sue Ann invadiu seus pensamentos quando os acordes finais da música desapareceram na tela do computador. — Você precisa ligar para seus pais. Eles não dormiram nem um pouco a noite toda. Eles continuam atualizando a tela, lendo os comentários e assistindo às visualizações subirem. Eles não podem acreditar que é real! Anda. Liga pra eles!

— Como assim, ver as visualizações subirem? As pessoas estão realmente assistindo isso? — Ryan perguntou.

Sue Ann apontou para o número de visualizações exibidas embaixo do vídeo, e Ryan deu uma olhada. Depois olhou de novo. Ele esfregou os olhos para se certificar de que não estava vendo coisas, mas com certeza o número indicava 8.575.263 visualizações.

— Puta merda. O que está acontecendo? — Ryan deixou escapar.

— Bem — respondeu Sue Ann de maneira um tanto desdenhosa —, posso dizer, alguém ficou tão empolgado que o Sr. Kyle Austen Reed estava na cidade e no show de talentos da cidade, ainda por cima, que pensou que deveria guardar o momento para a posteridade, e depois que você e Karina começaram a tocar, continuou gravando. Então, o que posso imaginar, é que essa pessoa decidiu que o mundo precisava vê-los e, por isso, ela fez o upload no canal do YouTube.

Ryan estreitou os olhos em suspeita.

— Ela?

Sua avó olhou para ele, a imagem de inocência.

— O quê?

— Você disse “ela”. Você parece bem certa de que essa pessoa é do sexo feminino. Por quê?

Sue Ann abaixou a cabeça timidamente.

— Vovó, não! Você fez o upload? Por que você faria isso?

— Bem, querido, sinceramente, nunca pensei que fosse receber esse tipo de atenção, para dizer a verdade. Eu só queria mostrar para meus inscritos.

— Seus inscritos? — ele perguntou. Ele olhou para a linha abaixo da contagem de visualizações e viu que o vídeo havia sido enviado por 1TwiHardGrannyFan. — Você é fã de Crepúsculo? — ele perguntou surpreso.

— Team Jacob e orgulhosa disso — respondeu ela, estufando o peito como se fosse um distintivo de honra.

Ryan sentiu uma dor de cabeça crescendo atrás de seus olhos. Isso era demais para entender. O que Karina pensaria sobre isso? O que ele pensava sobre isso?

Ele suspirou profundamente, isso era ruim. Era muita atenção. Ele não queria e tinha certeza de que ela também não.

— Você precisa tirar isso do ar, vovó — ele disse gravemente.

Ela descartou a ideia sem nem um momento de hesitação.

— Oh, eu não posso fazer isso! — ela protestou. — Estou muito orgulhosa de você. Sem falar que... olhe para vocês dois. Você não pode negar que é algo especial de se ver. Além disso, tornou-se viral agora, então não faria muita diferença, mesmo que eu removesse. É tarde demais para isso.

Determinado a lidar com essa situação, Ryan entrou no quarto, vestiu um moletom por cima da cabeça e colocou os pés nos tênis.

Sem sequer se preocupar em parar e amarrá-los, ele foi para a porta da frente. Quando saiu, reiterou com firmeza:

— Vovó, você precisa remover. Você pode trancar, quando sair? Vejo você amanhã no café.

— Certo, docinho. Diga a Karina que eu disse olá! — ela cantou quando ele saiu.

A última coisa que ouviu quando desceu as escadas foi a abertura de “O Amor é a Chave” recomeçando quando Sue Ann repetiu o vídeo e começou a cantar junto.



Karina não havia percebido o quão exausta estava até que ela deslizou seus membros doloridos e cansados no doce conforto de sua cama após uma sessão de composição de seis horas que tinha sido física e emocionalmente desgastante.

Quando ela realmente começou a cochilar várias vezes enquanto se sentava, com o violão no colo, percebeu que estava na hora de se render aos seus limites físicos, puxar os cabelos em um nó solto, colocar seu uniforme de dormir que consistia de cueca boxer e um top e se deitou.

Puxando o lençol e o edredom até o queixo, ela suspirou em pura felicidade. Então ela começou a adormecer depois do que oficialmente se tornara o dia mais longo e estranho de toda a sua vida.

Ela tinha acabado de entrar no estado alfa, aquele lugar luxuriante onde a pessoa fica despreocupada e sem peso entre o sono e a vigília, quando foi sacudida na vertical por uma pancada forte na porta da frente.

Ela pulou da cama, lívida, e desceu as escadas correndo, sem sequer parar para vestir um roupão e chinelos.

— Eu vou matar a Sam — ela rosnou com intensidade assassina quando se aproximou da porta da frente. Ela abriu enquanto gritava: — Não atendi meu telefone porque estava dormindo!

O discurso dela morreu em seus lábios e seus olhos se arregalaram quando ela viu a cena à sua frente, que era um Ryan amarrotado — e ainda lindo — de pé em sua varanda, com o cabelo bagunçado e os cadarços de tênis soltos e desamarrados. Parecendo despenteado e *sexy pra cacete*.

Ele deu a ela um meio sorriso irônico.

— Ainda bem que eu não liguei.

Ela riu tristemente e abriu mais a porta, apontando para dentro.

— Se for um momento ruim... — Uma de suas sobrancelhas se ergueu quando ele apontou para trás.

— Não, não é — ela disse, seu humor melhorando a cada segundo. — Eu pensei que você fosse Sam.

Ryan a seguiu enquanto ela entrava na sala e se jogava no sofá estofado e confortável que dava para a parede de janelas com vista para o vale de Hope Falls.



Ryan congelou, parou morto por sua fofura casual e sem esforço. Ela não estava tentando parecer bem. Ela não estava montada. Nada sobre como ela se movia ou sua aparência era calculado ou planejado agora. Ela usava boxer masculina e um rabo de cavalo desleixado no topo da cabeça.

No entanto, apesar de tudo isso — ou possivelmente por causa disso —, ela parecia mais adoravelmente sexy do que ele já a vira qualquer mulher, para falar a verdade.

Karina bocejou e se esticou com graça felina, os braços alcançando acima da cabeça. O movimento puxou sua blusa para cima para revelar a pele nua e macia de sua barriga, começando baixo nos quadris, logo acima da linha da cueca.

Ryan engoliu em seco. Sua mente estava cheia de pensamentos novamente, e tudo o que ele podia ver era uma imagem dele indo para ela, inclinando-se e beijando a pele impecável e exposta de sua barriga, enquanto empurrava sua blusa sobre os seios perfeitos e continuava a trilha de beijos para cima, parando apenas quando alcançasse seus mamilos atrevidos, o que, é claro, seria difícil para ele.

Viu-se tomando seu tempo com cada ponta dura, provocando-a com a ponta rígida de sua língua antes de sugá-la no calor aveludado de sua boca, brincando com ela, chupando, girando...

— Então, como vai?

Ryan foi abruptamente trazido de volta ao presente pela voz sonolenta de Karina enquanto ela esfregava os olhos, completa e inocentemente inconsciente de seus pensamentos lascivos.

Incapaz de falar, ele ficou parado, revirando o cérebro para lembrar por que ele dirigira até ali como um maldito morcego no meio da noite. Como diabos ele deveria pensar quando ela estava parada ali, parecendo um presente de Natal esperando para ser desembulhado?

Karina olhou por cima, provavelmente para ver por que ele não estava respondendo, e deu uma olhada dupla quando viu sua expressão intensa. Ela abriu a boca para falar, mas as palavras morreram em seus lábios quando seus olhos se moveram para baixo e espiaram sua ereção perceptível. Sua boca se torceu em um sorriso travesso, e seus olhos brilharam quando ela disse:

— Tudo bem. Entendo. É isso que tá rolando.

Exibindo sua graça felina sem esforço novamente, ela deslizou para a beira do sofá na frente de onde ele estava, posicionando cuidadosamente os joelhos em ambos os lados das pernas dele, o rosto precisamente ao nível dos olhos com o volume de suas calças.

Ele ficou congelado no lugar quando ela sensualmente moveu as mãos sobre as coxas dele, seus músculos das pernas tensos sob o toque dela, um lento e sexy sorriso se formando em seu rosto.

As mãos dela continuaram seu movimento constante pelo corpo dele, viajando dos dois lados da ereção e finalmente chegando ao topo da calça jeans. Ela deixou os dedos deslizarem inexoravelmente para cima até que se encontraram no botão superior da calça.

Então ela metodicamente libertou cada botão em sua braguilha até que estivesse completamente desfeito e sua grande masculinidade saltou da calça, bem na frente do rosto dela. Ryan estava dizendo a si mesmo para parar tudo. Para se afastar. Mas ele não conseguiu. Parecia que seus hormônios estavam no comando. Um desejo feroz se espalhou por ele como fogo.

Ela mordeu o lábio inferior e olhou para ele.

— Sem cueca — ela sussurrou, um pequeno sorriso brincando nos lábios. — Eu gosto disso.

Olhando de volta para o membro ingurgitado, ela lambeu os lábios. Isso deu a ele um choque tão grande que sua ereção tremeu visivelmente, e Karina riu alegremente.

— Hum... alguém está feliz em me ver — ela ronronou.

— Karina — Ryan disse em um tom de aviso estrangulado enquanto um sorriso puxava seus lábios —, o que eu vou fazer com você?

— Eu tenho algumas ideias sobre o que *eu* vou fazer com você — Karina respondeu enquanto envolvia as mãos delicadas em torno de seu grosso eixo de aço e apertava levemente. Então ela puxou as duas mãos em sua direção, desde a base até a ponta de sua masculinidade latejante.

Ryan jogou a cabeça para trás quando um gemido alto escapou involuntariamente de sua garganta.

Inclinando-se para a frente, Karina abriu a boca e gentilmente, mas com força, o levou para dentro dela, girando a língua em torno dele enquanto aumentava a sucção.

Justo quando ele estava à beira de não ser capaz de lidar com o intenso prazer por mais um instante, ele a observou eroticamente afastar a boca, nunca interrompendo a sucção com os lábios. Então ela brincou com a cabeça do pênis dele com a língua, sacudindo-o e acariciando-o antes de finalmente deslizar a boca para a base novamente.

Ela começou um ritmo constante de bombear a boca para cima e para baixo no eixo dele, da base à ponta, repetidas vezes, repetidamente, dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora, dentro e fora... até Ryan ter certeza de que perderia o controle com o puro êxtase que aquilo trazia.

Karina deslizou as mãos sob o jeans dele, agarrando suas costas e controlando o ritmo dos golpes, prolongando o prazer de Ryan, mas também sua agonia. Quanto mais a boca sedosa e insistente de Karina se movia constantemente para cima e para baixo, mais desesperado ele se sentia para explodir.

Ele não sabia quanto tempo mais poderia aguentar. Suas mãos passavam pelos cabelos dela e os dedos se apertaram ao redor do rabo de cavalo que ela usava. Movendo o braço para cima, ele guiou a cabeça dela para cima e para baixo em um ritmo que o fez ver estrelas.

Finalmente, ele percebeu que estava à beira de não ter controle nenhum e avisou:

— Eu vou gozar... Karina, eu vou gozar... — Ele puxou firmemente o cabelo dela para não gozar em sua boca, mas tudo o que fez foi intensificar seus movimentos enquanto ela agarrava sua bunda com mais força.

Ryan jogou a cabeça para trás, fechou os olhos e se rendeu à agradável liberação do orgasmo. Seus músculos estouraram, ele se ouviu gemendo, e as mãos enganosamente fortes de Karina o seguraram no lugar, de modo que ele permaneceu firme em sua boca enquanto chegava ao clímax.

Ele olhou para ela depois que terminou e acariciou seus cabelos com ternura enquanto ela o lambia de qualquer vestígio.

Quando ela terminou, com ternura, colocou sua masculinidade de volta nas calças e abotoou-o, seus movimentos gentis e amorosos. Ela então deu um tapinha em seu zíper recém-fechado e olhou para ele.

— Isso não foi tão ruim, foi? — ela disse com um sorriso perverso.

Ele exalou e limpou o suor da testa, sorrindo de volta para ela.

— Longe disso.

Ainda sorrindo, ela começou a balançar uma perna ao redor dele, obviamente com o objetivo de se levantar, mas ele a pegou no ar.

Karina riu enquanto ele segurava a perna no alto.

— Ryan, o que você está fazendo?

Ele sorriu e colocou a perna dela de volta onde estava.

— O que *você* está fazendo? — ele devolveu, caindo de joelhos.

Os olhos dela se arregalaram quando gentilmente colocou a mão embaixo da parte inferior das costas, levantando-a levemente do sofá, e depois puxou a cueca dela para baixo, revelando uma minúscula tanga de oncinha.

— Miau — ele riu.

Karina, parecendo um pouco preocupada, disse:

— Rá-rá, engraçado. Mas sério. O que você está fazendo?

Ele olhou para ela e sorriu.

— Devolvendo o favor.

Ela sorriu apreciativamente, mas com pesar, e começou a empurrá-lo pelos ombros.

— Oh, que fofo. Honestamente, eu agradeço. Mas eu realmente não me importo muito com isso.

As sobrancelhas dele se ergueram, mas ele não se mexeu sob a pressão das mãos dela.



— S3rio? — ele perguntou.

Ela parecia desconfort3vel.

— Sim, quer dizer... eu gosto. N3o me interprete mal... Mas no contexto do sexo, sabe? Quando estamos todos excitados e envolvidos. Mas apenas sentar aqui e ter voc3... voc3 sabe... parece meio estranho.



Ryan ficou pensativo e comeou a mover a m3o lentamente sobre as coxas e a parte inferior da barriga dela.

— Por qu3? Porque voc3 n3o gosta do desequil3brio de poder?

Os arrepios comeou a aparecer em sua pele, e sua respiraou ficou mais curta. Mas ela tentou esconder isso em sua voz enquanto dizia:

— Acho que voc3 poderia dizer isso. Eu simplesmente n3o gosto da ideia de estar totalmente fora de controle enquanto voc3 tem todos os seus sentidos, sabe?

Ele assentiu, passando os dedos pelas bordas da calcinha dela. Ele observou os mamilos dela se enrijecerem sob a blusa fina.

— Como o que aconteceu h3 alguns minutos — ele observou enquanto seus dedos aumentavam o trabalho e Karina comeou a se contorcer sob suas m3os —, s3 que, nesse caso, *voc3* era quem estava no controle.

Ela assentiu, incapaz de responder.

— E voc3 parecia estar gostando muito.

Ela assentiu novamente, sem f3lego, o discurso ainda a iludindo.

Ele abriu mais as pernas dela e passou o polegar para cima e para baixo, repetida e insistentemente, sobre o monte 3mido, em cima do tecido de leopardo. A press3o dos dedos dele era t3o boa que a cabeou dela caiu para tr3s enquanto as m3os se agitavam para agarrar as almofadas do sof3.

— Sim, tudo bem! — ela gritou, incapaz de controlar as convuls3es de seus quadris e tronco. — Eu gosto de estar no controle. Eu admito. Ent3o me processe.

Houve uma pequena risada dele quando puxou a cueca dela para baixo em um movimento rápido.

— Oh, querida. Você vai precisar superar isso.

Com isso, ele abaixou a cabeça e a envolveu inteiramente com a boca, sua língua entrando e saindo dela, seus lábios provocando o pequeno botão que era seu centro de prazer, enviando ondas de choque de excitação pulsando através dela.

— Ooohhhh... — ela gemeu, enterrando os dedos nos cabelos dele enquanto a boca dele trabalhava. — Ryan, sim... sim...

Ela cravou os calcanhares no chão e levantou os quadris para encontrar a língua dele, pressionando-se contra ele ainda mais intensamente.

Ele afastou a cabeça de leve e sorriu maliciosamente.

— Não. Eu estou no controle do ritmo desta vez.

Então ele abaixou a cabeça e levantou as coxas dela, puxando os quadris para a frente no sofá e colocando as pernas sobre os ombros. Sua língua começou a trabalhar nela novamente, e ele ergueu o olhar para o dela, de modo que eles estavam olhando diretamente nos olhos um do outro, enquanto a língua e os dedos a deixavam cada vez mais perto do precipício.

Ele deslizou as mãos para cima, empurrando a blusa dela até a metade do tronco. Entendendo rapidamente, ela se abaixou e a arrancou, expondo sua barriga, seios e parte superior do tórax — todos cheios de excitação. Isso pareceu ter o efeito desejado. Ele lambeu e chupou-a ainda mais furiosamente, fazendo com que seus olhos revirassem enquanto sua cabeça batia na almofada do sofá.

— Não — ele disse, retirando a boca de sua carne macia apenas o tempo suficiente para lhe dar uma breve diretriz naquele tom de comando, aquele que ela descobriu em seu escritório que tinha um efeito erótico intenso nela. — Abra seus olhos e olhe para mim. Eu quero ver seus olhos quando você gozar.

Com grande dificuldade, ela abriu os olhos e os fixou nos dele, observando sua boca se mover entre as pernas dela, vendo a própria barriga se agitar e convulsionar enquanto a língua dele enviava ondas e mais ondas de êxtase irradiando para cima de seu núcleo, observando enquanto os dedos dele massageavam seus mamilos expostos.

De repente, uma onda de prazer intensa rasgou através dela, fazendo-a arquear as costas e gritar, um som intenso, agudo, digno de mocinha de filme de terror. Ela não ficaria surpresa se os vizinhos ligassem para a emergência, em pânico.

Era uma ocorrência tão incomum para Karina, que geralmente podia sentir-se acumulando um orgasmo à medida que se aproximava e, na verdade, ela geralmente precisava ajudar a empurrá-lo para além do limite, fosse com suas próprias fantasias ou com seus próprios dedos.

Esse orgasmo foi uma experiência totalmente nova. Isso era muito mais do que apenas o clímax físico da excitação que ela estava acostumada a experimentar. Era uma sensação eletrizante, de alma rasgando, de ossos se partindo, de corpo ficando mole.

Pela segunda vez em sua vida — a primeira vez no escritório com Ryan, apenas dois dias antes — Karina perdeu completamente a noção do ambiente e das circunstâncias, totalmente inconsciente por alguns segundos felizes de onde estava, com quem estava — inferno, de seu próprio nome. Ela não tinha consciência de nada além da pura felicidade física e metafísica à qual estava sendo levada.

Enquanto ela lentamente voltava à terra, se viu envolvida nos braços de Ryan e aproveitou a momento para apreciar a deliciosa sensação dele acariciando seus cabelos e murmurando doces palavras em seu ouvido.

Suas pálpebras ficaram mais pesadas, junto com seus membros, e ela começou a se afastar em um sono tranquilo, um pequeno sorriso nos lábios, segura no abraço de Ryan.

Até que seus olhos se abriram e o pânico frio inundou seus músculos. Não. O que havia de errado com ela? Ela chegou perigosamente perto de quebrar sua própria regra de “sem passar a noite.”

Respirando fundo e tentando parecer casual, ela se levantou e se espreguiçou, puxando a calcinha e a cueca em um único movimento. Ela bocejou teatralmente.

— Não leve para o lado pessoal — ela sorriu. — Isso estava longe de ser chato. É só que eu não dormi. Então, se estivermos bem aqui, acho que vou voltar para a cama. Você pode sair. A porta trava automaticamente depois de fechada.

Ela caminhou a passos largos em direção às escadas, claramente não convidando-o a ir junto.



Ryan sentiu-se mais do que um pouco atordado.

— Ok. Hum... bem, tudo bem. Eu te ligo mais tarde.

Então ele foi em direção à porta da frente.

Quando ele estava no meio do caminho para a porta da frente e ela estava no meio da escada, ocorreu-lhe que ele não chegara a abordar o que havia feito com que fosse até ela, em primeiro lugar.

— Oh, espere, Karina — ele chamou em direção às escadas.

Ela se virou e olhou para ele com expectativa.

Ele tirou o telefone do bolso de trás da calça jeans, puxou a página marcada e pressionou play no vídeo.

— Você viu isso? — ele perguntou, ainda espantado com o número de visualizações, curtidas e comentários.

Karina olhou para o telefone dele.

— Sim, eu já vi — ela disse em um tom *blasé*. — Podemos falar sobre isso amanhã, quando eu conseguir juntar dois pensamentos coesos consecutivos? Boa noite, Ryan.

Com isso, ela continuou subindo as escadas, e Ryan ouviu seus passos enquanto ela caminhava pelo corredor. O próximo barulho a preencher o espaço vazio que ela deixou foi a porta do quarto se fechando, encerrando definitivamente qualquer discussão sobre o assunto.

— Tudo bem, então — Ryan murmurou para si mesmo, intrigado.

Sem saber o que mais fazer, ele saiu, verificando se a porta tinha, de fato, sido trancada atrás dele. Ele voltou para a caminhonete e entrou antes de dar partida no motor e se afastar.

Ele desceu a montanha quando um brilhante nascer do sol laranja começou a espiar as *Sierra Nevadas*, e Ryan tentou descobrir como, em nome de Deus e tudo o que era mais sagrado, ele conseguiria levar as coisas devagar com a sensualidade extremamente sensual e sedutora da senhorita Karina Blackstone.



## CAPÍTULO 17



Ryan ouviu a agitação do Sue Ann's Café desaparecer após o movimento do jantar. Ele se sentia um pouco covarde por se esconder no escritório, mas não conseguiu evitar. Parecia que todas as pessoas em Hope Falls tinham algum tipo de opinião sobre sua nova fama no YouTube. Não apenas isso, mas parecia que todas as pessoas em Hope Falls sentiam a necessidade de ir ao café e compartilhar essa opinião com ele.

Ele aguentou o máximo que pôde, sendo educado, sorrindo, tratando cada pessoa como se verdadeiramente se importasse com o que pensavam sobre seu relacionamento com Karina, sua musicalidade, sua voz, suas letras, sua presença de palco... suas roupas.

Ele colocara seu sorriso falso durante o movimento do café da manhã. E novamente para o movimento do almoço. Mas ele não podia enfrentar a multidão do jantar, já tinha aguentado o suficiente. Ele disse à avó — que, aliás, não poderia estar gostando mais disso — que precisava atualizar o estoque e a folha de pagamento.

Desde sua chegada a Hope Falls, ele assumiu as funções de escrituração contábil no Sue Ann's Café. Era um projeto bastante monumental. Ele percebeu imediatamente que, embora sua avó tivesse mantido todas as informações pertinentes, ela havia abandonado qualquer tipo de sistema de arquivamento. Não apenas isso, mas, sem surpresa alguma, ela havia deixado de levar seus negócios para o século XXI, até mesmo para o século XX, ao colocar seus registros financeiros no

computador. Os recibos estavam guardados em caixas de sapatos e registros manuscritos estavam em livros de contabilidade grossos e empoeirados.

Ryan organizou todos eles cronologicamente, e agora ele estava começando o enorme empreendimento de inserir todos os registros anteriores do café no QuickBooks.

Normalmente, ele adorava tarefas quantificáveis como essa. Gostava que as coisas fossem organizadas e ficava satisfeito ao aceitar o caos e ajustá-lo em entradas simples e compreensíveis em um banco de dados.

Mas hoje? Ele estava sofrendo de dois problemas e ambos envolviam Karina. O primeiro era simples — ele mal conseguia manter os olhos abertos. Depois de sua insônia na noite anterior, ele estava tendo dificuldade para não cochilar. Ele fez inúmeras viagens de ida e volta à cozinha para tomar café fresco, mas a bebida forte não parecia estar fazendo muito para manter as pálpebras mais abertas.

O segundo era mais complicado. Por mais que tentasse, ele não podia deixar de receber flashes de seu ardente encontro toda vez que ele olhava para... bem, praticamente para qualquer lugar. Toda vez que ele olhava para a porta, ele a via de sutiã e calcinha, bloqueando sua saída. Sempre que ele olhava para a mesa, ele se via colocando-a perfeitamente deitada, de costas nuas antes de mergulhar nela.

Sim, se um dos objetivos de ficar sozinho — além de se libertar da maré da opinião pública — fosse desviar a cabeça de Karina para o trabalho, talvez ele não devesse ter se retirado para a mesma pequena sala onde eles haviam feito amor pela primeira vez. *Sim*, ele disse sarcasticamente a si mesmo, *isso pode ter sido um erro*.

Ele deixou a cabeça cair, a testa batendo na borda da mesa com um som agudo. *Eu mereço*, ele pensou miseravelmente.

— Ai — disse uma voz da porta. — Eu sei que o estrelato do YouTube pode vir com pressão, mas não se preocupe com isso.

Ele olhou para cima e viu Justin parado na porta com um sorriso torto no rosto. Ele estava vestido com roupas esportivas, segurando uma bola de basquete.

— Ei, cara — disse Ryan, se animando. — Como tá?

— Bem — Justin assegurou. — Vou encontrar Eric e Jake no centro de recreação para um jogo de basquete. Tá a fim?

— Claro que sim! — Ryan respondeu, levantando-se da cadeira antes que Justin terminasse de falar. — Deixe-me apenas vestir um short e eu te encontro na frente em dois minutos.

Era exatamente disso que Ryan precisava para limpar a cabeça. Um pouco de esforço físico. Desde que ele estava fazendo tudo ao seu alcance para evitar contato físico com Karina — sem sucesso, diga-se de passagem —, se concentrar em um jogo de basquete era exatamente o que o médico receitaria.

Ryan vestiu um short e uma camiseta antes de amarrar o tênis. Quando ele desceu as escadas e chegou à calçada, viu Justin parado lá esperando com ninguém menos que Kyle Austen Reed.

*Ótimo — esse cara. Toda a emoção foi drenada dele. Exatamente o que eu preciso.*

— Ryan Jackson Perkins! — disse Kyle, seu rosto se iluminando quando o viu.

— Kyle Austen Reed — Ryan devolveu cordialmente.

Ele não estava exatamente emocionado ao ver Kyle, com certeza, mas isso não significava que seria rude. Não era como se Kyle fosse um cara mau. Ele não tinha noção ao lidar com Karina, mas não era um cara mau. Ele balançou a cabeça levemente, sorrindo para si mesmo. Uma coisa era certa: ele definitivamente podia dizer que nunca havia conhecido alguém que fosse como Kyle Austen Reed, e provavelmente nunca mais o faria.

— Então, sim! — Justin disse, talvez um pouco exagerando ao tentar convencer. — Encontrei Kyle aqui. Ele saiu para correr. Então ele vai se juntar a nós!

Kyle sorriu brilhantemente.

— Eu sou um grande fã do jogo de basquete. Fiz um armador em *All Net* e, desde então, tenho um verdadeiro amor e respeito pelo jogo.

Justin recuou para ficar fora do campo de visão de Kyle, murmurando para Ryan:

— Desculpe.

— Ótimo. Vamos lá — disse Ryan, fazendo o possível para não deixar transparecer sua irritação com a situação. Afinal, não era culpa de Justin. Nem sequer era de Kyle Austen Reed. Era apenas uma daquelas merdas que acontecem.



Quando eles entraram na quadra de basquete no centro de recreação, Ryan viu Jake e Eric sentados na fileira inferior da arquibancada. Jake estava colocando algo de volta em sua bolsa, e Eric estava amarrando o tênis. Havia também alguns outros caras que Ryan ainda não havia conhecido, e ele acenou para eles quando Justin os apresentou como Eli e Chris.

Eles rapidamente se dividiram em equipes, e Ryan ficou um pouco decepcionado por ter acabado no mesmo time que *Kyle Austen Reed*. Ele estava realmente disposto a provocar alguma agressão ao sujeito — de maneiras socialmente aceitáveis, é claro — e seria muito gratificante subir e descer a quadra com os sons de tênis batendo, a bola de basquete batendo na madeira, e espectadores aplaudindo tudo ecoando em seus ouvidos enquanto ele empurrava Kyle Austen Reed para o chão. Metaforicamente falando.

No entanto, quando começaram a jogar, ficou claro para Ryan rapidamente que esse cenário nunca ocorreria, e ele ficou muito feliz por ele e Kyle Austen Reed estarem no mesmo time.

Kyle dançou ao redor deles como se não estivessem lá, fingindo uma direção e depois outra, arrancando a bola sem esforço, passando rapidamente por eles, ultrapassando-os e sempre fazendo movimentos extravagantes como quicar a bola alternando a mão enquanto girava trezentos e sessenta graus e terminava com um arremesso imediato.

Ele enterrou, fez três cestas de três pontos — algumas delas quase do outro lado da quadra — e ainda conseguiu acenar e se exhibir para a multidão cada vez maior de espectadores que pararam para se maravilhar com suas proezas.

Logo, todo pretexto de um jogo real, um com um elemento competitivo e mantendo a pontuação, foi descartado. Os outros caras estavam basicamente fornecendo o palco onde Kyle Austen Reed poderia se apresentar.

O mais estranho, porém, era que nenhum deles parecia se importar. Era uma experiência tão bizarra fazer parte daquilo que parecia surreal, e era realmente muito estranho e incrível demais para ficar chateado com isso.

Finalmente, depois que a exibição durou tanto tempo que a equipe de atletismo juvenil precisou assumir a quadra para o treino marcado, os caras pararam.

A multidão explodiu em aplausos e Kyle Austen Reed sustentou a bola vitoriosamente. Ele puxou uma caneta *Sharpie* da cintura e assinou a bola antes de jogá-la para a multidão encantada. Então ele correu triunfante para eles, dando autógrafos e posando para fotos.

O resto dos caras migrou para as arquibancadas, rindo para si mesmos e dando tapinhas nas costas um do outro.

Eric, que estava no time oposto, disse:

— Acho que devo sentir que acabei de perder... Mas eu meio que sinto que todos vencemos, de certa forma.

Justin balançou a cabeça.

— Diabos, ele acabou de dar minha bola de basquete e eu ainda sinto que me dei bem. O que há com esse cara?

Ryan se sentou na arquibancada, sem saber o que sentia sobre a tarde inteira. Ter o ex de Karina lá certamente não ajudou a tirar sua mente dela. Inferno, talvez isso fosse um caso perdido o tempo todo. Deus sabe que nada do que ele tentou até agora chegou nem perto de funcionar.

Os caras estavam arrumando as bolsas e se envolvendo em suas próprias conversas quando Justin se sentou ao lado de Ryan.

— Amanda está tentando reunir todos para uma partida de minigolfe. Tá dentro?

Ryan assentiu.

— Parece uma boa ideia. Estou dentro.

Naquele momento, Kyle correu, brilhando de felicidade por sua vitória e a chance de alegrar-se com os fãs.

— Eu ouvi minigolfe? — ele se entusiasmou, jogando um braço em volta do ombro de Justin e o outro sobre o de Ryan. — Eu adoraria! Fiz um jogador profissional em *Two Under Par* e sou um verdadeiro entusiasta do golfe, desde então. É claro que esse golfe não era da variedade em miniatura, mas acho que um ou dois moinhos de vento agradáveis só deveriam adicionar à experiência, vocês não concordam?

— Uh... claro... — Justin disse, inclinando a cabeça para trás novamente para fazer mímica: “Desculpe” para Ryan.

Ryan deu de ombros. Pelo menos ele sabia que seria divertido.



## CAPÍTULO 18



Karina acordou de um sono profundo com o toque da campainha da frente. Olhando para o relógio, viu que eram oito da noite. Ela esperou para ver se isso iria se repetir antes de agir. Na noite passada, após a visita de Ryan no meio da noite, ela não foi capaz de ir para a cama, então, em vez disso, levantou-se e tocou. Por volta das quatro da manhã, ela foi para a cama e planejava ficar lá por pelo menos doze horas.

Mas quando a campainha tocou novamente, ela se resignou com o fato de que isso não iria acontecer. Droga. Alguém estava na sua porta da frente e ela estava disposta a apostar que essa pessoa tinha um metro e oitenta, cabelos ruivos e usava tênis.

Karina desceu as escadas e abriu a porta, murmurando:

— Bem, eu estava um terço correta — quando Sam, Amanda e Lauren apareceram na entrada.

— O quê? — Lauren perguntou.

— Nada — Karina suspirou. — O que vocês estão fazendo aqui?

Sam olhou Karina de cima a baixo, olhando sua boxer, sua blusa e seu cabelo desganhado.

— Você não está usando isso, certo?

Karina olhou para baixo.

— Bem, parece que eu realmente *estou* usando.

Sam atirou de volta.

— Quero dizer, não vai usar isso para jogar minigolfe, espertinha.

Karina balançou a cabeça para limpá-la.

— Tudo bem, eu ainda estou sonhando? Do que você está falando?

Lauren interrompeu:

— Nós estamos indo para o *Putt N Stuff*. Sam não mandou uma mensagem para você?

Sam disse:

— Pensei que Amanda tivesse mandando uma mensagem para ela.

— Não sei por que você pensou isso. Eu nunca disse que ia mandar uma mensagem para ela — Amanda respondeu.

Lauren disse:

— Bem, estamos dizendo a ela agora. Karina, entre no chuveiro. Nós estamos indo para o Putt N Stuff.

Karina voltou a subir as escadas, indo para o banheiro principal e resmungando:

— Bem, tudo bem, então. Já que você pediu com tanto jeitinho...

— Ei, lave sua atitude rabugenta enquanto estiver lá! — Sam gritou alegremente.

A única resposta de Karina foi manter a mão erguida, o dedo médio estendido, enquanto continuava subindo as escadas, sem perder o passo.



Quando saíram do carro no estacionamento do *Putt N Stuff* meia hora depois, Karina finalmente começou a acordar.

— Então, senhoras, o que há com essa súbita necessidade nostálgica de uma noite de garotas no *Putt N Stuff*, afinal?

As outras três se entreolharam, desconfortáveis, o que fez os cabelos da nuca de Karina se arrepiarem.

— Gente, o que vocês não estão me dizendo? — ela perguntou, parando no meio do estacionamento. — Nós não vamos mais longe até me explicarem.

Amanda, puxando-a pelo braço, disse:

— Não, não é nada. Nada que faça valer a pena ser atropelada por um carro, com certeza. Só que não é uma noite de garotas. Justin vai nos encontrar aqui com os rapazes.

Karina estreitou os olhos.

— Os rapazes?

Amanda assentiu.

— Sim.

— O que você quer dizer com “os rapazes”, exatamente? — Karina pressionou.

— Pessoas com pênis — Sam retrucou com desdém.

Karina ignorou Sam e manteve o olhar focado em Amanda.

— Precisamente quais pessoas com pênis?

— Ah, você sabe... — Amanda disse vagamente. — Apenas os caras que estavam por perto e jogando basquete. Exceto Jake, ele está de serviço. Mas Justin e Eric. E você sabe... Ryan.

Karina suspirou.

— Aí está.

Amanda murmurou:

— E talvez KyleAustenReed...

Karina parou de novo e a encarou.

— Amanda Jacobs, você vai dizer isso de novo agora, e desta vez com uma voz normal — ela exigiu.

— E talvez Kyle Austen Reed — ela admitiu timidamente.

Karina balançou a cabeça para frente e para trás em câmera lenta.

— Você quer me dizer que estou prestes a acertar pequenas bolas em estruturas de madeira caprichosas pelas próximas duas horas com Kyle Austen Reed?

— E você pensou que Kafka havia explorado todos os cenários bizarros que podiam existir — Lauren brincou.

— Franz Kafka nunca conheceu Kyle Austen Reed — Karina gemeu.

— Vamos lá, pessoal — disse Amanda. — Eu vejo Justin pela janela. Não há mais discussão. É hora de entrar.

Karina fechou os olhos, cerrou os dentes e forçou os pés a pisar um na frente do outro por pura força de vontade. Também por pura força de vontade, ela estampou seu rosto brilhante e feliz quando entrou no saguão e viu Kyle e Ryan se virarem para ela e sorrirem simultaneamente.

Karina, que se orgulhava de ser considerada auto-confiante pela imprensa, fãs, colaboradores e executivos em todos os tipos de situações e sob tremenda quantidade de pressão, estava completamente perdida quanto ao que dizer ou fazer a seguir.

Felizmente, Amanda pulou e salvou Karina de uma situação realmente embaraçosa.

— Então, como temos um número par, vamos emparelhar, sim? — ela perguntou. Então, avançando antes que alguém pudesse responder, ela continuou: — Acho que devemos emparelhar profissional com profissional aqui. Desde que Kyle Austen Reed interpretou um profissional de golfe em *Two Under Par* e Sam tem a pontuação incontestável de *Putt N Stuff*, que nunca foi vencida, vocês dois devem ficar juntos. Eric e Lauren, Ryan e Karina, e Justin e eu. Alguma pergunta? Não? Ótimo.

— Uau, Amanda. Acho que foi num fôlego só — disse Sam, impressionada.

— Lá vamos nós! — foi a única resposta de Amanda.

O grupo se aproximou do balcão, comprou seus ingressos, selecionou seus tacos e entrou na fila para começar o percurso. Kyle e Sam foram a primeira das quatro duplas a começar de comum acordo.

— Ninguém quer atrapalhar Sam quando se trata de algo competitivo — observou Karina, e todos concordaram.

Amanda piscou para Karina.

— Então Lauren e Eric podem ir, depois Justin e eu, e por último, mas não menos importante, Karina e Ryan.

Quando finalmente chegou a vez de Karina e Ryan jogarem, Ryan gesticulou muito à frente dele.

— Damas primeiro.

Ela sorriu e deu um passo à frente, curvando-se para posicionar a bola de golfe vermelha brilhante que ela escolheu antes de fazer o movimento. Ela bateu na bola, que voou em direção ao *green*, batendo nos diversos obstáculos de madeira várias vezes antes de descansar a centímetros do buraco redondo no centro.

Ryan jogou a cabeça para trás e riu com vontade.

— Bem, sua abordagem está longe de ser tradicional, mas é altamente entusiasta e, finalmente, bem-sucedida.

Karina riu.

— Meu lema é: tudo ou nada!

Enquanto Karina e Ryan brincavam pelos vários buracos, passando por castelos de madeira e moinhos de vento, por túneis e pontes, eles conversavam e riam. De vez em quando, eles olhavam para cima e acenavam para Amanda e Justin através das árvores ou ocasionalmente para Lauren e Eric. Karina agradeceu suas estrelas da sorte que Kyle e Sam pareciam estar suficientemente à frente para nunca ter um vislumbre deles, ou vice-versa. Ela se sentiu confortável em esquecer o fato de que Kyle estava ali e apenas relaxar com Ryan.

Enquanto conversavam e riam, Karina brilhava com a normalidade de tudo. Parecia um encontro real. Apenas seu segundo encontro real, e seu primeiro encontro em grupo. Não era algo que ela pensou que algum dia experimentaria; ela imaginou que não era para ela. Mas olhe. Estava acontecendo.

Ela olhou para Ryan, e um sentimento que não conseguia identificar começou a brotar dentro dela. Ryan estava fazendo isso acontecer. Ele também estava fazendo as paredes que ela construiu em tenra idade começarem a quebrar e cair.

Como ela nunca obteve uma resposta direta da avó sobre a mãe, era difícil para Karina confiar nela completamente. Claro, ela confiava em seus amigos, mas isso era diferente de um relacionamento ou confiança de família.

Karina começou a imaginar, embora tenha tentado evitar, um futuro com Ryan, que era tão perfeitamente normal quanto esse encontro para jogar minigolfe.

Seria possível? Ela sabia que outras pessoas eram capazes de tê-lo, mas ela poderia realmente ser tão sortuda? Havia um possível cenário futuro em que ela moraria ali em Hope Falls com Ryan como um casal normal? Ela sabia que havia uma razão pela qual normalmente não se permitia entrar em tais fantasias, mas agora estava tendo dificuldade em se conter.

Quando Ryan pegava a mão dela na dele, ou colocava a mão na parte inferior das suas costas e a levava para cima ou para baixo por um degrau ou por uma pequena ponte, parecia certo. Quando Ryan sorria para ela e a chamava de querida, com um brilho afetuoso nos olhos, parecia certo.



Ela suspirou alegremente para si mesma. Tudo nela e Ryan parecia certo.

Mas a melhor parte da noite? Ela estava realmente relaxada perto dele pela primeira vez. Ah, claro, a centelha estava lá, a tensão sexual. Mas ela não se sentia como essa outra versão supersensível e nervosa de si mesma, como se sentira perto dele no passado.

Ela estava sendo completamente ela mesma. Estava brincando, fazendo observações irônicas, e ele estava rindo delas. O melhor de tudo, ele estava retornando suas observações sarcásticas em um ritmo igualmente rápido e inteligente.

Quando eles saíram no final do curso, depois que Ryan devolveu os tacos, ele puxou Karina nos braços e a girou. Quando ele a colocou no chão de novo, plantou um beijo apaixonado em seus lábios, afastando o rosto para trás quando terminou e gentilmente afastando os cabelos do rosto dela.

— Uau — ela comentou sem fôlego. — Isso foi muito inspirador. O que aconteceu com você?

Ele sorriu.

— Eu não sei. Estou apenas me divertindo muito com você. Sinto que finalmente estou conhecendo você. Quer dizer, eu já sabia que poderia passar o resto da minha vida olhando para você e nunca me cansar da vista. Agora, estou percebendo que poderia passar o resto da minha vida conversando com você e nunca me cansar da conversa. É uma sensação boa. É como...

— Relações intelectuais — ela entrou. — Preliminares cerebrais.

— Exatamente — ele riu, beijando-a brevemente antes de abrir a porta de vidro que levava à praça de alimentação. Com isso, eles atravessaram as portas duplas de vidro de mãos dadas, felizes e confiantes.

Enquanto ela e Ryan se sentavam à mesa, ela perguntou:

— Então, onde os campeões do minigolfe estão se escondendo?

Lauren balançou a cabeça ironicamente e soltou uma risada curta.

— Oh, sim. Você entendeu direito. Eles terminaram o curso em tempo recorde e com uma quantidade recorde de tacadas. Eles estiveram desafiando um ao outro nos jogos de arcade pela última hora.

— Hora!? — Karina exclamou. — Como eles poderiam ter terminado tão rápido?

Amanda riu e brincou:

— Bem, para ser justa, o percurso segue em um ritmo um pouco mais rápido quando você não está parando entre todos os buracos para se beijar.

Lauren sorriu.

— Amanda, se você tentar queimar alguém, deve usar um *shade* que não possa ser aplicado igualmente a você e ao Sr. Noivo aqui.

Justin sorriu

— Sim, e orgulhoso disso — ele disse quando terminou, balançando as sobrancelhas comicamente.

Karina sentiu Ryan apertar a mão no joelho dela por baixo da mesa, e foi bom. Muito bom.

Quando a pizza chegou, Eric perguntou:

— Devo procurar Sam e Kyle? Eles perderão a pizza.

Karina balançou a cabeça.

— Não, não se preocupe. Tenho certeza de que eles estão se divertindo, e nenhum deles comerá pizza, de qualquer maneira.

Lauren cortou cuidadosamente sua fatia de pizza em pedacinhos do tamanho de uma moeda, furou um dos pequenos pedaços com o garfo e delicadamente colocou-o na boca.

Ela estremeceu.

— Não consigo imaginar não conseguir comer como uma pessoa normal!

As outras cinco pessoas à mesa a encararam por um instante e depois começaram a rir.

Ela parecia confusa e um pouco ofendida.

— O quê? Porque isso é engraçado?

— Não sei, senhorita boas maneiras. Pessoas normais comem pizza de garfo e faca? — Karina perguntou.

Lauren deu de ombros.

— Tanto faz. Eu como.

Enquanto eles estavam terminando as fatias, Sam finalmente apareceu rapidamente à mesa, pegando alguns tomates cereja do topo da grande tigela de salada comum e mastigando-os.

— Esse cara é irreal! — ela disse com a voz ao mesmo tempo entusiasmada e espantada.

— Você está ganhando, Sam? — Karina perguntou.

— De jeito nenhum. Ele está me humilhando! — Sam respondeu alegremente.

— E... você está bem com isso? — Karina perguntou com cuidado.

Normalmente, Sam, uma atleta cujo talento e espírito competitivo a catapultara para as Olimpíadas, não ficava feliz se não estivesse ganhando. Mas ela parecia de bom humor.

— Oh, sim. É a coisa mais estranha — confirmou Sam. — É como se ele fosse... mágico ou algo assim. Ele pulverizou minha pontuação no *Putt N Stuff*. Tipo... abriu muita vantagem! E eu sou a melhor em Hope Falls, de longe! E ele nunca jogou minigolfe antes. E ele é fenomenal em todos os jogos de *arcade*! Como isso é possível? Eu nem sinto que estou competindo com o cara — concluiu ela. — Como você pode competir com Kyle Austen Reed? Eu realmente estou meio que assistindo espantada neste momento. Enfim, tenho que voltar. É hora do SkeeBall!

Lauren disse:

— Vamos sair em alguns minutos, Sam.

Sam deu de ombros.

— Sim, vão em frente. Nós vamos ficar e jogar. Nós pegamos uma carona depois. — E com isso ela partiu, correndo de volta para fora da praça de alimentação para a sala cheia de todos os jogos de *arcade* imagináveis.

Enquanto o resto do grupo entrava no estacionamento, Ryan puxou Karina para o lado alguns centímetros.

— Ei, você precisa de uma carona para casa?

Antes que Karina pudesse responder “Sim, por favor!” ela ouviu o toque de uma mensagem de texto recebida.

— Espere um minuto — ela disse com um sorriso de lado. Olhando para a tela do telefone, ela franziu a testa.

— O que foi? — Ryan perguntou preocupado.

— Oh, provavelmente nada — disse Karina, aborrecida e preocupada, sombreando sua voz em medidas iguais. — Minha avó me mandou uma mensagem dizendo que quer me ver imediatamente.

— Eu te levo — Ryan se ofereceu.

— Ah, não — Karina disse rapidamente. Então, depois de ver o olhar dele, ela correu para explicar: — É só que... é difícil para ela se acostumar com novas pessoas. Amanda e Lauren vão me levar na van.

Ryan assentiu.

— Você quer patinar no gelo amanhã?

Ela sorriu, um pouco surpresa pela súbita mudança de assunto.

— Patinação no gelo, hein? Você gosta de marcar encontros em locais que se associam com “gelo”, não é?

Ele olhou para ela quando uma expressão divertida apareceu lentamente em seu rosto.

Seu coração se encheu quando ela olhou para ele.

— Eu adoraria.

Ryan sorriu, mostrando a covinha que era tão proeminente e tão cativante toda vez que sorria.

— Te encontro às onze — disse ele, inclinando-se e escovando rapidamente os lábios dela com os dele.

— Tudo bem — ela disse, virando-se para dizer a Amanda que precisava de uma carona.

Ela estava eletrificada. Adorava o fato de Ryan, com apenas a menor palavra, o menor olhar, ou a menor expressão, ser capaz de incendiar seu corpo e sua alma.



## CAPÍTULO 19



Apenas vinte minutos depois, Karina, com Amanda e Lauren atrás dela, entrou na casa da avó e encontrou Renata sentada rigidamente no sofá.

— Vó. O que há de errado? Por que você me mandou uma mensagem?

Renata mal inclinou a cabeça para reconhecer a entrada de Karina ou sua pergunta.

— Vó? — Karina repetiu, sem ter ideia do que se tratava.

Renata respondeu de modo austero:

— Suas amigas podem esperar lá fora.

Intrigada, Karina olhou de volta para Amanda e Lauren para dizer-lhes para não se preocuparem com isso, mas tudo o que viu foi as costas em retirada enquanto se dirigiam para a porta da frente. Embora soubesse que todas as suas amigas amavam a avó, não havia dúvida de que ela também as assustava.

Karina revirou os olhos e murmurou:

— Arregonas.

Então ela voltou para a avó.

— Isso foi meio rude, vó. Elas provavelmente se sentem mal agora — disse ela em um tom respeitoso, mas que mostrou o menor indício de reprovação.

Renata não mencionou isso. Ela apenas disse:

— Suponho que você tenha visto o vídeo.

*Sério? O vídeo?*

— Eu já vi — respondeu Karina, neutra.

— Quando ele será removido?

Karina não entendeu por que a avó perguntaria isso. Normalmente, ela adorava quando Karina recebia esse tipo de atenção.

— O que você quer dizer? Não vai ser removido.

— Você precisa entrar em contato com seu advogado e retirá-lo imediatamente.

Karina sentiu-se irritada.

— Não, eu não farei isso. Por que você se importa?

— Estão roubando de você. As pessoas estão assistindo, mas você não está ganhando dinheiro com isso.

Karina balançou a cabeça.

— Eu não ligo.

— É ruim para a sua carreira — disse Renata bruscamente.

— Mesmo se isso fosse verdade, eu realmente não gosto muito da minha carreira, então estaria tudo bem por mim. Mas isso nem importa, porque... o vídeo está sendo ruim para a minha carreira? Quanto? Em que universo? É exposição. É deixar as pessoas verem um lado diferente da minha arte. É uma ótima exposição para Ryan...

— Aí está! — Renata interrompeu, apontando o dedo para Karina em uma acusação. — É sobre aquele garoto!

Ela se levantou e começou a andar.

Karina estava tão confusa.

— É isso que realmente está te incomodando? Você não gosta de Ryan por algum motivo?

— Você *não* deve ver aquele garoto! — Renata revidou explosivamente.

Isso surpreendeu Karina de uma maneira muito literal. Ela tropeçou para trás, sentindo as palavras atingi-la como um golpe físico.

Seu primeiro instinto foi pular e defender Ryan e seu direito de ter um relacionamento com ele. Afinal, ela era adulta, capaz de tomar suas próprias decisões. Mesmo deixando isso de lado, Ryan era maravilhoso, e Karina não gostava de ouvir falarem mal dele, mesmo que fosse sua avó bem-amada e muito respeitada.

Mas a cabeça mais fria de Karina prevaleceu e ela percebeu que uma estratégia muito mais inteligente seria adiar esse conflito com Renata até

que ele absolutamente não pudesse mais ser adiado. Afinal, agora, ela não tinha nem cem por cento de certeza de onde seu relacionamento com Ryan terminaria. Por que escolher uma briga gigante com Renata, se ela e Ryan não fossem continuar juntos?

Karina respirou fundo e disse:

— Olha, vó. Não sei o que você acha que está acontecendo. Foi uma performance. Isso é tudo.

Renata bufou.

— Oh, por favor. Dê-me um algum crédito. Eu sei sobre o seu pequeno “encontro para tomar sorvete”. Não minta na minha cara.

— Sim, tomamos sorvete, mas não é como se estivéssemos firmes ou algo assim. Não é como se ele fosse meu namorado. Estou me concentrando agora na minha música, na minha vida, no meu futuro. É nisso que estou me concentrando.

— Eu não sou cega nem burra, Karina. Vejo o que está acontecendo e proíbo.

A voz de Renata era tão firme quanto o aço, e não deixava espaço para interpretação ou argumento.

Karina suspirou.

— Era sobre isso que você queria falar, vó? Porque Amanda tem que acordar de manhã cedo, então temos que ir.

Renata olhou diretamente nos olhos de Karina e disse em termos inequívocos:

— Eu a proíbo, Karina Blackstone.

Karina balançou a cabeça, exasperada, e beijou a avó na bochecha antes de sair. Ela suspirou para si mesma ao deixar a casa em que crescera mais confusa do que nunca.

*Que diabos foi isso?*



Ryan tropeçou cegamente em seu quarto e caiu de bruços em sua cama. Entre sua noite sem dormir, trabalhar o dia inteiro no café, depois o basquete seguido de minigolfe, ele realmente entendeu, pela primeira vez em sua vida, por que pessoas completamente exaustas se descreviam como se sentindo como mortos-vivos. Ele honestamente sentia que era capaz apenas de embaralhar blocos como um zumbi, e seu cérebro parecia tão útil quanto o de um zumbi irracional também.

A última coisa que ele lembrou foi deitar-se onde estava agora, completamente vestido em cima do edredom, os pés ainda de tênis pendurados na borda da cama, antes de ser acordado pelo zumbido insistente do celular. Ele se virou e sentou-se em um movimento suave, plantando os pés no chão e tentando se orientar.

O telefone tocou novamente e o trouxe de volta à terra. Ele o tirou do bolso e olhou para a tela. Embora não reconhecesse o número, viu que era o mesmo código de área do celular de Karina. Pensando que a ligação devia ser dela ou ter algo a ver com ela, ele apertou o botão e respondeu imediatamente.

— Alô?

— Ryan Perkins? — perguntou uma voz masculina desconhecida do outro lado da linha.

— Sim — ele respondeu, intrigado.

— Davis Johansson aqui — ele disse jovialmente, mas com um ar definido de alguém que esperava que esse nome significasse algo para as pessoas.

Ele não significava nada para Ryan.

— Olá — Ryan o cumprimentou de maneira neutra.

Houve uma pausa na linha, e então Davis falou:

— *Da Spintown Records...?*

Ryan reconheceu a gravadora como aquela em que Karina estava, mas ele não tinha ideia do que eles poderiam querer dele.

— Olá, senhor Johansson — disse Ryan educadamente.

Davis riu com entusiasmo, mas não parecia haver uma verdadeira alegria por trás disso.

— Ah, o famoso charme do meio-oeste! Eu adoro!

Ryan tentou interferir.

— Eu não sou tecnicamente de...



Mas Davis estava avançando como se não estivesse ciente de Ryan.

— Ouça, garoto. Vimos seu vídeo com Karina e gostaríamos de ter uma reunião cara a cara. Poder ser amanhã às quatro? Você consegue vir a LA de manhã?

— Eu tenho planos amanhã — Ryan respondeu sem nem pensar. Então, quando seu cérebro processou a conversa, ele perguntou incrédulo: — Espere, você disse LA?

— Depois de amanhã, então? — Davis perguntou em tons cortados e apressados. Tudo em sua voz telegrafou que ele era um homem ocupado com coisas importantes a fazer.

Ryan estava tentando acompanhar, mas estava confuso.

— Eu não entendo do que se trata... Isso tem algo a ver com Karina?

Davis riu logo novamente.

— Isso é sobre você, garoto. Gostamos do que vimos no vídeo.

Ryan balançou a cabeça para afastar as teias de aranha do sono que ainda estavam agarradas aos limites de sua consciência.

— Olha, acho que você tem a ideia errada. Eu não sou um músico profissional. Eu acabei de tocar pela primeira vez no festival.

Davis rejeitou esta objeção.

— Você é definitivamente um músico. Deixe a parte “profissional” para a *Spintown*. Isso é o que fazemos. Então, depois de amanhã?

Ryan percebeu que deveria estar em êxtase com essa oportunidade caindo do céu no seu colo. Ele deveria estar fazendo piruetas. Mas ele simplesmente não conseguia entender o assunto e não gostava da sensação de ser pressionado ou apressado.

— Olha, Sr. Johansson, eu realmente aprecio o que está dizendo, mas vou precisar olhar minha agenda e te ligar de volta — respondeu Ryan, embora o que ele estivesse realmente pensando era que ele precisaria conversar com Karina e depois ligar de volta para ele. Ela teria uma ideia melhor sobre essas pessoas e o que realmente queriam.

— Bem, não demore — disse Davis rapidamente. — Este é um negócio de ritmo acelerado, e você está em alta agora. Queremos capitalizar isso.

— Ligo para você até o fim da semana — Ryan prometeu.

— Falo com você depois — Davis respondeu e desligou.

Ryan podia vê-lo em sua imaginação, pressionando o botão para desconectar a linha

e gritando para um assistente fazer sua próxima ligação e lhe trazer o maldito café expresso que ele pediu dez minutos atrás.

Ele deixou cair a cabeça nas mãos. Não pretendia parecer rude ou ingrato, mas tudo isso estava acontecendo muito rapidamente e ele se sentia um pouco fora de controle, um pouco confuso e oprimido. Ryan não estava acostumado a essas emoções. Ele estava sempre no controle. Sempre decisivo. Sempre relaxado, calmo e controlado.

Por necessidade, se nada mais, Ryan sempre tinha um plano. Claro, Karina o fez se sentir fora de controle, mas ele definitivamente tinha um plano. Era preciso levar as coisas devagar e mostrar a ela como elas poderiam ser boas. Assim, mesmo lá, na faceta mais imprevisível de sua vida, ele tinha alguma medida de planejamento e controle.

*Além disso, ele pensou com um pequeno sorriso, com ela, me sinto fora de controle de um jeito bom.*

Depois de tirar a roupa, ele se arrastou para debaixo das cobertas, recostou-se nos travesseiros e adormeceu, pensando em nada além das onze da manhã do dia seguinte.



## CAPÍTULO 20



Ryan levantou-se de sua mesa no escritório dos fundos do Sue Ann's Café às dez e meia, igualmente dividido entre expectativa e satisfação. Expectativa porque ele estava indo ver Karina. Fazia apenas doze horas desde que a vira no campo de golfe em miniatura, mas ele já sentia falta dela.

Satisfação por poder sair sabendo que tudo no café estava bem controlado. Ele passou a manhã lutando com os livros e finalmente viu uma luz no fim do túnel. Ele ligou para Kelly e pediu que fosse mais cedo para ajudar a cobrir o movimento do almoço, para não ter que se sentir culpado por deixar sua avó em apuros.

Na verdade, ele passou a manhã tão completamente envolvido nos negócios do café que quase esqueceu completamente os vídeos do YouTube e os acordos de gravação.

Quase.

Ele trancou a porta do escritório atrás dele e virou-se para atravessar o corredor e sair pela porta. Quando deu o primeiro passo, esbarrou diretamente em Kelly, que percebeu que devia ter subido silenciosamente pelo corredor e se postado cerca de um centímetro atrás dele assim que o ouviu começar a trancar a porta do escritório.

— Uau! — ele exclamou, tentando dar um passo para trás, mas se viu bloqueado pela porta do escritório.

— Ei, Ryan — disse Kelly, flertando, inclinando a cabeça para o lado e batendo um pouco os cílios. — Fiquei tão animada quando você me ligou

hoje de manhã.

Ryan lutou para manter a voz neutra.

— Estou feliz que você tenha ficado feliz com o turno extra.

Kelly riu como se essa fosse a piada mais engraçada que já ouvira há muito tempo. Então ela bateu de brincadeira no braço dele.

— Ryan, pare!

Ryan balançou a cabeça e tentou contorná-la enquanto dizia:

— Tudo bem.

Kelly também deu um passo para o lado para bloquear seu caminho novamente.

— Então, para onde você está indo com tanta pressa?

— Eu vou patinar no gelo.

— Ooooooh! — Kelly gritou quando Ryan tentou novamente passar por ela, mas ela tinha os reflexos de um armador da NBA. — Deveríamos ir patinar no gelo algum dia! Eu tenho o vestido de patinação no gelo mais lindo de quando eu costumava competir.

Ryan terminou de tentar os dois passos com Kelly, então gentilmente passou os dedos em torno de seus braços e a colocou de lado, dizendo, quando passou por ela:

— Olha, Kelly, eu realmente preciso ir agora.

Kelly o esfregou e conseguiu ficar à frente dele novamente em apenas alguns passos.

— Não precisamos patinar no gelo. Nós poderíamos ficar, manter as coisas casuais. Eu sei cozinhar.

Relutantemente, Ryan percebeu que precisaria ficar firme. Ele odiava isso. Não queria magoar os sentimentos dela e não queria tornar a relação de trabalho estranha. Mas ela realmente não parecia estar respondendo a algo mais sutil.

Enquanto ele tentava escrever as palavras certas para decepcioná-la com suavidade, mas de maneira conclusiva, Sue Ann entrou na boca do pequeno corredor e gritou alegremente:

— Kelly! Você tem mesas aqui querendo sua atenção, querida!

Kelly, decepcionada, correu para a sala de jantar e Ryan foi até Sue Ann.

— Obrigado pela ajuda, vovó — ele sussurrou conspiratoriamente enquanto se inclinava para dar um beijo em sua bochecha.

— Sem problemas, querido — disse Sue Ann, parecendo preocupada.  
Ryan fez uma pausa.

— O que há de errado?

Sue Ann balançou a cabeça com relutância, mas depois disse:

— Tenha cuidado com Karina agora, ouviu?

Ryan começou a rir.

— Vovó, se a conversa vai ser sobre a cegonha...

Sue Ann bateu no ombro dele.

— Pare!

— Mas falando sério. Eu pensei que você gostasse de Karina.

Sue Ann assentiu.

— Eu gosto. Ela é uma menina maravilhosa, e acho que vocês dois são uma ótima combinação. Só estou um pouco preocupada porque, bem... só não esperava que você caísse tão rápido, sabe?

— Do que você está falando? — Ryan perguntou.

— Filho, qualquer pessoa com ouvidos, olhos e conexão à internet sabe do que estou falando. Está escrito em você toda vez que olha para a garota! Minha única preocupação é que ela esteja sempre um pouco fechada, sabe? Sobre tudo, menos a música dela.

— Ela mantém a guarda alta.

— E você? Você está realmente de coração aberto. Então eu não quero que você pule com os dois pés e depois olhe para trás para ver que ela está apenas testando as águas. Você entende o que eu quero dizer?

Ryan sorriu e abraçou a avó com gratidão.

— Vovó. Você é a melhor por se preocupar comigo, honestamente. Mas eu sou crescidinho, posso cuidar de mim mesmo. Eu juro. Mas amo você por se importar.

— Tá bom! — Sue Ann disse, afastando-o. — Tudo bem, vá logo para o seu encontro antes que eu largue esta cafeteira. Está ficando pesada!

Ryan caminhou até sua caminhonete, puxando as chaves do bolso. Ele refletiu sobre o que sua avó havia dito. O que faria uma garotinha em uma comunidade de pessoas que a amavam e a protegiam manter a guarda alta? Ela parecia próxima de Renata, então ele tinha quase certeza de que a infância dela com a avó fora feliz. Então, por que a necessidade de proteger seu coração com tanto cuidado?

Ryan continuou pensando sobre isso no caminho para Karina. Ele ainda não tinha uma resposta quando caminhou até a porta dela e levantou o punho para bater, mas então notou uma van de entrega entrando na garagem dela. Interessado, ele observou quando um adolescente, provavelmente por volta dos dezesseis ou dezessete anos, saiu do caminhão. Suas pernas longas e desgrenhadas e sua marcha desajeitada fizeram Ryan distintamente pouco nostálgico para os chamados anos dourados do ensino médio. Ele estremeceu por dentro. Odiava se sentir como um homem adulto, mas não tinha nenhum controle real de sua vida.

Ele esperou enquanto o garoto contornava a traseira da van e depois reaparecia um momento depois com um buquê impressionante de flores silvestres. Quando o garoto subiu a passarela e Ryan deu uma olhada mais de perto, ele acrescentou chiclete maníaco e uma pele cheia de acne aos atributos infelizes do garoto. Ryan sentiu-se mal por ele e foi tomado pelo repentino desejo de lhe dizer que isso também passaria, mas ele percebeu que isso o faria parecer assustador, na melhor das hipóteses.

O garoto passou por Ryan com apenas um olhar e tocou a campainha. Ryan sorriu um pouco, pensando: *Esse garoto tem coragem.*

Karina abriu a porta e suspirou quando viu as flores.

— Ei, Pete. Como vai?

— Ei, Karina — respondeu o garoto, cujo nome era, aparentemente, Pete. — Você quer que eu as traga para dentro como as outras?

— Sim, na mesa de centro da sala está bom.

— O que você quer que eu faça com esse cara que está na sua varanda? Quer que eu me livre dele por você? — Pete continuou com bravata quando entrou no hall.

Assustada, Karina olhou de volta para a varanda, onde Ryan estava agora de pé completamente em seu campo de visão desde que as flores haviam sido movidas. Ele deu um pequeno aceno e ela começou a rir.

— Não, obrigada, Pete. Estou esperando por ele — ela disse com naturalidade. Então ela brincou baixinho quando Ryan passou por ela na porta: — É melhor você se cuidar, senhor, ou eu pedirei ao meu guarda-costas, Pete, aqui, que cuide de você.

Ryan ficou parado na entrada quando Karina deu uma gorjeta a Pete e se despediu.

Pete se arrastou em direção à sua van com um amigável:

— Até amanhã, Karina!

Ryan olhou para ela, confuso.

— Até amanhã?

Karina gesticulou em frustração para a sala de estar, e Ryan deu alguns passos à frente, expandindo sua visão da sala o suficiente para incluir vários arranjos de flores grandes que estavam nas várias superfícies planas, todas tão lindas quanto a que Pete acabara de carregar para dentro.

— Uau. Vejo que você tem muitos admiradores — disse ele, surpreso.

— Não, apenas um.

— Eu deveria estar preocupado? — ele perguntou levemente.

Ela revirou os olhos exasperada.

— Oh, é apenas o Kyle.

— Austen Reed — Ryan disse com uma piscadela.

— Precisamente — Karina terminou com uma risada. — Ele está enviando um fluxo contínuo de flores. Eu as armazenei no meu escritório, mas vou doá-las ao hospital. Todos os dias, recebo um arranjo de flores com um cartão que diz aproximadamente a mesma coisa. Vamos verificar o de hoje?

Vasculharam o arranjo de flores e Ryan pegou o cartão.

— “Karina, *cara mia*” — ele leu com algo parecido com o talento de Kyle Austen Reed para o drama. — “Peço desculpas, mas me pediram para ir à biblioteca ler um livro para as crianças para o programa de alfabetização lá, e participarei de um jantar realizado em minha homenagem no Salão dos Veteranos. Vejo você amanhã, meu anjo. Tudo de bom, Kyle Austen Reed.”

— Sim — Karina riu. — E ontem, estava servindo o jantar no abrigo. Vamos ver... O que mais? Ah, ele fez uma leitura devocional na igreja comunitária Hope Falls, ele falou na escola sobre dizer não às drogas ou apoiando a permanência na escola, não me lembro qual delas, e filmou um anúncio de serviço público para o abrigo de animais local. Acho que ele decidiu abandonar a carreira como ator e assumir o papel de santo padroeiro de Hope Falls.

Ryan riu e depois adotou um ar mais sério. Ele se aproximou de Karina, olhando diretamente nos olhos dela.

— Você estava errada, sabe?

Ela congelou e seus olhos se arregalaram.

— Sobre o quê? — Ela respirou.

Ele estendeu a mão e escovou os cabelos atrás da orelha.

— Sobre ter apenas um admirador.

Karina riu.

— Quem são meus outros? — ela disse timidamente.

Em vez de responder, ele simplesmente se inclinou e a beijou.

Quando eles se separaram, ele sorriu.

— Ok, vá buscar sua jaqueta. Nós vamos nos atrasar.

Enquanto ela corria pelo corredor, ele trabalhou para conter sua irritação pelas flores. Incomodava-o demais que outro homem enviasse flores a Karina diariamente? Sim. Sim, incomodava.

Mas ele realmente achava que Kyle Austen Reed representava algum tipo de ameaça real para ele?

Não. Não, ele não representava.

— Então, para onde vamos para patinar no gelo? — Karina perguntou enquanto seus passos anunciavam seu retorno do corredor.

Ela apareceu na porta parecendo recém-saída do banho e de bochecha rosada, vestindo uma jaqueta de inverno, um boné combinando e luvas. Ela sorriu e, assim como toda vez que ele a via, tirava o fôlego.

— Bem, King's Pond deve ser o melhor da região — ele respondeu.

Karina pareceu desapontada.

— Oh, eu odeio te contar isso, mas tenho certeza de que King's Pond é a única pista ao ar livre ainda não aberta. À medida que o tempo passa, o Sr. King deixa a temporada cada vez mais curta. Acho que ele não vai abrir até depois do Dia de Ação de Graças, este ano.

Ryan sorriu.

— Ainda não está aberta ao público, mas quando a vovó descobriu que eu a convidei, ela ligou para o Sr. King e ele concordou em abrir apenas para nós.

Karina bateu palmas na frente do peito, encantada.

— Oh, que divertido!

Ryan assentiu.

— Sim, e é melhor seguirmos em frente também. Eu acho que ele está esperando por nós.

Enquanto corriam para a caminhonete de Ryan, Karina sorriu maliciosamente.



— Então, o Sr. King concordou em abrir para nós só porque Sue Ann pediu a ele, hein? Acho que não sou a única com “admiradores”.

Ryan divertidamente deu um tapa em suas costas e ela riu, correndo à frente dele. Ele a perseguiu, e ela gritou quando ele a alcançou e a abraçou, levantando-a por trás e girando-a.

— Você tem sorte de ficar de pé durante esse movimento. Teria sido muito menos suave se você tivesse caído — ela brincou.

— Oh, eu tinha toda essa estratégia traçada — ele assegurou. — Então nós teríamos rolado juntos, rindo, no estilo das comédias românticas, e tudo teria terminado em um beijo.

Ela sorriu para ele.

— Não há razão para não usar esse final de qualquer maneira.



## CAPÍTULO 21



Enquanto Karina e Ryan dirigiam-se para King's Pond, sua mente parecia um cubo mágico que ela estava tentando resolver enquanto lutava para processar os sentimentos que Ryan provocava nela.

Por um lado, estar com Ryan a fazia sentir como se pudesse... ser. Ela amava esse sentimento. Com sua carreira sendo o que era, não era com quem ela estava acostumada. Ela geralmente estava acostumada a saber como agir e o que retratar. A sensação de poder relaxar e dizer o que estava em sua mente a qualquer momento, sem se preocupar com a aparência ou com as repercussões... Era tudo.

Não apenas isso, mas Ryan realmente entendia seu senso de humor. Karina passou os últimos oito anos brincando com as pessoas de quem ela foi forçada a se cercar para que elas dissessem a ela, em vozes preocupadas, que ela devia entender que não deveria falar dessa maneira em público.

Por todos esses anos, sua auto-estima foi lentamente gravada, um soco de cada vez, por pessoas que lhe contaram várias vezes, com a melhor das intenções, que sua personalidade não era adequada para o público. É claro que eles entendiam como ela era, mas ela nunca devia mostrar seu verdadeiro eu a ninguém, porque eles simplesmente não entenderiam.

E ela aguentava. Por quê?

Certamente não por dinheiro. Por uma boa parte desse tempo, ela teve dinheiro suficiente para se sustentar pelo resto de sua vida, se vivesse modestamente. E Karina realmente não se importava com todas as

armadilhas do excesso — os jatos particulares, as joias, o champanhe e o caviar ridiculamente caros, os quartos de hotel que custavam mais por uma noite do que a maioria das pessoas ganhava em um ano. Não. Sua única extravagância foi a brilhante casa que ela acabara de comprar, da qual podia olhar as luzes de sua cidade natal e se sentir confortada, e estava perfeitamente feliz com isso.

Então era a música? Claro que ela vivia para a sua música. Mas a verdade é que, desde o advento da era da internet, ela poderia produzir por si mesma a música que queria fazer. Ela poderia ter feito isso por um longo tempo. Com o reconhecimento de seu nome, ela poderia até ter uma vida muito agradável nisso. Mesmo se o nome dela não significasse nada, porque os fãs de sua música pop não se traduziram no novo material, ela poderia ter sido feliz como um molusco vivendo de suas economias e fazendo música por paixão. Então, dizer que ela suportava a fama o tempo todo porque era a única maneira de fazer sua música também era falso.

Então por quê? Ela não tinha muita certeza. Mas a resposta mais próxima que ela conseguiu, embora não a lançasse sob uma luz muito lisonjeira, pelo menos parecia honesta.

Ela pensou que a razão pela qual ela nunca tinha dado uma boa olhada em sua vida e decidiu pular do trem da fama e dizer a todas aquelas almas para encontrar uma nova vítima era que... isso nunca lhe ocorreu.

Sim. Simples assim. Ela se encolheu por dentro. Ela nunca parou e pensou nisso o tempo suficiente para considerar que a vida que ela estava vivendo talvez não fosse boa para ela. Ela nunca pensou em si mesma como uma pessoa — não como uma mercadoria, mas como um ser humano — para considerar que seus sentimentos poderiam ser tão importantes quanto seu talento.

O que havia mudado isso para ela agora? Se ela fosse honesta consigo mesma, o que ela estava tentando ser agora, ela teria que admitir que era Ryan. Sim, sua decisão de voltar para Hope Falls e voltar às suas raízes havia sido solidificada antes de conhecê-lo, mas, naquele momento, ela ainda pensava nisso como uma boa jogada para si mesma artisticamente. Uma maneira de mudar a direção de sua carreira.

Olhando ao seu lado, ela viu uma de suas vistas favoritas, o perfil de Ryan. Na verdade, qualquer visão de Ryan era sua favorita, mas ele estava

sempre tão atento a ela que ela apreciou a possibilidade de poder admirá-lo sem a intensidade adicional de seu olhar cravado nela.

Ele certamente lançava uma luz diferente sobre a situação dela. Ele segurava um espelho para ela e, quando ela olhava para ele, via Karina Blackstone a encarando de volta, e isso a chocava. Depois de ter se acostumado a olhar no espelho do camarim por mais de uma década e não ver nada além de Karina Black lá, ver o seu verdadeiro eu refletido nos olhos de Ryan era uma revelação.

Então, é claro, havia a enorme quantidade de química que ela e Ryan compartilhavam. Na metade do tempo em que ela estava perto dele, seus hormônios estavam tão intensos que ela ficou surpresa que seu cabelo não saísse chamuscado. Queimava a uma temperatura tão perigosa que ela estava com medo de entrar em combustão espontânea! Quando ele olhava para ela, parecia que o resto do mundo simplesmente desaparecia.

Ela nunca conheceu alguém como Ryan. Ele era confiante e engraçado. Não fazia jogos. Agora que examinara bem a vida que havia feito para si mesma nos últimos dez anos e as pessoas de quem se cercara, parecia um pequeno vislumbre do céu passar um tempo com alguém que era direto, que não estava constantemente procurando por uma abertura, que nem sempre procurava interpretar as coisas por seu ângulo.

Depois, havia o jeito que ele amava sua família. Ele estava lá, ajudando sua avó a administrar os negócios. Isso era um grande sacrifício. Ficava claro quando alguém via os dois juntos que ele real e profundamente se importava com ela. Como Sue Ann também era uma das pessoas favoritas de Karina no mundo, isso lhe valeu pontos importantes com ela.

Ela também adorava a maneira como ele se dava bem com todo mundo que conhecia sem esforço. Ele tinha uma maneira tão descontraída e envolvente que as pessoas eram atraídas por ele naturalmente e, por sua vez, ele parecia ver o melhor naqueles que conhecia.

Inferno, até Kyle Austen Reed, um homem que a maioria dos caras na posição de Ryan veria como um rival, Ryan via com olhos claros como alguém que não era uma ameaça para ele. Após o show de talentos, ele perguntou qual era o lance entre ela e Kyle. Karina tinha sido honesta, e ele não voltou a trazer o assunto à tona. Ele nunca fez aquela coisa de cara

ciamento. Ele apenas aceitou as boas e más qualidades de Kyle pelo que elas realmente eram.

Se ela tivesse que resumir a qualidade em sua essência, imaginou que teria que chamá-la de confiança, embora a confiança que Ryan demonstrava não tivesse nenhuma semelhança com a arrogante auto-confiança que sempre considerara como a personificação dessa qualidade.

Não. Com Ryan era algo mais silencioso, muito mais sutil. Ele estava simplesmente confortável com quem era. Qualquer um poderia dizer, poucos minutos depois de conhecê-lo, que sabia exatamente quem ele era e estava satisfeito com isso. Ele não sentia a necessidade de inflar esse sentimento de si próprio com engrandecimento ou degradá-lo com falsa modéstia. Era apenas o que era.

Ela suspirou para si mesma. Sim, todas as qualidades de Ryan eram ótimas. Espetaculares. Surpreendentes. Talvez até uma vez na vida. Mas nada disso importava, porque Karina sabia o suficiente sobre como o mundo funcionava para saber que, em última análise, isso nunca daria certo. Não importava quão fortes fossem seus sentimentos ou os sentimentos de Ryan, ou quão fervorosamente ela desejasse que fosse o contrário.

Enquanto ela estudava o perfil de Ryan dirigindo, realmente olhou para ele, para o tipo de homem que ele era. Ela não precisava de uma bola de cristal para ver com que tipo de mulher ele terminaria. O tipo de mulher que ele merecia. Uma mulher de família sólida, com raízes tão profundas e difundidas quanto as dele.

Seria alguém que estava em turnê três quartos do ano? Não. Seria alguém que nem conhecia seus pais, que tinha uma avó que não estava falando com ela atualmente? Não.

Ela fortaleceu sua determinação quando entraram no King's Pond. Mais uma vez, lembrou a si mesma, era por isso que era muito importante se concentrar em aproveitar o tempo que tinha com Ryan, e não arruiná-lo por se preocupar constantemente com o futuro.

*Apenas aprecie o aqui e agora, ela ordenou a si mesma, e deixe o futuro cuidar de si mesmo.*

Enquanto Ryan a ajudava a descer do banco do passageiro de sua caminhonete, o Velho King saiu do escritório para cumprimentá-los.

— Olá, pessoal! — ele os chamou com um sorriso largo no rosto. — Vocês têm o lugar todo para si!

Karina cumprimentou-o com um abraço amigável e disse:

— Sr. King, muito obrigada por abrir para nós hoje. Você não precisava fazer isso!

O senhor retribuiu o abraço, dizendo:

— É bom ver você, Karina. E quanto à abertura especial para vocês, bem, agora, vocês sabem que eu faria qualquer coisa por Sue Ann. Ela é uma senhora poderosa.

— Ela é — concordou Ryan, parecendo um pouco desconfortável. — Vou dizer a ela que você disse olá.

— Sim, vocês podem ir lá, está bem? Vou deixar vocês à vontade. Estarei no escritório, se precisarem de algo. Divirtam-se. Quando terminarem, podem sair e tranquem o portão ao sair.

— Obrigado, Sr. King! — eles disseram enquanto se dirigiam para o gelo.

O som da voz do Sr. King os seguiu enquanto eles se afastavam pelo caminho para o lago.

— Agora, não se esqueça de dizer olá para sua avó!

Karina riu e Ryan apenas balançou a cabeça.

— Oh, la la, ela é uma “senhora poderosa!” — ela brincou quando eles se sentaram em um banco e amarraram seus patins. — Sabe, há um verso dos *Barenaked Ladies* que vem à mente. A frase é “idosos apaixonados”. Apropriado, você não acha?



Ryan gemeu.

— Eu não quero pensar em alguém que tenha tesão pela minha avó. Especialmente enquanto estou em um encontro!

Karina riu enquanto amarrava o último nó nos cadarços e se levantava, graciosamente se lançando no gelo. Ryan assistiu, espantado, enquanto ela deslizava, girava e pulava. Finalmente, ela parou na frente dele, as bochechas rosadas pelo prazer e pelo esforço.

— Vamos devagar. Eu pensei que íamos patinar! — Ela balançou as sobancelhas para cima e para baixo.

Ryan, que ainda nem havia terminado de amarrar os cadarços dos patins, disse apenas em brincadeira:

— Se esse lance de música não der certo para você, pelo menos você tem um plano B. Você poderia estar nos *Ice Capades*.

Karina girou alegremente, fazendo mais alguns círculos.

— Adoro patinar no gelo! Desde que eu era pequena. É a coisa mais próxima que eu já senti de voar!

— Você sempre soube que queria ser música? E não quero ouvir a resposta enlatada que você deu nas entrevistas. Eu quero saber a resposta real.

Karina continuou a deslizar lentamente, riscando o número oito no chão, e Ryan estava apenas abrindo a boca para pedir desculpas se ele tivesse ultrapassado a linha quando ela respondeu.

— Não profissionalmente, não. A música sempre foi minha fuga, o lugar ao qual eu pertencia. A música nunca me julgou. E era a única coisa em que eu podia confiar que estaria lá, não importando o que acontecesse. A música nunca me decepcionou. Agora que é uma carreira, tornou-se mais dinheiro do que música. Não me interprete mal. Sou muito grata por ter a oportunidade de fazer música para viver. — Ela olhou para baixo e parou. Quando levantou a cabeça novamente, a expressão triste em seu rosto desmentia suas palavras. — Eu tenho muita sorte, sério.

Sua abertura não apenas pegou Ryan de surpresa, mas também o confundiu um pouco. Ele imaginou que, já que ela estava de bom humor, agora seria o melhor momento para perguntar sobre seus pais.

*Tudo ou nada, certo?*

Ele tentou seguir o mais perfeitamente possível, para que a conversa não parecesse um interrogatório.

— Bem, você é naturalmente talentosa — disse ele sinceramente. — Seus pais eram musicais?

Karina deu de ombros em uma tentativa estudada de indiferença.

— Eu não faço ideia. Renata nunca falou sobre como era minha mãe, mesmo quando criança. Eu tentei de todas as maneiras que sabia fazer minha avó me contar sobre minha mãe. Eu implorei, chorei, exigi. Eu até fiz uma greve de fome por três dias uma vez. Não importava a tática que eu usasse. Toda vez que eu perguntava a ela sobre minha mãe ou meu pai, ela mudava de assunto.

E se eu a pressionasse demais, ela diria que não era hora de falar sobre isso.

— Eles são seus pais. Você tem o direito de saber sobre eles — Ryan disse suavemente, esperando que isso validasse seus sentimentos. Sentimentos que ela não estava expressando, mas que estavam escritos tão claramente em seu rosto adorável.

Karina cuspiu uma risada amarga.

— Você tenta explicar isso para minha avó da próxima vez que a vir. Veja como funciona. — Karina continuou a patinar em silêncio por um momento antes de dizer preocupada: — Eu estava brincando, você sabe. Não toque nesse assunto com ela.

Ryan sorriu enquanto balançava a cabeça.

— Não se preocupe. Eu nunca diria isso para ela. Na verdade, me sinto tão intimidado por ela que não imagino que conseguiria dizer mais do que: “Sim, senhora.”

— Provavelmente é melhor assim — disse Karina com um olhar divertido.

— Você já pensou em procurar seu pai? Talvez ele possa lhe dar algumas respostas.

Karina assentiu.

— Sim, claro. Eu pensei um pouco. Eu costumava pensar que, assim que completasse dezoito anos, iria procurá-lo. Mas, aos dezoito anos, eu já estava na montanha-russa que é a minha carreira. Eu nunca cheguei a fazê-lo.

Ryan tentou processar o que ela havia dito. Uma escuridão pairava entre eles no silêncio. Ele percebeu que definitivamente havia mais na história, mas isso poderia ficar para outro dia. Por enquanto, ele estava meramente agradecido por ela se sentir segura o suficiente com ele para compartilhar tanto quanto havia feito.



Quando o peso do ar começou a se dissipar, Ryan se levantou e começou a arrastar-se rigidamente sobre ela no gelo, quase perdendo o equilíbrio com cada pequeno movimento que ele fazia e agitando os braços descontroladamente, na tentativa de permanecer em pé.

Karina observou por um momento e depois se dobrou de tanto rir.

— Ei! — ele gritou em fingida indignação. — Eu sou tão bom quanto você! Eu só tenho um estilo diferente.

Ela se levantou de novo, ainda rindo e enxugando lágrimas dos olhos.

— Desculpe — ela ofegou entre explosões de hilaridade. — É só que... Ah, cara... Pensei que você tivesse dito que já tinha patinado antes.

— Andei de patins — defendeu Ryan. — Eu só imaginei... que diferença poderia fazer?

— Bem, você está descobrindo exatamente quão diferente pode ser!

Ryan sorriu carinhosamente enquanto se aproximava dela.

— Ei, veja, senhora. Eu acho que você está tendo muito prazer com a minha humilhação. Como você sabe que eu não vou chegar e te levar comigo?

Ele deu um golpe sem entusiasmo nela, e ela gritou e girou habilmente para longe dele. Então ela começou a fazer um grande show de patinação ao redor dele em alta velocidade, aproximando-se mais e depois se afastando quando ele tentava agarrá-la.

Finalmente, ela parou bem ao lado dele, sua pele macia corada e brilhando pelo esforço.

— Já teve o suficiente? — ela disse brincando.

— Mais do que suficiente — ele admitiu com um sorriso. — Eu tenho que me curvar às suas proezas. Você é, de fato, melhor do que eu.

Karina sorriu brilhantemente quando se virou e ficou em pé na frente dele. Diante de Ryan, ela pegou as mãos dele quando começou a patinar para trás, puxando-o junto com ela.

— O truque é empurrar e deslizar. Suave e firme. Essa é a chave.

Ryan seguiu as instruções dela e, depois de um tempo, embora não fosse nem de longe tão gracioso quanto Karina, ele estava andando pela pista sem ajuda, ficando mais firme e confiante a cada volta.

No entanto, ele pode ter superestimado sua capacidade de deslizar quando decidiu acelerar o ritmo para alcançar Karina, que estava poucos metros à sua frente. De repente, suas pernas não estavam embaixo dele, e a

próxima coisa que soube foi que estava deitado de costas, de frente para o céu.

Karina girou rapidamente depois que Ryan bateu no gelo com um baque alto, parecendo que ela estava tentando o seu melhor para reprimir o riso que estava borbulhando dentro dela ao ver Ryan comicamente esparramado no gelo. Ela correu para o lado dele.

— Você está bem?

Um enorme sorriso se espalhou pelo rosto de Ryan quando ele olhou para Karina, partes iguais de diversão e preocupação escritas em todo o seu lindo rosto.

— Sim, mas acho que os *Ice Capades* não vão me ligar em breve.

Ela sorriu de volta tão amplamente.

— Bem, se você já teve tortura gelada suficiente... e com isso quero dizer humilhação... você quer ir à minha casa tomar um chocolate quente? Eu faço o melhor.

— Hmm... — ele disse, fingindo considerar a oferta. — Eu tenho que dizer, assistir à sua bundinha fofa enquanto você gira em torno do gelo não é tão torturante quanto você pensa que é. Mas sim, eu definitivamente poderia tomar um chocolate quente.



Karina não conseguia se lembrar da última vez que se sentira tão leve. Tão feliz. Tão livre.

Eles voltaram para o banco e começaram a desatar os patins. Enquanto seus dedos enluvados trabalhavam nos cadarços, Ryan disse casualmente:

— Recebi uma ligação de Davis, da Spintown.

Karina se levantou e olhou para ele, chocada. E assim, sua bolha de bom humor foi acionada.

— Eles querem se encontrar comigo.

Karina disse lentamente:

— Você vai?

Ele encolheu os ombros.

— Eu não sei.

— O que você disse para ele?

— Eu disse que ligaria de volta até o fim da semana. Eu queria falar com você primeiro.

Ela não sabia o que dizer.

— Sêrio? Por quê?

Ele olhou para ela como se fosse a pergunta mais ridícula que já ouvira.

— Bem, há muitas razões. Primeiro de tudo, é simplesmente por cortesia. *Spintown* é a sua gravadora. Eu preciso saber como você se sente sobre eu entrar nessa parte do seu mundo. Em segundo lugar, não conheço essas pessoas. Você conhece. Se eu acabar me encontrando com eles, obviamente quero sua perspectiva sobre eles antes que isso aconteça.

Karina estava legitimamente sem palavras, tão surpresa com essa virada de eventos. Nenhum outro homem que ela já namorou, ou mesmo que já conheceu, teria dado a seus sentimentos um segundo pensamento se ele tivesse recebido uma oportunidade como a que havia sido oferecida a Ryan.

Ryan tinha a chance de uma vida. A chance de participar de uma reunião pela qual centenas de milhares de artistas famintos teriam matado, até mesmo esfaqueado Karina pelas costas. E qual foi sua primeira inclinação? Pensar nos sentimentos dela primeiro.

Ela olhou para ele silenciosamente, uma lágrima lenta escorrendo pelo rosto. Ela parou de desamarrar os patins e ficou parada. Imóvel.

Ryan olhou para ela e se aproximou dela quando viu a lágrima.

— Eu disse algo errado? — ele perguntou, sua voz cheia de preocupação quando o polegar limpou a umidade da bochecha dela. — Karina, eu não quis aborrecer você. Me desculpe se aconteceu.

Em vez de responder, principalmente porque ela não confiava em si mesma para falar, ela se inclinou e o beijou de forma longa e firme. Esse beijo foi diferente do que eles já haviam compartilhado. Karina tinha certeza de que Ryan podia sentir a diferença. Esse beijo não era sobre luxúria. Não era sobre nada físico. Karina deixou seu coração nu para ele,

expressando uma emoção que era profunda demais para colocar em palavras. Esse beijo era sobre as almas deles se entrelaçando.

Quando eles finalmente se separaram, algo mudou entre eles. Karina sabia disso, e ela sabia que Ryan também sabia.

Havia uma nova profundidade em seus olhos, uma nova ternura, quando ela disse:

— Você, Ryan Perkins, é verdadeiramente um ser humano de qualidade.

— Vamos sair daqui. — Ryan levantou-se, agarrando a mão de Karina, e dirigiu-se propositadamente para sua caminhonete.



## CAPÍTULO 22



Ryan estacionou a caminhonete na entrada da casa de Karina e deu a volta até o lado do passageiro para abrir a porta para ela. Enquanto fez isso, ele se esqueceu de tudo, mas estava perdido em seus grandes olhos escuros e ficou totalmente hipnotizado por cada movimento dela. Ela parecia ter esse efeito nele. Tudo o que ele tinha com Karina estava consumindo, e ele estava cansado de lutar, especialmente considerando que era uma batalha perdida.

Enquanto caminhavam até a entrada da casa dela, Ryan percebeu que o relacionamento deles talvez não fosse o mais tradicional, mas ele realmente não dava a mínima. Queria levar as coisas devagar, conhecê-la melhor sem que o sexo atrapalhasse. Sentia, em um nível profundo, que eles estavam conectados agora, que se entendiam, que se importavam. Mas quando a cronologia era considerada, foi muito rápido. Muito mais rápido do que ele estava acostumado a se mover, isso era uma certeza. Na verdade, se seu ritmo habitual era um passeio casual, esse relacionamento era como um Sprint de cem jardas.

E ele estava pronto para correr o mais rápido que podia.

Quando chegaram à porta, Karina tirou as chaves e começou a estender a mão na direção da fechadura. Ela congelou, suspirou e depois se virou com um olhar de arrependimento no rosto.

— Não acredito que estou prestes a dizer isso — disse ela, torcendo a boca em um sorriso adorável —, mas quando você falou com Davis, você colocou meus sentimentos em primeiro lugar. Estou com vontade de

colocar seus sentimentos em primeiro lugar agora. É o mínimo que posso fazer. Então olhe, Ryan. Eu não tenho muita experiência com esse lance de ir devagar, aprender o que você gosta. Admito que *realmente* não entendo o objetivo disso. Mas eu sei que é importante para você. Então, mesmo que eu queira... *não* tentarei você a entrar.

E se ele estava vacilando antes, isso teria selado o acordo para ele. Agora, mais do que nunca, ele sabia exatamente o que queria fazer, e com certeza não era entrar em sua caminhonete e ir embora.

Ryan começou a fechar o espaço entre eles, olhando atentamente os olhos de Karina, movendo-se para ela lentamente, a intensidade crepitando entre eles. Ele quase sorriu quando ela tropeçou para trás. Ele queria bater no peito como um homem das cavernas, sabendo que poderia afetar essa mulher autoconfiante, autoconsciente, autoprofessada, a tal ponto que ela vacilava e perdia o controle mesmo que apenas por um momento.

Suas costas bateram contra a porta e seus olhos se arregalaram quando ela respirou fundo, mas ele continuou avançando ainda mais com a decisão que tomou. Estendendo a mão, ele colocou as mãos na porta, uma de cada lado dela, prendendo-a entre os braços.

Então ele inclinou a cabeça para baixo, seus movimentos dolorosamente lentos, até que seus lábios estavam a meros milímetros de se tocar.

— Convide-me, Karina — ele respirou.

Ele sentiu o corpo dela sacudir com a carga erótica que essas palavras enviaram através dela, e saber que ele havia causado aquele tremor nela enviou uma emoção de resposta ao seu próprio corpo.

Ela sorriu para ele com os lábios trêmulos.

— Convidar você para... Estamos brincando de vampiro e donzela inocente? — ela brincou sem fôlego.

— Convide-me para descobrir.



O comando de Ryan fez com que um gemido baixo e involuntário ressoasse profundamente em sua garganta enquanto formigamentos se espalhavam sobre ela, deixando-a tonta de desejo. Depois de girar o mais rápido possível nas pernas trêmulas, ela enfiou a chave na fechadura e empurrou a porta. Ela praticamente correu para a entrada, e ele estava colado em seus calcanhares.

Sem dizer uma palavra, ele usou o pé para fechar a porta, agarrou-a pelos braços e virou-se com ela. Ele a empurrou contra a porta da frente e colocou os lábios nos dela. Parecia que ele a estava beijando com toda a paixão acumulada que tentara reprimir, negar. Tentando lutar contra. Mas ele não estava mais lutando.

Graças a Deus.

Quando ele passou as mãos por baixo da jaqueta e deslizou os dedos sob o suéter, ela estremeceu com seu toque. Ele puxou a blusa dela, mas estava presa pelo casaco preso por seus braços.

— Karina — ele gemeu. — Eu preciso sentir você agora. Eu preciso sentir sua pele sob minhas mãos.

Essas palavras causaram um poderoso choque de excitação no corpo de Karina, e ela engasgou com a força absoluta dele.

Ela começou a arrancar desesperadamente a jaqueta e o suéter. Eles trabalharam juntos tirando as roupas um do outro em um frenesi de energia erótica, quase como se estivessem em transe, como pessoas famintas tentando descobrir a única coisa na terra que saciaria sua fome.

Em meros momentos, eles ficaram nus, seus corpos pressionados firmemente, suas mãos acariciando fervorosamente a pele ardente um do outro.

Ryan começou a beijar bruscamente o pescoço de Karina, e ela agarrou um punhado dos cabelos dele, pressionando-o para baixo, saboreando a sensação que sua língua quente deixou em seu rastro no pescoço e no peito.

Quando ele chegou aos seios dela, ele deslizou as mãos para segurá-los, devorando-os com seus olhos gananciosos, deixando-a desesperada pelo momento em que sua boca seguiria o exemplo.

Ela aplicou pressão na parte de trás da cabeça dele e arqueou as costas, não escondendo o que queria dele, mas ele não se apressou.

— Ainda não tive a chance de realmente dar a atenção que eles merecem — disse ele antes de tomar um mamilo, depois o outro, em sua boca quente e úmida.

Karina choramingou, seu corpo tremendo como uma folha enquanto ela se submetia, impotente, aos redemoinhos e beliscões de sua língua e dentes em seus picos sensíveis. Ela foi embalada no ritmo de sucção suave e língua mágica girando até suspirar de surpresa quando Ryan aumentou a pressão da sucção com a velocidade da luz e com tanta intensidade que ela foi empurrada para a beira do prazer e da dor.

Justo quando ela estava convencida de que não podia aguentar mais um minuto da doce tortura, ele relaxava o aperto de ferro de sua boca em sua carne macia e a acariciava com beijos de boca aberta até que ela se acalmasse mais uma vez. Então ele mudava para o outro seio e a montanha-russa de sensações prazerosas imprevisíveis e enlouquecedoras começava novamente.

As mãos dele deslizaram até a bunda dela e a seguraram. Então, ela se pressionou contra seu aperto forte, amando a sensação de seus dedos fortes cavando seu corpo redondo e macio.

De repente, seus pés deixaram o chão quando Ryan a levantou e, em uma corrida leve, ela percebeu que não poderia estar mais errada sobre patinar no gelo. Isso sim era voar!

Ryan passou um braço forte em volta da cintura para ajudar a sustentar seu corpo flexível. Ela gemeu quando a ponta de sua masculinidade mal escovou seus lábios molhados e inchados, desesperada para que ele entrasse nela.

A mão que permaneceu sob ela se afastou e o braço a segurou apertado. Ela ouviu um barulho estridente e abriu os olhos apenas o tempo suficiente para vê-lo prestes a rasgar um pacote de preservativo com os dentes.

— Estou tomando pílula — ela respirou.

Todo o seu corpo parou e ele a encarou. Hesitante.

— Estou tomando pílula — ela repetiu, desta vez com mais firmeza.

Ela tomava pílula desde os dezoito anos, mas sempre usava proteção secundária também. Mesmo nos relacionamentos, ela insistiu para que usassem preservativos. Ela nunca confiou em ninguém antes. Ela confiava em Ryan.



Sua mandíbula apertou e ele largou a embalagem e agarrou seu quadril, enviando um choque de antecipação por todo o corpo. Ela já tinha feito muito sexo antes. Mas isso era diferente. Isso era mais. Seu coração estava batendo forte quando o membro duro pressionou contra a carne macia de sua entrada, e todo pensamento consciente voou de sua mente.

Ele a segurou ali, pairando logo acima do êxtase, enquanto sussurrava em seu ouvido:

— Você está pronta, querida?

Ela jogou a cabeça para trás e assentiu freneticamente, incapaz de fazer sua mente formar a palavra sim.

Em um movimento rápido, Ryan avançou meio passo, de modo que as costas de Karina estavam firmemente pressionadas contra a porta da frente e lentamente a abaixou em seu eixo, erguendo-se para encontrar seus quadris ansiosos enquanto fazia isso.

Karina ofegou e apertou as pernas em volta da cintura dele, os braços serpenteando em volta do seu pescoço. Ela se agarrou a ele por sua vida, enquanto ele se empurrava nela de novo e de novo, sacudindo-a até o âmago com cada golpe poderoso.

À medida que a velocidade de seus golpes fortes aumentava, Karina enfiou as unhas nele, lutando para segurá-lo enquanto o êxtase que se formava dentro dela minava a força de seu corpo, mesmo quando o enchia de prazer. Ambos os corpos estavam agora cobertos com uma camada de suor quente cada vez mais escorregadia, e ela estava começando a duvidar que, mesmo pressionada com tanta força contra a porta, ela continuasse suspensa onde estava.

Ela subiu. Ela agarrou. Ela cavou. Mudar de posição naquele momento era impensável. Qualquer coisa que impedisse o ritmo dele de entrar e sair dela era inaceitável. Ela precisava senti-lo dentro dela; não poderia ficar sem ele dentro de si nem por um instante.

Ela deslizou os cotovelos para mais perto do pescoço dele, apoiando as costas dos braços nos ombros dele e enrolando os antebraços para permitir-se agarrar punhos gananciosos dos cabelos dele com força entre os dedos.

Ele sussurrou quando ela agarrou seu cabelo, mas se isso era por causa da dor que ele estava sentindo em sua cabeça ou do prazer que estava experimentando lá embaixo, ela não sabia — e honestamente, ela não

conseguia se importar. Tudo o que sabia era que precisava fazer o que fosse necessário para garantir que ele não parasse as arremetidas implacáveis.

Ela se sentiu chegando ao clímax. Isso era novo para ela. Ela nunca foi capaz de gozar sem algum tipo de estimulação manual ou oral antes. Ela ficou maravilhada. Ryan havia lhe proporcionado tantas estreias sexuais apenas em suas poucas vezes juntos. Ela não podia imaginar o que ele seria capaz de mostrar a ela se o relacionamento continuasse por meses ou — dedos cruzados — anos. Ela definitivamente queria tentar descobrir.

Mesmo em seu estado confuso, ela entendia o quão incrível era experimentar um sexo tão surpreendentemente incrível, que mesmo no meio de seu atual encontro sexual, ela já ansiava pelo próximo e pelo próximo e o próximo depois dele.

Era como se Ryan fosse uma droga e ela fosse uma viciada insaciável.

Quando seu orgasmo começou a irradiar para fora de seu âmago, ela jogou a cabeça para trás e gritou. A cabeça dela bateu na porta da frente, contra a qual ela ainda estava empurrada. Sua visão escureceu nas bordas e as estrelas dançaram em sua visão, mas ela não achava que isso fosse inteiramente devido à batida forte na cabeça que acabara de sofrer. Ela pensou que pelo menos uma boa medida dessa visão estrelada poderia ter sido devido ao orgasmo incrivelmente poderoso que estava enchendo seu corpo com um prazer eletrizante.

Enquanto as ondas de êxtase se acalmavam e o ritmo dos golpes de Ryan gradualmente diminuía, ela manteve os braços e as pernas em volta dele, segurando-o lá dentro dela, não pronta para deixá-lo ir ainda.

Eles ficaram lá juntos, ainda intimamente conectados, silenciosos, respirando juntos enquanto Ryan acariciava seus cabelos.

Mesmo que ela não tivesse consciência de colocar isso em palavras, sabia que não havia como manter afastada de Ryan nem mesmo uma pequena parte do seu coração. Não havia “espere e veja como vai”. Não havia “se der certo, ótimo se não, que pena”.

Ela sabia que precisava dele. Ela sabia que ela, Karina Blackstone, independente — que fazia questão de nunca precisar de alguém ou de qualquer coisa —, agora precisava desse homem.

Isso a assustou. Ao mesmo tempo, emocionou-a até os ossos. Ela nunca seria capaz de conciliar os paradoxos que Ryan gerava nela. Ela se

sentia mais segura na presença dele do que jamais se sentira, mas também se sentia mais vulnerável a ele do que a qualquer pessoa em sua vida.

Quando ele estava por perto, ela sentia vontade de se abrir e mostrar a ele todos os segredos escondidos dentro dela. Mas ela também era atormentada pelo desejo de se encolher como uma tartaruga e se esconder.



Um pequeno suspiro escapou da boca de Karina quando ela desembaraçou seus membros e Ryan a colocou no chão. Com sua habitual graça leonina, ela deslizou pela entrada e lentamente subiu as escadas, alcançando os braços acima dela para se esticar enquanto subia. Ryan observou, sem palavras, enquanto seu corpo nu e bonito recuava pelas escadas e para longe dele.

— Eu preciso de um banho — ela disse casualmente, por cima do ombro.

Ryan, que já conhecia a rotina, começou a recolher suas roupas de onde estavam espalhadas ao acaso pela sala.

— Tudo bem. Eu te ligo mais tarde — ele disse, tentando manter a voz leve. Ele decidiu levar as coisas para o próximo nível fisicamente. Isso não significava que Karina havia decidido fazer o mesmo emocionalmente.

Pelo canto do olho, ele a viu virar no degrau e observá-lo enquanto pegava suas coisas.

— A menos que... — Ela começou a desenhar a última sílaba, sua voz lânguida rica e doce como mel.

Ele se endireitou e olhou para ela, com a respiração presa ao ser tratado novamente com a visão do corpo nu dela nas escadas, desta vez pela frente.

Ela olhou para ele com uma expressão inocente no rosto.

— A menos que, é claro, você queira se juntar a mim — disse ela, com um sorriso nos lábios.

Um sorriso largo apareceu em seu rosto e ele disse:

— Pensei que você nunca perguntaria.

Com isso, ele largou a trouxa de roupas que reunira nos braços e, deixando as roupas onde caíram, subiu as escadas atrás dela.



## CAPÍTULO 23



Ryan estava sentado em seu escritório, olhando para a tela do computador, com um sorriso permanentemente no rosto. Ele estava tentando se concentrar em endireitar o sistema de contabilidade do café — foco na palavra “tentando”. Na verdade, ele estava nisso há quase quatro horas e não havia feito nenhum progresso, então tentativa e *erro* fazia mais sentido.

Ainda assim, ele não conseguia se importar. Por mais que tentasse manter o foco na tela do *QuickBooks*, ele continuava indo até a janela do navegador onde havia aberto fotos de Karina. Ele não podia evitar. Ela estava dominando seus pensamentos.

Durante toda a manhã, ele estivera sorrindo, cantando para si mesmo, tocando bateria na beira da mesa com dois lápis. Ele se sentia como um adolescente apaixonado pela primeira vez. E talvez ele não fosse adolescente, mas estava apaixonado pela primeira vez. Ryan amara as outras pessoas com quem estivera, mas agora, ele não tinha tanta certeza de ter estado *apaixonado* por elas.

Não que ele estivesse realmente firme com Karina.

Eles estavam progredindo, mas ela ainda não quis que ele passasse a noite com ela na noite anterior. Ela o expulsou depois do banho, que foi quente de várias maneiras.

Ele precisou lembrar a si mesmo de que eles não estavam no que tradicionalmente poderia ser chamado de um relacionamento. Não havia

discussões sobre o futuro, promessas de exclusividade, votos de qualquer tipo de compromisso.

Foi chocante para Ryan que ele se importasse tanto com isso. Sim, isso o incomodava. Se ele pudesse, eles firmariam um compromisso aquele dia. Ele estava certo agora do que queria da vida e sabia com certeza que era Karina Blackstone.

Ele também sabia que a última coisa que faria era apressá-la. Ela não era como ele, ela era um espírito livre. Nunca teve um compromisso como o que Ryan tinha em mente, nunca estabeleceu raízes como as que lhe pareciam tão naturais. Isso tudo era novo para ela, e ele tinha que lhe dar tempo.

A esse respeito, ele sentiu que eles estavam em igualdade de condições. Tão desconfortável quanto era para ela considerar se comprometer a longo prazo com ele, era para ele sentir que tentava circular em seu mundo de relacionamento casual e livre.

Em seu mundo, uma pessoa dava seu coração antes de dar seu corpo. No dela, era o contrário. Ambos estavam cedendo.

Ele estava assustado com esses pensamentos quando dois homens que ele nunca havia visto antes entraram em seu escritório como se fossem donos do lugar.

— Posso ajudar, senhores? — Ryan ficou na ponta da cadeira e apontou para os dois assentos à sua frente, mas isso era desnecessário, pois os dois estranhos já estavam se acomodando neles.

Ryan esperou para ver o que esses homens tinham a dizer. Era óbvio que eles não eram de Hope Falls. Primeiro de tudo, ele nunca os vira. Quando você dirige o único café em uma cidade do tamanho de Hope Falls, acaba encontrando — ou pelo menos vendo — praticamente todo mundo, exceto alguns eremitas. Em segundo lugar, suas roupas e aparência gritavam sofisticação da cidade grande. Hope Falls era muitas coisas, mas certamente não era uma cidade grande nem sofisticada.

O mais baixo dos dois homens era mais velho, possivelmente se aproximando dos sessenta, mas estava claro que ele estava em pleno controle de suas faculdades mentais. Ele exalava uma aura de articulação, de observar as situações e de sempre procurar uma vantagem em qualquer uma delas. Ele era baixo e curvado e tinha pequenos tufo de cabelos

brancos saindo pelos lados da cabeça careca. Os óculos enormes que estava usando completavam a imagem.

O outro homem era o oposto físico do primeiro de todos os modos imagináveis. Ele era alto, em forma, bronzeado e impecavelmente vestido. Seu cabelo escuro estava perfeitamente penteado, sem um único fio fora do lugar. Até os detalhes, tão pequenos quanto as sobrancelhas e as unhas, estavam perfeitamente modeladas e bem-cuidadas. Ele se destacava em Montana, mas provavelmente se encaixava bem em Los Angeles.

O homem mais velho sorriu calorosamente e estendeu a mão sobre a mesa para Ryan.

— Bernie Kaplan.

Ryan apertou sua mão quando o reconhecimento do nome o atingiu.

— Já ouvi esse nome antes. Você é o agente de Karina, certo?

— Você está certo — disse o outro homem, exibindo um sorriso cheio de dentes perfeitamente retos e brancos. Então, estendendo a mão, ele disse: — Davis Johansson. *Spintown Records*.

Ryan apertou a mão de Davis e disse:

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Johansson. Estou surpreso em vê-lo aqui. Sei que te devo uma ligação.

Davis riu com vontade, embora Ryan não achasse que tinha dito nada engraçado.

— Chega de Sr. Johansson. Johansson é meu pai, certo? Por favor. Davis.

— Tudo bem, Davis — respondeu Ryan. — Então, o que posso fazer por vocês, senhores?

— Direto ao ponto. Gosto disso em uma pessoa — disse Davis, inclinando-se para a frente e mudando para o que Ryan reconheceu como seu modo empresário poderoso. — O negócio é o seguinte. A *Spintown* está disposta a fechar um novo contrato de desenvolvimento de artistas com você. Gostamos do que vimos no vídeo. Achamos que você e Karina têm uma química explosiva.

— Explosiva — Bernie ecoou.

— Nós queremos usá-la para posicionar você. Fazer com que ela trabalhe em seu projeto, mandar você para a estrada com ela...

— É uma coisa de sinergia — Bernie falou.

— Exatamente — Davis terminou.

Eles ficaram em silêncio por um momento, e Ryan percebeu que esse deveria ser o ponto em que ele deveria dar algum tipo de resposta, mas não sabia ao certo o que eles queriam ouvir dele.

— Uau — ele começou. — Então, o que Karina acha disso?

— Oh, Karina vai adorar — disse Davis, seguro de si.

— Adorar — Bernie concordou.

— Vocês ainda não falaram com ela? — Ryan perguntou.

— Ela vai adorar — Davis reiterou como se não fosse um problema.

— Então, o que você diz, garoto? Está dentro?

Ryan disse:

— De quê?

Davis riu de novo e de novo, Ryan não sabia o que ele havia dito que era tão engraçado.

— Dos negócios! Nós temos um acordo?

Ryan balançou a cabeça.

— Eu não sei. Quer dizer... eu definitivamente teria que falar com Karina primeiro.

Bernie acenou com isso.

— Não, não. Não é assim que essas coisas funcionam. Você nos diz o que quer, nós levaremos para Karina, e ela nos dirá como se sente. Traremos de volta para você.

Ryan franziu a testa.

— Isso parece... desnecessariamente complicado.

Davis jogou a cabeça para trás e riu mais uma vez.

— Eu amo esse garoto! — ele exclamou. — Bernie, você não ama esse garoto?

— Amo — Bernie confirmou.

— Então, temos um acordo ou não? — Davis perguntou novamente.

— Eu nem tenho certeza do que você está me pedindo para concordar... — Ryan disse confuso.

Bernie sorriu.

— Ele é astuto, este aqui!

— Muito esperto — concordou Davis.

— Olha, garoto — disse Bernie, inclinando-se para a frente, adotando uma atitude que parecia confortável. — É o seguinte. Você é obviamente



extremamente experiente. Então é isso que eu vou fazer por você. Eu vou concordar em ser seu agente.

— Você é agente de Karina — Ryan protestou.

— Ela é minha única cliente? — Bernie revidou. — Não, ela não é. Ela pode ser a mais bonita, mas não é a única. Você, meu jovem amigo, poderia participar da lista. Basta dizer sim e Bernie estará cuidando de seus interesses.

Ryan disse:

— Bem... acho que precisaria de um agente. Se isso seguir em frente.

— Você vai precisar.

— Tudo bem — disse Ryan. — Eu te digo uma coisa. Admito que estou interessado nisso. A ideia de poder tocar música para pessoas em uma escala maior... Eu gosto dessa ideia.

— Então você está dentro! — Davis disse com finalidade.

— Estou *interessado*. Grande diferença — Ryan respondeu.

— Ótimo, garoto. Ótimo — disse Davis, distraído, quando ele e Bernie se levantaram para sair. Ele já estava puxando o telefone e apertando os botões. Enquanto Davis e Bernie se retiravam pelo corredor, Davis disse ao telefone: — Sim, sou eu. O garoto está dentro!

Ryan riu. Ele sabia que estabelecer e manter limites profissionais com esses dois seria tão difícil quanto manter limites pessoais com Karina. O que havia com as pessoas do show business que pensavam que podiam imaginar o mundo que queriam e depois fazer acontecer? Carisma? Crença inabalável? A certeza subconsciente de que as coisas dariam certo? Possivelmente uma combinação de todas essas coisas.

Fosse o que fosse, Ryan admitiu ter sido levemente atraído por sua magia. Ele sabia que precisava manter os pés no chão e a cabeça fora das nuvens, para não contar com os ovos antes que as galinhas os botassem. Mas, droga. Mesmo agora, ele podia ter uma visão nítida de si mesmo tocando e cantando em um palco na frente de milhares de pessoas.

E se ele fosse honesto consigo mesmo, gostava dessa imagem. Ele queria aquela vida. Apesar de tudo, ele estava começando a se sentir um pouco animado por Bernie e Davis poderem proporcionar isso a ele.

A única variável, a única coisa no ar na mente de Ryan, era como Karina se sentiria sobre a coisa toda. Sim, claro, Davis e Bernie pareciam ter certeza de que ela adoraria. Mas ele achava que Davis e Bernie teriam

igualmente certeza de que o céu estava vermelho, se isso os ajudasse a fechar um acordo.

Ryan sabia que, independentemente do que os dois dissessem sobre o processo de negociação, ele precisava conversar com Karina para descobrir seus sentimentos.

Ele pegou o celular e pressionou o botão de discagem rápida designado para ligar para ela. Quando ele ouviu sua voz, era apenas uma mensagem gravada.

Ele debateu se deixava uma mensagem no correio de voz, mas decidiu que isso era algo que deveria conversar pessoalmente com ela.

Então, encerrou a ligação e, agora que estava excitado demais para se concentrar no *QuickBooks*, colocou o telefone de volta no bolso. Pegou as chaves do apartamento antes de subir as escadas para fazer a única coisa que sempre, sem falhar, o ajudava a resolver as coisas em sua cabeça e colocar tudo em perspectiva: tocar seu violão.



Karina caiu na cama às oito da noite, exausta, e fechou os olhos. Ela acordou às seis da manhã, após sua incrível noite com Ryan, e sentiu a inspiração pulsando através dela como uma corrente de poder. Ela pulou da cama e literalmente desceu as escadas e entrou no estúdio, onde ficou escondida nas últimas catorze horas.

Ela não tinha comido, tomado banho ou mudado de roupa. Estava voltando a dormir na mesma combinação de boxer e regata que usava quando pulou da cama naquela manhã.

Agora que havia trabalhado com a energia criativa, soltando-a, escrevendo e polindo três novas músicas que achava que funcionariam maravilhosamente em seu novo projeto, a adrenalina que a manteve tão alerta durante todo o dia fugiu repentinamente e ela se sentiu uma marionete cujas cordas foram cortadas.

Enquanto relaxava, ela percebeu vagamente que ficou fora de contato o dia todo e se perguntou se alguém havia tentado contatá-la. Seu estúdio era à prova de som. Ela não podia ouvir a campainha lá dentro, e não levou o telefone. A ideia era se isolar do mundo exterior.

Ela imaginou que provavelmente deveria, pelo menos, olhar para a tela de mensagens em seu telefone para ver se algo urgente havia surgido, mas ela simplesmente não conseguia reunir a vontade de mover seus membros de chumbo para carregá-la até o telefone e buscá-lo. E ela certamente não tinha o desejo de abrir os olhos para ver.

No momento em que estava prestes a dormir completamente, cortando o último fio que a ancorava à consciência e ao pensamento, ela se assustou com o toque daquela campainha infernal.

Ela estava cansada demais para ficar com raiva. O que sentiu foi mais como desespero ou derrota. Ela estava se resignando à possibilidade de uma vida em que nunca mais voltaria a ter uma noite decente de sono ininterrupta pelo som de sua maldita campainha.

Ela abriu a porta e encontrou Sam e Lauren em sua varanda. Seus sorrisos desapareceram quando a viram.

— Oh, Deus — disse Sam.

— O quê? — Karina perguntou, irritada.

— Você está péssima — disse Lauren de maneira direta. — Você pelo menos escovou o cabelo hoje?

— Fiz só um rabo de cavalo — foi a resposta defensiva de Karina.

— Não é a mesma coisa — disse Lauren categoricamente.

— Você está doente? Podemos ajudar? — Sam perguntou.

Karina suspirou.

— Vocês duas querem alguma coisa?

Sam passou pela porta e Lauren a seguiu.

— Tudo bem, senhorita Sunshine — disse Sam. — Pode nos agredir!

Karina respirou fundo, sabendo que a maior parte de seu aborrecimento vinha da exaustão, e não das ações de suas amigas, e tentou modular seu tom.

— Desculpem, meninas — disse ela. — Eu estive no estúdio o dia todo hoje, estou exausta e não comi. Eu estava prestes a ir para a cama. É por isso que estou de mau humor. Não se importem comigo.

— Bem, então, vamos começar do começo. Vamos pegar sopa, torrada ou algo assim — disse Lauren, entrando na cozinha.

À menção desses alimentos específicos, o estômago de Karina soltou um rosnado alto e ela riu.

— Acho que não posso discutir com isso. Vão na frente. — Então ela começou a se mover para a cozinha.

Mas Lauren respondeu:

— Temos as coisas sob controle aqui. Vá trocar de roupa e passe uma escova no cabelo. Nós esperamos.

— Vocês agem como se eu estivesse esperando companhia ou algo assim! — Karina disparou de volta enquanto subia as escadas. — Talvez isso ensine vocês a não aparecerem! Nunca se sabe quando vão me achar desleixada e sem banho!

— Vamos nos arriscar — disse Sam atrás dela.

Karina sorriu interiormente. Sam nunca iria concordar em parar de aparecer.

Quando Karina apareceu na cozinha, quinze minutos depois, de banho tomado, ela usava uma calça de pijama de algodão macia e elástica e uma camiseta combinando, o que a fazia se sentir como uma mulher totalmente nova.

Ela caiu em uma das cadeiras da cozinha e Lauren colocou uma tigela de sopa de tomate e um queijo quente na frente dela. De repente, ela estava faminta e buscou ansiosamente a comida.

— Deus, isso é bom! — ela disse entusiasmada. — Obrigada, meninas!

— Foi tudo Lauren — admitiu Sam. — Enquanto ela fazia isso, entrei na sua sala para apreciar a vista. O que me leva à minha próxima pergunta...

— As flores? — Karina adivinhou.

— As flores — confirmou Sam. — O que aconteceu pra ter todos aqueles arranjos de flores gigantescos por lá? Alguém morreu?

Karina acenou com a mão em desdém.

— Kyle Austen Reed aconteceu. Ele está vivendo um filme em sua mente e me colocou como a protagonista.

— Você o desiludiu dessa ideia? — Lauren perguntou.

Isso fez Karina rir alto.

— Primeiro, não, porque nunca o vejo. Todas essas flores são desculpas ou algo assim, me explicando o quão ocupado ele estará nesse dia com todos os compromissos pessoais bizarros que ele continua programando pela cidade. Então ele promete me ver no dia seguinte. No entanto, como acho que vocês podem ver pelo volume de arranjos de flores na minha sala, isso ainda não aconteceu.

“Em segundo lugar, mesmo se eu tentasse explicar a ele que não quero mais vê-lo, tenho sérias dúvidas se ele receberia ou não essa mensagem. Ou se ele é capaz de receber qualquer mensagem que não esteja alinhada com a sua visão de vida. Estou meio que deixando essa situação acontecer e esperando que ele se distraia com o próximo objeto brilhante, para que nosso falso relacionamento possa morrer de uma morte natural — concluiu ela.”

— Probabilidade disso? — Lauren perguntou.

Karina deu de ombros.

— Cinquenta/cinquenta? Eu honestamente não tenho ideia.

— E Ryan? — Sam perguntou.

O rosto de Karina se iluminou involuntariamente e, antes mesmo de abrir a boca para falar, as duas começaram a rir.

— O que foi? — Karina perguntou.

— Acho que recebemos nossa resposta pelo seu rosto — Sam riu.

Karina recostou-se na cadeira, sorrindo feliz e mastigando seu queijo quente. Ela tentou pensar nas palavras certas para descrever o que sentia.

— Eu não sei, pessoal. Isso não é como qualquer coisa que eu já tenha sentido antes. Quer dizer... é como essa estranha combinação de emoção e satisfação, sabe? Tipo... é emocionante. Mas, ao mesmo tempo, é seguro. Quando o vejo, quero arrancar suas roupas e enlouquecer. Mas eu também quero apenas me aconchegar e assistir a um filme. Eu quero dizer tudo no mundo para ele de uma vez, mas, ao mesmo tempo, eu só quero ficar quieta junto com ele também. É a coisa mais estranha.

— Como ele se sente?

Karina deu de ombros.

— Eu não sei! Quer dizer, tenho certeza de que ele sente o mesmo. Acho que posso confiar no que ele está me dizendo. Não é como se ele fosse um desses idiotas de Los Angeles que só dizem alguma coisa se isso favorecer suas ambições, seja progredir na carreira ou desabotoar a calça.

Sam e Lauren trocaram um olhar, e os sentidos de Karina ficaram em alerta máximo.

— O que foi? — ela perguntou. — Por que se olharam?

— Tenho certeza de que não é nada — Sam rapidamente a assegurou.

— Anda — Karina disse. Agora cheia de apreensão, ela colocou o queijo quente de volta no prato. — Apenas me digam — ela insistiu.

Lauren disse:

— Olha, Karina. Tenho certeza de que realmente não é grande coisa. É só que vimos Bernie e outro cara entrando no Café da Sue Ann hoje.

— Meu Bernie? — Karina perguntou.

— Sim. Então pensamos que você o encontraria lá. Fomos atrás deles, imaginando que espiaríamos sua reunião de uma mesa próxima e sairíamos para conversar com você depois, caso precisasse de apoio moral, como Amanda fez por você, da outra vez.

— Obrigada, meninas — disse Karina, emocionada.

— Por nada! De qualquer forma, eles não estavam lá para vê-la, obviamente. E eles nem estavam lá para comer. Eles seguiram direto para o escritório de Ryan — Lauren terminou.

— Eles só ficaram lá por alguns minutos — acrescentou Sam rapidamente.

— Hmm... — disse Karina, considerando esta informação. Ela não tinha certeza do que pensar.

Todas ficaram em silêncio por um momento, e Sam perguntou:

— Então, você sabia que Bernie estava na cidade ou que ele ia conversar com Ryan?

Karina balançou a cabeça.

— Não, mas ele mencionou que Davis havia ligado para ele.

Depois de um momento, Lauren gentilmente disse:

— É só, Kar... quero dizer... você tem certeza de que ele não está usando você como uma espécie de trampolim para uma carreira própria?

Karina olhou pela janela, pensando.

— Tenho certeza, eu acho. Quer dizer, minha gravadora entrou em contato com ele depois que eles viram o vídeo, e ele adiou falar com eles até depois que ouvisse minha opinião. Para mim, isso me diz que ele me coloca em primeiro lugar antes de qualquer ganho de carreira que eu pudesse proporcionar a ele.

— Então tenho certeza de que não é nada — concluiu Sam.

Seu estômago afundou como o Titanic, lento no início, mas depois de uma só vez. Por mais que ela odiasse admitir, havia agora uma pequena dúvida no fundo de sua mente. Ryan a estava usando?

Ela odiava pensar assim. Ela *realmente* não pensava assim. Ela só queria ter certeza.



## CAPÍTULO 24



*D*epois que Sam e Lauren foram embora, dormir era a coisa mais distante da mente de Karina. Ela andava pelo quarto, obcecada com a possibilidade de Ryan estar usando-a.

Finalmente, ela percebeu que estava ficando louca. Uma vida inteira cercada de pessoas que não eram confiáveis para lhe dar uma resposta direta a fez ver manipulação por trás de cada interação, como se sua vida fosse uma série de batalhas e seus conhecidos fossem maquiavélicos.

Mas Ryan? Ele não era assim. Essa era uma coisa que ela sabia com certeza. Ela só precisava falar com ele, ouvir sua voz, perguntar o que estava acontecendo. Se ela ouvisse a voz dele, saberia se ele estava sendo sincero com ela.

Ela pegou o telefone da mesa de cabeceira, pronta para ligar para Ryan. No entanto, ao passar o polegar para desbloqueá-lo, viu quatro chamadas perdidas. No caos emocional em que ela se envolveu desde que ouviu falar da visita de Bernie a Ryan, se esqueceu totalmente de que ficou fora de contato o dia todo! Ela se sentia uma idiota.

Ela clicou no ícone para olhar para a lista de chamadas recebidas, torcendo contra a esperança de que pelo menos uma delas fosse de Ryan. Quando ela viu a lista, relaxou, dando um grande suspiro de alívio. Sim. Duas das ligações eram de Ryan, uma de Bernie e outra de Davis.

— Karina? — ela disse para si mesma. — O mundo não está conspirando contra você. Em breve, você estará usando um chapéu de papel alumínio...



*E agora estou falando sozinha. Ótimo.*

Rolando os ombros para trás, ela tirou isso da cabeça e pressionou o nome de Ryan na lista de chamadas para retornar a ligação; ela esperou o telefone tocar. Sem resposta. Desconectando a chamada, imediatamente lamentou não ter deixado uma mensagem. Mas, para fazer isso, ela teria que saber o que perguntar ou dizer. Ela não sabia.

Cinco minutos se passaram, e a ansiedade estava enchendo todo o seu ser mais rápido do que um barco a remo com um buraco remendado por uma peneira. Depois de andar por um tempo razoável, Karina fez outra ligação. Mais uma vez, sem resposta. Ela esperou dez minutos. Sem resposta. Então esperou quinze minutos e, novamente, sem resposta. Esse padrão enlouquecedor de espera, ligação, espera, ligação continuou por mais de uma hora. Ryan nunca atendeu, mas isso fez pouco (nada!) para impedir sua viagem paranoica pela avenida insanidade

*Sim, estou ficando completamente louca.*

Infelizmente, aquele momento de autoconsciência não serviu como uma lombada na alameda parafuso solto, que levava direto à Cidade Louca. Não. Ela ainda estava completamente fora de controle. A parte ridícula era que, toda vez que ela ligava para ele, ela realmente esperava que fosse a hora que ele atenderia. Não era essa a própria definição de insanidade: repetir exatamente o mesmo comportamento e esperar resultados diferentes?

Percebendo que, ao fazê-lo, estava sendo completamente ridícula, mas não sendo capaz de se importar muito, ela tirou o pijama e vestiu as primeiras peças de roupa em que colocou as mãos, um par de jeans e uma camisa térmica de mangas compridas. Depois ela rapidamente deslizou os pés no primeiro par de sapatos que pegou, um par de tênis *Converse* vermelho brilhante.

Descendo as escadas, pegou as chaves da mesa do corredor e saiu correndo pela porta, deixando-a bater atrás de si. Depois de correr para o carro e pular nele, ela disparou ladeira abaixo.

Ela sentiu como se tivesse que ver Ryan naquele momento. Parte dela, a parte racional, parecia estar observando de fora de seu corpo, fazendo um julgamento objetivo de que estava se comportando como as garotas malucas de quem sempre teve pena. Ela geralmente não tinha paciência e

zombava impiedosamente de mulheres que perdiam a cabeça dessa maneira por causa de um homem.

Mas Karina não só não foi capaz de convocar a vontade de deixar que a parte racional de seu cérebro se encarregasse de suas ações, como também não tinha interesse em tentar. De uma maneira estranha, na verdade, foi meio libertador deixar que a “área Ryan”, a parte enlouquecida de seu cérebro, assumisse o controle. Parecia honesto, pelo menos. Reconhecia a verdadeira força de seus sentimentos por ele.

Ela estava a ponto de surtar? Provavelmente. Ela estava mais excitada que o normal? Absolutamente. Ele valia a pena? Ela realmente esperava que sim.

Incapaz de estacionar no estacionamento dos fundos porque estava bloqueada por uma corrente, ela gritou na frente do Sue Ann's Café e pulou, correndo em direção à porta da frente.

Mas quando ela puxou, nada aconteceu.

— Ótimo! — ela disse, batendo a palma da mão contra a porta.

Claro. O café estava fechado. Isso explicava que o estacionamento dos fundos estivesse bloqueado.

O que ela estava fazendo ali? Isso era loucura. Ela nunca se comportou dessa maneira.

A exaustão, tanto física quanto emocional, a atingiu como um tapa na cara. Ela se virou, encostou as costas na porta e deslizou até sua bunda atingir a calçada. Lágrimas começaram a cair em suas bochechas pela montanha-russa emocional em que ela estava. No fundo de sua mente, ela sabia que estava em público, vestida horivelmente e agindo como louca. Mesmo que não houvesse mais ninguém na rua agora, ela sabia que, a qualquer momento, alguém poderia tirar fotos no telefone. Na manhã seguinte, ela poderia acordar com as manchetes do TMZ e Perez Hilton:

“O ataque de nervos de Karina Black em público!”

Ela sabia que deveria se controlar. Mas parecia não conseguir. Então ela ficou sentada lá. Em frente ao Sue Ann's Café. Chorando.

Sem nenhum aviso, ela caiu para trás, e a próxima coisa que soube foi que estava deitada de costas, olhando para o rosto muito preocupado de Sue Ann Perkins.

Sue Ann se abaixou e a ajudou a se levantar, pedindo desculpas o tempo todo.

— Desculpe, querida! Eu estava chamando seu nome enquanto destrancava a porta! Eu pensei que você tinha me ouvido!

Karina fungou, limpando as lágrimas do rosto.

— Não, desculpe — disse ela, envergonhada. — Acho que não te ouvi. Me desculpe. Eu sei que você está fechada... eu precisava ver... falar com Ryan.

— Estamos fechados. Acabei de voltar para trazer um pouco de sopa e biscoitos para Ryan. Ele passou muito mal esta tarde. Espero que seja apenas uma daquelas coisas que passam em vinte e quatro horas.

Os olhos de Karina se arregalaram.

— Ele está doente?

Sue Ann assentiu.

— Oh, sim, coitado. Ele está com febre, calafrios, dor de garganta, dor de cabeça... Foi de repente. Começou esta tarde, e eu estava muito ocupada com o movimento do jantar para ir cuidar dele. Então eu estava fazendo uma sopa agora para levá-la até ele. Para garantir que ele pelo menos coma alguma coisa.

Karina tentou dizer algo em resposta, mas sua respiração começou a engatar e ela começou a chorar novamente.

— Desculpe — ela fungou entre as lágrimas. — Parece que não consigo me controlar. Sinto como se estivesse perdendo a cabeça.

Sue Ann a abraçou e fez barulhos reconfortantes enquanto conduzia Karina para uma das mesas e a ajudava a se sentar, fazendo o mesmo em uma cadeira em frente a ela. Então ela ficou ali sentada e esperou que as lágrimas de Karina diminuíssem.

Quando finalmente isso aconteceu, Karina olhou para cima e disse novamente:

— Eu realmente sinto muito. Eu não sei o que há de errado comigo...

Sue Ann sorriu e deu um tapinha na mão.

— Você está apaixonada!

Karina balançou a cabeça.

— Isso parece mais loucura do que amor. Acho que não consigo entender.

Sue Ann bateu novamente na mão dela.

— Claro que consegue, querida. Você e Ryan são uma combinação perfeita. Eu sei disso há um tempo. Para dizer a verdade, a única reserva

que eu tinha sobre vocês dois era que você poderia ter a guarda alta demais para realmente deixá-lo entrar e que ele se apaixonaria mais fortemente por você do que você por ele.

Karina riu de si mesma depreciativamente.

— Acho que esta noite deixa essa preocupação em particular de lado. Embora aposte que ela tenha criado muitas outras.

Sue Ann riu.

— Oh, querida, quando eu conheci meu Walter, você deveria ter me visto. Eu estava um desastre! É uma maravilha que ele tenha dito duas palavras para mim. E ficamos casados por quarenta e cinco anos. Insanidade? Isso é o que é o amor!

Karina suspirou e deixou cair a cabeça nas mãos.

— O que eu vou fazer?

— Bem — disse Sue Ann sabiamente —, se você quiser, pode começar levando esta sopa para o apartamento dele.

— Boa ideia — ela assentiu enquanto enxugava os olhos. Depois pegou a bandeja que Sue Ann preparara e subiu as escadas silenciosamente até o apartamento de Ryan. Quando ela alcançou a porta, deslizou a chave que estava ao lado da tigela de sopa na fechadura e a girou o mais lenta e silenciosamente possível. Se ele estivesse conseguindo recuperar alguns minutos de sono curativo, ela não queria interromper.

Ela abriu a porta polegada a polegada e entrou. O quarto estava escuro, mas não completamente, iluminado por uma luminária de chão leve que ficava no canto, e ela podia ver Ryan esparramado no sofá, os olhos fechados. Não querendo incomodá-lo, ela silenciosamente colocou a bandeja na mesa da cozinha, depois levou a tigela de sopa para a geladeira e a colocou lá dentro, olhando por cima do ombro para se certificar de que a luz não o acordara.

Enquanto ela voltava na ponta dos pés para a porta da frente, pensando em sair tão discretamente quanto havia entrado, a voz fraca de Ryan disse rouca:

— Você estava tentando se esgueirar?

Mesmo em seu estado trêmulo, ela podia ouvir o tom provocador.

Ela se virou e sorriu para ele.

— Eu não queria te acordar. Está doente.

— Eu não estava dormindo. Apenas descansando meus olhos.

Seu corpo grande estava meio pendurado no pequeno sofá.

— Claro que estava. Vamos. Vou te levar para a cama — ela disse firmemente, cruzando para onde ele estava.

Ryan sorriu fracamente, lutando para se levantar.

— Eu só queria me sentir bem o suficiente para aceitar essa oferta.

Ignorando a piada, ela deslizou o braço em volta das costas dele, debaixo do braço, e o apoiou enquanto ele se levantava. Ele estava quente sob seu toque, Karina imaginou que sua febre devia estar bem alta. Ela poderia dizer que ele estava tentando se apoiar nela o mínimo possível, provavelmente querendo parecer forte, mesmo em seu estado enfraquecido. A meio caminho da cama, no entanto, ele parou e se encostou na parede.

Karina disse em um tom mais acusador do que pretendia:

— Ryan, você está tão fraco. Você já comeu alguma coisa hoje?

Um pouco sem fôlego, ele balançou a cabeça, os olhos fechados.

Ela esperou que ele se afastasse da parede e ficou aliviada quando chegaram à cabeceira dele. Ryan novamente usou a parede como apoio enquanto esperava que Karina abaixasse as cobertas e arrumasse os travesseiros. Ela os puxou para uma pilha fofa no meio da cama, querendo que ele tivesse o máximo de espaço possível para se espalhar.

Depois de voltar, ela tentou abraçá-lo, mas ele a enxotou enquanto subia, sem ajuda, em sua cama. Ela esperou enquanto ele se arrastava para o meio e se colocava em uma posição parcialmente sentada, recostando-se nos travesseiros.

Ele alcançou atrás da cabeça e começou a puxar os travesseiros.

— Só quero me deitar.

— Não — ela respondeu com autoridade, enquanto os pegava e colocava de volta. — Isso é ruim para a sua respiração. O catarro se instalará em seus pulmões, e você poderá sofrer de pneumonia.

Ele sorriu para ela.

— Eu não sei se isso é verdade, mas eu adoro que você se importe.

Honestamente, Karina também não sabia se isso era verdade. Ou se ele tinha catarro nos pulmões. Mas era o que a avó sempre dizia quando estava doente quando era criança. Diz a mesma coisa para Ryan agora a fazia sentir-se conectada à infância, à vida e à família, e isso trazia Ryan para a mistura também. Isso fazia com que o que havia entre ela e Ryan

parecesse ainda mais real. Isso a fez sentir algo que nunca havia sentido por nenhum homem antes. Isso a fez sentir que Ryan era sua família.

— Bem, é verdade — Karina disse de novo, com a mesma autoridade que tinha usado antes. *Quer dizer, que diabos,?* ela pensou. *Pode ser verdade. Melhor prevenir do que remediar.*

Quando ela se inclinou para cobri-lo com os cobertores, Ryan passou o braço em volta da cintura dela e a puxou para ele. Bem, puxou provavelmente era exagerado. Em seu estado enfraquecido, foi mais como cutucar. Mas Karina dificilmente resistiria. Ela deslizou para onde o braço dele a estava guiando.

Quando ela estava sentada ao lado dele, ele se inclinou para ela, passando os braços pela cintura dela e apoiando a cabeça no peito dela com um suspiro contente.

Olhando para baixo, ela sentiu um tremor no peito que não conseguiu identificar ao ver a cabeça dele descansando contra ela. Por alguma razão, parecia tão íntimo, muito mais íntimo do que um beijo. Ou um abraço. Ou sexo.

O que era, é claro, ridículo. Aquele homem tinha visto cada centímetro dela completamente nua. Como um pequeno gesto, quando ambos estavam completamente vestidos, a fazia se sentir tão exposta? Ela não sabia a resposta para isso, mas sabia que, embora isso a assustasse, ela gostava.

As mãos dela se levantaram, aparentemente por vontade própria, e começaram a acariciar os cabelos dele.

— Senti sua falta — ele murmurou sonolento.

— Eu também senti sua falta — ela se ouviu dizer antes que pudesse impedir que as palavras saíssem.

*Ok, ela pensou, isso está ficando fora de controle.* Além disso, Ryan parecia que poderia desesperadamente usar um pouco de nutrição e ele não receberia nenhuma se eles apenas se abraçassem a noite toda. Então ela gentilmente o colocou de volta contra os travesseiros e disse que voltaria logo.

Quando ela voltou um momento depois com uma bandeja carregando biscoitos, refrigerante e a tigela de sopa recém-aquecida, ela meio que esperava que ele estivesse dormindo. No entanto, ele estava completamente acordado, deitado nas almofadas, observando-a com um pequeno sorriso.

— Tudo bem, senhor. Vamos dar um pouco de sopa a você — ela disse em um tom neutro.

Seus olhos viajaram para a tigela de sopa e ele parecia muito menos entusiasmado.

— Apenas deixe na mesa de cabeceira. Depois eu como — disse ele.

— Não. Tenho certeza de que você precisa comer agora.

Ele balançou sua cabeça.

— Mais tarde, Karina.

Karina balançou a cabeça de volta para ele.

— As escolhas são sentar e comer por conta própria ou deitar e me pedir para alimentá-lo. As escolhas não são agora ou mais tarde. Você foi mal informado, receio.

— Eu disse que vou comer mais tarde — ele respondeu no tom firme que havia funcionado tão bem com ela no passado.

Ela sorriu. Ele claramente cometera o erro de pensar que, só porque eles estavam no quarto, ele poderia mandar nela. Tolinho.

— Sim, e eu disse que você vai comer agora. E como eu provavelmente poderia lutar contra você e forçá-lo a se alimentar em seu estado atual, eu sugeriria que você facilitasse para nós dois e cooperasse.

Enquanto falava, ela colocou a bandeja na mesa de cabeceira, sentou-se ao lado dele na cama e depois moveu a bandeja para que ela descansasse na cama sobre o colo dele.

— Alguém já lhe disse que sua maneira de tratar um doente deixa muito a desejar? — Ryan resmungou.

— Não. Eu nunca tive queixas quando banco a enfermeira — ela declarou alegremente, servindo uma colher de sopa e colocando a colher na mão dele.

Uma risada fraca escapou dele, e ele disse:

— Só você poderia me fazer rir quando eu me sinto como a morte.

Um sentimento de orgulho brotou em Karina, e ela tentou encobri-lo, dizendo:

— Ria depois. Coma agora.

— Gosto quando você é mandona — disse ele, sorrindo.

Depois que ele comeu algumas colheres de sopa, a cor começou a voltar ao seu rosto, e ele se levantou para sentar-se mais reto na cama com

muito mais facilidade e suavidade do que poderia ter feito momentos antes.

— Na verdade, me sinto um pouco melhor. Você estava certa. Eu admito — ele murmurou.

Ele continuou comendo enquanto ela escorregava da cama e se apressava pelo apartamento, coletando coisas que ele precisava para sua mesa de cabeceira — lenços, uma garrafa de água e pacotes de remédios para resfriado e gripe.

Ela fez isso em parte porque ele precisava das coisas e em parte para que ele não pudesse ver seu rosto, não pudesse ver como cuidar dele a estava afetando. Ele estava se sentindo melhor agora por causa dela. Ela insistiu que ele tomasse a sopa, e a sopa o fez melhorar.

É claro que ela sabia que era bobo e completamente exagerado, mas sentia-se ridiculamente feliz e orgulhosa disso. Ela nunca havia tomado conta de ninguém antes, mas com Ryan parecia natural.

Depois que Ryan terminou sua sopa e biscoitos, ela levou a bandeja para a cozinha e lavou a louça. Ela voltou para ver se havia algo de que ele precisava, mas o encontrou dormindo.

Não era o sono febril e perturbado que ela testemunhou quando entrou pela primeira vez. Em vez disso, ele estava deitado no que parecia um sono pacífico e contente.

Quando ela se inclinou para dar um beijo suave na testa, ele ainda estava quente. Então ela foi ao banheiro molhou um pano com água fria antes de levá-lo de volta para a cama e esfregar suavemente o rosto dele. Embora tenha se mexido um pouco, ele não acordou. Ela voltou a colocar o pano embaixo da torneira e repetiu o processo, passando o pano frio sobre os braços, o peito, o abdome e depois de volta para o rosto e o pescoço.

Ela fazia isso a cada meia hora mais ou menos. Toda vez que ela sentia sua pele começar a se aquecer novamente.

Perto do amanhecer, ela estava fraca de exaustão, mas o pensamento de deixar Ryan sozinho era completamente inaceitável para ela. Ela decidiu rastejar na cama e dormir apenas alguns minutos antes de voltar para continuar cuidando dele. Ela deslizou sob as cobertas ao seu lado, enrolou-se em uma bolinha e, com um suspiro de alívio, adormeceu rapidamente.



A próxima coisa que ela percebeu ao abrir os olhos foi a luz do sol atravessando a janela do quarto de Ryan.

*Droga, ela pensou. Dormi muito mais do que pretendia!*

Ela virou a cabeça para ter certeza de que Ryan estava bem e o encontrou sentado na cama ao lado dela, sorrindo.

— Ei — ela murmurou grogue enquanto se virava e esticava os braços acima da cabeça. — Como você está se sentindo?

— Como um ser humano de novo — respondeu Ryan. — Graças, em grande parte, aos seus dons como enfermeira ontem à noite, tenho certeza. Obrigado por isso.

— Imagina. Não é grande coisa — disse ela, tentando ao máximo fazer o tom de sua voz combinar com o sentimento das palavras.

— É grande coisa sim — brincou Ryan. — Você quebrou seu credo pessoal por mim. Não pense que eu não aprecio isso.

— Que credo? — ela perguntou, intrigada.

Ele sorriu largamente.

— O de nunca passar a noite.



## CAPÍTULO 25



— Não estou dizendo que aprovo — Renata reiterou pela centésima vez nos últimos dez minutos desde que chegou à porta de Karina. — Eu não quero que haja nenhuma confusão sobre isso.

Sabendo que precisaria de mais cafeína para ouvir mais esse disco quebrado, Karina levantou-se da mesa da cozinha e caminhou para encher a xícara de café. Ela quase não dormiu na noite anterior e não era como se tivesse começado a noite se sentindo bem e descansada. Agora, estava praticamente morta.

Enquanto Karina despejava a bebida perfumada em sua xícara, Renata começou a falar novamente.

— Só não me sinto confortável com a tensão entre nós, Karina. A vida é muito curta. Você é adulta e faz suas próprias escolhas. Eu respeitarei isso. Mas, por favor, não pense que isso significa que eu aprovo.

— Entendo, vó — disse Karina, com a voz calma e respeitosa, mas, enquanto falava, pegou um garfo no balcão e imitou uma punhalada na cabeça de costas para a avó.

— Karina, tenho olhos na parte de trás da cabeça — disse a avó com firmeza.

— Desculpe — Karina murmurou, sentindo-se como se tivesse dez anos novamente, sendo pega dando a língua para a avó, quando se sentou na cadeira.

O olhar no rosto de sua avó era algo que ela nunca pensou ter visto antes. Era, se ela não estava enganada, de incerteza. Sua avó normalmente

estoica, com o rosto parecendo esculpido em pedra, parecia nervosa, tensa e longe de ter certeza enquanto olhava para a caneca de café que Karina havia trazido.

— Vó? — O estômago de Karina revirou o que poderia ter trazido essa trégua incomum e essa expressão ansiosa. — Você está bem?

— O quê? — Renata olhou para cima. Os olhos dela estavam vidrados, como se ela estivesse mergulhada em pensamentos.

— O que há de errado? — Karina ouviu o pânico em seu tom quando expressou seu maior medo. — Você está doente? Apenas me diga.

Renata afastou a cabeça e a sacudi como se a ideia fosse absurda.

— Não, eu não estou doente. — Então, parecendo frustrada, para si mesma ou para Karina, ela disse com relutância: — Estou apenas fazendo um trabalho ruim com o que vim fazer aqui.

Embora acreditasse na avó quando dissera que não estava doente, Karina ainda se sentia desconfortável. Uma profunda sensação de pavor tomou conta dela.

— O que você veio fazer aqui?

Pigarreando, Renata sentou-se e colocou as mãos cruzadas sobre a mesa. Sua estatura era adequada e rígida, seu rosto parecia sereno, mas seus olhos continham um mar de emoções com ondas agitadas.

— Vim aqui para lhe dizer o motivo pelo qual tinha reservas sobre o garoto. Eu vim aqui para falar sobre sua mãe.

Karina ouvira falar de um fenômeno em que tudo fica entorpecido e tudo o que você ouve é um zumbido alto em sua cabeça, e ela via em filmes quando os personagens obtinham uma visão de túnel que termina em um objeto minúsculo, mas ela nunca havia experimentado nenhuma dessas coisas. Até agora.

Ela ouviu as palavras que sua avó estava dizendo, mas estava tendo dificuldade para processá-las.

— Você não conheceu seu avô, mas ele era um bom homem. Ele era gentil e generoso. Era um guerreiro da tribo e era visto com muita honra. Nosso casamento foi arranjado. Eu tinha dezesseis anos, e ele, trinta. Como era habitual, imediatamente tentamos ter filhos. Por alguns anos, devo admitir, fiquei aliviada por não termos concebido. Eu era jovem e, para ser sincera, queria mais tempo sozinha com seu avô. Eu o amava tanto e, egoisticamente, não queria compartilhá-lo.

“Mas, à medida que o tempo passava e continuávamos sem filhos, fiquei deprimida e comecei a acreditar que nunca teria meu próprio filho. Seu avô sempre manteve a fé. Quando meu trigésimo ano passou, passei um mês de luto pela ideia de maternidade e depois deixei toda a esperança para trás.

“Então, quando me vi grávida dez anos depois, você pode imaginar minha surpresa. — O olho da avó estava cheio de umidade, e um sorriso triste apareceu em seus lábios. — Seu avô estava mais feliz do que eu já o vi, tão empolgado que os deuses finalmente tivessem nos abençoado. Então sua mãe nasceu e ela era o mundo dele. Os dois anos que todos tivemos juntos foram os melhores da minha vida.

“Então, em Am Suk, no segundo ano de sua mãe, Pallaton, seu avô, adoeceu. Eu fiquei ao lado da cama dele. Seu espírito nos deixou no O'osh. Naquele dia, eu cortei meu cabelo, como é tradição, e nunca mais o cortei desde então.”

Karina viu a avó passar os dedos pela longa trança. Era tão surreal ouvir sobre o avô e a mãe. Ela não sabia que seu avô estava doente desde a primavera e depois faleceu no outono. Que sua avó passara meses sentada ao lado do marido moribundo. Que a morte dele foi a razão pela qual ela nunca cortou o cabelo. Que o nome dele era Pallaton.

— Aiyana, sua mãe, era tão jovem, mas ela era um espírito livre. O último desejo do seu avô foi que eu deixasse o espírito dela subir. Que eu a deixasse soprar livre como o vento. Não fui criada dessa maneira, mas honrei o pedido final do seu avô.

“Essa garota testou minha paciência a cada passo. Então, depois de sua dança Pine Nut, ela deixou a tribo. Ela me deixou. Ela estava saindo com um garoto que eu não aprovava, porque ele era um homem branco. Não tinha sangue nativo. Era músico, baterista, e sua banda estava para sair em turnê. Ela foi com ele e eu não tive contato com ela por dois anos.”

Karina percebeu que sua avó estava ficando engasgada e queria lhe dizer que estava tudo bem, que ela não precisava continuar. Mas a verdade é que ela esperou a vida toda para ouvir o que sua avó estava dizendo e precisava ouvir.

Quando Renata não continuou, Karina perguntou:

— É por isso que não me foi permitido dançar?

A Dança Pine Nut, ou Dança das Garotas, era um ritual de passagem feminino na tribo. Depois de sua dança, você era considerada uma mulher. Mas Karina nunca teve permissão para participar de uma das tradições mais antigas de sua tribo e ela não sabia o porquê.

Renata respirou fundo e parecia ter percebido suas emoções.

— Sim. Eu sei que não foi justo. Sei que você deve acreditar que boa parte de sua vida não foi justa e, por isso, sinto muito. Só vi sua mãe uma vez depois da dança dela. Dois anos depois que ela empacotou as coisas e partiu, ela apareceu na minha porta grávida de nove meses. Na noite em que chegou, ela entrou em trabalho de parto. Algo estava errado. Ela estava com febre e, contra o aconselhamento dos mais velhos, eu a levei ao hospital em Lake Tahoe. Ela teve que fazer uma cesariana de emergência. Fiquei até depois que você nasceu e ela estava descansando. Depois fui para casa para tomar um banho e trocar de roupa.

“Quando voltei ao hospital, algumas horas depois, sua mãe havia partido. Ela abandonou você... e eu. Na sua cama, havia um bilhete que dizia simplesmente ‘Por favor, cuide da Karina’. Eu nem sabia que ela tinha lhe dado um nome. Fiquei no hospital até você ter alta e te levei para casa. Eu estava determinada a não cometer os mesmos erros que cometi com Aiyana. Não cedi a todos os seus caprichos. Te dei estrutura e disciplina.”

Tudo o que Karina pôde fazer foi assentir.

— Estou lhe dizendo tudo isso agora para que você saiba por que tenho reservas sobre seu relacionamento com o garoto Perkins. Ele não tem nossa linhagem, Karina.

Tanta coisa estava ficando mais clara. Tanta coisa fazia sentido agora. Especialmente o motivo pelo qual sua avó sempre insistiu tanto para que Karina namorasse alguém de dentro da tribo. Como ela era apenas metade *Washoe*, seus filhos seriam apenas um quarto.

— A tribo procurou sua mãe por anos depois que ela partiu. A última vez que foi vista foi na Alemanha. Você tinha oito anos, na época. — A avó tirou um arquivo de papel pardo da bolsa e empurrou-o sobre a mesa. — Essa é toda a informação que você precisa para encontrar sua mãe ou seu pai. Seus nomes, números de previdência social e último endereço conhecido.

Karina olhou para a pasta. Era o que ela sempre quis. Encontrar seus pais. De alguma forma, agora que estava bem na frente dela, depois de ouvir essa história, não parecia tão atraente.

— Meu pai sabia que minha mãe estava grávida de mim? — Karina olhou para a avó.

— Sim — Renata assentiu, tensa de raiva enquanto falava com os dentes cerrados. — Ele disse a Aiyana para interromper a gravidez, mas ela não conseguiu. Ela me disse que ficou com um amigo no último trimestre porque ele não queria ser lembrado... — Sua voz sumiu.

— Lembrado de quê? — Karina perguntou.

— Do erro — disse Renata, sua voz vazia de emoção.

*Eu. Eu sou o erro.*

Karina não tinha certeza de como deveria estar se sentindo. Triste. Brava. Magoada. Abandonada. Traída. Talvez uma combinação de tudo isso. Mas ela não sentia nada disso. Ela apenas tinha uma sensação de calma.

Enquanto passava os dedos pela capa da pasta, ela sabia que seria apenas um movimento do pulso para dar respostas a perguntas que ela sempre fez. Mas percebeu que já tinha todas as respostas de que precisava.

Empurrando a pasta fechada de volta para a avó, Karina disse:

— Obrigada. Por me contar. E por me criar.

— O quê? — Renata parecia que ter ouvido que alienígenas eram reais.  
— Você não vai abrir?

— Não — Karina disse calmamente.

— Mas foi isso que você sempre quis. — Renata balançou a cabeça em descrença. — Encontrar sua mãe e seu pai.

— Eu sempre tive a única mãe de que precisava. Eu não preciso encontrá-la. Eu estou olhando para ela.

Renata levou a mão à boca enquanto lágrimas caíam pelo seu rosto.

Karina levantou-se para dar um abraço na avó, no momento em que a campainha tocou.

— Sério. — Ela escovou as poucas gotas de emoção que caíram por suas bochechas enquanto fungava. — É como a Grand Central Station por aqui. Desculpe, vó, mas eu provavelmente deveria atender. Descobri que os visitantes não costumam entender indiretas e ir embora.

— Tudo bem. — Renata acenou com desdém.

Karina pensou que sua avó realmente parecia aliviada com a interrupção. Ela nunca gostou muito de emoções e, agora, Karina entendia um pouco melhor o porquê.

Sua mente ainda estava se recuperando das informações que acabara de receber quando abriu a porta, esperando ver Sam. Para sua surpresa, não era sua vizinha e um quarto do Quarteto Fabuloso na varanda. Eram Bernie Kaplan e Davis Johansson. Os olhos dela se arregalaram.

Ela olhou para a camisa térmica surrada, o jeans desbotado e o tênis *Converse* vermelho que ainda estava usando. Ela parecia um skatista de doze anos. E nem mesmo uma menina skatista.

— Oi! — ela disse, surpresa, recuando e gesticulando para dentro. — Tínhamos uma reunião agendada?

Os dois entraram confiantes em seu hall como se fossem donos do lugar.

Bernie respirou fundo pelo nariz.

— Sinto cheiro de café? — ele perguntou.

— Sim — disse Karina, sabendo que não havia como negar. — Por aqui.

Ela liderou o caminho para a cozinha, os dois homens atrás dela. Quando viu a avó sentada ereta e séria na mesa da cozinha, ficou feliz ao ver que estava totalmente recuperada. Não havia sinais de que elas tinham acabado de ter um momento de *Arquivo Confidencial*.

— Vó, estes são meu agente, Bernie Kaplan, e o chefe da minha gravadora, Davis Johansson. Esta é minha avó, Renata Blackstone.

Ela graciosamente inclinou a cabeça para os dois homens, de modo reservado como era com a maioria das pessoas novas.

— Prazer em conhecê-la, Sra. Blackstone — disse Davis em seu jeito liso de vendedor. Karina esperava que Bernie ecoasse imediatamente esse sentimento, mas ele ficou em silêncio. Ela olhou para ele, preocupada, certa de que nada menos que um ataque cardíaco ou algo igualmente catastrófico poderia deixar Bernie Kaplan em silêncio.

O que ela viu realmente a perturbou mais. Bernie estava olhando fixamente para a avó, pasmo, e Karina quase podia ver os corações dos desenhos animados flutuando ao redor de sua cabeça, como costumavam fazer em torno do *Pepe Le Pew*, quando ele se apaixonava pelo gatinho preto e branco.

— Uh. De jeito nenhum. Nem pense... — ela começou, mas era tarde demais.

Ele deslizou na cadeira em frente à avó e a encarou com olhos de corça.

— Renata — ele respirou reverentemente. — Um nome tão bonito para uma bela dama.

Renata estendeu rigidamente a mão para dar um aperto e, num tom igualmente rígido, disse:

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Kaplan.

Em vez de apertar a mão estendida, Bernie gentilmente a pegou na sua, girou-a de modo que a palma da mão estivesse voltada para baixo, a levou aos lábios e fez contato. Karina sabia que a avó devia estar chocada com as ações dele, porque Renata deixou a mão nas dele, pressionando firmemente contra o beijo/cumprimento de Bernie por muito, muito, muito mais tempo do que Karina teria esperado.

Finalmente, ela recolocou os dedos para trás e colocou as duas mãos em volta da xícara de café.

— Sr. Kaplan, você é muito corajoso — ela advertiu.

— Os mansos herdam a terra? Não, não herdam — ele disse enfaticamente, ainda sorrindo para ela como um estudante.

— Acredito que a citação é que os mansos herdam a terra — Renata corrigiu.

— Citação? Quem está citando? Estou falando da maneira como o mundo funciona — Bernie esclareceu, seu sorriso se espalhando até se esticar de orelha a orelha. — Se você quiser usar aspas, sempre preferi "A sorte favorece os ousados".

— Oh, meu Deus — interrompeu Karina, incapaz de assistir àquilo por mais tempo. — Vó, obrigada por ter vindo. Sinto muito pela interrupção, mas posso visitar sua casa mais tarde.

Renata nem reconheceu que Karina havia falado. Embora seu rosto fosse tão impassível quanto granito, ela continuou olhando para Bernie.

— Vó, não sei quanto tempo isso vai levar, então deixe-me acompanhá-la. Karina começou a caminhar em direção à porta quando ouviu seu agente.

— Não seja boba! — Bernie disse expansivamente. — Gostaria de ouvir a perspectiva de sua avó sobre tudo isso. Está claro que você puxou a



beleza dela. Eu estaria disposto a apostar que puxou o cérebro também!

Karina se virou para ver qual era a reação da avó. Aquele era o sinal de um sorriso puxando o lado da boca de Renata? Karina não sabia dizer.

Renata ficou de pé graciosamente, enquanto fazia tudo, e atravessou a cozinha enquanto dizia:

— Sou perfeitamente capaz de sair sozinha, Karina. Podemos continuar nossa conversa mais tarde.

Quando a porta da frente se fechou, Karina sentou-se à mesa e tentou ao máximo mudar para um assunto profissional.

— Ela é uma *lady*, sua avó — Bernie sorriu atrás dela.

Karina carinhosamente colocou a mão em seu ombro.

— Oh, Bernie. Eu odeio te dar essa notícia. Mas você não tem chance nenhuma.

Bernie parecia totalmente destemido.

— Ver a beleza é uma recompensa em si.

Karina balançou a cabeça.

— Acho que a citação é “A beleza é sua própria recompensa”, na verdade.

Bernie deu de ombros.

— Quem está citando?

Como se toda a troca entre Renata e Bernie não tivesse acabado de acontecer, Davis disse:

— Karina, nos encontramos com Ryan. Conversamos com ele sobre aproveitarmos esse burburinho e a química entre vocês dois para lançá-lo como um novo artista. Ele está pra lá de animado.

— Pra lá — Bernie ecoou.

Karina inclinou a cabeça.

— O que exatamente isso implicaria para cada um de nós? — ela perguntou.

— Ele faria o show de abertura na sua próxima turnê, pra começar — disse Davis.

Ela assentiu.

*Por enquanto, tudo bem.*

— Você escreveria com ele, possivelmente faria um dueto que será lançado em cada um de seus projetos.

Karina assentiu novamente. Ela não tinha ouvido nada que ainda não tivesse sugerido.

— Então é o seguinte — começou Bernie.

Karina se encolheu. Ela conhecia esse tom e conhecia essa frase. Em seguida vinha a parte que ela não iria gostar.

— Precisamos conversar sobre a direção do seu próximo álbum — Davis entrou.

— Eu posso fazer melhor — ela respondeu friamente. — Tenho três faixas esboçadas. Vamos ouvir.

Bernie pareceu aliviado e Davis pareceu entusiasmado quando Karina os levou ao seu estúdio em casa. Quando estavam sentados, ela colocou as três faixas e as tocou sem comentar. Ela não iria implorar em nome deste trabalho, e ela não iria se justificar. A música poderia falar por si.

Quando os últimos acordes da última música terminaram, Davis se entusiasmou:

— Ótimo, ótimo, Karina. Realmente um ótimo trabalho!

Karina assentiu em agradecimento, mas não tinha muitas esperanças. Era assim que sempre começava. Em seguida, viria a parte da conversa com “Se você pudesse torná-la um pouco mais...”

— Eis o problema — Davis começou, e Karina lembrou-se de permanecer calma e profissional. — É um pouco... elaborado... para o que você costuma fazer.

— Eu concordo — disse ela, comportando-se como se o que Davis dissesse fosse mais um elogio do que uma queixa. — Eu acho que é um avanço real do meu trabalho anterior. Uma coisa que indica mais um “próximo nível”.

— Uma progressão — sugeriu Bernie.

Ela assentiu.

— Oh, eu concordo, eu concordo — disse Davis. — É excelente. Eu, pessoalmente, gostei muito das faixas.

Karina assentiu novamente, esperando o inevitável “mas”.

— O problema é que — ele continuou — queremos garantir que a progressão aconteça na direção certa, estou certo? Seus fãs estão mais acostumados a coisas com letras simples. Isso se repete com frequência. Nos acordes Dó, Sol ou Fá. E tópicos estimulantes. Talvez você possa incorporar essas coisas neste trabalho.

— Isso mudaria fundamentalmente este trabalho — respondeu Karina com firmeza.

— Não, não — Davis insistiu —, isso apenas... apimentaria um pouco.

— Um pouco de tempero é tudo — Bernie ecoou.

Karina suspirou, permitindo que sua frustração sangrasse através de seu comportamento calmo um pouco.

— Olha — disse Davis. — Queremos enviar Ryan em turnê com você. Nós realmente queremos. Mas, para que isso aconteça, é necessário lançar um disco que possa ser lucrativo para promovermos.

Ela inclinou a cabeça.

— Isso é uma ameaça?

Davis deu de ombros, levantando-se enquanto dizia:

— É uma realidade.

Ela e Bernie também se levantaram e saíram da sala. Ela se sentiu triste e derrotada ao acompanhá-los até a porta da frente. Se fosse apenas ela, ela teria pensado em lutar com unhas e dentes. Mas eles conseguiram atingi-la em seu ponto fraco. Ryan.

Agora, ela tinha não apenas seu próprio futuro profissional em suas mãos, mas o dele também. E ela levava isso a sério. Ela realmente precisava pensar no que ia fazer a seguir.



## CAPÍTULO 26



Ryan estava zumbindo de emoção quando caminhou até a porta de Karina e bateu. Era a primeira vez que ele a levava para o tipo de encontro que uma garota como ela merecia.

Claro, as coisas que eles haviam feito até agora — o sorvete, o minigolfe, a patinação no gelo em King's Pond — haviam sido ótimas. Ryan amara todas elas. Mas ele era um cara de cidade pequena. É claro que ele amaria. Estas eram atividades de cidades pequenas.

Karina merecia mais do que isso de vez em quando. Ela merecia sofisticação, e hoje à noite, ele lhe daria exatamente isso.

Ryan fez reservas em um restaurante de muito bem avaliado em Lake Tahoe. Ele até conseguiu uma mesa imediatamente ao lado das grandes janelas panorâmicas que davam para o lago. O melhor de tudo é que ele reservou um horário que os colocava à mesa durante exatamente o momento certo para assistir ao pôr do sol sobre a grande extensão vítrea.

Havia poucas paisagens no mundo que eram mais espetaculares do que o festival de laranjas e roxos brilhantes que se misturavam enquanto o sol se punha abaixo do horizonte do lago Tahoe todas as noites.

E a verdade era que ele simplesmente sentia falta de Karina e estava empolgado em vê-la.

Estava ficando claro que ela era como uma droga para ele de várias maneiras. Não só ela tinha um efeito físico sobre ele como um narcótico, mas também levava o vício a um nível totalmente novo, fazendo-o desejá-la quanto mais ficava perto dela. Não havia isso de ficar satisfeito com ele

quando se tratava de Karina Blackstone. Nenhuma quantidade de tempo que ele passasse com ela, pelo resto de sua vida, satisfaria seu desejo por ela.

Ryan limpou as mãos nas coxas. Ele estava realmente nervoso quando estendeu a mão para tocar a campainha. Ele havia planejado a noite muito cuidadosamente e queria que fosse perfeita.

De fato, ela nem sabia o que ele havia planejado para eles. Ele queria que fosse uma surpresa. Tudo o que disse a ela era que ela deveria se vestir. Tudo o mais seria um mistério.

Ela gritou para que ele soubesse que ela estava descendo. Um momento depois, ele ouviu os calcanhares dela clicando na entrada. Quando ela abriu a porta para ele envolta em um vestido azul meia-noite, seus olhos se arregalaram e ele respirou:

— Cacete.

Karina sorriu e disse:

— Precisamente o efeito que eu estava buscando.

Quando ela saiu, ele apoiou a mão na base da coluna dela e a levou para a caminhonete. Ele honestamente se sentia o cara mais sortudo do mundo.

— E você está muito gato — disse ela, orgulhosa, olhando-o de cima a baixo. — Mal posso esperar para ver o que você planejou para nós essa noite. Eu amo surpresas. Elas são tão emocionantes.

— Espero que você goste — ele sorriu.

Ryan ajudou Karina a entrar na caminhonete, que ele havia lavado para esta ocasião. Então correu para o lado, ligou o motor e eles desceram a montanha.

Enquanto dirigia silenciosamente, Ryan ficou surpreso ao descobrir que estar todo vestido e a ocasião especial no ar parecia estar provocando todos os tipos de tensão sexual. Era como a tensão sexual normal de Karina e Ryan, que geralmente queimava entre eles, mas com esteroides. Ele gostou, é claro. Mas se ele não tivesse algum controle, teria que segurar o paletó na frente da calça quando eles caminhassem para a mesa.

Ryan virou-se para olhá-la e decidiu tentar uma conversa.

— Você está incrível — ele começou. — Linda.

Ela sorriu agradecida.

Enquanto a caminhonete acelerava pela cidade de Hope Falls e continuava descendo a montanha, Karina virou-se para Ryan, intrigada.

— Aonde estamos indo? — ela perguntou.

Ele sorriu.

— É uma surpresa.

A voz dela tinha uma ponta minúscula de apreensão quando ela insistiu:

— Não, sério, Ryan. Aonde estamos indo?

Ele olhou para ela e viu que ela estava falando sério. O plano tinha sido uma surpresa.

— Para Lake Tahoe — ele disse. — Para um restaurante incrível. Avaliações de quatro estrelas. E tem a vista mais insana do lago. Estaremos sentados lá enquanto o sol se põe.

— Você disse a eles que estávamos indo? — ela perguntou ansiosamente.

— Sim — ele disse.

Claro, ele podia ser um cara da cidade pequena. Mas ela pensava que ele era um caipira que não saberia que uma reserva precisava ser feita em um restaurante com avaliação quatro estrelas?

Eles dirigiram o resto do caminho a Lake Tahoe em silêncio, e Ryan percebeu que a qualidade desse silêncio era muito diferente do que era antes. Este não era o constrangimento excitante, carregado de sexo. Era tenso. Ryan lutou contra a crescente sensação de que havia feito algo muito errado, embora não tivesse certeza do que poderia ser.

Quando eles finalmente pararam na estação de manobrista, Ryan ficou aliviado. Ele tinha certeza de que, assim que entrassem no restaurante — quando ela visse como era bonito —, a tensão se dissiparia.

Mas quando ele abriu a porta do lado do passageiro para deixá-la sair, o único olhar que viu foi de preocupação.

— Karina... — Ele ia perguntar se ela queria ir embora, mas pelo canto do olho viu que o manobrista estava indo buscar suas chaves, segurando um ticket na mão esquerda para trocar por elas.

— Eles só têm um manobrista? — Karina perguntou a Ryan baixinho.

— Não sei — disse Ryan, sem saber para onde ela estava indo ou por que isso importava. — Você quer que eu pergunte? Você quer ir embora?

Ela balançou a cabeça. Olhando de volta para o atendente que quase os alcançara, Ryan viu que ele havia parado a um metro deles e estava imóvel, com o queixo caído.

— Oh, meu Deus, você é Karina Black — disse o garoto trêmulo, puxando o celular. — Posso tirar uma foto com você?

Sentindo-se protetor, Ryan sutilmente se colocou entre eles e disse:

— Na verdade, estamos apenas tentando aproveitar a noite.

A expressão do garoto desmoronou em uma mistura de decepção e constrangimento por uma fração de segundo antes de registrar o fato de que Karina passou por Ryan e estava sorrindo brilhantemente para ele.

— Claro. Eu adoraria tirar uma foto! — ela falou, pegando o telefone e entregando a Ryan. Ela passou o braço em volta do garoto e sorriu radiante enquanto ele tentava conversar com Ryan através de uma série de comandos que permitiriam ao telefone tirar a foto dele e de Karina.

Assim que a foto foi tirada, Karina se virou e entrou rápido no restaurante. Ryan estava ao lado dela e deu o nome à anfitriã. A jovem levou-os para a mesa, enquanto lançava olhares furtivos e vertiginosos para Karina.

Ryan estava tentando julgar como Karina estava se sentindo. Se ela estava desconfortável. Se estava chateada. Ele não conseguia ler. Do manobrista, à anfitriã, a todas as pessoas que olharam duas vezes quando a viram passar pela mesa, Karina ofereceu nada além de sorrisos abertos e ensolarados e um ar agradável e acolhedor.

Não havia nada de errado nisso. Só que não era Karina. Ela simplesmente não parecia... ela mesma. Karina era muitas coisas, mas *Little Miss Sunshine* ela não era. Ele a amava por isso. Ela era muito mais Rizzo do que Sandy, e ele não a queria de outra maneira.

No entanto, lá estava ela, engolindo seu verdadeiro eu, sorrindo e acenando para pessoas como uma debutante sulista nos anos 50. Ele não tinha certeza do que estava acontecendo, mas tinha certeza de que não era mais o responsável pela situação, se é que em algum momento ele conseguiu ser.

A anfitriã os levou à mesa e pôs os menus na frente deles com as mãos trêmulas. Ela se virou para ir embora, mas depois de dar apenas três passos, girou nos calcanhares e voltou, como se não pudesse se conter.

— Eu sinto muito. Eu sei que isso é, tipo, pouco profissional e você provavelmente só quer ser deixada em paz, mas eu sinto que tenho que lhe contar... — ela disse sem fôlego.

Karina colocou a mão no braço e disse encorajadoramente:

— Não, está tudo bem.

— Oh, Deus, eu só tenho que lhe dizer... — A garota se emocionou. — ... que eu literalmente ouvi “Baby, você é o único”, no *repeat* no último verão... tipo, durante todo o verão. Tipo... literalmente acabava, e eu literalmente começava de novo.

Karina sorriu, abraçou a garota e Ryan tirou uma foto das duas com seu próprio telefone, prometendo postá-la no Facebook mais tarde para que a garota pudesse pegá-la.

Karina parecia estressada. Tensa. E por que ela não deveria estar? Esse jantar íntimo e romântico não estava funcionando da maneira que ele pretendia.

Eles estudaram seus menus em silêncio e depois fizeram seus pedidos com um garçom que — Ryan agradeceu a Deus — era um homem de meia-idade que parecia não saber nem se importar com quem Karina era.

Mal tinham dado as primeiras colheradas na sopa quando um grito agudo ecoou pela sala de jantar. Ryan, surpreso, olhou em volta para ver o que havia acontecido. Ele viu duas meninas se separarem do grupo da família e se aproximarem da mesa.

— Oh. Meu. Deus! — gritou a mais jovem, que parecia ter onze anos. — Vocês são Karina e Ryan. Oh, meu Deus! São Karina e Ryan!

Ryan ficou chocado.

— Como vocês sabem quem eu sou?

A mais alta das duas explodiu:

— Duh! Porque assistimos ao seu vídeo umas mil vezes!

Ambas estavam pulando animadamente de um pé para o outro. Seus pais chegaram à mesa nessa hora, com a câmera pronta. As meninas correram em volta da mesa para ficar entre as cadeiras de Karina e Ryan, e os quatro se aproximaram.

— Digam *xis*! — disse com um sorriso o careca que Ryan supôs ser o pai das meninas.

Enquanto a família se afastava, as meninas conversando animadamente uma com a outra, Ryan ficou pasmo. Ele se sentiu como um cervo diante



de faróis. Sim, claro, ele sabia que o vídeo dele e Karina cantando juntos havia recebido milhões de visualizações. Intelectualmente, ele havia aceitado isso. Mas ele realmente não havia processado o fato de que cada um desses milhões de visualizações representava uma pessoa real — sentada na sala de estar em frente ao computador, deitada na cama com um iPad ou em qualquer outro cenário — observando o rosto dele. Escutando sua voz. Tornando-se consciente de algo que relativamente poucas pessoas no mundo até aquele momento sabiam ou se importavam — o fato de que Ryan Perkins existia.

Era um sentimento bizarro.

As exclamações agudas e altas das meninas sobre a presença de Karina haviam atraído a atenção de outros clientes, e as pessoas agora estavam murmurando e apontando para a mesa. Antes mesmo de terminarem a sopa, mais três pessoas pediram para tirar fotos com Karina. O gerente os espantara, mas infelizmente isso só havia atraído mais atenção para eles.

Ryan notou que o casal na mesa ao lado, um homem e uma mulher de meia-idade, estava ficando cada vez mais irritado com a perturbação. Eles continuaram olhando Karina de uma maneira que o deixou com raiva, mas ele não sabia se deveria dizer alguma coisa.

Ele sentiu como se estivesse em um terreno instável, e não gostou nem um pouco.

A mulher na mesa ao lado falou alto. Ela disse ao marido em um volume claramente destinado a fazer Karina e Ryan ouvirem:

— Algumas pessoas são tão rudes. Eles acham que são as únicas pessoas no mundo. Esquecem que existem pessoas comuns que só querem desfrutar de uma refeição em paz. Não. Eles não se importam.

— É verdade — concordou o marido. — E ela provavelmente nem terá que pagar pela refeição. Nós vamos ter que pagar pela nossa, com certeza. Mesmo depois que a rainha de Sabá aqui a arruinou.

Com isso, Ryan teve o suficiente. Ele se virou para dizer algo, mas Karina enfiou os dedos no braço dele e balançou a cabeça.

Ryan olhou para ela silenciosamente, pedindo que lhe deixasse dizer alguma coisa.

— Ryan, sério — ela insistiu com urgência acima de um sussurro. — Deixe pra lá. Estou falando sério.

Ele respirou fundo pelo nariz e expirou pela boca. A frustração estava crescendo dentro dele. Não por Karina, nem mesmo pela mulher ao lado deles. Apenas por toda a situação.

O garçom aproximou-se da mesa, parecendo um pouco desconfortável, perguntando se estava tudo bem.

Karina sorriu para ele, colocando a mão na carteira e habilmente deslizando o cartão Black Amex.

— Sim, obrigada. Você poderia me fazer um favor? Você poderia adicionar as contas de todas as mesas diretamente adjacentes a esta e cobrar neste cartão? E adicione uma gorjeta de vinte e cinco por cento para você também.

— Não, coloque no meu. — Ryan enfiou a mão no bolso para retirar o cartão.

— Não — Karina exigiu baixinho, seus olhos disparando *lasers* para Ryan, o que não deixava espaço para discussão. Então, voltando-se para o garçom, ela instruiu agradavelmente: — Por favor, coloque no meu cartão.

Os olhos do garçom se arregalaram um pouco, mas ele foi discretamente profissional demais para deixar transparecer qualquer indicação além daquele leve movimento. Ele olhou para o cartão e voltou para Karina.

— Muito bem, Srta. Black. Obrigado.

Antes que o garçom pudesse lhes trazer o prato principal ou até mesmo retornar com o cartão de Karina, a atmosfera no restaurante mudou. De repente, a mesa deles estava cercada por uma dúzia de pessoas que tentavam chamar sua atenção. O gerente e dois garçons estavam tentando fazer com que todos voltassem às suas mesas. Mas era como se estivessem se multiplicando mais rapidamente do que a administração podia controlar.

Mesmo com a desorientação temporária causada por essa repentina reviravolta, Ryan teve a presença de espírito de perceber que as pessoas que estavam ao seu redor agora estavam vestindo jeans e camisetas, sem todo o vestuário que usariam se estivessem de fato jantando naquele estabelecimento elegante. Essas pessoas foram ali especificamente para ver Karina.

Até Karina, que lidava com esse tipo de atenção do público regularmente com maestria, parecia um pouco assustada com essa virada.

Ela se esforçou para dividir graciosamente sua atenção entre as várias pessoas ao seu redor, cada uma se tornando mais intensa e insistente.

Ambos ouviram o sinal sonoro que indicava que Karina tinha uma mensagem de texto, e ela pegou o telefone da bolsa e olhou para o rosto.

— Oh, Deus — ela gemeu. — É o Bernie. As pessoas têm twittado que estamos aqui.

O gerente levantou a voz para o grupo de pessoas e insistiu em voz alta que, se tivessem uma mesa no restaurante, precisariam retornar a ela e, se não, precisariam sair. A multidão — que ainda estava crescendo — o ignorou completamente. Ele repetiu as mesmas instruções ainda mais alto e insistentemente. E foi novamente ignorado.

O gerente colocou a mão no ombro de uma mulher para chamar sua atenção e tentar fazê-la se mover, mas a mulher girou sobre ele, sacudindo sua mão.

— Não me toque! — ela gritou, um tom de histeria em sua voz. — Tire suas mãos de mim!

O gerente pareceu surpreso, para dizer o mínimo, com essa resposta maníaca e desproporcional. Ele olhou novamente para a multidão ao redor da mesa e, decidindo que isso era mais do que ele poderia assumir, anunciou em voz alta:

— Vou chamar a polícia. Qualquer pessoa que não tenha por que estar aqui deve ter ido embora quando chegarem.

Com isso, ele instruiu um de seus funcionários a ligar para a polícia.

Isso apenas pareceu alimentar o fogo do ventilador que os sufocava... Ryan estava ficando cada vez mais agitado, sentindo a situação girando fora de controle diante de seus olhos e completamente inseguro sobre o que fazer a respeito. Ele pulou da mesa, pegando a bolsa dela com uma das mãos e usando o braço oposto para tirá-la da cadeira.

Ele a protegeu no canto de seu braço e ombro, estendendo a mão que segurava sua bolsa na frente dele para bloquear os corpos aglomerados e abrir caminho para eles. Então praticamente correu com ela em direção à porta da frente e freneticamente entregou o bilhete ao manobrista.

— Por favor, se apresse — ele insistiu.

Enquanto esperavam o manobrista trazer o carro, começaram a sentir o disparar de luzes brilhantes, uma logo após a outra, bem diante dos olhos

deles. Ryan apertou os olhos e levantou a mão na frente do rosto. Karina gentilmente lhe deu uma cotovelada e se inclinou.

— São paparazzi. Não faça isso, a menos que queira terminar na capa de uma revista parecendo um *serial killer*. Apenas tente sorrir o mais naturalmente possível.

Ele olhou para ela, pensando que ela devia estar brincando, mas não. Ele ficou surpreso ao vê-la sorrindo e acenando para os três fotógrafos do outro lado da rua.

Ele tentou sintonizar o que eles estavam dizendo.

— Karina, seu novo parceiro de escrita é mais do que apenas uma aventura profissional?

— Karina, você não está saindo com Kyle Austen Reed?

— Karina, você está traindo?

— Karina, como você se sente ao ser pega traindo?

Ryan ficou furioso. Como eles ousavam desrespeitá-la assim? Ele nem sequer pensou na carranca perversa que devia estar crescendo em seu rosto até Karina dar uma cotovelada nele novamente, desta vez com mais força.

— Ryan, estou falando sério. Pareça agradável — ela sibilou entre os lábios sorridentes e os dentes cerrados.

Ele fez o seu melhor, mas tinha certeza de que tudo o que conseguia era uma expressão neutra.

Quando ele viu sua caminhonete se aproximando, seu braço apertou o ombro de Karina em preparação. Uma vez que o manobrista parou, Ryan abriu a porta do passageiro e a levou para dentro. Então ele correu para o lado do motorista, enfiou uma nota de vinte dólares na mão do manobrista e pulou na caminhonete, imediatamente partindo pela estrada sinuosa.

Ele olhou para trás várias vezes, preocupado que alguns dos paparazzi loucos e insistentes ou fãs tivessem se amontoado em seus carros e perseguido-os pela montanha. Mas depois de cinco minutos dirigindo em solidão e não vendo faróis aparecerem atrás dele, ele deu um suspiro de alívio.

— Não parece que eles estão seguindo — ele disse, os dedos abrindo e fechando ao redor do volante com energia ansiosa.

Karina, que estava olhando pela janela, não respondeu.

— Você está bem? — ele perguntou, depois de outro momento de silêncio.

Ainda sem resposta.

O silêncio se prolongou. Ele não sabia o que dizer ou se não dizer nada era o melhor curso de ação.

Finalmente, ela disse com uma voz plana e sem vida:

— Você disse que avisou a eles que estávamos vindo.

— Sim. Quer dizer, fiz uma reserva... — ele respondeu, perplexo.

— Mas você não disse a eles que era para mim. — Sua voz ainda estava sem emoção. — Você não disse a eles que eu estava vindo para que eles pudessem fazer arranjos.

— Arranjos? — Ryan perguntou. Ele se sentia como um completo idiota.

— Nos sentando em um canto isolado. Tendo uma entrada e saída nos fundos preparada e estacionando o carro ao lado dela. Avisar à equipe com antecedência para não divulgar nossa visita enquanto ainda estivéssemos lá. Isso não é LA, Ryan. As pessoas não estão tão acostumadas a ver celebridades aqui. O que aconteceu poderia ter sido muito pior.

Ryan não respondeu. Ele ainda estava tentando entender como essa noite maravilhosa e cuidadosamente planejada, que ele estava tão animado para passar com ela, poderia ter se transformado em uma pilha de merda caótica no espaço de vinte minutos. Ele simplesmente não conseguia entender.

— Ah, Merda! — ele de repente exclamou. — Eles ainda estão com seu cartão de crédito!

Ela deu de ombros, ainda sem desviar o olhar do que era aparentemente uma visão hipnotizante pela janela do passageiro.

— Eu ligo amanhã e peço desculpas por hoje à noite. Lauren irá comigo buscá-lo.

— Não, Karina — Ryan protestou. — Fui eu quem te meteu nisso. Eu pego.

— Não se preocupe com isso. Lauren irá — Karina disse em um tom que o deixou saber que ela não estava preocupada em incomodá-lo. Ela simplesmente não o queria lá.

— Tudo bem — ele disse calmamente.

A meia hora seguinte passou sem que nenhum deles falasse. Não sendo capaz de impedir o crescimento desse cânion crescente de constrangimento entre eles, Ryan tentou iniciar uma conversa.

— Karina, sinto muito pela forma como isso aconteceu. Eu simplesmente não sabia. Sei que você está chateada e tem todo o direito de estar.

Ela não disse nada por um longo tempo antes de responder de maneira tímida

— Não tenho vontade de falar sobre isso. Não estou chateada... apenas cansada.

Ele assentiu e eles seguiram o resto do caminho até a casa dela em silêncio. Quando eles pararam na garagem dela, ele começou a sair da caminhonete para dar a volta ao seu lado e abrir a porta para ela, como sempre fazia, mas antes mesmo de abrir a porta do motorista, ela abriu a sua e saiu, afastando-se do carro sem uma palavra para ele.

Ele a viu puxar as chaves da bolsa e mexer na fechadura. Ele estava sentado na caminhonete, observando-a. Mesmo que ela o odiasse, não havia como ele sair antes de ver que ela estivesse em segurança lá dentro.

Quando ela finalmente abriu a porta e a luz da entrada brilhou em seu rosto, Ryan viu que ela estava chorando. Antes que ele pudesse decidir o que — se é que podia alguma coisa — fazer sobre isso, no entanto, ela desapareceu dentro da casa, batendo a porta da frente atrás dela.

Depois de esfregar as mãos no rosto, frustrado, ele saiu do caminho e desceu a colina. Se ele pudesse chutar sua própria bunda, teria feito isso. A noite foi um desastre e tudo por culpa dele.

Ele sabia que tinha estragado tudo. Ele só não sabia o que fazer para consertar.



## CAPÍTULO 27



Ryan estava sentado em seu escritório, mais uma vez incapaz de se concentrar no *QuickBooks*, e mais uma vez porque não conseguia parar de constantemente procurar uma tela onde havia tirado fotos de Karina.

No entanto, esse ataque de distração não foi causado pela alegria, como da última vez, mas pelo desespero.

Fazia uma semana inteira desde o desastre em Lake Tahoe. Ryan ligou para Karina tantas vezes que poderia ser facilmente classificado como *stalker*, mas ela não atendeu o telefone. Então, ele aumentou a aposta e foi até a casa dela, mas ela instalou um sistema de segurança com uma câmera para poder ver quem estava na porta da frente e não abriu para ele.

Bernie e Davis o visitavam todos os dias e estavam ficando cada vez mais impacientes para que ele assinasse os documentos que continuavam a colocar na frente dele. No entanto, ele repetidamente disse a eles que não assinaria nada até falar com Karina.

*Dane-se, ele pensou, se ela não falar comigo hoje à noite, eu vou simplesmente acampar na porta dela.*

No momento em que começava a planejar a logística dessa mudança, ele ouviu um farfalhar de tecido na porta e seu nariz sentiu o aroma de perfume. Ele olhou com expectativa, esperando vê-la ali, mas ficou surpreso ao ver os outros três membros do Quarteto Fabuloso.

Ele sentou-se reto.

— Ei, senhoras. Estou surpreso em vê-las aqui. — Ele apontou para as duas cadeiras de visitantes em frente à sua mesa e então foi encontrar uma terceira.

Lauren o deteve.

— Tudo bem, Ryan. Eu pego.

— Então, vocês três estão aqui para reiterar para mim que idiota eu sou? — Ryan perguntou.

Para sua surpresa, as meninas honestamente pareciam não ter ideia do que ele estava falando.

— Como assim, idiota? Você não acha que todo o fiasco de Lake Tahoe foi sua culpa, acha? — perguntou Amanda.

Ele deu uma risada amarga.

— Sim, mas acho que não importa o que eu penso. Karina deixou bem claro que ela acha que foi minha culpa. Isso é tudo que importa.

O queixo de Sam caiu.

— Ela não acha que foi sua culpa!

A testa de Ryan franziu.

— Ela mal falou comigo no caminho de casa. Ela não retorna minhas ligações... imaginei que ela tivesse terminado comigo.

Amanda balançou a cabeça vigorosamente.

— Não, não! Viu? É por isso que foi uma boa ideia vir conversar com você pessoalmente. Eu esperava que fosse algum tipo de mal-entendido como esse.

— Que mal-entendido? — Ryan perguntou cautelosamente. Por mais que ele quisesse que isso fosse um grande mal-entendido, ele não estava disposto a ter esperanças.

— Ela não está brava. Está deprimida — Lauren informou. — Ela acha que você teve um vislumbre na outra noite de como é realmente estar com ela. O que isso implica. Ela acha que você seria louco por querer isso. Ela não quer isso para você. Ela acha que você merece Suzy Homemaker. Ela se convenceu de que vocês dois terminaram e que é o melhor. Acho que ela não está atendendo às suas ligações porque não quer que seja real.

“Também não ajuda que ela continue ouvindo de Bernie e Davis que há alguns papéis que você se recusa a assinar, e acho que eles têm algo a ver com trabalhar com ela. Então ela acha que você não quer mais.”

Balançando a cabeça, ele perguntou:



— Ok, bem, então por que ela comprou uma câmera de segurança para a porta da frente? Para que ela soubesse quando não responder, porque eu fui lá.

— Uau. Egocêntrico, alguém? — Lauren brincou. — Essas câmeras, todo esse sistema de segurança, é porque ela tem medo de que todo o desastre de Lake Tahoe a siga aqui até Hope Falls por meio de paparazzi ou fãs diligentes e investigativamente talentosos. A outra noite a assustou um pouco. Ela só quer estar segura.

Ryan recostou-se na cadeira, respirando profundamente. Foi a primeira respiração livre e profunda que ele conseguiu ter desde que Karina não estava falando com ele.

— E vocês vieram...?

Amanda assentiu.

— Não para exagerar, mas todos concordamos que reunir os dois é a única coisa que vai tirar Karina desse estado, e não podemos suportar vê-la tão infeliz. Não mais. Agora, precisamos que ela fale com você. Alguma ideia?

Ryan sorriu. Ele estava pensando em algo que queria fazer por ela.

— Eu tenho uma ideia. Eu tenho discutido por um tempo. É um pouco louca, e vai dar muito trabalho. Mas acho que será realmente especial. Vocês me ajudam?

Sam sorriu.

— Um pouco louca, muito trabalho e muito especial são nossa especialidade. O que você tem em mente?



Karina ouviu a campainha tocar alto de onde estava deitada na cama e continuou olhando para a frente como se não tivesse tocado. Soou uma segunda vez, ainda provocando nenhuma resposta. Depois da terceira vez, ela suspirou e relutantemente se levantou da cama. Então ela se arrastou

até o monitor da câmera de segurança para ver quem não estava disposto a deixá-la em paz.

Quando viu quem era, ela gemeu. Sam, Amanda e Lauren estavam todas de pé na varanda da frente, olhando diretamente para a câmera com expectativa. Ela não tinha gemido porque não estava feliz em vê-las. Pelo contrário, a visão delas à sua porta elevou seu ânimo levemente. Ela gemeu porque eram três das poucas pessoas no mundo que ela não podia simplesmente ignorar. Ela gemeu porque a presença delas à sua porta significava que ela realmente precisava levantar a bunda e sair da cama.

Karina apertou o botão do interfone e avisou que estava a caminho. Então ela fez questão de fazer as coisas com calma e desceu tranquilamente as escadas, antes de atravessar a entrada. Ela sabia que estava sendo petulante, mas não se importava.

Quando ela abriu a porta, as três mulheres entraram, com os braços cheios de sacolas de roupas, kits de maquiagem e várias bolsas penduradas nos ombros.

— O que está acontecendo? — perguntou Karina, examinando tudo o que elas estavam carregando através dos olhos estreitados. Tudo parecia desconfiado com coisas que eles poderiam tentar usar para arrastá-la para algum tipo de interação com o mundo exterior, e essa era a coisa mais distante de sua mente agora.

— Bem — disse Amanda brilhantemente —, pensamos que seria divertido fazer desfiles de moda, como fazíamos quando éramos crianças.

Karina bufou.

— Você pensou errado.

— Vamos, Kar! — Sam choramingou. — Nós tivemos todo esse problema só para fazer algo divertido para você! Reunimos todas essas coisas!

Karina balançou a cabeça.

— Obrigada pela consideração, meninas, mas receio que vocês tenham perdido seu tempo.

Lauren, no entanto, adotou uma tática diferente. Ela não balbuciou, implorou ou culpou. Ela simplesmente pegou a mão de Karina e a levou pelas escadas como se sua cooperação fosse uma conclusão precipitada.

— Vamos — disse Lauren em um tom direto, mas não sem compaixão. — É hora de se juntar à raça humana.



*Que diferença faz uma hora*, Karina pensou enquanto olhava para si mesma e para suas amigas, alinhadas ao longo de seu generoso espelho do banheiro, com maquiagem e produtos de cabelo espalhados por todas as superfícies disponíveis.

Elas estavam rindo e conversando enquanto faziam seus cabelos e maquiagem em estilos extravagantes, e foi honestamente a coisa mais divertida que Karina já fizera em um tempo — excluindo o tempo que passou com Ryan, é claro. Ela se sentia feliz, real e verdadeiramente feliz, com suas amigas. Ela sorriu para si mesma. Ela tinha a sorte de ter mulheres tão incríveis em sua vida, mulheres que se preocupavam com ela tão profundamente que se metiam em todo esse problema apenas para tirá-la da tristeza.

— Vamos. Vamos experimentar nossos vestidos! — Amanda chamou.

Elas correram para o quarto de Karina. Amanda, Lauren e Sam começaram a desfazer as malas e Karina entrou no closet.

Um momento depois, Karina apareceu com um vestido de chiffon esvoaçante em preto, com cristais brilhantes adornando a frente, parecendo nada mais do que diamantes em veludo preto ou estrelas no céu da meia-noite.

Amanda usava um vestido curto, vermelho, cor de carro de bombeiros que parecia fabuloso contra seus cabelos loiros e ondulados e combinava com o batom vermelho cereja que ela aplicara em sua boca de boneca.

Sam escolheu uma peça de seda no verde-esmeralda mais brilhante que Karina já vira. Seu cabelo ruivo queimava, rico e brilhante, contra o tecido luxuoso, e Karina pensou que nunca tinha visto Sam tão adorável.

Lauren, de sandálias altas e de tiras, se erguia sobre os três, vestindo um vestido leve e etéreo de deusa em azul royal, uma delicada corrente de ouro acentuando-o.

Karina soltou um assobio baixo de lobo.

— Caramba, meninas, estamos muito gatas! Não só bonitas. Gostasas mesmo! — ela declarou, e o resto concordou.

Elas ainda estavam no processo de parabenizar alegremente uma à outra quando tocaram a campainha.

— Sério?! — Karina exclamou. — Quem poderia ser?

— Eu atendo! — Amanda gritou atrás dela enquanto se afastava em direção às escadas.

Karina olhou para as outras duas, intrigada.

— Ela parecia estar escondendo alguma coisa?

Eles balançaram a cabeça, sem fazer contato visual.

Os olhos de Karina se estreitaram.

— Por que vocês acham que ela saiu tão rápido? Com ela vestindo aquela cor vermelha, era quase como se eu pudesse ver chamas atrás dela.

As outras duas deram de ombros, fazendo uma grande cena ao endireitar as sacolas de roupas e fechá-las novamente.

Karina estava prestes a fazer outra pergunta quando ouviu a voz de Amanda subir as escadas.

— Vamos lá, pessoal! Eles estão aqui!

Antes que Karina pudesse detê-las, elas passaram por ela. Karina suspirou. Não havia nada a fazer além de descer e investigar por si mesma.

Ela alcançou Sam e Lauren quando todas chegaram ao topo da escada e as seguiu. Na entrada, ela viu Justin, Jake e Eric parados ali, todos de smoking.

Ignorando a dor aguda no peito, culminando em uma sensação de enjoo no estômago, ela se forçou a sorrir. Foi muito gentil da parte deles organizar algum tipo de reunião formal para animá-la, mas ela realmente iria ser a única sozinha? Esse tipo de derrota não seria o objetivo da noite, que era animá-la e fazê-la sentir que perder Ryan era menos importante do que realmente era?

Ainda assim, eles eram amigos dela e obviamente tinham se esforçado bastante para fazê-la se sentir melhor. Ela estava determinada a ser corajosa, impedir que a dor vazasse para a voz ou para o rosto e não expressar nada ao resto do Quarteto Fabuloso, exceto agradecimentos profundos por todo o trabalho duro e carinho.

Amanda já estava de pé com Justin, que estava com os braços em volta dela, e quando Lauren e Sam pisaram nas escadas da entrada, foram até

Eric e Jake, dando-lhes beijos rápidos nas bochechas em saudação.

Karina estava parada na entrada, sozinha, fazendo um esforço consciente para manter o sorriso colado firmemente em seu rosto. Quando as amigas se separaram, ela viu um Ryan muito ousado entrar pela porta da frente, vestido com um smoking, os cabelos penteados e carregando um recipiente de plástico transparente com a orquídea mais bonita.

Isso era um *corsage*?

Karina olhou em seu rosto bonito e se sentiu impactada. Aturdida. Seria possível que ela tivesse esquecido o quão bonito ele era nesse curto espaço de tempo desde que se viram? Porque ela podia jurar que os solavancos que sua beleza física estava enviando através de cada centímetro de seu corpo agora eram dez vezes mais fortes do que nunca. Era como se ele fosse tão bonito que a chocara fisicamente.

— Ryan — ela respirou. Ela sabia que provavelmente estava pálida como um fantasma. Ela sentiu o sangue sair de seu rosto. E agora, não conseguia pensar em nada para dizer além do nome dele, que ela mal conseguiu sussurrar.

*Ele deve estar revisitando quaisquer pensamentos de caridade que já teve sobre o meu QI*, ela se repreendeu. No entanto, pela vida dela, não conseguia sair desse transe induzido por Ryan. Ela apenas o olhou.

Ryan foi até ela, com um sorriso gigante no rosto, e imediatamente a tranquilizou, inclinando-se e dando-lhe um beijo terno e prolongado. Foi maravilhoso, ela percebeu, porque encontrou exatamente o equilíbrio certo entre quente e doce, entre paixão e carinho. Assim como Ryan.

E assim, seu mundo se endireitou.

Quando Ryan se afastou, Karina mal registrou os assobios e aplausos das outras pessoas na sala. Foi assim que ela estava focada nos olhos de Ryan e no fato de estar de volta nos braços dele. Ela estava flutuando em uma nuvem. Ela estava em casa.

Ryan se afastou dela e disse:

— Eu tenho uma pergunta para você, Karina Blackstone. Você vai ao baile comigo?

Karina riu, sem saber o que ele queria dizer.

— O quê?

Ele sorriu para ela.

— É o seguinte. Você pode confiar em mim o suficiente para dizer que irá? Sei que a última surpresa não deu certo, mas adoraria a chance de me redimir.

O rosto de Karina se abriu em um sorriso largo.

— Sim! — Ela pegou as chaves da mesa do corredor e as jogou na bolsa, sentindo-se mais animada do que nunca.

O grupo saiu pela porta da frente e Karina viu uma limusine SUV esperando por eles.

— Uau, vocês se superaram! — ela disse entusiasmada.

O grupo se amontoou na limusine, maravilhado com todas as comodidades, e passou uma viagem divertida pela montanha brindando com champanhe, conversando e rindo. Karina ainda estava desfrutando da camaradagem fácil da limusine, mesmo quando parou.

— Isso foi rápido! — ela exclamou. — Onde estamos?

Um por um, cada um dos oito desceu e subiu para a calçada, Karina e Ryan por último. Quando ela saiu, percebeu que todos estavam do lado de fora da escola.

— O que, em nome de Jonny Cash, está acontecendo? — Karina perguntou, completamente confusa naquele momento.

— Vamos lá — Ryan disse com um sorriso, estendendo a mão para ela. — Confie em mim.

Ela devolveu o sorriso dele e colocou a mão na dele. Então eles caminharam juntos para a escola.

Quando o grupo chegou às amplas portas duplas que levavam à academia, Karina disse:

— Sério, pessoal. Eu realmente acho que estamos todos um pouco vestidos demais para assistir a um jogo de basquete!

Ryan apenas sorriu e abriu as portas.

Karina entrou no espaço cavernoso, hipnotizada.

Flâmulas estavam penduradas nas paredes e arquibancadas, balões flutuavam perto do teto e as luzes eram fracas. Alguém havia instalado uma bola de discoteca e ela girava, lançando festivamente luzes multicoloridas na multidão de mais de cem habitantes da cidade, todos vestidos com suas roupas de baile. Um DJ tocava uma *playlist* de músicas lentas e os casais estavam na pista de dança, encostados um no outro e se movendo lentamente.

Quando os olhos de Karina se ajustaram à luz fraca e ela começou a ver mais detalhes, ela notou que havia uma mesa preparada com bebidas e, no canto, havia uma estação para tirar fotos.

E no outro canto, como para completar a cena, estava Kyle, dando voltas e cumprimentando as pessoas como um político em campanha. Ele chamou sua atenção e se aproximou do grupo.

— Karina! — ele exclamou quando a alcançou. — Não é a coisa mais mágica que você já viu? Um baile! Para adultos! Que caprichoso! O que essa cidade vai pensar a seguir?

Com isso, ele se foi rapidamente, de volta à multidão para aproveitar a adoração transbordante.

Karina virou-se para Ryan, a emoção brilhando em seus brilhantes olhos escuros.

— É mágico! — ela insistiu. — Você fez isso? Você fez isso por mim?

Ele sorriu gentilmente, afastando os cabelos da bochecha dela.

— Não sozinho. Seus amigos ajudaram.

Ela se virou para eles.

— Pessoal! Eu não acredito nisso!

— Foi tudo ideia do Ryan — Amanda garantiu. — Ele lembrou que você disse que não tinha ido ao baile de formatura e achou que já era hora de isso ser remediado.

Karina passou os braços em volta do pescoço de Ryan e o beijou com força, nem se importando com o fato de estar manchando o batom. Valeu a pena.

Enquanto o grupo inteiro caminhava mais para dentro do ginásio, Karina perguntou:

— Como você conseguiu espalhar a notícia para todas essas pessoas sem que eu descobrisse? Em uma cidade desse tamanho? Essa é uma grande conquista!

— Sim — disse Lauren secamente. — Essa parte provavelmente teria sido muito mais difícil se tivesse ido à cidade esta semana.

Karina sorriu ironicamente.

— *Touché.*

Sam deu um pequeno salto de felicidade quando ela bateu palmas e disse:

— Chega de conversa. Vamos dançar!

Karina riu e disse:

— Eu poderia apoiar essa ideia. Ei, Ryan, seria muito ousado se eu perguntasse se eu poderia ter essa dança?

Ryan deu um sorriso sexy e ardente e disse suavemente:

— Você pode ter o que quiser.

Enquanto Karina e Ryan dançavam devagar, Karina disse:

— Desculpe por não ter atendido quando você ligou. Eu só... eu não sei...

Ryan balançou a cabeça.

— Não. Não peça desculpas. Eu sinto muito. É por isso que eu estava ligando, para tentar me desculpar. E o mais importante, para garantir que você estava bem.

Karina suspirou e deitou a cabeça no ombro de Ryan.

— Estou bem agora. E eu sinto muito. Nunca mais evitarei suas ligações.

— Bom — Ryan suspirou —, porque não poder falar com você foi uma tortura. Nunca mais quero passar por isso. Além disso, se eu precisar puxar outro grande gesto da minha bunda, quem sabe se o ginásio do ensino médio estará livre de novo?

Karina riu.

— Bom argumento.

Eles se moveram por um tempo em silêncio leve, apenas curtindo a música, dançando e ficando juntos.

Finalmente, Ryan disse:

— Então, Karina?

— Hummm... — ela murmurou.

— Eu odeio trazer à tona o que poderia ser um exterminador de humor, mas Henry apareceu três ou quatro vezes para me perguntar sobre isso...

Ela olhou para ele.

— Perguntar sobre o quê?

— Bem, você se lembra da onda de emoção por ter acabado de tocar no palco no Show de Talentos? Fizemos algo sem realmente pensar primeiro...

Ela sorriu maliciosamente, lembrando suas travessuras no escritório.

— Ah, eu me lembro — ela disse, infundindo toda a maldade que podia nessas três palavras. — E eu discordo de não ter pensado nisso. Era



a única coisa em que eu conseguia pensar nas semanas que antecederam.

Ryan riu com voz rouca.

— Isso não. Embora eu goste de onde está sua cabeça. Estou falando de quando concordamos em tocar novamente no Festival de Inverno.

Karina fechou os olhos. Assim que Ryan falou as palavras, a memória voltou rapidamente para ela.

Ela bateu a palma da mão na testa.

— Ryan, Deus! O Festival de Inverno é daqui a uma semana!

— Exatamente. É por isso que eu queria falar com você sobre o assunto. Ainda vamos tocar? O que você acha?

Karina balançou a cabeça.

— Eu não sei. Isso não poderia acontecer em um momento pior, com Bernie e Davis na cidade. Isso será apenas mais uma desculpa para eles me pressionarem a acelerar as negociações do contrato.

— Sim, eu sei o que você quer dizer. Eles têm conversado muito comigo sobre assinar contratos também. Eu disse a eles que não assinaria nada até falar com você.

Karina assentiu miseravelmente. Ryan não sabia, e ela nunca queria que ele soubesse, que ele estava sendo usado por Davis como um peão nas negociações de *Spintown* com ela. Se ele tivesse sido endurecido e calejado por muitos anos lidando nesse meio, não seria um choque. Mas Ryan não era assim. Ele era direto, honesto e sincero. Ele pegava a palavra de uma pessoa e acreditava nela. E, nossa, chame-a de egoísta, mas ela gostaria de continuar assim pelo maior tempo possível.

Ela olhou para ele e lentamente perguntou:

— Então você está a bordo? Você quer avançar com o acordo?

— Sim! Quero dizer, claro — ele se entusiasmou. — Uma oportunidade de tocar música e ser pago por isso, além de trabalhar com você o tempo todo? Tô dentro!

Ela sorriu encorajadoramente, mas tinha a sensação de que seu sorriso não chegava até os olhos. Essa suspeita foi confirmada quando Ryan inclinou a cabeça, olhando para o rosto dela com uma expressão de preocupação.

— O que há de errado? Você não tem certeza sobre o acordo?

Ela duplicou seus esforços para parecer e parecer entusiasmada.

— Não, quer dizer, sim. Sim, eu tenho certeza sobre o acordo por todas as razões que você acabou de dizer. É apenas, você sabe, uma coisa complicada de contratos. Bernie vai resolver isso para mim. Ele sempre resolve.

— Tudo bem — ele disse devagar. — Se isso é realmente tudo... — Ele parecia ainda não estar convencido.

Ela assegurou, sorrindo. Então ele a surpreendeu girando-a nos braços e fazendo seu corpo se inclinar para baixo. Ela soltou uma risada despreocupada, adorando a sensação de ser abraçada e apoiada por seus braços fortes e poderosos, tanto que ela tinha certeza de que faria um acordo com o diabo para ficar lá.

Talvez fosse exatamente o que ela estava fazendo.



Quando Karina caminhou até a mesa de bebidas, mais tarde naquela noite, ficou surpresa ao ver Renata servindo o ponche. Elas tiveram várias outras conversas sobre a mãe e o avô, e ela poderia dizer honestamente que esse foi o mais próximo que elas já estiveram. Mas aquele era o último lugar em que ela esperava vê-la.

— Vó! — ela exclamou, chocada. — O que você está fazendo aqui?

— Acompanhante — respondeu a avó.

Karina inclinou a cabeça e adotou uma expressão “faça-me o favor”.

— Os bailes escolares precisam de acompanhantes — reiterou Renata um pouco defensivamente, pensou Karina.

— Ah, sei — respondeu Karina, não convencida, pegando o copo de ponche que a avó lhe entregou.

Então, em um tom completamente indiferente, destinado a transmitir exatamente o pouco que ela pensou sobre o assunto, Renata disse:

— Estou surpresa que seu agente não esteja aqui.

Karina balançou a cabeça, colocando o ponche sobre a mesa.

— Olha só... Vó, você está *interessada* em Bernie?

Renata pareceu chocada.

— Esse foi um comentário desprezível. Você não percebeu pelo meu tom?

— E o fato de você ter tomado a decisão muito improvável de vir servir de acompanhante esta noite?

Renata fez um gesto para Sue Ann, que estava trabalhando do outro lado da mesa, entregando lanches.

— Eu não sou a única. Sue Ann também está aqui.

Ao ouvir seu nome, Sue Ann se apressou alegremente, dando a volta na mesa para cumprimentar Karina com um abraço.

— Você gostou da sua festa, querida? — ela perguntou.

— Eu amei! — Karina sorriu. — Não acredito que Ryan tenha tido todo esse trabalho só por mim.

— Bem, muitos de nós ajudamos — disse Sue Ann.

— Oh, que bom — disse Karina, aliviada. — Quero dizer, só a comida deve ter custado uma fortuna.

— Oh, não — corrigiu Sue Ann. — Eu quis dizer que todos nós trabalhamos em decorar e divulgar que aconteceria. Ryan pagou por tudo.

— Oh — Karina disse miseravelmente. — Eu odeio que ele tenha se endividado por isso. Eu sei que pode não ser fácil.

Sue Ann olhou para ela, intrigada.

— Ele tem muito dinheiro, querida.

Karina correu para explicar:

— Ah, não, Sue Ann. Eu não quis ofender com isso! Tenho certeza de que o café vai muito bem!

Sue Ann bufou.

— Não tem nada a ver com o café. Ryan não leva um centavo do meu dinheiro por me ajudar. Não, quando os pais dele venderam o rancho no verão passado, eles dividiram o dinheiro entre eles e Ryan, já que teria sido dele, se não o tivessem vendido. Eles consideraram sua herança.

Karina sorriu.

— Tenho certeza de que é uma boa economia.

Sue Ann riu de novo e, ao voltar para o lado da mesa para continuar trabalhando, disse por cima do ombro:

— Se você considerar alguns milhões de dólares por ano, uma boa economia, então sim, é isso que é.

Renata e Karina trocaram olhares assustados.

Karina parecia não conseguir processar a informação.

*Ryan era um milionário? Como ela não sabia disso?*

Eles precisavam ter uma conversa.

Ela o encontrou onde ele estava sentado na arquibancada, conversando com Justin e os rapazes. Ela pediu para falar com ele, e eles saíram para o corredor.

Quando eles estavam no corredor e fora do alcance da multidão, Karina virou-se para ele, respirou fundo e depois lentamente disse:

— Estou sendo fiel à minha nova resolução de falar com você sobre as coisas, em vez de ignorar e evitá-las.

Ryan parecia confuso.

— Uau. Eu estraguei tudo tão cedo? O que eu fiz?

Ela balançou a cabeça.

— Por que você nunca me disse que seus pais venderam a fazenda?

Ele soltou uma risada assustada.

— O quê?

— Sua avó acabou de me dizer que seus pais venderam a fazenda deles e agora você tem milhões no banco pela venda.

— Rancho — ele corrigiu.

— É sério isso?

Ele sorriu.

— Desculpe. Resposta reflexa. E acho que não contei porque... não sei... não achei que isso importasse?

Ela encolheu os ombros.

— Provavelmente não deveria. Mas eu me sinto um pouco desequilibrada por você nunca ter dito nada sobre isso.

— Não sei por que você acha que eu diria. Duvido que você vá contar às pessoas o seu saldo bancário também.

*Sim. Justo.*

Enquanto pensava nisso, Bernie irrompeu pelas portas da academia, quebrando o momento e exclamando:

— Aí está você! Tenho tentado entrar em contato com você. Você já viu isso, garota?

Com isso, ele lançou a última edição da *People Magazine* para ela. Ela a pegou nas mãos e olhou para ele. Na parte superior da capa estava estampada a manchete em negrito: “Quem ela escolherá?”

A foto foi dividida em duas partes, na tela. A primeira era uma captura de tela do beijo rápido entre ela e Kyle do vídeo do YouTube. A segunda foi uma foto de paparazzi dela e Ryan saindo do restaurante em Lake Tahoe.

Karina ficou subitamente irritada demais. Ela jogou a revista no chão, frustrada.

— É sério isso?! Eles não podem me deixar em paz para viver minha vida?

Bernie assentiu com simpatia.

— Sim, eu sei. Então, o que você quer dizer a eles?

Ela suspirou e tentou organizar seus pensamentos.

— Ok. Apenas diga a eles que Ryan e eu vamos trabalhar juntos no meu próximo álbum. E dê a eles um “sem comentários” sobre Kyle Austen Reed.

Bernie assentiu.

— Boa, garota. — Ele balançou as sobrancelhas, fazendo o seu melhor na representação de Groucho Marx. — Agora, se você me dá licença, eu tenho que ir ver uma senhora para falar sobre um ponche — ele disse e voltou para o ginásio.

Karina virou-se para Ryan, incrédula.

— Você acredita nisso?

Ryan deu de ombros.

— Quero dizer, são uma revista de fofocas de celebridades. O que você espera?

— Ah, sim. Na verdade, eu estava falando sobre Bernie e minha avó, mas sim. A capa da revista também.

Ryan olhou para ela uniformemente.

— Então, é essa a história toda? Vou colaborar no seu próximo álbum?

Karina ficou surpresa.

— Essa é a história para o público. Não tem nada a ver com a nossa vida real.

— Eu pensei que você estava chateada quando Kyle disse a mesma coisa quando o vídeo saiu. Quando perguntei o porquê, você me disse que

não comentar era tão bom quanto dizer que você estava em um relacionamento — ele disse, parecendo calmo.

Quase calmo demais.

— Sim, mas se eles pensam que estou com Kyle, eles nos deixam em paz. O mundo pode pensar que estou com ele, mas estarei com você. Em paz — Karina tentou explicar.

Ryan riu amargamente. Ele pegou a revista e olhou para a capa.

— Karina, talvez seja esse o problema. Você vive duas vidas há tanto tempo que nem sabe qual é real. A versão da superstar “Karina Black” para o público ou a versão discreta “Karina Blackstone” que você tenta viver aqui. É isso que realmente te incomoda sobre o meu dinheiro? Quando você pensou que eu era apenas um menino pobre do campo, eu me encaixava muito bem na sua fantasia de cidade natal. Agora que você sabe que tenho dinheiro, essa ilusão não se encaixa mais. É por isso que você não quer assinar os papéis e sair em turnê comigo? Porque, na sua cabeça, eu era apenas o seu pequeno garoto da cidade e você não quer me tirar do papel que me colocou nessa novela? — Ele pegou a revista e a exibiu como se fosse usada como prova A no julgamento em que ele a colocara.

Sem saber como responder a essa linha de questionamento, Karina ficou sem fala, atordoada pelas acusações que Ryan estava lançando contra ela.

Ele balançou a cabeça tristemente, devolvendo a revista para ela.

— Você precisa escolher, Karina. Você precisa decidir o que quer da vida. Se é uma vida simples e pequena na cidade comigo aqui, sou bom nisso. Se é para você e eu sairmos em turnê juntos, eu também estou dentro. Se é para me deixar completamente para trás, odeio, mas posso lidar com isso também. A única coisa com a qual não posso lidar, e não vou lidar, é com esse limbo constante e uma história para uma pessoa, uma história para outra. O que você quer da vida, você precisa decidir. Não posso te fazer feliz com sua vida, Karina. Somente você pode fazer isso por si mesma. Você precisa escolher.

Ryan devolveu a revista calmamente a ela, depois girou nos calcanhares e caminhou pelo corredor com passos poderosos que exalavam a autoridade sem esforço que era exclusivamente dele.

Relutantemente, Karina voltou-se para a festa e viu que Kyle estava parado na porta, olhando-a com um olhar triste e quase simpático no rosto.

Foi o mais perto que ela o viu de parecer totalmente sincero, com quase nenhum traço de seu talento dramático em exibição.

Recompondo-se, Karina disse:

— Ei, Kyle. Há quanto tempo você está aí?

Kyle sorriu docemente e estendeu a mão para ela.

— Não muito. Vamos lá, querida. Precisamos entrar. Eles estão prestes a nos anunciar como rei e rainha do baile.

Quando ele a puxou para o ginásio, ela ainda estava tentando se orientar. Ela perguntou:

— O quê? Como você sabe que seremos nós?

Ele olhou para ela como se ela fosse louca e nem se deu ao trabalho de responder à pergunta.

Quando, momentos depois, eles foram de fato anunciados como rei e rainha do baile, ele sorriu para ela brilhantemente, como se lhe mostrasse como tinha sido tolo questionar se a honra poderia ter sido para qualquer outra pessoa.

Karina seguiu Kyle até a pequena plataforma em uma das extremidades da academia. Kyle ergueu as mãos para acalmar a multidão animada, e eles obedeceram alegremente, olhando para Kyle, com expectativa, esperando ansiosamente pela oportunidade de acreditar em cada uma das suas palavras.

Ele estendeu a mão e tirou a revista das mãos dela. Ela olhou para ele, assustada, de repente aterrorizada ao ouvir o que poderia sair da boca dele.

Kyle adotou um ar grave e abaixou a cabeça por um momento, fazendo uma cena como se estivesse decidindo sobre o que falar. A tensão na multidão cresceu até que todos no grande ginásio estivessem focados nele antes mesmo que dissesse uma palavra.

*Droga, ela pensou. Diga o que quiser sobre Kyle Austen Reed, mas o cara é bom no que faz.*

Finalmente, ele levantou a cabeça para olhar a multidão. Karina gemeu interiormente quando viu que ele tinha lágrimas nos olhos.

*Não é um bom sinal, ela pensou.*

— Tenho um anúncio a fazer — ele começou —, e é algo que acho que pode ser chocante e possivelmente até traumático para muitas pessoas aqui.

A atenção da multidão permaneceu extasiada, concentrada nele. Eles estavam encantados.

Kyle levantou a revista para a multidão ver.

— Acho que a maioria de vocês já viu isso — continuou ele —, e sendo assim, acho que a maioria de vocês provavelmente esperou com um suspense quase intolerável, como eu, para saber qual seria o resultado da decisão de nossa adorável Karina. Como a capa pergunta tão apropriadamente... quem ela escolherá? Quem, de fato?

Kyle parou para ver o efeito, olhando para baixo e depois para cima novamente duas batidas depois.

— Agora, esse trágico triângulo amoroso foi fonte de tremenda emoção, drama e desgosto para todos os envolvidos. Mas tenho que lhes dizer — ele disse — que, no corredor, acabei de testemunhar uma cena que tocou meu coração e alma e me ajudou a tomar uma decisão muito importante, embora difícil. Eu testemunhei Ryan e Karina discutindo sobre esse mesmo artigo. Não ouvi tudo, mas o que ouvi foi que Ryan terminou dizendo: “Karina, você precisa escolher.” E, senhoras e senhores, quando ela se virou e vi o rosto dela, vi uma coisa claramente. Ela já escolheu, embora eu tenha certeza de que ela não foi capaz de reconhecer isso para si mesma.

Kyle Austen Reed passou o braço em volta do ombro de Karina e a puxou para perto.

— Karina, minha querida, meu amor... Não quero nada mais do que ver você feliz. Eu sei que essa é uma escolha arrasadora para você. Eu sei que você se sente dividida entre dois grandes amores. Sei que você sente como se seu coração estivesse sendo rasgado em dois. Mas você e eu, minha querida, devemos encarar a verdade. Você está apaixonada por Ryan. Eu vejo isso agora. E eu sei que você nunca poderá reunir forças para me deixar ir. Então eu estou tomando a decisão por você, Karina. Estou me retirando da equação.

Ele se afastou dramaticamente do microfone.

Lançando os braços abertos para o lado, ele disse:

— Estou libertando você, Karina Black! Vá! Siga seu coração! Fique com Ryan! Você tem minha bênção!

Com isso, ele saiu rapidamente do auditório. A multidão ficou em um silêncio atordoado até Sam dar alguns passos à frente. Claramente



apanhada na emoção da performance, ela começou a bater palmas lentamente. Outros se juntaram gradualmente até que todo o ginásio ressoava com aplausos estrondosos.

— Kyle Austen Reed, pessoal! — Sam gritou com entusiasmo. — Kyle. Austen. Reed!

Karina, que não conseguia processar a cena bizarra que acabara de se apresentar na frente dela, de repente percebeu. De uma maneira estranha, Kyle realmente deixou claro para ela exatamente o que ela precisava fazer a seguir. Seu gesto galante, embora dramático e um pouco ilusório, realmente serviu para esclarecer seu pensamento.

Ela saiu correndo pela porta lateral do auditório. A única coisa que restava a fazer era dizer a Ryan.



## CAPÍTULO 28



*A*inda usando seu vestido preto esvoaçante, Karina correu pelas ruas vazias e escuras de Hope Falls. Por meio quarteirão, ela tentou acelerar pela rua de salto alto, mas não conseguiu. Parando, ela os removeu e segurou nas mãos antes de começar a correr novamente.

Ela percebeu que devia compor uma imagem insana: descalça, lágrimas e rímel escorrendo pelo rosto, correndo como um animal selvagem por uma rua vazia. Tudo, é claro, enquanto usava um vestido de alta costura, completo, com uma faixa e uma tiara de rainha do baile. Não era algo que uma pessoa visse todos os dias.

Karina correu até a porta da frente do Sue Ann's Café e puxou. Claro que estava trancada. O café estava fechado. Mas Karina não desistiria tão fácil dessa vez. Quando contou a Ryan a história humilhante de Sue Ann encontrá-la sentada no chão diante da porta do café, ele riu e mencionou casualmente a localização da chave escondida que destrancava a porta dos fundos.

Karina correu para o beco dos fundos, pegou a chave do esconderijo seguro e entrou na cozinha, trancando a porta atrás de si e colocando a chave no balcão de aço inoxidável.

Ela correu pela cozinha, subiu as escadas e bateu freneticamente na porta, chamando:

— Ryan! Ryan, abra a porta! Eu escolhi! Ryan, eu escolhi!

A porta se abriu e, diante dela, tudo ficou um tanto confuso diante da visão de Ryan, com os cabelos um pouco despenteados, descalço, vestindo

nada além de um par de jeans desbotados, usados muito baixo nos quadris finos e fortes.

Ela ficou momentaneamente distraída com a visão do peito dele, que seus olhos seguiram descendo, descendo, descendo... todo o caminho até o lugar onde sua trilha feliz desaparecia sob seu jeans.

Ela não percebeu que tinha ficado em silêncio até Ryan limpar a garganta, trazendo seus pensamentos de volta à terra. Ela levantou o olhar para encontrar o seu meio sorriso sexy e consciente.

Ela sorriu de volta.

— Você estava certo, Ryan. Eu tinha que escolher. Eu tinha que descobrir o que queria da vida, e agora eu sei.

— Deixe-me adivinhar — brincou Ryan. — Tem algo a ver com uma tiara?

— Sim. É o que eu uso para tomar todas as minhas decisões importantes. — Ela sorriu através das lágrimas.

Ela entrou no apartamento passando por Ryan, tirando a tiara da cabeça. Depois de colocar o sapato na estante dele, ela tirou a faixa e a jogou na mesa da cozinha.

Então ela se virou para ele, pegou suas mãos e disse:

— Ryan, eu escolhi você. Eu escolho você, Ryan. Qualquer que seja a forma que assuma. Se ficarmos aqui em Hope Falls, que assim seja. Se formos escrever músicas e sair em turnê juntos, isso é fantástico também. Eu finalmente entendi. Eu percebi... isso realmente não importa. Não importa como será a nossa vida juntos. A única coisa que importa é que estaremos juntos e que é a nossa vida. Eu acho que parte do motivo pelo qual eu fui tão fechada foi porque eu estava com medo de que minha mãe realmente tivesse me deixado. E sabe de uma coisa? Ela me deixou. Minha avó me contou a história toda e me mostrou que família é quem fica. Eles não vão embora. Você é minha família. Você é minha casa. De agora em diante, não é mais uma escolha *minha*. Nunca mais. É uma escolha *nossa*. Estamos juntos nisto.

Karina recuou, colocando uma mão em cada lado do rosto dele, olhando ternamente para seus olhos, e repetiu:

— Eu escolho você.

Ryan olhou em seus olhos tão intensamente que a deixou sem fôlego. Então, com uma repentina surpresa e emocionada, ele passou os braços em

volta da cintura dela e a pegou do chão, devorando-a com fome em um beijo reivindicador. Ela sentiu o beijo dele até as pontas dos dedos das mãos e dos pés. Ele a arrebatou. Movendo seus lábios contra os dela, suas línguas colidindo em uma dança erótica, alimentando sua excitação.

Ele partiu sem fôlego e a olhou diretamente no rosto. Sua expressão era de admiração, descrença, carinho e fome ao mesmo tempo.

— Eu amo você — ele disse em meio à respiração. — Eu te amo, Karina Blackstone.

Ofegando, ela sorriu para ele, seu próprio nível de admiração combinando com o dele.

— Eu também te amo, Ryan. Eu te amo muito.

Ryan gentil e lentamente passou uma mecha atrás da orelha dela. Ela adorava quando ele fazia isso. Fazia com que ela se sentisse querida e muito bem-cuidada. Ela esperava com todo o seu coração que fosse capaz de fazer Ryan se sentir tão amado como ele a fazia se sentir.

Ao pegá-la, ele a embalou em seus braços, como se um noivo levasse uma noiva para o outro lado do limiar enquanto literalmente a arrastava. Ele caminhou pelo corredor até o quarto e, depois de chutar a porta com o pé, ele levou Karina para o quarto como se ela fosse a carga mais preciosa do mundo.

Ele deitou Karina na cama, segurando-a com cuidado, como se ela pudesse quebrar. Então, novamente, colocou os cabelos atrás da orelha dela e sorriu.

Ela se inclinou para começar a beijá-lo novamente, e ele moveu a cabeça para trás, desviando dos lábios dela e balançando a cabeça. As pontas dos dedos continuaram a exploração de sua pele macia, passando por cima de seus braços e ombros, às vezes fazendo pequenos círculos ou arabescos, mas nunca parando seu movimento constante e nunca interrompendo o contato com sua pele.

Karina estremeceu e apreciou a sensação, mas depois de alguns momentos, ela estendeu a mão novamente e tentou abraçar Ryan.

Ele sorriu e empurrou os ombros dela de volta para a cama, inclinando-se e sussurrando em seu ouvido.

— Apenas relaxe e deixe-me te tocar.

Então ele deu uma mordidinha no lóbulo da orelha dela.

Um arrepio de excitação percorreu o corpo de Karina, e ela honestamente não sabia se tinha sido causado pela sensação dos dentes dele agarrando seu lóbulo da orelha ou por suas palavras gentilmente controladoras.

Ela suspeitava que, como tantos talentos eróticos de Ryan, era a combinação de ingredientes misturados e cronometrados tão perfeitamente que dava a todo o seu ser a emoção de prazer que atualmente corria de um lado para o outro do corpo.

Ela relaxou no colchão macio, a cabeça apoiada em um monte de travesseiros estofados de Ryan. Não era de sua natureza abrir mão do controle de maneira tão voluntária — na cama ou em qualquer outro lugar —, mas ela estava aprendendo com Ryan.

Essa era uma das coisas que ela amava profundamente nele. Mais uma vez, na cama ou em qualquer outro lugar, eles compartilharam um equilíbrio de poder crepitante. Um deles estaria no controle. Então seria o outro. E então o equilíbrio mudaria. Nunca era totalmente igual, de um jeito ou de outro, mas nunca esteve de um lado ou de outro por muito tempo. O jogo sutil de emoções e sexo era uma das coisas mais intelectual e eroticamente estimulantes que Karina já experimentou, e era uma das coisas que ela podia ver tornando o relacionamento divertido com os anos ou mesmo décadas no futuro. Eles se surpreenderiam constantemente.

Enquanto Ryan lentamente acariciava e massageava sua pele, avançando cada vez mais para o sul com o passar dos minutos, ele sutilmente desceu seu vestido. Quando estava em volta da cintura dela, levantou seus quadris da cama e o deslizou para fora em um movimento suave.

Voltando à tarefa em questão, ele continuou acariciando-a lenta, metodicamente e com amor. Ele passou as mãos em padrões pela barriga e na parte superior das coxas, sempre se certificando de se afastar da única área para a qual Karina mais queria que ele voltasse sua atenção.

Por mais que ela quisesse continuar deixando Ryan guiar esse momento, estava prestes a tomar controle do volante, se ele não mudasse de marcha logo. Quando o dedo áspero dele deslizou por baixo das laterais da calcinha e começou a deslizá-las lentamente pelas pernas, ela quis se contorcer. Mesmo que eles definitivamente estivessem indo na direção certa, ele ainda demorou, deixando-a sentir o tecido que passava por cada

centímetro de pele. Ele a deslizou sobre os dedos e a jogou para o lado antes de voltar para ela.

Ela observou o olhar dele levá-la, lentamente, da cabeça aos pés. Ela já estivera nua com ele antes — mais de uma vez, na verdade —, mas nunca se sentira tão nua como agora, deitada na cama enquanto ele estava vestido ao lado dela, examinando cada centímetro da carne nua dela.

Uma emoção de antecipação e luxúria percorreu sua espinha quando ele se inclinou sobre ela e começou a acariciá-la novamente, prestando mais atenção às áreas que ele havia encoberto antes. Ele deslizou as mãos para cima e para baixo ao longo dos lados dela, na parte interna das coxas e depois por fora. As pontas dos dedos tocaram levemente a pele, aproximando-se cada vez mais do centro úmido e pulsante de sua excitação, que agora doía por seu toque.

Sua pele estava completamente coberta de arrepios agora, sua respiração era superficial e rápida e seu peito estava corado de excitação. Seus quadris se contraíram impacientemente, uma resposta totalmente involuntária, quando ela encontrou os olhos dele e silenciosamente implorou pelo que precisava: a sensação dos dedos dele em sua carne mais macia.

Ele sorriu para ela e nunca quebrou o contato visual enquanto sua mão voltava a subir, e as pernas dela se abriram ainda mais do que antes.

Ainda olhando diretamente nos olhos dela e sorrindo, ele correu os dedos para cima e para baixo em seu monte quente e úmido, provocando-a por nunca dar muita atenção ao seu botão de prazer, o único lugar em que suas carícias poderiam acabar com sua doce tortura. Não. Seus dedos roçavam ali apenas o tempo suficiente para fazê-la palpitar com intenso prazer, apenas o suficiente para fazê-la gemer e arquear as costas, e então deslizavam mais uma vez.

Finalmente, até essas carícias prazerosas de sua pele lisa se tornaram demais para suportar, e ela agarrou seu antebraço, implorando com ele ainda mais desesperadamente com seus olhos, implorando silenciosamente que ele a libertasse.

Com isso, ele sorriu para ela novamente. Ele ainda mantinha seu contato visual intenso com ela, e ela estava determinada a não ser a primeira a quebrá-lo. Não. Mesmo quando ele a levou ao mais alto plano de êxtase, ela exercitou toda a sua força de vontade para não revirar os

olhos ou até mesmo jogar a cabeça para trás. Não. Ela o olhava nos olhos quando ele dava ao seu corpo o maior prazer.

Enquanto Karina ainda segurava o braço dele em seu aperto desesperado, Ryan moveu a mão levemente para a frente e empurrou dois dedos dentro de sua passagem apertada. Ela ofegou e seu corpo imediatamente se apertou ao redor deles.

Ryan começou a trabalhar os dedos para dentro e para fora, movendo-os lenta e firmemente em um movimento convidativo, atingindo todos os pontos sensíveis que existiam dentro de seu corpo. Cada movimento de seus dedos fortes e seguros enviou ondas elétricas novas e poderosas através de seu corpo, e sua respiração começou a acelerar e ficar fora de controle. Ela arqueou as costas e apertou seu braço. Então seus olhos se arregalaram, ainda olhando nos dele, e ela ofegou.

Talvez sentindo que ele a havia empurrado o mais perto possível do limite, sem realmente ultrapassá-lo, Ryan ergueu o polegar e começou a acariciar seu inchado centro de prazer, ao mesmo tempo em que seus dedos continuavam a fazer magia dentro dela.

Imediatamente, ela explodiu. Fogos de artifício de prazer explodiram profundamente em seu torso, irradiando para fora, deixando-a tonta, mas nunca roubando completamente sua consciência. Desta vez, ela não deixou. Desta vez, ela estava determinada a olhar nos olhos de Ryan durante todo o orgasmo, por mais poderoso que fosse.

Quando ele viu o que ela estava fazendo — convulsionando em prazer orgástico, mas nunca deixando seus olhos se afastarem dos dele —, um sorriso satisfeito se espalhou por seu rosto.

Mesmo antes de ela terminar de chegar ao clímax, ele usou a mão livre para se livrar do jeans e deslizar a camisinha que arrancou da mesa de cabeceira.

Com o orgasmo ainda pulsando pelo corpo, ela viu Ryan tirar a mão de dentro dela, subir entre suas pernas e mergulhar inteiramente nela.

Ela gemeu baixo enquanto envolvia seus braços e pernas ao redor dele, seus movimentos lentos incentivando seu prazer, deixando-a respirar. Ela acariciou seu rosto e seus cabelos enquanto ele se movia suavemente dentro dela, declarando ofegante:

— Eu te amo, Ryan. Eu te amo — repetidamente em seu ouvido.

Quando ela recuperou as forças, começou a mover os quadris em um ritmo que correspondia ao dele, e ele a abraçou, apoiando a testa na dela e sussurrando:

— Você é minha, Karina. Eu te amo.

Depois disso, o ritmo dele acelerou, e Karina combinou seus movimentos com os dele. Ela passou as mãos pelas costas nuas, que agora estavam escorregadias de suor, e adorou a sensação de seus músculos fortes se contraindo e relaxando enquanto ele empurrava para dentro e para fora dela.

De repente, ela sentiu todos os músculos das costas dele se contraírem ao mesmo tempo, e ele se curvou sobre ela, puxando-a para mais perto em seus braços. Ela levantou os quadris para encontrar os dele e apertou os braços e as pernas ao redor dele quando ele alcançou seu clímax.

Quando seus músculos relaxaram e ele se afastou de seu abraço apertado, ele amorosamente afastou os cabelos da testa e cobriu o rosto dela com beijos suaves. Ela continuou a acariciar os cabelos dele, e adorava a satisfação suave e felpuda que os envolvia como um cobertor, enquanto eles estavam suados e sem fôlego, acariciando um ao outro com ternura enquanto sussurravam seu amor mútuo.

A última coisa que Karina teve conhecimento foi a sensação feliz de relaxar completamente contra o peito forte de Ryan, fechando os olhos e — pela primeira vez em sua vida — se afastando em nuvens suaves de sono enquanto era envolvida nos braços do homem que amava.





## CAPÍTULO 29



Karina e Ryan estavam sentados em sofás puídos na sala dos fundos do auditório da Hope Falls High School, local do Festival de Inverno. Disseram a Henry que ficariam felizes em tocar, principalmente porque o dinheiro beneficiava o departamento de música do ensino médio.

Karina não sabia o que isso significava para eles profissionalmente. Eles ainda precisavam se reunir com Bernie e Davis e discutir todos esses detalhes. Mas, honestamente, Karina não se importava. Ela estava com Ryan, o resto era irrelevante. Essa era a única parte importante.

Se isso significava uma carreira próspera na música *mainstream* ou uma operação *indie* do tipo faça você mesmo baseada em Hope Falls, era indiferente para Karina. Ela faria seu melhor trabalho e faria sua melhor música, independentemente das circunstâncias, e o faria com Ryan. A vida não poderia ser melhor.

Como se convocados por seus pensamentos, Bernie e Davis entraram no camarim improvisado, com sorrisos largos em seus rostos.

Karina riu.

— Bem, vocês dois parecem com o gato que engoliu o canário.

Bernie bateu no ombro dela.

— Isso, garota, é porque acho que finalmente fizemos um acordo que nenhum de vocês pode recusar.

Karina ficou intrigada e sabia que Ryan também devia estar. Afinal, Bernie e Davis estavam agindo como se estivessem em negociações ativas

o tempo todo, enquanto ela e Ryan pensavam que as coisas estavam estagnadas.

Ryan franziu a testa, abriu a boca para falar, mas Karina pulou antes que ele pudesse com um simples:

— Estamos ouvindo.

Bernie orgulhosamente brandiu os papéis grossos, exclamando:

— Basicamente, eis o negócio, garota. Você obtém controle criativo total de cinquenta músicas dos seus próximos seis álbuns. Os outros seis terão um produtor externo, mas você terá a escolha final sobre esse produtor. Você ganha mais controle criativo sobre direção de arte, imprensa, guarda-roupa etc. A ideia é que ajudemos seus fãs a entender a versão discreta e desconectada de você como artista, em vez de chocá-los.

Karina assentiu.

— E Ryan?

Bernie disse:

— Você achou que eu o esqueceria? Não, eu não faria isso. O acordo de Ryan é completamente independente do seu. Material padrão para novos artistas. Obviamente, queremos que vocês dois façam colaborações juntos. É fundamental na estratégia de apresentar Ryan como uma novidade. Mas nenhum dos seus contratos depende disso.

Karina levantou as sobrancelhas. Isso era basicamente tudo o que ela queria, muito mais do que ela esperava. Ela deveria se atrever a perguntar e correr o risco de azedar o acordo? Ou ela deveria se apressar e colocar a caneta no papel antes que eles mudassem de ideia?

A curiosidade tomou conta dela e ela decidiu que não aguentaria ficar no escuro.

— Isso parece incrível — ela disse antes de acrescentar: — Então, o que levou a essa mudança brusca de coração?

Davis riu.

— Como se você não soubesse! Você estava certo sobre esses dois, Bernie. Astutos como raposas. Bem, não me importo de admitir que fui superado em um jogo de negociação. Bem jogado.

Karina olhou para Ryan, perguntando-lhe com as sobrancelhas levantadas se ele sabia do que estavam falando. Ele balançou a cabeça.

— Foi brilhante nos jogar de um lado para outro — Bernie admitiu. — “Oh, eu tenho que falar com Ryan primeiro.” “Oh, eu tenho que falar com

Karina primeiro.” Vocês quase nos enganaram e me fizeram pensar que o negócio realmente iria desmoronar. Mas olhe! Agora está tudo resolvido. Somos todos uma família de novo!

Davis acrescentou:

— E eu não serei tão rápido em descartar sua capacidade de negociação da próxima vez.

Karina e Ryan trocaram olhares.

— Sim — disse Ryan, de forma neutra. — Nós realmente jogamos vocês de lá pra cá, não foi?

Amanda enfiou a cabeça na sala e disse:

— Trinta segundos, pessoal! Vamos!

Karina e Ryan se levantaram e apertaram a mão de Davis, e Karina deu um abraço em Bernie antes de saírem correndo do camarim em direção ao lado do palco no qual iriam entrar.

Karina não poderia estar mais feliz, pois eles estavam lá nos bastidores, esperando ouvir seus nomes sendo chamados, se preparando para ir para o palco juntos para fazer o que eles faziam melhor e mais amavam fazer.

Ela sorriu maliciosamente para si mesma.

*Bem, ela admitiu, talvez a segunda coisa que fazemos melhor e a que amamos em segundo lugar...*

Então estava na hora. Henry chamou seus nomes e eles caminharam juntos pela madeira polida do palco, ouvindo o som estrondoso e abrangente da multidão enlouquecendo. Eles se posicionaram em ambos os lados do microfone, respiraram fundo e compartilharam um sorriso.

Então, quando a energia e a antecipação no auditório estavam chegando ao ponto de ruptura, eles se voltaram para a multidão e começaram a tocar. Karina se perdeu na música, na performance, em Ryan. Ela se perdeu no amor.

*Fim*



## NOTAS

1 Referência ao livro *O Grinch*

1 Homem branco com violão. O uso do termo ao quadrado vem do fato de a sigla para o termo ser WGWG.

UM ROMANCE EM  
HOPE FALLS

3

cherish  
BOOKS

DOCE  
*Vitória*

Melanie Shawn

autora best seller do New York Times & USA Today

UM ROMANCE EM  
HOPE FALLS

3

*cherish*  
BOOKS

DOCE  
*Vitória*

Melanie Shawn

autora best-seller do New York Times & USA Today

# SUMÁRIO

1. [Capítulo 1](#)
2. [Capítulo 2](#)
3. [Capítulo 3](#)
4. [Capítulo 4](#)
5. [Capítulo 5](#)
6. [Capítulo 6](#)
7. [Capítulo 7](#)
8. [Capítulo 8](#)
9. [Capítulo 9](#)
10. [Capítulo 10](#)
11. [Capítulo 11](#)
12. [Capítulo 12](#)
13. [Capítulo 13](#)
14. [Capítulo 14](#)
15. [Capítulo 15](#)
16. [Capítulo 16](#)
17. [Capítulo 17](#)
18. [Capítulo 18](#)
19. [Capítulo 19](#)
20. [Capítulo 20](#)
21. [Capítulo 21](#)
22. [Capítulo 22](#)
23. [Capítulo 23](#)
24. [Capítulo 24](#)
25. [Capítulo 25](#)
26. [Capítulo 26](#)
27. [Capítulo 27](#)

[Sobre a Autora](#)



Título original: Sweet Victory  
Copyright © 2013 Melanie Shawn  
Copyright da tradução © 2021 por Cherish Books Ltda.  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob  
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito das editoras.  
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: Anna Julia Ventura  
Revisão: Cristiane Castro  
Diagramação: AJ Ventura  
Capa: Gisele Souza  
Marketing e Comunicação: Elimar Souza

Shawn, Melanie

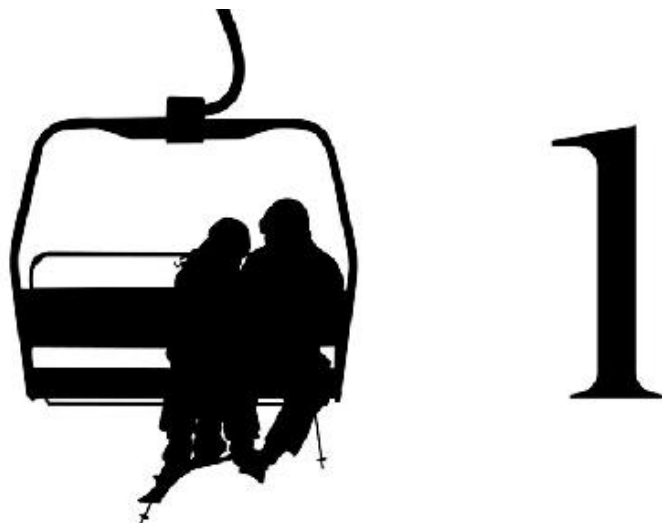
Doce Vitória / Melanie Shawn; tradução de Anna Julia Ventura. Rio de Janeiro: Cherish Books,  
2021.

Tradução de:

ASIN

1. Ficção americana I. Ventura, Anna Julia. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Cherish Books  
Rua Auristela, nº244 - Santa Cruz  
E-mail: [cherishbooksbr@gmail.com](mailto:cherishbooksbr@gmail.com)  
<https://cherishbooksbr.wixsite.com/site>



*Essa não é mais a minha vida.*

Sam lembrou disso a si mesma enquanto ouvia o barulho das solas de borracha contra o piso de madeira brilhante da quadra de basquete e, embora o basquete não fosse nada como o *snowboard*, ela lutou um pouquinho para não sentir nostalgia de sua antiga vida competitiva. Ultimamente parecia que qualquer tipo de competição — droga, até jogos de tabuleiro — a deixava com um pouco de saudade da adrenalina de uma competição de nível mundial.

*Essa é a minha vida.*

Ela olhou em volta de onde estava. Sentada na academia do Centro Recreativo em Hope Falls, sua cidade natal, com suas três amigas mais próximas, Lauren, Amanda e Karina — também conhecidas como as Quatro Fabulosas — assistindo os rapazes, Ryan, Justin, Jake e Eric jogarem basquete. Ela estava cercada de amor e amizade.

*Eu escolho essa.*

Ela sorriu, sentindo-se infinitamente melhor. O que ela tinha que ficar se lembrando era que, cada fração de segundo de emoção do *snowboard*, de competição e de coração acelerado, também roubou anos de sua vida. Anos que ela passou treinando, isolada, nunca tomando suas próprias decisões e, o mais importante, nunca estando perto das pessoas que amava.

Pessoas como as amigas dela aqui, as Quatro Fabulosas. Ela olhou para cada uma delas, a apreciação por suas qualidades únicas borbulhando dentro dela. Lá estava Amanda, a adorável e pequena boneca loira. Ela era

a mãezona do grupo. Ao seu lado, Karina, a estrela pop em um hiato da fama. Ela era a engraçada. Tinha o senso de humor mais mordaz, sarcástico e hilário que qualquer pessoa que Sam já conheceria. Sam mudou sua atenção para Lauren, cuja elegância alta, esguia e loira teria brilhado mesmo se ela não estivesse sempre vestindo um terno perfeitamente cortado, seu cabelo e maquiagem impecáveis independentemente da hora do dia ou das circunstâncias. Ela era a pragmática, a organizadora, a mulher de negócios.

Em seguida, olhou para si mesma, e aqui ela ficou em branco. Oh, claro, o físico não era problema. Ela era baixa e tinha um corpo magro e atlético. O cabelo castanho avermelhado cobria sua cabeça. Ela tinha olhos verde-esmeralda e um punhado de sardas no nariz. Essa parte era fácil. Mas e a outra parte? A parte em que alguém diria: “Ah, sim, esse é Sam. Ela é aquela que... preencha-a-lacuna.” O que aparecia nesse espaço em branco? O que havia sobre ela, além do *snowboard*, que a tornava única? Como era possível que, aos 27 anos, ela não conseguisse responder a essa pergunta?

A determinação cresceu dentro dela enquanto rolava os ombros para trás, sentando-se ereta. Esse foi o motivo de voltar para Hope Falls, certo? Talvez ela não soubesse quem era agora, mas *definitivamente* iria descobrir.

Sua atenção foi tirada da introspecção pela visão dos rapazes indo em direção ao seu pequeno grupo nas arquibancadas. Eles estavam fazendo uma pequena pausa no jogo de dois contra dois e vieram pegar água.

Justin, o noivo de Amanda, e Ryan, o namorado de Karina, fizeram piada ao tentar agarrar as respectivas namoradas, sufocando-as de beijos e abraços, embora — ou mais precisamente, *porque* — estivessem pingando de suor. Amanda e Karina gritaram e os empurraram, mas elas estavam rindo enquanto o faziam, e estava claro nos rostos de suas amigas que elas achavam a brincadeira divertida.

Sam sentiu uma pequena onda de... inveja? Não. Ela não invejava os relacionamentos ou a felicidade das amigas. Ela queria que elas tivessem cada gota de alegria que a vida tinha a oferecer. Então o que era? Solidão? Sim. Era isso. Não que ela não quisesse que suas amigas tivessem felicidade ou amor. Ela gostaria apenas de ter um pouco também, por favor e obrigada.

Sam olhou para Lauren para ver se ela conseguia ter algum vislumbre, algum pequeno sinal, de que talvez Lauren se sentisse pelo menos um pouquinho como ela por não ter alguém especial em sua vida. Não que ela quisesse que sua amiga se sentisse miserável ou algo assim, mas pelo menos Sam não se sentiria tão sozinha. Ainda assim, quando ela olhou para Lauren, a cabeça dela estava inclinada sobre seu smartphone, seus polegares habilmente digitando uma mensagem, e ela soube que era exatamente isso. Sozinha.

Sam suspirou. Claro. Desde que Lauren tomou a decisão de se mudar de Nova York para Hope Falls e conseguiu sua licença imobiliária na Califórnia, os negócios estavam crescendo. Lauren se especializou em imóveis de alto padrão e estava encontrando um grande mercado em Hope Falls e nas montanhas circundantes, ajudando as pessoas a vender e comprar casas de férias espetaculares — mansões de férias, na verdade — no alto das montanhas, com vistas que podiam enganar a pessoa e fazê-la pensar que está no meio do céu.

Ela começou ajudando Sam e Karina a encontrar suas casas, que ficavam de frente uma para a outra, e referências começaram a chegar a partir daí. Sem nunca aceitar passivamente o que passava por sua mesa, Lauren estava no processo de esculpir uma marca agressiva com uma campanha de marketing. Não satisfeita em ser apenas uma das corretoras de imóveis de alto padrão aqui nas montanhas, ela não iria descansar até que fosse a absoluta quintessência da profissional imobiliária de alto padrão em *Sierra Nevadas*.

Sam sorriu um pouco para si mesma. Embora ela fosse a ex-atleta olímpica entre as Quatro Fabulosas, ela certamente não era a única que tinha mais do que um pouco de fogo competitivo em seus ossos.

Os rapazes voltaram ao jogo e Lauren ergueu os olhos de sua mensagem de texto. Ela olhou em volta para os rostos das outras três, que a encaravam.

— O que foi? — ela perguntou defensivamente.

— Sem mensagens de texto quando estamos curtindo. Não estamos aqui para conversar com o topo da sua cabeça! — Amanda disse acusadoramente.

Lauren sorriu.

— Eu só comecei a enviar mensagens de texto depois que vocês começaram a ter as bundas apalpadadas. Acho que todas terminamos agora.

Amanda corou. Karina ignorou Lauren.

— As coisas estão bem com você e Justin, Mand?

Amanda suspirou sonhadora.

— É tão bom, meninas. Estamos tão felizes que é quase enjoativo.

As outras três responderam em uníssono e sem hesitação:

— É enjoativo! — Então, as três garotas começaram a rir.

Amanda riu junto com elas.

— Ok, então que tal o outro casal feliz? Como você e Ryan estão, Karina?

Karina sorriu. Era claro que ela estava mais feliz do que nunca.

— É incrível. Melhor do que eu jamais sonhei que algo pudesse ser. — Karina parecia um personagem de desenho animado com corações sobre a cabeça. — Estou terminando meu álbum, e Ryan e eu decidimos morar juntos, já que ele basicamente sempre está lá de qualquer maneira. Ele ainda está ajudando Sue Ann no café, às vezes, mas também está trabalhando em seu próprio material, que é brilhante, se posso dizer. E não acho que esteja sendo tendenciosa.

Ela parou para respirar antes de continuar.

— Basicamente, ou estamos na cama ou no estúdio há um mês inteiro. As coisas não podiam estar melhores! Estou tão feliz!

Sam não poderia estar mais feliz por sua amiga ter encontrado alguém tão maravilhoso para compartilhar sua vida. Ela também estava feliz por ter sido alguém que não queria tirá-la de Hope Falls. Gostava de tê-la por perto.

Sam disse:

— Tudo bem, chega de relacionamentos. E a vida profissional? Precisamos falar disso também. Lauren, eu sei que você está arrasando no mundo imobiliário, e ouvimos sobre o progresso do álbum de Karina. E você, Amanda? Como o *Mountain Ridge Outdoor Adventures* está indo?

*Mountain Ridge Outdoor Adventures* era o parque temático de atividades ao ar livre na montanha, que Amanda e Justin herdaram quando o pai de Amanda, Parker Jacobs, faleceu. Era o legado de seu pai, e Sam sabia com que seriedade Amanda assumia a responsabilidade de

administrar o lugar e garantir que o negócio continuasse tão vibrante e próspero quanto era quando Parker ainda estava vivo.

— Oh, as coisas estão indo muito bem no resort! — Amanda exclamou. — Nós até decidimos expandir.

— Uau, isso é fantástico! — Lauren disse.

— Sim — disse Amanda com um sorriso melancólico. — A única coisa que tornaria tudo perfeito seria se papai estivesse aqui para ver.

— Ele está aqui em espírito — garantiu Karina —, e eu sei que ele está orgulhoso de você.

O resto das meninas concordou e

Amanda sorriu.

— Bem, e você, Sam? Quando você vai voltar a subir em uma prancha de *snowboard*?

Sam respirou fundo e disse:

— Engraçado você perguntar, na verdade. Tenho um anúncio bastante monumental a fazer. Estou tirando um ano de folga do *snowboard* competitivo.

As mandíbulas das três meninas caíram e Sam correu para explicar:

— É só que quero ter uma vida real, uma vida normal. Eu nunca tive nada normal antes. Na verdade, nem tenho certeza se vou querer voltar. Não nesse nível.

As garotas continuaram apenas olhando para ela, sem palavras.

— Não me entendam mal. Adoro competição. Só sinto que isso pode ter prejudicado meu crescimento, sabe? Em um nível pessoal. E agora é a hora de compensar isso.

— Oh, eu entendo. — Karina estalou os dedos em uma revelação repentina. — Você não quer mais ser virgem!

— Karina! Cala a boca! — Sam sussurrou com raiva, mortificada, enquanto Lauren e Amanda davam um pequeno empurrão.

— O quê? — ela perguntou inocentemente. — Eu estava apenas tentando esclarecer precisamente o que era seu “crescimento pessoal atrofiado”.

— Tudo bem, mas você não precisava anunciar a toda a academia a extensão da minha experiência sexual ou a falta dela — Sam resmungou baixinho, escondendo o rosto nas mãos.

— Oh, ninguém ouviu nada — disse Karina com desdém.

Sam espiou por entre os dedos enquanto todas as garotas desviaram os olhos para a quadra, onde viram os quatro rapazes parados e sorrindo para elas. Eric acenou, um sorriso pecaminoso em seu rosto, e Jake piscou para elas quando os quatro homens começaram a jogar novamente.

— Ok — Karina admitiu — talvez algumas pessoas tenham ouvido. Então, o que você pensa sobre Jake?

Amanda e Lauren se animaram e voltaram sua atenção para Sam.

Sentindo a mudança súbita e silenciosa de atenção dirigida a ela, Sam baixou lentamente as mãos e viu as três amigas olhando-a fixamente, esperando por sua resposta.

— Hum, ele é... legal — Sam disse com cautela. — Por quê?

— Não, eu sei que ele é legal, mas quero dizer, o que você *acha* do Jake? — Karina repetiu. — Quero dizer, ele é muito bonito. E é bombeiro. Existem faíscas? Trocadilho proposital.

— E ele é tão engraçado e fofo — acrescentou Amanda, animada.

— Sem falar que ele tem casa própria e, pelo que ouvi, pode ser nomeado capitão em breve. Ele parece bastante seguro financeiramente — Lauren acrescentou, pragmática como sempre.

Depois de ver onde isso estava indo, Sam deixou escapar:

— Eca, nojento! Quero dizer... não é nojento porque ele é nojento. Simplesmente nojento porque o conheço desde sempre. Eu sinto que somos parentes. Eu acho que, ao crescer em uma cidade tão pequena como Hope Falls, é como se todos fossem parentes ou algo assim.

Vendo a expressão magoada no rosto de Amanda com essa avaliação, Sam se apressou em acrescentar:

— Quero dizer, não como você e Justin ou qualquer coisa, Amanda. Isso é totalmente diferente. Você estava apaixonada por ele desde o primeiro dia em que o viu.

— Sim, eu estava, e ainda sou — Amanda disse sonhadora, olhando para Justin, todos os traços de mágoa evaporando instantaneamente enquanto olhava para seu homem.

— Ok, Amanda, se você quiser descer das nuvens por um momento, estamos falando sobre Sam aqui — disse Lauren, estalando os dedos na frente do rosto de Amanda para quebrar o feitiço de amor em que estava perdida.

— Certo, desculpe — disse Amanda, voltando à realidade e se concentrando no assunto em questão.

— Então eu acho que se Jake está fora, então Eric também está, já que são irmãos e tudo mais?

— Sim. Definitivamente fora — Sam disse em um tom que não deixou espaço para perguntas.

— Muito ruim, realmente. — Karina suspirou com pesar. — Porque esses são dois homens excelentes, que provavelmente saberiam *exatamente* o que fazer para ajudar você e seu problema de “crescimento pessoal atrofiado”.

Todas as quatro mulheres se viraram para olhar a quadra, apreciando a vista de Justin, Ryan, Eric e Jake.

Quebrando o silêncio, Sam deixou escapar:

— Não vou parar de competir apenas por um rala e rola.

Karina riu.

— Continue chamando assim. Essa é uma boa maneira de continuar sem ralar nem rolar.

— Eu não quis dizer que não quero isso, espertinha. Só quis dizer que quero mais do que isso — Sam esclareceu. — Eu quero mais disso. Mais tempo com os amigos, mais tempo para descobrir quem eu sou longe do *snowboard*. Quer dizer, vamos ser honestas. Estou chegando aos trinta, não tenho mais tantos anos para competir, mesmo que quisesse competir mais anos. Este hiato provavelmente terminará com o anúncio de minha aposentadoria. Na verdade, eu já teria feito meu anúncio, mas meu treinador, Stephan, ficou totalmente perdido quando eu disse a ele. Ele me implorou para esperar um ano e ver como me sentiria no final. Não tive coragem de dizer que era um ponto indiscutível. De qualquer forma, já tomei minha decisão. Ele investiu muito na minha carreira, sabe? Se esta é uma maneira mais fácil para ele se ajustar à minha decisão, então acho que é o mínimo que posso fazer por ele.

— O mínimo que você pode fazer por ele? — Lauren estreitou os olhos. — Por favor! Sam, você fez o Sr. Stephan Humphrey ganhar uma boa grana ao longo da última década. Quero dizer, ele não atuou como seu treinador e seu agente? O que significa que ele recebe comissão dupla? Pessoalmente, acho que foi antiético da parte dele fazer isso, mas tudo bem. O que quero dizer é que acho que você fez muito por ele, Sam.



— Não estou tentando forçá-la a nada, mas se você tem certeza de que deseja se aposentar, deve anunciar. Você não precisa se comprometer por ninguém — Lauren concluiu com convicção em sua voz.

— Está bem. Não se preocupe, Gloria Steinem. Eu não vou deixar nenhum homem me comprometer — Sam brincou com a normalmente reservada Lauren.

— Falou como uma verdadeira espertinha — disse Karina com sotaque sulista, imitando Olympia Dukakis em Flores de Aço.

Amanda sorriu.

— Oh, Flores de Aço! Quantas vezes você acha que assistimos esse filme?

Lauren mudou sua atenção de volta para seu iPhone enquanto respondia:

— Perto de cem vezes. Lembram daqueles fins de semana em que ficávamos presas pela neve na sua casa, Amanda? E nós assistíamos, rebobinávamos, assistíamos, rebobinávamos, assistíamos, rebobinávamos...

— E, sem falta, sempre começávamos a chorar quando Sally Field perdia o controle no funeral — disse Sam.

— Aqueles foram bons tempos — Amanda lembrou pensativamente.

— Mas agora falando sério — Sam garantiu a Lauren. — Acho que será melhor para mim também se eu puder levar um ano para me ajustar a uma mudança tão grande em minha vida.

— Bem. Se você tem certeza de que é esse o caso, vou recuar. — Lauren colocou o celular de volta na bolsa. — Só quero ter certeza de que está cuidando de você primeiro. Então qual é o plano, Sam? O que você quer fazer agora?

— Não tenho ideia — disse Sam, inundada com partes iguais de excitação e terror.

— Pois então, tenho uma proposta para você — disse Amanda, endireitando-se, sua voz de repente toda profissional. — Eu não queria perguntar a você no começo porque não queria que você se distraísse de sua programação de treinamento. Já que isso não está mais na equação, sinto que posso ter uma boa oportunidade para você.

Sam gostou de onde isso estava indo. Oportunidades eram boas.

— Eu mencionei que Justin e eu vamos expandir *Mountain Ridge*. Bem, o plano é o seguinte. Sempre usamos a pequena colina para descida em boias na neve, e vamos continuar com isso. Mas queremos aproveitar a área que temos. Você sabe, a terra que sobe a face da montanha? Papai nunca quis convertê-la em declives porque achava que não valia a pena ter dor de cabeça para competir com os parques maiores, mas Justin e eu queremos tentar.

— Já passamos pela inspeção do teleférico e ele está operacional novamente. Vamos separar a área em quatro pistas distintas: duas para níveis iniciantes, uma para esquiadores intermediários e uma para esquiadores avançados. Queremos trazer dois instrutores profissionais para dar aulas e executar o programa de esqui-barra-*snowboard*.

— Eu adoraria se você considerasse assumir uma posição como um dos profissionais — disse Amanda. Então, adotando um tom lisonjeiro e piscando os cílios comicamente, ela acrescentou: — Poderíamos discutir salários e benefícios, e eu seria uma chefe muito legal.

Voltando à sua voz normal de negócios, ela concluiu:

— Mas, falando sério, pode ser divertido e você não teria que se comprometer com mais do que apenas esta temporada se não quisesse.

— Estou dentro! — Sam respondeu imediatamente. — Parece perfeito. Isso me daria a chance de descobrir exatamente o que eu quero fazer e me manter ocupada para que eu não enlouqueça. Além de tudo, estaria na montanha. Não há outro lugar no mundo onde eu preferiria passar meus dias.

— Aleluia! Isso significa que não haverá mais visitas de manhã cedo? — Karina perguntou enfaticamente.

— Ei — Sam disse soando ofendida. — Eu diminuí muito o ritmo desde que Ryan entrou em cena.

— Diminuir não é parar — Karina se defendeu em um tom cantante.

— Tudo bem — Sam disse defensivamente. — Chega de visitas inesperadas. Estarei muito ocupada com minha agenda em *Mountain Ridge*. Mas guarde minhas palavras, você vai sentir falta das nossas conversas matinais.

— Viva! — Amanda exclamou, pulando e jogando os braços ao redor de Sam.

— Seja cuidadosa. Agora que ela é sua funcionária, isso pode ser considerado assédio sexual. — Karina sorriu e se abaixou enquanto Amanda tentava dar um tapa nela.

— Isto é perfeito! — Amanda disse entusiasmada. — Então, se você tem certeza de que é isso que deseja fazer, você se importaria de assistir às entrevistas comigo? Tenho meia dúzia de pessoas chegando amanhã e você saberia mais do que eu o que procurar em um currículo e quais são as perguntas certas a fazer. Além disso, você vai trabalhar bem próximo de quem quer que seja, então você pode querer ter algo a dizer sobre isso.

— Claro, parece ótimo! — Sam estava começando a realmente gostar da ideia de ter um lugar para estar todos os dias, algo próximo a uma programação do tipo “trabalho normal.” — Que horas você me quer lá?

— O primeiro candidato está marcado para as oito da manhã, então eu precisaria de você lá, digamos, às sete e quarenta e cinco. É muito cedo? — Amanda perguntou.

Sam bufou.

— Falou como um verdadeiro peso-leve. Por favor! Vou acordar, tomar café da manhã, fazer a corrida matinal, tomar banho, responder e-mails e verificar o Facebook e o Twitter às seis. Metade do dia já terá passado por volta das oito da manhã — ela concluiu.

— Certo. Claro. Esqueci por um momento com quem eu estava falando. — Amanda sorriu quando Justin se aproximou e a pegou em um abraço de urso, beijando seu pescoço.

O resto dos caras estava bem atrás dele.

— Ei, baby, adivinha? — ela disse alegremente. — Sam disse que sim. Temos o nosso primeiro profissional de esqui!

— Isso é ótimo! — Justin ficou entusiasmado. — Ei, você deveria assistir às entrevistas. Quinze para as oito é muito cedo?

Sam começou a responder, mas suas três amigas chegaram antes dela.

— Não pergunte! — todas elas exclamaram em uníssono.

Todos os meninos olhavam para as amigas como se fossem loucas enquanto elas explodiam em gargalhadas. Essa era a vida dela. Uma vida real. Amizade. Riso. E agora, um trabalho.

Sam entrou no escritório de Amanda no *Mountain Ridge Outdoor Adventures* com seu café às sete e quarenta e cinco em ponto. Amanda não estava em lugar nenhum. Ela provavelmente estava atrasada. Sam não conseguia imaginar como deviam ser as pressões de comandar uma grande operação como o *Mountain Ridge*.

Sentando-se em um dos dois assentos na frente da mesa de Amanda, Sam decidiu apenas esperar por ela aqui em seu escritório ao invés de ir até a casa e tentar encontrá-la. Ela estremeceu. Quem sabe o que ela encontraria se fosse para a casa de Amanda? Justin e Amanda não conseguiam manter as mãos longe um do outro em público. Sam não queria pensar sobre como eles deveriam se comportar sozinhos.

Levando a xícara de café à boca, Sam olhou pela janela e inalou o aroma fresco de café subindo. O escritório de Amanda, antigo escritório do senhor Parker tinha a melhor vista de todo o edifício. Em primeiro plano, dava para o rio que serpenteava pela propriedade. Então, quando seus olhos seguiram naturalmente a curva suave do riacho, eles foram atraídos para cima, para as montanhas que se erguiam majestosamente ao fundo.

Era tão pacífico, tão sereno, aqui em *Mountain Ridge*. Uma forte sensação de calma caiu sobre Sam. Ela estava mais certa do que nunca de que isso era exatamente o que precisava para descobrir que direção sua vida deveria tomar. Ela ficou lá olhando pela janela, sua mente quieta enquanto bebia seu café quente, nem mesmo pensando no fato de que realmente estava lá para encontrar Amanda.

Vozes interromperam seu momento de silêncio zen, mas ela não conseguia entender o que estavam dizendo através da porta de madeira maciça. Uma das vozes pertencia a Amanda, isso ela sabia, e parecia muito formal e profissional. Sam sorriu. Ela sabia que não era a coisa mais respeitosa de se pensar sobre sua nova chefe, mas cada vez que ouvia Amanda adotar aquele tom de “Eu estou no comando aqui”, tudo que ela conseguia pensar era: Ela é tão fofinha.

A outra voz era profunda e suave, e no instante em que atingiu seus ouvidos, ela sentiu arrepios involuntariamente subindo por seus braços. Sam olhou para os antebraços, confusa.

*Isso é bizarro*, ela pensou. *A única voz de pessoa que já me deu arrepios é...*

Antes que pudesse terminar esse pensamento, a porta se abriu e Amanda entrou. Quando ela viu Sam sentada em uma das cadeiras de visitante, o rosto de sua amiga se iluminou.

— Ah, que bom! — Amanda exclamou. — Você está aqui! Sam, gostaria de apresentá-la a Luke...

Assim que Sam ouviu o nome de *Luke* sair dos lábios de Amanda, pareceu que todo o ar saiu da sala. Sam tentou desesperadamente respirar, mas o momento era ruim, pois ela também estava engolindo o café naquele momento.

Isso fez com que seu café descesse pela glote e ela começou a tossir e engasgar. Ela tentou pousar a xícara de café na mesa de Amanda, mas sua mão estava tremendo tão violentamente do acesso de tosse que ela errou o alvo e espalhou o café pelo chão de Amanda. Seus olhos estavam lacrimejantes, seu rosto vermelho e tudo o que ela conseguia pensar era:

*Isso não pode parecer atraente agora! Por favor, Deus, não deixe ser o Luke que eu acho que é!*

Sam estava tentando se recompor quando ouviu a voz de Amanda interromper sua tosse.

— Oh, meu Deus, Sam, você está bem? Respire! Aqui, deixe-me pegar um pouco de água. — O cabelo loiro de Amanda passou rápido enquanto ela corria atrás de sua mesa e apressadamente tirava uma garrafa de água da pequena geladeira no canto de seu escritório. Ela abriu e entregou a Sam.

Sam, de repente, sentiu duas mãos fortes em seu corpo — uma agarrando seu braço e segurando-a e a outra dando tapinhas firmes em suas costas no que ela presumiu ser um esforço para controlar seu episódio de asfixia. Essas mãos. Essa pele. Esse aroma almiscarado. Ela desistiu de qualquer ilusão que pudesse ter de que esse Luke não era, de fato, *seu* Luke.

Infelizmente para Sam e suas tentativas de parar de ter uma embaraçosa emergência médica no escritório de Amanda e se recompor

como um ser humano normal, as mãos de Luke em sua pele tiveram o efeito *oposto*, exatamente o que ela tinha certeza de que ele pretendia que tivessem. Ela ficou toda formigando e tonta com o contato, tornando ainda mais difícil respirar.

Sam fez um esforço hercúleo para relaxar, inspirando pelo nariz e expirando pela boca. Afinal, ela lembrou a si mesma severamente, ela era uma atleta profissional. Ela não conseguia contar as vezes que teve que forçar sua mente a ignorar qualquer coisa que seu corpo estivesse tentando dizer.

*Supere a dor, apenas continue.*

Quando finalmente conseguiu se controlar e começou a respirar normalmente, pegou a água de Amanda e começou a beber com cuidado. Ela se soltou do aperto de Luke, tentando recuperar alguma aparência de dignidade. Poderia estar mais envergonhada? Não, ela achava que não.

Bem, possivelmente se ela tivesse desmaiado com o gesto simples de Luke, as mãos dele fariam contato com o braço e as costas dela. Isso definitivamente poderia ser classificado como mais embaraçoso.

— Você está bem, Samantha? — Luke perguntou com uma voz preocupada, uma voz que Sam tinha certeza de que ele não tinha usado intencionalmente para fazer suas partes íntimas formigarem. Mas intencional ou não... esse foi o efeito.

O jeito que retumbou do fundo de seu peito. A maneira como ele disse tudo com uma força e segurança inatas, completamente no controle. A maneira como ele nunca parecia inseguro de nada.

Ela suspirou.

E por que ele estaria? Ele era um deus, profissional e pessoalmente. Era um dos instrutores/profissionais mais requisitados do país. Tinha uma lista de clientes famosos com mais de um quilômetro de extensão. Fazia tudo o que fazia na neve parecer fácil e sem esforço.

E dizer que ele era “popular entre as mulheres” era como dizer que Bill Gates estava bem de vida, o eufemismo do século. Luke era incrivelmente lindo, com seu cabelo castanho-escuro, olhos azuis brilhantes e um sorriso que podia, com pouco esforço, derreter sua calcinha. Adicione a isso um encanto ao qual era muito difícil de resistir, uma voz tão profunda que vibrava através de você, um corpo perfeito de dar água na boca e covinhas dignas de causar desmaios.

Ele sempre tinha uma sexy barba por fazer que aumentava seu sex appeal dez vezes mais. Ele era inteligente, engraçado, atlético e legal. Não era uma combinação vista com frequência na experiência — embora limitada — de Sam. Ele fazia suas proezas nas montanhas parecerem fáceis e sem esforço, mas multiplique isso por mil e você começa a ter uma ideia do quanto ele dominava a ação de agir casualmente fora das montanhas.

— Sam, você tem certeza de que está bem? — Amanda repetiu com cautela, olhando para trás e para frente entre Luke e Sam, talvez sentindo que a asfixia de Sam tinha mais a ver com a pessoa que acabara de entrar na sala e menos a ver com o café que ela estava bebendo.

— Sim. Apenas desceu pelo buraco errado — Sam declarou secamente. Droga. Ela estava tentando parecer indiferente, mas soou grossa apenas. Suave. Muito suave.

Sam enxugou os olhos lacrimejantes e respirou fundo, tentando se fortalecer contra a humilhação. Não apenas sobre seu episódio de asfixia, mas também o ataque de borboletas, arrepios, formigamentos e partes latejantes — sim, havia definitivamente a possibilidade de partes latejantes em lugares que ela nem tinha certeza de que deveriam pulsar — quando Luke Reynolds estava em qualquer lugar nas proximidades.

— Você tem certeza? — Luke perguntou, seu tom soando mais leve do que quando ele entrou. — Você pode precisar de respiração boca a boca.

— Eu estou bem, Luke, mas obrigada — Sam respondeu, visando a indiferença seca.

Ela tinha conseguido isso? Ah, droga. Ela não sabia dizer. Seu cérebro foi sequestrado por uma imagem mental dos lábios de Luke nos dela. Senhor. Se Luke fizesse boca a boca, Sam não tinha certeza de que sobreviveria — embora pudesse valer a pena.

Sam fez o que pôde para esconder qualquer reação que pudesse sentir na presença de Luke. Fria, calma e controlada. Sim, ela podia fazer isso. Certo?

*Sim!*

Tentando colocar sua melhor expressão de pôquer, bem como desacelerar sua respiração irregular, ela lentamente se virou para Luke.

Mas assim que seus olhos encontraram os dele, suas pernas se transformaram em gelatina e seus joelhos começaram a vacilar. *Ok, hora*

*do plano B. Provavelmente melhor sentar.* Ela sorriu fracamente, virou-se para sentar-se na cadeira e olhou fixamente para Amanda, que estava parada atrás de sua mesa.

Bom Deus, por que este homem tinha um efeito físico tão forte sobre ela?

Feromônios. Sim. Deviam ser feromônios. Essa era a única explicação lógica.

Amanda, seguindo as dicas de Sam, sorriu e sentou-se enquanto dizia lentamente:

— Por que não nos sentamos todos?

O olhar questionador em seus olhos indicava que ela estava definitivamente tentando avaliar a situação.

Sam não precisava avaliar a situação. Ela poderia descrevê-la em uma palavra: problema.





Luke Reynolds sentou-se na cadeira ao lado de Samantha e, quando se recostou, seu braço roçou no dela. Ele sentiu um tremor subir pelo braço e pelas costas.

*Bem, ainda está lá*, ele pensou ironicamente.

Sempre que Luke passava longos períodos sem ver Samantha, ele se convencia de que parte da potência de sua presença teria diminuído, se desgastado ou, melhor ainda, agora seria completamente inexistente.

Mas isso nunca aconteceu. Na verdade, parecia que, toda vez que ele estava perto dela, não importava quão longos ou curtos fossem os intervalos, sua resposta física por estar a seis metros dela apenas ficava mais forte.

O intervalo desta vez? Seis meses. Ele não via Samantha Holt há seis longos meses.

Sam tinha estourado na cena do *snowboard* e no mundo de Luke, quando ela tinha apenas dezoito anos de idade. Ainda um bebê, na verdade. Naquela época, Luke tinha vinte e seis anos e fazia tudo ao seu alcance para prolongar os anos de competição, embora estivesse se recuperando do que mais tarde descobriria ser uma lesão que encerraria sua carreira.

Ele teve uma reação física tão forte a ela na época que, honestamente, o assustou pra caralho. Ela era muito jovem para ele e ele conhecia muito bem o caminho que ela tinha pela frente. Era a estrada em que ele estava terminando sua viagem, com seus anos competitivos chegando ao fim.

Isso, no entanto, não impediu Luke de ficar de olho nela de longe. Luke decidiu manter contato com o agente e treinador de Samantha, Stephan Humphrey. De vez em quando, ele perguntava sutilmente sobre ela, garantindo que ela estava bem, que ela estava ficando fora de problemas... e também tentava manter o controle de sua vida pessoal.

A parte romântica da vida de Sam provou ser a mais difícil de rastrear devido ao fato de que ele nunca tinha ouvido falar de qualquer tipo de relacionamento romântico. Pelo que ele sabia, Sam não teve ninguém sério em sua vida desde que ele a conheceu. Às vezes, isso o confundia, mas ele sempre atribuíra ao fato de que ela era muito procurada e, considerando sua agenda, um relacionamento seria quase impossível.

A única outra possibilidade era que ela realmente estava com alguém e era sério o suficiente para ela querer manter a privacidade, apenas entre os dois. E, francamente, ele realmente não conseguia pensar muito nisso, então não o fez.

Ao se sentar ao lado dela, ele tentou manter as coisas profissionais e olhar para Amanda, já que era ela quem o estava entrevistando. Mas estava se mostrando extremamente desafiador. Sempre que Samantha estava na presença de Luke, ele achava difícil tirar os olhos dela. Ele era atraído por ela como um ímã. Parecia que ela tinha um campo de força invisível que puxava Luke para ela. Ele só queria estar *perto* dela.

Sam, no entanto, não parecia sofrer da mesma paixão evidenciada pelo fato de que, toda vez que estavam em uma sala juntos, ela parecia encontrar a primeira desculpa para sair.

Luke não sabia o que ele poderia ter feito para deixá-la tão distante. Normalmente, as pessoas — vamos falar a verdade, as mulheres em particular — gostavam dele, gravitavam em sua direção. Elas inventavam desculpas para ficar em cômodos com ele, e não para sair deles.

Mas não Samantha Holt. Não só ela era indiferente em relação a ele. Ela genuinamente parecia não gostar dele. Ele achava isso estranho porque ela parecia uma pessoa muito calorosa com todos em seu círculo.

Ele sorriu para si mesmo. Bem, a menos que ela estivesse em modo de competição. Quando ela estava competindo, era muito focada. Ela era uma besta, e ele achava isso sexy ao extremo.

Sam não era nada parecida com todas as coelhinhas da neve que sempre caíam sobre ele, e ela certamente não era como todas as outras

atletas que ele conhecia. Não. Samantha Holt estava em uma classe só dela.

Ela tinha o tom mais bonito de cabelo ruivo, um que ele apostaria sua vida que era natural. Seus olhos eram os mais fascinantes, castanhos profundos, às vezes inclinando-se mais para o verde, outras vezes mais para um tom âmbar, dependendo do que ela usava e de seu humor. Sua coisa favorita sobre os olhos dela, entretanto, era que eles possuíam uma inocência que ele nunca tinha visto antes.

Ela também tinha o caminho mais fofo de sardas salpicadas sobre o nariz. Cada vez que Luke colocava os olhos nelas, ele sempre tinha o desejo mais intenso de beijar cada uma delas. Ele também queria descobrir se ela tinha sardas em algum outro lugar do corpo e beijá-las também.

Então havia aquele corpo.

Luke constantemente se perguntava o que estava escondido sob as roupas largas e fofas que ela usava sempre que estava competindo ou treinando. Seus dedos coçavam para arrancá-las dela cada vez que a via.

Esse desejo era forte mesmo antes de ele tê-la visto quase sem nada. Depois do que ele se referiu em sua mente como “O Incidente”, ele agora sabia em primeira mão que seu corpo não era apenas atlético e esbelto, mas que Samantha Holt tinha curvas em todos os lugares certos.

O corpo de Sam não era reto como as roupas que ela gostava de vestir levavam a acreditar. Não. Por baixo daquelas camadas de roupa, Sam tinha um corpo que era digno de adoração. E Luke Reynolds tomara a decisão de vir para Hope Falls porque acreditava que era o homem certo para o trabalho.

A última vez que Luke viu Samantha, ela estava no resort em que ele trabalhava, em Aspen. Ele tinha ouvido boatos que ela faria uma sessão de fotos para um de seus patrocinadores na suíte presidencial. Checou com Stephan e descobriu que ela só estaria lá durante o dia. Luke queria vê-la, mesmo que fosse apenas para enfiar a cabeça e dizer oi.

Mexeu uns pauzinhos com a equipe de limpeza e conseguiu um cartão-chave para o quarto em que ela estava filmando. Enquanto ele caminhava pelas portas da suíte onde a sessão de fotos estava acontecendo, ele a ouviu discutindo com a consultora de figurino.

— Não há nenhuma maneira no inferno de eu posar em uma prancha de *snowboard*, de *topless*! — Veio sua voz estridente, quase em pânico.

*Topless? Hmmm, ele pensou.*

*Isso ficou muito mais interessante do que um rápido oi.*

Ele acelerou o passo, contornou a cortina que separava a sala para a sessão de fotos e ouviu uma mulher mais velha, com sotaque do Leste Europeu, dizer:

— Cubra-se com as mãos. Vai ficar bem. Você tem um corpo lindo.

— Eu não me importo se eu tiver o melhor corpo do mundo. Isso nunca vai acontecer, senhora! Me passe meu roupão. Vou ligar para Stephan!

Ele nunca tinha ouvido Sam soar zangada com ninguém antes. Mesmo quando ela não ficava em primeiro lugar em uma corrida, ela sempre parabenizava graciosamente a vencedora e parecia mais frustrada consigo mesma do que com raiva pela perda. Mas ela com certeza parecia com raiva agora!

Luke puxou a cortina, pensando que talvez pudesse usar um pouco de seu considerável charme para ajudar a dissipar a situação. Quando ele começou a passar, viu Sam de pé, de costas para ele, e foi paralisado pela visão.

Luke namorou modelos, atrizes e atletas. Ele tinha mulheres em seu braço que eram consideradas algumas das mais bonitas do mundo. E ele não estava apenas se gabando. Mulheres de seu passado romântico rotineiramente apareciam nas listas da *Maxim's* e da *People* como as mais lindas do mundo. E, sendo os poderes de persuasão romântica de Luke o que eram, ele as tinha visto quase todas nuas.

Mas nunca em sua vida ele tinha visto nada nem mesmo perto da perfeição que estava diante dele naquele momento. A forma como suas costas se inclinavam em um V perfeito em sua cintura fina, em seguida, curvavam-se para trás sobre seus quadris. E a maneira como a curva de seu quadril levava direto a um traseiro em forma de coração incrível, de dar água na boca, que mal era coberto pela parte inferior do biquíni vermelho brilhante.

Luke percebeu que deve ter feito um barulho involuntário de pura apreciação, porque a próxima coisa que se registrou em seu cérebro foi um grito de surpresa vindo de Sam. Isso foi seguido imediatamente por ela abaixando os braços e lutando para se cobrir.

Felizmente para Luke, sua necessidade de modéstia teve o efeito oposto. Em sua pressa para cobrir o traseiro que ela pegou Luke olhando, ela tinha esquecido que seus braços e mãos eram as únicas coisas que ficaram entre os olhos de Luke e o par de seios mais épico que ele já tinha visto.

Os seios de Samantha não eram muito pequenos ou muito grandes. Eles eram cheios e redondos e parecia que caberiam em suas mãos perfeitamente. Mãos que agora começavam a se contorcer com a ideia de segurá-los, de sentir o peso em suas palmas.

Seus mamilos estavam duros e rodeados pelo tom mais bonito e delicado de rosa que ele já tinha visto. Era como se umapele de boneca de porcelana cobrisse os montes arredondados na parte inferior e nas laterais.

Sua boca estava salivando com o pensamento de rodar sua língua ao redor daqueles mamilos perfeitos antes de puxá-los em sua boca e chupá-los até que ela implorasse por mais.

Luke foi arrancado do transe causado pelas preliminares eróticas que passavam por sua cabeça como um filme quando ele viu Samantha correr atrás da cortina oposta em um borrão.

Ele estava prestes a chamá-la quando a ouviu berrar:

— Cai. Fora. Daqui!

Ele se virou e viu Stephan, o empresário de Sam, parado atrás dele, sorrindo.

— Você ouviu a senhora, Luke. Acho que é hora de você ir. Pode querer limpar a baba do seu queixo primeiro.

Stephan sorriu um tanto condescendente enquanto dava tapinhas no ombro de Luke, que se virou e saiu, balançando a cabeça com a inesperada reviravolta dos acontecimentos.

Ele odiava sair do encontro pensando que agora Sam realmente tinha alguma munição real para sua aparente aversão por ele, mas esclarecer tudo naquele exato momento obviamente não era uma opção. Ele imaginou que iria vê-la em breve e então poderia explicar, mas isso não aconteceu.

Passaram-se seis meses inteiros desde “O Incidente”, e Luke ainda não tinha sido capaz de esquecer a visão de Samantha Holt diante dele vestindo quase nada. Ela aparecia nos momentos mais inesperados.

Ele estava fazendo compras e via uma maçã do tom exato da parte inferior do biquíni que Sam usava e sua mente voltava para ela. Ele ouvia um trecho de conversa em que as pessoas tinham sotaque do Leste Europeu e se lembrava da assistente de figurino dizendo a Samantha: “Você tem um corpo lindo”. Ela com certeza tinha.

Mas o mais louco, pelo menos no que se referia ao modo usual de Luke, era que sua forma perfeita, esguia e curvilínea não era nem mesmo sua coisa favorita sobre ela. Samantha era bonita, sexy, inteligente, competitiva e gentil, mas o que sempre impressionou Luke foi o quão leal e trabalhadora Sam era. Ela nunca pareceu cair no que Luke chamava de “acreditar em sua própria propaganda”. Nunca confiou em sua beleza ou descansou em suas realizações anteriores. Ela entrava em cada competição como se fosse a primeira, como se tivesse que ganhar o direito de estar lá. Sam trabalhou duro por seu merecido sucesso.

Bem, agora ele estava em uma posição em que Sam iria julgar se ele, também, estava disposto a lutar por este trabalho como se sua vida dependesse disso ou se apenas iria sentar e presumir que elas estariam tão impressionadas com suas credenciais, aparência e charme que pensariam que tiveram a sorte de ter a oportunidade de ele ser o profissional de esqui ali.

E Luke não conseguia mentir. Era provavelmente assim que ele abordaria a maioria das entrevistas. Afinal, sabia que a maioria dos resorts teria sorte em tê-lo. Isso não era ser arrogante também. Seu talento e seu nome atrairiam muito mais negócios do que ele lhes custaria em salários e benefícios. Era apenas um bom senso comercial.

Mas ele sentia — não, ele se corrigiu com ironia, ele *sabia* — que esse tipo de argumento não teria nenhum efeito com Samantha Holt. Se ela estava encarregada de decidir seu destino aqui, ele precisaria ser totalmente sincero sobre seu desejo de trabalhar como parte da equipe.

A única coisa que o preocupava era quando eles inevitavelmente lhe perguntassem o que o fizera escolher se candidatar a *Mountain Ridge*. O que o fez escolhê-los?

Ele sorriu para si mesmo. Seria um pouco honesto e direto demais admitir que era quase cem por cento porque ele queria estar perto de Samantha?

--- ~ ---

Sam olhou fixamente para Amanda, com determinação, enquanto sentia os olhos de Luke sobre ela.. Não só se recusou a dar a ele a satisfação de devolver seu olhar poderoso, ela também não confiava em si mesma para não enrubescer — ou talvez babar — sob o poder daqueles espetaculares olhos azuis.

Sim, ela já tinha se envergonhado não apenas engasgando, mas derramando seu café. A última coisa que precisava era adicionar ficar vermelha e babar incontrolavelmente às humilhações da manhã.

Amanda sorriu e pigarreou, e Sam sentiu o calor do olhar de Luke se desviar de seu rosto. Sua tensão diminuiu um pouco e ela começou a respirar novamente. Ela nem percebeu que tinha parado.

Ao mesmo tempo, porém, ela sentiu suas emoções murcharem um pouco quando os olhos dele deixaram seu rosto. De certa forma, desde que o conheceu aos dezoito anos, sempre se sentiu como se estivesse caminhando sob o sol quando os olhos dele estavam sobre ela e tropeçando nas sombras quando não estavam.

Mas, ela lembrou a si mesma em uma tentativa de se animar, sombras são boas. Ela poderia lidar com sombras. Ninguém jamais teve uma queimadura de sol nas sombras ou ficou desidratado por estar nas sombras por muito tempo. Ninguém jamais teve câncer de pele devido à exposição prolongada às sombras. Sim. No final das contas, as sombras eram a aposta mais segura no momento.

Mesmo que elas fossem muito menos divertidas.

— Então, vocês dois se conhecem? — Amanda perguntou, e Sam ficou aborrecida ao notar que a diversão lutava contra a preocupação pelo controle da expressão facial da amiga.

Lutando para fazer sua voz soar fria, calma, controlada — blasé, até — Sam disse:

— Temos muitos amigos em comum. É uma pequena comunidade.

— Temos muitos amigos em comum — confirmou Luke —, mas infelizmente, nunca tivemos a oportunidade de nos conhecer pessoalmente.

Com o canto do olho, Sam viu seus olhos voltarem para o rosto dela e a melodia de “*Here Comes the Sun*” começou a correr por sua cabeça. Ela soltou uma risadinha, mas imediatamente percebeu que deve ter feito com que parecesse um pouco maluca, já que ninguém mais na sala estava a par de seu fluxo de consciência.

Tentou disfarçar rapidamente fingindo um pequeno ataque de tosse, o que ela percebeu que provavelmente não a deixava muito melhor, mas pelo menos ela não pareceria maluca.

Amanda aparentemente decidiu que era hora de tirar Sam de seu sofrimento, então se intrometeu e começou a fazer as perguntas que formavam a essência da entrevista. Ela fez todas as perguntas básicas de entrevista que alguém esperaria de um empregador em potencial, e Luke, sendo Luke, deu todas as respostas brilhantes que alguém esperaria ouvir de uma nova contratação potencial estrela de ouro e surpreendente.

Amanda olhava periodicamente para Sam, claramente esperando que ela interferisse, mas Sam não conseguia falar, mesmo quando seria natural para ela intervir. Ela percebeu que não estava apenas agindo como uma idiota, mas estava completa e totalmente falhando no desempenho de suas tarefas básicas durante os primeiros trinta minutos de seu novo emprego. Ótimo. Teria sido sorte dela se, depois dessa entrevista, Luke conseguisse um emprego e ela perdesse o dela.

Seus olhos se arregalaram com essa revelação interna. Não pensando que Amanda iria despedi-la, isso fora sarcasmo. Mand não a demitiria apenas por seu comportamento nesta entrevista. Não, o que chocou Samantha foi a ideia de que Luke poderia realmente conseguir um emprego lá.

Claro, a possibilidade de conseguir um emprego era o ponto principal de uma entrevista. Acontece que ela estava tão envolvida em processar sua reação apenas por vê-lo que não teve tempo para seguir o curso dos eventos até sua conclusão lógica. Luke era entrevistado para um emprego. Luke conseguia emprego. Luke trabalhava lado a lado com ela todos os dias.

Droga.



Conforme a entrevista progredia, Sam podia ver Amanda ficando mais confortável perto de Luke, baixando a guarda mais e mais a cada pergunta e cada resposta. Por volta da marca de dez minutos, a sala tinha mais a sensação de que velhos amigos estavam se atualizando do que uma entrevista formal.

Sam começou a entender que não era apenas possível que Luke conseguiria esse emprego, era bastante provável. Afinal, quem poderia ser melhor? Hope Falls não era Aspen ou Vail ou mesmo Lake Tahoe. Não haveria nenhum tesouro glamoroso ou cheque de pagamento ao estilo de celebridade vinculado a este trabalho, apenas muito trabalho árduo que seria recompensado por um salário decente e a chance de fazer parte da família coesa *Mountain Ridge Outdoor Adventures*. Sam não trocaria aquele negócio por nada no mundo, mas não teria outros ex-olímpicos do calibre de Luke batendo à porta.

Sam não conseguia decidir se o emprego de Luke em *Mountain Ridge* seria uma coisa boa ou ruim. Claro, se dissesse explicitamente à sua amiga para não contratar Luke, ela sabia que Amanda atenderia a seus desejos. Mas era isso que Sam queria? Ela absolutamente não conseguia raciocinar com Luke sentado tão perto dela que seu braço chegava a roçar no dela de vez em quando. Era muito opressor.

Só então, ela ouviu Amanda perguntar a Luke por que ele estaria interessado em assumir uma posição para a qual ele era tão claramente qualificado, e Sam prestou atenção. Ela estava muito interessada em ouvir sua resposta a esta pergunta.

— Bem, eu cresci em Lake Tahoe e sempre amei a área — Luke começou. — Minha família ainda está toda aqui. Tenho dois irmãos, ambos casados e felizes. Um tem duas filhas. O outro tem um filho e mais um a caminho. Meu pai faleceu na primavera passada e, enquanto minha mãe está bem, sua morte me despertou para a realidade de que a vida é muito curta para não ser passada com as pessoas que significam mais para você. Para mim, essas pessoas são minha família. Por causa disso, tenho procurado qualquer coisa que possa estar acontecendo na área.

Amanda respirou fundo e Sam percebeu que ela foi afetada pela fala de Luke. Sam também, verdade seja dita. Ela não sabia que seu pai havia falecido. Deus, ela nem sabia que ele era de Tahoe.

Amanda olhou para Luke com simpatia e, com lágrimas se formando no canto dos olhos, ela disse:

— Sinto muito por sua perda, Luke. Meu pai faleceu há alguns meses. Eu entendo que algo assim nos acorda para o que é realmente importante.

Luke acenou com a cabeça, sua expressão simpática para com Amanda espelhando a dela para ele.

— Eu soube sobre seu pai, Amanda. Na verdade, encontrei Parker várias vezes. Meus pais sempre faziam questão de sair do nosso caminho para desviar por Hope Falls a caminho de São Francisco para que pudéssemos tomar café da manhã ou almoçar no *Sue Ann's Café*. Cada vez que ele estava lá, ele parava na nossa mesa. Ele sempre se lembrava dos nomes dos meus pais, bem como dos meus irmãos e do meu, além da série em que estávamos.

— Quando criança, eu pensava que isso era normal. Mas, olhando para trás agora, vejo como realmente era incrível. Éramos apenas uma família de fora da cidade, de passagem, e ele sempre nos fez sentir como parte da comunidade. Não consigo nem imaginar a perda que você deve sentir. Minha mãe e meus irmãos puderam comparecer ao funeral dele e disseram que foi incrível... que nunca tinham visto nada parecido.

Parker Jacobs, o pai de Amanda, foi uma figura querida em Hope Falls e arredores. Devido ao grande número de pessoas que compareceram ao seu funeral — mais de cinco mil — eles tomaram uma decisão improvisada de mudar a cerimônia para o estádio de futebol da escola secundária.

Sam sabia que ainda era difícil para Amanda acreditar que Parker realmente tinha morrido, embora ela se sentisse confortada pelo fato de que ele ainda estava praticando boas ações, mesmo depois de sua morte. A morte de Parker trouxe o retorno de Justin, o noivo de Amanda, que havia deixado Hope Falls dez anos antes devido a um mal-entendido. Parker sabia que os dois pertenciam um ao outro e incluiu Justin em seu testamento, o que levou Justin a voltar e a se reconectar com Amanda.

As lágrimas corriam livremente pelo rosto de Amanda agora, e Sam entregou-lhe alguns lenços de papel da caixa que estava sobre a mesa. Precisamente naquele momento, Justin entrou pela porta do escritório, o labrador preto de Amanda, Teddy, arrastando-se em seus calcanhares.

Vendo sua noiva em estado de angústia, ele imediatamente adotou uma postura protetora.

— O que há de errado? — ele perguntou, a preocupação intensificando seu tom, e cruzou para ela em dois passos rápidos. Envolveu um braço em volta dela, angulando seu corpo para protegê-la de Sam e Luke.

— Oh, querido, estou bem — disse Amanda com desdém, enxugando os olhos com o lenço de papel.

Justin olhou para ela com desconfiança.

— Você não parece bem.

— Você está brincando comigo? É assim que me comporto em todas as minhas entrevistas. Você não sabia? Você está se casando com uma profissional! — Amanda brincou. Quando Justin ainda não parecia convencido, ela admitiu: — Estávamos falando sobre o papai.

Imediatamente, a postura de Justin relaxou e sua energia se transformou de tensa em conciliadora. Ele sorriu ternamente para sua noiva e colocou um cacho solto atrás da orelha de Amanda, um que havia escapado de seu rabo de cavalo sempre rebelde.

Ele se inclinou e beijou-a suavemente, dizendo:

— Sinto muito, baby.

Sam sentiu um aperto no peito. Ela era feliz por sua amiga. Sabia há quanto tempo Amanda estava apaixonada por Justin, e podia ver como ele a fazia feliz agora. E ela estava feliz por Karina. Ryan era realmente sua alma gêmea. Ambas haviam encontrado o amor com homens incríveis, e estava emocionada por elas. Ela não estava com inveja, mas só queria que alguém olhasse para ela do jeito que Ryan e Justin olhavam para Karina e Amanda.

Amanda endireitou o corpo e se sacudiu um pouco, como se tentasse se livrar do mau humor. Ela deu um sorriso brilhante e um tapinha no peito de Justin, sutilmente afastando-o para que ele não bloqueasse mais o espaço entre ela, Sam e Luke.

— Justin, estou muito feliz que você tenha passado por aqui, na verdade. Quero apresentá-lo a Luke Reynolds. Ele está aqui sobre a posição de profissional de esqui. E, Luke, este é Justin Barnes, meu noivo e co-proprietário de *Mountain Ridge*.

Sam ouviu o orgulho que inspirou a frase “meu noivo” e viu que iluminava o rosto de Amanda também. Mais uma vez, sentiu aquela

pequena vibração de vazio em seu peito, aquele desejo vago e dolorido que lhe dizia como seria maravilhoso ter alguém que ela pudesse apresentar com tão silencioso orgulho.

— Prazer em conhecê-lo, Justin — Luke disse, enquanto se levantava e estendia a mão em saudação.

Quando Justin apertou a mão de Luke, ele olhou atentamente para seu rosto, e então o reconhecimento surgiu.

— Espere um minuto — disse ele em agradável surpresa. — Seu sobrenome é Reynolds. Você não é parente de Brody e Chad, é?

— Sim. Esses são meus irmãos menores — Luke respondeu com orgulho. Então ele emendou: — Bem, não são mais menores. Ambos são pelo menos cinco centímetros mais altos que eu agora.

A diversão afetuosa em sua voz disse a Sam que falar sobre sua família era algo que ele adorava fazer.

— Uau! Eles devem ser altos! — Amanda exclamou, olhando para o corpo de Luke de mais de um metro e oitenta.

Luke riu de forma autodepreciativa.

— Sim, definitivamente somos a família a quem telefonar se precisar de algo das prateleiras superiores.

Justin balançou a cabeça surpreso.

— Cara, eu não vejo esses caras desde que jogavam no infantil! Achei que você devia ser parente deles. Vocês todos realmente são parecidos. — Virando-se para Amanda, Justin explicou: — Eles jogaram pelos Tahoe Tigers, o maior rival de Hope Falls.

Amanda riu.

— Estou surpresa que vocês dois estejam até mesmo se falando.

Justin devolveu a risada e colocou a mão no ombro de Luke.

— Estou disposto a deixar para lá se ele estiver. Então, como estão Brody e Chad?

— Muito bem! — Luke sorriu, radiante como o irmão orgulhoso que era. — Ambos são casados. Brody e sua esposa, Ashley, têm duas meninas que os mantêm alertas, e Chad tem um filho de três anos e outro a caminho. Sua esposa, Stephanie, deve dar à luz a qualquer momento, na verdade.

— Uau! Casados e com filhos. Isso é ótimo. Mande lembranças minhas.

— Claro — Luke concordou antes de apontar para a janela. — Cara, você tem um ótimo lugar aqui. Amanda estava me contando um pouco sobre o que vocês têm em mente com a expansão e tem um potencial incrível. Espero fazer parte disso.

Enquanto ele pronunciava essas últimas palavras, seu olhar sorridente se voltou para Sam. Sentindo a força de seus olhos nela, Sam não resistiu à tentação de levantar a cabeça e olhar para ele. Melhor encará-lo de frente e olhar diretamente para o sol.

Grande erro, ela percebeu quando seus olhos encontraram os dele e ela foi envolvida por um vórtice de desejo que só foi intensificado quando Luke piscou para ela assim que seus olhos se encontraram.

Ela não conseguia falar, mas não conseguia desviar o olhar.

Justin, aparentemente alheio ao “vórtice de desejo” que estava engolindo Sam inteira ou o perigo muito real de ela ser queimada pelo sol, respondeu à declaração de Luke como se nada estivesse fora do comum.

— Sim, está realmente ganhando forma. Você já viu as encostas? Atualizamos nosso teleférico e estamos no processo de limpar as pistas agora. Vocês deveriam dar uma olhada.

Amanda, que não estava nem de longe tão alheia à situação de Sam quanto seu noivo, poupou-lhe mais humilhação ao sugerir:

— Querido, por que você não leva Luke para fazer um tour? Eu já mostrei a Sam, e realmente precisamos revisar suas informações de recém-contratada.

— Ok. Parece bom. Te vejo em alguns minutos — Justin disse enquanto se virava para sair. Quase como uma reflexão tardia, ele se virou para Amanda antes de se afastar e a agarrou em um grande abraço de urso, acariciando seu rosto e seu pescoço. Ele sussurrou alegremente em seu ouvido: — Mas confie em mim. Eu venho te ver e logo.

Sua intenção ao sugerir originalmente que Sam e Luke saíssem para verificar as encostas ficou clara, e Amanda riu.

— Calma, garoto! — Amanda advertiu de brincadeira, mas quando ele a colocou no chão e se virou para sair com Luke, ela acrescentou com um meio sorriso travesso: — Mas não pense que não vou cobrar isso de você.

— Hum, pessoal? Vocês não estão sozinhos — Sam interrompeu em uma tentativa de quebrar a tensão sexual que, entre ela e Luke e, agora, Amanda e Justin, tinha ficado desconfortavelmente densa.

Luke surpreendeu Sam jogando a cabeça para trás e rindo com vontade da piada dela. Ela se sentou um pouco mais reta. Estava acostumada a inúmeras reações a suas piadas um tanto cafonas, mas o riso puro e entusiasmado não era uma delas. Ela gostou.

Exibindo absolutamente nenhum constrangimento sobre a insinuação sexual que estava exibindo, Justin deu um tapa no traseiro de Amanda e disse sedutoramente:

— E eu vou aproveitar cada minuto. Não se preocupe com isso. — Depois de dar um último beijo em Amanda, ele se virou para Luke e disse com entusiasmo: — Cara, espere até ver o equipamento que eles estão usando para limpar as encostas. A coisa é um monstro...

A conversa animada deles espalhou-se pelo corredor atrás deles enquanto saíam, as meninas aparentemente esquecidas em sua empolgação por assistir à poderosa máquina em ação. Uma expressão divertida apareceu no rosto de Amanda quando ela se recostou na cadeira.

— Meninos e seus brinquedos. Se há uma coisa que pode distrair um cara da ideia de sexo em cerca de dois segundos, é a promessa de ver brinquedos de três toneladas funcionando na vida real.

Sam sorriu.

— De alguma forma, acho que o único brinquedo em que Justin está interessado é você, Amanda.

Amanda olhou pela janela para as duas figuras masculinas que se afastavam e se dirigiam para as encostas.

— Tudo bem — disse ela a Sam com urgência. — Nós provavelmente só temos cerca de dez minutos. Desembucha.

— Desembuchar? — perguntou Sam inocentemente.

— Sim, desembucha!

— Desembuchar o quê?

Amanda sorriu afetadamente.

— O lance com seu café, para começar.

As bochechas de Samantha coraram.

— Aquilo foi um acidente.

— Ha! Tente novamente. Lembre-se, você está falando com a rainha em deixar cair uma variedade de vários recipientes cheios de bebida, tudo por causa de um cara. Você não pode me enganar, garota!

Samantha parecia confusa.

— Não sei do que você está falando.

Amanda balançou a cabeça, sorrindo.

— Agora você está apenas perdendo meu precioso tempo — ela brincou. — Há obviamente algo acontecendo entre vocês dois. Vocês namoraram ou algo assim?

— O quê?! Não! — Sam respondeu enfaticamente. — Eu mal o conheço.

— Oh, isso mesmo. Eu esqueci. — Amanda riu, batendo palmas na frente dela. Então, baixando a voz para uma aproximação do timbre e tom de Luke, ela o imitou: — Infelizmente, nunca tivemos a oportunidade de nos conhecer pessoalmente. — Ela balançou as sobrancelhas sugestivamente e riu enquanto Sam ficava cada vez mais envergonhada.

— Pare. Ele não quis dizer isso, e ele não soa assim. Podemos seguir em frente agora? Por favor? — Sam implorou enquanto ela abaixava a cabeça entre as mãos.

— Ok, ok — disse Amanda em um tom que indicava que ela poderia estar admitindo a derrota.

Sam ergueu a cabeça, esperando pelo melhor.

— É verdade que foi uma má impressão — admitiu Amanda. — Eu definitivamente não fiz justiça à voz dele. Quer dizer, é tão... tão... eu não sei. Sexy, eu acho. Tenho que admitir, fiquei arrepiada do lado de fora quando ele me disse bom-dia.

— Obrigada! Sim. Eu também. — Sam disse em solidariedade, aliviada em saber que talvez sua reação a Luke não fosse nada pessoal. Talvez fosse apenas algum tipo de efeito mágico que ele tinha sobre todas as mulheres. — Toda vez que ouço sua voz, calafrios sobem e descem pela minha espinha e arrepios aparecem na minha pele. Achei que fosse a única que passava por isso.

— E sou só eu — Amanda continuou maliciosamente — ou ele é realmente, realmente — e quero dizer extremamente — bonito? Obviamente, ele não chega aos pés de Justin... mas minha nossa! Aquele cabelo escuro? Aqueles olhos azuis? Ele é muito gostoso.

— Oh, acredite em mim. Eu sei — Sam lamentou. — É difícil para mim até olhar para ele. Cada vez que estou perto dele, sinto borboletas no estômago, e quando ele olha para mim, é como se... o sol estivesse

brilhando sobre mim. E eu não quero olhar para trás, mas é como se eu tivesse que olhar, e então eu não consigo desviar o olhar e...

— Aha! Eu sabia! — Amanda explodiu, apontando o dedo dramaticamente por cima da mesa para Sam. — Eu sabia que você gostava dele e simplesmente não queria admitir.

— O quê? — Sam disse defensivamente. — Eu não admiti nada.

Amanda bufou.

— Por favor. Borboletas... olhando para o sol... arrepios. Oh, garota, você tá caidinha!

— Arrepios! — Sam gritou, traição ressoando em sua voz. — Arrepios não são prova de nada. Você disse que ficou arrepiada quando ele disse bom-dia para você... e foi *você* quem falou sobre como a voz dele é sexy.

Amanda encolheu os ombros.

— Um meio para um fim.

— Você me enganou? — Sam gritou, sem acreditar.

Ainda mantendo sua compostura perfeita, exceto pela simples sugestão de um sorriso puxando seus lábios, Amanda disse serenamente:

— Enganar é uma palavra tão forte. Eu definitivamente aceitaria “conduzir a testemunha”, mas “enganar?” Nunca!

Sam suspirou.

— Embora eu aprecie que isso seja tão divertido para você, estou interrompendo esta conversa. Terminamos de falar sobre isso. Não vou discutir sobre Luke Reynolds.

Com isso, Sam se recostou na cadeira com uma expressão desafiadora no rosto. Ela cruzou os braços com determinação, fechando a postura, e ergueu o queixo como se quisesse colocar um ponto final na frase.

Amanda riu alto, exclamando:

— Ha! Você não gostaria que fosse assim tão fácil? Hmmm... agora, Luke Reynolds... Por que esse nome soa tão familiar para mim? Isso está me deixando louca desde que peguei seu currículo. Quer dizer, claro, eu sei que ele tem tido sucesso em seu esporte, mas não é como se eu acompanhasse ninguém além de você. Então, por que eu saberia esse nome?

Amanda tamborilou os dedos na mesa, tentando decifrar. Sam começou a se sentir cada vez mais ansiosa. A última coisa que ela precisava era que



Amanda preenchesse as lacunas e colocasse a peça final do quebra-cabeça no lugar.

— Deixa pra lá, Amanda — disse ela severamente.

— Não, estou falando sério, Sam. Eu não estou brincando com você!  
— Amanda respondeu.

— Estou falando sério também — Sam respondeu, jogando a cabeça para trás e olhando para o teto em frustração.

— É como se eu já conhecesse o nome dele de algum lugar quando recebi o e-mail — continuou Amanda —, mas não consigo definir o que é. Está me deixando louca!

— Deixa. Pra. Lá.

Houve alguns momentos de silêncio, as meninas se encarando, até que Amanda finalmente rompeu o impasse olhando para sua mesa e folheando os currículos. Pensando que Amanda estava atendendo aos seus desejos, Sam respirou fundo e relaxou fisicamente. Ela estava extremamente grata que o assunto foi encerrado, esperançosamente de uma vez por todas.

Ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha estado em uma montanha-russa emocional tão grande.

— Oh, meu Deus, é isso! — Amanda explodiu de repente, tirando Sam de seu devaneio.

— O que é “isso”? Do que você está falando? — Sam perguntou apreensiva.

— Pôsteres — Amanda declarou triunfante.

— Oh, Deus — Sam respondeu, mais uma vez deixando cair a testa em suas mãos.

— Você tinha pôsteres de Luke Reynolds em todas as paredes quando éramos adolescentes.

— Não tinha! — Sam protestou fracamente.

— Sim, você tinha! Você era tão apaixonada por ele! Você dizia que ia se casar com ele — concluiu Amanda, claramente orgulhosa de suas habilidades dedutivas.

— Oh, meu Deus — Sam gemeu queixosamente. — Essa conversa nunca vai acabar.

— Você tinha aquele pôster dele dos *X Games*, um dele quebrando algum recorde olímpico... e, claro, meu favorito pessoal, o sem camisa que ele fez para aquela bebida energética.

Sam suspirou e recostou-se na cadeira, resignada com o fato de que essa recitação iria continuar, independentemente de seus protestos. Ela preferiu deixar Amanda chegar a uma conclusão em seu próprio tempo. Ela ficaria sem fôlego ou os caras voltariam.

De qualquer maneira, Sam logo seria deixada em paz.

— Ah, cara, você falava dele o tempo todo! — Amanda lembrou. — Você sempre dizia que ia se casar com ele e ter uma equipe de esportes cheia de crianças atléticas juntas. Droga! Não acredito que demorei tanto para descobrir!

Sentando-se mais ereta, Sam pigarreou, sentindo a necessidade de esclarecer as coisas, independentemente de como seria recebido. Ela começou a falar lenta e deliberadamente.

— Em primeiro lugar, eu não estava loucamente apaixonada por ele. Eu tinha uma pequena queda. Em segundo lugar, eu apenas disse que, se algum dia nos casássemos e tivéssemos filhos, eles provavelmente seriam atléticos. Nunca expressei preferência por fazer isso ou não fazer de uma forma ou de outra. Em terceiro lugar, eu só falava dele o tempo todo no sentido profissional. Ele é um *snowboarder* incrível. Isso é tudo.

Sam endireitou-se na cadeira, orgulhosa de si mesma. Ela sentiu que tinha argumentado bem e abordado de forma convincente todas as acusações que Amanda tinha feito a ela.

Amanda encolheu os ombros como se nada disso importasse.

— Claro, Sam — disse ela, parecendo divertida e singularmente não convencida. — Tudo isso pode ser verdade. Mas você tem que admitir uma coisa. Você tinha um monte de pôsteres de Luke Reynolds pendurados nas paredes.

— Bem! Sim, eu admito! — Sam explodiu em frustração. — Eu tinha uma tonelada de pôsteres de Luke Reynolds quando eu era adolescente. Isso é um crime? Você vai chamar a polícia da decoração para mim? O que é isso, a Inquisição Espanhola?

— Bem, ninguém espera a Inquisição Espanhola — Amanda bufou zombeteiramente, referindo-se a Monty Python — e você certamente deveria ter esperado por isso. Todas as tardes que passamos no seu quarto coberto de pôsteres de Luke Reynolds quando adolescentes! Na verdade, eu meio que sinto como se Luke Reynolds tivesse me observado fazer a maior parte do meu dever de casa de química no primeiro ano.

Sam, ainda irritada, abriu a boca para responder, mas foi interrompida pela sensação familiar de arrepios estourando em seus antebraços, um calafrio subindo por sua espinha e os pequenos pelos de sua nuca se arrepiaram. Ela respirou com dificuldade. Luke estava de volta.

Seu conhecimento inato foi confirmado quando o olhar de Amanda se voltou para cima, olhando além de Sam, para a porta.

— Ei, rapazes. Luke gostou do tour? — Amanda perguntou animada.

Sam estava cruzando os dedos para que Amanda não achasse engraçado provocar Luke sobre os sentimentos de Sam. Rezou para que Amanda soubesse o quanto ela odiaria isso e simplesmente ficasse quieta.

Ela viu Amanda lhe dar uma piscadela sutil e sentiu o alívio inundá-la. Não que ela tivesse algum motivo real para se preocupar. Enquanto Amanda a provocava com bom humor, assim como Sam a provocara quando se apaixonou por Justin, Amanda nunca diria nada que pudesse realmente magoá-la ou constrangê-la. Ela sabia disso.

Sam, relaxada agora que sabia que a humilhação não estava em seu futuro imediato, voltou a se concentrar na conversa. Luke estava falando e sua voz estava cheia de entusiasmo.

— Cara, essas encostas são incríveis! Sua propriedade é incrível. É tão bonita. — disse ele com animação genuína.

— Nós pensamos que sim — Amanda disse com orgulho, olhando para Justin.

— Gosto especialmente do fato de haver tantas outras atividades ao ar livre. Tiroleza, caminhadas, passeios a cavalo, rafting. Isso apenas adiciona uma vibração tão grande e aventureira ao lugar que eu nunca encontrei em nenhum outro. — Amanda sorriu.

Justin sorriu e falou com Amanda em um tom baixo e sugestivo.

— Posso pegar você emprestada por um segundo? Tenho algumas coisas que preciso revisar com você antes de ir para a cidade.

As bochechas de Amanda explodiram em um rubor rosado e ela deu a volta na mesa, indo em direção à porta onde Justin estava parado.

— Claro! — ela disse alegremente, apertando o ombro de Sam ao passar. — Volto logo!

Sam balançou a cabeça e disse baixinho, principalmente para si mesma:

— Muito sutil, pessoal.

Mesmo que o comentário não tenha sido direcionado a ele, ela ouviu Luke rir. Novamente, gostou de poder fazê-lo rir sem esforço. Ela se virou rigidamente para olhar para Luke, respirando fundo ao fazê-lo. Sam teve o desejo desesperado de fugir da sala — seu movimento normal quando ele estava com ela — mas isso seria completamente antiprofissional. Ela precisava se sentar lá e resistir.



# 3

Luke permaneceu de pé, mas se virou ligeiramente para que seu corpo ficasse de frente para Sam. Ela podia sentir seu olhar sobre ela. A atmosfera na sala mudou ao seu redor, e ela ouviu um zumbido baixo em seus ouvidos. De repente, ela estava hiperconsciente do que a rodeava e podia ouvir o coração batendo no peito como um tambor. Era tão alto, na verdade, que ela tinha certeza de que Luke também podia ouvir. Deus, que vergonha!

Ela tentou se acalmar garantindo a si mesma que estava sendo boba, que era impossível, que não havia nenhuma maneira de Luke ouvir as batidas de seu coração do outro lado da sala. Precisava se controlar, era o que ela precisava fazer. No entanto, parecia que seria mais fácil falar do que fazer, considerando que sentia um friozinho na barriga como se estivessem competindo nas quinhentas milhas de Indianápolis.

Seu pulso estava acelerado. Ela sentia a cabeça leve. Parecia que todo o seu corpo estava coberto de arrepios (é claro). Estava com sobrecarga sensorial. E tudo porque ela se viu sozinha em uma sala com a porra do Luke Reynolds.

Depois de alguns segundos tentando, sem sucesso, recuperar o controle de sua respiração e frequência cardíaca, ela decidiu que — profissionalismo que se dane — sua aposta mais segura seria fazer o que ela normalmente fazia. Fugir de sua presença.

Ela se levantou rapidamente, o que não fez nada para ajudar a tontura que a atormentava, e deixou escapar:

— Eu já volto. Eu só preciso verificar o...

— Uau. Trinta segundos — Luke disse com um meio sorriso malicioso. — Deve ser algum tipo de recorde.

— O quê? — Sam perguntou. Ela sabia que suas funções cognitivas não estavam exatamente a pleno vapor, mas pela vida dela, ela não conseguia descobrir de que ele poderia estar falando.

— Você só durou trinta segundos em uma sala comigo. Normalmente você consegue me suportar por pelo menos cinco minutos antes de fazer um ato de desaparecimento. Trinta segundos deve ser algum tipo de recorde.

Sam reuniu o mínimo de dignidade que pôde e disse, mantendo a cabeça erguida:

— Não tenho ideia do que você está falando.

Ela tentou passar por ele e sair pela porta, mas ele se mexeu levemente para bloquear seu caminho.

— Sim, você tem — Luke disse, seus olhos brilhando. — Mas irei em frente e te informarei de qualquer maneira. Estou falando sobre o fato de que você não aguenta ficar cinco minutos em uma sala sozinha comigo.

— Isso é ridículo — Sam zombou, tentando alcançar a porta. O progresso dela foi impedido por sua relutância em tocá-lo. Ela percebeu que, se a mera presença dele a seis metros dela era tão poderosa, então o contato físico, com a ajuda de Deus, realmente poderia ser sua ruína.

Talvez sentindo seu calcanhar de Aquiles, Luke moveu-se para se inclinar indiferente contra o batente da porta, bloqueando seu acesso à maçaneta e fazendo com que ela puxasse a mão de volta como se tivesse sido queimada.

— Ridículo, hein? — ele perguntou casualmente.

— Sim — ela respondeu categoricamente.

— Ok, prove então. — Luke encolheu os ombros ao passar por ela, seu corpo roçando no dela enquanto se sentava no assento que ocupava anteriormente.

Depois que ela se recuperou da sensação de zumbido que percorreu todo o seu corpo com a breve passagem de Luke, os instintos competitivos pouco usados de Samantha se recuperaram, e ela disse:

— O que é isso, algum tipo de desafio?

— Sim, Samantha, é um desafio — Luke disse, nem mesmo se virando novamente para encará-la.

— Bem. Desafio aceito — ela respondeu laconicamente enquanto dava dois passos de volta para sua cadeira e se sentava.

Ela se sentiu mais calma e confiante do que havia sentido em qualquer momento desde que Luke entrou na sala esta manhã. Se havia uma coisa no mundo que poderia tirá-la da maldita névoa de feromônios em que ela parecia viver sempre que Luke Reynolds estava por perto, era uma pequena competição. Seu impulso, sua paixão por vencer, agora haviam sido despertados, e não ficaria satisfeita até que vencesse Luke em qualquer desafio que ele estivesse propondo. O pensamento no fundo de sua mente era que ela nem sabia exatamente que jogo era ou o que seria obrigada a fazer para ganhar, mas silenciou aquela voz.

Um dos princípios imutáveis da vitória? Não deixar que as distrações desviem o foco do objetivo. Ela descobriria os detalhes deste pequeno jogo de poder quando precisasse. Tudo o que ela precisava saber agora era que ela iria ganhar.

Isso é bom, Sam pensou consigo mesma enquanto se sentava ereta como uma vareta. Ela se sentia mais focada agora que havia uma competição envolvida. Os arrepios eram história. Não havia mais borboletas ou coração acelerado. Apenas determinação obstinada para provar que Luke estava errado. A veia competitiva fluindo através dela anulou tudo em seu sistema, como sempre fazia.

*O jogo começou.*

*A. Porra. Do. Jogo. Começou!*

Luke perguntou gentilmente:

— Você está bem? Parece um pouco tensa.

— Estou bem — respondeu ela secamente.

Luke pigarreou, parecendo um pouco desconfortável. Ele disse:

— Ok, então.

Quando Sam não respondeu, ele suspirou e caiu para trás contra o encosto da cadeira. Seus ombros caíram, ele se sentou naquela postura derrotada por um momento, respirou fundo e disse:

— Olha, Samantha. Hora das cartas na mesa, certo? Obviamente fiz algo para te aborrecer. Sinto muito por qualquer coisa que possa ter feito para ofendê-la. Mas, realmente, eu desejo que, se você não puder superar

isso sozinha, você me diga o que é. O que eu faço para me desculpar por isso e para que possa me perdoar.

Samantha lhe deu uma pequena olhada duas vezes.

— Do que você está falando? Você não fez nada para mim. — Ela ficou surpresa que Luke algum dia pensasse isso em primeiro lugar e ainda mais surpresa que ele realmente se importasse.

— Está bem, então. É que você simplesmente não gosta de mim? Porque, com toda a justiça, você não me conhece muito bem. Acho que, se você dedicar um tempo para me conhecer, descobrirá que sou um cara muito legal. — Luke sorriu calorosamente e roçou a mão na dela.

Sam sentiu um arrepio subir pelo braço e descer por sua espinha, um calafrio muito intenso para ser causado por aquele toque minúsculo e rápido. Ela se ouviu suspirar um pouco.

*Isso está ficando absurdo*, pensou severamente. Eles eram adultos. Luke era apenas um cara; ela era apenas uma garota. Eles estavam na mesma indústria. Ela definitivamente poderia bater um papo com o homem até Amanda retornar de seu encontro improvisado com Justin.

Sim, ela percebeu, era hora de se controlar e colocar sua calcinha de menina grande. Ao pensar na palavra calcinha, entretanto, sua mente imediatamente se voltou para pensamentos maliciosos sobre Luke. *Ele gostaria da calcinha que estou usando?* ela imaginou. Foi surpreendida pela fantasia mais deliciosa sobre ele puxando-a para baixo sobre suas pernas magras.

*Não*, ela se repreendeu. *Esse é exatamente o tipo de pensamento que resultou em você nem mesmo ser capaz de ter uma conversa civilizada com o homem. Se controla!*

Sam balançou a cabeça ligeiramente, tentando clareá-la, e continuou, tentando soar pelo menos um pouco como a adulta madura que ela era quando ele não estava por perto.

— Luke, eu honestamente não tenho nenhuma ideia do por que você pensaria que eu não gosto de você. Eu gosto de você. Você é um cara legal! Quer dizer, qual é? Todo mundo gosta de você.

— Ok. — Luke não parecia convencido. — Então, se eu não fiz nada para deixá-la brava e você me acha um “cara legal” e você “gosta de mim”, então por que esta é a primeira conversa de verdade que já tivemos?



Sam respirou fundo, amaldiçoando sua implacabilidade. Isso não seria tão fácil quanto ela pensava que seria.

Ainda tentando ignorar, ela respondeu:

— Não sei. Nossos caminhos se cruzam de vez em quando, mas nunca parecemos estar no mesmo lugar ao mesmo tempo por muito tempo.

— E de quem é a culpa? — Veio sua resposta quase imediata.

— Hmmm? — Sam murmurou vagamente, fingindo não saber do que estava falando.

Luke sorriu, deixando-a saber que ele estava no jogo dela.

— Na minha humilde opinião, é provavelmente culpa da pessoa que corre para fora da sala toda vez que o outro está lá.

Sam zombou.

— Ah, por favor. Não é desse jeito. Não é culpa de ninguém. É apenas o que é.

Sam estava ficando irritada consigo mesma. Ela percebeu que estava se comportando como uma criança petulante, mas não conseguia parar. O amadurecimento, ela sabia, seria perceber que, se eles iam falar sobre isso — o que claramente estavam fazendo, já que ele não ia deixar a conversa pra lá — então ela deveria pelo menos aproveitar a oportunidade para fazer um exame da alma, para cavar fundo e realmente tentar descobrir quais eram as respostas honestas às suas perguntas.

Mas sim. Isso não iria acontecer.

— Então você está me dizendo que nunca saiu de uma sala porque eu estava nela? — Luke pressionou.

— Luke, você está sendo ridículo — ela proclamou, começando a perder a paciência com sua campanha para prendê-la.

No entanto, quando esse pensamento cruzou sua mente, ela foi tomada por um lampejo de imaginação, uma imagem mental das mãos fortes de Luke prendendo seus pulsos acima de sua cabeça... e de repente a ideia dele prendendo-a não era tão irritante.

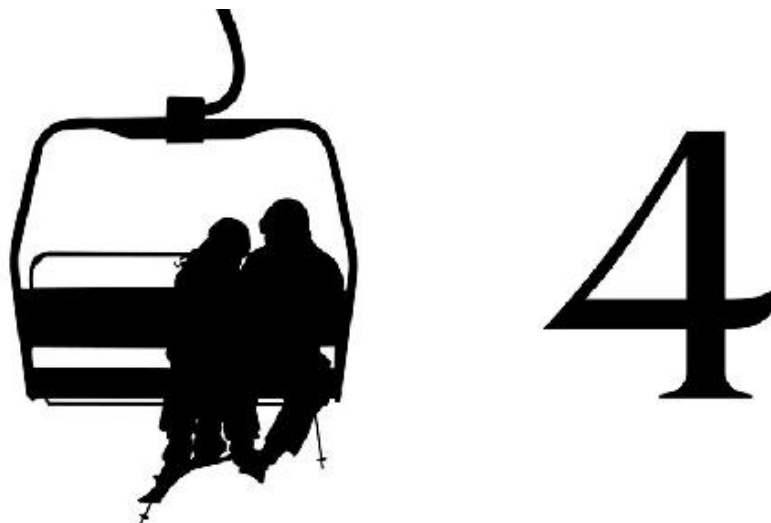
— *Eu* estou sendo ridículo? — ele brincou levemente, sorrindo. Ele estava claramente gostando de vê-la chegar ao fim de sua reserva de determinação paciente.

— Sim! — Sam gritou, querendo desesperadamente que essa conversa terminasse antes que ela escorregasse e dissesse algo de que se arrependesse, talvez algo um pouco honesto demais.

— Ok, Sam — Luke continuou em um tom razoável —, mas eu gostaria de lembrá-la que a última vez que nos vimos, você não apenas fugiu de mim, você o fez enquanto gritava para eu sair de lá. Acho que é um exemplo bastante claro do padrão que estou tentando apontar. Aquele que você jura que não existe.

Exasperada, Sam exclamou:

— Só gritei com você porque estava nua!



Luke e Sam estavam tão envolvidos em sua conversa que o assobio baixo que ouviram atrás deles assustou os dois, fazendo-os pular nas cadeiras.

— Desculpe — disse Amanda alegremente enquanto cruzava a sala e se acomodava atrás da mesa. — Não quis assustar vocês. Parece que estou voltando à entrevista no momento em que ela está tomando um rumo interessante. O que eu perdi?

— Nada — Sam disse em advertência, olhando para Amanda para que ela soubesse o quão sério estava falando.

Amanda fez uma pausa, parecendo considerar isso.

*Ou talvez, Sam pensou cinicamente, ela esteja apenas parando assim para me torturar.*

Mas depois de um momento, ela sorriu para Sam e se levantou, estendendo a mão para Luke.

Apertando a mão de Amanda, Luke disse:

— Foi ótimo conhecê-la. Adorei sua propriedade e realmente aprecio seu tempo e consideração.

— Luke, foi ótimo conhecer você também. Estamos vendo vários outros candidatos hoje, mas definitivamente devemos ter uma resposta para você até o fim da semana.

— Ótimo. Por favor, diga a Justin o quanto eu gostei de conhecê-lo também. Vocês têm uma operação e tanto aqui, e espero fazer parte de sua equipe.

Sam, percebendo que era um pouco estranho ela ter permanecido sentada enquanto os outros dois estavam de pé para se despedir, levantou-se para apertar a mão de Luke. Como se tivesse cronometrado intencionalmente, ela se levantou e se virou para ele bem quando ele estava indo em direção à porta, fazendo com que eles se chocassem.

O impacto a fez cambalear para trás, e a cadeira em que estava sentada acertou-a na parte de trás dos joelhos. Ela sentiu que estava começando a cair no chão. Mas antes que isso acontecesse em uma confusão dolorosa de humilhação, ela foi puxada de volta por um braço forte em volta de sua cintura. Sem pensar, suas mãos voaram para agarrar aquele braço e solidificar seu equilíbrio. Ao inclinar a cabeça para cima e se encontrar cara a cara com Luke, ela percebeu que estava na verdade em um abraço com *Luke Reynolds*. Seus braços fortes a seguravam, seu corpo pressionado contra o dela e seus lábios estavam a centímetros dos dela. O momento com que ela sonhava desde... bem, desde que ela não era ninguém em Hope Falls olhando para seus pôsteres e ele não era nada mais para ela do que uma celebridade pela qual ela tinha uma queda.

O tempo parou. Sam se esqueceu de respirar. Ela ficou completamente imóvel, congelada pelo contato repentino. Contato de corpo inteiro. Involuntariamente, ela se sentiu derreter contra Luke. Ele era tão forte e sólido. Ela nunca tinha estado tão perto dele.

Ela inalou seu perfume, tão fresco e masculino. Enquanto ela o inspirava, notou seu corpo ficar tenso e seus bíceps flexionaram sob seus dedos. Percebeu seu hálito quente acelerar contra seu pescoço e começou a se sentir um pouco tonta. Ela sentiu arrepios — aquele indicador antigo e confiável de que Luke estava perto — que mais uma vez começaram a aparecer em sua pele.

— Oh, desculpe! — ela ouviu uma voz masculina desconhecida perturbar seu estado de transe. — Tenho uma entrevista às nove e a porta estava aberta.

Essa intrusão indesejável serviu para tirar Sam do feitiço em que o abraço de Luke a fizera cair, e ela rapidamente se afastou dele, tentando manter a respiração sob controle. Olhando para cima, ela viu um cara jovem e inquieto parado nervosamente na porta do escritório.

Sam ouviu a voz de Amanda, embora ainda parecesse um pouco distante.

— Olá! Não se preocupe. Você deve ser Marcus? Nossa, já são nove horas! Eu sou Amanda, e estes são...

— Luke Reynolds e Samantha Holt — o jovem interrompeu, seu rosto incrédulo e sua voz cheia de admiração. — Deus, eu não posso acreditar que estou conhecendo vocês! Eu sou um grande fã de... bem... de vocês dois!

— É um prazer conhecê-lo, Marcus — Luke disse calorosamente naquele tom extremamente suave e confiante que era sua marca registrada e apertou a mão do jovem nervoso.

— Luke Reynolds — Marcus repetiu quase como se estivesse tentando se convencer de que Luke estava realmente lá.

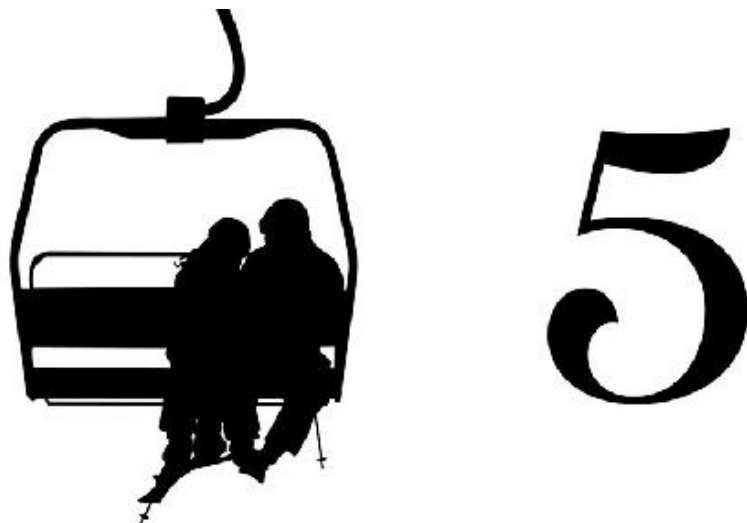
Luke sorriu e se virou para Sam e Amanda.

— Vocês, senhoras, tenham um bom dia. — disse agradavelmente enquanto passava por Marcus para deixar o escritório.

Sam se recostou na cadeira, determinada a controlar seu foco e fazer um trabalho muito melhor com o resto das entrevistas do que com Luke. No entanto, quando ela estava se preparando para cumprimentar Marcus e começar com força em sua nova personalidade focada e profissional, ela ouviu a voz de Luke vindo da porta.

— Ah, e Sam — disse ele, enfiando a cabeça para trás na sala para uma cena final, — se você ainda tiver aqueles pôsteres, não me importaria de assiná-los para você. — Ele piscou, mostrando sua covinha profunda, e se foi.

Sam queria morrer de vergonha.



Enquanto Luke subia de volta em seu SUV e começava a descer a montanha em direção ao Lago Tahoe, ele lutou para compreender o que acabara de acontecer naquela manhã. A sequência de eventos tinha sido definitivamente bizarra, mas ele não conseguia descobrir se eram um bizarro bom ou ruim.

Ele repetia a cena indefinidamente em sua cabeça como um filme ou como uma filmagem pós-corrida, separando cada avanço e cada passo em falso, tentando descobrir o que deu certo e o que deu errado.

Sabia que não tinha lidado com a situação com sua facilidade e charme habituais. Isso era um fato. Ele admitiu logo de cara.

A verdade era que simplesmente não estava preparado para vê-la. Claro, ele sabia que Samantha havia se mudado de volta para Hope Falls, o que foi um fator importante em sua candidatura ao emprego. Ele simplesmente não tinha ideia de que ela estaria trabalhando em *Mountain Ridge*.

Quando Stephan, o treinador e empresário de Samantha, ligou para ele na semana anterior para avisá-lo que ela estaria de folga por um ano e ficaria em Hope Falls, todos os instintos de Luke imediatamente entraram em alerta. As perguntas começaram a voar em sua cabeça.

Por que ela faria isso? Ela estava no topo da carreira — ou assim ele pensava. Ela estava bem? Teve alguma contusão que ele não sabia? Improvável. Seu mundo era muito pequeno para ninguém ter mencionado isso em uma conversa casual.

Poderia haver algum outro cenário, algo completamente alheio à sua carreira, que fizesse estabelecer-se em uma vida doméstica peculiar parecer uma opção atraente? Seu intestino se torceu em um nó. Havia alguém sério em sua vida por quem ela estava tirando uma folga?

Antes de ter a chance de fazer qualquer uma dessas perguntas a Stephan, o homem mais velho se intrometeu e disse a Luke que estava ciente de que Luke estava de olho em trabalho no norte da Califórnia, e que, curiosamente, havia um resort em Hope Falls que estava procurando um profissional, e se Luke estivesse interessado, ele deveria se inscrever em *Mountain Ridge*.

Bingo! Uma lâmpada se acendeu na cabeça de Luke. Em um instante, um plano surgiu em sua mente totalmente formado. Se ele conseguisse um contrato para a temporada na *Mountain Ridge Outdoor Adventures*, sua mudança para lá coincidiria perfeitamente com o ano sabático de Sam. Ele se lembrava de Hope Falls das idas de sua família para lá na infância. Era um lugar minúsculo. Se ele e Samantha estivessem morando lá, ela absolutamente não seria capaz de evitá-lo. Ele poderia descobrir por si mesmo o que estava por trás do bizarro hiato no pico da carreira de Samantha, e se fosse um homem, então Luke poderia pelo menos se convencer de que o cara estava em alta.

Claro, um contrato com *Mountain Ridge* iria satisfazer o ímpeto original que o havia enviado em primeiro lugar em uma busca de emprego em *Sierra Nevadas* — uma chance de estar mais perto de sua família, já que a perda de seu pai o levou para casa e o fato de que com sua família era o lugar que ele precisava desesperadamente estar. Era realmente perfeito.

Ele nem tinha percebido a extensão total da situação até que entrou no escritório esta manhã e viu a bunda bonita de Samantha Holt acomodada naquela cadeira e descobriu que ela realmente estaria trabalhando lá também.

Destino.

Quando ela começou a engasgar com o café, ele se viu congelado por alguns segundos antes de ser capaz de fazer qualquer coisa para ajudá-la com a força do choque de vê-la.

Levou alguns segundos para entrar em ação. Então, no instante em que a tocou, ele sentiu um tremor percorrer seu corpo que parecia continuar

correndo diretamente em todo seu ser e direto para sua virilha.

Ele tinha acabado de começar a relaxar e pensar consigo mesmo que, caramba, isso podia ser o começo de algo bom quando ela abruptamente se afastou dele e começou a agir de maneira indiferente. Ou como ele gostava de se referir a essa rotina, “dando uma de Samantha.”

Ele fez uma careta ao lembrar que havia reagido ao comportamento indiferente dela com sua maturidade usual, oferecendo-se para fazer respiração boca a boca. Uau. Quantos anos ele tinha, doze?

E então veio a melhor parte. Ele tinha recebido milagrosamente o presente de algum tempo a sós com ela, e ele tinha sido encantador? Espirituoso? Mesmo apenas genericamente agradável?

Inferno, não. Isso teria sido fácil demais, faria muito sentido. Não. O que ele decidiu fazer foi praticamente jogar na cara da pobre garota, que ela estava sempre tentando evitá-lo.

E quando ela negou evitá-lo, ele foi apenas cortês e respeitosamente deixou passar? Claro que não. Não, ele realmente tinha ido tão longe a ponto de desafiá-la a passar um tempo com ele.

*Muito bom, Dom Juan. Tenho certeza de que ela não acha que você está desesperado depois daquela pequena exibição.*

Tudo bem, sim, então as coisas não estavam indo tão bem quanto ele imaginou quando o plano tomou forma. Mas não era de todo ruim. A seu ver, também havia alguns elementos cruciais a seu favor.

Em primeiro lugar, se Marcus, o candidato que Luke conheceu ao sair do escritório de Amanda, fosse qualquer indicação do calibre dos outros candidatos que iriam competir pela mesma posição que ele estava concorrendo, Luke tinha certeza de que tinha uma boa chance. Marcus parecia um garoto legal e tudo, mas ele era exatamente isso. Um garoto. Não havia nenhuma maneira de ele trazer a experiência e o reconhecimento do nome para *Mountain Ridge* como Luke faria.

Em segundo lugar, ele sentiu que realmente se deu bem com Amanda e Justin. Eles pareciam levar muito a sério a questão de colocar as coisas em funcionamento rapidamente, e ele teve a impressão de que perceberam a seriedade de Luke também. Podia ser um cara festeiro em sua vida pessoal, mas quando se tratava de sua profissão, ele não era nada além de sério. Acreditava que eles haviam percebido isso nele e o apreciado.



Ele não tinha certeza neste ponto sobre o quanto Samantha se envolveria no processo de contratação, uma vez que ele ainda não tinha certeza exatamente em que consistia a posição dela. Quando ele chegou naquela manhã, Amanda mencionou que eles já haviam contratado um profissional que participaria das entrevistas; ele só não tinha percebido que era Samantha.

Terceiro, embora ele obviamente não tivesse sido capaz de ouvir tudo que as garotas estavam falando quando ele estava nas encostas com Justin, a única coisa que ele ouviu claramente quando eles voltaram foi Sam admitindo que ela tinha, em um ponto, mantido uma tonelada de pôsteres de Luke cobrindo suas paredes. Isso tinha que ser um bom sinal. Não é? Ele definitivamente queria uma chance de acompanhar aquele petisco suculento.

Mas o acontecimento mais encorajador do dia, de longe, foi quando Samantha caiu em seus braços. Deus, ela ficou tão *bem* pressionada contra seu corpo. A maneira como ela se fundiu com ele quase foi sua ruína. Poderia ter ficado assim o dia todo, seus braços em volta dela, sentindo o calor suave de seu corpo pressionado ao longo de todo o seu, inalando seu cheiro — na verdade, ele poderia ter ficado assim para sempre e sido um homem feliz.

Ele concluiu que hoje podia não ter sido seu melhor momento. Não tinha sido mais suave ou mais charmoso. Mas havia, inegavelmente, algo com que ele poderia trabalhar.

--- ~ ---

Sam cravou as unhas nas palmas das mãos para se manter concentrada e acordada enquanto o candidato à sua frente falava monotonamente sobre suas muitas realizações. Foi tudo em vão. Quando ele finalmente terminou de declamá-las e recostou-se com um sorriso de autossatisfação, Sam teria tido problemas para nomear pelo menos uma das realizações — das quais ele estava obviamente tão orgulhoso — que listou.

Claro, embora ele fosse um pouco pomposo e definitivamente gostasse do som de sua própria voz demais para o gosto de Sam, não era inteiramente sua culpa que ela estivesse tendo uma dificuldade monumental para sintonizar o que ele estava dizendo.

Por mais que tentasse, ela absolutamente não conseguia parar de repetir mentalmente a primeira entrevista do dia. A entrevista com Luke Reynolds.

Ela sabia que, logicamente, não existia tal coisa como um relógio mágico que pudesse usar para voltar no tempo e não agir como uma grande idiota, mas realmente gostaria que existisse. Um *Antimbecilizador*, se preferir.

*Sim*, ela disse a si mesma, *se outras pessoas sentirem algo próximo ao nível de miséria que eu sinto agora quando eles se fazem de idiotas, posso garantir que haveria um enorme mercado para um dispositivo como esse.*

Durante as últimas três horas, ela passou por quatro entrevistas separadas e entorpecentes e, mesmo que sua vida dependesse disso, ela tinha quase certeza de que não seria capaz de recitar nem mesmo um dos nomes dos candidatos. Tudo passou em um borrão.

Dois deles quiseram tirar fotos com ela, o que, claro, ela tinha feito. Um deles queria falar sobre negócios, o que ela poderia ter feito durante o sono. Isso também foi uma sorte, porque era o que ela sentia que estava fazendo. Ela se sentia como se estivesse andando por aí em alguma versão bizarra e onírica da *Twilight Zone* de sua vida. Talvez ela ainda não tivesse acordado.

Talvez, em dez minutos, seu alarme tocasse e ela pulasse da cama para começar a se preparar para seu primeiro dia de trabalho em *Mountain Ridge*, rindo do pesadelo bobo que acabara de ter sobre como seu primeiro dia poderia ter sido.

No momento em que o último candidato estava sentado e Amanda havia começado seu discurso, Sam estava dividida entre temer que a entrevista acabasse e esperar seu fim na mesma medida.

Por um lado, ela sabia que Amanda teria muito a dizer sobre seu comportamento com Luke, e certamente não estava ansiosa por essa conversa. Ela não sabia sobre o que Amanda e Luke estavam realmente conversando antes de entrarem no escritório naquela manhã, mas Sam estava começando a suspeitar que eles haviam dedicado aquele tempo para

formar o Clube-de-tortura-e-perguntas-infinitas. E parecia que a primeira regra do clube C.T.P.I. era: não deixe nada nada para lá, não importa o quanto ela implore.

Por outro lado, ela estava realmente ansiosa para ter a chance de ficar sozinha e resolver seus sentimentos sobre a aparição de Luke em Hope Falls. Havia tantas perguntas não resolvidas. E se ele ficasse aqui? E se Amanda decidisse contratá-lo? Deus, e se? Sam simplesmente não conseguiria trabalhar com ele, lado a lado, todos os dias.

Ela apenas teria que dizer a Amanda que ela tinha que contratar outra pessoa, e isso era tudo que importava. Amanda iria ouvi-la. Ela esperava. Mas, bom Deus, se eles não contratassem Luke, quem eles contratariam? Nenhum dos outros candidatos chegava perto de sua experiência e conhecimento. Apenas ter o nome dele associado a *Mountain Ridge*, especialmente em conjunto com o dela, atrairia muitos negócios.

Sam sabia em seu coração que, embora tivesse certeza de que, no final, Amanda faria qualquer coisa por ela, nunca poderia pedir a sua amiga que desistisse de algo que beneficiaria o resort da mesma forma que ter Luke a bordo faria.

E ei, ela raciocinou, talvez não fosse realmente uma coisa ruim se ela finalmente se obrigasse a enfrentar Luke e o efeito que ele tinha sobre ela, para descobrir por que ela tinha uma reação tão poderosa a ele, e sempre teve. Sam estava em um ponto de sua vida em que estava pronta para fazer grandes mudanças, para assumir o controle de seu próprio destino. Que melhor maneira de fazer isso do que assumir o controle de sua paixão e obsessão por Luke do que enfrentá-la de frente?

No passado, ela havia empregado um processo simples e eficaz de três etapas ao lidar com sua resposta a Luke Reynolds. Negar. Ignorar. Reprimir. Claro, não era a reação mais saudável, mas era correta. Elegante. Poderia lidar com isso. Ela sempre pensou em Luke como uma chama ardente e não queria brincar com fogo. No entanto, agora sentia que talvez pudesse lidar com ficar um pouco mais perto do calor daquele fogo, e se ela se queimasse, bem, que assim fosse. O que era uma vida sem risco?

Mudando de posição na cadeira, percebeu que, quando se tratava de *snowboard*, ela corria riscos. Riscos calculados, mas riscos da mesma forma. Inferno, quando se tratava de *snowboard*, ela nunca se continha, ia a cento e sessenta quilômetros por hora. Dava tudo o que tinha. Ela ia com

tudo em mente, corpo, espírito. Não tinha medo de falhar. Na verdade, ela nunca deixou o pensamento de fracasso sequer entrar em seu cérebro. Atribuía muito de seu sucesso a esse fato.

Muitos atletas que Sam conhecia estagnaram quando alcançaram um certo nível de sucesso. Era quase como se pensassem, mesmo inconscientemente, que, chegando mais alto e indo mais longe, arriscariam o que já haviam conquistado. Se era medo de se machucar ou algum outro bloqueio mental, Sam não tinha certeza, mas a única coisa que ela sabia era que nunca deixava nenhum tipo de reserva entrar em sua mente quando estava competindo, quando estava na zona.

Quando ela queria realizar algo, ia atrás com uma determinação obstinada e não deixava nada nem ninguém atrapalhar ou atrasá-la. As pessoas sempre classificaram Sam como uma competidora feroz, e ela era, mas isso era apenas parte da história. A verdade é que ela se considerava competindo principalmente com apenas uma pessoa: Ela mesma. Ela queria ser melhor, mas mais do que isso, ela queria ser *a* melhor, e a única maneira de chegar lá era limpar sua mente de tudo, exceto da tarefa em mãos enquanto competia.

Mas quando se tratava de sua vida pessoal? Uau. Essa era uma história totalmente diferente. Dizer que ela jogava de forma segura seria o eufemismo do século. Para alguém “jogar” algo de uma determinada maneira, mesmo segura, isso implicaria que ele estava realmente no jogo. Sam nunca tinha posto os pés no campo.

*Bem, ela pensou consigo mesma com determinação, talvez seja hora de jogar.*

Samantha foi rudemente arrancada de suas reflexões pela voz insistente e levemente em pânico de Amanda dizendo:

— Tudo bem, Sam?

Sam olhou para cima e viu Amanda saindo rapidamente de trás de sua mesa, olhando para ela com expectativa.

— Desculpe, o quê? — Sam perguntou, tentando recuperar o atraso.

— Eu disse que acabei de receber uma mensagem de que o veterinário está aqui para examinar Buttercup, a égua que pode parir a qualquer momento — explicou Amanda apressadamente enquanto vestia o casaco.

— Ele não deveria vir até amanhã, mas estava na área. Ele acabou de

examiná-la e precisa falar comigo. Então, se você puder terminar com Michael e fechar na hora de sair, isso seria ótimo.

— Certo. Sim, claro — Sam respondeu, se orientando de volta.

Quando Amanda estava quase fora da porta, ela se virou e olhou para Sam com um brilho nos olhos. E então disse:

— Ah, sim, e não se esqueça. Você será a anfitriã do clube do livro esta noite. Vejo você às sete. Temos muito que discutir.

Com isso, sua amiga se virou e foi embora. Sam gemeu por dentro. De alguma forma, ela não achava que o “muito” que Amanda mencionou que tinham a discutir tinha a ver com “Grandes Esperanças”, o título que Lauren e Amy escolheram como o livro do mês. Sam teve todo o trabalho de escrever as perguntas para a discussão desta noite. Mas se o histórico de discussões do clube do livro fosse uma indicação, elas estariam muito mais interessadas em discutir “Esperanças de Sam”, onde seria mais assunto do que qualquer coisa de Dickens, grandes ou não.

Ela se sentiu especialmente mal por Amy. Amy era a irmã mais nova de Jake e Eric, e ela era extremamente tímida. Ela se juntou ao clube do livro há alguns meses e lia obedientemente o livro atribuído a cada vez. Elas ainda não tinham discutido nem mesmo um livro. Sam nem mesmo achava que Amanda ou Karina tinham lido um dos livros, mas Amy sempre lia.

Sam se virou para Michael. Ela sabia que provavelmente não estava dando a ele um tratamento justo, mas não havia muito que ela pudesse fazer sobre isso agora.

— Bem — disse Sam, tentando encerrar a reunião o mais rápido possível. — Eu acho que se você não tiver nenhuma pergunta para nós, então...

— Eu tenho uma pergunta — disse Michael, parecendo confuso. — Por que eles têm cavalos em uma estação de esqui?

*Sério?*



# 6

S am ficou nervosa em sua cozinha e reorganizou os canapés em suas bandejas pela sétima ou oitava vez. Ela ouviu o zumbido de vozes femininas amigáveis e felizes na sala ao lado, e em vez de se sentir satisfeita por suas amigas estarem se divertindo ou orgulhosa de si mesma por navegar com sucesso nas águas complexas de hospedar seu primeiro encontro social de todos os tempos, tudo que ela podia sentir era trepidação.

Por quê? Porque ela sabia que a qualquer minuto sua campanha tocaria e a última convidada da noite chegaria. Amanda. E então todo o clube do livro descobriria sobre Luke.

Ela não estava nervosa porque sentia que tinha feito algo errado ou porque não aguentava um pouco de provocação amigável tão bem quanto qualquer pessoa. Ela poderia distribuir e aguentar. Esse não era o problema.

Estava nervosa com o fato de que sabia que suas amigas iriam pressioná-la por respostas. Respostas sobre quem Luke era para ela. Respostas sobre como se sentia sobre ele. Respostas sobre como ele poderia se sentir por ela. Respostas, em resumo, que ela simplesmente não tinha e não estava pronta para procurar. E isso a deixava nervosa.

Ela conhecia essas meninas, suas amigas mais próximas, melhor do que conhecia qualquer pessoa no mundo, talvez até ela mesma. E sabia, sem sombra de dúvida, que “Eu não sei” não seria uma resposta suficiente

para quaisquer perguntas que surgissem da história de Amanda. “Não quero falar sobre isso” seria igualmente ignorado.

Ela suspirou. Não, a melhor coisa a fazer era apenas se preparar para o que estava por vir. Uma noite discutindo sobre Luke Reynolds. Precisava estar preparada. Não queria parecer nervosa quando falasse sobre ele, o que só tornaria tudo pior. Ela precisava parecer fria, confiante, desinteressada... blasé. Sim. Blasé era o que ela precisava almejar.

Ela endireitou as costas, respirou fundo e voltou para a sala com a bandeja de aperitivos no momento em que Amanda entrava pela porta da frente.

— Amanda! Eu não ouvi a campainha! — Sam disse, surpresa.

Amanda sorriu amplamente.

— Oh, isso é porque eu estava no telefone com Lauren enquanto dirigia para cá e caminhava até a porta.

Lauren se juntou a Amanda em seu sorriso malicioso.

— E ouvi dizer que você teve um ótimo dia.

Sam teve o desejo de jogar a bandeja no chão, fugir escada acima, pular em sua cama grande e macia e enterrar a cabeça sob as cobertas até que toda essa coisa de Luke Reynolds explodisse. Mas não, esse não era seu estilo. Ela fez carreira forçando seu corpo a fazer coisas que ele não queria fazer naturalmente, então empregaria essa habilidade aqui. Forçou seus lábios a se curvarem em um sorriso casual e sua voz a soar medida e uniforme.

— Foi um ótimo primeiro dia — ela blefou. — Já posso dizer que vou adorar trabalhar lá.

— Oh, sim, foi um primeiro dia glorioso, querida — Amanda brincou com um sotaque afetado.

— Você gostaria de recapitular ou devo?

Sam considerou isso.

— Se eu tentar, você estará constantemente interpondo suas observações e opiniões?

— Sim — Amanda confirmou alegremente.

— Nesse caso, acho que a palavra é sua — concluiu Sam, resignada.

— Perfeito, esperava que você dissesse isso. Ok, aqui vai.

Amanda respirou fundo e olhou para cada pessoa na sala, fazendo contato visual significativo com cada uma delas para definir o cenário. Ela

parou por alguns segundos em Lauren, Karina, e Amy por sua vez, mas Sam percebeu que ela não se incomodou em parar e fazer contato visual com ela.

— Bem, como vocês já sabem, o primeiro dia de Sam como um dos dois profissionais de esqui residentes do *Mountain Ridge* deveria ser gasto me ajudando a entrevistar os candidatos para o cargo restante...

— E foi — Sam defendeu.

— Ha! Podemos discutir a eficácia de sua “ajuda” durante sua primeira avaliação de funcionária. No entanto, esse não é o objetivo desta história — retrucou Amanda.

— *Touché* — Sam admitiu, incapaz de deixar de rir de si mesma. Ela decidiu que a melhor maneira de superar isso era relaxar e tentar aguentar, se não até mesmo curtir um pouco.

— Então, encontrei o primeiro candidato no estacionamento dos funcionários, por acaso, e me ofereci para levá-lo a um pequeno tour improvisado pela propriedade. Estávamos nos dando bem. Tudo estava indo muito bem quando descemos o corredor em direção ao meu escritório. Pela fresta da porta, que estava um pouco aberta, vi Sam sentada em uma das minhas cadeiras de visitante e pensei comigo mesmo: “Uau. Este está realmente caminhando para ser um dia tranquilo. Sem surpresas aqui.”

— Isso é literalmente o que você pensou consigo mesma quando me viu sentada lá? Parece um pouco estranho — Sam disse incrédula.

— Você nunca saberá — Amanda continuou alegremente. — De qualquer forma, quando o candidato e eu entramos na sala e eu o apresentei a Sam, ela começou a engasgar com o café que estava bebendo! E quando ela tentou pousar a xícara, errou a mesa. O copo caiu direto no chão e o café se espalhou por toda parte.

— Oh, meu Deus, Sam! Que constrangedor! — Karina exclamou.

— Obrigada, Kar — Sam respondeu secamente.

— Não só isso — continuou Amanda —, mas quando o sufocamento continuou... e continuou... e continuou e continuou...

— Eu acho que eles entenderam, Mand — Sam interrompeu.

— O candidato puxou-a para cima e começou a dar tapinhas em suas costas. Eu acho que ele teria feito o *Heimlich* se houvesse algo lá para expulsar!



Lauren ergueu a mão.

— Informação demais.

— De qualquer forma — Amanda continuou, destemida —, não é preciso dizer que, durante toda a entrevista, Sam estava uma pilha de nervos. Ela pulava ao menor som, mal conseguia dizer uma palavra. E embora ela inicialmente dissesse que nada disso tinha a ver com ele, todas vocês ficarão felizes em saber que mais tarde, quando estávamos sozinhas, eu a enganei para admitir como ela o achava sexy.

— Ha! — Sam exclamou, apontando um dedo acusadoramente para Amanda. — Então você não nega que me enganou!

Amanda riu.

— Eu confessei isso na sala.

— Verdade — Sam admitiu, ligeiramente murcha.

— A melhor parte, porém... A melhor parte absoluta, foi esta. Adivinha quem era o candidato?

Todas as meninas se entreolharam, balançando a cabeça. Nenhuma delas sequer tinha um palpite a oferecer.

— Luke Reynolds! — Amanda anunciou com orgulho.

Houve silêncio na sala. Sam percebeu pelo rosto de Amanda que ela estava interpretando o silêncio para indicar a profundidade com que chocou suas amigas com essa revelação.

Depois de um momento, porém, Karina disse:

— Quem?

Isso fez com que o rosto de Amanda caísse ligeiramente, mas ela se recuperou com rapidez.

— Então, meninas... Lembram-se de todos aqueles pôsteres que Sam tinha pendurados no quarto na época do colégio?

As meninas olharam para Amanda sem expressão por mais um momento antes de finalmente Karina se virar para Sam e dizer:

— Oh, certo. Eu lembro. O gostoso do Gatorade. Então é esse o Luke Reynolds, hein? Nossa, garota. Você se deu bem.

— Eu não “dei” nada! — Sam protestou.

— Bem — Lauren se pronunciou — isso lança uma luz inteiramente nova sobre os eventos.

— Exatamente — concordou Amanda, satisfeita consigo mesma.

— Não — disse Sam em protesto contínuo. Ela reconheceu que sua decisão de seguir o fluxo estava se dissolvendo a cada segundo, mas ela não pôde evitar enquanto pressionava. — Não há nova luz. Não há eventos!

Amy parecia confusa.

— Espere, quem é o gostoso do Gatorade? Quem é Luke Reynolds?

— Luke Reynolds é um atleta. Isso é tudo — Sam respondeu com naturalidade.

— Minha nossa! Ele foi sua celebridade favorita durante todo o ensino médio, e agora ele vai ser seu colega profissional de esqui, trabalhando de perto, dia após dia... eeeeeeee, eu imagino que ele logo será seu amor! — Karina exclamou deliciada.

— Vai devagar, estrela do rock — disse Sam com firmeza. — Nenhuma decisão de contratação foi tomada até o momento.

— Oh, Sammi — Amanda fez beicinho. — Você realmente me faria não contratá-lo? Você realmente privaria *Mountain Ridge* de quem é, de longe, o melhor candidato só porque tem sentimentos por ele?

— Inferno — Karina interveio. — Ela não deveria apenas impedir você de contratá-lo por causa dos sentimentos dela, acho que os sentimentos dela seriam razão suficiente para contratar o gostoso.

— Concordo — disse Amanda.

— Eu não tenho sentimentos por ele — Sam insistiu.

— Você admitiu totalmente para mim no escritório mais cedo que tinha sentimentos por ele — Amanda rebateu.

— Eu disse que fico com frio na barriga e arrepios — Sam corrigiu.

— O que exatamente você acha que “sentimentos” são, então? — Amy interrompeu um pouco timidamente.

Karina jogou a cabeça para trás e caiu na gargalhada.

— Garota — disse ela a Amy — continue fazendo comentários como esse e talvez tenhamos de nos tornar as Cinco Fabulosas.

— Na verdade, eu estava sendo sincera — Amy disse se desculpando, empurrando os óculos ainda mais para cima.

— Ainda melhor — Karina assegurou a ela.

Amy olhou para Sam.

— Então, hoje foi a primeira vez que você o encontrou?

Sam balançou a cabeça.

— Nós nos conhecemos. Mais ou menos. Não é como se fôssemos amigos. Corremos no mesmo círculo. Estivemos muitas vezes no mesmo lugar ao mesmo tempo ao longo dos anos.

— Sim — Amanda adicionou, os olhos brilhando. — E uma das vezes que vocês estavam no mesmo lugar, você estava nua.

Isso obteve precisamente a resposta do grupo de garotas que que Amanda esperava. Elas começaram a gritar, assobiar, uivar e dar tapinhas nas costas dela.

— Oh, parem. Eu não estava nua, estava apenas de topless! — Sam gritou, mas isso só intensificou as reações.

Sam riu e se jogou no sofá, rendendo-se ao clima de festa.

— Tudo bem, tudo bem — ela concedeu. — Pelo menos alguém me traga uma taça de vinho. Se vou contar a história de quando Luke Reynolds me viu sem camisa, pelo menos terei um pouco de fortificação com álcool primeiro!

Nunca perdendo a oportunidade de se mostrar organizada e prática, Lauren tinha um copo de *Pinot Noir* nas mãos de Sam antes mesmo que ela terminasse sua frase. Sam deu um longo e grato gole.

— Ok, então é o seguinte sobre o topless — ela começou com pesar. — Infelizmente, não é tão sexy ou escandaloso quanto parece. Basicamente, eu estava fazendo uma sessão horrível de fotos. Vocês sabem, é aquela sobre a qual falei quando voltei para Hope Falls pela primeira vez. Eles queriam que eu posasse com minha prancha de snowboard apenas com uma minúscula parte de baixo do biquíni e que meus peitos fossem, não sei, artisticamente obscurecidos pela paisagem, ou pela prancha, ou por minhas mãos, ou... alguma coisa.

— Ela usava uma minúscula metade inferior de um biquíni... — cantou Karina, alegremente mudando a letra.

Sam mostrou a língua para ela.

— De qualquer forma, eu obviamente odiei a ideia. Mas o fotógrafo e a responsável pelo figurino estavam sendo muito insistentes nisso. Eles estavam realmente me pressionando. Finalmente, eles me fizeram concordar em apenas experimentar e ver como me sentia depois disso. Bem, eu vou dizer como me senti. Nua... vulnerável... exposta. Odiei. Eu estava no meio de uma discussão com a figurinista que não havia nenhuma maneira nesse mundo de meu Deus de eu deixar alguém me ver com

aquele traje, muito menos tirar uma foto com ele, e que ela deveria me entregar meu telefone para que eu pudesse chamar Stephan. De alguma forma, eu senti que minha posição de poder na situação foi atenuada um pouco pelo fato de que eu estava lá apenas de biquini, nada cobrindo minhas tetas, além das minhas mãos.

— Você está realmente ciente da palavra “seios?” — perguntou Lauren. — É perfeitamente razoável chamar seus seios pelo nome anatômico que têm.

— Cala a boca, Lauren — Karina interrompeu. — Ela tem, tipo, mais quarenta e cinco eufemismos hilários e desconfortáveis para falar antes de começar a inventar seus próprios, e eu realmente gostaria de ver onde isso vai dar.

— De qualquer forma — Sam continuou, tentando ignorar as interrupções e apenas continuando a história — esta é a parte horrível. De repente, eu ouço isso... tipo... um zumbido atrás de mim. Ou um som apreciativo. Tipo, Hummmmm... Eu viro minha cabeça, e não há ninguém mais além de Luke Reynolds olhando para o meu traseiro.

— Vá para a parte horrível, porque parece muito bom para mim até agora! — Karina disse alegremente, e o resto das garotas murmurou em concordância. Até Amy, Sam notou.

— Bem, eu fiquei tão nervosa quando o vi olhando para o meu traseiro que inconscientemente abaixei minhas mãos para cobri-lo. Não pensando sobre o fato de que isso deixaria meus...

— Seios — disse Lauren com firmeza.

— Peitcholas! — Karina gritou alegremente.

— Peitos descobertos — Sam terminou.

— O que você fez? — Amy perguntou sem fôlego.

— Espero que ela tenha ficado lá por um longo minuto e tenha deixado ele dar uma olhada na mercadoria! — Karina balançou as sobrancelhas.

— Não. O oposto, na verdade. Corri para trás de uma cortina e gritei para ele sair de lá — Sam disse miseravelmente.

— Assim é que se fala! — Lauren disse com um pequeno sorriso.

— E essa foi a última vez que o vi. Até esta manhã, quero dizer. Quando seu primeiro vislumbre de mim foi com meu rosto vermelho e curvado, botando os bofes pra fora porque engoli o café pelo buraco errado.

— Oh, Sammi — disse Amanda afetuosamente, acomodando-se no sofá ao lado dela e dando-lhe um aperto reconfortante em seus ombros. — Você adora dar uma impressão poderosa, não é?

Sam deu um tapa nela e todas riram.

Amanda continuou, dirigindo-se a todo o grupo.

— Mas parece que as travessuras dela não o desencorajaram de forma alguma. Quando eu perguntei a ele se eles se conheciam, ele respondeu que eles... — Amanda fez uma pausa para limpar a garganta, e então abaixou a voz algumas oitavas em uma impressão exagerada de tenor suave de Luke — nunca tiveram a oportunidade de se conhecer pessoalmente.

Ela fez uma pausa para esperar que o riso morresse.

— De qualquer forma, tive a impressão de que ele gostaria muito de ter a oportunidade de conhecer nossa Sammi muito, *muito* pessoalmente.

— Ele não falou assim! — Sam disse, os olhos estreitos.

— Oooo... — Karina gritou. — Olha quem o está defendendo.

— Para ser justa — Amanda disse —, ele tem uma voz incrível. É muito suave e profunda... mas com essas cristas e textura... eu achei sexy.

— Isso é parte do que ela disse para me fazer admitir que... — Sam parou.

— Que você gosta dele. Que você o amaaaaa — Karina brincou.

— Que ele me dá borboletas — Sam admitiu. — Isso é o mais longe que estou disposta a ir.

Amanda continuou.

— Na verdade, me senti mal pelo cara durante toda a entrevista. Ele estava flertando com Sam. Nada aberto, apenas sendo charmoso. Mas ela não estava nem aí pra isso. Na verdade, ela estava basicamente ignorando-o. Deve ter mexido um pouco com sua confiança.

— Sua confiança vai sobreviver. Confie em mim — Sam disse secamente.

— Isso tudo foi antes do fim, quando Luke teve que reagir a Sam. Que, a propósito, quase foi com o traseiro no chão. Ao se levantar para apertar sua mão quando ele estava saindo, ela se virou, trombou com ele e quase caiu no chão. Foi a coisa mais desajeitada que já vi...

— Obrigada, Amanda. — Sam balançou a cabeça.

— É verdade — Amanda insistiu. — Se Luke não tivesse te pegado e segurado, você teria se espatifado pelo chão do meu escritório mais rápido do que aquele café que você derramou.

— Talvez — Sam admitiu.

— De qualquer forma, aquele pequeno contratempo abriu a porta para ele ficar lá e abraçá-la por mais tempo. Honestamente, se não estivéssemos lidando com Sam, mas sim com alguém cujas habilidades de manipulação fossem ao menos ligeiramente aprimoradas, eu diria que ela fingiu toda a coisa de quase queda.

Sam enrugou o rosto de horror.

— Oh, Deus! Por que eu faria isso?!

— Para dar a ele a oportunidade de te pegar, é claro — Amanda disse como se fosse óbvio.

— Isso é ridículo! Por que eu iria querer que ele pensasse que eu era uma idiota que não conseguia nem se manter de pé? — Todas as meninas olharam para ela e ela suspirou impaciente. — Quero dizer, por que eu iria intencionalmente querer que ele pensasse isso?

Lauren, com sua marca registrada, um meio sorriso seco, disse:

— Sam, olhe para mim. Não quero jogar confete em mim mesma, mas você já conheceu uma mulher mais capaz, independente e que se fez sozinha do que eu? — Sam balançou a cabeça. — Muito bem. Mesmo assim, vejo sabedoria em permitir que um homem lhe mostre que pode resgatá-la de vez em quando. Ênfase no de vez em quando. Não estou dizendo para você fingir que caiu em torno dele de propósito. Você está certa. Isso seria ridículo, e não faz parte do seu estilo. Tudo o que estou dizendo é isso. Quando você está perto de um cara forte e não apenas fisicamente, mas de qualquer maneira que ele seja, nunca é uma má ideia criar oportunidades de vez em quando onde ele possa mostrar essa força para você e você pode ficar devidamente impressionada por sua destreza.

— Sim. Acredite em mim — Karina acrescentou. — Se você não olha para ele com aqueles olhos de adoração de vez em quando, fazendo o equivalente ao “meu herói!”, acredite em mim, alguma outra garota por aí vai fazer. É intoxicante pra eles, sabe? A coisa toda de olhar para eles como se fossem incríveis.

— Sim — Amanda bufou. — Não há nada que incomode mais um homem do que se sentir como se uma mulher tivesse visto por trás da

cortina, por assim dizer. Que ela sabe sobre todos os seus truques e inseguranças.

Sam balançou a cabeça miseravelmente.

— Gente! Isso tudo é tão complicado! Achei que você deveria realmente conhecer a pessoa com quem estava. Agora você está me dizendo que não deveria saber Tudo o que há pra saber sobre o seu parceiro.

Amanda riu.

— Oh, não, você definitivamente sabe sobre elas. Você conhecerá cada pequeno detalhe de sua paisagem interior, seus pontos fortes, suas fraquezas, o que o excita, o que o motiva.

— Você simplesmente não vai revelar tudo que sabe — Lauren entrou na conversa.

Sam se inclinou para frente e colocou a cabeça entre os joelhos.

— Acho que vou hiperventilar.

— Oh, é amor com certeza, então — Amy saltou, fazendo a sala inteira rir. Ela olhou em volta, confusa, e acrescentou: — Oh, não, eu estava sendo sincera.

Karina colocou o braço em volta do ombro de Amy e exclamou:

— Eu gosto dessa garota!

Sam desabou no sofá em uma posição reclinada.

— Isso tudo é tão complicado.

— Sim, bem... — disse Amanda, seu tom telegrafando travessura. — Você acha que vai simplificar as coisas quando vocês estiverem trabalhando lado a lado todos os dias?

Sam olhou para Amanda, seus olhos se arregalando.

— Então você definitivamente decidiu contratá-lo?

— Bem, Justin e eu conversamos sobre isso no jantar. Não apenas nós dois recebemos uma vibração muito boa dele, mas não preciso dizer que ele foi de longe o melhor candidato que tivemos. Bem, talvez eu precise te contar. Você estava bastante confusa durante o resto das entrevistas. Mas confie em mim. Ninguém mais chegou perto.

— E a verdade é que ter vocês dois em *Mountain Ridge* traria mais negócios do que o lugar jamais viu. Temos suas fotos e biografias prontas para serem colocadas no site. Temos um comunicado de imprensa pronto para divulgar.

— Quero dizer, honestamente, Sam... se você realmente se sente desconfortável trabalhando com ele, fale. Iremos em outra direção. Mas, sim, se dependesse de mim e Justin, ele estaria começando amanhã.

Todos olharam para Sam, esperando para ver o que ela faria. Sam percebeu, quando abriu a boca para dar uma resposta, que ela estava esperando tão ansiosamente quanto o resto das meninas para ver o que sairia. Ela não tinha ideia do que estava prestes a dizer.

— Eu vou ficar bem. Você deveria contratá-lo. Quero dizer, obviamente, não há dúvida. Ele é o homem certo para o trabalho. — Sam disse com muito mais força decisiva em sua voz do que ela sentia em seu espírito.

Karina sorriu.

— Ele parece ser o homem certo para qualquer tipo de emprego.

Sam estreitou os olhos para Karina.

— Ha ha ha.

Isso fez Karina rir.

— Oh, você achou que isso era tão bom quando estava acontecendo comigo há não muito tempo. Você pensou que era tão emocionante, mágico e maravilhoso.

— A grande diferença é que você estava se apaixonando por Ryan. É completamente diferente com Luke e eu. O que eu tenho por Luke é apenas uma paixão inapropriadamente longa que me deixa envergonhada. Isso é o que me deixa desconfortável e desajeitada perto dele. Não é amor.

— Continue dizendo isso a si mesma, baby — Karina piscou.

Sam balançou a cabeça.

— Vocês não o conhecem como eu. Ele namora, se você pode chamar assim, mulheres completamente frívolas e idiotas. Ele definitivamente não é o tipo que tem um relacionamento, e ele definitivamente não é do tipo que se apaixona.

— O jeito que ele foi comigo na entrevista hoje é apenas o seu ato padrão com as mulheres. Ele é encantador. Ele gosta de flertar. Isso não significa que ele está interessado em mim. É apenas sua natureza. Então, por causa da minha paixão, eu não chego muito perto dele. Tenho medo de sucumbir a seus encantos e acabar como mais uma de suas conquistas.

— Esse é um paradigma de merda — Lauren reclamou. — Quem disse que ele é o conquistador e você a conquista?



Sam parecia confusa.

— Eu acho que o que ela quis dizer — explicou Karina — é que possivelmente este seria um bom momento para usar o jeito playboy dele em seu benefício. Você sabe que ele não é um tipo de cara permanente. Basta usá-lo tempo suficiente para resolver seu pequeno problema de “crescimento pessoal atrofiado” e depois seguir em frente com sua vida.

— Claro, e isso não tornará o trabalho em conjunto algo estranho. Acho que minha chefe aqui pode ter algo a dizer sobre as brincadeiras de trabalho que você está propondo!

Amanda encolheu os ombros.

— Vocês dois são adultos. Ele não é seu gerente e você não é dele. Divirta-se.

Sam revirou os olhos.

— Obrigada, senhora chefe. Agradeço.

Amanda sorriu.

— A qualquer momento.

Sam respirou fundo, esperando que a ajudasse a ganhar coragem o suficiente para fazer a próxima pergunta, então mergulhou de cabeça.

— Então... quando ele começa?

— Vou ligar para ele com as boas novas logo de manhã. — Amanda sorriu. — Então, idealmente... depois de amanhã.

Sam assentiu, respirando com dificuldade.

— Você vai hiperventilar de novo? — perguntou Amy com preocupação.

Sam respondeu severamente:

— Vamos ver.



Luke se viu acordando cedo na manhã seguinte à entrevista, comendo cereal na mesa do café da manhã e se sentindo muito como costumava ficar quando se sentava na mesma cadeira e tomava o mesmo café da manhã de criança.

Ele sempre gostou de se levantar antes de todo mundo, sentar-se sozinho à mesa e desfrutar da solidão e de seu cereal. Uma casa com três meninos gera muita agitação e, às vezes, esse ritual de cereal matinal seria o último momento de silêncio que ele experimentaria durante todo o dia.

O recanto do café da manhã na cozinha também era um dos lugares favoritos de Luke na casa de sua infância. Os três lados da mesa eram flanqueados por um banco embutido de três lados que contornava a circunferência de todo o recanto, que era uma espécie de janela de sacada grande e quadrada com uma mesa no meio. Luke gostava de se sentar em uma das duas cadeiras que ficavam do lado aberto da mesa e olhar pela janela que o envolvia enquanto o sol nascia.

Ele adorava observar as cores enquanto elas se fundiam em um lindo miasma e então se desvaneciam inteiramente em um sol brilhante e claro. Claro, era verão. Durante o inverno, o sol era muito mais raro, muito menos claro e cintilante. Mas durante o inverno, ele geralmente estava treinando ou competindo, então o ritual não se aplicava.

Prezava a sensação de estar em casa e não ter um relógio para marcar o tempo de sua visita. Sim, ele percebeu, desde que levara a sério a neve

quando adolescente, sua casa se tornara o lugar que ele “visitava”. Isso estava mudando e ele gostou.

Esta manhã, porém, ele estava lutando com alguns outros sentimentos que não eram tão agradáveis quanto desfrutar do conforto de casa. O primeiro, claro, a sonolência. Ele havia tido um sono agitado à noite, revirando-se, incapaz de afastar de sua mente a sensação inebriante de segurar Samantha em seus braços.

No dia anterior, quando ele estendeu a mão para alcançá-la no fim da entrevista, o instinto o levou a atraí-la para si. Em vez de se afastar e correr rapidamente para fora da sala, como a história do passado parecia ditar sua resposta, ela se pressionou contra ele, sua carne derretendo na dele tão flexível quanto argila sob a ponta de seus dedos. Ela se moldou perfeitamente contra ele, seus corpos se encaixando um no outro como peças de um quebra-cabeça, como se tivessem sido feitos para se fixar em cada junta e junção.

Durante aquele momento perfeito em que eles ficaram parados juntos e o resto do mundo derreteu, ele sentiu a respiração dela acelerar e tornar-se superficial e instável. Essa foi a cereja do bolo, o único detalhe minúsculo que colocou o momento em seu cérebro de simplesmente incrível a absolutamente inesquecível. A lembrança de sua respiração instável e superficial ainda o assombrava, como acontecera durante a viagem para casa, durante o jantar e durante toda a noite.

Ele ouviu o som dos passos de sua mãe descendo as escadas e relutantemente saiu de seu devaneio centrado em Samantha. Sua mãe sempre teve um jeito de dar uma olhada em seu rosto e saber exatamente o que se passava em sua cabeça, e ele ainda não tinha vontade de discutir a situação de Samantha. Queria ver onde isso poderia chegar primeiro, obter um pouco de controle sobre tudo antes de começar a falar sobre isso.

Ele se virou e sorriu quando sua mãe, Ellen, entrou na cozinha. O sorriso não era apenas de saudação, mas de genuína felicidade por sua presença e pelo fato de ele estar em casa.

— Bom dia, mãe. Como você dormiu? — Luke perguntou enquanto se levantava de sua cadeira e se movia para pegar uma xícara de café para ela.

— Oh, sim. Muito bem — ela disse, retornando seu sorriso.

A maioria das pessoas teria olhado para ela, ouvido sua voz e tomado suas palavras pelo que eram. Luke, por outro lado, a conhecia bem o suficiente para ver as rachaduras de tristeza aparecendo nas bordas do sorriso e ouvir os fundamentos de melancolia que ecoavam logo abaixo da superfície em sua voz.

Ele sabia que sem Carl, seu pai, ao lado dela, sua mãe tinha problemas para dormir. Depois de 41 anos de casamento, Luke não conseguia nem começar a imaginar como deveria ser dormir sozinho de repente.

Era mais uma das muitas razões pelas quais estava feliz por estar em casa. Ele tinha estado tão preocupado com ela quando estava a vários estados de distância, e se sentido absolutamente impotente para fazer qualquer coisa sobre suas preocupações. Sua mãe sempre foi a forte, a cola que mantinha todos juntos, a espinha dorsal da família.

Mas Luke sabia que ela tinha sido capaz de ser essa força porque o pai tinha sido sua rocha, sua força, seu tudo. Luke temia que, com a partida dele, sem ninguém para mantê-la sob controle agora, ela pudesse perder o rumo. Sim, um olhar para as bolsas sob os olhos de sua mãe e ele sabia que estava exatamente onde precisava estar.

Ela deslizou graciosamente no banco e correu para o outro lado da mesa. Enquanto Luke sempre gostou de se sentar na abertura da caixa de vidro de três lados para ver a vista de uma só vez, sua mãe preferia sentar-se o mais fundo possível na caixa de vidro, para mergulhar na ilusão de que ela estava realmente sentada ao ar livre, na natureza, não importava como estivesse o tempo.

Luke colocou uma caneca de café fumegante na frente dela e ela sorriu para ele com gratidão. Quando ele voltou a sentar-se, ela disse:

— Oh, querido, com toda a atividade de ontem, não tive a chance de perguntar como foi a entrevista.

Luke sorriu.

— Ontem foi um pouco caótico, admito. Brody e Chad com as esposas e todas as crianças? Sim. É um pouco difícil travar algum tempo um-a-um. Mas falando da entrevista, acho que correu bem. Veremos.

— Pssshhhh...— ela dispensou com um aceno de mão. — Isso é ridículo. Veremos o cacete. Eles seriam idiotas se não trouxessem você.

Ele sorriu para sua confiança descarada nele.

— Veremos — ele repetiu maliciosamente.

— Eles deveriam contar suas estrelas da sorte que você mesmo os considere. Sei que, embora você negue, a única razão pela qual está procurando emprego por aqui é para ficar de olho em mim. Mas, como sempre digo a você, Luke, estou bem. Eu tenho meus netos. E nem mesmo um dia se passa sem que Brody, Ashley, Chad ou Steph não apareçam sem nenhuma razão aparente, ou liguem para ver como estou, ou peçam para me ajudar com “projetos” que nem eu sabia que estava trabalhando. Álbum de recortes, pelo amor de Deus. Honestamente, se eu não os conhecesse, poderia jurar que todos eles têm uma programação escrita em algum lugar. “De quem é a vez de garantir que mamãe está bem?” Gostaria que todos parassem de se preocupar comigo.

— Sim, mãe, posso ver como ter tantas pessoas se importando tanto com você seria um fardo muito pesado — disse Luke brincando.

— Bem, é — sua mãe se defendeu. — Agradeço a preocupação, mas só quero que todos continuem com suas vidas. Eu estou bem. Sou muito mais forte do que todos acreditam. Não estou dizendo que não estou triste. Claro que estou triste. Mas o que estou dizendo é que posso cuidar de mim mesma. Não sou um passarinho frágil que vai se quebrar. Eu sou a mãe, pelo amor de Deus. Eu deveria cuidar de todos vocês. Eu que deveria me preocupar com o que vocês estão fazendo, e não o contrário. Estou cansada de ver todos pisando em ovos ao meu redor. Eu só quero que a vida volte ao normal ou o mais próximo possível do normal, de qualquer maneira.

Luke entendia as frustrações de sua mãe. Ela era uma mulher muito independente, sempre fora. Devia ser irritante ter todas aquelas pessoas pairando ao redor, analisando cada humor e ação dela. Ainda assim, ele sentiu que precisava que ela entendesse que eles estavam apenas fazendo o que estavam fazendo por amor.

— Mãe, eu entendo o que você está dizendo. Entendo. Mesmo. Mas só para você saber, estamos todos tentando ajudar. Estamos fazendo o melhor que podemos. Não vou mentir, é claro que estamos preocupados com você. Seria uma loucura se não estivéssemos. E, sim, faz com que todos se sintam melhor fazendo o que podem, em vez de ficar sentados e preocupados. Então, veja as coisas desta forma. Ao deixar todos nós “checarmos” você, você está cuidando de nós, assim como sempre fez. Ao nos deixar estar lá para você, você está nos ajudando.

Ellen pareceu pensativa. Depois de um momento, ela respirou fundo resignada e disse:

— Bem, vou tentar não deixar isso me estressar tanto quanto antes. Mas, na verdade, eu gostaria de um pouco de espaço. Sinto-me bastante sufocada.

Luke sorriu.

— Vou te dizer uma coisa, mãe. Vou falar com Brody e Chad e avisar que você precisa de algum espaço. E, ei, olhe desta forma: Se eu conseguir aquele contrato em *Mountain Ridge*, estarei fora de seu alcance, já que estarei em Hope Falls.

— Oh, não, querido, não foi isso que eu quis dizer. Eu não preciso de espaço de você. Amo ter você em casa depois de todos esses anos. Eu senti tanto sua falta! — Ellen exclamou.

Luke colocou a mão sobre a dela afetuosamente e disse:

— Obrigado, mãe, senti sua falta também. Mas simplesmente não faria sentido para mim, viajar diariamente, especialmente com a forma como as estradas ficam no inverno. Seria melhor se eu ficasse lá em cima. Eu venho te ver nos meus dias de folga.

Ellen olhou para ele com discernimento.

— Bem, ok, então. Se você tem certeza de que é por causa das estradas. Você sabe que eu adoraria ter você aqui.

— Eu sei, mãe — Luke sorriu.

— Você ainda vai vir para o jantar de domingo, certo? — ela perguntou, embora seu tom sugerisse que era na verdade mais um comando.

— Claro que vou, mãe. Eu ainda vou te ver o tempo todo. Se eu conseguir o emprego, claro.

— Oh, por favor. Claro que você vai conseguir! Quer dizer, você não disse que havia duas vagas abertas? Não há como eles não pedirem para você pegar uma das vagas — disse Ellen com segurança.

— Na verdade, uma das vagas já foi preenchida — Luke disse, um sorriso puxando seus lábios enquanto ele pensava na pessoa que tinha aceitado aquele trabalho.

— O quê? Isso é loucura! Eu pensei, quando você me ligou na semana passada para me dizer que estava vindo... Você disse que eles nem tinham

começado a ver as pessoas até ontem. Você não foi uma das primeiras pessoas que eles entrevistaram? — Ellen perguntou incrédula.

— O primeiro, ao que parece. A outra vaga foi preenchida por Samantha Holt. Ela é amiga dos proprietários e acabou de se mudar de volta para Hope Falls. Então, obviamente, ela foi uma escolha natural — Luke explicou.

— Oooooohhhh. Entendo — disse Ellen lentamente, prolongando as palavras quando a compreensão surgiu. — Então, cuidar da sua velha mãe não é a única razão pela qual você está pensando em aceitar este emprego.

Luke sorriu enigmaticamente.

— Eu não sei onde você está tentando chegar. Mas se o que você está querendo dizer é que também cansei de ver minhas sobrinhas e sobrinhos crescerem pelo Skype, então sim, você descobriu. Eu quero viver em um lugar, criar raízes.

— Criar raízes, hein? — Ellen brincou. — É assim que as crianças estão chamando hoje em dia? — Luke viu um brilho nos olhos de sua mãe que ele não via desde a morte de seu pai.

Por mais que gostasse de ver isso, ele não queria que ela tivesse uma ideia errada sobre as coisas. Tentando esclarecê-la, ele disse:

— Mãe, sério. Eu só quero voltar para casa, e esta é uma boa oportunidade para fazer isso.

— Oh, por favor! Dá um tempo, Luke. Eu não acabei de cair do caminhão de nabo — disse Ellen com uma risada calorosa. — Você tem uma queda por aquela garota há anos. Eu sei disso, seus irmãos sabem disso e suas cunhadas sabem disso. Caramba, até mesmo seu pai, que não fazia a menor ideia quando se tratava de coisas assim, costumava me perguntar quando você ia “tirar a cabeça do traseiro e chamar a garota para sair”. Então, isso significa que você está finalmente removendo a cabeça do traseiro? — Ellen perguntou esperançosa.

— Papai disse “traseiro” foi? — Luke perguntou cético.

Ellen franziu os lábios.

— Ok, talvez eu esteja parafraseando um pouco. O que ele realmente disse foi... — Seu rosto corou, mas Luke decidiu não pressionar sobre isso. Esta foi a primeira vez que ele viu sua mãe falar sobre seu pai com um riso genuíno e alegria com a memória, sem nem mesmo um traço de melancolia vazando pelas bordas. Ele queria ver isso acontecer.

— O que ele disse, mãe? — Luke perguntou inocentemente.

— Ah, você sabe! — ela disse, nervosa, batendo no ombro de Luke.

— Eu realmente não sei! — ele insistiu, seu rosto e voz a imagem da pureza.

— Ele disse — ela baixou a voz para um sussurro e suas bochechas ficaram vermelhas — C-U.

Luke começou a rir da incapacidade de sua mãe de soletrar a palavra “Cu” enquanto falava em um volume normal.

— Oh, pare — ela disse enquanto o acertava de brincadeira com uma toalha que estava sobre a mesa. — Não vejo o que há de tão engraçado no fato de não ter a boca suja, mas estou feliz por poder divertir você.

Luke não se importou em ser atingido pela toalha usada. Por ele, ela poderia jogar roupa suja nele o dia todo, contanto que continuasse sorrindo do jeito que estava fazendo agora. Com um sorriso que chegava até seus olhos.

O telefone de Luke tocou e ele o tirou do bolso. Depois de olhar para a tela e virar para mostrar à sua mãe as letras que apontavam que era *Mountain Ridge Outdoor Adventures* ligando, ele respirou fundo e disse:

— Bem, momento da verdade.

Ele atendeu o telefone com um tom neutro e profissional e manteve a voz completamente desprovida de inflexão intensa durante a chamada, de modo que, ao final, Ellen estava radiante de ansiedade.

— Ok. Certo, obrigado pela ligação — ele disse e desligou o telefone. Sem dizer nada à mãe, ele colocou o telefone de volta no bolso, pegou o café e deu um gole casual.

— E aí?! — Ellen praticamente gritou.

Ele olhou para ela, sua linguagem corporal nada senão blasé, e disse:

— E aí que... parece que é hora de tirar a cabeça do meu — ele baixou a voz para um sussurro — C-U.

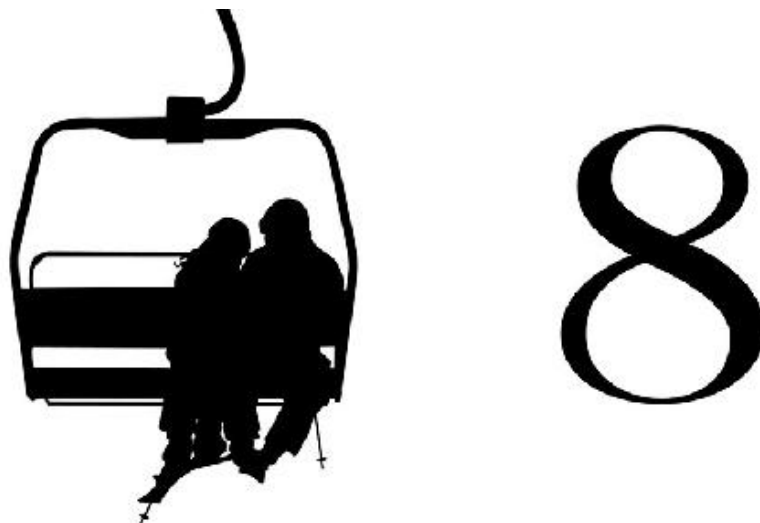
Ellen gritou e jogou os braços em volta do pescoço dele.

— Seu bobo! Eu pensei por um minuto que você realmente não tinha conseguido!

Abraçando sua mãe, Luke não poderia estar mais feliz por ter conseguido o emprego. Ele não tinha certeza se era o fato de ela estar tão feliz, o fato de ele ter acabado de garantir uma maneira certa de conhecer Samantha Holt, ou se era o simples fato de que ele estava em



casa depois de quase vinte anos de um estilo de vida transitório. Fosse qual fosse o caso, naquele momento, ele se sentia mais feliz e mais animado com o futuro do que jamais poderia se lembrar em toda a sua vida adulta.



*H*oje é o dia, Sam pensou consigo mesma. O primeiro dia oficial em que ela estaria trabalhando com Luke Reynolds em *Mountain Ridge*. Seu primeiro emprego de verdade, a primeira vez que ela seria responsável por outra coisa além de si mesma. A primeira vez que ela seria forçada a passar algum tempo significativo com Luke.

Muitas e muitas primeiras vezes.

Enquanto Sam secava o cabelo e olhava seu reflexo no espelho do banheiro, ela tentou fazer um inventário objetivo do que a encarava de volta. Nunca tinha sido uma daquelas garotas obcecadas pelo espelho. Nunca deu muita importância à aparência externa, dela ou de qualquer outra pessoa. Sua filosofia sempre foi que, contanto que ela estivesse fresca, limpa, hidratada e com espuma de protetor solar, ela estaria pronta.

Mas, de alguma forma, sabendo que ela estava prestes a compartilhar salas próximas com Luke Reynolds, ela pensou que poderia precisar rever essa filosofia. Objetivamente, ela podia admitir que não era feia. Ela tinha um sorriso bonito, e as pessoas sempre comentavam sobre seu cabelo e olhos “incríveis”. Mas ela simplesmente nunca conseguia ver “linda” quando olhava para si mesma. “Fofa” talvez. Mas não “linda”. Nunca “linda”.

Bem, este ano tinha tudo para redefinir sua vida, fazê-la recuperar algum controle. Talvez fosse hora de colocar um pouco mais de esforço em sua aparência. Nada louco, apenas um pouco de rímel e brilho labial.

E ela nem sempre tinha que usar moletons e equipamentos de seus patrocinadores anteriores. Ela tinha alguns pares de jeans e alguns suéteres bonitos que seriam apropriados para o escritório, considerando que levaria algumas semanas até que as pistas fossem oficialmente abertas e eles estariam trabalhando principalmente nos bastidores.

Eles tinham muito a fazer para se preparar para a Grande Reabertura e, normalmente, a primeira inclinação de Sam era se vestir para o conforto e conveniência. Mas não hoje. Não. Hoje, Sam estava virando uma nova página para acompanhar sua nova vida.

--- ~ ---

Luke tinha que ser honesto consigo mesmo. Ele estava se sentindo um pouco nervoso enquanto sua caminhonete subia a montanha para Hope Falls. Ainda não tinha percebido que — finalmente — teria a chance de conhecer Samantha Holt. Todos esses anos ele sabia, mesmo que inconscientemente, que teria uma chance como essa eventualmente. Uma chance de descobrir quem Samantha realmente era, uma chance de descobrir se todos os anos de química eram baseados em algo mais do que atração física.

Depois de receber a ligação ontem de que Amanda precisava dele para começar o mais rápido possível, o resto do dia tinha sido um tanto confuso. Estava ocupado amarrando pontas soltas com seu empregador anterior em Aspen, certificando-se de que seu substituto estava em dia. Também fez alguns reparos na casa que havia sido negligenciada desde que seu pai tinha partido.

Em seguida, seus irmãos, com filhos e esposas vieram todos para o jantar, que se transformou em noite de jogo. Ele estava se divertindo tanto que, antes que percebesse, já passava das onze e ele precisava dormir um pouco para estar na estrada às seis da manhã.

Por causa do quão cheio seu dia tinha sido ontem, ele não foi capaz de fazer nenhum arranjo de um lugar para ficar em Hope Falls. Fez uma

pesquisa no Google e não conseguiu encontrar um único motel ou hotel.

Ele se lembrava, no entanto, que uma vez, quando era criança, passando com sua família no caminho de volta de San Francisco, as estradas haviam fechado enquanto eles comiam no *Sue Ann's Café*. Como ela não tinha inquilino na época, deixou todos ficarem em um apartamento acima do café que ela possuía e alugava.

Ele esperava que, em primeiro lugar, ela ainda alugasse o lugar e que, em segundo lugar, ele estivesse desocupado.

Na pior das hipóteses, Amanda se ofereceu para deixá-lo ficar em um barracão em *Mountain Ridge*, mas ele sempre gostou de separar sua vida doméstica de sua vida profissional. Isso era difícil de fazer quando você morava onde trabalhava. Então ele decidiu que faria uma parada rápida em Sue Ann para ver se poderia alugar um quarto antes de seguir para *Mountain Ridge*.

Luke abriu a porta do *Sue Ann's Café* e foi imediatamente atingido pelo cheiro delicioso de panquecas e bacon cozinhando. Esperou na porta da frente por um momento até que uma mulher loira de seios grandes se aproximou dele, com um sorriso que se estendia de orelha a orelha.

— Ei, lindo — ela disse em um tom furtivo. — Eu sou Kelly. Mesa para um?

De repente, ele percebeu que, embora houvesse uma chance pequena de Sue Ann ainda estar alugando quartos acima do lugar, ele na verdade tinha dado como certa a ideia de que ela ainda era a dona. Isso podia não ser o caso. Ele precisava começar por aí.

— Na verdade — disse ele a Kelly —, estou aqui procurando Sue Ann. Ela ainda é a dona do lugar?

Kelly riu como se essa fosse a pergunta mais ridícula que ela já tinha ouvido.

— Bem, é claro que ela é, bobo! — Deu-lhe um empurrãozinho brincalhão no braço. — Ela está lá atrás. Vou buscá-la. — Então piscou enquanto se dirigia para a parte de trás do restaurante.

Ele balançou sua cabeça. Ela tinha um jeito de fazer até os comentários mais inócuos soarem como um duplo sentido.

Viu? Era assim que ele estava acostumado a ser tratado pelo sexo oposto. Com elas piscando. Flertando. Não ignorando e evitando. Ele

sorriu. Percebeu que seria um caminho difícil com Samantha, mas pelo menos ele sabia que não tinha perdido o jeito.

Ele olhou para cima e viu Sue Ann Perkins saindo apressada pelas portas de vaivém que ele presumiu levar à cozinha. Uma sensação avassaladora de nostalgia tomou conta dele. Sue Ann parecia exatamente como ele se lembrava dela, desde a longa saia florida e o cardigã de tricô. Ele sorriu e apreciou o calor e a satisfação que estava sentindo. Sue Ann e seu café estavam ligados a tantas memórias de infância felizes, aquelas nas quais ele não pensava há muito tempo. Foi muito bom estar lá novamente.

— Então, filho, o que posso fazer por você? — Sue Ann perguntou, um sorriso aberto e acolhedor se espalhando em seu rosto.

Luke mergulhou de cabeça, indo direto ao ponto para não tomar muito do seu tempo durante o rush matinal.

— Oi, Sue Ann. Eu sou Luke Reynolds. Na verdade, eu estava me perguntando se você ainda alugava aquele apartamento no andar de cima e, se sim, se estava vazio?

Sue Ann olhou para ele com avaliação e disse lentamente:

— Bem, isso depende.

— Desculpe. Depende do quê? — Luke perguntou, sem realmente entender.

— Bem, em primeiro lugar, você me disse seu nome, mas não muito mais — disse ela com voz firme, como se aquela declaração devesse esclarecer tudo.

— Justo. O que você gostaria de saber? — Luke perguntou com um pequeno sorriso. Ele não se lembrava de Sue Ann sendo tão desconfiada de estranhos, mas às vezes as pessoas mudavam conforme ficavam mais velhas.

— Bem, para começar, como você sabia que havia um apartamento para alugar no andar de cima? Eu não o anuncio há mais de dez anos. Além disso, por quanto tempo você planeja precisar de um lugar para ficar? Porém, o mais importante: Que negócio você tem aqui em Hope Falls?

Luke teve uma necessidade passageira de rir das perguntas rápidas, mas a reprimiu. Vendo que ela falava muito sério, quis fazer o possível para colocar suas preocupações de lado.

— Bem — ele começou —, vou trabalhar na *Mountain Ridge Outdoor Adventures*. Hoje é meu primeiro dia, na verdade. Então, vou precisar de um lugar para toda a temporada. Quanto a saber sobre o quarto, é porque, quando eu tinha cerca de onze anos, a senhora deixou minha família ficar lá durante uma tempestade de neve. As estradas foram fechadas enquanto estávamos de passagem, de volta para casa em Tahoe.

— Oh, eu me lembro disso. A família Reynolds — Sue Ann disse, visivelmente amolecendo. — Você estava com seus pais, certo? E você tinha irmãos, se eu me lembro corretamente. Dois, certo?

— Sim, senhora. Dois irmãos mais novos, Chad e Brody. Ambos são casados e com suas próprias famílias agora.

Ele sorriu, feliz por ver o retorno da Sue Ann de que ele se lembrava. Ele não se sentia particularmente confortável com a nova versão de Sue Ann, na verdade, ela meio que o fazia sentir que não estava tramando nada.

— E seus pais — ela continuou — Ellen e... e...

Vendo sua luta, ele terminou por ela.

— Carl. Mas meu pai faleceu há cerca de um ano. Minha mãe Ellen está bem, no entanto. Quer dizer, tão bem quanto se pode esperar.

— Oh, sinto muito em ouvir isso — respondeu Sue Ann, com simpatia enchendo seus olhos. — Diga a sua mãe que ela está em meus pensamentos e orações.

— Eu direi — Luke disse, tocado na conexão genuína que ele sentia por Sue Ann.

— Bem, ok, claro. Agora que eu sei que você é ok e não é um daqueles loucos *pastaroozis* — Sue Ann disse bufando.

— Um o quê? — Luke interrompeu.

— *Paparazzi* — Kelly interrompeu enquanto passava por ele.

Luke estava confuso. Ele não sabia se havia uma piada que ele deveria estar envolvido, mas simplesmente não estava.

— Os *paparazzi* são um grande problema em Hope Falls? — Luke perguntou.

— Bem, sim! Desde que Karina voltou e depois do vídeo do YouTube, e aquele menino doce Kyle com certeza atrai seu quinhão também — Sue Ann disse, balançando a cabeça, aparentemente satisfeita por ter esclarecido tudo.

No que dizia respeito a Luke, ela não esclareceu nada. Ele não tinha ideia do que ela estava falando. Ainda assim, embora estivesse curioso, ele não teve tempo de ficar por perto e descobrir. Já eram quase sete e meia agora, e ele não queria se atrasar em seu primeiro dia. Ele decidiu não pressionar o assunto com mais perguntas que poderiam facilmente sair pela tangente.

— Oh — ele disse, fingindo entender. Assim sendo, em uma tentativa de colocar a conversa de volta nos trilhos, ele acrescentou: — Então, o quarto está disponível?

— Bem, sim e não. Sim, está disponível, mas não posso fazer você entrar lá agora. Sabe, Ryan, meu neto, estava hospedado lá e acabou de se mudar com Karina, mas ainda tem a chave de inquilino. Além disso, quero ter certeza de que ele teve a chance de retirar todos os seus pertences pessoais. Mas ele chegará hoje por volta das dez, então posso pedir que ele limpe qualquer coisa que ainda possa estar lá em cima. Então, vou deixá-lo bem e arrumado para você. Portanto, se você vier esta noite, terei o contrato de aluguel pronto. Além disso, Ryan terá a chave para você.

Ela havia feito esse discurso tão feliz que Luke teria se sentido mal se ela soubesse que metade dele ainda estava fora de seu quadro de referência. Ainda. As perguntas importantes foram respondidas, e são as seguintes: O apartamento estava disponível? Sim. Ela alugaria para ele? Sim. Quando ele poderia se mudar? Esta noite. Perfeito.

— Ótimo! — ele disse com entusiasmo. — A senhora precisa que eu deixe um depósito ou alguma das minhas informações? Sabe, para fazer uma verificação de crédito ou qualquer coisa assim? — Luke definitivamente não queria perder o lugar para outra pessoa antes de voltar naquela noite.

— Oh, não, isso não é necessário — disse Sue Ann com desdém. — Se você está trabalhando em *Mountain Ridge*, então acredito que você é uma boa pessoa. Eles não contratam qualquer um. Vejo você à noite!

A última coisa que ele viu de Sue Ann antes de ela voltar para a cozinha foi a senhora acenando um adeus amigável.

Sam sentiu um ataque repentino de nervos enquanto esperava no escritório de Amanda. Olhando para sua roupa escolhida, estava começando a pensar que deveria, de fato, ter ficado apenas com o moletom. Ela se sentia uma idiota.

Usava um suéter marinho de mangas compridas justo e jeans azul claro que a abraçava com força. Ela havia completado o conjunto com botas marrons. Para qualquer outra pessoa, seria a epítome do casual. Para Sam, parecia um traje formal.

Ela havia secado o cabelo com uma daquelas escovas grandes que adicionavam volume. Era o tipo de coisa que Sam jamais compraria para si mesma. Na verdade, agora que ela pensou sobre isso, ela nem tinha certeza de onde alguém iria comprar tal coisa. Mas ela tinha uma que um cabeleireiro havia dado a ela depois de uma sessão de fotos.

Fez uma careta. Até o cabeleireiro deve ter percebido que ela não conseguiria sozinha. Sam também aplicou uma camada leve de rímel em seus cílios naquela manhã e brilho labial de flor de cerejeira nos lábios. Nada exagerado ou louco. Ambos os acréscimos cosméticos eram leves e sutis, e ambos também tinham sido presentes.

Para a maioria das mulheres, ela sabia que o que estava em seu rosto agora mal seria considerado o uso de maquiagem. Para Sam, entretanto? Ela se sentia como se tivesse sido maquiada para o Halloween.

*Ok, isso é ridículo, ela pensou. Minha tentativa de ter mais controle sobre minha aparência deveria me deixar mais confiante. Eu me sinto completamente insegura.*

Ela sempre mantinha uma bolsa com tudo que precisaria para treinar na mala do carro caso ela ficasse presa em algum lugar. Ela poderia simplesmente correr para o carro, pegar seu moletom, fazer uma viagem rápida para o banheiro feminino para se trocar e pronto! Isso e lavar o rosto rapidamente antes que alguém chegasse e ninguém saberia.

Graças a Deus ela sempre chegava cedo.

Sam pulou da cadeira em que estava sentada e estendeu a mão para a porta. No entanto, assim que seus dedos envolveram a maçaneta, ela foi



arrancada de suas mãos. A porta se abriu e Amanda entrou, olhando para alguns papéis que segurava nas mãos.

— Ei, Sam — ela disse com o mais breve dos olhares para cima e então continuou para sua mesa.

*Bem, então, Sam pensou consigo mesma. Talvez eu não pareça tão ridícula quanto pensei. Ainda assim. Melhor prevenir do que remediar.*

Sam estava prestes a dizer a Amanda que ela faria uma viagem rápida até o carro quando Amanda girou nos calcanhares e ficou surpresa.

Sam congelou com culpa, sentindo-se como uma criança que foi pega com a mão dentro de um pote de biscoitos. Ela sabia que, obviamente, não havia feito nada de errado ao se vestir, mas a lógica não tinha nada a ver com seus sentimentos. Ela se sentiu exposta.

— Oh. Meu. Deus! Sam, você está incrível! — Amanda exclamou. — Seu cabelo, sua roupa... Você está simplesmente deslumbrante!

Sam riu nervosamente.

— Sim, hum... sobre isso. Na verdade, eu estava prestes a pegar minha bolsa do carro e me trocar.

O queixo de Amanda caiu.

— Por que diabos você faria uma coisa maluca como essa?

Sam encolheu os ombros.

— Essa coisa toda — ela gesticulou para cima e para baixo em seu corpo — parecia uma ideia melhor na teoria do que na prática.

— Não troque — Amanda comandou. — Eu acho que você está perfeita.

— Obrigada, mas acho que vou me sentir mais confortável com minhas roupas normais.

— A vida não é ser confortável, querida — disse Amanda. Então ela astutamente acrescentou: — Além disso, temos um código de vestimenta aqui.

Código de vestimenta? Esta foi a primeira vez que Sam ouviu falar de um código de vestimenta.

— Acho que não me lembro de ter lido sobre isso no manual do funcionário que você me deu. Quais são as regras do código de vestimenta?

Amanda encolheu os ombros.

— É muito simples. Todos os novos profissionais de esqui devem, no primeiro dia, largar o moletom e se vestir para impressionar Luke Reynolds. Honestamente, estou meio animada. É uma regra tão específica que nunca tivemos a chance de aplicá-la antes.

Sam balançou a cabeça em exasperação fingida e estendeu a mão para a porta uma segunda vez. No entanto, em uma repetição virtual do que tinha acontecido alguns momentos antes, a maçaneta foi arrancada de seus dedos novamente, a porta se abriu e, desta vez, Luke passou por ela.

— Tarde demais — Amanda cantarolou baixinho com o canto da boca. Sam congelou.

— Uau... — Luke respirou, olhando Samantha de cima a baixo. — Apenas “Uau”.

Ela ficou imóvel, sem ter certeza do que dizer sobre isso. Parecia um elogio, mas era? Ele quis dizer “uau, você está ótima” ou foi mais como “uau, não posso acreditar que você está vestida como uma idiota.” Se ela dissesse “obrigada” e ele quisesse dizer o segundo, ela se sentiria ainda mais estúpida. Mas, puta merda. O jeito que Luke estava olhando para ela definitivamente a fez pensar que era um elogio. Na verdade, a maneira como Luke estava olhando para ela estava fazendo-a começar a formigar...

A linha de pensamento de Sam foi interrompida por Amanda, no entanto. Sam sorriu com isso. Amanda nunca foi do tipo que lidou bem com silêncios constrangedores.

Amanda disse:

— Sam não está linda?

— Linda — Luke repetiu roucamente, acenando com a cabeça.

*Ok, Sam disse a si mesma, eu preciso assumir o comando deste pequeno encontro. É hora de desviar a atenção coletiva do grupo do tópico fascinante de “como Sam está linda” e ir para o trabalho que todos estamos aqui para fazer.*

— Bom dia, Luke — Sam falou. Ela se ouviu e sabia que estava falando um pouco alto demais e alguns tons acima, mas seguiu em frente. — Então, Amanda, você tem alguma papelada que precisa que a gente analise e assine, ou você só quer entrar direto nos detalhes do programa de esqui?

Virando-se, ela deu um único passo e se sentou em uma das cadeiras de frente para a mesa da amiga, esperando que Amanda e Luke caminhassem e fizessem o mesmo. Se ela fosse honesta consigo mesma, ela também teria que admitir que ainda não confiava em si mesma de pé perto de Luke. Seu orgulho ainda estava doendo da última vez que ela quase caiu na frente dele, e sentiu que estava mais segura com sua bunda estacionada em uma cadeira.

Como ela esperava, Amanda seguiu as dicas de Sam e foi direto ao assunto. Ela se acomodou atrás de sua mesa e tirou dois pacotes de papelada, cada um preso com cliques de pasta.

— É muito conveniente ter duas pessoas começando no mesmo dia, para que possamos examinar toda a papelada da nova contratação ao mesmo tempo — disse Amanda, animada. Enquanto Sam e Luke percorriam os grossos pacotes de papel, lendo, assinando e rubricando onde necessário, Amanda continuou seu discurso. — Vamos ver... O médico da nossa seguradora virá esta tarde para fazer os dois exames médicos para que vocês possam ser segurados pela nossa apólice. Isso é separado do seu seguro de saúde pessoal através de nós, obviamente. Esse é o seguro corporativo. Hmmm, o que mais?

— Oh, horários! Então, até a Grande Reabertura, vocês podem apenas fazer o básico de segunda a sexta, das oito às cinco. Depois que tivermos o pessoal nas encostas, vou deixar a programação para vocês dois, com base no quão ocupados estamos em um determinado horário. Em horários muito movimentados, como sábados ou feriados, vocês dois precisam estar aqui. Em dias com níveis mínimos ou médios de hóspedes, vocês podem calcular seus cronogramas. Além disso, vocês terão que dividir a gestão da equipe de suporte que iremos contratar, como funcionários da loja gerente de aluguel de equipamentos e um gerente assistente para vocês dois. Eu estava pensando naquele garoto, Marcus. Ele tinha qualificações muito boas e obviamente respeitava vocês dois.

Sam estava balançando a cabeça, mas foi quase automático. Tudo isso parecia ótimo para ela, mas honestamente, estava tendo dificuldade para se concentrar com Luke sentado tão perto. Ela precisava seriamente manter isso sob controle. Afinal, tinha um trabalho a fazer.

Ao fundo, ouviu Amanda dizer:

— Então, se tudo isso estiver bom para vocês dois, por que não vamos para o seu escritório? Vocês podem organizar tudo! — Amanda pegou dois conjuntos de chaves enquanto saía de trás da mesa e se dirigiu para a porta.

Luke e Sam se levantaram, e Luke gesticulou para que Sam fosse primeiro. Sam gostou disso. Ela achou que era bom. Sempre apreciou um bom cavalheiro à moda antiga, e ela não tinha estado perto de muitos.

Ela não tinha certeza se era apenas porque a maioria dos homens com quem ela passava tempo eram atletas e eles a viam como uma co-competidora em vez de uma senhora, mas por qualquer motivo, ninguém nunca abriu as portas para ela ou parou quando ela voltou para a mesa de jantar. Talvez, por ser tão raro, fosse uma qualidade que Sam sempre teve em alta conta. Agora, finalmente recebendo esse cavalheirismo, ela percebeu que estava gostando ainda mais do que imaginava.

--- ~ ---

Luke observou Samantha e Amanda caminharem à frente dele na trilha que levava ao novo escritório e lutou para manter sob controle sua reação física à Samantha naqueles jeans. Ele não achava que ereção matinal enquanto Amanda mostrava a eles onde trabalhariam juntos daria a melhor impressão de “primeiro dia”. Provavelmente não faria Samantha se sentir otimista sobre trabalhar no que ele presumia (esperava) seria um ambiente fechado.

Ele tinha que se controlar. Ele estava fazendo tudo ao seu alcance para não olhar para a forma como sua bunda perfeita, em formato de coração, ficava naqueles jeans confortáveis e a maneira como seus quadris balançavam enquanto ela andava.

Droga. Outras garotas tentavam ser sexy. Samantha Holt era simplesmente sexy.

Pela maneira como ela caminhava e ria com Amanda, era bem claro para Luke que as duas eram muito próximas. Ela parecia completamente

relaxada. Também parecia ignorá-lo completamente. Luke sorriu para si mesmo. Bem, vamos ver quanto tempo isso dura quando formos apenas nós dois, ele pensou.

As garotas pararam de andar quando chegaram ao que parecia ser uma cabana reformada e Amanda abriu a porta. Ela e Samantha entraram, mas Luke não as seguiu imediatamente. Ele tirou um momento para si mesmo, certificando-se de que seu corpo não estava denunciando-o, exibindo quaisquer sinais externos de pensamentos internos.

Quando teve certeza de que estava se controlando, respirou fundo e entrou pela porta aberta. O quarto era de uma cor azul clara, fresco e claro, e parecia ter sido pintado recentemente. Completando a remodelação do quarto havia novos pisos de madeira.

A sala não estava vazia, entretanto. Havia dezenas de caixas empilhadas contra uma parede e, na outra extremidade da sala, havia um longo balcão com uma caixa registradora.

— Então, esta vai ser a loja profissional. — Amanda era uma orgulhosa guia de turismo. — E é onde as pessoas virão para alugar esquis, pranchas de *snowboard*, boias... Vocês sabem, todas as coisas divertidas. E também vamos vender roupas, óculos escuros, protetor solar... todas as coisas chatas. Vocês provavelmente não passarão muito tempo aqui, a não ser se reunindo com clientes ou grupos que vão descer a montanha.

Amanda continuou por uma porta que levava a uma pequena área de cozinha. Dentro havia um fogão, uma geladeira, um micro-ondas, uma cafeteira e uma pequena mesa.

— Esta é a sala de descanso. É pequena, mas como serão apenas vocês dois e quem estiver na frente na maior parte do tempo, acho que deve funcionar. Estoquei a geladeira e a despensa, e há café e suprimentos relacionados no armário acima da cafeteira, mas me avisem se houver mais alguma coisa que vocês gostariam que eu trouxesse.

Ao lado da geladeira havia uma porta que parecia quase escondida no pequeno espaço. Amanda sorriu e abriu com um floreio, dizendo com orgulho:

— Aqui está a sala de vocês. Costumava ser um quarto, por isso a lareira está lá. Mas eu acho que é definitivamente grande o suficiente para vocês dois se sentirem confortáveis. E a porta no canto leva a um pequeno banheiro.

Luke seguiu Samantha e Amanda até uma sala pintada de amarelo suave. Como a loja de artigos esportivos na sala da frente, parecia recém-pintada. Havia duas mesas idênticas no meio da sala, uma de frente para a outra. E, de fato, havia uma bela lareira de pedra no canto.

Luke sorriu. Acolhedor. Isso estava funcionando melhor do que ele esperava.

Ficou claro que Amanda e Justin trabalharam muito para criar um lugar onde ele e Sam se sentissem confortáveis e bem-vindos, e que Amanda estava orgulhosa de seu trabalho. Ele concordou. Ela deveria estar orgulhosa. Eles criaram um espaço maravilhoso e aconchegante para administrar o programa de esqui.

— Isso é ótimo. Eu adorei! — ele se entusiasmou, e Amanda sorriu.

Antes que ela pudesse responder, a sala foi preenchida com um som de bipe alto. Amanda agarrou o rádio que mantinha preso ao cinto e levou-o à boca, respondendo com firmeza:

— Estou aqui. O que houve?

Uma voz veio pelo rádio.

— Sim, Amanda... nós temos algumas perguntas aqui em cima sobre a construção da nova cabana. Precisamos de você ou do Justin. Você está disponível?

— Estou a caminho.

Depois de colocar o rádio de volta no cinto, ela enfiou a mão no bolso e tirou os dois conjuntos de chaves que pegara em seu escritório. Entregou a cada um deles, um anel contendo três chaves individuais, enquanto explicava:

— Aqui estão as chaves da porta da frente, de seu escritório e do depósito de equipamentos nos fundos. Vou deixar com vocês caso queiram começar a examinar as caixas e obter algum tipo de sistema de inventário elaborado. Me digam se preferem esperar que eu contrate o gerente de equipamentos e pedir para ele lidar com isso. Além disso, o operador do teleférico estará aqui hoje certificando-se de que tudo está pronto, então se vocês quiserem subir nas encostas para uma corrida e sentir como é, hoje seria um bom dia — ela pausou, claramente procurando sua memória para ver se havia esquecido alguma coisa.

Quando pareceu satisfeita por não ter feito isso, sorriu e concluiu brilhantemente:

— Tudo bem. Eu acho que é isso! Me chamem pelo rádio se precisarem de mim. Existem rádios na gaveta superior de cada uma de suas mesas. Usamos o canal sete.

Amanda se virou para sair, mas quando estava prestes a cruzar a soleira, ela pareceu pensar melhor. Virou-se e disse:

— Tudo isso é novo para mim, e só quero dizer que Justin e eu estamos muito felizes e nos sentimos sortudos de ter instrutores do seu calibre com a gente.

Com isso ela se foi, e Samantha e Luke ficaram oficialmente sozinhos.

— Então... — Luke começou sem jeito, sem saber realmente o que dizer.

— Então... — Sam repetiu, parecendo espelhar não apenas as palavras, mas o sentimento.

— Então, você trouxe sua prancha? — Luke perguntou. Ele sabia que Sam provavelmente estava morrendo de vontade de cair na neve, porque ele com certeza estava.

Ela inclinou a cabeça e olhou para ele como se ele fosse um idiota.

— O que você acha?

Os olhos de Luke brilharam quando respondeu a ela.

— Acho que é hora de subir a montanha.



Enquanto Sam se sentava no teleférico com Luke, sua prancha ao lado, ela se sentia mais como ela mesma do que há muito tempo. Tinha nevado cerca de cinco centímetros na noite anterior, e ela adorava o cheiro fresco e limpo do ar. Deus. Não havia outro cheiro no mundo que se comparasse ao de neve fresca.

Ela se recostou, saboreando a sensação. O cheiro do ar e da neve, o movimento suave e constante do teleférico para cima, o peso da prancha contra o seu lado e a ponta na palma da mão enquanto a segurava — todas essas sensações conspiraram para colocá-la em um estado de transe quase zen. A “zona”, como às vezes era chamada.

Sam nunca tinha entendido a frase “entrar na zona.” Para ela, a zona não era um lugar que ela visitava ou entrava. Ela pensava na zona como seu padrão. A zona era seu estado natural. Às vezes, a vida conspirava para tirá-la dela, claro, e ela tinha que lutar para voltar para lá. Mas a diferença era que ela não sentia que estava tentando chegar a um estado anormal quando tentava voltar para a “zona.” Ela meramente pensava nisso como consertar as coisas, voltar para onde pertencia. Ir para casa.

Mesmo com Luke sentado ao lado dela no teleférico, ela não se sentia nervosa ou com a língua presa. Nenhuma borboleta a atormentou. A única coisa que Sam sentia agora era pura emoção. Antecipação que ela sempre experimentava quando descia a montanha em alta velocidade.

— Você parece uma criança prestes a ser solta em uma loja de doces — disse Luke com um sorriso.



— Faz meses que não esquio. Mal posso esperar — disse Sam, mal conseguindo conter a emoção em sua voz.

— Nossa, você deve ter estado muito ocupada. Não consigo imaginar passar meses sem subir na minha prancha — disse Luke, acrescentando de forma divertida — Às vezes acho que pode até ser melhor do que sexo.

Sam não sabia o que dizer sobre isso. Só de ouvir a palavra “sexo” sair da boca de Luke fez seu coração bater mais rápido.

Sua garganta se apertou de terror. Ela não queria se humilhar. Ótimo. Como ela iria responder? Como alguém que realmente fazia sexo reagiria? Tantos pensamentos corriam por sua cabeça em uma velocidade tão alta que ela não conseguia arrancar nenhum deles e transformá-lo nas palavras necessárias para responder ao seu comentário.

Ela olhou para Luke, verificando se ele havia notado a batalha interna que estava travando enquanto tentava não apenas pensar no que dizer, mas também modular sua voz o suficiente para dizer sem fazer papel de boba.

— Uau, você está olhando para mim como se eu tivesse acabado de ficar com duas cabeças — ele riu. — Eu não estava falando sério. Sexo é definitivamente melhor. Especialmente se for com a pessoa certa.

Ele fixou seu olhar para frente quando um sorriso lento e sexy se espalhou por seu rosto. Sam o amaldiçoou mentalmente e seu maldito sorriso lento e sexy, que não estava fazendo absolutamente nada para libertá-la da mudez que atualmente a atormentava.

Ela sentiu aquele sorriso até o fundo. Sentiu os dedos dos pés enrolarem em suas botas. Um formigamento muito inconveniente começou em uma região que ela tinha ignorado durante a maior parte de sua vida. Um formigamento que estava tornando muito difícil não se contorcer em sua cadeira naquele momento. Mas não. Ela se recusou a dar a ele essa satisfação.

Agarrou a barra do teleférico com mais força enquanto se afastava do olhar intenso de Luke. Caramba, se um sorriso podia fazê-la sentir tanto, como ela poderia suportar se ele realmente a tocasse?

Ela prendeu a respiração e interrompeu essa linha de pensamento imediatamente. Se o objetivo era parar de sentir a necessidade de se contorcer na cadeira, então isso não ajudaria em nada.

Enquanto o teleférico continuava subindo a montanha, Sam não achou que a altitude tivesse algo a ver com a sensação de tontura que estava

experimentando. *Ótimo*, ela pensou consigo mesma. *Talvez eu desmaie. Isso daria uma manchete incrível.*

*Atleta olímpica Samantha Holt desmaia e cai do teleférico para a morte depois que seu colega, o atleta olímpico Luke Reynolds faz um simples comentário atrevido. A autópsia revela o que era suspeito o tempo todo: Holt era apenas uma virgem perdedora.*

Ela suspirou. Isso tudo era tão complicado! Tudo parecia tão surreal! Luke estava aqui em Hope Falls. Ele estava em *Mountain Ridge*. Sentado ao lado dela em um teleférico. E se ela não estava enganada, ele estava flertando com ela. Nunca em seus sonhos mais loucos ela teria imaginado que isso aconteceria. Bem, ok, talvez em seus sonhos mais selvagens.

O que fez de toda essa situação, se ela fosse fiel à semântica, um sonho tornado realidade.

--- ~ ---

Luke sentiu a energia entre ele e Sam mudar assim que ele disse a palavra “sexo.”

Foi como se uma carga de pura eletricidade tivesse passado entre eles. Luke nunca experimentara algo parecido. Claro, ele tivera ótimas conexões com mulheres no passado, mas nada como o que sentia por Samantha. Essa conexão era pura, não adulterada, química explosiva e de tirar o fôlego. Era uma coisa única na vida.

Pelo menos para ele.

Vendo como ela parecia se fechar e se retrair para dentro de si assim que aconteceu, Luke percebeu que não era o momento de empurrar o assunto com Sam. Ele sentiu que abordar o assunto abertamente seria um erro, então decidiu seguir um caminho diferente, mais indireto.

— Então, Amanda e Justin parecem ótimos — disse ele no que esperava ser um tom amigável e não ameaçador. — Você os conhece há muito tempo?

Ele viu toda a mudança de comportamento de Sam quando ela falou, visivelmente relaxada. Bom. Então ele escolheu a abordagem certa.

— Eles são incríveis — disse ela com um largo sorriso. — Eu conheço os dois praticamente toda a minha vida. Amanda e eu, junto com nossas duas amigas Lauren e Karina, éramos inseparáveis desde crianças. Nós nos chamamos de “As Quatro Fabulosas,” se você pode imaginar.

Ela parou e sorriu com a memória, balançando a cabeça.

— Tínhamos até um lema: “As Quatro Fabulosas - nada que não possamos realizar!” Parece bobo dizer isso, mas cantar esse lema mentalmente me ajudou em muitas competições quando as coisas não estavam parecendo tão boas.

— Isso não é bobo. Os mantras são ferramentas poderosas, especialmente se estiverem conectados a algo significativo, como o apoio e o amor dos amigos — disse Luke, tão feliz que Sam estivesse realmente começando a se abrir um pouco. Em todos os anos em que a conhecia, esta foi a primeira vez que ele sentiu que estava realmente tendo uma conversa real com ela.

— Obrigada — disse ela, sorrindo timidamente. Então ela voltou ao assunto. — De qualquer forma, Amanda está apaixonada por Justin desde que tínhamos cerca de seis anos. Ele era mais velho e acabou deixando a cidade repentinamente quando tínhamos dezessete anos. Ele voltou recentemente e eles se reconectaram. Fizeram um longo caminho para chegar onde estão, mas estou muito feliz por eles. Mesmo quando eles não acreditaram, eu acho que todo mundo sempre soube que eles pertenciam um ao outro.

— Às vezes é difícil ver o que está bem na sua frente — disse Luke, olhando significativamente nos olhos de Samantha.

Luke ouviu um pequeno suspiro escapar de sua boca. Sem nem mesmo fazer isso conscientemente, ele se inclinou para frente de forma que seus lábios estivessem separados por meros milímetros. Ele podia sentir a respiração dela contra seu rosto. Podia ver o rubor em suas bochechas. Estava hipnotizado.

Assim que ele estava prestes a fechar a pequena lacuna entre seus lábios, o teleférico deu um solavanco e os dois se levantaram e foram para a ponta da cadeira. Ele estava feliz por ambos terem tido tanta experiência em desmontar de tantos teleféricos ao longo de suas vidas. Se o processo

não tivesse sido destilado em resposta autonômica, pura memória muscular, para os dois muitos anos atrás, ele tinha certeza de que ambos estariam deitados de cara na neve agora, tendo levado um chute na bunda pelo assento do teleférico.

Livres agora do confinamento do pequeno banco de dois lugares em que estiveram viajando por cima das árvores, eles silenciosamente caminharam até o topo da pista. Nenhum deles fez qualquer movimento para abordar o que acabara de acontecer, mas havia uma consciência aguda crepitando entre eles, no entanto.

Luke percebeu que a respiração de Sam estava difícil e ele não achou que isso tivesse algo a ver com a curta caminhada do teleférico até o topo da montanha. Ela estava evitando contato visual com ele, e ele praticamente podia ouvir as rodas girando dentro de sua linda cabeça.

Bem, na mente de Luke, havia apenas uma coisa a fazer.

— Samantha — Luke disse em um tom rouco. Ao dizer isso, ele agarrou seu braço e olhou para seu belo rosto.

Ele sentiu um arrepio correr pelas costas de Samantha e notou arrepios subirem nos poucos pedaços de pele que estavam expostos em seu traje de inverno. Ele sorriu. Aquilo foi um bom sinal.

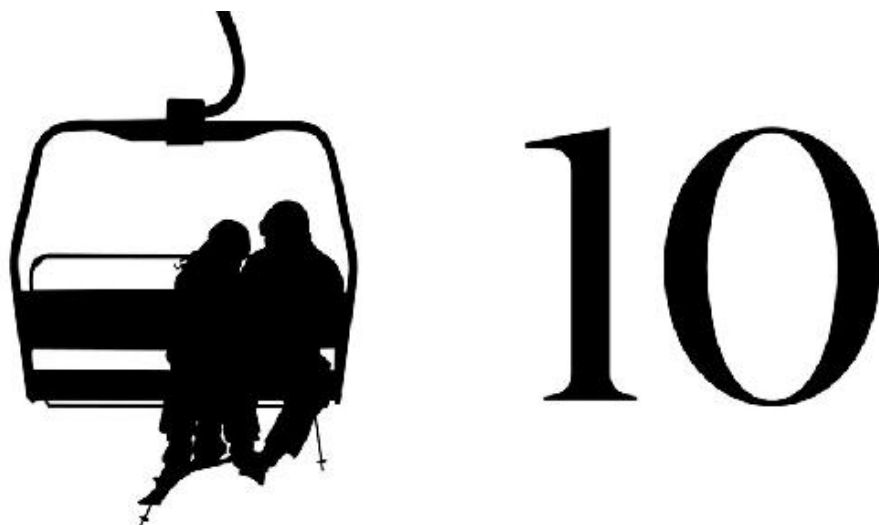
— Sim — Sam respondeu, e ele podia ouvir que seu tom era ofegante. Outro bom sinal.

Ele deixou outro de seus sorrisos lentos e sexy — aqueles que ele conhecia, por longa experiência, fazer maravilhas no sexo oposto — espalhar-se por seu rosto antes de falar.

— Corrida até lá embaixo — disse ele maliciosamente começava a descer.

Atordoadada por um momento, Sam começou a rir enquanto gritava:

— Trapaceiro! — E desceu correndo a encosta atrás dele.



Quando Luke parou na frente do *Sue Ann's Café* pela segunda vez naquele dia, estava mais feliz do que podia se lembrar de estar há muito tempo. Ele e Sam passaram horas na montanha hoje, e ele poderia dizer honestamente que nunca se divertiu tanto com outra pessoa usando roupas. Ele sorriu. Inferno, mesmo sem elas.

Ele estava provocando-a no teleférico sobre o *snowboard* ser melhor do que sexo. Mas hoje, nas encostas com Sam, ele realmente provou essa afirmação. Luke sempre achou que ela era sexy como o diabo, mas hoje, nas pistas de esqui? Ela explodiu completamente e excedeu até mesmo sua percepção anterior de sua sensualidade, o que era considerável.

Vendo-a de perto e pessoalmente ao lado dele na montanha hoje, ele percebeu que ela tinha a expressão mais inebriante e eufórica em seu rosto enquanto descia as encostas em alta velocidade. Ela comandava sua descida, não havia dúvida sobre isso.

Não era apenas linda quando esquiava, mas também era confiante, capaz e competente. Ela assumiu riscos calculados. Por exemplo, durante a terceira descida da montanha, quando deu um *Misty Flip* no segundo salto, ela simplesmente partiu em frente! Estava sexy como o inferno.

Isso o excitou mais do que qualquer supermodelo de biquíni, com certeza.

Luke sempre foi um cara tranquilo em sua vida pessoal. Ele era ferozmente competitivo nas pistas, mas em sua vida pessoal, simplesmente não precisava trabalhar tanto. Ele nunca sentiu a

necessidade, e nunca teve a necessidade. Isso é... até Sam. Ele se sentia mais vivo e consciente quando estava perto dela. Era como se tivesse dormido durante toda a vida e agora ela o tivesse acordado.

Ele gostou do fato de que ela era um desafio. Afinal, ele era um competidor por natureza. De que adiantava ter algo se você não precisava trabalhar para obtê-lo? Inferno, até mesmo fazer Sam se abrir e falar com ele foi um desafio, mas no bom sentido. De uma forma que o deixou confiante de que, se jogasse bem, se se mostrasse digno para ela, haveria um prêmio no final dessa corrida de obstáculos que ofuscaria qualquer coisa pela qual ele já tivesse lutado antes em sua vida.

Sim, claro, se ele honestamente pensasse que ela não tinha interesse nele, ele não estaria pressionando por mais. Isso não seria um desafio; seria apenas tornar-se uma praga. Se ele realmente não tivesse sentido nenhuma resposta dela, ele manteria as coisas amigáveis, mas profissionais. Mas não foi esse o caso. Ele definitivamente sentiu interesse da parte dela.

Pegue aquela mesma manhã no teleférico, por exemplo. Ele sabia que, se eles não tivessem chegado ao topo da montanha naquele exato momento — maldito inconveniente, eles teriam acabado se beijando. Não havia um pinga de dúvida em sua mente sobre esse fato, assim como não havia um pinga de dúvida em sua mente de que teria sido incrível.

Ele ainda não tinha certeza de por que Sam reagia a ele da maneira que ela reagia, tão tímida e arisca às vezes, quando sua personalidade era tudo menos essas duas coisas. Ainda assim, quanto mais ela baixava a guarda perto dele, mais ele sabia que havia algo indefinidamente especial sobre sua química.

Além disso, quanto mais ele a conhecia, mais gostava dela. Aquilo era um bom sinal. Com a maioria das mulheres que ele namorou, ele teve a experiência exatamente oposta —gostava muito delas no começo, mas quanto melhor ele as conhecia, mais o brilho ia se desgastando. Certamente não era isso que estava acontecendo com Sam. Cada camada dela que ele descobria brilhava mais intensamente do que a anterior. Ele não tinha dúvidas de que, em seu âmago, se ela permitisse que ele visse tão fundo, ele não encontraria nada senão uma joia cintilante.

Ele já sabia que ela tinha uma ética de trabalho incrível. Mas agora estava descobrindo que ela também era uma amiga verdadeiramente leal e

amorosa. Sem mencionar que ela era hilária! Ela o fez rir o dia todo. Samantha Holt era única. Luke não sabia por que ela ainda estava solteira. O que ele sabia era que, se dependesse dele, esse status específico mudaria em breve.

Luke desligou o motor e saiu do SUV. Caminhou a curta distância até a porta da frente e olhou para cima e para baixo na calçada da Main Street, impressionado com o quão pitoresca era a visão. Pequenas fachadas de lojas alinhavam-se nas passarelas de tábuas de madeira semelhantes a alpendres que serviam como calçadas em ambos os lados do centro da cidade, que era salpicado de sol e pontilhado de pinheiros. Atrás dos edifícios, a *Sierra Nevadas* erguia-se majestosamente, proporcionando um cenário espetacular.

Este era o tipo de lugar em que Luke poderia se imaginar criando uma família algum dia. Ele amava Lake Tahoe. Sem dedicar muito pensamento consciente ao assunto, ele sempre presumiu que, quando chegasse a hora de criar raízes, ele voltaria para lá.

Em nenhum outro lugar que passou tempo chegou perto de se sentir em casa. Mas agora, de pé na calçada, observando o pôr do sol sobre as serras e ouvindo as pessoas correndo para cima e para baixo na rua, parecia certo. Depois de apenas um dia em residência, Hope Falls parecia um lar para Luke.

Ao abrir a porta, ele imediatamente avistou Sue Ann, que estava agitada, cumprimentando cada mesa, chamando cada um dos clientes pelo nome. Assim que ela o viu, um grande sorriso se espalhou em seu rosto e ela disse feliz:

— Luke, que bom ver você de novo! Ryan está lá atrás. — Ela gesticulou em direção ao corredor ao lado das portas giratórias que Luke presumiu que levavam à cozinha. Ela acrescentou: — Ele está esperando por você, querido. Segunda porta à esquerda.

Enquanto passava pelas mesas das famílias que jantavam com os filhos, Luke foi dominado pelo desejo de ser um desses pais, ocupado cortando a comida dos filhos, despenteando seus cabelos, inclinando-se e beijando a esposa.

Enquanto ele se imaginava no centro do pequeno quadro de felicidade doméstica, o rosto de Sam apareceu em sua cabeça. Um sorriso se

espalhou por seu rosto com isso. Hmmm, esse não era um pensamento interessante?

Quando Luke se aproximou do escritório de Ryan, ele viu que a porta estava parcialmente aberta. Ouviu vozes lá dentro, então caminhou até a porta e bateu.

— Entre! — veio a voz amigável de dentro.

Ao empurrar a porta, ele viu um jovem sentado na cadeira atrás da mesa. Uma mulher de cabelo comprido e escuro estava sentada na beira da mesa de frente para o cara, o que a colocava de costas para a porta. Quando ele entrou, a mulher estava rindo, obviamente de algo que o cara havia dito, e Luke teve uma impressão imediata deles como pessoas com quem realmente se daria bem. Eles tinham um ar casual, feliz e divertido que Luke percebeu imediatamente e gostou muito.

Quando Luke entrou na sala, o homem se levantou, sorriu e estendeu a mão. Em um tom amigável e acolhedor, ele disse:

— Ei, cara. Você deve ser Luke. Eu sou Ryan. Minha avó disse que você iria passar por aqui.

Luke pegou a mão estendida de Ryan e apertou-a quando a garota que estava sentada ao lado de Ryan na mesa se virou para ele e, em um tom malicioso, perguntou:

— Luke Reynolds, eu presumo?

Ele se virou para ela, pronto para dar uma saudação amigável, embora impessoal, mas foi interrompido em seu caminho. Antes que pudesse se conter, ele deixou escapar:

— Puta merda, você é Karina Black!

Karina deu um tapinha de brincadeira no braço de Ryan e disse:

— Viu? Algumas pessoas me reconhecem quando não estou totalmente maquiada!

Isso causou um enorme sorriso no rosto de Ryan enquanto ele puxava Karina para si e a beijava afetuosamente nos lábios.

— Estou feliz por não saber quem você era imediatamente, mesmo que tenha me sentido um idiota quando descobri — disse ele, colocando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

Luke percebeu que provavelmente deveria se sentir como se estivesse se intrometendo neste momento obviamente privado, mas ele estava



chocado demais para fazer qualquer coisa além de apenas olhar, então ele ficou lá e fez exatamente isso.

Luke conheceu muitas celebridades em sua época. Atores, cantores e até presidentes, pelo amor de Deus! Mas Karina Black era... bem, Karina Black. Ela estava em toda parte. Até suas sobrinhas eram obcecadas por ela. Elas tinham todos os álbuns dela no iPod que compartilhavam e elas tinham apenas cinco e sete anos. E no Halloween anterior, cada uma delas se vestiu com fantasias de “Karina Black.”

Voltando-se para Luke, Karina explicou:

— Desculpe, Luke. Isso foi rude. É uma piada interna. Sabe... O Ryan aqui não me reconheceu quando me viu pela primeira vez. — Ela riu. — Ou mesmo no dia seguinte, quando ele me ajudou a me mudar para a minha, agora nossa, casa. Nem mesmo quando ele estava me ajudando a desempacotar meu estúdio de gravação.

— Ei — Ryan se defendeu —, nessa hora eu descobri. — Ele bateu levemente em seu traseiro, e ela riu novamente.

— Entããããããã — Karina disse, puxando a última sílaba comicamente. — Luke Reynolds, o que podemos fazer por você?

— Por que você está me chamando pelo meu nome e sobrenome? — A pergunta saiu da boca de Luke antes mesmo que ele percebesse.

— Desculpe — Karina encolheu os ombros. — Força do hábito.

Hábito? Como ela sabia quem ele era? Ele balançou sua cabeça. Ainda não fazia sentido para Luke, mas por que insistir no assunto? Talvez ela fosse uma fã de *snowboard*.

— Luke está aqui porque vai alugar o apartamento no andar de cima — explicou Ryan —, e eu ainda tinha a chave. Ele precisava parar para que eu pudesse dar a ele. — Virando-se para Luke, Ryan disse: — Além disso, tenho o contrato para você assinar. É muito simples. Mês a mês, primeiro e último vencimento agora, os utilitários são incluídos. Exceto TV a cabo. Se você quiser isso, terá que instalar.

— Parece bom. — Luke acenou com a cabeça enquanto pegava o contrato de Ryan e começava a olhar para ele.

— Entããã... Luke — Karina perguntou casualmente, mas com um tom ligeiramente brincalhão —, como foi seu primeiro dia em *Mountain Ridge*? Você e Sam fizeram muita coisa?

Luke ergueu os olhos, surpreso. Ele percebeu que isso deve ter aparecido em sua expressão facial quando Ryan saltou para esclarecer:

— Karina e Sam são amigas há muito tempo.

De repente, Luke se lembrou de sua conversa com Sam no teleférico. Ele sorriu.

— Oh, entendi. Você deve ser um quarto das Quatro Fabulosas. — Ele sentiu como se finalmente estivesse retomando a conversa.

— Você sabe! — Karina disse com orgulho. — Nada que não possamos realizar!

Um largo sorriso se espalhou pelo rosto de Luke.

— Foi um grande dia. Passamos a maior parte na montanha.

— Vocês esquiam? — Karina perguntou, as sobrancelhas levantadas.

— Sim — Luke respondeu.

— Sam ganhou? — Karina se inclinou para frente, esperando ansiosamente a resposta.

— Não na primeira descida, mas eu meio que trapaceei — Luke admitiu. — Cada uma depois disso, ela ganhou. Ela é incrível! — O entusiasmo que ouviu em sua própria voz surpreendeu até a si mesmo.

Karina pareceu satisfeita com a resposta. Com um sorriso, ela agarrou sua bolsa e ficou na ponta dos pés para dar um beijo rápido em Ryan, dizendo:

— Bem, vou deixar vocês cuidarem de toda a logística do apartamento. Vejo você em breve, baby.

— Combinado — ele disse despreocupadamente enquanto a puxava em seus braços, levantava-a do chão e lhe dava mais um beijo não tão rápido.

Depois de ser colocada de volta no chão, Karina se virou para Luke, um novo rubor em suas bochechas, e disse:

— Luke Reynolds, foi ótimo finalmente conhecê-lo.

Luke estendeu a mão.

— Você também, Karina.

Quando saiu pela porta, ela virou a cabeça para sorrir para ele maliciosamente antes de dizer:

— Tenho certeza de que veremos você muitas outras vezes!

Sam tinha acabado de se recostar em seu sofá, em seu moletom mais confortável, abraçando uma caneca de chocolate quente que aquecia suas mãos, quando recebeu uma mensagem. Ela suspirou. Chocolate quente era um deleite a que ela raramente se entregava, e relaxar era uma indulgência ainda mais rara para ela. Agora ela tinha a sensação de que ambos estavam prestes a se arruinar.

Foi até a mesa onde seu telefone estava e o pegou. Era Stephan, seu ex-treinador-barra-agente. Ela fez uma careta. Droga. Ela sabia que seu “tempo para si mesma” estava prestes a ser arruinado assim que ouviu o som do telefone. Era como se Stephan instintivamente sentisse quando ela estava se divertindo e sentisse a necessidade de se intrometer e estragar tudo e ela — estando tão acostumada com a intromissão dele — instintivamente reconheceu o som disso, mesmo que a campainha de texto fosse genérica. Ela sempre perceberia o som de Stephan se intrometendo em sua vida, tinha certeza. Seria capaz de identificá-lo pelos calafrios que subiam por sua espinha.

Suspirando de resignação, ela bateu na tela para abrir o texto. Stephan estava avisando-a que um grande negócio de patrocínio tinha chegado em sua mesa para ela. Tudo o que ela precisava fazer era se comprometer com quatro competições e oito participações pessoais neste ano. Se ela fizesse — exatamente isso — eles poderiam assinar.

Ela fez uma careta. Apenas ver as palavras fez seu peito apertar e seu estômago se contrair.

Ela não queria voltar a competir e viajar.

O problema? Stephan era tão notoriamente ruim em respeitar seus limites quanto em aceitar “não” como resposta.

Ela respondeu imediatamente, deixando Stephan saber em termos inequívocos que ela não assinaria nada, não se comprometeria com nada, ou competiria por todo o ano. Ela também reiterou que ainda estava planejando se aposentar depois de tirar um ano de folga.

Assim que enviou a mensagem, seu estômago acalmou e ela sentiu que poderia respirar novamente.

Ela suspirou. Competir. Ela realmente amava competir, mas nos dois últimos anos, parecia ser menos sobre suas habilidades e mais sobre patrocínios e imagem. Essa parte fazia a pele de Sam arrepiar.

Por um lado, entendia completamente que ela era, de fato, um produto. Ela entendia isso. Sabia que, para competir, precisava de patrocínios. Não era barata a vida que ela vivia. Treinamentos, viagens, equipamentos, tudo era caro.

Alguns de seus colegas eram ótimos em ambos os aspectos do negócio. Eles realmente consideravam-se uma marca e "funcionavam". Sam não era, e duvidava que pudesse ser.

Ela tentou se adaptar a esse modelo de negócios. Tinha feito tudo que podia, incluindo posar para sessões de fotos com as quais ela não se sentia confortável. Mas no fim das contas, essa não era a vida que ela queria.

Hoje havia apagado todas as dúvidas remanescentes de que ela estava no caminho certo com sua vida. Hoje foi incrível. Respirando fundo, ela revirou o pescoço e gostou da sensação de ter músculos nos ombros que não estavam perpetuamente contraídos. Ela se sentou no sofá com sua gostosa caneca de chocolate em concha com as duas mãos e levantou-a até o rosto. Queria saborear o momento. Inspirou o aroma pelo nariz e se preparou para tomar o primeiro gole.

Houve uma batida na porta.

Ela fechou os olhos e abaixou a cabeça em frustração. Claro que houve uma batida na porta. Ela largou a caneca e foi em direção à porta da frente, olhando para o relógio de pulso. Já passava das oito e ela se perguntou quem poderia estar visitando.

*Eu juro por Deus, Stephan, ela pensou consigo mesma, se você voou até aqui e apareceu na minha porta para me incomodar sobre esse maldito negócio, vou socar você bem na garganta.*

Quando abriu a porta da frente, porém, viu que era Karina parada do outro lado, seu aborrecimento mudou imediatamente para preocupação.

— O que há de errado? — Sam perguntou preocupada.

Karina sorriu.

— Nossa, parece que o jogo virou.

— Do que você está falando? — Sam não estava seguindo a linha de pensamento de Karina.

Karina passou por Sam e deixou cair sua bolsa na mesa da entrada. Ela começou tirando as luvas e a jaqueta e disse:

— Parece que me lembro de uma época não tão distante no passado que era eu quem abria a porta, pensando que algo devia estar errado para alguém aparecer tão tarde.

— Oh, isso — disse Sam timidamente.

— Também me lembro que, naquele mesmo passado bastante recente, fui eu que fui interrogada sobre informações sobre minha vida amorosa.

— Bem, eu nem tenho uma vida amorosa para ser interrogada — Sam disse alegremente, virando-se e voltando para sua sala de estar.

— É meeeeeesmo? — disse Karina, arrastando a palavra para fazer efeito. — Isso é interessante. Porque eu estava na casa de Sue Ann com Ryan, e adivinha quem passou por lá para alugar o apartamento de cima? Luke Reynolds.

O interesse de Sam foi despertado, mas ela fez o possível para não dar uma indicação externa.

— Ok, e daí? O que isso tem a ver com minha vida amorosa?

Karina riu com vontade.

— Sério, Sam? É assim que você vai jogar, hein? Ok, então. Eu acho que você não teria nenhum interesse em saber o que ele disse sobre você?

— Disse sobre mim? — Sam perguntou, incapaz de esconder o tom frenético de sua voz.

— Hmmm... — Karina murmurou evasivamente.

— Ele estava falando sobre mim?

Karina levantou uma sobrancelha maliciosamente.

— Nossa... Você não está um pouco interessada demais para alguém que deveria estar, você sabe... completamente desinteressada?

Sam ficou sentada por um momento, dividida entre o desejo de manter sua personalidade imparcial e querendo saber o que Luke havia dito. Finalmente, ela desistiu.

— Tudo bem — disse ela, com as bochechas em chamas. — Você me pegou. Eu não posso fingir. Eu me importo com o que Luke Reynolds disse sobre mim.

— Vou te dar uma dica — Karina brincou. — Envolvia a palavra incrível.

Os olhos de Sam se arregalaram e seu queixo caiu.

Incapaz de manter a fachada provocante, Karina se virou para Sam e jogou os braços ao redor dela. Karina se afastou, e ela e Sam entrelaçaram as mãos e gritaram como garotas de colégio.

— Então, o que aconteceu? Conte-me cada pequeno detalhe!

Karina disse alegremente:

— Então foi assim que aconteceu. Eu só perguntei como foi o dia dele, se vocês tinham feito muita coisa. Ele disse que vocês passaram a maior parte do dia na montanha. Eu perguntei se você esquiou. Ele disse que sim. Eu perguntei se você ganhou, ele disse que não da primeira vez.

— Ei! Ele trapaceou! — Sam protestou.

Karina riu.

— Ele admitiu ter feito isso. Então ele disse que você ganhou o resto das descidas de maneira justa e honesta, e ele disse que você foi... *incrível* — Karina terminou dramaticamente.

— Tenho certeza de que ele estava apenas falando sobre o meu desempenho, disse Sam, tentando minimizar o elogio.

— Acho que não, senhora. Acho que o Sr. Luke Reynolds tem uma queda por você — disse Karina, balançando as sobrancelhas exageradamente.

— Okay, certo. Eu não sou o tipo dele — Sam lamentou, seu entusiasmo durando por apenas um momento antes de diminuir visivelmente. — Você deveria ver com quem ele normalmente sai. Quer dizer, você sabe como as pessoas dizem “Oh, ele só gosta de coelhinhos da Playboy”, esse tipo de coisa. Bem, Luke Reynolds namorou mais de uma coelhinha da Playboy.

Karina bufou.

— Tanto faz. Seja como for, sempre tive bons instintos sobre essas coisas. E eu estou te dizendo ele está interessado. Eu juro por Deus. — Um sorriso lento e perverso espalhou-se pelo rosto de Karina, e ela se inclinou para falar em um tom baixo e conspiratório: — Honestamente, acho que ele seria exatamente o homem certo para ajudá-la com seu crescimento pessoal. Ele é lindo, talentoso, experiente... e só essa voz deve deixar sua calcinha pelo menos um pouco molhada.

— Karina! — Sam gritou e bateu em sua amiga com um travesseiro, um rubor instantaneamente subindo pelas bochechas dela.

— O quê? Você sabe que é verdade. — Karina encolheu os ombros, sorrindo. — Sério, Sam. eu acho que você está inventando um monte de razões em sua cabeça por que nada poderia acontecer entre vocês dois. Mas meu conselho é... siga em frente. Toque de ouvido. Não se coloque, ou ele, em algum caixa — ou pior, em um pedestal. Basta ver aonde isso vai e aproveitar a jornada.

— Onde estava toda essa sabedoria alguns meses atrás, quando você estava enlouquecendo sobre Ryan? — Sam provocou.

— Pssshhh. Tudo vai pela janela quando você é aquela que se apaixona.

— Oh, eu não estou me apaixonando — Sam declarou enfaticamente.

— Você está certa — esclareceu Karina. — Se apaixonando mais, então. Porque vamos combinar. Você tem uma queda por aquela cara há muuuuito tempo.

Sam gemeu e cobriu o rosto com um travesseiro.

— Só estou dizendo... — Karina riu ao se ver recebendo um golpe com aquele mesmo travesseiro.



# 11

Luke ficou emocionado naquela manhã quando puxou as cortinas de seu novo apartamento e viu que, além de o sol estar forte, havia nevado durante a noite. Uma das atrações favoritas de Luke no mundo era neve fresca no chão. Ele achava que isso era um bom presságio.

Descendo as escadas com um humor leve, ocorreu-lhe que, uma vez que ele passava diretamente por um café ao sair de seu apartamento todas as manhãs, poderia ser bom começar uma pequena tradição de levar um café para Sam. Sim, ele decidiu. Ele gostou disso. Demonstrava consideração, mas não era excessivamente presunçoso. Felizmente, quando ele estava fazendo o pedido, Sue Ann percebeu que era para Sam e sabia como ela tomava o café. Dois açúcares, sem leite.

Luke entregou seu dinheiro a Sue Ann e, quando ela devolveu os dois cafés para viagem, Luke, ela piscou e disse:

— Diga oi para Sam por mim.

Luke sorriu enquanto pegava os recipientes e se virava para sair.

— Direi.

— Aquela garota com certeza é uma gracinha — Sue Ann comentou, aparentemente inocente.

Luke riu.

— Sim, ela com certeza é, senhora.

Enquanto ele se afastava, ele pensou ter captado apenas um momento de avaliação nos olhos de Sue Ann, mas desapareceu em um flash,



substituído por um sorriso amigável quando ela se virou e voltou ocupada ao trabalho.

Quando Luke entrou no estacionamento dos funcionários em *Mountain Ridge Outdoor Adventures* apenas alguns minutos depois, ele viu o Fusca vermelho de Sam, aquele que ele vira na manhã em que fez a entrevista. E, assim como na primeira manhã de trabalho, já estava lá quando ele chegou.

Ele sorriu. Também viu um Black Mercedes 600 que ele não reconheceu estacionado ao lado do carro de Sam.

Luke abriu a porta do escritório dele e de Sam, carregando os cafés. Em vez de ver Sam como ele esperava, ele viu uma loira alta que parecia mais pertencer a Wall Street do que a *Mountain Ridge*. Ah, ele percebeu. Ela deve ser a dona da Mercedes.

Ele acenou com a cabeça em sua direção e disse:

— Bom dia. — Em uma voz que soou amigável, mas confiante. Algo sobre a elegância fria da beleza alta o enervava, o fazia sentir como se tivesse aparecido para um teste de cueca.

— Bom dia, Luke. Eu sou Lauren — disse a mulher em um tom enérgico e profissional que o fez pensar que as próximas palavras que saíam de sua boca provavelmente seriam: “Eu sou da Receita Federal e estou aqui para auditar você”.

— Prazer em conhecê-la — disse ele automaticamente, mas então ele sorriu quando o próximo pensamento lhe ocorreu. — Oh! — ele exclamou. — Você é Lauren das Quatro Fabulosas... Nada que você não possa realizar.

Ela amoleceu.

— Vejo que minha reputação me precede.

— Sim, é verdade — Luke respondeu em um tom caloroso.

— Assim como a sua — Lauren disse com um sorriso enigmático. — Assim como a sua.

Ele queria acompanhar isso e descobrir a quais partes de sua reputação especificamente ela estava se referindo e como exatamente ela o havia precedido, mas Sam escolheu aquele momento preciso para saltar feliz para dentro da sala.

— Ei, Laur — ela cumprimentou a amiga.

— Ei, Sammi. Eu queria saber onde você estava — Lauren sorriu calorosamente.

Luke ficou maravilhado em como Lauren realmente parecia uma pessoa completamente diferente quando estava iluminada com receptividade. Ele agora via muito claramente o que mulheres como Amanda, Karina e Samantha — que eram calorosas, amorosas e engraçadas — teriam em comum com Lauren. Tudo que você precisava fazer era ver o sorriso dela.

— Oh, eu estava checando com Amanda e vendo se ela precisava de algo especial de mim hoje. Estou tão feliz por você estar aqui!

Lauren riu enquanto se virava para as fileiras de caixas empilhadas ao lado da parede.

— Sim, eu não estou surpresa. Amanda não estava brincando quando disse havia muito estoque.

Sam retribuiu a risada.

— Não é verdade? Essa não é a única razão pela qual estou feliz por você estar aqui, mas não vou mentir. É uma grande parte disso.

Luke, por sua vez, estava lutando apenas para tirar os olhos de Samantha. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo, ela não usava maquiagem e usava um moletom do *Mountain Ridge*, jeans e tênis. Ela era a coisa mais adorável que ele já tinha visto em sua vida.

— Bom dia, Samantha — disse ele, entregando-lhe o café que Sue Ann tinha preparado para ela. Ele sabia que ela havia dito que ele poderia chamá-la de Sam, mas às vezes ela era Samantha apenas para ele.

— Bom dia, Luke. Obrigada — ela respondeu quase timidamente, e ele viu um arrepio percorrê-la quando pegou o café dele.

— Está com frio? — ele perguntou, preocupação em sua voz. — Posso ligar o aquecedor.

— Não, eu estou bem — disse ela definitivamente, olhando para baixo em um esforço concentrado de não encontrar o olhar dele. — Este café vai me aquecer imediatamente.

— Eu não toquei neste aqui — ele disse, oferecendo a outra xícara para Lauren. — É preto sem açúcar, então você pode tomar como quiser.

— Obrigada — Lauren respondeu cordialmente —, mas eu já tomei três hoje e esse é o meu limite absoluto. Eu recebi uma ligação cedo de um cliente potencial no Leste, então acordei às quatro da manhã.

Sam sorriu.

— Molenga.

Lauren resmungou.

— Sim, Sam, eu sei que você já estaria acordada há horas, é moleza, mas para mim, isso é tortura.

— O que posso dizer? — Sam encolheu os ombros. — As manhãs são a minha parte favorita do dia.

— A minha também — Luke disse honestamente.

Ela encontrou seus olhos e retribuiu o sorriso.

— Bem, parece que temos muito trabalho a fazer, então provavelmente devemos começar — disse Lauren, suas palavras tirando-o da névoa induzida por Samantha.

— Lauren, você vai usar isso para organizar as caixas? — Sam perguntou.

Na verdade, Luke estava se perguntando a mesma coisa, mas ele não estava prestes a abordar o assunto com a mulher controladora.

— O quê? Eu estou de calça e sapatilha. Estou pronta — Lauren disse decisivamente.

— Ok — Sam admitiu, mas não sem acrescentar: — Tenho certeza que esta não é a atividade que Armani tinha em mente quando desenhou esse terninho.

Luke riu e Sam se juntou a ele. Lauren, por outro lado, não parecia divertida.

— Tudo bem — Lauren disse rapidamente, indo direto ao assunto. — Como não parece que nenhuma dessas caixas esteja etiquetada, vamos primeiro abrir cada caixa. Então, podemos agrupá-las de acordo com o conteúdo. Também vamos em frente e rotulá-las à medida que avançamos, para não haver confusão.

Quando terminou este discurso, ela enfiou a mão na bolsa e tirou três marcadores de caneta Sharpie, entregando um para Sam e outro para Luke.

— Uau — Luke disse, impressionado. — Você está realmente preparada.

— Claro que estou — Lauren disse em um tom que implicava que Luke era o mestre do óbvio.

Sam soltou, sorrindo com orgulho:

— Lauren é uma planejadora, uma deusa organizacional, a rainha de trazer ordem ao caos. — Ela se curvou na cintura, os braços estendidos à frente dela, e disse grandiosamente: — Nós, pessoas comuns, nos curvamos à sua excelência.

Novamente, Luke e Sam riram, e novamente, Lauren não achou graça. Ela simplesmente deu de ombros e disse:

— Funciona para mim.

O dia passou rapidamente depois disso, e Luke teve que admitir que Lauren realmente parecia ser a rainha da ordem no caos. Com a liderança de Lauren, eles realizaram em um dia o que a maioria das pessoas levaria pelo menos uma semana para classificar, organizar e configurar.

Enquanto dirigia de volta para seu apartamento recém-alugado, Luke teve que admitir para si mesmo que, embora o dia não tivesse trazido o momento individual que ele esperava ter com Samantha, não achou que poderia ter sido melhor. Ela definitivamente parecia estar mais relaxada perto dele, como se estivesse baixando a guarda.

Ele adorava vê-la quando ela não sabia que ele estava olhando. Ele notou pequenas coisas, como o jeito que ela torcia o nariz quando estava realmente tentando se concentrar em algo e o olhar feroz que ela teria se pensasse que ele ou Lauren tinham conseguido mais caixas do que ela na mesma quantidade de tempo.

Ele riu. A garota definitivamente era competitiva com C maiúsculo, e ele adorava.



# 12

Depois de passar dois dias consecutivos de oito horas com Luke, Sam teve que admitir que o efeito paralisante que ele exercia sobre ela havia diminuído. Sentada à sua mesa agora, sabendo que ele chegaria a qualquer momento, ela estava realmente ansiosa para vê-lo.

*Sem palmas suadas. Sem falta de ar. Isso é progresso*, ela se parabenizou.

Claro, ela ainda sentia frio na barriga quando olhava para ele e, muitas vezes quando ele falava, os arrepios ainda apareciam. E sim, é claro, quando ele olhava para ela, ainda parecia que o sol estava brilhando sobre ela. Então sim. Tinha isso.

Mas ela não estava mais tão nervosa com ele a ponto de querer sair da sala só porque ele estava lá, então isso *era* um progresso.

Ela estava até começando a pensar que eles formariam um time muito bom. Eles

tinham trabalhado juntos com a ajuda de Lauren no dia anterior, organizando e priorizando, e Sam tinha que dar crédito a Luke. Ele seguiu a direção de Lauren sem piscar, mas quando ele teve uma ideia de como ele pensou que algo funcionaria melhor, ele falou e estava certo.

Mas o que mais a impressionou foi o fato de que Luke nunca tentou fingir que sabia algo que ele não sabia. Se Lauren lhe fizesse uma pergunta e ele não soubesse a resposta,

ele apenas dizia isso. Muitos dos atletas, agentes e treinadores ao redor de quem Sam estivera a maior parte de sua vida sempre tinham uma

resposta para tudo. E na maioria das vezes, é claro, eles não tinham ideia do que eles estavam falando.

Sam sabia que Karina e Amanda pensaram que Luke poderia estar interessado nela, e agora Lauren tinha dito a mesma coisa depois de passar o dia com eles ontem. Ainda assim, Sam estava muito longe de acreditar. Ela o conhecia de uma maneira que elas não conheciam. Conhecia o tipo de mulher que Luke namorava, e não havia nenhuma maneira de Sam se encaixar nessa categoria.

Ela costumava pensar que, por causa de sua incapacidade de manter qualquer aparência de compostura sempre que Luke estivesse por perto, ela teria apenas que manter distância dele perpetuamente. Mas agora, ela estava começando a pensar que eles poderiam ser amigos.

Sim, amigos, ela disse a si mesma, experimentando o sentimento da palavra. Amigos. É melhor que nada. Não é?

Ela suspirou.

Claro, ela sempre teria uma queda por ele. Mas Sam acreditava que, se a maior parte das mulheres que conheciam Luke eram honestas consigo mesmas, elas teriam que admitir o mesmo. Então não é como se ela estivesse sozinha nessa tolice.

Pelo menos depois desses últimos dias, Sam sabia que ela e Luke poderiam ser amigos e colegas de trabalho. Sim, ela poderia lidar com isso.

— Bom dia, linda. — A voz profunda de Luke interrompeu a estimulante conversa interna de Sam, e ela fechou os olhos enquanto era envolvida por uma verdadeira tempestade de borboletas e arrepios.

Quando Luke colocou um café em sua mesa e roçou contra ela, sentiu um arrepio percorrer o comprimento de sua espinha. As borboletas continuavam a dançar em seu estômago e suas palmas estavam encharcadas. E Luke estava na sala há dez segundos. Ela fez uma careta para si mesma. Talvez tivesse que acrescentar sua conversa de vitalidade interna para dizer que talvez ela pudesse lidar com isso.

— Bom dia, Luke — Sam disse alegremente, colando seu sorriso mais amigável no rosto.

Um olhar preocupado cruzou o rosto de Luke.

— Você está bem?

— Sim, por quê? — Sam perguntou alegremente.

— Sem motivo. — Luke deu um sorriso conhecedor antes de se sentar na mesa em frente à Sam. Ela decidiu que seria mais seguro ignorar esse caminho do que explorá-lo, então rapidamente mudou de assunto.

— Ei, obrigada por ajudar ontem e auxiliar a mim e a Lauren a desempacotar e organizar tudo. Você realmente não precisava fazer isso. Eu só queria já ter um sistema estabelecido antes que outra pessoa entrasse na loja profissional.

— Minha filosofia sempre foi, se vou supervisionar algo, quero conhecer cada aspecto dele por dentro e por fora. Acho que estou realmente participando dessa maneira.

Sam poderia ouvir a si mesma divagando, mas não foi capaz de parar.

— Bem — Luke disse lenta e deliberadamente, olhando diretamente em seus olhos. — Eu acho que quanto mais você me conhecer, mais você descobrirá que eu também sou muito prático.

Bem, isso definitivamente parou a divagação. Ela não poderia falar agora se quisesse. Podia sentir suas bochechas ficando quentes, e tinha certeza que elas deviam ter um tom brilhante de rosa. Em algum lugar no fundo de sua mente, uma pequena voz estava dizendo a ela que deveria estar envergonhada por suas bochechas coradas e sem fala, mas neste momento, paralisada pelo olhar de Luke, humilhação era a emoção mais distante de seu coração e mente que ela poderia imaginar.

Ela estava animada. Emocionada. Ela estava... excitada. Bem, ela disse ironicamente para ela mesma, acho que o constrangimento não é a única razão pela qual as pessoas ficam vermelhas.

Um sino alto soou de sua mesa, quebrando o encanto do momento. Quando ela olhou para baixo e tentou se aclimatar ao seu redor, viu que era seu telefone. Ela tinha recebido uma mensagem de Stephan, seu empresário. Ótimo, pensou sarcasticamente. Como sempre, ele tinha um *timing* perfeito.

Ela tocou no ícone para abrir a mensagem e viu que era basicamente a mesma como todos os e-mails e mensagens de texto recentes que recebeu dele. Ele tinha um ótimo contrato de patrocínio ao qual ela não podia dizer não... blá, blá, blá.

— Problemas com namorado? — Luke perguntou.

— O quê? — Sam ergueu os olhos, confusa.

— Você parece chateada. São problemas com o namorado? — Luke repetiu.

Ela bufou.

— Quem dera. — Então lutou para se corrigir. — Quer dizer, não, não quero! Ah... eu... quer dizer...

Ela sentiu seu rosto esquentar. E aí estava. Lá estava o constrangimento. Luke sorriu e continuou, perguntando:

— O que é, então? Está tudo bem?

— Pshh. Isso? — ela disse com desdém, apontando para o telefone. — Não, isso não é nada.

— Problemas com ex-namorado? — Luke disse maliciosamente, recusando-se a desistir.

— Não, não. Isso é negócio, não pessoal — Sam explicou.

Então ela digitou rápida e decisivamente uma mensagem de texto em resposta a Stephen.

— Vou tirar um ano de folga — ela digitou com os polegares. Curto, doce, direto ao ponto.

— Bem, eu sei que nosso relacionamento é de negócios — Luke arriscou. — Mas... se você não se importa que eu seja pessoal, posso perguntar... Você está saindo com alguém, Samantha?

Sam levantou a cabeça e olhou para Luke, mas não conseguiu ler sua expressão.

Ele provavelmente não quis dizer isso do jeito que soou. Ela percebeu que provavelmente deveria manter sua resposta casual e leve. Ele provavelmente estava apenas perguntando porque queria que ela fizesse os turnos de fim de semana para que ele pudesse sair com suas coelhinhas de neve. Não tenha muitas esperanças, ela advertiu a si mesma.

— Não, não estou vendo ninguém — ela respondeu rapidamente, tentando manter qualquer emoção pessoal fora de seu tom. Então, sem conseguir resistir, ela perguntou: — Você está saindo com alguém?

Um sorriso lento se espalhou por seu rosto.

— Não agora, mas espero que isso mude.

— Oh — Sam respondeu. Ela percebeu que não era uma resposta inteligente ou espirituosa, mas ela realmente não sabia para onde ir a partir daí. Então, ao invés de dizer mais, ela apenas ficou lá, olhando para



Luke, incapaz de desviar de seu olhar. Definitivamente havia algo tangível passando entre eles, mas Sam não tinha ideia de como identificá-lo.

Acontece que ela não teve a chance, porque Amanda entrou naquele momento, querendo revisar suas biografias para o site.

Depois disso, eles entrevistaram, nos escritórios principais, as duas pessoas que Amanda estava considerando para o cargo de gerente de loja. O dia passou rápido e, antes que Sam percebesse, eles estavam se despedindo de Amanda e se dirigindo para seus carros para irem para casa à noite.

Sam ficou surpresa ao perceber que estava realmente um pouco triste por ser sexta-feira e que, sendo assim, ela não veria Luke novamente até segunda-feira. Mas definitivamente não queria que ele tivesse a menor ideia de que ela estava pensando nisso. Você pode dizer *stalker*? ela se repreendeu.

Ela riu um pouco para si mesma com esse pensamento enquanto eles estavam andando.

— Ei, não é justo ter uma piada interna quando somos as únicas duas pessoas aqui. Você vai me dar um complexo — Luke brincou enquanto passava por seu SUV para se apoiar no fusca de Sam.

— De alguma forma, acho que seu ego permanecerá intacto — Sam respondeu levemente, dando um tapinha em seu peito enquanto se movia ao redor dele para chegar à porta do motorista.

— Ei — ele disse suavemente e pegou a mão de Sam que estava caindo de seu peito.

*Oh, senhor! Alerta de arrepio! Três alarmes!*

— Você gostaria de ir jantar comigo amanhã à noite? — ele perguntou naquele mesmo tom suave e íntimo enquanto deslizava os dedos pela palma da mão dela e esfregava levemente os nós dos dedos com o polegar.

O cérebro de Sam entrou em curto-circuito. Certamente ele não poderia querer dizer como... em um encontro, ela se assegurou em pânico. Ela devia estar lendo os sinais errados. Não faça papel de boba, ela advertiu mentalmente.

— Uhm, sim... Quer que eu te encontre na casa de Sue Ann? Podemos repassar nossos horários para que Amanda coloque no site.

Sam estava tentando manter a voz calma, mas estava se tornando cada vez mais difícil. Como no mundo poderia apenas o polegar dele roçando

contra os nós dos seus dedos estar causando a sensação intensamente prazerosa que estava se espalhando por todo seu corpo? Ela havia estudado biologia.

Não se lembrava de ter lido sobre nada assim em seus livros.

Luke riu um pouco.

— Uau, eu realmente devo estar enferrujado com isso — disse ele com ironia.

Ele puxou a mão dela para mais perto de seu peito e deu um pequeno passo, fechando a lacuna entre eles e fazendo com que ela tivesse que inclinar a cabeça para trás para olhar para ele.

— Samantha Holt — ele sussurrou com voz rouca —, estou convidando você para um encontro e geralmente não falo sobre o trabalho quando estou de folga.

Sam sentiu como se o mundo tivesse mudado em seu eixo. Sua cabeça estava girando. Ela não tinha certeza do que fazer. Nunca tinha sido convidada para um encontro de verdade antes.

— Uhm, tudo bem? — ela disse, principalmente porque ela não conseguia pensar em mais nada para dizer.

— Isso foi uma resposta ou uma pergunta? — ele brincou.

— Uma resposta? — ela respondeu, sua voz ainda insegura devido ao seu estado atual de choque e descrença.

Novamente, Luke riu.

— Sabe, meu pai sempre nos dizia: “Pare de falar quando você obtiver a resposta que deseja”, então é o que vou fazer. Pego você às sete. Vou enviar uma mensagem para você para pegar seu endereço.

Sam apenas ficou ali, com medo até de respirar para não quebrar o feitiço, balançando a cabeça afirmativamente em silêncio.

Luke deu um sorriso torto e disse:

— Samantha, vou contar até três. Quando eu chegar ao três, vou beijar você. Então, se você não quer que isso aconteça, você tem cerca de três segundos para me interromper.

*Oh. Meu. Deus.*

Agora ela realmente não conseguia respirar! Ela percebeu seus olhos se arregalarem.

— Um — ele sussurrou, abaixando a cabeça lentamente. — Dois — ele continuou, desta vez inclinando a cabeça ligeiramente e sorrindo para

ela de forma inebriante. — Três — ele disse finalmente e, em seguida, pressionou seus lábios nos dela.

E então, simplesmente assim, a boca dele estava cobrindo a dela e respirar era a última coisa em que ela pensava. Seus lábios se moveram suavemente contra os dela, e ela sentiu a mais incrível sensação de formigamento sobre seu corpo inteiro. Ela queria que esse sentimento durasse para sempre.

Muito breve, ele se afastou.

— Uau — disse ele, balançando a cabeça ligeiramente e sorrindo para ela. — Vejo você amanhã à noite.

Ele abriu a porta para ela e, com seu corpo operando completamente no piloto automático, ela entrou. Ele fechou a porta, ela colocou a chave na ignição e saiu de *Mountain Ridge* para a rua, movendo-se roboticamente, sem real pensamento consciente de suas ações.

Ela permaneceu em estado de choque durante toda a viagem para casa. Foi só quando fechou a porta atrás de si, ao chegar em casa, que o choque de tudo o que tinha acontecido passou e os eventos dos últimos dez minutos realmente fizeram sentido. Ela começou a tremer como uma folha.

— Luke Reynolds me beijou e nós temos um encontro! — ela gritou para ninguém além de si mesma e então começou a dançar loucamente em torno de sua sala pelos próximos vinte minutos.

Sam não era uma dançarina talentosa. Na verdade, ela quase não tinha ritmo algum, mas não se importava. Não se tratava de dançar bem. Tratava-se de alegria pura e simples. Depois que sua energia maníaca se esgotou, ela desabou no sofá em uma pilha suada e feliz.

— Luke Reynolds me beijou e nós temos um encontro — ela repetiu baixinho para si mesma, a ficha daquela declaração caindo. Embora ela estivesse excitada além da conta, ela ainda não conseguia acreditar. E realmente, o que ela estava mais do que tudo era... apavorada.

--- ~ ---

Depois de se revirar na cama a noite toda na madrugada de sexta, Sam acordou no sábado de manhã determinada a tirar o encontro daquela noite da cabeça com o melhor de sua capacidade.

Ela se levantou cedo e se preparou para a corrida matinal. A maioria das pessoas não gostava de correr no frio e na neve, mas para Sam, não havia nada melhor. Ela adorava colocar camadas de roupas inverno, cada peça de roupa como um talismã em um ritual: suas roupas térmicas, suas meias grossas de lã, suas luvas, seu casaco, seu gorro. Amava a sensação do solo congelado sob seus pés enquanto corria. Era apaixonada pela sensação de sua temperatura corporal subindo com o esforço físico.

Acima de tudo, porém, o que Sam realmente apreciava na corrida era que ela sempre conseguia limpar a mente. Às vezes, ela sentia que estava vendo toda a sua vida através de lentes desfocadas. Quando corria, tudo entrava em foco.

Enquanto chegava à calçada nesta manhã de sábado, antes do amanhecer, ela se esforçou para alcançar a mesma clareza que normalmente vinha sem esforço enquanto corria pelo ar frio do inverno, mas descobriu que a situação com Luke não era tão fácil e direta como a maioria das coisas geralmente eram.

Ela ainda estava confusa sobre por que Luke a convidou para sair em primeiro lugar. Ele estava entediado? Ele a olhava como algum tipo de desafio? Outros caras em seu círculo mostraram interesse por ela, mas ficou claro muito rapidamente que era apenas porque a viam como algo inatingível, já que ela raramente namorava. Era como um desafio para eles, fosse com eles próprios ou com seus amigos idiotas.

— *Você consegue derreter a rainha do gelo?*

Ela se perguntou se essa era a pergunta que estava passando pela mente de Luke agora ou se suas intenções eram mais honrosas do que isso.

A outra coisa que obstruiu o cérebro de Sam foi aquele beijo. Ela podia não ter muita experiência, mas havia beijado caras antes. Vários caras, na verdade. Mas nenhum beijo a fez se sentir como o beijo da noite anterior. O que ela e Luke compartilharam na noite anterior foi especial. Pelo menos era para ela. Foi uma sensação totalmente sem precedentes em sua vida. Seu corpo parecia tão vivo, e ela não queria que o momento acabasse quando terminou.

Ao final de sua corrida, ela não estava mais perto de descobrir o que deu em Luke para beijá-la, muito menos para convidá-la para um encontro. Mas a única conclusão a que chegou foi que, uma vez que teve essa oportunidade, fosse qual fosse o motivo, ela deveria aproveitá-la ao máximo.

Ela agora tinha algo próximo a um plano. Bem. A primeira etapa de um plano, pelo menos.

Era hora de chamar reforços.

Quando Lauren chegou à casa de Sam naquela tarde, estava preparada, como sempre estava. Ela carregava consigo uma seleção de vestidos, sapatos, acessórios, produtos para o cabelo e maquiagem. Sam tinha visto equipes de beleza profissionais que incluíam um estilista, um cabeleireiro e um maquiador que não carregavam tanto para o trabalho.

*Cara*, Sam sorriu para si mesma, *eu amo minhas amigas!*

— Então, onde está o resto das tropas? — Lauren perguntou, confusa.  
— Eu sou a primeira a responder ao texto de emergência 911?

Sam suspirou.

— Somos só você e eu, senhora. Amanda está presa lidando com a construção em *Mountain Ridge*. Ela tem que garantir que tudo esteja em ordem para a reabertura. E Karina e Ryan tiveram que voar para Los Angeles hoje para fazer alguns *meet and greet* para a gravadora.

Sam tentou parecer otimista quando disse isso, mas ela podia ouvir o pânico vazando pelas bordas de seu tom.

Lauren não queria nada disso, no entanto. Lauren estava, como sempre, extremamente confiante em suas habilidades para obter o trabalho feito e da maneira certa. Ela disse rapidamente:

— Tudo bem. Podemos lidar com isso. Primeiras coisas primeiro. Você sabe aonde vai esta noite?

— Sim. Luke me mandou uma mensagem cerca de uma hora atrás. Ele disse que fez reservas no *The Cove*.

— Bom, então. E ele estará aqui às sete? — Lauren esclareceu.

— Sim — Sam afirmou, balançando a cabeça.

Lauren olhou Sam de cima a baixo avaliando.

— Bem, eu sei que você é cerca de dez centímetros mais baixa do que eu, mas temos quase a mesma constituição. Acho que pelo menos um desses vestidos deve funcionar. Se não, nós duas temos as chaves da casa

de Karina. Na pior das hipóteses, optamos pelo caminho do jeans skinny, top sexy e botas de cano alto. Ela tem tudo isso de sobra.

Enquanto Lauren falava, colocou as sacolas de roupas no sofá de Sam.

— Vamos tentar isso primeiro. Trouxe vários vestidos. Todos eles chegam ao meio da coxa, então em você devem ficar logo acima do nível do joelho. Também tenho várias opções diferentes de saltos e joias.

Sam deu um suspiro de alívio.

— Deus, obrigada, Lauren. Você não pode imaginar o quão grata eu estou.

— Vamos começar a experimentá-los e ver no que estamos trabalhando — disse Lauren com naturalidade, ignorando a gratidão de Sam.

Sam olhou para Lauren, confusa. Ela sabia que sua amiga era reservada, mas o jeito que ela estava agindo era um pouco frio, mesmo para os padrões de Lauren. Ela nunca foi abertamente emotiva, mas vamos lá! Ela estava tratando a ocasião mais como se Sam estivesse indo para uma entrevista de emprego, não para um encontro com o cara por quem ela estava apaixonada há mais de quinze anos!

— Lauren, está tudo bem? — Sam perguntou timidamente. — Se você estiver muito ocupada para me ajudar hoje, está tudo bem. Eu posso totalmente lidar com isso.

— Não seja boba. Limpei minha agenda pelo resto da tarde — Lauren afirmou, ainda toda profissional, seu rosto e voz vazios de emoção.

— Ok. Se você tem certeza — Sam disse enquanto colocava o primeiro vestido pela cabeça. — Você só parece um pouco... eu não sei, meio que...

Enquanto Sam se esforçava para colocar em palavras com tato sua percepção do humor de Lauren, ela percebeu que provavelmente deveria ser grata por sua amiga ter largado tudo a qualquer momento, recolhido seu armário inteiro e corrido para a casa de Sam para ajudá-la.

Sam sorriu docemente para Lauren.

— Quer saber? Deixa pra lá. Muito obrigada, Lauren — disse ela, dando um abraço na amiga antes de se virar para se olhar no espelho para julgar o caimento do vestido.

— Sam. — O tom sério de Lauren chamou sua atenção imediatamente. — Tem certeza de que esta é a melhor coisa?

Sam se olhou criticamente no espelho.

— Não é perfeito, eu admito. Está um pouco apertado nos ombros. Mas é tão ruim assim?

— Não o vestido. — A voz de Lauren estava cheia de preocupação. — O encontro.

Sam fez uma careta.

— Oh, Deus, você acha que é uma má ideia?

— Só você pode dizer com certeza. Mas eu tenho minhas preocupações. Vocês trabalham juntos, por exemplo. Além disso, você disse que ele era meio playboy. Adicione a isso o fato de que você teve uma queda por ele desde que era jovem e que você não é muito... — Lauren fez uma pausa, procurando a palavra certa — experiente. Eu só me preocupo que você possa estar mergulhando no fundo da piscina antes de aprender a nadar.

— Eu sei, eu sei — Sam acenou com a cabeça e afundou na cadeira enorme ao lado de seu sofá. — Estou completamente fora do meu alcance aqui. Eu admito isso livremente. Não tenho ideia de por que ele me chamou para sair! Talvez ele esteja apenas entediado ou...

— Sam, não, não foi isso que eu quis dizer. Depois de passar o dia com vocês, é completamente óbvio para mim que Luke tem uma queda por você. Isso seria completamente óbvio para qualquer pessoa com olhos e ouvidos. Na verdade, eu até arriscaria dizer que ele tem uma coisa muito importante para você. Eu só queria ter certeza de que você estava entrando nisso de olhos abertos.

— Você realmente acha que Luke tem uma queda por mim? — Sam perguntou, a esperança enchendo sua voz, querendo tanto acreditar que era verdade.

— Com certeza. — Lauren acenou com a cabeça. — Uma enorme queda.

Sam sorriu amplamente. O pensamento de Luke estar genuinamente interessado nela a fez se sentir animada... e nervosa... e tonta... e apavorada. Mas acima de tudo, simplesmente feliz.

As palavras de Lauren a trouxeram de volta à Terra.

— Mas, Sam, me escute. Você tem que saber que a atração nem sempre garante um final feliz. Sim, acho que ele está genuinamente atraído por você. Mas, Sam... eu só quero ter certeza de que você não está planejando seu casamento ainda, sabe?

Sam concordou.

— Eu sei, Lauren. Acredite em mim, cada uma dessas preocupações que você expressou também passou pela minha cabeça. Por exemplo, eu sei que trabalhamos juntos. Mas, por outro lado, não é como se ele fosse meu chefe. Além disso, sei que sou inexperiente. Mas como você adquire experiência a menos que se jogue e apenas... você sabe... experimente algumas coisas? Eu também sei que tenho carregado uma paixão por ele que atingiu proporções épicas, completamente inadequadas em tamanho e força. Mas no que diz respeito a isso, eu apenas imaginei... Estou em Hope Falls para descobrir o que quero da minha vida, para descobrir quem eu sou, para aprender a tomar decisões por mim mesma. Que melhor maneira de fazer isso do que seguir meu coração? E meu coração diz que eu definitivamente deveria sair com Luke. Minha mente não está cem por cento a bordo ainda. Mas eu acho que meu cérebro já teve bastante tempo no comando. Agora é a vez do meu coração entrar no jogo.

Para a surpresa de Sam, os olhos de Lauren brilharam levemente. Lauren definitivamente não era uma pessoa que chorava por pouca coisa ou por muita coisa, pelo que Sam conseguia se lembrar. Esse brilho leve e adorável em seus olhos foi o mais perto que Sam a viu das lágrimas.

Lauren pegou sua mão protetoramente e olhou em seus olhos.

— Mas... você pode se machucar, Sammi... — ela disse suavemente.

Sam passou os braços com força ao redor de Lauren e apertou, segurando-a com força enquanto dizia:

— Laur, eu te amo por se importar tanto comigo. Mesmo. Mas a verdade é que qualquer pessoa que comece um relacionamento pode se machucar. Esse é um risco que se corre. Eu sei que meus sentimentos pré-existentes me tornam mais vulnerável. Mas estou cuidando de mim mesma. Eu prometo, Lauren. Mesmo. Eu prometo.

Lauren se afastou do abraço e Sam pôde ver que sua persona de mulher sob controle estava firmemente de volta ao lugar.

— Ok, Sam. Contanto que você realmente tenha pensado nisso. Eu só queria ter certeza de que você sabia no que estava se metendo. Então, se esse é o plano de jogo, vamos colocar esses vestidos para você.

Lauren sorriu e a emoção agora transparecia em sua voz. Sam voltou-se feliz para o resto da seleção de vestidos. O entusiasmo de Lauren serviu como um sério impulsionador da confiança, e agora ela estava realmente



ansiosa para se vestir, se arrumar e se preparar para o encontro. Ela não se sentia totalmente confortável ou confiante com a ideia, mas estava disposta a tentar, droga!

Depois de percorrer cinco dos vestidos de Lauren, o que resultou em cinco tentativas fracassadas de encontrar o “vestido perfeito” para o encontro, Sam começou a ficar um pouco desanimada. Afinal, ela disse a si mesma, deveria ter seus próprios vestidos para uma ocasião como esta. Que mulher de vinte e oito anos não tinha um vestidinho preto básico?

Sam podia sentir a confiança se esvaindo dela como água de uma peneira. Talvez ela realmente estivesse perdendo a cabeça. Talvez não fosse ela. Talvez não fosse o tipo de garota que poderia fazer coisas como se preparar com uma amiga para um encontro com um cara gostoso como se ela estivesse em algum tipo de montagem de filme.

Ela se sentia uma *poser*.

Quando estava se preparando para abandonar toda a ideia, ela puxou o último vestido da pilha sobre a cabeça. Quando deslizou os braços pelas alças e puxou o tecido para baixo sobre o corpo, foi como se as nuvens se dissipassem e seu mundo voltasse ao foco. O que seu cérebro acelerado, sua corrida anterior e sua conversa com Lauren não foram capazes de alcançar, vieram ao deslizar deste vestido.

A pessoa que olhava para Sam no espelho era como uma versão de realidade alternativa de como Sam se via. De repente, seu espelho normal e cotidiano parecia ser algum tipo de truque de parque de diversão, refletindo uma versão de Sam que era muito mais furtiva e sexy do que a que existia na realidade.

O vestido abraçou o corpo de Sam como se tivesse sido feito especificamente para ela. Era um vestido preto simples com uma linha acentuada no decote e acentuava cada uma das curvas de Sam perfeitamente. A bainha ficava logo acima dos joelhos dela, mas o elemento principal foi uma fenda que escandalosamente subia pela parte de trás da saia.

Sam achava que nunca havia se sentido mais confiante em uma peça de roupa em sua vida. Lauren tinha ido ao banheiro para conectar algumas das ferramentas de estilo que trouxera e, quando voltou para o quarto, seu rosto se iluminou.

— Oh, meu Deus, Sam, você está incrível! É esse mesmo! Aqui. Experimente estes sapatos.

Ela entregou a Sam um par de sapatos de salto pretos brilhantes que exibiam uma tira com uma delicada fivela de prata ao redor do tornozelo.

Enquanto Sam se levantava depois de calçar os sapatos, Lauren acenou com a cabeça com confiança.

— Bem, sua mente pode não estar bem a bordo ainda, mas esse vestido? Definitivamente veio para jogar.

Uma hora antes da chegada de Luke, as duas mulheres se sentaram em frente à sua penteadeira no banheiro e, enquanto Sam colocava um pouco de maquiagem com a orientação de Lauren, conversavam amigavelmente sobre técnicas de aplicação de maquiagem. O telefone de Sam tocou, fazendo seus olhos se arregalarem.

— Você pode ver a mensagem? — Sam perguntou a Lauren, que estava mais perto do aparelho. Quando Lauren o pegou e olhou para a tela, Sam tagarelou nervosamente: — É Luke? Ele cancelou? Oh, Deus!

Sam era de repente um feixe de nervos, pavor e desespero incipiente. Foi uma queda e tanto de montanha-russa, devido à grande expectativa e tontura que ela estava montando momentos antes. Deus, era isso que todo mundo passava antes de um encontro? Era exaustivo!

— É Stephan — Lauren disse categoricamente. — Quer que eu verifique a mensagem?

— Não. Eu sei o que diz — Sam respondeu, tentando não deixar isso arruinar seu bom humor. — Ele tem um grande contrato de patrocínio que quer que eu assine e não vai me deixar em paz com isso.

— Você disse a ele que não está interessada? — Lauren perguntou.

Sam bufou.

— Claro que disse. Apenas cerca de um milhão de vezes. Eu deixei bem claro para ele que vou tirar férias este ano, e depois disso, pretendo me aposentar.

— Mas ele continua entrando em contato com você sobre isso?

— Sim — Sam suspirou. Ela descobriu que até mesmo tentar discutir o tópico com Stephan era complicado. Quanto mais o processo de realmente lidar com ele.

— Sam, isso é assédio. Você não tem que aturar isso.

— Não, não. Não é nada disso. É assim que todos os agentes e treinadores são. Eles acham que sabem o que é melhor para você e, se você não concordar com eles, a única explicação possível é que você não entende a situação bem o suficiente. Eles sabem que se você realmente entende o que estão dizendo, é claro que concordará com eles. Então, obviamente, eles têm que continuar explicando. De novo e de novo. E de novo. E de novo. É exaustivo, mas não chega ao nível de assédio.

— Você perguntou a Luke sobre isso? Ele já fez isso, certo? Se aposentou? Talvez ele tivesse algum conselho sobre como lidar com tudo isso — Lauren sugeriu.

— Não, e por alguns motivos. Primeiro, ele teve uma lesão que acabou com sua carreira. Por mais que eu fique farta de Stephan, a verdade é que Luke provavelmente teria matado para ter alguém — qualquer um — implorando para ele voltar ao jogo quando se aposentasse. Não vou esfregar isso na cara dele. Em segundo lugar, eu sou uma garota crescida. Não quero confundir meu passado com o que estou tentando construir aqui. Falar sobre Stephan com Luke turva as águas. Stephan era antes. Luke é agora. Eu só quero uma ficha limpa. Eu posso descobrir isso sozinha.

Enquanto Sam ouvia a si mesma fazendo esse discurso, desejou ser capaz de sentir uma fração da confiança sobre a situação de Stephan que ouvia ao projetar sua própria voz.



# 13

Luke parou na frente da casa de Samantha e respirou fundo antes de desligar o motor. Ele estava, para ser honesto consigo mesmo, um pouco nervoso. Esta era uma experiência totalmente nova para ele. Não namoro, claro. Ele tinha namorado muito. Mas a maneira como ele estava lidando com Samantha, a incerteza sobre seus sentimentos, o fervor da perseguição sem promessa de sucesso, tudo isso era novo.

Ele tinha saído com muitas mulheres em sua vida, sim. Mas enquanto fazia a reserva hoje, decidindo o que vestir e se perguntando por que se sentia tão nervoso, percebeu que a maioria daquelas mulheres o havia perseguido. Não que ele tivesse algo contra ser o perseguidor. Na verdade, ele estava achando uma boa mudança de ritmo. Nunca tinha feito isso antes porque nunca tinha havido realmente a necessidade.

Desde que conseguia se lembrar, tinha recebido muita atenção do sexo oposto. Seu primeiro beijo de verdade foi quando estava na sexta série, com uma menina da oitava série.

Ele tinha chegado em seu primeiro baile do Ensino Médio e uma linda garota loira chamada Heather o convidou para dançar. Aceitou o convite com alegria e, minutos depois de estar na pista de dança, ela enfiou a língua na garganta dele. Ele pode não ter iniciado aquele primeiro beijo, mas uma coisa era certa. Ele rapidamente entendeu e gostou muito. O resultado? Heather havia estabelecido um precedente que perdurava até hoje.

Havia um padrão muito específico em tudo que Luke podia facilmente identificar agora que estava procurando: uma garota mostraria interesse e, se ele devolvesse, eles passariam algum tempo juntos. Então, quando as coisas fracassassem, ele seguiria em frente. Simples. Nunca mentiu para ninguém sobre querer mais, e conseguiu manter-se amigo da maioria de suas ex-namoradas, chegando ao ponto de ir a alguns de seus casamentos.

Mas essa coisa toda com Sam era completamente nova para ele. Tinha certeza de que ela estava interessada. Droga, se ela havia sentido metade do que ele sentiu durante aquele beijo que eles compartilharam na noite anterior, então ele tinha que presumir que ela estava atraída por ele.

Ainda assim, isso não foi cem por cento conclusivo. Sim, ela o beijou — bastante apaixonadamente. Sim, ela concordou em sair com ele. E, sim, ela havia deixado cair uma quantidade significativa da armadura que costumava usar perto dele. O fato era, porém, que ele ainda sentia como se ela estivesse se segurando com ele e, por mais que tentasse, ainda não conseguia descobrir o porquê.

Ele esperava que esta noite pudesse lançar alguma luz sobre esse assunto. Não que planejasse pressioná-la, é claro. Ela definitivamente não respondeu bem a isso! Mas, com sorte, ele poderia capitalizar a conexão que podia sentir se formando entre eles — apesar de seus esforços ao contrário — para fazê-la se sentir segura o suficiente para esclarecer onde estava sua cabeça e onde ele se posicionava em sua estimativa. Ele gostaria de saber.

Mas acima de tudo — e esse era outro motivo para não a deixar nervosa com tanta pressão — ele esperava repetir o beijo que haviam compartilhado. Porque caramba. Puta merda.

Aquele beijo, por mais breve e inocente que tenha sido, ainda era um dos beijos mais sexys que ele já experimentara. Ele sorriu para si mesmo. A quem ele estava enganando? Um dos mais sexys, o cacete, ele zombou de si mesmo. Caia na real. Esse beijo foi o mais sexy que ele já experimentou, deixando-o tonto e vacilante por horas depois. Era um raio em uma garrafa, e ele mal podia esperar para experimentá-lo novamente.

Luke ainda estava sorrindo para si mesmo quando abriu o belo portão de ferro forjado que levava ao quintal de Samantha. Ele observou o lugar. Havia um pequeno pátio com belo paisagismo, onde ele seguiu por um

caminho sinuoso de rocha que fazia uma curva dentro de outra curva. A visão além foi bloqueada por pinheiros altos e maduros.

Quando ele dobrou aquela esquina, se deparou com uma porta sólida e polida de carvalho. Samantha certamente tinha privacidade e segurança aqui, ele se maravilhou, e era lindo também.

Luke bateu na porta enquanto olhava para a esquerda, apreciando a vista incrível que Sam tinha de Hope Falls e das montanhas ao redor. Era de tirar o fôlego.

Ele voltou sua atenção para a porta quando a ouviu abrindo, o som causando novas ondas de nervosismo e excitação em seu peito. Respirou fundo, enxugou as mãos repentinamente úmidas na calça e se virou para encará-la.

No momento em que pôs os olhos em Sam, todo pensamento racional o abandonou. Cada gota de sangue que normalmente sustentava a função cerebral deve ter viajado para o sul, porque Luke não estava apenas com a língua presa, ele estava com o cérebro preso.

Ele ouviu a voz de Sam de um canto distante de sua mente. Ela estava de pé bem na frente dele, e ele podia ver sua boca se movendo, mas parecia que as palavras estavam vindo para ele através de um longo túnel ou debaixo d'água.

Como se estivesse muito distante, ele a ouviu dizer:

— Ei, Luke. Você está pronto?

Incapaz de formular qualquer tipo de resposta verbal, ele apenas assentiu. Quando ela se virou para pegar o casaco e a bolsa, porém, ele teve um vislumbre da fenda que subia nas costas do vestido. Isso o motivou a falar, embora ele tivesse que pronunciar as palavras sobre o que parecia ser um nó do tamanho de uma bola de beisebol em sua garganta.

Ele se ouviu dizer:

— Esse vestido deveria ser ilegal.

Samantha corou ao se virar para ele e dizer:

— Você gostou? É da Lauren. Ela me emprestou.

— Eu adorei — disse ele definitivamente. Sem pensar um segundo, ele acrescentou: — Você está linda, Samantha.

Um grande sorriso se espalhou pelo rosto de Sam enquanto Luke a ajudava com o casaco. Com um brilho nos olhos, ela se virou para ele e disse:

— Você também está muito bem.

Luke se endireitou, os ombros um pouco mais para trás. Ele reconheceu a sensação fluindo através dele, fortalecendo-o, como orgulho. Cara, apenas aquelas cinco pequenas palavras fizeram Luke estufar o peito e andar mais alto. Eles não estavam nem mesmo no mesmo estágio que a lisonja que geralmente era acumulada sobre ele pelas mulheres, mas significava muito mais.

O que essa garota estava fazendo com ele?

No curto trajeto até *The Cove*, eles tiveram uma conversa fiada e genérica, e Luke teve dificuldade em se concentrar em dirigir. Várias vezes ele teve que se afastar conscientemente da névoa agradavelmente nebulosa em que a presença de Samantha envolvia seu cérebro para que pudesse manter sua atenção na estrada sinuosa.

Deus, Samantha era de tirar o fôlego. Ela sempre foi linda. Mas isso era algo novo. Ela parecia diferente esta noite. Não era apenas por causa do que estava vestindo. Era algo mais. Ela parecia mais segura de si. Havia uma luz interior de confiança brilhando.

Luke parou ao lado do manobrista e entregou-lhe as chaves do carro antes de se mover para o lado de Sam do carro. Ele abriu a porta, estendeu a mão para ajudá-la a descer e a acompanhou para dentro. Ele se sentia como um rei.

Quando entraram no saguão do *The Cove*, Luke ficou feliz por ter se lembrado deste lugar das várias vezes em que viera para cá com sua família enquanto crescia, sempre em ocasiões especiais. Tinha um ambiente aconchegante, mas elegante, com decoração de chalé de madeira escura e móveis estofados.

Uma parede inteira do restaurante era de vidro do teto ao chão, com uma vista incrível do vale coberto de pinheiros que caía um pouco além da parede de janelas. O melhor de tudo era que havia uma grande varanda que circundava o prédio, onde os clientes podiam sentar-se durante o tempo quente. Claro, não se aplicava a esta época do ano, mas era mais uma razão para gostar do lugar. Seria um sonho trazer Samantha de volta aqui para um brunch romântico no verão.

Sam entregou o casaco ao serviço de chapelaria e eles seguiram o *maitre* até a mesa. Enquanto Luke caminhava atrás dela, ele não conseguia

se lembrar de alguma vez ter ficado tão orgulhoso de estar com alguém antes.

Ele nunca tinha entendido o fascínio de sites de mídia social como Facebook e Twitter... até agora. Nunca teve o desejo implacável das pessoas de informar o resto do mundo sobre os detalhes do dia a dia de suas vidas, como elas podiam se considerar tão importantes que o mundo se interessasse.

Bem, ele com certeza entendeu agora, porque naquele momento, ele não queria nada mais do que postar, tuitar e gritar dos telhados que Samantha Holt estava com ele esta noite. Era o fato mais fascinante do mundo para ele e, agora, ele finalmente entendeu a necessidade compulsiva de todos os outros de compartilhar. Ele teria contratado um avião para passar com uma mensagem se tivesse pensado nisso antes.

O *maître* os acomodou ao lado da lareira e Sam imediatamente pegou seu menu e começou a examinar as seleções. Ele gostou do fato de que ela não fingiu timidamente que a comida não a interessava. Inferno, quando se tratava disso, parecia que ela não fingia nada, timidamente ou não, e ele gostava muito disso. De repente, ele se sentiu ainda mais confiante em seu desejo de passar pela sua guarda e se conectar com ela.

Enquanto Samantha estudava o menu, Luke a estudou. As chamadas bruxuleantes destacavam os tons vermelhos de seu cabelo, e seus olhos pareciam quase verdes esta noite. Sua pele clara tinha um leve rubor, o que o fez pensar em como ela ficaria depois que fizessem amor.

Uau. Calma, garoto, Luke mentalmente instruiu a ereção que começou a pressionar insistentemente contra seu zíper. Provavelmente é melhor não se deixar levar por essa linha de pensamento em um lugar público.

Samantha ergueu os olhos e o pegou olhando para ela. Ela sorriu. Uau. Ele sabia que poderia acordar todos os dias recebendo aquele sorriso e nunca se cansaria disso.

— Você já sabe o que vai comer? — Sam perguntou com expectativa.

— Sim — Luke disse, sem quebrar o contato visual.

— Eu acho que vou de atum grelhado. O que parece bom para você? — Sam perguntou.

— Você — Luke respondeu sem se desculpar.

Luke foi recompensado por sua ousadia quando viu os olhos de Sam se arregalarem de surpresa e ouviu um suspiro audível escapar de seus lábios.



As bochechas dela coraram, mas ele pensou que era de excitação, não de choque e consternação. Ele esperava que sim, de qualquer maneira.

O garçom apareceu então, oferecendo vinho e examinando as especialidades do chef. Depois de fazer seus pedidos, Luke e Sam se encontraram mais uma vez sozinhos na mesa. Ela estava quieta, e ele não sabia dizer se estava envergonhada com sua declaração ou apenas tímida em geral, mas qual fosse o motivo, ela parecia estar tendo dificuldade em fazer contato visual com ele.

Ela estava alternando entre olhar para a lareira e para a vista magnífica — basicamente, os únicos outros dois lugares para olhar, além de seu rosto. Ele nem conseguia se importar muito, entretanto, já que isso lhe proporcionou uma oportunidade tão incrível de olhar para ela, sem interrupções. Ele sentiu que não poderia desviar o olhar dela se sua vida dependesse disso.

— É tão lindo aqui. Eu adoro. Esta é a primeira vez que estou aqui como adulta. Eu vim algumas vezes com meus pais quando era jovem — Sam disse, finalmente encontrando seus olhos, embora sem jeito.

— Sim, eu costumava vir aqui com minha família quando criança também. Eu adorava, mas não acho que apreciei muito a beleza. Não como eu faço hoje — enquanto dizia esta última parte, Luke estendeu a mão e segurou a de Sam, roçando o polegar para frente e para trás em seus dedos.

Ele olhou nos olhos dela e disse:

— Obrigado por vir aqui comigo esta noite, Sam.

--- ~ ---

— Obrigada por me convidar. É incrível. Estou tão animada por estar aqui. Ainda não consigo acreditar que você me chamou para sair. Eu não sei por que você fez isso, mas estou tão feliz que tenha feito. Eu adoro esse lugar.

— Sam se ouviu como se fosse outra pessoa falando. Ela sabia que, mais uma vez, estava divagando. Odiava sua tendência de fazer isso.

*Nota para mim mesma, ela admoestou severamente, trabalhe em não divagar.*

— O que você quer dizer com não sabe por que eu fiz? — A testa de Luke franziu quando ele olhou para Sam atentamente.

— Oh, nada. Eu só... quero dizer... Bem, você sabe o que quero dizer!

— Sam disse apressada. Ela pensou que era bastante óbvio ao que ela deveria estar se referindo e ficou envergonhada por ele estar tentando fazer com que ela soletrasse de forma tão dura.

— Não, eu realmente não sei — Luke disse sinceramente.

— Oh, só, você sabe... eu não sou realmente o seu 'tipo' ou algo assim.

— Sam fez aspas com as mãos, tentando desviar a estranheza que ela sentia tão dolorosamente.

— Sério? — Luke disse, sorrindo. — E qual é exatamente o meu “tipo” de acordo com você? — Luke divertidamente imitou o uso de aspas no ar de Sam.

Sam suspirou enquanto ela tentava articular o que queria dizer.

— Você sabe... Meninas com grandes... — Ela colocou as mãos na frente do peito. — E com, você sabe... — Ela jogou o cabelo por cima do ombro.

— Então... só para esclarecer... Você está dizendo que gosto de meninas com seios e cabelo? — Luke brincou.

— Não... quero dizer, bem, sim... mas... — Sam balançou a cabeça em frustração. — Você gosta... você namora... *Playmates* e supermodelos... e, você sabe, garotas assim.

— Se você quer dizer que meu tipo físico é uma mulher bonita e sexy, você está certa. Tenho tendência a namorar mulheres bonitas e sensuais. E você, Samantha Holt, é de longe a mulher mais sexy e bonita com quem já tive um encontro.

Sam bufou e balançou a cabeça.

— Okay, certo.

— Dizer “obrigada” quando alguém lhe faz um elogio é normalmente o que as pessoas fazem, mas acho que bufar também funciona — brincou Luke levemente.

— Eu apenas conheço meus pontos fortes, Luke — Sam afirmou com firmeza. Ela registrou o fato de que ele estava tentando ser um cavalheiro, mas realmente não gostava de ser tratada com condescendência.

— Mesmo? — Luke desafiou. — Por favor. Me esclareça.

Nunca recuando, Sam respondeu com confiança:

— Eu sou divertida e legal. Sou honesta e trabalhadora. Sou leal e realmente me importo com as pessoas. Sou bastante inteligente e quando coloco minha mente em algo, eu o faço cem por cento. Eu não sou burra com as coisas.

— Concordo. Esses são todos os pontos fortes que você tem. E eu acho a pessoa que você é — seu caráter, sua mente e seu coração — sexy demais. Mas e todas as suas forças físicas?

— Bem, obviamente, eu sou forte. Eu corro todos os dias. Sou uma atleta, ou pelo menos era — disse Sam.

— Eu estava perguntando sobre como você vê sua aparência — Luke esclareceu pacientemente.

Samantha encolheu os ombros defensivamente.

— Oh, bem, eu não sei. Eu acho que sou fofa de uma forma esportiva. E isso não é ruim nem nada... Eu só estava dizendo que não é o seu tipo.

— Sam, você é fofa. E você é esportiva — Luke garantiu a ela, baixando sua voz para um quase sussurro e se inclinando para frente —, mas você também é quente como o inferno. Você é meu tipo, querida, e na verdade, estou passando por um momento muito difícil de manter minha bunda nesta cadeira, quando o que eu realmente quero fazer é me levantar e puxar você para um canto escuro para que eu possa mostrar o quanto você é sexy.

Calafrios percorreram os braços de Sam. Não foram apenas as palavras que Luke disse, embora fossem suficientes. Não. Era também o tom grave, intenso e íntimo com que ele as havia falado. Sam tinha certeza de que cada centímetro de pele em seu corpo estava completamente coberto de arrepios antes de ele pronunciar a segunda palavra.

O problema agora? Ela não tinha certeza de como responder ao que ele tinha acabado de dizer, e por mais que estivesse emocionada com suas atenções, queria desesperadamente encerrar essa conversa. Era muito intenso para ela, e não tinha prática em navegar em águas como essas. Sam só sabia que estava fadada a cometer um erro horrível se essa brincadeira sexualmente carregada durasse muito mais tempo.

Ela sorriu brilhantemente e tentou o seu melhor para buscar um tom casual enquanto dizia com um aceno petulante:

— Bem, podemos concordar em discordar.

Luke sorriu. Ela podia vê-lo preguiçosamente recostado na cadeira, observando-a enquanto ela fazia uma grande produção pegando o menu de volta e estudando-o atentamente novamente.

Ele deve ter pensado que a tinha perdido.

— Não tem certeza se o que você pediu era o que você realmente queria? Eu posso chamar o garçom de volta — ele disse languidamente.

Ela enrubesceu e largou o menu.

— Desculpa. Eu só estava pensando que... você sabe... eu deveria ter escolhido... enfim... — ela parou de falar.

— Ok, bom. Eu tenho sua atenção novamente. Já que você não quer falar sobre meu tipo, vamos falar sobre o seu. Que tipo de cara você normalmente namora?

Oh, pelo amor da santa! Bem quando ela pensou que essa conversa não poderia ficar pior. Como ela deveria responder a isso? Que tipo de cara ela normalmente namorava?

*Hmm... vamos ver. Esse seria o tipo inexistente, porque ela nunca namorava!*

Ela endireitou os ombros, determinada a se recompor. Perder a cabeça absolutamente não estava nos seus planos. Claro, esta era uma situação nova. E daí? Ela estava constantemente em novas situações com patrocinadores e imprensa, situações que exigiam que ela sentisse quase instantaneamente o que era necessário e fizesse o possível para ter sucesso. Tudo o que ela precisava fazer era aplicar as mesmas habilidades que usava para lidar com a imprensa ao lidar com Luke.

Era esse o tipo de conexão que ela sonhava em estabelecer com ele quando ainda era uma adolescente olhando para seus pôsteres? Claro que não. Essa conexão teria sido mágica, sem esforço, e de forma alguma teria envolvido o tipo de tentativa desajeitada de conversa com que ela estava se atrapalhando. Mas, hey, nem tudo acontece da maneira que você sonhou que seria quando tinha quinze anos, e ela tinha certeza de que não era a primeira figura pública a empregar seu treinamento de mídia em situações pessoais.

*Então... aqui vai.*

Ela estudou o rosto bonito de Luke. Este era um encontro, certo? E Luke tinha acabado de perguntar a ela como era seu parceiro de namoro

ideal. Então... como era Luke? Ela só precisava descobrir uma maneira de descrevê-lo, mas torná-lo genérico o suficiente para que ele não reconhecesse que ele era realmente aquele que ela estava descrevendo. Mole-mole. Ela poderia fazer isso!

— Bem, vamos ver. Eu acho que normalmente saio com caras que são honestos e confiantes. Que são simpáticos e voltados para a família. Eu gosto de caras que sabem se cuidar. Você sabe. Basicamente, o que toda garota gosta — Sam terminou com um encolher de ombros, esperando que isso o satisfizesse para que eles pudessem seguir em frente.

— Então, quanto tempo foi seu relacionamento mais longo? — Luke perguntou.

Caramba, não era a garota que deveria estar fazendo as perguntas?! Ei, ela percebeu, é uma boa ideia! Vamos virar o jogo. Ela estreitou os olhos ligeiramente. Dois podiam jogar este jogo, e quando se tratava de jogos, Sam raramente perdia.

— Tive vários relacionamentos de longo prazo — disse ela com segurança.

Isso era realmente verdade, se Amanda, Karina, Lauren e seu empresário Stephan contassem. Ei, ele não especificou que tipo de relacionamento. Agora era hora de virar o jogo.

— Qual é o relacionamento mais longo que você já teve?

— Um ano e meio. Por que o seu acabou? — Luke disparou de volta.

— Distância, desejar coisas diferentes, se distanciar — Sam disparou rápido, ainda tecnicamente não mentindo. — Por que o seu acabou?

Ele considerou isso por um momento.

— Acho que queríamos coisas diferentes. Ela queria mais compromisso. Eu não.

— Não é realmente um tipo que gosta de compromisso, hein? — Sam perguntou, finalmente sentindo que ela estava ganhando vantagem. Já sabia a resposta para essa pergunta, mas queria ouvir como ele responderia.

Ela teve que esperar por isso, porque a comida deles apareceu naquele momento.

*Claro*, Sam reclamou para si mesma. Assim que começo a controlar a conversa, o destino intervém e fica do lado dele. Mas não importava. Ela

era uma competidora feroz e sabia que isso significava que não deveria desistir por causa de um contratempo.

Depois que foram servidos e começaram a comer, Sam disse atrevidamente:

— Ainda estou esperando uma resposta, você sabe.

Luke deu a ela um sorriso brincalhão.

— Meritíssimo, posso, por favor, pedir que a pergunta seja lida de novo para mim?

Sam riu.

— Engraçadinho. Eu perguntei se você é um cara que gosta de compromisso.

— Bem, vamos ver. Na verdade, não, acho que não era naquela época. Mas eu tinha vinte e poucos anos e estava no auge da minha capacidade competitiva. Minhas prioridades estavam realmente bagunçadas — Luke finalmente respondeu.

— Então, quais são suas prioridades agora? — Sam questionou, deleitando-se com o poder de conduzir a conversa.

Ela não podia mentir, também estava amando o fato de que finalmente estava obtendo respostas direto da boca dele para perguntas sobre as quais ela havia muito tempo tirado suas próprias conclusões como uma estranha observando a vida de Luke.

— Eu classificaria como melhorando a cada dia. Eu sei agora o que é importante para mim e o que eu quero da vida — Luke respondeu, seu tom sério.

— O que é? — Sam perguntou.

— Bem, eu quero sossegar. Quero ter minha própria família e passar tempo com as pessoas que amo. Não morei perto da minha família em toda a minha vida adulta. Isso é muito tempo. Basicamente, eu simplesmente não quero perder mais minha vida perseguindo coisas que realmente não importam.

Sam estava tão confusa. Ela sempre achou que Luke amava o que fazia.

— Uau. Isso é um choque — ela admitiu. — Então você se arrepende de sua carreira? Você mudaria se pudesse?

— Não, definitivamente não — Luke disse decisivamente. — Eu não mudaria nada e não me arrependo de nada. Todas essas escolhas e

experiências me tornaram o homem que sou hoje. Mas posso aprender com o passado. Todos os anos que passei competindo e, depois, todos os anos que viajei o mundo indo de resort em resort e nunca me comprometendo com mais de uma temporada em qualquer lugar. Foi divertido, mas também foi uma existência egoísta. Não me entenda mal. Foi despreocupado e emocionante, e eu definitivamente gostei. Mas estou pronto para mais agora. Eu não estou mais na casa dos vinte. Eu não quero viver apenas para mim. Quero ter alguém que dependa de mim, alguém para quem ligar quando viajo e alguém que sinta minha falta. E vice-versa. Quero alguém com quem eu possa contar, de quem eu possa cuidar e para quem possa voltar para casa. Essas são as coisas importantes da vida. Pessoas. E você, Sam? O que é importante para você?

Sam ficou maravilhada com o que Luke acabara de dizer. Ela nunca tinha visto esse lado dele. E pelo que ela tinha ouvido das garotas com quem Luke tinha estado, seu estilo era sempre manter as coisas leves e divertidas, nunca falar sobre o futuro ou esperanças e sonhos.

Ele também nunca mentiu para elas, o que deixou mais de uma garota com o ego e os sentimentos feridos, mas Sam sempre achou que a honestidade dura seria mais fácil de suportar do que belas mentiras. O mais louco era que, se todas essas coisas fossem verdadeiras sobre Luke, então ele estava sendo sincero e ela deveria responder com sinceridade.

— Bem, acho que agora o que é importante para mim sou eu — ela respondeu, percebendo imediatamente o quão errado isso soava. Ela riu. — Quero dizer, não eu, como se eu fosse a coisa mais importante do mundo. Quero dizer eu, tipo na minha vida. Sinto como se estivesse nesta roda de hamster nos últimos dez anos e nem mesmo controlava a velocidade. Eu quero recuperar o controle da minha vida. Parte disso definitivamente inclui passar tempo com as pessoas que amo. Um dos principais motivos pelos quais me mudei de volta para Hope Falls foi para me reconectar com meus amigos. Embora meus pais tenham se mudado para o Arizona há vários anos, depois de crescer aqui, muitas pessoas parecem minha família. Minha família de Hope Falls. — Ela sorriu ao pensar em todas as pessoas incríveis que ela tinha em sua vida aqui.

— Então, você já pensou em ter sua própria família, ter filhos? — Luke perguntou, sua voz claramente casual.

Ela suspirou. Como soaria se ela respondesse a essa pergunta honestamente?

*Puxa, sim, Luke. Eu já pensei em ter filhos, com você, na verdade. Eu até os nomeei.*

Não, isso parecia loucura. Então, como ela não podia contar toda a verdade, ela se contentou em contar apenas parte dela.

Ela disse:

— Claro, já pensei sobre isso.

— E qual foi o veredicto? Você vê crianças no seu futuro?

— Oh, eu quero filhos. Isso é fácil. Sim, com certeza. Não consigo decidir se quero dois ou três. Eu sei que definitivamente quero um menino e uma menina, então imaginei que se os dois primeiros fossem um menino e uma menina, então isso faria minha decisão por mim. Mas se eu tiver dois meninos ou duas meninas, com certeza escolheria o número três. — Ela podia sentir que começava a divagar, então parou de falar.

— E quanto ao pai neste cenário? Ele tem direito a voto? — Luke perguntou com um largo sorriso no rosto. Ela achou que ele parecia bastante divertido.

— Claro que ele tem um voto. Mas o meu só conta mais porque sou eu quem cria o bebê, dá à luz o bebê e sacrifica o corpo pelo bebê — disse Sam em um tom que quase o desafiava a discordar dela.

— Muito justo — Luke sorriu, suas mãos levantadas em uma demonstração de rendição. — Acho que você será uma mãe incrível, Samantha.

Santo Deus! Em apenas trinta minutos, o homem por quem ela nutria sentimentos que beiravam a obsessão desde os quinze anos de idade não apenas disse a ela que ela era sexy e bonita, mas agora ele apenas olhou bem em seus olhos e disse que ela seria uma mãe incrível.

Cacete! Todos os primeiros encontros eram assim? Ela não tinha certeza se sobreviveria, verdade seja dita. Era bom demais para ser verdade.



No caminho do restaurante para casa, Luke tentou envolver sua mente em tudo o que tinha aprendido sobre Sam. Ela era um enigma, de fato. Ele nunca conheceu ninguém que fosse tão confiante em alguns aspectos de sua vida, tão astutamente autoconsciente, mas tão insegura de si mesma e em outros aspectos.

Era como se Sam estivesse completamente inconsciente do efeito que ela tinha como uma mulher sexy e inteligente, como se estivesse totalmente alheia ao seu próprio poder feminino.

Depois de toda a conversa pesada sobre relacionamento que tiveram no início da refeição, Luke direcionou a conversa para suas memórias de infância felizes e depois para tópicos ainda mais leves, como os filmes e livros que ambos gostavam.

Ele ficou surpreso com o quanto eles tinham em comum. Foi além de apenas suas experiências de infância semelhantes, crescendo na mesma área e estar envolvidos no mesmo esporte. Eles também tinham muitos dos mesmos interesses. Por exemplo, eles gostavam de quase todos os mesmos filmes. Bem, com exceção dos filmes de terror, que ele amava e Sam odiava.

Ele poderia viver com isso.

Ele também poderia viver vendo aquele sorriso a cada minuto de cada dia até o fim dos tempos. Quando Sam sorriu para ele, ele sentiu que podia fazer qualquer coisa, como se fosse invencível.

Droga. Ele amava seu sorriso. Amava seus olhos. Amava sua risada. Amava o cabelo dela. Amava seu coração. Amava seu impulso competitivo. Amava seu espírito gentil. Amava suas mãos. Amava seu corpo. Amava seus lábios.

Nunca tinha se apaixonado antes, mas puta merda, ele tinha certeza que estava indo nessa direção.

Ele não era alguém que tendia a pensar muito além do momento em que estava vivendo agora. Mas com Samantha, ele via um futuro. Quando ela falou sobre carregar um bebê, ele imediatamente a imaginou grávida de seu bebê.

Quando eles pararam na garagem de Sam, ele percebeu que não tinha sido uma ótima companhia no caminho para casa. Esteve perdido em seus pensamentos. A conversa deles no jantar despertou nele emoções tão poderosas e uma mudança em como ele imaginava seu futuro que todos os seus poderes mentais foram usados para processar essa mudança.

O resultado de todo esse pensamento profundo, no entanto, foi que ele mal disse uma palavra durante toda a viagem. Isso não deve ter sido muito divertido para ela. Quando Luke se virou em seu assento, um pedido de desculpas já se formando em seus lábios, ele viu que ela já estava saindo pela porta do passageiro.

— Tchau. Obrigada por uma ótima noite! — Samantha disse rapidamente, e muito animadamente, enquanto fechava a porta atrás dela e praticamente corria para o portão.

Luke, entretanto, agora tinha se recuperado completamente de sua névoa reflexiva e tinha sua cabeça completamente no jogo. Ele saltou e estava ao seu lado quase imediatamente antes que ela conseguisse abrir o portão.

— Então é isso? — ele disse levemente, seguindo-a pelo caminho até a porta da frente. — Sem beijo de boa noite?

Ele se esforçou para esconder o desespero que sentia em sua voz, o que não foi fácil, já que ele quase não tinha experiência em sentir aquela emoção em particular. Ele com certeza sentia isso agora. Desde a noite anterior, beijar seus lábios macios e sensuais era tudo o que ele conseguia pensar.

— Oh! — Samantha se virou para ele, os olhos arregalados e a voz cheia de surpresa inocente. — Eu não sabia que você queria um.

Ele sorriu. Amava como ela estava constantemente dizendo coisas inesperadas.

— Bem, para referência futura, apenas saiba... — ele disse lentamente e deu um passo à frente, fazendo-a recuar contra a porta. Seus olhos se arregalaram ainda mais. — Eu sempre... — ele continuou, baixando a voz para um tom ainda mais sexy enquanto colocava as mãos espalmadas contra a porta de cada lado do rosto dela — quero um beijo.

— Oh, ok — disse ela, olhando para ele. Sua respiração acelerou e seu rosto ficou vermelho. Luke interpretou isso como um bom sinal.

Ele abaixou a cabeça lentamente, roçando os lábios nos dela. Então, depois de chupar suavemente seu lábio inferior, suavemente traçou sua língua ao longo dele. Ela respondeu ofegando e abrindo mais a boca, jogando a cabeça um pouco para trás. Deus, sua boca... Era tão sensual, tão perfeitamente formada. Ele nunca tinha beijado uma mulher e ficado embriagado pelo formato e sensação de sua boca e lábios do jeito que ele estava com Samantha.

Ele aproveitou a oportunidade para deslizar sua língua dentro da bela boca e explorou-a lenta e completamente. Suas mãos se moveram rápido para a parte de trás do pescoço dele e ela o agarrou com fome, tirando um gemido baixo de sua garganta. Luke respondeu removendo as mãos do material duro da porta da frente e gentilmente embalando seu rosto, esfregando os polegares em seu queixo. Sua pele era tão macia. Sua boca tinha um gosto tão doce. Luke sentiu a necessidade crescendo dentro dele como nada que ele já havia sentido antes.

O que tinha começado lento e doce estava rapidamente se transformando em algo mais desesperado e intenso. Suas línguas se entrelaçaram, suas mãos se agarraram e seus corpos foram pressionados juntos. Ele se sentia conectado a Samantha ao longo de cada centímetro de seus corpos, mas ainda não era o suficiente. Ele queria mais dela.

Queria levá-la para dentro, deitá-la, tirá-la daquele maldito vestido sexy e beijar cada centímetro de seu corpo incrível.

Sentir paixão não era novidade para ele, certamente. Mas isso era muito mais do que isso. Era uma necessidade. Precisava dela como precisava de oxigênio. Ouvindo um gemido escapar de dentro dela, ele sabia que se não fosse embora agora, as coisas iriam mais longe do que queria esta noite.

Ele conhecia sua reputação e, embora se sentisse injustiçado, também tinha visto a expressão nos olhos de Samantha esta noite, quando eles conversaram sobre relacionamentos e compromisso.

Ela provavelmente pensou que ele não levava isso a sério, mas ele levava. Precisava mostrar a ela que, por mais emocionante que tivesse sido o encontro, ele não estava nisso com ela apenas por uma emoção rápida. Ele estava nisso por um longo tempo.

Não havia como ele arriscar o que estava acontecendo entre eles deixando as coisas irem longe demais. Isso lhe daria a ideia errada de que

ele era apenas um cara que passava bons momentos e não alguém que nutria sérios sentimentos por ela, pelo futuro deles.

Então, por mais difícil que fosse — e por mais que seu corpo estivesse tentando convencê-lo a fazer o contrário — ele ouviu sua mente e, mais importante, seu coração, e encerrou o beijo se afastando.

Ela olhou para ele, os olhos vidrados, a cabeça balançando um pouco para os lados.

— Você pode ficar bêbado com um beijo? — ela murmurou para si mesma e então, como se percebesse que tinha falado o sentimento em voz alta, colocou a mão sobre a boca.

Luke afastou o cabelo da testa dela e piscou.

— Não quis usar sua voz externa, hein?

Ele viu um rubor vermelho brilhante subindo por suas bochechas por baixo dos dedos da mão, que ainda estava cobrindo sua boca, e ela balançou a cabeça furiosamente.

Sua cabeça caiu para trás enquanto ele ria alto.

— Você me mata, Samantha! Por que ninguém nunca me disse que você era engraçada?

Ela encolheu os ombros.

— Ninguém nunca me disse isso.

Isso só intensificou os sentimentos avassaladores de afeto que o dominavam. Ele estendeu a mão e pegou a dela, levando-a à boca para um breve beijo.

— Bem, eu vou te dizer uma coisa, linda. Se é possível que um beijo intoxique alguém, então esse definitivamente me coloca além do limite legal. Boa noite, Samantha. Obrigado por uma das melhores noites da minha vida.

Ele se inclinou mais uma vez e beijou seus lábios macios antes de se virar e sair pelo portão, entrar em seu carro e partir para o que certamente seria uma longa noite sem dormir.



# 14

Sam se sentou em sua sala de estar no dia seguinte, roendo as unhas, debatendo se deveria ou não enviar a mensagem em massa que ela tinha acabado de digitar em seu telefone. Estava completamente dividida.

Por um lado, sentia que realmente precisava fazer uma autópsia com alguém — ou vários alguéns — do encontro com Luke. Por outro lado, ainda não se sentia confortável para discutir sua vida amorosa. Ela franziu a testa. O que estava passando se qualificava para esse termo? Uma das muitas coisas que precisava discutir com alguém.

Ela desejou que seu problema fosse tão simples quanto costumavam ser seus problemas de treinamento. Se algo não estava funcionando, era só dividir em elementos, chamar especialistas, se concentrar e consertar. É aí que, por todos os problemas que ela estava tendo com ele a pressionando agora, ter um treinador como Stephan tinha sido útil. Ele poderia observar seu progresso de fora e dizer onde ela precisava de ajustes.

Claro, ela percebeu, enquanto se sentava ereta no sofá. Era disso que ela precisava para sua vida amorosa. Treinamento! Ela precisava de pessoas mais experientes para examinar seu plano de jogo, analisar sua execução e recomendar correções de curso. Ela precisava de treinamento de amor.

Essa percepção foi o catalisador para ela seguir em frente. Pegou o telefone da mesa de centro e apertou “enviar” sem hesitar um segundo. Agora que ela podia pensar em discutir sua situação com as meninas como uma treinadora em vez de fofocar, parecia muito menos desconfortável.

Enquanto olhava para o telefone, ela leu para si mesma a mensagem urgente que acabara de enviar, como um pedido de socorro.

*“Socorro! Reunião de emergência do clube do livro necessária! Venha o mais rápido possível!”*

Antes mesmo de terminar de reler para si mesma, a campainha tocou e ela saltou e correu para abri-la.

Karina passou por ela.

— Eu sou a primeira a chegar? — ela brincou.

Sam riu.

— Morar do outro lado da rua tem suas vantagens. Admita.

Karina sorriu, olhando para seu telefone.

— Então, Sam. Sabia que mensagens de texto não são como telegramas? Você não é cobrada pela palavra.

Sam mostrou a língua para Karina enquanto elas se moviam em direção à cozinha. Ela disse:

— Espero que as outras estejam livres para vir. Eu realmente preciso analisar meu encontro com Luke e gostaria de conversar sobre isso com todas.

Karina sorriu.

— Aha! Eu pensei que poderia ser sobre isso. Presumo que estamos indo para a cozinha pegar o vinho e as taças, certo?

Sam riu.

— Você está certa.

Quando as duas garotas escolheram o vinho que iriam servir e colocaram as garrafas e copos nas bandejas, ouviram a campainha tocar novamente.

— Bem, pelo menos você sabe que haverá alguém aqui além de mim!  
— Karina brincou.

Elas carregaram as bandejas de volta para a sala de estar e Sam se moveu para abrir a porta da frente. Ela viu que Amy estava na varanda da frente, acompanhada por sua irmã Nikki, que Samantha não via há anos. Sam exclamou de alegria e deu um abraço em Nikki, levando as duas mulheres para a sala.

— Olha quem eu encontrei! — Sam riu para Karina.

Karina gritou de alegria.

— Garota, eu não te vejo há muito tempo. Deixe-me pegar outra taça de vinho.

Amy empurrou os óculos mais para cima no nariz.

— Eu estava passando o dia com Nikki porque ela está aqui em escala. Presumi que não haveria discussão sobre um livro de qualquer tipo, já que nenhuma de nós foi notificada para ler nada. Então eu pensei que não teria problema se ela viesse.

Sam riu.

— Claro! Nikki, você sabe que é bem-vinda a qualquer hora.

Nikki sorriu.

— Obrigada, Sam. Uau. É tão bom ver você e Karina novamente. Onde estão suas outras duas parceiras no crime?

— Esperançosamente elas estarão aqui a qualquer minuto! Eu sei que elas ficarão emocionados em ver você também!

Nikki, em contraste com sua irmã conservadora Amy, se vestia com cores fortes e brilhantes e parecia uma modelo. Sam não tinha certeza de quantos idiomas ela falava, mas sabia que eram mais do que alguns. Ela era alta e esguia, com cabelos castanho-claros sedosos e olhos castanho-claros profundos.

Profissionalmente, ela sempre foi elegante e perfeitamente equilibrada. Mas em sua vida privada, sua personalidade era tão ousada quanto as cores que vestia, e ela dizia o que estava pensando sem hesitar.

— Então me diga, *chica* — Karina começou ao voltar da cozinha. — Como a vida no ar está te tratando?

Amy havia informado que Nikki tinha passado os últimos dez anos subindo na hierarquia como comissária de bordo, sendo promovida a cargos de elite, e agora estava trabalhando para uma empresa privada de fretamento que atendia aos ricos e famosos.

— Oh, não poderia ser melhor — Nikki disse alegremente. — Sinto que estou no topo da minha carreira. Tenho tudo o que sempre sonhei. Adoro voar ao redor do mundo para lugares exóticos, sem nunca saber que pessoas fabulosas vou ver quando voltar para a cabine. Na verdade, há alguns anos venho pensando que não ficaria surpresa em ver seu lindo rosto quando voltasse lá.

Karina acenou para ela.

— Oh, sim. Jatos particulares e tudo mais. Acho que essa parte da minha vida pode ter acabado. Estou gostando de apenas estar acomodada agora.

— Não faz mal que ela tenha um homem bonitão para acompanhar — Amy interrompeu, e todos na sala riram. Amy pareceu surpresa e disse: — Não quis que isso fosse engraçado.

As meninas foram distraídas por mais uma campainha tocando, e Sam foi até o foyer para abrir a porta, voltando com Amanda e Lauren. As duas cumprimentaram Nikki com entusiasmo também, rapidamente se inteirando de sua vida.

Depois que todas se serviram de vinho e se sentaram, Lauren se virou para Sam e disse com naturalidade:

— Bem, Sam, suponho que você convocou esta reunião por causa de Luke. Você quer discutir o encontro, estou certa?

— Sim! — Sam exclamou como se ela estivesse prestes a explodir o tempo todo. — Eu absolutamente preciso conversar sobre isso. Foi muito confuso...

— Mas não desagradável? Ele não fez nada maldoso ou prejudicial? — Lauren perguntou, olhando-a com suspeita.

Sam riu.

— Guarde suas garras, mamãe urso. Ele foi um cavalheiro perfeito.

Nikki se inclinou para frente ansiosamente.

— Hummm, de quem estamos falando? Quem foi um perfeito cavalheiro?

Amanda a informou.

— Oh, é um cara super gato, Luke Reynolds, por quem Sam está apaixonada há anos! Ele acabou de se mudar para Hope Falls, e eles tiveram seu primeiro encontro na noite passada.

— Luke Reynolds... Por que isso soa familiar? — Nikki meditou. — Oh, espere. Eu sei! Ele estava na minha frente na fila do *Sue Ann's Café* esta manhã quando eu estava pegando um café. Alguém o chamou pelo nome. Muito bem, Sam! Ele está além de sexy! E sua voz... quero dizer... uau.

— Não é? — Sam sorriu sonhadoramente.

— Então o que aconteceu no encontro? — Amy perguntou, e o resto das mulheres olhou para ela com expectativa, ansiosas para ouvir a



resposta.

— Bem, foi como um conto de fadas — Sam disse, parecendo insegura.

— Isso não é uma coisa boa? — Karina perguntou.

— É... eu simplesmente não sei se devo confiar ou não.

— Ok — disse Karina. — Isso é justo. Acho que você só precisa começar do início, nos contar tudo e nos deixar ser o juiz.

O resto das mulheres na sala murmurou em concordância.

Sam respirou fundo e começou.

— Em primeiro lugar, ele foi tão doce e sincero. Ele me disse várias vezes o quão sexy e linda eu era, e quando ele olhou para mim, realmente me senti sexy e linda, sabe? E ele foi completamente diferente do que eu pensava que seria. Quer dizer, ele deveria ser um grande playboy, nunca levando nada a sério, mantendo tudo completamente leve. Nunca falando sobre o futuro. Mas comigo, ele estava falando sobre se estabelecer, criar raízes, ter filhos...

— Uau! — Amanda disse, impressionada. — Eu sabia que estava certa sobre os sentimentos dele por você, Sam!

— Então você quer dizer... não é assim que acontecem todos os primeiros encontros, então?

— Não! — Todas as mulheres responderam ao mesmo tempo em uma retumbante negativa, exceto Karina, que reforçou seu sentimento ao dizer: — Claro que não!

— Bem, é bom saber — disse Sam, aliviado por poder confiar em seus instintos. — Enfim, a melhor parte do encontro foi o beijo no final da noite. Foi espetacular! Agora estou cem por cento certa de que ele é o cara certo para me ajudar com meu problema de “crescimento pessoal atrofiado.”

— Crescimento pessoal? Quem é esse cara, Tony Robbins? — Nikki perguntou, perplexa.

— Bem, ele não é propriamente um motivador, mas está fazendo maravilhas para motivar a vagina de Sam — Karina disse com um sorriso malicioso, imediatamente sendo golpeada com almofadas de sofá por Amanda e Lauren.

A testa de Nikki enrugou em perplexidade.

— Sim, então, a questão é... Eu nunca fiz sexo — Sam admitiu para Nikki tristemente.

— E ela está tentando mudar isso — declarou Karina triunfante.

Os olhos de Nikki se arregalaram quando ela exclamou:

— Espere. O quê? Você é virgem?!

Sam deixou cair a testa em suas mãos e gemeu miseravelmente.

— E essa é precisamente a resposta que temo que ele tenha.

Nikki se esforçou para corrigir o curso:

— Não, eu quis dizer mais como... Uau, você é virgem... Bom trabalho... Parabéns...

Sam olhou para Nikki incrédula, mas tudo que Nikki fez foi sorrir amplamente.

Lauren riu.

— Há uma mulher que sabe quando deixar o silêncio falar por si.

Todas elas riram, e então Sam continuou.

— De verdade, meninas. Estou nervosa sobre como contar a ele sobre minha condição de virgem. Ou, sabe, se eu deveria dizer a ele...?

— Você tem que dizer a ele! — Amanda insistiu, toda inocência de olhos marejados. — Tem que ser honesta com ele!

Sam concordou.

— Sim, eu percebi. A ideia de esconder não pareceu certa. Mas, droga, a ideia de contar a ele é tão assustadora. Como você acha que eu deveria abordar isso?

— Sempre achei que, em qualquer negociação, uma recitação direta dos fatos funciona melhor — disse Lauren com segurança.

— Mas você precisa ser sincera com ele sobre seus sentimentos — acrescentou Amanda.

— Pense no quão sincera quer ser — Karina discordou. — Este é um momento que clama por um pouco de leviandade. Talvez tente algo como, “Ei, Luke, você já assistiu Star Trek quando era criança? Se sim, você já teve o desejo de ir aonde ninguém foi antes?” Sim, acho que é bom.

Amy saltou.

— Se você vai empregar a referência de Jornada nas Estrelas, acho que deveria incluí-la na íntegra, encorajando-o a ir corajosamente aonde *nenhum homem* jamais foi! — A sala explodiu em risadas, e Amy

orgulhosamente empurrou os óculos para cima do nariz enquanto dizia baixinho: — Obrigada. Agora eu realmente quis ser engraçada.

Amanda concluiu:

— A verdade é que você saberá quando chegar o momento certo. Nem sempre você pode planejar uma conversa como essa.

Sam balançou a cabeça pensativamente, seus dedos inconscientemente roçando o queixo, como havia feito durante toda a reunião.

— Eu tenho que perguntar. O que há com a maneira como você continua tocando seu rosto? Desembucha — Karina insistiu.

Sam corou.

— Oh, eu estava? Eu nem percebi. Eu acho que é só que eu ainda posso sentir a sensação de onde sua barba por fazer esfregou contra meu rosto quando ele me beijou.

Nikki piscou e disse:

— Espere até que suas coxas estejam formigando assim. Então você realmente terá algo para sorrir!

Amy, pegando uma página do livro de Lauren, bateu em Nikki com uma das almofadas do sofá, e Karina exclamou:

— Minha irmã de alma! Minha parceira de safadeza! Eu amo isso!

Depois que as risadas cessaram, Amanda se virou para Sam, perguntando:

— Então, a verdadeira questão é... você já ouviu falar dele hoje?

Sam sorriu amplamente e pegou seu telefone. Ela o deslizou algumas vezes para chegar à tela certa e, em seguida, virou-o para fora para mostrá-lo ao grupo, explicando:

— Ele me mandou isso esta manhã.

A mensagem de texto que ela recebeu dizia:

*“Bom dia, linda. Espero que você tenha um domingo divertido. Vejo você amanhã e lembre-se: eu sempre quero um.”*

— Hmmm... — Karina ronronou furtivamente. — O que ele sempre quer um?

Sam corou novamente.

— Um beijo. Ontem à noite, quando ele estava me seguindo até a porta da frente, ele perguntou se era só isso, nada de beijo de boa noite. Eu disse que não sabia que ele queria um, e ele me disse que, para referência futura, ele sempre queria um.

Amanda apertou as mãos na frente do peito e desmaiou.

— Que romântico!

Amy disse com pesar:

— Sinto-me excluída. Eu sou a única que ainda não sabe como é a aparência deste homem lindo.

Karina bufou.

— Tenho certeza de que Sam ainda tem um pôster ou dois por aí.

— Aqui, deixe-me ver a foto do perfil dele no site de *Mountain Ridge* — ofereceu Amanda. Quando ela teve o rosto de Luke centralizado na tela, ela entregou o telefone para Amy.

Amy assentiu com admiração.

— Ah, sim. Ele é um espécime físico quase perfeito. Posso ver por que você se sentiria tão atraída por ele.

Nikki acrescentou com uma piscadela.

— E, ei, Sam, se você não tem certeza do que fazer com ele, tenho muitas ideias.

Sam imediatamente se intrometeu, pegando o telefone de Amanda e pronunciando de forma decisiva:

— Ele é meu.

Nikki jogou a cabeça para trás e riu.

— Hum, Sam, eu estava brincando. Mas se você se sente tão possessiva com ele, eu diria que é um bom sinal, não é?

Sam sorriu com um pouco de orgulho.

— Isso é verdade. Nunca tive nenhum sentimento romântico possessivo por ninguém antes, nunca senti como se tivesse o direito de chamar alguém de meu.

— Como se sente? — Karina perguntou.

Sam sorriu mais amplamente.

— Acho que definitivamente poderia me acostumar com isso.

--- ~ ---

Quando Luke parou na garagem da casa de sua mãe para o jantar de domingo, ele estava tendo dificuldade em tirar o sorriso do rosto. Durante todo o dia, ele exibiu o maior e mais ridículo sorriso que se possa imaginar. Ele tinha apenas passado a manhã toda sorrindo sem motivo. Bem, isso não era estritamente verdade. Houve uma razão. Uma razão muito bonita, atrevida e ruiva. Sam.

Ele mal tinha dormido na noite anterior. Cada vez que fechava os olhos, via Sam.

Sam no restaurante. Sam em sua caminhonete. Sam sorrindo. Os olhos de Sam se arregalando antes de ele beijá-la. Era como uma apresentação de slides de Sam rodando em repetição constante em seu cérebro ou uma montagem de filme com alguma canção pop boba de fundo. E ele não estava reclamando nem um pouco; pelo contrário, ele adorou.

Na verdade, não estava nem um pouco cansado. Nem um pouco. Ele ficaria feliz em passar todas as noites como a anterior. Se não pudesse realmente ficar com Sam durante a noite, então sonhar com Sam era a próxima melhor opção. Dormir? Essa era uma terceira opção muito distante.

Luke supôs que era lógico que se Sam pudesse ficar bêbada com o beijo deles, ele poderia ficar chapado com isso. Eles tinham uma química incrivelmente potente. E, honestamente, não era apenas o lado físico das coisas que estava dando a Luke a sensação de “voar alto.” Era que quanto mais ele conhecia Sam, mais gostava dela. Ei, quem ele estava enganando? Quanto mais a conhecia, mais a amava.

Sam era única. Ela viajou o mundo e experimentou coisas que outras pessoas só poderiam sonhar. O outro lado da moeda era que ela também tinha lidado com pressões com as quais a maioria das pessoas não conseguiria lidar. Ela havia desfrutado de uma infinidade de sucessos e lidado com eles com tanta graça e equilíbrio quanto teve em seus poucos fracassos. Todos pensavam que o desafio de ser um bom esportista era ser um perdedor gracioso, mas na opinião de Luke, era realmente mais difícil ser um vencedor gracioso, e ele viu quase todas as pessoas que conhecia falharem nessa tarefa pelo menos uma vez, incluindo ele mesmo. Todas, exceto Samantha. Ela era diferente de qualquer pessoa que ele já conheceu ou viu, na verdade.

Mas apesar de todo o seu mundanismo e postura, quando ela estava perto dele, parecia quase inocente, inexperiente de alguma forma. Ele não conseguia definir o que era. Ela parecia um bebê na floresta, maravilhada com cada coisa nova que via. Ele sorriu. Essa era outra das muitas coisas que ele estava começando a amar sobre ela.

Outra dessas coisas era o quanto ela era honesta. Ele adorava que não houvesse fingimento com Sam. Ela dizia o que estava pensando. Ele nunca sentiu como se ela estivesse tentando ser algo que não era; ela era apenas Sam.

Subindo os degraus de madeira, ele abriu a porta da frente e foi saudado por suas sobrinhas e seu sobrinho comemorando sua chegada dizendo:

— Tio Luke, Tio Luke, Tio Luke!

Ele ultrapassou a soleira e foi imediatamente e alegremente atacado por Bailey, Ariel e Christopher.

Caminhou até a sala de estar, uma criança pendurada em cada perna e uma em seu braço. Fingiu que o peso era demais para ele, fazendo-o cambalear e cair no chão. As crianças se amontoaram em cima dele. Ele começou a girar e girar, nunca deixando que eles ficassem muito firmes e não pudessem impedir seus movimentos, fingindo estar se transformando em um monstro.

Ele se ergueu sobre as mãos e os joelhos e, com um rosnado profundo e um tanto sinistro, berrou:

— Aí vem o monstro!

As crianças gritaram de alegria e fingiram terror.

— Vocês sabem que monstro eu sou? — ele rosnou.

— O monstro das cócegas! — eles gritaram com suas vozes jovens e agudas, subindo e correndo para fora da sala.

— Exatamente! Aí vem o monstro das cócegas! — ele gritou, levantando-se e avançando pesadamente atrás deles.

Uma perseguição risonha se seguiu, que os levou por toda a casa.

Momentos como este não podiam ser vivenciados quando você morava a milhares de quilômetros de distância, mas, no fim das contas, era disso que a vida era composta. De pequenos momentos como este.

Luke queria estar aqui para ver suas sobrinhas e sobrinho crescerem. Ele não queria existir em sua memória apenas como um rosto na tela do

computador, um participante de suas cerimônias de formatura. Uma assinatura em seus cartões de aniversário. Ele queria realmente ser seu tio.

E quando começasse sua própria família, ele queria estar perto o suficiente para que seus irmãos desempenhassem esse papel para seus próprios filhos. Mais uma vez, uma imagem de Sam grávida de seu filho surgiu em sua cabeça, e ele não pôde lutar contra o sorriso que se espalhou por seu rosto. A visão parecia tão real que o parou e ele balançou a cabeça um pouco.

— Monstros não sorriem! — Ariel o informou indignado, e ele percebeu que havia se perdido em seus pensamentos e saído do personagem.

Ele olhou para ela, curvou os dedos em garras e gargalhou:

— Oh, mas eles fazem isso quando estão pensando em fazer cócegas em crianças!

Os olhos de Ariel se arregalaram e ela gritou de tanto rir enquanto corria para a outra sala.

Depois de mais quinze minutos perseguindo as crianças, Luke percebeu que mesmo os ex-atletas olímpicos com horários de treinamento rigorosos tinham uma vida útil relativamente curta quando se tratava de perseguir crianças pela casa. Ele já estava exausto.

— Tudo bem, pestinhas — ele informou às crianças com pesar —, eu acho que o tio Luke está cansado.

— Lembrem-se de que ele é um homem muito velho. Vocês precisam pegar leve com ele. — Seu irmão mais novo, Brody, deu um tapa em seu ombro e riu.

— Oh, não me entenda mal. Eu ainda posso derrubar você, irmãozinho — Luke sorriu enquanto se virava e o colocava em uma chave de braço.

— Tudo certo. Acabem com isso, vocês dois. Vocês precisam parar, crianças — Ellen disse severamente enquanto carregava uma grande tigela de cerâmica cheia de espaguete para a mesa da sala de jantar, mas Luke podia ouvir um sorriso distinto em sua voz. As cunhadas de Luke, Ashley e uma grávida Stephanie, seguiram com salada e pão. Quando a mesa estava totalmente carregada, Ellen ordenou:

— Ok, pessoal. É hora de lavar as mãos.

Os irmãos de Luke começaram a enxotar os filhos em direção à cozinha para o ritual antes do jantar, mas Ellen, com bom humor, os

empurrou atrás das crianças.

— Quando eu disse todos, quis dizer todos, seus brutamontes!

Quando toda a família estava sentada ao redor da mesa e a oração foi feita, Ashley olhou para Luke com um meio sorriso malicioso.

— Então, como vão as coisas em *Mountain Ridge*, Luke?

Luke olhou para ela, confuso, enquanto empilhava espaguete em seu prato.

— Por que você está dizendo assim, como se soubesse de algo que eu não sei?

Stephanie deu uma risadinha.

— Porque o que ela realmente quer perguntar é como estão as coisas com Samantha Holt!

A sobrinha de Luke, Bailey, deu uma risadinha.

— Tio Luke tem namorada!

Luke se viu, em contraste com sua atitude normal indiferente com relação às mulheres, sentindo o calor se espalhar por suas bochechas.

Os olhos de Ellen se arregalaram quando ela viu isso, e ela disse maliciosamente:

— Oh, meu Deus. Aparentemente, está indo muito bem. A menos que esteja indo muito mal.

Luke olhou para sua família à mesa. Todos estavam olhando para ele com expectativa, com ansiedade até. Ele se perguntou se deveria deixá-los se contorcer ou ir em frente e livrá-los da ansiedade. Ele sorriu.

— Vocês gostariam de saber? — ele brincou.

— Sim, adoráramos — disse sua outra sobrinha Ariel, um tom solene em sua voz.

— Oh, Luke. Pare de provocar e diga-nos! — implorou a sua cunhada, Stephanie. — Esta gravidez me deixa presa. Eu não posso ir ver meus amigos. Fico confinada em uma cadeira ou na cama a maior parte do tempo. Eu preciso de um pouco de emoção!

— Tudo bem, tudo bem — Luke cedeu. — Nós fomos a um encontro ontem à noite.

Ellen se animou.

— Nossa, isso parece promissor!

— Espero que sim — ele concordou.



— Inacreditável — Chad disse tristemente. — A única mulher no mundo que não caiu imediatamente aos seus pés e você vai acabar pegando-a de qualquer maneira. Vai entender!

Luke parecia satisfeito consigo mesmo enquanto se recostava na cadeira.

— Ei, o que posso dizer? — Ele brincou: — Quem pode, pode.

Ashley riu.

— Oh, senhor. Eu certamente sei que minhas damas de honra pensaram que você “podia” com certeza! Eu pensei que elas iam brigar por você!

Stephanie gemeu em concordância.

— Sem brincadeiras! Eu tinha que ficar lembrando às minhas que era o meu dia para receber o mínimo de atenção!

Luke sorriu.

— O que posso dizer?

Brody colocou a mão no ombro de Luke.

— Então o notório playboy está pensando em se aquietar?

— Esse é o plano — Luke respondeu sério. — Se ela me aceitar.

— Acho isso maravilhoso, Luke — afirmou Stephanie. — Ela é uma garota de sorte.

Luke balançou a cabeça.

— Que nada. Eu sou o sortudo.

— Eu quero conhecê-la! — gritou Bailey, e Ariel concordou.

Embora nenhum dos adultos tenha falado, Luke percebeu, olhando para o rosto deles, que todos se sentiam da mesma maneira que as meninas.

Luke disse:

— Vamos ver como vai, ok? Mas por falar em conhecer pessoas... Aposto que vocês, meninas, ficarão interessadas em saber quem é uma das melhores amigas de Samantha. Adivinha quem?

— Quem? Fala. Quem? — Ariel e Bailey responderam em coro.

— Karina Black — disse ele.

As meninas olharam com espanto absoluto por um momento antes de gritar simultaneamente.

Luke fez um show exagerado ao cobrir os ouvidos enquanto ria.

— Podemos... podemos... podemos... conhecê-la? — Perguntou Bailey.

— Eu não sei — Luke respondeu honestamente. — Teremos que ver o que acontece entre Samantha e eu e ver se há uma boa oportunidade de fazer isso acontecer. Mas talvez...

— Você a conheceu? — Ariel perguntou.

Luke acenou com a cabeça.

— Claro que sim.

As meninas gritaram novamente.

Luke riu.

— Na verdade, eu a conheci quando fui assinar o contrato de aluguel do apartamento em que estou morando agora. O namorado dela morava lá antes de eu me mudar.

— Você conheceu Ryan também ?! — perguntou Bailey, incrédula. As duas garotas olhavam para ele com espanto e admiração em seus olhos, algo totalmente novo.

Luke brincou:

— Sabe, garotas, em alguns círculos, na verdade sou considerado muito famoso...

As duas meninas olharam para ele com desdém e começaram a conversar sobre Karina e Ryan e alguns vídeos do YouTube.

Brody riu.

— Oh, essa é difícil, mano. Sua fama nunca foi verdadeiramente certificada, até ser ignorada por duas meninas em favor de alguém com um vídeo no YouTube.

Luke sorriu e olhou ao redor da mesa... para sua família, como todos estavam felizes juntos, o quanto todos se amavam. Isso era exatamente o que ele queria. Queria que Sam fizesse parte disso. Queria trazer seus filhos aqui aos domingos.

Queria que essa fosse a vida deles.



# 15

Sam começou a trabalhar por volta das seis e meia da manhã de segunda-feira. Ela sabia que estava chegando muito cedo, mas realmente precisava se aclimatar em seu espaço de trabalho sem Luke estar lá. Ela sabia que, quando se tratava de Luke, ela nunca seria capaz de separar totalmente a parte profissional da parte pessoal. Afinal, eles estavam profundamente interligados. No entanto, ela pelo menos teve que endireitar a cabeça e aprender a ser profissional no trabalho. Se ela queria fazer isso, precisava de alguns minutos sozinha pela manhã.

Finalmente.

Ela estava revisando a papelada quando ouviu a porta abrir. Antes mesmo de olhar para cima para ver quem era, arrepios se formaram em seus braços e os pelinhos de seu pescoço se eriçaram. Bem, ela pensou consigo mesma com um pouco de medo, acho que Luke está aqui.

Lentamente levantou a cabeça e, quando o viu, foi atingida mais uma vez pelo quão lindo ele era. Como uma pessoa poderia ser tão bonita, confundia sua mente. Simplesmente não parecia justo.

— Bom dia, linda — Luke disse alegremente enquanto entregava a ela um copo de papel cheio de café e se abaixava para beijá-la, seus lábios suaves e quentes com gosto da bebida.

Hmmm, ela ronronou para si mesma, não é uma maneira ruim de começar o dia.

O beijo terminou rápido demais para o gosto de Sam, mas a boa notícia é que ela ficou com uma sensação de calor e formigamento por todo o

corpo. Ele sorriu enquanto se sentava em sua mesa, de frente para ela, e perguntou:

— Você teve um bom domingo?

— Sim, eu tive. Obrigada pela mensagem — Sam disse rapidamente e corou, lembrando-se do final da mensagem e percebendo que agora ela sempre queria um beijo também.

— Oh, você recebeu, hein? Eu não tinha certeza, já que não tive resposta. — O tom de Luke era casual, assim como o pequeno gole de café que ele tomou ao fazer a declaração.

— Oh, desculpe. Eu só... eu acho... bem... eu só... eu não queria incomodar você — Sam tropeçou. A verdadeira razão, é claro, era que Sam não tinha ideia do que enviar em uma mensagem de volta. Sua falta de experiência estava se tornando ridiculamente aparente. Para ela, pelo menos. Esperava que ele não percebesse.

Ela ficou com vergonha de perguntar às garotas, já que ela já estava buscando seus conselhos sobre todos os outros aspectos do... seja lá como se chame isso que estava acontecendo entre ela e Luke. Não podia perguntar a elas algo tão estupidamente simples como “Como vocês acham que eu devia responder essa mensagem?” No entanto, ela não sabia o que seria certo. Então, no final, ela simplesmente não respondeu.

— Samantha. — A voz de Luke era profunda e suave. — Você nunca poderia me incomodar. Nunca.

— Ok. — Sam ouviu-se dizer isso quase no piloto automático quando ela acenou com a cabeça.

Às vezes, a voz de Luke a fazia se sentir como se estivesse em transe. Um transe realmente quente, formigante e agradável. Era inebriante.

Um sorriso conhecedor cruzou o rosto de Luke e ele pegou a mão dela.

— Bom.

— Agora que sabemos disso, o que você fez no seu dia de folga?

Oh, droga! Ela não poderia dizer a ele que ela passou falando com todas as suas amigas sobre ele.

— Acabei passando o dia com as meninas — ela respondeu, encolhendo os ombros, tentando usar o mesmo ar casual que Luke tinha quando tomou um gole do café. — Tivemos uma reunião do clube do livro.

— Oh, isso é interessante. Que livro? — Luke perguntou.

— Oi? — Sam respondeu, claramente não seguindo sua pergunta.

— Que livro você está lendo para o seu clube do livro?

Que livro? Que livro elas estavam lendo? Sam não conseguia se lembrar! Oh, caramba, que livro era?

Esqueça. Nem precisava ser o livro que estavam lendo. Ela só precisava pensar no título de um livro para contar a ele. Qualquer livro! Vamos! Por que ela não conseguia se lembrar de um título para qualquer livro? Ela tinha que impedi-lo de adivinhar que eles haviam passado o clube do livro inteiro não discutindo um livro predeterminado, mas, na verdade, apenas discutindo sobre ele.

Ah, dane-se, ela pensou consigo mesma, dizendo a única coisa que lhe veio à mente.

— A primeira regra do clube do livro é não falar sobre o clube do livro.

Sua cabeça caiu para trás enquanto ele ria.

— Cara, você me mata, Sam! Ninguém nunca te disse de verdade o quão engraçada você é?

— Não — Sam disse honestamente, o que só o fez rir mais.

Sam adorava que ela fizesse Luke rir. Ela sempre acreditou, no fundo de si mesma, que era engraçada, mas parecia que ninguém mais pensava assim. Ultimamente, porém, perto de Luke... ela se sentia como se, de várias maneiras, ele fosse a primeira pessoa em sua vida a realmente vê-la como ela era.

Provavelmente deveria tê-la assustado. Provavelmente deveria ter feito ela se sentir incrivelmente vulnerável. Mas não fez. Em vez disso, isso realmente a fez se sentir mais forte, mais confiante.

Ela nem sempre sentia essas coisas sozinha. Claro, ela se sentia ela mesma quando estava competindo, mas não realmente em qualquer outro aspecto daquele mundo. Sim, ela se sentia ela mesma quando estava com seus amigos e familiares, mas eles não entendiam verdadeiramente aquele outro mundo em que ela vivia, que se tornou uma parte igualmente importante de quem Sam era. E sim, ela se sentia confortável perto de seu treinador e gerente Stephan e sua esposa Jackie, mas ela nunca sentiu como se eles realmente a conhecessem.

Com Luke, era diferente. Era como se os melhores aspectos de todas aquelas situações tivessem se combinado em uma pessoa brilhantemente

gloriosa, e era Luke. Ele conhecia os dois mundos e, mais do que isso, ele a conhecia.

— O que você fez no domingo? — Sam perguntou, gostando do fato de que ele não tinha largado a mão dela ainda.

— Eu fui para a casa da minha mãe para o jantar de domingo. Meus irmãos estavam lá com suas esposas, bem como minhas sobrinhas e sobrinhos.

— Oh, isso parece divertido. Quantos anos têm suas sobrinhas e sobrinhos?

O semblante de Luke mudou. Ele parecia em cada centímetro o tio orgulhoso.

— Bailey tem sete e Ariel, cinco. Elas são filhas do meu irmão, Brody e sua esposa Ashley. E então meu irmão mais novo, Chad, tem Christopher, que tem quatro anos. E sua esposa, Stephanie, deve receber seu novo filho a qualquer momento.

— Isso soa como uma casa cheia. — Sam sentiu um pouco de inveja.

Enquanto crescia, ela costumava fantasiar sobre como devia ser fazer parte de uma grande família, com pequeninos correndo e se reunindo todas as semanas para os jantares de domingo. Ela imaginou que seria maravilhoso. Sam tinha apenas uma meia-irmã, mas elas não eram particularmente próximas. O pai dela tinha uma filha de um relacionamento que ele teve antes de se casar com a mãe dela, mas a menina tinha crescido em Las Vegas e elas raramente se viam.

— Oh, sim. É definitivamente uma casa cheia!

Ao dizer isso, Luke sorriu, mas outra coisa cruzou seu rosto também, e Sam não conseguia definir o que era.

— Você está bem? — Sam perguntou.

— Oh, claro — Luke respondeu. — Quer dizer, todos nós sentimos falta do meu pai, mas os pequenos ajudam muito. Eles sentem falta do vovô, mas praticamente vivem o momento. Estão cheios de tanta energia e felicidade que é muito difícil ficar triste com eles por perto.

— Isso deve ajudar muito sua mãe — Sam disse calmamente.

Seu coração se partiu pela mãe de Luke. Luke disse que seus pais estavam casados há mais de quarenta anos. Sam não conseguia nem imaginar como alguém superava uma perda como essa. Claro, ela se sentiu mal por Luke e seus irmãos, assim como ela se sentiu mal por Amanda

quando ela perdeu Parker, seu pai, mas a mãe de Luke tinha perdido sua alma gêmea. Como você se recupera disso?

Luke esfregou os nós dos dedos de Sam com o polegar. Deus, ela adorava quando ele fazia isso. Um arrepio a percorreu da cabeça aos pés.

— Isso ajuda, e acho que também ajuda o fato de ela ter um pequenino novo em folha em breve. Não que os três que ela já tem não a mantenham muito ocupada. — Ele riu. — Eles dão trabalho. Christopher está nessa fase do caratê agora e, por algum motivo, ele só come alimentos verdes. E as meninas não vão a lugar nenhum sem seus iPods. Na verdade, elas são muito obcecadas por Karina Black. Elas gritaram tão alto quando descobriram que eu a tinha conhecido que pensei que os vizinhos iam chamar a polícia.

— Isso é tão engraçado — Sam sorriu, balançando a cabeça. — Às vezes, eu ainda esqueço que Karina é “Karina Black.” E ela é apenas Karina para mim.

— Para dizer a verdade, quando a conheci, ela não se parecia em nada com a imagem de “princesa do pop” retratada pela mídia. Ela parecia realmente pé no chão e, eu não sei... acessível.

Sam concordou.

— Sim. Essa é parte da razão pela qual ela voltou para Hope Falls. Ela realmente não tem nada a ver com sua imagem, e acho que ela queria ter certeza de que não perderia a real Karina.

— Garota esperta — disse Luke, ainda segurando a mão de Sam, acariciando-a com o polegar. Quem diria que tantos nervos estavam ligados aos nós dos dedos?

Era difícil para Sam acreditar, mas ela definitivamente sentia um formigamento acontecendo em lugares que ficavam muito mais ao sul da sua mão.

O celular de Sam apitou e, embora uma pequena parte dela se sentisse aliviada por ser salva pelo gongo, por assim dizer — antes que ela perdesse a cabeça e fizesse ou dissesse algo estúpido — a maior parte estava relutante ao puxar o celular e ver a mensagem.

Receava que fosse Stephan novamente. Sua campanha para fazê-la abandonar a vida em Hope Falls e voltar para ele estava começando a beirar a perseguição. Mas não era ele. Ela ficou surpresa ao ver que era Amanda.

— Ei, Amanda quer que a gente vá encontrá-la no escritório principal — ela disse a Luke, levantando-se. Luke também se levantou, indo na frente dela para a porta do escritório para que pudesse abri-la para ela.

Sam, sentindo-se repentinamente estranha, brincou:

— Espero que não estejamos com problemas. Sinto que estamos sendo chamados à sala do diretor.

Luke balançou as sobrancelhas e disse sugestivamente:

— Não sei se me importaria tanto... contanto que você estivesse usando uma roupa de colegial.

Quando Luke dizia coisas assim, flertava com ela daquele jeito, ela se sentia como se estivesse flutuando em uma nuvem. Ela definitivamente poderia se acostumar com esse sentimento.

Enquanto Sam e Luke se dirigiam ao escritório principal, Sam percebeu que havia muito mais carros no estacionamento dos funcionários do que normalmente havia às oito da manhã. Ainda mais intrigante, ela viu o carro de Karina e a caminhonete de Ryan estacionados entre os veículos dos funcionários.

Entrar no escritório de Amanda e Justin foi difícil por causa da quantidade de pessoas lá dentro.

Quando ela e Luke entraram, Sam imediatamente viu Karina parada ao lado de Ryan. Sam gostaria de ficar ao lado deles, mas estava muito lotado para fazer seu caminho até onde eles estavam do outro lado da sala.

Sam ergueu as sobrancelhas, dando a Karina um olhar questionador para ver se sua amiga sabia do que se tratava. Karina encolheu os ombros e balançou a cabeça.

— Posso ter a atenção de todos? — A voz de Justin cresceu acima do barulho da multidão, e a conversa morreu imediatamente. — Obrigado — Justin continuou. — Obrigado a todos por largarem tudo e chegarem aqui tão rapidamente. Amanda e eu realmente apreciamos isso.

— Então, como a maioria de vocês sabem, estamos planejando uma Grande Reabertura em aproximadamente uma semana. Tudo estava dentro do cronograma até ontem. Nossa equipe de construção recebeu uma proposta de reforma que vai durar doze meses. O pagamento era bom demais para eles rejeitarem, mas o único problema é que começou imediatamente. Eu entendo por que eles precisaram fazer isso, mas nos deixaram em uma situação difícil, tentando terminar todas as reformas e



estar prontos a tempo. Conseguimos contratar um empreiteiro. Ele estará aqui amanhã. Só precisa de mão de obra local, então se alguém estiver disposto a ajudar, isso seria incrível.

— E é claro que será pago. Não estamos pedindo que vocês sejam voluntários — Amanda interrompeu.

— Certo — Justin concordou. — Se vocês puderem contribuir e estiverem interessados, deem uma olhada nestas páginas. — Ele pegou várias pranchetas. — Nós temos todos os turnos discriminados. Basta colocar o seu nome nas horas em que estará disponível. E se você não puder ajudar, ainda queremos agradecer por ter vindo aqui hoje. Significa muito para nós que a comunidade se reúna quando um de nós precisa de ajuda. Então é isso, exceto para dizer que temos *donuts*, *bagels* e café, então por favor sirvam-se.

Luke se virou para Sam com uma expressão séria no rosto e disse:

— Eu sei que é pedir muito, mas você aceitaria fazermos nosso trabalho à noite para que eu pudesse trabalhar na equipe de construção durante o dia?

Ela foi pega de surpresa.

— Sério? Você quer fazer isso? Você percebe que vai acabar sendo, tipo, um dia de vinte horas?

Luke encolheu os ombros.

— Ei, é só por alguns dias. E quando a equipe exige que você ajude, você ajuda, certo?

Sam não achava que já havia se sentido tão excitada por alguém ou alguma coisa em sua vida. E tudo que ela podia fazer era não atacá-lo bem ali no meio do escritório de Amanda e Justin.

Karina e Ryan, que foram até Sam e Luke assim que as pessoas começaram a se movimentar, ouviram a troca e Karina compartilhou um olhar de cumplicidade com Sam, que sorriu. Karina sabia como Sam se sentia em relação ao trabalho em equipe, a fazer parte de uma comunidade. Ela sabia que havia pouco mais que Luke poderia ter dito naquele momento que teria impressionado Sam mais do que a declaração que ele acabara de fazer.

— Bem — disse Karina —, não acho que tenha que ser tão terrível. Luke, você e Ryan vão se inscrever para ajudar na equipe de construção. Trabalharei com Sam para preparar o programa de snowboard durante o

dia e enviaremos uma mensagem de texto com coisas sobre as quais precisamos de sua opinião. Isso deve tornar uma carga de trabalho gerenciável para todos.

— Isso parece ótimo, Karina. Obrigado — Luke disse sinceramente. Os dois caras se moveram pela sala.

Quando eles estavam fora do alcance da voz, Karina sorriu para Sam e disse:

— Então, acho que ele é feito sob medida para você, não? — Sam apenas sorriu.

Sim. Ele era.



Q uinta-feira de manhã, enquanto dirigia até Mountain Ridge, Luke tinha esperança de passar algum tempo com Sam naquele dia. Ele não tinha visto Sam, a não ser de passagem, desde a segunda-feira. Sentia saudades dela. Muita.

A semana passou rapidamente. Ele realmente gostou de conhecer o grupo de caras com quem estava trabalhando. Justin, Ryan, Eric e Jake eram ótimos, e ontem, Henry, o prefeito em exercício e padrinho de Amanda, estava lá ajudando. Luke sorriu com a memória. Henry era único.

Por mais que gostasse do trabalho e da companhia, porém, ele estava muito afastado de Sam.

Dirigiu diretamente para a cabana em que estaria trabalhando hoje e viu que Justin tinha acabado de estacionar também.

— Ei, cara — Luke o cumprimentou quando os dois saíram de seus caminhões.

— Ei — disse Justin, retornando a saudação amigável.

Visando um tom o mais casual possível, Luke perguntou:

— Então, a propósito... você sabe onde Sam está trabalhando hoje?

Justin sorriu para ele, e Luke poderia jurar que era um sorriso de quem sabe das intenções do outro.

— Ela está com Amanda no escritório hoje, organizando as coisas — Justin respondeu inocentemente. — Eu poderia ligar para ela se você quiser. Ela está apenas a um curto walkie-talkie de distância.

— Oh, não — Luke protestou. — Isto pode esperar.

— Oh, sem problemas — Justin assegurou-lhe, puxando o rádio bidirecional do cinto. A voz de Justin soou sincera, mas seu rosto definitivamente telegrafou que ele estava incomodando Luke.

Luke riu.

— Está bem. Isso não é sério. Não é importante. — Justin sorriu e prendeu o rádio de volta em seu cinto.

*Bem, Luke pensou com desapontamento, acho que não vai rolar de ver Sam hoje.*

De repente, porém, uma ideia surgiu em sua cabeça. Ele tinha visto uma pista de boliche no final da Main Street e parecia um lugar divertido. Talvez Samantha quisesse derrubar alguns pinos esta noite.

Esforçando-se novamente para o tom casual que ele nunca conseguia aperfeiçoar quando o assunto era Samantha, ele perguntou a Justin:

— Ei, você sabe se Sam gosta de jogar boliche?

— Claro que sim. Se for um jogo, Sam está dentro. — Justin começou a descarregar seu caminhão, entregando a Luke o selante que eles usariam para terminar o piso da cabana. — Aquela garota adora vencer. Realmente não importa o quê.

— Ela é realmente tão competitiva? — Luke perguntou.

— Oh, sim. Na verdade, só há uma única vez em que me lembro de que perder não parecia incomodá-la. Mas tenho certeza de que foi uma ocorrência única.

— Por quê? O que aconteceu? — Luke perguntou curioso enquanto os dois entravam na cabana e cumprimentavam Eric, que já estava trabalhando.

Justin riu enquanto colocava os suprimentos na mesa.

— Ei, Eric, você consegue se lembrar de alguma vez em que Sam concordou em não ganhar em alguma coisa?

— Apenas uma vez vem à mente — Eric respondeu, e então ele e Justin disseram:

— Minigolfe.

— Ding, ding, ding! Temos um vencedor — Justin anunciou. — Essa foi a única vez que vi que Sam levou na boa não ganhar. E, honestamente, não acho que alguém possa ficar bravo por perder para Kyle Austen Reed. Você deveria ver o cara. Ele é bom em tudo.

— Kyle Austen Reed? Você quer dizer o Kyle Austen Reed? — Luke perguntou incrédulo.

— Ah, sim. Existe apenas um Kyle Austen Reed, estrela de cinema, mestre de todas as coisas — Eric disse quando Justin acenou com a cabeça em concordância e os dois riram.

— Então ele e Sam namoraram ou algo assim? — Luke perguntou, ainda sem entender.

Ele nem sabia a história completa ainda, mas sabia que seu estômago apertava com a ideia de sua Sam em um encontro com qualquer pessoa, muito menos com o cara que Luke tinha certeza de ter acabado de ser nomeado o homem mais sexy do mundo.

— Não. Na verdade, é uma história engraçada. Kyle pensou que estava em um encontro com Karina. Bem, um encontro em grupo de qualquer maneira. Ele veio para a cidade quando ela voltou, pensando que o relacionamento era mais do que realmente era e permaneceu por algumas semanas.

— Ele é realmente um cara muito legal quando você o conhece. Fomos todos jogar minigolfe e Sam fez dupla com ele para tentar colocar um espaço entre ele, Karina e Ryan, que tinham acabado de começar a se ver.

— Cara, é como uma novela aqui em cima — disse Luke, tentando processar todas as informações.

— É — Justin concordou. — Mas, para responder à sua pergunta, Sam provavelmente adoraria jogar boliche.

--- ~ ---

Quando Sam entrou na pista de boliche de *Lone Pine Lanes*, foi imediatamente atingida pelo cheiro de pipoca e cerveja. A velha pista de boliche cheirava assim desde que conseguia se lembrar, e ela adorava. O cheiro a lembrou das muitas noites de sexta-feira e tardes de sábado que ela e o resto das Quatro Fabulosas haviam passado aqui jogando boliche e fliperama.

Algumas das melhores memórias de infância de Sam estavam aqui em *The Lanes*, como era chamado pelos habitantes locais. Parte disso era porque ela sempre se divertia com os amigos, mas parte também porque ela era uma jogadora muito boa. Ela havia feito dois jogos perfeitos de boliche na vida, mas na maioria das vezes, sua pontuação variava de duzentos e vinte a duzentos e sessenta. Suas amigas eram jogadoras decentes, mas Sam era melhor e Sam adorava ganhar.

Ela ficou tão animada quando Luke parou nos escritórios e a convidou para jogar boliche com ele. Ela vinha pensando nele sem parar desde a última vez que o viu na segunda-feira — tanto que tinha realmente planejado pequenos encontros — acidentais, rápidos, casuais durante os dias em *Mountain Ridge*. Ele sempre pareceu feliz em vê-la quando eles se “esbarravam,” e ela tinha certeza de que ele não sabia que ela estava basicamente perseguindo-o.

Depois que Sam concordou com o boliche, eles acertaram os detalhes. Ele teve que correr para casa e tomar um banho, já que tinha trabalhado nas cabines o dia todo, então eles decidiram se encontrar aqui.

Sua empolgação havia aumentado durante toda a última hora, e agora que ela estava entrando na pista de boliche, estava quase no auge.

Ela não estava apenas animada para passar mais tempo com Luke, mas também nervosa. Ainda havia um elefante grande e não resolvido na sala, e ele estava começando a dominar seus pensamentos. A coisa da virgindade. Contar a Luke. Quer dizer, como dizer a ele, quando dizer a ele, era apenas muito para fazer malabarismos.

Quando Luke apareceu no escritório e chamou Sam para jogar boliche, Amanda estava lá. Elas estavam trabalhando em arquivos juntas. Depois que Luke saiu, Sam perguntou a Amanda se ela ainda achava uma boa ideia falar sobre o assunto. Amanda disse a ela que sim, achava que era a melhor jogada, mas Sam temia que pudesse estar perdendo a coragem.

Ela suspirou. Decidiu que tudo o que ela realmente poderia fazer era improvisar esta noite. Se a oportunidade se apresentasse, ela contaria a Luke.

Talvez.

Enquanto ficava encostada na grade, observando várias famílias jogarem boliche, ela teve um sentimento avassalador de inveja. Ela viu um pai ajudar um menino que parecia ter cerca de quatro anos de idade a

caminhar até o limite e rolar a bola pela pista. Havia para-choques colocados de cada lado, e a bola pesada e brilhante rolou até o fim, derrubando alguns dos pinos. A família inteira aplaudiu e Sam bateu palmas também.

Enquanto ela continuava a observar os diferentes jogadores, de repente sentiu arrepios em seu braço antes mesmo de ouvir a voz de Luke. Era a segunda vez que isso acontecia. Primeiro na outra manhã no escritório, e agora aqui.

*Hummm, ela pensou. Parece que meu corpo teve o radar de Luke instalado quando eu não estava olhando.*

— Olá, linda — ela ouviu Luke dizer bem atrás dela, falando suavemente em seu ouvido.

Quando ela se virou, ele rapidamente a puxou para seus braços, segurando-a com força e enterrando o rosto na curva de seu pescoço, ela podia sentir seus lábios contra o ponto sensível logo abaixo de sua orelha.

— Eu senti sua falta — ele quase gemeu, sua voz enviando um arrepio por sua espinha.

Ela estava um pouco tonta só pelo abraço. Também estava se divertindo com o fato de que Luke Reynolds tinha sentido sua falta. E não só isso, ele a estava abraçando, em público, quase como se fossem um casal. Parecia tão surreal. Surreal... mas incrível.

Ela simplesmente não era a “garota que ficava com o cara”. Não era a garota que inspirava os homens a fazer demonstrações públicas de afeto. Não era a garota para obter, muito menos reter, o interesse de um cara.

No entanto, de alguma forma, com Luke, ela era aquela garota. Era mais do que ela jamais poderia ter sonhado, e ela não tinha ideia de como tinha acontecido. Mas como dizia o ditado, de cavalo dado não se olha os dentes.

Ele a apertou com força mais uma vez antes de se afastar um pouco para poder beijá-la. O beijo foi breve, mas de alguma forma extremamente completo, com uma paixão que a deixou sem fôlego e querendo muito mais.

Quando Luke terminou o beijo e deu um passo para trás, ela sentiu as pernas balançarem sob seu corpo. Seus joelhos estavam fracos. Uau. Ela sempre pensou que era apenas um mito, uma coisa que as pessoas diziam, mas não sentiam. Quem diria que um beijo poderia realmente deixar seus

joelhos fracos? Ela agarrou o corrimão atrás de si para se equilibrar. Droga, Luke com certeza tinha alguns beijos potentes.

— Você está bem? — Luke perguntou, preocupação gravada em seu rosto.

— Sim — Sam sorriu ao soltar a grade e ficar sob seu próprio poder. — Só não esperava isso, só isso.

Luke se aproximou de modo que suas bocas quase se tocassem e disse em um estrondo baixo e sexy:

— Lembre-se, Samantha, eu sempre quero um.

O lado de sua boca se curvou em um sorriso sexy quando ele pegou a mão de Sam e a levou para o balcão de aluguel de sapatos.

Ela ainda estava se sentindo um pouco confusa quando se sentaram no banco e calçaram os sapatos. Sam estava começando a acreditar que o próprio ar que ela respirava quando ele estava por perto agia como um poderoso intoxicante.

— Então, como estão as coisas nas cabines? — Sam perguntou, tentando recuperar seus sentidos e se orientar usando o assassino de excitação universal: conversa fiada.

— Melhor do que eu esperava, na verdade. Quando Justin e Amanda nos chamaram em seus escritórios na manhã de segunda-feira, tenho que ser honesto, eu não tinha grandes esperanças. Quer dizer, estamos todos bem intencionados, mas substituir uma equipe de construção profissional? Para fazer o trabalho nesse prazo apertado? Mas, cara, todo mundo realmente deu um passo à frente. Quando as pessoas aqui dizem que vão estar lá e fazer algo, eles realmente aparecem e fazem.

Sam podia ouvir em sua voz o quão impressionado ele estava com a forma como a cidade havia se reunido para ajudar Justin e Amanda.

— Hope Falls é um ótimo lugar para isso. A comunidade realmente cuida uns dos outros e ajuda quando necessário. Além disso, não sei se você percebeu, mas Amanda é uma espécie de queridinha de Hope Falls. Com a morte de Parker, acho que a cidade a adotou um pouco. Todo mundo quer que ela e Justin tenham sucesso na administração de *Mountain Ridge*.

Enquanto eles escolhiam suas respectivas bolas de boliche, Sam não pôde deixar de admirar os braços de Luke. Seus bíceps incharam enquanto ele pegava cada bola, pesando-a, considerando, procurando a bola certa.



Ela sentiu sua testa começar a suar na linha do cabelo. Homem vivo, Luke Reynolds com certeza poderia preencher uma camiseta.

Ela teve um desejo poderoso de passar as mãos nos braços dele. Na verdade, seus dedos estavam formigando só de pensar nisso. Teve que cerrar os punhos para impedi-los de estender a mão e acariciá-lo contra sua vontade consciente.

Luke limpou a garganta, fazendo com que ela desviasse o olhar de seu corpo lindo. Ele sorriu sugestivamente e disse com uma voz sedosa:

— Se você continuar me olhando assim, não vou conseguir jogar boliche.

Ela inclinou a cabeça em confusão, sem saber por que ele não seria capaz de jogar boliche com ela olhando para ele. Ela o estava deixando incomodado? Ele não estava acostumado a jogar boliche na frente de uma multidão? Ele estava com medo de ser julgado?

— Por quê? — ela perguntou inocentemente.

Ele acenou com a cabeça para sua calça, e quando Sam seguiu a trajetória de seu olhar, percebeu que seu jeans parecia um pouco desconfortável.

Os olhos dela voaram de volta para o rosto dele, ficando tão grandes quanto pires quando ela perguntou:

— Eu fiz isso?

Luke riu, balançando a cabeça.

— Sim, com certeza, e como somos um estabelecimento familiar, gostaria de tentar manter nosso jogo com a censura livre, se possível. Contanto que estejamos no prédio, claro.

Sam não conseguia acreditar que ela tinha o poder de afetar um homem como Luke Reynolds dessa forma... e apenas com um olhar. Foi dominada por um sentimento de poder, de confiança.

Ela gostou.

— Faça do seu jeito — disse ela, sentindo-se atrevida —, mas se estamos trabalhando com um sistema de classificação aqui, você tem que admitir que o beijo foi livre para todos os públicos.

Luke riu enquanto Sam se virava para fazer a primeira curva para rolar a bola lisa pela pista.

Luke estava se arrependendo seriamente de ter escolhido essa atividade. Não porque se importasse que Sam estivesse limpando o chão com ele. Ele realmente não poderia se importar menos com isso. Na verdade, ele achou bastante sexy. Não. O problema era que ele estava tendo muita dificuldade para jogar boliche enquanto sustentava uma ereção.

Cada vez que ele ficava sob controle, ela se abaixava para rolar a bola, o que fazia com que sua bunda magnífica ficasse à mostra. Ele tentou não olhar, mas as esferas perfeitas eram como um ímã que atraía seus olhos. Ela tinha o traseiro em forma de coração mais perfeito. Era quase bom demais para ser verdade.

Como se isso não bastasse, toda vez que ela se abaixava para pegar a bola, consertar os sapatos ou se esticar, porque, sim, ela estava levando isso tão a sério, sua camiseta rosa clara de gola redonda dava a ele apenas um vislumbre do sutiã rosa sexy que ela estava usando, que tinha um pequeno laço branco no centro. Claro, o sutiã era sexy o suficiente, mas a pior parte, ou a melhor parte, dependendo de como você olhava, era que o sutiã apresentava decote suficiente para deixar claro que o par de seios dentro dele era um dos os mais magníficos conhecidos pela humanidade.

Santo Deus, da última vez que ela se abaixou, a boca dele literalmente encheu de água!

Ele basicamente gastou todo o encontro babando e de pau duro. Quando Sam estava a vinte metros dele, ele não conseguia manter seu corpo sob controle. Ele balançou a cabeça. O beijo foi o que começou esta noite. Samantha Holt não era apenas sexy, inteligente, bonita, fofa e engraçada, mas ela podia beijar como ninguém mais que os lábios dele já haviam tocado. Ele não conseguia parar de pensar nisso. Estava rapidamente se tornando um viciado, percebeu, viciado em seus beijos.

Ele não estava brincando quando disse que sempre queria um beijo. Ele sempre queria um beijo. Havia ficado três dias sem um, e honestamente não tinha certeza se poderia fazer isso de novo.

Ele suspirou. Se beijá-la o afetava tanto, não conseguia nem começar a pensar no que aconteceria quando finalmente fizesse amor com Sam. Ele olhou para seu jeans. *Desligue*, disse a si mesmo. Era melhor tanto para sua baba quanto para sua ereção se ele não deixasse sua mente vagar para muito longe naquele caminho.

— Ei, Terra para Luke. É a sua vez — Sam cantarolou, acenando com a mão na frente do rosto. — A menos, é claro, que você queira desistir... o que eu entendo perfeitamente. Quero dizer, a probabilidade de você virar é quase nenhuma.

Tudo bem, disse a si mesmo severamente. Hora de tirar a cabeça de seu C-U — como sua mãe parafrasearia — e parar de ficar pensando em Sam como se fosse um adolescente apaixonado.

Luke sorriu, levantou-se e pegou sua bola de boliche da carruagem de retorno. Ele fez a curta viagem até a linha em três passos confiantes, definiu sua forma, concentrou-se, puxou o braço para trás e lançou a bola, fazendo-a rolar pela pista e derrubar todos os pinos.

*Strike.*

Ele voltou para onde Sam estava parada com a boca ligeiramente aberta. Balançando a cabeça ligeiramente, ele puxou o queixo dela para que ela olhasse diretamente em seus olhos.

— Por que eu iria querer parar? Baby, estou apenas começando.

Ele se inclinou para beijá-la, principalmente porque não conseguiu se conter.

Depois que se afastou, ela tropeçou um pouco no caminho para o retorno da bola e ficou ligeiramente trêmula ao pegar a bola de boliche. Enquanto ela caminhava para a pista, vacilou um pouco e não parecia tão focada. Ela puxou o braço para trás e lançou a bola, e quando esta alcançou o final da pista, quatro pinos permaneceram em pé.

Ela girou sobre os calcanhares e apontou o dedo em acusação.

— Ei, você fez isso de propósito!

Ele ergueu as mãos em sinal de rendição.

— Eu realmente não sabia, mas se eu soubesse que era o suficiente para te atrapalhar, eu teria tentado muito antes.

Sam riu.

— Oh, eu te desafio a tentar de novo — ela proclamou atrevidamente.  
— Da próxima vez, estarei preparada.

— Eu acredito que vou aceitar isso — Luke respondeu com a voz rouca, e ele aceitou.

Sempre que era a vez de Sam, Luke a agarrava e a beijava. Claro, ela protestou um pouco. Ele teve que persegui-la algumas vezes para pegá-la. Ela o ameaçou com várias formas de tortura se ele não parasse. Mas seus protestos vazios eram sempre entregues com risos e, no final, ele sempre acabava com ela nos braços. Foi uma boa noite.

Enquanto eles caminhavam para o estacionamento, entretanto, Luke podia sentir que algo havia mudado entre eles. Ele não sabia se eram todos os beijos ou se ela estava sentindo a pressão de se despedir e o constrangimento que sempre acompanhava a decisão de irem para casa juntos ou não, mas algo parecia mais intenso entre eles.

Sam estava enrolada em uma jaqueta, luvas, um cachecol e um gorro. Maldição, ele pensou consigo mesmo. Mesmo coberta da cabeça aos pés com roupas de neve volumosas, ela era sexy pra cacete.

Ele considerou seu próximo movimento. Deveria convidá-la para sua casa ou deveria apenas beijá-la e fazer com que os dois seguissem seus caminhos?

Ele sabia o que seu corpo estava lhe dizendo para fazer. Essa não era a questão. Mas, inferno, se ele ouvisse apenas seu corpo, ele a teria deitada em um dos bancos, tirado sua calça jeans e se enterrado dentro dela. Ele precisava envolver seu cérebro nessa decisão também. Pelo menos um pouco.

O carro dela estava estacionado no final do estacionamento, ao lado de seu SUV. Quando chegaram à porta de seu Fusca, ele ainda não tinha decidido o que fazer, no final das contas, mas ele sabia de uma coisa que definitivamente precisava fazer. Quando ela se virou para se despedir, ele pegou seu lindo rosto nas mãos e se abaixou para dar a ela — pelo menos — mais um beijo antes que a noite terminasse.

Ele realmente queria, no início, pretendia totalmente que aquele beijo fosse curto e doce, mas quando seus lábios tocaram os dela, ele sentiu um gemido vibrar através dela e perdeu completamente o controle de seus sentidos. Ela abriu a boca e ele deslizou a língua por seus lábios. A dela estava ali para encontrar a dele.

Assim que suas línguas se tocaram, foi como se algo estalasse dentro dele. Um desejo explodiu, e ele pressionou seu corpo contra o dela,

fazendo-a ser empurrada contra a lateral de seu carro.

Sua respiração se acelerou e ele percebeu que a dela estava acompanhando a dele, tornando-se rápida e instável. Cada resposta que ele sentia em seu corpo parecia conduzir seu desejo de subir a maiores alturas.

O beijo não era suficiente; ele precisava senti-la. Suas mãos vagaram para cima e para baixo em seu corpo, explorando cada contorno, valorizando cada curva.

— Deus, Sam, eu quero tanto você — ele gemeu contra sua boca antes de mergulhar sua língua de volta dentro dela.

Ela estava encontrando-o, lambida por lambida, rodopio por rodopio e impulso por impulso. Suas mãos estavam agarradas ao pescoço dele como se ela estivesse pendurada para salvar sua vida.

— Eu... eu preciso... — ela engasgou entre beijos.

— Eu sei, baby. Eu sei do que você precisa. Eu preciso disso também — Luke murmurou contra sua boca, suas mãos continuando a explorá-la através de suas camadas de roupas.

Seus dedos encontraram sua bunda em forma de coração perfeita e ele a agarrou com força, puxando-a para si e fazendo-a se esfregar contra sua ereção latejante. Droga, ele a queria tanto.

Samantha gemeu, afastando-se de sua boca, lutando sem fôlego para falar:

— Eu preciso... eu preciso te dizer...

Ele continuou a massagear os globos firmes de seu traseiro. Ele podia sentir o calor irradiando de seu centro. A fricção do corpo esfregando contra sua ereção esticada estava construindo a necessidade dentro dele, e ele mal ouviu o que ela estava dizendo.

Ele deslizou a mão entre o ápice de suas pernas, e mesmo através de seu jeans apertado, ele poderia dizer que ela estava molhada e macia. Ela separou as pernas ligeiramente, convidando-o sem palavras a ir mais longe. Ele começou a esfregar lentamente, mas com firmeza, beijando seu doce pescoço enquanto aplicava o ritmo suave através de suas calças.

Sua respiração estava ficando mais rápida e ela emitia sons baixos de prazer. Cada uma dessas pequenas exalações de êxtase desencadeava uma resposta fisiológica nele, fazendo-o sentir como se estivessem fisicamente envolvendo seu pau e apertando.

— Oh, Deus, isso é tão bom — ela engasgou enquanto apertava seu pescoço com mais força —, mas... eu tenho que te dizer... eu preciso te dizer...

— O quê, baby? Você pode me dizer qualquer coisa. — Ele tentou fazer sua voz soar suave, não transmitindo o que ele desesperadamente queria, precisava. Ele podia ouvir seu sangue sendo bombeado e tinha certeza de que ela também podia. Ainda assim, ele não achava que ela tinha um pecado muito grande para confessar. Se ele não estivesse enganado, ela se sentia exatamente da mesma maneira.

— Eu... eu sou... eu sou... — Ela parecia estar tendo dificuldade em juntar duas palavras.

Ele se afastou, fazendo um esforço hercúleo para se recompor e dar a seu pronunciamento aparentemente sério a atenção que merecia.

Ele sorriu para ela e disse:

— O quê, Sam? Apenas me diga. O que é?

— Eu sou... virgem.

Luke congelou.

De todas as coisas que ele esperava ouvir, isso nem estava em jogo. Ele baixou as mãos e olhou para ela, sem acreditar nos próprios ouvidos.

— Você é o quê? — ele perguntou, certo de que deveria ter ouvido errado.

— Eu sou virgem — Sam repetiu antes que seus olhos se enchessem de lágrimas e ela escancarou a porta do carro, saltou para dentro e saiu em disparada do estacionamento.

Luke ouviu o silêncio por um momento, tentando processar como, apenas trinta segundos atrás, ele estivera beijando a mulher mais gostosa do planeta e agora estava sozinho na neve.

— O que diabos aconteceu? — Luke perguntou à noite vazia, mas nenhuma resposta veio.



Luke se virou para olhar o relógio de cabeceira. Os números digitais vermelhos marcavam quatro e quinze.

Luke não tinha dormido na noite anterior. Ele passou a noite inteira tentando processar o que Sam tinha contado a ele antes de sair correndo do estacionamento. Ele tinha tantas perguntas.

A primeira delas foi: Como alguém da idade de Sam ainda podia ser virgem? Especialmente porque ela disse que teve vários relacionamentos de longo prazo. Talvez fosse uma coisa religiosa? Mas se esse fosse o caso, por que ela ficaria tão chateada ao contar a ele? Ele achava que as garotas que “se guardavam” de propósito geralmente ficavam muito orgulhosas dessa conquista, então isso não se encaixava.

Talvez fosse um problema físico? Ou psicológico? Mas, novamente, isso não fazia nenhum sentido porque Sam era muito sensível a ele. Se ela tivesse aversão à intimidade física, até e incluindo sexo, ela não teria respondido aos avanços dele de forma mais tímida ou mesmo com nojo? Ela tinha sido uma parceira entusiasmada em suas sessões de amassos. Então, qual era o problema?

Ele havia mandado uma mensagem para ela ontem à noite perguntando se ela havia chegado em casa com segurança e se estava bem. Ela respondeu rapidamente com um “sim.” Nada mais.

Ele sabia que provavelmente deveria ter lidado com a situação melhor do que fez. Com certeza essa era a questão. Mas a verdade é que ele ficou tão chocado quando ela lhe disse, que ele não soube o que falar. O fato de

que a maior parte do sangue havia corrido da cabeça em seus ombros para baixo de sua cintura, deixando-o lutando para formar um pensamento coerente, também não ajudou em seu tempo de resposta. Além disso, ela saiu com tanta pressa que realmente não deu a ele a chance de dizer ou fazer muita coisa.

Luke ainda não sabia o que fazer ou pensar, mas pelo menos se ela tivesse ficado, ele poderia ter perguntado mais sobre as circunstâncias em torno da bomba que ela jogou sobre ele. Ele precisava falar com Sam, consertar tudo isso. Não tinha certeza de como esse novo desenvolvimento afetaria seu relacionamento no curto prazo, mas tinha certeza de uma coisa, ele não iria deixar isso atrapalhar permanentemente o que estava acontecendo entre eles. Ele simplesmente não permitiria.

Estava tentando de tudo que podia para clarear a cabeça, mas até falar com Sam, ele simplesmente não achava que isso seria possível. Estava inquieto, agitado, frustrado. Ele não via isso melhorando enquanto as coisas estivessem confusas entre ele e Samantha.

*Bem, inferno, ele pensou mal-humorado. É melhor começar o dia.*

Ele decidiu dar uma retocada na última cabana que eles tinham que terminar antes da Grande Reabertura e colocar toda essa energia reprimida em bom uso.

Horas depois, seus músculos doíam e ele estava coberto de suor. No entanto, todo aquele trabalho físico ainda não tinha servido para tirar a situação de Sam de sua cabeça como ele esperava. Durante todo o dia, a única coisa que ele queria fazer era deixar o local de trabalho e encontrar Sam. Ele sabia que se a visse cara a cara, poderia forçá-la a falar com ele. Era tão tentador. Mas ele conhecia Samantha, então sabia que uma conversa pessoal não seria bem-vinda aqui. Ela era profissional, inflexível sobre separar negócios de prazer, ou brigas, como fosse o caso.

Ele mandou uma mensagem naquela manhã para dizer que sentia falta dela e para perguntar como ela estava. Tudo o que ele obteve em resposta foi uma palavra: “ótima”. Mais uma razão para não forçar a conversa. Ela estava telegrafando em alto e bom som que precisava de algum espaço. Mas, caramba, ele queria falar com ela, vê-la cara a cara, olhar em seus olhos. Enviar mensagens de texto não era suficiente.

Ele tentou não deixar que o fato de as mensagens dela terem sido tão curtas e abruptas o desencorajasse no geral. Tentou não imaginar o pior.



Ela só precisava de um pouco de espaço, dizia a si mesmo sem parar. Mas às vezes — não, risque isso —, na maior parte do tempo com Sam, era realmente difícil entender o que estava acontecendo em sua cabeça.

Droga. Ele nunca se preocupou tanto com o que uma mulher estava pensando. Nunca precisou. Com a maioria das mulheres com quem ele namorou, não havia um grande mistério sobre o que se passava em suas mentes, porque elas não podiam calar a boca sobre isso. Sua experiência tinha sido que as mulheres eram fisicamente incapazes de não falar constantemente sobre como se sentiam, por que se sentiam assim, como achavam que ele provavelmente se sentia, por que achavam que ele provavelmente se sentia assim.

Ele sabia que esse não era o estilo de Samantha. Antes de começar a sair com ela, ele teria jurado que namorar uma mulher que não queria ter uma conversa sobre sentimentos a cada dois dias seria uma mudança relaxante e bem-vinda, mas ele percebeu agora que tinha sido um idiota quando sobre isso. Adivinhar o que uma mulher estava sentindo era dez vezes mais estressante do que ouvir sobre isso sem parar.

Como traço de caráter, ele admirava que Samantha mantivesse as coisas sob controle. Mas como alguém que queria saber como ela se sentia, ele só queria que ela não o excluísse. Ele certamente não queria incomodá-la se ela precisasse de espaço, mas quanto espaço ele deveria dar a ela? Havia uma linha tênue entre “Estou levando em consideração seus sentimentos” e “Não desejo entrar em contato com você,” e ele definitivamente não queria cruzar essa linha!

— Ei, cuidado com a cabeça!

Luke se abaixou quando Justin passou, carregando uma pilha de madeira.

— Cara, Luke, você tá aéreo hoje. Sam chutou sua bunda com tanta força no boliche que você ainda não se recuperou ou o quê?

— Algo parecido. — Luke percebeu a tensão em sua própria voz.

Justin deu a ele um olhar questionador, mas felizmente não respondeu com perguntas. Luke estava tão cheio das próprias perguntas que achava que não conseguiria lidar com mais nenhuma de uma fonte externa.

O resto do dia foi repleto de trabalho árduo, cansativo e suado e Luke estava grato por isso. Por volta das seis da tarde, a tripulação já estava lá há quase doze horas e finalmente terminou com a última cabine.

Justin fez uma pequena produção disso, convidando Eric, Ryan, Jake e Luke — os caras que estavam lá trabalhando — para se reunirem e fazerem uma contagem regressiva de dez enquanto ele batia o último prego.

Quando a torcida acabou, Justin virou-se para o grupo e disse:

— Gente, sério. Vocês não sabem o que significa para Amanda e para mim que vocês tenham se apresentado e nos ajudado com isso do jeito que fizeram. Eu sei que todos vocês têm feito seus trabalhos regulares à noite e colocado grande parte da sua vida em espera. Muito obrigado. Se houvesse uma maneira de retribuir a vocês, acredite, eu o faria. Mas até então... cervejas no JT por minha conta?

Os caras aplaudiram novamente e começaram a se dirigir aos seus carros para dirigir até um bar em Hope Falls, o *JT's Roadhouse*.

Claro, Luke queria muito ir ver Sam, mas decidiu que tomar algumas cervejas com os rapazes podia não ser uma ideia tão ruim. Ele esperava que o trabalho físico o ajudasse a clarear sua cabeça, e isso ajudou, mas infelizmente, não resolveu inteiramente. No entanto, ele pensou com otimismo, talvez o álcool e um pouco de ligação masculina conseguissem limpar seu cérebro sobrecarregado onde o golpe de um martelo falhou.

--- ~ ---

Sam estava feliz por Lauren ter mandado uma mensagem para ela dizendo que estava passando para pegar seus vestidos. Sam precisava falar com alguém, expor todos os sentimentos confusos que pulsavam dentro dela e, com sorte, organizá-los em alguma aparência de ordem. Ela tinha passado o dia inteiro com Amanda, é verdade, mas não queria sobrecarregar Amanda com seu drama.

Amanda tinha um estresse real, um negócio para administrar, uma equipe e uma Reabertura dali a uma semana. Ela não teve um momento para ficar parada, muito menos vários momentos para ouvir Sam

reclamando sobre o estado do seu... hum... o que quer que Sam e Luke fossem.

Como Sam estava preparando o jantar quando Lauren mandou uma mensagem, ela convidou Lauren para se juntar a ela, e Lauren prontamente concordou. O jantar estava quase acabando quando Lauren chegou, e Sam ficou maravilhada porque, como sempre, Lauren chegou parecendo pertencer a um catálogo da *Saks Fifth Avenue*, e não às ruas de Hope Falls.

Sam olhou para seu jeans e suéter, uma roupa que era realmente chique para ela, e percebeu que ela não achava que algum dia teria a graça e o estilo sem esforço que Karina e Lauren possuíam.

Mas tudo bem. Sam estava bem com isso. Ela se sentia confortável em sua própria pele e em suas próprias roupas. Tinha sido um pequeno ajuste se acostumar a não usar moletom e tênis de corrida o tempo todo, mas estava feliz com isso agora que havia mudado completamente. Ela se sentia mais como uma adulta e menos como um resquício do time de atletismo do colégio.

— Então, Sammi, o que houve? Você parece estressada — Lauren disse imediatamente após entrar.

Ela sempre foi do tipo que vai direto ao cerne da questão. Não perdia tempo com amabilidades quando havia algo importante a ser dito.

— Estou bem. Totalmente bem. Achei que seria uma boa companhia para o jantar. Como vai o negócio? Você parecia muito ocupada ultimamente.

Sam não tinha certeza de como articular o que estava incomodando-a, então ela tentou adiar essa parte da conversa. Tinha certeza de que sua língua fluiria mais livremente assim que comesçassem a comer e beber o vinho, é claro.

Sam encheu os pratos de ambas com salmão e feijão verde enquanto Lauren servia a cada uma delas um copo de rico Pinot Noir.

— O negócio vai bem. Sim, estou ocupada. Agora, o que está incomodando você, Sam? — Lauren não era facilmente desviada.

Elas se sentaram no canto da cozinha de Sam e começaram a comer. Sam tentou descobrir por onde começar. Não queria ser uma daquelas garotas que pensavam que suas amigas se importavam com cada pequeno detalhe de qualquer problema que estivessem tendo. Morara com garotas assim e, ah, cara, elas eram cansativas.

Na maior parte do tempo, Sam era boa em resolver as coisas sozinha. Ela se destacou em localizar um problema e, em seguida, encontrar uma solução. Mas, droga, havia momentos em que uma garota só precisava de suas amigas!

— Então... eu disse a Luke que era virgem — Sam deixou escapar, esperando que Lauren ofegasse ou apertasse o peito ou pelo menos arregalasse os olhos. Ela deveria conhecer sua amiga melhor.

— E como ele respondeu? — Lauren perguntou calmamente.

— Ele realmente não respondeu. Ele apenas perguntou o que eu disse, então eu repeti e fui embora.

— Quando isto aconteceu?

— Noite passada. Fomos ao *The Lanes*. Eu disse a ele no estacionamento.

Lauren continuou pacientemente.

— Sammi, vou precisar de um pouco mais de contexto. Vocês estavam conversando ou o quê? Sobre o que vocês estavam falando? Você simplesmente disse: “Boa noite. Me diverti muito. Ah, a propósito, eu sou virgem?” Defina o cenário para mim! Finja que você é Amanda contando a história.

Sam concordou.

— Então, fomos jogar boliche na noite passada, nos divertimos muito. Então, quando estávamos no meu carro, Luke me beijou. Foi mais intenso do que qualquer beijo que já experimentei. Fiquei maravilhada. Nunca me senti assim antes.

Sam respirou fundo e se sacudiu um pouco para controlar os formigamentos que começavam a se manifestar em sua pele e o arrepio que subia por sua espinha com a simples lembrança disso.

— Parece um beijo muito bom — Lauren interrompeu.

— Oh, foi... eu acho. Eu não sei, realmente. Eu não conseguia pensar. Eu não conseguia formar uma frase. Eu definitivamente não conseguia parar para classificá-lo. Tudo que eu queria fazer enquanto estava acontecendo era apenas... sentir.

— Sim, esse é definitivamente um bom beijo — Lauren confirmou.

— A questão é que eu não tinha controle. Foi estranho. Continuei tentando dizer a ele, mas as palavras não saíam. Eu começava a contar a

ele, e então ele estava me beijando e me tocando... e eu perdia minha linha de pensamento.

— Nada disso parece ruim até agora. Parece que vocês têm uma química insana e, acredite, isso não acontece todos os dias.

— Ou mesmo a cada década da minha experiência — Sam afirmou miseravelmente.

— Então, quão longe as coisas foram antes de você contar a ele? — Lauren perguntou, parecendo um pouco preocupada.

— Não tão longe. Ainda estávamos com todas as nossas roupas, de qualquer forma. — Mais uma vez, ela fez uma pausa para respirar fundo. — Mas quando eu contei a ele, foi quando as coisas deram errado. O beijo, o toque, tudo parou. Ele apenas parou. Então ele disse “O quê?”, então eu disse a ele novamente. Pior de tudo, comecei a chorar. Obviamente, eu não queria que ele visse isso, então fui embora.

— Espere o quê? Você começou a chorar? Por quê? E ele simplesmente deixou você sair?

— Não sei por que comecei a chorar! — Sam disse, a derrota ressoando em sua voz. — Eu estava tão... eu só... Ah, eu estava com vergonha, eu acho. Nunca me senti assim. Não tenho ideia se era só porque estava nervosa ou o quê.

— Então, você falou com ele desde a noite passada? — Lauren procedeu com cuidado, pois ela podia ver que Sam estava realmente chateado com a situação.

— Ele me mandou mensagens algumas vezes, mas eu não o vi ou falei com ele. — Sam suspirou.

— Bem, o que as mensagens dele dizem?

— Na noite passada, ele mandou uma mensagem dizendo que queria saber se eu estava em casa e se estava tudo bem. Hoje ele disse que sentiu minha falta e perguntou novamente se eu estava bem.

Lauren sorriu.

— Acho que posso ser convencida a gostar desse cara. Sam, parece que ele está

realmente tentando.

Sam concordou miseravelmente.

Lauren tentou novamente:

— O que você respondeu?

— Ontem à noite, eu disse, sim, e esta manhã eu disse, tudo bem.

— Uau, Sammi. Você realmente tem jeito com as palavras — Lauren disse secamente.

— Bem, eu não sei o que dizer a ele! — As mãos de Sam voaram em frustração e sua voz aumentou, estridente.

— Olha, Sam — Lauren disse calmamente. — Eu sei que isso é novo para você e que você tem algumas inseguranças quando se trata de Luke por causa de quem ele é e seu nível de experiência. Mas o melhor conselho que posso dar é simplesmente falar com ele. Nada disso vai ficar melhor ou menos confuso até que você faça.

Sam suspirou trêmulo.

— Eu sei que você está certa. Digo a mim mesma a mesma coisa. Quando começa a desmoronar é que eu simplesmente não sei o que dizer, ou como dizer, ou mesmo quando trazer isso à tona. Simplesmente não tive a oportunidade certa.

Lauren estendeu o braço por cima da mesa e pegou a mão de Sam com simpatia, e elas ficaram assim, em silêncio, até que Sam baixou a cabeça na mesa.

— Por que isso tem que ser tão difícil?

As duas mulheres ouviram uma rápida batida na porta, que se abriu antes mesmo que elas pudessem reagir. No momento em que Sam estava se levantando para ver quem achava que poderia simplesmente entrar em sua casa, Amanda e Karina entraram pela porta de entrada da cozinha.

— Peguem seus casacos — Karina comandou. — Nós vamos para o JT's.

— Vamos invadir a noite dos meninos — acrescentou Amanda, pulando um pouco para cima e para baixo e batendo palmas.

As sobancelhas de Lauren se ergueram.

— Noite dos meninos?

— Justin levou os caras para agradecê-los por ajudar com as cabines. Sam e eu temos trabalhado como loucas também, então estou levando vocês para sair. Amy vai nos encontrar lá. Peguem seus casacos. Vai ser divertido.

Lauren olhou para Sam.

— Bem, parece que a oportunidade pela qual você estava esperando literalmente bateu à sua porta.

Amanda e Karina olharam uma para a outra e depois para Sam e Lauren.

— Não estou seguindo. O que perdemos? — Amanda, nunca querendo ficar de fora de nada, perguntou.

Lauren estava puxando Sam junto com ela.

— Vamos explicar no carro. Eu dirijo.



# 18

Luke estava sentado em uma banquetta do bar, examinando o pequeno ambiente escuro. Estava cheio de casais e amigos, o cheiro de cerveja, o som de risadas. Música estava tocando e vários casais estavam na pequena pista de dança, que era basicamente um espaço vazio criado por empurrar algumas mesas para trás.

Ele tinha uma cerveja na mão e estava cercado por caras que agora considerava amigos. Eric e Jake estavam conversando com duas senhoras atraentes no final do bar. Luke tinha ouvido as garotas dizerem que estavam visitando uma amiga em uma cidade próxima. As mulheres pareciam estar gostando da atenção.

Justin e Ryan estavam debatendo o uso de esteróides no beisebol, e esse era normalmente um assunto que teria prendido a atenção de Luke. Mas esta noite, tudo em que ele conseguia pensar era em Sam. Sam e aquele beijo. Sam e sua bomba. Sam e os textos cortados.

Jake se levantou e levou sua “acompanhante” para a pista de dança. Ela estava rindo quando imediatamente colou-se ao peito de Jake assim que eles começaram a balançar com a lenta canção de amor.

Luke tinha visto esse cenário se desenrolar milhares de vezes, e na maioria das vezes, ele era um dos participantes da cena. O cara conhece a garota. Eles flertam por mais ou menos uma hora, vão para casa juntos e se divertem. E então o cara e a garota seguem caminhos separados.

Não era o material do qual as histórias de amor épicas são feitas, mas na vida de Luke, era um cenário familiar e costumava satisfazê-lo. Ele



conhecia o jogo e o jogava bem. Ele balançou sua cabeça. Mas agora? Ele parou de jogar. Queria mais. Queria Sam.

Luke decidiu que ia encerrar a noite. Por mais que estivesse gostando da companhia dos caras, a cena dos bares não era mais sua casa. Isso apenas o lembrava de como a companhia de Sam era muito mais excitante e satisfatória do que qualquer uma dessas companhias de mulheres anônimas jamais poderia ser.

A primeira coisa amanhã de manhã, seria passar na casa de Sam, e ela teria que falar com ele. Parecia que ela o estivera evitando o dia todo, e isso iria parar.

Eles só precisavam conversar, ele se assegurou. Se eles pudessem se ver cara a cara, olhar um ao outro nos olhos, ele sabia que tudo se resolveria. Não só isso, mas Luke queria algumas respostas. Não era como se ele planejasse interrogá-la ou algo assim, mas ele tinha algumas perguntas pendentes, e esperava que ela se sentisse confortável o suficiente com ele para respondê-las.

Quando estava tomando seu último gole de cerveja, a porta do bar se abriu e ele ouviu vozes familiares. Olhou para cima a tempo de ver Amanda, Lauren e Karina caminhando em sua direção e os caras com quem ele estava.

Amanda e Karina foram direto para seus respectivos homens, e Luke teve que sorrir ao ver como Justin e Ryan se iluminaram ao ver suas mulheres. Isso era o que ele queria para si mesmo.

Lauren acenou para o grupo, em seguida, mudou-se para o final do bar e sentou-se ao lado de Eric, que imediatamente se virou e parecia feliz em vê-la.

Sim, Luke pensou. Mais uma prova de que esta é a minha deixa para ir.

Enquanto Luke agradecia a Justin pela cerveja e se preparava para sair, a porta se abriu novamente e, desta vez, Sam entrou com uma garota que Luke nunca vira antes. Ele ouviu Eric dizer:

— Oi, mana — para a garota com Sam, e ela passou por Luke, continuando até o final do bar para se sentar ao lado de Lauren. Isso deixou Sam sozinha, de frente para ele.

Assim que Sam o viu, seus olhos se encontraram e um sorriso tímido se espalhou por seu rosto. Luke caminhou até ela, um sorriso de resposta se espalhando em seu próprio rosto também.

— Oi, linda — ele disse e a beijou rapidamente nos lábios.

— Oi — ela respondeu, olhando para ele com uma expressão sexy que quase o derrubou.

Decidindo que um beijinho rápido não tinha sido suficiente, ele continuou por alguns segundos. No momento em que os lábios macios dela tocaram os dele, ele sentiu todo o estresse que vinha crescendo desde a noite anterior drenar magicamente de seu corpo como se nunca tivesse estado lá. Sam tinha esse efeito sobre ele. Ela o trazia à vida.

Falando em ser trazido à vida, ele pensou com tristeza, sentindo seu jeans ficar desconfortável. Terminou o beijo antes que a situação saísse do controle e se envergonhasse.

Sam corou um pouco e o apresentou à mulher com quem ela havia entrado.

— Hum, Luke, esta é Amy. Ela é irmã de Eric e Jake.

Luke estendeu a mão.

— Prazer em conhecê-la, Amy.

Amy sorriu conscientemente enquanto olhava entre Sam e Luke.

— Igualmente.

Amanda, que agora tinha terminado com seus beijos de olá para Justin, virou-se para o grupo e disse:

— Estamos invadindo a noite dos meninos, mas não se preocupem. Nem sonharíamos em colocar um amortecedor em toda essa ligação masculina movida a testosterona que está acontecendo aqui. Não vamos incomodar vocês nem um pouco. Na verdade, acho que vejo uma mesa de sinuca bem ali com o nosso nome.

Justin sorriu.

— Bem, já que você invadiu a noite dos meninos, acho que essa reviravolta é um jogo justo. Vamos invadir a noite das meninas. Acho que nos juntaremos a vocês na mesa de sinuca.

Um sorriso enorme e feliz apareceu no rosto de Amanda, e Justin a puxou para perto dele. Ele sussurrou algo em seu ouvido que Luke não conseguiu ouvir, mas um rubor subiu nas bochechas de Amanda e ela riu.

Karina e Ryan ainda estavam “dizendo olá” quando Jake voltou para o grupo sem sua parceira de dança.

— Eu ouvi um jogo de sinuca sendo organizado? Se estivermos formando equipes, quero Amy. Minha irmã tem algumas habilidades sérias

na sinuca!

Eric olhou para seu irmão e puxou Lauren do banquinho, atirando de volta:

— Fechou, irmãozinho! Lauren e eu formamos um time muito bom no minigolfe no mês passado. O perdedor paga a rodada.

Lauren parecia um pouco surpresa.

— Adoro o seu entusiasmo, Eric, mas devo lembrar que chegamos em último lugar no minigolfe.

Eric deu um grande sorriso para ela e disse:

— Mas nenhum de nós se importou, o que nos torna uma ótima equipe.

— Pegamos a outra mesa, sem ofensa, mas quero jogar contra Karina e Ryan. Pelo menos então teremos uma chance de lutar — Amanda disse, piscando para Sam enquanto puxava Karina do colo de Ryan e os dois casais foram para trás reivindicar a segunda mesa.

No instante em que Sam e Luke ficaram sozinhos, a energia entre eles mudou. Luke percebeu que Sam não estava fazendo contato visual com ele. Ele sabia que eles tinham muito o que conversar, mas também sabia que não era a hora nem o lugar para entrar nisso. Decidiu tentar aliviar a energia entre eles.

— Você gostaria de uma bebida ou talvez gostaria de dançar? — Luke perguntou. Ele podia sentir que prendia a respiração enquanto esperava pela resposta dela. Queria Sam em seus braços quase mais do que queria respirar.

— Dançar parece legal — Sam disse timidamente, e ele podia ver um rubor nas bochechas dela.

Enquanto Luke conduzia Sam para a pista de dança improvisada e a puxava para seus braços, ele a sentiu derreter dentro dele como se seu corpo tivesse sido formado especificamente para caber dentro de seus braços. Ele acreditava que ela poderia ter sido. O som da poderosa balada de amor de Leann Rimes “How Do I Live” flutuou pelo bar enquanto ele se deleitava com a sensação de segurar o corpo balançando de Sam.

Quando ele agarrou sua cintura com mais força, um pequeno som ofegante escapou dela. Era o mesmo barulho que ela fizera na noite anterior, quando ele a pressionou contra o carro. O pequeno som e a onda de respiração quente que ele sentiu contra o pescoço foram direto para sua virilha. Ele sentiu seu jeans ficando mais apertado a cada segundo.

Ela aconchegou a cabeça em seu peito, e ele sentiu seu cabelo macio e perfumado fazendo cócegas em seu pescoço. Ele estava esfregando círculos lentos ao redor da base das costas dela com os polegares.

Isso era o que ele estava sentindo falta em sua vida. Esse sentimento. Essa conexão. Essa garota. A música terminou cedo demais, e ele sentiu Sam começar a se afastar dele. Droga. Ela não tinha se afastado dele por mais do que uma fração de segundo e ele já sentia falta da sensação dela contra seu corpo.

— Obrigada pela dança — disse ela levemente enquanto voltava para as banquetas.

— A qualquer hora — respondeu ele, esperando ter sido capaz de corresponder ao tom leve dela, e que os efeitos físicos da dança diminuíssem o suficiente para serem imperceptíveis na caminhada de volta para as banquetas. Não ajudou, porém, que Sam estivesse andando na frente dele, balançando aquele traseiro sexy dela para frente e para trás.

Suas mãos flexionaram com a memória de ter aquele doce traseiro em suas mãos na noite anterior. Ele balançou sua cabeça. Realmente precisava parar com esse tipo de pensamento se quisesse se controlar.

Enquanto eles se aproximavam do bar, ele acenou para o barman, um cara tatuado que parecia ter visto uma ou duas coisas em sua época.

— Outra cerveja, por favor? — ele pediu.

Ignorando aparentemente de forma intencional a fala dele, o barman sorriu para Luke em afirmação e acrescentou:

— O que você gostaria, Sam?

Luke colocou o braço em volta de Sam e puxou-a para perto apenas para deixar claro que ela estava com ele e não disponível.

Uau. Isso era novo. Ele nunca havia sentido a necessidade de “reivindicar sua mulher” antes. Na verdade, antes desse momento, Luke teria jurado que não tinha um osso possessivo ou ciumento em seu corpo. Sam lançou-lhe um olhar estranho e devolveu o sorriso amigável do barman, dizendo:

— Cerveja tá bom. Obrigada, Levi. Traz uma light. Como você está?

— Bem, Sammi. Tudo bem. Como está a gostosa da neve residente em Hope Falls? — O barman sorriu para Sam, um sorriso um pouco longo e familiar demais para o conforto de Luke.

Luke olhou para Sam para ver como ela reagiria ao flerte de Levi. Ela franziu o rosto em descrença e bufou:

— Eu não sei sobre a “gostosa da neve”, mas estou indo bem. — Oh, cara. Ela realmente não tinha ideia do efeito que tinha nos homens.

Levi, para seu crédito, apenas balançou a cabeça um pouco e sorriu, mas não empurrou mais, encerrou dizendo:

— Garrafa ou chope, então, Sammi?

— Garrafa. Obrigada.

— Beleza. — Ele piscou e se virou para pegar as cervejas.

Depois de colocar suas bebidas na frente deles, ele foi até o final do bar para servir as duas senhoras que haviam sido abandonadas por Eric e Jake. As duas estavam fazendo beicinho até que Levi disse algo que Luke não conseguiu ouvir. Então a risada voltou.

Luke olhou de volta para Sam e ficou impressionado com as diferenças marcantes entre as mulheres. Essas mulheres estavam vestidas para chamar a atenção. Elas estavam constantemente examinando o bar até que conseguiram um homem para lhes dar a atenção que estavam procurando. Elas aceitavam tudo, qualquer pequeno elogio que qualquer velho faria. Enviando o tipo de sinal que permite a um cara saber que é uma coisa certa.

Essas mulheres, embora atraentes e obviamente animadas, não faziam absolutamente nada por ele. Zero. Nada. Então havia Sam, vestindo jeans e um suéter, não buscando absolutamente nenhuma atenção do sexo oposto. Ela olhou para o barman como se ele tivesse crescido duas vezes quando flertou com ela, chegando mesmo a bufar. E ela definitivamente não estava transmitindo uma vibração de certeza.

Sua respiração se acelerou. Deus, apenas sentar ao lado de Sam o estava deixando duro. Ele nem mesmo precisou tocá-la. Ele sempre sentiu uma consciência elétrica quando ela estava a quinze metros dele que nunca sentia com ninguém. Ela tinha um efeito sobre ele que era completamente único. Ele gostava.

Ela olhou para ele quase timidamente.

— O quê?

— Você realmente não tem ideia de como é bonita, não é? — Ele esfregou a base de sua coluna com o polegar e sentiu um arrepio percorrer suas costas.

Lentamente, ela balançou a cabeça sem acreditar.

— Não. — Ela olhou para ele com tanta sinceridade que ele sabia que ela estava falando com toda a honestidade, e isso partiu um pouco seu coração.

Ele pegou o rosto dela gentilmente em suas mãos e inclinou a cabeça dela para que seus lábios estivessem separados por apenas um suspiro. E murmurou:

— Samantha Holt, você é a mulher mais sexy que já conheci. Você. É. Linda.

Abaixando a cabeça, ele beijou seus lábios suave e docemente.

Ele estava perdido na sensação dos lábios macios de Sam quando foi trazido de volta à realidade pelo som áspero de alguém pigarreando alto.

— Desculpem interromper — Karina disse com um brilho nos olhos —, mas vocês dois são necessários nas mesas. Ryan e eu vencemos Amanda, Justin, Jake e Amy. Agora é hora de enfrentar o campeão. Vamos, Sam. Prepare-se para perder o cinturão do título!

— Oh, certo. Sim, estamos indo — Sam disse, nervosa.

— Hmmmm... Essa é uma reação e tanto, Sam. Eu pensei ter acabado de interromper um beijinho. Luke, você deve ter habilidades.

Luke riu, e Sam bateu no braço de Karina. Eles começaram a se dirigir para os fundos, onde ficavam as mesas de sinuca.

Karina sorriu.

— Ei, Sammi, estive pensando em fazer um cover de nossa música favorita no ensino médio.

Sam inclinou a cabeça com curiosidade.

— Isso é legal. Qual?

Karina sorriu ao começar a cantar:

— Gostoooooooooooo... quando você me beija quando estamos jogando o jogo do beijo.

Sam parecia que estava tentando conter uma risada enquanto golpeava Karina no braço novamente. Luke estava aproveitando a chance de ver Sam assim, com seus amigos, relaxada, totalmente à vontade, sem barreiras.

Ele sabia que tinha muito trabalho a fazer para escalar aquelas paredes, mas sempre estava pronto para um bom desafio.



# 19

Sam se encostou no balcão da cozinha e respirou fundo. Ela adorava o cheiro do café recém-passado. Aquilo representava um novo dia, e parecia novo e cheio de possibilidades, que era exatamente o que aquele dia parecia para ela.

Depois de varrer completamente o chão com Karina e Ryan, Luke e Sam continuaram a demolir Jake e Amy e Lauren e Eric no torneio de sinuca improvisado. Não foi apenas divertido porque eles ganharam — embora Sam tenha sido a primeira a admitir abertamente que ela adorava ganhar — foi divertido porque, com Luke ao seu lado, ela não se sentiu segurando vela pela primeira vez em sua vida.

Ela sempre se sentiu como um dos caras. Como a boa e velha Sam, amiga de todos. Bem, não ontem à noite. Durante toda a noite, Luke continuou roçando nela ou beijando-a no nariz e na testa. Ele tinha essa maneira incrível de fazê-la se sentir... especial. Sua parte favorita da noite inteira foi depois de baterem em Eric e Lauren. Luke pegou Sam no colo, girou-a e a beijou — beijou-a de verdade — na frente de todos e disse que ela era incrível.

Ela sabia que era bobagem. Ela era boa em jogar sinuca, e daí? Ela era boa em muitas coisas. Mas a maneira como ele disse parecia muito mais do que apenas um elogio de suas habilidades na mesa de sinuca. Quando Luke olhava para Sam, parecia que ele via mais do que as outras pessoas viam. Parecia que ele a via como uma mulher. E ela não era orgulhosa demais para admitir que era bom.

Sam sempre foi uma estranha observando as pessoas nos relacionamentos; ela nunca tinha estado em um. Começou a sentir, inconscientemente pelo menos, que simplesmente não havia sido feita para isso, que nunca iria acontecer para ela. A noite passada tinha mudado tudo isso. Agora ela sabia o que era ser metade de um casal, e era melhor do que ela jamais havia sonhado.

Ela se sentiu como se estivesse bêbada quando o grupo saiu para ir embora. Luke se ofereceu para levar Sam para casa, mas como isso significava que ele teria que subir a montanha e depois descer e Karina e Ryan eram, afinal, seus vizinhos, Sam disse que fazia mais sentido ir com eles.

Além disso, no final das contas, ela realmente não queria correr o risco de fazer algo estúpido e arruinar o que tinha sido uma noite perfeita.

Luke pareceu um pouco desapontado, o que — se Sam fosse honesta consigo mesma — a deixava mais do que um pouco feliz. Ele a abraçou e lhe deu um beijo alucinante antes de perguntar se ele poderia pegá-la às oito da manhã seguinte e levá-la a seu lugar favorito para tomar café da manhã em Tahoe.

Então agora, aqui estava ela esperando. Ela estava acordada desde as quatro e meia da manhã, cheia de uma energia ansiosa, em partes iguais excitada e nervosa. Ela tinha quase certeza de que o assunto sobre o qual estava evitando falar provavelmente iria surgir. E, sim, ela estava nervosa com isso, mas depois da noite passada, realmente se sentia pronta para isso.

Pode ser que ela simplesmente tivesse tido tempo para aceitar o fato de que ele sabia, mas ela pensava que era mais do que isso. Ela sentiu como se, depois da noite passada, algo tivesse mudado entre eles. As coisas pareciam mais... sólidas. Ela não tinha certeza do que exatamente havia mudado, mas o que quer que fosse, de alguma forma deu a ela mais confiança para enfrentar o problema da virgindade com ele de frente.

Não era uma conversa que ela estava ansiosa para ter, mas também não estava temendo ativamente. Uma coisa que ela sabia com certeza era que ficaria feliz quando tudo acabasse.

A batida forte soando em sua porta a tirou de sua reflexão interna.

Ela respirou fundo e não conseguiu conter o sorriso que se espalhou por seus lábios quando alcançou a maçaneta, girou-a e puxou a porta em



sua direção.

— Bom dia, linda. — Luke a cumprimentou com sua saudação usual e sorriu enquanto olhava Sam de cima a baixo. O olhar era tão íntimo e sexy que ela sentiu como se fosse uma carícia, e um arrepio percorreu seu corpo. Ah, e sim, é claro, os arrepios estavam em pleno vigor.

— Bom dia — respondeu ela, sentindo-se radiante por dentro.

Virando-se para pegar sua bolsa da mesa, ela de repente se viu empurrada contra a parede e, antes mesmo que soubesse o que estava acontecendo, os lábios de Luke estavam nos dela. Sua língua traçou o contorno de seus lábios, então, quando ela os separou, varreu para dentro dela, lambendo, explorando, reivindicando, devorando.

Suas mãos fortes seguravam firmemente sua cintura. Seus dedos deslizaram sob seu suéter, e ela sentiu as pontas ásperas de seus dedos enquanto ele alternava entre agarrar e acariciar seu corpo, um ritmo que a fez se sentir como se estivesse em chamas. Ela pensou que poderia simplesmente derreter nele.

Ele se afastou e sorriu para ela, colocando mais um beijo em seu nariz. As palavras que ele falou a seguir foram em tom reverente, quase um sussurro.

— Eu sempre quis fazer isso.

As sobrancelhas de Sam se juntaram enquanto ela tentava recuperar o fôlego.

— O quê? Me beijar contra a parede ou beijar meu nariz?

A cabeça de Luke caiu para trás e ele riu com vontade.

— Ambos, eu acho.

Ele deu um passo para trás, permitindo que ela recuperasse sua bolsa, e colocou a mão na parte inferior das costas dela enquanto se dirigiam para seu SUV.

Enquanto eles estavam dirigindo, Sam estava tendo dificuldade em superar a experiência diferente daquele beijo, daquele que eles compartilharam em seu carro. O beijo no estacionamento tinha sido mais um aumento de pressão, um beijo frenético, quase fora de controle.

Isso parecia diferente. Igualmente intenso, mas mais controlado. Este beijo tinha mais a ver com uma necessidade profunda. Desejo. Paixão. Todas as coisas que Sam sempre acreditou e esperou que existissem, mas não tinha como provar. Até agora.

— Eu quase posso ouvir as engrenagens girando nessa sua linda cabeça — Luke brincou. — O que faz sua roda de hamster girar?

Sam riu e balançou a cabeça.

— Nada.

Luke alcançou o console e pegou a mão de Sam na sua, esfregando os nós dos dedos com o polegar. Bom Deus, ela adorava quando ele fazia isso. Isso a fazia se sentir... estimada.

— Então, Sam. — A voz de Luke caiu e arrepios imediatamente se espalharam pela carne de Sam. — Estou querendo falar com você sobre por que você saiu tão de repente depois que fomos jogar boliche.

Sam respirou fundo e se virou, puxando a perna dela para baixo para que pudesse encarar Luke. Ele estava observando a estrada, mas talvez isso tornasse as coisas ainda mais fáceis.

Ela se concentrou em tentar ficar calma.

*Ei, ela disse a si mesma, se você quer estar em um relacionamento — se é mesmo assim que você chamaria isso — então é melhor você colocar sua calcinha de menina grande e enfrentar a situação.*

Seu coração estava disparado e de repente era difícil engolir. Ela havia pensado muito nessa conversa, então ficou mais fácil. Ela tinha algumas coisas planejadas e só precisava reunir coragem para cuspir o que tinha a dizer.

— Eu estava com vergonha, eu acho — ela começou, respirando fundo. Para o crédito de Luke, ele não tentou intervir. Apenas esperou pacientemente que ela continuasse. — Eu sabia que, com a forma como as coisas estavam indo conosco, precisava contar a você, e não estava ansiosa por isso, mas não pensei que isso me incomodaria tanto. Quando me senti começando a ficar chateada, fui embora.

— Porque você não queria que eu te visse chateada?

— Sim.

— Por quê?

Ela apenas encolheu os ombros. Uau. Para alguém que pensou em quase todas as contingências desta conversa, ela com certeza perdeu essa. Mas ela ainda não tinha um motivo para dar.

— Sabe, Sam — Luke disse gentilmente —, eu sei que você gosta de resolver as coisas sozinha. Entendo. Você teve muito sucesso em um esporte individual, então entendo que está acostumada a lidar com as

coisas de forma independente. Mas, no que diz respeito a nós, você precisa saber que pode falar comigo, Sam. Você não tem que me excluir.

— Eu sei — ela admitiu —, e acredite em mim, estou tentando.

— Bom. Isso é tudo que posso pedir — Luke sorriu, mas Sam poderia dizer que ele queria dizer mais coisas. Ela decidiu aliviar o clima, abordando-o de um ângulo provocador.

— Oh, eu aposto que isso não é tudo que você quer perguntar. Tenho certeza que você tem uma tonelada de perguntas. — Sam sorriu. Ela estava realmente gostando de conversar com Luke assim, e ficou chocada ao descobrir que não estava nervosa. Ela abriu bem as mãos. — Pergunte-me qualquer coisa que quiser.

Luke se mexeu um pouco na cadeira, ainda parecendo um pouco apreensivo por simplesmente dizer o que queria.

— E lembre-se — Sam disse levemente, na esperança de acalmar seus nervos — Karina é uma das minhas melhores amigas, então eu não acho que você precisa se preocupar em me ofender. — Ele riu e parecia que a tensão havia sido quebrada.

— Bem, eu sei que esta é uma questão ampla, mas... como? Como é possível que você ainda seja virgem?

Sam encolheu os ombros.

— Acho que no colégio eu estava muito focada em competir, e depois que me tornei profissional, estava sempre muito ocupada. Eu morava com Stephan e sua família, então o ambiente não era exatamente propício... eu não sei. Simplesmente não aconteceu.

— Quando fiz 20 anos, lembro-me de ter tido um pequeno colapso nervoso porque oficialmente não era mais uma adolescente e ainda não tinha acontecido. Então eu fiz vinte e um, depois vinte e dois. Nunca conheci alguém que eu quisesse... você sabe... e eu não sei. Simplesmente nunca aconteceu.

— Então é essa a razão pela qual seus relacionamentos não deram certo? Porque, honestamente, Sam, se algum cara não estava disposto a esperar por você, então ele não te merecia. — Luke disse com um leve tom de voz.

Sam riu nervosamente.

— Ok, sim. Eu esqueci disso. Então eu acho que tenho mais uma coisa para te dizer. — Ela riu, sentindo um frio na barriga mais uma vez. Luke

esperou pacientemente. Ela respirou fundo. — Eu sei que te fiz acreditar no jantar que estive em vários relacionamentos, mas a questão é... Bem, a verdade é que eu nunca tive um namorado de verdade — disse Sam, engolindo em seco enquanto esperava por Luke Responder.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Nem mesmo no ensino médio? Você sabe, tipo, “sair” por uma semana e então você termina e “sai” com outra pessoa?

Ela balançou a cabeça.

— Não.

— Então, eu fui seu primeiro beijo? — Luke perguntou.

— Bem, não — ela admitiu —, embora essa seja uma boa história, certo? Mas você não foi meu primeiro beijo. Já beijei vários caras, até mesmo contornei a segunda base uma ou duas vezes. Mas nunca cheguei mais longe que isso ou cruzei a linha final — disse Sam com naturalidade.

— Você não queria um namorado? Eu simplesmente não entendo. Porque, honestamente, estou tendo muita dificuldade em compreender o fato de que nenhum cara jamais te conquistou.

Sam jogou a cabeça para trás e bufou.

— Na minha experiência, não sou o tipo de garota que inspira os caras a fazer outra coisa senão encontrar, dar uns amassos ou ignorar.

— Você com certeza me inspira a fazer muito mais do que isso — Luke disse enquanto tirava os olhos da estrada, fixando-os em Sam intensamente.

— Bem, você é diferente — disse Sam, e ela podia sentir o rubor subindo por suas bochechas.

— Deus, você é linda — disse Luke, com admiração em sua voz.

Sam sorriu. Ela estava começando a acreditar nele.

O olhar de Luke segurou o dela por um momento, e foi preenchido com uma promessa de alguma forma. Uma promessa de quê, Sam não tinha certeza. Mas ela realmente esperava descobrir logo. Quando Luke voltou sua concentração para a estrada, Sam de repente sentiu a necessidade de mudar de assunto. Ela disse abruptamente:

— Agora posso te perguntar uma coisa?

— Qualquer coisa — Luke respondeu sem hesitação.

— Para onde vamos?

Um sorriso quase infantil se espalhou pelo rosto de Luke.

— Ao *Harrah's Forrest Room*. O buffet de café da manhã. O melhor em Tahoe. Eu adorava comer lá quando era criança e, embora tenha viajado o mundo, ainda posso dizer honestamente que é meu lugar favorito para tomar café da manhã.

— Sério!? — Sorrindo amplamente, Sam bateu palmas e pulou um pouco para cima e para baixo no assento. — Eu nunca tinha comido lá quando não estava treinando. Estou tão animada! Sempre adorei a vista, mas, meu Deus, estou morrendo de vontade de fazer um trabalho sério naquele buffet.

Luke riu.

— Sam, você sempre me surpreende.

— Boa. Isso o manterá alerta — ela sorriu, piscando para ele.

Ele riu e levou a mão dela aos lábios, beijando-a suavemente.

Eles conversaram sobre coisas aleatórias como família, amigos e comida até chegarem a *Harrah's*. No caminho de subida ao topo do hotel, onde ficava o *Forrest Room*, o elevador parou no terceiro andar. As portas se abriram e duas mulheres idosas que lembravam Sam de Betty Crocker em ternos de corrida, entraram. Luke puxou Sam um pouco mais para perto dele para abrir espaço para as mulheres. Ele perguntou que andar elas queriam e elas riram como colegiais e disseram a ele que ficariam no décimo primeiro.

Depois que ele apertou o botão, eles agradeceram. Então a mais alta das mulheres perguntou:

— Vocês dois estão em lua de mel?

— Sim — Luke respondeu imediatamente, beijando o topo da cabeça de Sam.

— Eu sou Margie e esta é minha irmã Mabel — disse a mais baixa das duas, fazendo as apresentações.

— Eu sou Luke, e esta linda mulher é minha esposa Samantha. — Ele mais uma vez beijou Sam no topo da cabeça.

*Esposa*. Seu coração batia forte em seu peito, e ela pensou que havia uma possibilidade muito clara de desmaiar.

Elas riram de novo e Margie aconselhou:

— Segure-se nele, querida. Tem boa aparência, charme e é um cavalheiro. Esse é o trio sagrado!

— O trio sagrado — repetiu a mulher mais alta quando as portas se abriram e elas saíram para o andar.

Quando as portas se fecharam, Luke se virou para Sam:

— Você ouviu isso? Eu tenho o trio sagrado, mulher. É melhor você se segurar em mim.

— Esposa, hein? — Sam perguntou com uma sobrancelha levantada, tentando não mostrar o efeito que suas palavras tiveram sobre ela. Luke deu a ela um sorriso que ela tinha certeza que o tirou de problemas muitas vezes em sua vida.

— Querida — ele adulou —, nós somos recém-casados. Não vamos brigar. — Sam riu. Ela fazia muito isso perto de Luke.

As portas se abriram e Luke esticou o braço.

— Depois de você, Sra. Reynolds.

Sam riu novamente enquanto ela balançava a cabeça e saía do elevador.

— Obrigada, Sr. Reynolds.

Após esperarem na fila e serem admitidos no bufê, Sam se levantou, a bandeja na mão, tentando decidir o que escolher. Ela não podia acreditar no que via; havia muitas opções. Por onde devia começar?

Ela vagou sem rumo por um momento, banquetecendo-se visualmente com a comida, esperando que um prato perfeito chamasse sua atenção e a inspirasse a começar a encher o prato. Foi quando ela viu os rolos de canela. Sua boca encheu de água. Sim, rolos de canela eram um ótimo lugar para começar.

Quando seu prato estava cheio, ela encontrou Luke de volta à mesa deles, um tampo duplo que ficava ao lado de uma janela do chão ao teto com uma vista deslumbrante do lago.

Ele olhou para o prato dela e sorriu, provavelmente porque ela não tinha um... nem dois... mas três rolos grandes de canela nele. Ela sorriu de volta e então abriu a boca e deu uma enorme mordida no seu.

Luke riu um pouco e pegou seu burrito de café da manhã. Ele optou pela cozinha mexicana. Assim que deu uma mordida, seu celular tocou. Ele o tirou do bolso e respondeu:

— Ei, mãe, posso te ligar de volta?

Ele fez uma pausa, ouvindo.

— Oh. — Ele parecia alarmado. — Na verdade, estou em Tahoe. Desci esta manhã com Sam. Estamos no buffet do *Forest Room*. — Outra pausa.

— Já vou — disse ele e desligou o telefone. Para Sam, ele explicou: — Minha cunhada está em trabalho de parto e minha mãe está com as filhas do meu irmão Brody porque ele e Ashley estão em San Francisco comemorando seu aniversário. Steph realmente quer minha mãe no hospital porque sua mãe mora fora do estado e não pode estar aqui. Você se importa se encurtarmos isso e formos ficar com as crianças?

— Eu adoraria — disse Sam e sorriu nervosamente.

Esta seria a primeira vez que ela conheceria a família de um pretendente. Respirou fundo.

Lá vamos nós...



Luke esperava que essa mudança de planos fosse agradável para Sam. Ela tinha ficado muito quieta na curta viagem para a casa de sua mãe. Agora, enquanto eles subiam o caminho, ele pegou a mão dela.

— Está pronta?

Seus grandes olhos castanhos olharam para ele e ele viu que ela estava nervosa ou animada, embora ele não tivesse certeza de qual.

— Tão pronta quanto possível — disse ela alegremente.

Quando ele abriu a porta da frente, sua mãe estava agitada, jogando coisas em uma bolsa. Assim que o viu, ela correu para cumprimentá-lo com um abraço e um beijo.

— Muito obrigada por ter vindo! — ela exclamou, distraída, e voltou a jogar as coisas na bolsa.

— Mãe, esta é Samantha — Luke disse. — E, Samantha, esta é minha mãe, Ellen.

Sua mãe riu, estremeceu e correu de volta para abraçar Sam.

— Oh, meu Deus, onde estão meus modos? Desculpe, querida. Estou um pouco louca. Muito obrigada por ter vindo, Samantha. Eu não posso te dizer o quanto isso significa para mim.

Sam sorriu, retribuindo o abraço.

— Prazer em conhecê-la, Sra. Reynolds. Por favor me chame de Sam.

— Só se você me chamar de Ellen — ela disse com uma piscadela. — Estou quase pronta para sair. As meninas e Christopher estão jogando videogame. Eu não disse a eles que tio Luke estava vindo para tomar



conta. Já havia tanta emoção com o bebê. Eu não queria que eles saltassem pelas paredes enquanto eu estava me preparando para sair.

— Você precisa de mim para ajudá-la a carregar alguma coisa? — Luke perguntou.

— Não, não. Estou saindo agora. Então, se você quiser apenas entrar e dizer olá para os pirralhos, vejo você quando voltar.

Ellen agarrou sua bolsa e rapidamente pegou Sam pela mão.

— É tão bom finalmente conhecê-la, Sam. Espero que nos vejamos muito mais. — Luke viu o rosto de Sam corar.

— A senhora também... hum... Ellen.

Luke levou Sam para a sala da família, onde viu suas sobrinhas e sobrinho jogando uma partida de tênis no videogame.

— Eu jogo com o vencedor dessa! — Luke disse quando eles entraram e se sentaram no sofá atrás das crianças.

Quando as crianças se viraram e o viram, começaram a gritar e pular sobre ele em uma pilha. Ele estava sob esta pilha de braços e pernas se agitando quando o som da risada foi pontuado pelo grito de sua sobrinha Bailey.

— O que foi, Bailey? Você está bem? — Luke perguntou freneticamente, puxando a garota para se levantar, sentindo os ossos quebrados e procurando sangue.

Ela estava de pé, segurando o peito e olhando para Sam.

Sam olhou freneticamente entre Bailey e Luke, os olhos arregalados cheios de confusão e preocupação.

— O que há de errado? O que eu fiz?

Luke repetiu insistentemente para Bailey:

— Bailey, você está bem? — Bailey acenou com a cabeça freneticamente em afirmativo.

— Por que você gritou? — Luke tentou ficar calmo e firme. Ele descobriu que sempre funcionava melhor com as crianças.

Bailey apontou para Sam.

— Você é a garota que conhece Karina Black?

Sam parecia visivelmente aliviada quando seus ombros caíram e ela soltou um grande suspiro com todo o ar que Luke nem percebeu que ela estava segurando.

Ela sorriu e disse:

— Oh, sim. Karina é uma das minhas melhores amigas.

— Ahhhhhhhhhhhhhhhhh! — Ariel e Bailey gritaram e correram em círculos. Christopher revirou os olhos.

Sam riu quando Luke agarrou uma garota por baixo de cada braço.

— Ok, pestinhas. Acalmem-se. — Ele jogou as duas de brincadeira no sofá — Essa é a amiga do tio Luke, Sam. Sam, essas duas lindas princesas são Ariel e Bailey e este jovem príncipe...

— Power Ranger — Christopher corrigiu.

Luke corrigiu sua declaração.

— Eu sinto muito. Este Power Ranger é Christopher.

Sam cumprimentou as meninas primeiro.

— Prazer em conhecê-las. Acho que nunca conheci uma princesa da vida real antes.

Bailey franziu a testa em confusão.

— Mas você acabou de dizer que conhece Karina Black.

Sam riu:

— Bem... sim. Bom ponto.

Ariel, a mais nova, ficou de joelhos e se inclinou para sussurrar no ouvido de Sam,

— De qualquer forma, não somos princesas de verdade, mas não conte ao tio Luke.

Luke se virou, fingindo não ouvir, mas com o canto do olho, viu Sam acenar com a cabeça e fazer o sinal de positivo para Ariel.

— E, Sr. Power Ranger, ouvi dizer que você vai ser um irmão mais velho.

— Sim — Christopher sorriu brilhantemente.

— Você é tão sortudo. Sempre quis ser uma irmã mais velha.

Christopher se defendeu.

— Eu não vou ser uma irmã mais velha! Eu vou ser um irmão mais velho!

Sam se recuperou rapidamente.

— Sim novamente. Bom ponto. E aposto que você será o melhor irmão mais velho de todos.

Isso pareceu acalmar Christopher, e ele pulou do sofá para brincar com seus caminhões. As meninas pularam direto, enchendo Sam com milhares de perguntas de Karina Black.

- Ela é legal?
- Ela é tão bonita na vida real?
- Você já a ouviu cantar?
- Você conhece Ryan?
- Você já foi aos shows dela?
- O que ela gosta de comer?
- Qual é a cor favorita dela?
- Quando foi a última vez que você a viu?
- Quando você a verá de novo?
- Você tem alguma foto sua e da Karina?

Sam lidou com cada pergunta com paciência, embora cada uma de suas respostas fosse seguida por um grito de gelar o sangue.

Finalmente, depois do que pareceram horas de perguntas intermináveis, mas provavelmente apenas cerca de quarenta e cinco minutos, as meninas queriam jogar jogos de tabuleiro.

Christopher queria correr em seus carros com seu tio Luke, então Sam jogou UNO com as garotas, seguido por Candy Land, e então eles terminaram com um jogo de pistas de muito suspense. Depois de algumas horas, era hora do almoço e eles comeram manteiga de amendoim e geleia, maçãs, Goldfish e Capri Suns.

Quando fizeram a digestão, Christopher começou a parecer sonolento. Ele estava definitivamente ficando um pouco irritado, mas não queria tirar uma soneca. Luke sabia que havia uma maneira fácil de fazer um cochilo acontecer sem ter que começar a Terceira Guerra Mundial com Christopher, então ele disse:

- Hora do filme! Vocês três vão escolher um enquanto eu limpo.

As crianças saíram correndo, animadas e felizes. Assim que dobraram a esquina e entraram na sala da família, Sam se levantou para começar a limpar.

Luke não se conteve. Ele a puxou e a beijou. O que ele pretendia que fosse um beijo rápido e inocente rapidamente se transformou em mais quando deslizou a língua para dentro d boca de Sam. Assim que suas línguas se tocaram, foi como se algo se acendesse dentro dele, um desejo mais intenso do que qualquer coisa que ele já conheceu.

Ele queria beijá-la o dia todo. Na verdade, tinha sido difícil dirigir sua mente para outro lugar. Beijá-la estava se tornando um hábito que ele não

tinha certeza se conseguiria quebrar.

— Tio Luke está namorando! Tio Luke está namorando! — Ariel e Bailey cantaram e depois correram de volta para a sala de estar, rindo o caminho todo.

Sam riu e voltou à tarefa de recolher os pratos de papel.

— Muito obrigado por me ajudar hoje, Sam — Luke disse sinceramente. — Este não era o encontro que eu tinha imaginado, acredite em mim. Mas tenho me divertido muito com você hoje.

— Foi um dia perfeito — ela sorriu docemente enquanto trabalhavam juntos para limpar a mesa e, em seguida, se juntaram às crianças na sala de estar.

As crianças concordaram em “Procurando Nemo” e, embora Luke adorasse aninhar-se no sofá com Sam, infelizmente os dois lugares ao lado dela foram reivindicados por suas duas sobrinhas.

Christopher só durou cerca de dez minutos no filme antes de desmaiar. As meninas e Sam pareciam realmente gostar do filme, e por mais que Luke tentasse não olhar, ele não conseguia evitar. Sam era tão bonita que não conseguia tirar os olhos dela.

Depois do filme, o telefone de Sam tocou. Ela enfiou a mão na bolsa e seu rosto se iluminou quando viu a tela. Para Ariel e Bailey, ela disse:

— Meninas, olhem quem está me ligando.

Sam virou o telefone para fora para que as crianças pudessem ver a foto de Karina mostrando a língua para a câmera exibida em seu iPhone.

— Oh, meu Deus! — as meninas gritaram e pularam.

Sam levou o dedo à boca e as meninas imediatamente se aquietaram, observando Sam com atenção para ver o que ela faria a seguir. Sam deslizou a tela para responder e disse:

— Oi, Kar — A empolgação das meninas era palpável.

A voz de Karina veio ao telefone.

— Ei, Sammi. Só queria verificar se você já entregou seu cartão V?

Sam parecia mortificada enquanto ela olhava desesperadamente para Luke.

— Karina, você está no viva-voz!

— Estou?

— Sim, você está! Luke e eu estamos tomando conta de seus sobrinhos na casa da mãe dele.

— Oh, uh... oi, pessoal — Karina disse, parecendo confusa.

— Ariel e Bailey, sobrinhas de Luke, são duas de suas maiores fãs e estão sentadas bem aqui — disse Sam a título de explicação.

— Ah, entendi! — Karina disse, imediatamente mudando sua personalidade de “Karina Black conhecendo o público” — Bem, olá, Ariel e Bailey. Vocês estão se divertindo com minha melhor amiga Sam?

— Sim — as garotas disseram timidamente.

— O que vocês, meninas, têm feito? — Karina perguntou, claramente acostumada com seus fãs ficando sem palavras perto dela.

— Acabamos de assistir Procurando Nemo — disse Bailey com admiração.

— E antes disso, estávamos jogando UNO e Candy Land e Clue — Ariel acrescentou um pouco sem fôlego.

— Isso parece divertido. Quem ganhou? — Karina perguntou.

— Principalmente Sam — as meninas disseram em uníssono.

Karina interrompeu momentaneamente sua voz de pop-star-encontra-seus-fãs e disse em um tom neutro:

— Sério, Sam?

Sam se defendeu.

— O que foi? Não é como se eu tivesse trapaceado. — Luke riu, jogando a cabeça para trás.

— Ei, Luke — Karina disse.

Bailey agarrou seu braço e sussurrou:

— Oh. Meu. Deus. Ela sabe quem você é!

Karina falou novamente, e era evidente pelo seu tom que ela estava sorrindo.

— Então, meninas, vocês têm uma música favorita minha?

As meninas se entreolharam e pularam.

— “Bandido do Amor!”

— Vocês gostariam que eu cantasse?

— Sim!

Karina cantou a música e depois conversou individualmente com cada uma das garotas. Depois de um longo dia e macarrão com queijo e cachorro-quente no jantar, Luke ficou aliviado quando viu que sua mãe estava ligando para ele. Ele estava feliz por cumprir o dever de tio, mas

com certeza não se importaria de ficar algum tempo sozinho com Sam antes que seu encontro pouco convencional acabasse.

— Ei, mãe.

— Olá docinho. Está demorando um pouco mais do que pensávamos. Ela está com cerca de seis polegadas de dilatação.

— Eu não preciso saber disso.

— Bem, sim. Meu ponto é, pode demorar um pouco mais. — Sua mãe parecia cansada e um pouco preocupada.

Ele olhou para Sam e fez um sinal de que entraria na outra sala para atender a ligação.

Sam acenou com a cabeça e parecia um pouco preocupada.

— Steph está bem, mãe? O bebê está bem?

— Oh, sim, querido. Ela está bem. Ela só quer que eu fique. Mas eu realmente sinto que preciso voltar para as crianças e aliviar você e Sam.

— Não, não, mãe. Não seja boba. Estamos bem e as crianças são ótimas. Você fica com Steph e Chad. Temos tudo sob controle.

Sua mãe deixou escapar um suspiro de alívio.

— Oh, muito obrigada, querido. Estarei em casa assim que puder.

Luke desligou e voltou para a sala da família, onde Sam estava jogando videogame com as crianças. Todos olharam para ele, esperando por qualquer notícia sobre o bebê.

Ele pegou Christopher e disse:

— Nenhum bebê ainda, amigo, mas sua mãe está ótima.

Todos jogaram até a hora do banho. Assim que as crianças estavam de pijamas, Sam se sentou e escovou os cabelos das meninas. Ela torceu seus longos cachos em uma espécie de trança que ela explicou que sua mãe fazia nela quando era uma garotinha.

Enquanto Luke construía um forte para todos terem um acampamento / festa do pijama com Christopher, ele sentiu uma sensação de calor crescendo em seu peito.

Ele observou Sam o dia todo, testemunhou como ela interagiu com as crianças. Ela foi paciente e engraçada. Ela se relacionava com cada um deles em seu nível. Quando Christopher caiu e arranhou o joelho, ela não perdeu o ritmo. Ela o pegou, colocou no balcão, passou remédio e colocou um band-aid nele. Quando ela o colocou no chão, ele saiu correndo para encontrar suas primas e mostrar a eles seu band-aid do Bob Esponja.

Este dia o fez pensar em Sam como uma mãe. Ele se sentia como se estivessem brincando de casinha hoje... e gostou. Ele tinha dado a ela uma camiseta e um par de seus moletons velhos para vestir quando estavam brincando com as crianças pelo chão, e ela prendeu o cabelo em um rabo de cavalo. Ele honestamente pensava que ela era a coisa mais sexy que ele já tinha posto os olhos, em seu moletom enorme e camiseta.

Luke estava deitado em uma extremidade do sofá em forma de L e Sam estava deitada do outro lado, as crianças no chão no forte entre eles. Sam, Bailey e Ariel estavam todos dormindo antes de Christopher, que estava tentando ficar acordado para a chegada do bebê. Ele não resistiu e, depois que adormeceu, Luke fechou os olhos.

A próxima coisa que ele soube foi que sua mãe estava batendo em seu ombro. Ele levou um segundo para se orientar, mas então perguntou baixinho:

— Está tudo bem? Steph e o bebê estão bem?

Sua mãe parecia exausta, mas sorriu.

— Todo mundo está indo muito bem, e você tem um novo sobrinho chamado Jeremy Carl Reynolds.

— Carl, em homenagem ao papai. — Luke se sentiu um pouco sufocado.

Sua mãe acenou com a cabeça que sim, e ele podia ver as lágrimas se formando em seus olhos. Em vez de ficar sentimental, porém, ela sussurrou rapidamente:

— Vou ficar aqui com as crianças. Você e Sam podem ir dormir lá em cima.

Luke teria discutido com ela, mas suas costas estavam lhe matando por ficar com os pés pendurados no final do sofá. Ainda assim, ele sentiu que o cavalheirismo exigia que ele pelo menos parecesse lutar contra.

— Tem certeza, mãe? Podemos ficar aqui embaixo.

Ela acenou para ele enquanto descia e se deitava com as crianças.

Luke se levantou e se espreguiçou antes de pegar Sam do sofá. Ela imediatamente se aconchegou a ele, envolvendo os braços em volta do seu pescoço. Seu coração começou a bater mais rápido enquanto ele subia com ela nos braços as escadas de sua casa de infância, e isso não tinha nada a ver com esforço físico. Não, ele não pôde evitar uma resposta física ao levar Sam para a cama.

Ele sabia que nada iria acontecer. Ele não permitiria que a primeira vez dela fosse no quarto de sua infância com sua mãe, sobrinhas e sobrinho no andar de baixo. Mas a intimidade de carregá-la para a cama e depois passar a noite com ela estava causando estragos em seu corpo.

Infelizmente, parecia que seu pau não tinha recebido o memorando de que não haveria nenhuma safadeza esta noite. Ele a deitou cuidadosamente em sua cama de infância e se aninhou atrás dela. Ela se mexeu um pouco, fazendo com que seu traseiro se esfregasse contra ele.

Ele não sabia como possivelmente iria dormir com aquela ereção furiosa, mas embora houvesse algum desconforto em sua ereção e seu coração parecesse que ia bater para fora do peito, Luke se sentia feliz, contente. Sam se encaixou perfeitamente contra ele. Ocorreu-lhe que deitar na casa de sua família e segurar Sam em seus braços o fez sentir pela primeira vez como se seu coração tivesse encontrado um lar.





S am abriu os olhos quando o sol brilhou pela janela, chocada por se encontrar na cama com Luke.

Ela congelou.

O que ela deveria dizer ou fazer? Qual era o protocolo do dia seguinte?

Ela se esforçou para lembrar o que acontecera na noite anterior. A última coisa que ela se lembrava era de adormecer no sofá. Ela percebeu que a mãe de Luke deve ter voltado em algum momento da noite e, em seguida, Luke deve tê-la carregado para cima.

Depois que o choque inicial da situação passou, ela rapidamente chegou à conclusão de que gostava — não, amava — a sensação de acordar nos braços de Luke. Parecia tão seguro e protegido. Ela nunca tinha pensado sobre essa parte de estar com alguém, por mais estranho que pudesse parecer. Ela sempre havia pensado apenas na parte do sexo que estava perdendo, e o tempo todo, ela não tinha ideia de que estava perdendo algo tão lindo quanto isso.

— Bela manhã.

A voz de Luke soou rouca em seu ouvido e ela estremeceu. E, aí, sim — os arrepios estavam de volta. Caramba. Seu corpo sempre responderia a ele assim? Bem, ela pensou enquanto outro arrepio se espalhava por seu corpo, talvez isso não fosse uma coisa ruim.

Ela se virou para olhar para Luke e a visão dele a deixou sem fôlego. Ele era de longe o homem mais lindo que ela já vira em sua vida e estava deitado na cama ao lado dela. Era quase bom demais para ser verdade.

— Bom dia — disse ela timidamente.

— Você dormiu bem? — ele perguntou, puxando-a para mais perto dele.

— Um pouco bem demais, eu acho — ela riu. — A última coisa que me lembro é de cair no sofá.

— Oh, sim. Minha mãe chegou em casa por volta da uma, então eu trouxe você aqui para que você pudesse ter uma noite de sono melhor.

— Eu imaginei — disse ela, aconchegando a cabeça contra os ombros dele.

Ela precisava parar de olhar para ele. Seu olhar era tão intenso que era um pouco opressor. Ela se sentia como se estivesse olhando para o sol.

Olhou ao redor do quarto.

— Então, este era o seu quarto? — Ela viu uma mudança em seu comportamento quando ele se apoiou em um cotovelo.

— Sim. — Ele olhou para ela com um brilho malicioso nos olhos. — Desculpe, não tenho nenhum pôster seu.

Ela riu e deu um tapa no braço dele.

Ele bloqueou enquanto continuava.

— O quê? Só estou dizendo, você sabe... Eu teria dito se você estivesse na cena.

— Ao invés de estar na escola primária — ela apontou.

— Ugh. — Ele caiu de costas e cobriu o rosto com um travesseiro. — Você me faz sentir como um velho.

— Bom. Você merece isso. — Ela pegou o travesseiro dele, descobrindo seu rosto, se inclinou e o beijou.

Esse beijo foi diferente de todos os que vieram antes dele. Era sempre ele a fazer o movimento, mas desta vez, ela havia iniciado o beijo. Ela gostou dessa sensação. Ela gostava de poder beijar Luke a qualquer hora que quisesse.

Não demorou muito para que Sam sentisse uma mudança na dinâmica entre eles. Ela pode ter estado no controle no início do beijo, mas isso mudou rapidamente quando Luke virou Sam de costas e cobriu não apenas sua boca, mas também seu corpo com o dele.

Sam sentiu uma sensação latejante começando a crescer em sua barriga. Sua boca na dela parecia mágica. Cada vez que seus lábios tocavam os dela, era elétrico.

Sam gemeu quando puxou uma de suas pernas para que sua ereção dura como pedra pressionasse contra seu núcleo. Ele se moveu ritmicamente contra ela, esfregando seus quadris contra os dela enquanto a devorava com suas mãos e boca. Mesmo que ambos estivessem em várias camadas de roupas, ela sentiu um orgasmo começando a se construir dentro dela. Ergueu os quadris, lutando contra ele, movendo-se em seu ritmo, querendo apressar o aumento da intensidade que sentia por dentro.

Sabendo exatamente o que ela precisava, Luke deslizou as mãos dentro de sua camisa e encheu as palmas com seus seios, amassando e massageando-os, beliscando seus mamilos enquanto pressionava seu pau duro contra ela.

Ela sabia que estava perto, chegando mais perto a cada segundo. Ondas de êxtase caíram sobre ela quando seus quadris começaram a se sacudir por conta própria. A boca de Luke continuou seu ataque sensual enquanto ele puxava a perna dela um pouco mais para cima e ajustava sua posição. Apenas um minúsculo milímetro, foi tudo o que foi preciso.

Sam sentiu fogos de artifício explodindo em seu corpo. Ela estava explodindo, explosões de prazer disparando, uma após a outra, pelo que pareceu uma eternidade. Ela colocou os braços em volta do pescoço de Luke, enterrando a cabeça lá, aproveitando a onda de sensações.

Quando a corrida da montanha-russa finalmente começou a se soltar e a baixar de volta para a terra, ela encontrou Luke olhando para ela com algo em seu olhar que ela não conseguia nomear.

O momento parecia um pouco pessoal demais. Um pouco pesado demais, um pouco opressor. Ela decidiu que precisava injetar um pouco de leveza, então brincou:

— Uau. Meu vibrador nunca me fez sentir assim.

Luke começou a rir assim que houve uma batida na porta.

Os olhos de Sam se arregalaram e ela tentou se esconder debaixo das cobertas. Isso é o que ela ganhou por se esquecer de si mesma e pensar que poderia ser toda despreocupada.

— Está tudo bem, linda — Luke a tranquilizou em voz baixa. — Eu tranquei a porta ontem à noite. — Sam suspirou de alívio.

Luke voltou sua atenção para o visitante, a aldrava da manhã.

— Sim? — Luke disse em voz alta.

Houve risos e mais batidas, e então um coro de vozes minúsculas disse:

— Tio Luke, a vovó mandou dizer a você e a Sam que o café da manhã está pronto!

— Ok. Desceremos em um minuto.

O tamborilar de pezinhos correndo pelo corredor foi pontuado por mais risos e risos quando Luke se sentou e passou as mãos pelos cabelos. Sam parou um momento para fazer um balanço das coisas. Ela estava na cama de Luke Reynolds, que estava sem camisa em um moletom baixo, ostentando uma ereção impressionante... e ele tinha acabado de dar a ela o maior orgasmo de sua vida, totalmente vestido.

Foi um bom dia.

— Por mais que eu adorasse mantê-la na cama o dia todo, não acho que este seja exatamente o lugar para isso. — Luke sorriu afetuosamente para ela.

— Oh, eu sei — Sam assegurou-lhe.

— Bem, linda, se você continuar me olhando assim, nunca vou me controlar o suficiente para sair dessa cama!

— Assim como? — Sam perguntou, sem saber o que ele queria dizer.

— Sam, você está me despiando com os olhos — disse Luke, com um brilho nos seus — e por mais que eu adorasse nos despir, acho que o que provavelmente deveria acontecer é você ir se refrescar no banheiro e eu vou te encontrar lá embaixo. — Ele a beijou muito brevemente desta vez. — Eu joguei nossas roupas na máquina de lavar e secar depois que vestimos um moletom, e as suas estão no banheiro com toalhas limpas.

Ele pulou da cama, então se abaixou e a puxou com ele. Ele a beijou mais uma vez antes de virá-la na direção da porta do banheiro e dar um tapa de brincadeira em seu traseiro. Ela riu enquanto entrava no cômodo.

Quando Sam entrou na cozinha quinze minutos depois, encontrou Luke sentado à mesa com as crianças, obviamente se divertindo, enquanto Ellen estava virando as panquecas. Assim que as crianças a viram, os três pularam e correram para lhe dar um abraço.

Ellen se virou ao ver as crianças correndo e deu a volta no balcão para dar um abraço em Sam.

— Muito obrigada por passar o dia tomando conta desses pestinhas. Eu realmente agradeço, querida.

Sentindo-se um pouco sobrecarregada, Sam abraçou cada um deles.

— Não foi nenhum problema.

— Nós nos divertimos, não é, meninos?

Todas as três crianças gritaram:

— Sim!

Eles tomaram seus lugares ao redor da mesa e apreciaram o café da manhã com panquecas que Ellen havia preparado. Assim que tudo acabou, Luke foi consertar um vazamento que notou no banheiro do andar de baixo, as crianças correram para jogar videogame e Sam se ofereceu para ajudar Ellen a limpar.

As duas mulheres limparam a mesa e então Sam começou a lavar os pratos enquanto Ellen secava.

— Estou tão feliz por finalmente ver você e Luke juntos — Ellen disse calorosamente, e ela realmente parecia feliz.

Sam estava confusa. Ela inclinou a cabeça e disse:

— Luke e eu só começamos a trabalhar em *Mountain Ridge* há algumas semanas.

— Oh, eu sei — disse Ellen com desdém —, mas ele está de olho em você há anos.

Sam soltou uma risada curta e incrédula.

— Não, ele não está.

— Querida, ele podia não estar no seu radar, mas você definitivamente estava no dele — insistiu Ellen.

— Mesmo? — Sam disse, ainda incrédula, sem se preocupar em corrigi-la de que Luke estava de fato em seu radar por um longo tempo. Ellen olhou para ela, pensando, e pareceu a Sam que ela estava especificamente avaliando se devia ou não dizer algo que estava em sua mente. Sam esperou pacientemente. Ela estava bastante curiosa para saber o que Ellen tinha a dizer, mas não queria assustá-la insistindo no assunto. Continuou a lavar em silêncio. Depois de um momento, Ellen começou:

— Ouça, querida. Em todas as vezes que Carl e eu viajamos para ver Luke, ele sempre nos pegava no aeroporto quando chegávamos e nos deixava quando saíamos. Como um relógio. Oh, claro, nós sempre dizíamos para ele não se preocupar com isso, que ele estava ocupado e poderíamos pegar um táxi, mas ele nunca deixava. Deve ter sido cerca de cem vezes ao longo dos anos, e todas as vezes, sem falta, ele nos pegou e

nos deixou. Exceto por uma vez. Em Aspen, nos *X Games*. Estávamos assistindo à final feminina do *SuperPipe* quando você se machucou após seu duplo *spin*. Todos nós corremos para o hospital. Então, mais tarde, Carl e eu pegamos um táxi para pegar nosso voo porque Luke não quis saber de sair até que tivesse notícias suas. Ele ficou quase dois dias inteiros sem dormir e quase sem comer. Ele não se moveria até que soubesse que você estava fora de perigo.

Sam estava pasma e tendo dificuldade em acreditar no que estava ouvindo.

— Ele fez isso? Por que ele não entrou e me viu? Eu nem sabia que ele estava lá!

— Bem, tanto quanto me lembro, seu agente ou treinador ou alguém não queria que ninguém visse você. Ele enxotou Luke.

— Oh... — Sam parou porque ela não tinha ideia do que mais dizer.

— Olhe querida, eu pelo menos estou feliz que você fez ele correr atrás de você. As meninas se jogam em meu filho desde que ele estava no jardim de infância. Isso não é bom para um homem. Isso os priva da perseguição. Estou feliz que você não estava caindo em cima dele. Se ele teve que trabalhar para fazer você notá-lo, tanto melhor. — Ellen deu uma pequena piscadela.

— Bem, na verdade... — Sam começou nervosamente. Ela não tinha certeza de por que iria confessar tudo a Ellen, mas sentia que deveria ser honesta agora. Parecia certo. — Verdade seja dita, ele está no meu radar desde que eu tinha treze anos. Eu tinha pôsteres dele colados em minhas paredes.

Para desgosto de Sam, Luke escolheu aquele momento para entrar valsando na cozinha, dizendo alegremente:

— Eu disse que os assinaria para você.

Sam sacudiu as mãos com a água que estava lavando os pratos para cima dele.

— Oh, então é assim, hein? — Luke sorriu enquanto olhava para ela, segurando seu olhar por um momento antes de começar a persegui-la pela cozinha.

Sam começou a rir, e ela não sabia ao certo por que estava correndo. Tudo o que ela sabia era que estava se divertindo muito. As crianças

entraram quando ouviram a comoção, e então Luke, como o Monstro das cócegas, os perseguiu até que se amontoaram em cima dele.

Luke e Sam ficaram em casa para ajudar Ellen, que ainda estava cansada de sua longa provação no dia anterior, e não foram embora até que seu irmão Brody e sua esposa Ashley pegaram as meninas.

No caminho de volta para casa, eles conversaram sobre o fim de semana e as crianças, e Sam pensou que ela poderia correr um sério perigo de cair de pernas para o ar, perdidamente apaixonada por Luke Reynolds.



Sam novamente se sentou em sua casa, olhando para uma mensagem que estava prestes a enviar, e roeu as unhas nervosamente, se perguntando se deveria ou não mandar. Desta vez, porém, não era para as especialistas do clube do livro. Era para Luke.

Ela havia tomado uma grande decisão. A maior. Ela decidiu que queria que Luke fosse o primeiro. Agora tudo o que precisava fazer era enviar a mensagem de texto que havia escrito, convidando-o para jantar naquela noite.

Não que ela estivesse insegura sobre sua decisão. Longe disso. Ela sabia que não havia ninguém no mundo a quem ela preferisse se entregar pela primeira vez do que Luke Reynolds. Sentiu que era para ser.

Não, o nervosismo vinha de saber se ele aceitaria o convite ou não. Ela tinha acabado de passar quase todo o fim de semana com ele. Seria muito cedo se ela o convidasse para jantar novamente naquela mesma noite?

Ela respirou fundo.

*Existem outras opções*, disse a si mesma.

Ela poderia jogar com calma. Poderia esperar um dia. Inferno, ela poderia esperar dois, mas a verdade era que agora que ela havia solidificado a decisão com tanta firmeza em seu cérebro, estava realmente ansiosa para fazer isso acontecer. Sinceramente, se não fosse considerado muito atrevido apenas mandar uma mensagem para ele vir agora e violá-la até deixá-la sem sentido, ela faria isso.

Mas não. Essa não era a maneira de fazer isso.



Ela clicou em enviar antes que pudesse se conter.

Assim que o fez, seus olhos se arregalaram e ela colocou a mão sobre a boca.

Oh, santo Deus. Estava feito agora. Não tinha mais volta. Seu estômago se agitou, antecipando sua resposta. Ele pensaria que ela estava desesperada? Boba? Irritante?

Arrghhh! Por que ele não respondia? Ele não sabia o que o silêncio a estava fazendo passar?

Ela passou o dedo pela tela do telefone apenas para se certificar de que a bateria ainda estava viva, embora ela tivesse visto que estava totalmente carregada apenas alguns momentos antes. Acessou sua lista de mensagens de texto enviadas e recebidas na chance de o toque e a notificação que geralmente acompanhavam uma nova mensagem terem parado de funcionar de repente.

Como último recurso, e mais por instinto do que qualquer tipo de lógica, ela balançou o telefone como se fosse uma foto Polaroid e estivesse tentando apressar a revelação.

Para seu choque, o telefone tocou quando ela o apertou, e ela verificou sua nova mensagem com dedos trêmulos. Sim. Era de Luke. Ela leu o texto com um olho fechado, ansiosa com o que poderia dizer.

“Jantar hoje à noite? Marcado, linda!” — era o texto.

Ela afundou no sofá de alívio. Recostou-se nas almofadas macias e simplesmente ficou ali por um momento, inspirando e expirando e saboreando a sensação de saber que Luke não a achava uma perseguidora irritante por querer que ele viesse jantar tão cedo.

Ela se sentou ereta, os olhos arregalados. Jantar. Sim, desde que ela o convidou para jantar, isso significava que ela... hum... tinha que realmente ter um plano para o jantar.

Desta vez, ela não hesitou em enviar uma mensagem de texto SOS. Se havia alguém que pudesse ajudá-la a formular uma estratégia de sedução viável, seriam suas meninas.

— Então deixe-me ver se entendi — disse Karina secamente. — Você acha que realmente tem que ter algum tipo de plano complicado para fazer um homem ir para a cama com você? Hum, sem ofensa, Sam, mas é em momentos como esses que a sua virgindade realmente aparece.

— Ei! — Amanda se defendeu. — Ela está apenas nervosa. Se a faz se sentir mais segura de ter um plano, então vamos ajudá-la muito bem a bolar um plano.

Karina bufou.

— Bem. Vou bolar um plano. Na verdade, aqui está. Passo um: olhe para ele e diga: “Ei? Quer fazer sexo comigo agora?” Passo dois: é desnecessário porque esse é todo o plano. Confie em mim. Não vai demorar mais do que isso. Na verdade, você provavelmente poderia acabar com a parte em que diz “ei” e ter o mesmo sucesso. — Lauren e Amanda riram, mas Sam apenas ficou de mau humor.

— Não é engraçado — disse ela miseravelmente.

— Oh, confie em mim — disse Karina despreocupadamente. — Você vai olhar para trás e ver esta conversa daqui a um ou dois anos e achar que foi hilária.

— Olha — disse Amanda. — Talvez você pudesse apenas tentar ser realmente sincera com ele. Mostre a ele como você está se sentindo. Compartilhe e seja aberta.

— Certo — disse Karina secamente —, porque nada deixa um homem mais excitado do que falar sobre sentimentos.

— Sim — Lauren interrompeu. — Eu odeio ficar do lado de Karina aqui, Mand...

— Ei! — Karina disse indignada.

— Mas eu acho que ela está certa neste caso. Sam, por que você não tenta isso? Roupas sexy, maquiagem sexy, música sexy, iluminação sexy, vinho sexy. Dê-lhe sinais sexys e deixe a natureza sexy seguir seu curso sexy.

Sam olhou para ela sem expressão.

— O que estou tentando dizer é que você deve apenas telegrafar não verbalmente que está pronta, disposta e capaz... e então deixá-lo dar o

primeiro passo depois disso. Confie em mim. Ele vai dar o passo.

Sam parecia em dúvida.

— Isso não parece um plano muito infalível.

Karina ergueu as mãos em exasperação.

— Cara, sério, você está pensando demais nisso. Existem milhões de movimentos que você pode fazer. Tipo, por que não desistir de dizer qualquer coisa e apenas se despir? Quando ele vir você parada aí de calcinha ou, melhor ainda, como veio ao mundo, ele se inspira. Confie em mim. Ou que tal isso? Por que você não diz a ele que quer jogar videogame e depois agarra o pau dele e pergunta se ele se importa se você usar o joystick?

Sam combinou com o tom exasperado de Karina.

— Ah, qual é?! Se você não vai mesmo levar isso a sério...

Karina riu.

— Talvez esse último fosse uma piada. Mas... ainda funcionaria totalmente. Esse é o meu ponto, porém. Literalmente, qualquer coisa vai funcionar.

Sam a olhou com desconfiança.

— E quanto à coisa de “Ei, quer fazer sexo comigo?”

Karina balançou a cabeça.

— Isso não foi uma piada. Foi o que eu fiz com Ryan.

— O quê?

— Oh, sim. Ele estava totalmente tipo, “Vamos esperar para fazer sexo até que estejamos em um relacionamento por um milhão de anos” e eu falei logo, “Não, obrigada. Eu prefiro agora.” Então eu tirei a roupa. E vou te dar dois palpites de como o resto da cena se desenrolou, e aqui vai uma dica: não foi conosco sentados no sofá assistindo *Friday Night Lights* na Netflix, embora tenhamos descoberto isso recentemente. E é uma série muito boa. Não. Foi com sexo. Muito, na verdade.

Lauren deu a Karina um olhar de soslaio.

— Isso foi estranhamente específico. A parte de *Friday Night Lights*.

— Ah, sim — disse Karina. — Na verdade, temos assistido *Friday Night Lights* ultimamente, então estava na minha mente. Quer dizer, não me entenda mal. Ainda estamos tendo nosso quinhão de amor quente e sexy! “Assistir Netflix” manteve um significado literal e metafórico em nossa casa, acredite em mim. Mas cara, nós moramos juntos agora. O dia

tem muitas horas, sabe o que estou dizendo? Temos tempo para um pouco de TV de vez em quando.

Amanda disse:

— Oooo... então, vocês já terminaram o *Friday Night Lights*? Justin e eu estamos quase terminando. Nós achamos maravilhoso.

Sam gemeu.

— Estamos saindo um pouco do assunto aqui?

Lauren riu.

— Não, Sam. De modo nenhum. A questão é, se você quiser chegar ao lugar onde essas duas estão, o lugar onde você é um casal enjoativamente apaixonado, trocando recomendações da Netflix com outros casais enjoativamente apaixonados, então você precisa fazer sexo. Estou certa?

— Concordo — disse Karina. — E não se preocupe, Sam. Estamos constantemente trocando novas recomendações de maratonas. Então, mesmo você tendo perdido o barco de *Friday Night lights*, você ainda pode entrar na coisa enjoativamente doce de casal apaixonado. Se você agir rápido.

— Olha, Sam — Karina assegurou-lhe. — Com toda seriedade. Basta pedir o jantar para não precisar se preocupar em cozinhar, tome algumas taças de vinho para relaxar e deixe a natureza seguir seu curso. Não há literalmente nada que possa dar errado.

--- ~ ---

Luke bateu na grande porta de madeira de Sam com um largo sorriso no rosto. Mesmo que tivesse se passado apenas cerca de seis horas desde a última vez que a vira, ele ficou surpreso com o quanto sentia falta dela.

Sentia falta do sorriso dela. Dos olhos dela. Sentia falta do cheiro de seu cabelo. Da maneira como ela se moldava a ele. De sua risada. De seus lábios. De como os olhos dela ficavam grandes como pires quando ela ficava nervosa ou surpresa. Da maneira como ela torcia o nariz quando

estava se concentrando. Ele até sentia falta do jeito que ela bufava quando alguém a elogiava.

Depois de passar tanto tempo com ela nas últimas quarenta e oito horas, ele tinha certeza de que, se já não estivesse, agora estava completa e oficialmente apaixonado por Sam. Ele pode ter levado uma década para descobrir, mas agora que ele tinha, não queria perder mais tempo. Ele queria estar com Sam. Ele queria que ela fosse dele. Só dele.

No início, a virgindade de Sam o surpreendeu, principalmente porque ele não tinha entendido, mas também por causa da responsabilidade que o namoro virgem implicava. Agora, porém, seus sentimentos mudaram. Só de saber que ele poderia ser o primeiro e — se ele tinha alguma coisa a ver com isso — o último, o fazia sentir como se quisesse se balançar em árvores gritando como Tarzan.

Ele nunca tinha sido muito homem das cavernas sobre as mulheres, mas Sam trouxe coisas nele que nunca havia sentido antes. Ele queria pegá-la no colo, jogá-la por cima do ombro, levá-la para a cama e fazê-la sua...

Ele se sentia como se, no fim de semana, tivesse sido capaz de quebrar algumas das paredes que Sam havia construído com tanto cuidado quando se tratava dele. Ela havia se aberto com ele nos últimos dias, e não apenas fisicamente, mas emocionalmente também.

Ele ficou emocionado quando recebeu o convite para jantar por mensagem de texto. Queria falar com Sam esta noite e solidificar o que estava acontecendo entre eles. Para mais uma vez colocar suas cartas na mesa.

Luke bateu novamente pouco antes de ouvir a maçaneta girando, e a porta se abriu para revelar Sam usando um vestido de coquetel curto e preto que parecia ter sido pintado em seu corpo com sapatos de salto agulha vermelho-vivo.

— Olááááááá...— ela disse, pendurada na porta e estendeu a mão para trás.

— Vamos lá eu...

Ela soluçou.

Luke passou por ela, tentando avaliar a situação. Ele se inclinou para perto dela e cheirou.

Ele sorriu. Mistério resolvido.

— Sam, você andou bebendo?

Sua cabeça balançou para cima e para baixo várias vezes.

— Sim.

— Quanto você bebeu? — A preocupação envolvia a voz de Luke.

— Eu bebi um pouco de vinho. — Ela ergueu os dedos em V, como um sinal de paz.

— Dois copos? — ele tentou esclarecer.

Ela levantou um terceiro dedo para que sua mão agora parecesse um W.

— Eu tomei quatro... — ela balbuciou e parou para pensar. — Ou mais... — Ela riu. — Eu sou uma poetisa e não sei disso.

Ele puxou uma cadeira dela, guiou-a até lá e então se sentou em frente a ela na mesa da cozinha. Ele fez sua voz ficar séria.

— Sêrio, Sam, quanto você bebeu? — Ela colocou o sinal V novamente. — Apenas duas taças de vinho? — ele perguntou.

Ela soluçou mais uma vez.

— Não. Garrafas.

— O quê?! Algo está errado? Por que você beberia duas garrafas de vinho?

Luke realmente não tinha ideia do que fazer com a situação. Ele sabia que Sam não bebia muito. No entanto, aqui estavam eles.

— Coragem líquida — ela disse a ele em um tom que indicava que ele era um idiota por já não saber disso. Mas ele decidiu fazer uma pergunta complementar de qualquer maneira.

— Coragem líquida para quê?

Ela assinalou com o dedo para frente e para trás como um metrônomo.

— Uh uh Uh. Coisas para eu saber e você descobrir. — Ela sorriu e balançou as sobrancelhas para cima e para baixo.

Ela pegou uma terceira garrafa da mesa e começou a desarmar. Luke observou seu progresso desajeitado com horror, sem saber como proceder. Ela resolveu seu dilema, oferecendo-o a ele.

— Você poderia ajudar por favor?

Ele pegou a garrafa dela, bem como os copos sobre a mesa e foi para a cozinha para encher os copos de ambos com água.

Quando ele deslizou de volta para seu assento, colocou a água no chão.

— Acho que água seria bom por enquanto.

Ela olhou para ele como se estivesse confusa, mas apenas encolheu os ombros.

— Beleza.

— O jantar parece bom — Luke ofereceu. Sobre a mesa havia uma salada verde mista, espaguete com almôndegas e pão de alho recém-assado.

— Sirva-se — ela se inclinou para frente, dando a ele um olhar para seu amplo decote — de qualqueeeeeeeer coisa.

Luke estreitou os olhos. Ele pode ter demorado um pouco para entender, mas estava começando a ver o que estava acontecendo aqui. Ela evidentemente pensou que eles fariam amor esta noite e deve ter precisado de coragem líquida para a ocasião.

Obviamente, nada iria acontecer em seu estado atual, isso era um fato. Mas quando ela ficasse sóbria, Luke precisava descobrir se ela tinha ficado nervosa por ser a primeira vez... ou se ela realmente precisava ficar bêbada para dormir com ele.

Ele tinha certeza de que era apenas por causa dos nervos. A maneira como ela respondeu a ele com apenas um beijo disse a ele que eles tinham uma química insana.

Ele colocou um pouco da salada nos pratos de ambos e começou a comer.

Ela apenas o encarou por alguns segundos antes de pegar o garfo e dar uma enorme mordida na salada. Depois que eles terminaram a salada, ela engasgou alto.

— Oh, eu esqueci!

Ela pulou da cadeira e a teria derrubado completamente se não fosse pelos reflexos rápidos de Luke. Sem nem mesmo perceber que a cadeira quase caiu ou que Luke a salvou, Sam correu para a sala da frente.

Luke sorriu. Mesmo quando ela estava bêbada como um gambá, ela era bonita como o inferno. Ele despejou espaguete em seus pratos de jantar e enfeitou com algumas fatias de pão de alho para cada um. Colocou os pratos de volta na mesa e esperou. Ele estava prestes a segui-la para a sala de estar para se certificar de que ela estava bem quando ouviu os sons da comovente “Let’s Get It On” de Marvin Gaye enchendo a sala.

Sam voltou alguns segundos depois e caiu desleixadamente de volta em sua cadeira. Depois de se endireitar um pouco para ficar de frente para

a mesa, sorriu amplamente para Luke.

— Miiiiiiiiinha música — ela disse como explicação.

Ele assentiu, tentando esconder o sorriso. Ele sabia que deveria levá-la a sério, porque se risse, em seu estado atual, ela poderia acabar de duas maneiras: ou ela ficaria ofendida e brava ou iria machucar seus sentimentos e ela choraria. Ele faria o que pudesse para evitar que qualquer uma dessas coisas acontecesse.

— É legal. — Ele sorriu enquanto dava uma grande mordida no espaguete.

Mais uma vez, ela parecia confusa, mas sem saber como proceder, ela jantou. Eles conversaram um pouco sobre *Mountain Ridge* e a Grande Reabertura no fim de semana seguinte.

Quando o jantar acabou, eles foram até o sofá. Quando eles chegaram lá, Sam colocou as mãos firmemente nos ombros de Luke e o empurrou para que ele se sentasse no sofá. Ela ficou na frente dele, e antes que ele soubesse o que estava acontecendo, ela abriu o zíper do vestido e estava tirando as alças uma por uma.

— Hum... Sam? — disse ele, alarmado.

— Quer jogar videogame? — ela disse sem sentido.

— Ok, podemos fazer isso. Mas devemos fazer isso com nossas roupas.

— Não! — ela disse frustrada. — Você é o... jogo... ou... — Ela balançou a cabeça e, incapaz de terminar o que quer que fosse o pensamento que ela estava tentando fazer, continuou a se despir.

— Sam, o que você está fazendo? — Luke perguntou em um tom de aviso.

— Seduzindo você — disse Sam enquanto deslizava o vestido por seu corpo e depois saía dele. Ela estava diante dele vestida com nada além de uma calcinha de renda branca, sutiã e salto alto vermelho.

Luke sentiu todo o ar sair de seus pulmões. Ela era sua fantasia viva e respirante. E ela estava bêbada. Aparentemente, seu pau não sabia como diferenciar entre Sam seminua sóbria e Sam seminua bêbada, porque ele estava em plena atenção, pronto para a ação.

Ela montou em suas pernas e correu os dedos em seu peito. Ele podia sentir o calor de seu sexo, mesmo através de sua calça jeans, e estava prestes a explodir em suas calças. Ele flexionou as mãos, tentando mantê-



las ao lado do corpo. Podia não saber muito sobre como deveria proceder nesta situação, mas com certeza sabia que tocá-la seria uma má ideia.

— Você gosta de mim? — Sam perguntou com um beicinho em sua voz.

— Sim — Luke rosnou.

Ela soprou em uma mecha de cabelo que havia caído em seu rosto.

— Você me acha sexy?

— Sim, Sam. Você é a mulher mais sexy que eu já vi. — Ele ouviu a tensão em sua própria voz.

— Então me toque — ela exigiu. Ela estava matando-o.

Ele colocou as mãos nas pernas dela e fechou os olhos, tentando manter sua vontade. A pele dela era macia e ele queria tocá-la, mas sabia que precisava manter as mãos exatamente onde estavam.

Ela gemeu e se mexeu em seu colo. Ele apertou suas coxas, e ela engasgou e jogou a cabeça para trás, empurrando os seios em seu rosto.

Ele não iria sobreviver a isso.

— Vamooooos fazer sexo — disse ela em uma voz ofegante.

— Linda, eu gostaria que pudéssemos — disse ele com pesar.

— Nós podemos — ela balançou a cabeça freneticamente —, porque eu nem me importo se sou só mais uma na sua lista de conquistas. — Ela puxou o cinto dele. — Estou bem com isso. Posso não ter essência e posso não parecer uma modelo da Playboy, mas quero fazer isso. E sua mãe disse que você estava de olho em mim por anos.

— Ela disse, é? — Luke teria que conversar com sua mãe.

— Sim. Ela disse. — Eu não acredito nela, mas ela disse, então isso é bom, certo? E você é o primeiro cara com quem eu quero fazer isso.

Sabia que ela estava bêbada, mas ouvi-la dizer isso o fez se apaixonar um pouco mais por ela. Ele viu os olhos dela começando a cair sonolentos quando ela perguntou:

— Então, podemos simplesmente fazer isso?

Ele a pegou e se mexeu, puxando-a para baixo ao lado dele com as costas dela em seu peito. Ele a segurou com força contra ele em seus braços e murmurou:

— Vamos apenas ficar deitados aqui por alguns minutos, ok?

— Hmm, isso é bom. Como esta manhã, eu gostei de acordar com você... — ela disse, aconchegando-se contra ele, sua voz sumindo no

final. Ela parecia que estava prestes a adormecer.

— Eu também gostei.

Luke a sentiu estremecer.

— Você sabia que sua voz me dá arrepios?

Ele sorriu contra o cabelo dela. Gostou disso.

— Não, não sabia.

— Sim, e me faz formigar — ela disse, sua voz soando cada vez mais sonolenta.

— É mesmo? — Luke perguntou, ainda sorrindo, embora estivesse em extremo desconforto com o traseiro perfeito de Sam, mais uma vez aninhado contra sua ereção furiosa.

Ela bocejou.

— Sim.

Quando ele ouviu sua respiração mudar, soube que ela havia adormecido. Ele a pegou e a levou para seu quarto. Puxou os lençóis e a deitou. Então, aproveitando a oportunidade para admirar seu belo corpo todo à sua frente, deixou seus olhos a percorressem, de cima a baixo, da cabeça aos pés. Quando ele teve tudo o que podia, parou de se torturar e puxou o cobertor sobre ela.

Caminhou para o outro lado da cama, tirou os sapatos e se acomodou em cima do edredom.

Sim, ia ser uma longa noite.



Sam acordou com uma pulsação em sua cabeça diferente de tudo que ela já havia sentido antes. Ela tentou se sentar, mas duas sensações a atingiram simultaneamente, tornando a ideia desaconselhável, senão impossível. A primeira coisa que ela sentiu foi náusea, então uma pressão dolorosa em sua cabeça que ia até seus calcanhares. Ela caiu de costas na cama e olhou para o relógio de cabeceira, chocada ao ver que marcava dez e quinze.

Que diabos?

Isso não pode estar certo. Sam nunca tinha dormido depois das oito da manhã em sua vida. Talvez estivesse doente. Seu estômago revirou novamente e ela colocou a mão sobre ele para tentar resolver o problema. Ela sentiu a pele nua.

Novamente, essa era uma anomalia gigantesca.

Moveu lentamente a cabeça, olhando para o comprimento de seu corpo, e viu que estava de sutiã e calcinha.

*Isso é tão estranho, ela pensou. Por que diabos estou usando meu único sutiã e calcinha sensuais só para dormir?*

Então ela se lembrou de colocá-los para se preparar para o encontro.

Alguns segundos de busca em sua memória lhe disseram que ela não se lembrava de muito depois disso.

— Oh, Deus. — Cobriu o rosto com as mãos e gemeu: — Não, não, não.

Ela ouviu seu telefone tocar e agarrou-o desajeitadamente da mesa de cabeceira. Viu que tinha três chamadas perdidas e duas mensagens de texto.

Duas das ligações eram de Stephan. Ela as ignorou. A outra era de Amanda.

Ela apertou o play e ouviu.

*“Ei, Sammi. Luke nos disse que você não estava se sentindo bem. Me avise se você precisar de alguma coisa. Não se preocupe com as coisas aqui. Temos tudo sob controle. Ligue-me quando tiver a chance de me dizer que está bem. Além disso, estou morrendo de vontade de saber como foi a noite passada.”*

— Eu também — ela resmungou, puxando o telefone da orelha.

Enquanto se esforçava mais para lembrar os eventos da noite anterior, as imagens começaram a voltar para ela em fragmentos, quase como cenas passando no cinema de sua mente.

Bebendo não uma, mas duas garrafas de vinho. Ouvindo Marvin Gaye. Tirando a roupa na frente de Luke. Montando em Luke. Jogando-se em Luke. Tentando convencer Luke a dormir com ela.

Outra onda de náusea a atingiu. Ela não tinha certeza se ela se sentia mal com a ressaca ou com a humilhação agora. Puxou um travesseiro sobre a cabeça. Como ela iria enfrentá-lo?

De repente, ela se lembrou de que não tinha apenas uma mensagem de voz; havia mensagens de texto também. Ela pegou o telefone novamente e apertou o ícone para verificar suas mensagens.

Havia duas, e ambas eram de Luke.

A primeira dizia:

*“Bom dia, linda! Deixei alguns biscoitos salgados, água e aspirina ao lado da sua cama, e há um bule cheio de café quente na cozinha. Eu sei que você provavelmente se sente como se tivesse sido atropelada por um caminhão, mas depois de colocar algo em seu estômago e tomar um banho, você deve se sentir humana novamente. Ligue se precisar de alguma coisa. Eu odiei deixar você esta manhã. Já estou com saudades.”*

A segunda dizia:

*“Ei, linda. Estou ficando um pouco preocupado. Por favor, me ligue ou mande uma mensagem quando você se levantar. Se eu não tiver notícias suas em uma hora, estarei aí para ver como você está.”*

Ah, não. Ela se sentia como a morte, e provavelmente também parecia. Ela não podia deixá-lo vê-la assim.

Verificou a hora em que ele havia enviado. Dez da manhã.

Rapidamente respondeu:

*“Acabei de acordar. Vou entrar no chuveiro e estarei aí até o meio-dia. E obrigada... por tudo.”*

Deitar-se contra o travesseiro frio ajudou a afastar um pouco da náusea. Ela ouviu o toque do telefone, alertando-a de que tinha uma mensagem. Ela pegou o telefone, deslizou a tela e viu que era de Luke.

*“Que bom que você está bem. Vejo você em breve, linda!”*

Ela se recompôs e lentamente comeu os biscoitos que Luke havia deixado com tanta consideração ao lado de sua cama. Ela bebeu um pouco da água e tomou a aspirina. Depois de cerca de dez minutos, decidiu que se sentia bem o suficiente para tentar um banho.

Quarenta e cinco minutos depois, estava vestida e pronta para ir. Ela não se sentia totalmente humana, mas não sentia que ia morrer também. Nestas circunstâncias, percebeu que era o melhor que poderia esperar.

Quando parou no estacionamento em *Mountain Ridge*, respirou fundo. Ela

não tinha certeza se Luke estaria em seus escritórios. Ela sabia que os caras tinham terminado a construção das cabines na semana passada, mas com a Grande Reabertura em poucos dias, estava certa de que ainda havia muito a ser feito na propriedade.

Ela poderia evitar seus escritórios juntos e ir e se esconder no escritório de Amanda como esteve na última sexta-feira. Mas ela estava tentando ser mais madura para lidar com as coisas de relacionamento. E ela sabia que apenas estaria adiando o inevitável. Além disso, ela admitiu para si mesma com relutância, não estava muito ansiosa para contar a Amanda tudo sobre sua humilhação na noite anterior.

Sim, todos esses fatores apontavam para que fosse uma boa ideia ir direto para o seu escritório, então ela engoliu em seco e começou a trilhar o caminho. Quando entrou pela porta de seu escritório, Luke estava em uma ligação, mas quando a viu, ele imediatamente pulou da cadeira e veio dar-lhe um abraço e um beijo no cabeça.

Ele sempre teve uma maneira de amenizar seu constrangimento. Ele apenas parecia saber de forma inata exatamente o que ela precisava

quando se sentia insegura ou nervosa ou mesmo — como evidenciado pelos eventos da noite anterior — bêbada.

Ele se recostou na cadeira, fazendo um movimento com a mão para que ela soubesse que ele estava tentando encerrar a chamada. Ela se sentou em frente a ele e, por um momento, apenas ficou avaliando como ele era lindo.

Ela não conseguia se decidir por sua coisa favorita sobre Luke, havia tantas para

escolher. Adorava que ele sempre tinha uma barba sexy por fazer. Amava seu sorriso e seus olhos. Claro, amava sua voz e seu corpo. Amava também o jeito que ele sempre a chamava de linda.

Mas se Sam tivesse que escolher sua coisa favorita, tinha que ser a maneira como ela se sentia nos braços de Luke. Ela nunca sentiu o tipo de segurança, contentamento e amor que sentia quando estava embalada em seu abraço. Cada vez que ele a envolvia em braços fortes, ela nunca queria soltá-lo.

Luke terminou a ligação e desligou o telefone. Quando ele olhou para cima com um sorriso, cumprimentou:

— Como está se sentindo, linda?

— Melhor do que quando acordei, com certeza.

— Bom. Estou feliz. Honestamente, eu fiquei um pouco preocupado com você. Na noite passada você estava... bem... um pouco embriagada.

— Luke estendeu o braço sobre as mesas e pegou a mão dela, esfregando o polegar nos nós dos dedos dela.

*Ok, ela se corrigiu mentalmente, adicione mais um item à lista de coisas que eu amo em Luke.*

Ela não se cansava da maneira como ele esfregava os nós dos dedos dela com o polegar.

— Ah, sim, eu sei. E eu queria me desculpar, Luke. — Sam disse, envergonhada. — Eu sinto tanto por ter arruinado nossa noite. Normalmente não bebo muito. Honestamente. Eu estou tão envergonhada.

— Ei, você não precisa se desculpar. Eu sei que você não está acostumada a beber. E você não arruinou nossa noite. Nenhuma noite passada com você e eu na mesma sala, não importa as circunstâncias, jamais poderia ser arruinada. E você nunca precisa ter vergonha de mim.

— Obrigada, mas sim, eu tenho — Sam disse com pesar e então pigarreou. — Eu só estava muito nervosa, e pensei que uma taça de vinho iria aliviar.

— Para ser justo, uma taça provavelmente teria aliviado — ele brincou.

Ela gemeu.

— Eu sei, eu sei. Mas me senti tão bem depois de uma que pensei: “Vou tomar mais uma.” E então eu repeti essa lógica. Várias vezes.

— Esse vinho vai te pegar sempre — Luke riu.

— Sim — Sam concordou, ainda extremamente desconfortável e penitente. — E, olha, me desculpe, eu me joguei em você e tentei convencê-lo a dormir comigo. Eu só...

Luke interrompeu as divagações de Sam.

— Venha aqui, linda.

Sam olhou para ele, sem conseguir acompanhá-lo.

— O quê?

Ele olhou para ela intensamente.

— Venha. Aqui.

Quando ela se levantou e caminhou ao redor das mesas, ele a puxou para seu colo. Ele pegou o rosto dela em suas mãos e a beijou com força. Quando ele recuou, a cabeça dela estava girando.

— Você nunca tem que se desculpar por vir para mim, linda, e acredite, me custou cada grama de autocontrole que possuo, não fazer amor com você na noite passada. Você nunca terá que me convencer a dormir com você. Só não havia como isso ter acontecido na noite passada.

Ela assentiu com a cabeça, absorvendo suas palavras.

— Graças a Deus! — ela respirou enquanto o alívio corria por suas palavras.

— O que me leva a isso... Na verdade havia algo que eu queria falar com você sobre a noite passada — ele continuou lentamente. — Sam, não sei o que você está sentindo sobre nós. Mas adorei passar esse tempo com você. E eu quero que estejamos mais do que apenas “namorando”, Samantha. Eu quero que você e eu estejamos juntos. Eu quero que você seja minha.

— Sério? — Sam não esperava que ele dissesse isso. Especialmente depois da noite passada.

— Sim, Sam. Eu quero estar com você. Não sei por que você não sabe o quão incrível, linda, engraçada e sexy você é, mas pretendo passar todos os dias da minha vida mostrando que você é todas essas coisas e muito mais.

Sam não tinha ideia do que dizer, então ela apenas disse:

— Tudo bem.

Ele a puxou para perto dele, beijando sua testa, seu nariz, então suavemente, docemente, beijando seus lábios. Ela se sentia especial e querida. Ela se sentia... amada.





Sam chegou a *Mountain Ridge* na manhã da Grande Reabertura às seis horas. Ela precisava de tempo para se preparar para o dia agitado que viria. Em quarenta e cinco minutos, ela sabia que todo o complexo estaria fervilhando de funcionários e voluntários preparando o local para as festividades. Por volta das dez da manhã, os convidados estariam chegando. Se ela fosse capaz de conseguir um pouco de paz e sossego para colocar a cabeça no lugar, então agora seria a única chance que ela teria.

Não que ela odiasse multidões, conhecer pessoas ou cumprir os deveres de “amaciar a carne”. Ela realmente gostava de conhecer entusiastas do *snowboard*. Ela amava tanto o esporte e considerava apenas um feliz acidente do destino ter sido presenteada com um talento extraordinário para ele. Uma benção. Mas, para ser clara, era seu amor pelo esporte que era o principal. Seu talento era secundário. Se ela não tivesse recebido esse talento e a tenacidade para desenvolvê-lo, definitivamente teria sido uma daquelas pessoas que conheceu em eventos como este, surpresa por apertar a mão de uma estrela do esporte e conversando animadamente sobre estatísticas e memórias pessoais.

Então, sim. Definitivamente não era que ela não gostasse dessas grandes e longas reuniões com o público. Ela adorava. Elas eram simplesmente exaustivas. Pra lá de exaustivas.

Sam fazia questão de dar tudo o que tinha a cada pessoa em cada interação. Ela não se importava com nada no que dizia respeito à sua

carreira, mesmo que não tivesse a ver com treinamento ou competição.

Sam se sentou à mesa dela, tomando café, observando o sol nascer e se preparando psicologicamente para o dia que começaria — centrando sua mente, reunindo sua energia. No momento em que se sentia pronta para se levantar e ir encontrar Amanda, ouviu uma voz atrás dela.

— Olá, linda — veio o tom rico e baixo de Luke.

Ela se virou para ele, sorrindo, e o viu encostado casualmente no batente da porta. Seu coração palpitou em seu peito. Ele parecia pertencer a uma capa de revista.

— Ei, lindo — ela disse com a voz embargada enquanto se movia até onde ele estava.

— Mmmm... — ele disse com a voz rouca enquanto deslizava os braços ao redor dela. — Esse é o tipo de resposta que gosto de receber.

Sam ergueu o queixo, tocando seus lábios levemente nos dele em saudação. Ela pretendia que fosse apenas um beijo rápido, um bom dia amigável. Afinal, eles tinham muito trabalho a fazer hoje e deveriam manter a cabeça no jogo.

No entanto, realmente parecia que ele tinha algum tipo de poder vodu sobre seus sentidos e seu corpo — sobre seus lábios, em particular. Cada vez que eles entraram em contato com os dele, ela se viu ficando completamente presa na sensação. O mundo exterior desaparecia. Ela esqueceu onde estava, que dia era... ela esqueceu quem ela era! As únicas coisas de que ela estava ciente eram os braços fortes de Luke segurando-a com força, seus lábios macios contra os dela e suas mãos insistentes vagando tão deliciosamente sobre seu corpo.

Ela era viciada neste homem, disse não tinha dúvidas.

Sentiu os dedos dele descendo por suas costas e nádegas, e suspirou em abandono. Enterrando os dedos em seu cabelo espesso e delicioso, ela o beijou com mais força e se entregou completamente à sensação.

Então experimentou um puxão em sua cintura, e a próxima coisa que ela soube, Luke tinha enfiado a mão sob seu suéter e puxado sua camiseta para fora de seu jeans. Uma coisa era certa, vestir-se em camadas podia ser uma boa proteção contra o frio, mas não era páreo para Luke Reynolds e seus dedos ágeis.

Sua cabeça caiu para trás enquanto se deliciava com a sensação inebriante do toque dele em sua pele nua. Ele arrastou as pontas dos dedos

para cima e para baixo em seus lados, seus polegares traçando pequenos círculos leves em sua barriga. Quanto mais rápido seus dedos se moviam, mais densa a névoa que envolvia seu cérebro se tornava, e ela estava amando cada minuto disso.

Sua respiração tornou-se superficial antes de virar ofegante. Ela estava total e completamente enlevada nas sensações que ele estava acendendo dentro dela. Quando Luke a beijava, quando a tocava, ele estava no comando. Foi a única vez em sua vida que Sam desistiu e parou de se preocupar em estar “no topo de seu jogo” ela simplesmente deixou acontecer. E adorou.

De repente, porém, ela foi trazida de volta à realidade e à consciência de onde estavam quando as mãos de Luke se moveram insistentemente para cima e seguraram seus seios. Através do tecido fino e transparente de seu sutiã, ele gentilmente apertou seus mamilos, causando choques elétricos de prazer em seu corpo.

A intensidade da sensação a trouxe de volta à Terra, e ela girou a cabeça, percebendo pela primeira vez desde que os lábios dele fizeram contato com os dela que eles estavam trabalhando.

— Tudo bem — ela riu trêmula, empurrando as mãos para baixo e se afastando. — Acho que provavelmente deveríamos guardar isso, sabe, para quando não estivermos em nosso escritório... ou também, não estivermos parados na frente de uma janela gigante...

Luke riu.

— Justo. — Então, balançando levemente a cabeça, ele foi até sua mesa e se sentou, sorrindo para Sam. — Então, o que você acha, gostosa da neve? Estamos prontos para hoje?

Ela sorriu.

— Eu nasci pronta. Vamos fazer isso.

--- ~ ---

Ao meio-dia, o sol estava brilhando intensamente e o complexo *Mountain Ridge Outdoor Adventures* fervilhava de gente. Sam não conseguia acreditar no sucesso que a Grande Reabertura estava se tornando, e ela estava emocionada por Amanda e Justin.

As horas estavam voando enquanto ela encontrava pessoa após pessoa, percorrendo o complexo, misturando-se aos fãs, tirando fotos, dando autógrafos. Ela estava mais feliz fazendo isso hoje do que em um evento para a imprensa antes, e ela percebeu que era porque não estava apenas se representando hoje. Estava representando *Mountain Ridge Outdoor Adventures*. Ela era realmente uma parte da família *Mountain Ridge*, e isso a deixava incrivelmente orgulhosa.

Sam olhou para o relógio e correu para a Central de Neve, o novo pátio que ficava na base de todas as trilhas de neve. Era onde se formava a fila para os teleféricos e onde ficava a recém-inaugurada loja de artigos esportivos, ao lado da qual havia uma lanchonete totalmente nova. Além disso, do outro lado estava o início da trilha que levava às novas cabines. Era o centro ao redor do qual todas as novas atividades de esqui e *snowboard* aconteceriam, e hoje, uma plataforma temporária foi montada lá.

Amanda e Justin iam fazer discursos curtos. Bem, pelo menos Justin ia fazer o discurso. Amanda não era muito uma oradora pública. Então, o grande momento. Eles iam cortar a fita que simbolizava a abertura do novo programa de esqui e *snowboard*. Toda a multidão se reuniria, e haveria fotos, imprensa... Sam obviamente precisava estar no palco, assim como Luke. Eles seriam apresentados. Isto é, se Sam pudesse chegar a tempo. Parecia que toda vez que ela dava dois passos, era parada por outro cliente bem-intencionado para um bate-papo e uma foto.

Quando ela finalmente chegou ao pátio Central da Neve, olhou para o relógio novamente. Sim. Quinze minutos de sobra. Ela correu para trás da cortina improvisada que havia sido erguida atrás do palco para que não fosse parada novamente.

Amanda e Justin estavam lá atrás, assim como a família de Luke, sem Stephanie e o novo bebê, é claro. Bailey e Ashley correram para Sam e jogaram os braços em volta da cintura dela.

— Olá, olá, senhoras! — Sam as cumprimentou com entusiasmo. — Vocês não estão lindas hoje, embrulhadas em seu equipamento de neve?

— Sim — elas concordaram prontamente, e Sam riu.

Ela foi até onde os adultos estavam, cumprimentando-os um a um.

— Onde está Luke? — ela perguntou a sua família, Justin e Amanda.

— Nós deveríamos colocar esse show na estrada bem rápido aqui, não é?

O grupo trocou olhares de conhecimento que Sam não entendeu.

— Oh, eu acho que ele estará aqui em um momento — Ellen disse misteriosamente.

Sam olhou para eles com desconfiança.

— O que está acontecendo aqui? — ela perguntou, mas tudo que ela recebeu em troca foram alguns encolher de ombros teatrais.

Ela sorriu e disse altivamente.

— Bem, tudo bem. Não me digam. Eu também tenho uma pequena surpresa, e não é para todos vocês, é para Bailey e Ariel.

As meninas aplaudiram.

— Qual é a nossa surpresa? O que é?

Sam pegou o telefone, dizendo a elas:

— Esperem um segundo, meninas. Deixe-me ver se consigo fazer isso acontecer.

Sam passou a tela do telefone e depois clicou nos vários ícones até que ela discou o número de Karina. Ela colocou o telefone no ouvido.

Depois de dois toques, Karina atendeu, respondendo a chamada com:

— Ei, cachaceira. Deixei alguns panfletos em seu escritório. Ouvi dizer que precisamos dar uma olhada séria em seus hábitos de beber.

— Você é tão engraçada — Sam respondeu. — Ei, você acha que poderia vir para os bastidores por alguns minutos e conhecer as sobrinhas de Luke?

— Certo. Estou aí em dois segundos! — Karina concordou e desligou a ligação.

Fiel à sua palavra, em dois segundos, Karina varreu a entrada para a tenda improvisada nos bastidores no modo “Karina Black” completo. Magnânima e amigável, com o carisma de *star power* na potência máxima.

As duas meninas congelaram no lugar, seus olhos arregalados como pires, e então começaram a gritar. Karina, fingiu não ouvir os gritos e disse:

— Agora vamos ver. Hmmm... Vim aqui atrás para encontrar Bailey e Ariel. Quem poderiam ser?

— Somos nós! Somos nós! Somos nós! — as duas garotas gritavam freneticamente, pulando para cima e para baixo com as mãos no ar.

Karina deu uma grande demonstração de surpresa simulada.

— São vocês duas?! — ela perguntou, chocada.

— Estas são as princesas sobre as quais eu ouvi tanto? Vocês são duas lindas! — Ariel e Bailey sorriram com orgulho.

Karina disse:

— Vocês vão ficar na frente para ver a apresentação? — As meninas concordaram.

— Vocês acham que estaria tudo bem se eu ficasse com vocês?

Eles acenaram com a cabeça novamente furiosamente. De repente, porém, sua atenção foi desviada para a porta de entrada.

— Tio Luke! Tio Luke! — elas gritaram, correndo até ele e Christopher, e jogando os braços em volta dele.

Karina olhou para Sam e encolheu os ombros.

— Mesmo ser uma estrela pop tem suas limitações, eu suponho. Não sou páreo para o tio Luke.

Luke caminhou até elas e beijou Sam, pegando-a e girando-a. Ela riu feliz. Fazia apenas algumas horas desde que ela o vira pela última vez, mas sentia muito a falta dele.

— Eu tenho uma surpresa para você — ele disse alegremente. — Acho que você vai gostar.

Sam sorriu radiante para ele.

— Não poderia ser melhor do que o que tenho na minha frente agora — ela suspirou.

Luke deu a ela um sorriso torto.

— Veremos.

Ele correu de volta para a aba da cortina e puxou-a de lado, gesticulando para que alguém entrasse. Sam ficou chocada ao ver seus pais entrarem na tenda.

— Mamãe! Papai! — ela gritou, correndo até eles e jogando os braços em volta deles, sentindo-se tão pequena e tonta quanto Bailey e Ariel. — O que diabos... Como vocês... O que estão fazendo aqui?

Seus pais a abraçaram de volta, e seu pai explicou:

— Bem, Luke entrou em contato. Ele nos disse que dia especial seria este e que sabia que não íamos querer perdê-lo, então nos trouxe de avião.

— Sim — sua mãe confirmou. — E vamos ficar em Tahoe a semana inteira, então vamos visitar outros lugares também!

— Oh, meu Deus! Isso é incrível! — Sam respondeu entusiasmada. — Porque, honestamente, não sei quanto tempo vou passar com vocês hoje... estarei tão ocupada...

— Claro — sua mãe concordou. — Vamos assistir à apresentação e depois dar uma olhada em tudo. Então vamos descer para o hotel e nos instalar. Estamos um pouco cansados da viagem. Vamos nos ver muito durante a semana.

— Isso é tão bom! — Sam não conseguia acreditar que Luke tinha feito isso por ela. Significou muito para ela o fato de ele ter pensado em algo tão pessoal para surpreendê-la.

Amanda caminhou até o grupo.

— Ei, Sam, está na hora!

Todas as pessoas nos bastidores saíram. A maioria deles foi para a plateia, mas Justin, Amanda, Luke e Sam desviaram a pequena escada para a plataforma.

Sam estava na plataforma, cheia de orgulho. Estava orgulhosa de Justin e Amanda, estava orgulhosa de fazer parte de *Mountain Ridge* e estava orgulhosa de estar ao lado de Luke.

Justin se aproximou do microfone, esperando pacientemente enquanto a multidão se acalmava. Sam olhou para fora. Ela viu câmeras com logotipos que iam desde estações de notícias locais de Lake Tahoe até ESPN. Ela também se sentia orgulhosa disso. Sabia que se não fosse pelo destaque dela e de Luke no esporte, Justin e Amanda nunca estariam recebendo esse tipo de atenção da imprensa.

— Muito obrigado por terem vindo hoje — Justin começou. — Não gosto de discursos longos, então vou ser breve. *Mountain Ridge Outdoor Adventures* foi iniciado por Parker Jacobs. Ele foi meu amigo e mentor. Era meu sócio e pai da minha noiva Amanda. Ele começou este lugar com uma visão. Ele o via como um lugar onde famílias e amigos poderiam se reunir, vivenciar toda a emoção e diversão que a natureza tem a nos oferecer e usar esse tempo para construir laços mais fortes e relacionamentos mais próximos.

“Vemos este novo programa de esqui e *snowboard* como uma extensão dessa visão. Este não é apenas um lugar para vir e se divertir, embora

esperemos que todos os nossos hóspedes se divirtam muito. É um lugar para fazer memórias e ficar mais próximos.

Nesse sentido, gostaria de passar o microfone para um de nossos novos profissionais de esqui, Luke Reynolds, que vai dizer algumas palavras.”

A multidão explodiu em aplausos e gritos estrondosos, e Sam observou o progresso de Luke até o microfone com uma expressão perplexa. Isso não fazia parte do programa, pelo que ela sabia. O que Luke iria dizer?

Quando ele alcançou o microfone, Luke se virou e piscou para ela. Então ele começou a falar.

— Obrigado, Justin. Eu também não sou de grandes discursos, então também vou ser breve. Posso atestar o que Justin estava falando antes quando disse que este é um lugar onde os relacionamentos se fortalecem. Eu mesmo experimentei isso durante o tempo que estou aqui. — Luke se virou para Sam, que, a essa altura, estava corando furiosamente, e gesticulou para que ela avançasse. Borboletas enxamearam em seu estômago enquanto ela caminhava com as pernas trêmulas para ficar ao lado dele. — A maioria de vocês conhece Samantha Holt — Luke disse ao microfone.

Mais uma vez, a multidão explodiu em vivas e aplausos. Sam estava um pouco constrangida, sem saber o que esperar. Ela precisaria dizer algo?

— Nós nos conhecemos há anos, é claro — Luke continuou. — É um mundo pequeno, essa comunidade de esportes de neve, na verdade. Mas, desde que estamos aqui juntos, percebi que não há ninguém mais no mundo para mim. Eu amo essa mulher incondicionalmente e eternamente.

Luke se ajoelhou ao lado de Sam, puxando uma pequena caixa quadrada do bolso da jaqueta. Então ele a estendeu para ela e a abriu, revelando um anel de diamante. Sam engasgou. Luke sorriu.

— Samantha Holt — ele gritou para ser ouvido acima da multidão —, você vai me fazer o homem mais feliz do mundo e se casar comigo?

Nesse ponto, a multidão estava enlouquecendo. Sam mal conseguia ouvir sua própria voz acima deles enquanto gritava:

— Sim! Sim, eu casarei com você!

Luke ficou de pé e a agarrou nos braços para um beijo apaixonado. Como acontecia toda vez que seus lábios se encontravam, o mundo desaparecia para ela. Ela mal estava ciente da multidão trovejante, das



câmeras piscando ou das lágrimas de felicidade de seus amigos e familiares. Ela estava apenas ciente do fato de que estava beijando Luke.

Seu noivo.

--- ~ ---

Quando o sol se pôs sobre as montanhas, Sam se sentou à mesa da cozinha de Amanda com Luke, Justin, Amanda, Karina, Ryan e Lauren. Estavam todos exaustos, é claro, mas era um cansaço contente, cheio da satisfação de um longo dia de trabalho bem executado.

A cadeira de Sam foi empurrada até a de Luke, e ela se aconchegou em seus braços. Ela suspirou com um sorriso, relaxando nos braços do homem que amava, rodeada de amigos. A vida era boa.

— Então, Sam — disse Amanda, com um brilho nos olhos —, temos mais uma pequena surpresa para você.

Sam se sentou.

— Mesmo? Hoje já foi incrível. O que mais poderia haver?

Amanda e Justin trocaram um sorrisinho conspiratório, e Amanda deslizou uma chave nova e brilhante pela mesa para Sam e Luke.

— Achamos que, em homenagem ao seu noivado, você gostaria de passar a noite em uma das novas cabines que ajudaram a construir.

A boca de Sam se abriu de surpresa e deleite.

— Oh, pessoal! Que divertido! Que atencioso!

— Provavelmente vou querer trocar os lençóis depois de batizarem a cabine toda — Karina disse, e Lauren deu um tapinha na orelha dela.

Sam corou, mas não a contradisse.

Amanda disse:

— Eu arrumei tudo para vocês. Travesseiros de plumas e lençóis de seda, velas, fogo aceso na lareira...

Karina interrompeu:

— Queríamos colocar um pouco de vinho e taças lá para você, mas ouvimos que não foi tão bom da última vez.

Sam e Luke riram. Quando a conversa mudou para outras ocasiões em que as pessoas do grupo ficaram embriagadas, Sam ficou quieta pensando no fato de que isso finalmente iria acontecer. Ela sabia que, depois desta noite, não seria mais virgem. Ela finalmente seria capaz de perder essa classificação. E seria com Luke. Sua paixão de infância, o homem de seus sonhos, o amor de sua vida, seu noivo.

Ela era uma garota de sorte.



Luke e Sam atravessaram a porta da cabana, fechando-a atrás deles e se protegendo do vento e da neve, criando instantaneamente um casulo seguro, confortável e aconchegante no qual estavam acomodados.

Dentro de sua pequena bolha iluminada pelo fogo, era fácil acreditar que apenas os dois existiam, que o mundo inteiro havia se reduzido a uma população de dois. Era fácil acreditar que eles estavam em algum tipo de limbo romântico suavemente iluminado, onde o tempo estava suspenso e nada importava além de seu amor.

Sam pegou a caixa de fósforos que estava sobre a mesinha de centro e entrou no quarto, onde começou a acender as velas que estavam colocadas estrategicamente ao redor da sala. As chamas suaves e bruxuleantes das velas, as sombras criadas por essas chamas e o cheiro celestial expelido pela cera queimando combinaram para transformar a sala em um paraíso inebriante. A realidade, o mundo que existia fora dos limites daquelas quatro paredes, estava completamente suspenso.

Enquanto Sam acendia a última vela, ela sentiu os braços de Luke envolvendo-a por trás, e ele começou a beijar e acariciar seu pescoço. Cada nervo de seu corpo ficou instantaneamente em alerta, e ela sentiu uma onda de calor passar por ela da cabeça aos pés.

— Não acredito que vou realmente fazer amor com você esta noite, Samantha — Luke sussurrou desesperadamente em seu ouvido. — Eu esperei tanto tempo e eu te quero tanto.

Sam se virou em seus braços para encará-lo, enterrando os dedos em seu cabelo exuberante.

— Estou tão feliz por ter esperado. Estou tão feliz por ter esperado por você.

Luke gemeu com as palavras dela e começou a beijá-la apaixonadamente, como se sua vida dependesse disso, como se sua boca e sua língua fossem tão necessárias para sua sobrevivência quanto a água, a comida e o ar. Ele a devorou.

Sam sempre presumiu que, quando esse momento realmente chegasse, quando ela estivesse prestes a fazer sexo pela primeira vez, ela ficaria nervosa. Ela tinha certeza de que iria querer fazer isso, mas presumiu que haveria algum elemento de nervosismo em jogo. Que seus dedos tateariam, que seu corpo ficaria desajeitado, que ela precisaria de tempo para dominar a logística da nova habilidade.

Mas agora que o momento havia chegado, ela estava totalmente sem medo ou trepidação. Ela se sentia segura e bem cuidada com Luke. Ela sabia no fundo de sua alma que nada de ruim poderia acontecer com ela enquanto ele estivesse aqui.

E quanto à mecânica do que fazer? Bem, ela sabia instintivamente que, conforme cada passo progredisse, ela saberia o que fazer a seguir. Ela não tinha ideia de como sabia disso; ela apenas sentia.

Tudo sobre esta noite parecia cem por cento certo.

Luke começou a despi-la, e ela tinha certeza absoluta de que nunca havia ficado mais excitada em sua vida. Ela podia ver em seus olhos, ouvir em sua respiração, o quão desesperado ele estava para apenas arrancar todas as roupas dela, jogá-la na cama e fazer o que queria com ela, mas se controlou, tirando cada camada de roupa lentamente, romanticamente, acariciando-a enquanto ele removia cada item. Ele a tocou e olhou para ela como se ela fosse tão frágil e preciosa quanto uma boneca de porcelana.

Quando ele finalmente tirou tudo dela, exceto o sutiã e a calcinha rendados, ele se afastou por um momento, examinando o que havia descoberto. Seu olhar parecia uma carícia em sua pele nua.

— Meu Deus, você é linda. — Ele respirou com admiração e, com sua voz rouca, ordenou: — Dê uma voltinha.

Sam sentiu-se corar quando girou em um círculo lento de 360 graus, deixando-o observar bem.

— Eu tenho tanta sorte — ele murmurou.

Sam definitivamente sentia que ela era a sortuda.

— Sua vez.

Eles começaram a trabalhar juntos para despir Luke, e seus dedos se atrapalharam um pouco, mas não era por causa dos nervos. De modo nenhum. Era da pura adrenalina da luxúria inundando seu sistema. Quando finalmente ele parou diante dela apenas de cueca boxer preta de algodão, ela sentiu como se todo o ar tivesse sido sugado para fora do quarto. Seu corpo era uma obra-prima.

Seus olhos avidamente percorreram o rosto bonito, o peito largo e musculoso e o abdômen ondulante enquanto a luz apagada das velas bruxuleantes dançava em sua pele lisa. Ela queria estender a mão e tocá-lo, mas também queria apenas olhar para ele. Para guardar cada centímetro de seu corpo perfeito na memória.

Sua língua deslizou entre os lábios enquanto ela os lambia, e um gemido primitivo saiu do peito de Luke quando ele deu um passo à frente, fechando a distância entre eles, pegando-a nos braços e beijando-a enquanto a carregava para a cama.

— Oh, querida — ele prometeu entre beijos: — Eu vou fazer você se sentir tão bem esta noite.

— Você já está fazendo isso — ela murmurou contra seus lábios.

Luke a deitou na cama e começou a acariciar seu corpo, passando as mãos para cima e para baixo sobre sua carne macia e flexível, fazendo com que seu corpo explodisse em arrepios. Levantando-se ligeiramente sobre o cotovelo, ele perguntou com preocupação:

— Você está quente o suficiente, baby? Eu preciso atizar o fogo?

Ela riu e então olhou nos olhos dele intensamente, dizendo:

— Você faz isso comigo, Luke. Cada vez que você me beija. Cada vez que você me toca. Toda vez que você fala comigo. Cada vez que você está na mesma sala. Isso é o que você faz comigo.

Mais uma vez, as palavras arrancaram um gemido de sua garganta, e ele começou a beijar seu pescoço, suavemente, movendo os dedos sedutoramente para cima e para baixo em suas laterais e barriga, parando um pouco antes de seus seios. Ela arqueou as costas de puro prazer, e ele deslizou as mãos atrás das costas e desabotoou o sutiã.

Ele se recostou e deslizou a roupa transparente pelos braços dela, jogando-a de lado.

Olhou avidamente para seus seios. Ela amou a maneira como ele olhou para ela, como se nem tivesse certeza se ela era real. Sam tinha lido sobre algo uma vez, a síndrome de Stendhal. Era quando as pessoas ficavam tão emocionadas ao ver uma bela obra de arte pela primeira vez que realmente perdiam a consciência. Seus corpos simplesmente não podiam lidar com tudo o que sua mente queria absorver e apreciar. Era assim que Luke olhava para ela. Ela não tinha ideia de como no mundo ela conseguiu incitar uma resposta tão primitiva dele, mas estava feliz por isso.

Sam se deixou flutuar no erotismo do momento. Deixou sua mente ficar em branco enquanto cada fibra de seu ser doía por sentir as mãos e a boca de Luke em sua pele.

Finalmente, Luke quase reverentemente abaixou a cabeça e gentilmente envolveu os lábios em um de seus mamilos. Ela gemeu e enterrou os dedos em seu cabelo, sussurrando encorajamento enquanto ele agitava o cerne duro com a língua, brincando com ele, tornando-o ainda mais difícil do que antes. Um doce choque de felicidade explodiu dentro dela com a sensação de sua boca em sucção.

Ela sentiu a grande mão dele se mover abaixo de suas costas para apoiá-la enquanto a puxava ainda mais perto a fim de mover a boca para o outro mamilo. Este ele provocou e atormentou ainda mais furiosamente, enviando ondas de prazer através dela que eram diferentes de tudo que ela já havia conhecido.

Seu corpo se contorceu sob seu toque terno, e ela gritou em puro êxtase. Sua mente estava muito além da razão, tão entorpecida para qualquer coisa, exceto receber o prazer que Luke estava dando a ela. Tudo o que ela podia fazer era sentir.

--- ~ ---

O corpo de Luke estava mais tenso do que nunca em sua vida. Sua língua fez círculos ao redor dos mamilos retesados de Sam, e ele moveu as mãos para tirar sua calcinha, nunca deixando sua boca quebrar o contato com seus seios. Depois de puxá-la para baixo por suas pernas, sua mão lentamente fez seu caminho até a pele macia e lisa de sua coxa.

Os quadris de Sam resistiram enquanto seus dedos se aproximavam de seu centro, seu corpo respondendo instintivamente ao que sabia que viria a seguir. Suas pernas se separaram para ele, e ele podia sentir o calor irradiando de seu núcleo.

Ele começou a acariciá-la ali, suavemente, para cima e para baixo, facilitando a entrada. Desenvolveu um ritmo com seus golpes leves, mal deixando seus dedos passarem por seus lábios. Ele sentiu a urgência das mãos dela apertando em seu cabelo enquanto ela choramingava de necessidade.

— Oh... isso... é tão... oh... bom.

— Isso é bom, baby — ele encorajou. — Apenas sinta. Apenas relaxe...

Ela suspirou de intenso prazer enquanto sua cabeça se movia para frente e para trás no travesseiro.

Luke interpretou isso como um sinal de que poderia intensificar seu ritmo. Ele enfiou os dedos um pouco mais fundo em suas dobras molhadas e aumentou a velocidade e a intensidade com que os movia para cima e para baixo.

— Oh... — Sam respirou. Ela acalmou a cabeça no travesseiro e olhou para ele, observando-o mover a boca em seus mamilos, os dedos entre suas pernas.

Luke olhou para cima e encontrou os olhos dela, sorrindo enquanto continuava a acariciar seus mamilos com a ponta dura de sua língua e deslizava um dedo em sua entrada apertada, movendo-o lenta mas insistentemente. Ele moveu o polegar no lugar sobre o botão duro e escorregadio que era seu centro de prazer e começou a acariciá-la com círculos lentos e pequenos.

Luke sentiu as paredes internas de Sam apertando seu dedo enquanto seu orgasmo aumentava. A mão dele estava revestida de sua excitação enquanto ela movia os quadris contra o dedo enterrado profundamente dentro dela.

— Eu acho que... eu vou...— Sam engasgou, agarrando o cabelo de Luke com os dois punhos.

Seu corpo resistiu incontrolavelmente quando Luke sentiu o orgasmo rugir por ela. Ele ficou com ela até que seu corpo finalmente relaxou. Ela se recostou nos travesseiros, exausta e ofegante, e ele se levantou para beijá-la suavemente.

Ela acariciou seu rosto.

— Isso foi incrível —disse amorosamente enquanto seus lábios roçavam os dele. — Obrigada, Luke. Muito obrigada.

Ele sorriu amplamente.

— Ainda não acabou. Está apenas começando.

Sam corou.

— Não, eu sei. Eu não estava dizendo... quero dizer... — Suas palavras foram sumindo quando ele começou a beijar seu pescoço e barriga, o rastro de seus lábios se movendo ainda mais baixo.

Ele sentiu o corpo ficar ligeiramente tenso quando disse, incrédula:

— Oh, não, Luke. Eu não acho... quero dizer, isso foi realmente poderoso. Eu não acho que poderia... de novo, tão cedo...

Ele olhou para ela e deu um sorriso sexy e conhecedor.

— Vamos ver.

--- ~ ---

Sam viu a confiança nos olhos de Luke, e ela não queria “chover em seu desfile” — ou, ela imaginou, no dela —, mas seu corpo parecia uma terminação nervosa exposta. Ela honestamente não tinha certeza se conseguiria lidar com ser tocada lá.

Com um leve brilho em seus lindos olhos, Luke suavemente cobriu seu monte em um beijo de boca aberta, e seu calor úmido foi calmante contra seu corpo. Sua língua encontrou seu centro de prazer, que ainda estava inchado do incrível orgasmo que ela acabara de ter. Justamente quando ela pensou que seria muito, muito intenso, Luke começou a provocá-lo



gentilmente, esfregando a língua para cima e para baixo em ambos os lados, sacudindo a pele macia ao redor do botão sensível.

Para a surpresa de Sam, ela começou a sentir pequenas correntes elétricas de prazer subindo de onde a língua de Luke estava fazendo seu trabalho. Ondas de felicidade lavaram seu corpo já saciado. Ela se deleitou com a sensação de ter suas pernas abertas enquanto Luke lambia, beijava e chupava seu centro inchado e úmido.

— Oh, Deus — ela respirou em choque. — Oh, Luke, isso é... é tão...

Ela começou a mover os quadris no ritmo de sua boca, a carga erótica que sentia crescendo e se multiplicando até que, com certeza, ela sentiu o início de outro orgasmo começando em sua barriga. Mas esse parecia diferente. O primeiro orgasmo que Luke deu a ela foi como ser atingida por um raio — de um jeito muito bom, mas ainda assim. Agora, parecia mais com ser carregada por um rio caudaloso do que ser atingida por um raio. As ondas, embora não menos agradáveis, eram mais uniformes e se espalhavam por seu corpo.

Enquanto o anterior tinha se centrado principalmente em seu núcleo, este estava enviando ondas constantes de sensações para fora de seu torso e através de suas extremidades. Seu corpo tremeu quando seu clímax a reivindicou. Era como se seus braços estivessem gozando, suas pernas estivessem gozando, seus dedos das mãos e dos pés e a ponta de seu nariz... Seu corpo inteiro estava experimentando a sensação incrível que a boca de Luke estava dando a ela.

Quando a maré de prazer diminuiu e fluiu, Luke beijou o caminho de volta para seu corpo.

— Uau — ela respirou.

— Uau bom? — Luke perguntou com um sorriso, a covinha em sua bochecha esquerda bem visível.

— Sim, uau, bom — afirmou ela. — Eu só... eu não sabia que havia diferentes tipos de... você sabe... orgasmos.

Luke riu e a beijou.

— Oh, baby — disse ele rispidamente, acariciando seu cabelo —, você não tem ideia de todas as maneiras que vou fazer você gozar.

— Oh. — Ela sentiu seu batimento cardíaco começar a acelerar. Sam realmente queria perguntar algo a ele, mas estava com medo de que fosse bobagem. Enquanto ela tentava encontrar a maneira certa de formular a

pergunta para não soar como, bem, uma virgem, sua voz profunda a interrompeu.

— O que há de errado? — ele perguntou, parecendo preocupado enquanto mudava seu peso ligeiramente para fora dela.

— Nada — ela respondeu imediatamente enquanto suas mãos se estenderam e envolveram o pescoço dele. Ela não queria que ele se movesse. Queria que ele ficasse assim, deitado sobre ela. Sua pele contra a dela. Ela respirou fundo, tentando se concentrar neste momento.

Seus olhos castanhos claros procuraram os dela quando ele disse:

— Sam, posso dizer que algo está acontecendo. O que foi, baby? Você pode me dizer. Você não está pronta? Nós podemos esperar.

Sam viu a mandíbula de Luke apertar e pôde sentir o calor irradiando de seu corpo. Ela também podia sentir uma parte muito grande e dura de sua anatomia pressionada contra sua coxa. Mesmo que ela não tivesse muita experiência, sabia que o fato de Luke estar disposto a parar, a esperar por ela a fazia amá-lo ainda mais do que já amava.

Mas não havia nenhuma maneira de Sam querer parar. Sua hesitação havia acabado por não querer fazer papel de boba quando fizesse sua pergunta, não por querer parar.

— Eu não quero esperar. Eu esperei por isso, para estar com você, pelo que parece uma eternidade. Eu só queria saber se você acha... se é possível... — Sam estava ficando irritada consigo mesma. Luke a amava. Ele a pediu em casamento. Ela estava segura com ele. Seus olhos estavam cheios de paciência e preocupação enquanto a olhava fixamente.

Decidindo que era melhor apenas arrancá-lo como um band-aid, Sam deixou escapar:

— Você acha que posso ter um orgasmo assim com sexo?

--- ~ ---

Luke fechou os olhos, oprimido pela carga erótica que as palavras dela lhe deram. Ele tinha estado duro o tempo todo, desde que eles entraram na

cabana, mas o que ela disse deu à sua ereção ainda mais força. Ele nunca quis ninguém tanto quanto queria Sam. Ele a desejava em um nível visceral. Seu corpo respondia a ela com uma excitação feroz. Sua inocência. Sua abertura. Sua honestidade.

— Bem — Luke disse enquanto se levantava da cama e tirava sua cueca boxer — há uma maneira de descobrir.

— Oh! — Ela engasgou, seus olhos arregalados enquanto olhava para sua ereção dura como pedra sobressaindo de seu corpo. Ela lambeu os lábios e a visão fez seu pau pular. Um pequeno sorriso cruzou seu rosto quando ela olhou para ele. Quando seus olhos se encontraram, ela se sentou um pouco, se inclinou para frente e o pegou na mão.

Droga. Luke cerrou os dentes quando os dedos dela o cercaram, apertando, acariciando... Ele engasgou com uma respiração estremecida e sentiu suas bolas apertando contra seu corpo. Ele não gozava com uma punção manual desde que era adolescente, mas estava um pouco preocupado de que isso seria exatamente o que aconteceria se Sam não parasse de tocá-lo.

— Você está tão duro — ela respirou enquanto sua mão acariciava seu comprimento — e é tão grande.

Normalmente Luke apreciava quando as mulheres falavam na cama. Era excitante, um grande momento.

Mas o comentário de Sam não estava ajudando sua situação nem um pouco. Ainda assim, ele não queria apressá-la. Se ela queria tempo para explorar seu corpo, ele precisava dar a ela tempo para explorar seu corpo. Mesmo que isso o matasse.

Sua respiração estava ficando cada vez mais instável, e ele viu um rubor subir em seu pescoço. Ele amava a sensação de saber que apenas tocá-lo estava construindo uma excitação dentro dela. Adorava saber que a afetava dessa forma.

Depois de vários minutos dolorosamente sensuais, ela falou com uma voz suave:

— Eu quero sentir você. Dentro de mim.

Era isso. Sinal verde.

Com a velocidade da luz, Luke pegou um pacote de preservativos de onde ele havia colocado na mesa de cabeceira e abriu a embalagem, colocando o tubo de látex com o máximo de eficiência possível.

Quando ele olhou para ela, viu diversão iluminando seus olhos. Ela sorriu enquanto perguntou:

— Está com um pouco de pressa?

Ele sorriu amplamente enquanto se movia e ela se encostou nos travesseiros.

— Você não tem ideia.

Suas pernas se abriram mais, acomodando seus quadris, e ele se abaixou e pegou seu membro na mão. Correu sua ponta inchada para cima e para baixo em sua entrada molhada, certificando-se de que seu corpo estava pronto para aceitá-lo. Quando ele sentiu a umidade de sua excitação se espalhar em seus dedos, se posicionou no calor de sua abertura.

Ao mover a mão de volta por seu corpo para embalar seu rosto, ele percebeu que estava tremendo. Ele era o experiente aqui. Ela era virgem, mas ele tremia como uma folha.

Ele estendeu a mão e correu os dedos pelo cabelo dela enquanto olhava para seus olhos castanhos de gato. Ele experimentava o amor como se ele nunca soube que existia. Um amor capaz de preencher todo o seu ser e quando ele conseguiu falar, sua voz rouca:

— Você está pronta?

Ela engoliu em seco antes de responder:

— Sim.

Os olhos de Luke se fecharam enquanto seu corpo inteiro ficava tenso com a consciência enquanto ele lentamente penetrava seu sexo apertado. O suor escorria de sua nuca enquanto, centímetro por centímetro, ele pressionava sua passagem confortável até que a preencheu totalmente. Completamente. Ele se acalmou, esperando que ela se aclimatasse à intrusão erótica. O desejo e a excitação correram por ele com a força de um furacão, mas ele não se moveu. Apenas esperou.

Abrindo os olhos, encontrou Sam olhando para ele, a boca ligeiramente aberta em uma respiração difícil.

— Você está bem? — ele perguntou, precisando alterar seu tom.

Ela assentiu enquanto seus dedos cravaram em suas costas. Suas unhas picaram contra a pele dele enquanto ela mordia o lábio inferior.

Luke começou a mover os quadris, puxando e empurrando para dentro de sua passagem molhada. Seu corpo se apertou ao redor dele como ninguém mais fez enquanto ele entrava e saía dela. Suas mãos percorreram

suas costas ao mesmo tempo em que ela enterrava o rosto em seu pescoço, agarrando-se a seu corpo. As pernas dela envolveram ao redor dele, os dedos dele se enredaram em seu cabelo e ele embalou a cabeça dela contra si.

A respiração dela estava quente em seu pescoço enquanto eles encontravam seu ritmo. O doce prazer caiu sobre ele novamente e novamente sempre que eles se moviam juntos. Os lábios roçaram seu pescoço enquanto ela engasgava e choramingava de necessidade.

Seus quadris rolaram, mergulhando nela novamente e novamente. Ele estava apenas ligeiramente ciente das pernas dela tremendo contra as dele enquanto ele se sentia subindo e caindo do penhasco de êxtase. Seu clímax o rasgou como uma agonia feliz ao mesmo tempo em que ele cavalgava a liberação mais longa e quente de sua vida.

Quando o último espasmo o sacudiu, ele rolou de costas, puxando Sam com ele, desmaiando de exaustão. Samantha e Luke deitaram juntos em silêncio enquanto seus corpos desciam do alto que estavam, o rubor desaparecia de suas peles e sua respiração desacelerava.

Luke estava sem palavras. Isso não era algo que acontecia com ele com frequência. Mas agora, tentando encontrar uma maneira de dizer o que esta noite significava para ele, como tinha sido maravilhoso e o quanto ele a amava, ele simplesmente não conseguia encontrar a maneira certa de dizer isso, uma maneira que fosse adequada para descrever a profundidade e amplitude do que ele sentia, de uma forma que não apenas a deixasse saber intelectualmente o alcance de seu amor por ela, mas que realmente a deixasse sentir o que ele sentia.

Finalmente, no entanto, palavras perfeitas ou não, ele teve que falar. Estava explodindo dele. Ele precisava falar com ela.

— Samantha... — ele começou, mas não obteve resposta.

Ele torceu a cabeça para o lado e inclinou-a para baixo para que pudesse ver o rosto dela, e então sua boca se abriu em um largo sorriso.

O cabelo dela estava espalhado sobre o peito dele, o rosto dela apertado contra seu peito, os olhos fechados.

Ela estava dormindo profundamente.



S am rolou, espreguiçando-se ao sentir que estava acordando. Quando abriu os olhos, viu que Luke ainda estava dormindo na cama ao lado dela. Ela acomodou a cabeça mais fundo na pilha fofa de travesseiros em que estava deitada e olhou amorosamente para a forma adormecida de Luke. Seus dedos formigavam com o desejo de estender a mão e tocá-lo de qualquer forma, acariciar sua bochecha, pentear seu cabelo para trás. Apenas o desejo de não o acordar manteve suas mãos firmemente ancoradas ao seu lado.

Um sorriso apareceu em seus lábios enquanto ela pensava na noite anterior. Ela definitivamente tinha sua resposta, e era um retumbante sim, ela absolutamente poderia ter um orgasmo com Luke dentro dela. Ele provou isso a ela antes que ela desmaiasse e então novamente quando ela acordou para sentir seu comprimento duro em suas costas enquanto ele a acariciava.

Quando ele percebeu que ela estava acordada, ergueu sua coxa, inclinando seus quadris para trás para que pudesse entrar em seu centro por trás. Ela engasgou com o quão diferente aquela posição parecia, e ele se moveu lentamente para dentro dela enquanto uma mão deslizava entre suas pernas e esfregava suavemente seu cerne de prazer enquanto a outra massageava eroticamente seus seios. Ela gozou quase instantaneamente.

Um arrepio a percorreu com a memória. Ela rolou com fluidez de costas e esticou os braços acima da cabeça, sentindo um contentamento abrangente se espalhar por ela. Ela se sentia lânguida, líquida, como se

seus músculos fossem ouro derretido. Ela precisava ir até a cozinha para pegar um copo d'água, mas em vez de pular do colchão e cruzar o quarto, que seria seu modo normal de sair da cama, ela derramou as pernas suavemente para o lado e depois acolchoou pelo chão com uma graça felina.

Sam sorriu para si mesma. Ela percebeu que reconhecia esse sentimento. Era como estar agradavelmente tonta, só que ela não tinha bebido nada. Ela estava tonta de amor. Ou zumbido sexual. Ou ambos, na verdade.

Enquanto ela voltava suavemente para o quarto com seu copo d'água, um sino alto soou próximo a seu ouvido. Ela olhou rapidamente para a fonte do som, vendo uma luz piscando que a avisou de que o barulho estava vindo do celular de Luke.

Imediatamente preocupada que isso fosse acordá-lo, Sam pegou o telefone ofensivo e limpou a tela, querendo silenciar o toque antes que tocasse novamente. Seus dedos se moviam para frente e para trás na tela sem pensar, sem navegar conscientemente, mas apenas tentando, sem pensar, localizar e neutralizar a fonte do som.

Quando ela viu, na tela, as palavras que seu golpe havia descoberto, no entanto, ela perdeu o fôlego por um momento.

Ali havia uma mensagem de texto para Luke. E era de um número que Sam conhecia melhor que o dela. Era de seu ex-treinador e gerente Stephan.

As palavras diziam:

“— Alguma notícia sobre Samantha? Ela concordou em voltar?”

Antes que ela pudesse entender o que aquela mensagem significava, o telefone tocou novamente, uma nova mensagem aparecendo na tela.

Esta mensagem dizia:

— Ei, baby, já faz um tempo. Eu sinto sua falta. Minha boceta sente sua falta e eles também.

A próxima coisa que Sam soube foi que o telefone de Luke tocou mais uma vez e um par de seios enormes e perfeitos apareceu na tela. As lágrimas encheram seus olhos e sua mão começou a tremer tanto que ela deixou cair o telefone de volta na cama como se fosse uma brasa.

Ela se viu incapaz de respirar. As perguntas inundaram sua mente. O que estava acontecendo? Quem era aquela garota? Luke estava saindo com

ela? Por que seu noivo estava recebendo mensagens de garotas seminuas?

Por que Stephan estava mandando mensagem para ele? Era essa a explicação de por que alguém como Luke estava interessado nela? Ele estava secretamente trabalhando com seu empresário para manipulá-la para que voltasse?

A dor apertou em seu estômago e ela se dobrou. Sentia-se uma idiota. Com que rapidez ela confiou nele, todas as suas falas fáceis sobre como ele a achava bonita e que a amava. Como ela poderia ter acreditado que Luke Reynolds poderia amá-la?

Ela tinha que sair dali. *Precisava* sair. Não conseguiria encará-lo.

Lágrimas escorreram pelo rosto de Sam enquanto ela silenciosamente correu para pegar suas roupas e sapatos antes de colocá-los.

Quando estava dando seu último passo para fora do quarto, ela olhou para sua mão e viu o grande anel de diamante. Com uma pontada dolorosa no coração que ela nunca tinha experimentado antes e, na verdade, nunca poderia ter imaginado as profundezas antes daquele momento, ela tirou o anel e o colocou em cima do celular de Luke.

Ela caminhou resolutamente em direção à porta da frente da cabana, desejando que seus pés se movessem, um na frente do outro. Sentia-se como um autômato. Ao abrir a porta, viu que parecia haver uma tempestade chegando.

Olhando para o céu, ela sabia que tinha pelo menos uma hora antes de bater forte. Era muito tempo para descer até a casa de Amanda. Decidida, ela fechou a porta silenciosamente atrás de si, inclinou-se contra o vento, e começou a descer o caminho e se afastar de Luke, longe do felizes para sempre, longe do único homem que ela amou, enquanto seu coração se partia em um milhões de pedaços.

--- ~ ---

Luke mal estava acordado quando rolou de lado sem abrir os olhos e estendeu a mão para Sam. Tudo o que ele sentiu sob sua mão foi um lençol



frio. Forçando suas pálpebras pesadas a se abrirem, ele rolou de costas e sentou-se parcialmente, olhando ao redor da sala.

— Sam? — ele chamou, e podia ouvir o sono ainda grudado em sua voz. — Baby? — A cabine silenciosa não ofereceu resposta.

Pensando que ela devia estar no banheiro, Luke se levantou e foi até a janela. Através do vidro fosco, ele podia ver que uma forte tempestade de neve estava se alastrando. Ele balançou a cabeça. Ontem, na grande inauguração, embora fosse claro que era frio de inverno, o ar estava claro e limpo. Agora isso. Essa era a coisa de viver nessas altitudes elevadas, o tempo poderia virar do nada e ser absolutamente brutal.

Depois de alguns minutos observando o vento e a neve soprando, ele chamou Sam novamente. Mais uma vez, não houve resposta. Ele não conseguia pensar em uma boa explicação para ela não ter respondido. Atravessando o pequeno quarto, ele bateu duas vezes na porta do banheiro antes de abri-la. Vazio. O pânico começou a dominá-lo enquanto ele contornava a cabana, olhando em cada canto. Ele até abriu a pequena porta do armário, não que ele realmente tivesse pensado que ela estaria lá, mas ele tinha que verificar em todos os lugares.

Depois de verificar cada centímetro da cabana, ele correu de volta para o quarto e começou a vestir as roupas. Enquanto abotoava a calça jeans, ele percebeu algo. As roupas dele eram as únicas espalhadas pelo quarto. Certamente não foi assim que eles finalmente caíram, quase nus, na cama grande e macia na noite anterior. Asseio tinha sido a última coisa em sua mente quando ele jogou as roupas de lado a esmo, e as roupas estavam em uma bagunça aconchegante e confusa ao redor do quarto.

Não. Sam havia deliberadamente reunido e colocado suas roupas. Todas elas tinham saído da sala. E ela, por sua vez, havia sumido da cabana. Isso significava que não houve acidente aqui, nenhum jogo sujo. Ela se vestiu e saiu de propósito.

Ele olhou pela janela novamente. Com esse tempo? Por que diabos ela faria algo tão perigoso? Luke pegou seu celular da cômoda para ligar para Sam e viu algo brilhante cair no chão. Seu olhar seguiu a procissão cintilante do objeto e, em seguida, lutou para entender o que era sobre as pranchas de madeira do chão.

Seu coração apertou em seu peito quando ele reconheceu o objeto. O anel de noivado de Sam. No entanto, o pânico que sentiu naquele momento

quando reconheceu o anel e percebeu o estado de espírito em que Sam devia estar quando ela deixou a cabana não foi nada comparado ao terror frio que tomou conta dele quando ligou para o celular dela e o ouviu tocar do outro lado da sala.



Trinta minutos depois, Luke estava batendo na porta dos fundos da casa de Justin e Amanda. No momento em que Justin bocejando atendeu a porta, o pânico de Luke atingiu um nível febril.

— Ela está aqui? — ele se ouviu perguntar ao passar por Justin na cozinha, chamando por Samantha.

Luke ouviu a porta se fechar atrás dele e a voz confusa de Justin dizer:

— Luke, Sam não está aqui. Ela não está com você?

— Não. Ela não está. — Luke se virou para sair. Se Sam não estava aqui, isso significava que ela estava lá fora. Ele tinha que ir procurá-la.

Antes que ele chegasse à porta, Karina apareceu na frente dele parecendo mal acordada.

— Espere. Onde está Sam? Por que ela não está com você?

— Eu acordei esta manhã e ela tinha ido embora — Luke a informou rapidamente, tentando se mover ao redor dela. — Ela deixou seu anel de noivado e seu celular, então eu não tenho ideia de onde ela está. Eu pensei que ela devia ter vindo para cá, honestamente, porque é o único lugar a uma curta distância, e obviamente não há chance de dirigir para qualquer lugar.

Ele sentiu seu braço sendo puxado e se virou para ver Amanda, Lauren, Ryan e Justin olhando para ele.

— Por que ela foi embora? — Amanda perguntou, o pânico tingindo sua voz.

Luke balançou a cabeça.

— Eu não faço ideia.

Lauren parecia cética.

— Ela não deixou um bilhete? Nenhuma pista de por que ela estava saindo ou para onde ela poderia ter ido?

Luke balançou a cabeça novamente.

Ryan interrompeu:

— Talvez ela tenha lhe enviado uma mensagem. Você verificou seu telefone?

Luke tirou o celular do bolso de trás.

— Deus, eu nem pensei nisso.

No segundo em que percorreu suas mensagens, ele percebeu que tinha duas que foram lidas, mas ele não as tinha visto antes. Seu estômago embrulhou e ele pensou que fosse vomitar.

— Merda — ele disse baixinho.

— O que foi? — Amanda perguntou.

— O que foi? — Lauren repetiu.

— É a Sam? — Karina exclamou.

— Eu tenho que ir. Eu tenho que encontrá-la. — Luke se virou para sair pela porta.

— Luke! — Lauren agarrou seu braço. — Conte-nos o que está acontecendo. Deixe-nos ajudar.

— Ela viu mensagens que... a perturbaram. Eu tenho que encontrá-la e explicar — ele disse, empurrando o telefone na direção deles. Karina o agarrou e ele se virou para sair.

Quando ele alcançou a maçaneta, a mão de Ryan desceu em seu ombro.

— Luke, ninguém deveria sair. Eles têm reproduzido avisos no sistema de transmissão de emergência a noite toda. É por isso que nenhum de nós saiu daqui ontem. Eles estavam dizendo que não era seguro estar nas estradas. Ninguém deveria sair de casa.

Luke olhou para ele como se ele tivesse perdido a cabeça.

— Eu não me importo. Eu vou lá fora para encontrá-la.

— Espere um minuto, Luke — Justin disse em um tom autoritário. — Olha, você, Ryan e eu vamos buscá-la, mas não podemos simplesmente ir lá fora. Não vai ajudar Sam se nunca a encontrarmos, porque entramos em pânico. Você sabe disso. Temos que fazer isso direito ou não teremos chance de encontrá-la. Temos que pegar nosso equipamento e

notificaremos a busca e resgate para que eles possam começar a formar uma equipe também.

Luke sabia que Justin estava certo. Ele tinha que colocar sua cabeça no lugar. Lutando contra o pânico que ameaçava dominá-lo, ele começou a repetir continuamente, em sua cabeça, que ela estava bem. Ela tinha que estar bem.

Quando eles abriram o armário e começaram a reunir o que precisavam, Luke percebeu que Karina estava lendo os textos em voz alta.

— Alguma notícia sobre Samantha? Ela vai voltar?

Olhando para cima, ela perguntou:

— Quem diabos enviou isso?

— Stephan — Luke respondeu rispidamente enquanto continuava a se preparar.

— O quê? — Lauren perguntou calorosamente. — Você está espionando ela? É por isso que você está aqui? Aquele nojento mandou você aqui para fazer amizade com ela e depois espioná-la?

— O quê? — Luke parou no meio do caminho. — Não! Pelo contrário, é exatamente o oposto.

— O que você quer dizer? — perguntou Amanda, olhando para ele com desconfiança.

— Quero dizer que não estou em algum tipo de conspiração com Stephan. Eu nem gosto desse cara. A única razão pela qual me comuniquéi com ele em primeiro lugar é porque eu queria saber como Sam estava. Ao longo dos anos, eu a verifiquei, me certifiquei de que ela estava bem. Ele me mandou uma mensagem ontem, pela primeira vez desde que cheguei aqui, depois que me viu fazer o pedido na TV e perguntou se eu estaria interessado em assinar algum contrato de patrocínio com Sam. Eu nem mesmo respondi a ele.

Ele voltou sua atenção para o equipamento. Não tinha tempo para isso. Sam não tinha tempo para isso. Ele sentiu como se fosse sair de sua pele. Enfiou a mão no armário e pegou as últimas coisas que precisava.

— Tudo bem — admitiu Karina —, mas você sabe que se Sam viu isso, sua mente provavelmente foi para o mesmo lugar que a de Lauren. E isso nem mesmo começa a abordar este nude aqui.

Karina abriu o telefone que exibia os seios de Ingrid na tela. Amanda engasgou e Lauren parecia que queria matá-lo. Os caras pareciam ter

acabado de ver alguém levar um chute nas bolas. Que era meio como ele se sentia.

— Eu não falo com essa garota há quase um ano — Luke cuspiu. Realmente não se importava com o que seus amigos acreditavam. Ele se dirigiu para a porta, com Justin e Ryan logo atrás dele. Ele só queria... precisava... encontrar Sam.

Karina virou o telefone de volta e seus dedos voaram sobre a tela.

— Ele está falando a verdade. A última mensagem de texto foi há mais de um ano e não consigo encontrar o número dela no histórico de chamadas recentes dele.

— Espere um minuto, eu também vou — disse Amanda, dando um passo atrás de Justin e começando a pegar sua jaqueta e botas.

— Eu também vou. — Karina deu um passo ao lado dela, pegando suas coisas.

Justin e Ryan começaram a discutir com Amanda e Karina, dizendo que não era seguro, elas não tinham equipamento suficiente. Elas precisavam deles para ficar aqui no caso de Sam aparecer.

Luke estava feito. Ele estava saindo sem nenhum deles. Sua mão estava na maçaneta da porta quando ouviu um grito.

— Calem-se!

Todos na sala viraram, rostos chocados para olhar a origem desse grito indignado, que era a normalmente fria e composta Lauren.

Justin falou primeiro.

— Lauren, vai ficar tudo bem.

Lauren continuou gritando enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto.

— Você não sabe disso! Você não sabe onde ela está! Qualquer coisa pode ter acontecido com ela! Basta encontrá-la! Parem de brigar e vão encontrá-la!

Amanda e Karina se mudaram para Lauren enquanto Justin, Ryan e Luke começaram a sair pela porta.

— Ei! Onde é que vocês vão? Quem vocês vão encontrar? — Uma voz confusa veio da porta.

Todos os seis giraram suas cabeças ao redor para ver Sam, parado dentro da cozinha.

Ela bocejou sonolenta enquanto olhava para eles.

Antes que Luke tivesse a chance de se mover, Lauren jogou os braços ao redor de Sam e a puxou para um grande abraço de urso. Luke ficou imóvel, observando Amanda e Karina se juntarem e jogarem seus braços ao redor de Sam e Lauren. As meninas estavam chorando enquanto tentavam explicar o quão assustadas elas estavam, que elas pensaram que ela tinha sido pega na tempestade.

Lentamente, Luke sentiu que estava voltando aos seus sentidos enquanto a adrenalina que corria por ele na última hora foi passando. Sam estava bem. Ela estava viva. Ela estava parada na frente dele sem nenhum arranhão.

Ele sentiu a mão de Justin em seu ombro ao ouvi-lo dizer:

— Por que não damos o fora daqui e deixamos Luke e Sam conversarem?

Todas as meninas acenaram com a cabeça enquanto enxugavam as lágrimas de seus olhos. Enquanto o grupo saía da sala, Karina parou e disse:

— Ouça-o, Sammi. Fiz uma pequena investigação cibernética e ele não fala com a Miss peituda há mais de um ano. — Então ela desapareceu na esquina.

Os olhos de Sam se ergueram para os dele, e ele pôde ver a borda vermelha ao redor deles. Ela tinha chorado. Chorado por causa dele. Sem nem mesmo pensar nisso, ele a puxou para seus braços. Ela parecia rígida contra ele, não como a outra metade de sua peça do quebra-cabeça.

Ele beijou o topo de sua cabeça enquanto a segurava firmemente.

— Juro que não falo com Ingrid há mais de um ano. Eu prometo. Lamento que você tenha visto isso. Vou mudar meu número. — Luke não queria que Sam nunca sentisse que tinha qualquer motivo para não confiar nele, e ele não tinha controle sobre nenhuma outra garota de seu passado que pudesse decidir começar a mandar nudes para ele também.

— Tudo bem. — A voz de Sam soou mais brava do que magoada enquanto ela estava rígida como uma tábua em seus braços. — Isso ainda não explica por que você recebeu uma mensagem de Stephan. — Depois de se afastar dele, ela recuou dois passos, sua voz aumentando enquanto se movia entre eles. — Era disso que se tratava? Ele mandou você aqui para me fazer voltar? Foi por isso que você me pediu em casamento?

Lágrimas enormes caíram por seu rosto enquanto ela protetoramente envolveu os braços ao redor de si mesma.

— Deus, não. — Luke viu em seus olhos que ela realmente acreditava nisso. Matou-o vê-la com tanta dor. Com a dor que ele causou a ela. — Eu te amo. Eu te pedi em casamento porque você é tudo para mim. Você é meu coração. Minha alma. Sam, eu só falei com Stephan para tentar ficar de olho em você. Para ter certeza de que você estava bem.

Ela balançou a cabeça, e Luke podia ver a batalha travando atrás de seus olhos enquanto ela tentava decidir se deveria ou não acreditar nele.

Luke passou os dedos pelos cabelos em frustração. Ele tinha que fazê-la ver. Fazê-la entender. Fazê-la acreditar nele. Depois de colocar a mão no bolso, ele puxou a carteira.

— Sam, a primeira vez que te vi foi em Aspen. Você tinha dezoito anos e era a nova “garota” da cena de que todos falavam. Eu tinha ouvido falar que você estaria lá o dia todo. Tinha acabado de sair da montanha depois de tentar fazer um treino para ver se meu joelho estaria pronto para os jogos.

Luke viu Sam estremecer com o fato de que ela sabia que ele nunca mais voltou do ferimento. Luke pegou o lapso momentâneo de suas paredes defensivas sendo erguidas e se aproximou dela. Achou que era um bom sinal que ela não tenha se afastado, simplesmente olhou para ele, ouvindo.

Ele continuou.

— Quando entrei no saguão, vi você parada ao lado da lareira. Você estava com uma blusa de gola alta preta e calças de neve cinza. Você era a garota mais bonita que eu já vi. Você me deixou sem fôlego. O tempo parou. Todos os outros na sala, inferno, no mundo, desapareceram. Eu fui até você e me apresentei. Você olhou para mim como se estivesse apavorada e não falou. Você apenas se virou e se afastou de mim.

Sam riu um pouco enquanto enxugava uma lágrima do rosto, e Luke sentiu como se seu coração estivesse se expandindo tanto em seu peito que ele pensou que fosse explodir em suas costelas.

Ela balançou a cabeça enquanto baixava os olhos.

— Eu lembro disso. Eu não conseguia acreditar que você estava lá, na minha frente. Real. Em pessoa. Não em um dos meus pôsteres. E eu



simplesmente não queria dizer nada para me envergonhar, então fui embora.

Luke não tinha certeza se estava mais feliz com o fato de que ela estava sorrindo e conversando com ele ou que ela se lembrava do primeiro encontro deles. Provavelmente ambos.

Estendendo a mão, ele roçou o polegar contra suas bochechas úmidas, e ela inclinou o rosto em sua palma.

— Bem, você não se envergonhou, só eu. Eu me senti um perverso pelos sentimentos que nutria por você. Você era uma criança, Sam. Eu era um homem. Você estava começando e minha carreira, como eu a conhecia, havia acabado. Eu sabia que não deveria sentir o que sentia, mas não pude evitar. Eu assisti você naquela noite enquanto Stephan e você faziam a ronda, encontrando todas as pessoas “certas.” Havia algo tão diferente em você. Você brilhava. Em um dos momentos mais sombrios da minha vida, você foi uma luz.

— Mas, toda vez que eu tentava me aproximar de você naquela noite, alguém ou me adiantava ou você me via chegando e ia embora.

Sam sorriu com a memória.

— Eu tinha uma grande queda por você. Não sabia como falar com você.

— Bem, eu sabia desde então que aquela noite era especial. Que você era especial. Eu sabia que precisava de algo para me lembrar disso, para me lembrar de você. Então, como não consegui chegar perto o suficiente para falar com você, peguei isso.

Luke enfiou a mão na carteira e tirou o guardanapo de coquetel surrado e esfarrapado que carregava consigo desde aquela noite. O que ele planejara dar a ela na noite de núpcias. Ele o entregou a Sam e, quando ela o abriu, olhou para baixo e franziu a testa.

— Eu paguei uma criança que estava lá para pegar seu autógrafo para mim. — Luke explicou.

Sam engasgou e sua mão voou para cobrir a boca. Quando ela olhou para ele, seus olhos estavam mais uma vez cheios de lágrimas.

— Eu me lembro daquele garoto. Esse foi o primeiro autógrafo que dei. Era para você? — Seus olhos procuraram os dele. — Você guardou. Todo esse tempo.

Luke acenou com a cabeça.

— Aqueles anos que se seguiram foram difíceis para mim. Não sei dizer quantas noites peguei aquele guardanapo e o segurei. Era um símbolo de bondade no mundo. De luz. De esperança.

Os braços de Sam voaram ao redor de seu pescoço e ele sentiu seu corpo tremer. Ele a abraçou com força e tentou explicar de novo:

— Eu te amo, Sam. Acho que me apaixonei por você naquela noite em Aspen. Eu só mantive contato com Stephan para obter informações sobre você todos esses anos. Foi ele quem me disse que você estava aqui. Eu vim aqui para te encontrar, mas não era para ele. Foi para mim. Eu tinha que saber que você estava bem. Eu tinha que ver por mim mesmo. Eu te amo, Sam.

Luke ouviu sons abafados contra seu peito, mas não conseguiu entender o que Sam estava dizendo.

— O quê? — ele perguntou enquanto seus braços se apertavam ao redor dela, nunca querendo deixá-la ir.

Olhando para cima, ela sorriu em meio às lágrimas ao dizer:

— Eu também te amo.

O alívio o inundou quando ele baixou os lábios nos dela, derramando cada gota de amor e paixão naquele beijo.

Palmas e assovios altos soaram da porta, e ele e Sam se viraram para ver Karina, Lauren, Amanda, Ryan e Justin todos juntos, torcendo por eles.

Quando Sam e Luke apenas olharam para eles, Karina disse:

— O quê? Você realmente não achou que íamos lhe dar privacidade, não é?

Sam riu enquanto olhava para Luke. Ele a beijou no nariz e apertou-a nos braços mais uma vez enquanto todos os amigos dela entravam na cozinha, as garotas dizendo que era a coisa mais romântica que já tinham ouvido. Todos quiseram ver o guardanapo.

Enquanto Sam mostrava aos amigos o guardanapo que ele carregava há uma década, ele sabia que aquela noite, a noite em que ele descobriu que sua carreira havia acabado, foi a melhor noite de sua vida. Foi a noite em que ele conseguiu o autógrafo de sua futura esposa.

Fim

## SOBRE A AUTORA

Melanie Shawn é a equipe de redação da dupla de irmãs Melanie e Shawna. Originais do norte da Califórnia, as duas migraram para o sul e agora chamam SoCal de seu lar.

Crescendo, Melanie estava constantemente com a cabeça em um livro e estava sempre trabalhando em contos, manuscritos, peças de teatro e poesia. Depois de se formar *magna cum laude* na Pepperdine University, ela passou a lecionar por cinco anos. Ela agora passa seus dias escrevendo, dirigindo e com seu bebê peludo, um Lhasa Apso chamado Hércules. Em seu tempo livre, sua atividade favorita é se enroscar no sofá com aquele vira-lata teimoso e engraçado e assistir a programas de TV a cabo em DVD (de preferência com pelo menos oito temporadas - uma garota tem que ter seus padrões!).

Shawna sempre amou romance em qualquer forma - filme, música ou literatura. Se era uma história de amor com um final feliz, Shawna se envolvia! Ela orgulhosamente reconhece que é uma romanceaholic. Seus dias são cheios de escrita, sendo esposa, mãe também conhecida como árbitra de dois adolescentes e entregando-se à sua segunda paixão (dança!) como instrutora de Zumba. No pouco tempo livre que tem, ela se junta a Melanie para assistir a uma maratona de DVDs de seus programas de TV favoritos.

Eles uniram forças para criar um mundo onde Amor Verdadeiro e Felizes para Sempre, sempre tenham um toque sexy!

Você pode ficar por dentro das últimas notícias de Melanie Shawn, incluindo novos lançamentos e concursos, em:

<http://melanieshawn.com>



UM ROMANCE EM  
HOPE FALLS

4

cherish  
BOOKS

LAR  
*Doce*  
LAR

Melanie Shawn

autora best seller do New York Times & USA Today

UM ROMANCE EM  
HOPE FALLS

4

*cherish*  
BOOKS

DOCE  
LAR

Melanie Shawn

autora best-seller do New York Times & USA Today

Título original: Home Sweet Home  
Copyright © 2013 Melanie Shawn  
Copyright da tradução © 2021 por Cherish Books Ltda.  
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob  
quaisquer meios existentes sem autorização por escrito das editoras.  
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: Denise Telles  
Revisão: Anna Julia Ventura  
Diagramação: Anna Julia Ventura  
Capa: Gisele Souza  
Marketing e Comunicação: Elimar Souza

Shawn, Melanie  
Lar Doce Lar / Melanie Shawn; tradução de Anna Julia Ventura. Rio de Janeiro: Cherish Books,  
2021.

Tradução de:  
ASIN

1. Ficção americana I. Ventura, Anna Julia. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Cherish Books  
Rua Auristela, nº244 - Santa Cruz  
E-mail: [cherishbooksbr@gmail.com](mailto:cherishbooksbr@gmail.com)  
<https://cherishbooksbr.wixsite.com/site>

# SUMÁRIO

Capa

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Notas



— Tudo certo, pessoal. O talento ainda está a caminho. Nós vamos esperar por no mínimo mais trinta minutos — um homem usando chapéu de caminhoneiro falou através de um megafone.

*Sério isso?!*

Esse era o quarto “pronunciamento” que eles faziam hoje dizendo a mesma coisa: “trinta minutos de espera.” O primeiro desse tipo tinha sido feito quase oito horas atrás.

Lauren Harrison estava muito irritada, embora ninguém pudesse perceber isso por causa de seu comportamento plácido e calmo.

Poucas coisas a perturbavam. Ela era uma mulher com uma carreira de alto poder e alta pressão. Se ela fosse facilmente perturbada, ela poderia ter desmoronado há muito tempo. Mas tinha uma coisa que corria sob sua pele sempre, mesmo que ela se recusasse a mostrar qualquer sinal de que existia.

Ela simplesmente não suportava quando as pessoas se comportavam como se fossem boas demais para todos ao seu redor. Ela detestava quando as pessoas mostravam algum tipo de atitude como se tivessem esse direito. Depois de trabalhar tão duro para chegar aonde chegou fazendo bem o seu trabalho e sem reclamar, ela respeitava os outros que também trabalhavam duro, mesmo se ela considerasse o trabalho deles um degrau mais baixo na escada social que o trabalho dela.

Por fim, ela não tinha a menor paciência para pessoas que tratavam garçons de restaurantes como se fossem seus empregados pessoais,



peessoas que tratavam secretárias e o staff administrativo como cidadãos de segunda classe, ou — mais o caso nesse momento — pessoas que estavam dispostas a fazer uma equipe inteira de televisão de mais de vinte e cinco pessoas esperar por mais de seis horas porque elas não consideravam importante chegar na hora.

Lauren estava na casa de uma de suas melhores amigas, Karina Blackstone — conhecida pelo resto do mundo como a pop superstar Karina Black. — Karina concordou em oferecer sua maravilhosa mansão localizada no topo da montanha Hope Falls para a edição de celebridade do reality programa imobiliário *Lar Doce Lar*.

O programa oferecia um vislumbre de dentro de fabulosas residências que o publico normalmente nunca teria a chance de ver. Lauren, uma corretora imobiliária que amava casas e arquitetura, podia relutantemente admitir, que assistia ao programa de vez em quando — embora ela pudesse rapidamente apontar que estava interessada somente nas belas casas que estavam à mostra e não se impressionava nem um pouco pelo atraente apresentador, um carismático e quase-bom-demais-para-ser-uma-pessoa-real Ben Stevens.

De fato, era uma completa falta de profissionalismo e cortesia não aparecer na hora marcada — o atraso do Senhor Stevens era a causa da irritação de Lauren. O início estava agendado para sete horas. A equipe estava aqui na hora e pronta para começar. Lauren, a corretora imobiliária que vendeu a casa para Karina e que ia dar a Ben um resumo detalhado da arquitetura, estava lá e pronta na hora marcada.

Até Karina estava lá na hora e ela era uma das mais famosas pessoas no planeta. Ela era a única pessoa nesse fiasco que poderia ter o direito de usar sua condição de diva, e ela foi do mais alto profissionalismo.

*Ben Stevens ia receber uma lição*, Lauren fumegou para si mesma.

Agora já eram quatro horas da tarde e o anfitrião não tinha achado adequado agraciá-los com sua presença. Lauren suspirou quando olhou para seu relógio pela vigésima vez em uma hora.

Sacudindo a cabeça, ela andou para onde Karina estava sentada na frente de um espelho tendo seu cabelo e maquiagem cuidados pelo estilista profissional que tinha voado até lá para a filmagem.

Lauren graciosamente deslizou na cadeira para perto de Karina, fazendo contato visual com ela pelo espelho porque Karina não podia virar

a cabeça para olhar para Lauren sem atrapalhar o trabalho do cabeleireiro. Lauren examinou sua imagem no espelho lado a lado com Karina. As duas eram altas e magras, mas enquanto Karina tinha a pele morena e o cabelo um sedoso preto noite, adequado à sua herança Nativo-Americana, Lauren tinha a pele em um leve tom de pêssego e cabelo louro claro, que estava normalmente preso para trás em um coque, com nenhum fio fora do lugar. A combinação de seu comportamento reservado e controlado e sua Nórdica boa aparência inspirou mais de um concorrente ou colega a considerá-la uma “Princesa de Gelo”.

Lauren disse lamentando:

— Ka, eu não sei quanto tempo mais eu posso ficar por aqui. Eu sei que concordei em participar da seção, mas eu já adiei os compromissos que eu tinha essa tarde para essa noite e eu não posso reagendar novamente. Eu realmente imaginei estar... como eles falam mesmo... fora daqui horas atrás?

— Liberada — Karina replicou.

— É isso. Eu deveria estar liberada um tempo atrás. Eu quero dizer, eu odeio falhar com você, mas...

— Não. Ei, nem pense nisso — Karina disse sinceramente. — Eu posso dar a eles os detalhes da casa. Tudo bem que não será feito com tanto profissionalismo e brilhantismo como se fosse feito por você, mas vai dar tudo certo. Se você precisa ir embora, vá em frente. Você tem trabalho a fazer.

Lauren assentiu, se afastando. Por um lado, ela não gostava de falhar em seus compromissos, o que fazia com que ela achasse agendá-los novamente tão desagradável. Mas por outro lado, ela não achava certo deixar Karina com o trabalho de lembrar e relatar todos os detalhes imobiliários que ela não tinha realmente nenhum motivo para lembrar. Metragem quadrada e pés direitos altos tinham pouco significado para uma alma artística como a de Karina. Ela comprou essa casa por causa da estonteante vista e do estúdio musical completamente equipado que ela oferecia.

Antes que pudesse tomar uma decisão, ela ouviu distintamente a voz do empresário de Karina, Bernie Kaplan, quando ele entrou atabalhoadamente na sala onde as mulheres estavam sentadas. Bernie era

um home pequeno, curvado, calvo, grisalho que não era nem uma fração tão ágil de corpo como era de mente e espírito.

— Olá, belas mulheres — ele as cumprimentou alegremente. — Eu tenho novidades em relação a quando nós podemos gravar o programa.

— Excelente! — Era exatamente o que Lauren queria ouvir. — Quando pode ser?

— Ninguém sabe. Essas são as novidades — Bernie disse de forma prática. — Mas eu vou mantê-las informadas.

Karina riu.

— Oh, sim, Bernie. Por favor, faça isso. Suas atualizações são muito úteis.

Bernie deu de ombros.

— Eu posso saber o que eu não sei?

Lauren e Karina olharam uma para outra, silenciosamente tentando entender a gramática do enigma sem sentido.

— Não, eu não posso — Bernie respondeu para elas. — Mas aqui tem uma pequena informação que vocês podem achar muito esclarecedora. Quando eu estava esperando para falar com os produtores sobre quando poderíamos começar, aconteceu de eu ouvir uma conversa muito interessante que eles estavam tendo.

— Você estava espionando, Bernie? — Karina perguntou de forma reprovadora.

Bernie simplesmente disse:

— Se duas pessoas estão tendo uma conversa, eu seria rude o suficiente para interromper? Não, eu não seria.

Karina riu novamente, apontando:

— Mas você ficou feliz de ficar lá e ouvir tudo.

— Isso é simplesmente bom para os negócios, querida — Bernie declarou. — De qualquer jeito, o que eu não interrompi veio a ser uma conversa sobre o quanto eles gostaram dessa área. Estonteante beleza natural, eles disseram, e uma casa excelente, grande e linda. Eles estão pensando na ideia de um spin-off de Férias do programa *Lar Doce Lar*. Que tal isso? — Bernie parecia supremamente satisfeito com ele mesmo.

— Que tal isso? — Karina comentou categoricamente.

— Vocês não entendem? — Bernie perguntou impaciente.

As duas mulheres sacudiram suas cabeças.

— Deixe-me explicar então. Eles estão procurando por um apresentador, mas preferivelmente um corretor local de sucesso que tenha qualidades de estrela, do modo que eles encontraram o Senhor Ben Stevens.

Karina e Lauren acenaram para ele inexpressivamente.

— Ainda não? — ele perguntou exasperado. — Oi! O que vocês fariam se não tivessem a mim? Eu estou falando de você, bonequinha! Você pode ser perfeita. — Bernie levantou sua mão, indicando Lauren.

Lauren ainda levou um momento para perceber as implicações do que ele estava dizendo.

— Eu? — ela disse, franzindo sua testa. — Eu não sou apresentadora de programa de TV.

— Não ainda — Bernie concedeu, dando de ombros. — Aqui pode ser onde eu entro. Eu posso representar você, fazer você chamar a atenção deles, agenciar você...

— Ei — Lauren disse. — Vamos com calma. Esse spin off está mesmo certo?

Bernie acenou com desdém para essa preocupação.

— O que na vida é uma certeza? Somente a morte. Nós estamos falando sobre a morte aqui? Não, não estamos. Então não há nenhuma certeza.

Lauren olhou para Karina, perdida sobre o que dizer.

— Não se importe com ele — Karina disse. — Ele está só pensando alto. Você pode sempre perceber quando Bernie está excitado sobre alguma ideia quando ele começa a filosofar.

Lauren sacudiu a cabeça.

— Eu sinto muito, Bernie. Eu não pretendia ser rude. Eu estou só um pouco distraída pelos problemas com a minha agenda hoje.

Karina riu.

— Bem vinda ao show biz, baby. Esse é um negócio do tipo corra-e-espere.

Lauren não podia pensar em nada pior.

— Então eu acho que não sou boa para isso.

Bernie, que nunca foi alguém de se render facilmente, disse:

— Não desconsidere nada. Vamos conversar, vamos conversar.

Lauren abriu a boca para responder, mas nunca teve a chance. Ela, Bernie e Karina foram todos atraídos por uma comoção que começou de repente na porta da frente da casa.

Ben Stevens, pelo que parecia, tinha finalmente chegado.



Ben suspirou quando se sentou no banco de trás do carro de luxo que foi enviado para ele pela produção. Se pelo menos tudo mais na sua vida aquele dia fosse tão suave quanto o carro que o levava do seu hotel até o Lago Tahoe.

O carro devia levá-lo para Sierra Nevadas, a montanha coberta de pinheiros era absolutamente linda. A viagem de quarenta e cinco minutos, embora estressante porque ele estava extremamente atrasado, tinha pelo menos sido preenchida com estonteante beleza natural.

Geralmente, Ben gostava de trabalhar no banco de trás das limusines e outros carros de luxo para fazer bom uso do tempo ocioso, mas hoje era diferente. Ele precisava clarear as ideias. Ele precisava se concentrar em “Eu sou Ben Stevens e você está assistindo *Lar Doce Lar*.” Ele precisava ativar seu carisma pessoal.

Esse era um episódio extremamente importante de *Lar Doce Lar*; era a edição celebridade com Karina Black. Você não consegue nada muito maior que Karina “Princesa do pop” Black. Que conquista era tê-la. O canal ia obviamente promover muito o programa antes de ser exibido. Era inteiramente possível que mais pessoas assistissem a esse episódio do que a qualquer outro na história do programa. Ele precisava estar concentrado hoje.

Infelizmente, seu dia tinha começado às duas da manhã com uma ligação da sua irmã em pânico e ele tinha ficado lidando com os médicos da sua mãe desde então. Demorou horas para ter respostas e ainda mais para acalmar sua irmã, mas ele tinha falado ao telefone com as duas trinta minutos atrás e elas estavam bem. Por enquanto.

Até hoje, Ben tinha sido capaz de manter sua vida pessoal completamente separada da vida profissional. Porque sua vida pessoal era simplesmente isso... pessoal. Sua família e sua privacidade eram a

prioridade número um. Hoje tinha testado esse limite. No fim ele tinha somente revelado à produção que estava lidando com um assunto pessoal e só conseguiu se safar com isso porque depois de quatro temporadas sem nunca chegar atrasado, nunca reclamar, nunca usar a carta “assunto pessoal” ele tinha adquirido algum crédito. Ainda assim, isso não mudava o fato de que suas ações não tinham somente colocado a produção em segundo plano, mas também custara a eles uma boa grana.

Sacudindo a cabeça, Ben tentou clarear sua mente desordenada. Pensando sobre sua mãe, sua irmã, o fato de que ele estava oito horas atrasado... bem, vamos dizer simplesmente que não era útil colocar a si mesmo na posição de ter atitudes de “diva.”

A verdade era que Ben sentia uma incrível responsabilidade pelo programa e as mais ou menos vinte e cinco pessoas que trabalhavam nele. Ele sabia que além da incrível jogada das belas casas que cada episódio destacava, ele era o principal eixo sobre quem o sucesso do programa se apoiava. Quanto melhor fosse a atuação dele, melhor a chance que eles tinham para avaliações sólidas e melhor a chance de manter os mais de vinte e cinco membros da equipe empregados em um mercado de trabalho incrivelmente instável.

Sim. Ele levava essa responsabilidade muito a sério.

Ele sabia que para ter a maior chance de dar a melhor, mais engajada, mais magnética atuação possível, ele precisava estar “no personagem” durante todo o tempo que ele estivesse no set. Em sua mente, quando se referia a estar “no personagem” embora ele aparecesse no programa como ele mesmo e não um personagem em um roteiro de drama, era de algum modo, atuar em uma parte — a parte de uma versão altamente estilizada e amplificada de si mesmo.

Apesar do charme natural e carisma que ele inatamente possuía, ele fazia seu melhor para — para parafrasear as imortais palavras de Christopher Guest — potencializar as coisas. Podia ter pessoas por aí que poderiam girar a chave quando as câmeras começavam a filmar e então reverteriam para seu estado natural imediatamente depois que o diretor gritava “corta” — Ben não era uma delas.

Não era como se ele estivesse estabelecido como personalidade da televisão, no fim das contas. Ele fora um corretor imobiliário mediano. Quando um de seus clientes, um produtor, o recomendou para o programa,

ele estava completamente despreparado. Ele aprendeu ao longo dos programas e foi fazendo o melhor que podia sob as circunstâncias de alta pressão.

Quando o carro estacionou, Ben pôde ver — pela quantidade de vans de equipamento estacionados na garagem e do lado de fora na rua — que eles estavam no lugar certo.

Dizendo a si mesmo palavras de estímulo, ele se forçou a lembrar que todos lá dentro estariam no limite.

*Não ceda ao estresse. Esteja feliz. Seja encantador. Seja magnânimo. Faça um grande show.*

Ben respirou fundo, colocou um sorriso largo em seu rosto, e saiu do carro.



Karina e Lauren andaram para a plataforma lado a lado passando pelo arco que levava da entrada para a sala de estar de Karina. A sala era um ponto vantajoso para assistir o evento que tinha todo mundo no set zumbindo com energia, correndo de um lado para o outro, e falando uns com os outros em seus headphones. A entrada de Ben Stevens.

Lauren o reconheceu quando ele passou pela porta. Sim, esse era definitivamente o bonito apresentador que ela tinha visto muitas vezes na tela da sua televisão.

Quando Ben cruzou a soleira, o time da produção começou a gritar e aplaudir.

Lauren sabia que, embora atraso fosse uma irritação para ela, por razões pessoais, muitas pessoas não sentiam tanta aversão quanto ela pela demora. Ainda assim, ela se encontrou cruzando seus braços em uma clara recusa de se juntar aos aplausos e se inclinou para comentar com Karina sarcasticamente:

— Deve ser bom ter um trabalho onde você é verdadeiramente aplaudido por aparecer com oito horas de atraso.

Karina sorriu para ela com indulgência.

— Novamente. Bem-vinda ao show biz, babe. O que você está testemunhando é a extensão do talento. Quando você não tem um “nome,”

você é tratado como gado. Quando você tem um “nome,” você nunca está errado. Não tem meio termo.

Lauren sacudiu a cabeça.

— É muito bizarro esse mundo em que você vive, Karina.

Karina deu a ela um olhar de soslaio.

— Ei, não olhe para mim, Lau. Esse não é meu mundo mais. Eu vivo em Hope Falls, como você.

Ben se moveu para o centro do hall de entrada e estava acenando com as duas mãos para a equipe reunida, que ainda estava aplaudindo. Lauren pensou que ele parecia com a realeza se dirigindo aos seus súditos.

*Dá um tempo.*

— Ei, pessoal — ele disse com o que Lauren pensou que era uma expressão de humildade falsa — Eu sei que houve um enorme atraso. Eu sinto muito por isso, essas coisas acontecem. Mas, seguindo em frente agora... vamos fazer um grande programa.

Lauren se virou para Karina com a sobrancelha levantada.

— Nossa. “*Essas coisas acontecem*,” Quanta sinceridade! É bem o tipo de desculpas do departamento de “*erros foram cometidos*,” Eu posso dizer que ele está verdadeiramente sentindo muito depois desse pequeno discurso.

Karina riu e estava pronta para replicar, mas elas foram interrompidas quando o tópico de sua conversa se aproximou delas.

— Senhoras — Ben disse alto com uma voz muito saudável —, eu lamento interromper, mas queria me apresentar antes que começássemos. Eu sou Ben Stevens.

É claro, como Karina era a grande superstar e a convidada do programa do qual ele seria o apresentador, ele na realidade veio se apresentar para ela e não para as duas. Lauren sabia disso. Contudo, ela não podia se livrar da estranha sensação de que a maior parte da sua atenção estava focada nela e não em Karina.

— Oi, Ben — disse Karina, oferecendo sua mão casualmente. — Eu sou Karina. prazer em te conhecer.

Ben estendeu sua mão e deu a Karina um firme aperto, dizendo:

— Absolutamente. O prazer é meu. Nós estamos todos muito felizes que você vai participar do programa.



— É um prazer — Karina replicou de modo agradável. — E eu gostaria de apresentar você à minha querida amiga, a corretora que me ajudou com a compra dessa casa, Lauren Harrison. Ela está aqui para fazer um curto segmento descrevendo a propriedade.

Lauren estendeu sua mão para apertar a dele, dizendo em um tom neutro e profissional:

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Stevens.

Ben pegou a mão de Lauren, mas ao invés de apertar como ela esperou que fizesse, ele lentamente a virou com a palma para baixo e a levantou até seus lábios, pressionando-os nas costas da sua mão, o que pareceu a Lauren um tempo desconfortavelmente longo.

Ela estava muito chocada para puxar sua mão da dele, e na hora que se recuperou o suficiente para fazer alguma coisa, ele já tinha baixado sua mão, piscado para ela, sorrido seu mais brilhante sorriso, feito para TV e dito:

— *O prazer é todo meu* Senhorita Harrison.

O comportamento de Ben era tão diferente do que Lauren poderia ter imaginado de uma situação de negócios que a deixou momentaneamente sem fala. Ela estava agradecida por ter conseguido manter compostura suficiente para não ficar boquiaberta, mas de qualquer forma, ela raramente ficava sem fala, e ela não gostou disso.

Mais do que encantá-la, como ele estava claramente tentando fazer, o cumprimento somente amplificou sua irritação com o homem, que claramente achava que as regras de profissionalismo e decoro se aplicavam a ele da mesma forma que as regras de pontualidade.

Ben desviou o olhar momentaneamente e o correu ao redor da enorme sala. Sua atenção foi cativada pelo elemento considerado a joia da coroa da casa — Uma parede inteira de janelas que iam do chão ao teto com a vista espetacular do vale coberto de pinheiros onde ficava localizada a cidade de Hope Falls. A vista além daquelas janelas era tão pitoresca, tão perfeita, que às vezes não parecia real.

O cenário de pinheiros era pontilhado aqui e ali com coloridos álamos. Correndo através do vale abaixo, de uma ponta a outra, havia um riacho sinuoso. No centro do vale ficava a cidade de Hope Falls, que da janela de Karina, parecia uma cidade de brinquedo com uma estação de trem de brinquedo.

Lauren não se cansava nunca daquela vista, não importava quantas vezes ela a visse. Ela realmente invejou Ben por um momento porque ele tinha sorte suficiente para colocar os olhos nessa vista pela primeira vez.

Ele virou sua atenção de volta para Lauren e Karina.

— É uma bela casa. Mas eu tenho que dizer... a coisa que a faz mais única, em minha experiência, com casas desse calibre, é extremamente raro encontrar uma que venha com uma corretora cuja beleza exceda a beleza da propriedade.

Ele deu a elas o mais brilhante sorriso do tipo estrela de cinema e se virou para acabar de entrar na sala.

Embora ele não tenha ficado por perto para testemunhar, Lauren estava supremamente irritada que ele — novamente — a tivesse deixado sem fala. O que esse cara tinha? Ela leu sua biografia online. Ele não era somente um “rosto bonito” que eles trouxeram como apresentador — ele era um corretor imobiliário de verdade. Ela não via como era possível que ele não entendesse como seu comportamento era tão antiprofissional. A única explicação era que ele não se importava.



*B*en se dirigiu para a gigante parede de janelas para apreciar a vista e tentar acalmar sua respiração. Seu corpo inteiro estava vivo com a percepção da situação. Ele tinha se sentido atraído por mulheres antes, mas porra, aquela loura era um nocaute — no verdadeiro sentido da palavra. Ela tinha sugado o ar de seus pulmões — e aparentemente sugado todo o juízo da sua cabeça.

Ela era elegante, sofisticada, e bonita além da conta. Quando era criança, crescendo em circunstâncias que podiam em delicados termos ser descritas como “humildes,” ele olhava para mulheres como ela — classe alta, graciosa — e elas representavam para ele a vida pela qual ele sabia que teria que lutar para conquistar e agarrar.

Então ele fez seu caminho pela escada do sucesso. Aos dezoito anos, ele examinou com um severo e realístico olhar quais eram as suas habilidades. O que ele tinha para oferecer? Ele chegou rapidamente a duas conclusões: primeira, ele não tinha má aparência, segundo, ele sempre possuiu um formidável senso de persuasão.

Ele rapidamente percebeu que carreira poderia fazer melhor uso dessas habilidades — vendas. Ele começou vendendo aspirador de pó de porta em porta. Foi uma experiência terrível, mas ensinou a ele valiosas lições sobre a natureza humana que serviam bem a ele para sua carreira de hoje. Ele aprendeu que a mais valiosa habilidade que uma pessoa que trabalha com vendas deve ter — fosse o produto um aspirador de pó de trezentos dólares

ou uma casa de um milhão — a habilidade para ler a pessoa e instintivamente saber como se aproximar dela e fechar o negócio.

Algumas pessoas querem somente os fatos, fotos e estatísticas — números difíceis fazem com que elas se sintam seguras e protegidas quando tomam a decisão de uma compra. Algumas pessoas fazem tudo com emoção — elas precisam sentir que fazer a compra é *fazer a coisa certa*. Algumas pessoas precisam ser encantadas. Algumas pessoas precisam que se simpatize com elas. Algumas precisam de uma venda sólida.

O negócio não é se aproximar do modo que a pessoa gosta. Esse é um erro que faz com que as pessoas não se tornem vendedores de sucesso. Elas se aproximam com a perspectiva de se sentir confortável. Não. Uma venda nunca é sobre o conforto da pessoa. É sobre empurrá-la para *fora* da sua zona de conforto e conseguir o “sim”. Isso é tudo que determina como fechar o negócio.

É um equilíbrio delicado. Você faz com que eles se sintam confortáveis com você e então eles se sentem confortáveis para te dizer um “não”. Você faz com que eles se sintam muito desconfortáveis com você e eles abandonam a transação. Quando se trata de andar nessa corda bamba, não tinha ninguém melhor. Ben Stevens era o mestre.

Então por que ele estava estragando tudo tão regamente com Lauren Harrison?

Ele podia ver que o seu “charme acima da média” estava claramente falhando completamente com ela. Não foi premeditado. Ele simplesmente abriu a boca e as palavras saltaram. Instintivamente, Ben sentia que Lauren não poderia responder melhor a nenhuma “abordagem” na verdade. Ele podia sentir que ela era uma excelente juíza de sinceridade e enrolação, e que se ele tivesse mesmo a menor chance com ela, ele devia parar de tentar vender a si mesmo e simplesmente *ser* ele mesmo.

Ele sabia isso na sua cabeça. Ainda assim ele não tinha conseguido parar de atuar com ela. Ele assistiu a si mesmo falhando em sua habilidade mais básica — a conexão humana. Foi como se ele estivesse fora de si, e não fosse capaz de controlar suas próprias palavras e ações.

Por que ele estava se comportando dessa maneira perto dessa mulher?

A melhor pergunta era... por que diabos ele não conseguia parar?



Lauren só queria que essa parte do dia terminasse. Ela não estava certa de qual era o jogo de Ben, mas ela estava certa de que tinha algo a ver com ela.

Com determinação ela marchou para onde Ben estava parado olhando pela janela e disse bruscamente:

— Sr. Stevens, eu tenho pouco tempo para discutir os detalhes da propriedade com você antes que a filmagem comece. Nós podemos começar?

Ben se virou para ela, exibindo novamente seu sorriso muito brilhante. Isso fez Lauren ranger os dentes.

Ben diminuiu seu exagerado sorriso quando disse com um tom casualmente amigável:

— Por favor, me chame de Ben. Tudo bem se eu te chamar de Lauren?

— Se você quiser — Lauren respondeu, cuidadosamente mantendo todos os traços de irritação com ele fora da sua voz. — Agora, podemos começar?

— Na realidade — ele disse, mantendo sua nova personalidade pés no chão — eu peguei a análise de todos os detalhes pertinentes da casa na noite passada e os estudei. Aqui, eles estão escritos no *teleprompter*.

— Perdão, então porque eu estou aqui, se você pode simplesmente ler os detalhes do teleprompter? — Lauren disse no frio e distante tom que somente seus amigos mais próximos sabiam que era um sinal de que ela estava ficando absolutamente lívida de raiva. — *Alguém* pode, por favor, me explicar isso?

Ben piscou para ela.

— Talvez *alguém* tenha achado que você poderia se divertir.

Lauren levantou uma sobrancelha. Esse cara *não* podia estar falando sério. Ela realmente queria sucumbir, mas ela não podia dar a ele a satisfação de gritar ou esbravejar com ele. Esse não era seu caráter.

Ao invés disso, ela simplesmente respondeu com um pequeno meio sorriso:

— Bem, eu asseguro a você que “alguém” não poderia estar mais errado. Eu tenho uma agenda cheia essa tarde, e desde que eu me esforço

para chegar na hora a todos os meus compromissos profissionais e pessoais, eu vou deixar você com seu *teleprompter*.

Com isso, ela girou nos calcanhares e deslizou graciosamente para fora da sala de estar, cruzou o hall de entrada, e atravessou a porta da frente. Novamente, ela não poderia nunca dar a ele a satisfação de correr para fora, mesmo se cada célula do seu corpo estivesse queimando com o desejo de sair pisando duro até seu carro como uma criança fazendo birra. Isso podia ser momentaneamente satisfatório, mas simplesmente não era da sua natureza descarregar sua raiva em público. Ela teria que se satisfazer com a pequena alfinetada que tinha dado a ele com sua saída.

O fresco, tonificante cheiro de pinho instantaneamente a acalmou quando ela pisou do lado de fora. Seus saltos estalavam no caminho de pedras enquanto ela se encaminhava para seu carro. Colocando seus óculos de sol, ela pensou sobre sua observação na despedida.

Sua pequena ironia foi tão inócua que provavelmente não registrou nem mesmo um pontinho no radar dele. Ainda assim, pelo menos ela não se dobrou à atitude de “estrela” dele e se encolheu como um de seus admiradores. Pelo menos, se ele registrou isso ou não, ela disse a ele — embora em seu modo elegante e cheio de rodeios — precisamente o que ela pensava sobre ele e o modo que ele representava a profissão que ela amava.

Ela entrou em sua Mercedes, ligou o carro e colocou as mãos no volante, surpresa ao descobrir que elas estavam realmente tremendo. Era de raiva? Irritação?

Lauren sacudiu sua cabeça. Isso era tão diferente dela. Por que Ben Stevens, de todas as pessoas, tinha esse efeito tão sem precedente sobre ela? — Sim, ele era um babaca — mas Lauren tinha encontrado alguns valiosos babacas na vida. Nenhum deles tinha gerado frustração ao ponto de deixá-la tremendo.

Ele era arrogante e orgulhoso e completamente irritante. Ele se comportava de uma maneira totalmente antiprofissional, indiretamente tratando os outros como se eles não existissem. Ele era o humano personificado de cada traço que ela achava desagradável em qualquer pessoa, ainda mais em um homem.

Mas isso fez com que ela ponderasse um enigma que era um pouco mais perturbador. Sim, tinha uma coisa sobre o encontro que

verdadeiramente a incomodou mais que todo o resto. Uma pergunta que a importunava e da qual ela não conseguia se livrar.

*Por que, as costas da sua mão ainda formigavam onde ele tinha beijado?*



*R*ecostando-se em sua cadeira de escritório enorme e marrom, Lauren relaxou enquanto olhava para fora para a espetacular vista do sol se pondo atrás dos picos da montanha. Era o primeiro momento que ela parava para respirar ao longo de todo o dia. E longo, era exatamente a palavra certa para ele, também — seu despertador tinha tocado na ímpia hora de quatro e quinze da manhã, e exceto por se apressar e esperar, o que ela fez durante todo o dia, essa tarde ela não tinha parado um momento sequer.

Inalando profundamente através do nariz, ela pensou sobre como o dia foi um teste de sua boa vontade e sua paciência, para dizer o mínimo. A tarde passou em um borrão, mas tinha sido infinitamente mais produtiva. Ela passou a tarde mostrando algumas propriedades de milhões de dólares para um casal que tinha voado de Dallas para procurar uma casa para passar as férias ali na área.

Por alguma razão, ela queria esfregar esse fato na cara de Ben Stevens, mostrar para ele que era assim que uma legítima corretora de imóveis passava seus dias. O que era ridículo. A opinião das outras pessoas era de pouca importância para ela. E ela certamente não desperdiçava seu tempo tentando exibir seu sucesso para seus colegas. Nunca.

Mas ela teve um dia muito bem sucedido, e sendo elegante ou não, ela realmente gostaria que certa personalidade da TV tomasse conhecimento desse fato.



O casal tinha sido bastante exigente sobre certas características das casas que tinham visitado. Características que eles não tinham especificado antes que Lauren saísse com eles. O que não deu a ela apesar de tudo, nenhuma preocupação. Clientes que não sabiam o que queriam até que vissem o que não queriam era o normal, não exceção.

De fato, Lauren poderia apostar que se houvesse um estudo científico na correlação entre que fatores os clientes diziam ser importantes para eles antes que eles comessem a procurar a casa e que fatores eles realmente terminavam usando para embasar sua decisão final, o resultado poderia ser que não havia quase nenhuma relação.

Lauren entendia isso. O que realmente fazia sentido. As pessoas entravam no escritório do corretor de imóveis com uma lista de itens práticos em mente — metragem quadrada, número de quartos, etc. Mas quando você ia com eles para o campo e eles começavam realmente a andar pelas casas, isso se transformava mais sobre se eles podiam se imaginar morando ali. Eles se sentiam em casa? E na maioria das vezes essa conexão emocional com a propriedade tinha pouco a ver com a metragem quadrada ou o número de quartos.

Portanto a coisa a ser feita, na experiência de Lauren, era ouvir cuidadosamente o que eles falavam um para o outro e para ela enquanto faziam o tour pelas casas. Mas a chave não era ouvir tanto suas palavras — esse era um erro de principiante. Não, você tinha que saber ler nas entrelinhas. Ler a linguagem corporal, as expressões faciais, e os olhares significativos que eles trocavam entre eles. Esses são os sinais que podem dizer a um habilidoso corretor que características seus clientes estão realmente procurando em uma casa. Que características poderiam fazer com que eles, ao entrar na casa, se sentissem como se já morassem ali. E Lauren não era somente habilidosa. Ela era brilhante.

E foi exatamente o que ela fez essa tarde com o casal de Dallas. Lauren viu dentro dos primeiros cinco minutos do tour pela primeira casa que o que eles descreveram para ela pelo telefone como sendo sua “lista de desejos” e sua “lista de empecilhos” tinha quase nenhuma relação com o que estava na “lista em seu subconsciente.”

Ela decidiu em uma fração de segundo esquecer todas as casas que ela tinha planejado para o tour, e levou dez minutos escolhendo três novas para mostrar. Ela nem mesmo teve que checar o Marketing de Vendas e

Logística em seu telefone. Lauren sabia as casas disponíveis a cada dia de cor — e não somente as especificações básicas, como as abstratas. Ela sabia o sentimento que a casa tinha.

No fim, eles nem precisaram visitar as três casas. Antes mesmo que eles subissem as escadas na primeira propriedade da nova lista de Lauren, o casal já tinha se apaixonado e feito uma oferta. E foi uma oferta estelar também. Dois por cento acima do preço pedido. O homem mais velho e sua esposa bem mais nova sentiram que eles simplesmente precisavam, tinham que ter essa casa, e dinheiro não era problema.

Em momentos como esse, Lauren amava seu trabalho absolutamente. *Amava*. Muitos de seus colegas estavam estressados sobre a instabilidade do mercado, as longas horas desperdiçadas, e a incerteza de um negócio em baixa, o tempo e o dinheiro que terminavam sendo investidos em negócios que não levavam a lugar nenhum. Nenhuma dessas coisas importava para Lauren quando comparada com a euforia que ela sentia quando fechava um negócio. A palpitação era estimulante. Era diferente de qualquer coisa que ela já tenha sentido.

Exceto talvez... sexo.

Sim. Sexo. Sexo bom é claro. Esses ficavam próximos.

Ela suspirou e virou a cabeça para um lado e depois para o outro, tentando desfazer um nó. *Infelizmente*, ela pensou com arrependimento, *já tem quase um ano desde que eu fui capaz de ativamente analisar essa comparação particular*. Sim. Quase um ano desde que ela tinha tido algum tipo de ação nessa área de sua vida, e mesmo então, tinha sido medíocre para dizer o mínimo.

Ela fechou os olhos e esfregou as têmporas com a ponta de seus dedos. Ela ainda sentia o fantasma dos lábios de Ben em sua mão. Sua profunda voz estava ecoando repetidamente em sua cabeça.

Ela estava *solitária*. Essa era a única explicação razoável para sua insana reação a Ben Stevens.

Lauren não se relacionava com ninguém desde o amargo rompimento com seu antigo chefe quando ainda estava em Nova York. As coisas ficaram feias quando ele tentou chantageá-la para manter o relacionamento, ameaçando manchar sua reputação e tornar impossível que ele conseguisse trabalhar em qualquer outra corretora na cidade.

Lauren deixou a situação negativa em Nova York e voltou para casa em Hope Falls para ajudar sua amiga de infância Amanda a lidar com a perda do pai, Parker Jacobs. Uma vez que ela se juntou a Amanda e as outras duas que eram membros das Quatro Fabulosas (suas melhores amigas de infância), Samanta e Karina, Lauren percebeu que ela não estava vivendo a vida que queria. Nova York serviu a um propósito em sua vida, mas esse capítulo estava definitivamente encerrado. Hope Falls era onde seu coração estava.

Ela não deixou Nova York com o rabo entre as pernas. Esse não era seu estilo. Não, Lauren se certificou que Jim Prescott provasse de seu próprio veneno.

Estando envolvida com Jim tão intimamente, ele a deixou a par de todo tipo de suculentos esqueletos que mantinha cuidadosamente trancados em seu armário. Felizmente Lauren — que nunca se conformou com desequilíbrio de poder — previu a situação e se protegeu obtendo a metafórica chave daquele armário. Quando as ameaças foram feitas contra ela, ela passou essa chave para as autoridades como prova de todo negócio sujo dele — entre eles, fraudes, desfalques e lavagem de dinheiro.

Quando as coisas davam errado, Lauren ficava frustrada ou chateada, ou se sentia ferida ou desapontada? Não. Lauren não funcionava desse modo. Ela não se envolvia emocionalmente em seus relacionamentos. Não significava que ele era insensível. Ela sentia afeição por qualquer pessoa com quem se relacionasse. Mas ela simplesmente não investia terrivelmente neles. Desse modo, se ela fosse traída, ela nunca poderia ficar devastada.

Ao invés disso, ela se vingava.

Não uma vingança do tipo, como-você-pôde-fazer-isso-comigo, pagar-na-mesma-moeda, fazer-pagar-de-algum-jeito.

Não, era mais olho por olho, equilibrando a balança da justiça. O que resultava nisso: se você queria entrar no ringue com Lauren, você precisava saber que as chances de perder eram grandes, e mesmo se você não perdesse você podia ter certeza de que ia sair do ringue abatido e sangrando.

Ela aprendeu a lição de que a única pessoa de quem ela podia verdadeiramente depender era ela mesma.

*Não confie em ninguém. E nunca deixe as pessoas se aproximarem.*

Sua mãe cometeu esse erro. Não uma vez, nem duas, mas cinco vezes. O primeiro erro foi com o pai de Lauren que vivia uma vida dupla e então com uma sequência de quatro homens, todos perdedores, cada um à sua maneira.

Verdade seja dita, Jim nem mesmo se aproximava da escala de perdedores da sua mãe. Lauren seguiu em frente depois de romper seu relacionamento com Jim e honestamente não guardou nenhuma mágoa do homem. Ele só pensava em si mesmo. Ela entendia isso completamente. O único erro dele foi subestimar a habilidade de Lauren de fazer o mesmo.

Lauren sabia que não sentia falta de Jim. Seus sentimentos nesse quesito eram claros como cristal. Sua atual solidão não os nublava nem um pouco. Contudo, ela sentia falta de estar com alguém. A proximidade, a companhia, o sentido de pertencer, a fagulha de flertar.

*O sexo.*

Sim. Ela sentia falta de ter um homem. E assistir suas três melhores amigas se apaixonarem loucamente nos últimos poucos meses não ajudou nesse departamento.

Não que ela quisesse exatamente o que elas tinham. Lauren era realista. Ela sabia que ela não era assim. Ela não ia encontrar e mergulhar de cabeça no amor com sua “alma gêmea.” Ela não era do tipo que se consumia a ponto de perder o controle por causa de um romance. Ela jamais poderia entregar seu coração a outra pessoa, porque ela nunca seria capaz de confiar que eles poderiam cuidar tão bem dele como ela mesma. Simples.

Não é que ela tivesse algo contra o conceito em relação a outras pessoas. Pelo contrário, parecia estar funcionando lindamente para suas amigas. Lauren simplesmente não nasceu para isso.

Não. Ela estava procurando por três coisas: compatibilidade, honestidade e faíscas. Não o tipo de faíscas que disparavam alarmes de incêndio. Que fosse muito fora de controle. Ela queria apenas faíscas suficientes para tornar a coisa divertida. Excitante.

Ela não estava esperando ser engolfada em um inferno feroz de luxúria como o que Amanda, Karina e Samantha recentemente sucumbiram. Não, ela não queria isso. Ela só precisava de faísca não de fogos de artifício. Fogos de artifício eram para outras pessoas.

Lauren se sentia mais do que ridícula se lamentando sobre sua falta de status de relacionamento. No fim das contas, ela se orgulhava de sua independência. Mas lembrar a si mesma de que ela era uma mulher independente não afastava o fato que ela tinha que admitir — embora relutantemente — que ela não se importaria de ter alguém na sua vida. Era realmente muito ruim que não houvesse ninguém em quem ela estivesse nem remotamente interessada.

De repente, do nada, uma imagem de Ben apareceu em sua mente. Não. Absolutamente não. Sacudindo a cabeça vigorosamente para se livrar desse pensamento, ela expurgou a imagem dele sem misericórdia de seu cérebro.

Não. Simplesmente... não.

Não havia absolutamente nenhum modo que alguma coisa fosse acontecer entre ela e Ben Stevens. Ela nem mesmo gostava dele. Ele era arrogante, pretensioso, sem consideração... irritante. Sem mencionar que ia partir. Logo.

Lauren não estava procurando por um homem impactante do tipo casual. Relacionamentos de uma noite só não atraíam suas sensibilidades, e mesmo que a atraíssem, ela poderia certamente escolher um parceiro que valesse mais a pena do que Ben para se render momentaneamente à luxúria.

Então por que, o pensamento de uma noite com Ben, fazia Lauren sentir sua barriga apertar e seu pulso começar a acelerar?

*Não. Pare com isso,* ela rapidamente repreendeu a si mesma. *Recomponha-se.*

Essa reação e o fato de que Ben Stevens tinha ocupado muitos de seus pensamentos hoje somente provavam o quanto ele a incomodava, nada mais. Era somente irritação. Só isso. Uma irritação que deveria ir embora logo.

Seu telefone vibrou, assustando-a um pouco. Bom Deus, ela realmente precisava se controlar. Ela deu um profundo suspiro e pegou o telefone, esperando que fosse o agente de vendas ligando para informar que a proposta dos clientes foi aceita.

Contudo, quando ela pegou o telefone e olhou para a tela, ela viu o adorável rosto de Karina, olhando para ela. E porque era Karina, é claro,

ela estava colocando a língua para fora na foto. Lauren sorriu e apertou o botão para atender a chamada.

— Oi, Ka. O que foi?

— Oi, Baby. Então, eles ficaram sem a luz do dia aqui na casa e a produção quer fazer umas tomadas de um “dia na vida” de Hope Falls. Nós estamos indo gravar uma cena de jantar em Sue Ann. Você pode nos encontrar lá?

— Eu não sei, Karina. Foi realmente um longo dia e eu estou esperando a resposta de uma oferta que eu fiz essa tarde.

— Por favor, Lau? Por favor, por favor, por favor, com açúcar em cima? Todo mundo vai — Amanda, Justin, Sam, Luke, Ryan é claro... mas não será o mesmo sem você. Por favor, por favor, por favor, por favor... — Karina cantou.

— Ok, ok — Lauren a interrompeu rindo. Ela tinha visto Karina fazer isso desde o ensino fundamental e sabia que ela podia fazer isso por horas sem fazer esforço. — Vou correr para casa e me trocar. Eu encontro vocês lá em trinta minutos.



Trinta minutos mais tarde, em ponto, Lauren empurrou para abrir a porta tão conhecida do Café de Sue Ann em Main Street, mas nesse ponto a familiaridade terminava. O aconchegante café estava tomado por câmeras, luzes, cabos, e pessoas se movendo intensamente com pranchetas, headsets e microfones. Um desses sérios indivíduos, uma jovem mulher por volta dos vinte anos, andou com determinação na direção de Lauren antes que ela pudesse sequer espiar o espaço e se orientar.

— Você é Lauren Harrison? — ela perguntou vivamente. Ao aceno de Lauren, a mulher a pegou pelo braço e disse de modo autoritário — Venha comigo, por favor. — Enquanto ela a guiava através do salão, pulando sobre montes de cabos enquanto elas prosseguiam, a mulher apertou um botão em seu cinto e falou em seu microfone. — Eu a peguei e a estou levando.

Lauren se sentiu vagamente como se estivesse sendo presa.

Através da floresta de câmeras e carrinhos de luz, Lauren viu uma grande mesa com todos os seus amigos sentados ao redor. A equipe de produção pegou algumas mesas retangulares menores do meio do salão e as empurrou para que se juntassem formando uma grande, no melhor estilo reunião de família.

Lauren foi direcionada para se sentar em uma das duas cadeiras desocupadas. Ela fez como mandaram, tentando entender a cena e todo o processo de energia caótica.

— Oi, Lau! Isso não é divertido? — Sua amiga Amanda acenou para ela do fim da mesa. Amanda se inclinou para frente para ser capaz de fazer contato visual com Lauren, seu cabelo louro e ondulado quicava enquanto ela se mexia com sua pele de boneca chinesa e suas bochechas rosadas de excitação.

Lauren sorriu e balançou a cabeça de forma agradável. Ela não compartilhava o entusiasmo de sua amiga, mas ela certamente não queria ser uma desmancha prazer.

— Eu gosto de estar na câmera sem estar com a câmera sobre mim — falou Sam, o quarto membro das quatro fabulosas. — Sem mencionar, que ninguém está tentando me fazer usar roupas minúsculas para dobrar o bônus!

Sam, a baixinha, cabelo vermelho, sardenta e atlética do grupo, recentemente se aposentou de uma carreira como profissional de snowboarding. Enquanto a expressão de sua carreira tinha sido muito satisfatória, ela nunca tinha ficado completamente confortável fazendo sessão de fotos para imprensa e campanhas — particularmente quando tentavam vesti-la de biquíni.

Lauren sorriu para Sam, que virou de volta para seu noivo, Luke, e continuou conversando. Lauren olhou ao redor da mesa. Sim, eles estavam todos aqui, e todos os casais. Amanda com Justin, seu primeiro amor, que voltou para sua vida uns poucos meses atrás depois de dez anos de ausência. Karina com Ryan, o homem por quem ela tinha se apaixonado tanto por sua alma de poeta e artista musical como por sua aparência sexy. E Sam com Luke, o cara que ela paquerava desde que era adolescente e que alguns meses atrás, tinha virado o primeiro namorado, interrompendo o longo tempo em que Sam estava casada com o seu esporte.

Lauren suspirou. Casais felizes. Ela estava cercada por nada menos que casais felizes.

— Nós nos encontramos novamente — ela ouviu uma voz atrás dela e sentiu os cabelos na nuca levantarem antes que ela conscientemente reconhecesse a voz de Ben.

Lauren se enrijeceu e se virou para encará-lo, encontrando seu olhar exatamente quando ele terminou de se sentar na cadeira ao lado dela. Ela viu que ele tinha trocado de roupa e estava agora usando uma camisa cinza escura, abotoado até em cima e uma calça jeans escura.

Antes que ela pudesse se controlar, Lauren prendeu a respiração. Ele estava bonito, e a despeito dos melhores esforços de Lauren para não perceber... ela tinha reparado.

Ben deu a ela um sorriso brilhante que não alcançava seus olhos. Hummm, seus olhos, ela pensou. Seus profundos olhos cor de café...

Ela estremeceu um pouco. Ela tinha estado viajando, pensando sobre todos aqueles casais felizes, ela disse a si mesma. Sim. Era por isso que o fato dela estar pensando sobre a cor dos olhos dele fazia com que ela tivesse um pequeno transe em devaneio. Certo?

*Certo.*

Tudo isso de lado, contudo, ela não podia deixar de perceber alguma coisa mais sobre os olhos dele além de serem da intoxicante cor do café, havia alguns círculos escuros embaixo deles, de perto, a maquiagem não os escondia inteiramente.

— Ben — Lauren disse rigidamente em reconhecimento.

Uma vez que Ben estava sentado, foi como se o espaço ganhasse vida e tudo começasse a acontecer muito rapidamente. O diretor veio e os instruiu a conversarem normalmente. Ele queria criar uma atmosfera natural, com amigos que se encontraram para o jantar, o pensamento imediato de Lauren foi, *Então por que Ben está aqui?* Esse pensamento provocou nela um pequeno sorriso.

Lauren ouviu alguém gritar:

— Som.

— Som — veio uma voz do canto.

— Gravando.

— E... ação!



Todos os seus amigos começaram a falar animadamente ao mesmo tempo. O que não pareceu muito “natural” para Lauren, mas quem era ela para julgar o misterioso mundo do reality da televisão?

Ela sentiu a atenção de Ben se voltando para ela, e ele perguntou:

— Então, Lauren. Há quanto tempo você e Karina se conhecem?

Essa era uma pergunta bastante inocente, mas por alguma razão, ela provocou em Lauren um arrepio de irritação. Ela lembrou que estava sendo filmada e escondeu sua irritação quando educadamente se virou para ele e disse:

— Desde que nós estávamos no ensino fundamental.

— E quanto a Sam e Amanda? A mesma coisa?

— Sim.

— Eu acho que me lembro de ouvir alguma coisa sobre um apelido. As Quatro Fabulosas, não era isso?

— Esse mesmo.

— Qual é a história dele? — A voz de Ben tinha alguma insinuação, alguma coisa que enviava uma mensagem menos “anfitrião genial” e mais “Caçador”. Era algo primitivo, intenso, mas estava somente sob a superfície.

Lauren sentiu as costas das suas mãos começarem a formigar novamente com a impressão fantasma dos lábios de Ben, mas ela severamente ignorou o sentimento e se repreendeu internamente.

— Nenhuma história — Lauren replicou, sentindo uma pequena satisfação que suas respostas curtas estivessem trazendo à tona um lado autêntico de Ben, rachando o perfeito verniz, mesmo que essa crueza ainda permanecesse embaixo da perfeita superfície.

— Irmãos e irmãs?

— Um.

— Irmão ou irmã? — Ben se moveu um pouco mais perto de Lauren, nunca quebrando o contato visual.

Lauren queria desesperadamente desviar os olhos, mas ela se sentia sem poder para isso. Ben estava olhando para ela tão intensamente que ela sentia como se ele pudesse ver dentro da sua alma. O que era bastante enervante. Contudo, ela sabia que se ela desviasse os olhos primeiro, então ele poderia sair vitorioso nesse sutil jogo de poder no qual eles estavam

envolvidos, e Lauren não entrava em disputas com a intenção de perder. Não. Ela não ia deixar isso acontecer.

— Irmã.

— Mais velha ou mais nova? — Enquanto Ben falava, ele se aproximou um pouco mais de Lauren.

— Mais velha.

Lauren percebeu — enquanto ele se movia para mais perto dela — Que os olhos dele, que pareciam em um primeiro olhar ser chocolate escuro por completo, na realidade tinha uma leve sombra de caramelo no centro. Era hipnotizante.

— Você é próxima da sua família?

— Um pouco.

Lauren estava impressionada com a facilidade em sua própria voz quando ela ouvia as respostas para essas perguntas, que ela considerava bastantes pessoais, deixarem seus lábios. Normalmente, ela não se sentia confortável discutindo assuntos como sua família com alguém que tinha acabado de conhecer, apesar da curta e rasa natureza das suas respostas. Era quase como se Bem a tivesse colocado em transe.

Ela sabia que as câmeras estavam rodando ao redor dela e ela precisava parecer como se estivesse alegremente engajada em uma amigável conversa. Sim, Lauren decidiu, *deve ser assim*. Tinha tudo a ver com o fato de as câmeras estarem rodando e nada a ver com esse possível “feitiço” que ela imaginava que tinha caído sobre ela.

Ben chegou ainda mais perto de Lauren, e por um segundo, ela pensou que ele fosse fechar a distância entre eles e beijá-la.

Ela sentiu seus olhos se arregalarem e sua respiração começar a ficar pesada. Ela ouviu um curto, baixo gemido vindo da garganta de Ben quando ela distraidamente lambeu os lábios.

Ele deu um sorriso brincalhão e se inclinou, mas para surpresa de Lauren, os lábios dele passaram pela sua boca e continuaram indo. Ela sentiu sua respiração quente contra a orelha dela quando ele sussurrou ríspidamente:

— Já pensou em remover esse pau do seu cu e relaxar?

Com todas as sensações físicas que a proximidade e o toque de Ben estavam provocando nela, levou um momento para Lauren processar

exatamente o que ele tinha dito. Quando seu cérebro finalmente captou a conversa, ela pulou para longe dele, sibilando:

— O que foi que você disse?

— Corta! — ela ouviu uma voz estridente circular através do salão.

Ben desviou o olhar, sua atenção desviada pelo diretor, que estava caminhando para falar com ele.

Santo Deus.

O que aconteceu com o mundo?

Lauren olhou discretamente ao redor da mesa para ver se alguém mais percebeu a interação que tinha acabado de acontecer entre ela e Ben. Parecia que não, e ela relaxou um pouco mais enquanto olhava de amiga para amiga. Elas estavam todos completamente envolvidos em conversas e flertando com seus parceiros, e ela não podia estar menos no radar delas.

Foi assim, até que ela alcançou Karina. Karina estava olhando para ela e prendeu seu olhar enquanto um lento, astuto sorriso se espalhava através do seu rosto. Ela então levantou seu copo em um falso brinde, piscou para Lauren, e mexeu as sobrancelhas para cima e para baixo.

Lauren queria morrer. Ela estreitou os olhos para a amiga, esperando comunicar que nada divertido estava acontecendo.

Ela estava explodindo de raiva. Que merda. Ela não podia acreditar na ousadia dele. Quem ele pensava que era? Ele não a conhecia. Ele não sabia nada sobre ela. Babaca arrogante.

Depois de falar em sussurros com Ben, o diretor declarou.

— Ok, pessoal. Foi ótimo! — ele se entusiasmou. — Nós vamos recomeçar e continuar. Eu gostei da interação de todo mundo. Vocês não precisam fazer exatamente as mesmas coisas que fizeram na última tomada, mas se vocês puderem manter o mesmo sentimento, seria perfeito.

*Eu não estou certa sobre isso,* Lauren pensou para si mesma.



Que porra estava acontecendo? Ben não podia acreditar no que tinha acabado de acontecer. Ele estava sentindo quase como se ele tivesse tido uma experiência fora do corpo. Como se ele estivesse assistindo a si

mesmo irritar Lauren, e não tivesse a capacidade de fazer nada sobre isso. Ele precisava entender isso. Nunca em sua vida seu charme e sua facilidade em lidar com as pessoas tinham falhado com ele.

Então o que em nome de tudo que é mais sagrado estava acontecendo com ele agora?

Era como se outra pessoa tivesse chegado e tomado o controle do seu corpo. E essa pessoa era um completo idiota.

Ele sabia que estava irritando Lauren, mas ele parecia não conseguir se controlar. Por que ela estava tendo esse insano efeito sobre ele?

Certo, ele admitia, ele estava atraído por ela. Nenhuma dúvida sobre isso. Ela era linda; brilhantes e verdes olhos de gato, sedoso cabelo louro claro e pernas tão longas e torneadas que somente a visão delas o deixava com a boca cheia d'água. Mas — pernas de deixar babando de lado — ela não era nem mesmo remotamente seu tipo.

Ele gostava de garotas que eram fáceis, e não no modo sexual, embora isso certamente não machucasse. Ele gostava de garotas que não provocavam nenhum estresse, não faziam drama. Garotas que não cobravam nada dele. Garotas que não queriam nada mais do que o que ele estava disposto a dar — o que era basicamente algumas horas de diversão. Ele nunca mentia para elas, nunca prometia nada. Ele era sempre honesto — ele simplesmente não complicava. Complicação não estava em seus confortáveis relacionamentos.

E se tinha uma coisa que gritava sobre Lauren, essa coisa era *complicada*.

O comportamento dela não fazia absolutamente nenhum sentido para ele. Ele sabia que devia simplesmente manter a boca fechada perto dela. Fazer seu trabalho tão indolor quanto possível e dar o fora dali, nunca mais vê-la novamente.

Mas merda. Fechar sua boca parecia ser a última coisa que ele era capaz de fazer perto dela. Era como se ela fosse uma colmeia e ele fosse uma criança pequena que simplesmente não podia resistir ao impulso de continuar cutucando-a com uma vara.

E agora isso estava realmente afetando seu trabalho. Tanto que seu diretor tinha vindo para dizer a ele que isso não era um encontro, e que ele precisava falar com as outras pessoas na mesa.

Ele sacudiu a cabeça para clareá-la. Ele estava trabalhando. Ele nunca deixava nada distraí-lo quando estava gravando.

E esse perturbador fenômeno não tinha começado somente na gravação da cena do jantar. Não. Durante todo o dia depois que ele tinha conhecido Lauren, ele não tinha sido capaz de afastá-la de seus pensamentos. Ele se sentiu desequilibrado durante toda a gravação com Karina Black também. Provavelmente a mais importante gravação da sua vida.

Ele precisava bloquear isso, e logo. Eles estavam agendados para essa locação por mais três dias, e ele precisava ter sua cabeça no jogo em cada minuto do trabalho daqui para frente.

Ele trabalhou muito tempo e muito duro e tinha muitas pessoas dependendo dele para deixar algo assim vir do nada e minar sua confiança.

Ben ouviu a voz do assistente do diretor gritar:

— Som.

— Som.

— Gravando.

— Ação.

Ben respirou profundamente, colocou um sorriso no rosto, e entrou no seu papel.



— *C*orta!

Lauren inclinou a cabeça para trás e a rolou de um lado para o outro, tentando trabalhar as torções e os nós que o estresse desse longo dia tinham produzido. Essa era a quinta vez que o diretor gritava corta, somente para seguir momentos depois com a palavra “reiniciar” — significando (ela agora sabia) mover tudo de volta em seus lugares originais porque eles iam filmar outra tomada.

Lauren não sabia quantos momentos mais de falsa frivolidade ela poderia suportar.

Felizmente, dessa vez, a voz do diretor não deu instrução para reiniciar. Dessa vez abençoadamente as palavras foram:

— Nós conseguimos pessoal. Terminamos.

*Aleluia*, Lauren internamente regozijou-se. Ela não queria nada mais além de ir para casa, se servir de uma taça de vinho, mergulhar nas águas quentes e borbulhantes em sua luxuriosa e enorme banheira, e colocar um fim nesse dia longo e bizarro.

Ela colocou sua bolsa sobre o ombro e, acenando somente a mais rápida e superficial das despedidas para as suas amigas, andou com determinação em direção à porta.

Seu plano foi frustrado, contudo, por um membro da brigada da prancheta e do microfone, que a segurou antes que ela alcançasse seu destino.

— Você é a moça da agência imobiliária? — a jovem mulher perguntou.

Por tudo que Lauren sabia, essa parecia ser a mesma funcionária que tinha empurrado ela para a mesa quando ela chegou. Seus idênticos fones e microfones e atitudes apressadas e ocupadas, faziam com que eles todos se parecessem o mesmo para ela.

Quando Lauren confirmou sua identidade como “a moça da agência imobiliária,” foi pedido que ela esperasse lá, e a mulher saiu apressada antes mesmo que Lauren pudesse concordar com relutância.

Enquanto ela estava esperando, Karina se aproximou com um malvado sorriso e um brilho em seus olhos.

— Oi, Lau. Então o que o apresentador garotão sussurrou em seu ouvido que deixou você tão estressada?

Lauren franziu a testa. Ela seriamente não queria falar disso com as garotas, certamente não em seu atual estado de exaustão, e certamente não no meio do salão do café de Sue Ann com o pessoal da produção ainda zumbindo ao redor de todo lugar.

— Nada, Ka. Honestamente.

— Me conta — Karina insistiu, seu malvado sorriso não perdendo nada de sua potência.

Lauren suspirou.

— Não aqui. Nós falaremos mais tarde.

— Não. Fala agora — Karina continuou a provocar.

— Falar o quê? — Sam e Amanda perguntaram ao mesmo tempo enquanto caminhavam para elas e se juntavam à conversa.

Lauren gemeu e começou a esfregar suas têmporas.

— Ah, o que exatamente o apresentador gostoso sussurrou em seu ouvido durante a primeira tomada que fez suas bochechas queimarem como se elas estivessem fogo?

— Ah, sim, você absolutamente tem que nos dizer o que foi — disse Amanda de forma prática, se dirigindo a Lauren.

— Com certeza. Sem dúvida nenhuma — confirmou Sam.

Lauren suspirou profundamente, tentando manter seu rosto neutro embora ela pudesse sentir suas bochechas começando a queimar novamente, e apesar de sentir suas mãos começando a tremer quando ela

se lembrou das palavras que ele disse e como foi sentir a respiração dele em seu pescoço.

Talvez ela devesse dizer às suas amigas, o que ele disse. Então esse idiota poderia ser revelado pelo que ele era. Suas amigas poderiam sem dúvida ficar mais do que felizes em apontar isso. Se ela as ouvisse chamando-o pelo que ele era então talvez ela pudesse parar essa louca reação que estava tendo por ele.

Sacudindo a cabeça levemente, ela se inclinou, baixando sua voz para um frustrado sussurro.

— Se vocês querem saber, ele perguntou se eu tinha pensado em remover o pau do meu cu e relaxar.

Karina explodiu em riso, e todas as outras três garotas bateram em seu braço.

— O quê? — Karina perguntou. Seu divertimento não se abateu nem um pouco. — Não é como se eu concordasse com ele. Eu simplesmente gosto do estilo dele.

Amanda franziu a sobrancelha.

— Bem, eu agora o acho um babaca. Eu realmente gostei dele no jantar. Ele pareceu tão amigável e acessível. Mas ele não tinha o direito de falar com você desse modo!

— Obrigada — Lauren disse feliz com a afirmação.

Sam deu de ombros.

— Eu não sei, eu posso ver os dois lados. Sim, é claro, ele foi um grande babaca por dizer isso. Mas do mesmo jeito, talvez ele quisesse ser divertido e nós simplesmente não temos seu senso de humor? Também, isso pode ser uma coisa de homem. Eles são muito menos sensíveis sobre observações como essa do que nós.

Karina se iluminou ainda mais.

— Brilhante, Sam. Eu concordo com você. Vamos chamar os meninos e perguntar a opinião deles.

Lauren começou a protestar:

— Eu realmente acho que ela não quis dizer...

Mas era muito tarde. Karina já estava gesticulando por Justin, Ryan, e Luke para se aproximarem. Quando eles chegaram, Karina contou a eles a história. Ela contou a história de uma forma um pouco mais alegre para o



gosto de Lauren, mas de qualquer forma, estava correta. Quando ela terminou, eles todos começaram a rir.

O queixo de Amanda caiu.

— Então vocês acharam divertido? Nem mesmo um de vocês acha que ele foi imperdoavelmente rude?

Os três rapazes olharam um para o outro e então de volta para as meninas, sacudindo suas cabeças.

— Não — Justin disse, passando os braços ao redor de sua irada noiva.

— Tá vendo, querida? Nem todos os homens são sensíveis e cheios de classe como eu.

Isso fez o grupo rir novamente, e Amanda começou a suavizar, olhando para Justin.

— Eu sei que você está brincando — Ela disse afetuosamente —, mas você realmente é sensível e tem muita classe.

Eles se beijaram com amor, trazendo uma inesperada angústia para o coração de Lauren. Ela sacudiu a cabeça. Não. Ela não podia se render aos seus solitários impulsos. Habitando em sua solidão, permitindo que a tornasse vulnerável — assim foi como ela se encontrou enredada com um encantador cafajeste, também conhecido como seu ex-chefe, e Lauren teve o suficiente disso para uma vida inteira.

A mulher da produção se aproximou do grupo.

— Obrigada por esperar — ela disse de forma agradável, porém cheia de energia. — O negócio é o seguinte. Os produtores amaram a cidade. Parece de outro tempo, apaixonante, esse tipo de coisa. Eles estenderam as filmagens por duas semanas para expandir e gravar cenas no comércio local como aqui no café, *Outdoor Adventures* e o resort de esqui, e alguns dos outros comércios no centro da cidade. Talvez aquela fofa sorveteria, Two Scoops.

— Em todo caso, a equipe e o talento precisam de um lugar para ficar. Não é viável vir do Lago Tahoe todos os dias. O diretor tem a chave de um apartamento que aparentemente fica em cima desse café, mas só cabe ele. Então basicamente, o que nós precisamos é de uma propriedade mobiliada onde possam dormir confortavelmente umas doze pessoas. Dobrando ou mesmo triplicando os quartos, é claro. E então outra propriedade, mas essa não precisa ser tão grande. É só para o Ben.

— Obviamente, se nós precisarmos fazer um contrato de um mês inteiro, tudo bem. Você tem alguma coisa assim? Você estará realmente nos ajudando a escapar de um beco sem saída.

Lauren já estava acenando, pegando seu smartphone, completamente confortável agora que ela estava de volta no papel de Super Agente.

— Absolutamente. Eu preciso contatar alguns proprietários, mas eu não acho que isso será um problema. Eu tenho algumas propriedades diferentes em mente que devem se adequar ao programa. Qual é seu e-mail? Eu vou enviar para você as informações e o contrato de aluguel assim que eu fechar um acordo.

A mulher sorriu.

— Mais um pequeno detalhe. Você acha que nós podemos entrar nas propriedades essa noite?

Lauren sorriu de volta. Não havia nada que ela amasse mais do que um desafio relacionado com a imobiliária.

— Eu posso ser capaz de fazer isso acontecer — ela disse alegremente. Em um tom que implicava que ela com certeza faria isso acontecer. — Deixe-me só voltar para o escritório. Aqui. Coloque seu número em meu telefone e eu ligarei para você no minuto que eu souber alguma coisa.

Enquanto Lauren caminhava na Main Street no caminho para seu escritório com o familiar zumbido de um contrato por assinar eletrificando seu sangue, de repente lhe ocorreu que Ben não estaria por perto por mais dois dias...

Ben estaria por perto por mais duas semanas.



Depois que saiu do café e ligou para ver como estava sua mãe, falou com o médico dela e com sua irmã para se assegurar de que ela estava mesmo bem, Ben estava exausto. Física e mentalmente. Ele pretendia que as ligações levassem no máximo quinze minutos, mas uma hora mais tarde tudo que Ben queria era voltar para o seu quarto de hotel e se livrar desse dia — tomar um longo banho quente, ter uma boa noite de sono e voltar novamente para Hope Falls no dia seguinte focado e preparado para fazer um bom trabalho. Isso parecia o céu.

Agora ele só precisava encontrar um assistente de produção e descobrir onde seu carro alugado estava. Exatamente quando ele estava começando a se encaminhar para o grupo de técnicos que estavam atacando o set para ver se ele conseguia um assistente pessoal — qualquer assistente pessoal — seu telefone tocou. Olhando para a tela, ele viu que era seu agente. Era estranho. Seu agente nunca ligava quando ele estava em uma locação. Talvez ele tivesse ouvido a respeito dessa manhã.

Ben atendeu a chamada e ouviu a apressada, porém alegre voz de seu agente.

— Benny garotão! Esvazie sua agenda meu amigo. Eles estenderam essa gravação por mais duas semanas.

— Sêrio?

— Sim. Eles amaram o ambiente daí. E escute, eu não tenho certeza se isso tem alguma coisa a ver com o atraso de hoje ou o fato de a gravação ter se estendido, mas de qualquer jeito a produção arranhou um lugar para você na cidade.

— Começando essa noite? — Ben estava surpreso.

— Sim. Eu acho que tem uma agente imobiliária que conseguiu encontrar duas casas para alugar. O hotel está empacotando suas coisas e um assistente pessoal já está a caminho para buscá-las. Tudo que você tem que fazer é pegar a chave e relaxar em sua nova casa longe de casa.

— Parece maravilhoso — Ben disse.

— Ei, quando você trabalha comigo, garoto, você tem luxo.

— Obrigado — Ben disse, embora ele suspeitasse que seu agente estava tentando levar o crédito por “brigar” por uma acomodação que na verdade era padrão. Não machucava deixar o cara se sentir apreciado.

— Isso é tudo — seu agente concluiu. — Deve ter um carro esperando por você. Liga para mim se eles derem algum problema para você, garoto.

— Certo — Ben concordou prontamente e se despediu.

Ele saiu para a calçada, e o carro alugado estava estacionado em um espaço bem na frente do café. Ben subiu no banco de trás e afundou com gratidão no super macio banco de couro, soltando um suspiro de alívio.

— Você sabe para onde estamos indo? — ele perguntou ao motorista.

— Certamente, Senhor — O homem respondeu com deferência, guiando o carro para a rua.

Ben olhou as ruas da pitoresca pequena cidade passando do lado de fora da janela, e ele viu o encanto que a equipe de produção viu. Essa cidade tinha tudo que os espectadores gostavam de assistir — povo amigável, família e amigos unidos, e um forte senso de comunidade. Ainda tinha também os ingredientes mágicos que faziam o reality imobiliário inspirador — estonteante beleza natural e — a coisa mais fantástica da cidade — lindas mansões no alto das colinas.

Quando o carro terminou a subida nas colinas nos arredores de Hope Falls e parou na frente de uma bela cabana, o pulso de Ben acelerou com feliz antecipação quando ele viu que Lauren estava parada na frente da casa. A iluminação da lâmpada da varanda revelou que ela não parecia igualmente feliz em vê-lo.

Ben desceu do carro e se virou para o motorista, acenando enquanto ele se afastava. Ele se virou e andou na direção de Lauren, mas parou no meio do caminho e paralisou. Ela estava extremamente aquecida, em uma jaqueta, luvas, chapéu, e cachecol. Somente seus brilhantes olhos verdes e cheios lábios vermelhos estavam visíveis. Ela parecia *suave*. Acessível. Adorável. Isso pegou Ben de surpresa.

— O que foi? — ela perguntou na defensiva e passou os braços ao redor de si mesma.

— Nada — ele conseguiu responder, ainda incapaz de se mover enquanto olhava para ela tentando recuperar seu equilíbrio mental.

— Obviamente tem alguma coisa — Lauren insistiu, seu tom cheio de irritação. Ela levantou a mão para a boca e depois para sua bochecha. — O que foi? Eu tenho alguma coisa em meu rosto ou...

— Não. Você parece...

O olhar esmeralda de Lauren levantou para ele e o que ele viu neles fez com que ele momentaneamente esquecesse como falar. Crua vulnerabilidade. Ben engoliu o nó em sua garganta que o olhar nos olhos dela tinha causado.

— Adorável — ele disse respondendo honestamente, o que causou o mesmo sentimento que ele tinha visto nos olhos de Lauren surgir nos olhos dele também. Crua vulnerabilidade. — provavelmente a coisa mais fofa que eu já vi.

Ao invés de tomar as palavras dele como o elogio que elas pretendiam ser, contudo, ele viu Lauren enrijecer, seu olhar endurecendo.

— Sr. Stevens — ela começou friamente —, eu já estive na casa da equipe e assegurei que o contrato de aluguel fosse assinado, e agora mostrar a você essa propriedade e ter o contrato de aluguel assinado é o último item da minha lista de tarefas, o fim de um dia extremamente longo. Talvez nós pudéssemos resolver isso sem que prolongue as coisas me provocando?

Ben levantou suas mãos em uma imitação de rendição.

— Eu não estou provocando você.

Lauren parecia cética.

— Eu já fui chamada de muitas coisas em minha vida, mas nunca adorável ou fofa.

Um sorriso levantou os lábios de Ben com um senso de orgulho por ter sido o primeiro a dizer essas coisas para ela aqueceu seu peito.

— Então eu acho que você anda ouvindo as pessoas erradas.

A resposta dele pareceu corá-la um pouco, mas ela se recompôs rapidamente, afastando essa declaração completamente para o lado e indo direto para os negócios.

— Olha, eu só preciso pegar o cheque e uma assinatura. Então eu posso entregar a chave. Você está com ele?

Sacudindo sua cabeça ele respondeu.

— Não, mas eu tenho certeza de que logo alguém irá procurar você.

— Quem?

Ben deu de ombros.

— Eu não sei. Alguém da produção.

A mandíbula de Lauren tencionou e ela rolou seus ombros para trás enquanto ela falava lentamente.

— Uou. É bastante chocante para mim que ninguém envolvido com essa produção parece ter a mais leve consideração por meu tempo.

Ben também estava pensando “uou”, mas por razões completamente diferentes. Ele não podia acreditar que essa mulher tinha de algum modo manejado para derrubar cada parede que ele tinha cuidadosamente construído de seu “personagem” e feito ele se sentir mais real e conectado com alguém do que ele tinha em... ele nem conseguia lembrar.

Sem querer revelar nenhuma dessas descobertas internas ele rapidamente assegurou a ela:

— Lauren, eu entendo perfeitamente. Acredite em mim, pessoas da indústria, eu mesmo incluído, podemos ser incrivelmente frustrantes. Eu sinceramente me desculpo por todo inconveniente que você teve hoje.

A desculpa dele pareceu surpreendê-la. De fato, pareceu pegá-la completamente de surpresa. Ela abriu a boca algumas vezes para responder, mas no fim, tudo que ela disse foi

— Está um gelo. Não precisamos ficar aqui fora no frio enquanto esperamos. Deixe-me te mostrar a casa.

Então, sem esperar que ele respondesse, ela se virou e andou em direção à porta da frente da casa, pegou uma chave e colocou na fechadura. Ela abriu a porta, abriu-a bem e gesticulou para que ele entrasse antes dela na casa.

Ben passou por ela, observando os arredores. A casa não era, obviamente, nada que se pudesse comparar à luxuosa casa de Karina, mas para qualquer outro padrão, era um espaço verdadeiramente maravilhoso.

O teto era cruzado com grossas vigas, mas a sala não era muito escura e nem opressiva por causa da brilhante cor creme que cobria as paredes. Os móveis eram super estofados e aparentavam ser extremamente confortáveis. O que era perfeito para Ben.

À noite sempre que ele estava na estrada em alguma filmagem, ele gostava de passar seu tempo descansando para o dia seguinte, colocando sua cabeça em ordem ou estudando os detalhes e diálogos pelos quais ele precisaria saber no dia seguinte. Em resumo, ele gostava de passar seu tempo se preparando.

Contudo, em quartos de hotel, muitas vezes, não havia um bom lugar para sentar e espalhar seus papéis na sua frente, exceto na cama. Era legal, mas depois de um tempo ficava cansativo. Seria bom mudar de passo e estar em uma casa por enquanto, um lugar com móveis confortáveis, um lugar onde ele pudesse espalhar seus papéis na mesa de centro ou na mesa da cozinha.

— O lugar é maravilhoso, Lauren — Ben falou com entusiasmo. — Parece perfeito, realmente. Você fez um ótimo trabalho. Muito obrigado mesmo.

Novamente, Lauren pareceu surpresa por sua resposta, e isso fez ele se perguntar com um sentimento de abatimento que tipo de impressão ele

devia ter deixado nela inicialmente que ela podia ficar tão chocada toda vez que ele mostrava mesmo o mais básico da boa educação.

Lauren disfarçou sua surpresa rapidamente, contudo, e continuou o tour. Ela o guiou até a cozinha, apontando para os modernos utensílios de aço e então as escadas.

Quando eles entraram no quarto, Ben pensou que se ele não estava enganado ela estava ficando levemente nervosa e inquieta. Enquanto ela mostrava os móveis, parecia que sua voz estava ficando um pouco mais alta e ela começou a divagar.

Ben soube definitivamente que ele não estava enganado quando ela o guiou no banheiro da suíte e começou a falar sobre a banheira.

— Então, como você pode ver, a banheira é grande o suficiente para acomodar duas... não que você devesse ter duas pessoas aí... ou, você sabe, não que você não devesse... isso não é da minha conta...

Ben odiou o fato de que ela estivesse obviamente desconfortável, mas ele tinha que admitir que ele gostou de vê-la um pouco descontrolada. Era um grande contraste e um bem-vindo alívio depois de vê-la sendo sempre no controle e acima de tudo. De fato, ele percebeu que ele não se importava de vê-la assim mais frequentemente. Quando isso acontecia, ele admitiu para si mesmo, ele simplesmente não se importaria de vê-la com mais frequência.

Infelizmente para Ben, os nervos de Lauren divagando foram interrompidos pelo toque do seu celular. Em contraste com o desapontamento de Ben ao som do toque, Lauren pareceu altamente aliviada. Ela puxou o telefone do bolso como se ele fosse uma balsa para salvar sua vida mais do que um dispositivo de comunicação.

Ela olhou para Ben adotando uma expressão de arrependimento, e disse:

— Sinto muito. Eu tenho que atender. Por favor, me desculpe.

Ben acenou concordando, mas Lauren nem mesmo esperou por perto para ver isso. Na hora que ele começou a acenar, ela já tinha virado para longe dele e começado a andar para o lado mais afastado do cômodo, dando a si mesma pelo menos uma ilusão de privacidade.

Ele não podia ouvir exatamente o que ela estava dizendo ao telefone, mas ele capturou trechos suficientes para deixar claro que ela estava fechando algum tipo de negociação. Quando ela voltou para perto dele, ela

estava corada com excitação. Ele reconheceu esse particular sinal de entusiasmo. Era um rubor de vitória. Ela tinha acabado de fechar um negócio, e pelo olhar em seu rosto, provavelmente foi um negócio difícil.

O sorriso de Ben se alargou. Ele estava verdadeiramente feliz por ela. Ele conhecia esse sentimento muito bem e o amava muito.

— É o melhor sentimento do mundo não é? — Ben perguntou com seu sorriso iluminando seu rosto.

Lauren olhou, pela primeira vez em todo dia, completamente e totalmente no momento, com sua guarda baixa, e — ele ousava dizer — possivelmente mesmo aproveitando sua companhia.

— Sim. É — ela confirmou com um largo sorriso se espalhando de orelha a orelha.

Ben, talvez deixando sua confiança levar a melhor ou talvez sendo seduzido pela mística atração do sorriso dela, cometido pelo pecado capital das vendas — ele foi muito longe muito rápido. Bem, não, quase isso. O pecado capital das vendas é quando você continua falando depois que já fechou o negócio — mas ir com muita sede ao pote era próximo disso.

Ele esticou seu braço e roçou o braço dela com a ponta dos dedos, olhando direto em seus olhos, e disse suavemente:

— Você é linda quando sorri. Você devia fazer isso com mais frequência.

Isso teve um desastroso efeito no estado de feliz relaxamento dela, na realidade o aniquilou completamente. Lauren se fechou imediatamente de volta no “modo negócios.”

Olhando ao redor como se ela não pudesse acreditar que tinha perdido tanto tempo brincando pela casa com ele, ela disse impacientemente:

— Onde diabos está a assistente com meu cheque? Eu preciso da assinatura e entregar essa chave para poder ir para casa.

Com isso, ela se virou e saiu do ambiente, o momento inteiramente estilhaçado por causa dele. Ele ouviu seus passos descendo as escadas e decidiu (com relutância) que desde que ela obviamente não estava voltando, ele poderia também a seguir.

Ele a alcançou exatamente quando ela estava saindo pela porta da frente, e eles dois viram a assistente estacionando, falando no celular e olhando para montanha no lado oposto da casa.



*Merda.*

Ben sabia que não tinha jeito nenhum que Lauren pudesse ficar lá por mais tempo que o absolutamente necessário, o que significava que sua oportunidade de recapturar o momento que eles compartilharam no quarto, simplesmente deslizara através de seus dedos como areia.

Quando Lauren e Ben se aproximaram da assistente, eles a ouviram falando em seu telefone dizendo:

— Eu não sei onde ela está... eu sei. Eu estou congelando... eu devia encontrar aquela garota certinha e ansiosa aqui, mas eu não a vejo em lugar nenhum.

— Encontrou! — Lauren disse alegremente e a assistente se virou, seu rosto vermelho com embaraço.

— Sim, eu ligo para você de volta — ela murmurou suavemente no celular antes de desligar.

— Oh querida — Lauren disse com simpatia. — De todas as coisas que você disse no celular, essa não deveria ter sido a que você escolheu para dizer baixinho.

Ben começou a rir. A assistente parecia mortificada. Ben podia simpatizar com ela. Não somente ela tinha ouvido coisas significativas pelo mesmo objeto de seu escárnio, mas agora o anfitrião do programa em que ela era uma assistente inferior de produção estava rindo às suas custas. Tudo e por tudo, não era uma grande noite.

— Eu sinto muito — a assistente murmurou, segurando o contrato de aluguel assinado e o cheque. — Eu realmente não pretendia dizer nada daquilo.

— Não por isso — Lauren respondeu graciosamente, dando uma olhada rápida no contrato e passando as chaves para Ben. — E agora, se vocês todos não se importam, eu acredito que eu vou levar minha bunda ansiosa e certinha para casa para afundá-la em uma banheira quente.

Ela estava a meio caminho de onde seu Mercedes estava estacionado quando ela se virou para Ben e, com um pequeno sorriso e uma piscada, disse

— Quem sabe? Talvez isso remova o pau do meu cu.

Com isso, Lauren entrou em seu carro e zarpou. Ben estava impressionado com o modo como ela lidou com a situação. A maioria das mulheres com quem ele se relacionou não sabia lidar com insultos. Elas

desabavam. Mas Lauren... ela agiu com classe. Ela não explodiu com raiva. Ela mal se abalou. Ele gostou disso.

É claro, agora ela tinha deixado ele com um problema completamente diferente. Ele não tinha ideia como ele ia cair no sono essa noite porque tudo que ele podia fazer era imaginar Lauren Harrison nua em sua banheira.



Lauren estava aliviada de ter encerrado os eventos do dia anterior. Por mais intrigada que ela estivesse com Ben em alguns níveis, seu esmagador sentimento por ele era um incômodo provocado por suas bobagens juvenis.

Sim, tão glamouroso e excitante como a perspectiva de fazer parte da equipe de produção de uma filmagem poderia soar para maioria das pessoas e — com toda justiça — tinha também soado para ela quando a ideia foi levantada, Lauren estava extremamente feliz por estar de volta à sua antiga vida.

Aproveitar o que ela estava fazendo no momento, por exemplo, tendo um rápido e divertido almoço com Sam. Elas não tinham tempo suficiente durante sua hora de almoço para ter um almoço decente onde elas poderiam se sentar fazer seus pedidos e esperar que eles ficassem prontos, então elas compraram sanduíches já embalados na sorveteria Two Scoops e sentaram em uma mesa na calçada, comendo os sanduíches e colocando o papo em dia a respeito de suas vidas.

Certo, isso não era o que a maioria das pessoas podia considerar a maior excitação e glamour, mas ei — boa comida, bons amigos, e a distinta ausência de alguma coisa ou alguém que estivesse ofendendo e irritando ela? Lauren podia aproveitar isso.

— Então, Sam — Lauren perguntou com interesse —, como é trabalhar com seu homem gostoso dia após dia? Parece que vocês podem se distrair muito e não conseguir realizar trabalho nenhum.

Sam era um dos dois esquiadores profissionais da *Mountain Ridge Outdoor Adventures*. O outro era seu noivo, Luke, e eles dois estavam ainda firmemente na fase “lua de mel” de seu relacionamento, embora eles ainda não tivessem tido uma lua de mel de verdade. O que dizia que eles estavam realmente muito obcecados um com o outro.

Sam deu um sorriso sonhador.

— Ah, você sabe — ela disse. —, nós damos um jeito de fazer uma coisa aqui outra ali. Eu amo trabalhar com ele, estar ao lado dele o tempo todo. Ao longo de todo dia, eu sinto como se tivesse uma corrente elétrica correndo através de mim.

— Isso é luxúria — Lauren informou a ela com um pequeno sorriso.

Sam tinha um olhar de reconhecimento em seu rosto.

— Bem, você deve saber — ela disse.

Lauren parecia confusa.

— Como assim?

Os lábios de Sam levantaram em um malicioso sorriso.

— O apresentador gostoso com certeza parece mexido por você, e — sinto muito Lau, mas é verdade — você parece completamente mexida por ele também.

Lauren franziu sua testa. — Primeiro de tudo, se você define “mexido por mim” como me tratar como só uma contratada, então sim, eu suponho que ele está bastante mexido por mim. E quanto a eu estar mexida por ele? Bem, eu não vou nem mesmo tocar nesse assunto, exceto para dizer que você está mortalmente errada.

— Não importa. — Sam sorriu serenamente.

— Sam, ele é arrogante, condescendente, e não tem nenhum respeito pelo tempo dos outros. Você honestamente acha que ele é o tipo de homem pelo qual eu me sentiria atraída? — Lauren sabia que ela podia estar se colocando em uma situação que ela não sabia como lidar, mas ela não queria absolutamente que sua amiga transformasse isso em algo que não era. Especialmente agora, que Ben estaria na cidade nas duas semanas seguintes.

— Vamos ver. Alto, moreno, bonito, bem sucedido, obviamente não se intimida por você e voam mais faíscas entre vocês dois do que no Quatro de Julho. — Sam olhou para cima como se estivesse dando a isso uma séria consideração antes de olhar de volta para Lauren. — Ummm, sim.

Sim, e digo sem medo que eu acho que ele é o tipo de homem por quem você poderia estar atraída.

Internamente, Lauren tinha que admitir que Sam tinha razão em alguns pontos. Mas não tinha nenhum modo que ela pudesse admitir isso em voz alta. Ela percebeu que não poderia ter nenhum jeito que em futuras tentativas Sam viesse a ficar do seu lado nesse argumento. Independentemente, ela não podia se privar de tentar dar pelo menos mais um tiro. Quando ela abriu sua boca para tentar, contudo, ela viu Sam olhar sobre seu ombro para alguma coisa que fez com que um lento sorriso aparecesse em seu rosto.

— Bem, falando do diabo — Sam disse rapidamente, e Lauren sentiu um formigamento correr para cima e para baixo do seu pescoço.

Antes que ela pudesse se virar e confirmar suas suspeitas do que — ou melhor, quem era — Sam espiou sobre os ombros de Lauren e ela ouviu a macia voz de Ben somente algumas polegadas atrás dela.

— Olá, Senhoras — ele disse, se aproximando da mesa e, exatamente tão casualmente como queira, colocou sua mão no ombro de Lauren.

Ela queria ficar irritada com sua intromissão. Ou, pelo menos, não afetada por isso. Mas ela simplesmente não podia conseguir reunir qualquer tipo de frustração ou neutralidade sobre competir com a sensação correndo furiosa por ela — borboletas.

Borboletas?! Ela não era o tipo de garota que sente *borboletas*. Mas lá estavam elas. Inegável.

Sem ser muito óbvia sobre isso, Lauren virou seu ombro só o suficiente para que a mão de Ben se afastasse dela. Pelo sorriso no rosto dele, contudo, ele parecia completamente não afetado por essa pequena rejeição.

Ben se sentou a mesa delas, pegando a cadeira vazia.

— Ah, por favor. Sinta-se livre para se juntar a nós — Lauren falou impassível.

— Obrigado. Eu acho que eu irei — Ben respondeu suavemente, como se ela fosse completamente sincera. — Esses sanduíches parecem deliciosos. Eu acho que eu vou pegar um para mim. Volto logo, senhoras.

E com outro flash de seu brilhante sorriso, ele desapareceu dentro da sorveteria, se juntando à fila de pessoas esperando para ser atendidas.

Assim que a porta de vidro da sorveteria se fechou e Ben estava seguramente fora do alcance, Lauren virou para Sam e, cochichou irritada:

— Sério? Quem ele pensa que é? Ninguém o convidou para sentar conosco, e por que ele acha que ele tem o direito de me tocar? Você viu sua mão em meu ombro? Não está certo.

Sam estava silenciosamente se divertindo.

— O que é realidade afinal? O que realmente não está certo?

Lauren queria muito que Sam visse seu lado. Com convicção, Lauren começou:

— Isso foi tão... presunçoso, tão... íntimo...

— Tão sexy — Sam terminou.

Lauren sacudiu sua cabeça, e Sam — que estava rindo discretamente por causa do ataque de Lauren — explodiu em risos.

— Eu não vejo o que é tão divertido — Lauren disse modestamente com uma sobrancelha levantada.

— Seu rosto — Sam riu. — se você pudesse ver o modo que você corou quando eu disse que isso era sexy... ah espera. Pega o espelho. Você está fazendo de novo!

Neste exato momento, o telefone de Sam soou e ela o tirou do bolso.

— Provavelmente é Luke — ela gorjeou feliz, olhando a tela de seu telefone. Seu sorriso se alargou com a informação que seus dedos descobriram. — É ele! — ela disse, rindo enquanto lia a mensagem. Sam irradiava alegria quando compartilhou alegremente — Ele adora flertar por mensagem, ao longo de todo o dia. Eu acho que eu finalmente estou pegando o jeito. Eu descobri que eu realmente posso ser atrevida se eu tentar.

— Como exatamente você pode ser atrevida se tentar? — Lauren inquiriu secamente. A tola tentativa de Sam de ser engraçada era bem conhecida, há muito era motivo de piadas no grupo de amigos.

Sam mostrou sua língua e respondeu:

— Sim, um tanto atrevida... Luke acha que eu sou hilária. E isso é tudo que importa para mim. Que se dane.

Depois de sua resposta, contudo, ela ficou completamente absorvida em digitar sua resposta para Luke, seu rosto uma máscara de foco, seus polegares voando sobre o pequeno teclado.

Enquanto Lauren esperava que sua amiga terminasse de flertar com seu noivo, Ben retornou, sentando enquanto desembulhava seu sanduíche. Quando ele olhou para ela e seus olhos se encontraram, Lauren sentiu o ar deixar seus pulmões repentinamente e arrepios se espalharam por ela da cabeça aos pés.

Ela olhou para baixo para sua comida, tentando ignorar a reação de seu corpo traidor aos profundos olhos castanhos de cachorrinho de Ben. Lauren se remexeu na cadeira. Ela não conseguia ficar quieta. Com Ben ao lado dela, ela se sentia tão esticada como um fio elétrico, toda tensa e com os nervos estridentes. Depois de menos de um minuto, isso virou simplesmente muito para ela lidar, e ela começou a juntar os restos do seu almoço.

— Eu sinto muito ter que sair apressada assim — Lauren disse falando rapidamente para Ben, se desculpando. Qualquer coisa para sair dali. Ela sentia como se ela não pudesse respirar, como se ela fosse uma mola enrolada apertada pronta para romper. — Sam e eu realmente precisamos ir.

Ao som de seu nome, a cabeça de Sam se levantou de sua composição da mensagem de texto.

— Umm? — ela perguntou, distraída.

— Eu estava dizendo que nós realmente temos que ir — Lauren esclareceu para ela, esperando que ela pudesse pegar a dica e simplesmente confirmar.

Sam franziu a sobrancelha intrigada e exclamou:

— Eu nem terminei meu sanduíche ainda!

Ok, então... era muito ter esperança.

— Bem, coma no carro, então. Nós temos que ir — Lauren disse urgentemente.

Sam deu de ombros em aquiescência e enrolou seu sanduíche, arrumando-o em sua bolsa.

— Tchau, Ben — Sam disse cordialmente enquanto ela saía da mesa.

— Bom ver você. Ficamos felizes que você veio almoçar conosco.

Ben riu.

— Eu acho que isso é metade verdade — ele brincou, piscando para Lauren.

Lauren se levantou, enrijecendo sua espinha.

— Bem, não é como se eu estivesse esperando você — ela disse defensivamente.

— Ah, eu sei — veio a languida réplica de Ben, que ele emparelhou com um sorriso igualmente frustrante de entendimento.

Lauren sabia exatamente o que Ben estava fazendo. Ele a estava provocando. Era óbvio. Embora ela soubesse que estava fazendo exatamente o que ele a estava atormentando para fazer, ela se encontrou adicionando — Eu não estou indo embora só porque você está aqui.

Ben riu.

— Querida, eu nunca pensaria isso.

— Bom. — Lauren tentou ignorar o arrepio que percorreu sua espinha quando Ben se referiu a ela como *querida*. Ela sabia que essa palavra ia de agora em diante ser adicionada às outras palavras que Ben usou na última noite, e que continuavam passando pela sua mente, sem serem solicitadas.

Fofa. Adorável. Querida. Sim, elas iam ficar em constante repetição.

— Isso é, até que você levantou a questão.

Os olhos de Lauren se estreitaram. Ela não queria deixar que ele tivesse a última palavra, mas ela não podia pensar em nada para dizer. Seu cérebro estava tendo um curto circuito. Ela sabia que Ben sabia exatamente o que ele estava fazendo. Ela estava sendo manipulada.

Não era somente seu indolente ainda que apreciado olhar avaliador ou seu sorriso lento e sexy. A coisa que era mais frustrante sobre o modo que ele estava olhando para ela era que seu sorriso parecia estar escondendo alguma verdade divertida, alguma coisa de que ele, e somente ele, estava a par. Alguma coisa que ele não ia deixar que ela soubesse.

E. Isso. A. Deixava. Muito. Irritada.

Ela não gostava da atitude dele de “gato que comeu o canário”. Ela não gostava nem um pouco. Mas ela não queria entrar em uma discussão com ele bem aqui na frente da sorveteria.

Ela preferiu manter sua dignidade e simplesmente dar adeus a ele, girar em seus calcanhares e marchar para seu carro. Antes que ela o alcançasse, embora, ela o ouviu chamar por ela.

— Ah, e a propósito... Lauren?

Determinada a manter seu porte digno, ela se virou para encará-lo, com as costas retas, seu semblante plácido.

— Sim? — ela perguntou polidamente.



Aquela porra daquele sorriso de “gato que comeu o canário” se espalhou mais largo.

— Você está com mostarda no canto da boca.



Na hora que Lauren e Sam entraram no estacionamento de *Mountain Ridge Outdoor Adventures*, Lauren já tinha trabalhado em seu muito justo estado de indignação. Depois que elas deixaram a *Two Scoops*, elas pararam na casa de Sam para que ela pudesse pegar alguns papéis que ela precisaria aquela tarde, e então Lauren a levou de volta para o *Mountain Ridge* porque ela precisava parar e ver Amanda a respeito de algumas propriedades que ela e Justin estavam pensando em comprar como investimento.

O tempo todo que as duas estavam no carro, Lauren não fez nada além de ventilar sobre a ousadia de Ben Stevens.

— Eu quero dizer, o modo que ele simplesmente se sentou lá com aquele pequeno sorriso de auto satisfação quando ele disse— ela baixou sua voz para zombar da inflexão dele — *Ah, e a propósito, Lauren, você tem mostarda no canto da boca.*” Pelo amor de Deus, né? Esse é o perfeito exemplo de como ele está intencionalmente tentando me irritar.

Sam balançou a cabeça e, embora estivesse mais focada na tela na frente dela, secamente entoou

— Sim.

Lauren olhou para Sam enquanto entrava em sua vaga no estacionamento. Ela ainda não tinha levantado a cabeça do telefone.

— Ok Sam, estamos aqui agora. Você pode flertar com ele em pessoa — Lauren disse, com divertimento tingindo sua voz.

Sam levantou os olhos, como se saindo de um transe, e viu onde elas estavam.

— Ah, bom!

Lauren sorriu.

— Fico feliz que alguém está feliz.

— Vamos, Lauren — Sam riu. — Você sabe que *gosta* do Ben. Eu posso não ter muita experiência com relacionamentos, mas até eu posso

ver isso. Lá atrás, tudo aquilo foram preliminares.

Lauren franziu sua testa.

— Não, não foi não. E eu não *gosto* dele. Ben me deixa louca.

Sam deu de ombros.

— Tem uma fina linha entre o amor e o ódio.

— Bem, essa é uma linha que eu definitivamente não quero cruzar —  
Lauren declarou firmemente.

Sam riu largamente.

— Veremos — ela disse alegremente.

— Nós certamente veremos — Lauren disse resolutamente e com convicção.

Quando elas saíram do carro, Lauren estava irritada demais para perceber, uns meros dois carros no espaço onde ela e Sam estacionaram, Ben estava descendo do carro alugado.

*Você só pode estar brincando comigo.*

Ele as localizou por cima dos tetos dos veículos que estavam entre eles e sorriu largamente exatamente quando Sam estava abraçando Lauren em despedida antes que ela rapidamente marchasse para seu escritório.

— Eu simplesmente não posso me livrar de você hoje — ele provocou.  
— Diga a verdade agora. Você está me seguindo Lauren?

Lauren arqueou as sobrancelhas refletindo frieza em sua voz quando ela respondeu:

— Dificilmente.

— Eu não sei — Ben persistiu em sua brincadeira despreocupada. —  
para mim parece que você está. Embora, eu não possa culpá-la. Você não seria a primeira mulher a se sentir tão afetada por meu charme que não consegue se afastar.

Embora ela fosse normalmente muito reservada para tais demonstrações fora da companhia das Quatro Fabulosas, Lauren não pode se controlar — ela rolou seus olhos. Ao invés de fazer o que ela sabia que ela devia fazer com esse tipo de tolice, que era simplesmente ignorar e se recusar a se comprometer, ela respondeu:

— É um pouco difícil que eu possa de algum modo estar seguindo você, considerando que, nos dois lugares em que nos vimos hoje, eu cheguei primeiro. O cenário mais provável é que você esteja me seguindo — ela terminou categoricamente.

— Ah, e por que eu faria isso? — ele continuou no mesmo tom brincalhão. — Isso poderia acabar com toda a diversão de imaginar quando e se eu poderia aleatoriamente esbarrar em você e esperando que pudesse ser logo.

Os olhos de Lauren se arregalaram levemente. Sob o tom leve, ela reconheceu um pouco de sinceridade. Essa era a verdade? Ele estava realmente esperando que pudesse esbarrar nela?

Lauren sabia logicamente que isso era provavelmente somente uma cantada. Ele era galanteador. Um agente de vendas profissional e celebridade. Não havia uma combinação menos sincera a não ser que político fosse adicionado a essa equação. Ainda assim, de alguma forma, pela primeira vez em sua vida, seu cérebro não estava administrando as coisas. Seu coração e hormônios estavam definitivamente encenando um motim.

— Ah, eu... — sua voz falhou, ela estava se sentindo total e completamente desequilibrada, e então terminou desajeitadamente com — Muito bom.

Ben deu um pequeno, doce, sedutor sorriso.

— Muito bom — ele confirmou. — Ver você é realmente muito bom.

As suaves palavras de Ben e seus flertes abalavam Lauren mais do que qualquer monte de provocações ou de gracejos poderiam. Com farpas verbais ela podia lidar. Ela podia desviar e responder a elas durante o dia todo. Mas sensualidade misturada com sinceridade? Vindo desse homem, o mesmo a quem ela estava tentando resistir a se sentir atraída toda vez? Isso simplesmente a destruía.

Lauren se virou e começou a se dirigir para o escritório, decidindo que simplesmente abandonar a posição era o único modo que ela podia ganhar uma vantagem sobre ele — ou pelo menos permanecer firme de pé que é o que importa. Sua tática foi vã, contudo, quando Ben simplesmente seguiu atrás dela.

Lauren se sentiu ansiosa e o pânico foi maior que esse novo sentimento de estar fora de controle se desenrolando dentro dela. Distância. Espaço. Isso é o que ela precisava colocar entre eles. Acelerando o passo, ela decidiu que a velocidade era sua melhor amiga — ela precisava ficar longe dele. Mas esse plano saiu pela culatra também; ela rapidamente descobriu

que seus saltos de dez centímetros não foram feitos para caminhar rapidamente na neve fina que cobria o estacionamento.

O salto de seu sapato direito afundou inesperadamente, atrapalhando seu equilíbrio, e com pouco controle sobre suas extremidades e nenhum modo de frear os movimentos, Lauren sentiu que começava a cair, arremetendo rapidamente para a frente para o chão em um passo assustador.

Em sua mente, ela sabia que, a qualquer segundo, ela poderia estar simplesmente de bunda na neve, mas não havia literalmente nada que ela pudesse fazer sobre isso exceto tentar se preparar para o impacto. Isso ia simplesmente acontecer, não importa quais fossem seus sentimentos sobre isso.

Ainda assim... não aconteceu.

Um instante antes que seu traseiro batesse na substância branca, ela sentiu fortes braços a segurarem por trás, a levantarem e a colocarem de volta de pé. Por um momento, ela não podia se mover. O sentimento dos fortes braços de Ben a desarmou completamente.

Depois que ela foi finalmente capaz de controlar seus músculos novamente, ela soltou uma trêmula respiração, agradeceu a ele educadamente, e enrijecida, andou o resto do caminho para o escritório de Amanda sem olhar para trás.

Era irônico, ela pensou para si mesma sombriamente, mas o sentimento dos braços desse homem ao redor dela tinha gelado seu corpo mais completamente que cair na neve poderia ter.



*B*en se forçou a manter sua cabeça no jogo. Ele tinha trabalho, e ele precisava manter sua mente na filmagem.

Honestamente, ele não podia nem mesmo acreditar que ele devia se forçar a isso. Manter o foco afiado nunca foi alguma coisa que fosse problema para ele. De fato, além da habilidade de ler as pessoas rapidamente e confirmar que tipo de abordagem elas precisavam para fechar um negócio, essa era provavelmente sua única maior habilidade profissional.

Quando se tratava de trabalho, se esse trabalho fosse relacionado a um agente imobiliário ou relacionado a apresentar um programa de televisão, não existia ninguém mais focado que Ben Stevens.

Isso é... até essa semana — particularmente até hoje. Por que hoje? Porque hoje era o dia que eles estariam filmando introduções e locais ao redor da cidade de Hope Falls, o que significava que eles estariam filmando nos dois blocos no raio do escritório de Lauren.

De fato, eles estavam atualmente filmando na rua exatamente na frente da sua porta.

Parece que ele simplesmente não podia parar de olhar pela grande janela da frente do escritório imobiliário dela, esperando captar um vislumbre dela. Toda vez que ele captava um movimento em sua visão periférica, ele tinha que fazer o maior esforço para não virar a cabeça para a porta dela para ver se ela estava saindo, esperando que o movimento que

ele percebeu pudesse ser Lauren pisando na calçada em toda sua refinada beleza.

Ele se sentia completamente patético. Não importa o quanto ele tentasse se libertar desse padrão, parecia que ele não conseguia parar. Se todos os seus olhares não rendessem nada, então ele seria capaz de suprimir seus impulsos, mas esse não era o caso. Não, seus esforços não tinham sido inteiramente em vão. Ele tinha sido recompensado algumas vezes com vislumbres através da janela de seu cabelo louro perfeitamente arrumado enquanto ela se movia lá dentro.

Contudo, isso foi há muito tempo. Ele não tinha nenhum sinal dela desde a última vez que ele tinha visto dois clientes entrando em seu escritório quase quarenta e cinco minutos atrás.

O que eram na realidade boas notícias. Ele não sabia se ele podia funcionar mesmo meio burro como ele estava agora, se tudo o que ele pudesse ver dela fosse com uma mera, tentadora virada de cabeça de longe.

Ele realmente não entendia por que ele estava agindo assim. Ele não estava interessado em Lauren. Ela era muito problema para ele.

Não somente ele não gostava de garotas que faziam ele trabalhar muito duro para estar em suas vidas, ele nem mesmo tinha tempo para isso. Então não era questão de querer realmente brincar com ela. Ele simplesmente se encontrava sem poder para manter seus olhos longe dela. Ele se sentia atraído por ela como ninguém que ele já tivesse conhecido. Ela era a luz e ele era a mariposa.

Não ajudava as coisas que já tivessem se passado alguns dias desde a última vez que ele tinha tido alguma interação com ela, três dias inteiros em que ele parecia incrivelmente incapaz de passar algum período considerável de tempo sem pensar sobre ela. Quando as horas e dias passaram sem qualquer discussão, ele começou a ficar mais e mais frustrado.

Em uma cidade do tamanho de Hope Falls, quais eram as chances de que se pudesse passar três dias inteiros e não encontrar com uma determinada pessoa?

Muito difícil.

Isso significava que ela o estava evitando?

Bastante possível. Ela certamente não parecia afeiçãoada a ele. Contudo, Ben suspeitava que, por trás daquele seu exterior de mulher ofendida, ela gostava de suas disputas verbais tanto quanto ele.

Ben sorriu internamente. Era muito adorável o modo que ele era capaz de deixá-la frustrada e corada tão facilmente. Honestamente, estava chegando um ponto onde ele queria tanto vê-la que ele nem mesmo se importava se ele tivesse uma desagradável interação com ela desde que conseguisse *algum tipo* de interação.

Ele não parou para analisar o que esse repentino e inesperado interesse em simplesmente estar perto de Lauren Harrison poderia significar. Depois de tudo, em menos de duas semanas, ele teria que ir embora de Hope Falls para sempre, provavelmente nunca colocar os olhos nela novamente. Isso era uma aberração, uma anormalidade. Ele nunca reagia desse modo com nenhuma outra mulher antes, e ele duvidava que pudesse reagir assim novamente. Então por que não aproveitar isso enquanto durava? Essa era sua filosofia.

Enquanto a filmagem estava acontecendo, Ben estava começando a aceitar com a ideia de que ele poderia não encontrar Lauren de modo nenhum esse dia. Exatamente quando ele pensou que a sorte pudesse ter vencido, ela passou pela porta de seu escritório acompanhada de um casal bem vestido que Ben tinha visto entrando uma hora atrás.

Ela estava falando animadamente, suas mãos gesticulando incrivelmente para explicar algo. Estava claro que, qualquer que fosse o assunto, ela estava muito entusiasmada a respeito. Ben ficou hipnotizado pela visão, percebendo que ele não tinha visto nada assim antes: Lauren na zona de vendas. Era sexy. Era uma coisa que ela nunca tinha sido em sua presença. Ele percebeu, com reverência, que essa mulher era abençoadamente três vezes maravilhosa. Bonita. Sexy. Adorável.

Um monte de mulheres era bonita. Um monte de mulheres era sexy. Um monte de mulheres era adorável. Mas era raro que uma mulher possuísse todas as três qualidades. Era encantadoramente irresistível.

Ao que parecia, Ben não era o único pensando assim. O casal que estava acompanhando Lauren parecia igualmente tomado por ela.

Quando eles três se moveram para a frente, claramente se dirigindo na direção do carro de Lauren, eles viram Ben e as câmeras do outro lado da rua. O rosto da mulher se iluminou enquanto o de Lauren fez o oposto.

A severa expressão de Lauren durou somente um instante, recolocado por um semblante de benigno profissionalismo no momento que a mulher começou a falar com ela. Você tinha que trabalhar muito duro para ser capaz de dizer que o plácido exterior de Lauren era completamente falso, mas Ben sabia. Ele tinha visto essa expressão vezes suficiente por agora. Era o mesmo sorriso frio, ensaiado, profissional que ela usara muitas vezes quando ele estava por perto.

Ben sorriu para si mesmo. Ele não devia se importar que ela não se iluminava com genuína felicidade onde quer que ele estivesse por perto. Em vez disso, exatamente como um adolescente travesso que puxava os rabos de cavalo de uma colega de classe bonita por quem ele tinha um crush, ele ficava feliz só dela percebê-lo.

Lauren e o casal começaram a atravessar a rua em direção a ele, e ele sorriu largamente, levantando a mão em cumprimento.

Quando eles o alcançaram, Lauren disse com um calor que podia ser difícil de dizer que era falso:

— Ben. Que bom vê-lo novamente. Eu gostaria de apresentar você para o Sr. e a Sra. Carter. Eles são grandes fãs do *Lar Doce Lar*.

Ben brilhava de dentro. Esse era seu elemento. Fãs. Ele podia surpreendê-los. E talvez, ele meditou, essa poderia ser uma chance para ele ficar bem com Lauren. Depois de tudo, se ele pudesse fazer com que ela ficasse bem com seus clientes, então ela poderia ficar um *pouco* agradecida, certo?

Ben apertou as mãos do casal, usando seu melhor e mais brilhante sorriso, conversando com eles como se fosse ele que tivesse a sorte de estar se encontrando com eles mais que o contrário. Essa era a chave para encantar os fãs; sempre invertendo a situação, sempre fazendo eles se sentirem como se fossem a parte mais importante da interação.

Ben estava apreciando muito a posição em que se encontrava, e eram os fãs que sempre o colocavam lá. Ele estava mais do que feliz de passar um tempo com eles. Seu apoio ao programa era o que o mantinha empregado.

Os Carters então perguntaram, quase timidamente, se ele se importaria de tirar uma foto com eles. Novamente, exatamente como aquele adolescente travesso, Ben sentiu uma pequena emoção de perversa alegria



no duro brilho de irritação que viu faiscar nos olhos de Lauren quando eles fizeram esse pedido.

Bem ficou entre o Sr. e a Sra. Carter, com um braço pendurado amigavelmente sobre os ombros de cada um deles, sorrindo largamente enquanto Lauren batia a foto e virava a câmera para que eles pudessem ver o resultado, com o que eles ficaram bastante satisfeitos.

Então, somente para agitar as coisas, Ben decidiu movimentar a situação um pouco e fazer as coisas memoráveis. Ele sorriu e disse

— Lauren, você gostaria de tirar uma foto comigo?

Lauren deu sua melhor imitação de um gracioso sorriso e, com falso calor, disse:

— Não, obrigada, Ben. É muito generoso, mas eu não quero tomar mais de seu tempo.

— Ah, para com isso. Eu não me importo — ele admitiu alegremente, gesticulando expansivamente para ela ficar perto dele. — Vai levar dois segundos.

Sua aparente calma não se abalou — nunca se abalava — mas em seus olhos, ele podia ver que ela estava ficando lívida rapidamente. Deus, ele simplesmente não podia evitar isso. Ele achava que ela ficava muito fofa quando ficava furiosa.

— Aqui — ele disse, pegando seu smartphone de seu bolso de trás. — Nós podemos usar o meu celular. — Ben apertou alguns botões no teclado do seu telefone, trazendo o aplicativo da câmera. Ele passou o telefone para o Sr. Carter, dizendo — Você se importa? É só apertar esse botão aqui.

— Claro que não — lançou o Sr. Carter de forma sociável. — Eu fico feliz. Você é muito gentil Sr. Stevens, não é Lauren?

Lauren sorriu firmemente.

— Ah sim. Muito gentil — ela concordou.

Lauren se aproximou dele em dois passos e se virou de frente para o casal, ficando ao lado de Ben. Enquanto o Sr. Carter segurava o telefone na frente dele, com seu rosto franzido em concentração, Ben deslizou sua mão intimamente ao redor da cintura de Lauren e aproximou sua boca da orelha dela, inalando o intoxicante cheiro dela. Então ele sussurrou intensamente, baixo o suficiente para que o Sr. e a Sra. Carter não pudessem ouvir:

— Porra, você cheira tão bem que dá vontade de comer.

Ele ouviu o clique da câmera do telefone quando a foto foi tirada no exato instante que Lauren se afastou e se virou para ele com uma expressão chocada.

Andando rapidamente de volta para seus clientes, Lauren não respondeu a sua observação. O Sr. Carter entregou o telefone de volta para ele e Ben olhou para baixo, procurando pela foto. Sim, exatamente como ele suspeitava, ele estava olhando para ela com um sorriso largo se espalhando por seu rosto e ela estava olhando para ele em choque.

Ele riu.

— Está perfeita — e então piscou para Lauren. A única resposta dela foi seu severo sorriso que era sua marca registrada.

Ben acenou para ela e disse:

— Eu vou mandar para você uma cópia por e-mail, Lauren.

Lauren disse com um caloroso tom em sua voz pelo benefício de seus clientes.

— Eu vou esperar. Obrigada.

Ben sabia quanto devia ter custado a ela manter seu tom calmo e amigável. Enquanto ele os olhava entrar no Mercedes e partir, ele sacudiu sua cabeça.

*Porra.* O que essa mulher tinha que tornava tão divertido irritá-la?

Ele parou de repente, percebendo que ele podia realmente cortar essa frase no meio e ainda seria uma frase igualmente válida.

Simplesmente... merda, o que essa mulher tinha?



Depois de duas semanas andando pela cidade constantemente no limite, perguntando se ela ia ter uma alteração com Ben — um medo que não era infundado, quando ela teve alguns encontros extremamente desconfortáveis com ele — Lauren não podia estar mais feliz que a produção estava no fim e a equipe inteira, incluindo seu irritante apresentador, estavam prontos para fazer as malas e deixar a cidade.

Ela estava de fato tão feliz que ela sentia que podia ser magnânima e comparecer à festa de encerramento no Café de Sue Ann essa noite. Todo

instinto dentro dela estava gritando que ela não devia ir, quando ela podia certamente ver Ben lá, e ele era a pessoa mais frustrante que ela já encontrou.

Mas como a melhor agente imobiliária de Hope Falls, a que tinha realmente encontrado a casa onde o episódio estendido foi centralizado, poderia chamar muita atenção se ela não comparecesse à festa de despedida.

*Além disso, ela disse a si mesma, todo mundo em Hope Falls vai estar lá. Não seria difícil manter distância dele.*

E manter distância era precisamente o que ela planejava fazer. Ela planejava ficar longe, muito longe do Sr. Ben Stevens. Ela não podia acreditar no quanto ele era descarado.

*Você cheira tão bem que dá vontade de comer.*

Ela não era de *modo* nenhum pudica, mas meu Deus. O que na terra fazia com que ele pensasse que essa era uma coisa minimamente apropriada para dizer para ela? E uma pergunta que era ainda mais frustrante para ela tentar responder, por que — pelo amor de Deus — por que essas palavras estavam rodando em um constante ciclo em sua cabeça desde que ele as tinha sussurrado em seus ouvidos? E por que elas inspiravam uma visão toda vez que ela as ouvia ecoando em sua mente dele fazendo precisamente isso — comendo-a? E por que sua calcinha ficava molhada só de pensar sobre isso?

*Pare!*

Ela tinha que parar essa linha de pensamento agora. Isso era ridículo. Isso nunca ia acontecer. Ela estava tão feliz que Ben estaria logo fora da vida dela — e ela esperava que saísse também da sua cabeça — depois dessa noite. Ela não podia estar mais excitada de vê-lo partir.

Lauren abriu a porta da frente do Café de Sue Ann, imediatamente localizando Sam, Karina, e Amanda sentadas à uma mesa para quatro com uma cadeira vazia do outro lado da sala. Ela se dirigiu a elas rapidamente, procurando o conforto das amigas, não querendo ser pega sozinha quando visse Ben. As três garotas olharam para ela quando ela chegou à mesa.

— Aqui está ela. Exatamente quem nós estávamos esperando! — Karina exclamou. — Nós guardamos uma cadeira para você, garota.

Elas todas retiraram suas bolsas da cadeira vazia, e Lauren se sentou nela.

— Oi, garotas — ela cumprimentou. — Como eu estou feliz de ver vocês!

Sam sorriu um pouco maliciosamente.

— Sério? — ela perguntou com falsa inocência em sua voz. — Eu pensei que nós não éramos as únicas por quem você estava procurando aqui.

Amanda e Karina explodiram em riso.

Lauren arqueou suas sobrancelhas.

— Eu não tenho a menor ideia do que vocês estão falando — ela disse alegremente.

Amanda bufou.

— Você, minha amiga é a pior. Mentirosa. Que. Existe. — Nesse momento, Bernie, o agente de Karina, andou em direção à mesa delas.

— Aqui está ela! — ele exclamou. — Exatamente a alta, loira de pernas bonitas por quem eu estava procurando. Eu tenho boas notícias para você, bebê. Os produtores decidiram levar em frente com o spin off. Eles estão procurando por uma mulher para ser co-apresentadora.

Lauren fez uma careta.

— O que isso tem a ver comigo?

Bernie suspirou.

— Novamente. O que poderia alguma de vocês fazer sem mim? Eu ainda estou dizendo que você poderia ser perfeita para o trabalho. Vai ter viagem envolvida, mas a produção estará baseada em Hope Falls. Ben e seu co-apresentador irão gravar a introdução e saída de cada episódio de Hope Falls. Eles querem que a cidade dê personalidade ao programa.

Lauren engoliu de forma audível — alto, mesmo. De fato, ela percebeu que o que ela tinha acabado de fazer poderia ser melhor descrito como um gole.

Ela disse para Bernie, tentando manter sua voz tão controlada quanto possível:

— Então isso significa que Ben não vai deixar Hope Falls?

— Pelo menos, não por enquanto. É claro, ainda vai ter a versão original de *Lar Doce Lar* que precisará ser produzida, e as gravações em Los Angeles, então ele irá definitivamente ter que dividir seu tempo. Mas sim, agora que você perguntou, ele estará por aqui no futuro.

Lauren se recusava a olhar para as três garotas, mas ela podia sentir o calor de laser de seu sorriso de entendimento queimando nas costas da sua cabeça enquanto ela continuava a olhar diretamente para Bernie.

— Isso se o spin off pegar — ele continuou —, é melhor você esperar que pegue, porque isso pode ser muito bom para você.

— Em que modo exatamente isso poderia ser bom para mim? — Lauren perguntou em genuína perplexidade.

— Então, ouça — Bernie disse — e tente prestar atenção, tudo bem? Eu mexi alguns pauzinhos e consegui um teste de cena para você com Ben amanhã.

— Teste de cena? — Lauren perguntou, consternada.

— Certo, certo. É quando eles filmam você e Ben trocando algumas falas do diálogo do programa... para ver como é a química, como você fica na câmera, etc.

— Eu não sou uma personalidade da televisão. Eu sou uma agente imobiliária de verdade — Lauren protestou.

Bernie jogou suas mãos para cima.

— Ninguém me ouve quando eu digo a eles que é onde eu entro? — ele lamentou. — Bebê, escute... é aí onde eu entro.

Antes que Lauren pudesse mesmo processar todas as informações que estavam sendo jogadas para ela, a mulher da equipe de produção que tinha lidado com os contratos de aluguel veio para o grupo e pegou seu braço urgentemente.

— Então, a produção vai estender a estadia por mais tempo — ela disse. — Podemos estender os aluguéis das propriedades que estamos alugando?

Lauren abriu a boca para responder, mas Ben de repente apareceu bem atrás do ombro de Bernie, rindo e perguntando a ela:

— Então, você ouviu as boas notícias, Lauren? Eu vou ficar na cidade um pouco mais. — Ele piscou de forma provocante a seguir.

A cabeça de Lauren estava girando. Ela não sabia a quem se dirigir primeiro. O barulho da multidão parecia esmagador. Ela precisava ter de volta alguma semelhança de controle.

Desde que seu primeiro instinto era sempre cuidar direto dos negócios, ela escolheu lidar com a assistente de produção antes de tudo mais.

— Eu vou dar uma ligada para os proprietários — ela disse. — Eu não acho que haverá nenhum problema. Eu vou finalizar os detalhes e ligo para você amanhã.

Depois, ela virou sua atenção para Bernie dizendo:

— Muito obrigada por seus esforços e a oportunidade, Bernie. Mas eu não estou interessada em fazer nenhum tipo de teste, e eu não tenho nenhum desejo de estar em nenhum tipo de programa.

Então, virando rapidamente para Ben, ela disse:

— E eu acredito que você me fez uma pergunta retórica, desde que parece ser tudo que alguém pode falar a respeito.

Finalmente, com toda a pose e graça que ela era capaz de reunir sob as circunstâncias, ela colocou o casaco, pegou a bolsa, e marchou com propósito para a porta.



Lauren ainda não podia acreditar que estava fazendo isso. Um teste de cena. Bom Deus! Pensar que ela poderia estar em um programa de televisão? Bom Deus!!!!

Mas as Quatro Fabulosas tinham encenado uma intervenção na noite anterior. Elas lembraram a ela de como ela era capaz. Elas lembraram do quanto ela era profissional. Elas lembraram a ela de que essa era uma oportunidade maravilhosa. Acima de tudo? Elas lembraram a ela que se ela não fizesse esse programa, outra agente imobiliária ia fazer e se tornar a mais famosa corretora de imóveis de Hope Falls. Ela podia receber toda a glória e — o que realmente importava para Lauren — todas as comissões.

Não. Não vai acontecer. Não sem uma luta.

Esse era o problema com esse reality show, como as Quatro Fabulosas tinham lembrado a ela. Eles usavam agentes reais, não atores, então ninguém do elenco poderia estar aqui em Hope Falls, administrando uma agência imobiliária concorrente, e eles poderiam ter uma posição de muita atenção. Uma celebridade mesmo.

E desde que a maioria da clientela de Lauren não era de Hope Falls, e sim de fora da cidade procurando por propriedades exclusivas para férias, Lauren não podia arriscar outro agente chegando e roubando a cena.

Ela tinha conseguido assumir o controle na noite passada, a qualquer custo. Oh Deus. A última noite, tudo tinha parecido tão claro. Havia um obstáculo; ela ia superá-lo. Simples.

Mas agora que ela estava aqui, ela estava reconsiderando seriamente. Ela não estava certa do porquê ela estava tão nervosa. Ela sempre foi excelente em testes, qualquer tipo de teste. E vamos falar sério, quão difícil poderia ser? Não era uma cirurgia no cérebro.

Ela tinha memorizado algumas falas do diálogo que eles tinham dado a ela quando chegou. Tudo o que ela tinha que fazer era dizê-las. Ela podia falar. Ela fazia isso toda sua vida. Ela fazia isso para viver, e com bastante sucesso.

Então por que o nervosismo?

Ela olhou ao redor da sala. Ela não estava certa do que esperava, mas ficou surpresa de ver algumas outras candidatas lá.

Elas eram todas muito atraentes e vestidas similarmente a Lauren. Uma delas estava fazendo “exercícios faciais” e outra estava repetindo o pequeno script baixinho. Todas as outras estavam retocando suas exageradas maquiagens.

Lauren sacudiu a cabeça. Sério? Elas são agentes imobiliárias de verdade ou debutantes? Ela, por outro lado, tinha trabalho para fazer se ia ter um tempo de inatividade. Decidindo que poderia usar esse tempo para ler seus e-mails, ela pegou seu iPhone e começou a digitar.

De repente, ela sentiu um movimento na sala e o barulho de conversa ficou mais alto alguns tons.

Ela olhou para cima e viu que Ben tinha entrado e estava agora cercado por admiradoras.

É claro que estava.

Ela não podia honestamente acreditar como essas mulheres que pareciam tão normais estavam se comportando. Era uma desgraça. Elas eram profissionais. Não tinham nenhum orgulho? E se não, elas não tinham nenhuma preocupação por sua marca pessoal?

Elas honestamente pensavam que se elas se jogassem para Ben, elas poderiam de algum modo obter alguma vantagem na competição?

Essas garotas tinham zero auto respeito.

Ben se encaminhou para Lauren, que por sua vez, estava fazendo seu melhor para ignorá-lo.

— Eu pensei que você não viria — ele disse presunçosamente. Pelo menos soou presunçoso para os ouvidos dela.



— Eu acho que eu simplesmente sou cheia de surpresas — Lauren disse secamente.

Ben riu um pouco e abriu um sorriso lento, sexy, de derreter calcinhas.

— Oh, eu aposto que você é.

A respiração de Lauren acelerou já que ela havia desenvolvido esse hábito irritante quando estava perto de Ben. Pelo canto do olho, ela percebeu que as outras candidatas olhavam para ela como se não percebessem que ela estava prestes a virar uma vítima de combustão espontânea humana. Isso não fazia absolutamente nada para facilitar seu desconforto.

Nesse momento, uma assistente de direção passou pela porta e resgatou Lauren — embora ela estivesse certa de que não era essa sua intenção — anunciando que Ben era necessário no set.

— Vejo você lá, Senhorita Harrison — Ben disse com um malicioso brilho em seus olhos.

Lauren então assentiu, não confiando em sua voz para evitar que ela traísse o ataque de luxúria que estava no momento correndo através de seu corpo.

Quando as portas fecharam atrás de Ben ela percebeu que todas as mulheres na sala de espera agora olhavam para ela inexpressivamente, a hostilidade delas de algum modo menos evidente agora que elas sabiam que ela podia vê-las.

Ela as ignorou e continuou a checar seus e-mails.

A mesma assistente de direção voltou através da porta novamente e começou a chamar as mulheres na sala de espera uma por uma. Lauren sentiu como se ela estivesse em um livro de Agatha Christie enquanto ela olhava as outras candidatas desaparecerem através da porta uma por uma, eventualmente deixando nenhuma na sala de espera além dela.

Ela tinha uma leve suspeita de que Ben tivesse intencionalmente deixado ela por último como um meio de ajustá-la, de confundir sua mente. Ela não pensava que ele iria tão longe a ponto querer fazê-la ficar fora de si. Não, ele não parecia um canalha, somente auto centrado. Ela não podia imaginar que ele faria alguma coisa assim só para provocá-la.

Cada audição parecia levar entre dez e quinze minutos em média. Lauren perguntou se seria melhor se fosse mais longo ou mais curto. Ela podia apostar que se fosse mais longo, era porque eles gostaram da sua

aparência e de como você falava, como se eles quisessem colocar você em diferentes situações para medir suas respostas, para ver quão fácil era trabalhar com você, para ver quão direcionável você era.

Ela apostava que um argumento podia ser feito em relação ao contrário também. Se eles não gostassem de você de jeito nenhum, por que se incomodar em te manter por dez minutos? Eles eram pessoas ocupadas, no fim das contas. Talvez, nos testes curtos, eles vissem de cara o que eles precisavam e nos mais longos, eles tentassem arrancar o que estavam procurando de alguém que nem mesmo sabia que o possuía.

Lauren sacudiu sua cabeça. Ela precisava tirar toda essa coisa de adivinhação da sua cabeça. Isso não importava. Nada importava exceto focar em fazer seu melhor. Ela não poderia nunca estar dentro de suas cabeças, e tentar fazer isso não ia ajudá-la a ter sua melhor atuação. De fato, podia na verdade distrai-la. Ela só precisava pensar em correr sua melhor corrida.

Finalmente, quando Lauren estava sentada sozinha na sala de espera, a assistente voltou para uma chamada final e gesticulou para que ela a seguisse. Quando elas chegaram ao seu destino, ela foi colocada na frente de uma tela verde, e lá tinha um assistente segurando cartões de dicas ao lado câmera. Os cartões tinham as falas que ela foi instruída a memorizar.

*Isso é estranho*, ela pensou. *Por que eles colocaram essas placas lá se eles pediram a ela para decorar as falas?* Umm, Hollywood. Ela nunca poderia entender.

O assistente veio até ela.

— Como você está se sentindo? — o homem inquiriu em um tom de voz que dizia a ela que como ela estava sentindo não estava nem mesmo no top mil de suas preocupações.

Lauren somente sorriu em resposta.

— Ok, ótimo, ótimo — ele disse, embora ela não tivesse realmente respondido. — Então aqui está o resumo. Nós vamos fazer uma tomada de você sozinha e então uma tomada com Ben.

Lauren assentiu. Ela sabia tudo isso. Isso tinha sido explicado em detalhes quando ela se apresentou.

O assistente se moveu para trás da câmera e começou a contar, começando com três, dois, e então moveu a boca em silêncio o um

enquanto ele apontava para ela. No mesmo momento que ele apontou, a luz vermelha em cima da câmera acendeu.

Lauren gelou.

Sua mente estava em completo branco. Ela abriu e fechou a boca algumas vezes, esperando que iniciando o ato físico de falar pudesse estimular seu cérebro a lembrar o que ela deveria dizer só que isso não aconteceu. De fato, tudo que aconteceu foi que ela se sentiu como uma truta na margem do rio, abrindo e fechando a boca.

Ela não conseguia lembrar o que precisava dizer. Ela não conseguia lembrar o que ela tinha que fazer. Ela não lembrava que tinha cartões perto da câmera de onde ela podia ler. Ela mal lembrava que tinha uma câmera. Ela estava completa e totalmente congelada.

Lauren nunca se sentiu desse modo antes, e ela odiou. Ela estava paralisada de medo. Suas palmas estavam suando, seu coração estava acelerado. Pior de tudo? Ela não tinha a menor ideia de como parar isso.

Ela ouviu o diretor gritar:

— Corta! — de trás da câmera, e então ele andou para Lauren e perguntou se estava tudo bem com ela. Tão logo quanto a luz vermelha apagou, as células do seu cérebro de começaram a funcionar novamente e ela foi capaz de explicar para ele que, sim, ela estava perfeitamente bem.

— Eu sinto muito — Lauren se desculpou profusamente. — Eu não tenho ideia do que aconteceu comigo. Honestamente, essa foi a coisa mais estranha. Eu estou mortificada.

— Isso acontece — ele falou com simpatia. — Então você acha que está pronta para tentar novamente?

Lauren acenou decisivamente. Não tinha a menor chance que ela deixaria essa coisa levar a melhor sobre ela novamente.

Ela se sentia bem enquanto ela ouvia a contagem — realmente sentia que ela estava mais confiante enquanto os números se aproximavam mais do um. Seu espírito competitivo estava aparecendo. Ela queria vencer.

Mas quando a luz vermelha acendeu? Foi uma atuação igual à primeira. Cérebro em branco, palmas suando, expressão assustada, e completo e absoluto silêncio.

Ela não estava certa como as outras candidatas tinham feito, mas ela podia apostar um bom dinheiro que tinha sido muito melhor que ela estava conseguindo fazer.

Ela ouviu o diretor gritar

— Corta! — novamente.

Tão logo a luz apagou, Lauren novamente retomou seu corpo. Ela fechou seus olhos em arrependimento, percebendo que estava em processo de estragar completamente esse teste de cena. Ela estava assistindo isso acontecer, quase como uma espectadora, sem nenhum poder de impedir.

Ela não estava certa de como consertar as coisas — ou se havia mesmo um modo de consertar. Sua cabeça estava girando e ela se sentia fraca, sem saber ao certo se eram as luzes, o medo, ou o fato que tudo que ingeriu hoje foi uma xícara de café forte.

De repente, Lauren sentiu uma forte mão na parte de baixo das suas costas apoiando-a. Ela olhou para cima para ver os grandes e castanhos olhos de Ben olhando para ela com preocupação.

Ele se inclinou para mais perto.

— Você está bem? — ele perguntou, e parecia que ele estava realmente preocupado. Sem provocação, nenhum auto engrandecimento, nenhum sentido de direito. Só pura preocupação.

Isso desafiou completamente a imagem que ela tinha de Ben. Na verdade, era tão contrário ao que ela podia esperar dele que fez ela se perguntar, por um momento, se ele só a estava provocando.

Independentemente, Lauren precisava de um pouco de amizade bem agora, e mais que isso, ela precisava de alguém para jogar para ela uma corda de salvação. Ben parecia estar oferecendo os dois. Ela tomou a decisão de simplesmente aceitar sua oferecida preocupação aceitando como se ele realmente a sentisse.

Ela assentiu que sim. É claro, ela estava longe de estar ok, mas a ideia de mostrar fraqueza, mesmo para alguém que está mostrando amizade a deixava extremamente desconfortável.

Ben piscou para ela e então, para sua surpresa, tomou completo comando da sala.

Ele se virou e disse

— Aqui, pessoal, nós vamos fazer a cópia do co-apresentador primeiro. Ok?

Sem questioná-lo, a equipe se mexeu para ter os cartões com as falas certas.

Ben se virou para encará-la, angulando seu corpo de um modo que ele estava bloqueando sua visão inteira da equipe, das câmeras — de tudo menos ele.

Ele olhou direto nos olhos de Lauren.

— Escute, Lauren. Aqui está o que você precisa fazer. Respire profundamente pelo seu nariz e solte pela boca.

Ela fez isso uma vez. Então novamente por boa medida. Ela podia sentir a calma retornando. Ela repetiu o gesto mais uma vez porque era muito bom e ela sentiu que ela estava recuperando o controle.

Ben sorriu.

— Ok, bom. Isso está funcionando — ele disse. — Sua cor está voltando. Agora é assim que se lida com a câmera. Você precisa fingir que é Amanda, Karina ou Sam aqui. Que você está simplesmente falando com uma amiga. Essa é a chave. Não pense sobre nada além de sua amiga. Pegue alguém que você conhece e se conecte com ela e você ficará bem.

Lauren assentiu, entendendo a lógica nessa declaração. Ela decidiu ir com Amanda desde que, de todas as garotas nas quatro fabulosas, ela era de longe a mais acolhedora do grupo — e Lauren precisava de um pouco de ternura e adoraria receber apoio bem agora.

Dessa vez, quando Ben perguntou se ela estava pronta, seu aceno estava confiante e segura de si. Ele, por sua vez, sorriu aquele sexy sorriso que Lauren estava começando a realmente gostar então virou e encarou a equipe.

Ele anunciou:

— Nós estamos prontos.

A contagem começou novamente, e dessa vez quando a luz vermelha acendeu, Ben começou a falar. Lauren naturalmente olhou para ele. Quando ela ouviu as palavras que diziam a ela que sua fala estava chegando, ela virou sua atenção de volta para câmera, dessa vez imaginando Amanda do outro lado. Ela recitou as palavras que ela deveria dizer, fingindo que as estava dizendo para sua amada amiga, e ela podia ouvir o calor e o sorriso através de sua própria voz.

Tudo aconteceu muito rápido.

Eles fizeram mais uma tomada com Ben, e quando ele se moveu para o lado, Lauren podia ainda o ver por sua visão periférica. Ele esperou lá, somente fora do quadro, para que Lauren fizesse duas tomadas da copia

dela sozinha. Dessa vez, como as falas do diálogo tinham um pouco de tom atrevido, ela decidiu mudar as coisas. Ela fingiu que estava falando com Karina.

Depois que ela terminou, ela sentiu uma agitação diferente de tudo que já havia experimentado. Foi totalmente inesperado. Ela não tinha nenhuma ideia de que podia sentir alguma coisa depois desse teste, e ela certamente nunca esperou sentir acúmulo de adrenalina.

Ben veio para ela, radiante e sorrindo de orelha a orelha.

— Parabéns! — ele disse calorosamente.

Ela agradeceu a ele, estendendo sua mão para um aperto. Ele riu, sacudindo sua cabeça e dando a ela um grande abraço, um que foi tão entusiasmado que ele realmente a levantou do chão.

— Você acertou em cheio — ele disse alegremente. — Cara, eu nunca vi alguém superar o medo de palco tão rápido e matar um teste do jeito que você fez. Foi fantástico!

Tinha tanto orgulho na voz dele e Lauren gostou muito mais disso do que pensou que poderia. De fato, se ela não estivesse errada, ela pensou que poderia estar corando.

Lauren percebeu o diretor gesticulando para Ben se aproximar. Ela apontou, dizendo:

— Eu acho que você está sendo requisitado.

Ben foi falar com ele, e Lauren juntou suas coisas e começou a se dirigir para o seu carro. Quando ela chegou lá, ela viu que Bernie estava apoiado nele.

— Bernie! Por que você está parado aqui nesse frio congelante? — ela perguntou a ele, preocupada. Ela não queria ser a pessoa que diria isso para ele, mas Bernie Kaplan não era um homem jovem.

— Para ouvir como foi, é claro! Por que mais?

— O quê?! Bernie da próxima vez, só me avise que você está vindo. Eu pelo menos posso deixar com você minhas chaves para que você espere dentro do carro!

— Você é tão doce quanto bonita. Agora pare de tentar mudar de assunto, como foi o teste de cena?

Lauren suspirou. Momento da verdade.

— Não tão fantástico quanto eu gostaria. Um pouco de medo de palco no começo. Mas eu senti que eu podia dar um jeito. No fim, eu acho que

eles gostaram.

Bernie a abraçou.

— Eu tenho toda fé e confiança em você. Agora, o que eles acharam? Nós vamos descobrir em poucos dias. Eu te avisarei, querida.

Lauren correspondeu ao abraço.

— Obrigada, Bernie. Agora vá se aquecer!

Bernie acenou para ela enquanto retornava ao seu próprio carro. Lauren estava para destrancar sua Mercedes e entrar quando ouviu a voz de Ben do canto do prédio. Ele parecia bastante chateado.

Ela se aproximou em silêncio da beira do prédio e viu que ele estava falando no celular. Sua linguagem corporal estava tensa, seus ombros curvados. Quando ela captou um vislumbre de seu rosto de perfil, ele parecia assustado e desanimado.

— Não, eu não sei o que isso significa... Bem, isso é o que o médico realmente disse ou isso é só o que você pensa que ele quis dizer? É claro que tem diferença... olha, você tem que levar um caderno quando for falar com ele e anotar essas coisas... não, eu não me importo se é caro. Se o médico disse que precisa, precisa... bem obviamente, eu sei que é meu dinheiro, mas no que mais eu vou gastar que seja mais importante que sua saúde? Ok... sim, eu prometo... Ok... eu te amo.

Ben encerrou a ligação. Ele se sentou no pequeno pilar do lado da porta de onde ele tinha saído e manteve a cabeça em suas mãos, parecendo arrasado.

Lauren estava exatamente para andar para ele e perguntar se estava tudo bem quando ele sentou ereto e fez outra ligação em seu celular.

— Oi, Jerry? Sim, eu preciso que você separe mais 20.000 para o próximo mês para conta do Cedars-Sinai... sim, eu sei que é muito dinheiro, Jerry. Eu posso não ser contador, mas eu sei muito bem... olha, nós já falamos disso da última vez. Se ela precisar de alguma coisa, eu não me importo se o plano não cobre, ela terá o que precisa. Isso não está aberto a discussão... porra Jerry, só faça a porra do cheque!

Ben com raiva encerrou a ligação e então baixou de novo sua cabeça em suas mãos, curvado, derrotado.

Uma das assistentes colocou a cabeça para fora da porta e disse

— Sr. Stevens? Nós estamos prontos para você.

Quando Ben levantou e agradeceu a ela, para choque de Lauren, ele estava de novo no humor de “Ben Stevens, o apresentador de televisão”; como se uma luz tivesse acendido dentro dele. Todo traço de raiva, de tristeza, de frustração, de derrota tinha desaparecido em um instante.

Isso fez Lauren se perguntar o que mais estava escondido por trás daquela fachada. Ela não ouviu o suficiente da conversa para saber todos os detalhes, mas estava definitivamente claro que ele estava pagando despesas médicas de alguém, que obviamente não podia pagar por elas, e que essas contas montavam uma grande quantia em dinheiro. Essa era uma atitude muito altruísta. Ela estava chocada.

Lauren considerou essa nova informação enquanto andava de volta ao redor do prédio e ia para seu carro. Ummm. Isso certamente não combinava com o que ela pensava que sabia sobre Ben Stevens.



Lauren estava muito quieta no clube do livro, o que era muito incomum dela, e as outras meninas presentes não perderam esse fato nem por um segundo, embora elas tivessem diferentes reações para o fato.

— Lauren, você está se sentindo bem? — Amanda perguntou, preocupada. Estava na natureza protetora de Amanda sempre ser a primeira a pular para cuidar.

— Sim, você não disse uma palavra — Karina entrou na conversa alegremente. — Normalmente nesse ponto, você já teria nos repreendido pelo menos três vezes pelo fato de que não discutimos o livro do nosso tão aclamado clube do livro.

Lauren sorriu pensativamente.

— Eu estou bem — ela reflexivamente.

Karina olhou para Sam.

— Me dê cobertura aqui, Sammi — ela disse por cima da cabeça de Sam, que estava inclinada sobre seu celular enquanto digitava furiosamente com seus polegares. — Lauren não está sendo estranhamente quieta essa noite?

Sam olhou para cima distraída.



— Um... sim... — ela disse, embora seu tom deixasse claro que ela não estava prestando a menor atenção para o envolvimento de Lauren essa noite — ou possivelmente para o que Karina tinha perguntado a ela.

— Ei! — Karina protestou, arrancando o celular das mãos de Sam. — Você vai parar de enviar mensagens sexy para Luke e se juntar ao clube do livro? Qual é, por Deus, Sam! Essa é a noite das garotas! Amanda e eu estamos apaixonadas por nossos homens também, mas nós podemos passar pelo menos duas horas longe de nossas nuvens cheias de hormônios e focar em sair com as garotas!

Sam riu, envergonhada.

— Eu sinto muito — ela disse — É só que agora que eu finalmente peguei o jeito de enviar mensagens sexy, é como um vício.

— Sim, sim — disse Karina, entregando o celular de volta com um pequeno sorriso. — Vamos focar, ok? Bem agora, nós estamos concentradas em Lauren.

Lauren colocou suas mãos para cima na frente dela.

— Não, por favor. Voltem para o que vocês estavam fazendo. Não precisam focar em mim.

Karina sorriu.

— Oh, mas eu acho que precisamos. Nós queremos saber tudo sobre seu teste de cena, particularmente sobre qualquer e toda interação com o mais sexy dos apresentadores.

— Ah, foi tudo bem — Lauren disse com desdém, quase distraidamente.

As garotas todas se inclinaram para frente em seus assentos, esperando que ela continuasse com os detalhes. Depois que ela ficou quieta por um momento e ficou obvio que detalhes não viriam, Karina riu.

— Oh inferno, não! — ela riu. — Eu sei que você não pensa que vai escapar com esse, “foi tudo bem”, certo?

— Bem — Lauren concedeu — Eu acho que eu poderia dizer que a coisa começou difícil mas depois ficou tudo bem.

As garotas se viraram para Lauren, esperando com expectativa para ela continuar, mas foram recebidas somente com silêncio.

— Garota, eu juro por Deus — Karina disse exasperada. — É como arrancar um dente inflamado.

Nesse momento a campainha tocou.

— Ah bom — Lauren disse —, deve ser a Amy. Talvez nós possamos finalmente começar a falar sobre o livro.

Amy, outra de suas amigas que elas conheciam desde os dias de ensino fundamental, era geralmente a mais próxima aliada de Lauren na crença de que, no encontro que elas chamavam de clube do livro, pelo menos uma pequena fração de seu tempo devia ser gasto realmente discutindo o livro.

Amanda pulou e correu para a porta, voltando rapidamente com Amy.

— Ei, garota — Sam a cumprimentou alegremente. — Então, nós estamos atormentando Lauren em seu teste de cena para o programa Lar Doce Lar Férias que ela pode apresentar com Ben Stevens. Tudo que nós arrancamos dela é que teve um começo pedregoso, mas foi “bem” depois.

— E eu estava só dizendo a elas — Lauren disse placidamente — que agora que você está aqui, eu tenho certeza de que você irá concordar comigo que, já que isso é um clube do livro, nós devemos discutir o livro.

— Ah não — disse Amy entusiasmadamente, usando seu dedo indicador para empurrar seus óculos mais para cima do seu nariz. — Eu quero ouvir sobre o teste de cena.

Lauren suspirou. Se ela não podia ter nem mesmo Amy, a séria e estudiosa do ensino médio que virou professora de inglês ao seu lado, então sua causa estava perdida. Ela só podia aquiescer e contar a elas tudo, tintim por tintim.

Ela respirou profundamente e falou.

— Bem — ela disse —, por mais embaraçoso que seja admitir isso, eu meio que gelei quando a câmera ligou.

Todos os olhos arregalaram, parece que elas simplesmente não podiam imaginar a ultra controlada e ultra preparada Lauren Harrison gelando em qualquer situação.

— Sim — Lauren disse em resposta às expressões de perplexidade e surpresa —, eu sei. Foi um choque para mim também. Mas eu vi que a luz vermelha sobre a câmera acendeu, e... eu não sei... alguma coisa em mim simplesmente ficou paralisada.

— Bem — Karina interveio sarcasticamente —, considerando que o propósito de um teste de cena é basicamente ver como você atua... você sabe... diante da câmera. Eu acho que você podia chamar isso de um começo difícil.

Amanda torceu suas mãos.

— Oh meu Deus, Lauren! — ela comiserou. — Eu me sinto arrasada por você só de ouvir sobre isso! Pula para a parte onde melhorou.

— Eu tenho que admitir — Lauren disse pensativamente —, por mais que Ben Stevens tenha me irritado — e, não me entendam mal, ainda me irrita — ele salvou meu trabalho. Ele se aproximou e se ofereceu para fazer nossa parte juntos primeiro então eu pude tipo me soltar e me concentrar mais nele que na luz vermelha. Então ele me puxou para o lado e me disse que eu só precisava fingir que estava falando com um cliente ou amiga, para não pensar sobre a câmera e o que isso representava. Para tirar isso completamente da minha mente, só olhar na lente e ver o rosto de alguém que eu gostasse. Depois disso, ficou muito melhor. Foi realmente suave. Na verdade, eu adorei — ela admitiu. — Foi meio que rápido.

— Então como você acha que você foi... você sabe, objetivamente? — Sam perguntou.

— Eu não sei — Lauren respondeu, pensativamente. — Quer dizer, eu posso dizer a você que, da minha perspectiva, parece que fui bem. Como isso pareceu de fora, é claro, difícil dizer considerando que eu estava no meio da situação. Mas o diretor parecia entusiasmado. E Ben me disse que ele nunca viu ninguém superar o medo do palco tão rápido e voltar assim forte. Então eu acho que é um bom sinal.

— Eu diria que sim — Karina concordou.

— Então — Amanda disse astutamente —, pelo seu tom de voz, eu posso imaginar que você pode estar mudando de opinião em relação a Ben Stevens?

Lauren bufou.

— Não vamos tão longe — ela disse. — Só porque eu o vi mostrar uma enorme e total humanidade duas vezes, não significa...

— Espera, quando foi a outra vez? — Karina, a mais afiada, falou.

Lauren abriu sua boca, pronta para falar para elas sobre a ligação telefônica que ela tinha ouvido mais tarde aquele dia, mas resolveu se calar. Embora ela normalmente dissesse tudo às Quatro Fabulosas, de algum modo parecia como se fosse uma traição a Ben falar sobre o que ela tinha ouvido.

Ela sacudiu a cabeça. Ela não podia acreditar que estava realmente considerando os sentimentos de Ben Stevens, mas ela estava.

— Ah, só, você sabe... — ela disse, sumindo. Ela respirou profundamente e continuou. — Quando ele veio e me ajudou, e então novamente quando ele me deu o conselho.

Karina estreitou seus olhos com suspeita.

— Eu não sei — ela disse. — Essas duas coisas realmente parecem parte do mesmo incidente para mim.

— Sim, eu sei que eu só pensei nelas separadamente — Lauren concluiu vagamente.

— Bem eu acho que soa realmente adorável, o que ele fez — Amanda defendeu. — E eu realmente nunca pensei que ele fosse tão horrível, Lauren. Eu acho que ele parece meio que legal e encantador.

— Encantador, definitivamente — Lauren concordou. — Eu concordo com você sobre isso. Ele tem charme para dar e vender. Mas legal? Antes de hoje, eu poderia ter rido na sua cara por dizer legal. Depois de hoje? Eu não sei. Eu acho que nós simplesmente devemos parar de julgar.

Sam sorriu com sabedoria.

— De qualquer maneira — ela disse —, você não está realmente em posição de julgar o que ele é porque está cega de luxúria.

Lauren disse:

— Uou. Como você virou uma expert em relacionamentos nesses dois meses desde que começou um.

Sam disse em um tom magoado:

— Ei, qual é?! Só porque Luke é meu primeiro namorado e nós só estamos juntos há dois meses não significa que eu não tenha visto as pessoas se conectando ao longo dos anos. Eu conheço os sinais, e você os está exibindo. E se se você está se colocando na defensiva? Bem, esse é simplesmente um dos sinais.

Karina e Amanda acenaram suas cabeças em acordo.

Até Amy entrou na conversa:

— Eu não sei, Lauren. Eu só estou aqui por uns poucos minutos, então eu não estou completamente a par da velocidade da situação. Mas eu tenho que dizer...você está agindo como se estivesse um pouco atraída por ele.

Lauren fez uma careta.

— Traidora — ela disse para Amy.

Amy simplesmente deu de ombros, sem se afetar.

— Cara, vocês não entendem — Lauren protestou. — Ele é tão insuportável. Sério. Ele é completamente irritante. De propósito. Eu nunca encontrei alguém que pudesse invocar tão fortes reações em mim tão rapidamente como ele. Ou tão frequentemente.

Amanda assentiu.

— Sim — ela disse. — Esse é um sinal claro.

Lauren sacudiu sua cabeça, claro que elas não tinham entendido o que ela quis dizer.

— Não vocês, meninas. Vocês não podem pensar assim. Não é assim, como diversão e sexy provocação. É na verdade, uma provocação frustrada.

— Certo.

Karina disse razoavelmente.

— Não, nós entendemos o que você está dizendo. Eu só acho que esse é mais um sinal de que ele te irrita profundamente. E eu quero dizer de um jeito sexy.

— Ah qual é meninas. Sério. Esse não é algum filme de Hepburn e Tracy. Isso é vida real. Na vida real, se alguém te irrita, ela simplesmente te irrita. Puro e simples.

— Eu não sei, Lau — Karina disse não convencida. — Eu quero dizer, exceto por chegar atrasado aquele dia, o que ele realmente fez que tinha sido tão irritante?

— É só... o modo que ele... é. É irritante — Lauren disse, sentindo o calor começar a levantar em suas bochechas.

— Certo, eu sei. Você continua dizendo isso — Karina disse, pensativamente. — Mas o que ele realmente fez?

— Bem — Lauren disse —, eu direi a vocês. Por exemplo, o outro dia, quando eu saí do meu escritório com dois clientes. Eles o viram do outro lado da rua, e é claro nós tivemos que atravessar a rua e tirar uma foto, porque ele é a *maiooor* estrela da televisão. E pouco antes da foto ser tirada, ele se inclinou e sussurrou em meu ouvido, e vocês não acreditam no que ele disse.

— O quê? — Sam perguntou, com um largo sorriso de antecipação se espalhando pelo seu rosto.

— Não, Sam, você não entendeu — Lauren explicou, perdendo sua paciência. — Não foi como uma surpresa divertida. Foi realmente...

grosseiro.

— O que ele disse? — disse Amanda indignada, imediatamente com raiva em de sua amiga.

— Ele se inclinou e, no tom mais presunçoso, possessivo, convencido e íntimo, sussurrou em meu ouvido, “Porra, você cheira tão bem, que dá vontade de comer.” Vocês podem imaginar?

Lauren moveu seu olhar para cada uma das meninas de cada vez, esperando que elas estivessem indignadas também, mas elas simplesmente olhavam para ela inexpressivamente.

Finalmente, Karina perguntou lentamente

— Bem, como você se sentiu quando ele disse isso Lauren?

— Ah... eu não sei. Esse não é o ponto... — Lauren começou a dizer com desdém.

Karina interrompeu essa rejeição, dizendo

— Não, pare. Realmente pense sobre o assunto. Como isso fez você se sentir?

Lauren suspirou e olhou para o lado, tentando lembrar exatamente como ela tinha se sentido no momento. Ela realmente tentou se colocar de volta naquele lugar e hora.

Quando a percepção apareceu para ela, ela começou a lentamente sacudir sua cabeça e finalmente trouxe suas mãos sobre seu rosto, cobrindo-o e gemendo.

— Ah meu Deus. Eu não acredito nisso. Isso não pode ser verdade. — Ela olhou para cima, acometida. — Eu *realmente* quero dormir com Ben Stevens!

Karina começou a lentamente aplaudir.

— Dê a essa garota um prêmio! — ela exclamou, e todas riram.

Todas menos Lauren. Ela ainda não sentia nada além de choque.

Amanda olhou para Lauren com simpatia e disse

— Ah Lauren, eu sinto por você, querida. É uma terrível posição para se estar quando você está realmente fisicamente atraída por alguém que você nem mesmo gosta em um nível pessoal.

Lauren assentiu, baixando seu rosto de volta nas mãos.

Agora que ela completamente, conscientemente percebeu sua atração por Ben, ela estava vendo todos os pequenos momentos, todas as inconscientes reações físicas que tinham acontecido nas últimas duas

semanas que deviam tê-la induzido a essa realidade bastante óbvia. Ela não sabia como podia ter sido tão cega.

Sua personalidade chocava com o homem que tinha influenciado sua percepção dele ao ponto de que ela nem mesmo reconheceu a básica reação fisiológica da atração.

Lauren suspirou, olhando para cima.

— Ah Deus — ela disse. — O que eu vou fazer agora? — As garotas ficaram quietas, esperando, e olhando ela quando a percepção realmente penetrou.

Como se em resposta a sua pergunta — seu telefone tocou. Ela olhou para baixo para ele.

— É Bernie.

— Melhor atender — Karina disse.

Lauren passou seus dedos pela tela do seu telefone e segurou isso em seu ouvido.

— Alô? — ela disse com trepidação.

— Querida! Você conseguiu! — veio a borbulhante voz de Bernie. — Eu não disse que você era perfeita?

— Você disse. Você me disse — Lauren disse, baixando sua testa em sua palma.

— Você não parece excitada!

— Eu estou entusiasmada — ela disse categoricamente ela não podia, na realidade, sentir muito além de algo rolando em seu estômago.



Em doze horas desde a visita de Bernie na noite anterior, Lauren estava tentando aceitar o fato de que ela e Ben estariam trabalhando juntos pelas próximas três semanas diariamente... e quem sabe quanto tempo mais depois que a série terminasse. De fato, desde a ligação, ela não estava fazendo nada além de tentar se acostumar com a ideia, até mesmo dormindo.

Contudo, enquanto se dirigia para a primeira reunião de produção, ela se sentia confiante. Ela sabia que ninguém poderia ser capaz de perceber que ela tinha passado a noite insone quando olhassem para ela. Ela estava vestida impecavelmente, como sempre, cada fio de cabelo no lugar, maquiagem sutil e perfeita. O retrato do profissionalismo.

Ela estacionou em *Mountain Ridge*, onde a equipe de produção estava temporariamente alugando a sala de conferência de Justin e Amanda, e entrou, tomando seu assento. O diretor já estava lá, assim como os dois produtores e um assistente na frente de um laptop, posicionado para tomar notas.

Trinta segundos depois de Lauren se sentar, enquanto ela ainda estava cumprimentando as pessoas e recebendo congratulações, Ben entrou. Em contraste ao supremamente profissional vestuário dela, ele estava vestido informalmente em jeans e suéter.

Lauren olhou duas vezes. Por um lado, ela estava chocada e horrorizada que ele pudesse vir vestido tão casualmente para uma reunião



profissional. Em sua mente, isso refletia pobremente não somente nele, mas na profissão de agentes imobiliários reais como um todo.

Por outro lado, ela não podia parar de pensar sobre o quanto ele ficava sexy naquele jeans.

Lauren escondeu sua reação tão rapidamente quanto pôde e exibiu um sorriso. Ela levantou e estendeu sua mão cordialmente, querendo começar as coisas entre eles na base profissional certa, mas ele sorriu largamente e a puxou para um abraço. O que fez com que ela corasse — e não somente em suas bochechas.

Eles retomaram seus assentos quando a reunião começou.

O diretor, Paul Groves, se levantou e sorriu calorosamente.

— Oi, pessoal— ele começou. — Eu tenho certeza de que todos vocês sabem quem eu sou, mas vamos começar essa reunião com a minha apresentação. Eu sou Paul e eu vou dirigir esse piloto. Eu quero agradecer a todos por sua dedicação e apoio a esse projeto, que é por isso que ele foi tão longe e irá esperançosamente assegurar que esse sucesso vá mais longe ainda, no futuro. Eu também gostaria de oferecer nossas congratulações e estender uma calorosa acolhida a nossa co apresentadora, Lauren Harrison.

A sala explodiu em uma rodada de aplausos entusiasmados, o mais entusiasmado de todos era Ben. Lauren estava surpresa de ver.

Quando os aplausos se acalmaram, Paul continuou.

— Nós vamos filmar com agenda apertada durante somente três semanas. As filmagens vão acontecer em três locações.

Depois dessas palavras o assistente deixou seu laptop e pegou uma pilha de papel, e começou a distribuir.

— Jimmy está passando para vocês seus roteiros. Nós vamos estar baseados fora de Hope Falls três dias por semana e na locação por dois dias — um dia de viagem e um dia de gravação.

— Vocês irão perceber que seus roteiros são somente para a primeira semana de gravação. Quando nós virmos quais questões, precisaremos resolver para o trabalho funcionar, veremos a agenda da segunda e terceira semanas. A hora da apresentação está na última folha. Alguma pergunta?

Paul olhou ao redor da sala, assim como Lauren. Ela estava chocada de ver que ninguém estava realmente prestando atenção nesse momento. Eles pareciam quase entediados, como se essa fosse uma coisa completamente padrão. De fato, parecia como se para eles, o convite a perguntas fosse

uma mera formalidade, e foi uma conclusão precipitada que ninguém poderia perguntar nada. Os participantes do encontro já estavam guardando seus roteiros em bolsas e mochilas enquanto se levantavam empurrando para trás suas cadeiras, conversando uns com os outros amigavelmente, presumindo que o encontro já estava terminado.

Lauren, contudo, tinha um milhão de perguntas, e ela levantou sua mão.

— Por favor — ela disse, pegando sua caneta e abrindo um caderno. — Eu tenho algumas coisas que eu gostaria de esclarecer.

As pessoas na sala olharam para ela, chocadas, algumas delas mesmo franzindo o cenho. Estava claro que eles não desejavam sentar e continuar a reunião enquanto ela fazia um monte de perguntas de novata.

Ben sorriu para eles.

— Pessoal, vocês podem ir andando — ele disse amigavelmente. — Eu me assegurarei que Lauren rapidamente saiba qualquer coisa que ela precise. — A equipe sorriu com alívio e se apressaram para fora da sala.

Lauren se virou para Ben, irritação brilhando em seus olhos.

— Ei — ela disse. — O que você está fazendo? Não cabe a você decidir se eu tenho ou não alguma pergunta para fazer. — Ben parecia sinceramente arrependido. — Eu sinto muito — ele explicou rapidamente. — Eu achei que devia acontecer desse modo. Você deve se lembrar, que eu conheço essas pessoas. Eu as conheço bem o suficiente para saber que fazê-los se sentar em uma reunião enquanto ouvem você fazer perguntas que eles já sabem de trás para frente quando eles tem uma esmagadora carga de trabalho esperando por sua atenção...bem, esse não é o melhor jeito de deixar uma boa primeira impressão.

Lauren abriu sua boca reflexivamente para discutir, o que parecia ser a posição padrão dela com Ben, mas antes que ela falasse mesmo uma sílaba, percebeu que ele estava de fato, certo.

— Você está certo — ela disse somente levemente a contragosto.

Ben adotou uma exagerada expressão de falsa surpresa.

— O que foi? — ele perguntou em voz alta, fazendo seu efeito de tom chocado. — Lauren Harrison está admitindo que eu estou certo?

— Engraçado. Você é muito engraçado. Talvez você devesse considerar uma terceira profissão como comediante — ela disse secamente, mas com um sorriso. Um genuíno sorriso.

Ben sorriu calorosamente.

— Eu vou levar isso em consideração — ele disse —, mas primeiro, nós temos uma prova de roupas começando em cinco minutos. E se quisermos chegar a tempo, temos que ir andando.

Eles se levantaram e Lauren seguiu Ben para a pequena cabina que a produção tinha também alugado e transformou em um improvisado departamento de figurino.

Enquanto eles percorriam o curto caminho, ela percebeu que não tinha ocorrido a ela que ela não deveria usar suas próprias roupas nas filmagens — embora, agora que ela pensou nisso, ela percebeu que era ridículo. Os produtores poderiam querer controlar cada aspecto visual do programa, incluindo — e talvez especificamente — o que os apresentadores estariam usando.

Ela se perguntou quantos outros aspectos havia em seu novo trabalho que ela nunca, antes desse momento, tinha considerado de jeito nenhum.

Quando eles alcançaram a porta da frente da cabana de figurino, Ben a abriu e gesticulou para Lauren entrar na frente dele.

Ela sorriu.

— O cavalheirismo não está morto — ela disse impressionada.

— Pode estar agonizando — Ben riu —, mas definitivamente não está morto ainda. Especialmente não quando estou por perto. Eu sou um cara à moda antiga.

Lauren entrou na cabana e suspirou. Ela não podia acreditar no absoluto monte de belas e sofisticadas roupas que viu diante dela. Ela se moveu para a frente e reverentemente tocou as peças. Ela estava encantada, havia prateleiras e prateleiras de roupas em seu tamanho, em seu estilo preferido, mesmo. Lindas roupas.

Ela estava pasma, honestamente, que eles tivessem sido capazes de juntar tão expressivo monte de deslumbrantes itens cuidadosamente selecionados em tão pouco tempo.

— Uau — disse Lauren em reverência. — Eu vou realmente usar todas essas roupas no programa?

Nesse momento, duas simpáticas mulheres de meia idade surgiram de trás das prateleiras. Uma delas disse

— Olá! Você deve ser a Lauren!

Lauren levou um susto tão grande que arfou e deu um passo para trás, se chocando direto em Ben.

As duas mulheres riram calorosamente e andaram na direção de Lauren.

— Sentimos muito por assustar você, querida — disse aquela que ainda não tinha falado. — Não foi intencional!

Embora elas estivessem rindo, Lauren podia sentir o calor vindo delas e nem por um minuto pareceu que elas estivessem rindo dela, mas como se o riso fizesse parte da sua personalidade.

Ben disse:

— Por favor, senhoras. Lauren provavelmente está assustada o suficiente já, esse sendo seu primeiro dia. Vocês precisavam dar a ela um ataque do coração ainda por cima?

Ele se virou para Lauren e fez apresentações, gesticulando para cada mulher por vez enquanto dizia seus nomes.

— Lauren, conheça Marlene e Barbara, duas das melhores figurinistas que você já conheceu. Elas trabalham em *Lar Doce Lar*, e nós temos sorte suficiente de tê-las para o *Lar Doce Lar Férias* também.

Barbara estendeu sua mão para apertar a de Lauren, dizendo entusiasticamente

— Nós é que temos sorte o suficiente... Você está brincando comigo? Nós nos sentimos com sorte de estarmos finalmente vestindo uma mulher, uma mudança! Sem ofensa, Ben, mas roupas de homens podem ser muito entediadas se comparadas as das mulheres.

— Concordo — disse Marlene. — Agora, venha aqui querida, e nós vamos começar com você.

Marlene alegremente guiou Lauren para o lado da sala onde a maioria das roupas femininas estavam penduradas, e Barbara levou Ben para o lado masculino.

— O que nós estamos fazendo? — perguntou Lauren.

— Ah querida, nós precisamos testar as roupas em você! — Marlene disse. — Descobrir se se elas vão precisar de ajustes, como as cores ficam contra sua pele, tudo isso.

Lauren olhou ao redor.

— Aonde eu vou me trocar? — ela perguntou.

Isso provocou um novo ataque de risos das mulheres e de Ben.

— Não vai ter tempo para modéstia — disse Marlene. — Confie em mim. Eu verei tudo de qualquer maneira.

Lauren arregalou os olhos, mas ela não queria cometer o mesmo erro da reunião, que foi fazer um espetáculo de si mesma e fazer inimigos em seu primeiro dia, então ela seguiu com o cronograma. Por mais desconfortável que fosse se trocar na frente de estranhos — e, respirou profundamente, especialmente na frente de Ben! — ela descobriu que o melhor jeito de lidar com isso seria simplesmente tirar a emoção do caminho.

Então, se recusando a deixar qualquer choque transparecer em seu rosto ou comportamento além de seu inicial arregalar de olhos, ela se virou para Marlene e disse com vivacidade

— Ok, parece bom. Onde eu posso pendurar minhas coisas?

Marlene pareceu impressionada e se virou para onde Ben estava parado.

— Umm... — ela disse. — Eu gosto disso. Ela está seguindo o cronograma. Não como as duas horas de discussão que nós tivemos com você!

Ben corou e, em uma clara tentativa de minimizar, disse:

— Eu acho que tem um leve exagero.

Barbara e Marlene olharam uma para outra por um momento e então as duas sacudiram suas cabeças.

— Sim — Barbara concordou. — Foram umas boas duas horas, talvez mais.

Lauren sorriu, sentindo por dentro que ela tinha conseguido uma pequena vitória, mas não uma vitória sobre Ben. Isso não era uma competição. Era uma vitória sobre os obstáculos que ela poderia estar encarando enquanto se aclimatava nesse novo emprego.

Ela tinha que se manter lembrando que é claro que Ben parecia muito confortável com as rotinas e as logísticas de apresentar um programa; ele já vinha fazendo isso há alguns anos. Ela não podia cometer o erro de se sentir mal sobre si mesma porque estava comparando sua atual atuação, nesse primeiro dia, com a experiência e proficiência de Ben. Por mais que Lauren odiasse admitir, porque ela queria ser a melhor em tudo definitivamente, ela sabia que poderia precisar de um tempo para aprender uma nova habilidade.

O fato que ela agora sabia que tinha um obstáculo que ela pôde superar significativamente mais rápido que Ben inicialmente, dava a ela confiança que eventualmente ela poderia ser tão boa nisso — se não melhor — que ele era.

Lauren sorriu para si mesma. Por causa de sua natureza competitiva, teria sempre “se não melhor” inserido. Assim era exatamente como ela era.

Lauren virou suas costas para Ben e começou a se despir. Ela ouviu o roçar de tecido atrás dela e percebeu que deveria ser ele fazendo o mesmo. Ela sentiu um rubor começar a subir por suas bochechas, e desejou que ela pudesse controlar suas reações físicas com o poder de sua mente.

*Ei, talvez eu possa,* ela pensou para si mesma. *Deixe-me tentar.*

*Não fique com o rosto corado pensando sobre a nudez de Ben. Não fique com o rosto corado pensando sobre a nudez de Ben.*

Ela parou por um momento para ver se isso tinha algum efeito, fazendo um balanço das sensações em seu rosto.

Nada. Ela podia ainda sentir o calor lentamente subindo por suas bochechas.

Depois que Lauren superou sua inicial reticência sobre estar quase nua na frente de estranhos — e na frente de Ben — ela descobriu que ela gostou imensamente de experimentar o guarda roupa.

Quando isso progrediu, ela viu exatamente o que Marlene quis dizer sobre não ter tempo para modéstia. Elas traziam roupas com extrema rapidez, Marlene ajudando-a a entrar e sair das calças as puxando para cima, segurando camisas e casacos atrás dela enquanto deslizava seus braços para dentro.

Assim que uma roupa estava razoavelmente bem no lugar, Marlene rapidamente tirava uma foto e pendurava em uma placa de cortiça — e assim elas passavam logo para próxima.

No lado da sala de Ben, Barbara estava fazendo o mesmo.

— Para que são as fotos? — Lauren perguntou.

— Ah, elas são para que eu e Barbara possamos sentar mais tarde e montar combinações com as roupas que parecerem melhores em cena, colocando umas ao lado das outras — Marlene explicou. — Nós as embaralhamos como se estivéssemos jogando cartas e decidimos quais são

nossos melhores pares. Quando nós acertamos tudo, e empacotamos as roupas, usando as fotos para rotular as sacolas que estão com as roupas.

— Uau. Esse é um sistema bastante impressionante. — Lauren disse.

— Sim — Marlene concordou. — Ele nos serve bem.

Lauren não podia acreditar quanto trabalho havia por trás das cenas da produção de um programa de televisão. Era uma gigante colaboração envolvendo os astros e o trabalho de muitas pessoas. Era uma coisa que ela nunca percebeu ou respeitou antes, mas ela estava começando agora.

Enquanto Barbara e Marlene apressavam Ben e Lauren para entrar e sair das roupas, Lauren aproveitava para lançar umas olhadas na direção de Ben, e a despeito de suas melhores intenções, ela se encontrou admirando seu peito musculoso e seu abdômen tanquinho.

De fato — novamente a despeito de suas melhores intenções — ela estava ficando um pouco quente e se incomodou com a visão e a proximidade de um quase nu Ben Stevens.

— Marlene — Ben chamou nesse momento —, seu filho ainda está no Afeganistão?

— Mais dois meses — disse Marlene com tristeza, mas então ela ficou iluminada. — Eu falo bastante com ele pelo Skype. O que é uma vantagem. Eu não sei como as esposas e mães de soldados lidavam com isso antes desse tipo de tecnologia, esperando semanas sem fim para receber alguma carta. Eu ficaria absolutamente louca.

— Verdade — Ben concordou. — Mesmo assim. Eu aposto que você e James estão contando os dias.

— Cinquenta e sete — Marlene confirmou, e tinha alguma coisa pungente nisso — em sua imediata recitação do número específico de dias — que Lauren percebeu logo embora mal conhecesse essa mulher.

Lauren sentiu que a sua perspectiva a respeito de Ben estava mudando novamente. Lembrou que o filho de Marlene estava no Afeganistão, recordou o nome do marido dela, se importou com essas duas coisas — essa não era uma coisa que se adequava com a ideia de Ben que ela tinha em sua mente. Era possível que seu conceito de “Ben” — um Ben que era complicado e soberbo — não fosse a história inteira e talvez ele nem mesmo fosse assim de verdade?

A deixava desconfortável pensar que ela podia ter julgado ele mal tão completamente e tão rapidamente.

Ela não estava inteiramente vendida com a ideia de que ela estava errada sobre Ben, mas mesmo a possibilidade disso fazia ela se sentir incomodada.

Durante as três horas inteiras de provas, Lauren tentou tirar vantagem de pequenos momentos, pequenas pausas, como quando Marlene estava prendendo as fotos no quadro de cortiça ou quando as duas tinham parado por trinta segundos para conferir pequenos detalhes, para tentar de algum modo continuar a olhar os e-mails que estavam chegando a seu telefone a uma alarmante velocidade.

Tudo que ela teve tempo para fazer foi dar uma olhada neles e responder os mais urgentes. Ela percebeu que Ben estava fazendo a mesma coisa.

Nesse momento, ela se virou para ele com um leve cansado sorriso e perguntou

— É sempre assim?

Ben deu a ela um pequeno meio sorriso e uma piscada.

— Sim — ele reassegurou a ela.

— Ah, isso é bom — Lauren disse com alívio.

— Às vezes é realmente corrido — ele esclareceu com um malandro brilho em seu olho.

Lauren riu de sua piada, o que a deixou mais relaxada, e então disse

— Bom. Ainda bem que eu sou excelente em multitarefa.



*Tortura.* Pura e absoluta tortura. Isso é o que essa prova de roupas era para Ben.

Olhando Lauren continuar a ser vestida e despida, tentando manter sua reação física por ela sob controle — ah, sim, essa era a mais doce tortura que ele podia imaginar.

O que fazia isso pior — e melhor — era que quanto mais a prova demorava, menos inibida e mais confortável ela parecia ficar.

Enquanto Lauren deslizava para dentro e para fora de calças, ele via suas pernas — magras, tonificadas, e inegavelmente fortes. Ela estava usando um conjunto de calcinha e sutiã de renda cor de pêssego, que o



faziam sorrir. As calcinhas de Lauren eram perfeição e ela nem mesmo sabia que alguém poderia vê-las esse dia. Ele não podia ter esperado nada menos dela.

Mas a reação que elas estavam causando nele não era uma questão de sorriso. Essa cor pastel de pêssego tinha colocado fogo em todos os cilindros nele de um modo que mesmo uma cor abertamente sexy como preto ou vermelho não podia ter conseguido. Isso era tão feminino, tão perto do próprio tom de pele dela, que ele sentia quase como se ele estivesse tendo uma prévia de como Lauren Harrison poderia parecer nua — e essa definitivamente não era uma experiência que ele estava preparado para ter sem ter uma ereção.

E aí residia o problema. Não somente fazia Ben desejar esconder sua reação visceral, física e sexual à beleza de Lauren e o próprio estado de nudez dela, mas ele também não estava exatamente louco para mostrar sua ereção a Barbara e Marlene — mulheres que ele conhecia há três anos, que ele considerava como tias substitutas.

Sim, essa podia ser definitivamente uma situação desconfortável.

Normalmente, provas de roupa eram os dias favoritos de Ben. Ele amava as figurinistas. Barbara e Marlene eram duas de suas pessoas favoritas no mundo. Elas eram hilárias. Durante os três anos que ele trabalhava no programa, ele tinha se aproximado muito delas duas e de suas famílias.

Mas, hoje, ele só podia pensar em Lauren. Lauren e seu belo corpo. Lauren e como poderia ser fazer amor com ela.

E não era somente seu corpo que estava colocando Ben em um frenesi de mal controlada ereção. Era também o jeito dela. Ele nunca a viu assim relaxada e segura. Ele amava assisti-la interagindo com Barbara e Marlene. Ele estava impressionado com o modo que ela parecia tão rapidamente acostumada a ser cutucada e incitada, puxada e ajustada. Primeiro, ele não estava certo se ela poderia ser capaz de lidar com isso. Não era uma transição fácil fazer sua primeira prova de roupas, especialmente se você entrasse sem saber o que te aguardava.

Ele estava aprendendo que Lauren Harrison era muito bem adaptável a qualquer situação, uma sobrevivente do mais apto tipo, garota do tipo que ou se adapta ou morre e ele adorava isso. Ela continuava surpreendendo-o e ele gostava muito disso.

Ele sorriu sombriamente para si mesmo.  
Pena que ela não era o tipo dele.



Lauren se sentou ereta em sua cama, sua cabeça cheia com um estranho zumbido. O que era esse som? Por que a estava incomodando no meio da noite?

Depois de alguns momentos, sua difusa cabeça clareou o suficiente para perceber que o som era da notificação de mensagem de texto em seu celular. Ela pegou seu telefone da cômoda e, através de olhos nublados, viu que era uma mensagem do motorista dizendo que estava do lado de fora, pronto para levá-la.

Lauren ficou momentaneamente confusa, mas quando olhou para baixo, ela viu que estava vestida somente com uma toalha.

— Ah, merda!

De repente ela teve a clara lembrança de deitar depois que tomou banho a noite passada. Merda. Por que ela tinha feito isso? Ela só pensou que ia fechar os olhos por alguns minutos — o que foi, é claro, como o beijo da morte. Ela estava exausta da reunião e da prova de roupas, que tinha levado algumas horas.

Depois de tudo isso, ela ainda teve que lidar com seu verdadeiro trabalho. Ela amarrou todas as pontas soltas no escritório, sabendo que estaria fora da cidade por alguns dias.

Ela não tinha ido para casa até bem depois da meia noite. O plano tinha sido tomar um banho, fazer as malas e então tirar umas poucas horas de sono antes que o carro chegasse para buscá-la para levá-la ao aeroporto.

Bem, pelo menos ela tinha conseguido completar a parte do banho. O resto tinha sido completamente descarrilhado.

Ela rapidamente digitou uma resposta para o motorista, avisando a ele que ela logo estaria saindo.

Lauren começou a correr pelo quarto como uma pessoa louca, agarrando qualquer coisa e tudo que ela pensava que poderia precisar, e jogando tudo de qualquer jeito em sua mala de rodinhas. Seu guarda roupa graças a Deus estava sendo cuidado pela produção, então no pior dos piores, ela poderia literalmente usar moletom durante todo o tempo que estivesse fora do set.

Pra Lauren isso com certeza poderia ser a pior coisa.

Sua mente estava agitada e ela achou difícil se concentrar nessas simples tarefas que devia completar agora por causa da proximidade do pânico que estava enchendo seu cérebro.

Ela tentou se acalmar dizendo a si mesma para simplesmente se concentrar na tarefa da vez, porque correr sem rumo ou razão não ia fazer com que ela arrumasse as malas e saísse pela porta rapidamente.

Ela ainda sentia os tremores de ser acordada tão inesperadamente. Ela tinha um penetrante senso de temor que ela pudesse estar atrasada, e — pior ainda — ela não foi capaz de preparar sua lista de viagem porque tinha planejado fazer isso imediatamente após o banho.

Além de tudo, ela sentia culpa e vergonha pelo fato de que era seu primeiro dia e, como a personalidade de grande diva que ela nunca quis ser, ela já estava fazendo o serviço de aluguel de carro esperar por ela. Ela odiava isso.

Não era exatamente esse o tipo de comportamento pelo qual ela tinha repreendido Ben? Ela suspirou enquanto jogava um par de sapatos em sua mala. Ela se sentia fora de controle.

Depois de rapidamente empacotar mais algumas roupas, ela vestiu um jeans e uma camiseta branca com gola em v que ela tinha usado no sábado enquanto vagueava pela casa. Essa obviamente não seria a roupa que ela teria escolhido para viajar, mas era isso que acontecia ao dormir em cima do braço da cadeira de leitura do quarto.

Por fim, ela correu para o banheiro para recolher seus objetos de higiene pessoal, escovou rapidamente seus dentes, e passou uma escova pelo seu cabelo amassado pelo sono.

No caminho para fora de seu quarto, ela agarrou sua bolsa e sua bagagem, incluindo sua pasta com seu laptop e alguns papéis que ela ia precisar. Com um senso de realização e alívio, ela vestiu seu casaco de inverno e passou pela porta.

Quando ela se aproximou do carro, o motorista a encontrou no meio do caminho da porta da frente da casa e a aliviou de sua grande mala.

Ela se sentia horrível por fazê-lo esperar, e se desculpou profusamente, explicando que havia dormido demais.

Ela se sentiu de algum modo melhor quando, diante de sua desculpa, ele honestamente parecia como se não se importasse nem um pouco. *Certo, ela pensou. Ele está provavelmente sendo pago por hora. Por que poderia se importar se ele passava esse tempo dirigindo ou esperando por mim?* Ainda assim, ela não podia afastar o senso de culpa, o senso de que ela tinha desrespeitado seu tempo.

Ele abriu a porta de trás e ela rapidamente removeu seu casaco antes de deslizar no banco. Olhando para ele, ela agradeceu enquanto ele fechava a porta. Um movimento chamou sua atenção e ela se virou em seu banco.

*Ótimo*, ela pensou sarcasticamente. *É claro*. Era o perfeito fim para uma manhã perfeita.

Sentado perto dela estava Ben Stevens, parecendo completamente animado e desperto. Certo, ele provavelmente estava acordado há horas.

Esse dia podia ficar pior?

Com um olhar para a expressão dele, que ela tomou como presunçosa, ela ouviu a si mesma dizendo:

— Não. Diga. Nada.



Lauren não tinha nada com que se preocupar. Ben não poderia ter formado um pensamento nem que fosse para salvar sua vida.

Ele tinha ficado esperando no carro na frente da bela casa estilo rancho por quase vinte minutos. Ele estava esperando ouvir várias desculpas de porque ela não pôde se aprontar a tempo. Talvez ela pudesse alegremente explicar que teve uma importante chamada de vídeo. Talvez ela pudesse

jogar a culpa em alguém mais, dizer que seu roteiro estava errado ou confuso. Ou talvez ela pudesse tratar isso tudo no verdadeiro estilo diva. Essa indústria parecia trazer à tona o pior das pessoas — e alguns dos piores eram aqueles cuja estrela estava apenas começando a brilhar. Isso tendia a subir à cabeça.

Mas o que Ben nunca esperou ouvir dela era uma simples e sincera desculpa, e para o motorista ainda por cima. Ele tinha estado cercado por mulheres e atores por tempo suficiente para saber como detectar uma atuação, e Lauren não estava atuando. Não, ela genuinamente se sentia mal pelo atraso que tinha causado.

Ele estava preparado para dar a ela algum comentário espertinho, provocá-la por atrasá-los, mas as palavras morreram em seus lábios. Quando ela removeu sua jaqueta e se sentou ao lado dele, ele percebeu como ela estava vestida: cabelo solto, caindo por cima de seus ombros, nem um pinga de maquiagem em seu belo rosto, jeans que se agarravam nela em todos os lugares certos, e uma camisa branca com decote v e sem sutiã.

O ar deixou seus pulmões e ele teve que mentalmente ordenar a si mesmo que respirasse. O banco de trás de repente pareceu pequeno e ele começou a suar.

Lauren Harrison era uma mulher bonita quando estava vestida à perfeição, com cada fio de cabelo no lugar, maquiagem perfeitamente aplicada, mas essa Lauren Harrison — sem maquiagem, cabelo voando de forma sexy ao redor de seu rosto, de jeans e camiseta — essa Lauren Harrison era seu sonho molhado virando realidade.

Ele se remexeu desconfortável em seu jeans, que estava ficando mais apertado a cada segundo.

Ele não podia superar o quanto Lauren parecia mais suave e mais acessível. Ele passou sua mão para secar seu queixo, com medo que ele estivesse babando.

Depois do que parecia como uma eternidade para Ben, Lauren finalmente se virou para ele, uma expressão de arrependimento em seu rosto.

— Ben, eu sinto muito por nos atrasar. Eu caí no sono sem intenção na noite passada. Eu juro que não é assim que eu normalmente ajo, e isso não acontecerá novamente.

Ben sorriu, gostando dessa nova versão real de Lauren.

— Ei, uma coisa que você irá aprender nesse negócio é que você tem que deixar as coisas rolarem. Sem danos causados.

Lauren riu tristemente.

— Deixar as coisas rolarem? Eu acredito que essa seja uma lição que eu nunca serei capaz de aprender!

Ben podia dizer que ela era muito crítica, mas verdadeiramente, tudo que ele podia realmente pensar era como ela era adorável. Ah, e sexy... muito sexy.



Lauren estava aliviada que, a despeito do seu atípico atraso em encontrar o carro essa manhã, ela e Ben iam ser entregues no aeroporto de Reno - Tahoe com muito tempo ainda antes do voo.

Quando eles desembarcaram do carro, Ben disse:

— Você ainda tem que fazer check-in?

Lauren olhou para ele desacreditando, como se ele tivesse adquirido duas cabeças.

— O que eu sou, uma amadora? — ela sorriu.

Ele sorriu diante da irreverente réplica, o que tinha sido a intenção dela, e Lauren estava ainda mais agradecida por seu sucesso do que ela queria se deixar acreditar.

Quando eles dois estavam sentados perto do portão de embarque, Lauren decidiu ver se continuando naquela veia irreverente poderia provocar um sorriso adicional dele, então ela se virou para olhar para ele e disse em um tom leve

— A coisa sobre a qual eu fiquei realmente surpresa sobre esse voo foi que nós vamos de econômica. Eu pensei que grandes estrelas sempre viajavam de primeira classe, senão em um jato privado.

Contudo, ao invés de somente inspirar um simples sorriso de Ben, isso realmente estimulou-o a ação.

— Bem — ele disse, exibindo seu encantador sorriso com força total —, vamos ver o que podemos fazer sobre isso?

Antes mesmo que ela pudesse responder, ele se levantou e se dirigiu para falar com a atendente do portão de embarque, uma jovem mulher com uma fresca e brilhante aparência. Não demorou muito até que ele a fizesse rir e mesmo corar e Lauren mal ficou surpresa quando ele voltou cinco minutos depois, segurando dois novos cartões de embarque.

— Ela nos deu um upgrade — ele anunciou orgulhosamente.

— Hum, eu acho que ela estava mais interessada em dar um upgrade a você — Lauren disse com um leve sorriso.

Ben deu de ombros, mas não negou.

— Seja como for — ele disse, imperturbável —, missão cumprida.

Ele entregou a ela o cartão de embarque com o upgrade com um floreio, muito parecido com o modo que ela imaginou que um adolescente entregaria um bicho de pelúcia que tinha lutado duramente para vencer para sua amada na feira do condado.

Por fim, eles tinham um compartimento na primeira classe quase inteiramente só para eles. O único outro passageiro estava sentado na fila da frente deles e do outro lado do corredor, então uma vez que eles estavam todos sentados em seus assentos de couro acolchoados, todo traço do homem ficou obscurecido da vista.

Parecia para Lauren como se eles tivessem seu próprio compartimento privado dentro do avião. Ela se remexeu desconfortável com a intimidade daquela ideia, mas em um canto afastado do seu cérebro, ela reconheceu que isso também parecia certo para ela.

Depois que seu voo estava em andamento por uns dez minutos, Ben se virou para Lauren com um brilho manhoso, conspirador em seus olhos. Ele se inclinou para mais perto dela e disse em um tom baixo e sedutor

— Você sabe o que eu realmente gosto de fazer quando estou em voos longos como esse e tenho a primeira classe quase toda para mim?

Lauren sentiu sua garganta apertar, mas resistiu à urgência de clareá-la. Ela não queria que ele soubesse o quanto a proximidade dele, o tom sexy e rouco de sua voz, e a sensação de sua respiração quente em sua orelha afetava ela. Ela desejava que seu tom estivesse calmo quando ela disse

— O que poderia ser?

Ele se inclinou para trás, sorrindo, e em um tom vivo e provocante, disse:



— Olhar o roteiro e as especificações da casa sobre a qual eu estou para filmar.

O cérebro de Lauren estava tão mexido pela corrente de calor que tinha trovejado através dela o que fez com que ela levasse um momento para processar o que ele tinha dito e suas implicações. Quando ela percebeu, suas bochechas queimaram com constrangimento, tendo caído em sua pequena piada. Mas ao invés de mostrar a ele que ele tinha pegado ela, ela se forçou a rir, e depois de rir por dez segundos, ela percebeu que realmente achou divertido.

Ainda assim. Isso não significava que ela ia deixá-lo se safar. Ela precisava virar a mesa.

— Que pena — ela disse levemente enquanto ela pegava seu laptop. — Eu normalmente gosto de fazer boquetes.

Embora ela mantivesse seus olhos, determinadamente firmes na frente dela, enquanto dizia isso, ela conseguiu ver por sua visão periférica qual era a reação dele para essa ousada declaração. Ela viu uma definitiva fagulha de surpresa em seus olhos, que rapidamente escureceu para o que ela pensou (esperava?) que fosse luxúria.

Ele riu, embora com um pouco de incerteza, talvez se perguntando quanto o comentário tinha sido uma piada e quanto era uma afirmação séria. Cobrindo suas apostas, ele usou seu tom leve quando disse:

— Eu nunca estou ocupado demais para isso.

Ela sorriu serenamente.

— Perdeu sua chance — ela provocou.

Ben ficou quieto, não respondendo, e Lauren foi rapidamente distraída de sua troca de farpas quando ficou absorvida em ler e responder seus e-mails em seu laptop. Uns poucos momentos depois, ela percebeu que Ben tinha pegado seu próprio laptop de dentro de sua pasta e abriu o pacote de informação eletrônica que eles tinham recebido da casa que eles estavam saindo para apresentar.

O voo procedeu sem problemas e monótono por um curto tempo até que sem alerta, o avião começou a sacudir com turbulência. Lauren olhou para cima no primeiro solavanco com olhos arregalados. No próximo solavanco no ar, sua mão involuntariamente agarrou o braço de Ben. Ela olhou para ele, desespero sem dúvida escrito em seu rosto.

— Eu não lido bem com turbulência — ela disse um pouco trêmula.

Ela percebeu que ele podia aproveitar a oportunidade para continuar a provocar ela, mas ele não. Em vez disso, ele falou em um baixo e confortante tom.

— Não se preocupe — ele disse. — Nesse trabalho, eu tenho que fazer voos nesses pequenos aviões o tempo todo. É um pouco brusco de vez em quando, mas nós sempre ficamos bem. — Ele sorriu para ela tranquilizadamente. — Eu prometo que nós ficaremos bem — ele abrandou.

Embora normalmente não houvesse nada que pudesse fazer Lauren se sentir melhor quando um voo não estava indo suavemente, ela descobriu que alguma coisa sobre a maneira e o tom de Ben realmente faziam-na acreditar nele.

Contudo, quando o avião continuou a mergulhar e sacudir, ela percebeu que, embora ela tivesse fé nas reconfortantes palavras de Ben, elas não tinham o poder de afastar seu medo inteiramente. Então quando a voz do capitão veio pelo o autofalante e anunciou que, devido ao mau tempo, eles não iriam direto para Aspen, mas ao invés iam ter que fazer um pouso de emergência em Grand Junction, Lauren foi a única passageira no avião que não protestou. Ao contrário, ela não podia estar mais aliviada.

Quando as rodas tocaram o chão, ela sentiu a tensão dentro dela desanuviar, e sussurrou

— Ah, graças a Deus. — A respiração que ela nem mesmo percebeu que estava prendendo, escapou dela em um poderoso suspiro de alívio.

Seus punhos, também involuntariamente soltaram quando o alívio deslizou através dela, e foi somente então que ela percebeu que durante a turbulência, ela nunca soltou o braço de Bem.



Lauren andou ao redor do pequeno quarto de hotel, obviamente nervosa e inquieta, e seu olhar caindo sobre a cama. Ela tinha mencionado a Ben algumas vezes que ela simplesmente não podia acreditar que o hotel não tinha nenhum quarto disponível que dispusesse de duas camas. Ela disse novamente e novamente — isso simplesmente não parecia possível.

Ben disse:

— Lauren, honestamente, se deixa você nervosa dormirmos na cama juntos, eu não me importo de ir para o chão. Ou mesmo ficar em uma cadeira.

Lauren olhou para ele, viu seu rosto, que estava mostrando sinceridade, e sentiu seu medo cair como uma capa mal ajustada.

— Você sabe de uma coisa? Eu estou sendo boba — Lauren disse. — Nós somos dois adultos. Nós dois merecemos dormir na cama. Eu quero dizer, nós somos dois profissionais, igualmente. Nós dois temos trabalho para fazer amanhã, é por isso que nós dois precisamos estar revigorados e descansados. É ridículo fazer você dormir no chão enquanto eu fico com essa cama grande toda para mim, particularmente quando eu sou a única que está sendo idiota. Nós podemos sobreviver dormindo em uma cama juntos por uma noite... certo?

Ben sorriu.

— Quer saber? Por que nós não pedimos o serviço de quarto?

Lauren não tinha percebido como estava com fome. *O medo de cair no chão dentro de uma lata voadora pode realmente abrir o apetite*, ela pensou.

— Parece bom — ela disse com entusiasmo. — Enquanto nós esperamos, eu vou tomar uma chuveirada. Eu não tive tempo para isso em minha inesperada pressa para sair de casa hoje, e eu acho que a água quente fará maravilhas por meus nervos.

Lauren disse a ele o que queria pedir, pegou a sua bolsa de higiene pessoal e entrou no banheiro. Ela ficou consternada com o que viu no espelho. Ela parecia pálida. Como um zumbi.

Tentando não pensar sobre o fato de que ela tinha passado o dia inteiro com Ben parecendo como... ela parecia, ela rapidamente ligou o chuveiro, deixando a água correr. Quando fez isso, ela ligou para Karina. Ela estava assustada sobre o dilema de uma cama e sabia que se alguém podia ser blasé sobre a situação, esse alguém era Karina.

Ela segurou o telefone no ouvido, ouvindo-o tocar, e sussurrou desesperadamente para si mesma

— Atenda, atenda, atenda... — Por sorte, Karina atendeu.

— Ei, estrela de TV. Como está Aspen? — Karina a cumprimentou alegremente.

— Grand Junction — Lauren sussurrou no telefone.

— O que aconteceu? E por que você está sussurrando? — Karina sussurrou de volta para ela.

— Nós estamos presos por causa do mau tempo. Com muitas outras pessoas, por isso o único quarto de hotel disponível para nós só tem uma cama. E nós vamos ter de compartilhá-la. Juntos.

— Legal! — Karina respondeu.

— Não, isso não é legal! — Lauren retorquiu em um áspero sussurro.

— Isso parece muito legal para mim. Qual é o problema? Parece uma excelente oportunidade.

— O problema é que, com meu recém-descoberto conhecimento de que eu quero fazer sexo com Ben Stevens, eu não confio em mim mesma dormindo em uma cama com ele!

— Honestamente Lauren, eu sinto que você está pensando demais nisso. Veja isso como um sinal do universo. É perfeito... presos em uma tempestade, em um quarto de hotel com somente uma cama. Você não

poderia ter orquestrado uma situação tão boa. Isso é o que os filmes fazem.

— Eu estou tentando falar sério, Karina.

— Eu também! — Karina respondeu com convicção.

— Então, o que você está dizendo? Eu devo dormir com Ben?

— Você quer dormir com Ben?

— Você já sabe que eu quero dormir com Ben.

— Bem, aí está sua resposta. Você acredita em mim? Eu estou como o maldito Confúcio aqui. Eu devo começar uma coluna de conselhos.

Lauren suspirou.

— Ok, Confúcio, eu tenho que ir. Ele pensa que eu estou no chuveiro.

Karina começou

— Peça a ele para se juntar a...

Mas Lauren já tinha encerrado a ligação.



Ben olhou para o lugar que ele tinha ajeitado para ele e Lauren enquanto ela estava no banho. Nada mal. Muito básico é verdade — somente os pratos cobertos cercados por guardanapos, copos e talheres — mas pelo menos mostrava que ele estava fazendo um esforço.

Ele estava alisando o último guardanapo quando Lauren emergiu do banheiro parecendo fresca e renovada.

A força da aparência dela quase o fez cair.

Ela usava roupas confortáveis. Um short de seda cinza carvão, a cor profunda realçando a complexão creme de suas pernas de modo perfeito. Combinando, ela usava uma regata coral apertada e elástica, com um pouco de renda ao redor do decote baixo.

Seu cabelo estava molhado e recentemente escovado, e ele podia sentir o cheiro do seu shampoo pelo quarto. Ou talvez, ele pensou, será que você começa a sentir cheiro de flores quando está tendo uma apoplexia? Porque era isso que ele sentia que estava acontecendo.

Isso não parecia como o tipo de coisa que ele pensava de uma “atração” — quando você via uma mulher sexy, tomava nota de seus atrativos, e sentia um visceral puxão em sua virilha que dizia a você que

gostaria de dormir com ela. Não. Isso parecia como se ele tivesse sido atingido por uma bomba nuclear.

Ele não pensava que nada pudesse ser mais sexy que o que Lauren estava usando para viajar hoje — uma simples camisa com gola v e jeans — mas isso foi porque ele ainda não a tinha visto em sua atual vestimenta de dormir.

Ele correu as mãos sobre o rosto, passando elas para cima e para baixo como se estivesse esfregando, tentando trazer a si mesmo de volta para a terra. Merda. Ele não ia conseguir passar pelo jantar, muito menos pela noite inteira com ela.

Lauren afofou a cadeira e se sentou oposta a ele, cuidadosamente desdobrando seu guardanapo e colocando ele apropriadamente em seu colo.

Ela começou a cortar sua carne entusiasmadamente e sorriu para ele.

— Eu estou faminta, Ben. Isso parece maravilhoso. Obrigada por cuidar de tudo.

Ouvi-la falar o arrancou de sua nevoa induzida por luxúria. Bem, tirou o suficiente para que ele fosse capaz de seguir com alguma forma de coerência para jogar conversa fora durante o jantar. Pelo menos ele pensou que ele estava sendo coerente. *Minha nossa*, ele pensou. *Talvez eu não seja o melhor juiz disso. E se eu estiver divagando como um bobo?*

Mas Lauren não parecia estar mostrando a ele qualquer preocupação ou olhares desconcertantes, então ele pensou que devia estar fazendo pelo menos um trabalho mediano de fingir estar em juízo perfeito.

Na hora que eles terminaram o jantar, ele estava quase completamente de volta ao normal, e na hora que eles terminaram de passar o texto por cerca de meia hora ele estava cem por cento de volta a ele mesmo.

Ele percebeu que precisava descobrir um jeito de lidar com a visão dela que não o fizesse ficar fora de controle toda vez que acontecesse dela entrar em algum lugar tão bonita. Porque, ele precisava encarar os fatos, isso acontecia muito. Ele precisava fincar o pé aqui.

Eles se acomodaram na cama, deitados de lado com suas costas um para o outro, cada um tão perto da sua borda quanto possível, colocando o máximo de distância possível entre eles.

Ben sorriu no escuro. Ele tinha mais uma coisa para dizer para ela, e isso parecia mais fácil quando o rosto dela estava obscurecido pela

escuridão que os cercava.

— Lauren? — ele disse suavemente.

— Ummm... — ela respondeu sonolenta.

— Você ainda está acordada?

— Sim.

— Eu queria te dizer uma coisa.

— Ok.

— Somente para futura referência? Quando você tiver uma conversa sussurrada privada e ligar o chuveiro para abafar o som, o barulho faz você sussurrar mais alto. Diga a Karina que eu mandei um oi da próxima vez que falar com ela.

— Boa noite, Ben — Lauren disse secamente.

— Boa noite, Lauren.



Lauren abriu os olhos, se sentindo como se ainda estivesse sonhando. Ela estava ainda em um sonho? Não, ela não achava que estava. Parecia mais como a sensação que você tem quando está quase dormindo, como se estivesse voando, como se estivesse caindo, era uma sensação deliciosa, mas ela não achava que fosse sonho.

Por que então, ela se sentia tão adorável tão leve e arejada, como se estivesse dormindo em uma cama de nuvens mais que em um terroso colchão?

Ela se mexeu levemente e levantou a cabeça, não muito certa de onde estava a princípio, tentando se orientar. As teias de aranha da sonolência ainda agarradas em sua mente, tornavam difícil pensar. Ela tinha o definitivo senso de que não estava em seu próprio quarto, nem em sua própria cama, mas ela não podia se lembrar de onde estava. De uma forma geral, ela tinha a desconcertante sensação de acordar em um lugar estranho e nem por um momento, ser capaz de lembrar onde estava. Ela odiou. Era perturbador. Fazia com que ela sentisse a coisa que ela mais tentava evitar no mundo: não estar no controle.

Tinha uma rígida diferença entre essa vez que ela acordou em um lugar estranho e todas as outras vezes em que isso tinha acontecido com ela em sua vida inteira — ela não sentia que não estava no controle. Ou, pelo menos não de um modo ruim. Bem agora, ela tinha uma profunda sensação de estar sendo cuidada, embora ela não tivesse certeza de onde isso estava vindo. Era somente uma sensação.



Quando Lauren se mexeu mais e levantou mais a cabeça, ela viu onde estava e o que estava fazendo e sentiu como se um balde de água fria tivesse sido jogado sobre ela — ela gelou. Tudo voltou rapidamente à memória.

Ela se lembrou do voo turbulento. Lembrou do check-in no hotel. Lembrou da disponibilidade de somente um quarto, que ela e Ben tinham que compartilhar. Ela se lembrou de seu desespero e da rápida conversa pelo telefone com Karina. Lembrou da última coisa que Ben tinha dito a ela antes que caíssem no sono, que ele tinha ouvido sua conversa com Karina, o que significava que ele a ouviu dizendo que queria dormir com ele. E finalmente, sim, ela se lembrou dos arranjos para dormir. Uma cama. Eles estavam dormindo em uma cama.

Mais direto ao ponto, ela estava realmente dormindo em cima dele. Ela viu que não estava mais deitada castamente no lado dela da cama, virada de costas para ele, nem ele estava deitado no lado dele da cama, virado de costas para ela.

Não.

Ele estava agora deitado de costas, e ela tinha rolado em seu sono, mas tinha se virado muito mais do que ele. Ela tinha rolado todo o caminho para ele, estava deitada bem perto — pressionada contra ele, mesmo — e tinha sua cabeça em seu ombro, seu braço esticado sobre seu peito, e suas pernas enroscadas nas dele.

Isso devia parecer estranho. Devia parecer chocante. Mas não. Parecia *certo*.

De fato, ela percebeu que parecia mais do que certo. Parecia excitante.

Ela sentiu uma queimação, um formigamento em partes de seu corpo que não estavam nem mesmo tocando Ben — e definitivamente em todas as partes que estavam.

Tentando esmagar esse impulso e controlar sua respiração acelerada, ela começou a lentamente se libertar do lado de Ben da cama. Ela não queria acordá-lo. Ela não queria sofrer o embaraço.

Exatamente quando ela estava quase livre, ela o ouviu sussurrar — Não sinta que precisa fazer isso por minha causa.

Ela olhou para cima para o rosto dele, atordoada. Ele tinha estado acordado o tempo todo? Ela estava tão chocada pelo por ele ter falado, que nem mesmo registrou suas palavras.

— O quê? — ela perguntou.

Ele sorriu e baixou a mão para acariciar o cabelo dela.

— Eu disse que não faça isso por mim. Eu meio que gosto das coisas como estão.

Lauren gelou. Esse era um momento de decisão — ela podia sentir isso. Era uma encruzilhada. Por um caminho, ela podia minimizar a observação dele, agir como se ele estivesse fazendo piada, e então rolar e voltar a dormir. Nada poderia mudar entre eles. Esse era o caminho seguro.

Por outro caminho? Perigo. Mas também, excitação.

Depois de momentos de hesitação, ela disse

— Dane-se a segurança.

Ele olhou confuso.

— O quê?

— Não importa.

Lauren se apoiou no cotovelo e baixou sua cabeça. Ela pressionou os lábios contra os dele. Ela ouviu e sentiu um gemido vibrar no peito dele enquanto seus braços deslizavam ao redor dela e a puxavam apertando-a contra ele, e rolou de um jeito que ele estava agora por cima dela.

Os lábios dela se abriram e Ben imediatamente aprofundou o beijo, sua língua não somente se movendo contra a dela, mas massageando-a eroticamente. Ela não podia acreditar como seu beijo era maravilhoso. Ele usava seus lábios e língua como pincéis em uma tela, como se eles estivessem engajados em uma complicada dança, cada movimento cheio com paixão e habilidade.

Lauren respirou lentamente, saboreando todas as sensações físicas — a penetração da língua dele em sua boca, seus lábios contra os dela — e como seu corpo explodia com cada toque. Ela sentia borboletas em sua barriga, o formigamento e o endurecimento de seus mamilos, e uma dor latejando entre suas pernas.

Ela choramingou com necessidade. Ela não sabia como poderia se sentir sobre essa escolha no futuro, mas bem agora, ela estava se sentindo muito feliz com sua decisão de ir pelo caminho não seguro.

Ela sentiu a grande mão de Ben começar a correr pelo corpo dela, arrancando mais sussurros de dentro do profundo da sua garganta. As mãos dele eram tão talentosas quanto seus lábios, expert em saber exatamente o passo certo com que acariciar sua pele, a pressão perfeita

para aplicar, e o momento certo para mudar sua atenção para uma diferente parte de seu corpo faminto.

Lauren gostou do sentimento de deixar que Ben comandasse o ritmo de seu encontro. Ela gostou de deixá-lo assumir o controle. Isso foi surpreendente para ela. Não somente ela nunca deixou ninguém mais assumir o controle de nada, mas se ela deixasse com certeza ela não poderia se sentar e aproveitar isso.

Mas com Ben, isso era uma história completamente diferente. Com Ben, ela sentia como se ela não tivesse outra responsabilidade além de relaxar e experimentar todas as prazerosas sensações que ele estava trazendo para o seu corpo. Além disso, ela tinha nenhum desejo de ter mais controle do que isso.

Alguma coisa dentro dela, uma voz que ela nunca ouviu antes — ou pelo menos a qual nunca tinha dado ouvidos antes — estava dizendo a ela que Ben era a única pessoa que ela podia finalmente confiar. Que ela não tinha o controle de tudo com Ben, que ele era a primeira pessoa com quem ela podia ter uma parceria que seria uma verdadeira parceria — duas pessoas dirigindo o navio juntas — porque ele era forte o suficiente e esperto o suficiente para nem destruir o que tinham nem tentar brigar pelo controle com ela.

Esse era o mais abençoado sentimento, este desapego. Ela se sentia como se ela estivesse flutuando em um preguiçoso rio durante o meio do verão, sem responsabilidades em sua mente além de simplesmente ficar à deriva e saborear todas as sensações que estavam inundando seu sistema.

Esse era um maravilhoso jeito de começar, e Lauren estava aproveitando isso imensamente, mas essa sensação de conforto — mesmo de luxuriante passividade — evaporou no instante que Ben deslizou sua mão mesmo tão suavemente embaixo da cintura de sua regata.

Quando Lauren sentiu os dedos dele como fogo na pele de sua barriga, ela foi engolfada em tão quente paixão que o pensamento de meramente deitar de novo e deixar Ben fazer o que quisesse com ela ficou instantaneamente tão estranho quanto um planeta distante.

De repente, parecia que ela não podia estar perto o suficiente dele. Ela o beijou com aumentado fervor, sua língua se movendo desesperadamente contra a dele, as mãos dela enroscadas no cabelo dele, puxando-o para mais perto.

Ela enroscou suas longas pernas ao redor do torso dele, precisando usar cada extremidade para mantê-lo apertado, qualquer coisa para estar mais perto dele. Ela só precisava estar mais perto.

Ben arrancou sua boca da dela e começou a plantar beijos breves, gentis sobre todo seu rosto. Ele acariciou seu cabelo, enviando faíscas de eletricidade através de seu corpo, fazendo-a arcar suas costas em suplicante necessidade.

Como se em resposta a seu pedido não externado, a mão dele se moveu mais alto dentro de sua regata, traçando arabescos na delicada pele da barriga dela enquanto se movia para cima.

Lauren queria dizer a ele, queria dizer alto que adorava isso, que era maravilhoso, que ela nunca se sentiu assim livre e solta com nenhum homem em sua vida, que ela queria que ele continuasse tocando-a, continuasse beijando-a, exatamente do jeito que ele estava fazendo... mas ela não conseguia formar nenhum desses sentimentos em frases coerentes. Tudo que ela podia sussurrar era:

— Sim.

Ainda assim, mesmo que Lauren estivesse muito bêbada com excitação para ser capaz de articular todos os pensamentos que estavam ricocheteando ao redor em sua mente como *pinballs*, Ben parecia entender o que ela queria e o que precisava.

Em um rápido movimento, ele arrancou sua regata, deixando-a completamente nua da cintura para cima. Lauren soltou um sopro quando o ar tocou seu já endurecido e sensível mamilo.

Ela arqueou as costas, instando-o sem palavras a tocar seus seios, a brincar com seus doloridos e pontiagudos nós de carne.

Ele obedeceu, baixando a cabeça para tomar primeiro um mamilo na boca e então o outro. Ele girou a língua ao redor de cada bico quente, levando-a a voar ainda mais alto em êxtase.

Enquanto ele trabalhava aqueles duros picos de prazer sem parar com sua língua, ele passava a ponta de seus dedos para cima e para baixo de seus lados, extremamente leve, enviando ondas de calor através de sua barriga, fazendo-a doer por mais.

Ela o queria. Ela o queria como nunca quis nenhum outro homem antes. Nenhum outro homem tinha feito com que ela abandonasse seus sentidos assim. Nenhum outro homem tinha feito ela se sentir confortável

em ceder o controle como Ben fazia, bem aqui e agora. Nenhum homem tinha sequer feito ela se sentir tão segura, tão protegida, tão completamente e verdadeiramente cuidada. Só Ben.

Como isso era possível quando ela objetivamente nem mesmo gostava do cara tanto assim?

Ela jogou a cabeça para trás quando outra explosão de êxtase a sacudiu como um resultado das mãos mágicas e da língua de Ben.

*Bem, talvez descobrir o como e os porquês não fosse realmente tão importante quanto simplesmente aproveitar a jornada.*

Uau.

Outra completa mudança de opinião para ela.

Ben aumentou o calor no quarto outro grau por deslizar sua mão, novamente em um rápido movimento, sob o short de seda e a fina calcinha de renda. Ele começou a alisar suas sensíveis dobras para cima e para baixo enquanto continuava a lambar e chupar seus mamilos com a boca.

Lauren nem mesmo precisou procurar em sua memória para saber que ela nunca sentira esse enorme fogo, essa enorme paixão, esse enorme calor, essa enorme urgência em outro encontro sexual em sua vida. Ela só não era o tipo de pessoa que sentia coisas como esse esmagador calor ou paixão, isso não era parte de sua natureza.

Isso era o que ela pensava de qualquer modo — até Ben.

Os dedos de Ben continuavam a alisá-la, movendo ainda mais rápido e mais habilmente enquanto o fervor dela aumentava. Ela começou a levantar seus quadris, arqueando-se para encontrar os dedos dele, combinando o passo da mão dele golpe por golpe. Ela podia sentir que estava se aproximando do clímax.

Normalmente, se esse encontro fosse com alguém mais, ela poderia tomar o controle do ritmo e a velocidade dos movimentos. Ela poderia dizer “Não, mais devagar. Eu não quero gozar cedo assim.” Ela poderia puxar a mão dele para longe. Ela poderia dizer a ele exatamente o que fazer. Em resumo, ela poderia controlar tudo.

Com Ben, era diferente. Com Ben, ela confiava que ele conhecia o corpo dela e o dele o suficiente para aumentar sua paixão em um nível que poderia trazer o maior prazer para eles dois.

Lauren sentiu baixo em sua barriga, as ditas sensações que diziam a ela que ela estava muito perto do orgasmo, que dentro de um segundo ou dois

ela ia começar a subir a montanha, de onde não teria modo de voltar atrás.

O instante antes que o inexorável processo começasse, Ben afastou sua mão dela e se apoiou em suas mãos e joelhos, olhando nos olhos dela.

Ele sorriu maliciosamente então baixou sua boca para ela, beijando-a docemente.

— Você não pensou que eu ia deixar você gozar tão cedo, não é? — ele perguntou divertidamente. — Qual seria a diversão disso?

Lauren riu com sua voz rouca por causa da luxúria que estava agarrando em sua garganta. Ela se pressionou contra ele, beijando-o suavemente.

— Você não poderia ter dito uma coisa mais perfeita — ela sussurrou em seu ouvido.

Então ele envolveu seus braços ao redor das costas dela, mantendo-a firmemente perto dele enquanto rapidamente virava de costas, puxando-a para que se mantivesse colada nele. Lauren tomou total vantagem da posição. Ela beijou-o levemente, deixando suas mãos explorarem cada polegada de seu peito esculpido, os músculos belamente definidos de seus braços e ombros, e a bonita, ondulada musculatura de seu torso.

Desde que ela estava conectada à sua pélvis, ela estava mais que consciente de sua protuberante ereção. Ela podia sentir seu membro pulsando contra seu âmago, ficando mais duro com cada beijo e toque leve.

Com cada dilatada da ereção dele que ela sentia entre eles, ela ficava mais e mais distraída de beijá-lo e tocá-lo, até que ela descobriu que ela estava fazendo nada além de se sentar ereta, com as costas arcadas, e trabalhando seus quadris para frente e para trás, amando o sentimento da fricção que sua irresistível pélvis criava contra a dele.

Ela olhou para baixo para ele e o viu olhando-a, o rosto cheio com surpresa. As mãos dele estavam descansando levemente nas coxas dela e seus olhos estavam firmemente fixados nos seios dela, que estavam ondulando com cada movimento de seus quadris.

Lauren se inclinou para baixo novamente, pressionando os duros bicos de seus seios contra o peito dele, amando o sentimento do calor contra eles e a força de seus músculos. Ela começou a beijar seu pescoço, e esfregou os mamilos para cima e para baixo no peito dele. Ela o ouviu gemer,

gostando do poder que ela tinha sobre ele naquele momento. Ela gostou de ter o poder de dar prazer a ele.

Ela começou a trilhar uma lenta, suave, deliberada corrente de beijos descendo de seu peito para sua barriga. Ela deixou suas mãos vagarem, brincando com o suave caminho de pelos que começava em seu umbigo e levava para baixo para o cócs de sua calça de pijama.

Ela correu a ponta de seus dedos através desses aveludados pelos, vibrando com o modo que seus músculos tencionavam e saltavam sob seu toque.

Ela se moveu ainda mais para baixo, seus beijos seguindo o caminho que seus dedos estavam simplesmente apreciando, suas mãos agora brincavam com o cócs de suas calças, puxando-as para baixo lentamente.

Ela percebeu que a respiração dele, estava vindo em curtas arfadas. Então seus quadris estavam subindo, e sua ereção estava agora forçando contra as costuras de suas calças. Ela sorriu. Era hora de tirá-lo dessa agonia.

Ela tirou, contudo, levou um momento apreciando o fato de que ele nunca tentou empurrá-la para ir mais rápido do que ela gostaria. Ele nunca tentou pressioná-la para acelerar para um ritmo que não a agradava.

Ele não tirou a mão dela ou tentou guiar o ritmo que poderia trazer para ele a mais intensa sensação, mas deixou-a explorar seu corpo no caminho que poderia acordar a paixão dela mais intensamente. Não, a despeito de seu claro desespero dirigido por luxúria, ele a deixou se mover ao seu próprio ritmo.

Ela sorriu perversamente. Ele merecia uma recompensa.



Ben não podia acreditar que isso estava acontecendo.

Ele estava fazendo amor com Lauren Harrison. Ele nunca, em um milhão de anos, pensou que isso poderia *realmente* acontecer. Ele nunca pensou que poderia permitir que ela se aproximasse o suficiente.

Não que fosse tão chocante para ele estar fazendo sexo em absoluto — inferno não. Isso acontecia o tempo todo. Era só que tinha um tipo de mulher que achava ele irresistível. O tipo de mulher que era facilmente

impressionável por um rosto bonito e um trabalho na televisão. Até agora, essas tinham sido o tipo de mulher com quem Ben geralmente pulava na cama. Por quê? Porque elas não o faziam trabalhar por isso.

Lauren Harrison tinha definitivamente feito ele trabalhar por isso. E isso não tinha sido tão mal. De fato, ele estava um pouco surpreso por quanto ele aproveitou se jogar através de todos os obstáculos que ela tinha colocado diante dele. Ele se encontrou tentando pensar em novos e interessantes modos que ele podia usar para saltar esses obstáculos só para tentar fazê-la sorrir.

As poucas vezes que ele tinha conseguido fazê-la sorrir — ou, cara, até arrancar uma gargalhada dela — ele sentia como se tivesse vencido uma medalha de ouro. O que ele estava rapidamente descobrindo era que quando você tem que trabalhar mais duro por alguém, significa que esse alguém vale a pena o sacrifício.

O modo que ela estava fazendo ele se sentir bem agora? Porra. Isso certamente valia qualquer sacrifício.

Ela lentamente e deliberadamente, com o mais sexy sorriso em seu rosto, puxou a parte de baixo de seu pijama para baixo pelas suas pernas, libertando sua maciça ereção, e então jogou as calças para o lado.

Ela olhou em seus olhos e lambeu seus lábios, deixando-o ainda mais duro do que ele pensava possível.

— Como você estava muito ocupado para isso no avião, eu pensei que talvez eu pudesse fazer isso agora — ela disse antes de tomá-lo em sua boca.

Ao toque de sua língua quente, Ben sentiu um solavanco de impulso elétrico através dele que quase o fez perder a consciência. Esse era mais que um caso de uma mulher que sabia o que estava fazendo. Enquanto ela era muito talentosa, a sensação que estava esmagando Ben, o absoluto prazer que estava enchendo-o da cabeça aos pés nesse momento, era o resultado de mais do que somente as ministrações de uma mulher que tinha talento e técnica.

Não, esse tinha que ser o resultado de compartilhar sua cama e seu corpo com uma mulher com quem ele tinha uma real conexão. Esse era o resultado de fazer amor com uma mulher que era espetacular por dentro e por fora, uma mulher que o fazia querer se esforçar para ser melhor, na cama e fora dela.



Ele soube na primeira vez que viu Lauren Harrison que ela não era como ninguém que ele já tivesse encontrado. Ele sentiu isso. Mas felizmente o destino era clemente e tinha dado a ele uma segunda chance com essa deusa alta e loira.

A química física deles era insana. Ele não precisava estar nu com ela para saber isso. Ele somente precisava estar no mesmo cômodo com ela. Mas agora que eles estavam na cama juntos, explorando os corpos um do outro, sua conexão química era tão forte como virtualmente inegável. Ela estava fazendo-o sentir sensações e emoções sobre as quais ele só tinha lido.

Ele acariciou o cabelo dela enquanto ela movia sua boca nele, transfixado por olhar seu brilhante, dourado cabelo enquanto sua cabeça movia para cima e para baixo. Ele estava tão hipnotizado pela visão dela que às vezes, isso quase ultrapassava sua apreciação dos sentimentos físicos que ela estava despertando nele. Quase.

Tão bonita e hipnótica como ela era, nada podia verdadeiramente competir com a avassaladora gratificação sexual que ela estava dando a ele. Suas mãos se moviam agilmente, seguindo sua boca para prolongar seu prazer, seus longos e ágeis dedos agarrando-o firmemente na hora que seus lábios deixaram seu membro. Ele sentia como se pudesse explodir. Ele não achava que ele algum dia já tivesse ficado tão duro.

De repente, ele teve uma terrível percepção. Ele não podia deixar isso ir mais longe — pelo menos não até que ele fosse a uma drogaria. *Merda*. Se ele tivesse a menor ideia que essa era mesmo uma remota possibilidade, ele poderia ter chegado com a variedade de camisinhas para ela escolher. Inferno, ele poderia resgatar o fundo do seu plano de aposentadoria para comprar um quarto de hotel cheio de camisinhas então ele poderia ter vindo preparado para um encontro com essa mulher de beleza intangível.

Mas tudo isso era somente um pensamento positivo. Por mais que ele odiasse esfriar o ânimo e se arriscar a estragar essa coisa completamente, ele ia ter que colocar as coisas em pausa.

Com um gemido que, dessa vez, provocado por arrependimento mais que prazer, Ben disse:

— Lauren. Ah, Deus, Lauren. Eu odeio ter que parar você. Você não tem nenhuma ideia de quanto eu odeio isso. Mas eu não tenho camisinha.

Eu tenho que sair para comprar.

Lauren olhou para ele com um brilho de conhecimento e disse

— Eu pensei que os Escoteiros estavam sempre preparados, não? Ah, bem. Não importa. Eu fui uma Escoteira, e mesmo esse não sendo nosso lema, eu tentei fazer dele o meu.

Com isso, ela saltou da cama e cruzou o quarto em dois longos passos. Ela abriu o bolso do lado de sua bolsa e puxou uma camisinha em seu envoltório brilhante. Ben estava irracionalmente satisfeito, mais do que ele tinha qualquer direito de estar, que o pacote estivesse claramente enrugado e mostrava que tinha estado lá por um bom tempo.

Ele sacudiu sua cabeça. O que estava errado com ele? Ele estava longe de ser o tipo possessivo. Tudo que ele sabia era que o pensamento de alguém mais beijando Lauren, alguém mais tocando o corpo dela de repente ficou intolerável para ele. Ele a queria, e a queria toda para si. Ele não dava um nada como irracional. Ela era uma mulher em um milhão, e ele sempre gostava de mirar no topo.

Lauren andou de volta para o lado da cama onde ele ainda estava deitado, ofegando e completamente ereto. Ela sedutoramente correu suas mãos através do próprio cabelo, movendo-as para baixo do próprio corpo lentamente. Ele ofegou quando elas roçaram seus seios e gemeu quando elas viajaram mais longe para baixo da barriga dela.

Quando elas passaram pelo cós de seu short, que rolou para baixo de seus magros quadris, ela pegou a faixa elástica em seus polegares e trouxe os dois, o short e sua frágil calcinha para baixo com eles.

Ela se esticou, parando na frente dele, completamente nua e sem nem um pouco de embaraço. Estava claro pelo modo que ela mantinha seus ombros e com um olhar astutamente confiante em seu rosto que ela estava muito orgulhosa do modo que ela ficava nua no suave brilho da meia noite. E ela devia estar.

Ele nunca viu nada mais sexy.

A respiração dele ficou irregular quando seus olhos viajaram para cima e para baixo de seu forte ainda curvilíneo corpo, sua pele prateada com a luz da lua.

— Eu acho que já te torturei o suficiente — ela sussurrou enquanto subia de volta na cama e ajoelhava perto dele. Ela abriu a embalagem da camisinha com seus dentes, colocou as mãos no peito dele, e subiu sobre

seu corpo. Ele a olhou, transfixado, quando ela o tomou na mão e o guiou para sua entrada, lentamente baixando ela mesma nele uma luxuriante polegada por vez.

Os olhos dele se moveram para o rosto dela, aproveitando o arrebatamento que ele viu lá. Enquanto ela afundava mais e mais nele, ela fechou os olhos e jogou sua cabeça para trás, completamente engajada com o que seu corpo estava sentindo.

*Eu estou fazendo isso com ela*, ele pensou orgulhosamente. O prazer que ela estava experimentando bem agora era por causa dele. Era ele que estava dando a ela esse êxtase que estava escrito através de seu rosto.

O pensamento deu a ele mais que emoção física; ele sentiu um ímpeto emocional também.

Lauren começou a mexer seus quadris para cima e para baixo, como ela tinha feito com sua boca mais cedo, com resultados igualmente prazerosos.

Enquanto ela cavalgava nele, os olhos dele podiam desviar para baixo para olhar seus belos seios enquanto eles balançavam com o movimento, ou às vezes para o lugar onde seus corpos se juntavam. Mas principalmente, seu olhar era arrastado para seu rosto — seu belo rosto, que era normalmente tão plácido como as águas profundas do Lago Tahoe à noite.

Agora, no entanto, na agonia do êxtase, cada coisa que ela sentia estava escrita através dele. Era fascinante e deslumbrante assistir sua história interna brincar através da tela de seu requintado rosto.

Quando ele sentiu que não podia mais se segurar, ele a avisou. Ela agarrou o ombro dele e implorou para ele dar a ela só um momento mais, então ela poderia se juntar a ele no clímax final de seu encontro.

Ele apertou seus dentes e se concentrou para fazer isso acontecer. Ele se recusava a desapontá-la.

Alguns segundos mais tarde, ela começou a gemer enquanto ofegava — Ok, Ben. Isso! Eu vou gozar.

— Lauren — ele disse intensamente —, abra os olhos. Olhe para mim.

Ela abriu, e ele ficou maravilhado com quanta sorte ele tinha, experimentando o mais intenso orgasmo em sua vida com uma mulher que o intrigava mais do que qualquer outra que ele já tenha conhecido tudo

enquanto recebia o raro presente de olhar nos olhos dela enquanto fazia com que ela sentisse a mesma coisa.



Lauren foi arrancada das profundezas de um sonoro sono pelo simultâneo e discordante toque de alarme de dois telefones.

Ela levantou a cabeça, e por um momento se sentiu desorientada. Seu primeiro pensamento foi, *Ah meu Deus, eu tive o sonho mais estranho na última...* Mas essa linha de pensamento foi interrompida por um rápido olhar ao redor do quarto, que trouxe a percepção de que na realidade não foi um sonho. Seu olhar quase imediatamente pousou em Ben compartilhando a cama com ela.

*Oooohhhh, sim, ela lembrou, acordando por completo. Então, sim. Isso aconteceu.*

Ela fez um inventário mental rápido de seu corpo embaixo das cobertas. Sim. Nua. Tão... absolutamente, cem por cento certa. Não foi um sonho.

Lauren, ainda com a cabeça bastante confusa do sono, não podia pensar exatamente quais palavras certas para cumprimentar Ben essa manhã, levantou uma mão e acenou para ele com incerteza. Então, se sentindo como uma idiota baixou-a imediatamente.

Pelo menos ela estava feliz de ver que Ben parecia igualmente confuso — embora o estado de confusão da mente dele se expressasse por excessiva alegria, excessiva sagacidade e uma atitude como se nada fora do ordinário tivesse acontecido.

Ele saltou da cama, com o lençol enrolado ao redor da cintura, e exclamou

— Bom dia. Nós provavelmente já devíamos estar prontos, porque vamos precisar sair para o aeroporto para pegar o voo de conexão em uma hora.

*Isso é bom, Lauren pensou. Ele está nos dando um caminho para seguir. Excessivamente sagaz. Eu posso fazer isso. Eu posso ser excessivamente esperta mesmo com sono.*

Ela sorriu alegremente.

— Bom plano — ela se entusiasmou com o apoio. — Você gostaria de usar o banheiro primeiro?

— Não — ele disse graciosamente. — Por que você não toma banho primeiro? Eu quero dizer, você tem essas coisas todas de maquiagem para fazer. Homens têm sorte, não precisam de nada disso. Isso toma tempo.

— É realmente muita consideração sua — Lauren respondeu. — Eu acho que eu vou aceitar.

Então, com o outro lençol enrolado firmemente ao redor de seu corpo, ela fez uma rápida saída para o banheiro, agarrando sua bolsa de pernoite no caminho. Ela abriu o chuveiro e entrou embaixo d'água, com gratidão para o esquecimento providenciado pela água quente e o vapor.

Eles seguiram sua rotina da manhã, arrumaram suas malas, deixaram o quarto, e pegaram um táxi de volta para o aeroporto, cada um ainda mantendo suas maneiras excessivamente solícitas um com o outro.

Enquanto esperavam no portão de embarque, Ben foi gentil o suficiente para comprar café para ela, pelo que ela agradeceu profusamente e ele insistiu que não foi nada. Ela respondeu dizendo que esse foi um gesto de consideração. A conversa polida a deixou com um miserável sentimento de sufocamento ao pensar que isso podia continuar assim pela eternidade; eles dois sendo extremamente educados e amigáveis um com o outro e nunca mais agindo naturalmente novamente.

Ela se sentia como se, de muitas maneiras, ela preferisse sua velha dinâmica de provocação. Pelo menos lá tinha alguma paixão, algum sangue, algum calor. Pelo menos isso era *real*.

O curto voo passou rapidamente e em silêncio, eles dois completamente focados em seus laptops à frente deles. No instante que eles saíram do avião, eles foram levados rapidamente para a locação e imediatamente colocados para vestir o figurino e fazer a maquiagem.

Antes que Lauren percebesse, eles já estavam parados no lugar do primeiro cenário. Paul, o diretor, veio e os levou através dele. Lauren, estava extremamente nervosa e inquieta temendo um replay do desastre que foi seu teste de cena, antes que Ben viesse para ajudá-la.

— Você está bem? — Ben perguntou enquanto a puxava para o lado.

Ela assentiu fugazmente, mas ele claramente não estava convencido.

— Você está nervosa sobre isso ou... — Ele a olhou significativamente.

A última coisa que Lauren queria era conversar com Ben sobre sua escapada da noite passada em um lugar onde eles podiam possivelmente ser ouvidos pelo diretor e pela equipe inteira, então ela rapidamente assegurou a ele

— Isso, isso! Eu estou nervosa sobre isso. Você sabe, é só nervosismo de primeiro dia, a câmera, tudo isso.

Ben sorriu, parecendo aliviado.

— Bem, tente não ficar — ele disse. — Eu sei que é mais fácil dizer do que fazer, mas realmente só tente lembrar o que eu disse para você. Imagine uma amiga dentro das lentes da câmera. Cada uma das pessoas lá fora assistindo o programa, Lauren — estão enraizados por você. Eles querem se conectar com você. Eles querem ser seus amigos. Depende de você permitir. Use isso. Imagine Sam lá, ou Karina, ou Amanda. Fale do modo que você falou com Karina quando estava mostrando a ela a casa que ela acabou de comprar. Você é realmente boa nisso, Lauren. Você vai ser fantástica.

Ele sorriu para ela, e ela pensou que esse era provavelmente o primeiro sorriso realmente genuíno que ele tinha dado a ela durante toda a manhã. O gesto fez ela se sentir melhor do que a conversa dele com o objetivo de levantar sua autoestima — e essa foi uma conversa muito boa.

Ela respirou profundamente e se sentiu relaxar um pouco. Embora seu nervosismo não tivesse desaparecido inteiramente, pelo menos ela não estava tão apertada como uma mola enrolada na caixa, pronta para saltar da própria pele na mais leve provocação.

Somente uns poucos momentos depois de sua conversa, o diretor gritou “Ação!” pela primeira vez, e Ben e Lauren se lançaram nas observações introdutórias sobre a propriedade. Lauren estava extremamente preparada. Os cartazes eram praticamente inúteis porque ela tinha feito toda a pesquisa e conhecia os detalhes da casa muito bem.

Depois de três tomadas, ela já não precisava que Paul dissesse a ela que ela estava sendo rígida. Mesmo ela podia ouvir o tom desajeitado em sua própria voz — a simples, nua recitação dos fatos sem nenhuma paixão, calor, ou engajamento por trás.

Ela apertou as mãos para tentar liberar alguma tensão e rolou a cabeça para trás e para frente para esticar seu pescoço. Ela sabia que eram só os nervos. Deus, ela esperava que fossem só os nervos. Ela realmente precisava quebrar essa tensão que a estava mantendo tão rígida.

Sem saber o que tinha provocado isso, ela se virou para Ben com os olhos um pouco arregalados. Ela reconheceu que estava afundando e não sabia como se puxar de volta.

— Isso não está indo bem — ela sussurrou tensamente. — Alguma outra sugestão?

Ben olhou para Paul e então de volta para Lauren, um tímido sorriso lentamente cresceu no rosto dele. Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido.

— Bem, se nenhuma das minhas sugestões anteriores funcionou então talvez eu possa encontrar um pequeno canto escondido nessa casa e usar minha outra técnica especial para relaxar você.

Lauren não podia evitar isso. O choque de ouvi-lo sussurrar para ela na frente de todas essas pessoas, com câmeras viradas para eles, tinha o poderoso efeito de duas pontas nela.

Primeiro de tudo, ela pensou que isso era hilário e começou a rir. Segundo, ela sentiu uma invasão de primitivo calor através dela, com esse inesperado efeito colateral de perder completamente a tensão nos músculos do pescoço e ombros, relaxando imediatamente.

Ben endireitou-se, sorrindo para ela, claramente encantado de ouvi-la rindo.

— Viu? Não foi difícil. Vamos lá, Lauren. Eu sei que você consegue. Você é uma das pessoas mais capazes que eu já conheci. Você consegue — ele disse com apoio.

Ela sorriu, realmente acreditando nele, sentindo sua confiança aumentar.

Paul, saído de uma recente conversa com um dos assistentes, se aproximou nesse momento e disse



— Tudo certo! Isso é ótimo. Eu já gostei mais dessa. Só a energia e a dinâmica de como vocês dois estão de pé. Muito bom. Muito mais relaxado, muito mais confortável um com o outro. Vamos novamente, e vamos tentar manter essa energia.

Lauren e Ben assentiram, e Lauren sorriu para Ben, percebendo que não somente ele tinha salvado o traseiro dela, mas simplesmente pelo fato de ele ter feito isso trouxe à mostra um lado dela que já tinha existido. Ela respirou profundamente e não sentiu nervosismo dessa vez, mas excitação. Interesse. Comprometimento com esse desafio.

Ela estava chocada com o modo que aquele momento com Ben parecia ter feito uma verdadeira troca mágica. Ela e Ben estavam em casa, brincando, fazendo tomadas perfeitas tomadas na primeira tentativa, interagindo com a equipe, rindo — basicamente arrebetando.

Lauren não podia se lembrar da última vez que ela tinha se sentido tão confiante, tão poderosa, tão no seu auge como ela se sentia durante a gravação.

Mesmo os membros da equipe estavam continuamente se aproximando e dizendo a eles que essa foi a melhor gravação que eles tinham feito. Quando Lauren perguntou a Ben se eles estavam só puxando o saco deles e esse era o tipo de coisa que eles diziam todo o tempo ou se era realmente verdade, Ben sacudiu sua cabeça.

— Não, eles não são assim — ele disse antes de soltar uma gargalhada curta. — Confie em mim. Eles não se importam o suficiente para inventar coisas ou estar interessado em massagear nossos egos. Nós não somos famosos.

Ela sorriu, novamente reconhecendo o tom de verdade no que ele disse e se sentindo agradecida por poder levar os elogios da equipe a sério.

Quando o dia estava terminado e ela e Ben estavam esperando no carro alugado para voltar para o aeroporto e seu voo de volta para Hope Falls; Ben olhou para ela com ansiosa antecipação em seu rosto.

— Então, o que você achou? — ele perguntou.

Ela sorriu largamente e então estendeu a mão e acariciou o lado de seu rosto.

— Eu acho — ela disse alegremente — que eu descobri uma segunda carreira.



O sentimento de euforia de Lauren durou todo o tempo do voo. E quando o avião desceu das nuvens, baixaram também as inebriantes emoções dela. Quando o carro alugado os levou de volta para a montanha de Hope Falls, Lauren se encontrou mais e mais concentrada dentro de si mesma, reconstruindo suas velhas paredes, perguntando por que ela se sentira tão livre com Ben durante os dois últimos dias.

Não é que ela não gostasse dele. Ela percebia agora que ela gostava, muito, e isso era exatamente o que a assustava. As coisas com Ben estavam se movendo muito rápido. Ela não podia se permitir desenvolver sentimentos por ele. Não havia garantias de que o programa ia continuar, afinal. Pelo que ela sabia, eles iam ver um ao outro por pelo menos duas semanas. Em que tipo de condição podia estar seu coração no dia depois que ele fosse embora se ela se deixasse virar de ponta cabeça por esse cara?

Ela o estudou sorrateiramente do canto do seu olho. *Quer dizer, olhe para ele*, ela disse a si mesma miseravelmente. *Ele é ridiculamente bonito, esculpido como um deus grego. Ele está em um programa de televisão, e mora em LA, onde ele está provavelmente cercado por aspirantes a estrela — o cara é um conquistador.*

Ela descobriu que ela era provavelmente só sua mais recente conquista de fim de semana, exceto que esse particular “fim de semana” aconteceu de durar algumas semanas.

*Não Lauren*, ela pensou com cautela. *Não seja pega na teia de charme dele.*

Quando ela estava crescendo, seu pai, que era um “homem de negócios” era também um encantador. Nessa época, Lauren não sabia quais eram seus “negócios”. Simplesmente que ele estava sempre fora da cidade por causa deles e sempre tramando alguma coisa. Na sua vida pessoal e profissional. Ela não podia contar o número de vezes que ela tinha olhado mulheres caírem todas aos pés de seu pai de boa-aparênciademais-pra-seu-próprio-bem. Então ela assistia quando ele as mastigava e depois cuspia.

Sua mãe nunca pareceu perceber ou se importar. Ela estava mais interessada no que estava no fundo da garrafa. Ela confrontou sua mãe uma vez sobre o comportamento do seu pai quando era adolescente, e ela não poderia nunca esquecer o brilho mortal nos olhos da sua mãe quando ela disse

— Eu sou uma ex-modelo de quarenta anos. Não tenho nenhuma habilidade para trabalho, e nenhum outro homem poderia me querer agora.

Lauren ainda sentia enjoo quando pensava sobre isso. Ela prometeu a si mesma aquele dia que ela nunca seria aquela mulher. Ela nunca iria depender de um homem. *Nunca.*

Lauren suspirou e se acomodou de volta no assento, pegando seu laptop para que pudesse trabalhar pelo resto da viagem de volta para Hope Falls.

Sim, ela percebeu que seu pequeno passeio fora da cidade tinha sido o equivalente de umas férias — férias de si mesma — e agora era hora de voltar para casa e se estabelecer em sua rotina normal.

Ela tinha uma longa lista de coisas para cuidar, e descobriu que assim era melhor para eles dois mais do que ter alguma grande explosão ou confrontação quando eles falassem sobre o estado de seu não relacionamento, ela poderia, ao invés, simplesmente usar pistas não verbais para colocar alguma distancia sutil entre eles.

Ela decidiu que poderia ser menos doloroso no fim das contas.

Enquanto ela tentava se concentrar em seu trabalho, ela podia sentir os olhos de Ben nela. Quando ela olhou para cima, ela viu Ben sorrindo docemente para ela e teve que lembrar a si mesma para não ceder. *Seja forte*, ela disse a si mesma. *Não importa que palavras sexy, viriam depois daquele sorriso sexy, seja forte. Lembre-se do que você tem que fazer aqui.*

Ben levantou sua mão e afastou o cabelo loiro dela do seu rosto — ou melhor, desde que Lauren sempre tinha cada único fio de seu cabelo perfeitamente no lugar durante todo o tempo, era mais como se as pontas dos dedos dele traçassem a linha de onde seu cabelo penteado para trás de sua testa caía em um coque perfeito.

Porém, o formigamento que isso enviou deslizando através de seu escalpo e para baixo por sua espinha fazia muito difícil manter sua decisão. Seus olhos imediatamente voaram de volta para a tela de seu computador.

— Uma moeda por seus pensamentos, linda — ele disse suavemente.  
Sem mesmo tirar os olhos do seu laptop, ela disse em um tom cortado  
— Só trabalhando.

A mão de Ben gelou na nuca dela, e ela percebeu que ele estava percebendo seu comportamento frio. Aparentemente decidindo continuar como se nada tivesse mudado, ele disse em tom de flerte

— Então, você está feliz de estar em casa, linda?

Novamente, sem olhar para cima ou fazer contato visual com ele, ela disse distraidamente

— Mmmm...sim. Muito trabalho.

Ben suspirou.

Ela se sentia horrível fazendo isso com ele, mas novamente lembrou a si mesma que a longo prazo poderia ser muito menos doloroso para todo mundo.

Evidentemente determinado a não desistir sem uma luta, ele fez uma última tentativa.

— Então, eu vou apresentar um evento de caridade em Hope Falls esse fim de semana. O baile dos heróis da cidade, eu acho?

A isso, Lauren não podia impedir a si mesma de olhar para cima, com seus olhos arregalados.

— Nesse fim de semana? — ela disse com surpresa.

O rosto dele tinha uma expressão confusa.

— Um, deixe-me checar minha agenda — ele disse, pegando seu telefone. Ele folheou algumas telas em seu calendário e disse — Sim. Esse fim de semana, Baile dos Heróis da Cidade, Hope Falls. Próximo fim de semana, a ala dedicada às crianças no Grace Memorial em Sacramento. No fim de semana seguinte, leilão de solteiro, San Francisco.

Lauren enrugou sua testa.

— Você tem um evento de caridade a cada fim de semana?

Ben riu e disse

— Ah, na primeira temporada do programa? Com certeza. Eu tive mais de um a cada fim de semana. Mas agora eu coloquei no contrato que eu tenho um fim de semana por mês completamente livre. E no fim de semana que eu estou trabalhando, eu tenho ou o sábado ou o domingo livre. Nada de trabalhar a semana toda e depois trabalhar todo o fim de semana também.

Lauren se inclinou para trás em seu assento, pasma.

— Como você ainda consegue mostrar casas? — ela perguntou. — Fins de semana são meu momento mais ocupado. São para todo corretor imobiliário.

Ben riu novamente, sacudindo sua cabeça.

— Ah, Lauren. Você está para entrar em um mundo onde todo mundo vai querer estar perto de você. Você nunca mais vai ter que ir atrás dos clientes novamente. As pessoas virão até você, querendo contratar você simplesmente porque elas te viram no programa, e elas não confiam em você baseado no que elas veem lá ou como elas se sentem, tendo você como corretora, elas estarão realmente comprando um pouco do seu tempo. Pagando, para tornar-se uma pequena parte da vida de uma pessoa famosa. Acredite em mim, você nunca mais vai ter que se preocupar em mostrar outra casa.

Lauren ficou rendida quase sem fala.

— Você quer dizer, que você não mostra as casas pessoalmente e fecha negócios?

— Ah, eu sempre lido com as negociações finais. Eu não confio em ninguém mais para isso. Contudo, muito do trabalho braçal é feito por duas pessoas que eu tenho trabalhando em meu escritório. Duas pessoas maravilhosas a quem eu poderia confiar minha vida. Eu quero dizer, eu meio que faço isso de algum modo, por confiar nelas com meus negócios.

— Eu não sei se eu poderia ter um assistente — Lauren disse duvidosamente.

— Você provavelmente vai ter — Ben respondeu. — Por mais difícil que seja imaginar, considerando quanto gosta de estar no controle.

Quando ele disse a última parte, sua voz baixou e vívidas lembranças de sua noite juntos passaram pela sua cabeça, e ela podia dizer por sua voz que isso estava acontecendo com ele também.

Sua respiração começou a ficar profunda e ela teve que exercitar cada pedaço da vontade de ferro que ela possuía para não fechar seu laptop, colocá-lo de volta em sua pasta e subir no colo dele bem aqui na limusine.

Ben sorriu sedutoramente, obviamente lendo em seu rosto o efeito que ele estava tendo sobre ela.

— Ninguém perde uma oportunidade de fechar um negócio — ele continuou se sentindo bem sucedido dizendo vividamente — Então, o que

você diz Lauren? Gostaria de ser meu par no Baile dos Heróis da Cidade?

Ela sacudiu sua cabeça, quebrando o feitiço que ele estava mantendo sobre ela.

— Eu não posso — ela disse com genuíno arrependimento. — Eu tenho planos para sair com um amigo. Eu só esqueci que era nesse fim de semana.

Nesse exato momento, o carro estava estacionando na frente da casa dela, salvando-a de mais embaraço ou desconforto de ter que explicar quem esse amigo podia ser. Ela pegou sua bolsa — sem esperar que Ben ou o motorista abrissem a porta para ela — e escapuliu tão rapidamente quanto podia.

Ben se inclinou para fora do carro, obviamente querendo ter mais uma troca com ela, mais uma chance para solidificar o realismo do que eles tinham compartilhado durante as últimas quarenta e oito horas.

— Lauren — ele chamou quando ela estava na metade do seu caminho. Ela se virou relutantemente.

— Eu me diverti de verdade — ele disse.

— Eu também — ela respondeu com um leve sorriso —, mas você sabe o que eles dizem. O que acontece em Aspen fica em Aspen.

Ben parecia confuso quando colocou sua cabeça de volta na janela.

— Eu nunca ouvi essa versão. — Ele olhou para ela como se ele não estivesse muito certo por que ela estava agindo do modo que ela estava.

Quando o carro se afastou e Lauren virou para trás para continuar seu caminho para porta da frente, ela sussurrou para si mesma

— Provavelmente porque isso pode não ser realmente verdade.



Lauren abriu a porta da frente da sua casa, e Karina, Sam e Amanda todas marcharam para dentro, em fila, uma atrás da outra, como patinhos atrás da sua mãe.

Todas as três mulheres estavam carregando bolsas e maletas de maquiagem e carregando bolsas cheias com implementos para tratar cabelos.

Lauren riu.

— Eu estou acostumada a ver Amanda e Karina andando desse jeito — ela disse —, mas Sam, eu acho que tudo que eu vi você carregar quando nós íamos nos aprontar para uma noite fora é sua mochila da academia!

Sam riu. Ah, mas eu estou cheia de surpresas. Eu estou descobrindo novos mundos inteiros desde que eu estou com Luke, e não somente da variedade carnal. Eu descobri que eu realmente gosto de me arrumar. Você pode acreditar nisso? Eu gosto de me maquiar. Eu gosto de cachear meu cabelo!

— Awnnn... — disse Karina — nossa pequena Sammi está crescendo. Ela descobriu que é realmente divertido ser uma garota!

Sam riu.

— É isso mesmo. Não é louco?

As quatro delas seguiram Lauren para o quarto principal, onde ela tinha as três opções de vestido arrumadas em sua cama. Lauren gesticulou para frente na direção do banheiro adjunto.

— Meninas, podem acomodar suas coisas lá se quiserem — ela disse.  
— Eu estava bem no meio do processo de experimentar os vestidos.

Amanda, Karina e Sam colocaram suas malas nos espaços vazios na cama e então imediatamente se dirigiram para o banheiro para se aliviar de suas pesadas bolsas.

— Eu fiquei na verdade muito surpresa que você vai fazer isso — Amanda falou se dirigindo ao quarto. — Eu quero dizer que Sam e eu meio que temos de ir por que Mountain Ridge comprou uma mesa... e Karina é... bem, Karina... você sabe que não tem nenhum modo que Renata não insistisse que ela fosse como a representante da tribo. Mas, honestamente, além das oportunidades de contatos de trabalho de corretores imobiliários, eu não imaginei que você pudesse ter qualquer interesse em ir.

— Ah, eu não vou por mim — Lauren esclareceu. — Eric me convidou para ir com ele há um mês.

Houve um silêncio do outro lado da sala, mas Lauren mal percebeu. Ela estava ocupada se estudando no espelho usando a opção de vestido número um. Então ela ficou surpresa quando, a menos de meio metro de distância de onde estava ela ouviu Karina dizer:

— Como é que é?!

Quando Lauren se virou para encarar Karina, ela viu suas três amigas paradas lá de boca aberta.

— Ah, meninas, não é nada demais — ela assegurou a elas. — Nós só vamos como amigos.

— Ainda assim — Amanda disse. —, é alguma coisa demais quando você foi chamada para um encontro com alguém que nós todas conhecemos e você escolheu não nos falar sobre isso até momentos antes do encontro.

— Eu nem mesmo penso nisso como um encontro — Lauren disse, minimizando.

— Ele sabe que isso provavelmente não é um encontro? — Sam perguntou.

— Uma pergunta muito boa — Karina disse —, e uma que ocorreu até mesmo à menos experiente sexualmente de nós quatro. Sem ofensa, Sam.

Sam deu de ombros.

— Não me ofendi.



— Então isso definitivamente devia ter ocorrido a você — Karina terminou.

— Olha — Lauren disse defensivamente. —, nós dormimos juntos, uma vez e foi há muito tempo, eu duvido que ele ainda esteja pensando sobre isso...

— O quê?! — Amanda gritou.

— Você e Eric *transaram*? — Sam perguntou surpresa.

— Ah, garota danada — Karina disse, se jogando em um dos poucos espaços vazios da cama. — Você sabe que vai ter que nos falar sobre isso agora, certo?

Lauren disse

— Na verdade não é nada tão importante como vocês estão fazendo parecer.

Ao que Sam replicou

— Ah, qual é?! Como você pode dizer que transou com alguém que nós conhecemos desde o ensino fundamental e depois dizer, “Mas isso não é nada demais?!”

Karina e Amanda acenaram concordando entusiasticamente.

— E — Sam continuou —, você está completamente maluca se pensa que realmente vai sair dessa conversa sem nos dizer como isso aconteceu.

A isso, os acenos de concordância de Amanda e Karina ficaram ainda mais vigorosos e insistentes.

Lauren suspirou, sentada na beirada da cama.

— Tudo bem — ela disse. — Aqui vamos nós. Então, foi no verão depois do último ano. Eric tinha acabado de sair do exército e eu estava para ir para faculdade, e... bem, eu tinha uma lista de “realizações” naquele verão.

— E Eric estava nela? — Karina gracejou.

— Bem, perder minha virgindade estava nela. Eu não queria começar a faculdade virgem. Novamente sem ofensa, Sam.

— Não me ofendi.

— Eu mantive um olho aberto para oportunidades durante todo o verão, mas ninguém parecia certo, sabe? Então, no dia antes de eu ir para faculdade, eu esbarrei em Eric almoçando na Sue Ann. Vocês sabem que ele é alguns anos mais velho que nós, então eu não o conhecia muito bem, mas eu sempre pensei que ele tinha uma boa aparência, era um cara legal.

E mais importante, eu confiava nele. Eu percebi que ele era a escolha perfeita. Nós conversamos um pouco, e então eu perguntei a ele se ele queria dirigir até o *Top of the World* e ficar um pouco no carro.

— Ah, então ele sabia o que ia acontecer! — Amanda entrou na conversa.

— Bem, sim... quer dizer, ele provavelmente pensou que nós íamos dar uns amassos ou alguma coisa. Mas, sim, com certeza. Se você vai estacionar no *Top of the World*, não é para ter uma discussão filosófica.

— Então ele concordou e me pegou em sua caminhonete às dez da noite. Quando chegamos lá, eu puxei um pack de cerveja que peguei da geladeira dos meus pais. Eu acho que essa foi a primeira impressão que ele teve de como eu estava levando aquilo a sério. Ele me dirigiu um olhar realmente estranho e me perguntou quantos anos eu tinha. Eu disse a ele que tinha dezoito. Bem, eu acho que a situação deve ter deixado ele em choque, porque ele tomou uma cerveja durante o tempo em que eu tomei três. Nós ficamos sentados lá, bebendo, olhando a vista... falando sobre faculdade, o futuro, seu tempo no exército, onde ele tinha estado baseado, o que ele tinha visto... Então, em algum ponto, tocou uma música que ele gostava. Hotel Califórnia, um clássico. Ele pulou da caçamba da caminhonete e correu até a cabine para aumentar o volume.

— Eu sabia que era minha chance. Talvez minha única chance. Era agora ou nunca. Eu tirei meu short e minha camiseta, então quando ele voltou, eu estava usando nada mais que meu conjunto de calcinha e sutiã. Meu *simples*, conjunto de calcinha e sutiã, não menos. Foi tão divertido. Sua boca literalmente caiu aberta como você vê em desenhos, e ele ficou parado lá ofegando e sacudindo a cabeça, como se para clareá-la.

— Bem, eu descobri que a última coisa que eu precisava era que ele clareasse a mente, então era melhor que eu agisse antes que ele tivesse muito tempo para pensar sobre o assunto. Eu me sentei na borda da caçamba, enrosquei meus braços e pernas ao redor dele e comecei a beijá-lo. Com vontade. Ele levou alguns segundos para se juntar a mim nisso, mas então a natureza assumiu, e o resto, como se diz, é história.

— Bem — Karina espertamente observou —, você vai se encontrar com ele essa noite, então talvez não seja tudo só história. Ou pelo menos não uma história antiga...

— Realmente não tem nada demais entre mim e Eric. Verdadeiramente, a única coisa sobre a qual eu estou preocupada é se Ben vai nos ver lá juntos e ter a ideia errada.

Amanda e Sam olharam uma para outra, confusas. Karina por outro lado, só olhou Lauren com um pequeno sorriso, claramente recordando sua sussurrada conversa no telefone.

— Espere um segundo — Sam disse maliciosamente. — Você vive em uma cidade pequena e vai a um falso encontro com alguém que você considera “só” um amigo, embora você tenha perdido a virgindade com ele dez anos atrás, e a parte desse cenário sobre a qual você está preocupada que possa ser complicada ou estranha é se o seu parceiro de trabalho verá ou não você no encontro?

— Nem tudo é um grande drama — Lauren disse, mas ela já podia sentir suas bochechas começando a corar.

Amanda e Sam olharam para ela com dois olhares gêmeos de então-não-entendemos-nada.

— O que foi? — Lauren encolheu os ombros.

Karina sorriu timidamente, disse:

— Eu não sei, talvez tenha uma parte da história que nós todas não ouvimos. Poderia ser esse o caso, Lauren?

Lauren suspirou, jogando o rosto em suas mãos e sacudindo a cabeça.

— Ah, Deus — ela gemeu. — Ok, então... é o seguinte. Ben e eu transamos. Em Aspen. Bem... na verdade em Grand Junction.

Relutante em ver a reação de suas amigas à sua revelação, ela lentamente abriu seus dedos e olhou através do espaço entre elas. Elas estavam olhando para ela com as bocas abertas — mas não de um modo aterrorizadas, ela estava aliviada de ver. Então Lauren baixou as mãos e se sentou ereta.

Karina sacudiu a cabeça, impressionada.

— Que vagabunda dissimulada você é! — ela gritou.

— Vamos, Karina. Também não é assim.

— Ah, você está brincando comigo? — Karina disse. — No espaço dos últimos dez minutos, eu descobri que uma das minhas melhores amigas na realidade dormiu com dois dos caras mais sexy que eu já vi. É com certeza alguma coisa demais. Eeeeeeeeeee você merece muitos elogios. — Sam e Amanda riram.

— Então vocês não acham que eu sou uma pessoa horrível? — Lauren disse. — Voltando lá no início? Quando eu dizia que o odiava e pensava que ele era a pessoa mais irritante do mundo e então mudando de ideia e dormindo com ele? Vocês não acham que isso foi fraco?

Amanda olhou para ela, sacudindo a cabeça diante da tolice de Lauren.

— Por favor, Lauren — ela disse. — Nós todas podíamos ver que você estava de quatro por ele. Você mesma admitiu que, queria dormir com ele. Era realmente só uma questão de tempo até que isso acontecesse.

— Sim — Sam concordou. — Isso era realmente óbvio.

Karina se meteu dizendo

— Na realidade só nos restou uma pergunta.

Lauren gemeu e disse com trepidação:

— O que poderia ser?

Karina riu.

— Bem, eu ia dizer que a única pergunta que nos restava era “Foi bom?” Mas agora que eu pensei um pouco mais, eu percebi que a única pergunta que nos resta que realmente importa é: Quem mais dormiu com você que eu deva saber?



Lauren entrou no grande salão do *Hope Falls Recreation Center* nos braços de Eric e sabia que ela devia por todas as contas, se sentir como uma princesa. Ela estava entrando em um evento chique, na frente de toda cidade, vestida em um lindo vestido e perfeitamente decidida, de braços com um dos solteiros mais bonitos e elegíveis que Hope Falls tinha para oferecer.

Mesmo assim ela achava difícil reunir alguma excitação ou entusiasmo pela noite à frente.

Ainda assim, ela disse a si mesma, era importante que ela exibisse um belo sorriso, afastasse suas preocupações sobre Ben, e aproveitasse a noite do melhor jeito que ela pudesse.

Não era culpa de Eric que os impulsos elétricos conectando seu coração e seu cérebro estivesse em curto. Essa era a noite dele — o baile dos Heróis de Hometown era, na verdade, em primeiro lugar sobre

policiais — então ela precisava fazer sua parte para ser feliz, para ficar alegre e para que ele se divertisse, ignorando seu próprio estado emocional. Eric a tinha convidado como amigo. O mínimo que ela podia fazer era ser uma boa amiga.

Lauren plantou um largo sorriso no rosto e olhou ao redor do salão mais cuidadosamente. Pessoas que ela conheceu e amou sua vida inteira pareciam estar em qualquer lugar para onde ela olhasse.

Sue Ann, que era não somente a proprietária do café, mas também a avó de Ryan estava conversando com Henry, avô de Amanda e atual prefeito da cidade.

Alguns passos à sua esquerda, ela viu a avó de Karina, Renata que estava conversando entusiasticamente com Bernie — que era agora não somente o agente de Karina, mas o dela também.

Renata, uma elegante e reservada beleza, claramente não estava fazendo nada para encorajar o desavergonhado flerte de Bernie — mas ela não estava fazendo nada para desencorajar também. Em vez disso, ela estava parada, com a expressão de seu rosto suave e imóvel, recompensando Bernie a cada vez com a mais fina contração muscular de seus lábios que, se você fosse interpretar do modo mais generoso possível, podia concebivelmente ser visto como o começo de um sorriso.

Bernie, por sua vez, estava obviamente empregando essa interpretação com grande entusiasmo, porque ele se iluminava como a Times Square toda vez que os lábios de Renata se contraíam mesmo levemente. Ele estava claramente apaixonado pela avó de Karina e estático para qualquer bocado de feedback positivo que ele era capaz de ter dela.

Eric puxou Lauren para o salão de dança, sorrindo para ela galantemente e dizendo:

— Me concede essa dança?

Lauren riu e deu uma pequena reverência, respondendo

— Mas é claro!

Enquanto eles giravam juntos no salão, Eric rindo perguntou um pouco timidamente se ela pensou sobre aquela noite no *The Top of the World*.

Lauren sorriu de volta e disse com naturalidade

— É claro que pensei. Eu nunca poderia esquecer. Foi minha primeira vez.

Eric deu um passo para trás, seus olhos arregalados em choque.

— Foi o quê? — ele exclamou.

— Você não percebeu? — Lauren perguntou. — Eu pensei que tinha sido óbvio, afinal.

Eric sacudiu sua cabeça, se movendo de volta para ela e retomando seu movimento oscilante.

— Não — ele disse, sua voz um pouco trêmula —, eu não tinha nenhuma ideia. Eu nunca poderia ter feito isso se eu soubesse! Pelo menos não sem você ser minha namorada.

— Bem, sim, é claro que eu sei isso, bobo — Lauren respondeu. — Você é muito nobre para seu próprio bem. Foi por isso que eu não disse a você antes que nós começássemos. Eu ia para faculdade no dia seguinte e eu decidi em minha mente que eu não ia começar a faculdade virgem e então... lá estava você!

Eric jogou sua cabeça para trás e riu.

— Eu acho que eu devia me sentir usado! — ele disse com incerteza. — Mas eu na realidade me sinto um pouco honrado de algum modo. E, eu quero dizer, ei... se eu vou ser usado, tem modos piores, certo?

Eles dois riram e Eric aproveitou a oportunidade para se inclinar e beijá-la. Lauren foi pega de surpresa, mas não se afastou.

*Isso deveria ser exatamente o que eu quero*, ela disse para si mesma. *Em teoria, Eric é perfeito para mim — ele é bonito, é legal, tem um emprego estável, mora onde eu moro. Isso. Devia. Ser. O que. Eu. Quero.*

Eric se afastou e olhou para ela pensativamente.

— Foi... — ele começou, obviamente lutando pelas palavras certas.

Lauren encheu o silencio com

— Bom?

Ele riu um pouco e disse

— Eu ia dizer alguma coisa como beijar um parente... mas certo, “bom” funciona. Vamos continuar com bom.

Lauren sorriu gentilmente e disse

— Então eu acho que nós estamos melhores como amigos, certo?

Eric olhou para ela feliz.

— Amigo funciona para mim.

De repente, Lauren sentiu seu sangue correr frio. Ocorreu para ela que Ben poderia já estar aqui e poderia ter visto ela e Eric se beijando. Ela

rapidamente olhou ao redor para ver se ela podia capturar um vislumbre dele e viu.

Ele estava parado no canto salão, olhar atento focado em Kelly King enquanto ela o regalava com alguma história aparentemente brilhante — mas, mais importante, ela se posicionou com ombros para trás e peito para fora então ele podia ter uma completa visão do decote baixo do vestido dela colocado em exibição.

Lauren sacudiu sua cabeça. Ela devia saber. Ela não podia acreditar que tinha estado preocupada sobre o que ele devia pensar sobre ela compartilhando um inocente beijo com um velho amigo.

*Isso é bom, ela disse para si mesma. Eu não preciso me preocupar sobre o que Ben pensa de mim. Eu não preciso me preocupar sobre isso tudo.*

Mas a noite toda, enquanto ela dançava e conversava com Eric, ela descobriu que isso era tudo sobre o que ela se preocupava.



Lauren se sentou em seu escritório, tentando com toda a força que tinha se concentrar em fazer algum trabalho. Esse era o primeiro dia sem filmagem que ela tinha, e se ela não fizesse esse trabalho agora, quem sabe quando ela poderia ter outra chance. As coisas já estavam fora de controle em seu pequeno escritório da agência imobiliária — e ela só estava com esse escritório há uma semana.

O problema era que Lauren não gostava de confiar coisas importantes a outras pessoas. Ela tinha recepcionista, mas não era trabalho de recepcionista lidar com nada relativo à agência. Ela era uma garota legal que trabalhava parte do tempo atendendo ao telefone e parte fazendo e servindo café aos clientes enquanto eles esperavam. Certamente não alguém de quem Lauren pudesse depender completamente quando estivesse fora do escritório por longos períodos de tempo.

Então era realmente importante que Lauren usasse qualquer tempo que tivesse livre das filmagens a seu favor. Ela já tinha recebido uma ligação de um avaliador informando-a de que ela tinha perdido um compromisso que eles tinham marcado. Era tão improvável que Lauren perdesse um compromisso que o homem realmente presumiu que tinha sido erro dele.

Lauren sabia que teria que superar esses problemas que estavam surgindo em seus negócios — a agência imobiliária e o programa de televisão — e aprender a administrar os dois com igual sucesso se pudesse somente focar. Foco era a chave.



Contudo, foco era a única coisa que ela parecia não poder manter. Focar em seu trabalho, no caso. A questão era que ela estava altamente focada em alguma coisa além do trabalho... uma coisa chamada Ben.

Se ela fosse honesta consigo mesma, a verdade era que ela tinha sido distraída por Ben desde o momento em que o conheceu. Essa distração tinha tomado a forma de aborrecimento, mas agora ela percebeu que a irritação que ela sentia tinha meramente sido o modo de seu cérebro direcionar sua atenção para Ben.

Agora, a distração estava tomando um novo e mais doloroso curso. Tudo sobre o que ela podia pensar era o baile da última noite, como ele estava bonito, como estava sexy, como ela desejava estar lá com ele — e como ele ignorou-a completamente a noite inteira.

Ela estava cheia de perguntas.

Onde ele foi depois do baile?

Ele saiu com Kelly?

Por que ele não falou com ela?

Ele estava com raiva dela?

Ele estava magoado?

Ele estava tentando provar alguma coisa?

Ela estava sendo dramática ao pensar que ele estava intencionalmente ignorando-a e de fato isso era tão simples como ele só não se importava se ela estava lá ou não?

E a mais frívola de todas as perguntas: como era possível que ele ficasse ainda mais incrível de terno?

Lauren sentiu como se tudo em sua vida estivesse girando fora de controle. Ela estava deixando os negócios de lado enquanto perseguia uma oportunidade na televisão que podia ou não dar frutos. Ela estava dando seu coração e alma para um homem que podia ou não a ver somente como uma conquista de fim de semana — coisa de fã — e ela não podia evitar. *E agora*, ela estava sacrificando seu único dia de trabalho livre obcecada com ele.

Quem era ela? Quem era essa pessoa que ela estava virando? Porque certamente não era Lauren Harrison.

Ela certamente não era uma pessoa que poderia contar as horas até que fosse ver esse homem novamente, ainda assim, isso era precisamente o

que ela estava fazendo com Ben. Ela olhou para o relógio. Mais dezenove para ir.

Ela certamente não era uma pessoa que poderia colocar em segundo lugar suas decisões e suas ações, mesmo assim, aqui estava ela — sentada em sua escrivaninha quando ela devia estar trabalhando — perguntando se estava fazendo a coisa certa em recuar de Ben ou se ela estava deixando passar a oportunidade de uma vida.

Ela certamente não era uma pessoa que poderia desperdiçar tempo, sentada analisando repetidamente cada pequena sentença ou frase que um homem tinha dito para ela. Mesmo assim, era exatamente o que ela se encontrou fazendo agora. Escolhendo pequenas frases, pequenas respostas, que Ben tinha dado a ela e tentando examiná-las separadas peça por peça.

Como estava seu tom de voz quando ele falou? Qual era a expressão em seu rosto na hora? Ele estava tocando o braço dela? Tinha dois modos de entender essa frase? Ele estava fazendo piada? Ele estava sendo sarcástico?

E ela não estava fazendo isso meramente por coisas que ele disse para ela nesse fim de semana. Ah, não. Isso podia ser de algum modo são. Não. Ela estava mentalmente refazendo todas as coisas que ele tinha dito para ela ao longo de seu relacionamento. Ela bufou. Seu relacionamento? Sim, as *três semanas* inteiras passadas desde que eles tinham se conhecido. Longo relacionamento.

*Recomponha-se.*

Ela estava fazendo tudo em seu poder para parar o filme que estava passando em seu cérebro — o filme estrelado por Ben Stevens — mas isso aparentemente era uma maratona e ela tinha comprado um ticket que não podia devolver.

A maratona do filme Ben Stevens não somente continha cenas de incertezas e angústias, contudo. Tinha momentos — muitos momentos — de pura felicidade. Esses momentos estavam repassando em seu cérebro — com aumentada frequência — que mostrava a ela exatamente como doce poderia ser fazer uma vida com Ben Stevens.

Por exemplo, ela pensou sobre como incrivelmente útil ele tinha sido com o programa de televisão. Ele simplesmente a resgatou em seu teste de cena, que levou à sua contratação, que seria uma incrível oportunidade para ela se o programa vingasse.

Ela não diminuiu seu próprio papel nisso. Lauren nunca foi alguém para minimizar seus próprios dons e talentos, mas não tinha como discutir que, se Ben não tivesse agido quando o fez, seu medo de palco teria arruinado tudo. Nesse caso, sua aventura inteira foi toda por causa dele.

Depois que eles tinham sido colocados juntos também, ele tomou a liderança em mostrar a ela as regras. Ele podia ter sido condescendente ou podia tê-la ignorado. Algumas vezes no set ela se sentia como se todo mundo estivesse falando em um código que ela não tinha absolutamente nenhuma ideia de como decifrar.

Se Ben quisesse deixá-la afundar, poderia ter sido tão simples como só deixar aquelas coisas acontecerem, sabendo que ela não estava segura do que era preciso dela e simplesmente não a ajudar, deixando-a tropeçar. Mas ele não fez isso, nem uma vez.

Muitas pessoas que ela conhecia nas agências imobiliárias estavam completamente fora de si. Não é que elas fossem traíras em qualquer meio possível. Elas não saíam de seu caminho para roubar coisas que não eram delas ou para sabotar o sucesso de outra pessoa. Não era assim. Mas como em qualquer outra profissão altamente competitiva onde grandes quantias de dinheiro estavam em jogo, todo mundo procurava ser o número um. Você não vai ver alguém ajudando um profissional menos experiente quando era altamente possível que essa pessoa poderia estar querendo seu trabalho ou seus clientes em algum momento.

Ela podia somente imaginar que isso era pior nos show business. Tinha egos maiores envolvidos e as apostas eram mesmo maiores. Pagamentos multimilionários e trabalhos lucrativos que poderiam potencialmente se estender por anos no futuro, estavam envolvidos. Não se alavancava alguém que poderia um dia te substituir. Simplesmente não se fazia isso.

Ainda assim... Ben fez.

Toda vez que ela precisava de ajuda... ele estava lá.

Toda vez que ela não entendia alguma coisa... ele estava lá.

Toda vez que ela estava estressada por causa da carga de trabalho... ele estava lá.

De fato, em quase toda situação que ela podia pensar nesse pouco tempo que ela o conhecia, ele estava sempre lá para ajudar.

Podia o mesmo ser dito ao contrário?

Com arrependimento, ela percebeu que certamente não.

Ela nunca deu a Ben Stevens o menor motivo para ser bom para ela, mesmo assim, ele era.

Lauren não estava inteiramente certa do que estava acontecendo entre ela e Ben, mas ela estava bem certa de que ela estava começando a gostar dele.

*Muito.*



Ben sabia que estava alguns minutos atrasado para reunião de produção e ele realmente não se importava. Ele estava temendo esse encontro desde que viu Lauren beijando seu “amigo” no salão de dança no baile de sábado à noite.

Ele não tinha nenhuma ideia se ela passou a noite inteira com o lábio colado no cara. Ele a evitou, e a primeira chance que teve, ele fugiu.

Logicamente, ele sabia que não tinha nada a ver com quem Lauren se encontrava ou beijava, mas porra. Isso não significava que ele tinha gostado disso.

E ele estava bem certo de que ela estava de propósito ignorando-o a noite inteira. Ele tinha dado pouco mais que um “oi” para ela a noite inteira. Nem mesmo um aceno de reconhecimento através do salão.

*Sério?*

Ele sacudiu a cabeça. Esse não era ele. Ele não devaneava sobre garotas ou se preocupava sobre quem elas estavam beijando. Ele não tinha seus sentimentos feridos porque a garota que ele gostava o estava ignorando.

Ele precisava rapidamente se controlar. Ele sabia que tinha um trabalho para fazer — contas para pagar. Ele tinha pessoas em sua vida que dependiam dele, pessoas que tinham problemas reais, não como as coisas ridículas sobre as quais ele estava se preocupando a respeito de Lauren.

E suas contas estavam ficando maiores ultimamente. Ele precisava muito do seu gordo contracheque que poderia vir se esse segundo programa vingasse. Isso poderia ajudar a diminuir a tensão. Ele não tinha controle sobre o monte inteiro de coisas em sua vida, mas ele tinha uma

pequena margem de controle sobre se um negócio podia ou não acontecer. Ele podia dar ao programa a melhor tomada fazendo seu melhor trabalho.

Tentando afastar a melancolia que o estava incomodando desde que ele viu Lauren nos braços de outro homem, ele abriu a porta da cabine onde a reunião de produção já estava acontecendo.

O assistente olhou quando Ben entrou.

— Ben! Obrigado por se juntar a nós! — ele provocou, e o resto dos participantes da reunião se juntou em um riso leve pela piada.

Ben sorriu para provocação e tomou a cadeira vazia na sala, que era bem ao lado de Lauren.

Ele sentiu o olhar dela sobre ele, mas não confiou em si mesmo para olhar na direção dela sem demonstrar pelo menos um pouco do que estava sentindo. Então — novamente optando pela rota madura aqui — ele não olhou para ela de modo nenhum.

Paul levantou e começou a reunião.

— Eu acho que nós podemos concordar que a última semana foi um sucesso — ele começou, e todos na sala bateram palmas e aplaudiram. O espírito de Ben melhorou um pouco. Esse nunca poderia ser um dia completamente ruim quando o chefe começava a reunião com palavras como essas, certo? — Mas nós não podemos nos deitar em nossos louros — ele continuou. — Nós temos uma agenda cheia essas próximas duas semanas se nós queremos arrebentar com o piloto. Eu realmente acho que nós temos alguma coisa aqui, pessoal. Mas não significa que nós não vamos ter que trabalhar por isso. Isso dito, seus novos roteiros, horários de apresentação, e pacotes de informação estão sendo passados para vocês agora. Alguma pergunta?

Ben sentiu que Lauren se mexeu em sua cadeira ao lado dele antes que ela ouvisse sua pergunta:

— Aqui diz que nós precisamos fazer uma sessão de SDA?

O assistente estava distribuindo seus papéis e simplesmente disse

— Sim. Nós não podemos usar a produção sonora de nada que tenhamos gravado do lado de fora.

Ele sabia que ela não tinha ideia ainda do que SDA, que era Substituição de Diálogo Automatizado, implicava. E na última semana — inferno, três dias atrás — ele poderia dizer a ela exatamente o que era e o que ela podia esperar nessa sessão.

Mas, hoje, ele começou uma conversa com o supervisor de roteiro e saiu deixando Lauren e sua pergunta para trás.

Ele também se certificou de que Lauren estivesse fora da cabine do figurino antes que ele estivesse “disponível” para ir.

Mas quando ele pisou na cabine, percebeu que não poderia verdadeiramente escapar dela. Ele aspirou seu cheiro. Ele permeava o ar com os aromas de flores silvestres e baunilha. Ele viu fotos dela por todas as paredes. Tinha mais fotos que o normal? Marlene e Barbara estavam brincando com ele? Inferno, um perseguidor obsessivo podia ficar impressionado com o monte de fotos fixadas em cada superfície.

Ben sacudiu a cabeça. Ele precisava manter um domínio sobre si mesmo.

Sua resolução teve vida curta, contudo. No final, Lauren era o tema quente da conversa entre Barbara e Marlene durante a prova inteira. Todas as mulheres do figurino podiam falar sobre como era insanamente maravilhoso o corpo de Lauren, como ela era divertida de se vestir. Quão doce ela era com elas, que ela tinha aparência de durona, mas sob essa imagem ela era só uma grande molenga.

Ben ficou quieto. Ele não queria falar sobre o corpo de Lauren ou o fato de que, sob o escudo exterior, ela era realmente uma garota suave e doce.

Isso era exatamente porque ele nunca se deixava envolver com alguém com quem ele trabalhava; era simplesmente muito complicado.



Lauren estava de saco cheio. Sim. Talvez ela se sentisse mal antes, mas agora ela tinha realmente se enchido. Ela não tinha nenhuma ideia de qual era o problema com Ben, e honestamente, nesse ponto, ela realmente não se importava.

Ele já a estava ignorando por três dias. Certo, ele estava sendo profissional, mas isso era um mínimo de profissionalismo. Sem nenhum entusiasmo, sem conversa fiada — inferno, sem conversa nenhuma.

Ele nem mesmo olhou para ela no encontro semanal da produção.

Ela tinha faltado em sua prova de figurino, reagendando (Barbara e Marlene tinham informado a ela em tom conspiratório) para uma hora em que ela não estivesse lá.

E então, ontem na sessão de DAS — que ela descobriu por si mesma que é quando eles dublam sobre suas falas — ele não fez contato visual com ela em nenhum momento, embora eles estivessem em uma pequena cabine e compartilhassem o mesmo microfone.

Ela devia ter aprendido sua lição. Você poderia certamente pensar que ela poderia ter feito isso depois de Nova York. Se envolver com pessoas com quem trabalhava era uma péssima ideia. Sim. Péssima com P maiúsculo. Ela nem mesmo pensou sobre isso antes que ela e Ben se envolvessem porque, honestamente, isso não parecia como trabalho para ela. Pelo menos não o tipo de trabalho que ela estava acostumada a fazer. Mas mesmo em projetos de curto prazo, no futuro, ela precisava lembrar

que “onde se ganha o pão não se come a carne” — como Karina tinha tão impetuosamente fraseado — não era uma boa ideia.

Agora que eles estavam para se dirigir para fora da cidade novamente, dessa vez para Palm Springs. Ela se perguntou se seria capaz de ignorá-la pelo tempo de uma viagem de carro, um voo, e então outra viagem de carro. Ela apostava que sim.

Sem querer arriscar uma repetição do fiasco desordenado da última semana, Lauren parou do lado de fora esperando pelo carro alugado a despeito da temperatura congelante. Dessa vez tudo estava diferente. Ela tinha composto uma detalhada lista de viagem e a executou no dia anterior. Mais importante, ela tinha programado três alarmes só para ter certeza de que não dormiria demais.

Ela suspirou contente, embora, pensando sobre o fato de que hoje eles se dirigiriam para filmar em uma propriedade em Palm Springs. Ela amava Palm Springs. O ar, a luz, o calor seco e abrasador. Ela tinha ficado nos arredores algumas vezes no Rancho Las Palmas e nunca falhou em se sentir completamente rejuvenescida depois de um fim de semana lá.

Mas, ela lembrou a si mesma, isso era trabalho, e ela precisava manter assim de agora em diante em sua mente. Ela precisava focar no trabalho para que ela não caísse vítima da tentação e começasse a obsessão sobre Ben novamente, o que poderia atrapalhar sua atuação.

O carro alugado estava estacionando no meio fio e Lauren subiu nele, aliviada por sair do frio. Certo, ela sabia que podia ter esperado dentro de casa, mas ela estava ainda mexida pela humilhação da última semana. Ela não era nem um pouco esse tipo de garota. Era tudo ou nada. Ela não queria que eles tivessem que esperar por ela nem um único instante.

O motorista, o mesmo cavalheiro da semana anterior, rapidamente saiu e abriu a porta para que ela entrasse. Depois que ele se assegurou que ela estava segura dentro do carro ele deu a volta para carregar sua bagagem e colocar na mala.

Ela agradeceu a ele calorosamente e se acomodou no banco de trás do carro.

Ben estava digitando em seu laptop e pela sua aparência, estava tão envolvido em seu trabalho que nem mesmo percebeu que ela entrou no carro.

Ah é?



Dois podiam jogar esse jogo.

Ela pegou seu laptop e ligou. Ela estava atrasada com uma papelada da sua agência imobiliária, portanto não precisava fingir uma necessidade de trabalhar, ela disse para si mesma. Não era o mesmo caso do Senhor Tenho Duas Assistentes a quem Eu Confio Com Minha Vida bem ali, clicando oficiosamente nas teclas.

Ela simplesmente *sabia* que, se ela fosse esgueirar um olhar, ele provavelmente só estava atualizando suas redes sociais.

Como aconteceram muitas outras vezes em sua vida sempre que ela precisava, o trabalho providenciava uma bem-vinda distração. Ela estava envolvida com alguns contratos que precisavam de sua atenção, e antes que ela percebesse, a viagem para o aeroporto Reno-Tahoe passou em um instante.

Ei, talvez a indiferença de Ben tenha sido uma boa coisa, ela pensou. Mas então por que ela sentia tanta falta do sorriso dele?



Ah, pelo amor de Deus, por que ela tinha que cheirar tão bem?

Ben estava tentando tudo em seu poder para bloquear qualquer efeito que Lauren tinha sobre ele. Isso não era fácil. Certo, não olhar para ela ajudou. Era levemente mais difícil quando ela falava. Porra, ele amava a sua voz. Quando ela falava, quase soava musical.

E não era somente sua voz que ele amava. Eram também suas palavras. Ela era cuidadosa, cheia de ideias e articulada. Algumas pessoas que ele conhecia usavam palavras grandes para tentar fazer com que parecessem mais importantes, mas nelas isso parecia falso. Não em Lauren. Seu vocabulário era mais vasto que a média das pessoas e ela sabia como usá-lo. Ele achava isso sexy pra cacete.

Mesmo que ele pudesse de algum modo bloquear sua mente.

Mas seu cheiro. Porra, seu cheiro. Era intoxicante. Fazia difícil para ele pensar. Isso se infiltrava em seu cérebro como leves plumas e tecia seu feitiço mágico sobre ele. Ele nunca nem mesmo percebeu o cheiro de outra mulher antes, além do rápido pensamento de que ele gostava do perfume que elas estavam usando aquele dia. Mas com Lauren, ele não podia deixar

de percebê-lo. O cheiro estava sempre ao redor dele como um cobertor quente. Ele não podia afastá-lo, e isso o irritava.

Ele tinha sido capaz de evitá-la na maquiagem e mesmo completamente ignorá-la durante seu voo e viagens de carro, mas agora ele teria que encarar a realidade. Eles tinham que filmar, e por mais que isso tivesse sido um alívio bem-vindo permitir a si mesmo uma concessão imatura de fingir que ela não existia, tudo teria que parar agora. Ele tinha um trabalho a fazer, um que ele não ia absolutamente prejudicar por causa de seu ego... ou que parte dele fosse que ela tinha danificado.

Para sua completa frustração, ele encontrou a si mesmo incapaz de ficar confortável com ela, mesmo quando as câmeras começaram a filmar. Sua dinâmica estava rígida e não natural. Não tinha nem comodidade e nem química que fizesse com que eles, como um time fossem convincentes de olhar.

Ele podia ver pela preocupação enrugando os olhos de Paul enquanto olhava o monitor, que suas suspeitas estavam certas e esse dia de gravação estava indo de mal a pior.

*Ok, ele pensou, talvez essa tensão entre nós somente exista porque nós não tratamos. Talvez se nós simplesmente tivéssemos uma rápida conversa e concordássemos em ser mais civilizados, isso poderia funcionar.*

Entre a próxima série de tomadas, ele deu um profundo suspiro e disse quietamente

— Lauren, eu acho que nós só precisamos ser um pouco mais amigáveis um com o outro. Um pouco agradáveis.

— Você está implicando que eu não sou amigável o suficiente com você? — ela perguntou friamente.

Ah, legal. A frieza estava de volta. Não seria simples para derreter. Ele sabia disso por experiência.

— Eu só estou dizendo — ele disse lentamente, tentando ser paciente e não deixando sua frustração levar a melhor sobre ele —, que você pode pegar mais insetos com mel do que com vinagre.

— Humm. Interessante — Lauren replicou categoricamente. — Você percebe que, no cenário que você dispôs você é o inseto, correto?

Paul andou para eles nesse instante.

— Então eu vejo que a lua de mel acabou, hein? — ele disse, tensão evidente em seu rosto e voz, mas claramente tentando trazer leveza para a

situação em um esforço a terrível de ignorar a situação.

Lauren e Ben olharam para ele, nenhum deles disposto a ser o primeiro a pedir uma trégua mostrando um sorriso.

Depois de um momento de silêncio carregado de tensão, Paul disse desconfortavelmente

— Ok, então. Se é assim que vocês vão fazer isso, eu serei claro e direto. Sendo honesto com vocês dois, sua dinâmica essa manhã está uma merda. Eu preciso que vocês relaxem. Lembram da semana passada? Quando foi maravilhoso? Achem que podemos aproveitar um pouco desse improvável sucesso?

Ben e Lauren só olharam para ele. Ben não estava certo do que Lauren estava pensando ou sentindo, mas ele, por seu lado, estava extremamente assustado. Essa não era uma conversa que você queria ter com seu diretor, não se você queria manter seu emprego.

Essa era a primeira vez em sua carreira — em qualquer de suas carreiras, realmente — que ele estava em uma situação onde ele tinha que dizer a si mesmo para manter sua cabeça no jogo, se ligar, se proteger de si mesmo, e ainda não ser capaz de fazer isso.

Se ele seguisse essa trilha de pensamento sua lógica conclusão, poderia ser uma indicação de que ele estava perdendo o jeito. Se ele não pudesse fazer a transição para o modo profissional reconhecendo o momento, independente do estresse pesando nele ou o que mais poderia estar acontecendo em sua vida, então fim de jogo. Acabou.

Determinado a não deixar isso acontecer, resolvido a provar para os dois, Paul e a si mesmo que essa era só uma manhã ruim e ele podia de fato, resolver isso, ele disse com renovado foco

— Absolutamente, Paul. Você está certo. Eu posso ajustar. Sem problema. Eu sou profissional.

Mesmo sem olhar para ela em pé perto dele, ele sentiu Lauren encrespar. Ele não precisava vê-la para sentir seu incomodo olhar quando ela desviou seus olhos, olhando de lado para ele.

— Isso é um sim para mim também, Paul — Lauren disse, sua voz tão macia como bumbum de bebê. — Eu certamente sou uma profissional também.

Ben suspirou internamente, repreendendo a si mesmo. Bem, é claro que ela tinha tomado essa declaração pessoalmente. Ele certamente não

tinha pensado sobre como isso poderia soar antes que as palavras saíssem de sua boca, particularmente da perspectiva dela. Ele estava tão preocupado sobre sua vida e sua carreira, e o que essa desastrosa manhã significava nenhum escopo de duas dessas coisas que ele não pensou sobre os sentimentos dela ou as implicações que os acontecimentos dessa manhã podiam ter para ela.

Ele queria puxá-la para o lado, olhar em seus olhos, falar com ela honestamente, deitar todas as suas cartas na mesa e por fim ver que tipo de reação isso podia ter, por causa do que essa rotina passivo-agressiva estava fazendo por ele. Não era o modo que ele gostava de operar. Não era quem ele realmente era. Como com muitas coisas em sua vida desde que ele encontrou Lauren, isso era um motor a vapor que estava se movendo para frente sob seu próprio poderoso impulso e ele se sentia completamente sem poder de parar isso.

De qualquer modo, essa conversa não era algo que podia acontecer agora. Paul ia gritar ação novamente, e então ele e Lauren poderiam estar trabalhando. Eles tinham que focar no profissional agora. Eles podiam lidar com o pessoal mais tarde.

Mas ele queria lidar com isso. Ele odiava a indiferença. Ele não gostava de fazer isso, e estava ficando quase insano por perceber isso.

E a pior parte era que ele estava ainda superando a quase irresistível luxúria toda vez que ele parava muito próximo dela — o que seria ao longo de todo dia. Os altos e baixos que ele tinha experimentado desde que encontrou essa mulher era sem precedentes.

O resto do dia de filmagem progrediu bem. Mas não era comparação para o brilhantismo que eles experimentaram na semana anterior; ele e Lauren não vibraram e mostraram na câmera a química mágica como eles tinham em Aspen, mas eles estavam fazendo um bom trabalho. Sua leitura hoje veio mais calorosa e engajada, e eles se relacionaram um com o outro com um respeito profissional que se via na tela.

Quando o longo dia finalmente terminou, Ben juntou suas coisas e passou pela porta da frente da casa para entrar no carro alugado que a produção providenciou para eles dois, ele e Lauren.

Pra sua surpresa, ele não estava em nenhum lugar e nem Lauren.

*Bem, é claro, ele pensou para si mesmo sarcasticamente. Perfeito fim, para um perfeito dia.*

Ele voltou para dentro da casa, onde a equipe estava ainda juntando o equipamento, e agarrou o primeiro assistente que viu.

— Tem alguma ideia de onde está meu carro? — ele perguntou, fazendo seu melhor para manter a tensão e o sarcasmo de sua voz. Afinal, não era culpa do pobre rapaz que Lauren tivesse decidido levar o carro.

— Certo, um segundo que eu vou checar — disse o assistente.

Ele se virou e se afastou uns poucos pés para falar no microfone do seu headset. Em somente um momento, ele voltou com um olhar de arrependimento em seu rosto.

— Sinto muito, Senhor Stevens — o jovem homem disse, nervosismo mostrando através do educado e respeitoso tom de quem estava entregando más notícias — mas eu acho que a Senhorita Harrison levou o carro de volta para o hotel. Você quer que eu chame um taxi?

Ben assentiu, não confiando em sua voz, certo de que isso poderia trair a raiva e o desespero que ele sentia por dentro. Ele não queria descarregar em algum inocente assistente que nada tinha a ver com o fato dele ter sido abandonado.

Merda. Ele adoraria saber o que passou pela cabeça dela.



Lauren saiu do chuveiro, aliviada por ter lavado os resquícios do dia. E que loucura esse dia tinha sido.

Durante todo o dia, ficando dois metros longe de Ben, tendo que reprimir seus sentimentos... ele estava agindo como um babaca. Ela estava agindo como uma safada — porque sim, ela era autoconsciente o suficiente para reconhecer que mesmo se ela não tivesse descoberto ainda um jeito de parar, eles dois estavam se comportando tão mal que a sua atuação no trabalho estava sofrendo.

Sim. Não exatamente um dia de calmaria na vida e carreira de Lauren Harrison.

Quando a filmagem terminou, ela simplesmente não podia continuar lá nem mais um momento. Quando ela chegou ao carro, miserável, esperando que Ben finalmente saísse um dos assistentes bondosamente ofereceu para arranjar um taxi para Ben quando ele estivesse pronto para ir, já que estava claro que suas agendas não estavam alinhadas. Ela ficou tentada a chorar de alívio e gratidão.

Certo então, para sua perspectiva de uma abençoada, e solitária viagem de carro de volta para o hotel soava como se fosse equivalente ao restaurador poder de uma semana nas Bahamas.

E foi adorável, viajar no suave, silencioso ar condicionado passando pelas desertas planícies laranja e dourado do por do sol. Parecia místico, curativo, e Lauren sentiu a calmante influência da bela paisagem de deserto trabalhando em sua alma.

Aproveitando esse impulso, logo depois de entrar em seu quarto de hotel, Lauren apelou para seu outro aliado confiável na guerra contra o caos emocional. Um banho longo, quente e gostoso.

Em sua experiência era quase impossível não se sentir como uma pessoa inteiramente nova depois de um banho restaurador.

Depois, ela se sentou em sua cama com o cabelo escovado, e usando seu traje mais casual — jeans de grife e uma suave, camisa de algodão cinco fios — pronta para sair e comer alguma coisa.

Ah sim, ela pensou afetuosamente. *O trio de retorno-a-estabilidade-mental: um momento de solidão, um longo banho de chuveiro, e uma refeição quente. Nunca falha.*

Quando ela saiu do quarto e se dirigiu para o elevador, ouviu um pequeno riso vindo do fundo do corredor. Ela automaticamente virou a cabeça para o som e então gelou com o que viu.

Ben. E uma garota. Entrando em seu quarto.

E eles dois pareciam muito felizes fazendo isso.

A garota era jovem... muito jovem. Lauren podia apostar e embora ela não pudesse ver seu rosto, podia ver que ela tinha longas, potentes, pernas bronzeadas pelo sol da Califórnia e cabelos castanhos brilhantes, volumosos e ondulados.

Lauren podia dizer pela graça fácil e confiança com o que a garota conduzia a si mesma, seu comportamento radiante sem esforço, que ela sabia que era bonita. Lauren tinha aquela confiança de “garota bonita”, e ela reconhecia isso em outras mulheres. Essa garota tinha isso.

Lauren sentiu como se tivesse recebido um soco no estômago.

Mesmo depois que a porta do quarto de Ben se fechou, ela continuou parada chocada por mais um momento.

Então a raiva começou a ferver dentro dela. Raiva da coragem dele. Raiva de sua insensibilidade. Raiva dele simplesmente não se sentir tão fortemente afetado por ela como ela se sentia por ele.

Ela sentiu a raiva ferver e se elevar, até encorajou o sentimento, porque ele parecia melhor que a alternativa — a abrasadora tristeza, semelhante a um soco no estômago.

Seu primeiro instinto foi bater na porta de Ben, encarar o feliz casal, e falar poucas e boas para aquela cobra.

*Sério, não seria bom?*

Mesmo em seu elevado estado emocional, contudo, ela reconheceu a loucura desse plano. Isso poderia ser ridículo. Certo, ela podia ter fortes sentimentos pelo cara, mas isso não significava que ele pertencia a ela. Ela não tinha nenhum direito sobre ele. Ele não devia explicações a ela. Eles não tinham um relacionamento, e ela não devia se importar com quem estava entrando em seu quarto.

Mas ela se importava. Ah sim. E não importava se isso não fosse da sua conta. O fato era que ela se importava muito com aquela jovem morena pernalta que estava entrando no quarto de Ben.

Ela precisava deixar isso para trás.

Não. Ela percebeu de repente que o que ela precisava era de um choque de realidade. E tinha somente uma pessoa que poderia ser confiada para dar a ela uma confiável e afiada claridade.

Lauren abriu a porta do seu quarto e entrou de novo, pegando seu telefone na bolsa enquanto isso. Ela procurou em seus contatos até que encontrou a foto da garota fazendo careta para câmera.

Quando Karina atendeu, Lauren disse

— Ok, Confúcio. Eu acho que eu preciso de um pouco mais da sua sabedoria.

Karina ouviu rapidamente quando Lauren contou a ela tudo sobre como Ben a vinha tratando essa semana. Lauren não deixou passar nada, a reunião de produção, a sessão de dublagem. A viagem para Palm Springs, a filmagem, como ele a tinha ignorado completamente ou entregando algumas pontiagudas alfinetadas, como se estivesse tentando derrubá-la em uma luta.

— E a pior parte, Ka — a cereja em cima do sundae — é que, nem mesmo dez minutos atrás, eu o vi levar uma garota risonha direto para dentro do seu quarto, bem na minha frente.

Houve um silêncio no outro lado da linha. Lauren se perguntou se a ligação tinha caído.

— Karina? Você ainda está aí?

— Eu estou aqui. Sinto muito — Karina respondeu. — Só processando. Então, eu tenho duas perguntas.

— Manda.

— Primeiro de tudo... você perguntou a ele o que estava acontecendo?



— Não. Deus, ele está em seu quarto com ela bem agora. Eu não vou simplesmente bater na porta e invadir — Lauren disse indignada, deixando de fora a parte onde ela tinha considerado fazer exatamente isso.

— Não sobre a garota, sua idiota. Sobre tudo isso. Sobre a repentina mudança de personalidade.

— Bem... não. Eu quero dizer, eu não vou me ajoelhar e implorar a ele para me tratar com cortesia.

— Sim. É claro, você está certa Lauren. Isso é exatamente o que eu sugeri. É estranho como você pode ler nas entrelinhas. Quando eu perguntei se você tinha perguntado a ele o que estava acontecendo, é claro que eu queria dizer era que você devia se prostrar na frente dele e implorar pela básica bondade humana.

Lauren suspirou.

— Entendi. Então não. Em resposta a sua pergunta, eu não perguntei a ele o que estava acontecendo.

— Ok, bem, desde que nós não temos a versão dele, então nós temos que bancar um pouco Matlock na situação.

— Um pouco de quê?

— Matlock. Você sabe. Nós vamos ter que fazer um trabalho de detetive.

— Matlock era um advogado.

— Ele também descobria coisas. Ah meu Deus, você é a pior pessoa para se ter uma conversa sobre relacionamento. E ou você não consegue entender minhas referências de cultura pop ou eu tenho que me esforçar para ouvir você sussurrar sobre o som de água correndo. Se é com isso que eu tenho que lidar, eu estou repensando começar uma coluna de conselhos. E que tal Columbo? Rockford? Father Dowling? Esses detetives de televisão contam com sua aprovação?

— Um... eu sinto que essas referências saltam imediatamente à sua mente por que você, talvez, tenha passado muito tempo assistindo televisão com sua vó quando criança.

Karina bufou.

— Brinque comigo em Trivial Perseguição de Cultura Pop mais vezes e nós veremos quem vai rir por último então.

— Touché. Agora vamos voltar para minha situação?

— Ok, então quando foi a última conversa que vocês tiveram que ele estava se comportando bem? — Karina perguntou.

— Vamos ver. Eu acho... foi quando nós estávamos indo para casa do aeroporto, voltando de Aspen.

— Ok. E a conversa foi sobre o quê?

— Bem, ele estava sendo gentil, na realidade. Realmente gentil. De fato, ele me pediu para ir com ele no Baile dos Heróis de Guerra.

— Uhum. Então o que você disse?

— Bem, eu disse a ele que já tinha planos para ir com um amigo.

— O que?! Ah meu Deus. Binzer!

— O que? O que é um Binzer?

— Binzer... você sabe. Ele era o ajudante de Dan Tanna em Vegas. Ele estava sempre dizendo coisas idiotas. Tipo como dizer a um cara sexy com quem você acabou de dormir que você já tinha um encontro para um evento formal que ele convidou você para ir? Você sabe. Coisas idiotas como essa.

— Ah, Ok. Então nós ainda estamos fazendo a coisa de detetive de televisão? Incrível — Lauren disse secamente.

— Isso é incrível — Karina replicou. — Quando eu comecei uma linha de alusões à cultura pop, eu gostaria de seguir assim pela conversa. Então, escute aqui moça. Se você quer ser promovida na hierarquia de “Ajudante de Detetive de Ficção interpretado por Robert Urich” de Binzer para um  *muito* superior Hawk, você precisa manter sua cabeça no jogo.

Lauren suspirou.

— Eu não sei o que você pensa que eu devia fazer. Eu já tinha dito para Eric que iria com ele.

Karina suspirou, seu tom ficou mais sério.

— Olha, amor. Você sabe que eu sou cem por cento Time Lauren, certo? Vamos apenas começar do início. Mas você tem que entender... você transou com esse cara, então ele pede para você ir com ele para um evento  *muito* publico, e você o rejeitou, dizendo a ele que você já ia com um “amigo” que é um cara bonito. Você não mencionou que o dito “amigo” era um cara bonito. Você então terminou chupando a língua do dito cara bonito na frente não somente de Ben, mas também da cidade inteira. Então você apareceu para trabalhar na segunda e ficou realmente surpresa que

Ben tratou você com indiferença? Vamos Lauren. Você não é assim tão ingênua.

Lauren foi completamente pega de surpresa por essa recitação e disse em uma voz baixa:

— As pessoas viram Eric me beijar?

— Sim. Mas mais do que isso, eles viram você corresponder.

Lauren disse defensivamente

— Bem, foi só... eu queria dar uma chance... você sabe, pelos velhos tempos da faculdade. Eu “devia” gostar de Eric. Em teoria ele é perfeito para mim. Ele foi meu primeiro, ele é sexy, e é realmente um cara legal. Ele é exatamente o tipo de pessoa com quem eu deveria terminar... mas não aconteceu nada entre nós quando nos beijamos. Nada. Nenhuma fagulha, nenhuma química, nada. Nada mesmo.

— Ok. Perfeitamente razoável. Faz sentido para mim. Provavelmente porque, você sabe... eu agora ouvi você explicar. Você explicou isso para Ben?

— Não — Lauren estalou, suas defesas se levantando de novo. — Eu não devo a ele nenhuma explicação.

— Umm, verdade. Tipo de como ele não deve a você uma explicação pela garota que estava no quarto dele. Certo?

Lauren ficou quieta. Ela sabia que Karina estava certa, mas ela não queria admitir isso.

Diante do seu silêncio, Karina disse:

— Olha, se você não quer falar com ele, que tal simplesmente aparecer em sua porta usando apenas um casaco e piscar para ele?

— Ah meu Deus, eu nunca fiz isso! — Lauren protestou.

Karina suspirou.

— Eu realmente acho que você tem de algum modo perdido a mensagem do poder da nudez feminina.

Lauren riu.

— É poderosa, é?

— Ei, eles não me chamam de Mestre dos Fantoques por nada.

— Ninguém chama você assim.

— É claro que chamam.

— Eu nunca ouvi ninguém chamar você assim.

Karina bufou.

— Tanto faz. Como se você conhecesse todas as pessoas. De qualquer maneira, apenas pense nisso. Tenho que ir, Bernie está ligando. Amo você, garota! Me chame se outra crise ocorrer que você precise de mim para te iluminar.

Antes que Lauren pudesse voltar com uma réplica espirituosa, Karina tinha desligado o telefone.

Lauren não podia dizer que ela se sentia melhor depois da conversa no telefone com Karina. Não, ela ainda sentia todas as ácidas emoções que estavam queimando dentro dela antes da chamada — raiva, desespero, tristeza, e confusão. A única diferença era que, agora, elas não estavam mais direcionadas a Ben, mas estavam muito focadas diretamente sobre ela mesma.

Por que isso tinha que ser tão complicado?



Ben abriu a porta do quarto do seu hotel e gesticulou para sua bela companheira entrar na frente dele. Assim que eles se viram dentro do cômodo, ele a apertou em seus braços, emoção enchendo seu rosto.

— Deus, como eu senti sua falta! — ela exclamou.

— Eu também, Bri — ele disse, o poder de sua afeição fazendo sua garganta apertar.

Ela chegou para trás, rindo feliz, e então despenteou seu cabelo.

— Você sabe, Mamãe vai chutar sua bunda se não ligar para ela logo só para conversar. Toda vez que você liga, é para ter uma atualização em sua situação médica, e ela sente que você está muito preocupado com ela.

Ben suspirou.

— Caramba, mana. Estou feliz que você pôde vir da UCLA com tão pouca antecedência. Você é como um pequeno raio de sol iluminando minha vida.

Brianna deu de ombros.

— Eu vivo para servir, irmão mais velho.

Ben falou cuidadosamente, sabendo muito bem que estava pisando em território sensível.

— Então... como a mamãe está? É difícil saber pelo Skype.

Brianna deu de ombros, olhando para baixo para sua camisa, puxando um fio que tinha de repente ficado aparentemente muito fascinante

— Ah, você sabe. Bons dias e maus dias. Ela não quer que você se preocupe.

Ben soltou um pequeno irônico estouro de riso.

— Bem, isso é impossível.

Os lábios de Brianna formaram um pequeno meio sorriso triste

— Sim. Eu sei. Eu quero dizer, ela só se sente mal por você estar cuidando dela, você sabe? Quando ao contrário, ela é que devia estar cuidando de você. Mas ela não pode.

Ben assentiu, não confiando nele mesmo para falar.

— Então, é por isso que você está chateado? Você está preocupada sobre a mamãe?

Ben franziu sua testa.

— Quem disse que eu estou chateado?

— Mamãe disse que você estava mal-humorado nas duas últimas vezes que ela falou com você.

Ben deu de ombros.

— Bem, sim. Quer dizer... as últimas poucas vezes que nós nos falamos, ela tinha alguma má notícia médica para compartilhar. Eu não vou fazer uma festa no Skype.

Brianna estreitou seus olhos para ele.

— Simmm... é mais que isso.

Ben sacudiu sua cabeça, aborrecido com a persistência da sua irmã mais nova.

— É dinheiro? Porque você sabe que não tem que pagar pela UCLA. Eu posso arrumar um emprego, empréstimo estudantil...

— Merda, não. Eu não quero que saia da faculdade já estrangulada com débitos. Além disso, o dinheiro está bem. Eu tenho esse novo programa a caminho e a agência tá indo melhor do que nunca. Não se preocupe sobre dinheiro. Eu tenho sua faculdade coberta várias vezes.

Seus olhos levemente castanhos estreitaram mais.

— Então deve ser... uma garota — ela disse conscientemente.

— Não — ele respondeu muito rapidamente.

— Hah! — ela apontou um dedo acusatório para ele. — É uma garota! Seu cachorrão! Mamãe estava certa! É aquela mulher que está trabalhando

no programa com você. Laura ou alguma coisa.

— Lauren.

— Ben e Lauren. — Ela tentou a combinação em sua língua, considerando pensativamente quando falou sobre o assunto. — Eu gosto. Gosto muito disso.

Ben deu a ela um misterioso meio sorriso, mas se recusou a reconhecer o que ela estava dizendo.

— Awnnn... — ela o adulou com um largo sorriso brincalhão. — Eu acho isso tão fofo! Eu gosto de ver você amarrado em nós por causa de uma garota. É muito mais divertido estar amarrado em nós por isso do que pelas coisas sobre as quais você normalmente tem que se preocupar como cuidar de uma mãe doente e praticamente criar uma irmã caçula pé no saco. Sem mencionar ser financeiramente responsável por isso tudo.

Ele sorriu, despenteando seu cabelo.

— Você sabe que eu não posso negociar isso.

— Você sabe, Ben. Eu posso ter somente vinte anos, mas eu estou estudando para ser psicóloga. Você devia me dizer o que está acontecendo. Eu posso ajudar.

Ele bufou.

— Tem mais chance de nevar no inferno do que isso acontecer, minha pequena pé no saco — ele disse afetuosamente.

Ela sorriu o sorriso superior usado somente por aqueles que sabem que eles têm a vantagem final.

— Tudo bem — ela disse levianamente, pegando seu telefone. — Se você não quer falar comigo, eu vou simplesmente ligar para mamãe. Eu direi a ela como você parece triste e que é por causa de uma garota.

— Bri, não seja uma pirralha. Mamãe precisa descansar. Ela não precisa de você ligando para ela e a incomodando com isso.

— Ha! — Brianna gritou triunfantemente. — Você acha que minha ligação vai incomodá-la? Ela me enviou nessa missão, querido irmão. Eu preciso coletar os fatos. Ela está esperando minha ligação.

— Bri, não — Ben disse mais enfaticamente, sua voz tomando um tom de alerta.

— Eu estou discando — Brianna cantou, deslizando seus dedos através da tela do seu telefone para desbloqueá-lo.

Ben tentou agarrar o telefone, mas ela era jovem e ágil, e conseguiu mantê-lo longe dele.

Não querendo carregar sua mãe com seus contos relativos ao infortúnio de Lauren enquanto ela devia estar focando em se recuperar, ele relutantemente cedeu.

— Ok,ok! — ele disse muito alto. — Eu direi a você o que está acontecendo.

Sorrindo triunfantemente, Brianna afastou o telefone e então pulou na cama, cruzando as pernas na frente dela como as crianças no jardim de infância se aprontando para a hora da história.

— Ok, então, Benny. Desembucha — ela disse alegremente.

Ben sacudiu a cabeça, hesitantemente se lançando na história, pulando a parte do sexo, é claro. Ele estremeceu. Ela podia ter vinte anos, mas ele não achava que ela fosse velha o suficiente para falar com ela sobre isso.

Quando ele terminou de detalhar todas as situações tensas que aconteceram essa semana durante as filmagens, ela perguntou incisivamente

— Então toda essa tensa e suavemente hostil interação — incluindo ela indo para o baile dos heróis da cidade com seu amigo policial sexy — isso tudo aconteceu desde que você voltou de Aspen?

— Eu não disse que ele era sexy — Ben apontou. Ela olhou para ele como quem diz: *Qual é, Serio.*

Ele não ia discutir com ela. O cara era atraente. Então ela continuou e assentiu.

— Então, você perguntou a ela o que mudou? — Ben sacudiu sua cabeça em negativa.

Brianna rolou os olhos.

— E você disse que eu sou a imatura. Você acha que ela está surtada só porque vocês dormiram juntos?

Chocado, Ben balbuciou

— Nós... o que você... eu nunca disse...

— Sim — ela disse secamente — Se acalma. Você teve muito cuidado com eufemismo. Mas em minha experiência, quando dois adultos consentem que estão atraídos um pelo outro saem da cidade juntos para o fim de semana e seu “relacionamento muda” e sua “conexão evolui” e eles

“ficam muito mais próximos” ... bem, vamos só dizer que é muito seguro apostar que eles transaram. Provavelmente algumas vezes.

Ben fechou os olhos, assustado.

— Eu ainda estou operando sob a suposição de que você nem mesmo sabe o que é isso e nunca vai saber.

Brianna suspirou.

— Olha Ben, eu não sou mais criança, não importa o que você pode convencer a si mesmo a acreditar. Eu sei sobre essas coisas. E o que eu sei bem agora é que, não importa o que mais aconteça, não importam as consequências, você precisa se sentar e falar com ela sobre isso.

Ben deu uma rápida, decisiva sacudida de cabeça.

— De jeito nenhum. Ela claramente não está levando isso seriamente. Por que deveria?

— Porque é obvio para mim que esse é o primeiro relacionamento que você já teve, que está realmente levando a sério. Não acha que isso merece pelo menos uma conversa?

— Eu não estou levando a sério — Ben protestou.

Brianna rolou seus olhos, seu modo preferido de expressar o sentimento “Tanto faz!” desde que ela tinha doze anos de idade.

— Não estou — ele reiterou, embora mais fracamente.

— Certo, irmão — ela disse sarcasticamente. — Tanto faz o que você diz.

Ben sacudiu a cabeça, mas ele sabia no fundo do seu coração que não acreditava em seus protestos mais do que ele acreditava.





Depois de uma tensa manhã de filmagens, Lauren foi para seu trailer para esperar pelo carro alugado pegá-los e levá-los para o aeroporto. Ela viu Ben passando pela porta e se dirigindo para o trailer dele também. Ela suspirou. Como navios cruzando na noite. Não. Isso soava muito sonhador, muito romântico, muito passivo. Eles eram mais como tanques blindados cruzando na noite, só não atirando um no outro por uma receosa trégua.

Lauren estava ainda fumegando por ter visto a garota entrando no quarto de Ben na noite anterior, e agora ele estava aumentando sua raiva por persistir em dar a ela o tratamento silencioso.

Ah, a menos é claro que a câmera estivesse gravando. Então ele se transformava no charme como ninguém mais no mundo.

Lauren não podia tirar a conversa com Karina da sua cabeça. Isso estava girando em um loop... e, francamente, deixando-a louca.

Finalmente, ela percebeu que ela nunca teria paz por somente pensar sem descanso sobre a situação com Ben, girando e girando em sua cabeça como um frango no espeto. Não tinha nada novo para aprender com isso, nenhum progresso poderia ser feito desse modo.

Não. A única coisa sensível a fazer — merda, a única coisa a fazer, agora — era ir para seu trailer e resolver isso com ele de uma vez por todas. Isso não ia melhorar até que ela tomasse alguma atitude para fazer melhorar, e na hora de tomar uma atitude, o lema de Lauren tinha sempre sido, “Não há momento como o presente.”

Ela andou para o trailer de Ben, sua metafórica armadura e suas armas em punho, pronta para batalha. Ela sorriu amigavelmente para os membros da equipe que passavam por ela. Ela podia não admirar muitas coisas sobre Ben Stevens e o modo que ele agia, mas ela admirava como ele separava suas emoções de seu comportamento profissional. Ela podia fazer o mesmo.

Ainda assim, ela se perguntou se, além da fina fachada de seu cumprimento amigável, eles podiam enxergar a fumaça escapando de suas orelhas enquanto ela se aproximava do território inimigo.

Ela alcançou a porta de Ben e levantou sua mão para bater, mas parou momentaneamente por um sentimento rolando em seu estômago. Droga. Por que seu estômago estava tão instável?

Será que foi algo que ela comeu? Poderiam ser... borboletas? Nervosismo? Não é possível. Ela não os tinha.

Ela sacudiu sua cabeça. Ela não ia ficar aqui nos degraus do seu trailer e analisar seus sentimentos. Ela ia resolver isso. Se ela se colocasse no lugar dele enquanto ela estava fazendo isso, bem... ele meio que merecia isso. Assim era muito melhor.

Lauren bateu com determinação na porta. *Opa*, ela pensou. *Talvez tenha sido um pouco alto...*

Mas ela nem mesmo teve tempo para parar e considerar isso, porque meros segundos depois que ela bateu, a porta abriu, revelando Ben, parado na frente dela, obviamente tendo acabado de sair do chuveiro. Seu peito brilhava com condensação, seu cabelo hipnotizante derrubando algumas pequenas gotas de água em seus ombros, e ele não usava nada além de uma cueca boxer preta que parecia ter sido feita sob medida para aquele corpo maravilhoso.

Lauren parou lá, atônita, momentaneamente sem fala pelo que via na sua frente e a onda de hormônios que isso desencadeou.

Ben sorriu com uma fagulha de luxúria brilhando em seus olhos também.

— Aproveitando a vista? — ele perguntou com um pequeno sorriso ácido.

Essa alfinetada trouxe Lauren de volta à realidade. Sua raiva apareceu novamente, e ela rudemente o empurrou passando por ele para entrar no trailer.

— Quer saber? — ela disse com raiva, mais enfurecida com a maneira blasé que ele adotou enquanto casualmente se apoiava no canto com seus braços cruzados, enquanto ela entrava no trailer e fechava a porta atrás dela. — Eu não aprecio ser tratada como uma cidadã de segunda classe, como poeira em seu sapato, como uma irritação com que você tem que lidar. Eu merecia pelo menos ser tratada com respeito.

Seu languido cavalheiresco sorriso enquanto assistia seu discurso selvagem fez seu estomago afundar. Merda. Ela tinha mostrado sua mão por revelar suas emoções turbulentas. Agora ele sabia que mantinha a posição de poder. Ela nunca poderia ter feito isso em uma negociação profissional. Ela estava perdendo o jeito?

— Respeito, hum? — ele disse sarcasticamente. — Eu acho que eu estou tratando você com respeito.

Lauren sacudiu sua cabeça insistentemente. Só porque ele estava agora negociando de uma posição mais forte, isso não era razão para ela abandonar a sua completamente.

— Você não está agindo assim — ela disse em um tom muito mais equilibrado. — E eu apreciaria muito se você começasse.

Um lento sorriso passou pelo seu rosto quando ele a olhou nos olhos e prendeu seu olhar.

— Bem, minha querida, se você somente soubesse o que eu queria estar fazendo bem agora e a restrição que eu estou mostrando por causa do *respeito* que eu tenho por você, você ficaria impressionada com o nível do meu respeito e da minha força de vontade.

Lauren estava começando a perceber como o trailer era pequeno e a nudez da pele dele. A combinação desses dois fatores, quando adicionado a sua já aumentada ira, estava fazendo o sangue bombear através de suas veias de forma quente e rápida.

Ela andou para ele, suas bochechas corando com intimidação e excitação. Honestamente, ela estava tendo dificuldade em separar os dois nesse momento.

— Isso é uma ordem ou uma ameaça? — ela perguntou em uma voz baixa e fria como aço.

Ele abandonou sua postura casual inclinado no canto para dar um passo para frente em direção a ela, colocando meros milímetros entre eles.

— Não uma ameaça — ele murmurou —, somente um fato.

Lauren sentiu a complicada mistura de raiva e excitação que estava inundando seu organismo surgir mais forte, e ela estreitou seus olhos para ele.

— Ah, por favor — ela disse com controle de ferro. — Se você está me tratando com luvas de pelica, pode tirá-las. Eu posso lidar com qualquer coisa que você disponha.

Ben respondeu em um rosnado rouco:

— Eu acho que não.

Lauren sorriu para ele, sentindo-se mais uma vez em vantagem.

— Eu acho que sim.

A intensidade de sua conexão era tão esmagadora naquele momento que Lauren se encontrou tendo dificuldade em continuar consciente.

— Você está certa sobre isso? — ele perguntou, e toda sua insolência tinha ido. Essa era uma pergunta sincera.

Ela meio sussurrou, meio gemeu:

— Sim...

Antes mesmo que a palavra se espalhasse por seus lábios cheios, Ben esmagou sua boca contra a dela, beijando-a com desespero, como se temesse que pudesse nunca ter outra chance.

A urgência que os estava envolvendo arrancou um grito da garganta de Lauren, e ela enterrou suas unhas nas costas dele. Ela se sentia como se mal pudesse respirar enquanto, ao mesmo tempo, sentindo mais viva, mais impregnada com o ar da vida do que ela podia se lembrar.

Ela não podia acreditar que esse tipo de paixão, esse tipo de imprudente abandono, existia dentro dela. Ela era controlada; muitas pessoas tinham acusado ela de ser fria. Mas na verdade, ela era só impaciente, perfeccionista, competitiva, altamente racional, altamente organizada, altamente no controle das coisas.

Exceto quando estava perto de Ben.

Então, parece que nada mais era certo.

Ela nunca experimentou paixão tão poderosa, tão completamente dominadora, que ela abandonou a ideia de estar no controle, não se importando sobre o que os outros podiam pensar dela, ou considerando que consequências suas ações poderiam ter.

*Consequências que se danem*, Lauren pensou. Ela jogou seus braços ao redor do pescoço de Ben e pulou em seu colo, enroscando suas longas

pernas ao redor da cintura dele apertando tanto quanto suas longas coxas podiam conseguir.

Ben deslizou suas mãos fortes para baixo onde elas estavam segurando sua cintura e agarrando sua bunda, mantendo-a fora do chão enquanto eles se beijavam apaixonadamente, suas línguas se entrelaçando como se em batalha, seus lábios empurrando um contra o outro urgentemente, sua paixão subindo a um passo febril.

Enquanto eles se beijavam, Ben a carregou para o balcão e a sentou nele, nunca afastando sua boca da dela.

Lauren correu suas mãos para cima e para baixo das costas dele, não se incomodando em ser gentil ou deixar seus dedos deslizarem sobre a superfície de sua pele com um toque leve e macio. Não. Ela o queria, e ela ia tomar o que queria como um tigre busca sua presa.

Ben estava progredindo com o mesmo turbulento frenesi, suas mãos correndo sobre o corpo dela com um fervor selvagem e irrestrito. Se ele estava seguindo a condução dela ou meramente tendo uma experiência paralela, Lauren não se importou muito. Tudo que ela sabia era que a feroz intensidade com que ele estava se agarrando a ela, o indomado ardor com que suas mãos e boca vagavam sobre ela, estava levando a paixão dentro dela a novas alturas.

Ben puxou sua saia mais alto na altura das coxas com brutalidade, ignorando o fato de que esse era um tecido fino. Em um distante canto do seu cérebro, Lauren ouviu a saia rasgar, mas mais que fazer com que ela se preocupasse sobre como podia explicar a situação para Barbara e Marlene mais tarde, isso somente enviou um impulso elétrico de paixão através de seu corpo tão intenso que a deixou positivamente tonta.

Lauren enroscou as pernas ainda mais ao redor da cintura de Ben, trazendo seu pé para cima e enterrando seus calcanhares nas costas dele para dar uma maior alavancada. Ela sabia agora que suas unhas e seu afiado calcanhar estavam enterrados na pele dele.

Nesse momento, Lauren estava completamente absorta no que estava sentindo. Ela queria alcançar seu próprio prazer. Essa era uma emoção muito erótica, como ela nunca experimentara antes e era um efeito colateral irônico, mas benéfico de transformar Ben em algo mais.

Ben moveu as mãos para as coxas dela, deslizando-as mais para cima vigorosamente, empurrando sua saia todo o caminho até a cintura. Agora a

única coisa separando o corpo de Ben de suas sensíveis partes era uma parcela minúscula de roupa, feita da mais fina renda e seda.

Lauren empurrou seu pé para baixo da cintura de Ben, enganchando seus calcanhares no cóis de sua cueca boxer enquanto eles se moviam. Ela deslizou-a para baixo, e quando fez isso, ela moveu suas mãos para baixo ao longo de suas costas para agarrar seu traseiro rígido recém-descoberto.

Quando Lauren percebeu que a cueca boxer de Ben não ia deslizar com facilidade pelas suas pernas porque elas estavam presas em sua enorme ereção, ela moveu as mãos ao redor de sua cintura, deslizando-as para baixo de seu tronco e fazendo-o gemer. Ela então continuou sua viagem mais para baixo para desenganchar suas cuecas boxer e libertar seu membro da contenção.

Apoiando uma mão no ombro e no pescoço dele para se equilibrar, ela usou a outra mão para agarrar sua ereção, acariciando-o lentamente para cima e para baixo, sentindo-o estremecer e tendo uma forte descarga elétrica ela mesma toda vez que sentia uma onda de prazer rolar através do corpo dele.

Enquanto ela usava a mão em seu membro, ela sentiu a pele de seus ombros e costas ficar úmida e sua respiração acelerar, assim como a dela. Suas bocas estavam tão próximas juntas, sua conexão tão visceral e profunda, que ela estava tendo dificuldade em dizer onde sua respiração terminava e a de Ben começava.

Ben moveu as mãos para cima e para baixo do lado de fora das coxas dela. Ele agarrou o as finas tiras que formavam a lateral da calcinha dela e tentou puxá-las para baixo mais de uma vez, mas por causa do ângulo das pernas dela, ele não foi capaz de fazer muito progresso.

Estava claro para ela que, pelo modo que ele estava acariciando suas pernas com uma leve pressão para baixo e o modo que ele continuava a tentar e falhar em fazer progresso puxando sua calcinha mais para baixo por suas coxas, ele estava tentando dar a ela sutis dicas para desenrolar suas pernas do redor de sua cintura para que ele então pudesse remover sua mais íntima peça de roupa.

Ela sorriu para si mesma.

Ela ia ignorá-lo.

Primeiro, ela estava perfeitamente feliz aqui, com suas pernas luxuriosamente enroscadas ao redor dele, acariciando sua poderosa ereção,

olhando o prazer em seu rosto enquanto ela movia sua mão.

Em segundo lugar, ela estava interessada em ver onde ele poderia ir com isso. Como ele poderia seguir com a luta? Que técnica ele poderia usar? O que ele poderia fazer? O que ele poderia dizer?

Ela gostou de olhar ele trabalhando isso tudo.

Depois de mais duas tentativas, ele inclinou sua cabeça para baixo e sussurrou em seu ouvido:

— Baby, eu quero estar dentro de você...

Ela sorriu e de brincadeira mordeu o lóbulo da sua orelha, a mão ocupada nunca perdendo seu ritmo.

— Sim — ela confirmou, sua voz rouca.

Ele acariciou e sutilmente adulou com suas mãos por uns poucos momentos antes de finalmente pedir a ela diretamente:

— Lauren — ele ofegou desesperadamente —, Coloque suas pernas para baixo por um segundo para que então eu possa deslizá-las para baixo.

Ela sorriu malvadamente, seus rostos menos de uma polegada afastada.

— Rasga logo — ela sussurrou intensamente.

Seus olhos arregalaram

— Você tem certeza?

Seu sorriso se alargou mais.

— Rasga. Ela. Agora — ela declarou provocativamente.

Ben gemeu e enterrou seu rosto no pescoço dela, agarrando com firmeza o tecido de seda que rasgou com um ousado movimento.

A sensação de excitação de Lauren a sua forte ação a fez gritar de prazer embora as mãos de Ben não estivessem na realidade em lugar algum em seu corpo naquele momento. Lauren se sentiu tremendo na borda de um precipício, na beira de cair em um grande desconhecido. Mas mais que tremer sobressaltada por essa perspectiva, ela estava preparando a si mesma para prontamente pular do penhasco.

Assim que o tecido da sua calcinha de renda saiu de seu corpo, ela agarrou Ben por trás, encorajando-o com suas mãos e pernas a entrar nela e completar sua união. Ela precisava senti-lo dentro dela, enchendo-a, trazendo a ela prazer exatamente como ela estava trazendo para ele.

Depois que Ben jogou para o lado sua calcinha, ele agarrou uma camisinha do pacote novo que estava posicionado no balcão, rasgou a embalagem com os dentes, e rolou o látex com uma mão experiente.

Lauren sorriu.

— Você estava preparado dessa vez. Alguém estava confiante.

Ben riu roucamente.

— Esperançoso — ele a corrigiu.

Com isso, ele empurrou dentro dela, se manteve parado quando alcançou o ápice da penetração, acariciando seu cabelo, beijando-a e Lauren sentiu a excitação alcançando novas alturas.

Quando ela pensou que não podia suportar mais, ele começou a se mover lentamente, seu ritmo e intensidade escalando junto com ela, seus braços fortes atrás de suas costas, apoiando-a. Ela se sentiu cuidada, protegida, querida — todas as coisas que ela só sentiu com Ben e todas as coisas que ela estava descobrindo aqui, coisas que a despeito da aparente inocência exterior, eram alguns dos mais quentes afrodisíacos no mundo.

Lauren sentiu o clímax se aproximando enquanto Ben continuava a aumentar o ritmo de seus movimentos. Seus gritos e gemidos ficaram mais altos e mais insistentes, e nem entrou em sua mente que eles estavam em um trailer de paredes finas em um complexo cheio de seus colegas de trabalho — ela estava muito transportada, completamente focada apenas no êxtase.

Mas, aqui novamente, Ben a protegeu.

Quando seus uma vez gentis gemidos e sussurros de prazer se transformaram em gritos de êxtase, ele cobriu sua boca com a dele, seus beijos dando a ela a liberdade de gritar com todas as forças sem ser ouvida.

Lauren estremeceu por dentro quando se sentiu tomada pelo mais convulsivo e poderoso orgasmo que ela já tinha experimentado. Ela sentiu os músculos de Ben ficarem tensos sob seus braços e as vibrações quando ele gemeu em satisfação ao mesmo tempo, embora ele nunca afastasse sua boca da dela.

Depois que o clímax de sua paixão extenuou por si mesmo, o ar esfriou o suor de seus corpos, e o fervor deles acalmou em tranquila afeição e gentil carícia, Ben começou a se mover para longe dela.

Lauren olhou para ele e estendeu seus braços para puxá-lo de volta contra ela.

— Espera — ela sussurrou, enterrando seu rosto na curva do seu pescoço.



Ela abriu sua boca uns poucos minutos antes que ela fosse capaz de dizer o que ela queria, porque expressar necessidade ou dependência por outra pessoa era muito difícil para ela.

Finalmente, convocando toda a coragem dentro de si, ela disse em uma suave e tremula voz

— Eu não estou pronta para sentir você me deixar ainda.

Ela podia ouvir o sorriso em sua voz quando ele enroscou seus braços apertados ao redor dela e replicou:

— Baby, você nunca precisará estar.



*B*en percebeu que Lauren estava quieta na viagem de volta para Hope Falls, pensativamente olhando o cenário se desdobrando do lado de fora da janela. Ele olhou seu belo rosto procurando pelo mais leve sinal de que poderia ter problema fermentando sob o plácido exterior, mas não. Ela só parecia perdida em pensamentos.

Ele já tinha aprendido que se Lauren estivesse chateada com ele, mas fingindo não estar, ele percebia uma elaborada produção dela fingindo trabalhar. Isso era bastante diferente.

Ele gostava do fato de que a estava conhecendo tão bem. Ele queria saber tudo sobre ela — sua história, seus gostos, do que ela não gostava, suas expressões faciais, seus humores, suas peculiaridades... tudo.

Ele estava muito envolvido.

Ben não sabia qual era a etiqueta para deixar alguém saber que você tinha alcançado o lugar emocional no relacionamento onde você está pronto para passar para o próximo nível — ele nunca tinha estado lá antes. Ele achava que tinha algum tipo de processo a seguir, algum tipo de método padrão de indicar para a pessoa que ela é a única com quem você quer estar, a única parceira que você está interessado em ter.

Ele tinha ouvido as pessoas falarem sobre a “DR”, a conversa que você tem com sua parceira onde você “discute o relacionamento” — daí o nome. No passado, quando Ben pensava sobre ter essa conversa com alguém, isso sempre o fazia estremecer, e não de prazer. Não, o estremecimento que isso inspirava nele era de puro terror.

Quando ele pensava sobre se sentar em um sofá ou a uma mesa com uma mulher com quem ele estava saindo e levantar uma definitiva descrição de exatamente o que eles significavam um para o outro, exatamente em que seu relacionamento consistia, aonde seu relacionamento chegaria, e que futuro havia para eles... bem, isso fazia sua pele praticamente estourar em bolhas.

O pensamento de um “relacionamento” em sua mente, tinha significado a ideia de se sentir preso, como a frase — “se render à patroa.” Por que alguém se voluntariaria a estar amarrado a outra pessoa? Essa mesma ideia significava uma perda de liberdade, uma perda de privacidade, uma perda de... basicamente tudo que ele valorizava em sua vida pessoal.

O que ninguém explicou para ele é o tanto que se tem a ganhar ao se comprometer em um relacionamento com alguém com quem se esteja tão fortemente ligado.

Ninguém disse a ele como a mulher certa podia fazer você sentir como se fosse capaz de conquistar o mundo. Ninguém nunca disse a ele como a mulher certa podia fazer você sentir que tinha possibilidades sem fim abertas e disponíveis para você. Ninguém nunca disse a ele que não era uma questão de se sentir preso, porque com a mulher certa, tinha somente um lugar no mundo que você poderia sempre querer estar e somente uma pessoa no mundo com quem você queria estar.

A mulher certa.

Essa era a chave.

Ele nunca encontrou a mulher certa antes. Ele costumava rir quando sua mãe olhava para ele e tão sabiamente dizia:

— Ah, Benny. Não se preocupe sobre tentar sossegar. Quando você encontrar a pessoa certa, você não vai ter que tentar sossegar com ela. Você só vai pensar nisso. Você vai correr com ela para o altar. — Ele tinha honestamente pensado que ela estava louca.

Até que ele conheceu Lauren Harrison e tudo que ele pensava que era verdade sobre o mundo, relacionamentos, e seu próprio coração, se inverteram em sua cabeça.

Agora que estava com Lauren, ele percebeu que sua mãe não podia estar mais certa. Tudo que ele queria fazer, todo o tempo, era estar com

ela. Ele não se importava com o que eles estavam fazendo; ele só queria estar com ela.

Isso ia muito além do sexo que parecia bobo para ele sequer pensar sobre reduzir a ligação que eles compartilhavam a algo dirigido por simples luxúria. Era muito mais do que isso.

Ele honestamente não se importava se eles estavam só sentados juntos lendo ou fazendo palavras cruzadas. Ele amava comer com ela. Ele amava falar com ela. Deus, ele provavelmente adoraria lavar roupas ou ir ao mercado se fosse com ela. Lauren tornava tudo mágico.

E quanto a como ter “a conversa?” Bem, ele estava mais do que pronto. Pode vir. Ele não estava com medo de ser amarrado à Lauren. Na realidade, o oposto era verdade. Seu maior medo, nesse ponto, era de que *ela* não quisesse ser amarrada a *ele*.

Ele sacudiu a cabeça. Ele nunca se sentira desse modo sobre mulheres e relacionamentos. Se fosse necessária apenas uma evidência de que Lauren Harrison tinha poderes mágicos, não precisava olhar para nada além dele. Em somente umas poucas semanas, ela o tinha transformado completamente.

A única questão era — ele tinha feito o mesmo por ela?

Quando eles estacionaram na frente da casa de Lauren, ela ainda não tinha mudado seu humor pensativo, e deixou Ben nervoso pensar sobre deixar as coisas entre eles assim pra baixo. Ele queria que a última impressão que ela teria dele e deles fosse otimista, alegre e cheia de paixão.

Ela se virou para ele, sorrindo silenciosamente, dizendo adeus, e ele lembrou a ela:

— Eu vou estar em Sacramento esse fim de semana na ala de infantil. Então eu não verei seu belo rosto até segunda.

Ela respondeu alegre

— Ok, parece bom. Te vejo segunda, então.

Uhum. Esse não era um mau sinal para qualquer extensão da imaginação, mas também certamente não era a alta nota pela qual ele estava esperando.

Agindo inteiramente por instinto, Ben seguiu Lauren quando ela saiu do carro, agarrou sua cintura, e a girou, puxando-a contra ele e beijando-a

com tudo que ele podia. Enquanto ele a estava beijando, ele se concentrou em realmente usar o gesto para comunicar a ela como estava se sentindo.

Com cada porção de paixão, cada porção de afeição, cada porção de mágica que ele sentia em cada fibra do seu ser sempre que estava no mesmo espaço com ela — com quem ele estava brincando, sempre que ela não estava no mesmo espaço que ele também — ele fez o melhor para comunicar isso a ela com esse beijo.

Quando ele finalmente se afastou e olhou em seus olhos, ele foi recompensado por ver uma óbvia faísca que ele tinha visto durante seus melhores momentos juntos. Agora essa não era a reação pela qual ele estava esperando.

Ela parecia ter sido roubada do poder de falar, e ele gostou de pensar em deixá-la um pouco desequilibrada com alguma coisa sobre o que pensar.

Então sem outra palavra, ele entrou novamente no carro e fechou a porta atrás de si. Quando o carro começou a se mover, ele baixou o vidro da janela e disse

— Vejo você na segunda, linda.

Sua única resposta foi sorrir e gentilmente tocar os lábios, maravilhada.

Isso estava perfeitamente bom para ele.



Lauren se sentou em sua cadeira no clube do livro, se perguntando se devia só ter dado uma desculpa e ido para casa. As coisas estavam confusas com Ben agora, e ela realmente sentia que o que ela precisava agora mais do que qualquer coisa era passar algum tempo sozinha para pensar e tentar chegar a algum tipo de conclusão.

É claro, porque suas amigas faziam o que amigas fazem, se ela tentasse dar uma desculpa e fugir dali, a única coisa que ela poderia conseguir seria atrair atenção para o fato de que ela tinha alguma coisa suculenta para discutir. Ela não poderia sair daqui até meia noite.

Ela não conseguia parar de pensar sobre o último beijo que Ben tinha dado a ela bem do lado de fora da sua casa no dia anterior. Esse foi

diferente de qualquer beijo que eles já tinham compartilhado antes.

Lauren percebeu que o que ela estava para dizer a si mesma era uma afirmação ridícula para duas pessoas que estiveram nuas juntas em mais de uma ocasião, a verdade era que esse beijo na frente de sua casa parecia muito mais íntimo, a coisa mais pessoal que ela e Ben tinham compartilhado. Realmente, isso parecia como a coisa mais íntima e mais pessoal que ela já tinha compartilhado com alguém.

Isso estava fazendo-a pirar.

Quanto mais ela pensava sobre isso, mais ela se sentia como uma idiota por confiar seu coração a alguém como Ben Stevens.

Primeiro de tudo, ela não sabia quais eram as intenções dele. O que ele estava planejando fazer se o programa vingasse? O que ele estava pensando fazer se o programa não vingasse?

Quem poderia garantir que ele não a trataria como uma estranha novamente na próxima vez que eles se encontrassem? Eles iam de muito quente para gelado em um piscar de olhos — o que fazia com que ela pensasse que isso não poderia acontecer novamente?

O que, no fim das contas, fazia com que ela pensasse que não era apenas uma em um grupo grande de mulheres que Ben estava vendo no momento? O que fazia com que ela pensasse que o que estava acontecendo entre eles era especial para ele de algum modo?

E se, da perspectiva dele, essa não fosse nem mesmo uma coisa que estava “acontecendo” e fosse somente uma de suas muitas ligações aleatórias que aconteciam enquanto ele viajava de cidade em cidade, encantando pelo caminho todas as mulheres locais com seu status de estrela da televisão?

Ah, Deus. Era isso o que ela era? Ela era pouco mais que uma tiete local?

Seus instintos diziam que era muito mais que isso, não somente da perspectiva dela, mas da dele também. Afinal, ela ganhava a vida lendo as pessoas. Ela não podia estar errada sobre ele... Podia?

Ela sacudiu a cabeça. Não era possível. Não depois daquele beijo. Não depois de tudo que ela sentiu vindo dele quando ele a segurou, não depois do modo como ele olhou para ela quando se afastou. Não depois disso.

Ela olhou ao redor, se perguntando quanto tempo mais o encontro ia durar antes que ela pudesse fazer sua graciosa saída, e percebeu que cada

uma das pessoas na sala estava olhando para ela.

— O que foi? — ela perguntou.

Amy olhou para seu relógio.

— Seis minutos e quarenta e sete segundos — ela pronunciou definitivamente. — Eu acredito que isso faz Sam a vencedora com sete minutos. A menos que a regra seja o número exato. Eu acredito que a aposta que chegar mais perto vence, certo?

— Pode apostar seu traseiro que sim — Sam disse decisivamente. — Agora entreguem seus dez dólares, perdedoras.

O resto das garotas relutantemente puxou dez dólares de suas bolsas, resmungando enquanto isso.

Karina disse

— Sim, mesmo que nós discordemos disso não vale a pena lutar com você sobre o assunto, Garotinha Competitiva.

— Isso mesmo — concordou Sam, nem um pouco ofendida.

— O que está acontecendo aqui? — Lauren perguntou intrigada.

— Nós apostamos sobre quanto tempo levaria até que você saísse do transe em que estava perdida e percebesse que nós estávamos todas sentadas aqui olhando para você. Eu cronometrei — Amy explicou.

Lauren suspirou. Merda. Agora elas iam fazê-la falar sobre isso.

— Então você agora sabe que terá que falar sobre isso, certo? — Karina disse.

— Eu percebi — Lauren replicou.

— Eu imagino — Karina continuou —, que tem alguma coisa a ver com o Senhor Sexy Co-apresentador, certo?

Lauren riu um riso curto e disse sarcasticamente:

— Como vocês adivinharam?

— Então... você está realmente numa boa com ele agora? — Amanda perguntou. — A última novidade que eu ouvi, é que as coisas estavam bem conturbadas entre vocês dois.

— Acho que sim. Mas o fato de que eu não tenho nenhuma ideia de exatamente quão presente em minha vida ele vai estar depois da próxima semana, é uma grande parte do problema com o que eu estou lidando.

Amanda olhou esperançosa quando perguntou:

— Se você está agora na esperança de que ele permaneça por perto, eu acho que isso é bom. Certo?

Lauren sacudiu a cabeça, parecendo triste. Ela jogou as mãos para cima como se em rendição. Amanda imediatamente cruzou a sala para se sentar perto dela e passou os braços ao redor dos seus ombros.

— Eu não sei se as coisas estão boas ou más entre nós. — Lauren se sentia exausta. — Essa é outra grande parte do problema, mas eu estou tentando lidar com ela.

Karina disse:

— Ok, eu acho que nós vamos precisar tomar isso um passo de cada vez. A última coisa que nós todas soubemos, é que vocês estavam indiferentes um com o outro, e você acabou de vê-lo levando uma garota para o seu quarto. Sobre o que você está realmente chateada? Fala.

— O que você quer dizer, com a última coisa que vocês *todas* sabem? Eu só disse isso a *você* — ela apontou para Karina.

Karina deu de ombros, rindo.

— Certo. Se você não queria que eu contasse para elas, deveria fazer, não apenas supor que eu manteria minha boca fechada. Sinta-se livre contar a história toda novamente.

Lauren sacudiu sua cabeça.

— Esqueça isso. Está tudo bem. Eu vou continuar daqui. Então no dia seguinte, eu fui para seu trailer para resolver isso com ele de uma vez por todas...

— Usando somente uma capa impermeável? — Karina perguntou esperançosa.

— Não, usando minhas roupas normais.

Karina sacudiu sua cabeça e suspirou.

— Quando vocês vão aprender?

Lauren riu maliciosamente.

— Bem, elas tiveram exatamente o mesmo efeito.

— O quê? Sua safadinha. Parabéns! — Karina disse.

— Sim — Lauren disse feliz. — Foi maravilhoso.

— Então quem era a garota? — Amy perguntou.

— O quê? — Lauren estava confusa.

— A garota — Amy esclareceu. — A pessoa que ele levou para o quarto.

— Ah — disse Lauren, seu humor feliz reduziu um pouco. — Um... Eu não sei, realmente.



— E o que ele disse sobre tratar você com indiferença? Ele se desculpou e prometeu nunca fazer isso novamente? — Amanda perguntou indignada.

— Ah, sim, bem... — Lauren gaguejou. — Eu acho que nós realmente desviamos de falar sobre isso.

— Então, deixe-me entender bem — Sam disse com suspeita. — Você tinha numerosas preocupações sobre não somente o comportamento dele, mas o modo que ele estava tratando você, você foi para o trailer dele para detalhar essas preocupações, se defender, e exigir que ele tratasse você com o respeito que merece, e o que terminou acontecendo foi vocês fazendo sexo selvagem e não discutiram nenhuma de suas questões. Soa correto?

Lauren assentiu, parecendo incerta. Ela não tinha realmente disposta a avaliar a sequência de eventos exatamente desse modo em sua mente ainda, mas uma vez que ela fez, ela tinha que admitir que elas pareciam certas.

— E vocês todas me acusam de ser ingênua sobre relacionamento — Sam disse com desgosto.

— Não a escute sobre isso, ela julga todo mundo, menos a si mesma — Karina disse. — Eu, por outro lado, gosto do seu estilo, garota. Eu aprovo de todo coração.

— Eu não estou certa de que essa é a melhor mensagem para enviar a ela, Karina — Amanda disse com preocupação passando por seu rosto.

— O que eu sou, uma apresentadora de programa infantil? — Karina disse. — Ela é uma mulher adulta. Ela não precisa de ninguém formando suas ideias sobre como o mundo é, baseado nas coisas que eu disse para ela. Além disso, eu realmente não sei qual é o problema aqui. Ela foi para o trailer dele para pedir a ele para tratá-la bem. Parece que foi exatamente o que ele fez.

— Só que esse não é realmente meu estilo — Lauren disse, parecendo um pouco deprimida.

— O quê? — Amanda perguntou.

— Karina disse que gostava do meu estilo — Lauren respondeu —, exceto por esse tipo de problema, não é isso? Esse não é meu estilo. Nada disso é meu estilo. Eu não tenho sentimentos tão fortes, eu não abro mão de todo controle, e certamente não curto a bizarra experiência de não ter

absolutamente nenhuma ideia do que está passando pela cabeça da outra pessoa em qualquer dado momento. Nada disso é meu estilo, e eu não gosto nem um pouco disso.

— Mas... eu realmente gosto de Ben. Essa é a parte da coisa que eu não posso deixar passar. Alguma coisa sobre ele é simplesmente especial. Sim, ele me deixa absolutamente louca algumas vezes, e às vezes eu sinto que é como se eu estivesse perdendo a cabeça quando estou perto dele ou quando eu penso sobre ele. Mas em outras vezes, eu me sinto melhor, mais segura, mais feliz, e mais completa do que eu já me senti com alguém ou alguma coisa. Na vida. É um pouco difícil conciliar, para dizer o mínimo — Lauren concluiu.

— Eu devia fazer você repetir tudo isso no aplicativo de gravação do meu celular então eu poderia transcrever e usar como base da letra da minha próxima música — Karina disse, rindo. — Esse é um sentimento universal, ficar de quatro por alguém. Eu sei que você não é uma pessoa do tipo relaxe-e-aproveite-a-viagem, Lauren. Mas, honestamente, meu conselho para você é relaxe e aproveite a viagem. Pode ser conturbado, mas é certeza de diversão.



*B*em estacionou seu carro alugado no estacionamento do *Mountain Ridge Outdoor Adventures* na segunda de manhã. Ele tinha tomado uma decisão e estava determinado a seguir com ela.

Ele pensou muito durante o fim de semana. Passou o fim de semana inteiro sozinho em um quarto de hotel, exceto pelas três horas que ele estava comprometido em apresentar a cerimonia beneficente, o que deu a ele muito tempo para pensar. Então, ele tinha feito muito isso. Ele pensou enquanto ficava sentado em sua cama, enquanto estava de pé no chuveiro, enquanto comia, enquanto se sentava perto da piscina, enquanto trabalhava e enquanto ele viajava de volta para a montanha de Hope Falls.

A decisão que ele tomou foi — ele precisava mostrar a Lauren que bom homem ele era e quão sério ele estava sobre ela. Ele precisava mostrar a ela o lado dele que nem todo mundo via. O lado sensível, o lado forte, o lado profundo.

Com a maioria das pessoas, ele vestia seu personagem “apresentador de programa de televisão” por razões diferentes.

Primeira, essa era a mais simples. Ele tinha um trabalho para fazer. Como o resto das pessoas que trabalhavam em programas de TV. Qualquer que fosse seu trabalho, desde o diretor até o mais baixo assistente, eles não estavam lá para socializar e fazer amigos. Eles estavam lá para fazer um bom programa de TV. Se ele se “mantivesse no roteiro” por assim dizer, era mais fácil para todo mundo ao redor.

Segunda, era isso que as pessoas esperavam. De seus colegas de trabalho para seus fãs, eles gostavam de vê-lo se comportando fora da tela do mesmo modo que ele se comportava na tela. Ver um lado diferente dele, um lado dele que não era perpetuamente sagaz e otimista e obcecado com o alto rendimento de uma imobiliária, poderia bagunçar com suas mentes.

A terceira razão, e a única mais aplicável nessa situação, era que ele nunca encontrou ninguém com quem ele quisesse ir mais fundo.

Isso tudo tinha mudado com Lauren. Ele queria compartilhar tudo com ela. Ele queria fazer uma vida com ela. Ele não queria esconder nada dela.

Mas ela não era o tipo de mulher que podia simplesmente saltar para essa chance. Essa era parte da razão pela qual ele estava tão caído por ela, precisamente porque ela não era como nenhuma outra mulher que ele já tivesse encontrado. Para fazer as coisas funcionarem com Lauren, ele precisava se esforçar muito. Sim, para fazer as coisas funcionarem com Lauren, essa seria a palavra de ordem: “esforço.” E ele não podia esperar. Ele ia amar cada minuto disso.

Uma coisa ele sabia que podia ter que encarar possivelmente tão logo quanto a reunião dessa manhã, ela o estava tratando com indiferença. Essa era uma de suas peculiaridades. Ela alternava entre quente e fria. Ele não podia culpá-la. Ele tinha feito exatamente a mesma coisa. Mas o problema começou quando eles dois estavam no frio ao mesmo tempo.

Ele estava determinado que, de agora em diante, isso simplesmente não podia acontecer. Ele ia focar no quente daqui para frente. Se ele entrasse na reunião dessa manhã e descobrisse que ela o estava ignorando, com raiva dele, ou de algum modo tinha construído de volta as paredes que cercavam seu coração, paredes que ele trabalhou tão diligentemente para derrubar, ele podia meramente ignorar essa atitude e continuar a tratá-la com a bondade e o calor que vinha tão naturalmente quando eles estavam os dois no quente.

Ben abriu a porta, um grande sorriso já agraciando seu rosto. Esse não precisou ser colocado lá. A emoção que ele sentia pela oportunidade de ver Lauren novamente era suficiente para trazê-lo à tona naturalmente.

Ele se sentou em sua costureira cadeira perto dela, e ela levantou a cabeça e sorriu para ele.

Seu coração afundou.

Por tudo que ele disse para si mesmo sobre quanto ele ia se esforçar para manter uma atitude amigável, quente e aberta não importa que resistência que ele ia encontrar, ainda parecia bom demais para ser verdade ver esse bonito sorriso em seu rosto.

Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido

— Eu senti sua falta, linda. Foi um longo fim de semana sem ver seu lindo rosto.

Ela se virou para ele, ainda sorrindo e disse:

— Para mim também.

— Você sabe — ele disse —, nossa última locação é em Malibu. Foi mudado no último minuto. Por outro lado nós acabamos de sair de lá e fizemos isso quando estávamos em Palm Springs no último fim de semana. Eu sou de LA. Malibu é praticamente o quintal da minha casa. Eu realmente gosto da chance de mostrar a você os arredores, mostrar a você minha casa.

Lauren riu.

— É o justo, certo? Quer dizer, eu mostrei a você os arredores da vasta metrópole que é Hope Falls há algumas semanas. Então eu acho que você devia ter pelo menos um dia para me mostrar LA. Parece justo, não é?

Só então, Paul entrou e a reunião começou. Desde que essa era a última semana de filmagem, ela seria ocupada; todas as coisas que foram adiadas “só por um tempo” tinham que ser essa semana ou eles não fariam isso de jeito nenhum.

Sim, essa ia ser uma semana ocupada. Mas com Lauren ao seu lado, particularmente com eles dois estando junto como eles estavam agora, essa poderia muito bem desenvolver para ser a melhor semana da sua vida.



A viagem para o aeroporto com Ben e o voo para LA que se seguiu foi de longe a mais pura felicidade e horas cheias de camaradagem que Lauren e Ben já tinham passado juntos.

Mesmo ainda, Lauren sentiu um aperto corrente de temor em seu estômago. Se o programa não vingasse, então a realidade era que essa seria a última vez que eles poderiam sair juntos para uma gravação.

*Ah, qual é?* Lauren repreendeu a si mesma. *Não é como se você estivesse fazendo isso há anos. Essa é apenas sua terceira viagem.*

Então, por que, ela lamentou internamente, isso parecia tão familiar? Tão maravilhoso? Tão estimado? Por que parecia como se ela pudesse estar perdendo preciosa e integral parte de sua vida se essa fosse a última viagem de negócios que ela e Ben iam fazer juntos?

Lauren não sabia como Ben se sentia sobre essa realização ou se isso tinha mesmo ocorrido a ele. Ele estava, por sua parte, pego na excitação de dirigir de volta para sua casa em Los Angeles. Ele continuava listando as coisas que queria mostrar a Lauren. Como um adolescente orgulhoso de volta às aulas, ele tinha listas de lugares e coisas que queria mostrar para ela.

Lauren estava tocada que ele estivesse tão investido em mostrar a ela coisas que eram importantes para ele. Ela sabia que essa era uma marca real de quanto você significa para uma pessoa, o quanto eles ficam excitados e ansiosos para deixar você entrar nas minúcias da sua vida cotidiana. Ben certamente não parecia ansioso, então esse era um bom sinal.

Ainda assim. Ela não podia afastar essa corrente de melancolia que passava através dela toda vez que pensava sobre a possibilidade de que essa poderia ser a “última semana” deles.

Quando eles desembarcaram do avião e fizeram o caminho para fora para a calçada, as coisas já estavam diferentes. Porque essa era a casa de Ben, sua base e ele tinha um lugar aqui, ele não ia ficar em um hotel. Então agora, ao invés da aconchegante rotina de entrarem juntos em um carro alugado, eles entraram em carros separados e foram levados para diferentes lados da cidade.

Lauren não podia deixar de se perguntar se essa era uma metáfora da direção que seu relacionamento estaria tomando se o programa piloto não vingasse. Ben tomando uma direção e ela se apressando para outra. Ela esperava que não fosse, mas não podia deixar de pensar que isso provavelmente aconteceria. Afinal, eles viviam longe um do outro, e sem esse programa, o que eles realmente tinham em comum? Não tinha nenhum modo que eles pudessem manter a disciplina de constantemente viajar para ver um ao outro. Não com suas agendas ocupadas. Por mais

triste que ela ficasse em admitir isso, essa era muito provavelmente a verdade.

Ela tentou se animar. Afinal, ela lembrou a si mesma, esse não era o programa de vamos-exercitar-o-relacionamento-de-Ben-e-Lauren. Esse era *Lar Doce Lar Casas de Veraneio*, e ela e Ben eram simplesmente a ajuda contratada. O “talento”, como eles chamavam. Eles dois tinham uma responsabilidade de fazer boas atuações, e essa semana era sobre trabalho.

Nisso era onde ela devia se concentrar. O que pudesse acontecer ou não com Ben depois de sexta feira, ela ia enfrentar depois. Não era como se ela precisasse de um homem para ser feliz. Ela não tinha um homem desde que voltou a morar em Hope Falls, e esse tinha sido o momento mais feliz de sua vida até aqui. Se Ben continuaria a estar em sua vida ou não, o ponto era que ela devia lidar com isso. Ela devia depender de si mesma. Ela devia ser forte para si mesma.

Ela sacudiu a cabeça. Isso era verdade. Ela era incrivelmente independente e forte. Ela pensou sobre Sam, Karina e Amanda. Sobre o belo relacionamento que elas tinham encontrado com Luke, Ryan, e Justin. Ela estava feliz por elas, ela realmente estava.

Mas quando ela pensava sobre o assunto, ela percebia que não era construída do mesmo modo. De fato, se as quatro delas estivessem estrelando *Vila Sésamo*, ela estava bem certa de que a sua canção tema seria, “*One of These Things (Is Not Like The Others)*”<sup>1</sup>. Ela não era feita do mesmo modo que elas eram. Ela não era feita para cair louca de amor. Ela era feita para encontrar confortável e satisfatória compatibilidade. As últimas poucas semanas tinham sido como uma montanha russa. Ela se perguntou se a melhor coisa para ela poderia ser simplesmente sair do caminho. Ela não sabia se podia lidar com as idas e vindas.



O carro alugado que levou Lauren do seu hotel para a casa onde eles iam gravar em Malibu chegou para pegá-la às cinco e meia da manhã. Era uma hora ímpia, mas Lauren de algum modo estava feliz pela distração.

Vinte vezes na noite anterior ela tinha prometido a si mesma que não ia ficar obcecada sobre o futuro com Ben. Vinte vezes ela tinha quebrado essa promessa. Em seu caminho para o que podia muito bem ser sua última filmagem fora da cidade, ela se decidiu de uma vez por todas que ela ia simplesmente apreciar o dia pelo que era.

Ela não ia torturar a si mesma pensando sobre se ela podia ou não reviver essa experiência mágica em regularmente se o programa vingasse. Ela meramente ia aproveitar enquanto durasse, viver em gratidão pelo que tinha, e saborear o tempo com Ben enquanto podia. Isso é o que ela tinha decidido fazer.

Sim, certo.

Pedir a Lauren para não ficar obcecada sobre o futuro era como pedir a uma borboleta para não voar. Ela sabia muito bem que ia passar todo o dia se preocupando sobre o que o futuro reservava para ela e Ben. Mas, pelo menos, ela poderia tentar manter isso no fundo da mente. Acordar cedo podia ajudar com isso. Uma grande parte de seu cérebro poderia estar dedicada para tarefa de parecer alerta e acordada, o que podia servir para impedi-la de habitar nesses problemas mais complexos.



Enquanto o carro alugado a levava através das ruas de Los Angeles, ela olhou para os prédios da grande cidade pela janela e se maravilhou.

Ela já esteve em uma cidade grande antes — ela tinha vivido em Nova York por anos antes de voltar para Hope Falls. E Los Angeles pode ser um monte de coisas, mas no departamento “impressionante e visualmente urbano,” ela estava seriamente perdendo quando comparada com a Grande Maçã.

Então ela não estava deslumbrada pelo esplendor urbano da cidade grande. Essa era a comparação natural que ela imaginava entre o que estava colocado diante dela agora e o que ela via todo dia em Hope Falls que faziam com que ela percebesse quanto sua vida tinha verdadeiramente mudado nos últimos seis meses.

Ela não trocaria isso por nada no mundo.

Certo, a cidade tinha seu atrativo, como todas as cidades de todo lugar tinham. Mas o movimento, a agitação e as luzes de neon podiam se comparar com a emoção de inesperadamente esbarrar em um amigo da escola primária em uma loja da Main Street? O passo frenético de qualquer cidade podia ser comparado à proximidade das pessoas que ela amava vivendo todas ao redor dela em uma cidade pequena?

Ela sorriu.

*Nunca.*

Se seus amigos corretores imobiliários de Nova York pudessem vê-la em Hope Falls, em seu pequeno escritório com sua recepcionista de meio período que não era muito mais do que alguém para arquivar e servir café, nas calçadas que eram feitas de tábuas, e o único restaurante na cidade é um pequeno café que fecha as nove na sexta feira, eles poderiam provavelmente ter pena dela. Ela tinha pena deles.

Agora, a mente de Lauren estava viajando enquanto ela estava sentada na cadeira de maquiagem. Ela se manteve olhando todo tempo para porta aberta do trailer, esperando ver Ben passando por ela, mas ele não passou.

*Isso é estranho, ela pensou. Mas talvez hoje ele tivesse ido para o figurino antes da maquiagem.*

Quando ela foi para o figurino, Barbara e Marlene disseram que elas ainda não o tinham visto hoje. Lauren começou a se sentir um pouco preocupada quando viu o aperto ao redor dos olhos delas, o olhar de leve

preocupação que elas trocaram, obviamente tentando esconder dela sua preocupação.

Lauren voltou para seu trailer e esperou ser chamada para o set. Ela se sentia agitada. Bem estaria evitando-a? Era por isso que Barbara e Marlene não queriam olhá-la nos olhos?

Parecia improvável.

Depois de uma hora sentada em seu trailer esperando ser chamada, o leve senso de temor de Lauren se transformou em completo pânico. Isso estava errado. Isso estava muito errado.

Mesmo quando Ben estava fazendo o maior esforço para ignorar sua existência, ela podia pelo menos vê-lo por perto. Eles estavam agora oficialmente atrasados uma hora em sua agenda — não era de jeito nenhum o estilo de Ben — e ela não tinha visto nem sinal de Bem durante toda manhã.

Isso. Estava. Errado

Como a filosofia de Lauren era encarar o problema de frente mais que se esconder dele, mesmo se se tratasse de más notícias, ela decidiu ir procurar por alguém que pudesse saber a razão para o atraso deles e a ausência de Ben.

Ela saiu do trailer e, para seu choque, encontrou o lugar quase deserto. Isso era sem precedentes em horário de gravação do programa. Se havia uma coisa que toda pessoa no set tinha em comum, era o quase constante zumbido de atividade que caracterizava o dia a dia da produção.

Entre o diretor, produtores, assistentes, serviços de lanches, cabelo, maquiagem, figurino, talento... tinha sempre dúzias de pessoas ocupadas se movimentando sobre seu trabalho durante todo o dia.

Não agora.

Somente algumas poucas pessoas aqui e ali estavam andando ao redor, e eles não estavam correndo com a urgência que normalmente caracterizavam seus movimentos, mas em uma relaxada maneira que indicava não haver hora marcada ou relógio de ponto anexado às tarefas que eles estavam realizando.

Com decisão, Lauren andou até a assistente que estava juntando pratos de papel e copinhos vazios de café e colocando em um saco de lixo. Ela tocou os ombros da garota.

— Com licença — Lauren disse, tentando manter a urgência fora de seu tom. — O que está acontecendo? Onde está Ben?

A assistente olhou para cima surpresa, e então sua testa franziu com consternação.

— Ninguém disse a você? — A assistente perguntou surpresa.

Lauren esperou, imaginando que a garota poderia continuar e completar com o que quer que alguém supostamente devesse ter dito a ela mas ela percebeu depois de um desconfortável e longo silêncio que aparentemente a garota estava esperando por uma resposta para sua pergunta antes que ela compartilhasse qualquer informação de sua própria.

Tentando forçar tanta paciência em sua voz quanto possivelmente poderia, Lauren disse:

— Não, ninguém me disse. O que é que deveriam me dizer?

— Ah, uau — disse a assistente, parecendo desconfortável. — Alguém definitivamente devia ter falado com você. Esse com certeza era o trabalho de alguém. Mas esse não é o meu. Mas a cabeça de alguém definitivamente vai rolar... eu juro por Deus, alguém devia te dizer...

Lauren, ainda tentando manter sua calma e mesmo o tom, mas achando isso mais e mais difícil, disse:

— Bem, nós podemos realmente retificar essa situação agora mesmo se você puder somente me dizer qual é a informação que obviamente não me foi entregue mais cedo.

A testa da assistente franziu novamente.

— Hum?

Lauren fechou seus olhos, fazendo seu melhor para continuar escondendo sua raiva e seu medo.

— Por favor, só me diga o que está acontecendo — ela disse lentamente e deliberadamente.

A assistente se iluminou.

— Ah, certo, certo. Nós não vamos filmar hoje. Nós vamos ter que compensar amanhã.

Lauren assentiu, esperando que a garota continuasse. Ela não continuou.

Lauren respirou profundamente, lembrando a si mesma para não deixar o ar sair com ímpeto, para que isso soasse como um suspiro e deixasse a

garota mais nervosa, fazendo com que ela demorasse mais para contar o que ela sabia.

— Você sabe por quê?

A garota acenou como se isso fosse obvio.

— Ah, sim — ela disse. — Porque Ben está no hospital.

Lauren sentiu seus joelhos fraquejarem e temia que ela pudesse desmaiar. Ben estava no hospital. Sua mente correu com possibilidades terríveis. Um ataque do coração. Um acidente de carro. Ela nem mesmo queria deixar isso vagar mais longe.

— Onde? — ela perguntou fracamente.

— O quê? — perguntou a assistente. — Eu não ouvi você.

Lauren se apurou e colocou força em sua voz.

— Eu perguntei onde. Onde Ben está?

A assistente deu de ombros.

— Cedars-Sinai eu acho.

Lauren agora nem tentou esconder a tensão urgente de sua voz.

— Que quarto?

A assistente colocou no chão o saco de lixo que ela estava carregando e pegou uma prancheta que estava colocada na mesa que ela tinha estado catando o lixo. Ela correu seu dedo para baixo do papel, consultando uma lista.

— Parece que é o quarto vinte e um, ela disse.

Antes que a garota tivesse levantado sua cabeça completamente, Lauren já tinha se virado em seus calcanhares e estava correndo para a frente da casa, onde ela esperava que o carro alugado estivesse esperando no estacionamento. Ela gritou seu agradecimento sobre seus ombros, mas não esperou para ouvir o reconhecimento da garota.

Pra sua consternação, quando ela saiu para o estacionamento, não tinha nenhum carro lá.

Depois de um momento de consideração, ela percebeu que, desde que a filmagem foi cancelada aquele dia, alguém devia ter dispensado o carro alugado.

*Provavelmente, ela pensou com uma careta, a mesma pessoa responsável por me avisar que a filmagem foi cancelada e eu estava livre para ir.*

Mais que tentar descobrir o que aconteceu com o carro alugado ou se tinha alguma chance de chamá-lo de volta, Lauren simplesmente pegou seu smartphone da bolsa, e pesquisou no Google “empresa de taxi em Malibu,” e apertou o botão para ligar para o primeiro número de telefone que apareceu.

Tentando manter seu pânico sob controle e fora de sua voz para que ela não parecesse uma pessoa louca para o despachante, ela deu seu endereço e pediu que um taxi fosse enviado tão logo quanto humanamente possível.

Dentro de dez minutos, um taxi amarelo estacionou na frente da casa e Lauren correu para ele e se atirou no banco de trás.

— Cedars-Sinai — ela disse sem ar.

— Você está com alguma emergência, moça? — perguntou o motorista, parecendo preocupado.

— Hum, sim — Lauren disse.

*Um ataque de pânico se qualificava como uma emergência, certo?*

— Você devia chamar uma ambulância — o motorista disse, parecendo ainda mais preocupado — muito provavelmente sobre possível litígio. — Uma ambulância é muito mais segura.

— Só dirija — Lauren disse vigorosamente, e o homem — possivelmente vendo a determinação de ferro em seus olhos e decidindo que ele poderia preferir lutar com ela depois na corte do que agora no carro — pisou no acelerador.

Levou mais ou menos uma hora, para ir da mansão da praia em Malibu para o Cedars Sinai Medical Center, e Lauren sentou recostada no taxi o tempo inteiro, desatenta para a deslumbrante visão do oceano do lado de fora da janela. Desatenta de tudo, de fato, menos seu desespero queimando a esperança de que Ben estivesse bem.

Ela pegou seu telefone umas duas vezes, pensando se ela poderia se sentir melhor por chamar uma das Quatro Fabulosas. Uma de cada vez, ela rolou para elas em sua lista de contatos e quase apertou o botão para ligar para uma delas, mas não.

Ela pensou que se ela ouvisse suas amadas familiares vozes — tão preocupadas por ela, como elas obviamente poderiam estar — ela poderia absolutamente desmoronar. Ela sabia que poderia ficar forte em face de qualquer coisa menos bondade.

E ela tinha que ser forte agora. Ela tinha que ser forte por Ben.

Lauren não desmoronava. Ela não ficava em pedaços. Ela não tinha histeria. Essa simplesmente não era quem ela era.

Exceto pelas pessoas em sua vida por quem ela se importava, aqueles próximos dela. Eles eram seu calcanhar de Aquiles. Eles eram sua única fraqueza. Preocupação e medo por sua segurança e bem estar, eram as únicas coisas que podiam fazer seu cuidadosamente guardado controle, cair no chão em pedaços em meros momentos.

Ela não podia ser vítima disso aqui. Ela não tinha esse luxo. Ela não sabia o que estava errado com Ben, mas sabia que ele poderia precisar dela e ela sabia que se ele precisasse dela, então ela precisava estar lá. Sem questionar, sem debater, e certamente sem desmoronar. Ela precisava ser forte por Ben.

Quando o taxi chegou ao hospital e estacionou na frente da longa calçada que levava à porta dupla de vidro da entrada, ela jogou para ele umas notas sem mesmo esperar para ouvir o valor da corrida e saltou do carro, correndo para as portas.

Ela presumiu pelo fato de que ela não ouviu sua voz chamando atrás dela, mas pneus cantando enquanto ele se afastava rapidamente, que o dinheiro ela deu a ele foi mais que suficiente — provavelmente mais, muito mais. Mas ela não se importava. Nem um pouco.

Ela mal registrou o *sibilante* som que as portas fizeram enquanto ela passava correndo por elas, forçando a si mesma a ir mais devagar mudando para uma caminhada acelerada.

Ela se encaminhou para o guichê de informação e perguntou onde ficava o quarto vinte e um, anotando mentalmente a direção que o voluntário deu a ela, e então desencadeou em um ritmo rápido para encontrar o quarto.

Quando ela finalmente o localizou, ela se apressou para porta, sabendo que ela estava com olhos selvagens, mas incapaz de acalmar seus nervos, só para ver Ben parecendo muito chocado ao vê-la — mas ele não era o paciente na cama.

Não.

Ele estava sentado em uma cadeira dobrável ao lado da mesma garota que ela tinha visto entrando com ele em seu quarto de hotel, e deitada na cama estava uma mulher mais velha que parecia muito magra e frágil.

Lauren parou em seu caminho. A cena não estava computando, e ela tentou processar o que estava vendo.

O quarto estava silencioso exceto por sua respiração pesada.

A mulher na cama virou sua cabeça para ver quem era o visitante que tinha simplesmente forçado seu caminho no quarto e um pequeno sorriso cruzou seu rosto.

— Você deve ser Lauren — ela disse, e a fraqueza em sua voz desmentiu a vivacidade de espírito que seus cintilantes olhos revelavam. — Desde que meu filho obviamente perdeu a educação, deixe-me apresentar a mim mesma. Eu sou Alana, mãe de Ben, e essa é a irmã de Bem, Brianna.

Lauren ainda não podia encontrar palavras.

Ben estava bem.

Nada tinha acontecido com ele.

Então por que de repente parecia que ela ia chorar?



Ben não teria ficado mais surpreso se fosse o *Papa* que explodisse através das portas do quarto de hospital da sua mãe.

Ele estava se esforçando para que isso fizesse algum sentido, Lauren estava lá no mesmo quarto que sua *irmã e mãe*.

O contexto era tão surreal. Ele a estava imaginando ou ele só tinha entrado em algum tipo de universo alternativo? Nenhuma dessas explicações parecia mais plausível que o que parecia ser a realidade. Uma música de suspense começou a tocar em sua mente.

Através de seu estado alterado ele ouviu sua mãe dizer alguma coisa e viu os olhos de Lauren se encherem de lágrimas. Vê-la chateada foi como ser mergulhado em água gelada, arrancando-o de seu choque.

— Lauren? — Ele ouviu a tensão em sua própria voz quando ele se levantou para cruzar o quarto e puxá-la em um abraço.

Ele sentiu suas lágrimas em seu ombro, e se afastou para olhá-la nos olhos.

Os olhos de Lauren saltavam para frente e para trás entre sua mãe e irmã, e suas bochechas estavam começando a colorir com embaraço.

Ele a ouviu dizer enquanto enxugava seus olhos

— É tão bom conhecer vocês duas. Eu sinto muito em me intrometer... é só que... só me disseram que Ben estava no hospital. Eu pensei... eu só imaginei que era... — Sua voz falhou.

Ele a salvou de tentar continuar

— Você pensou que eu é que estava internado.

— Sim. — Ela soltou um riso amargo, alívio expresso em todo seu rosto. — Parece bobo e alarmista agora, eu percebo. Deus, eu me sinto tão boba. Eu vou deixar você voltar para a sua família. — Ela se afastou de Ben, virando sua atenção novamente para sua mãe e Brianna. — É realmente muito bom conhecer vocês duas.

Ela se dirigiu para porta, e ele ouviu a si mesmo dizendo

— Fique.

— O quê?

*De onde isso veio?*

Ele não tinha nenhuma ideia do que o possuiu para fazer tal pedido. Bem... além do esmagador desejo de não ver Lauren passando pela porta... *sim, eu aposto que isso é motivação suficiente.*

Ela parou e se virou lentamente para olhar para trás sobre seus ombros para ele.

A mãe de Ben disse

— Ah por favor fique, Lauren. Que adorável distração você pode ser desse terrível lugar.

Então ele ouviu sua irmã protestar

— Hei, e eu? Eu não sou nada?

— Sim — ele disse de brincadeira.

Ela jogou um copo de papel vazio nele.

Ele esticou sua mão para Lauren e disse

— Por favor, fique.

Ele viu em seus olhos que ela queria fugir pela porta, mas então alguma coisa mais veio sobre ela — um olhar de determinação — ela assentiu e colocou sua mão na dele.

Embora Ben tivesse passado dias e noites suficientes no quarto de hospital com sua mãe, em estado crítico na cama, percebeu a pura loucura de descrever qualquer tarde passada em um hospital como “diversão” ou “agradável” ou qualquer coisa assim, mas esses eram exatamente os



adjetivos que ele poderia escolher para descrever o tempo de Lauren lá com sua família.

Elas conversaram e conheceram uma a outra. Ben até teve que suportar a agradável humilhação de sua mãe e irmã relatando embaraçosas peripécias infantis, das quais ele era a estrela.

Quando a tarde caiu e estava claro que Lauren estava começando a se sentir verdadeiramente confortável com sua mãe e irmã, ela disse

— Então, Alana, eu posso perguntar uma coisa a você?

— É claro, querida. Qualquer coisa — sua mãe respondeu.

— Como você sabia quem eu era?

— Eu não entendi, querida — sua mãe disse, sua testa franzindo em perplexidade.

— Bem — Lauren explicou —, logo que eu entrei aqui, você disse que eu devia ser Lauren. Como sabia isso?

Alana sorriu.

— Bem, eu vi sua foto, claro!

Lauren ficou surpresa.

— Sério? Como? O programa ainda não está no website ou nada. O programa ainda nem está certo ainda.

— Ah, não, não... Não foi isso que eu quis dizer — Alana esclareceu.

— Brianna querida, onde está meu telefone? Você pode pegá-lo para mim?

Ben disse em um tom de alerta

— Mãe, talvez nós não devêssemos fazer isso. Talvez você devesse estar descansando.

— Ah, bobagem — Alana replicou, não percebendo o tom de alerta ou escolhendo ignorá-lo — eu não vou tão longe que eu não possa convocar força para varrer meus dedos através do telefone.

Alana pegou um par de óculos de onde eles estavam colocados na bandeja na frente dela e os colocou. Então ela pegou o telefone que Brianna estava entregando para ela digitou a senha para desbloquear e pressionou o ícone das fotos. Ela moveu a tela mais algumas vezes e entregou para Lauren o telefone.

— Aqui está, querida.

Lauren pegou o telefone, e Ben podia ver como ela estava intrigada. Estava escrito no seu rosto. Ele sacudiu a cabeça.

*Merda.*

Ele sabia qual era a foto. Era a foto que ele tinha tirado com Lauren do outro lado da rua de seu escritório quando ele a estava provocando na frente de seus clientes. Ela tinha ficado realmente muito fofa. Ele estava olhando para ela com um olhar de suprema confiança em seu rosto, e ela estava olhando para ele, chocada. Sua boca estava mesmo aberta um pouco, como se sua mandíbula estivesse para cair. Ele amava isso.

Ele a tinha enviado para sua mãe como uma piada. Ele tinha legendado com: “Só pensei que você devia saber que eu ainda tenho jeito com as mulheres. Amo você, Mãe.”

Nunca ocorreu a ele, nem em um milhão de anos, que Lauren pudesse um dia olhar esse texto.

*Excelente.*

Ele olhou para ela. Ela tinha um olhar distante em seus olhos e um pequeno sorriso em seus lábios.

Ele sorriu também. Ele lembrava muito bem, como ela devia estar lembrando agora, o que ele disse no ouvido dela que produziu aquele choque em sua expressão.

— *Droga, você cheira tão bem que dá vontade de comer.*

Lauren olhou para ele e os dois se encararam sorrindo.

Ben foi tirado dessa adorável viagem da memória pelo que parecia a voz de sua irmãzinha.

— Hum, alô? — ela disse sarcasticamente. — Tem outras pessoas aqui? Talvez vocês dois devessem arrumar um quarto. E não um quarto de hospital.

Ben pegou o copo de papel amassado que ela tinha jogado nele mais cedo e jogou de volta para ela. Ela gritou e levantou a mão para bloqueá-lo.

— Crianças! — Alana disse vigorosamente, em um tom que deixava claro que ela não se importava se as então chamadas “crianças” envolvidas eram adultos. Ela é que estava no controle aqui. — Parem com isso agora!

— Ele começou — Brianna disse.

— Eu não — Ben sacudiu sua cabeça, e Lauren riu.

Brianna sorriu.

— De qualquer jeito — ela disse para Lauren —, eu só não sei o que ele disse para você ter essa reação. Deve ter sido bom.

Lauren corou, e Ben sentiu vontade de se esconder embaixo de sua cadeira.

— Droga, garota! — Brianna continuou, rindo. — Deve ter sido alguma coisa. Você tem cinquenta tons de *rosa* no rosto agora!

— Já chega, já chega — Alana advertiu sua filha, mas em um tom afetuoso, divertido.

Ben não foi nem afetuoso nem tão divertido.

— Pirralha — ele murmurou.

Nesse momento, uma enfermeira colocou sua cabeça para dentro.

— Sinto muito pessoal. A hora de visita acabou por essa noite — ela disse lamentavelmente.

Ben, Lauren, e Brianna todos abraçaram Alana em despedida e começaram a se dirigir para porta.

Só que antes que eles estivessem completamente do lado de fora, Alana disse

— Espere um minuto, Lauren.

Todos os três viraram e esperaram para ouvir o que ela tinha para dizer.

Pra seus filhos, Alana disse

— Vocês dois hooligans vão esperar do lado de fora. Eu quero falar com Lauren por um minuto.

Ben estava desconfiado.

— Sobre o quê?

— Bem, se eu quisesse que você soubesse, eu poderia ter convidado você para ficar — Alana disse em seu melhor tom de “mãe.”

Lauren riu e disse

— Está tudo bem, Ben. Realmente.

Ben relutantemente deixou o quarto, arrastando Brianna junto com ele. Se ele não podia ficar e ouvir a conversa secreta, sua pequena irmã pé no saco certamente não ia.

Quando eles passaram pela porta, Bem a apoiou para que ela ficasse aberta uma fração de uma polegada e se apoiou para ouvir.

Brianna olhou escandalizada.

— Eu vou contar! — ela sussurrou feliz com essa perspectiva iluminando seu rosto.

— Então eu direi a ela sobre quando você “pegou emprestado” o carro dela para ir “estudar” na “casa de Jenny” e você e eu sabemos que aqui, já

são, três mentiras somente nessa única frase.

Brianna estreitou seus olhos, mas, não fez nenhum movimento adicional para impedi-lo de espiar. Ben se inclinou para frente, tentando ouvir a conversa.

— Você vai cuidar dele, ok, querida? — Alana estava dizendo, sua voz grossa com emoção pela importância da tarefa que ela estava confiando. — Eu estive doente o tempo inteiro que Benny estava crescendo. Ele cuidou de Brianna, e eu estou envergonhada de admitir, que ele cuida de mim também. Ele merece alguém que cuide dele... cuidado bom e real. Como eu desejava que eu pudesse cuidar dele.

Através da abertura, Ben viu Lauren segurar a mão da sua mãe e se inclinar mais perto. Com seriedade de propósito em sua voz, ela disse

— Senhora Stevens, muitas pessoas nunca tiveram a oportunidade de saber quanto elas significam para pessoas que as amam ou a oportunidade de deixar as pessoas saberem a extensão de sua devoção. Ben teve essas duas coisas, como resultado de ter se esforçado do modo que ele fez. Muitas pessoas também nunca tiveram a chance de ser um herói para aqueles que amam. Você deixou Ben ser seu herói. Eu acho que você fez um trabalho maravilhoso.

As duas mulheres ficaram quietas por um momento, e Ben espiou novamente através da fresta na porta. Ele percebeu que Brianna, por toda sua provocação anterior, tinha espiado ao redor por trás dele.

O que ele viu o chocou mais que ele podia ter esperado. Lauren estava inclinada para frente, dobrada sobre a cama da sua mãe, e as duas estavam se abraçando.

Quando Lauren se levantou, Ben e Brianna se apressaram com alguns passos em direção ao corredor, os dois adotando uma estudada, pose casual e fingindo estar envolvidos em conversa.

Quando Lauren andou até eles, Ben colocou uma expressão de surpresa no rosto e olhou para seu relógio.

— Uau, isso foi rápido! — ele disse, e sua voz soou supremamente falsa mesmo para seus próprios ouvidos.

Os três se viraram em direção à saída, e ele ouviu Brianna murmurar

— Idiota.

Eles caminharam silenciosamente por alguns momentos, e Ben pensou que Lauren devia estar perdida no peso do momento que ela tinha

compartilhado com sua mãe. Ele desejava poder dizer alguma coisa para ela, alguma coisa que pudesse facilitar seu fardo, mas por óbvias razões, ele não podia. Ele se sentia tão mexido.

Lauren quebrou o silêncio, dizendo

— Então...

Ben se virou para olhar para ela ansiosamente, esperando que ela pudesse confiar nele por sua própria conta então ele poderia falar disso com ela.

Ela estava fazendo um enorme esforço para manter seu olhar focado para frente, embora um pequeno sorriso brincasse nos cantos da sua boca.

Ela disse:

— Quanto tempo você vai fingir que não estava espionando? — Ben abriu sua boca para protestar, mas cancelou quando ela adicionou — Benny...

Brianna jogou a cabeça para trás e riu e então pendurou seu braço ao redor do ombro de Lauren e disse

— Ah sim, eu gosto dela, Ben! Você precisa mantê-la por perto.

Ben se sentiu corando e não gostou disso. Isso estava em sua política geral de nunca deixar Brianna saber que ela estava tendo uma reação dele. Mas tendo duas das três mulheres em sua vida se juntando contra ele de uma vez era muito.

— Hum, sim — ele murmurou. — Esse é o plano.

— Bom — disse Brianna, satisfeita. — Então eu acho que você não é um idiota tão grande como eu pensei.



Lauren se despediu da irmã de Ben no estacionamento e seguiu Ben para seu SUV Mercedes preto. Eles subiram no veículo, e Ben se virou para ela.

— Jantar? — ele perguntou.

— Eu estou faminta! O que você está oferecendo? — ela perguntou com um sorriso.

Ele sorriu de volta.

— Refeição caseira?

— Eu pensei que você nunca fosse convidar — ela riu.

Enquanto Ben habilmente pilotava o SUV através do movimentado tráfego de LA, Lauren refletiu na montanha russa dos eventos do dia. Das quatro da manhã quando ela acordou, para o estresse de perguntar onde Ben tinha estado toda manhã, ouvindo que ele estava no hospital, e então a completa e total reviravolta que o dia tomou quando ela entrou no quarto do hospital.

Coisa boa número um — Ben não tinha sido atropelado por um carro ou algum outro terrível destino sucedeu a ele. Coisa boa número dois — encontrar e passar um tempo junto com a mãe e a irmã de Ben, que eram absolutamente deliciosas e que pareciam gostar dela também. O que trazia a ela a coisa boa número três. — *Esse é o plano.* — Ben disse.

Quando Brianna disse que ele devia “mantê-la por perto,” ele respondeu

— *Esse é o plano.*

Ela estava cometendo um erro vendo nisso mais do que havia? Mas que outras maneiras havia para entender a frase?

Ele disse, em essência, que estava planejando continuar seu relacionamento.

Essa manhã, ela tinha estado obcecada sobre o que o futuro reservava para eles, e agora, ela tinha assegurado que ele estava planejando ir em frente.

Ela devia estar entusiasmada.

*Eu estou entusiasmada*, ela insistiu para si mesma.

Mesmo assim? Uma pequena parte dela estava um pouco assustada.

Comprometimento. E isso tudo estava acontecendo muito rápido!

Ela respirou fundo quando Ben virou à esquerda na Sunset e a SUV começou a subir a colina sobre a Chateau Marmont. Ela decidiu internamente que iria simplesmente aproveitar essa noite com ele.

Sem essa — um cara bonito levando-a para casa dele e cozinhando o jantar para ela? O que não amar sobre isso?

Quando eles estacionaram na garagem, ele deu a volta para abrir a porta para ela, ajudando-a a descer cuidadosamente.

— Cuidado com a calçada. Ela está um pouco desigual — ele alertou. — As ruas aqui em cima são tão tortuosas e íngremes que manter as coisas perfeitamente regulares é algo muito difícil. Eu não quero que você torça seu tornozelo.

Lauren sorriu agradecendo, então riu:

— Sim, isso não poderia ser muito bom para a filmagem amanhã, poderia? Você caminhando com confiança pela porta e eu mancando atrás de você tão rápido quanto puder de muletas.

Ben sacudiu sua cabeça.

— Não, isso nunca poderia acontecer. Eu carregaria você. — Lauren sentiu um calor aquecendo-a por dentro.

Quando eles entraram, Lauren ficou surpresa e impressionada.

— Uau! Esse lugar é maravilhoso! — ela exclamou.

— Você não precisa parecer tão surpresa — ele provocou, andando com ela e olhando sua reação enquanto ela caminhava pelos cômodos espaçosos e contemporâneos.

— Você deve ter feito uma reforma aqui quando comprou... ou um proprietário anterior fez isso — ela observou — Não tem nenhum outro modo de conseguir essa planta baixa aberta.

— Culpado da acusação — ele admitiu.

— Eu adorei — ela disse. — É contemporâneo sem ser frio. Para ser honesta, eu acho que estava esperando um apartamento de solteiro. Você sabe com pôster de modelos de anúncio de cerveja e uma mesa de pebolim.

— Lauren — ele disse, fingindo choque —, é como se você não me conhecesse.

— Eu sei — ela riu. — O que eu estava pensando? Você se veste melhor do que muito homossexual que eu conheço.

Ben riu.

— Sim, eu digo a você que é o melhor elogio que alguém já me deu, mas eu estaria mentindo se fingisse que você foi a primeira pessoa que me disse isso.

— Não me surpreende.

— Então, que tal bife para o jantar? Parece bom? — O estômago de Lauren roncou em resposta.

Ben disse

— Eu tomarei isso como um sim.

— Ah, Deus. Que embaraçoso. Eu só agora percebi que não comi nada o dia todo.

— É melhor eu começar então. Vá em frente e continue olhando a casa, se quiser.

Lauren se virou rapidamente.

— Se você precisar de alguma ajuda... — ela ofereceu sem entusiasmo.

Ben riu.

— De jeito nenhum, eu sou corretor também. Eu reconheço um caso de desejo de corretor quando vejo. Você está morrendo para explorar minha metragem quadrada, mulher. Admita.

— Tá certo, sou culpada — Lauren disse, rindo. — Eu admito. Eu entro em uma casa nova e tudo sobre o que eu penso é andar por cada cômodo calculando o valor de revenda. Esse é um risco operacional ou é um traço inerente que me fez querer virar uma corretora?

Ben sacudiu sua cabeça.

— Esse é o clássico quem veio primeiro o ovo ou a galinha? Bem, explore de qualquer modo, baby. Minha casa é seu castelo.

Quando Lauren lentamente caminhou pela casa de Ben, sua atenção foi gradualmente desviada da impressionante remodelação e cara vista da cidade, para a riqueza de fotos de sua mãe e irmã que ele tinha expostas artisticamente ao longo da casa.

Com o requintado gosto de Ben, suas paredes certamente nunca iriam se assemelhar a uma porta de geladeira de uma mãe suburbana com instantâneos colados de qualquer jeito, criando colagens aleatórias em virtude de seu grande número. Esse não era o estilo dele. Não, essas foram cuidadosamente selecionadas, fotos engenhosas que representavam todas as fases da sua família, inclusive com algumas fotos de sua mãe como uma jovem mulher.

Nenhuma surpresa, Alana tinha sido realmente muito bonita em seus dias.

Lauren sentiu um bolo em sua garganta quando ela completou seu autoguiado tour pela vida de Ben. A única coisa, absolutamente clara ali era o feroz amor e lealdade dele por sua família.

Lauren retornou para a cozinha, onde Ben estava ocupado no fogão. O aroma vindo das panelas que ele tinha no fogo, fez seu estomago roncar novamente. Ela riu, subindo em um banco que ficava na frente da ilha da sua cozinha.



— Como você provavelmente percebeu pelo barulho, o cheiro é maravilhoso — ela disse calorosamente.

Ben empurrou um prato de queijo e biscoitos e uma taça de vinho para ela.

— E eu pensando que você poderia gostar de um pequeno petisco antes que a refeição termine de cozinhar — ele disse.

Lauren suspirou.

— Você é um deus entre os homens! Eu amo como você... cortou o queijo em cubos tão perfeitamente... — ela terminou desajeitadamente.

O que ela quase disse foi, “Eu amo como você cuida tão bem de mim,” mas quando as palavras estavam fugindo de sua boca, elas pareceram embaraçosamente pessoais, então ela pisou no freio.

Talvez ela devesse ter dito isso. Não poderia ter terminado sendo mais embaraçoso que elogiar o homem em suas habilidades de cortar o queijo em quadradinhos.

Eles conversaram amigavelmente enquanto Ben cozinhava e bebia vinho e Lauren comia queijo e biscoitos e bebia vinho, e Lauren pensou que essa poderia ser a melhor noite que ela tinha em anos. Talvez na vida.

Quando eles se sentaram para jantar, Lauren disse:

— Está tão bonito, Ben. Muito obrigada por ter todo esse trabalho.

Ben deu de ombros.

— Não foi trabalho nenhum. Eu cozinho desde que tinha dez anos. Sem mencionar, que isso é o mínimo que eu podia fazer depois de você colocar um sorriso no rosto da minha mãe hoje. Isso vale dez jantares de bife.

— Cuidado. Eu posso aceitar.

Ben passou sua mão pela bochecha dela.

— Eu espero que sim. Agora, vamos atacar antes que esfrie e todo meu trabalho duro seja desperdiçado. Eu quero que você aprecie minha genialidade enquanto está tudo no auge.

Lauren deu uma mordida e gemeu em puro prazer carnal. Deus ela não sabia como Sam fazia isso, comer nada além de vegetais e nozes e ocasionalmente maçãs. Lauren era uma impenitente carnívora e em momentos como esse que ela entendia por quê.

— Ben — ela respirou reverentemente. — Genial é exatamente a palavra certa para isso. Está ridiculamente delicioso.

Eles comeram em silêncio por alguns momentos, completamente envolvidos em como satisfatória e deleitável a comida estava.

Finalmente, no fim da refeição ela conseguiu relaxar e conversar enquanto comia, Lauren disse

— Ah, e a propósito, eu amei andar por esse lugar. É muito bonito, mas você sabe disso. Embora os destaques sejam as fotos. Você as tirou? Você realmente leva jeito.

— Eu tirei um monte — Ben disse sorrindo. —, mas um bom número delas é anterior às minhas habilidades com a câmera.

— Humm, a família cozinha, a família fotografa... por que eu estou sentindo que essa é somente a ponta do iceberg? — Lauren perguntou, uma tristeza tingindo sua voz.

Ben deu de ombros.

— Ei, não foi uma vida fácil, mas certamente não era o pior que podia mesmo acontecer.

— Como foi? — Lauren perguntou, colocando sua mão na dele e alisando. — Diga-me.

Ben parecia pensativo.

— Bem, eu nunca conheci meu pai. Ele foi embora muito cedo.

— Por quê? O que aconteceu?

— Não sei. Minha mãe nunca disse. Só que ele foi embora e nunca mais voltou. Eu parei de perguntar depois que a minha principal preocupação era cuidar de Bri porque isso não parecia importar muito mais.

— Mas eu estou avançando. Quando eu tinha nove anos, minha mãe casou novamente. Quando eu tinha dez, ela teve Brianna. Quando eu tinha onze, ela foi diagnosticada com lúpus. Eu sei que parece que eu devia dizer, “Quando eu tinha doze, o pai de Brianna foi embora,” porque assim poderia ter uma boa simetria no conto, mas a verdade é que ele foi muito antes disso. Do jeito que eu me lembro, ele foi embora logo depois do dia do diagnóstico dela.

— Eu sinto muito — Lauren disse com simpatia.

— Não sinta — Ben disse firmemente. — Eu quero dizer, foi realmente difícil para minha mãe, mas eu fiquei feliz que ele foi embora. Ele era um idiota. Bem, como você pode provavelmente perceber baseado

no fato que ele deixou sua esposa doente e uma filha pequena aos cuidados de um menino de onze anos.

— Eu posso ver agora, como um adulto, que golpe de misericórdia foi aquele. Mas na hora... eu não sabia como explicar. Eu não me sentia como uma criança. Eu não sentia como, “Ah não, eu só tenho onze anos. Como eu vou cuidar da minha mãe e da minha irmã sozinho?” Era mais como, “Ok, maravilhoso. Aquele bastardo indiferente está fora do caminho. Ele somente tornava as coisas mais difíceis. Agora eu tenho que começar a trabalhar para cuidar da minha família.

— E você está fazendo isso desde então.

Ben assentiu.

— Sim, desde então.

— O que você fez por dinheiro? Sua mãe recebia alguma pensão?

Ben deu um curto aceno.

— Alguma. O resto eu completei com três rotas de entrega de jornal, uma pequena empresa de paisagismo... e até trabalho de babá. Qualquer biscate que as pessoas pudessem me pagar para fazer. Quando eu tinha doze, eu tinha um carrinho de entrega de comida e trabalhava para alguns restaurantes locais. Isso dava um bom dinheiro, eles pagavam por baixo dos panos e eu tinha gorjetas também.

— Quando eu fiz dezesseis e tirei minha carteira, eu estava fazendo mais entregas e ganhando mais gorjetas, o que foi também, porque os cheques do auxílio pararam. Ficou claro depois de uns dois meses que o dinheiro de meio período, mesmo com gorjetas, não era suficiente. Então eu saí da escola, peguei meu diploma, e consegui um trabalho com pagamento decente em uma mercearia para onde eu fazia entregas. Essa era somente uma pequena rede local, mas era uma loja sindical, então o salário e benefícios eram bons. Também, meu gerente gostava de mim e me ajudava a trabalhar por perto para que minha irmã pudesse estar em segurança. Honestamente, eu pensei que eu ia trabalhar lá até me aposentar.

— Bem, imagina minha surpresa quando a cadeia fechou um mês depois do meu aniversário de dezoito anos. Eu me apavorei. Tudo que eu podia ver era o futuro da minha família indo para o ralo porque eles tinham o mau julgamento de depender de mim. Eu tinha só dezoito anos. Eu não tinha muita perspectiva ainda ou muita experiência para enfrentar

as adversidades de carreira. Tão assustado como eu estava então, parece estranho olhar agora e ver como a coisa mais afortunada que já aconteceu comigo.

— O cunhado do meu gerente arrumou para ele trabalhar vendendo aspirador de pó de porta em porta, e perguntou se podia conseguir para eu vender também. Cara. Eu odiei aquele trabalho com uma paixão, mas eu percebi logo no começo que eu era bom com pessoas e excelente em vendas. Uma das portas que eu bati era de um corretor imobiliário que viu meu potencial, e o resto é história.

Lauren estava tão impressionada por Ben que ela não estava muito certa como colocar seus sentimentos em palavras. Mesmo assim, de algum modo, ela sentiu que ele poderia não apreciar que ela fizesse um grande barulho sobre sua história, então ela decidiu somente apertar a mão dele demonstrando apoio, dando a ele um orgulhoso sorriso, e seguindo em frente.

Ela mudou o assunto para um que ele parecia muito mais ansioso para discutir: Brianna, a irmã mais nova por quem ele era obviamente, louco, e orgulhoso em igual medida.

Pra aliviar o clima pesado que tinha sido criado, Ben continuou contando a Lauren histórias divertidas sobre Brianna quando criança até que eles terminaram de comer.

Enquanto eles lavavam seus pratos, Lauren riu.

— O que foi? — Ben inquiriu divertido.

— Você sabe — ela disse —, eu na realidade vi você entrar em seu quarto de hotel com ela em Palm Springs antes que eu soubesse que ela era sua irmã. Ah cara, eu fiquei louca. Eu estava cuspiendo marimbondo.

— Sim, eu posso imaginar — Ben disse com leveza, mas ela podia ouvir a mudança em seu tom que essa era uma leveza forçada.

— Sério? — ela perguntou, explorando.

— Ah sim. Quer dizer, isso deve ser como quando você vê alguém... ah, eu não sei... beijar um policial, por exemplo — ele disse, sem encontrar seus olhos.

Ela olhou para ele carinhosamente.

— Eric é só um amigo — ela assegurou a ele.

Ben encolheu os ombros.

— Você não me deve nenhuma explicação.

Lauren baixou o prato que estava segurando, alcançou a torneira e desligou a água. Então ela tirou das mãos de Ben o prato que ele estava segurando e colocou para baixo também.

— Me escute — ela disse resolutamente, virando-o para encará-la. — Eric é só um amigo. Eu juro. Nós nos beijamos durante a dança, brevemente, só para ver se tinha alguma coisa. Não tinha. Fim da história.

— Nada? — ele perguntou, ainda parecendo preocupado.

— Eu te dou a minha palavra, do fundo do meu coração. Eu não senti nada quando o beijei.

Ben sorriu com olhos brilhando.

— Você não sentiu alguma coisa quando me beijou?

Lauren deixou um lânguido sorriso crescer em seus lábios.

— Eu não estou certa — ela disse em um tom baixo, rouco. — Talvez seja melhor fazermos um teste e descobrir.

— Como um experimento?

— Ah sim. Puramente por propósitos científicos.

Ben riu amplamente.

— Bem, se isso for pela ciência... — ele disse e baixou seus lábios para os dela, beijando-a gentilmente, deslizando os braços ao seu redor.

Ela sentiu alguma coisa, certo. Mas não eram as faíscas e fogos de artifício que ela estava acostumada a sentir quando Ben a beijava ou a tocava. Era um calor lento, deliberado que se levantou profundamente em sua barriga e se espalhou lentamente e inexoravelmente por fora, todo o caminho até a ponta de seus dedos.

Era parecido com estar deitada no sol, se aquecendo em seu traje de banho no primeiro dia de férias — sentindo esse exuberante calor em cada polegada de sua pele, enquanto por dentro você se emocionava sabendo que à sua frente havia um verão inteiro de dias inexplorados cheios com nada além de possibilidades sem fim.

Lauren sentiu aquele mesmo lugar dentro dela abrindo novamente, um lugar com o qual ela não tinha estado em contato desde que era criança. Um lugar que reconhecia mágica no mundo e a ideia de que qualquer coisa podia acontecer em um instante e sua vida mudar em um nada. O lugar que estava em contato com toda a recompensa que o universo tinha para oferecer, e com as brincadeiras com o que normalmente era oferecido. O lugar que reconhecia prazer e abundância, e o aceitava sem suspeita.

Sem perceber o que estava fazendo ou sem estar realmente certa de porque o fazia, Lauren jogou sua cabeça para trás e riu. Era um riso robusto, cheio de cada bocado de vertigem e despreocupação que ela estava sentindo e cada bocado de contentamento e benção.

Ben alisou o cabelo dela, olhando-a com afeição claramente visível em seu rosto.

— Eu devia ficar ofendido? — ele perguntou com sua voz levemente brincalhona.

Ela olhou em seus olhos, suas mãos nos lados do rosto dele, e seus próprios olhos nublados por um momento.

— Eu só estou feliz — ela disse simplesmente, deslizando suas mãos de volta em seu grosso, magnífico cabelo e se inclinando para beijá-lo novamente, mais forte dessa vez.

Ben deslizou as mãos ao redor da cintura dela e apertou, mantendo-a próxima e fazendo com que ela se sentisse fina quando engolfada em suas mãos fortes.

Ele a tomou pela mão e a guiou para o quarto, sorrindo de volta para ela sedutoramente enquanto eles andavam.

Quando eles foram para o quarto, Lauren ficou na ponta dos pés para que pudesse sussurrar em seu ouvido:

— Eu já volto. Vou só me refrescar.

Lauren entrou no banheiro de Ben e fechou a porta atrás de si. Ela devia se refrescar, certo — e ela precisava — mas agora, seu interesse imediato era se olhar no espelho.

Ela não tinha tido tempo todo o dia para retocar sua maquiagem, prestar alguma atenção ao seu cabelo, ajeitar suas roupas — e a abafada viagem de taxi e a arrancada através do estacionamento do hospital não podia ter feito a seu cabelo nenhum favor.

Lauren olhou a si mesma criticamente. Humm... não era essa a aparência que ela teria escolhido ter durante um jantar romântico com Ben, mas também não estava tão mal quanto ela esperava. Ainda assim. Ela ia precisar fazer algum ajustamento cosmético se queria ser capaz de se render a essa experiência e não se sentir autoconsciente sobre seu estado de desarranjo o tempo todo. Ei. Talvez isso fosse frívolo, mas era verdade.

Lauren tentou colocar o cabelo no lugar com a mão e então virou sua atenção para alisar o amarrotado das suas roupas. Ela suspirou. Muito pouco sucesso nos dois casos.

Ela olhou ao redor do banheiro para ver o que ela tinha para trabalhar. Esse era um banheiro de homem, então obviamente muito pouco. Ela começou a se sentir um pouco deprimida. Ela queria parecer bonita para Ben, mas não tinha as ferramentas.

De repente, a inspiração bateu. Lembrando as palavras de Karina sobre o “poder da nudez feminina” ela rapidamente arrancou sua roupa ficando só de sutiã e calcinha. Ela olhou seu cabelo. Coloca-lo para trás no estilo liso não seria uma opção, então ela rapidamente arrancou os grampos e afofou os cabelos com seus dedos então ele caiu em suaves ondas ao redor de seus ombros.

Sem nenhuma maquiagem com o que trabalhar, ela tinha que ir para velha escola. Ela lambeu seus lábios para dar a eles um brilho e beliscou suas bochechas para dar cor a elas. Ela se sentiu como se ela estivesse no Velho Oeste ou algo assim.

Ela olhou a si mesma de cima a baixo, satisfeita. Só uma última decisão para tomar. Manter os saltos ou ficar descalça?

Ela sorriu malvadamente para seu reflexo no espelho.

Ah, saltos... com certeza.

Depois de uma última verificação do local, ela abriu a porta do banheiro e caminhou sedutoramente de volta para o quarto. Ben a olhou, claramente hipnotizado.

Ela sorriu, gostando da reação.

Ele também esteve ocupado enquanto ela estava ocupada no banheiro. Ele baixou a luz para um tom sexy e suave e escolheu um jazz romântico, que estava no momento tocando baixo em seu sistema de som de alta qualidade. Ela também localizou uma embalagem quadrada brilhante de camisinha no criado mudo que não estava lá antes. Ela sorriu. Bom. Nenhuma interrupção a mais.

Ben andou lentamente para ela, seus olhos embevecidos nela, e parou quando ele estava a meio metro de distância.

— Meu Deus — ele soprou com reverência. —, você é maravilhosa.

Ele esticou o braço e passou os dedos gentilmente para baixo no lado de seu tronco, quase como se a estivesse tocando para acreditar que ela era

real.

Lauren sentiu sua carne estremecer sob seu leve toque, e prendeu a respiração. Mesmo a esse suave toque, seu corpo estava respondendo. Ela sentiu sua respiração acelerar, sentiu os músculos em seus membros derretendo e cada vez mais tremula.

Ela deu o passo final para Ben, fechando o espaço entre eles e pressionando seu corpo firme ao longo do dele. Ela amava o modo que eles pareciam se encaixar juntos tão perfeitamente, como se seus corpos fosse moldados em uma fábrica, criados com o único propósito de um encaixe sem falhas. Eles eram como peças de um quebra cabeças encontrando sua verdadeira combinação pela primeira vez.

Lauren começou a beijar o pescoço de Ben enquanto movia suas mãos ao longo do corpo dele. Os músculos dele eram uma atraente paisagem de picos e sombras gerados pelo brilho da luz. Ela queria explorar cada polegada daquele território tentador.

Ela sentiu o acelerado passo da batida do coração dele sob seu toque enquanto suas mãos exploravam seu peito, ela sentiu o sangue correndo através das veias dele embaixo de seus lábios enquanto ela beijava seu pescoço. A crescente paixão dele alimentava a dela, e a pele dela começou a corar com desejo enquanto o beijava e o tocava com ainda mais crescente urgência.

Ben colocou sua mão espalmada na parte de baixo das costas dela e a guiou para a cama. Lauren estava fora de si com desejo. Tocar o corpo de Ben tinha esse efeito sobre ela, sem falha. Ela se maravilhava pelo fato de que, embora isso ampliasse seu desejo dez vezes mais, nem era realmente necessário Ben tocá-la — o simples ato de explorar o corpo dele poderia sempre a enviar em uma nublada nevoa de desejo.

Sorrindo para ela entre beijos suaves e gentis em seu rosto e pescoço, Ben deitou Lauren de costas em sua cama, cuidando para amortecer seu corpo polegada por polegada.

Lauren se sentiu valorizada, cuidada e desejada. Essa era uma inebriante combinação. Cada músculo no corpo dela estava tremendo, e ela se descobriu sentindo-se agradecida que Ben mostrou percepção ao colocá-la deitada na cama. Ela não sabia quanto mais tempo seus trêmulos músculos poderiam mantê-la de pé.



Lauren se acomodou para trás nos travesseiros da cama de Ben e se regalou no sentimento de seus suaves lábios e língua trilhando um caminho molhado e quente para baixo de seu corpo. Ela olhou ao seu redor e sentiu o fogo dentro de sua barriga aumentar. Eles estavam fazendo amor em seu mais privado santuário — seu quarto. O lugar para onde Ben ia para se recuperar de longos e difíceis dias, o lugar onde ele se recarregava, o lugar onde ele caía no sono à noite e acordava de manhã — esse santuário poderia agora para sempre incluir a lembrança de beijar Lauren aqui, de tocá-la, deles dois alcançando as alturas do êxtase juntos.

Ela adorava esse pensamento. Ela amava o pensamento de que, toda vez que ele olhasse para porta do seu banheiro, ele poderia ser lembrado da visão dela saindo sedutoramente em suas finas e rendadas calcinha e sutiã. Ela gostou da ideia de que, toda vez que ele deitasse sua cabeça para trás em seus próprios travesseiros, ele poderia ser lembrado da cabeça de Lauren agraciando aquele mesmo travesseiro enquanto ele usava sua boca e mãos para dar prazer a ela.

Mais que quase qualquer coisa que tinha acontecido entre eles hoje, isso fazia Lauren sentir como se a ela tivesse recebido acesso à área mais privada e guardada de seu coração, alma, mente e vida.

Ela tremeu ainda mais violentamente, e não era nada que no toque de Ben nesse momento que fazia isso acontecer. Era provocado pela instantânea percepção da extensão de sua crescente proximidade.

Era um grande afrodisíaco.

Ela olhou para baixo, olhando Ben enquanto ele beijava e trilhava seu caminho para baixo de sua barriga. Ela não tinha suas mãos na parte de trás de seu cabelo para impulsioná-lo para frente. Ela não estava dando a ele encorajamento — ou instrução — com pequenas observações verbais. Ela estava simplesmente relaxando e aproveitando o que quer que ele tivesse em mente.

Ela quase não reconhecia a si mesma, mas ela certamente estava aproveitando a experiência. Deitada de costas e deixando Ben vagar ao longo de seu corpo e dando a ela prazer, como ela fez com ele no passado, era uma revelação. Ela nunca soube que esse simples ato, de curtir o momento de prazer de qualquer coisa podia ser tão doce.

Do olhar no rosto de Ben, ele estava também estava sentindo muito prazer com a liberdade que ela estava dando a ele para explorá-la,

exatamente como ela tinha de explorar cada polegada dele.

Enquanto Ben fazia seu caminho para baixo para parte mais baixa da barriga dela, ele delicadamente deslizou a calcinhas dela para fora, olhando para ela e dando a ela um diabólico sorriso enquanto fazia isso.

— Você fez isso por mim em Aspen. Eu nunca pude retribuir — ele disse suavemente, abrindo suas pernas largamente e baixando a cabeça entre elas.

Lauren gemeu em deleite para as sensações que estavam radiando do lugar onde a língua talentosa de Ben estava fazendo o trabalho.

Incapaz de manter suas mãos afastadas dele um momento mais, ela enterrou seus dedos em seu cabelo, incitando-o para a frente. Seus quadris se levantando para encontrar a boca dele, combinando o seu ritmo, ela sentiu a si mesma se aproximando do clímax com cada estocada de sua habilidosa língua.

Essa normalmente seria a hora onde ela podia parar seu parceiro em seu caminho e movê-lo para que chegassem lá juntos. Lauren tinha o hábito de nunca gozar a menos que seu parceiro estivesse também experimentando o mesmo intenso clímax físico.

Experimentar esse nível de perda de controle na frente de uma pessoa que não estivesse distraída pelo fato de que estava experimentando uma similar perda de controle? Inaceitável.

Pra se debater, para gritar, para contorcer seu rosto sabendo o tipo de contorções pouco atraentes que ela fazia enquanto era olhada por alguém que estava completamente sóbrio e tinha todas as suas habilidades sobre ele? Novamente, inaceitável.

Isso estava tudo em seu passado, contudo. Enquanto a boca de Bem aurgia nas maiores e maiores alturas de delírio, ela queria nada mais que deixá-lo levá-la mais longe, mais rápido, mais alto... ah Deus... ela colocou uma mão sobre sua cabeça e agarrou a cabeceira, suas costas arqueando em arrebatamento, pequenas explosões começando a irromper sobre cada polegada de sua pele, com o maior e mais poderoso orgasmo radiando do fundo de seu ser.

Ela sentiu um grito rasgar de sua garganta, mas nem mesmo o ouviu. A pressão do seu sangue tinha aumentado ao ponto de que ela estava tão zonza, tão fora de si, que ela não se sentia mais no controle dos seus cinco sentidos. Não havia nenhum espaço em seu conhecimento por qualquer

coisa que não fosse a massiva força das ondas de prazer rasgando violentamente através dela.

Antes que seu poderoso orgasmo tivesse mesmo começado a diminuir, Lauren sentiu Ben entrar nela. Ela abriu os olhos para ver que ele estava equilibrando seu corpo sobre o dela, seu rosto a menos de uma polegada do dela.

— Sim — ela ofegou, e ele sorriu quando ele começou a se mover dentro dela.

Lauren descobriu que amava isso mais do que podia imaginar. Sentir Ben dentro dela, acariciando sua carne mais sensível enquanto ela olhava em seus olhos e admirava a arrebatadora expressão de benção que passou através de seu rosto enquanto seus corpos se moviam em harmonia.

Ela encontrou a si mesma tendo uma descarga erótica só de saber que ele estava olhando seu rosto do mesmo modo.

Quando o movimento deles acelerou, Lauren percebeu que ela estava novamente subindo para o pico do prazer, e ela podia ver pelo rosto de Ben que ele estava fazendo essa jornada bem ao lado dela.

Seus corpos se moveram com aumentada velocidade, seus gritos ficaram mais altos, e no penúltimo momento, Lauren implorou em um sussurro

— Me beije. Por favor, Ben. Me beije.

Ele baixou sua boca na dela, esmagando seus lábios e mergulhando a língua em sua boca enquanto eles se deixavam levar pelo prazer juntos, seus gritos abafados pelo beijo, seus corpos tremendo e resistindo.

Lauren enroscou seus braços e pernas ao redor dele quando suas respirações começaram a reduzir a velocidade e o mundo começou a se acertar ao redor deles. Ela simplesmente não podia estar perto o suficiente, não podia mantê-lo apertado o suficiente, para se sentir saciada. Cada célula em seu corpo estava gritando

— Mais perto, mais perto, mais perto!

Ela não podia acreditar na intimidade que sentia. A conexão, quando fazia amor com Ben. Isso era inteiramente sem precedentes.

Se ela pensava que isso não tinha a ver com ela, estava errada. Ela era feita para conexão, para intimidade, para paixão... para amor. Ela só não sabia disso até que conheceu Ben.



Quando Bem e Lauren chegaram ao set às seis na manhã seguinte, ele já estava uma colmeia de frenética atividade.

— Graças a Deus! — disse Lauren. — Assim é como eu gosto de ver esse lugar!

Ben olhou para ela com estranheza, mas ela não sentia vontade de explicar por que ela não estava ansiosa para reviver a dor e o medo que ela sentiu ao pensar que ele estava doente ou ferido com gravidade suficiente para ser hospitalizado.

Eles desceram do carro e embarcaram imediatamente no frenético redemoinho da manhã, correndo para fazer o cabelo e a maquiagem, para o figurino e de lá para o set.

Paul deixou claro que eles precisavam estar afiados e no ponto hoje. Eles tinham o dobro da quantidade de gravações para fazer desde que eles tinham que compensar pelo dia anterior. Quando ele disse isso, Ben se desculpou profusamente.

— Sério, pare — Paul disse sinceramente. — Você estava onde precisava estar. Eu não estou dizendo isso para você se sentir culpado e ter uma atuação sem falhas. É o seguinte: Vocês dois são profissionais. Eu só estou dando a vocês uma direção. Nós temos uma tonelada de trabalho para hoje. Então vamos começar.

Ben e Lauren acenaram em acordo e então sorriram um para o outro. Eles estavam vibrantes hoje. Lauren já podia sentir que eles estavam no

topo de suas habilidades, individualmente e coletivamente. Esse ia ser um bom dia. Ela podia sentir em seus ossos.

Enquanto as filmagens do dia se desenvolviam, Lauren estava feliz que ela estava certa. Ela e Ben estavam em sintonia. A maior parte das filmagens eles foram capazes de concluir em uma tomada.

Lauren sentiu a mágica da filmagem correndo através de suas veias em uma corrente elétrica. O que devia ter sido um dia realmente tenso e miserável no set por causa de tanto trabalho que eles tinham para fazer foi o mais relaxado e divertido dia de filmagem que ela tinha experimentado desde o começo desse novo trabalho.

A primeira oportunidade que tiveram para respirar foi durante o intervalo para o jantar com as pessoas sentadas ao redor com seus pratos de papel cheios de comida do bufê, compartilhando histórias e rindo e só conversando frivolidades nesse dia que estava quase terminado e que foi um sucesso total.

Ben e Lauren estavam sentados perto um do outro, conversando e rindo e aproveitando sua comida exatamente como todo mundo, quando, do nada, Ben a surpreendeu por se inclinar e dar a ela um beijo. E não somente um pequeno beijo, mas um beijo completo, com línguas se enroscando, e dedos dos pés se curvando.

A equipe explodiu em gritos, palmas, brindes e saudações. Mesmo Paul estava sorrindo, e tiveram alguns gritos de provocação de “É isso aí garota!” e “já estava mais que na hora!”

Lauren sorriu modestamente. Ela certamente não queria ser a desmancha prazeres que arruinou a diversão de todo mundo, então ela só acenou para a equipe e fez seu melhor para tomar a agradável expressão como se ela estivesse aproveitando ser o centro das atenções.

Ela não estava.

Lauren era uma pessoa reservada em relação a relacionamentos, e ela se sentia extremamente desconfortável que Ben os tivesse colocado em exposição. Especialmente depois do dia anterior passado com sua família e a noite juntos que se seguiu, parecia como se o que estava se desenvolvendo entre eles fosse íntimo, privado... sagrado.

E para ela, Ben só tinha transformado isso em um espetáculo.

Paul levantou. Ok, ok... — ele disse, gesticulando para equipe se aquietar. — Essas são novidades muito excitantes, eu garanto a vocês.

Mas, nós ainda temos mais duas tomadas essa noite senhoras e senhores, então vamos pegar essa energia e canalizá-la no trabalho, tudo certo? Cinco minutos.

Lauren estava aliviada. Pelo menos em cinco minutos, ela poderia se distrair com a atuação na frente da câmera.

Tão logo quanto Paul gritou “Corta!” pela última vez, Lauren fez o caminho mais curto para seu trailer. De repente ela estava se sentindo extremamente claustrofóbica. Encurralada. Ela precisava voltar para Hope Falls.

Isso a fez parar — gelar no lugar, realmente — no meio do caminho para tarefa mundana de pegar seu laptop e bagagem para pegar o carro alugado que poderia levar ela e Ben de volta para o aeroporto.

Desde quando palavras como “encurralada” entrava em seus pensamentos quando ela pensava em estar com Ben? Quando isso começou?

Quando seu pensamento voltou para os últimos dois dias, seu primeiro instinto era pensar que isso surgiu do nada, começando com esse beijo público e não solicitado no jantar. Contudo, quanto mais cuidadosamente ela considerava, mais ela percebia que tinha havido sementes durante a visita com a família de Ben ontem, e essas sementes começaram a brotar na casa dele, especialmente quando ela estava olhando para as fotos da família dele. E embora ela as sufocasse todo o tempo, ela não as arrancou de suas raízes.

Ela sacudiu a cabeça. Era possível que, tanto quanto ela se importasse por Ben e tão especial quanto fosse sua conexão, as coisas estavam muito íntimas, muito sérias para o gosto dela?

O pensamento a deixou altamente desconfortável, assustada mesmo... mas tinha o toque da verdade.

Perdida em pensamento, Lauren juntou suas malas e se encaminhou para o pequeno estacionamento na praia onde o carro estava programado para pegá-los.

Ela estava esperando ansiosamente a viagem para o aeroporto, sozinha no banco de trás do carro com Ben, onde eles poderiam só segurar suas mãos e conversar, reconectar com o nível mágico que estava somente disponível para os dois quando ninguém mais estava por perto — e talvez seus medos sobre quão longe e quão rápido na estrada do

comprometimento esse relacionamento tinha corrido, e como isso poderia dissipar tão certamente e tão facilmente quanto o orvalho da manhã na luz do forte e brilhante sol da tarde.

Lauren se sentou no banco de pedra moldada que agraciava o lado distante do estacionamento, se perguntando por que Ben estava demorando tanto. Ela sabia que sua crise interna acalmou no processo de juntar suas coisas no trailer. Ela tinha esperado ver Ben aqui esperando por ela quando ela chegasse, mas ele não estava em nenhum lugar à vista.

Ela olhou para seu relógio e franziu a testa. Se ele não se apressasse o carro ia chegar e eles seriam forçados a esperar. Esperançosamente não por muito tempo. Ela não queria ter a menor chance que eles pudessem perder seu voo. Ela realmente precisava ir para casa. Para Hope Falls — o único lugar onde ela se sentia como se pudesse realmente pensar.

Só então, ela ouviu um agudo guincho de riso vindo da direção da casa onde eles estiveram filmando. Ela franziu as sobrancelhas. O que foi isso?!

Lauren tirou seu sapato deu uns poucos passos na areia e então ela tinha completa visão da frente da casa vista do mar. Ela ficou muda pelo que ela viu: Ben, em completo modo “Apresentador de Televisão,” cercado por seis meninas do tipo colegial vestidas de biquíni.

Ele estava tirando fotos com elas em todas as diferentes combinações, rindo, encantando todas elas. Lauren sabia que isso não devia incomodá-la. Mas o sentimento que ela tinha aumentou, como quando ela via seu pai flertar e se transformar em seu mega charme. Ela sentiu raiva. Ela se sentiu desamparada. Ela se sentiu traída.

Lauren viu Ben assinando no decote de uma garota, na parte interna da coxa de outra, e então na bunda da terceira, o que a garota apresentou para ele ao virar de costas e se inclinar levemente, para exibi-la em seu melhor ângulo.

*O que ela era, um babuíno?*

Lauren se sentiu absolutamente enjoada. Ela deu uns poucos para fora da areia e de volta para relativa segurança da ignorância de seu banco.

Ela esfregou os grãos de areia para fora dos seus pés e deslizou de volta em seu sapato de grife, imediatamente se sentindo mais como ela mesma.

*Isso é parte do trabalho, ela lembrou a si mesma. Não é como se ele estivesse realmente flertando com elas.*

Sim. Certo.

Cinco minutos depois, Ben andou para o banco com suas bolsas penduradas no ombro, e antes que Lauren pudesse impedir a si mesma, ela disse

— Estou surpresa que você não encantou uma das garotas enlouquecendo-a ao ponto de carregar a bagagem para você.

Ben riu não percebendo quão machucada ela realmente estava, e disse

— Eu provavelmente poderia ter feito isso.

O carro chegou, e Ben disse

— Na hora certa.

Quando o motorista abriu o porta malas, Ben foi pegar as malas de Lauren, mas ela não deixou

— Eu levo. — e levantou elas ela mesma.

Ben olhou para ela com estranheza, e mesmo Lauren reconheceu que se transformar em uma megera ciumenta toda vez que uma de suas muitas fãs ansiosas quisesse seu autógrafo, não era uma grande estratégia a longo prazo.

Mas ela não podia evitar. No momento, suas emoções estavam assumindo o controle.

Ela suspirou quando se sentou no banco de trás do carro. Essa ia ser uma longa viagem para casa. Ela fez uma careta. *E com o modo que eu estou agindo, ela percebeu provavelmente Ben estava pensando exatamente a mesma coisa.*

Algumas vezes na viagem de volta para Hope Falls, Ben se virou para Lauren e perguntou a ela o que a estava chateando. Embora Lauren se sentisse tentada a só colocar para fora seus sentimentos por ele para que então eles pudessem falar sobre isso e se sentir melhor, toda vez que ela chegava bem perto de fazer isso respondia

— Nada.

Finalmente, Ben perguntou à queima roupa se ela estava chateada sobre as meninas que tinham pedido a ele por autógrafos.

— Isso foi tudo que elas pediram de você? — ela perguntou friamente.

Ela queria estapear a si mesma. Ela sabia que toda a merda que estava sentindo não tinha nada a ver com Ben. Mas como parecia como um



padrão desde que Ben tinha entrado em sua vida ela estava impotente para impedir.

— Isso é parte do trabalho Lauren — ele disse, mas não cruelmente. — Eu sei como você se sente. Se eu tivesse visto você cercada por lubrificadores fisiculturistas em Venice Beach ou algo assim, flertando e autografando em partes de seus corpos, isso poderia me fazer querer socar todos eles. O que é claro, eu não poderia — principalmente por auto preservação — mas também porque, por mais que me machucasse ver, eu poderia perceber que esse era seu trabalho.

Lauren fechou os olhos e acenou com a cabeça. Ela sabia que ele estava certo. Ela só precisava de um pouco de tempo para ter suas emoções embaixo de controle.

Ela podia ouvir a voz de Karina em sua cabeça dizendo:

— Porra, Lau, essas poderiam provavelmente ser boas palavras para dizer em voz alta agora — mas ela só não podia trazer a si mesma a dizer nada.

Lauren pegou seu laptop, ligou e começou a se perder em seu trabalho. Por um lado, parecia bom estar distraída. Por outro lado, ela realmente se sentia de algum modo ressentida que Ben estava simplesmente deixando-a trabalhar sem tentar mais explicar suas ações ou validar seus sentimentos.

Como ele podia só se sentar lá quieto, não dizendo uma palavra, quando ele sabia muito bem como ela estava chateada?

*Bem, merda Lau. Talvez porque ele tenha perguntado mais de cinco vezes se estava tudo bem com você, e cada uma das vezes você disse a ele que estava bem* — ela ouviu a voz de Karina canalizar dentro de sua cabeça.

Ela fez uma careta para si mesma. Ela devia realmente estar perdendo o controle se a voz de Karina estava agora estrelando dentro de seu cérebro como “a voz da razão.”

Quando eles fizeram seu caminho pelo aeroporto, e então mais tarde no voo propriamente dito, Lauren realmente sentia como se Ben estivesse fazendo questão de flertar e ser especialmente encantador com toda mulher com quem eles se encontravam — a bilheteira, a atendente do portão, a moça do bar, a aeromoça... mesmo a piloto.

Ela estava realmente perdendo o controle.

Na metade da viagem de carro de volta para Hope Falls, Lauren percebeu que estava cansada. Ela simplesmente não podia suportar mais. Ela deslizou a máscara de seda que ela sempre usava em seus olhos quando viajava, colocou os fones de ouvido, e inclinou a cabeça para trás para descansar, completamente abrigada no pequeno aconchegante casulo que ela tinha criado para si mesma. Parecia bom.

A próxima coisa que ela viu foi Bem, carregando-a do carro para sua porta da frente. Ela percebeu que ela devia ter caído no sono no carro.

Ela estava grogue, mas alerta o suficiente para entender que tinha alguma medida de controle, ela ia ter seu próprio pé no chão. Ela se mexeu tentando descer, mas Ben só a manteve mais apertado.

— Relaxa — Ben disse suavemente. — Esse é o mínimo que eu posso fazer por você depois do tanto que te cansei a noite passada.

Depois de um breve momento de resistência interna, Lauren suspirou e se aconchegou mais profundo nos braços de Ben. Ela amava como se sentia ali.

Lauren tinha sempre sido alta, e ela nunca esteve com um homem que pudesse tê-la carregado tão facilmente.

Lauren sempre foi a favor de tratamento igual e pelos direitos das mulheres, e em alguns círculos, ela poderia mesmo ser considerada uma feminista, mas ela tinha que admitir que ser carregada por esse homem alto e forte era um dos melhores sentimentos que ela já tinha experimentado. Ela sabia que ela poderia se lembrar desse momento para sempre.

Talvez ela fosse um peixe que realmente precisava de uma bicicleta? Esse pensamento a assustou.

Ela sacudiu sua cabeça e se aconchegou mais profundamente no pescoço de Ben. Era muito complicado pensar nisso agora. Melhor relaxar e só aproveitar o sentimento.

Ele a colocou no chão da sua varanda e correu de volta para pegar a bagagem dela. Ao invés de colocá-las no chão quando ele retornou, contudo, ele simplesmente parou lá, esperando que ela destrancasse a porta da frente.

Ah Deus, ele não estava pensando em passar a noite aqui, estava?

Lauren começou a entrar em pânico. Ela não sabia se ela podia fazer isso. Todos os sentimentos que ela estava tendo, ela tinha que processar.

Por mais que ela apreciasse que Ben parecia estar superando o fato que ela tinha sido uma completa chata o dia todo, ela tinha que descobrir como evitar que isso acontecesse novamente.

Ben esperou pacientemente enquanto ela destrancava a porta e entrava para desativar o sistema de segurança, parecendo indiferente para o bramido do alarme que estava ressoando como louco dentro dela.

Quando ela voltou, abrindo sua boca para dar suas desculpas, explicando como ela estava cansada depois da viagem, ele fechou a porta atrás deles e — em um lampejo — ele a tinha presa contra a parede.

Ele lentamente baixou a cabeça e deu a ela um de seus mais lentos, mais doces, mais torturantes beijos que ela tinha recebido de alguém. Antes que tivesse mesmo dez segundos de beijo, as pernas dela estavam fracas e ela estava tremendo de desejo.

Lauren estava quase alcançando o ponto de dizer a si mesma, *Então, e se ele ficar a noite? Quem sairia machucado?* Quando Ben se afastou gentilmente e disse

— Vejo você amanhã. Último dia de gravação.

Ela olhou para ele muda, e ele sorriu e disse a ela para dormir bem e sonhar com ele.

Quando ele saiu, Lauren fechou a porta atrás dele e finalmente encontrou sua voz. Em um tom suave e irônico, ela disse:

— Isso não deve ser problema.



O último dia de gravação.

Era adequado que fosse em Hope Falls e não em uma locação. Hope Falls foi onde tudo começou. Os produtores queriam que o programa mostrasse a personalidade de Hope Falls. Eles queriam que a pequena cidade fosse o que as pessoas associassem com o programa e Lauren não podia estar mais feliz sobre a decisão deles.

Quase parecia como o último dia de escola para Lauren. Tinha um sentimento de nostalgia no ar que Lauren não tinha sentido desde que fez teatro na faculdade. Parecia a noite de encerramento de uma produção de palco particularmente mágica.

Lauren não tinha nenhuma ideia de que poderia ficar tão próxima dessas pessoas em tão pouco tempo. Normalmente, levava meses — bem, vamos ser honestos, às vezes anos — para formar laços com as pessoas. Essa era uma das razões pelas quais ela tinha voltado para Hope Falls — era um luxo estar ao redor de tantas pessoas com quem ela se sentia próxima, porque não havia muitas pessoas como essas no mundo.

Mas ela ficou próxima de muitas pessoas no set. Não somente de Ben, mas os maquiadores e cabeleireiros, as moças do figurino, os caras do serviço de bufê.

Ela sabia sobre a vida dessas pessoas.

Ela pensou que talvez isso fosse porque, diferente de uma situação normal de trabalho, muito do tempo passado no set era só se apressar e esperar. Havia muito tempo de inatividade, e essas pessoas eram todas

realmente apaixonadas pelo que elas faziam assim eles eram inteligentes e fáceis de conversar.

Do operador de som até o iluminador, essas pessoas amavam vir trabalhar todo dia. Esse tipo de paixão e alegria era contagioso.

Mas uma dúvida mesquinha no fundo de sua mente dizia a ela que essas eram todas justificativas. *Essa é realmente só uma situação incomum que solicitava que você abrisse seu coração para essas pessoas muito mais prontamente do que você normalmente poderia fazer? Ou era que Ben tinha mudado você, aberto você, e feito você uma pessoa melhor?*

Lauren lutou com o impulso de se sentir um pouco triste quando ela percebeu que isso estava chegando ao fim. Possivelmente para sempre se o piloto não pegasse.

Eles estavam terminando as últimas filmagens ao redor de Hope Falls, e depois de hoje, a equipe ia fazer as malas e ir embora.

Lauren estava feliz que a agenda estava tão frenética. Não somente isso a distraía de seus mais complicados pensamentos, mas também fazia com que ao longo do dia inteiro, ela e Ben não tivessem nem mesmo um segundo sozinhos. Ela realmente não estava certa como processar tudo que estava acontecendo entre eles. Ela não estava mesmo inteiramente certa de que ela gostava da pessoa que ela era quando estava perto dele.

Certo, em alguns aspectos, ela se sentia como se ela tivesse crescido — sua aumentada capacidade de se conectar com a equipe era um perfeito caso nesse sentido. Mas então tinha outras coisas que ela se via fazendo, coisas como ficar tão chateada sobre vê-lo com as fãs vestidas de biquíni que faziam com que ela nem mesmo reconhecesse a si mesma.

Mesmo percebendo o que ela estava fazendo agora — analisando profundamente um relacionamento e como estava progredindo — que era evidência suficiente que uma pessoa estranha tinha dominado o corpo dela.

Lauren tinha sempre o controle nos relacionamentos. Ela nunca dominou sobre a pessoa, por certo, mas ela sempre se certificava de não abrir mão dele. Se ela sentisse o jogo virando mesmo levemente, ela não tinha nenhum problema em cortar os laços rapidamente e claramente. Ela não sentia mais arrependimento sobre fazer isso do que ela podia sentir cortando fora uma unha antes que ela pudesse desenvolver uma infecção.

Esse sistema funcionou bem para ela no passado. Bem, com uma notável exceção; seu ex-chefe, que tinha decidido fazer a vida extremamente difícil para ela, nos dois níveis pessoal e profissional, quando ela tentou deixá-lo. Ele tentou bagunçar seu sistema. Mas o verdadeiro tipo de pessoa que ela era, garantiu que o jogo virasse. Ela alertou os canais necessários sobre algumas atividades não muito legais que ele estava engajado e ele estava atualmente esperando julgamento.

O jogo virou. E o poder foi restaurado para seu proprietário de direito. Ela.

Ela nunca se sentiu fora de controle em um relacionamento antes, e ela estava muito certa de que não gostava disso. Lauren gostava de ter controle sobre suas emoções e reações. E perto de Ben... ela não tinha nenhum.

E depois de passar o dia com sua mãe e irmã e então a noite na casa dele, ela estava muito confusa. Os riscos pareciam muito mais altos agora que ela conhecia a história dele, mas ela tentou seu melhor para não deixar isso influenciar seu pensamento.

Ele podia ser o melhor homem que ela conheceu, mas isso não significava que ele era o melhor homem para ela ou que ela fosse a pessoa certa para ele.

Ele estava cuidando da sua irmã e mãe desde que tinha dez anos, e embora Lauren se orgulhasse de sua natureza independente, perto de Ben, isso parecia sair pela janela. Ela o deixou cozinhar para ela, carregar sua bagagem, e além de tudo isso, carregá-la. E a parte que a assustava mais era que ela tinha gostado disso. Era um passo curto e escorregadio gostar de alguma coisa a ponto de ficar dependente dela e Lauren estava louca se deixasse isso acontecer.

Normalmente, ela fazia tudo para deixar o homem se sentir como o homem, mas no contexto em que ela estava conscientemente permitindo que ele sentisse e ela ainda sentia como se estivesse no controle.

Mas perto de Ben, ela não se sentia assim. Ela estava começando a sentir — por mais que a assustasse admitir — quase como se ela não estivesse certa de que poderia seguir quando ele fosse embora. Que ela poderia ficar perdida sem ele.

E se tinha uma coisa que Lauren Harrison procurava garantir, era que ela não precisaria de ninguém, muito menos um homem.

*Até agora?*

Essa vozinha no fundo de sua mente perguntava.

Ela suspirou.

Era como se ela fosse o Super-homem e Ben sua criptonita.

Ela não gostava disso.



Ben observou Lauren através da multidão envolvida na festa no Café de Sue Ann enquanto ela conversava e se misturava com vários membros da equipe e staff da produção. Ele estava maravilhado como sempre ficava quando a via interagir com os outros, com sua beleza, seu equilíbrio, seu charme... sua graça.

Lauren se comportava como uma verdadeira estrela de cinema. Não como alguém da atual safra, que era fotografada pela TMZ usando calças de ioga e botas enquanto tirava o lixo. Não.

Ele estava falando sobre uma deusa glamorosa da era de ouro de Hollywood, lá atrás quando havia um pequeno mistério.

Por trás das plácidas expressões e enigmáticos meios sorrisos de Lauren havia uma intensidade de pensamento e sentimento, uma profundidade que ele não poderia nunca ficar cansado de explorar. Toda vez que ela abria a boca para falar, ele estava em comichão esperando para ouvir o que ela tinha a dizer. Ela constantemente o surpreendia.

E quando ela não podia abrir a boca para dizer a ele o que estava em sua mente, bem... isso só fazia ele desejar muito mais saber o que ela queria.

Ela era um belo mistério que ele sabia que não poderia nunca ser solucionado, não inteiramente, mas ele estava mais do que ansioso para passar a vida trabalhando nesse fascinante e sedutor quebra-cabeça.

Mas ela queria que ele a solucionasse? Essa era a verdadeira questão. E o único modo que ele poderia descobrir a resposta para essa pergunta era perguntando.

Ben caminhou para onde ela estava parada e perguntou se podia falar com ela um momento.

Ela disse sim e eles caminharam de volta para área do pátio, que era normalmente usada só pelos funcionários.

Ben estava surpreso por descobrir que seu estomago estava um pouco enjoado e suas mãos tremiam quando ele a seguiu para fora pela porta. Ele estava tentando lê-la o dia todo e não tinha se afastado desse esforço com mais alguma pista de seus sentimentos sobre eles que ele tinha essa manhã antes de vê-la.

Isso era enlouquecedor. Ela estava mais imperturbável e composta do que nunca.

Ele sabia que tinha desenvolvido um sentimento realmente forte por Lauren nas últimas poucas semanas. Mais forte que qualquer mulher que ele já tenha conhecido.

E então, no dia do hospital com sua mãe, ele tinha se apaixonado completamente, totalmente por ela. Não tinha volta agora.

Ela era tão forte e capaz, tão refinada e graciosa — mas então ela podia abandonar tudo isso e instantaneamente virar a mulher mais doce, mais coração mole que ele já tinha conhecido. E então, outras vezes, seu comportamento frio e calmo podia desaparecer para revelar uma calorosa, animalesca paixão que não era muito visível em sua serena superfície.

E Ben sabia que tinha somente vislumbrado a ponta do iceberg quando se tratava da multifacetada maravilha que era Lauren Harrison.

Ele sabia que não podia simplesmente deixar Hope Falls sem pelo menos fazer uma tentativa. Ele tinha que tentar pelo menos ver se eles poderiam realmente tentar essa coisa, fazendo uma tentativa real, ver aonde isso ia.

Ou como sua irmã Brianna tinha colocado tão poeticamente no telefone essa manhã:

— Ben, Lauren é o tipo de garota que você arrasta pro altar. Você tem que resolver isso. Assim... o mais cedo possível. — Ele podia culpar sua forma, mas com certeza não podia questionar seu conteúdo.

Então agora, Ben estava no limite de se mostrar muito vulnerável por pedir a uma mulher para se comprometer com ele. Uma mulher de cujos sentimentos ele estava incerto.

Pela primeira vez, quando lidando com alguém do sexo oposto, ele estava fazendo um movimento sem ter cem por cento de certeza do que poderia ser sua resposta.



Quando eles chegaram ao pátio, ela não conseguia olhá-lo nos olhos. Ok, talvez não fosse o melhor sinal. Ainda assim, Ben decidiu que tinha que seguir em frente independentemente. Daqui a uns trinta minutos, um carro viria pegá-lo e ele tinha que ir para São Francisco para o fim de semana, e então para casa em LA depois disso. Se ele não dissesse a ela que a amava agora, quem sabe se ele teria uma segunda chance?

Ben clareou a garganta e Lauren finalmente olhou para ele. Em seus luminosos olhos verdes, ele leu hesitação, trepidação... possivelmente até medo.

Ok, ele calculou que devia adicionar isso a lista de coisas que “provavelmente não eram um bom sinal” — mas ele não podia dar para trás agora. Ele respirou profundamente. Talvez se ele recuasse na dramática declaração de amor e somente procurasse ver se ela poderia considerar ter um relacionamento com ele...

— Olha, eu não sei como você está se sentindo sobre nós, mas eu realmente gosto de você e eu gostaria de ver onde isso vai dar — ele começou. Então ficou quieto, dando a ela tempo para processar e formular uma resposta.

Lauren também ficou quieta por um momento, e então ela finalmente disse

— Bem, você está indo embora, então eu não estou certa de que isso vai a algum lugar.

Isso não estava indo tão bem como ele esperava. Pacientemente, ele explicou

— Olha. Nós não moramos tão longe. Se nós quisermos, podemos ver um ao outro sempre.

Ele esperou que ela respondesse, e quando seus lábios franziram, frustração lançou através dele.

— Vamos, Lauren. Eu estou assustado também, mas não use isso como uma desculpa para não dar a nós uma chance.

Irritação brilhou naqueles olhos verdes que ele amava tanto, e ela defensivamente estalou

— Eu não estou assustada.

Ben assentiu.

— Bem, eu estou. Mas eu estou mais apaixonado por você do que assustado. Então eu quero um relacionamento real. Eu quero dar uma

chance.

Ele viu sua pele empalidecer quando ele disse que estava apaixonado por ela. Uau. A lista de coisas na coluna de “provavelmente não é o melhor sinal” estava crescendo mais a cada minuto.

O rosto de Lauren endureceu.

— Dar uma chance? — ela disse com sua voz tremendo. — Isso não é nada. Nós transamos algumas vezes, nos divertimos. Isso é tudo.

Sua declaração o fez dar um passo para trás como se ela tivesse colocado suas mãos em seus ombros e fisicamente o empurrado para trás.

Ele não podia acreditar no que ele a estava ouvindo dizer. Isso não podia ser verdade.

Ele disse

— Sério? Só transamos? Isso é o que foi para você? O dia no hospital com minha mãe, e aquela noite em minha casa? Foi tudo somente sexo?

Ele viu alguma coisa deslizar através de seu rosto, mas ele não podia descobrir o que poderia ser. Quando ela se esticou mais reta e olhou diretamente em seus olhos, embora, ele não tivesse problema em identificar essa expressão. Essa era a decisão.

Todo sinal de tremor tinha ido da sua voz, ela disse firmemente

— Sim.

Ben começou a caminhar lentamente, mas inexoravelmente, direto para ela até que ela estava com as costas contra a parede do café. Ele lentamente levantou suas duas mãos e as apoiou na parede, uma de cada lado do rosto dela, e se inclinou lentamente até que seus lábios estavam separados por menos de uma polegada.

Ele a viu dilatar suas pupilas quando ele disse em uma voz baixa

— Eu não sei por que você está mentindo para mim. Mas eu sei que você certamente não acredita nisso mais do que eu. E tem mais: eu não faço jogos. Essa coisa de quente e frio que você está seguindo pode funcionar para você e outros homens com quem você esteve, mas não funciona para mim. Eu não sou um tipo de brinquedo com quem você pode brincar quando nós estamos em uma locação e então dispensar quando voltamos para vida real. Eu estou apaixonado por você Lauren Harrison, e você pode não estar apaixonada por mim, mas eu garanto a você que eu sou mais que somente sexo para você. Não sou?

Lauren não respondeu imediatamente. Ela só olhou para ele.

Ele baixou sua boca para que seus lábios roçassem um no outro quando ele falou.

— Diga-me que eu sou mais que somente sexo para você e que você quer me ver novamente.

Sua respiração estava pesada, e ele podia sentir a eletricidade correndo entre eles.

Ela empurrou seu peito fracamente e com lágrimas enchendo seus olhos, disse:

— Foi divertido, mas foi apenas sexo.

Com isso, ela desviou de entre seus braços e desapareceu através da porta dos fundos do Café.

Ben se sentiu como se tivesse recebido um soco na boca do estomago.



Lauren ouviu uma batida na porta da frente e gritou “Vá embora!” Em seu travesseiro. Ela sabia que isso não ia resolver. Seu quarto era longe o suficiente da porta da frente que ela podia gritar a plenos pulmões e as Testemunhas de Jeová ou a moça da Avon ou o vendedor de aspirador de pó ou quem quer que estivesse na porta não poderia ouvi-la.

Seu rosto enrugou. Vendedor de aspirador de pó. Ben costumava ser um vendedor de aspirador de pó.

Ela enterrou o rosto no travesseiro, se rendendo a outra torrente de lágrimas, e soluçou silenciosamente.

A batida veio novamente, mais forte.

— Me deixe em paz! — ela gritou no ar, sabendo muito bem que quem quer que estivesse na porta não tinha nenhuma ideia do que ela estava dizendo. Mas era muito bom dizer isso.

Uma terceira batida na porta seguiu nos calcanhares da primeira, essa beirando a um espancamento. *Deus, Quem é?* Ela pensou com raiva.

Ela se sentou ereta.

E se fosse Ben?

Ah, Deus.

Ele não podia vê-la assim.

Ela tinha ficado acordada a noite toda, soluçando a maior parte do tempo. Ela podia dizer pelo jeito seus olhos estavam irritados e coçando que eles estavam injetados de sangue e vermelhos.

Ela passou os dedos pelo rosto, explorando a pele ao redor dos olhos. Sim. Inchados e quase certamente vermelhos da cor do carro de bombeiros também. Ela conhecia a si mesma bem o suficiente para saber, que isso significava que seu nariz também estava.

Ela continuou a missão exploratória de suas mãos para cima para seus cabelos. Ah não. Fios emaranhados estavam caindo soltos de um coque desleixado — exatamente como ela temia.

Ela olhou para baixo, para seu corpo. A vaga lembrança que ela tinha do que tinha vestido a noite anterior se provou correta. Na parte inferior ela usava um inadequado pijama de flanela e a parte de cima estava vestida com — puramente pela segurança do conforto emocional — seu roupão maltrapilho, velho e atalhado e as pantufas de coelho do ensino médio.

Resumidamente, ela estava uma bagunça das grandes.

Antes que ela pudesse trabalhar com seu cérebro para achar uma solução para esse problema, ela ouviu uma chave girar na fechadura abrindo a porta da frente. O que... Ben não tinha a chave.

Ela ouviu o código do alarme sendo desativado. Ele também não sabia seu código.

Então não era Ben.

Ela sabia que ela devia sentir alívio, considerando sua aparência, mas o que ela realmente sentiu foi um desapontamento de esmagar a alma.

Proteger sua aparência não era tudo, esse desapontamento provocou um novo ataque de lágrimas, ela enterrou seu rosto de volta ao travesseiro e se entregou.

Ela ouviu alguém entrando no quarto, mas ela não podia convocar interesse suficiente nem mesmo para levantar sua cabeça e ver quem estava lá.

— Que porra é essa?

— Vai embora, Karina! — Lauren gemeu através de suas lágrimas.

Lauren ouviu mais passos se aproximando atrás de Karina e então um chocado suspiro.

— Ah, meu Deus, Lauren! Qual é o problema? Você está ferida? — Amanda gritou, correndo pelo quarto e pulando na cama com ela, enroscando seus braços ao redor de Lauren e alisando seu cabelo.

— Sim, você está ferida? — Karina perguntou. — Assim, alguma coisa feriu seus olhos antes que você se vestisse para dormir a noite passada, por acaso?

— Chega! — Amanda disse indignada. — Quem se importa com o que ela está usando? Ela obviamente está sofrendo!

— Eu estou — Lauren concordou através de lágrimas, levantando a cabeça somente em tempo para ver Sam entrando, vendo a cena e dando um passo para trás, recuando.

— Eu vou fazer um café — ela anunciou sobre seus ombros.

— Você pode acrescentar um borrico de whisky — Karina falou atrás dela na direção do corredor. — Ou talvez mais que um borrico. Talvez devesse trazer só o whisky.

Quando Sam retornou com a bandeja com xícaras de café para todas elas, ela e Karina subiram na cama de Lauren junto com ela e Amanda, e Karina fez Lauren se sentar.

— Vamos, Lau — Karina disse. — Eu sei que parece o fim do mundo, mas nenhuma história parece tão trágica quando você a conta de uma posição sentada ao invés de deitada de costas.

Karina virou para Sam.

— Anota isso, para quando eu criar minha coluna de conselhos.

Sam só sacudiu sua cabeça, mas Lauren obedeceu, levantando para uma posição vertical se apoiando contra sua cabeceira.

Ela respirou profundamente e começou a contar a estória.

— Eu... — ela começou antes que ela caísse em lágrimas novamente. Então ela tentou continuar, sua voz estrangulada. — Eu...rompi... com... Ben... noite... passada...

— Ok — Karina disse. — Isso faz sentido, então. Sue Ann disse a Ryan essa manhã que você saiu chateada a noite passada. Eu poderia ter reunido a tropa e vindo mais rápido, mas Ryan não achou que era importante o suficiente para me ligar no instante que ele ouviu isso. Ele não é uma garota.

Lauren assentiu, secando as lágrimas de seu rosto.

— Eu estou feliz que vocês estão aqui, meninas — ela disse miseravelmente.

— Então o que aconteceu, meu amor? — Amanda perguntou gentilmente.

— Ele me disse que me amava — Lauren disse com desespero afinando sua voz. As três garotas olharam para ela inexpressivamente.

Finalmente, Sam disse

— A circunstância me diz que não é uma boa notícia? Mas eu estou confusa, porque isso soa como boa notícia... então...?

Lauren assentiu.

— Eu sei certo? Vocês podem pensar que eu deveria estar pulando para cima e para baixo. Gritando. Celebrando.

— Dando pra ele... — Karina adicionou.

— Sim, não houve nenhuma dessas coisas — Lauren concluiu.

— Por quê? — Amanda provocou levemente.

Lauren suspirou.

— Eu só... chegou a um ponto onde eu não me reconhecia quando estava perto dele. Eu quero dizer a vocês, eu descobri que a mãe dele esteve doente, por quase a vida dele inteira. Ele tem cuidado dela e praticamente criando sua irmã mais nova desde que ele tinha dez anos. Eu descobri a mim mesma permitindo que ele cuidasse de mim também. Eu também o vi com aquelas garotas e ele só... me lembrou do meu pai... me eu estava começando a me parecer com minha mãe. E eu não sei... isso foi só tudo... ruim. — As garotas continuaram a olhar para ela.

— Você *não* é sua mãe e ele *não* é seu pai — Sam disse com convicção.

— Eu não sou o tipo de pessoa que se deixa cuidar por outra! Quem eu poderia ser se eu comesse a depender dele agora? — Lauren disse com lágrimas enchendo seus olhos novamente.

— Bem, você poderia ser uma mulher forte que é abençoada o suficiente para encontrar um bom homem que cuida tão maravilhosamente dela como ela dele — Amanda insistiu.

Lauren levantou a cabeça, chocada. Esse conceito foi uma revelação. Ela não pensou disso desse modo.

Mas isso ainda não era tudo.

— Quando Ben estava dando autógrafos para aquelas garotas estupidinhas de biquíni e ele estava bancando o encantador, e eu só... eu fui... consumida com ciúmes. Isso me lembrou de tudo que eu odiava sobre meu pai. Eu não acho que eu possa lidar com isso.

— Ah garota, por favor! — Karina disse. — Você acha que eu não passo por isso com Ryan? Eu quero dizer, eu sei as coisas sobre seu pai e tudo pelo que você passou, mas de qualquer maneira você deve fazer isso. E o ciúme? Isso só acontece para quem se envolve com homens incrivelmente incríveis.

Lauren não podia acreditar no que ela estava ouvindo.

— Você tem ciúmes?

— Pra caralho! — Karina exclamou. — Quando Ryan e eu vamos apresentar nossa música em clubes de cantores e compositores... eu quero dizer, quem você acha que curte os cantores compositores? Você acha que são uns caras sem graça que vem atrás de mim que poderiam fazer Ryan sentir ciúmes? Merda, não. Essa multidão é noventa e oito por cento de meninas em seus vinte anos, e elas passam o tempo inteiro correndo atrás de seu guitarrista perfeito de braços musculosos, que parecem muito incríveis naquelas camisetas vintage apertadas...

— Divagando — Sam interveio.

— Certo. De qualquer forma — Karina disse, sacudindo sua cabeça para trazer a si mesma de volta ao tópico. — Quando nós damos autógrafos e coisas assim, você acha que elas não ficam todas penduradas sobre ele? E, é claro que nós temos uma imagem pública, então ele tem que ser doce e encantador com elas.

— E isso não incomoda você? — perguntou Lauren, agonia sufocando sua voz.

— Humm, não. Não é a melhor coisa do mundo para mim. Mas, um pouco de ciúme territorial é totalmente natural. Eu não me preocupo sobre isso.

Lauren ficou boquiaberta. Ela estava tão certa que o ciúme que ela sentia era o primeiro passo na estrada da insanidade, da completa perda de sentido dela mesma, que ela ficou extremamente surpresa ao descobrir que uma de suas melhores amigas sentia a mesma coisa — e com frequência também.

— O mesmo comigo — Sam entrou na conversa. — Quando Luke é gentil com algumas “maria-prancha”, que se apegam a cada palavra dele com heroína adoração, isso definitivamente me faz querer fazer xixi em volta dele e marcar meu território. Eu acho que é somente a competidora em mim. — Ao olhar de preocupação de Amanda, Sam rapidamente



adicionou com um sorriso — Não se preocupe chefe. É somente uma figura de linguagem.

— Então como vocês lidam com isso? — Lauren perguntou.

Karina deu de ombros.

— Eu sei que Ryan me ama. Eu confio nele. E honestamente, eu sei de onde aquelas garotas vêm. Eu quero dizer, se eu não estivesse com Ryan eu ainda poderia estar desejando-o. Mas eu estou. Eu sou a garota com quem ele vai para casa. A garota que está em seu coração. Elas me recordam quanta *sorte* eu tenho e isso afasta o incomodo.

— Esse é um bom modo de olhar para isso. — Sam entrou na conversa. — Eu com certeza vou me lembrar disso.

— Por quê? Por que se você olhar para isso desse modo *você* vence? — Karina provocou com bom humor. — Eu não estou fazendo disso uma competição, Sam. Eu me sinto realmente *mal* pelas garotas que estão de quatro por Ryan.

— Ei, você já teve seu tempo, agora é minha vez. — Sam respondeu sem se incomodar.

— Ah Deus. Onde vocês meninas estavam noite passada, antes que eu deixasse minhas inseguranças e medos arruinarem meu relacionamento com o homem que eu amo? — disse Lauren, acometida, percebendo a completa implicação da situação. — Eu fodi tudo tão completamente. Eu disse coisas que eu não posso retirar. Eu disse a ele que ele não significava nada para mim além de sexo. O que eu vou fazer?

— Você vai ter que remediar isso tão rápido quanto possível — Amanda disse.

— E, como um aparte... ai! — Karina disse. — Lembre-me de não conhecer seu mau lado.

As outras, Lauren incluída, bateram nela com travesseiros da cama onde elas estavam sentadas.

Sam, sempre aquela entre elas que favorecia ação imediata direta sobre qualquer coisa mais, disse

— Onde ele está? Em LA? Você não pode fazer isso pelo telefone. Vamos colocar sua bunda em um avião.

— Ele está em algum leilão de solteiros em São Francisco — Lauren replicou.

Amanda, Karina, e Sam olharam uma para a outra, chegando à mesma não dita conclusão.

— Viagem de carro! — todas três anunciaram simultaneamente.

Lauren acenou com a cabeça, proposito enchendo seu rosto, e pulando da cama, pegando sua bolsa da mesa de cabeceira e se dirigindo para porta.

— Ummm... devagar aqui, pantufas de coelhinho — disse Karina, segurando o braço de Lauren quando ela passou. — Nós primeiro precisamos de uma pequena triagem.

Lauren olhou para si mesma percebendo sua desgrenhada condição. Ah cara.

Karina pegou seu telefone da bolsa.

— Olha, por que você não se joga no chuveiro? Isso vai melhorar essas bolsas embaixo dos seus olhos, sem mencionar seus nervos. Eu vou chamar Bernie e fazê-lo pegar informações sobre esse leilão de solteiros. Não há muito que ele não possa descobrir.

Lauren acenou com a cabeça e se dirigiu para o banheiro, pensando:

*Graças a Deus pelas minhas amigas.*



O Mercedes preto de Lauren acelerou pela rodovia 80, suas mãos fortes no volante. Sim. Ela estava dirigindo. Ela não estava tão evoluída ainda. Ela não acha que ela seria mesmo capaz de abrir mão do controle o suficiente para deixar alguém mais dirigir seu carro!

Quando elas passaram por Sacramento, Sam pulou no banco de trás

— Vamos parar para comprar uns biscoitinhos!

Karina, sentada no banco de trás perto de Sam, perguntou

— Parar onde para comprar biscoitinhos?

— Eu não sei. Em um posto de gasolina, ou uma loja de conveniência, ou algo assim. — Sam respondeu dando de ombros.

Karina soltou uma risada.

— Não há nada sendo vendido em uma loja de conveniência inteira — com a possível exceção de água — que você devia permitir entrar em seu corpo atlético tão em forma. Então por que parar por biscoitinhos?

Sam deu de ombros.

— Eu não sei! Em toda viagem de carro que eu vejo nos filmes, eles sempre param em uma loja no posto de gasolina e saem com cheetos ou alguma outra coisa...

— Sim, nós vamos parar para comprar biscoitinhos — Lauren disse categoricamente.

Um pequeno sorriso brincou nos lábios de Lauren quando ela concluiu que Sam não devia ser capaz de ver onde seus olhos estavam apontando embaixo dos escuros óculos de sol que ela estava usando.

Era uma leve distração bem-vinda ter a diversão de ser capaz de dizer em um tom de voz completamente monótono

— Sam, você percebe que eu posso ver você pelo espelho retrovisor me mostrando sua língua, certo?

O flamejante vermelho que disparou nas bochechas de Sam era uma indicação de que, não, ela não sabia disso — mas Lauren ficou impressionada pelo modo que ela ainda respondeu em um tom atrevido

— Sim. Por isso que eu fiz.

Alguns momentos depois, Amanda disse sonhadoramente

— Cara, olho só meninas... pensem sobre onde vocês estavam e o que vocês estavam fazendo um ano atrás. Vocês poderiam imaginar que estariam onde estão hoje?

— Você quer dizer correndo na autoestrada, tentando caçar o homem que Lauren ama para que ela possa se desculpar por basicamente chamá-lo de nada mais que um pau para meter há menos de vinte e quatro horas? Não — Karina confirmou.

— Não esse dia exatamente — Amanda repreendeu. — Eu quero dizer hoje como em... agora, nossas vidas. Vocês voltando para Hope Falls, todas nós abençoadamente felizes com relacionamentos estabelecidos?

— Não azara — Lauren alertou.

— Ok, meras horas de todas nós estarmos nesse caminho — Amanda alterou.

— Eu acho que foi Parker — Sam disse calmamente, esticando o braço e colocando a mão no ombro de Amanda. — Eu acho que ele estava nos olhando do céu e nos trazendo felicidade e realização porque ele nos amava.

Amanda chorou como fazia toda vez que falava sobre seu amado pai.

— Ele está olhando por nós, exatamente como sempre fez quando estava vivo — ela confirmou seu ponto.

Karina sorriu.

— Ele é nosso anjo guardião.

Amanda sorriu de volta.

— Eu adoro essa ideia.

Lauren deu suspiro trêmulo

— Eu tenho esperança de que ele esteja olhando lá de cima para nós hoje.

— É claro que ele estará — Karina disse com confiança. — E vai dar tudo certo. Vocês querem saber como eu sei isso?

— Muito — Lauren disse desesperadamente.

— Porque nós estamos aqui com você, baby — Karina concluiu —, e nós somos as Quatro Fabulosas...

Todas elas tomaram seu mantra, gritando a última parte juntas.

— Não há nada que nós não possamos realizar!



N a hora que as quatro mulheres entraram no elegante lobby do Hotel Fairmont, contudo, a confiança de Lauren começou a diminuir um pouco. Ela realmente não tinha pensado direito nisso, e se jogar de cabeça em alguma coisa sem ter meticulosamente planejado cada eventualidade não era seu *modus operandi*. Não chegava nem mesmo perto.

Olhando ao redor, ela viu por quê. Não somente o prédio gritava rica sofisticação, mas ela também viu que todo mundo dentro e fora do salão de baile onde o leilão de solteiros estava sendo realizado estavam vestidos de modo formal.

Ela fechou os olhos. É claro que esse era um evento *black tie*! O que ela estava pensando?

Ela queria se virar e caminhar direto para porta de saída, entregar ao manobrista seu ticket, e dirigir direto de volta para a segurança de Hope Falls. Merda, Sam podia parar por todos os biscoitinhos que ela quisesse! Contudo, não estava em seu DNA recuar, particularmente depois de ter vindo tão longe, então ela endureceu a si mesma e se virou para as garotas.

— Ok — ela disse —, nós já saímos tanto da minha zona de conforto que eu vou fazer mais uma coisa que é altamente incomum para mim: eu vou pedir ajuda. Então...o que vocês acham, meninas? O que fazemos agora? Qual é o plano?

Sam e Amanda olharam sem expressão, mas Karina sorriu largamente.

— Eu resolvo isso — ela disse com confiança e se dirigiu para o posto do recepcionista, as outras três garotas a seguiram como patinhos. Karina então se transformou na carismática e a poderosa energia de estrela estava radiando dela com força total.

O recepcionista levantou a cabeça e imediatamente olhou duas vezes. Estava claro por sua expressão que ele reconheceu Karina, mas o arrasado olhar em seu rosto era bastante diferente das reações atrapalhadas ou mesmo entusiasmadas que Lauren tinha visto as pessoas terem por Karina no passado. Esse cara olhava para ela como se alguém tivesse dito a ele que seu cachorro estava morto.

— Senhorita Black — ele disse solenemente —, Eu me sinto inteiramente negligente em minhas obrigações. Eu não tinha a menor ideia de que você ficaria conosco esse fim de semana.

Karina sorriu seu potente sorriso de estrela, O efeito como um feixe de pura, dourada luz do sol radiando de seu rosto.

— Eu não ia, James — ela disse alegremente, olhando para a placa com o nome dele, e então sacou seu cartão Amex Black e colocou no balcão entre eles. — Eu vou precisar de algumas coisas.

O rosto do homem se iluminou como o sol saindo por trás das nuvens.

— Com certeza — ele disse suavemente, pegando o cartão e começando a digitar em seu computador. — O que eu posso providenciar para você?

— Primeiro de tudo, você sabe quando o leilão de solteiros começa?

— Em quarenta e cinco minutos — ele respondeu sem nem mesmo ter que consultar uma agenda.

— Tudo certo então. Nós realmente não temos muito tempo. Eu vou precisar de um quarto, primeiro de tudo...

— A cobertura? — James interveio, parecendo confiante.

— Com certeza — Karina respondeu igualmente confiante. — Nós vamos precisar que nos tragam uma seleção de vestidos, assim como um maquiador e um cabeleireiro. Na realidade o tempo é curto. Provavelmente dois de cada é mais seguro — e eu preciso disso dentro de quinze minutos. Adicionalmente eu vou precisar de quatro entradas para o leilão de solteiros.

Sua testa franziu.

— Eu acredito que o mínimo à venda é uma mesa.

— Isso não é um problema — Karina assegurou a ele. — Só faça acontecer, James. Eu estou contando com você.

James sorriu.

— Excelente, Senhorita Black. — Ele digitou furiosamente por alguns momentos e então entregou a ela uma pasta de couro. — Aqui, você irá encontrar as chaves do seu quarto e um guia para vários serviços complementares fornecidos por nossos convidados de alto nível. Seus maquiadores e cabeleireiros estão a caminho, assim como a seleção de vestidos. Champanhe, chocolates, e uma seleção de frutas da temporada estarão esperando por você e suas convidadas para aproveitar o quarto enquanto esperam.

— Eu irei pessoalmente agora ver suas entradas para o leilão de solteiros, e por favor não se preocupem sobre o prazo apertado. Eu farei disso meu compromisso assegurar que o leilão não comece até que seu grupo chegue. As entradas e seu cartão serão entregues em seu quarto tão logo os arranjos tenham sido feitos.

— Tem algum outro modo que o Fairmont possa ser de ajuda para você, Senhorita Black?

— James, você é fantástico! — Karina disse calorosamente.

James estava claramente embevecido pelo elogio dessa mulher linda e famosa, mas ele simplesmente replicou:

— O Fairmont agradece a você por sua visita, Senhorita Black. Por favor não hesite em ligar para mim se tiver absolutamente qualquer coisa mais que eu possa fazer por você.

As garotas juntaram suas coisas e se encaminharam para a cobertura, ao pisar na suíte de três quartos de tirar o folego hesitaram atordoadas. Mesmo Karina, que estava acostumada a esse tipo de luxo, estava devidamente impressionada com a grandeza que as cercava.

— Ah Deus, Karina! — Lauren exclamou, quase se engasgando com as palavras. — Isso deve ter custado...

— Melhor não pensar sobre isso — Karina assegurou a ela. — Agora vamos encontrar esse champanhe, não é?

— Mas... nós não precisamos da cobertura, pelo amor de Deus! — Lauren gritou, ficando mais nervosa e desconfortável.

— Sim, nós realmente precisamos — Karina disse com naturalidade. — Isso é tudo pela troca de vantagens, você sabe? Se você quer que eles te

deem o tratamento de estrela, você tem que gastar como uma estrela. Isso é simplesmente o justo. Agora pare de pensar sobre o dinheiro e comece a focar em sua missão, mulher. Vamos abrir esse espumante e planejar o que você vai dizer para Ben.

Lauren concordou, e elas se sentaram, mastigando as deliciosas guloseimas e bebericando o fino champanhe até que a ajuda chegasse em forma de guarda roupa, cabeleireiro e maquiador.

Se não fosse pela recente incursão de Lauren no mundo de ser arrumada e vestida por outros como parte de seu posto de apresentadora de programa de TV, ela devia estar muito mais desconfortável durante a apressada sessão de se vestir e se arrumar que se seguiu, mas ela estava feliz consigo mesma por descobrir que ela realmente considerou isso um hábito, familiar.

Quando um portador chegou com o envelope contendo as entradas e placas para o leilão de solteiros, Lauren realmente começou a se sentir de algum modo confiante novamente. Esse plano estava realmente dando certo.

Quando elas passaram pela porta de sua suíte para fazer seu caminho de volta para o lobby, Karina parou Lauren.

— Abra sua bolsa — ela disse decisivamente.

Lauren franziu sua testa.

— Você acha que eu roubei alguma coisa e coloquei dentro dessa coisa minúscula que eles me deram?

Karina sorriu.

— Pare de tentar me superar. Isso nunca vai acontecer. Agora, abra sua bolsa.

Lauren obedeceu, e Karina jogou as chaves da suíte da cobertura na pequena bolsa.

— Aqui — ela disse com satisfação. — Agora se as coisas funcionarem com você e Ben, vocês podem simplesmente vir direto para cá sem ter que me encontrar e pegar a chave.

Os olhos de Lauren arregalaram.

— Você está nos dando a suíte da cobertura por essa noite?

Karina riu.

— Terrivelmente inteligente da minha parte, certo?

Lauren sacudiu sua cabeça, sem entender.



— E vocês, para onde vão?

Karina riu.

— Eu acho que James pode arrumar alguma coisa para nós. Não se preocupe.

Como tudo aconteceu, o leilão nem mesmo precisou atrasar seu começo, tão habilidosos e eficientes foram os técnicos da beleza que James enviou. As quatro tomaram seus assentos à mesa que de outro modo estaria vazia e assistiram a parada de homens que ocupou o palco.

Amanda estava realmente consternada pelo barbarismo da coisa toda.

— Eles só... colocam a si mesmos lá como peças de carne para as mulheres cobiçarem e lutarem para...

Karina bufou.

— Por favor. Você acabou de descrever como são seus sonhos molhados.

Com cada homem que entrava e não era Ben, Lauren ficava mais e mais inquieta.

Karina disse

— É melhor você ficar quieta, ou vai acidentalmente comprar outro solteiro.

Finalmente, o mestre de cerimônias anunciou que Ben era o próximo. Ele era a celebridade convidada, então ele foi guardado para o *grand finale*.

Antes que Ben tivesse dado dois passos na pista, a mão de Lauren subiu no ar, mostrando sua placa e um número claramente.

O leiloeiro chamou seu número e ela baixou sua placa, coração batendo forte.

Karina olhou para ela, sacudindo sua cabeça.

— Talvez tenha sido um pouco cedo, amor.

Lauren acenou com a cabeça com desgosto, suas esperanças de vencer o leilão evaporando quando ela viu as ofertas subindo mais alto e mais alto. Ela inclinou sua cabeça derrotada.

— Bem, eu não quis dizer desistir completamente — Karina disse urgentemente.

A oferta parecia estar nivelando em torno dos quarenta mil e poderia muito provavelmente terminar logo.

— Dou-lhe uma... — o leiloeiro disse.

Lauren entoou miseravelmente

— Eu não tenho esse dinheiro todo.

— Dou-lhe duas... — o leiloeiro continuou com uma nota de finalidade na sua voz.

Karina puxou a placa de Lauren para longe dela, e a levantou no ar e gritou

— Cinquenta mil dólares!

Um suspiro se levantou no salão de baile, e Lauren viu Ben se esticar para ver quem tinha feito a estranha oferta. Contudo por causa de sua tardia compra da mesa, elas estavam aninhadas longe em um canto nos fundos, nas sombras onde elas não podiam ser claramente vistas da frente da sala.

— Vendido! para #174, a generosa senhora no fundo da sala! — o leiloeiro gritou alegremente, batendo seu martelo.

Karina se virou para Lauren, que estava olhando para ela, de boca aberta.

— Que bom que eu tenho esse dinheiro todo — Karina disse, devolvendo a ela sua placa. — Agora vá pegar seu homem.

— Por que você fez isso? — Lauren disse atordoada.

Karina deu de ombros.

— Você sabe como você disse que Ben basicamente devotou sua vida inteira a cuidar da sua mãe e irmã? Bem, eu também. Eu tenho minha avó, eu tenho Ryan e Sue Ann, e eu tenho vocês três. Você é minha irmã, Lau. Não tem nada que eu não poderia fazer para ver você feliz.

Lauren se desestabilizou, mas Karina a advertiu

— Hora para nostalgia mais tarde. Não estrague sua maquiagem, pouco antes de deixar de queixo caído o homem mais caro de São Francisco.

Lauren acenou com a cabeça, reconhecendo a sabedoria nessa declaração, e deu às três garotas um abraço antes de correr para a área dos bastidores onde os solteiros estavam e suas acompanhantes deviam encontrá-los.

Ela respirou profundamente.

*Agora é tudo ou nada.*



Ben estava exausto e francamente, com nenhum humor para esse desajeitado e forçado “encontro” que ele estava para arranjar. Ele não estava de forma nenhuma em condições de recompensar alguém pelo valor de cinquenta mil dólares em atenção e diversão, nem sentia que merecia cinquenta mil dólares. Merda. No que ele foi se meter?

Ele não dormiu durante toda a noite passada. Ele não tinha sido capaz de fazer nada além de lembrar sua catastrófica conversa com Lauren em sua mente de novo e de novo até que as palavras tatuaram a si mesmas em seu cérebro.

— *Foi divertido, mas foi apenas sexo.*

Merda, ele se sentia enjoado.

Ele sabia que ele não lidou bem com a situação na noite anterior. Ele só não estava acostumado à rejeição, nunca aprendeu a lidar com isso graciosamente. Merda. Se era assim que isso fazia com que ele se sentisse, ele esperava nunca ter que aprender essa lição novamente.

Merda. Talvez ele estivesse em negação, mas ele sabia que o que havia entre ele e Lauren era mais do que o que ela clamava. Ele *sabia*. E ele planejava fazer o que fosse necessário para convencê-la desse fato. Ele não tinha chegado onde estava hoje por desistir depois no primeiro “não”. Ela ia descobrir exatamente quão persuasivo ele podia ser quando focava em algo.

Ele só queria ter esse pequeno encontro e terminar logo com isso então ele poderia voltar para Hope Falls e de alguma forma, *qualquer forma*, convencer Lauren a dar a ele uma chance.

Quando ele entrou na sala verde, onde as mulheres estavam esperando dar a hora para o jantar que elas venceram, ele não fez contato visual com ninguém. Ele só varreu a sala procurando pela placa #174.

Ele a viu e começou a andar até ela. Ele sabia que não era culpa da pobre mulher que ele tinha ferrado tudo com o amor da sua vida tão seriamente, e ela não merecia seu mau humor, então ele colocou um dos seus maiores sorrisos quando levantou a cabeça para cumprimentá-la.

Seu coração parou quando ele viu os belos olhos verdes da mulher por quem ele estava apaixonado olhando de volta para ele.

Ela levantou a placa levemente e disse “Oi” em voz baixa.

Sua mente estava tentando entender que o que seus olhos estavam dizendo a ele era verdade. Que Lauren — *sua* Lauren — estava aqui em pé na frente dele.

— Oi — ele respondeu, uma resposta automática. Sua voz amadeirada soou estranha para seus próprios ouvidos.

Lauren parecia extremamente assustada, então ele se moveu para ela para puxá-la em seus braços.

Ela levantou sua mão e disse

— Espera Ben. Eu preciso dizer o que eu vim dizer.

Ben gelou. Ele queria tocá-la, mas ele queria ainda mais ouvir as próximas palavras que iam sair dos seus perfeitos lábios.

Ela se remexeu nervosamente de um lado para o outro antes de lamber seus lábios, o que fez com que quisesse puxá-la para ele e beijá-la até afastar qualquer ansiedade que ela pudesse estar sentindo. Ela olhou para cima e encontrou seus olhos, e ele podia dizer que era difícil para ela fazer isso. Respirando profundamente, ela começou seu discurso.

— Eu quero dizer a você que eu sinto muito pelo modo como agi noite passada. Essa coisa entre nós foi só... eu tenho questões que... bem, isso não importa. Eu só *precisava* que você soubesse que você não foi apenas sexo. Você é muito importante para mim. Mais importante que praticamente qualquer coisa, na verdade. E eu... eu... — Ela sacudiu sua cabeça um pouco e tentou novamente, sua voz se transformando em um sussurro. — Eu amo você...

Ela respirou profundamente e olhou para ele com nova resolução em seus olhos.

— Eu amo você — ela repetiu, ainda suavemente, mas com bastante convicção.

Ele sorriu.

— Está certa disso?

— Eu estou certa, mas me assusta.

Dessa vez, ele a puxou em seus braços.

— Você não tem que ficar assustada. Nós estamos nisso juntos. Eu amo você, Lauren.

A voz de Lauren tremeu.

— Mas e sobre o fato que você vive em LA e eu em Hope Falls? E se o programa não continuar? E se eu não puder superar minhas questões...

Ben a interrompeu.

— Lauren, nós podemos viver em um mundo sem certezas. Todo mundo pode. Muito na vida é incerto. Eu prefiro focar no que nós temos certeza. Nós sabemos que amamos um ao outro. O resto? Nós vamos descobrir, eu sou muito engenhoso quando sou apropriadamente motivado — ele disse, mexendo suas sobrancelhas para cima e para baixo, que teve o desejado resultado de fazê-la sorrir.

Oh, aquele riso. Ele podia desfazê-lo. Ele podia fazer absolutamente qualquer coisa para ouvi-lo, e ele não podia ver essa mudança cedo o suficiente. E quando ele viu o belo sorriso que permanecia em seu rosto mesmo depois que seu riso diminuiu, seu coração inchou com amor.

Ele a tranquilizou ainda mais.

— Sêrio, baby. Tudo isso é nada mais que geografia. Você é meu coração, o que significa que não importa onde eu “moro”, onde você estiver é a minha casa.

Lauren o beijou e Ben se sentiu como o mais sortudo homem na terra.

Ele estava tomado por um desejo de se apoiar em um joelho bem aqui e pedir a ela para se casar com ele. Ele sabia que ela foi feita para ele, que não poderia nunca ser de ninguém mais. Ele estava ansioso para realizar a previsão da sua mãe, conduzindo-a para o altar.

Ainda assim, ele se conteve. Desde que só admitir que ela o ama a fez parecer tão nervosa que ela quase ficou verde, ele imaginou que uma proposta espontânea imediatamente depois dessa declaração poderia parecer que estava indo muito rápido para ela. Ele podia esperar. Ele não ia a lugar nenhum.

Lauren sorriu de brincadeira.

— Adivinha? — ela disse. — Eu tenho uma surpresa também.

— O quê? — ele riu de volta.

Ela removeu alguma coisa de sua bolsa e mostrou para que ele examinasse.

— O que é isso? — ele perguntou confuso.

— Oh, nada demais — ela disse em um tom blasé. — Só a chave da suíte da cobertura, que é nossa por essa noite se quisermos.

— Eu não sei. Tenho que pensar um pouco... — ele provocou.



Quando ele parou na janela da cobertura atrás de Lauren, os dois enrolados em nada mais que lençóis, seus braços ao redor dela enquanto eles se encantavam com uma espetacular vista de São Francisco à noite e bebiam brindando por terem encontrado um ao outro, Ben se maravilhou de que homem de sorte ele era.

Ele não sabia o que o futuro reservava para eles. Poderiam ter voltas e mais voltas em sua estrada juntos, até mesmo solavancos. Nem toda noite podia ser como essa, cheia de suítes de cobertura e brindes com champanhe. Mas o que quer que a vida reservasse para eles, eles poderiam encarar juntos.

FIM

## NOTAS

## Capítulo 2

- 1 Cidade fictícia do livro e filme homônimo em que uma cidade aparece no mundo real uma vez por ano e tem sempre a mesma aparência.
- 2 Personagem certinho do seriado “Saved by the bell”



## **Capítulo 4**

- 1** Cidade fictícia de um programa de TV sem elementos de cidade grande e maioria branca.

## Capítulo 8

1 Personagem do conto homônimo de Washington Irving que entra em uma floresta, adormece e acorda vinte anos depois, quando retorna para a cidade.

## Capítulo 9

### 1 Tijolo em inglês

## Capítulo 19

1 Uma dessas coisas (Não é igual às outras), música da Vila Sésamo que ressalta, dentro de cada grupo o elemento que não pertence a ele.